OS PENSADORES

XXIII

VOLTAIRE

CARTAS INGLESAS
*
TRATADO DE METAFÍSICA
*
DICIONÁRIO FILOSÓFICO
*
O FILÓSOFO IGNORANTE

DIDEROT

O SOBRINHO DE RAMEAU
*
DIÁLOGO ENTRE D'ALEMBERT E DIDEROT
*
O SONHO DE D'ALEMBERT
*
CONTINUAÇÃO DO DIÁLOGO
*
SUPLEMENTO À VIAGEM DE BOUGAINVILLE
*
PARADOXO SOBRE O COMEDIANTE
*
DOS AUTORES E DOS CRÍTICOS

ABRIL CULTURAL

EDITOR: VICTOR CIVITA

Títulos originais:
Lettres Anglaises
Traité de Metaphysique
Dictionnaire Philosophique
Le Philosophe Ignorant
Le Neveu de Rameau
Entretien entre D'Alembert et Diderot
Rêve de D'Alembert
Suite de l'Entretien
Supplément au Voyage de Bougainville
Paradoxe sur le Comédien
Des Auteurs et des Critiques

1.ª edição — abril 1973

© — Copyright desta edição, 1973, Abril S.A. Cultural e Industrial, São Paulo.
Traduções publicadas sob licença de:
Editorial Presença, Ltda., Lisboa, Portugal (**Dicionário Filosófico**);
Editora Cultrix, São Paulo (**Diálogo entre D'Alembert e Diderot, O Sonho de D'Alembert, Continuação do Diálogo, Suplemento à Viagem de Bougainville, Paradoxo sobre o Comediante, Dos Autores e dos Críticos**).
Direitos exclusivos da Abril S.A. Cultural e Industrial sobre as traduções:
Dicionário Filosófico (verbetes assinalados com asterisco),
Cartas Inglesas, Tratado de Metafísica, O Filósofo Ignorante e O Sobrinho de Rameau.

Sumário

Cartas Inglesas 7
Tratado de Metafísica 65
Dicionário Filosófico 91
O Filósofo Ignorante 303
O Sobrinho de Rameau 337
Diálogo entre D'Alembert e Diderot 381
O Sonho de D'Alembert 391
Continuação do Diálogo 421
Suplemento à Viagem de Bougainville 429
Paradoxo sobre o Comediante 457
Dos Autores e dos Críticos 491

VOLTAIRE

CARTAS INGLESAS OU CARTAS FILOSÓFICAS

Tradução de Marilena de Souza Chauí

PRIMEIRA CARTA

Sobre os Quacres

Acreditei que a doutrina e a história de um povo tão extraordinário mereciam a curiosidade de um homem sensato. Para informar-me a esse respeito procurei um dos mais célebres quacres da Inglaterra, que, após trinta anos de comércio, soubera impor limites à sua fortuna e aos seus desejos, retirando-se para um campo próximo de Londres. Fui procurá-lo em seu retiro — casa pequena, mas bem construída, muito limpa e sem enfeites. O quacre era um velhote viçoso que nunca ficara doente porque jamais conhecera paixões e intemperança. Em toda minha vida nunca vi um ar mais nobre nem mais acolhedor do que o seu. Estava vestido, como todos os de sua religião, com uma roupa sem pregas nos lados, sem botões nos bolsos e nas mangas, trazendo um chapelão de abas caídas, como o de nossos eclesiásticos. Recebeu-me de chapéu, adiantou-se até mim sem inclinar o corpo, e, no entanto, havia mais delicadeza no ar franco e humano de seu rosto do que aquela presente no hábito de puxar uma perna para trás da outra e de carregar na mão aquilo que foi feito para cobrir a cabeça. "Amigo", disse-me. "Vejo que és estrangeiro. Se te posso ser útil, basta que o digas." "Senhor", respondi-lhe, curvando o corpo e deslizando um pé em sua direção, segundo nosso costume, "estou certo de que minha justa curiosidade não vos desagradará, e que gostareis de instruir-me a respeito de vossa religião." "A gente de teu país", respondeu-me, "faz muitos cumprimentos e reverências, mas nunca vi alguém com a mesma porque ninguém se desfaz de seus hábitos duma só vez. Após uma refeição sadia e frugal, iniciada e terminada com uma prece a Deus, comecei a interrogar meu homem. Iniciei pela questão que os bons católicos puseram mais de uma vez aos huguenotes: "Meu caro senhor, sois batizado?" "Não", respondeu-me o quacre, "nem meus confrades o são." "Como? Raios!", retorqui. "Então não sois cristãos?" "Meu filho", retomou ele docemente, "não pragueje. Somos cristãos e tentamos ser bons cristãos, mas não pensamos que o cristianismo consista em jogar água fria com um pouco de sal sobre a cabeça." "Ei, diabos!", retruquei, indignado com tal impiedade. "Esquecestes que Jesus Cristo foi batizado por João?" "Amigo, nada de pragas", disse o benigno quacre. "O Cristo recebeu o batismo de João, mas nunca batizou alguém; não somos discípulos de João, mas do Cristo." "Ai, como seríeis queimado em país de Inquisição, pobre homem", respondi-lhe. "Que eu vos batize e vos faça cristão!" "Se precisássemos condescender com a tua fraqueza, nós o faríamos de bom grado", disse-me gravemente; "não condenamos quem pratica a cerimônia do batismo, mas cremos que aqueles que professam uma religião saudável e espiritual devem abster-se, na medida do possível, das cerimônias judaicas." "Ora, vejam só! Cerimônias judaicas!" "Sim, meu filho", continuou, "tão judaicas que muitos judeus ainda hoje realizam o batismo de João. Consulta a Antiguidade. Ensinar-te-á que João apenas renovou essa prática, já em uso desde havia muito entre os hebreus, como a peregrinação a Meca entre os ismaelitas. Jesus aceitou receber o batismo de João, assim como se submeteu à circuncisão, mas essas duas práticas devem ser abolidas pelo batismo de Cristo. Batismo do espírito, ablução da alma, que salva os homens. O precursor João dizia: 'Em verdade, vos batizo com água, mas um outro virá depois de mim, mais potente do que eu e cujas sandálias sou indigno de usar; esse batizará com fogo e com o Santo Espírito'. Da mesma maneira, o grande apóstolo dos gentios, Paulo, escreve aos Coríntios: 'O

Cristo não me enviou para batizar, mas para pregar o Evangelho'. E este mesmo Paulo só batizou com água duas pessoas e, ainda assim, contra sua própria vontade. Circuncidou seu discípulo Timóteo, e os demais apóstolos também circuncidaram todos os que o quiseram. És circunciso?", acrescentou. Respondi-lhe que não tinha essa honra. "Pois bem, amigo", concluiu, "és cristão sem seres circunciso e eu, sem ser batizado."

Eis como meu santo homem abusava especiosamente de três ou quatro passagens das Santas Escrituras que pareciam favorecer sua seita, mas com a melhor boa fé do mundo esquecia uma centena de passagens que a esmagavam. Cuidei para não contestá-lo em nada. Com um entusiasta nada se tem a ganhar. Não se deve ter a lembrança de mostrar a um homem os defeitos de sua amante, nem a um defensor, a fraqueza de sua causa, nem razões a um iluminado. Assim, passei a outras questões. "Com respeito à comunhão, como estais habituados?" "Não estamos habituados", respondeu. "Como? Nada de comunhão?" "Não. Nenhuma, senão a dos corações." E citou-me, então, ainda uma vez, as Escrituras. Fez-me um belíssimo sermão contra a comunhão e falou-me, num tom inspirado, para provar-me que todos os sacramentos não se encontravam uma única vez nos Evangelhos. "Perdoa minha ignorância", disse-me, "não te forneci a centésima parte das provas de minha religião, mas podes vê-las na exposição de nossa fé por Robert Barclay. É um dos melhores livros que já saíram das mãos de um homem. Nossos inimigos concordam em que é muito perigoso, o que prova como é razoável." Prometi-lhe ler o livro e meu quacre já acreditou-me convertido.

Em seguida, explicou-me em poucas palavras algumas singularidades que expõem sua seita ao desprezo das outras. "Confessa que tiveste dificuldade para impedir o riso quando respondi a todas as tuas cortesias com meu chapéu sobre a cabeça e te tuteando. No entanto, pareces bastante instruído e não podes ignorar que no tempo do Cristo nenhuma nação caía no ridículo por substituir o plural pelo singular. Dizia-se a César Augusto: amo-te, peço-te, agradeço-te. Aliás, não suportava que o chamassem de Senhor, Dominus. Só muito depois dele os homens resolveram fazer-se chamar por 'vós' em vez de 'tu', como se fossem duplos, e usurpar os títulos impertinentes de Grandeza, Eminência, Santidade, dados pelos vermes da terra a outros vermes da terra, assegurando-lhes, com profundo respeito e infame falsidade, que são seus servidores muito humildes e obedientes. Como nos precavemos contra esse indigno comércio de mentiras e adulações, tuteamos igualmente os reis e os sapateiros, não saudamos ninguém. Temos pelos homens apenas a caridade, e o respeito apenas pelas leis."

"Nossa roupa, um pouco diferente da dos outros homens, é um aviso contínuo para que não nos assemelhemos a eles. Os outros trazem as marcas de suas dignidades; nós, as da humildade cristã. Fugimos das assembléias de prazer, dos espetáculos, do jogo, porque seríamos lastimáveis se enchêssemos com tais bagatelas corações que Deus deve habitar. Nunca fazemos juramento, mesmo em justiça. Pensamos que o nome do Altíssimo não deve ser prostituído nos debates miseráveis dos homens. Quando é preciso que compareçamos diante dos magistrados pelos negócios dos outros (pois nunca temos processos), afirmamos a verdade por 'sim' e por 'não', e os juízes nos acreditam sob simples palavra, enquanto tantos cristãos perjuram sobre o Evangelho. Nunca vamos à guerra, não porque temamos a morte; ao contrário, bendizemos o momento que nos une ao Ser dos Seres, mas porque não somos lobos, tigres ou cães e sim homens, cristãos. Nosso Deus, que ordenou o amor aos inimigos e o sofrimento sem lamúrias, não há de querer, sem dúvida, que atravessemos o mar para ir degolar nossos irmãos, só porque assassinos vestidos de vermelho, com um gorro de dois pés de altura, recrutam cidadãos, fazendo ruído com dois bastões sobre uma pele de asno bem esticada. Quando, após as batalhas ganhas, Londres inteira brilha iluminada, o céu incendiado de fogos, o ar ressoando com o barulho das ações de graças, dos sinos, dos órgãos, dos canhões, gememos em silêncio sobre os assassínios que causam a alegria pública."

SEGUNDA CARTA

Sobre os Quacres

Foi essa, aproximadamente, a conversa que tive com esse homem singular, e para minha surpresa, no domingo seguinte, levou-me à igreja dos quacres. Possuem várias capelas em Londres. Aquela aonde fui está próxima do famoso pilar denominado "Monumento" [1].

Ao entrar com meu guia, os demais já se encontravam reunidos. Havia mais ou menos quatrocentos homens e trezentas mulheres; estas escondiam o rosto sob os leques, e aqueles permaneciam cobertos com seus chapelões. Estavam todos sentados, num profundo silêncio. Passei por eles sem que um só erguesse os olhos para mim. O silêncio durou por volta de um quarto de hora. Por fim, um deles levantou-se, tirou o chapéu e, depois de algumas caretas e de alguns suspiros, despejou, em parte pela boca, em parte pelo nariz, um galimatias tirado do Evangelho, segundo acreditava, e incompreensível tanto para ele como para os outros. Quando o contorcionista terminou seu belo monólogo e a assembléia se separou, muito edificada e estúpida, perguntei ao meu homem por que os mais sábios dentre eles suportavam tais bobagens. "Somos obrigados a tolerá-las", disse-me, "porque não podemos saber se um homem que se levanta para falar será inspirado pelo espírito ou pela loucura. Na dúvida, escutamos pacientemente. Permitimos até mesmo que as mulheres falem. Muitas vezes, dois ou três de nossos devotos sentem-se inspirados ao mesmo tempo e, então, faz-se um bonito barulho na casa do Senhor."

— Não tendes padres? — perguntei.

— Não, meu amigo — disse o quacre. — E estamos muito bem. Praza a Deus que não ousemos ordenar a alguém que receba o Espírito Santo aos domingos, com exclusão de todos os outros. Graças aos céus, somos os únicos sobre a terra a não ter padres. Quererias arrancar-nos uma distinção tão feliz? Por que abandonaríamos nosso filho nas mãos de amas mercenárias quando temos leite para lhe dar? As mercenárias logo dominariam a casa, oprimindo a mãe e a criança. Deus disse: recebeste grátis, dai grátis. Iremos, depois dessa palavra, comerciar o Evangelho, vender o Espírito Santo e fazer de uma assembléia de cristãos uma loja de comerciantes? Não damos dinheiro algum a homens vestidos de negro para que assistam nossos pobres, enterrem nossos mortos, preguem aos nossos fiéis. Estas santas tarefas nos são muito caras para que as descarreguemos sobre outros.

— Mas — insisti —, como podeis discernir se é o Espírito de Deus que vos anima em vossos discursos?

— Quem orar a Deus para que o esclareça e quem anunciar as verdades evangélicas que sinta estará seguro de que Deus o inspira.

E, então, cumulou-me com citações das Escrituras que, em sua opinião, demonstravam só haver cristianismo com revelação imediata, acrescentando estas palavras notáveis: "Quando moves um de teus membros, é tua própria força que o mexe? Não, sem dúvida, pois tal membro freqüentemente possui movimentos involuntários. É, portanto, aquele que criou teu corpo de terra que o faz mover-se. E as idéias que tens na alma? Por acaso serias tu o seu formador? Menos ainda, pois surgem mesmo contra tua vontade. É, portanto, o criador de tua alma que te dá idéias. No entanto, como deixou a liberdade para teu coração, dá a teu espírito as idéias que teu coração merece. Vives em Deus, ages e pensas em Deus. Tens apenas que abrir os olhos para a luz que ilumina todos os homens. Então, verás a verdade e farás com que seja vista".

— Ei! Aí está o mais genuíno Padre Malebranche — gritei.

[1] A coluna elevada para comemorar o incêndio de Londres em 1666. (N. do A.)

— Conheço teu Malebranche — disse-me. — Era um tanto quacre, mas não o suficiente.

Essas foram as coisas mais importantes que aprendi no tocante à doutrina dos quacres. Na primeira carta lereis sua história, que achareis ainda mais extraordinária do que sua doutrina.

TERCEIRA CARTA

Sobre os Quacres

Já percebestes que os quacres existem desde Jesus Cristo, primeiro quacre, segundo eles. Logo após sua morte, a religião teria sido corrompida, assim permanecendo durante quase dezesseis séculos. No entanto, houve sempre alguns quacres escondidos pelo mundo, cuidando da conservação do fogo sagrado, extinto em todos os outros lugares, até que, finalmente, sua luz propagou-se pela Inglaterra no ano de 1642.

Nessa época, três ou quatro seitas dilaceravam a Grã-Bretanha com guerras civis, empreendidas em nome de Deus. Foi então que um tal de George Fox, do condado de Leicester, filho de um operário da seda, resolveu pregar como um verdadeiro apóstolo, isto é, sem saber ler nem escrever. Era um jovem de vinte e cinco anos e santamente louco. Vestia-se de couro da cabeça aos pés, indo de aldeia em aldeia a clamar contra a guerra e contra o clero. Se tivesse pregado apenas contra os guerreiros, nada teria a temer, mas atacava a gente da Igreja: foi logo jogado na prisão. Levaram-no diante do juiz de paz, em Derby. Fox apresentou-se ao juiz mantendo seu gorro de couro sobre a cabeça. Um sargento deu-lhe uma grande bofetada, dizendo: "Patife, não sabes que é preciso descobrir-se diante do senhor juiz?" Fox apresentou a outra face e pediu ao sargento que lhe desse mais uma bofetada, pelo amor de Deus. O juiz de Derby quis que prestasse juramento antes de ser interrogado. "Sabe, meu amigo", disse ao juiz, "que nunca tomo em vão o nome de Deus."

O juiz, vendo que o homem o tuteava, enviou-o às Pequenas-Casas de Derby para ser chicoteado. Louvando a Deus, George Fox foi ao Hospital dos Loucos, onde a sentença do juiz foi rigorosamente executada. Aqueles que lhe infligiram a penitência do chicote surpreenderam-se ao vê-lo pedir que lhe dessem ainda mais algumas chicotadas, para o bem de sua alma. Os bons senhores não se fizeram de rogados: Fox teve dose dupla, agradecendo-lhes cordialmente. Pôs-se a pregar. Começaram rindo e acabaram escutando. E como o entusiasmo é uma doença contagiosa, muitos foram persuadidos e os carrascos tornaram-se discípulos.

Liberto da prisão, correu os campos com uma dúzia de prosélitos, pregando sempre contra o clero, chicoteado de tempos em tempos. Um dia, estando no pelourinho, arengou ao povo com tamanha força que converteu uns cinqüenta ouvintes e pôs o restante a seu favor, sendo arrancado com tumulto do buraco onde se encontrava. Procurou-se o cura anglicano que condenara Fox ao suplício, e foi supliciado em seu lugar.

Ousou converter alguns soldados de Cromwell: abandonaram o ofício das armas e recusaram-se a prestar juramento. Cromwell não queria saber de seita que não combatesse, como Sisto V agourava uma seita "dove non si chiavava". Serviu-se de seu poder para perseguir os recém-chegados, lotando as prisões com eles. Mas as perseguições só servem para fazer prosélitos: saíam das prisões fortalecidos em sua crença e seguidos pelos carcereiros que haviam convertido. Eis, porém, o que mais contribuiu para ampliar a seita: Fox acreditava-se inspirado. Conseqüentemente, achou que deveria falar de um modo diferente do dos outros homens. Pôs-se a tremer, a contorcer-se, a caretear, a reter o fôlego e soltá-lo com violência — nem a pitonisa de Delfos faria melhor. Em pouco tempo habituou-se muito à inspiração e logo já não sabia mais falar de outra maneira. Foi o primeiro dom que comunicou a seus discípulos. De boa fé imitaram as caretas do mestre: tremiam com todas as suas forças no momento da inspiração. Daí o nome quacres: treme-

dores[2]. O povinho divertia-se a arremedá-los. Tremia-se, falava-se pelo nariz, tinha-se convulsão, acreditava-se ter o Espírito Santo. Careciam de alguns milagres — e os fizeram.

O Patriarca Fox disse publicamente a um juiz de paz, na presença de uma grande assembléia: "Amigo, cuida-te. Deus logo te punirá por perseguires santos". O juiz era um bêbado que tomava diariamente má cerveja e aguardente. Morreu de apoplexia dois dias depois, justamente ao acabar de assinar uma ordem de prisão contra alguns quacres. A morte súbita não foi atribuída à intemperança do juiz: foi encarada por todo mundo como um efeito das predições do santo homem.

Essa morte fez mais quacres do que mil sermões e convulsões poderiam fazer. Cromwell, vendo-os crescer em número diariamente, quis atraí-los ao seu partido. Ofereceu-lhes dinheiro, mas foram incorruptíveis, e admitiu, um dia, que essa religião fora a única contra a qual seus guinéus não prevaleceram.

Sob o reinado de Carlos II foram perseguidos algumas vezes, mas não por motivos religiosos, e sim porque se recusavam a pagar o dízimo ao clero e a prestar os juramentos prescritos pela lei, e porque tuteavam os magistrados.

Enfim, Robert Barclay, escocês, em 1675 apresentou ao rei sua "Apologia dos Quacres", obra tão boa quanto poderia ser. A epístola dedicatória a Carlos II não contém baixas adulações, mas verdades ousadas e conselhos justos.

"Fruíste", diz a Carlos II no final da epístola, "a doçura e a amargura da prosperidade e das grandes infelicidades; foste expulso dos países onde reinas, sentiste o peso da opressão e deves saber quão detestável é o opressor diante de Deus e diante dos homens. Se, depois de tantas provações e bênçãos, teu coração se endurecesse e esquecesse o Deus que se lembrou de ti em tuas desgraças, teu crime seria maior e tua condenação mais terrível. Em vez de escutares os aduladores de tua corte, escuta a voz de tua consciência, que nunca te adulará. Sou teu amigo fiel e teu súdito. Barclay."

O mais surpreendente é que essa carta, escrita a um rei por um particular obscuro, teve seus efeitos e a perseguição cessou.

QUARTA CARTA

Sobre os Quacres

Por essa ocasião surgiu o ilustre Guilherme Penn, que estabeleceu a potência dos quacres na América e que poderia tê-los tornado respeitáveis na Europa, se os homens pudessem respeitar a virtude sob aparências ridículas. Era filho único do Cavalheiro Penn, vice-almirante da Inglaterra, favorito do duque de York desde Jaime II.

Guilherme Penn, aos quinze anos, encontrou um quacre em Oxford, onde estudava. O quacre persuadiu-o e o jovem, vivo, naturalmente eloqüente, fisionomia e maneiras nobres, logo ganhou alguns companheiros. Insensivelmente estabeleceu uma Sociedade dos Jovens Quacres, que se reuniam em sua casa, tornando-se chefe de seita aos dezesseis anos.

Saindo do colégio e regressando à casa do vice-almirante, seu pai, em vez de ajoelhar-se diante dele para pedir-lhe a bênção, segundo o costume inglês, abordou-o de chapéu na cabeça, dizendo-lhe: "Fico muito contente, amigo, por ver-te de boa saúde". O vice-almirante julgou que o filho tivesse enlouquecido, mas logo percebeu que se tornara quacre. Usando todos os recursos fornecidos pela prudência, procurou convencê-lo a viver como os outros. O rapaz respondia exortando o pai a tornar-se quacre também.

Por fim o pai afrouxou, pedindo-lhe apenas que fosse ver o rei e o duque de York de chapéu

[2] Porque um dos membros da seita, quando visitado pelo Espírito Santo, era sacudido pelos tremores da inspiração. Tomava, então, a palavra e seus irmãos o ouviam num silêncio cheio de recolhimento. (N. do A.)

na mão e sem tuteá-los. Guilherme respondeu que sua consciência não lho permitia, e o pai, indignado e desesperado, expulsou-o de casa. O jovem Penn agradeceu a Deus porque já sofria por Sua causa. Foi pregar na cidade e fez muitos prosélitos.

As prédicas dos ministros esclareciam todos os dias seus ouvintes, e como Penn era jovem, belo e bem feito, as mulheres da corte e da cidade acorriam devotamente para ouvi-lo. O Patriarca George Fox veio dos confins da Inglaterra para vê-lo em Londres, tal era sua reputação. Ambos resolveram realizar missões nos países estrangeiros. Embarcaram para a Holanda, depois de deixarem um bom número de operários para cuidar da vinha londrina. Seus trabalhos obtiveram êxito feliz em Amsterdam, mas sua maior honra e o maior perigo para sua humildade foi a recepção que lhes fez a princesa palatina Elisabeth, tia de Jorge I, rei da Inglaterra, mulher ilustre por seu espírito e por seu saber, a quem Descartes dedicara seu *Romance de Filosofia.*

Vivia retirada em Haia, onde viu seus "amigos", pois na Holanda os quacres passaram a ser chamados assim. Conferenciou com eles várias vezes; freqüentemente pregaram em casa dela e se não a tornaram uma perfeita quacre, pelo menos admitiram que não estava longe do reino dos céus.

Os amigos também semearam na Alemanha, mas colheram pouco. Não se pode apreciar muito a moda do tuteamento num país onde a boca sempre está cheia dos termos Alteza e Excelência. A notícia da doença do pai levou Penn a regressar logo à Inglaterra, para vê-lo morrer. O vice-almirante reconciliou-se com o filho, apesar da diferença religiosa. Em vão Guilherme exortou-o a não receber o sacramento e a morrer como quacre. Inutilmente o ingênuo velhinho recomendou a Guilherme que pusesse botões nas mangas e alamares no chapéu.

Guilherme herdou muitos bens, entre os quais dívidas da Coroa por adiantados que o vice-almirante fizera para expedições marítimas. Nessa época nada era menos seguro do que dinheiro devido pelo rei. Penn foi obrigado mais de uma vez a ir tutear Carlos II e seus ministros para obter o pagamento. Em 1680, o governo deu-lhe em lugar do dinheiro a propriedade e a soberania de uma província da América, ao sul de Maryland. Eis um quacre transformado em soberano. Partiu para seus novos estados com dois navios, carregados de quacres que o seguiram. Chamou-se o país de "Pennsylvania", por causa do nome de Penn. Fundou aí a cidade de "Philadelphia", hoje muito florescente. Começou fazendo uma liga com os americanos, seus vizinhos. Foi este o único tratado entre americanos e cristãos que não foi jurado nem rompido. O novo soberano foi também o legislador da Pensilvânia. Fez leis sábias, nunca mudadas depois dele. A primeira é a de não maltratar alguém por questão de religião e encarar como irmãos todos os que acreditarem em Deus.

Mal o governo se estabeleceu, alguns comerciantes da América vieram instalar-se na colônia. Os nativos, em vez de fugirem para as florestas, acostumaram-se insensivelmente com os pacíficos quacres. O ódio que votavam aos outros cristãos, conquistadores e destruidores da América, era proporcional ao amor que tinham pelos recém-vindos. Em pouco tempo, um grande número desses pretensos selvagens, encantados com a doçura de seus vizinhos, vieram em massa pedir a Guilherme Penn que os recebesse entre seus vassalos. Era um espetáculo bastante novo ver um soberano tuteado por todo mundo, a quem se falava de chapéu na cabeça, um governo sem padres, um povo sem armas, cidadãos iguais e vizinhos sem ciúme.

Guilherme Penn poderia vangloriar-se de ter trazido à terra a tão falada idade de ouro, que parece ter existido apenas na Pensilvânia. Os negócios de seu novo país levaram-no de volta à Inglaterra, após a morte de Carlos II. O Rei Jaime, que amara o pai, teve a mesma afeição pelo filho, não o considerando mais como a um sectário obscuro, mas como a um grande homem. A política do rei era conforme ao seu gosto: queria adular os quacres abolindo as leis feitas contra os não-conformistas, para poder introduzir a religião católica a favor dessa liberdade. Todas as seitas inglesas perceberam a armadilha e não caíram nela. Reuniram-se contra o catolicismo, seu inimigo comum. Mas Penn não acreditou que devesse renunciar aos seus princípios para favorecer os protestantes que o odiavam, contra um rei que o amava. Havia estabelecido a liberdade de consciência na América; não desejava destruí-la na Europa. Permaneceu, pois, fiel a Jaime II, a ponto de ser acusado de jesuíta. A calúnia afligiu-o sensivelmente. Foi obrigado a justificar-se com escritos públicos. Entretanto, o infeliz Jaime II, misto de grandeza e de fraqueza, como todos

os Stuarts, fez pouco e fez muito, como todos eles, e acabou perdendo o reino sem que soubesse como.

Todas as seitas inglesas receberam de Guilherme III e de seu parlamento aquela liberdade que haviam recusado das mãos de Jaime II. Foi então que os quacres começaram a gozar, pela força das leis, todos os privilégios que possuem hoje. Penn, depois de ter visto sua seita estabelecida sem contradição em seu país de origem, regressou à Pensilvânia. Os seus e os americanos o receberam com lágrimas de alegria, como a um pai que voltasse para ver seus filhos. Todas as suas leis haviam sido observadas religiosamente durante sua ausência, coisa jamais sucedida a um legislador antes dele. Permaneceu alguns anos em Filadélfia e partiu, enfim, malgrado seu, para solicitar em Londres novas vantagens em favor do comércio da Pensilvânia. Desde então viveu em Londres até a extrema velhice, considerado como chefe de um povo e de uma religião. Morreu em 1718.

A propriedade e o governo da Pensilvânia continuaram para seus descendentes, que os venderam ao rei pela quantia de doze mil peças de ouro. Os negócios do rei só lhe permitiram pagar mil. O leitor francês julgará que foram pagos com promessas pelo ministério, que se apoderou do governo. De jeito nenhum. Como a Coroa não pôde saldar sua dívida no tempo previsto, o contrato foi declarado nulo e a família Penn recuperou todos os seus direitos.

Não posso adivinhar qual a sorte da religião dos quacres na América, mas vejo que perece dia a dia em Londres. Por todo o país, a religião dominante, se não persegue, engole todas as outras a longo prazo. Os quacres não podem ser membros do Parlamento nem ocupar um posto público porque precisariam prestar juramento e não querem jurar. Estão reduzidos à necessidade de ganhar dinheiro pelo comércio. Seus filhos, enriquecidos pela engenhosidade de seus pais, querem gozar, querem ter honras, botões e punhos. Envergonham-se de serem chamados quacres e fazem-se protestantes para andar na moda.

QUINTA CARTA

Sobre a Religião Anglicana

Aqui é o país das seitas. Um inglês, como homem livre, vai para o céu pelo caminho que lhe agradar.

Entretanto, embora cada um possa servir a Deus à sua moda, sua verdadeira religião, onde faz fortuna, é a seita dos episcopais, chamada Igreja Anglicana ou Igreja por excelência. Não se pode ter um emprego, tanto na Inglaterra como na Irlanda, sem se estar no númmero dos fiéis anglicanos. Esta razão, excelente prova, converteu tantos não-conformistas, que hoje em dia só a *vigésima* parte da nação está fora do regaço da igreja dominante.

O clero anglicano manteve muitas cerimônias católicas, sobretudo a de receber os dízimos com uma atenção bem escrupulosa. Também têm a piedosa ambição de serem senhores.

Ademais, tanto quanto podem, fomentam em suas ovelhas um santo zelo contra os não-conformistas. Zelo muito vivo sob o governo dos tóris, nos últimos anos da Rainha Ana, mas não indo além da quebra das vidraças das capelas dos hereges, porquanto a raiva das seitas terminou na Inglaterra com as guerras civis, sob a Rainha Ana reduzia-se a ruídos surdos de um mar ainda bastante agitado muito tempo depois da tempestade. Quando os *Whigs* e os tóris dilaceraram seu país, como outrora os guelfos e os gibelinos, foi preciso que a religião entrasse nos partidos. Os tóris eram pelo episcopado; os *Whigs* queriam aboli-lo, mas contentaram-se em rebaixá-lo quando foram os senhores.

No tempo em que o Conde Harley de Oxford e Lorde Bolingbroke bebiam à saúde dos tóris, a Igreja Anglicana encarava-os como defensores dos santos privilégios. A assembléia do baixo clero, espécie de Câmara dos Comuns composta de eclesiásticos, tinha então algum crédito.

Gozava, pelo menos, da liberdade de reunir-se, de raciocinar sobre controvérsias e de fazer queimar, de tempos em tempos, alguns livros ímpios, isto é, escritos contra ela. O Ministério, hoje *Whig*, não permite que tais senhores mantenham sequer sua assembléia. Na obscuridade de suas paróquias, estão reduzidos ao triste emprego de rogar a Deus pelo governo que não se envergonhariam de perturbar. Quanto aos bispos, vinte e seis ao todo, reúnem-se na Câmara Alta, apesar dos *Whigs*, porque subsiste ainda o velho preconceito de tomá-los como barões. Entretanto, têm tanto poder na Câmara quanto os duques e pares no Parlamento de Paris. Há uma cláusula no juramento prestado ao Estado que exercita bastante a paciência cristã desses senhores.

Nela, promete-se pertencer à Igreja tal como é estabelecida pela lei. Não há bispo, deão ou arcediago que não se julgue de direito divino. Ora, é uma grande mortificação para eles serem obrigados a admitir que devem tudo a uma lei miserável, feita por leigos profanos. Um religioso (o Padre Courayer) escreveu há pouco um livro para provar a validade e a sucessão das ordens anglicanas. Essa obra foi proscrita na França, mas acreditais que tenha agradado ao ministério da Inglaterra? De modo algum. Os malditos *Whigs* pouco ligam se a sucessão episcopal foi ou não interrompida em seu país, ou se o Bispo Parker foi consagrado num botequim (como se diz) ou numa igreja. Preferem que os bispos tenham autoridade outorgada pelo Parlamento a que a tenham herdada dos apóstolos. Lorde B.[3] considera que a idéia do direito divino só serve para fazer tiranos de camal e sobrepeliz, enquanto a lei faz cidadãos.

Com relação aos costumes, o clero anglicano é mais regrado do que o da França. Causa: todos os eclesiásticos são educados na Universidade de Oxford ou na de Cambridge, longe da corrupção da capital. São chamados às dignidades da Igreja só muito tarde e numa idade em que as paixões humanas se reduzem à avareza, quando falta alimento para sua ambição. Os empregos aqui são recompensa por longos serviços na Igreja ou no exército, de modo que não se vêem rapazes saindo do colégio como bispos ou coronéis. Além disso, quase todos os padres são casados. Os maus modos contraídos na universidade e o pouco contato com as mulheres obrigam ordinariamente um bispo a contentar-se com a sua. Algumas vezes os padres vão aos botequins, porque o uso lhes permite. Embebedam-se com seriedade e sem escândalo.

Aquele ser indefinido, nem eclesiástico nem secular, em suma, aquilo que se chama abade, é uma espécie desconhecida na Inglaterra. Aqui, todos os eclesiásticos são reservados e quase todos pretendem ser pedagogos eruditos. Agradecem a Deus por serem protestantes, quando ficam sabendo que na França os rapazes, conhecidos por seus deboches e educados para a prelazia por intrigas femininas, fazem amor publicamente, divertem-se compondo ternas canções, oferecem diariamente ceias longas e delicadas, indo depois implorar as luzes do Santo Espírito, e ousadamente nomeiam-se sucessores dos apóstolos. Mas um protestante é um vil herege, a ser queimado para o diabo, como diz mestre François Rabelais — por isso não me meto em seus negócios.

SEXTA CARTA

Sobre os Presbiterianos

A religião anglicana espalha-se apenas pela Inglaterra e pela Irlanda. Na Escócia, a religião dominante é a presbiteriana, calvinismo puro tal como instalado na França e subsistindo em Genebra. Como os padres desta seita vivem de pagas muito medíocres, não podendo gozar os mesmos luxos que os bispos, decidiram naturalmente clamar contra as honras que não podem alcançar. Imaginai Diógenes pisoteando o orgulho de Platão: os presbiterianos escoceses assemelham-se muito àquele raciocinador orgulhoso e velhaco. Trataram o Rei Carlos II com menos consideração do que Diógenes tratou Alexandre, pois quando tomaram armas por ele contra

[3] Bolingbroke, a despeito de suas idéias conservadoras. (N. do A.)

Cromwell, que os enganara, faziam o pobre rei agüentar quatro sermões por dia. Proibiam que jogasse; exigiam que penitenciasse, a tal ponto que Carlos II cansou-se de ser rei desses mestres enfatuados e fugiu de suas mãos como um estudante escapole do colégio.

Diante de um jovem e vivo bacharel (francês), de manhã a berrar nas escolas de teologia e de noite a cantar com as damas, um teólogo anglicano é um Catão. Mas quão galante ao lado de um presbiteriano da Escócia! Este simula afetadamente um andar grave, um ar zangado, traz um enorme chapéu, um longo manto sobre o casaco curto, prega pelo nariz e chama de prostituta da Babilônia toda igreja cujos eclesiásticos estão bem contentes por terem cinqüenta mil libras de renda, e cujo povo é muito bom por suportá-los e ainda chamá-los de Monsenhor, Vossa Grandeza, Vossa Eminência.

Possuidores de algumas igrejas na Inglaterra, esses senhores introduziram na região a moda do ar grave e severo. Deve-se a eles a santificação do domingo nos três reinos: nesse dia é proibido trabalhar e divertir-se, portanto a severidade é dupla comparada à da Igreja Católica. Nada de ópera, nem de comédia, nem de concertos aos domingos em Londres. Até mesmo o baralho é expressamente proibido, e só as pessoas de qualidade — chamadas gente honesta — jogam nesse dia. O resto da nação vai ao sermão, ao botequim e ao bordel.

Embora a seita episcopal e a presbiteriana sejam dominantes na Grã-Bretanha, todas as outras também são bem-vindas e convivem muito bem, enquanto a maioria dos seus pregadores se detesta reciprocamente, quase com a mesma cordialidade com que um jansenista atormenta um jesuíta.

Entrai na Bolsa de Londres, praça mais respeitável do que muitas cortes. Aí vereis reunidos, para a utilidade dos homens, deputados de todas as nações. O judeu, o maometano e o cristão negociam reciprocamente como se pertencessem todos à mesma religião. Só é infiel quem vai à bancarrota. O presbiteriano confia no anabatista, e o anglicano, na promessa do quacre. Ao sair dessas assembléias livres e pacíficas, uns vão à sinagoga, outros vão beber. Um vai ser batizado numa grande cuba de água, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Outro leva o filho para que lhe cortem o prepúcio e despejem sobre sua cabeça resmungos hebraicos incompreensíveis. Outros vão à sua igreja e, enchapelados, esperam a inspiração de Deus. E todos estão contentes.

Se houvesse uma única religião na Inglaterra, o despotismo seria temível; se houvesse duas, uma degolaria a outra; mas como há trinta, vivem felizes e em paz.

SÉTIMA CARTA

Sobre os Socinianos ou Arianos ou Antitrinitários

Há aqui uma pequena seita, composta de alguns eclesiásticos e de alguns leigos muito sábios, que não tomam o nome dos arianos, nem o dos socinianos, mas que não têm a mesma opinião de Santo Atanásio, no capítulo referente à Trindade, dizendo-vos claramente que o Pai é maior do que o Filho.

Estais lembrados daquele bispo ortodoxo, que, para convencer um imperador da consubstanciação, resolveu pegar o filho do imperador pelo queixo, arrancando-lhe o nariz na presença de Sua Sagrada Majestade? O imperador ia zangar-se com o bispo quando o velhote pronunciou estas belas e convincentes palavras: "Senhor, se Vossa Majestade se encoleriza porque se falta com o respeito a vosso filho, como pensais que Deus Pai tratará aqueles que recusam a Jesus Cristo os títulos que lhe são devidos?" As pessoas de quem vos falo acham que o bispo estava mal informado, que seu argumento não era concludente e que o imperador deveria ter-lhe respondido: "Sabei que há duas maneiras de faltar-me com o respeito: a primeira não honrando bastante meu filho; a segunda, honrando-o tanto quanto a mim".

Seja como for, o partido de Ário começa a reviver na Inglaterra, e também na Holanda e na

Polônia. O grande Sr. Newton honrava essa opinião favorecendo-a, pois julgava que os unitários raciocinam mais geometricamente do que nós. Mas, o patrono mais decidido da doutrina ariana foi o Dr. Clarke, homem de virtude austera e caráter doce, mais amante de suas opiniões do que empenhado em fazer prosélitos, ocupado apenas com cálculos e demonstrações. Uma verdadeira máquina de raciocinar.

Foi o autor de um livro sobre a existência de Deus, muito pouco compreendido, mas muito estimado. Compôs também um outro, sobre a verdade da religião cristã, mais inteligível, mas muito desprezado.

Não se empenhou nas belas disputas eclesiásticas, que nosso amigo... chama de patranhas veneráveis. Contentou-se em mandar imprimir um livro contendo todos os testemunhos dos primeiros séculos pró e contra os unitários, deixando a cargo do leitor o cuidado de contar os votos e julgar. Este livro do doutor deu-lhe muitos partidários, mas impediu-o de ser arcebispo de Cantuária. Creio que o doutor enganou-se nos cálculos e que valeria mais ser primaz da Inglaterra do que cura ariano. [4]

Vede: ocorrem revoluções nas opiniões como nos impérios. O partido de Ário, após trezentos anos de triunfo e doze séculos de esquecimento, renasce, enfim, das cinzas. Mas perde tempo reaparecendo numa época em que o mundo está saciado de disputas e seitas. Ademais, é muito pequeno para obter a liberdade das assembléias públicas; consegui-lo-á tornando-se mais numeroso, mas tudo anda tão morno hoje em dia que não há muita oportunidade para que surja uma religião nova ou renovada. Não é engraçado que Lutero, Calvino, Zuínglio, e todos os escritores que não podemos ler, tenham fundado seitas que dividem a Europa; que o ignorante Maomé tenha dado uma religião à Ásia e à África, e que os Srs. Newton, Clarke, Locke, Le Clerc, os maiores filósofos e as melhores penas de seu tempo, tenham conseguido com dificuldade estabelecer um pequeno rebanho que diminui dia a dia?

Isto, sim, é vir ao mundo no momento azado! Se o cardeal de Retz reaparecesse hoje, não amotinaria sequer dez mulheres em Paris.

Cromwell, que mandou decapitar seu rei e tornou-se soberano, se renascesse, seria um simples comerciante de Londres.

OITAVA CARTA

Sobre o Parlamento

Sempre que podem, os membros do Parlamento da Inglaterra gostam muito de comparar-se aos antigos romanos.

Não faz muito tempo, o Sr. Shipping, na Câmara dos Comuns, começou seu discurso com as seguintes palavras: "A majestade do povo inglês seria ferida... etc.". A singularidade da expressão provocou uma explosão de riso. Entretanto, sem desconcertar-se, repetiu as mesmas palavras com ar firme e ninguém riu mais. Confesso que nada vejo em comum entre a majestade do povo inglês e a do povo romano, e menos ainda entre seus governos. Há em Londres um senado e alguns de seus membros são suspeitados, embora erradamente, sem dúvida, de venderem ocasionalmente suas vozes, como se fazia em Roma: eis toda a semelhança. Ademais, as duas nações parecem-me inteiramente diferentes, tanto no bem quanto no mal. Entre os romanos, a loucura das guerras de religião sempre foi desconhecida; essa abominação estava reservada a devotos, pregadores da humildade e da paciência. Mário e Sila, Pompeu e César, Antônio e Augusto nunca se bateram para saber se o flâmine deveria usar a camisa por cima do hábito, ou este por cima daquela, e se os frangos sagrados deveriam comer e beber, ou apenas comer, para que se tor-

[4] Teria perdido o posto porque alguém que o desejava teria dito à Rainha Ana: "O Sr. Clarke é o mais sábio e o mais honesto dos homens; só lhe falta uma coisa: ser cristão". (N. do A.)

nassem os augúrios. Outrora, os ingleses mandaram enforcar-se reciprocamente em tribunais e destruíram-se em batalhas planejadas por querelas dessa espécie. Durante muito tempo a seita dos episcopais e o presbiterianismo atordoaram cabeças sérias. Imagino que tolices como essas não acontecerão mais. Parece que se tornaram sábios a suas expensas e não os vejo mais com vontade de se estrangularem por silogismos.

Eis uma diferença mais essencial entre Roma e a Inglaterra, vantajosa para esta última: em Roma, o fruto das guerras civis foi a escravidão; na Inglaterra, a liberdade. A nação inglesa é a única da terra que chegou a regulamentar o poder dos reis resistindo-lhes, e que de esforço em esforço chegou, enfim, a estabelecer um governo sábio, onde o príncipe, todo-poderoso para fazer o bem, tem as mãos atadas para fazer o mal; onde os senhores são grandes sem insolência e sem vassalos, e onde o povo participa do governo sem confusão.

A Câmara dos Lordes e a Câmara dos Comuns são os árbitros da nação. O rei, o super-árbitro. Faltou essa balança aos romanos: em Roma, os grandes e o povo estavam sempre divididos, sem um poder intermediário que os pusesse de acordo. O Senado de Roma, cheio de um orgulho injusto e punível, nada querendo dividir com os plebeus, só conhecia um segredo para afastá-los do governo: ocupá-los sempre nas guerras estrangeiras. Encarava o povo como a uma besta feroz que deveria ser atiçada contra os vizinhos, com medo de que devorasse seus senhores. Assim, o maior defeito do governo dos romanos tornou-os conquistadores. Por serem infelizes na pátria, tornaram-se senhores do mundo, até que suas divisões os escravizaram.

O governo da Inglaterra não foi feito para um brilho tão grande, nem para um fim tão funesto. Sua finalidade não é a brilhante loucura das conquistas, mas impedir que sejam feitas por seus vizinhos. Seu povo zela não apenas por sua própria liberdade, mas também pela dos outros. Os ingleses encarniçaram-se contra Luís XIV unicamente por acreditá-lo muito ambicioso, combatendo-o com alegria de coração e seguramente sem interesse algum.

Sem dúvida, custou caro estabelecer a liberdade na Inglaterra. Nos mares o sangue afogou o ídolo do poder despótico, mas os ingleses não julgam ter pago um preço muito alto por boas leis. Outras nações não tiveram menos perturbações do que eles, nem verteram menos sangue; e, no entanto, o sangue que espalharam pela causa da liberdade apenas cimentou sua escravidão.

Uma revolução na Inglaterra equivale a uma simples sedição em outros países. Uma cidade toma armas para defender seus privilégios tanto na Espanha quanto na Barbaria ou na Turquia: imediatamente é subjugada por soldados mercenários, punida por carrascos, e o resto da nação beija suas correntes. Os franceses julgam que o governo dessa ilha é mais tempestuoso do que o mar que a cerca — é verdade. Mas somente quando o rei começa a tempestade, querendo apoderar-se do navio, onde é apenas o primeiro piloto. As guerras civis da França foram mais longas, mais cruéis, mais fecundas em crimes do que as da Inglaterra, e, no entanto, em nenhuma das guerras francesas o objetivo foi a sábia liberdade.

Nos tempos detestáveis de Carlos IX e de Henrique III, tratava-se somente de saber se seríamos ou não escravos dos Guise. A última guerra de Paris só merece vaias. Parece-me estar vendo estudantes amotinados contra um diretor de colégio e acabando chicoteados. O cardeal de Retz tinha muito espírito e muita coragem mal empregados. Rebelde sem motivo, faccioso sem propósito, chefe de partido sem exército, conchavando por conchavar, parecia fazer a guerra civil só para seu prazer. O Parlamento não sabia o que o cardeal queria ou deixava de querer; suspendia tropas com um decreto, cassando-as; ameaçava, pedia perdão, punha a prêmio a cabeça do Cardeal Mazarino e depois vinha cumprimentá-lo numa cerimônia. Nossas guerras civis sob Carlos VI foram cruéis; as da Liga, abomináveis, e a da Fronda foi ridícula.

Na França, o que mais se reprova nos ingleses é o suplício de Carlos I, tratado por seus vencedores como ele próprio os teria tratado se tivesse sido bem sucedido.

Ao fim e ao cabo, olhai Carlos I, vencido numa batalha planejada, prisioneiro, julgado e condenado em Westminster, e de outro lado, Henrique VII, aprisionado por seu capelão durante a comunhão, Henrique III assassinado por um monge, ministro da cólera de um partido inteiro, trinta assassinatos premeditados contra Henrique IV, vários deles executados e o último privando, enfim, a França de um grande rei. Pesai esses atentados e julgai.

NONA CARTA

Sobre o Governo

Nem sempre subsistiu essa feliz mistura no governo da Inglaterra, esse acordo entre a Câmara dos Comuns, a dos Lordes e o rei. Durante muito tempo a Inglaterra foi escrava: romanos, saxões, dinamarqueses, franceses a escravizaram. Guilherme, o Conquistador, governou-a com cetro de ferro, dispondo dos bens e da vida de seus novos súditos como um monarca do Oriente. Proibiu, sob pena de morte, que algum inglês ousasse ter um fogo ou uma luz em casa depois das oito horas da noite. Tentava impedir assim suas assembléias noturnas? Ou quis, com uma proibição tão esquisita, experimentar até onde vai o poder de um homem sobre os outros?

É verdade que antes de Guilherme, o Conquistador, os ingleses tiveram parlamentos. Vangloriam-se disso, como se essas assembléias, chamadas então parlamento, compostas de tiranos eclesiásticos e de saqueadores chamados barões, tivessem sido guardiãs da liberdade e da felicidade públicas.

Os bárbaros, que, partindo das margens do mar Báltico, se estabeleciam no resto da Europa, trouxeram consigo o costume desses estados ou parlamentos, a cujo respeito tem sido feito muito estardalhaço e que são tão pouco conhecidos. Nessa época, os reis não eram déspotas, é verdade, mas os povos gemiam ainda mais numa servidão miserável. Os chefes desses selvagens, devastadores da França, da Itália, da Espanha e da Inglaterra, fizeram-se monarcas. Seus capitães partilharam entre si as terras dos vencidos, dando origem aos margraves, aos lordes, aos barões, subtiranos que freqüentemente disputam com seu rei os despojos dos povos. Eram aves de rapina, combatendo contra uma águia para sugar o sangue das pombas. Cada povo tinha cem tiranos no lugar de um senhor. Logo os padres entraram no jogo. Em todos os tempos, a sina dos gauleses, dos germanos, dos insulares da Inglaterra submeteu-os ao governo dos druidas e dos chefes de suas aldeias, antiga espécie de barões, mas menos tirânicos do que seus sucessores. Os druidas diziam-se mediadores entre a divindade e os homens; faziam leis, excomungavam e condenavam à morte. Os bispos os sucederam pouco a pouco na autoridade temporal do governo gótico e vândalo. Os papas os encabeçaram e com encíclicas, bulas e monges fizeram os reis tremer, depondo-os, assassinando-os e roubando todo o dinheiro da Europa. O imbecil Inis, um dos tiranos da heptarquia da Inglaterra, numa peregrinação a Roma, foi o primeiro a submeter-se ao pagamento da "esmola de São Pedro" (mais ou menos equivalente a um escudo da moeda francesa) por cada casa de seu território. Logo toda a ilha seguiu esse exemplo. Pouco a pouco a Inglaterra tornou-se uma província do papa. O santo padre enviava periodicamente legados que recolhiam impostos exorbitantes. João sem Terra acabou fazendo uma cessão de seu reino à Sua Santidade, que o excomungara. Os barões, que nada receberam, expulsaram o miserável rei, colocando em seu lugar Luís VIII, pai de São Luís, rei da França. Mas desgostaram-se logo com o recém-chegado, fazendo-o cruzar novamente o mar.

Enquanto barões, bispos e papas dilaceravam a Inglaterra, todos querendo dirigir o povo, uma parte dos homens, mais numerosa, mais virtuosa e, conseqüentemente, mais respeitável, composta de homens estudiosos das ciências e das leis, de negociantes e artesãos, enfim, todos os que não eram tiranos, em suma, o povo, era encarada pelos primeiros como animais superiores ao homem. Foi preciso, portanto que os Comuns também tomassem parte do governo. Eram vilões, cujo trabalho e cujo sangue pertenciam aos seus senhores, chamados nobres. A maioria dos homens era na Europa aquilo que muitos ainda são em certos lugares do norte: servos de um senhor, espécie de gado que se compra e se vende com a terra. Foram precisos muitos séculos para praticar-se justiça pela humanidade, para sentir-se como era horrível que a maioria semeasse e a mino-

ria colhesse. Não é uma felicidade para o gênero humano que a autoridade desses bandidos tenha sido extinta na França pela potência legítima do rei, e na Inglaterra, pela do rei e do povo?

Felizmente, as sacudidas que as querelas entre os reis e os grandes davam nos impérios afrouxaram os ferros das nações. Na Inglaterra, a liberdade nasceu das querelas entre os tiranos. Os barões forçaram João sem Terra e Henrique III a promulgar essa famosa carta, cujo fim principal era, na verdade, colocar os reis sob a dependência dos lordes, mas que favorecia boa parte da nação a fim de que esta se pusesse ao lado de seus pretensos protetores. Essa Magna Carta, vista como origem sagrada das liberdades inglesas, mostra bem quão pouco a liberdade era conhecida. Só o título já prova que o rei acreditava-se absoluto de direito, e que os barões e o clero só o forçaram a afrouxar esse direito porque eram mais fortes do que ele.

Eis o início da Magna Carta: "Por nossa livre vontade atribuímos os seguintes privilégios aos arcebispos, bispos, abades, priores e barões de nosso reino, etc.".

Nos artigos da Carta não há uma palavra referente à Câmara dos Comuns, prova de que ainda não existia, ou de que existia sem poder. São especificados os homens livres da Inglaterra: triste demonstração de que havia aqueles que não o eram. Vê-se pelo artigo 32 que esses supostos homens livres deviam serviços aos seus senhores. A liberdade conservava muito da escravidão.

Pelo artigo 21, o rei ordena que seus oficiais não poderão daí em diante tomar à força cavalos e carroças dos homens livres, a menos que paguem. Para o povo, esse regulamento pareceu uma verdadeira liberdade porque afastava uma tirania maior.

Henrique VII, usurpador feliz e grande político, que fingia apreciar os barões, mas que os odiava e temia, lembrou-se de promover a alienação de suas terras. Com isto, os vilões, que em seguida adquiriram bens com seu trabalho, compraram os castelos dos ilustres pares, arruinados por suas loucuras. Pouco a pouco todas as terras mudaram de dono.

A Câmara dos Comuns foi-se tornando cada vez mais forte. As famílias dos antigos pares extinguiram-se com o tempo, e como na Inglaterra só os pares são nobres, segundo o rigor da lei, não haveria mais nobreza no país se os reis não tivessem criado novos barões de vez em quando, e conservado a ordem dos pares, muito temidos antes, para opô-los à dos comuns, muito temíveis agora.

Todos os novos pares compõem a Câmara Alta, recebem seu título do rei, e mais nada. Quase nenhum possui a terra cujo nome carrega. Um é duque de Dorset, mas não tem um palmo de terra em Dorsetshire; outro é conde de uma aldeia que mal sabe onde está situada. Têm poder no Parlamento e não alhures.

Aqui não ouvireis falar em alta, média e baixa justiça, nem do direito de caçar nas terras de um cidadão, que não pode dar um tiro sequer em seu próprio campo.

Porque nobre ou padre, um homem não está isento de pagar certas taxas. Todos os impostos são regulamentados pela Câmara dos Comuns, segunda por seu grau, mas primeira por seu critério.

Os senhores e os bispos podem rejeitar o projeto de lei dos Comuns no tocante às taxas, mas não podem alterá-lo em nada — devem aprová-lo ou rejeitá-lo sem restrição. Quando o projeto de lei é confirmado pelos lordes e aprovado pelo rei, então todo mundo paga. Cada um dá, não segundo sua qualidade (o que seria absurdo), mas segundo sua renda. Não há tarifa ou imposto per capita, mas uma taxa real sobre as terras. Foram todas "avaliadas" sob Guilherme III e postas abaixo de seu preço.

A taxa permanece sempre a mesma, embora as rendas fundiárias tenham aumentado; desse modo ninguém é pisoteado nem se queixa. O camponês não tem os pés feridos pelos tamancos, come pão branco, veste-se bem, não teme aumentar sua criação nem cobrir seu teto com telhas com medo que lhe aumentem os impostos um ano depois. Há aqui muitos camponeses com dois mil francos em bens e que não desdenham continuar cultivando a terra que os enriqueceu e onde vivem livres.

DÉCIMA CARTA

Sobre o Comércio

Enriquecendo os cidadãos ingleses, o comércio contribuiu para torná-los mais livres, e, por sua vez, a liberdade ampliou o comércio. A grandeza do Estado veio como conseqüência. O comércio estabeleceu pouco a pouco as forças navais, tornando os ingleses senhores dos mares. Atualmente possuem duzentos navios de guerra. A posteridade saberá, talvez com surpresa, que uma ilhota, dotada apenas de um pouco de cobre, de estanho, de lã grosseira e de argila para desengordurar os tecidos a serem curtidos, tornou-se, graças ao comércio, tão potente que pôde em 1723, enviar simultaneamente três frotas às três extremidades do mundo — uma a Gibraltar, conquistada e conservada por suas armas; outra a Porto Belo, arrancando do rei da Espanha o usufruto dos tesouros das Índias; e a terceira ao mar Báltico, para impedir a guerra entre as potências do norte.

Quando Luís XIV fazia a Itália tremer, suas armas já senhoras da Sabóia e do Piemonte e prontas para tomar Turim, foi preciso que o Príncipe Eugênio marchasse dos confins da Alemanha em socorro do duque de Sabóia, desprovido de dinheiro, sem o qual uma cidade não pode ser defendida. Recorreu, então, aos comerciantes ingleses. Em meia hora foram emprestados cinqüenta milhões com os quais libertou Turim, derrotou os franceses e escreveu aos que lhe emprestaram tal soma: "Senhores, recebi vosso dinheiro e gabo-me de tê-lo usado para vossa satisfação".

Isto enche de orgulho um comerciante inglês, levando-o a comparar-se, ousadamente, mas não sem alguma razão, com um cidadão romano. O caçula de um par do reino não desdenha o negócio. Milorde Townshend, ministro de Estado, tem um irmão que se satisfaz como negociante no centro da cidade. Na época em que Milorde Oxford governa a Inglaterra, seu caçula era fabricante em Alep, donde não quis sair e onde morreu. Esse costume, que entretanto começa a expandir-se bastante, parece monstruoso aos alemães, obstinados com suas árvores genealógicas. Não poderiam conceber que o filho de um par da Inglaterra fosse um mero burguês rico e potente, uma vez que na Alemanha tudo é príncipe e já se viram trinta altezas do mesmo nome cujos bens consistiam exclusivamente em armaduras e orgulho.

Na França é marquês quem quer e qualquer um que chegue a Paris vindo dos confins de uma província, com muito dinheiro para gastar e um nome em "ac" ou em "ille", pode dizer "um homem como eu" ou "um homem de minha qualidade", e desprezar soberanamente um negociante. Este, de tanto ouvir falar com desprezo de sua profissão, acaba sendo bastante tolo para enrubescer-se. Contudo, não sei o que é mais útil a um Estado: um senhor empoado que sabe a que horas o rei se levanta e se deita, com ares de grandeza fazendo papel de escravo na antecâmara de um ministro, ou um negociante que enriquece seu país, dá ordens a Surata e ao Cairo sem sair de seu gabinete, e contribui para a felicidade do mundo.

DÉCIMA PRIMEIRA CARTA

Sobre a Inoculação da Varíola

Delicadamente, diz-se na Europa cristã que os ingleses são loucos e raivosos. Loucos, porque dão varíola a seus filhos para impedi-los de contraí-la: raivosos, porque lhes transmitem alegremente uma doença certa e terrível, visando preveni-los contra um mal incerto. Os ingleses, de seu lado, dizem: "Os outros europeus são covardes e desnaturados. Covardes, porque temem

fazer um pequeno mal a seus filhos; desnaturados, porque os expõem a morrer um dia de varíola". Para julgar quem tem razão nessa disputa, eis a história dessa famosa inoculação, de que se fala com tamanho pavor fora da Inglaterra.

Desde tempos imemoriais, as mulheres da Circássia costumam dar varíola a seus filhos, fazendo-lhes uma incisão no braço e inserindo nela uma pústula retirada cuidadosamente do corpo de outra criança. O efeito dessa pústula assemelha-se ao lêvedo num pouco de massa: fermenta e espalha no sangue as qualidades nela impressas. As brotoejas da criança que recebeu a varíola artificial também servem para passar a doença às outras. A inoculação é quase contínua na Circássia, e quando não há varíola no país a população sente-se embaraçada como num ano mau.

A ternura materna e o interesse, causas comuns em toda a terra, introduziram na Circássia esse costume que parece tão estranho aos outros povos.

Os circassianos são pobres, e suas filhas, belas e por isso o elemento que mais traficam. Fornecem belezas para os haréns do Grande Senhor, para o sufi da Pérsia, e para todos aqueles bastante ricos para comprar e manter essa preciosa mercadoria. Educam as moças no bem e na honra para dançar com lascívia e langor, para inflamar com todos os artifícios mais voluptuosos o gosto dos senhores desdenhosos a quem são destinadas. Todos os dias, as pobres criaturas repetem a lição com as mães, como nossas meninas repetem o catecismo sem entender nada.

Ora, freqüentemente sucedia que um pai ou uma mãe, depois de tanta dificuldade para bem educar suas crianças, viam-se frustrados em sua esperança: a varíola surgia na família. Uma filha morria, outra perdia um olho, uma terceira aparecia com um narigão. A pobre gente ficava arruinada e sem recursos. Muitas vezes, quando a varíola se tornava epidêmica, o comércio ficava interrompido por vários anos, causando grande diminuição nos serralhos da Pérsia e da Turquia.

Uma nação comerciante está sempre muito alerta aos seus interesses e nunca negligencia conhecimentos que possam ser úteis ao seu negócio. Os circassianos perceberam que para cada mil pessoas dificilmente se encontrava uma atacada duas vezes por uma varíola bem completa; que, na verdade, algumas vezes se pode ter três ou quatro varíolas leves, mas nunca duas decisivas e perigosas. Em suma, que nunca se tem verdadeiramente essa doença duas vezes na vida. Observaram ainda que quando as varíolas são benignas e sua erupção só consegue atravessar uma pele delicada e fina, não deixam marcas sobre o rosto. Dessas observações naturais concluíram que se uma criança de seis meses ou de um ano tivesse uma varíola benigna, não morreria, não ficaria marcada e estaria livre da moléstia até o fim de seus dias.

Para conservar a vida e a beleza das crianças bastava, pois, dar-lhes a varíola bem cedo, o que foi feito. Inoculava-se no corpo da criança uma pústula de varíola completa e ao mesmo tempo a mais favorável que se pudesse encontrar. A experiência não poderia deixar de ser um sucesso. Os turcos, gente sensata, logo adotaram o costume e atualmente não há paxá, em Constantinopla, que não dê varíola a seu filho e a sua filha ao cevá-los.

Muitos pretendem que os circassianos adquiriram esse costume com os árabes, mas deixo esse ponto de história para que um beneditino erudito o esclareça, compondo vários volumes *in-folio* e com provas. Tudo o que tenho a dizer sobre o assunto é que no início do reino de Jorge I, a senhora Wortley-Montagu, uma das mulheres inglesas de mais espírito e de mais força de espírito, estando com seu marido numa embaixada em Constantinopla, resolveu, sem maiores escrúpulos, dar a varíola a uma criança que parira nesse país. Seu capelão cansou-se de dizer-lhe que tal experiência não era cristã, só podendo ser bem sucedida nos infiéis — o filho da senhora Wortley passou muito bem. A dama, de volta à Inglaterra, contou sua experiência à princesa de Gales, hoje rainha. É preciso admitir, títulos e coroas à parte, que esta princesa nasceu para encorajar todas as artes e para fazer o bem aos homens. É uma filósofa amável no trono. Nunca perdeu uma oportunidade para instruir-se nem para exercer sua generosidade. Tendo ouvido dizer que uma das filhas de Milton ainda vivia, e que vivia na miséria, enviou-lhe imediatamente um presente considerável. Protege o pobre Padre Courayer. Dignou-se ser mediadora entre o Dr. Clarke e o Sr. Leibniz. Desde que ouviu falar da inoculação ou inserção da varíola fez uma experiência em quatro criminosos condenados à morte, e cujas vidas salvou duplamente, pois não somente retirou-os da forca, como ainda, graças à varíola artificial, imunizou-os contra a natural, que provavelmente teriam contraído e de que poderiam morrer numa idade mais avançada.

A princesa, segura da utilidade dessa experiência, mandou inocular seus filhos. A Inglaterra seguiu seu exemplo e, desde então, dez mil crianças de família devem suas vidas à rainha e à Sra. Wortley-Montagu, e muitas moças lhes devem a beleza.

De cada cem pessoas no mundo, sessenta, pelo menos, contraem a varíola. Destas, vinte morrem em seus anos mais favoráveis e vinte conservam seus restos desagradáveis. Eis, pois, a quinta parte dos homens que essa moléstia mata ou enfeia seguramente. De todos os que são inoculados na Turquia ou na Inglaterra, nenhum morre, se não estiver enfermo ou condenado à morte por um outro motivo. Nenhum fica marcado. Nenhum contrai a varíola pela segunda vez, se a inoculação foi perfeita. É certo, portanto, que se alguma embaixatriz francesa tivesse trazido esse segredo de Constantinopla para Paris, teria prestado um favor eterno à nação e o duque de Villequier, pai do atual duque d'Aumont, o homem mais bem constituído e mais sadio da França, não teria morrido na flor da idade.

O príncipe de Soubise, de saúde brilhante, não teria sido levado aos vinte e cinco anos. Monsenhor, avô de Luís XV, não teria sido enterrado aos cinqüenta. Vinte mil pessoas, mortas de varíola em 1723 em Paris, ainda viveriam. Como?! Então os franceses não amam a vida?! Suas mulheres não se preocupam com a beleza?! Na verdade, somos gente estranha! Talvez daqui a dez anos adotemos o método inglês, se os curas e os médicos permitirem. Ou então, daqui a três meses, por puro capricho, os franceses se servirão da inoculação, se por inconstância os ingleses estiverem enjoados dela.

Acabo de saber que os chineses a praticam há mais de cem anos. É um grande preconceito o exemplo de uma nação considerada a mais sábia e a mais policiada do universo. É verdade que os chineses a praticam de modo diferente. Não fazem incisão, mas inoculam pelo nariz, como o fumo e o rapé. É um modo mais agradável, mas que dá no mesmo, e serve igualmente para confirmar que, se tivesse sido praticada na França, a vida de milhões teria sido salva.

Décima Segunda Carta

Sobre o Chanceler Bacon

Não faz muito tempo, gente célebre punha esta questão gasta e frívola: quem foi o maior homem? César? Alexandre? Tamerlão? Cromwell? etc.

Alguém respondeu: Isaac Newton, indubitavelmente. Quem o disse tinha razão, pois, se a verdadeira grandeza consiste em receber do céu um gênio poderoso e em servir-se dele para se esclarecer e aos outros, um homem como o Sr. Newton, raro em cada dez séculos, é verdadeiramente um grande homem. Os políticos e conquistadores, que todo século não deixa de possuir, ordinariamente são apenas ilustres malfeitores. Devemos nosso respeito àquele que domina sobre os espíritos pela força da verdade, e não àqueles que os escravizam pela violência; àquele que conhece o universo e não àqueles que o desfiguram.

Visto que exigis que vos fale dos homens ilustres produzidos pela Inglaterra, começarei pelos Bacon, pelos Locke, pelos Newton. Os generais e os ministros virão quando chegar a sua vez.

É preciso começar pelo famoso conde de Verulam, conhecido na Europa sob o nome de Bacon, seu nome de família. Era filho de um ministro da Justiça e foi chanceler no reinado de Jaime I. Entretanto, no meio das intrigas palacianas e das ocupações de seu cargo, que requeriam integralmente um homem, encontrou tempo para ser um grande filósofo, um bom historiador e um escritor elegante, coisa surpreendente, aliás, pois vivia num século em que não se conhecia muito a arte de bem escrever e, ainda menos, a boa filosofia. Foi, como é hábito entre os homens, mais estimado após a sua morte do que durante sua vida. Seus inimigos: gente da corte londrina. Seus admiradores: gente de toda a Europa.

Ao conduzir à Inglaterra a Princesa Maria, filha de Henrique, o Grande, para desposar o príncipe de Gales, o marquês d'Effiat, ministro do rei, visitou Bacon, nessa ocasião doente no

leito. Foi recebido com as cortinas fechadas. "Pareceis com os anjos", disse-lhe Effiat. "Ouve-se falar deles, crê-se que são superiores aos homens, e nunca se tem o consolo de vê-los."

Sabeis, senhores, que Bacon foi acusado de um crime que não é próprio de um filósofo: o de deixar-se corromper pelo dinheiro. Sabeis que a Câmara dos Lordes condenou-o a uma multa de aproximadamente quatrocentas libras (em nossa moeda) e a perder sua dignidade de chanceler e de par.

Hoje os ingleses reverenciam sua memória a ponto de não admitirem que fosse culpado. Se me perguntardes o que penso, usarei uma expressão de Milorde Bolingbroke. Falava-se, em sua presença, da acusação de avareza de que fora vítima o duque de Malborough, citando-se alguns traços para os quais se pedia o testemunho de Milorde Bolingbroke, seu inimigo declarado e capaz de dizer convenientemente o que o outro era. "Era um homem tão grande que esqueci seus vícios", respondeu.

Limitar-me-ei, portanto, a falar-vos daquilo que fez o Chanceler Bacon merecer a estima da Europa.

Sua obra mais interessante e melhor é atualmente a menos lida e a mais inútil. Trata-se de seu *Novum Scientiarum Organum,* andaime para a construção da nova filosofia, abandonado depois que parte do edifício se achava construído. O Chanceler Bacon ainda não conhecia a natureza, mas conhecia e indicava todos os caminhos que conduziam a ela. Cedo desprezou aquilo que as universidades denominavam filosofia. Fazia o possível para que essas companhias, instituídas para a perfeição da razão humana, não continuassem a estragá-la com suas "qüididades", seu "horror ao vazio", suas "formas substanciais", e todos os termos impertinentes que apenas a ignorância tornara respeitáveis e que a mistura ridícula com a religião quase sacralizava.

É o pai da filosofia experimental. É bem verdade que antes dele segredos surpreendentes foram descobertos. Havia-se inventado a bússola, a imprensa, a gravura de estampas, a pintura a óleo, os espelhos, a arte de devolver de algum modo a vista aos velhos, por meio de lunetas chamadas óculos, a pólvora, etc. Havia-se procurado e conquistado um novo mundo. Quem não acreditaria que tais descobertas sublimes teriam sido feitas por filósofos, em tempos mais esclarecidos do que os nossos? De jeito nenhum. Essas mudanças ocorreram na época da mais estúpida barbárie. O acaso produziu quase todas essas invenções e parece ter participado também na descoberta da América. Pelo menos, sempre se acreditou que Cristóvão Colombo empreendeu sua viagem pela crença num capitão cujo navio fora lançado por uma tempestade até a altura das ilhas Caraíbas.

Seja como for, os homens sabiam ir ao fim do mundo, destruir cidades com um trovão artificial mais terrível do que o verdadeiro; mas não conheciam a circulação do sangue, o peso do ar, as leis do movimento, a luz, o número dos planetas, etc. E um homem que defendesse uma tese sobre as categorias de Aristóteles, sobre o universal "a parte rei", ou qualquer outra bobagem, era encarado como um prodígio.

As invenções mais surpreendentes e mais úteis não são as que mais honram o espírito humano.

Não devemos todas as artes à sã filosofia, mas a um instinto mecânico, existente na maioria dos homens.

A descoberta do fogo, a arte de fazer o pão, de fundir e preparar os metais, de construir casas, a invenção da lançadeira, satisfazem necessidades diferentes daquelas satisfeitas pela imprensa ou pela bússola, e, no entanto, estas artes foram inventadas por homens ainda selvagens.

Mais tarde, como foi prodigioso o uso da mecânica por gregos e romanos! Contudo, acreditavam que havia céus de cristal, que as estrelas eram lampadazinhas por vezes caindo no mar. E um de seus maiores filósofos, após muitas investigações, concluiu que os astros eram cascalhos que se destacaram da Terra.

Em uma palavra: antes do Chanceler Bacon ninguém conhecera a filosofia experimental. Quase todas as experiências físicas feitas depois dele já estão indicadas em seu livro. Ele próprio fizera algumas. Fabricou uma espécie de máquina pneumática com que adivinhou a elasticidade do ar; chegou perto da descoberta de seu peso, feita mais tarde por Torricelli. Logo depois a física experimental começou a ser cultivada simultaneamente em toda a Europa. Era um tesouro escon-

dido, de cuja existência Bacon desconfiava e que todos os filósofos, encorajados por suas promessas, esforçaram-se para desenterrar.

Porém, o que mais me surpreendeu em seu livro foi encontrar em termos explícitos essa atração cuja invenção costuma-se atribuir ao Sr. Newton.

Diz Bacon: "É preciso procurar se há uma espécie de força magnética, operando entre a Terra e as coisas pesadas, entre a Lua e o oceano, entre os planetas, etc.".

Num outro lugar, diz: "É preciso que os corpos graves sejam levados rumo ao centro da Terra, ou que sejam mutuamente atraídos, e neste caso é evidente que, ao cair, quanto mais os corpos se aproximarem da Terra, tanto mais fortemente atrair-se-ão. É preciso experimentar se um relógio de pêndulo vai mais depressa no alto de uma montanha ou no fundo de uma mina; se a força do pêndulo diminuir na montanha e aumentar na mina, tudo indicará que a Terra parece possuir uma verdadeira atração".

Precursor da filosofia, Bacon foi também um escritor elegante, um historiador, um homem cultivado.

Seus *Ensaios de Moral,* embora muito estimados, são feitos para instruir e não para agradar. Entretanto, não sendo uma sátira da natureza humana, como as *Máximas* de La Rochefoucauld, nem escola cética, como Montaigne, são menos lidos do que os dois outros, mais engenhosos.

Sua *História de Henrique VII* foi considerada uma obra-prima. Mas eu me enganaria se a comparasse com a obra do nosso ilustre de Thou.

Falando do famoso impostor Parkins, judeu de nascença, que ousadamente atribuiu a si o nome de Ricardo IV, rei da Inglaterra, e encorajado pela duquesa de Borgonha disputou a coroa com Henrique VII, eis como se exprime o Chanceler Bacon: "Mais ou menos nessa época, o Rei Henrique vivia obcecado com espíritos malignos por causa da magia da duquesa de Borgonha, que evocava a sombra infernal de Eduardo IV para que viesse atormentar o Rei Henrique. Depois de instruir Parkins, a duquesa começou a deliberar de que região do céu deveria fazer surgir o cometa, e decidiu que o faria eclodir inicialmente no horizonte da Irlanda".

Parece-me que nosso sensato de Thou não cai nesse excesso, outrora tido por sublime e hoje, com razão, por galimatias.

DÉCIMA TERCEIRA CARTA

Sobre o Sr. Locke

Talvez nunca tenha havido espírito mais sensato, mais metódico, um lógico mais exato do que o Sr. Locke; não era, contudo, um grande matemático. Nunca pôde submeter-se à fadiga dos cálculos nem à secura das verdades matemáticas, que de início não apresentam algo sensível ao espírito. E ninguém provou melhor do que ele que se poderia ter o espírito geométrico sem o apoio da geometria. Antes dele, grandes filósofos haviam decidido positivamente o que é a alma do homem, mas como nada sabiam sobre ela, era muito justo que todos tivessem opiniões diferentes.

Na Grécia, berço das artes e dos erros, onde a grandeza e a tolice do espírito humano tanto se desenvolveram, raciocinava-se sobre a alma como nós o fazemos.

O divino Anaxágoras, a quem foi erguido um altar por ter ensinado aos homens que o Sol era maior do que o Peloponeso, que a neve era negra e os céus, de pedra, afirmou que a alma era um espírito aéreo, mas imortal.

Diógenes (não aquele que se tornou cínico depois de ter sido falsário) assegurava que alma era uma porção da própria substância de Deus. Esta idéia era brilhante, pelo menos.

Epicuro compunha-a de partes, como o corpo. Aristóteles, explicado de mil modos, porque ininteligível, acreditava, a fiar-se em alguns de seus discípulos, que o entendimento de todos os homens era uma só e mesma substância.

O divino Platão, mestre do divino Aristóteles, e o divino Sócrates, mestre do divino Platão, diziam a alma corpórea e eterna. O demônio de Sócrates certamente lhe ensinava que assim era.

Na verdade, há muita gente que acha que um homem que se gabava de ter um gênio familiar era indubitavelmente um louco ou um velhaco, mas essa gente é muito difícil.

Quanto aos nossos Padres da Igreja, nos primeiros seculos muitos acreditaram que a alma humana, os anjos e Deus, eram corpóreos.

O mundo sempre se refina. São Bernardo, segundo o Padre Mabillon, ensinou que após a morte a alma não vê Deus, mas conversa somente com a humanidade de Jesus Cristo. Dessa vez não foi acreditado sob palavra: a aventura das Cruzadas havia desacreditado um pouco seus oráculos. Mil escolásticos vieram em seguida, como o Doutor irrefragável, o Doutor sutil, o Doutor angélico, o Doutor seráfico, o Doutor querúbico, todos bem seguros de conhecer a alma muito claramente, mas sem deixar de falar nela como se quisessem que ninguém entendesse coisa alguma.

Nosso Descartes, nascido para descobrir os erros da Antiguidade, a fim de substituí-los pelos seus próprios, e arrastado pelo espírito sistemático que cega os maiores homens, imaginou ter demonstrado que a alma era a mesma coisa que o pensamento, como, segundo ele, a matéria é a mesma coisa que a extensão. Assegurou que se pensa sempre e que a alma vem ao corpo já provida de todas as noções metafísicas, conhecendo Deus, o espaço infinito, tendo todas as idéias abstratas, cheia de belos conhecimentos que, infelizmente, esquece ao sair do ventre da mãe.

O Sr. Malebranche, do Oratório, em suas sublimes ilusões não somente admitiu as idéias inatas, como também não duvidou de que víssemos tudo em Deus, e que este, por assim dizer, fosse nossa alma.

Tantos raciocinadores tendo escrito o romance da alma, veio enfim um sábio que modestamente escreveu sua história. Locke desenvolveu a razão humana para o homem, como um excelente anatomista explica as molas do corpo humano. Apóia-se no archote da física; algumas vezes ousa falar afirmativamente, mas também ousa duvidar. Em vez de definir dum só golpe aquilo que não conhecemos, examina por graus aquilo que queremos conhecer. Toma uma criança no momento de seu nascimento; segue passo a passo os progressos de seu entendimento; vê o que possui em comum com os animais e o que possui acima deles; consulta seu próprio testemunho, isto é, a consciência de seu pensamento.

Diz: "Deixo discutir aqueles que sabem mais do que eu se nossa alma existe antes ou depois da organização do nosso corpo. Mas confesso que, na partilha, calhou-me uma alma grosseira que não pensa sempre, e tenho até a infelicidade de não conceber que seja mais necessário à alma pensar sempre, do que ao corpo estar sempre em movimento".

Quanto a mim, gabo-me de ser tão estúpido quanto Locke nesse ponto. Ninguém há de me fazer crer que penso sempre. E não estou mais disposto do que ele a imaginar que algumas semanas após minha concepção fosse uma alma muito sapiente, sabendo mil coisas que esqueci ao nascer, tendo possuído muito inutilmente, no útero, conhecimentos que me escaparam assim que precisei deles e que nunca pude reaprender direito depois.

Locke, após arruinar as idéias inatas, após renunciar à vaidade de crer que se pensa sempre, estabelece que todas as nossas idéias nos vêm pelos sentidos, examina nossas idéias simples e as *compostas*, acompanha o espírito humano em todas as suas operações, mostra como as línguas faladas são imperfeitas e como abusamos das palavras a todo momento.

Por fim, considera a extensão, ou melhor, o nada dos conhecimentos humanos. Nesse capítulo ousa proferir modestamente as seguintes palavras: "Talvez nunca sejamos capazes de conhecer se um ser puramente material pensa ou não".

Esse discurso sensato soou para mais de um teólogo como uma declaração escandalosa de que a alma é material e mortal.

Alguns ingleses, devotos à sua maneira, deram o alarma. Numa sociedade, os supersticiosos são como os poltrões num exército: têm e provocam terrores pânicos. Gritou-se que Locke desejava derrubar a religião, e não havia nada religioso no caso. Tratava-se de uma questão puramente filosófica, muito independente da fé e da revelação. Bastava examinar sem acrimônia se há contradição em dizer: "a matéria pensa", e se Deus pode comunicar o pensamento à matéria. Mas os teólogos começam freqüentemente dizendo que Deus foi ultrajado, desde que não se tenha a

mesma opinião que eles. Assemelhavam-se bastante aos maus poetas, acusando Despréaux de difamar o rei porque zombava deles.

O Dr. Stillingfleet adquiriu uma reputação de teólogo moderado por ter injuriado Locke. Entrou na liça, mas foi vencido porque raciocinava como doutor e Locke, como filósofo, cônscio da fraqueza e da força do espírito humano, batendo-se com armas cuja têmpera conhecia.

Se ousasse falar dum assunto tão delicado após o Sr. Locke, diria: os homens discutem de longa data sobre a natureza e sobre a imortalidade da alma. Quanto à sua mortalidade, a demonstração é impossível visto que ainda se discute quanto à sua natureza, e seguramente é preciso conhecer a fundo um ser criado para saber se é ou não imortal. A razão humana é tão incapaz de demonstrar por si mesma a imortalidade da alma, que a religião viu-se forçada a revelá-la para nós. O bem comum de todos os homens pede que se creia a alma imortal; a fé o ordena. Não é preciso mais. A coisa está decidida. O mesmo não ocorre com sua natureza, pouco importando à religião qual seja a substância da alma; o importante é que seja virtuosa. É um relógio que nos foi dado para que o governemos, mas o obreiro não nos disse do que era composta sua corda.

Sou corpo e penso — é tudo que sei. Irei atribuir a uma causa desconhecida aquilo que posso atribuir facilmente apenas à causa segunda que conheço? Neste ponto todos os filósofos da Escola me interrompem, argumentando: "No corpo há apenas a extensão e a solidez, só pode ter movimento e figura. Nenhum destes elementos pode produzir um pensamento; portanto, a alma não pode ser matéria". Esse grande raciocínio, tantas vezes repetido, reduz-se ao seguinte: "Não conheço a matéria; adivinho imperfeitamente algumas de suas propriedades; ora, ignoro totalmente se estas podem estar unidas ao pensamento; portanto, como nada sei, asseguro positivamente que a matéria não pode pensar". Eis, posta claramente, a maneira da Escola raciocinar. Com simplicidade, Locke diria a tais senhores: "Confessai, pelo menos, que sois tão ignorantes quanto eu. Nem vossa imaginação nem a minha podem conceber como um corpo tem idéias; como, então, compreendeis melhor que uma substância, seja qual for, tenha idéias? Não concebeis a matéria nem o espírito; como, então, ousais assegurar alguma coisa?

Por sua vez, o supersticioso também aparece dizendo que é preciso queimar, para o bem de suas almas, aqueles que suspeitam ser possível pensar apenas com a ajuda do corpo. Mas que diria, se ele próprio fosse culpado de irreligião? Com efeito, que homem ousará assegurar, sem uma impiedade absurda, que seja impossível ao Criador dar sentimento e pensamento à matéria? Vede, peço-vos, em que embaraço vos meteis ao limitardes assim a potência do Criador! Os animais possuem os mesmos órgãos que nós, os mesmos sentimentos, as mesmas percepções; são dotados de memória, combinam algumas idéias. Se Deus não pôde animar a matéria e dar-lhe sentimento, então, de duas, uma: ou os animais são puras máquinas, ou têm uma alma espiritual.

Parece-me quase demonstrado que os animais não podem ser simples máquinas. Aqui está minha prova: Deus fez exatamente os mesmos órgãos de sentimento neles e em nós. Portanto, se não sentem, Deus fez uma obra inútil. Ora, segundo vossa própria confissão, Deus nada faz em vão. Portanto, não fabricou tantos órgãos de sentimento para que não sentissem. Portanto, os animais não são puras máquinas.

Segundo vossa opinião, os animais não podem ter uma alma espiritual. Assim sendo, sois obrigados, apesar de vós próprios, a dizer que Deus deu aos órgãos dos animais (que são matéria) a faculdade de sentir e de perceber, faculdade que neles chamais de instinto.

Ora, o que pode impedir Deus de comunicar aos nossos órgãos, mais penetrantes, essa faculdade de sentir, de perceber e de pensar que chamamos razão humana? Para qualquer lado que vos volteis, sereis obrigados a admitir vossa ignorância e a potência imensa do Criador. Não vos revolteis, então, contra a sábia e modesta filosofia de Locke. Longe de contrariar a religião, servir-lhe-ia de prova, se precisasse. Pois, que filosofia poderia ser mais religiosa do que aquela que concebe e admite sua fraqueza dizendo ser preciso recorrer a Deus quando se examinam os primeiros princípios?

Ademais, nunca se deve temer que algum sentimento filosófico possa prejudicar a religião de um país. Por mais que nossos mistérios contrariem suas demonstrações, nunca deixam de ser reverenciados pelos filósofos cristãos, pois sabem que os objetos da religião e da filosofia são de

natureza diferente. Nunca os filósofos farão uma seita religiosa. Por quê? Porque não escrevem para o povo e porque não são entusiastas.

Dividi o gênero humano em vinte partes: dezenove trabalham manualmente e nem sabem que Locke existe. Na vigésima, quão poucos os que lêem! E entre estes, vinte lêem os romances, enquanto apenas um estuda filosofia. O número dos que pensam é excessivamente pequeno e não têm a lembrança de perturbar o mundo.

Nem Montaigne, nem Locke, nem Bayle, nem Spinoza, nem Hobbes, nem Shaftesbury, nem Collins, nem Toland carregaram a tocha da discórdia em sua pátria. Foram os teólogos que a trouxeram, começando com a ambição de chefiar seitas e logo passando a ambicionar a chefia de partidos. Que digo! Todos os livros dos filósofos modernos, ajuntados, nunca farão tanto barulho como fez outrora a simples disputa dos franciscanos sobre o formato de sua manga e de seu capuz.

DÉCIMA QUARTA CARTA

Sobre Descartes e Newton

Ao chegar a Londres, um francês encontrará tudo muito mudado em filosofia, e também no resto. Deixou o mundo cheio, encontrou-o vazio. Em Paris, vê-se o universo composto de turbilhões de matéria sutil; em Londres, não se vê nada disso. Entre nós, a pressão da Lua causa o fluxo do mar; entre os ingleses, o mar gravita em direção à Lua, de sorte que quando acreditais que ela deveria provocar maré alta, esses senhores sentem-se no direito de ter maré baixa. Infelizmente isso não pode ser verificado. Para tal seria preciso examinar a Lua e as marés no primeiro instante da Criação.

Notareis ainda que o Sol, que na França nada tem a ver com o caso, aqui contribui para ele com uma quarta parte, no mínimo. Entre vossos cartesianos tudo ocorre graças a um impulso incompreensível. Para o Sr. Newton, graças a uma atração cuja causa não é melhor conhecida. Em Paris imaginais a Terra feita como um melão. Em Londres, achatada dos dois lados. Para um cartesiano a luz existe no ar. Para um newtoniano, vem do Sol em seis minutos e meio. Vossa química opera com ácidos, alcalóides e matéria sutil. A atração domina até a química inglesa.

A própria essência das coisas mudou totalmente. Não concordareis quanto à definição da alma, nem quanto à da matéria. Descartes assegura que a alma é a mesma coisa que o pensamento. Locke prova muito bem o contrário.

Descartes assegura que a matéria é constituída somente pela extensão. Newton acrescenta-lhe a solidez. Eis aí contradições furiosas.

"Non nostrum inter vos tantas componere lites." [5]

O famoso Newton, destruidor do sistema cartesiano, morreu no mês de março do ano passado (1727). Viveu honrado por seus compatriotas e foi enterrado como um rei que tivesse feito o bem para seus súditos.

Leu-se com sofreguidão e traduziu-se para o inglês o elogio do Sr. Newton que o Sr. de Fontenelle pronunciou na Academia das Ciências. Na Inglaterra, esperava-se que o Sr. de Fontenelle fizesse uma declaração solene da superioridade da filosofia inglesa, mas ao ver que comparava Descartes e Newton, toda a sociedade real de Londres sublevou-se. Em vez de concordar-se com o juízo, criticou-se o discurso. Muitos (os que não são bastante filósofos) chocaram-se com a comparação só porque Descartes é francês.

É preciso admitir que esses dois grandes homens se diferenciaram bastante pela conduta, pela sina e pela filosofia.

Descartes nasceu com uma imaginação viva e forte, tornando-se um homem singular tanto

[5] Virgílio, *Eneida*, canto I: "Não é nosso encargo sustentar entre vós tão grandes causas". (N. do A.)

na vida privada quanto no modo de raciocinar. A imaginação não pôde ocultar-se nem mesmo em suas obras filosóficas, cheias de comparações engenhosas e brilhantes. A natureza o fez quase poeta, e, de fato, compôs para a rainha da Suécia uma serenata em versos que, para honra de sua memória, não se mandou imprimir.

Tentou durante algum tempo o ofício da guerra, e depois de tornar-se muito filósofo não acreditou que fosse indigno fazer amor. Sua amante deu-lhe uma filha, Francine, que morreu jovem e foi muito pranteada por ele. Assim, experimentou tudo que é próprio da humanidade.

Por muito tempo acreditou que para filosofar em liberdade precisaria fugir dos homens e sobretudo de sua pátria. Tinha razão. Os homens de sua época não conheciam a liberdade de filosofar para poder esclarecê-lo e só eram capazes de prejudicá-lo.

Deixou a França porque procurava a verdade, então perseguida pela miserável filosofia da Escola. Mas não encontrou mais razão nas universidades da Holanda, para onde se retirara, pois, na época em que na França as únicas proposições verdadeiras de seu sistema eram condenadas, também foi perseguido pelos pretensos filósofos da Holanda, que não o compreendiam melhor e que, vendo sua glória mais de perto, odiavam ainda mais sua pessoa. Foi obrigado a sair de Utrecht; agüentou a acusação de ateísmo, último recurso dos caluniadores. E ele, que empregara toda a sagacidade de seu espírito procurando novas provas da existência de Deus, foi acusado de não reconhecê-la.

Tantas perseguições supõem um grande mérito e uma reputação brilhante: Descartes possuía ambos. A razão manifestou-se um pouco no mundo, em meio às trevas da Escola e aos preconceitos da superstição popular. Seu nome fez tanto barulho que se quis atraí-lo para a França com recompensas. Foi-lhe proposta uma pensão de mil escudos. Voltou com esperança, pagou as despesas da patente, que então se vendia, não teve a pensão e regressou para filosofar na solidão da Holanda, no tempo em que o célebre Galileu, com oitenta anos, gemia nas prisões da Inquisição por ter demonstrado o movimento da Terra. Por fim, em virtude de um mau regime, morreu prematuramente em Estocolmo entre sábios, seus inimigos, e nas mãos de um médico que o odiava.

A carreira do Cavaleiro Newton foi completamente diferente. Viveu oitenta e cinco anos, sempre tranqüilo, feliz e honrado em sua pátria. Sua grande felicidade foi não somente a de nascer num país livre, mas também numa época em que, banidas as impertinências escolásticas, apenas a razão era cultivada. E assim, o mundo só poderia ser seu discípulo e não seu inimigo.

Uma oposição singular entre ele e Descartes reside no fato de que no curso de uma vida tão longa não teve paixões nem fraquezas; nunca se aproximou de mulher alguma — o que me foi confirmado pelo médico e pelo cirurgião em cujos braços morreu. Newton pode ser admirado por isso, o que não significa, porém, que se deva censurar Descartes.

A opinião pública inglesa considera este último um sonhador, e o outro, um sábio.

Pouca gente em Londres lê Descartes, cujas obras tornaram-se inúteis efetivamente. Muito poucos lêem Newton, porque é preciso ser muito sábio para compreendê-lo. Mas todo mundo fala sobre os dois. Nada é atribuído ao francês; tudo, ao inglês. Alguns acreditam que se deve a Newton a perda do horror ao vácuo, o conhecimento do peso do ar, o uso do telescópio. Aqui ele é o Hércules da fábula, a quem os ignorantes atribuem todos os feitos dos outros heróis.

Em uma crítica feita ao discurso do Sr. de Fontenelle, em Londres, ousou-se dizer que Descartes não era um grande geômetra. Os que assim falam podem censurar-se por baterem em sua nutriz. Descartes impulsionou a geometria tanto quanto Newton depois dele. Foi o primeiro a encontrar equações algébricas para as curvas. Graças a ele sua geometria é hoje bastante conhecida, mas em seu tempo era tão profunda que somente Fermat, na França, e Schooten, na Holanda, puderam compreendê-la.

Transportou o espírito de geometria e de invenção para a dióptrica, que se tornou uma arte nova em suas mãos. Se por acaso enganou-se em alguma coisa, é porque um homem, ao descobrir uma nova terra, não pode de um só golpe conhecer também todas as suas propriedades. Os que vierem depois dele e fertilizarem essa terra devem-lhe pelo menos a obrigação da descoberta. Não negarei que os erros fervilham nas outras obras do Sr. Descartes.

A geometria era um guia que de algum modo ele próprio havia formado, e que poderia tê-lo

conduzido com segurança na física; no entanto, abandonou o guia em favor do espírito de sistema. A partir de então, sua filosofia foi apenas um romance engenhoso e, quando muito, verossímil para os ignorantes. Enganou-se a respeito da natureza da alma, das provas da existência de Deus, da matéria, das leis do movimento, da natureza da luz. Admitiu idéias inatas, inventou novos elementos, criou um mundo, fez o homem à sua moda, e com razão diz-se que o homem de Descartes é apenas o de Descartes, muito distante do homem verdadeiro.

Impeliu seus erros metafísicos até o ponto de pretender que dois mais dois são quatro porque Deus o quis. Mas nunca é demais dizer que era estimável mesmo em seus extravios. Enganou-se, mas pelo menos com método e com um espírito conseqüente. Destruiu as quimeras absurdas com que se enfatuava a juventude há mais de dois mil anos. Ensinou os homens de sua época a raciocinar e a servir-se de suas armas contra ele próprio. Se não pagou com a moeda boa, já é muito que tenha desmascarado a falsa.

Não creio que se ouse comparar sua filosofia à de Newton: a primeira é um ensaio, a segunda uma obra-prima. mas aquele que nos pôs na via da verdade talvez valha tanto quanto aquele que encontramos depois, no final desse caminho.

Descartes deu a visão aos cegos e estes viram os enganos da Antiguidade e os dele. A estrada aberta por ele tornou-se imensa. Outrora, o livrinho de Rohaut apresentava uma física completa. Hoje, todos os compêndios das academias da Europa não chegam a ser um começo de sistema. Aprofundando-se o abismo, viu-se que era infinito. Trata-se de ver agora o que o Sr. Newton cavou nesse precipício.

DÉCIMA QUINTA CARTA

Sobre o Sistema da Atração

As descobertas do Cavaleiro Newton, que lhe deram reputação universal, referem-se ao sistema do mundo, à luz, ao infinito em geometria e, enfim, à cronologia, divertimento de suas horas de descanso.

Vou dizer-vos (sem verborragia, se puder) o pouco que pude agarrar dessas idéias sublimes.

No que tange ao sistema do mundo, desde longa data se discutia sobre a causa que fez os planetas girarem e manterem-se em órbita, e sobre aquela que faz todos os corpos terrestres descerem rumo ao centro da Terra.

O sistema de Descartes, explicado e bem transformado depois dele, parecia fornecer uma causa plausível para esses fenômenos, razão que parecia tanto mais verdadeira por ser muito simples e inteligível para todo mundo. Mas em filosofia é preciso desconfiar tanto daquilo que se crê entender muito facilmente, quanto daquilo que não se entende.

O peso, a queda acelerada dos corpos caindo sobre a Terra, a revolução dos planetas em suas órbitas, suas rotações em torno do seu eixo, tudo isso é apenas movimento. Este, porém, só pode ser concebido por impulso, portanto todos aqueles corpos foram impulsionados. Mas, por quê? O espaço é pleno, preenchido por uma matéria muito sutil, já que não a percebemos. Essa matéria vai do ocidente para o oriente, visto que todos os planetas são arrastados nessa direção. Assim, de suposição em suposição, de verossimilhança em verossimilhança, imaginou-se um vasto turbilhão de matéria sutil, que arrasta os planetas à volta do Sol. Criou-se também um turbilhão particular, flutuando no grande, e girando diariamente em torno do planeta — julga-se que o peso depende desse movimento diário. Supondo-se que a matéria sutil que gira em torno de nosso pequeno turbilhão deve possuir uma velocidade dezessete vezes maior do que a da Terra, neste caso, sua força centrífuga é maior e deve empurrar todos os corpos para a Terra. Eis a causa do peso no sistema cartesiano.

Entretanto, antes de calcular a força centrífuga e a velocidade dessa matéria sutil, era preciso assegurar-se de sua existência. E mesmo supondo-se sua existência, foi demonstrado ser falso tomá-la como causa do peso.

O Sr. Newton parece aniquilar sem apelo todos os turbilhões, grandes e pequenos, aquele que carrega os planetas à volta do Sol e aquele que faz cada um deles girar sobre si mesmo.

1.º) Está provado que o pretenso pequeno turbilhão da Terra deve perder seu movimento pouco a pouco. Está provado que se a Terra bóia num fluido, este deve possuir a mesma densidade que aquela e neste caso todos os corpos que removemos devem oferecer uma extrema resistência — ou seja: seria preciso uma alavanca do comprimento da Terra para levantar um peso de uma libra.

2.º) Os grandes turbilhões, por sua vez, são ainda mais quiméricos. É impossível pô-los de acordo com as regras de Kepler, cuja verdade está demonstrada. O Sr. Newton mostra como a revolução do fluido, onde se supõe Júpiter arrastado, não está para a revolução do fluido da Terra assim como a revolução de Júpiter está para a da Terra.

Prova que todos os planetas, revolucionando em elipse, estando conseqüentemente bem afastados uns dos outros pelos afélios e bem próximos pelos periélios, a Terra, por exemplo, deveria ir mais depressa quando próxima de Vênus e de Marte, pois o fluido que a impulsiona teria mais movimento porque estaria com pressão maior nessa hora. Ora, é justamente nessa ocasião que o movimento da Terra é mais lento.

Prova que não há matéria celeste indo do ocidente para o oriente, pois os cometas atravessam o espaço nas duas direções.

Para liquidar de uma vez as dificuldades, prova ou pelo menos torna muito provável, até com experiências, que o pleno é impossível, reconduzindo-nos ao vácuo, banido do mundo por Aristóteles e Descartes.

Com todas essas razões e com muitas outras desbaratou os turbilhões cartesianos, e, no entanto, desesperava de poder conhecer se há um princípio secreto na natureza, causa simultânea dos movimentos de todos os corpos celestes e do peso da Terra. Retirando-se em 1666 para o campo, perto de Cambridge, passeando um dia em seu jardim e vendo os frutos caírem de uma árvore, entregou-se a uma meditação profunda sobre o peso, cuja causa os filósofos havia tanto procuravam em vão, e cujo mistério passava despercebido do vulgo. Disse a si próprio: "De qualquer altura que um corpo caísse na Terra, sua queda certamente estaria na progressão descoberta por Galileu, e os espaços que percorresse seriam o quadrado dos seus tempos. O poder que faz os corpos grandes descerem é o mesmo, sem nenhuma diminuição sensível, quer estejam em grande profundidade ou no alto de uma montanha. Por que esse poder não se estenderia até a Lua? E se assim for, parece ser ele que a mantém em órbita e que determina seu movimento. Mas se a Lua obedecer a tal princípio, não será razoável crer que também os outros planetas estarão submetidos a ele?

"Se tal poder existir, deverá (o que aliás está provado) aumentar na razão inversa dos quadrados das distâncias. Só há, pois, que examinar o percurso de um corpo grave caindo na Terra de uma altura média e o percurso que faria simultaneamente um corpo caindo da órbita da Lua. Para sabê-lo basta ter a medida da Terra e a distância da Terra à Lua."

Assim raciocinou o Sr. Newton. Mas na Inglaterra só havia medidas falsas de nosso globo. Confiava-se na estimativa incerta dos pilotos, que contavam sessenta milhas inglesas como um grau, quando deveriam contar mais ou menos setenta. Esse cálculo falso, discordando das conclusões que o Sr. Newton queria tirar, fê-lo abandonar a questão. Um filósofo *medíocre e vaidoso* teria encaixado como pudesse a medida da Terra em seu sistema. O Sr. Newton preferiu abandonar seu projeto. Mas, desde que o Sr. Picart mediu exatamente a Terra, traçando o famoso meridiano que tanto honrou a França, o sr. Newton retomou suas primeiras idéias e suas contas concordaram com os cálculos do Sr. Picart. Parece-me admirável que coisas tão sublimes tenham sido descobertas com a ajuda de um quarto de círculo e de um pouco de aritmética.

A circunferência da Terra é: cento e vinte e três milhões, duzentos e quarenta e nove mil e seiscentos pés de Paris [6]. O sistema da atração decorre inteiramente apenas disso.

Conhece-se a circunferência da Terra, a da órbita da Lua e o diâmetro dessa órbita. A revo-

[6] Pés de Paris — medida antiga equivalente a 0,324 m; o pé inglês equivale a 0,3048 m. (N. do T.)

lução da Lua nessa órbita realiza-se em vinte e sete dias, sete horas e quarenta minutos. Está, pois, demonstrado que a Lua, em seu movimento médio, percorre cento e oitenta e sete mil, novecentos e sessenta pés de Paris por minuto; e por um teorema conhecido demonstra-se que a força central que faria um corpo cair da altura da Lua fá-lo-ia cair apenas quinze pés de Paris no primeiro minuto.

Se for verdadeira a regra segundo a qual os corpos pesam, gravitam, atraem-se na razão inversa dos quadrados das distâncias e se o mesmo poder agir segundo essa regra em toda a natureza, é evidente que, estando a Terra a sessenta semidiâmetros de distância da Lua, um corpo grave deve cair sobre a Terra quinze pés no primeiro segundo, e cinqüenta e quatro mil pés no primeiro minuto.

Ora, com efeito, um corpo cai quinze pés no primeiro segundo e percorre no primeiro minuto cinqüenta e quatro mil pés, e este número é o quadrado de sessenta multiplicado por quinze. Portanto, os corpos pesam na razão inversa dos quadrados das distâncias. Logo, o mesmo poder produz o peso na Terra e mantém a Lua em órbita.

Estando, pois, demonstrado que a Lua pesa sobre a Terra, centro de seu movimento particular, fica demonstrado que ambas pesam sobre o Sol, centro de seus movimentos anuais.

Os outros planetas devem submeter-se a essa lei geral e, se tal lei existir, os planetas devem obedecer às regras encontradas por Kepler. Todas essas regras, todas essas relações são mantidas efetivamente pelos planetas com a maior exatidão. Portanto, o poder da gravitação faz com que todos os planetas pesem com relação ao Sol, assim como nosso globo. Enfim, a reação de todo corpo sendo proporcional à ação, permanece certo que a Terra, por sua vez, pesa sobre a Lua e que o Sol pesa sobre ambas, que cada um dos satélites de Saturno pesa sobre os quatro e estes sobre ele, os cinco sobre Saturno e este sobre eles. O mesmo ocorre com Júpiter e com todos os globos atraídos pelo Sol e, reciprocamente, este é atraído por eles.

O poder da gravitação age proporcionalmente à quantidade de matéria que os corpos encerram, verdade que o Sr. Newton demonstrou com experiências. Essa nova descoberta serviu para mostrar que o Sol, centro de todos os planetas, os atrai na razão direta de suas massas, combinadas com suas distâncias. Elevando-se daí, gradativamente, até conhecimentos que não pareciam ser feitos para o espírito humano, ousa calcular quanta matéria o Sol contém, e quanto há em cada planeta. Dessa maneira, mostra através de simples leis mecânicas que cada globo celeste ocupa necessariamente o lugar que deve ocupar. Seu princípio único da gravitação dá conta de todas as desigualdades aparentes no curso dos globos celestes. As variações da Lua tornam-se uma seqüência necessária dessas leis. Além disso, vê-se evidentemente por que os nós da Lua fazem sua revolução em dezenove anos e os da Terra em vinte e seis mil anos. O fluxo e refluxo do mar também é um simples efeito da atração. A proximidade da Lua quando cheia e quando nova, e seu afastamento na minguante e na crescente, combinados com a ação do Sol explicam de maneira sensível a elevação e o abaixamento do oceano.

Depois de dar conta do curso e das desigualdades dos planetas, através de sua teoria sublime, o Sr. Newton submeteu os cometas ao jugo da mesma lei. Esses fogos, por tanto tempo desconhecidos, terror do mundo e escolho da filosofia, colocados por Aristóteles abaixo da Lua, e por Descartes acima de Saturno, foram enfim postos em seus lugares por Newton.

Prova que são corpos sólidos, movendo-se na esfera de ação do Sol, descrevendo uma elipse tão excêntrica e tão aproximada da parábola, que alguns deles precisam de mais de quinhentos anos para realizar sua revolução.

O Sr. Halley acredita que o cometa de 1680 é o mesmo que apareceu no tempo de Júlio César, e é a prova que melhor serve para mostrar que os cometas são corpos duros e opacos: com efeito, como desceu tão perto do Sol, que se afastou dele somente pela sexta parte de seu disco, deve ter adquirido, então, um grau de calor duas mil vezes mais violento que o do ferro mais incandescente; assim, teria sido dissolvido e consumido em pouco tempo, se não fosse um corpo opaco. A moda de adivinhar o curso dos cometas começou a se espalhar. O célebre matemático Jacques Bernoulli concluiu por seu sistema que o famoso cometa de 1680 reapareceria a 17 de maio de 1719. Nenhum astrônomo europeu dormiu nessa noite, mas nenhum cometa apareceu. Há pelo menos mais correção, se não houver segurança, em dar-lhe quinhentos e setenta e cinco

anos para voltar. Um geômetra inglês, chamado Wilston, não menos quimérico do que geômetra, afirmou seriamente que no tempo do Dilúvio houve um cometa que inundou nosso globo. Foi injusto que zombassem dele. A Antiguidade pensava mais ou menos no mesmo estilo que Wilston. Acreditava que os cometas eram sempre os batedores de alguma grande desgraça que deveria cair sobre a Terra. Newton, ao contrário, suspeita que são muito benéficos, a fumaça que sai deles servindo para socorrer e vivificar os planetas que se embebem, em seus cursos, de todas as partículas que o Sol destacou dos cometas. Esse sentimento é pelo menos mais provável do que o outro.

Não é tudo: se a força da gravitação, da atração, age em todos os globos celestes, sem dúvida age sobre todas as partes desses globos, pois se os corpos se atraem na razão de suas massas, só pode ser na razão da quantidade de suas partes, e se esse poder estiver alojado no todo, também estará na metade, na quarta, na oitava parte e assim até o infinito. Além disso, se esse poder não estivesse igualmente em cada parte, haveria lados do globo que gravitariam mais do que outros, o que não ocorre. Portanto, esse poder existe realmente em toda matéria e nas suas menores partículas.

Assim, a atração é a grande mola que move toda a natureza.

Newton havia previsto, depois de demonstrar a existência desse princípio, que só seu nome já seria motivo para revolta. Em mais de um trecho de seu livro previne o leitor contra a própria atração, advertindo-o para que não a confunda com as qualidades ocultas dos antigos, e para que se contente em conhecer a existência de uma força central que age de uma ponta a outra do universo sobre os corpos mais próximos e sobre os mais afastados, segundo leis imutáveis da mecânica.

É surpreendente que após esses protestos do grande filósofo os Srs. Saurin e de Fontenelle, também filósofos, o censurem por quimeras peripatéticas. O primeiro, nas Memórias da Academia, de 1709; o segundo, no próprio elogio a Newton.

Quase todos os franceses, sábios ou não, repetiram essa censura. Em toda parte ouve-se dizer: "Por que Newton não usou o termo impulso, tão compreensível, em vez do termo atração, que não se compreende?"

Newton poderia responder a tais críticas: "Em primeiro lugar, não entendeis melhor o termo impulso do que o termo atração, e se não concebeis por que um corpo tende para o centro de um outro, não imaginareis também que virtude permite a um corpo empurrar um outro. Em segundo lugar, não pude admitir o impulso, pois para isto seria preciso que soubesse se a matéria celeste empurra efetivamente os planetas; ora, não somente não conheço tal matéria como ainda provei que não existe. Em terceiro lugar, sirvo-me do termo atração apenas para exprimir um efeito que descobri na natureza, efeito certo e indiscutível de um princípio desconhecido, qualidade inerente à matéria, cuja causa outros mais hábeis do que eu poderão encontrar".

— Que nos haveis ensinado, então? E para que tantos cálculos para dizer-nos aquilo que nem mesmo vós compreendeis?

— Ensinei-vos que a mecânica das forças centrais faz com que todos os corpos pesem proporcionalmente às suas matérias e sozinhas movem os planetas e os cometas em proporções determinadas. Demonstro-vos que é impossível haver uma outra causa do peso e do movimento de todos os corpos celestes, pois os corpos graves caindo sobre a Terra segundo a proporção demonstrada das forças centrais, e os planetas acabando seus cursos segundo essas mesmas proporções, se ainda houvesse um outro poder que agisse sobre todos esses corpos, aumentaria suas velocidades ou mudaria suas direções. Ora, nunca qualquer desses corpos possui um só grau de movimento, de velocidade, de determinação que não seja demonstrado como efeito das forças centrais. Portanto, é impossível que haja um outro princípio.

Permitam-me deixar Newton falar ainda. "Estou numa situação bem diferente da dos antigos. Vendo a água subir nas bombas, diziam: a água sobe porque tem horror ao vazio. Eu, ao contrário, estou na situação daquele que teria sido o primeiro a observar que a água sobe nas bombas, deixando a outros o cuidado de explicar a causa desse efeito. O primeiro anatomista que disse que o braço se mexe porque os músculos se contraem ensinou uma verdade incontestável

aos homens. Deveríamos sentir-nos desobrigados diante dele por não ter sabido por que os músculos se contraem? A causa da elasticidade do ar é desconhecida, mas quem descobriu tal elasticidade prestou grande serviço à física. A elasticidade que descobri é mais escondida e mais universal; portanto, dever-se-ia agradecer-me. Descobri uma nova propriedade da matéria, um dos segredos do Criador; calculei e demonstrei seus efeitos. Podem ironizar o nome que lhe dei? Os turbilhões é que devem ser considerados qualidades ocultas, pois sua existência nunca foi provada. A atração, ao contrário, é uma coisa real, pois seus efeitos são demonstráveis e suas proporções calculáveis. A causa desta causa mora no seio de Deus."

Procedes huc, et non ibis amplius. [7]

DÉCIMA SEXTA CARTA

Sobre a Óptica do Sr. Newton

Um novo universo foi descoberto pelos filósofos do último século. Mundo novo, difícil de conhecer porque nem se desconfiava que existisse. Aos mais sábios parecia uma temeridade ousar somente sonhar que se pudesse adivinhar quais as leis que movem os corpos celestes e como a luz age.

Galileu com suas descobertas astronômicas, Kepler com seus cálculos, Descartes pelo menos com sua dióptrica e Newton em todas as suas obras viram a mecânica das molas do mundo. Na geometria, o infinito foi submetido ao cálculo. A circulação do sangue nos animais e a da seiva nos vegetais transformaram a natureza para nós. A máquina pneumática deu aos corpos uma nova maneira de existir. Os objetos se aproximaram de nossos olhos com a ajuda de telescópios. E enfim, depois de tantas novidades, o que Newton descobriu sobre a luz é digno de tudo o que a humanidade poderia esperar de mais ousado.

Até Antonio de Dominis, o arco-íris parecera um milagre inexplicável. Esse filósofo adivinhou que se tratava de um efeito necessário da chuva e do sol. Descartes imortalizou seu nome pela explicação matemática desse fenômeno tão natural; calculou as reflexões da luz nas gotas da chuva e sua sagacidade pareceu quase divina.

Mas, que teria retrucado se lhe tivessem dito que se enganara sobre a natureza da luz, não possuindo nenhuma razão para afirmar que fosse um corpo globuloso? Que é falso que essa matéria, espalhando-se por todo o universo, só aja quando empurrada pelo Sol, como um longo bastão que agiria numa ponta ao ser pressionado na outra? Que é verdadeiro que seja dardejada pelo Sol, sendo transmitida do Sol à Terra mais ou menos em sete minutos, embora uma bala de canhão, mantendo sempre sua velocidade, só pudesse realizar esse percurso em vinte e cinco anos?

Como se surpreenderia se lhe tivessem dito: "É falso que a luz se reflita diretamente ricocheteando sobre as partes sólidas dos corpos; é falso que os corpos sejam transparentes por terem poros largos; virá um homem que demonstrará esses paradoxos e que anatomizará um único raio de luz com mais destreza do que a de um artista ao dissecar o corpo humano!"

Este homem veio. Newton, contando apenas com o recurso do prisma, demonstrou aos olhos que a luz é um amontoado de raios coloridos que, juntos, formam a cor branca. Um único raio foi dividido por ele em sete raios que vêm depositar-se sobre um lençol ou sobre um papel branco em ordem, um acima do outro em distâncias desiguais. O primeiro é cor de fogo; o segundo, limão; o terceiro, amarelo; o quarto, verde; o quinto, azul; o sexto, índigo; o sétimo, violeta. Cada um deles, joeirado por cem outros prismas, nunca mudará de cor, como o ouro depurado nunca muda nos cadinhos. Para provar sobejamente que cada um desses raios elementares traz em si mesmo aquilo que produz sua cor em nossos olhos, tomai, por exemplo, um pedacinho de madeira amare-

[7] Avançarás até lá, e dali não prosseguirás. (N. do A.)

la, expondo-o ao raio cor de fogo: a madeira tingir-se-á instantaneamente de cor de fogo; se exposta ao raio verde, tomará a cor verde, e assim por diante.

Qual a causa das cores na natureza? Apenas a disposição dos corpos para refletir os raios de uma certa ordem e absorver todos os outros. Que disposição secreta é essa? A espessura das partículas constituintes de um corpo. Como ocorre a reflexão? Supunha-se que era causada pelo ricocheteio dos raios sobre os corpos sólidos, como se fossem balas. De jeito nenhum. Newton ensinou aos filósofos surpresos que os corpos são opacos apenas porque seus poros são largos e a luz se reflete em nossos olhos do seio desses próprios poros; que quanto menores os poros de um corpo, mais este é transparente. Assim, o papel que reflete a luz quando seco transmite-a quando encerado, porque a cera, fechando seus poros, torna-os muito menores.

Examinando a extrema porosidade dos corpos, cada parte tendo seus poros, e cada parte das partes tendo os seus, mostra que não é possível assegurar que exista um milímetro cúbico de matéria sólida no universo. Como nosso espírito está longe de conceber o que seja a matéria!

Tendo decomposto a luz e levando a sagacidade de suas descobertas até demonstrar o meio de conhecer a cor composta pelas cores prismáticas, mostrou que os raios elementares, separados por meio do prisma, só estão arranjados em sua ordem porque são refratadas nessa mesma ordem. Denomina refrangibilidade a propriedade, desconhecida até ele, de romper-se nessa proporção, bem como a refração desigual dos raios, o poder de refratar o vermelho mais do que o laranja, etc.

Os raios mais reflexíveis são os mais refrangíveis. Mostra, portanto, que a reflexão e a refração da luz possuem uma só e mesma causa.

Tantas maravilhas são apenas o começo de suas descobertas. Encontrou o segredo de ver as vibrações e os saltos da luz, que vão e vêm ininterruptamente e que a transmitem ou refletem segundo a espessura das partes que encontram. Ousou calcular a espessura necessária das partículas de ar entre dois vidros sobrepostos, um chato e um convexo num dos lados, a fim de operar esta ou aquela transmissão ou reflexão, e para produzir esta ou aquela cor.

A partir de todas essas combinações, descobriu em que proporção a luz age sobre os corpos e estes sobre ela.

Conheceu tão bem a luz, que pôde determinar os limites da arte de aumentar e ajudar nossos olhos por meio de telescópio.

Descartes, cheio de uma confiança perdoável no ardor provocado pelos albores de uma arte quase descoberta por ele, esperava que as lunetas de alcance lhe permitissem enxergar nos astros objetos tão pequenos como os que distinguimos na Terra.

Newton mostrou não ser possível aperfeiçoar mais as lunetas justamente por causa da refração ou da refrangibilidade que, aproximando os objetos, separa muito seus raios elementares. Calculou nos vidros a proporção do afastamento dos raios vermelhos e azuis. Transportando a demonstração para coisas cuja existência nem suspeitávamos, examina as desigualdades que produz a figura do vidro e aquela produzida pela refrangibilidade. Descobre que se o vidro objetivo da luneta for convexo de um lado e chato de outro, e se este estiver voltado para o objeto, o defeito vindo da construção e da posição do vidro é cinco mil vezes menor do que aquele vindo da refrangibilidade. Assim, não é a figura dos vidros que impede o aperfeiçoamento das lunetas, mas a própria matéria luminosa.

Eis por que inventou um telescópio que mostra os objetos por reflexão e não por refração. Esse novo tipo de luneta é muito difícil de ser feito, mas diz-se na Inglaterra que um telescópio por reflexão de cinco pés tem o mesmo efeito que uma luneta de alcance de cem pés.

DÉCIMA SÉTIMA CARTA

Sobre o Infinito e sobre a Cronologia

O labirinto e o abismo do infinito: caminho novo também percorrido por Newton, de quem recebemos um fio condutor.

Descartes é ainda seu precursor nessa novidade surpreendente. Em sua geometria caminhou a largos passos até o infinito, mas deteve-se às suas margens. O Sr. Wallis, em meados do século passado, foi o primeiro a reduzir uma fração, por uma divisão perpétua, a uma seqüência infinita.

Milorde Brauncker serviu-se dessa seqüência para encontrar o quadrado da hipérbole.

Mercator publicou uma demonstração dessa quadratura. Mais ou menos nessa época, Newton, com vinte e cinco anos, havia inventado um método geral para fazer com todas as curvas o que se fizera com a hipérbole.

Esse método de submeter o infinito ao cálculo algébrico é denominado cálculo diferencial ou das fluxões e cálculo integral. É a arte de numerar e medir com exatidão aquilo cuja existência nem se consegue conceber.

Com efeito, não acreditaríeis que se quereria zombar de vós quando vos dizem que há linhas infinitamente grandes que formam um ângulo infinitamente pequeno? Que uma reta, que o é enquanto for finita, mudando infinitamente pouco de direção torna-se uma curva infinita? Que uma curva pode tornar-se infinitamente menos curva? Que há quadrados de infinito, cubos de infinito, infinitos de infinito cujo penúltimo nada é com relação ao último?

Tudo isso, que à primeira vista parece excesso de irrazão, na verdade é o efeito da finura e da extensão do espírito humano e o método para encontrar verdades até então desconhecidas.

Esse edifício audacioso está fundado sobre idéias simples. Trata-se de medir a diagonal de um quadrado, de obter a área de uma curva, de encontrar a raiz quadrada de um número que não existe da aritmética ordinária.

E tantas ordens de infinitos não devem revoltar a imaginação mais do que a proposição: entre um círculo e uma tangente pode-se fazer passar sempre mais curvas; ou do que esta outra: a matéria é divisível. Desde há muito essas duas verdades estão demonstradas e nem por isso são mais compreensíveis do que o resto.

Durante muito tempo disputou-se com Newton a invenção desse cálculo. Na Alemanha, o Sr. Leibniz passou por inventor das diferenças que Newton denomina fluxões. Bernoulli reivindicou o cálculo integral. Mas a honra da primeira descoberta pertence a Newton — fica para outros a glória de terem podido suscitar dúvidas entre eles e ele.

Assim também contestou-se que Harvey tivesse descoberto a circulação do sangue; Perrault, a da seiva; que Hartsoeker e Leeuwenhoek tivessem sido os primeiros a ver os minúsculos vermezinhos com que somos feitos. Este mesmo Hartsoeker disputou com Huygens a invenção de uma nova maneira de calcular a distância de uma estrela fixa. Ainda não se sabe qual o filósofo que descobriu o problema da roleta.

Seja como for, graças à geometria do infinito, Newton galgou os conhecimentos mais sublimes.

Falta falar ainda de uma outra obra, mais ao alcance do gênero humano, mas que exala o mesmo espírito criador que Newton depositava em todas as suas investigações. Trata-se de uma cronologia totalmente nova, pois tudo que empreendia acabava transformando as idéias admitidas pelos outros homens.

Acostumado a desenredar o caos, quis trazer pelo menos alguma luz ao das fábulas antigas, confundidas com a história, fixando uma cronologia incerta. É verdade que não há família, cidade, nação que não procure recuar sua origem, e além disso, os primeiros historiadores foram sempre os mais negligentes na marcação das datas. Os livros eram mil vezes mais raros do que hoje,

conseqüentemente, menos expostos à crítica — enganava-se o mundo mais impunemente. E visto que se até os fatos foram supostos, muito provavelmente as datas também o foram. De um modo geral, segundo Newton, o mundo seria quinhentos anos mais novo do que dizem os cronologistas. Para fazer tal afirmação Newton recorre à observação do curso ordinário da natureza e a observações astronômicas.

Entende-se por curso ordinário da natureza o tempo de cada geração dos homens. Os egípcios foram os primeiros a usar essa maneira incerta de contar. Ao escreverem os começos de sua história contaram trezentas e quarenta e uma gerações desde Menes até Setão. Não possuindo datas fixas, avaliaram as gerações em trezentos anos. Contaram de Menes a Setão onze mil trezentos e quarenta anos.

Antes de contar por olimpíadas, os gregos contavam como os egípcios e ampliaram um pouco a duração das gerações, elevando cada geração para quarenta anos.

Nesse ponto, gregos e egípcios enganaram-se nos cálculos. É verdade que, segundo o curso ordinário da natureza, três gerações fazem aproximadamente cem anos. Mas não é preciso de modo algum que três reinos tenham esse número de anos. É bastante evidente que, em geral, os homens vivem mais tempo do que os reis a reinar. Assim, um homem que quiser escrever a história sem datas precisas e que souber que houve nove reis numa nação, errará muito se contar trezentos anos para os nove. Cada geração dura aproximadamente trinta e seis anos; cada reino, vinte, um depois do outro. Tomai os trinta reis da Inglaterra, de Guilherme, o Conquistador, a Jorge I. Reinaram seiscentos e quarenta e oito anos, o que, repartido entre os trinta reis, dá mais ou menos vinte e um anos e meio de reino. Sessenta e três reis da França reinaram, um depois do outro, mais ou menos vinte anos cada um. Eis o curso ordinário da natureza. Assim, os antigos se enganaram ao igualar a duração dos reinos e a das gerações. Contaram muito e por isso deve-se diminuir um pouco seus cálculos.

As observações astronômicas parecem trazer uma ajuda maior ao nosso filósofo. Parece mais forte combatendo em seu terreno.

Sabeis, senhor, que além do movimento anual em torno do Sol de ocidente para oriente, a Terra possui ainda uma revolução singular, totalmente desconhecida até os últimos tempos. Seus pólos têm um movimento muito lento de retrogradação do oriente para o ocidente, fazendo com que diariamente sua posição não corresponda exatamente aos mesmos pontos do céu. Essa diferença, insensível num ano, torna-se muito grande com o passar do tempo e no fim de setenta e dois anos a diferença é de um grau, isto é, a tricentésima sexagésima parte de todo céu. Assim, após setenta e dois anos, o coluro do equinócio da primavera, que passava por uma fixa, corresponde a uma outra fixa. Vem daí que o Sol, em vez de estar na parte do céu onde estava o Carneiro no tempo de Hiparco, corresponde à parte do céu onde estava Touro, e os Gêmeos ocupam o lugar que Touro ocupava então. Todos os signos mudaram de lugar. Entretanto, conservamos sempre o modo de falar dos antigos. Dizemos que o Sol está no Carneiro na primavera pela mesma condescendência com que dizemos que gira.

Hiparco foi o primeiro entre os gregos a perceber alguma modificação nas constelações com relação aos equinócios, ou melhor, aprendeu isto com os egípcios. Os filósofos atribuíram esse movimento às estrelas, pois naquela época estava-se longe de supor uma revolução na Terra — acreditava-se que era imóvel em todos os sentidos. Criaram, então, um céu onde pregaram todas as estrelas, deram-lhe um movimento particular que o fazia dirigir-se para o oriente enquanto todas as estrelas pareciam fazer seu caminho diário do oriente para o ocidente. Acrescentaram a esse erro um outro mais essencial: acreditaram que o céu das supostas estrelas fixas avançava cada cem anos um grau para o oriente. Enganaram-se em seus cálculos astronômicos como em sua física. Assim, por exemplo, um de seus astrônomos teria dito então: "O equinócio da primavera esteve, no tempo do observador tal, no signo tal, na estrela tal; desse observador até nós, caminhou dois graus; ora, dois graus equivalem a duzentos anos, portanto, esse observador viveu duzentos anos antes de mim". É certo que um astrônomo que houvesse raciocinado dessa maneira ter-se-ia enganado exatamente em cinqüenta e quatro anos. Foi assim que, duplamente enganados, os antigos compuseram seu grande ano do mundo, isto é, uma revolução do céu todo, durando trinta e seis mil anos. Mas os modernos sabem que essa revolução imaginária do céu das estrelas

é apenas a revolução dos pólos da Terra, feita em vinte e cinco mil e novecentos anos. É bom notar aqui, de passagem, que Newton, determinando a figura da Terra, explicou de um modo muito feliz a razão dessa revolução.

Posto isso, para fixar a cronologia resta ver por qual estrela o coluro do equinócio corta atualmente a eclíptica da primavera e saber se não há algum antigo que nos tenha dito em que ponto a eclíptica era cortada em seu tempo pelo mesmo coluro dos equinócios.

Clemente de Alexandria informa que Chirão, da expedição dos Argonautas, observou as constelações na época da expedição, fixando o equinócio da primavera no Carneiro, o do outono no meio da Balança, o solstício de verão no meio de Câncer, e o de inverno, no meio de Capricórnio.

Muito tempo depois, um ano antes da guerra do Peloponeso, Metão observou que o ponto do solstício de verão passava pelo oitavo grau de Câncer.

Ora, cada signo do zodíaco é de trinta graus. No tempo de Chirão o solstício estava na metade do signo, isto é, no décimo quinto grau; um ano antes da guerra do Peloponeso estava no oitavo. Retardou-se, portanto, em sete graus. Um grau equivale a setenta e dois anos. Assim sendo, entre a expedição dos Argonautas e a guerra do Peloponeso passaram-se quinhentos e quatro anos e não setecentos anos, como diziam os gregos. Comparando-se o estado atual do céu com o de então, vemos que a expedição dos Argonautas deve ser colocada aproximadamente novecentos anos antes de Jesus Cristo e não mil e quatrocentos anos aproximadamente. Conseqüentemente, o mundo tem quinhentos anos menos do que se pensava. Desse modo, todas as épocas se tornaram mais próximas e tudo foi feito mais tarde do que se pensa.

Não sei se esse engenhoso sistema terá grande prestígio e se provocará uma reforma da cronologia do mundo. Talvez os sábios achassem muito atribuir a um só homem a honra de ter aperfeiçoado a física, a geometria e a história. Seria uma espécie de monarquia universal que não agrada muito ao amor-próprio. Por isso, enquanto muitos filósofos atacavam seu sistema da atração, outros combatiam seu sistema cronológico. O tempo, que deveria apontar a quem cabe a vitória, talvez só consiga tornar a disputa ainda mais indecisa.

Décima Oitava Carta

Sobre a Tragédia

Os ingleses (e também os espanhóis) já possuíam um teatro na época em que os franceses só possuíam tablados. Shakespeare, considerado o Corneille inglês, florescia mais ou menos na mesma ocasião em que Lope de Vega. Criou o teatro. Tinha um gênio cheio de força e de fecundidade, natural e sublime, sem a menor chama de bom gosto e sem o menor conhecimento das regras. Vou dizer uma coisa um tanto temerária, mas verdadeira: foi o mérito desse autor que perdeu o teatro inglês. Há cenas tão belas, trechos tão grandiosos e terríveis espalhados em suas farsas monstruosas, chamadas tragédias, que suas peças foram sempre representadas com sucesso. O tempo, único responsável pela reputação dos homens, acaba tornando respeitáveis seus defeitos. A maioria das idéias bizarras e gigantescas desse autor ao cabo de duzentos anos adquiriu o direito de passar por sublime. Quase todos os autores modernos as copiaram, mas o que era êxito em Shakespeare torna-se um fiasco nos outros. E podeis crer: a veneração pelo antigo aumenta à medida que cresce o desprezo pelos modernos. A reflexão deveria mostrar que não se deve imitá-lo. Em vez disso, o insucesso de seus copiadores faz somente com que se creia que é inimitável.

Sabeis que na tragédia do *Mouro de Veneza,* peça muito tocante, um marido estrangula sua mulher no palco, e quando a pobre mulher já está estrangulada, grita que está morrendo injustamente. Não ignorais que, no *Hamlet,* coveiros cavam uma cova bebendo, cantando cançonetas satíricas e gracejando sobre as cabeças dos mortos que encontram, duma maneira digna da gente de seu ofício. Mas o que há de surpreender-vos é que essas tolices foram imitadas no reinado de Carlos II, que, no entanto, foi a idade de ouro das belas-artes e da polidez.

Otway, em sua *Veneza Salva,* introduz o Senador Antônio e a cortesã Naki em meio aos horrores da conspiração do Marquês de Bedmar. O velho Senador Antônio realiza junto à sua cortesã todas as macaquices de um velho debochado, impotente e fora do bom senso. Imita o touro e o cachorro, morde as pernas de sua amante, que lhe dá pontapés e chicotadas. Essas palhaçadas, feitas para a canalha mais vil, foram retiradas da peça de Otway, e, no entanto, deixaram no *Júlio César* de Shakespeare gracejos de cordoeiros e sapateiros romanos, introduzidos na peça com Brutus e Cassius. É que a tolice de Otway é moderna, e a de Shakespeare, antiga.

Sem dúvida estais a lamentar que aqueles que vos falaram do teatro inglês e do famoso Shakespeare só tenham mostrado seus erros e que ninguém tenha traduzido qualquer dos trechos que pedem perdão por todas as suas faltas. Respondo-vos que é muito fácil contar em prosa os erros de um poeta, mas muito difícil traduzir seus belos versos. Todos os rabugentos que se erigem em críticos dos escritores célebres compilam volumes; preferiria duas páginas que me mostrassem algumas belezas, pois manterei sempre, com as pessoas de bom gosto, que se aproveita mais com doze versos de Homero e Virgílio do que com todas as críticas feitas a respeito desses dois grandes homens.

Arrisquei traduzir alguns trechos dos melhores poetas ingleses. Aqui está um de Shakespeare. Perdoai a cópia em favor do original e lembrai-vos, sempre, quando virdes uma tradução, que vedes uma fraca estampa de um belo quadro.

Escolhi o monólogo de *Hamlet,* conhecido de todos, e que começa com estes versos: "To be or not to be, that is the question".

Hamlet, príncipe da Dinamarca, fala:[8]

"Fica. É preciso escolher e passar num instante
Da vida à morte, ou do ser ao nada.
Deuses cruéis! se existis, iluminai minha coragem.
É preciso envelhecer curvado sob a mão que me ultraja?
Deve suceder talvez às doçuras do sono.
Ameaçam-nos. Dizem-nos que esta curta vida
De tormentos eternos é logo seguida.
Ó morte! Ó momento fatal! terrível eternidade!
Todo coração só ao teu nome enregela, apavorado.
Oh! quem poderia sem ti suportar esta vida,
De nossos Padres mentirosos suportar a hipocrisia?
De uma indigna amante incensar os erros?
Arrastar sob um Ministro, adorar sua altivez?
E mostrar os langores de sua alma abatida
A amigos ingratos que desviam a vista?
A morte, seria muito doce nesses extremos;
Mas o escrúpulo fala e nos grita: Parai!

Suportar ou acabar minha infelicidade e minha sina?
Quem sou? Que me detém? Que é a morte?
É o fim dos males, é meu único asilo;
Após longos transportes, um sono tranqüilo.

[8] Seria muito útil que o leitor confrontasse o texto de Shakespeare com o de Voltaire. Hamlet, nos versos voltairianos, perde sua universalidade trágica para converter-se num atormentado nobre francês católico, às voltas com a corte decadente de Versalhes! A crítica da tradução literal, feita logo a seguir por Voltaire, é muito sugestiva. De um modo geral, a tradução de Voltaire é uma transposição da problemática inglesa para a francesa. Isto é bem nítido nas poesias das próximas páginas, onde o tom anticlerical e antifilosófico é muito pouco inglês e bastante francês. Há uma espécie de tráfico ideológico na base das traduções "livres" feitas pelo autor. (N. do T.)

Dorme-se e tudo morre. Mas um terrível despertar
Proíbe às nossas mãos este horrível homicídio,
E de um herói guerreiro faz um cristão tímido".

Não acrediteis que traduzi o inglês palavra por palavra. Infelizes os que fazem traduções literais, que traduzindo cada palavra enervam o sentido! É nessa hora que se pode dizer que a letra mata e o espírito vivifica.

Eis ainda uma passagem de um famoso trágico inglês, Dryder, poeta do tempo de Carlos II, autor mais fecundo que judicioso, cuja reputação teria sido sem mancha se tivesse escrito a décima parte de suas obras e cujo grande defeito foi o de ter desejado ser universal.

"When I consider life, t'is all a cheat.
Yet fool'd by hope men favour deceit".

"Dos propósitos aos remorsos, dos erros aos desejos
Os mortais passeiam sua loucura.
Nas infelicidades presentes, na esperança dos prazeres
Não vivemos nunca, esperamos a vida.
Amanhã, amanhã, diz-se, vai cumular todos os novos votos.
Amanhã vem, e nos deixa ainda mais infelizes.
Qual o erro, ai de nós! do cuidado que nos devora?
Nenhum de nós quereria recomeçar seu caminho:
De nossos primeiros momentos amaldiçoamos a aurora,
E da noite que vem esperamos ainda
O que em vão prometeram os mais belos de nossos dias".

Nesses trechos isolados os trágicos ingleses se sobressaem. Suas peças, quase todas bárbaras, desprovidas de conveniência, de ordem, de verossimilhança, têm lampejos surpreendentes no meio dessa noite. O estilo é muito empolado, muito artificial, muito copiado dos escritores hebraicos, tão cheios de ênfase asiática. Mas é preciso admitir que as pernas de pau do estilo figurado, sobre as quais a língua inglesa torna-se pomposa, também elevam bem alto o espírito, embora numa marcha irregular.

O primeiro inglês que escreveu uma peça razoável e elegante, do começo ao fim, foi o ilustre Sr. Addison. Seu *Catão de Utica* é uma obra-prima pela dicção e pela beleza dos versos. Para meu gosto, o papel de Catão é muito superior ao de Cornélio no *Pompeu,* de Corneille, pois Catão é grande sem afetação e Cornélio, aliás personagem desnecessária, chega às vezes ao galimatias. O Catão do Sr. Addison parece-me a mais bela personagem do teatro, mas os outros papéis da peça não estão à sua altura, e a obra, embora bem escrita, é desfigurada por uma intriga de amor fria, espalhando pela peça um langor que a mata.

O costume de introduzir o amor a torto e a direito nas obras dramáticas passou de Paris a Londres por volta de 1660, com nossas fitas e perucas. As mulheres que enfeitam os espetáculos, como aqui, só querem que se lhes fale de amor. O sábio Addison teve a fraca complacência de dobrar a severidade de seu caráter aos costumes de seu tempo e estragou uma obra-prima porque quis agradar.

Depois dele, as peças se tornaram mais regulares, o povo mais difícil, os autores mais corretos e menos ousados. Vi peças novas muito sábias, mas frias. Parece que até agora os ingleses foram feitos só para produzir belezas irregulares. Os monstros brilhantes de Shakespeare agradam mil vezes mais que a sabedoria moderna. O gênio poético dos ingleses assemelha-se, até agora, a uma árvore espessa plantada pela natureza, lançando ao léu mil ramos e crescendo irregularmente e com força. Morrerá se quiserdes forçar sua natureza e podá-la como as árvores de Marly.

DÉCIMA NONA CARTA

Sobre a Comédia

Não sei como o sábio e engenhoso Sr. de Muralt, de quem tendes cartas sobre os ingleses e sobre os franceses, falando da comédia, limitou-se a criticar um cômico chamado Shadwell, autor muito desprezado em seu tempo. Não era o poeta da gente honesta. Suas peças, saboreadas pelo povo durante algumas representações, eram desdenhadas por toda gente de bom gosto e assemelhavam-se a tantas peças que vi, na França, atraírem a massa e revoltarem os leitores. Delas pôde-se dizer:

"Paris inteira as condena; Paris inteira as celebra".

O Sr. de Muralt deveria ter-nos falado de um autor excelente que vivia nessa época: o Sr. Wicherley, por muito tempo amante declarado da favorita mais ilustre de Carlos II. Esse homem, vivendo na alta roda, conhecia perfeitamente seus vícios e ridículos, pintando-os com pincel firme e cores verdadeiras.

Fez um misantropo copiado de Molière. Todos os traços de Wicherley são mais fortes e ousados do que os do nosso misantropo, mas menos finos e convenientes. O autor inglês corrigiu um único defeito que existe na peça de Molière: a falta de intriga e de interesse. A peça inglesa é interessante, a intriga, engenhosa, muito ousada para nossos hábitos. Um capitão de navio, cheio de valor, de franqueza e de desprezo pelo gênero humano, tem um amigo sábio e sincero de quem desconfia, e uma amante por quem é ternamente amado, mas sobre a qual não se digna lançar os olhos. Ao contrário, depositou toda a sua confiança num amigo falso e homem indigno, e deu seu coração à mais vaidosa e pérfida das mulheres. Está certo de que esta mulher é uma Penélope e de que o amigo é um Catão. Parte para combater os holandeses, deixando todo seu dinheiro, pedrarias e todos os bens a esta mulher, recomendando-a ao amigo, com quem conta muito. No entanto, o verdadeiro homem honesto, de quem desconfia, embarca com ele; e a amante, a quem nem se dignou olhar, disfarça-se de pajem e viaja sem que o capitão se aperceba de seu sexo durante toda a campanha.

Tendo seu navio explodido numa batalha, o capitão volta a Londres sem recursos, sem navio e sem dinheiro, com seu pajem e seu amigo, desconhecendo a amizade de um e o amor da outra. Vai diretamente à casa da pérola das mulheres, que espera reencontrar com seu baú e com sua fidelidade. Encontra-a casada com o honesto patife em quem confiara. Guardaram seu depósito tanto quanto o resto. O homem tem a maior dificuldade do mundo para crer que uma mulher de bem possa pregar tais peças. Para melhor convencê-lo, a dama honesta toma-se de amores pelo pajenzinho e quer tomá-lo à força. Mas como é preciso que se faça justiça e que, numa peça de teatro, o vício deva ser punido e a virtude recompensada, acontece que no final das contas o capitão se põe no lugar do pajem, dorme com a infiel, corneia seu amigo traidor, dá-lhe uma boa estocada no corpo, retoma seu baú e casa-se com o pajem. Notareis ainda que se entremeou na peça uma Condessa de Pimbesche, velha intrigante, parente do capitão, e a mais divertida criatura e o melhor caráter existentes no teatro.

Wicherley tirou ainda de Molière uma peça não menos singular e ousada, uma espécie de *Escola de Mulheres*.

A principal personagem da peça é um gozador muito rico, terror dos maridos de Londres, que resolveu espalhar a notícia de que durante sua última doença os cirurgiões resolveram torná-lo eunuco. Com esta bela reputação todos os maridos levam-lhe as mulheres e o pobre homem só tem o embaraço da escolha. Dá preferência a uma camponezinha, muito inocente e temperamental, que corneia o marido com uma boa fé que vale mais do que a malícia das damas experientes. Essa peça não é bem uma escola de bons costumes, mas, na verdade, uma escola de espírito e de bom cômico.

Um tal de Cavaleiro Vanbrugh escreveu comédias ainda mais engraçadas e menos engenhosas. Era um homem do prazer e, acima disso, poeta e arquiteto. Pretende-se que escrevia como construía: um tanto grosseiramente. Foi o construtor do famoso castelo de Blenheim, monumento pesado e durável de nossa infeliz batalha de Hochstedt. Se os apartamentos fossem tão grandes como são espessas as muralhas, o castelo talvez fosse bem cômodo.

Colocou-se em seu epitáfio: espera-se que a terra não lhe seja leve, visto que, enquanto vivo, sobrecarregou-a desumanamente.

Esse cavaleiro, tendo feito uma viagem pela França antes da guerra de 1701, foi posto na Bastilha, aí permanecendo algum tempo, sem nunca saber o que lhe teria valido essa distinção da parte de nosso Ministério. Escreveu uma comédia na Bastilha. Em minha opinião é muito estranho que não haja na peça nenhum traço contra o país onde agüentou essa violência.

Dentre todos os ingleses, foi o Sr. Congreve quem alçou mais alto a glória do teatro cômico. Escreveu poucas peças, mas todas excelentes em seu gênero. Nelas as regras do teatro são rigorosamente observadas. Estão cheias de caracteres matizados com extrema finura. Não tenta nenhum gracejo de mau gosto. Em toda parte vê-se a linguagem de gente honesta nas ações de patife — o que prova que conhecia bem o seu mundo e que vivia naquilo que se chama de boa companhia. Estava enfermo e quase moribundo quando o conheci. Seu defeito era estimar pouco seu primeiro ofício de autor, que lhe dera reputação e fortuna. Falava-me de suas obras como se fossem bagatelas abaixo dele. Em nossa primeira conversa, disse-me que o encarasse apenas como a um gentil-homem que vivia muito simplesmente. Respondi-lhe que se fosse um gentil-homem que vivesse como todos os outros nunca teria vindo vê-lo e fiquei muito chocado com essa vaidade tão deslocada.

Suas peças são as mais espirituais e exatas; as de Vanbrugh, as mais alegres, e as de Wicherley, as mais fortes.

É notável que nenhum deles tenha falado mal de Molière. Só os maus autores ingleses o fizeram. São os maus músicos italianos que desprezam Lullio, mas um Buononcini o estima e lhe rende justiça, assim como um Mead diante de Helvetius e de Silva.

A Inglaterra tem também bons poetas cômicos, como o Cavaleiro Steele e o Sr. Cibber, excelente comediante e poeta do rei, título que parece ridículo mas que lhe rende mil escudos e belos privilégios. Nosso grande Corneille não conseguiu tanto.

Não me peçais que entre em menores detalhes sobre essas comédias inglesas de que sou grande partidário, nem que vos conte um trocadilho ou um gracejo dos Wicherley ou dos Congreve: não se ri numa tradução. O único meio para conhecer a comédia inglesa é vir a Londres, permanecer três anos, aprender bem o inglês e ver comédia todos os dias. Não tenho grande prazer lendo Plauto ou Aristófanes. Por quê? Porque não sou romano nem grego. A finura dos trocadilhos, a alusão, o a-calhar perdem-se para um estrangeiro.

O mesmo não ocorre com a tragédia. Nela só há grandes paixões e tolices heróicas, consagradas por velhos erros de fábula ou de história. *Édipo, Eletra* pertencem aos espanhóis, aos ingleses e a nós, como aos gregos. Mas a boa comédia e a pintura falante dos ridículos de uma nação e se não conheceis a nação a fundo não podereis julgar a pintura.

VIGÉSIMA CARTA

Sobre os Senhores que Cultivam as Letras

Houve um tempo, na França, em que as belas-artes eram cultivadas pelos primeiros do Estado. Sobretudo os cortesãos se metiam nisso, malgrado a dissipação, o gosto das insignificâncias, a paixão pela intriga, divindades do país.

Atualmente parece que o gosto da corte nada tem a ver com o das letras. Talvez com o

tempo a moda de pensar volte — basta que um rei queira. Faz-se dessa nação tudo que se quiser. Na Inglaterra o hábito de pensar é comum e as letras são mais honradas aqui do que na França. Essa vantagem é uma conseqüência necessária da forma de governo. Há em Londres aproximadamente oitocentas pessoas com o direito de falar em público e de defender os interesses da nação; por sua vez, mais ou menos umas cinco ou seis mil pretendem a mesma honra; o restante erige-se em juiz daqueles e cada um pode mandar imprimir o que pensa sobre os negócios públicos. Resultado: toda a nação necessita instruir-se. Fala-se muito dos governos de Roma e de Atenas; embora fastidioso, é preciso ler os autores que escreveram a esse respeito. Tal estudo conduz naturalmente às belas-letras. Em geral, os homens possuem o espírito de sua posição. Por que, ordinariamente, nossos magistrados, nossos advogados, nossos médicos e muitos de nossos eclesiásticos conhecem mais as letras, têm mais gosto e espírito do que os outros profissionais? É que realmente sua condição social consiste em ter um espírito cultivado, como a de um comerciante consiste em conhecer seu negócio. Não há muito tempo, um jovem lorde inglês veio ver-me em Paris, ao voltar da Itália. Fizera uma descrição em versos do país tão bem escrita como tudo o que escreveram o Conde de Rochester, nossos Chalieu, nossos Sarrasin e nossos Chapelle.

Minha tradução perdeu muito da força e da graça originais, por isso peço perdão ao autor e aos que conhecem o inglês, mas, como não há outro meio para divulgar os versos de Milorde. . . , aí vão em minha língua:

"Que vi, pois, na Itália?
Orgulho, astúcia e pobreza,
Grandes cumprimentos, pouca bondade
E muita cerimônia.
A extravagante comédia
Que freqüentemente a Inquisição
Quer que se denomine religião;
Mas que nós chamamos loucura.
A natureza, em vão benéfica,
Quer enriquecer esses lugares encantadores;
Dos padres a mão desoladora
Sufoca seus mais belos presentes.
Os Monsignors, que se dizem grandes,
Solitários em seus palácios magníficos
Neles são ilustres desocupados,
Sem dinheiro, sem domésticos.
Quanto aos pequenos, sem liberdade,
Mártires do jugo que os domina,
Fizeram votos de pobreza,
Orando a Deus por ociosidade
E sempre jejuando por fome.
Esses belos lugares, pelo Papa benditos,
Parecem habitados pelos diabos
E os habitantes miseráveis
São condenados no paraíso".

Talvez se diga que são versos de um herege. Mas traduzem-se todos os dias, e freqüentemente mal, os de Horácio e Juvenal, que tinham a infelicidade de serem pagãos. Sabeis que um tradutor não precisa ter os mesmos sentimentos que o autor. Tudo o que pode fazer é rezar a Deus por sua conversão — é o que não me canso de fazer por milorde.

VIGÉSIMA PRIMEIRA CARTA

Sobre o Conde de Rochester e o Sr. Waller

Todos conhecem a reputação do conde de Rochester. O Sr. de Saint-Évremond falou muito dela, mas só nos deu a conhecer o homem do prazer, o felizardo. De minha parte, gostaria de mostrar o homem de gênio e o grande poeta. Entre outras obras onde brilha a imaginação ardente que só ele possui, também escreveu algumas sátiras sobre os mesmos assuntos que nosso célebre Despréaux. Nada melhor para aperfeiçoar o gosto do que comparar os grandes gênios que se exercitaram sobre a mesma matéria.

Eis o que diz Despréaux sobre a razão humana, na sátira sobre o homem:

"Entretanto, ao vê-lo, cheio de leves vapores
Acalentar-se com suas próprias quimeras,
Só ele da natureza a base e o apoio
E o décimo céu girando apenas para ele.
De todos os animais está aqui o senhor.
Quem poderia negar, prossegues? Eu, talvez.
Esse pretenso senhor, quem lhe dá leis?
Esse rei dos animais, quantos reis há?"

Eis como se exprime Rochester, embora volte a lembrar que a versificação francesa não consegue ser fiel à inglesa; as decências delicadas de nossa língua deixam escapar a licença impetuosa do estilo inglês:

"Este espírito que odeio, este espírito cheio de erro,
Não é minha razão, é a tua, Doutor;
É tua razão frívola, inquieta, orgulhosa,
Dos sábios animais rival desdenhosa,
Que crê entre eles e o Anjo ocupar o meio,
E pensa ser a imagem de teu Deus,
Vil átomo importuno, que crê, que duvida, que disputa.
Rasteja, levanta, cai e nega ainda sua queda;
Que nos diz 'sou livre', mostrando seus ferros,
E cujo olho perturbado e falso crê transpassar o universo.
Ide, reverendos loucos, bem-aventurados fanáticos!
Complicai bem a montoeira de vossos nadas escolásticos!
Pais de visões e de enigmas sagrados,
Autores do labirinto onde vos perdeis,
Ide obscuramente esclarecer vossos mistérios.
E correi à escola adorar vossas quimeras.
Esse mistério enclausurado, orgulhoso de sua indoléncia,
Tranqüilo no seio de Deus, que pode fazer aí?
Pensa.
Não, não pensas, miserável, dormes.
Inútil à terra e posto entre os mortos,
Desperta, sê homem e sai de tua embriaguez.
O homem nasceu para agir, e tu pretendes pensar!"

Falsas ou verdadeiras, essas idéias são expressas com energia por um grande poeta. Não examinarei a coisa como filósofo, não trocarei o pincel pelo compasso. Nesta carta pretendo apenas revelar o gênio dos poetas ingleses, mais nada. E continuo no mesmo tom.

Na França, ouviu-se falar muito sôbre o célebre Waller. Os Srs. de Le Fontaine, de Saint-Évremond e Bayle fizeram seu elogio, mas na verdade só se conhece seu nome. Em Londres teve a mesma reputação que Voiture em Paris, mas creio que merecia coisa melhor. Voiture viveu num tempo de barbaria e de ignorância. Queria-se ter espírito, mas ainda não se tinha. Buscavam-se torres em vez de pensamentos, e os falsos brilhantes são mais encontradiços do que as pedras preciosas. Voiture nasceu com um gênio fácil e frívolo; foi o primeiro a brilhar na aurora da literatura francesa. Se tivesse vivido depois dos grandes homens da época de Luís XIV, teria sido um desconhecido, ter-se-ia falado dele para corrigi-lo ou desprezá-lo. Waller, melhor do que Voiture, ainda não era perfeito. Suas obras galantes respiram graça, mas a negligência as enlanguesce e, freqüentemente, pensamentos falsos a desfiguram. Os ingleses ainda não haviam chegado ao seu tempo de escrita escorreita. Suas obras sérias são cheias de vigor, inesperado ante a suavidade de outras peças. Fez o elogio fúnebre de Cromwell, que apesar dos defeitos é tido por obra-prima. Para compreender essa obra é preciso lembrar-se de que Cromwell morreu num dia de tempestade.

"Ele não existe mais; foi-se. Sejamos submissos ao destino:
O céu assinalou o dia com tempestades,
E a voz do trovão, explodindo sobre nossas cabeças,
Acaba de anunciar sua morte.
Por seus últimos suspiros, abala esta ilha,
Esta ilha que seu braço fez tremer tantas vezes
Quando em suas empresas quebrava a cabeça aos reis
E submetia o povo a seu jugo, único dócil", etc.

Tendo feito versos para Carlos II, o dicionário de Bayle conta que Waller teria sido criticado pelo rei porque o elogio de Cromwell fora superior ao seu. Ao que Waller teria respondido: "Sire, nós, poetas, temos mais êxito na ficção do que na verdade". Resposta menos sincera do que a do embaixador da Holanda ao mesmo rei e pelas mesmas lamúrias: "Ah! Sire, Cromwell era outra coisa".

Minha intenção não é comentar o caráter de Waller ou de qualquer outro; considero os mortos apenas por suas obras, o resto não me concerne. Observo somente que Waller, nascido na corte, com sessenta mil libras de renda, nunca teve o orgulho tolo nem a moleza de abandonar seu talento. Os condes de Dorset e de Roscommon, os dois duques de Buckingham, Milorde Halifax e tantos outros nunca acrediram faltar à dignidade por se tornarem grandes poetas e escritores ilustres. Suas obras vêm honrá-los mais do que seus nomes. Cultivaram as letras como se esperassem delas sua fortuna. Tornaram as artes respeitáveis aos olhos do povo que, em tudo, precisa ser corrigido pelos grandes, e que, no entanto, se regula menos por eles na Inglaterra do que em todos os outros lugares.

VIGÉSIMA SEGUNDA CARTA

Sobre o Sr. Pope e Alguns Poetas Famosos

Gostaria de falar-vos sobre o Sr. Prior, um dos poetas mais amáveis da Inglaterra, que vistes em Paris como plenipotenciário e enviado extraordinário em 1712. Esperava também dar-vos alguma idéia das poesias de Milorde Roscommon e de Milorde Dorset. Entretanto, sinto que preci-

saria escrever um volume muito grande e que depois de muito trabalho só vos ofereceria uma idéia muito imperfeita de todas essas obras. A poesia é uma espécie de música: é preciso ouvi-la para julgá-la. Quando traduzo alguns trechos dessas poesias estrangeiras, anoto imperfeitamente sua música, mas não posso exprimir o sabor de seu canto.

Há especialmente um poema inglês que gostaria que conhecêsseis. Chama-se *Hudibras,* a guerra civil dos puritanos ridicularizada. É *D. Quixote* mais nossa *Sátira Menipéia* fundidos. De todos os livros que li, é o mais espirituoso e também o mais intraduzível. Quem acreditaria na impossibilidade de traduzir um livro que apanha todos os ridículos do gênero humano, tendo mais pensamentos do que palavras? É que nele quase tudo alude a aventuras particulares. O ridículo maior recai sobre os teólogos, que pouquíssimos compreendem. E assim, a cada momento seria preciso um comentário e o gracejo explicado deixa de ser gracejo: todo comentador de piadas é um tonto.

Por isso nunca os franceses entenderão os livros engenhosos do Dr. Swift, chamado o Rabelais da Inglaterra. Tem a honra de ser padre como Rabelais, e de zombar de tudo, como este. Mas em minha modesta opinião, é uma grande injustiça chamá-lo assim. Rabelais, em seu livro extravagante e ininteligível, espalhou muita hilaridade e muita impertinência; prodigalizou erudição, lixo e tédio. Um bom conto de duas páginas é comprado com volumes de tolices. Só algumas pessoas de gosto muito esquisito gabam-se de entender e de gostar da obra toda. O resto da nação ri das graças de Rabelais e despreza o livro. Encarando-o como o maior dos bufões, as pessoas zangam-se porque um homem de tanto espírito o tenha usado tão miseravelmente. É um filósofo ébrio que só escreveu no tempo de sua embriaguez.

O Sr. Swift é Rabelais em seu bom senso e vivendo em boa companhia. Na verdade não tem a alegria deste, mas possui a finura, a razão, a escolha, o bom gosto que faltam ao nosso cura de Meudon. Seus versos têm um gosto singular e quase inimitável. O bom gracejo é a parte que lhe toca em verso e em prosa. Mas para bem compreendê-lo é preciso fazer uma pequena viagem até seu país.

Podeis fazer mais facilmente certa idéia do Sr. Pope, que creio seja o poeta mais correto, mais elegante e, o que é bem raro, mais harmonioso da Inglaterra. Reduziu os silvos azedos da trombeta inglesa aos sons doces da flauta. Pode-se traduzi-lo porque é extremamente claro, e seus assuntos, muito gerais e da alçada de todas as nações.

A França logo conhecerá seu *Ensaio sobre a Crítica,* na tradução em versos feita pelo Abade du Resnel.

Eis um trecho de seu poema *A Madeixa de Cabelo,* que acabo de traduzir com a liberdade de sempre. Ainda uma vez, repito que não vejo coisa pior do que traduzir um poeta palavra por palavra.

"Umbriel, num instante, velho gnomo mal-humorado,
Vai, com uma asa pesada e um ar carrancudo,
Procurar, murmurando, a caverna profunda
Que, longe dos doces raios que espalha o olho do mundo,
A Deusa dos vapores escolheu para sua morada.
Os tristes aquilões silvam em volta
E o sopro malsão de seu árido hálito
Traz aos arredores a febre e a cefaléia.
Sobre um rico sofá, atrás de um biombo
Longe das chamas, do ruído, das vozes e do vento
A caprichosa deusa incessantemente repousa,
O coração cheio de pena, sem saber a causa,
Não tendo jamais pensado, o espírito sempre perturbado,
O cenho carregado, a tez pálida e o abdômen inchado.
A maledicente Inveja está sentada aos seus pés.

Velho espectro feminino, decrépita donzela,
Com ar devoto dilacerando seu próximo
E zombando das gentes, o Evangelho nas mãos.
Sobre um leito florido negligentemente jogada
Uma jovem beleza não longe dela está deitada.
É a Afetação, que fala guturalmente,
Ouve sem escutar e esguelha ao olhar,
Que enrubesce sem pudor e ri de tudo sem alegria,
De cem males pretende ser a presa
E cheia de saúde sob o rouge *e a máscara*
Lamenta-se com langor e desfalece com arte."

Já é o suficiente para ser honesto com os poetas ingleses. Já vos falei um pouco sobre seus filósofos. Quanto a seus historiadores, ainda não os conheço — foi preciso que um francês lhes escrevesse a história. Talvez o gênio inglês, frio ou impetuoso, ainda não tenha alcançado a eloqüência singela e nobre da história. Talvez, também, o espírito partidário, que perturba a visão, tenha desacreditado seus historiadores: metade da nação é sempre inimiga da outra. Encontrei gente que me assegurou que Milorde Bourough era um poltrão, e o Sr. Pope, um tolo, como na França alguns jesuítas acham Pascal medíocre, e alguns jansenistas consideram o Padre Bourdalouse um tagarela. Maria Stuart é uma santa heroína para os jacobitas; uma debochada, uma adúltera, uma homicida, para outros. Na Inglaterra têm-se *facta* e não história. É verdade que atualmente o Sr. Gordon, excelente tradutor de Tácito, é bem capaz de escrever a história de seu país, mas o Sr. Rapin de Thayras o precaveu. Enfim, parece-me que os ingleses não possuem tão bons historiadores como nós, nem tão bons trágicos, mas possuem boas comédias, trechos admiráveis de poesia e filósofos que deveriam ser os preceptores do gênero humano.

Os ingleses aproveitaram muito as obras de nossa língua. Por nossa vez, deveríamos tomar emprestado deles, depois de tanto lhes darmos. Nós e os ingleses viemos só depois dos italianos, nossos mestres em tudo e que ultrapassamos em algumas coisas. Não sei a qual das três nações devemos dar a preferência, mas feliz daquele que sabe perceber suas diferenças!

VIGÉSIMA TERCEIRA CARTA

Sobre a Consideração que se Deve Ter pela Gente de Letras

Na Inglaterra, como em todos os países do mundo, não existem estabelecimentos em favor das belas-artes como na França. Em quase toda parte há universidades; somente na França encontram-se esses úteis encorajamentos para a astronomia, para todas as partes da matemática, para a medicina, para as investigações sobre a Antiguidade, para a pintura, a escultura e a arquitetura. Luís XIV imortalizou-se por todas essas fundações, que não lhe custaram duzentos mil francos por ano.

Confesso minha grande surpresa ao ver que o Parlamento da Inglaterra, que resolveu prometer vinte mil guinéus a quem fizesse a descoberta impossível das longitudes, não tenha nunca pensado em imitar Luís XIV em sua magnanimidade para com as artes.

Na verdade, na Inglaterra o mérito encontra outras recompensas mais honrosas para a nação. O respeito que seu povo tem pelo trabalho faz com que um homem de mérito sempre alcance fortuna. Na França, o Sr. Addison teria pertencido a alguma academia, teria podido obter, pelos créditos de alguma mulher, uma pensão de mil e duzentas libras, ou melhor, ter-lhe-iam criado um caso sob o pretexto de que em sua tragédia *Catão* percebera-se algum trecho contra o porteiro de um homem de posição. Na Inglaterra, foi secretário de Estado. O Sr. Newton era intendente da Casa da Moeda; o Sr. Congreve possuía um cargo importante; o Sr. Prior era

plenipotenciário. O Dr. Swift é deão da Irlanda e mais considerado do que o primaz. Se a religião do Sr. Pope não lhe permite ter um lugar, não lhe impede, contudo, de receber duzentos mil francos por sua tradução de Homero. Na França vi o autor de *Rhamadisto* quase morrer de fome; e o filho de um dos maiores homens que a França já teve e começava a seguir os passos de seu pai, reduzido à miséria se não fosse o Sr. Fagon. O que mais encoraja as artes na Inglaterra é a consideração que se tem por elas — o retrato de um ministro encontra-se no alto da lareira de seu escritório, mas vi o do Sr. Pope em vinte casas.

O Sr. Newton era honrado enquanto vivo e assim continuou depois de morto. Os principais da nação disputaram carregar o caixão dele. Entrai em Westminster. Não são os túmulos dos reis que aí são admirados, mas os monumentos que o reconhecimento da nação erigiu aos maiores homens que contribuíram para sua glória. Vereis suas estátuas como em Atenas as de Sófocles e Platão. Estou certo de que a simples vista desses gloriosos monumentos excitou mais de um espírito e formou mais de um grande homem.

Chegou-se mesmo a censurar os ingleses por terem ido muito longe nas honras que prestam ao simples mérito. Achou-se o que recriminar-lhes por terem enterrado em Westminster a atriz Srta. Oldfield quase com as mesmas honras que recebeu o Sr. Newton. Outros pretenderam que os ingleses honraram dessa maneira a atriz apenas para nos fazerem sentir ainda mais a bárbara e covarde injustiça que cometemos lançando o corpo da Srta. Lecouvreur num monturo.

Posso assegurar-vos, porém, que nas pompas fúnebres da Srta. Oldfield, enterrada no St. Denis da Inglaterra, os ingleses consultaram apenas seu gosto. Estão longe de infamar a arte de Sófocles e de Eurípedes, excluindo do corpo de seus cidadãos aqueles que se consagram a declamar diante deles as obras de que a nação se glorifica.

No tempo de Carlos I e no início das guerras civis, começadas pelos rigoristas fanáticos, suas próprias vítimas afinal, escrevia-se muito contra os espetáculos, sobretudo porque eram muito apreciados pelo rei e por sua mulher (filha de nosso Henrique, o Grande).

Um doutor chamado Prynne, escrupuloso a mais não poder, que acreditaria estar condenado se usasse uma sotaina em vez de um casaco curto, e que teria querido que a metade dos homens massacrasse a outra para a glória de Deus e a "Propaganda Fidei", resolveu escrever um livro muito ruim contra comédias muito boas, representadas diariamente com inocência diante do rei e da rainha. Citou a autoridade dos rabinos e alguns trechos de São Boaventura para provar que o *Édipo*, de Sófocles, era obra do maligno, que Terêncio deveria ser excomungado ipso facto, que Brutus, transformado em severo jansenista, havia assassinado César só porque este era grão-sacerdote e compusera uma tragédia de *Édipo*. Enfim, dizia que todos os que assistiam a espetáculos eram excomungados, renegando sua crisma e seu batismo. Ultrajava, pois, toda a família real. Os ingleses respeitavam Carlos I e não suportaram que se falasse em excomungar este príncipe, cuja cabeça depois eles próprios acabaram cortando. O Sr. Prynne foi citado diante da Câmara estrelada, condenado a ver seu belo livro queimado pelo carrasco e a ter suas próprias orelhas cortadas. Seu processo pode ser lido nas atas públicas.

Na Itália tem-se o cuidado de não desonrar a ópera nem de excomungar o Signor Senesino ou a Signora Cuzzoni. Quanto a mim, ousaria dizer que na França deveriam ser queimados alguns maus livros contra os espetáculos, pois quando italianos e ingleses ficam sabendo que manchamos de infâmia uma arte em que nos sobressaímos, que condenamos como ímpio um espetáculo representado para os religiosos e nos conventos, que desonramos os jogos nos quais Luís XIV e Luís XV foram atores, que declaramos obra do demônio peças revistas pelos mais severos magistrados e representadas diante de uma rainha virtuosa, quando, digo, os estrangeiros tomam conhecimento dessa insolência, dessa falta de respeito pela autoridade real, dessa barbárie gótica ousadamente dita severidade cristã, que quereis que pensem de nossa nação? E como podem conceber que nossas leis autorizem uma arte declarada infame, ou que infamemos uma arte autorizada pelas leis, recompensada pelos soberanos, cultivada por grandes homens e admirada pelas nações? Como podem conceber que encontremos na mesma livraria a declamação do Padre Le Brun contra nossos espetáculos ao lado das obras imortais de Racine, de Corneille e de Molière?

VIGÉSIMA QUARTA CARTA

Sobre as Academias

Muito antes de nós, os ingleses tiveram uma Academia de Ciências, mas não tão bem regulamentada como a nossa, e por uma única razão: porque é mais antiga. Se tivesse sido criada após a Academia de Paris, teria adotado certas leis muito sábias e aperfeiçoado outras.

A Sociedade Real de Londres carece das duas coisas mais necessárias aos homens: recompensas e regras. Em Paris, ter um lugar na Academia é uma pequena fortuna assegurada para um geômetra, para um químico. Em Londres, ao contrário, custa muito pertencer à Sociedade Real. Na Inglaterra, qualquer um que diga "amo as artes" e quer ser da Sociedade entra para ela imediatamente. Mas na França, para ser membro e pensionista da Academia não basta ser amador. É preciso ser sábio, disputar o lugar com muitos concorrentes, tanto mais temíveis quanto mais animados pela glória e pelo interesse, pela própria dificuldade e pela inflexibilidade de espírito que nasce ordinariamente do estudo obstinado das ciências do cálculo.

A Academia das Ciências limitou-se prudentemente ao estudo da natureza, campo bem vasto para ocupar cinqüenta ou sessenta pessoas. A de Londres mistura indiscriminadamente literatura e física. Parece-me que é melhor ter uma academia particular para as belas-letras, para que nada seja confundido e não se veja uma dissertação sobre os penteados das romanas ao lado de uma centena de curvas novas.

Visto que a Sociedade de Londres possui tão pouca ordem e nenhum encorajamento, e que a de Paris está no extremo oposto, não é surpreendente que as memórias de nossa Academia sejam superiores às deles: a longo prazo soldados bem pagos e disciplinados devem superar os voluntários. É verdade que a Sociedade Real teve um Newton, mas não o produziu. Aliás, tinha poucos confrades capazes de compreendê-lo. Um gênio como o de Newton pertencia a todas as academias da Europa porque todas tinham muito a aprender com ele.

O famoso Dr. Swift, no final do reino da Rainha Ana, pretendeu formar uma academia para a língua, nos moldes da francesa. O projeto recebeu apoio do conde de Oxford, grão-tesoureiro, e também do visconde Bolingbroke, secretário de Estado, tão dotado que falava de improviso no Parlamento com tamanha pureza quanto Swift escrevendo em seu gabinete. Bolingbroke teria sido protetor e ornamento da nova academia. Os membros que deveriam compô-la eram homens cujas obras durarão tanto quanto a língua inglesa. Eram eles: o Dr. Swift, o Sr. Prior (que tem na Inglaterra a mesma reputação que La Fontaine entre nós), o Sr. Pope (o Boileau da Inglaterra), o Sr. Congreve (que pode ser chamado o Molière inglês), e muitos outros cujos nomes me escapam no momento e que teriam feito o grupo florescer desde seu nascimento.Mas a rainha morreu subitamente, os *Whigs* meteram na cabeça enforcar os protetores da academia, o que, como vedes, foi mortal para as belas-letras. Os membros desse corpo teriam maiores vantagens do que seus predecessores franceses porque haviam fixado a língua inglesa em seus textos, enquanto os nossos primeiros acadêmicos eram o opróbrio da nação e seus nomes tornaram-se tão ridículos que, se algum autor passável tivesse a infelicidade de chamar-se Chapelain ou Cotin, seria obrigado a mudar de nome. Teria sido preciso sobretudo que a academia inglesa propusesse ocupações diferentes das nossas. Um dia um belo espírito inglês pediu-me as memórias da Academia Francesa. Respondi-lhe: "Ela não escreve memórias, mas manda imprimir sessenta ou oitenta volumes de cumprimentos". Percorreu um ou dois, não podendo nunca compreender o estilo, embora compreendesse muito bem todos os nossos bons autores. "Tudo que enxergo nesses discursos é que o novo membro, tendo assegurado que seu predecessor era um grande homem, que o Cardeal Richelieu era um muito grande homem, que o Chanceler Séguier era um bastante grande homem, que Luís XIV era ainda mais do que um muito grande homem, o diretor lhe responde a mesma coisa, acrescentando que o novo membro poderia também ser uma espécie de grande homem e que ele, diretor, não deixa de ter parte nisso."

É fácil ver qual a fatalidade que tornou esses discursos tão pouco honrosos para seus membros: vitium est temporis potius quam hominis[9]. O uso estabeleceu-se quase insensivelmente e todo acadêmico termina repetindo esses elogios em sua recepção. Tornou-se uma espécie de lei para entediar o público. Se se quiser saber por que espíritos tão brilhantes fizeram péssimas arengas, a razão é ainda mais fácil: porque quiseram brilhar, tratando de forma nova uma matéria já gasta. Há três coisas capazes de ridicularizar mesmo um grande homem: a necessidade de falar, o embaraço por nada ter a dizer e o desejo de ter espírito. Não podendo encontrar pensamentos novos, tentaram novos rodeios, falando sem pensar, como gente que mastigasse vácuo e morresse de inanição fingindo comer.

Em vez de ser uma lei da Academia Francesa mandar imprimir tais discursos, deveria ser lei não imprimi-los.

A Academia das Belas-Letras propôs uma finalidade mais sábia e mais útil: apresentar ao público uma coletânea de memórias, cheias de investigações e de críticas curiosas. Essas memórias já são muito estimadas no estrangeiro, desejando-se apenas que certas matérias fossem mais aprofundadas e que outras não fossem tratadas. Assim, por exemplo, não faria a menor falta uma dissertação sobre as prerrogativas da mão direita sobre a esquerda, e outras cujos títulos menos ridículos escondem investigações mais frívolas.

A Academia das Ciências, em suas investigações mais difíceis e de utilidade mais sensível, abarca o conhecimento da natureza e o aperfeiçoamento das artes. É de crer-se que estudos tão profundos e conseqüentes, cálculos tão exatos, descobertas tão finas, visões tão grandes, produzirão, enfim, alguma coisa que servirá para o bem do universo.

Como já observamos, até agora as descobertas mais úteis foram feitas em séculos mais bárbaros. Parece que a tarefa dos séculos mais iluminados e das companhias mais sábias tem sido raciocinar sobre aquilo que os ignorantes inventaram. Sabe-se hoje, depois das discussões intermináveis entre o Sr. Huygens e o Sr. Renaud, qual a determinação do ângulo mais vantajoso do leme com a quilha de um navio. Mas Cristóvão Colombo descobriu a América sem ter a menor idéia desse ângulo.

Estou longe de inferir que seja preciso deter-se apenas numa prática cega, mas seria uma felicidade se os físicos e geômetras, tanto quanto possível, unissem a prática à especulação. Será preciso que aquilo que mais honra o espírito humano seja freqüentemente o menos útil? Um homem, com as quatro regras da aritmética mais o bom senso, torna-se um grande negociante, um Jacques Coeur, um Delmet, um Bernard, enquanto um pobre algebrista passa sua vida procurando nos números relações e propriedades surpreendentes, mas sem uso, e que não lhe ensinarão o que seja a troca. Todas as artes estão mais ou menos no mesmo caso: passando um certo ponto, as investigações só são feitas para a curiosidade. Essas verdades engenhosas e inúteis assemelham-se a estrelas que, situadas muito longe de nós, já não nos dão claridade.

Que belo serviço a Academia Francesa prestaria às letras, à língua e à nação se, em vez de mandar imprimir todos os anos cumprimentos, mandasse imprimir todas as belas obras do tempo de Luís XIV, purificadas de todos os vícios de linguagem que deslizaram nelas! Corneille e Molière estão repletos deles; fervilham em La Fontaine. Aqueles que não pudessem ser corrigidos seriam pelo menos assinalados. A Europa inteira, que lê esses autores, aprenderia nossa língua com segurança; sua pureza estaria fixada para sempre; os bons livros franceses, impressos com cuidado às expensas do rei, seriam os monumentos mais gloriosos da nação. Ouvi dizer que o Sr. Despréaux fizera outrora uma proposta semelhante, renovada por um homem cujo espírito, cuja sabedoria e cuja crítica salutar são bem conhecidos[10]. Mas, ao que parece, a idéia teve o mesmo destino que outros projetos úteis: aprovada e negligenciada.

[9] A culpa é do tempo mais do que do homem.
[10] Este homem formidável é o próprio Voltaire. (N. do T.)

VIGÉSIMA QUINTA CARTA

Sobre os Pensamentos do Sr. Pascal

Envio as observações críticas que há muito fiz sobre os *Pensamentos* do Sr. Pascal. Não me compareis a Ezequias querendo queimar os livros de Salomão. Respeito o gênio e a eloqüência de Pascal, mas quanto maior meu respeito, tanto maior minha convicção de que ele próprio teria corrigido muitos de seus "pensamentos", lançados ao acaso sobre o papel, para serem examinados depois. Admirando seu gênio, combato algumas de suas idéias.

De um modo geral, parece-me que, ao escrever os *Pensamentos,* a intenção do Sr. Pascal era mostrar o homem sob uma luz odiosa. Encarniça-se para pintar-nos malvados e infelizes. Escreve contra a natureza humana quase como escrevia contra os jesuítas. Imputa à essência de nossa natureza aquilo que só pertence a alguns homens. Eloqüentemente profere injúrias contra o gênero humano. Ouso tomar o partido da humanidade contra esse misantropo sublime. Ouso assegurar que não somos nem tão maldosos nem tão infelizes como diz. Além disso, estou bastante persuadido de que, se, no livro que planejava escrever, tivesse seguido a ordem que aparece em seus *Pensamentos,* teria escrito um livro cheio de paralogismos eloqüentes e de falsidades admiravelmente deduzidas. Aliás, creio até que todos os livros escritos recentemente para provar a religião cristã são mais capazes de escandalizar do que de edificar, pois seus autores pretendem saber mais do que Jesus Cristo e os apóstolos! Querem sustentar o carvalho rodeando-o de caniços. São inúteis. Podem ser afastados sem temer prejudicar a árvore.

Escolhi com discrição alguns pensamentos de Pascal. As respostas estão embaixo. Fica por vossa conta julgar se estou certo ou errado.

I — "As grandezas e as misérias do homem são tão visíveis que a verdadeira religião precisa necessariamente ensinar-nos que há nele algum grande princípio de grandeza mesclado a algum grande princípio de miséria, pois é preciso que a verdadeira religião conheça nossa natureza a fundo, isto é, tudo que nela é grande e tudo que nela é miserável, e conheça também a razão dessa grandeza e dessa miséria. É preciso, ainda, que nos dê a razão das contradições surpreendentes que aí se abrigam."

Esta maneira de raciocinar parece falsa e perigosa, pois a fábula de Prometeu e de Pandora, os andróginos de Platão e os dogmas dos siameses também poderiam explicar essas contradições aparentes. A religião cristã permanecerá sempre verdadeira mesmo que não retiremos dela conclusões tão engenhosas e que só servem para fazer o espírito brilhar.

O cristianismo só ensina a simplicidade, a humanidade, a caridade. Querer reduzi-lo à metafísica é transformá-lo numa fonte de erros.

II — "Que se examinem todas as religiões do mundo para ver se alguma, com exceção da cristã, satisfaz tais exigências. A dos filósofos, propondo-nos como Bem um bem que está em nós? É o verdadeiro Bem? Encontram remédios para nossos males? Igualar o homem a Deus é curar sua presunção? E aqueles que nos igualam às feras e nos dão os prazeres da terra como Bem, trazem remédio para nossa concupiscência?"

Os filósofos não ensinaram religião; portanto, não se trata de combater suas filosofias. Nunca um filósofo se disse inspirado por Deus, pois cessaria de ser filósofo para tornar-se profeta. Não se trata de saber se Jesus Cristo deve vencer Aristóteles, mas de provar que a religião de Jesus Cristo é verdadeira, enquanto a de Maomé e a de todos os pagãos são falsas.

III — "E no entanto, sem esse mistério, de todos o mais incompreensível, somos incompreensíveis para nós próprios. O nó de nossa condição apanha suas voltas e dobras no abismo do pecado original, de sorte que o homem é mais inconcebível sem esse mistério do que este inconcebível para o homem."

Dizer "o homem é inconcebível sem esse mistério inconcebível" é sofismar. Por que desejar

ir mais longe do que as Escrituras? Não há temeridade em crer que elas precisam de apoio e que as idéias filosóficas são capazes de lho dar?

O que o Sr. Pascal teria respondido a um homem que lhe dissesse: "Sei que o mistério do pecado original é o objeto de minha fé e não de minha razão. Concebo muito bem sem nenhum mistério o que é o homem. Vejo que vem ao mundo como os outros animais; que o parto das mães é mais doloroso se são muito delicadas; que algumas mulheres e algumas fêmeas dos animais morrem de parto; que há algumas crianças mal conformadas, vivendo privadas de um ou dois sentidos e da faculdade do raciocínio; que os de melhor conformação têm paixões mais vivas; que o amor de si próprio é igual em todos os homens, sendo-lhes tão necessário quanto os cinco sentidos; que esse amor-próprio nos foi dado por Deus para a conservação de nossa espécie, e que Ele nos deu a religião para regrá-lo; que nossas idéias são justas ou inconseqüentes, obscuras ou luminosas, conforme nossos órgãos sejam mais ou menos sólidos, ou conforme sejamos mais ou menos passionais; que dependemos completamente do ar que nos cerca, dos alimentos que apanhamos e que não há contradição alguma nisso tudo. O homem não é um enigma como imaginais, só para terdes o prazer de decifrá-lo. Parece estar em seu devido lugar na natureza: superior aos animais (aos quais se assemelha pelos órgãos), inferior a outros seres (aos quais se assemelha provavelmente pelo pensamento). Como tudo o que vemos, está mesclado de bem e de mal, de prazer e de dor. Está provido de paixões para agir e de razão para o governo das ações. Se fosse perfeito, seria Deus. E as pretensas contrariedades a que chamais contradições são os ingredientes necessários que entram na composição do homem. O homem é aquilo que deve ser"?

IV — "Acompanhemos nossos movimentos, observemo-nos e vejamos se não encontramos os caracteres vivos dessas duas naturezas. Tantas contradições num sujeito simples? A duplicidade do homem é tão visível que muitos chegaram a pensar que tínhamos duas almas, um sujeito simples parecendo-lhes incapaz de tais e tão súbitas variações, desde uma presunção desmesurada até um horrível abatimento do coração."

Nossas diversas vontades não são uma contradição na natureza, e o homem não é, de modo algum, um sujeito simples. É composto de uma quantidade inumerável de órgãos; se um destes altera-se um pouco, necessariamente muda todas as impressões do cérebro e faz com que o animal tenha novos pensamentos e novas vontades. É verdade que ora estamos abatidos de tristeza, ora inchados de presunção — isto deve ocorrer quando estamos em situações opostas. Um animal, acariciado e nutrido por seu dono, e um outro, esganado lentamente com perícia para uma dissecação, experimentam sentimentos bem contrários. O mesmo ocorre conosco. E as diferenças que existem entre nós são tão pouco contraditórias que seria contraditório justamente se não existissem.

Os loucos que disseram que tínhamos duas almas, pelo mesmo motivo poderiam nos dar trinta ou quarenta, pois numa grande paixão um homem possui trinta ou quarenta idéias diferentes da mesma coisa e necessariamente deve tê-las porque o objeto lhe aparece sob múltiplas facetas.

A suposta "duplicidade" do homem é uma idéia tão absurda quanto metafísica. Preferiria *dizer que o cão* que morde e acaricia é duplo; que a galinha tão cuidadosa com os pintinhos e que depois os abandona até desconhecê-los é dupla; que o espelho, que representa simultaneamente objetos diferentes, é duplo; que a árvore, ora carregada de folhas, ora desfolhada, é dupla. Admito que o homem seja inconcebível, mas todo o resto da natureza também o é, e há nele tantas contradições aparentes quanto em tudo o mais.

V — "Não apostar que Deus é, é apostar que Ele não é. Que escolhereis? Pesemos o ganho e a perda, apostando que Deus é. Se ganhardes, ganhareis tudo. Se perderdes, nada perdereis. Sem hesitar, apostai, então, que Ele é. — Sim, é preciso apostar, mas talvez eu aposte muito. — Vejamos: já que há um risco igual de ganho e de perda, se tiverdes duas vidas a ganhar por uma, poderieis ainda apostar."

Evidentemente é falso dizer: "Não apostar que Deus é, é apostar que Deus não é", pois aquele que duvida e pede esclarecimentos seguramente não aposta nem pró nem contra.

Ademais, esse artigo parece-me um pouco indecente e pueril. A idéia de jogo, de perda e ganho não convém à gravidade do assunto.

Além do mais, o interesse que tenho em crer numa coisa não é prova da existência dela. Podeis dizer-me: "Dar-vos-ei o império do mundo para acreditar que tendes razão. Desejo de todo meu coração que tenhais razão, mas até que mo proveis não poderei acreditar-vos".

Poder-se-ia dizer ao Sr. Pascal: começai convencendo minha razão. Sem dúvida, tenho interesse em que haja um Deus, mas se em vosso sistema Deus tiver vindo para uns poucos, se o pequeno número dos eleitos for assustador, se nada posso por mim mesmo, dizei-me, que interesse tenho para crer em vós? Meu interesse visível não seria justamente persuadir-me do contrário? Com que cara podeis mostrar-me uma felicidade infinita destinada a um só dentre um milhão de homens? Se quiserdes convencer-me tentai outro recurso e não me venhais falar de jogo de azar, de aposta, de cara ou coroa, nem aterrorizar-me com os espinhos que semeais pelo caminho que quero e devo seguir. Vosso raciocínio só serviria para produzir ateus, se a voz da natureza não nos gritasse que há um Deus, com força tanto maior quanto maior a fraqueza de vossas sutilezas.

VI — "Vendo a cegueira e a miséria do homem, e as contradições surpreendentes descobertas na natureza, olhando todo o universo mudo e o homem sem luz, abandonado a si mesmo, perdido num recanto do universo, sem saber quem o pôs ali, o que veio fazer ali, o que se tornará ao morrer, fico aterrorizado como um homem que tivesse sido transportado adormecido para uma ilha deserta e assustadora e despertasse sem saber onde está e sem meios para sair. Admira-me que não se caia no desespero por um estado tão miserável."

Quando lia essas reflexões recebi uma carta de um amigo que vive num país muito afastado. Eis suas palavras:

"Estou exatamente como me haveis deixado: nem mais alegre, nem mais triste, nem mais rico, nem mais pobre, gozando perfeita saúde, tendo tudo o que torna a vida agradável, sem amor, sem avareza, sem ambição, sem inveja. Enquanto isso durar direi ousadamente que sou um homem feliz".

Há muitos homens felizes como este. Com os homens tudo se passa como entre os animais: um cão come e dorme com sua amante e fica muito contente; um outro gira a manivela e também está muito contente; um outro, ainda, torna-se raivoso e o matam. Quanto a mim, olhando Paris ou Londres, não vejo motivo para cair no desespero de que fala o Sr. Pascal. Vejo uma cidade que não se parece com uma ilha deserta, povoada, opulenta, policiada, onde os homens estão felizes tanto quanto a natureza humana o comporta. Que homem sensato estará prestes a enforcar-se porque não sabe como se vê Deus face a face, e porque sua razão não consegue desembaraçar o mistério da Trindade? Poderia desesperar-se também por não ter quatro patas e duas asas.

Por que abominar nosso ser? Nossa existência não é tão infeliz como querem que acreditemos. É idéia de um fanático encarar o universo como uma prisão e todos os homens como criminosos a serem executados. É divagação de um sibarita acreditar que o mundo seja um lugar de delícias onde só experimentaremos prazeres. É ser um homem sensato pensar que a terra, os homens e os animais são o que devem ser na ordem da Providência.

VII — "Os judeus pensam que Deus não deixará os outros povos nas trevas eternamente, que virá um libertador para todos; que estão no mundo para anunciá-lo, que foram criados expressamente para serem os arautos desse grande acontecimento e para convocar todos os povos a fim de que se unam a eles na espera desse libertador."

Os judeus sempre esperaram um libertador, mas para eles e não para nós. Esperam um Messias que os tornará senhores dos cristãos, e nós esperamos que o Messias reúna, um dia, judeus e cristãos. Pensam exatamente o contrário de nós.

VIII — "A lei que governa esse povo é, em seu conjunto, a mais antiga do mundo, a mais perfeita e a única conservada sem interrupção num Estado. É o que em vários lugares mostra Filão, o judeu, e admiravelmente José, contra Apião, indicando que é tão antiga que o próprio nome de 'lei' só foi conhecido pelos antigos mais de mil anos depois, de sorte que Homero, que falou de tantos povos, nunca se serviu do termo. A simples leitura permite julgar a perfeição dessa lei, onde tudo é previsto com tanta sabedoria, tanta eqüidade, tanto juízo que os mais antigos legisladores gregos e romanos, recebendo certa luz, emprestaram dela suas principais leis. Isto

aparece claramente naquelas que denominam 'das doze tábuas' e em outras provas trazidas por José."

É falso que a lei dos judeus seja a mais antiga, pois antes de Moisés, seu legislador, viviam no Egito, país dos mais afamados pela sabedoria de suas leis.

É falso que o nome de lei só foi conhecido depois de Homero. Este fala nas leis de Minos, e o termo já está presente em Hesíodo. E mesmo que não estivesse em Homero e em Hesíodo isso nada provaria. Havia reis e juízes, portanto havia leis.

É ainda mais falso que os gregos e os romanos tenham tomado as leis judaicas. Isso não pode ter ocorrido no início de suas repúblicas porque nesse período não conheciam os judeus. Também não pode ter ocorrido no tempo de seu apogeu porque nessa ocasião tinham profundo desprezo por tais bárbaros.

IX — "Esse povo também é admirável pela sinceridade. Conservam com amor e fidelidade o livro onde Moisés declara que foram sempre ingratos para com Deus e que o serão ainda mais após sua morte, mas que convoca céus e terra como testemunhas contra eles, que os aconselhou muito, e que, enfim, irritando-se contra eles, Deus os dispersará por todos os povos da terra, e que, assim como eles O ofenderam adorando deuses que não eram seus deuses, Ele os ofenderá chamando um povo que não era seu povo. No entanto, conservam ao preço de suas vidas esse livro que os desonra. É uma sinceridade que não encontra exemplos no mundo, nem raízes na natureza."

Tal sinceridade é exemplificada em muitos lugares e sua raiz está na natureza. O orgulho de cada judeu tem interesse em crer que o que o perdeu não foi sua política detestável, sua ignorância das artes, sua grosseria, mas a cólera de Deus que o puniu. Pensa com satisfação que foram precisos milagres para abatê-lo e que sua nação é sempre a bem-amada do Deus que a castiga.

Se um pregador subir ao púlpito e disser aos franceses: "Sois miseráveis sem honra e sem direção; fostes vencidos em Hochstedt e em Ramillies porque não soubestes defender-vos", certamente seria apedrejado. Mas se disser: "Sois católicos queridos de Deus; vossos pecados infames irritaram o Eterno, que vos abandonou aos heréticos em Hochstedt e em Ramillies, mas quando voltastes ao Senhor, Ele abençoou vossa coragem em Denain", tais palavras o farão amado pelo auditório.

X — "Se há um Deus, somente ele deve ser amado e não as criaturas."

É preciso amar as criaturas, e amá-las ternamente. É preciso amar sua pátria, sua mulher, seus pais, seus filhos. É preciso amá-los tão bem que Deus nos faz amá-los malgrado nós mesmos. Os princípios contrários servem apenas para raciocinadores bárbaros.

XI — "Nascemos injustos, pois cada um tende para si próprio, o que é contrário a toda ordem. É preciso tender para o geral. A tendência para si próprio é o começo da desordem na guerra, na polícia, na economia, etc."

Tudo isso está conforme à ordem. É tão impossível que uma sociedade possa formar-se e subsistir sem o amor-próprio quanto seria impossível gerar filhos sem concupiscência, nutrir-se sem apetite, etc. O amor por nós próprios preside o amor pelos outros. Nossas mútuas carências nos tornam úteis ao gênero humano, e são o fundamento de todo comércio, o vínculo eterno dos homens. Sem amor-próprio não haveria invenção da arte, nem formação de uma sociedade de dez pessoas. É o amor-próprio, dom da natureza para cada animal, que nos adverte para respeitarmos o dos outros. A lei o dirige e a religião o aperfeiçoa. É bem verdade que Deus poderia ter feito criaturas atentas unicamente ao bem de outrem. Neste caso os comerciantes teriam ido às Índias por caridade e o pedreiro teria quebrado pedras para dar prazer ao seu próximo. Mas Deus estabeleceu as coisas de outra maneira. Não acusemos, pois, o instinto que nos deu e usemo-lo como nos manda.

XII — "O sentido escondido das profecias não poderia induzir ao erro e somente um povo muito carnal como aquele poderia ter-se enganado. Pois, se os bens foram prometidos em abundância, quem o impediria de compreender os verdadeiros bens? Somente sua cupidez, que lhes atribuía um sentido terrestre."

O povo mais espiritual da terra teria compreendido diversamente de boa fé? Era escravo dos romanos; esperava um libertador que o tornasse vitorioso e que fizesse Jerusalém respeitada pelo

mundo todo. Com as luzes de sua razão, como poderia ver o vencedor e o monarca em Jesus pobre e crucificado? Como poderia entender pelo nome de sua capital uma Jerusalém celeste se o Decálogo nem sequer lhe falava da imortalidade da alma? Como um povo preso à sua lei e sem uma luz superior poderia reconhecer nas profecias, que não eram de sua lei, um Deus escondido sob a figura de um judeu circunciso, que através de sua nova religião tornou abomináveis a circuncisão e o sabat, fundamentos sagrados da lei judaica? Ainda uma vez, adoremos a Deus sem querer varar as obscuridades de seus mistérios.

XIII — "O tempo do primeiro advento de Jesus Cristo foi predito. O do segundo, não, porque o primeiro deveria ficar escondido, enquanto o segundo deverá ser esplendoroso e tão manifesto que seus próprios inimigos o reconhecerão."

O tempo do segundo advento de Jesus Cristo foi predito ainda mais claramente do que o primeiro. Aparentemente o Sr. Pascal teria esquecido que no capítulo 21, de São Lucas, Jesus Cristo diz expressamente: "Quando virdes um exército rodear Jerusalém, sabereis que a desolação estará próxima... Jerusalém será pisoteada e haverá sinais no Sol, na Lua e nas estrelas, as ondas do mar farão grande ruído... As virtudes dos céus serão abaladas, e então verão o Filho do Homem que virá sobre uma nuvem com grande potência e majestade".

O segundo advento não está claramente predito nessas palavras? Mas se isso não ocorreu até agora, não nos cabe a ousadia de interrogar a Providência.

XIV — "Segundo os judeus carnais, o Messias deve ser um grande príncipe temporal. Segundo os cristãos carnais, veio dispensar-nos de amar a *Deus* e dar-nos sacramentos que *tudo operam* sem nós. Nenhum desses Messias pertence à religião judaica ou cristã."

Esse artigo parece mais um fragmento de sátira do que uma reflexão cristã. Vê-se que os jesuítas são o alvo do ataque. Mas alguma vez um jesuíta disse que Jesus Cristo veio "dispensar-nos de amar a Deus"? A disputa sobre o amor a Deus é uma pura disputa de palavras, como a maioria das querelas científicas, causadoras de tantos ódios ardentes e de tantas desgraças horríveis.

Há ainda outro engano nesse artigo: supor que a espera de um Messias fosse um ponto de religião entre os judeus, quando, na verdade, era apenas uma idéia consoladora difundida pela nação. Os judeus esperavam um libertador, mas não lhes era ordenado que cressem em sua vinda como num artigo de fé. Toda sua religião estava encerrada nos livros da lei. Os profetas nunca foram encarados como legisladores.

XV — "Para examinar as profecias é preciso compreendê-las. Pois se se acredita que têm um único sentido, torna-se certo que o Messias ainda não terá vindo. Mas se tiverem dois sentidos, é certo que veio em Jesus Cristo."

A religião cristã é tão verdadeira que não carece de provas duvidosas. Ora, o pensamento do Sr. Pascal é desses que podem abalar a religião cristã, se houver algo que possa abalar os fundamentos dessa religião santa e razoável. Fala em dois sentidos nas Escrituras, mas um homem que tivesse a infelicidade de ser incrédulo poderia dizer-lhe: "Aquele que diz palavras com duplo sentido quer enganar os homens, e a duplicidade é sempre punida pela lei. Como, então, podeis admitir, sem enrubescer, que há em Deus aquilo que é punido e detestado nos homens? Que digo?! Com que desprezo tratais os oráculos pagãos justamente porque tinham duplo sentido! Não deveríamos dizer que as profecias referentes a Jesus Cristo têm um único sentido, como as de Daniel, de Miquéias e de tantos outros? Não poderíamos até dizer que, mesmo que fôssemos incapazes de compreender as profecias, a religião permaneceria provada?"

XVI — "A distância infinita dos corpos aos espíritos afigura a distância infinitamente mais infinita dos espíritos à caridade, pois ela é sobrenatural."

É de crer-se que o Sr. Pascal não usaria esse aranzel em seu livro, se tivesse tido tempo de escrevê-lo.

XVII — "As fraquezas mais aparentes são forças para aqueles que compreendem bem as coisas. Por exemplo, é óbvio que as duas genealogias, a de São Mateus e a de São Lucas, não são concordantes."

Será que os editores dos *Pensamentos* de Pascal deveriam ter imprimido esse pensamento, cuja simples exposição parece capaz de prejudicar a religião? De que serve dizer que as duas

genealogias, pontos fundamentais da religião cristã, são discordantes, se não se disser em que ponto concordam? Seria preciso apresentar o antídoto junto com o veneno. Que pensaríamos de um advogado que dissesse: "Minha parte se contradiz, mas essa fraqueza é uma força para os que sabem apanhar convenientemente as coisas?"

XVIII — "Que não mais nos censurem a falta de clareza, pois fazemos profissão dela, mas que se reconheça a verdade da religião na própria obscuridade da religião, na pouca luz que possuímos e em nossa indiferença para conhecê-la."

Estranhas marcas da verdade traz Pascal! Que marcas terá a mentira? Como?! Então para ser crido bastaria dizer: "Sou obscuro, sou ininteligível!" Seria muito mais sensato apresentar aos olhos apenas as luzes da fé em vez das trevas da erudição.

XIX — "Se houvesse apenas uma religião, Deus ficaria muito manifesto."

Como?! Dizeis que se houvesse uma única religião Deus ficaria muito manifesto?! Ora, então vos esqueceis de que a cada página afirmais que um dia haverá só uma religião? Neste caso Deus ficará muito manifesto, segundo vossa opinião.

XX — "Digo que a religião judaica não consistia em nada disso, mas apenas no amor de Deus e que Deus reprovava todas as outras coisas."

Como?! Deus reprovava tudo que Ele próprio ordenara aos judeus com tantos cuidados e com detalhes prodigiosos!? Não seria mais verdadeiro dizer que a lei de Moisés consistia tanto no amor quanto no culto? Reduzir tudo ao amor de Deus é invenção de jansenista que odeia seu próximo molinista — nada tem a ver com o amor de Deus.

XXI — "A escolha de um ofício é a coisa mais importante para a vida. O acaso dispõe e o costume faz pedreiros, soldados e telhadores."

O que poderia determinar os soldados, os pedreiros e todos os obreiros mecânicos, se não o acaso e o costume? Nós nos autodeterminamos somente nas artes de gênio. Mas é muito natural e razoável que o costume disponha para os ofícios que todo mundo possa exercer.

XXII — "Que cada um examine seu pensamento: encontrá-lo-á sempre ocupado com o passado e com o futuro. Quase não pensamos no presente e se o fazemos é apenas para usar sua luz para dispor do futuro. Nunca o presente é nosso alvo. O passado e o presente são nossos meios, somente o futuro é nosso objetivo."

Em vez de lamentar-se, é preciso agradecer ao Autor da Natureza por ter-nos dado esse instinto que nos arrasta incessantemente rumo ao futuro. O tesouro mais precioso do homem é a *esperança,* que ameniza nossas penas e antevê os prazeres futuros na posse dos prazeres presentes. Se os homens fossem bastante desgraçados a ponto de só se ocuparem com o presente, ninguém semearia, construiria, plantaria ou proveria alguma coisa. No meio desse falso gozo tudo faltaria. Um espírito como o do Sr. Pascal poderia cair num lugar-comum tão falso? A natureza estabeleceu que cada homem desfrutaria o presente nutrindo-se, gerando filhos, executando sons agradáveis, ocupando sua faculdade de pensar e de sentir e que saindo desses estados, ou mesmo no meio deles, pensaria no amanhã, pois, se assim não fosse, pereceria hoje na miséria.

XXIII — "Mas quando olhei mais de perto, descobri que há uma causa efetiva para os homens se afastarem do repouso e da permanência consigo mesmos: a desgraça natural de nossa condição fraca e mortal, tão miserável que nada pode consolar-nos quando não somos impedidos de pensar nela e quando só olhamos para nós próprios."

Esta expressão "só olhamos para nós próprios" me parece sem sentido.

O que há de ser um homem que não age e que fica contemplando a si próprio? Não somente digo que seria um imbecil, inútil à sociedade, mas digo que não pode existir, pois o que contemplaria? Seu corpo, suas mãos, seus pés, seus cinco sentidos? Ou seria um idiota ou usaria tudo isso. Ficaria contemplando sua faculdade de pensar? Mas só pode contemplá-la exercendo-a: ou não pensará em coisa alguma, ou pensará nas idéias que já lhe vieram, ou comporá outras novas. Ora, só pode ter idéias a partir do exterior. Ei-lo, pois, necessariamente ocupado com seus sentidos e com sua idéias. Ei-lo, pois, ou fora de si ou imbecil.

Ainda uma vez, é impossível à natureza humana permanecer nesse entorpecimento imaginário. É absurdo pensá-lo e insensato pretendê-lo. O homem nasceu para a ação, como o fogo tende

para o alto e a pedra para baixo. Para o homem, não se ocupar e não existir é a mesma coisa. Toda diferença consiste nas ocupações amenas ou tumultuosas, perigosas ou úteis.

XXIV — "Os homens têm um instinto secreto, proveniente do ressentimento de sua miséria contínua, que os leva a buscar diversão e ocupação no exterior. Têm, ainda, um outro instinto secreto, remanescente da grandeza de sua primeira natureza, e que lhes mostra que só há felicidade no repouso."

Esse instinto secreto, sendo o primeiro fundamento necessário da sociedade, vem da bondade de Deus e é antes o instrumento de nossa felicidade do que o sentimento de nossa miséria. Não sei o que nossos primeiros pais faziam no paraíso terrestre, mas se cada um deles tivesse pensado apenas em si próprio, a existência do gênero humano teria corrido risco. Não é um absurdo pensar que eram dotados de instrumentos de ação perfeitos para dedicarem-se unicamente à contemplação? E não é engraçado que cabeças pensantes possam imaginar que a preguiça é um título de grandeza, e a ação, um rebaixamento de nossa natureza?

XXV — "Quando Pirro se propôs a desfrutar o repouso com seus amigos após a conquista de uma grande parte do mundo, Cíneas disse-lhe que seria melhor que adiantasse sua felicidade gozando desde logo o repouso, sem procurá-lo com tantas fadigas. Este conselho era difícil e tão pouco razoável quanto o propósito do jovem audacioso. Um e outro supunham que o homem poderia contentar-se consigo mesmo e com seus bens presentes, sem encher o vazio de seu coração com esperanças imaginárias — o que é falso. Pirro não poderia ser feliz nem antes nem depois de conquistar o mundo."

O exemplo de Cíneas está bom para as sátiras de Despréaux, mas não para um livro filosófico. Um rei sábio pode ser feliz em sua pátria. E não é porque Pirro passa por um louco que se pode concluir alguma coisa sobre o resto dos homens.

XXVI — "Deve-se reconhecer que o homem é tão infeliz que se entediaria ainda que não houvesse nenhuma causa exterior para o tédio. É o estado próprio da sua condição."

Pelo contrário. O homem está muito feliz com sua condição e temos muitas obrigações para com o Autor da Natureza, que, para forçar-nos a sermos úteis ao próximo e a nós mesmos, vinculou o tédio à inação.

XXVII — "Por que este homem, que perdeu há pouco seu filho único, que se abateu com querelas e processos, que hoje pela manhã achava-se tão perturbado, agora já não pensa mais nisso? Não vos espanteis. Está ocupado em ver por onde passará o gamo que seus cães perseguem ardorosamente há seis horas. Não é preciso mais para o homem, por muito entristecido que esteja. Desde que se possa convencê-lo a entrar numa diversão, ei-lo feliz durante um tempo."

Esse homem age maravilhosamente: a dissipação é um remédio mais seguro contra a dor do que o quinino contra a febre. Não censuremos a natureza, sempre pronta a socorrer-nos.

XXVIII — "Imagine-se um certo número de homens acorrentados e condenados à morte, cada um sendo degolado diante dos outros, os sobreviventes vendo sua própria condição na de seus semelhantes, encarando-se dolorosa e desesperançadamente, à espera de sua vez. É a imagem da condição humana."

Seguramente essa comparação não é justa: os infelizes acorrentados, degolados uns depois dos outros, são infelizes não somente porque sofrem, mas porque experimentam aquilo que os outros homens não suportam. A sina natural de um homem não é ser acorrentado ou degolado, mas todos os homens são feitos, como os animais e as plantas, para crescer, viver um certo tempo, reproduzir seu semelhante e morrer. Numa sátira pode-se mostrar à vontade o homem por seu lado mau, mas por pouco que usemos a razão admitiremos que o homem é o mais perfeito dos animais, o mais feliz e o que vive mais tempo. Portanto, em vez de nos espantarmos e de nos lamentarmos pela infelicidade e pela brevidade da vida, devemos surpreender-nos e congratular-nos com nossa felicidade e com sua duração. Raciocinando apenas como filósofo, ouso dizer que há muito orgulho e temeridade em pretender que por nossa natureza deveríamos ser melhores do que somos.

XXIX — "Entre os pagãos, os sábios que disseram que havia um só Deus foram perseguidos; os judeus, odiados, e os cristãos, ainda mais."

Algumas vezes foram perseguidos e o mesmo ocorreria hoje se viessem ensinar a adoração de um Deus independente do culto admitido. Sócrates não foi condenado por dizer: "Só há um Deus", mas por ter-se erguido contra o culto exterior do país e por ter muito impropriamente adquirido inimigos potentes. Com respeito aos judeus, eram odiados, mas não porque adorassem um só Deus, e sim porque ridiculamente odiavam as outras nações, porque eram bárbaros que massacravam impiedosamente seus inimigos vencidos, porque esse povo vil e supersticioso, ignorante, privado do comércio e das artes, desprezava os povos mais civilizados. Quanto aos cristãos, eram odiados pelos pagãos porque tendiam a destruir sua religião e seu império, o que conseguiram enfim, exatamente como os protestantes que se tornaram senhores nos próprios países onde foram odiados, perseguidos e massacrados.

XXX — "Os defeitos de Montaigne são grandes. Está cheio de palavras sujas e desonestas. Não vale nada. Seus sentimentos sobre o homicídio voluntário e sobre a morte são horríveis."

Montaigne fala como filósofo e não como cristão — apresenta o pró e o contra a respeito do homícidio voluntário. Filosoficamente falando, que mal faz à sociedade um homem que a deixa quando já não pode mais servi-la? Um velhinho tem cálculos e sofre dores atrozes. Dizem-lhe: "Se não vos operarem, morrereis. Se fordes operado podereis ainda arengar, babar, rastejar por um ano, carga para vós mesmo e para os outros". Suponho que o velhote decide não ser carga para mais ninguém. É mais ou menos este o caso que Montaigne expõe.

XXXI — "Quantos astros, inexistentes para os filósofos de outrora, as lunetas nos permitiram descobrir? Ousadamente as Escrituras foram atacadas porque nelas encontramos grande número de estrelas. Sabemos que só há vinte e duas mil, dizia-se."

É certo que as Santas Escrituras, em matéria de física, sempre se adaptaram às idéias admitidas, tanto assim que supõem a Terra imóvel, o Sol girando, etc. Não é por um refinamento em astronomia que afirmam a existência de inumeráveis estrelas, mas para adaptarem-se às idéias populares. Com efeito, embora nossos olhos descubram aproximadamente vinte e duas mil estrelas, entretanto, quando olhamos fixamente para o céu, a vista deslumbrada crê, então, ver uma infinidade. As Escrituras falam, pois, segundo o preconceito popular, pois não nos foram dadas para tranformar-nos em físicos. E parece que Deus não revelou a Habacuc, a Baruc ou a Miquéias que um dia um inglês chamado Flamsteed iria anotar em seu catálogo mais de sete mil estrelas vistas com o telescópio.

XXXII — "É coragem o que leva um homem moribundo, na fraqueza e na agonia, a enfrentar um Deus onipotente e eterno?"

Isso nunca aconteceu. E só num violento ataque cerebral um homem pode dizer: "Creio num Deus e venho desafiá-lo."

XXXIII — "Creio de bom grado nas histórias cujas testemunhas são degoladas."

A dificuldade não está somente em saber se se acreditará em testemunhas que morrem por sustentarem seus depoimentos, como fizeram tantos fanáticos, mas ainda em saber se essas testemunhas morreram efetivamente por isso, se seus depoimentos foram conservados, se habitaram nos países onde se diz que morreram. Por que José, nascido no tempo da morte de Cristo; José, que odiava o judaísmo e que era inimigo de Herodes, por que não disse uma palavra sobre essa morte? Eis aí algo que o Sr. Pascal teria destrinçado com sucesso, como o fizeram mais tarde tantos escritores eloqüentes.

XXXIV — "As ciências têm duas extremidades que se tocam. A primeira é a pura ignorância natural em que se encontram todos os homens ao nascer. A outra extremidade é aquela aonde cegam as grandes almas que, tendo percorrido tudo o que os homens podem saber, descobrem que nada sabem e se reencontram na ignorância de onde partiram."

Esse pensamento é um puro sofisma. Sua falsidade reside no termo "ignorância", usado em dois sentidos diferentes. Aquele que não sabe ler nem escrever é um ignorante. Mas um matemático não está no mesmo ponto de ignorância de onde partiu ao começar a ler, só porque ignora os princípios escondidos da natureza. O Sr. Newton não sabia por que o homem mexe o braço quando quer, mas não era menos sábio no resto. Aquele que não conhece o hebraico e sabe o latim é sábio em comparação com aquele que só sabe francês.

XXXV — "Não é ser feliz poder alegrar-se com divertimentos, pois vêm de fora, de alhures, sendo, portanto, dependentes e sujeitos a serem perturbados por mil acidentes que provocam aflições inevitáveis."

É atualmente feliz aquele que desfruta um prazer e este só pode vir de fora. Só podemos ter sensações e idéias graças aos objetos exteriores, como só podemos nutrir nosso corpo fazendo entrar nele substâncias estranhas que se transformam na nossa.

XXXVI — "O excesso de espírito e a excessiva falta de espírito são chamados loucura. Só a mediocridade é tida por boa."

Não se acusa de loucura o excesso de espírito, mas a vivacidade e volubilidade excessivas. O excesso de espírito é a justeza extrema, a finura extrema, a extensão extrema, diametralmente oposta à loucura.

A excessiva "falta de espírito" é uma ausência de concepção, um vazio de idéias — não é a loucura, mas a estupidez. A loucura é um desarranjo nos órgãos, fazendo com que vejamos vários objetos muito rapidamente, ou que retém a imaginação num só e com muita violência. Não é a mediocridade que é tida por boa, mas a distância desses dois vícios opostos. É o que se chama "o justo meio", e não "mediocridade".

XXXVII — "Se nossa condição fosse verdadeiramente feliz, não seria preciso desviar-nos de seu pensamento."

Nossa condição é precisamente a de pensar nos objetos exteriores, com os quais mantemos relações necessárias. É falso que se possa desviar um homem do pensamento de sua condição, pois qualquer coisa a que aplique seu espírito, aplica-o a alguma coisa necessariamente vinculada à condição humana. E, ainda uma vez, pensar em si com abstração das coisas naturais é não pensar.

Longe de impedir o homem de pensar em sua condição, só é possível entretê-lo com os atrativos dela. Com um sábio fala-se de reputação e de ciência; com um príncipe, daquilo que se relaciona com sua grandeza; com todo homem, de prazer.

XXXVIII — "Os grandes e os pequenos têm os mesmos acidentes, as mesmas zangas, as mesmas paixões. Mas uns estão no topo da roda, outros mais próximos do centro e, assim, menos agitados pelos mesmos movimentos."

É falso que os pequenos se agitem menos do que os grandes. Pelo contrário, seus desesperos são mais vivos porque dispõem de menos recursos. De cem pessoas que se matam em Londres, noventa e nove são do baixo povo, e somente uma de condição mais alta. A comparação com a roda é engenhosa, mas falsa.

XXXIX — "Não se ensina a honestidade aos homens, mas ensina-se-lhes todo o resto, e, no entanto, é disto que mais se gabam. Assim, gabam-se de saber a única coisa que não aprenderam."

Ensina-se a honestidade aos homens, senão poucos chegariam a tê-la. Deixai vosso filho, desde a infância, agarrar tudo que lhe caia nas mãos: aos quinze anos roubará pelas estradas. Louvai-o por ter mentido: tornar-se-á uma testemunha falsa. Vangloriai-o por sua concupiscência: certamente será um debochado. Ensina-se tudo aos homens: a virtude e a religião.

XL — "O tolo projeto de Montaigne: pintar a si próprio! E não de passagem e contra suas máximas, como pode ocorrer a qualquer um num momento de fraqueza, mas por suas próprias máximas e propositadamente. É um mal corrente dizer tolices por acaso e por fraqueza, mas é insuportável dizê-las expressamente, e, sobretudo, aquelas ditas por Montaigne."

Que encantador o projeto de Montaigne: pintar-se ingenuamente! Pintou a natureza humana. Como é pobre o projeto de Nicole, Malebranche e Pascal: desacreditar Montaigne!

XLI — "Considerando a confiança que as pessoas depositam nos impostores que afirmam possuir remédios, a ponto de deixarem suas vidas nas mãos deles, perguntei qual seria a causa disto. Pareceu-me que a verdadeira causa é a existência de verdadeiros remédios, pois seria impossível que houvesse tantos falsos e, no entanto, tão acreditados, se não houvesse verdadeiros. Se nunca tivessem existido, se os males fossem incuráveis, seria impossível que os homens imaginassem que poderiam dar, e que efetivamente dessem, tanto crédito aos que se gabassem de

possuí-los. Teriam o mesmo descrédito que têm por um homem gabando-se de impedir a morte, pois nunca houve quem o tivesse feito. Mas como houve remédios que se revelaram verdadeiros ao conhecimento de grandes homens, a crença dos outros curvou-se desde então, pois a coisa não podendo ser negada genericamente (visto que há efeitos particulares verdadeiros), o povo, não discernindo quais dos efeitos particulares são verdadeiros, passou a acreditar em todos. Assim também, o que nos faz crer em tantos efeitos falsos da Lua é a existência dos verdadeiros, como as marés. E do mesmo modo, parece-me que há tantos falsos milagres, falsas revelações e sortilégios, justamente porque há verdadeiros."

Parece-me que a natureza humana não precisa do verdadeiro para cair no falso. Imputaram-se mil falsas influências à Lua, antes que se imaginasse sua relação verdadeira com as marés. O primeiro doente acreditou sem dificuldade no primeiro charlatão. Ninguém viu lobisomens nem feiticeiros, e muitos creram nisso. Ninguém viu a transmutação dos metais e muitos se arruinaram pela crença na pedra filosofal. Os romanos, os gregos, todos os pagãos teriam acreditado nos falsos milagres porque tinham visto verdadeiros?

XLII — "O porto guia aqueles que estão num navio; mas onde encontraremos o porto na moral?"

Nesta única máxima, admitida por todas as nações: "Não faças aos outros o que não quiseres que te façam".

XLIII — "Ferox gens nullam esse vitam sine armis putat.[11] Preferem a morte à paz. Outros, a morte à guerra. Toda opinião pode ser preferida à vida, cujo amor parece tão forte e tão natural."

Tácito disse isto a respeito dos catalães. Contudo, não existe gente de quem se tenha dito ou se possa dizer: "Prefere a morte à guerra".

XLIV — "À medida que se possui mais espírito descobre-se que há mais originais. O vulgo não percebe diferenças entre os homens."

Há poucos homens verdadeiramente originais. Quase todos se governam, pensam e sentem por influência do costume e da educação. Nada mais raro do que um espírito trilhando uma estrada nova. Mas na massa de homens que caminha junta, cada um tem uma pequena diferença no andar, perceptível para um olhar agudo.

XLV — "Há, pois, dois tipos de espírito. Um penetra viva e profundamente nas conseqüências dos princípios — é o espírito de justeza. O outro compreende um grande número de princípios sem confundi-los — é o espírito de geometria."

Atualmente, parece-me que o uso quer que chamemos "espírito de geometria" o espírito metódico e conseqüente.

XLVI — "É mais fácil suportar a morte sem pensar nela, do que pensar numa morte sem riscos."

Não se pode dizer que um homem suporte a morte fácil ou dificilmente quando não pensa absolutamente nela. Quem nada sente, nada suporta.

XLVII — "Supomos que todos os homens concebem e sentem da mesma maneira os objetos que se apresentam a eles, mas tal suposição é bastante gratuita, pois não dispomos de prova alguma. Vejo bem que as mesmas palavras são aplicadas nas mesmas ocasiões. Assim, por exemplo, todas as vezes que dois homens vêem a neve, exprimem a visão deste objeto com a mesma palavra, ambos dizendo que é branca. E dessa conformidade do uso conjectura-se firmemente sobre a conformidade da idéia, mas isso não é absolutamente convincente, embora seja possível apostar na afirmativa."

A cor branca não deveria ter sido trazida como prova. O branco, reunião de todos os raios, parece brilhante para todo mundo, ofusca um pouco com o passar do tempo, produzindo o mesmo efeito sobre todos os olhos. Poder-se-ia dizer, talvez, que as outras cores não são percebidas da mesma maneira por todos os olhos.

XLVIII — "Todo nosso raciocínio se reduz a ceder ao nosso sentimento."

[11] Um povo violento acha que a vida sem armas é nada. (N. do E.)

Nosso raciocínio se reduz a ceder ao nosso sentimento em matéria de gosto, mas não em matéria de ciência.

XLIX — "Em comparação com outros, aqueles que julgam uma obra segundo regras estão na mesma situação daqueles que possuem um relógio, se comparados aos que não o possuem. Um diz: 'Há duas horas que estamos aqui'. O outro retruca: 'Faz apenas três quartos de hora'. Olho meu relógio e digo ao primeiro: 'Estais entediado', e ao segundo: 'O tempo não dura muito para vós'."

Nas obras de gosto, na música, na poesia, na pintura, é o gosto que ocupa o lugar do relógio. Aquele que as julga apenas segundo regras julga-as mal.

L — "César era muito velho, parece-me, para sair à conquista do mundo. Essa distração era boa para Alexandre, jovem difícil para conter. Mas César deveria estar mais amadurecido."

Imagina-se comumente que César e Alexandre saíram de casa com o propósito explícito de conquistar a terra. Não foi assim. Alexandre sucedeu a Felipe no generalato da Grécia e foi encarregado da justa empresa de vingar os gregos das injúrias do rei da Pérsia; venceu o inimigo comum e continuou suas conquistas até a Índia porque o reino de Dario estendia-se até lá. Do mesmo modo o Duque de Marlborough não teria vindo até Lyon sem o Marechal de Villars.

César era um dos primeiros da república; enredou-se com Pompeu como os jansenistas com os molinistas, a vitória ficando para quem exterminasse o adversário. Tudo foi resolvido numa batalha onde foram mortos apenas dez mil homens.

Ademais, o pensamento do Sr. Pascal é completamente falso. Era preciso maturidade para que César desenredasse tantas intrigas. E é surpreendente que Alexandre, com sua idade, renunciasse ao prazer por uma guerra penosa.

LI — "É divertido considerar que há gente no mundo que, tendo renunciado a todas as leis de Deus e da natureza, tenha feito por si própria algumas outras, respeitando-as escrupulosamente. É o caso, por exemplo, dos ladrões, etc."

Considerar-se esse fato é muito mais útil do que divertido, pois prova que nenhuma sociedade de homens pode subsistir um único dia sem regras.

LII — "O homem não é anjo nem fera. Por desgraça, aquele que quer passar por anjo passa por fera."

Quem quiser destruir as paixões em vez de regrá-las quer passar por anjo.

LIII — "Um cavalo não procura ser admirado por seu companheiro; nota-se entre eles uma espécie de emulação durante uma corrida, mas sem maiores conseqüências, pois no estábulo o mais pesado ou mais disforme não cede por isso sua aveia ao outro. O mesmo não acontece entre os homens: sua virtude não se satisfaz consigo mesma, não estão contentes se não tiram alguma vantagem dos outros."

O homem mais disforme também não cede seu pão a outro, mas o mais forte rouba do mais fraco. E entre os animais, como entre os homens, os grandes comem os pequenos.

LIV — "Se o homem começasse estudando a si mesmo veria como é incapaz de ir além. Como poderia fazer com que uma parte conhecesse o todo? Aspirará, talvez, a conhecer pelo menos as partes que lhe são proporcionais. Mas as partes do mundo estão de tal modo relacionadas e encadeadas umas com as outras, que creio seja impossível conhecer umas sem as outras e sem o todo."

Não se deve afastar o homem do conhecimento daquilo que lhe é útil, só por considerar que não pode conhecer tudo.

Conhecemos muitas verdades, encontramos muitas invenções úteis. Consolemo-nos por não sabermos quais poderiam ser as relações entre uma aranha e o anel de Saturno, e continuemos a examinar o que está ao nosso alcance.

LV — "Se o raio caísse em lugares baixos, os poetas e aqueles que só sabem raciocinar sobre coisas desse teor ficariam sem provas."

Uma comparação não é prova nem em poesia nem em prosa. Na poesia serve para embelezar; na prosa, para esclarecer e para tornar as coisas mais sensíveis. Os poetas, que compararam as desgraças dos grandes com o raio que vergasta montanhas, fariam comparações contrárias, se o contrário acontecesse.

LVI — "Foi a composição do espírito com o corpo que levou quase todos os filósofos a confundir as idéias das coisas, atribuindo aos corpos o que pertencia aos espíritos e a estes aquilo que só pode convir aos corpos."

Se soubéssemos o que é um "espírito" poderíamos lamentar que os filósofos lhe tivessem atribuído o que não lhe pertence. Mas não conhecemos o espírito nem o corpo; não temos idéia alguma de um, e temos idéias muito imperfeitas do outro. Portanto, não podemos saber quais são seus limites.

LVII — "Assim como se diz 'beleza poética' dever-se-ia também dizer 'beleza geométrica' e 'beleza medicinal'. Entretanto, não se diz, e isto por uma razão bem simples: sabe-se qual é o objeto da geometria e o da medicina, mas não se sabe em que consiste o encanto, objeto da poesia. Não se sabe o que é esse modelo natural que se deve imitar e por falta desse conhecimento inventaram-se certos termos esquisitos: 'século de ouro', 'maravilha de nossos dias', 'fatal laurel', 'belo astro' etc. e denomina-se tal jargão beleza poética. Mas quem imaginar uma mulher vestida com esse modelo verá uma linda donzela coberta de espelhos e de correntes de latão."

Tudo isso é bastante falso. Não se deve dizer 'beleza geométrica' ou 'beleza medicinal' porque um teorema ou um purgativo não afetam agradavelmente os sentidos, e porque se dá o nome de 'beleza' a coisas que encantam os sentidos, como a música, a pintura, a poesia, a eloqüencia, a arquitetura etc.

A razão dada pelo Sr. Pascal também é falsa. Sabe-se muito bem em que consiste o objeto da poesia: pintar com força, pureza, delicadeza e harmonia. A poesia é a eloqüência harmoniosa. Seria preciso que o Sr. Pascal tivesse muito pouco gosto para dizer que "fatal laurel" ou "belo astro" ou outras tolices do mesmo jaez são belezas poéticas. E seria preciso que os editores dos *Pensamentos* fossem tão pouco versados nas belas-letras para que imprimissem uma reflexão tão indigna de seu ilustre autor.

*

Não vos envio as outras observações minhas sobre os *Pensamentos* do Sr. Pascal porque acarretariam discussões muito longas. Já é bastante ter acreditado perceber alguns erros de desatenção nesse grande gênio. É um consolo para um espírito tão limitado como o meu ficar bem persuadido de que os grandes homens podem enganar-se como o povo.

VOLTAIRE

TRATADO DE METAFÍSICA

Tradução de **Marilena de Souza Chauí**

INTRODUÇÃO

Dúvidas sobre o Homem

Poucas pessoas se preocupam em ter uma noção do que seja o homem. A única idéia que os camponeses de uma parte da Europa têm da nossa espécie é a de um animal de dois pés, de pele trigueira, articulando algumas palavras, cultivando a terra, pagando, sem saber por que, tributos a um outro animal a que chama *rei,* vendendo suas colheitas tão caro quanto puder, reunindo-se com outros em certos dias do ano para entoar preces numa língua incompreensível.

Um rei sempre encara tôda a espécie humana como seres feitos para obedecer-lhe e aos seus semelhantes. Uma jovem parisiense ao entrar no mundo vê apenas o que possa servir à sua vaidade; a idéia confusa que tem da felicidade e o estrondo de tudo que a rodeia impedem sua alma de escutar a voz de todo o resto da natureza. Um jovem turco, no silêncio do serralho, olha os homens como seres superiores, obrigados por certa lei a dormir todas as sextas-feiras com suas escravas; e sua imaginação não vai muito além disso. Um padre divide todo o universo em eclesiásticos e leigos e, sem dificuldade, considera a parte eclesiástica como a mais nobre e feita para conduzir a outra etc. etc.

Estaríamos profundamente enganados se acreditássemos que os filósofos têm idéias mais completas sobre a natureza humana. Se excetuardes Hobbes, Locke, Descartes, Bayle e um pequeno número de espíritos sábios, todos os outros têm uma opinião particular sobre o homem, tão limitada quanto a do vulgo e somente mais confusa. Perguntai ao Padre Malebranche o que é o homem. Ele vos responderá que é uma substância feita à imagem de Deus, muito deturpada depois do pecado original, e, no entanto, mais unida a Deus do que ao seu próprio corpo, vendo tudo em Deus, pensando, sentindo tudo em Deus.

Pascal encara o mundo inteiro como uma coleção de malvados e de infelizes, criados para serem condenados, entre os quais, porém, algumas almas (isto é, uma entre cinco ou seis milhões) foram escolhidas por Deus desde toda a eternidade para serem salvas.

Um diz: o homem é uma alma unida a um corpo e, quando o corpo está morto, a alma vive sozinha para sempre.

Outro assegura: o homem é um corpo que pensa necessariamente. E nem um nem outro provam o que afirmam. Na investigação do homem gostaria de conduzir-me como faço no estudo da astronomia: meu pensamento se transporta algumas vezes para fora do globo terrestre, acima do qual todos os movimentos celestes parecem irregulares e confusos. E após ter observado o movimento dos planetas como se estivesse no Sol, comparo os movimentos aparentes que vejo sobre a Terra com os movimentos verdadeiros que veria se estivesse no Sol. Assim farei também ao estudar o homem: colocar-me-ei primeiramente fora de sua esfera, fora de compromissos, despojar-me-ei de todos os preconceitos de educação, de pátria e, sobretudo, dos preconceitos de filósofo.

Suponho, por exemplo, que, nascido com a faculdade de pensar e de sentir que tenho presentemente, mas não tendo a forma humana, desço ao globo vindo de Marte ou de Júpiter. Posso dar uma olhada rápida em todos os séculos e países, e, conseqüentemente, em todas as tolices desse glóbulo.

É tão fácil supor isso quanto imaginar-me no Sol para dali considerar os dezessete planetas que giram regularmente no espaço em torno desse astro.

CAPÍTULO I

As Diferentes Espécies de Homem

Descendo sobre este montículo de lama e não tendo maiores noções a respeito do homem, como este não tem a respeito dos habitantes de Marte ou de Júpiter, desembarco às margens do oceano, no país da Cafraria, e começo a procurar *um homem*. Vejo macacos, elefantes e negros. Todos parecem ter algum lampejo de uma razão imperfeita. Uns e outros possuem uma linguagem que não compreendo e todas as suas ações parecem igualmente relacionar-se com um certo fim. Se julgasse as coisas pelo primeiro efeito que me causam, inclinar-me-ia a crer, inicialmente, que de todos esses seres o elefante é o animal racional. Contudo, para nada decidir levianamente tomo filhotes dessas várias bestas. Examino um filhote de negro de seis meses, um elefantezinho, um macaquinho, um leãozinho, um cachorrinho. Vejo, sem poder duvidar, que esses jovens animais possuem incomparavelmente mais força e destreza, mais idéias, mais paixões, mais memória do que o negrinho e que exprimem muito mais sensivelmente todos os seus desejos do que ele. Entretanto, ao cabo de certo tempo, o negrinho possui tantas idéias quanto todos eles. Chego mesmo a perceber que os animais negros possuem entre si uma linguagem bem mais articulada e variada do que a dos outros animais. Tive tempo de aprender tal linguagem e, enfim, de tanto observar o pequeno grau de superioridade que a longo prazo apresentam em relação aos macacos e aos elefantes, arrisco-me a julgar que efetivamente ali está *o homem*. E forneço a mim mesmo esta definição:

O homem é um animal preto que possui lã sobre a cabeça, caminha sobre duas patas, é quase tão destro quanto um símio, é menos forte do que outros animais de seu tamanho, provido de um pouco mais de idéias do que eles e dotado de maior facilidade de expressão. Ademais, está submetido igualmente às mesmas necessidades que os outros, nascendo, vivendo e morrendo exatamente como eles.

Após ter passado certo tempo entre essa espécie, desloco-me rumo às regiões marítimas das Índias Orientais. Surpreendo-me com o que vejo: os elefantes, os leões, os macacos e os papagaios não são exatamente como eram na Cafraria; mas o homem, esse parece-me absolutamente diferente. Agora são homens de um belo tom amarelo, não possuem lã, mas têm a cabeça coberta de grandes crinas negras. Parecem ter sobre as coisas idéias totalmente contrárias às dos negros. Sou, portanto, forçado a mudar minha definição e a classificar a natureza humana sob duas espécies: a negra com lã e a amarela com crina.

Mas, na Batávia, em Goa e em Surata, ponto de encontro de todas as nações, vejo uma grande multidão de europeus. São brancos, não possuem lã ou crina, mas cabelos louros bem soltos e barba no queixo. Mostram-me também muitos americanos, que não possuem barba. Eis minha definição e minhas espécies de homem bastante ampliadas.

Em Goa encontro uma espécie ainda mais singular do que todas essas. Trata-se de um homem vestido com uma longa batina negra, dizendo-se feito para instruir os outros. Todos esses homens que vedes, diz-me ele, nasceram de um mesmo pai. E, então, conta-me uma longa história. No entanto, o que diz esse animal soa-me bastante suspeito. Informo-me se um negro e uma negra, de lã negra e nariz chato, engendram algumas vezes crianças brancas, de cabelos louros, nariz aquilino e olhos azuis, se nações imberbes vieram de povos barbados e se os brancos e as brancas engendraram povos amarelos. Respondem-me que não, que os negros transplantados, por exemplo, para a Alemanha continuam produzindo negros, a menos que os alemães se encarreguem de mudar a espécie, e assim por diante. Acrescentam que um homem instruído nunca diria que as espécies não misturadas degeneram, a não ser o Padre Dubos, que disse tal besteira num livro intitulado *Reflexões sobre a Pintura e sobre a Forma* etc.

Quer me parecer que agora estou muito bem fundamentado para crer que os homens são como as árvores: assim como as pereiras, os ciprestes, os carvalhos e os abricoteiros não vêm de uma mesma árvore, assim também os brancos barbados, os negros de lã, os amarelos com crina e os homens imberbes não vêm do mesmo homem. [1]

CAPÍTULO II

Se Existe um Deus

Devemos examinar o que é a faculdade de pensar nessas diferentes espécies de homem, como lhes vêm as idéias, se têm uma alma distinta do corpo, se essa alma é eterna, se é livre, se tem virtudes e vícios etc. Entretanto, a maioria dessas noções dependem da existência ou da não-existência de um Deus. É preciso, creio, começar sondando o abismo desse grande princípio. Despojemo-nos, agora mais do que nunca, de toda paixão e de todo preconceito e vejamos de boa fé o que nossa razão pode ensinar-nos sobre a questão: Existe ou não existe um Deus?

Noto, inicialmente, a existência de povos sem nenhum conhecimento de um Deus criador. Tais povos, na verdade, são bárbaros e em pequeno número, mas, enfim, são homens, e se o conhecimento de Deus fosse necessário à natureza humana, os selvagens hotentotes teriam uma idéia do Ser Supremo tão sublime quanto a nossa. Mais ainda: não há criança alguma, entre os povos policiados, que tenha em sua cabeça a menor idéia de um Deus. É com dificuldade que lhe inculcamos tal idéia e, freqüentemente, pronuncia durante toda sua vida a palavra Deus sem atribuir-lhe qualquer noção precisa. Vedes, aliás, que as idéias de Deus entre os homens diferem tanto quanto suas religiões e suas leis. A esse respeito não consigo impedir a seguinte reflexão: é possível que o conhecimento de um Deus, nosso criador, nosso conservador, nosso tudo, seja menos necessário ao homem do que um nariz e cinco dedos? Todos os homens nascem com um nariz e com cinco dedos e nenhum com o conhecimento de Deus. Que seja ou não deplorável, tal é, contudo, a condição humana.

Vejamos se com o tempo adquiriremos o conhecimento de um Deus assim como chegamos às noções matemáticas e a algumas idéias metafísicas. Numa investigação tão importante, o melhor que poderemos fazer será considerar os prós e os contras, para nos decidirmos por aquilo que parecer mais conforme à nossa razão.

Sumário das Razões a Favor da Existência de Deus

Existem duas maneiras de alcançar a noção de um ser que preside o universo. A mais natural e mais perfeita para as capacidades comuns é a de considerar não somente a ordem que existe no universo, mas também o fim com que cada coisa parece relacionar-se. Muitos e grossos livros foram compostos centrados nessa única idéia, e todos os calhamaços juntos contêm apenas este argumento: quando vejo um relógio cujo ponteiro marca as horas, concluo que um ser inteligente arranjou as molas dessa máquina para que o ponteiro marcasse as horas. [2] Assim, quando vejo as molas do corpo humano, concluo que um ser inteligente arranjou os órgãos para serem recebidos e nutridos por nove meses na matriz; que os olhos são dados para ver, as mãos para pegar etc. Porém, só posso concluir desse único argumento que é provável que um ser inteligente e superior tenha preparado e modelado a matéria com habilidade, mas não posso concluir apenas disso que

[1] Todas essas diferentes raças de homens produzem juntas indivíduos capazes de se perpetuar, o que não pode ser dito a respeito das árvores de diferentes espécies. Mas teria havido um tempo em que só existissem um ou dois indivíduos de cada espécie? Isto ignoramos totalmente. (N. do A.)

[2] "O universo desconcerta-me e não posso supor
Que esse relógio exista e não haja relojoeiro."
(Versos 111-112 da sátira intitulada *As Cabalas.)* (N. do A.)

tal ser tenha feito a matéria com nada e que seja infinito em todos os sentidos. Cansei de procurar em meu espírito a conexão das seguintes idéias: "é provável que eu seja a obra de um ser mais potente do que eu", portanto, "esse ser existe desde toda eternidade", portanto, "criou tudo", portanto, "é infinito" etc. Não vejo a cadeia que conduza diretamente a essa conclusão. Vejo apenas que há alguma coisa mais potente do que eu, e nada mais.

O segundo argumento é mais metafísico, menos apto para a compreensão dos espíritos rudes e conduz a conhecimentos bem mais vastos. Eis seu resumo:

Existo, portanto alguma coisa existe. Se algo existe, existiu desde toda a eternidade, pois aquilo que é, ou é por si mesmo ou recebeu seu ser de outro. Se é por si mesmo, é necessariamente, sempre foi necessariamente e é Deus. Se recebeu seu ser de outro, e este segundo de um terceiro, aquele de quem este último recebeu seu *ser* deve ser necessariamente Deus, pois não podeis conceber um ser que dê o ser a um outro se não tiver o poder de criar. Além disso, se disserdes que uma coisa recebe, não digo a forma, mas sua existência de uma outra coisa, e esta de uma terceira, e esta terceira ainda de uma outra e, assim, regredindo ao infinito, direis um absurdo, porque nesse caso tais seres não terão causa alguma de existência. Tomados todos juntos não terão nenhuma causa externa de existência; tomados cada um em particular, não terão nenhuma causa interna. Ou seja: tomados todos juntos não devem sua existência a nada; tomados em particular, nenhum existe por si mesmo, portanto, nenhum existe necessariamente.

Dessa maneira, sinto-me reduzido a confessar que há um ser que existe necessariamente por si mesmo desde toda a eternidade, sendo a origem de todos os outros seres. Disso decorre essencialmente que esse ser é infinito em duração, em imensidade, em potência, pois o que poderia limitá-lo? Mas, dir-me-eis, o mundo material é precisamente esse ser que procuramos. Examinemos de boa fé se tal coisa é provável.

Se o mundo material existir por si mesmo com uma necessidade absoluta, será uma contradição nos termos supor que a menor parte desse universo possa ser diferente do que é nesse momento com uma necessidade absoluta, excluindo esta única palavra todo outro modo de ser. Ora, esta mesa sobre a qual escrevo, esta pena de que me sirvo, não foram certamente sempre o que são; estes pensamentos que traço sobre o papel não existiam nem mesmo há um momento, portanto, não existem necessariamente. Ora, se cada parte não existir com uma necessidade absoluta, será impossível que o todo exista por si mesmo. Produzo movimento, portanto, o movimento não existia necessariamente antes, portanto, o movimento não é essencial à matéria, portanto, esta o recebe de fora, portanto, há um Deus que lho dá. Assim também, a inteligência não é essencial à matéria, pois um rochedo e uma espiga não pensam. De quem, então, as partes da matéria que pensam e que sentem terão recebido a sensação e o pensamento? Não pode ser delas próprias porque sentem apesar delas mesmas. Não pode ser da matéria em geral, visto que o pensamento e a sensação não pertencem à essência da matéria. Receberam, portanto, esses dons da mão de um ser supremo, inteligente, infinito e causa originária de todos os seres.

Eis, em poucas palavras, as provas da existência de um Deus e o resumo de vários volumes, volumes que cada um poderá esticar como lhe aprouver.

Eis agora, com a mesma brevidade, as objeções que se podem fazer a esse sistema.

Dificuldades sobre a Existência de Deus

1.º Se Deus não é o mundo material, ele o criou (ou então, se quiserdes, deu a um outro ser o poder de criá-lo, o que vem a dar no mesmo); mas fazendo esse mundo, ou tirou-o do nada ou tirou-o de seu próprio ser divino. Não pode tê-lo tirado do nada porque este não é; não pode tê-lo tirado de si próprio porque, então, esse mundo faria essencialmente parte da essência divina e, assim sendo, eu não poderia ter uma idéia da criação, donde se segue que não posso admitir a criação.

2.º Deus teria feito esse mundo ou necessariamente ou livremente. Se o fez por necessidade, deve tê-lo feito desde sempre, pois tal necessidade é eterna. Neste caso, portanto, o mundo seria eterno e criado, o que implica uma contradição. Se Deus o fez livremente, por pura escolha, sem

alguma razão antecedente, é ainda uma contradição, pois é contraditório supor o Autor infinitamente Sábio fazendo tudo sem uma razão que o determina e supor o Ser infinitamente Potente passando toda a eternidade sem fazer o menor uso de sua potência.

3.º Se para a maioria dos homens parece que um ser inteligente imprimiu o selo da sabedoria sobre toda a natureza e que cada coisa parece estar feita para um certo fim, é ainda mais verdadeiro, aos olhos dos filósofos, que tudo se faz na natureza segundo as leis da matemática, eternas, independentes e imutáveis, e a construção e a duração do corpo humano, segundo o equilíbrio dos licores e da força das alavancas. Quanto mais descobrimos sobre a estrutura do universo, tanto mais o encontramos organizado segundo leis imutáveis, desde as estrelas até o verme do queijo. É, portanto, permitido acreditar que tais leis, tendo operado por sua própria natureza, delas resultem efeitos necessários, tomados, porém, como determinações arbitrárias de um poder inteligente. Por exemplo, um campo produz erva porque tal é a natureza de seu terreno, regado pelas chuvas, e não porque existam cavalos que precisam de feno e de aveia. E assim com todo o resto.

4.º Se o arranjo das partes do mundo e tudo o que se passa entre os seres que têm vida sensível e pensante provasse um Criador e um Senhor, provaria ainda mais um ser bárbaro, pois, se admitirmos causas finais, seremos obrigados a dizer que Deus, infinitamente sábio e infinitamente bom, deu vida a todas as criaturas para que entre si se devorassem. Com efeito, se considerarmos todos os animais, veremos que cada espécie tem um instinto irresistível forçando-a a destruir uma outra espécie. Diante das misérias do homem, há o suficiente para dirigirmos censuras à Divindade durante toda nossa vida. Podem dizer-nos à vontade que a sabedoria e a bondade de Deus não são feitas como as nossas. Tal argumento não terá força alguma sobre o espírito de muitas pessoas, que responderão dizendo: só podemos julgar a justiça a partir de sua idéia e esta, supõe-se, foi-nos dada por Deus. Só se pode medir com a medida que se tem, e assim sendo, é tão impossível não crermos bárbaro um ser que se conduza como um homem bárbaro, quanto é impossível não pensarmos que um ser qualquer tenha seis pés quando o medimos com uma toesa e pareça ter esse tamanho.

E acrescentarão: se nos replicarem que nossa medida é defeituosa, estarão dizendo algo que implica uma contradição, pois será o próprio Deus quem nos terá dado essa idéia falsa, e, portanto, nos terá feito apenas para nos enganar. Ora, isso equivale a dizer que um ser que só possui perfeições lança suas criaturas no erro, que é, propriamente falando, a única imperfeição. É contradizer-se visivelmente. Enfim, os materialistas acabarão dizendo: engoliremos menos absurdos no sistema do ateísmo do que no do deísmo, pois, de um lado, é preciso na verdade que concebamos o mundo que vemos como eterno e infinito, mas, de outro lado, é preciso que imaginemos um outro ser infinito e eterno ao qual acrescentaremos a criação, cuja idéia, no entanto, não podemos conceber. Portanto, concluirão: é mais fácil não crer em Deus do que crer nele.

Resposta a essas Objeções

Os argumentos contra a criação se reduzem em mostrar que nos é impossível concebê-la, isto é, não que ela seja impossível em si, mas que nos é impossível conceber seu modo. Com efeito, para que a criação fosse impossível seria preciso provar primeiro que é impossível que haja um Deus. Ora, longe de provar tal impossibilidade somos obrigados a reconhecer a impossibilidade de sua não-existência. O argumento — é preciso que haja fora de nós um ser infinito, eterno, imenso, todo-poderoso, livre, inteligente — faz com que as trevas que acompanham essa luz sirvam apenas para mostrar que ela existe, pois aquilo que nos demonstra a existência de um ser infinito vem também demonstrar-nos que para um ser finito deve ser impossível compreendê-lo.

Parece-me que só se pode sofismar e dizer absurdos quando se procura esforçar-se para negar a necessidade de um ser existente por si mesmo ou quando se quer sustentar que a matéria

é esse ser. Mas a coisa é muito diferente quando se trata de estabelecer e de discutir os atributos desse ser cuja existência está demonstrada.

Os mestres na arte de raciocinar, os Locke, os Clarke, nos dizem: "Tal ser é um ser inteligente, pois aquele que produziu tudo deve ter todas as perfeições que colocou naquilo que produziu, se não o efeito seria mais perfeito do que a causa ou, ainda de uma outra maneira, haveria no efeito uma perfeição que não teria sido produzida por nada, o que é visivelmente absurdo. Portanto, já que existem seres inteligentes e que a matéria não pode dar a si mesma a faculdade de pensar, é preciso que o ser existente por si mesmo, Deus, seja um ser inteligente". No entanto, poderíamos retorquir a esse argumento dizendo: *É preciso que Deus seja matéria,* visto que existem seres materiais, pois sem isso, a matéria não teria sido produzida por nada, e uma causa teria produzido um efeito cujo princípio não estava nela. Acredita-se contornar tal argumento encaixando-se nele a palavra *perfeição.* O Sr. Clarke parece tê-lo previsto, porém não ousou colocá-lo às claras, fazendo unicamente a seguinte objeção: "Dir-se-á que Deus comunicou a divisibilidade e a figura à matéria, *embora não seja figurado nem divisível".* E dá uma resposta muito sólida e muito fácil à objeção: a divisibilidade e a figura são qualidades negativas e limitações, e embora uma causa não possa comunicar ao seu efeito qualquer perfeição que ela não possua, o efeito entretanto pode e deve necessariamente ter limitações e imperfeições que a causa não tenha. Mas, que teria respondido o Sr. Clarke àquele que lhe tivesse dito: "A matéria não é um ser negativo, uma limitação, uma imperfeição. É um ser real, positivo e que tem seus atributos exatamente como o espírito. Ora, como Deus terá podido produzir um ser material se não é material?" É preciso então ou que admitais que a causa pode comunicar algo positivo que ela não possui ou que a matéria não possui a causa de sua existência ou, enfim, que sustenteis que a matéria é uma pura negação e uma limitação. Se essas três vias forem absurdas, será preciso que admitais que a existência dos seres inteligentes não prova que o ser existente por si mesmo seja um ser inteligente, assim como a existência dos seres materiais não prova que o ser existente por si mesmo seja matéria, pois ambos os casos são absolutamente semelhantes. O mesmo será dito do movimento. A respeito da palavra *perfeição,* aqui abusa-se visivelmente dela, pois quem ousará dizer que matéria é uma imperfeição e o pensamento uma perfeição? Não creio que alguém ouse decidir assim sobre a essência das coisas. E depois, o que quer dizer *perfeição?* Seria perfeição em relação a Deus ou em relação a nós?

Sei que se pode dizer que esta opinião reconduziria ao spinozismo. A isto responderei que nada posso fazer e que meu raciocínio, se for bom, não pode tornar-se mau pelas conseqüências que dele se possam tirar. Além disso, nada seria mais falso do que essa conseqüência, pois provaria somente que nossa inteligência não se assemelha à inteligência de Deus, assim como nosso modo de ser extenso não se assemelha à maneira como Deus preenche o espaço. Deus não está na situação das causas que conhecemos; pôde criar o espírito e a matéria sem ser matéria ou espírito. Nem um nem outro derivam dele, mas são criados por ele. É verdade que não conheço o *quomodo;* (o como); prefiro deter-me a perder-me. Sua existência me é demonstrada, mas acredito que me é demonstrado também que não sou feito para compreender seus atributos e sua essência.

Dizer que Deus não pode fazer o mundo nem necessariamente nem livremente é apenas um sofisma que cai por si mesmo, desde que se tenha provado que há um Deus e que o mundo não é Deus. A objeção reduz-se unicamente a isto: Não posso compreender que Deus tenha criado o universo num tempo mais do que noutro, portanto, não pôde criá-lo. É como se se dissesse: Não posso compreender por que um tal homem ou um tal cavalo não existiu milhares de anos antes, portanto, sua existência é impossível. Além disso, a vontade livre de Deus é uma razão suficiente do tempo em que criou o mundo. Se Deus existir, será livre, e não o seria se estivesse sempre determinado por uma razão suficiente e se sua vontade não lhe servisse. Ademais essa razão suficiente estaria nele ou fora dele? Se estiver fora dele, não se determina livremente; se estiver nele, será justamente sua vontade.

Embora seja verdade que as leis matemáticas são imutáveis, não seria necessário que tais leis fossem preferidas a outras. Não seria necessário que a Terra fosse colocada onde está. Nenhuma lei matemática pode agir por si mesma. Nenhuma age sem movimento, o movimento não existe por si mesmo, portanto, é preciso recorrer a um primeiro motor. Admito que os planetas, situados a tal distância do Sol, devem percorrer suas órbitas segundo leis que observam, e que até

mesmo a sua distância pode ser regulada pela quantidade de matéria que concentram. Mas, poder-se-á dizer que seria necessário que houvesse tal quantidade de matéria em cada planeta, que houvesse um determinado número de estrelas, que esse número não possa ser aumentado nem diminuído, que sobre a Terra haja um determinado número de seres por uma necessidade absoluta e inerente à natureza das coisas? Não, sem dúvida, uma vez que esse número muda todos os dias; portanto, toda a natureza, desde a estrela mais longínqua até um pedacinho de erva, deve estar submetida a um primeiro motor.

Quanto ao que se objeta, que um prado não é feito essencialmente para os cavalos, etc., não se pode concluir daí que não haja causa final, mas unicamente que não conhecemos todas as causas finais. Daí é preciso, sobretudo, raciocinar com boa fé e de forma alguma procurar enganar-se a si mesmo. Quando se vê uma coisa que tem sempre o mesmo efeito, que tem unicamente esse efeito, que é composta de uma infinidade de órgãos nos quais há uma infinidade de movimentos todos concorrendo para a mesma produção, parece-me que não se pode, sem uma repugnância secreta, negar uma causa final. O germe de todos os vegetais e de todos os animais está nesse caso. Não seria preciso ser um pouco ousado para afirmar que tudo isso não se relaciona a algum fim?

Concordo que não existe demonstração propriamente dita que prove que o estômago seja feito para digerir, como não existe demonstração de que é dia, mas os materialistas estão bem longe de poder demonstrar também que o estômago não é feito para digerir. Que se julgue somente qual é a opinião mais provável, com a mesma equidade com que se julgam as coisas em seu curso ordinário!!

Com respeito às críticas de injustiça e de crueldade endereçadas a Deus, respondo primeiramente que, supondo-se que haja um mal moral (o que me parece uma quimera), parece-me tão impossível explicá-lo pelo sistema da matéria como por aquele de Deus. Respondo, em seguida, que os únicos ideais de justiça que temos são aqueles tomados de toda ação útil à sociedade e conformes às leis estabelecidas por nós para o bem comum. Ora, a idéia de justiça, sendo somente uma idéia da relação homem a homem, não pode ter analogia alguma com Deus. É tão absurdo, nesse sentido, dizer que Deus é justo ou injusto quanto dizer que é azul ou quadrado.

É, portanto, insensato censurar a Deus porque as moscas são comidas pelas aranhas e porque os homens só vivem oitenta anos, (porque) abusam de sua liberdade para se destruírem uns aos outros, (porque) têm doenças, paixões cruéis, etc., pois não temos, certamente, nenhuma idéia de que os homens e as moscas devessem ser eternos. Para nos assegurarmos bem de que uma coisa é um mal, seria preciso ao mesmo tempo vermos se poderíamos fazê-la melhor. Certamente só podemos julgar uma máquina imperfeita pela idéia da perfeição que lhe falta. Não podemos, por exemplo, julgar que os três lados de um triângulo sejam desiguais se não tivermos a idéia de um triângulo equilátero. Não podemos dizer que um relógio é mau se não tivermos uma idéia distinta de um determinado número de espaços iguais que o ponteiro desse relógio deve percorrer igualmente. Mas, quem terá uma idéia em que se mostre a sabedoria divina derrogada neste mundo?

A *opinião* de que há um Deus enfrenta dificuldades, mas a opinião contrária profere absurdos. É o que precisamos examinar, fazendo um pequeno resumo daquilo que o materialista é obrigado a crer.

Conseqüências Necessárias da Opinião dos Materialistas

É preciso que digam que o mundo existe necessariamente e por si mesmo, de maneira que haveria contradição nos termos se dissessem que uma parte da matéria poderia não existir ou poderia existir diferententemente do que é. É preciso que digam que o mundo material tem em si essencialmente o pensamento e o sentimento, pois não pode adquiri-los, porque nesse caso viriam do nada. Ora, não pode recebê-lo de alhures porque está suposto que é tudo o que é. É preciso, portanto, que o pensamento e o sentimento lhe sejam inerentes, como a extensão, a divisibilidade, a capacidade de movimento são inerentes à matéria. E, assim, é preciso confessar que há somente

um pequeno número de partes que têm esse sentimento e esse pensamento essenciais ao total do mundo; que esses sentimentos e esses pensamentos, embora inerentes à matéria, entretanto, perecem a cada instante; ou então será preciso adiantar que há uma alma do mundo que se propaga nos corpos organizados. E, então, será preciso que esta alma seja diferente do mundo. Assim, de qualquer lado que nos viremos, só encontraremos quimeras que se destroem.

Os materialistas devem ainda sustentar que o movimento é essencial à matéria. São por isso reduzidos a dizer que o movimento nunca pôde nem nunca poderá aumentar ou diminuir. Serão forçados a adiantar que cem mil homens marchando juntos e cem tiros de canhão que disparam não produzem nenhum movimento novo na natureza. Será preciso ainda que assegurem que não há liberdade alguma, e assim, que destruam todos os laços da sociedade, crendo numa fatalidade tão difícil de compreender como a liberdade, mas desmentida por eles próprios na prática. Que um leitor equânime, tendo maduramente pesado o pró e o contra da existência de um Deus criador, veja agora de que lado está a verossimilhança!

Depois de nos arrastarmos assim, de dúvida em dúvida, e de conclusão em conclusão, até poder encarar a proposição *Existe um Deus* como a coisa mais verossímil que os homens possam pensar, e após ter visto que a proposição contrária é uma das mais absurdas, parece natural pesquisar qual a relação existente entre Deus e nós; ver se Deus estabeleceu leis para os seres pensantes, assim como existem leis mecânicas para os seres materiais; examinar se existe uma moral e o que pode ser; se há uma religião estabelecida pelo próprio Deus. Estas questões são, sem dúvida, de tal importância que diante delas tudo cede o passo, e as pesquisas com que divertimos nossa vida tornam-se bem frívolas se comparadas a elas. No entanto, essas perguntas só estarão no devido lugar quando considerarmos o homem como um animal sociável.

Examinemos, primeiramente, como lhe vêm as idéias e como pensa, antes de vermos que uso faz ou deve fazer dos seus pensamentos.

CAPÍTULO III

Que Todas as Idéias Vêm pelos Sentidos

Quem quer que submeta tudo o que se passou em seu entendimento a uma avaliação fiel admitirá sem dificuldade que seus sentidos lhe forneceram todas as idéias. E, no entanto, os filósofos que abusaram de sua razão pretenderam afirmar que tínhamos idéias inatas. E o asseguraram usando apenas o mesmo fundamento que lhes servira para dizer que Deus, tomando cubos de matéria e esfregando-os uns contra os outros, formara o mundo visível. Formaram sistemas com os quais se vangloriavam de poder arriscar qualquer explicação aparente dos fenômenos da natureza. Essa maneira de filosofar é ainda mais perigosa do que o jargão desprezível da Escola. Pois esse jargão, sendo absolutamente vazio de sentido, basta um pouco de atenção para que um espírito reto, num único lance, aperceba-se do seu ridículo e procure alhures a verdade. Mas, uma hipótese engenhosa e ousada que tenha de início algum lampejo de verossimilhança estimula o orgulho humano a crê-la; o espírito se congratula por tais princípios sutis e serve-se de toda sua sagacidade para defendê-los. É claro que nunca se deve levantar hipóteses; nunca dizer: Comecemos por inventar princípios com os quais trataremos de explicar tudo. Mas, é preciso dizer: Façamos a análise exata das coisas e em seguida trataremos de ver, com muita desconfiança se se relacionam com alguns princípios. Os que fizeram o romance das idéias inatas se vangloriaram de dar explicação das idéias do infinito, da imensidão de Deus e de algumas noções metafísicas que supunham ser comuns a todos os homens. Entretanto, se antes de se empenhar nesse sistema tivessem querido refletir sobre o fato de que muitos homens não têm durante toda sua vida a menor tintura dessas noções; que nenhuma criança as tem sem que se lhes dê; e que, enfim, quando as adquirimos, temos apenas percepções muito imperfeitas, idéias puramente negativas, tais reflexões os levariam a envergonharem-se de suas opiniões. Se há alguma coisa demonstrada fora da matemática é que não há idéias inatas no homem. Se houvesse, todos os homens ao nascer teriam

a idéia de Deus e teriam todos a mesma idéia; teriam todos as mesmas noções metafísicas. Acrescentais a isso o absurdo ridículo em que nos lançamos quando sustentamos que Deus nos deu, quando ainda no ventre materno, noções que precisam ser-nos totalmente ensinadas em nossa juventude.

É, portanto, indubitável que nossas primeiras idéias sejam nossas sensações. Pouco a pouco recebemos idéias compostas daquilo que atinge nossos órgãos; nossa memória retém estas percepções; nós as classificamos em seguida sob idéias gerais, e todos os vastos conhecimentos do homem resultam dessa única faculdade de compor e arranjar as idéias.

Os que objetam que as noções do infinito em duração, em extensão, em número, não podem vir dos nossos sentidos, só têm que se voltar sobre si mesmos por um instante. Primeiramente, verão que não têm nenhuma idéia completa, e nem sequer positiva do infinito, mas que foi somente acrescentando as coisas materiais umas às outras que chegaram a compreender que nunca verão o fim de sua conta, e chamaram infinito essa impotência, que é antes uma confissão da ignorância humana do que uma idéia acima de nossos sentidos. Se se objetar que há infinito real em geometria, respondo: não. Prova-se somente que a matéria será sempre divisível; prova-se que todos os círculos possíveis passarão entre duas linhas; prova-se que uma infinidade de superfícies não possui nada de comum com uma infinidade de cubos, mas isto nos dá tanta idéia do infinito quanto a proposição *Existe um Deus* nos dá uma idéia do que é Deus.

Mas não é suficiente estarmos convencidos de que todas as nossas idéias nos vêm pelos sentidos. Nossa curiosidade leva-nos também a querer conhecer como elas nos vêm, e, assim, todos os filósofos escreveram belos romances, o que lhes teria sido poupado se tivessem examinado com boa fé os limites da natureza humana. Quando não temos o apoio do compasso da matemática nem do archote da experiência e da física, é certo que não podemos dar um só passo. Até que tenhamos os olhos bastante agudos para distinguir as partes constituintes do ouro das partes constituintes de um grão de mostarda, é certo que não poderemos raciocinar sobre suas essências. E, até que o homem seja de uma outra natureza, e que tenha órgãos para perceber sua própria substância e a essência de suas idéias, como tem órgãos para sentir, é indubitável que lhe será impossível conhecê-las. Perguntar como pensamos e como sentimos, como nossos movimentos obedecem à nossa vontade, é perguntar sobre segredo do Criador. Nossos sentidos não nos fornecem vias para chegar a esse conhecimento, como não nos fornecem asas quando desejamos ter a faculdade de voar. Em minha opinião, isso prova suficientemente que todas as nossas idéias nos vêm pelos sentidos, já que, quando nossos sentidos nos faltam, as idéias nos faltam igualmente. Também é impossível saber como pensamos e, pela mesma razão, é impossível ter a idéia de um sexto sentido, pois faltam-nos órgãos que nos ensinem tais idéias. Eis por que aqueles que tiveram a ousadia de imaginar um sistema sobre a natureza da alma e de nossas concepções foram obrigados a supor a opinião absurda das idéias inatas, vangloriando-se de que, entre pretensas idéias metafísicas vindas do céu ao nosso espírito, encontrar-se-iam algumas que descobririam esse segredo impenetrável.

De todos os raciocinadores ousados que se perderam na profundeza dessas investigações, o Padre Malebranche é o que pareceu extraviar-se de modo mais sublime.

Eis a que se reduz seu sistema, que provocou tanto estardalhaço.

Nossas percepções, que nos vêm por ocasião dos objetos, não podem ser causadas por esses próprios objetos, e certamente não têm neles mesmos a potência de produzir um sentimento; não vêm de nós mesmos, pois a esse respeito somos tão impotentes quanto os objetos; é preciso, pois, que seja Deus que nô-las dê. *Ora, Deus é vínculo dos espíritos, e os espíritos subsistem nele;* portanto, é nele que temos nossas idéias e que vemos todas as coisas.

Ora, pergunto a todo homem que não tenha a cabeça repleta de entusiasmo: que noção clara nos dá este último raciocínio?

O que quer dizer *Deus é o vínculo dos espíritos?* E mesmo que as palavras *sentir e ver tudo em Deus* formassem em nós uma idéia distinta, o que ganharíamos com isso e em que seríamos mais sábios do que antes?

Certamente, para reduzir o sistema do Padre Malebranche a algo inteligível, somos obriga-

dos a recorrer ao spinozismo, imaginando que o total do universo é Deus, que este Deus age em todos os seres, sente nos animais, pensa nos homens, vegeta nas árvores, é pensamento e pedregulho, tem todas as partes de si mesmo destruídas a todo momento, e enfim todos os absurdos que decorrem necessariamente de tal princípio.

Os extravios de todos aqueles que quiseram aprofundar o que é impenetrável para nós devem ensinar-nos a não querer ultrapassar os limites de nossa natureza. A verdadeira filosofia é saber interromper onde é preciso e jamais caminhar sem um guia seguro.

Resta bastante terreno a percorrer sem viajar nos espaços imaginários. Contentemo-nos, portanto, em saber pela experiência apoiada no raciocínio, única fonte de nossos conhecimentos, que nossos sentidos são as portas por onde todas as idéias entram em nosso entendimento, e relembremos bem que nos é absolutamente impossível conhecer o segredo dessa mecânica, porque não possuímos instrumentos proporcionais às suas molas.

CAPÍTULO IV

Que Há Efetivamente Objetos Exteriores

Não passaria por nossa cabeça tratar desta questão se os filósofos não tivessem procurado duvidar das coisas mais claras, como se vangloriaram de conhecer as mais duvidosas.

Nossos sentidos nos fazem ter idéias, dizem eles, mas talvez nosso entendimento receba essas percepções sem que haja algum objeto no exterior. Sabemos que durante o sono vemos e sentimos coisas que não existem; talvez nossa vida seja um sonho contínuo e a morte será o momento de nosso despertar, ou o fim de um sono que não será sucedido por nenhum despertar.

Nossos sentimentos nos enganam mesmo na vigília; a menor alteração em nossos órgãos nos faz ver, algumas vezes, objetos e escutar sons cuja causa está unicamente no desarranjo do nosso corpo; portanto, é bem possível que nos aconteça sempre o que nos acontece algumas vezes.

Acrescentam que quando vemos um objeto, percebemos uma cor, uma figura, escutamos sons, e que nos agradou denominar tudo isto de: *os modos deste objeto;* mas, qual é a substância desse objeto? É aí, com efeito, que o objeto escapa à nossa imaginação. O que tão ousadamente denominamos *a substância* é somente a reunião desses modos. Despojai esta árvore desta cor, desta configuração que nos dava a idéia de uma árvore, que lhe restará? Ora, o que chamei *modos* são somente as minhas percepções. Posso muito bem dizer: *tenho idéia da cor verde e de um corpo configurado assim, assim,* mas não tenho prova alguma de que este corpo e esta cor existam: eis o que diz Sexto Empírico, sem poder encontrar uma resposta.

Concedamos a esses senhores, ainda por um momento, mais do que pedem. Pretendem que não podemos provar-lhes a existência dos corpos. Permitamos-lhes que eles próprios provem que não há corpos. Que decorrerá disso? Conduziremo-nos diferentemente em nossa vida? Teremos idéias diferentes sobre nada? Bastará mudar somente uma palavra em seus discursos. Assim, por exemplo, se tiver ocorrido alguma batalha, será preciso dizer que dez mil homens *pareceram* ter sido mortos, que um tal oficial *parece* ter quebrado a perna e que um cirurgião *parecerá* cortá-la. Assim também, quando tivermos fome, pediremos a *aparência* de um pedaço de pão para fingirmos digerir.

Mas, eis o que poderemos responder mais seriamente:

1.º A rigor não podeis comparar a vida ao estado dos sonhos, porque dormindo sonhais apenas com as coisas cuja idéia tivestes quando despertos. Estais seguros de que vossos sonhos são apenas uma fraca reminiscência. Ao contrário, durante a vigília, quando temos uma sensação, nunca podemos concluir que seja por lembrança. Se, por exemplo, uma pedra caindo quebrar-nos o ombro, parecerá bastante difícil que isto se dê por um esforço de memória.

2.º É verdade que nossos sentidos freqüentemente se enganam, mas que entendemos por isso? Só temos um sentido propriamente dito, o do tato. A visão, o som, o olfato são o tato dos corpos intermediários que partem de um corpo distante. Só tenho idéia das estrelas pelo contato.

Como o contato da luz, que atinge meu olho a mil milhões de léguas, não é palpável como o contato de minhas mãos, e depende do meio que aqueles corpos atravessaram, tal contato é chamado, impropriamente, enganador, pois não me deixa ver os objetos nos seus verdadeiros lugares, não me dá a idéia da sua grandeza. Nenhum desses contatos não-palpáveis fornece-me idéia positiva dos corpos. A primeira vez que sinto um odor sem ver o objeto de onde vem, meu espírito não encontra relação alguma entre um corpo e esse odor, mas o contato propriamente dito; a aproximação do meu corpo de um outro, independentemente dos meus outros sentidos, me dá a idéia da matéria, pois quando toco uma rocha sinto perfeitamente que não posso colocar-me em seu lugar, e que, por conseguinte, há qualquer coisa extensa e impenetrável. Assim, supondo (pois o que não supomos?) que um homem tivesse todos os sentidos fora o do tato propriamente dito, tal homem poderia muito bem duvidar da existência dos objetos exteriores e talvez até permanecer muito tempo sem ter a menor idéia deles. Entretanto, aquele que fosse surdo e cego, mas tivesse o tato, não poderia duvidar da existência das coisas cuja dureza experimentasse, pois não está na essência da matéria que um corpo seja colorido ou sonoro, mas sim extenso e impenetrável. Como os céticos indignados responderão às duas questões seguintes:

1.º Se não há objetos exteriores, e se minha imaginação faz tudo, por que me queimo quando toco o fogo e não me queimo quando, em (um) sonho, creio tocar o fogo?

2.º Quando escrevo minhas idéias sobre este papel e um outro homem vem ler o que escrevo, como posso escutar as palavras que escrevi e pensei se esse outro homem não as ler efetivamente? Como posso reencontrá-las se não estiverem aí? Enfim, qualquer que seja o esforço que faça para duvidar, estou mais convencido da existência dos corpos do que de várias verdades geométricas. Embora pareça espantoso, nada posso fazer. Podem faltar-me demonstrações geométricas para provar que tenho pai e mãe, e pode ter sido em vão demonstrar-me, ou seja, não se ter podido responder ao argumento que prova que uma infinidade de linhas curvas podem passar entre um círculo e sua tangente. No entanto, sinto perfeitamente que se um ser todo-poderoso viesse dizer-me que, das duas proposições seguintes, "há corpos" e "uma infinidade de curvas passam entre o círculo e sua tangente", uma é falsa, acrescentando: adivinhais qual delas? Adivinharia que é a última, pois, sabendo que ignorei durante muito tempo esta proposição, e que tive necessidade de uma atenção concentrada para compreender sua demonstração; que acreditei aí encontrar dificuldades; que, enfim, as verdades geométricas só têm realidade em meu espírito, poderia suspeitar que este se enganou.

Seja como for, como aqui minha principal finalidade é examinar o homem sociável, e só podemos ser sociáveis se houver uma sociedade, e, por conseguinte, objetos fora de nós, os pirronianos me permitirão começar por crer firmemente que há corpos, sem o que seria preciso que eu recusasse a própria existência desses senhores.[3]

CAPÍTULO V

Se o Homem Tem uma Alma, e o que Pode Ser

Temos certeza de que somos matéria, de que sentimos e de que pensamos. Estamos persuadidos da existência de um Deus de quem somos a obra, e as razões que nos levam a tal convicção não permitem que nosso espírito se revolte contra elas. Provamos a nós mesmos que Deus criou o que existe. Convencemo-nos de que nos é impossível e de que nos deve ser impossível saber como Ele nos deu o ser. Entretanto, podemos saber o que pensa em nós? Qual é essa faculdade que Deus nos deu? É a matéria que sente e que pensa? É uma substância imaterial? Em uma palavra, o que é uma alma? Aqui, mais do que nunca, é necessário recolocar-me no estado de um ser pensante vindo de um outro globo, não tendo os preconceitos daqui e possuindo a mesma capaci-

[3] Vide verbete *Existência*, pelo Cavaleiro de Jaucourt, na *Enciclopédia;* é a única obra em que a questão da existência dos corpos foi bem tratada e completamente resolvida até hoje. (N. do A.)

dade que eu, mas não sendo o que se chama homem, e capaz de julgar o homem de uma maneira desinteressada.

Se eu fosse um ser superior a quem o Criador tivesse revelado seus segredos, vendo o homem, logo diria o que é esse animal. Definiria sua alma e todas as suas faculdades com conhecimento de causa, com tanta ousadia como o definiram tantos filósofos que nada sabiam. Porém, confessando minha ignorância e experimentando minha fraca razão, não posso fazer outra coisa senão servir-me da via da análise, bastão dado aos cegos pela natureza. Examino tudo parte por parte e vejo em seguida se posso julgar o todo. Suponho, então, que cheguei à África, cercado de negros, de hotentotes e de outros animais. Noto inicialmente que os órgãos da vida são os mesmos em todos eles, todas as operações de seus corpos partem dos mesmos princípios de vida; todos têm, a meu ver, os mesmos desejos, as mesmas paixões, as mesmas necessidades, exprimindo-os cada um em sua língua. A primeira língua que escuto é a dos animais, e não poderia ser de outra forma; os sons pelos quais se exprimem não parecem arbitrários, mas caracteres vivos de suas paixões; os signos trazem a marca do que exprimem: o grito de um cachorro que reclama comida, reunido a todas as suas atitudes, tem uma relação sensível com seu objeto. Distingo incontinenti os gritos e os movimentos com que adula um outro animal daqueles com que caça, e daqueles com que se queixa. Distingo ainda se sua queixa exprime a ansiedade da solidão, ou a dor de uma ferida, ou as impaciências do amor. Assim, com um pouco de atenção, compreendo a linguagem de todos os animais. Não há sentimento algum que não exprimam, embora talvez não aconteça o mesmo com suas idéias; mas como parece que a natureza lhes deu pouquíssimas idéias, parece-me também que seria natural que tivesse uma linguagem limitada, proporcionada às suas percepções.

Que diferença encontro nos animais negros? Que posso ver aí, se não algumas idéias e algumas combinações a mais na cabeça, expressas numa linguagem articulada diferentemente? Quanto mais examino todos esses seres, mais devo suspeitar que são espécies diferentes de um mesmo gênero. A faculdade admirável de reter idéias é comum a todos, todos têm sonhos e fracas imagens durante o sono, idéias que receberam na vigília; sua faculdade sensível e pensante cresce com seus órgãos, como eles se enfraquece e perece. Se vertermos o sangue de um macaco e de um negro, haverá em breve num e noutro um grau de esgotamento que os tornará incapazes de me reconhecer. Logo depois seus sentidos exteriores não agem mais e enfim morrem.

Pergunto agora o que lhes dava a vida, a sensação e o pensamento. Não era sua própria obra, também não era a da matéria, como já provei. Portanto, foi Deus quem dera a todos esses corpos a potência de sentir e de ter idéias em graus diferentes, proporcionais aos seus órgãos. Eis, seguramente, o que eu suspeitaria de início.

Enfim, vejo homens que me parecem superiores aos negros, como estes o são em relação aos símios, e como estes, comparados aos outros animais dessa espécie.

Os filósofos dizem-me: Não vos enganeis, o homem é inteiramente diferente dos outros animais, tem uma alma espiritual e imortal, pois (notai bem isto), se o pensamento é um composto da matéria, deve ser necessariamente aquilo de que é composto, deve ser divisível, capaz de movimento, etc. Ora, o pensamento não pode dividir-se, portanto não é um composto da matéria, não possui partes, é simples, é imortal, é a obra e a imagem de um Deus. Escuto esses mestres e lhes respondo, sempre desconfiando de mim mesmo, mas nem por isso confiando neles. Se o homem tem uma alma, tal como assegurais, devo crer que este cão e esta toupeira têm uma *semelhante*. Todos me juram que não. Pergunto-lhes qual a diferença que existe entre este cão e eles. Uns me respondem: este cão é uma forma substancial; outros me dizem: não acrediteis nisso, as formas substanciais são quimeras; este cão é uma máquina como uma manivela, e nada mais. Pergunto ainda aos inventores das formas substanciais o que entendem por essa expressão, e como só me respondem com galimatias, volto-me para os inventores das manivelas e lhes digo: se estes animais são puras máquinas, certamente sereis, em comparação com eles, apenas como um relógio de repetição em comparação com a manivela de que falais; ou, se tendes a honra de possuir uma alma espiritual, os animais terão uma também, pois são tudo o que vós sois. Possuem os mesmos órgãos com os quais tendes sensações, e se não lhes servirem para a mesma finalidade, dando-lhes

tais órgãos Deus terá feito uma obra inútil. Mas de acordo com vossa própria opinião, Deus nada faz em vão. Escolhei, portanto: ou atribuís uma alma espiritual a uma pulga, a um verme, a um bicho do queijo, ou sois autômatos como eles. Tudo que tais senhores podem responder-me consiste em dizer que conjecturam a respeito das molas dos animais, molas que parecem ser os órgãos de seus sentimentos, necessárias às suas vidas, mas que neles são unicamente molas de vida. Esta resposta é apenas uma suposição irrazoável.

É certo que para viver não se precisa nem de nariz, nem de orelhas, nem de olhos. Há animais que não possuem sentidos e vivem. Portanto, esses órgãos dos sentidos são dados apenas para o sentimento, donde se conclui que os animais sentem como nós e, assim, só um excesso de vaidade ridícula pode levar os homens a se atribuírem uma alma de uma espécie diferente daquela que anima os brutos. É claro, pois, que até agora nem os filósofos nem eu sabemos o que seja a alma. Está somente provado ser alguma coisa comum entre o animal chamado *homem* e aquele que se denomina *besta*. Vejamos se essa faculdade comum a todos os animais é matéria ou não.

É impossível, dizem-me, que a matéria pense. Não vejo esta impossibilidade. Se o pensamento fosse um composto da matéria, como me dizem, admitiria que o pensamento deveria ser extenso e divisível; mas se o pensamento é um atributo de Deus dado à matéria, não vejo por que seja necessário que tal atributo seja extenso e divisível, pois vejo que Deus comunicou à matéria outras propriedades que não possuem extensão nem divisibilidade. Assim, por exemplo, a gravitação, que age sem corpos intermediários e na razão direta da massa e não das superfícies, e na razão inversa do quadrado das distâncias, é uma qualidade real demonstrada, mas cuja causa está tão escondida como a do pensamento.

Em uma palavra, só posso julgar segundo o que vejo, e segundo o que me parece mais provável. Vejo que em toda a natureza os mesmos efeitos supõem uma mesma causa. Assim, julgo que a mesma causa age nas bestas e nos homens proporcionalmente aos seus órgãos, e creio que este princípio comum aos homens e às bestas é um atributo dado por Deus à matéria. Pois, se o que se chama *alma* fosse um ser à parte, qualquer que fosse sua natureza, eu deveria crer que o pensamento é sua essência, ou, então, eu não teria idéia alguma dessa substância. Mesmo todos os que admitiram uma alma imaterial foram obrigados a dizer que esta pensa sempre. Faço, então, apelo à consciência de todos os homens. Pensam sem cessar? Pensam quando dormem um sono pleno e profundo? As bestas têm idéias em todos os momentos? Alguém que desmaiou tem muitas idéias nesse estado, que é realmente uma morte passageira? Se a alma não pensa sempre é, portanto, absurdo reconhecer no homem uma substância cuja essência seja pensar. Que poderíamos concluir senão que Deus organizou os corpos para pensar assim como para comer e para digerir? Informando-me sobre a história do gênero humano, vejo que durante muito tempo os homens tiveram a mesma opinião que eu sobre esse assunto. Leio um dos livros mais antigos do mundo, conservado por um povo que se pretende ser o povo mais antigo, e tal livro me diz que o próprio Deus parece pensar como eu. Ensina-me que outrora Deus deu aos judeus leis mais detalhadas do que quaisquer outras recebidas por uma nação. Digna-se prescrever-lhes até a maneira como devem ir à privada, mas não lhes disse uma única palavra sobre a alma, falando-lhes apenas de castigos e recompensas temporais, o que prova, pelo menos, que o autor desse livro não vivia numa nação que acreditasse na espiritualidade e na imortalidade da alma.

Dizem-me que, dois mil anos depois, Deus veio ensinar aos homens que sua alma é imortal, mas eu, que pertenço a uma outra esfera, não posso deixar de me espantar com esse disparate debitado na conta de Deus. Parece estranho para minha razão que Deus tenha feito os homens crerem no pró e no contra, mas tratando-se de um ponto de revelação, onde minha razão nada vê, calo-me e adoro em silêncio. Não cabe a mim examinar o que foi revelado. Noto somente que os livros revelados não dizem que a alma seja espiritual, dizem apenas que é imortal. Não tenho dificuldade alguma para acreditar nisso, pois parece tão possível a Deus tê-la formado (seja qual for sua natureza) para conservá-la como para destruí-la. Esse Deus, que pode conservar ou aniquilar o movimento de um corpo conforme lhe agrade, pode seguramente fazer durar para sempre a faculdade de pensar numa parte desse corpo. Com efeito, se ele próprio nos disse que essa parte é imortal, é preciso persuadir-se de que assim é.

Mas, de que é feita a alma? Isto o Ser Supremo não julgou de bom alvitre ensinar aos homens. Contando apenas com minhas próprias luzes, com o desejo de conhecer alguma coisa e com a sinceridade do meu coração para conduzir-me nessas investigações, procuro sinceramente o que minha razão pode revelar-me por si mesma. Experimento suas forças, não por crê-la capaz de carregar todos esses pesos imensos, mas para fortificá-la pelo exercício, e para saber até onde vai seu poder. Assim, sempre pronto a ceder desde que a revelação me apresente suas barreiras, continuo minhas reflexões e minhas conjecturas unicamente como filósofo, até que minha razão não possa mais avançar.

CAPÍTULO VI

Se o que Chamamos Alma é Imortal

Este não é o lugar adequado para examinar se efetivamente Deus revelou a imortalidade da alma. Continuo supondo que sou um filósofo de um outro mundo julgando apenas com minha razão. Esta ensinou-me que todas as idéias dos homens e dos animais lhes vêm pelos sentidos e confesso não poder segurar o riso quando me dizem que os homens ainda terão idéias quando não tiverem mais sentidos. Se um homem perdeu o nariz, assim perdido, este é uma parte dele tanto quanto a estrela polar. Ao perder todas as suas partes e não ser mais um homem, não seria estranho dizer, então, que ainda lhe sobra o resultado de tudo o que pereceu? Preferiria dizer que come e bebe após sua morte a dizer que lhe restam idéias depois dela. Essas duas suposições são igualmente inconseqüentes, mas certamente escoaram-se muitos séculos antes que se ousasse fazer uma proposta tão surpreendente como a segunda. Bem sei, ainda uma vez, que Deus, tendo atado a uma parte do cérebro a faculdade de ter idéias, pode conservar essa pequena parte do cérebro com sua faculdade, pois conservar essa faculdade sem a parte seria tão impossível como conservar o riso de um homem ou o canto de um pássaro após a morte do homem e do pássaro. Deus pode também ter dado aos homens e aos animais uma alma simples, imaterial, conservando-a independentemente de seus corpos. Isso lhe é tão possível como criar um milhão de mundos a mais do que criou, bem como dar aos homens dois narizes e quatro mãos, asas e garras. No entanto, para crer que de fato fez todas essas coisas possíveis, parece-me que é preciso vê-las.

Não vendo, portanto, que o entendimento, a sensação do homem, seja coisa imortal, quem provará que ela o é? Como?! Eu, que nem sei qual é a natureza dessa coisa, afirmarei que é eterna?! Eu, que sei que o homem não existia ontem, afirmarei que há nele uma parte eterna por sua natureza?! E, enquanto recusarei a imortalidade àquilo que anima este cão, este papagaio, esta gralha, irei concedê-la ao homem só porque o homem a deseja?

Com efeito, seria bem doce sobreviver a si mesmo, conservar eternamente a parte mais excelente de seu ser sob a destruição da outra, viver para sempre com seus amigos, etc.! Esta quimera (ao encará-la só nesse sentido) seria consoladora para as misérias reais. Eis, talvez, por que se inventou outrora o sistema da metempsicose. Entretanto, seria ele mais verossímil do que as *Mil e Uma Noites?* Não seria fruto da imaginação viva e absurda da maioria dos filósofos orientais? Suponho, porém, malgrado todas as verossimilhanças, que Deus conserva após a morte do homem o que se chama sua *alma,* e que abandona a da fera com o ritmo comum da destruição de todas as coisas. Pergunto o que o homem ganhará com isso; pergunto o que o espírito de Tiago terá em comum com Tiago depois de morto.

O que constitui a pessoa de Tiago, fazendo com que Tiago seja ele mesmo e o mesmo que era ontem a seus próprios olhos, é a lembrança das idéias que tinha ontem, e que no seu entendimento une sua existência de ontem à sua existência de hoje, pois se tivesse perdido inteiramente a memória, sua existência passada lhe seria tão estranha quanto a de um outro homem. Não seria mais o Tiago de ontem, a mesma pessoa, como não seria Sócrates ou César. Ora, suponho que Tiago, em sua última doença, tenha perdido totalmente a memória, morrendo conseqüentemente sem ser

o mesmo Tiago que viveu. Deus devolverá à sua alma essa memória que perdeu? Criará novamente essas idéias que não mais existem? Neste caso não será um homem completamente novo, tão diferente do primeiro quanto um hindu de um europeu?

Mas pode-se dizer também que, Tiago tendo perdido inteiramente a memória antes de morrer, sua alma poderá recobrá-la assim como é recobrada após um desmaio ou após uma congestão cerebral, pois um homem que perdeu inteiramente a memória numa grande doença não deixa de ser o mesmo homem quando a recupera. Portanto, a alma de Tiago, se tiver uma, e se for imortal pela vontade do Criador, como se supõe, poderá recuperar a memória após sua morte, exatamente como a recupera após um desmaio durante a vida. E assim, Tiago será o mesmo homem.

Vale a pena propor tais dificuldades, e aquele que encontrar uma maneira segura de resolver a equação dessa incógnita será, penso, um homem hábil.

Não consigo avançar mais nessas trevas. Detenho-me quando me falta a luz de meu archote. Já é suficiente que consiga ver até aonde posso ir. Não asseguro que tenha demonstrações contra a espiritualidade e a imortalidade da alma, mas todas as aparências são contra elas. É igualmente injusto e desarrazoado querer uma demonstração numa pesquisa susceptível somente de conjecturas.

É preciso unicamente prevenir o espírito dos que acreditariam a mortalidade da alma contrária ao bem da sociedade, e fazê-los relembrar que os antigos judeus, cujas leis admiram, acreditavam a alma material e mortal, sem contar as grandes seitas de filósofos que valiam como os judeus e que eram gente muito honesta.

CAPÍTULO VII

Se o Homem é Livre

Talvez não haja questão mais simples do que a da liberdade, mas também não há outra que tenha sido mais emaranhada pelos homens. As dificuldades com que os filósofos eriçaram tal matéria, a temeridade com que se quis arrancar de Deus seu segredo e conciliar a presciência com o livre arbítrio, obscureceram a idéia de liberdade com a pretensão de esclarecê-la. Acostumou-se tanto a não mais pronunciar a palavra *liberdade* sem acompanhá-la com a seqüência de todas as dificuldades em que se desdobra que hoje em dia ninguém se entende quando se pergunta: o homem é livre?

Agora não há mais lugar para fingir um ser dotado de razão sem ser humano e que examina com indiferença o que é o homem. Ao contrário, agora é preciso que cada homem entre em si mesmo e dê testemunho de seu próprio sentimento.

Iniciemos despojando a questão de todas as quimeras com que se costumou embaraçá-la, e definamos o que entendemos pela palavra *liberdade*.

Liberdade é unicamente o poder de agir. Se uma pedra se movesse por sua escolha, seria livre. Os animais e os homens têm esse poder, portanto, são livres. Posso com todas as minhas forças contestar essa faculdade aos animais, posso afigurar-me, se quiser abusar de minha razão, que as bestas, semelhantes a mim em todo o resto, diferem de mim nesse único ponto. Posso concebê-las como máquinas que não têm nem sensações, nem desejos, nem vontade, embora aparentem tê-los. Forjarei sistemas, isto é, erros, para explicar sua natureza, mas, no momento de interrogar-me a mim mesmo, será preciso confessar que tenho uma vontade e que tenho o poder de agir, de mexer meu corpo, de aplicar meu pensamento em tal ou qual consideração, etc. Se alguém vier me dizer: acreditais ter essa vontade, mas não a tendes; tendes um sentimento que vos engana, como acreditais ver o Sol com dois pés de largura, embora em grandeza esteja para a Terra mais ou menos como um milhão para a unidade; responderei a esse alguém: o caso é diferente. Deus não me enganou fazendo-me ver o que está distante de mim com uma grandeza proporcional à sua distância. As leis matemáticas da óptica provaram que não posso e não devo perceber os objetos senão na razão direta de seus tamanhos e de seu afastamento, e a natureza de

meus órgãos é tal que, se minha vista pudesse perceber a grandeza real de uma estrela, eu não poderia ver nenhum objeto sobre a Terra. O mesmo acontece com o sentido da audição e com o do olfato. Sendo todas as coisas iguais, só terei sensações mais ou menos fortes conforme os corpos sonoros e odoríferos estejam mais ou menos longe de mim. Não há nisso erro algum. Entretanto, se eu não tivesse vontade, crendo tê-la, Deus ter-me-ia criado expressamente para enganar-me, assim como se me fizesse acreditar que há corpos fora de mim sem que realmente houvesse. Nada resultaria dessa mentira senão um absurdo na maneira de agir de um Ser Supremo infinitamente sábio.

E que não se diga ser indigno de um filósofo recorrer a Deus nesse ponto. Pois, primeiramente, estando provado esse Deus, está demonstrado que é a causa de minha liberdade, caso eu seja livre, e que é o autor absurdo de meu erro, se, tendo-me feito um ser puramente paciente sem vontade, me fizesse acreditar que sou agente e que sou livre.

Em segundo lugar, se não houvesse Deus, quem me teria lançado no erro? Quem me teria dado o sentimento de liberdade, colocando-me na escravidão? Seria uma matéria que alcança a inteligência de si mesma? Não posso ser ensinado nem enganado pela matéria, nem receber dela a faculdade de querer; não posso ter recebido de Deus o sentimento da minha vontade sem ter uma; tenho realmente uma vontade, portanto sou um agente.

Querer e agir é precisamente o mesmo que ser livre. O próprio Deus só pode ser livre nesse sentido. Quis e agiu segundo sua vontade. Se supuséssemos sua vontade determinada necessariamente, dizendo que teve necessidade de querer o que fez, cairíamos num absurdo tão grande quanto se disséssemos "há um Deus" e "não há um Deus", pois se Deus fosse determinado necessariamente não seria mais agente, seria paciente e não seria mais Deus.

Nunca se deve perder de vista essas verdades fundamentais encadeadas umas às outras. Algo existe, portanto algum ser existe eternamente, portanto tal ser existe por si mesmo com uma necessidade absoluta, portanto é infinito, portanto todos os outros seres vêm dele sem que se saiba como, portanto pôde comunicar-lhes a liberdade assim como lhes comunicou o movimento e a vida, portanto deu-nos esta liberdade que sentimos em nós, assim como nos deu a vida que sentimos em nós.

Em Deus a liberdade é o poder de pensar e de operar sempre tudo o que quer.

A liberdade dada por Deus ao homem é o poder fraco, limitado e passageiro, de dedicar-se a alguns pensamentos, e de operar certos movimentos. A liberdade das crianças que ainda não refletem e das espécies animais, que nunca refletem, consiste somente em querer e operar movimentos. Sobre qual fundamento podemos imaginar que a liberdade não existe? Eis as causas desse erro: de início, notou-se que temos freqüentemente paixões violentas que nos arrastam malgrado nós mesmos. Um homem quereria não amar uma amante infiel, e, no entanto, seus desejos, mais fortes que sua razão, o reconduzem para ela; somos arrebatados por ações violentas, em movimentos coléricos incontroláveis; desejaríamos levar uma vida tranqüila, e, no entanto, a ambição nos impele para o tumulto dos negócios.

Tantas cadeias visíveis a prostrar-nos durante quase toda nossa vida fizeram-nos crer que estamos igualmente acorrentados a todo o resto, e dizemos: ora o homem é arrastado com rapidez e violência por sacudidas que o agitam, ora é conduzido por um movimento tranqüilo de que também não é senhor; é um escravo que nem sempre sente o peso e a infâmia dos seus ferros, mas é sempre escravo.

Tal raciocínio, que é apenas a lógica da fraqueza humana, é em tudo semelhante a este: os homens ficam doentes algumas vezes, portanto, nunca têm saúde.

Ora, quem não vê a impertinência desta conclusão? Quem não vê, ao contrário, que sentir a doença é uma prova indubitável de que se teve saúde, que sentir a escravidão e a impotência prova invencivelmente que se teve a potência e a liberdade?

Quando tivestes uma paixão furiosa, vossa vontade não era mais obedecida por vossos sentidos; nessa ocasião éreis tão livres como numa paralisia que vos impedisse de movimentar o braço que queríeis mexer. Se um homem fosse durante toda sua vida dominado por paixões violentas ou por imagens que passam incessantemente em seu cérebro, faltar-lhe-ia a parte de humanidade que

consiste em poder pensar algumas vezes naquilo que se quer. Tal é a situação de muitos loucos que trancafiamos e mesmo a de muitos outros que não estão trancafiados.

O mesmo motivo que faz com que não sejamos todos igualmente esclarecidos, igualmente robustos, faz com que haja homens mais livres do que outros. A liberdade é a saúde da alma e em poucas pessoas é completa e inalterável. Nossa liberdade é fraca e limitada como todas as nossas outras faculdades. Nós a fortificamos acostumando-nos a refletir, e este exercício torna a alma um pouco mais vigorosa. Mas quaisquer que sejam os esforços que façamos, nunca podemos chegar a tornar nossa razão soberana de todos os nossos desejos; haverá sempre movimentos involuntários em nossa alma como em nosso corpo. Somos livres, sábios, fortes, sãos e espirituais num grau muito reduzido. Se fôssemos sempre livres, seríamos o que Deus é. Contentemo-nos com uma partilha conveniente ao lugar que ocupamos na natureza. Mas não imaginemos que nos faltam as coisas que fruímos, nem renunciemos às faculdades de um homem por não termos os atributos de um Deus.

No meio de um baile ou de uma conversa animada, ou nas dores de uma doença que me oprima a cabeça, em vão poderei querer encontrar quanto é a trigésima quinta parte de noventa e cinco terços e meio multiplicados por vinte e cinco décimos nonos e três quartos; não terei a liberdade de fazer tal combinação. Mas um pouco de recolhimento devolver-me-á essa capacidade, perdida no tumulto. Os mais encarniçados inimigos da liberdade são, portanto, forçados a admitir que temos uma vontade obedecida algumas vezes por nossos sentidos. "Mas essa vontade", dizem eles, "é necessariamente determinada, como uma balança sempre é inclinada para o lado do peso maior. O homem só quer o que julga melhor, seu entendimento não é senhor de não julgar bom o que lhe parece bom. O entendimento age necessariamente. A vontade é determinada pelo entendimento; portanto, a vontade é determinada por uma necessidade absoluta, conseqüentemente o homem não é livre."

Tal argumento deslumbrante é, no fundo, apenas um sofisma, seduzindo muita gente, porque os homens quase sempre só entrevêem o que examinam.

Eis em que consiste o defeito desse raciocínio: certamente o homem só pode querer coisas cujas idéias lhe estejam presentes. Não poderia ter vontade de ir à ópera se não tivesse a idéia da ópera e não desejaria ir nem se determinaria a ir, se seu entendimento não lhe representasse o espetáculo como uma coisa agradável. Ora, sua liberdade consiste exatamente nisso, ou seja, no poder de se autodeterminar a fazer o que lhe parece bom. Querer o que não lhe dará prazer é uma contradição formal e uma impossibilidade. É incontestável que o homem se determina pelo que lhe parece o melhor, mas o nó da questão é saber se tem em si esta força movente, este poder primitivo de se determinar ou não. Aqueles que dizem que *o assentimento do espírito é necessário e determina necessariamente a vontade* supõem que o espírito age fisicamente sobre a vontade. Dizem um absurdo visível, pois supõem que um pensamento é um pequeno ser real que age realmente sobre um outro ser chamado vontade, e não refletem que as palavras *vontade, entendimento,* etc. são somente idéias abstratas, inventadas para clarificar e ordenar nossos discursos, e que significam apenas o homem *pensando* e o homem *querendo.*

O entendimento e a *vontade,* portanto, não existem realmente como seres diferentes, e é impertinente dizer que um age sobre o outro.

Se não supuserem que o espírito age fisicamente sobre a vontade, é preciso que digam ou que o homem é livre ou que Deus age pelo homem, determina o homem, está eternamente ocupado a enganar o homem; e neste caso pelo menos admitem que Deus é livre. Se Deus é livre, então a liberdade é possível e o homem pode tê-la. E assim, não têm razão alguma para dizer que o homem não a tem. Em vão podem dizer: o homem é determinado pelo prazer. Ao dizê-lo, admitem, sem pensar, a liberdade, pois fazer o que dá prazer é ser livre.

Deus, ainda uma vez, só pode ser livre desse modo: só pode atuar segundo seu prazer. Todos os sofismas contra a liberdade do homem atacam igualmente a liberdade de Deus.

O último refúgio dos inimigos da liberdade é o seguinte argumento: "Deus sabe certamente que alguma coisa acontecerá; não está, portanto, no poder do homem deixar de fazê-la".

Primeiramente, notai que esse argumento atacaria novamente a liberdade de Deus que, no

entanto, somos obrigados a reconhecer. Pode-se dizer: Deus sabe o que acontecerá e não está em seu poder deixar de fazer aquilo que acontecerá. Que prova esse argumento tão banal? Nada, senão que não sabemos e nem podemos saber o que é a presciência de Deus, e que todos os seus atributos são abismos impenetráveis para nós.

Sabemos demonstrativamente que, se Deus existe, é livre. Sabemos, ao mesmo tempo, que sabe tudo, mas sua presciência e sua onisciência são tão incompreensíveis para nós quanto sua imensidão, sua duração infinita já passada, sua duração infinita por vir, a criação, a conservação do universo e tantas outras coisas que não podemos negar nem conhecer.

A disputa sobre a presciência de Deus causou tantas querelas só porque somos ignorantes e presunçosos. Que custaria dizer: não sei o que são os atributos de Deus e não fui feito para abarcar sua essência? Mas um bacharel ou um licenciado dificilmente admitirão isso. Essa atitude tornou-os os mais absurdos dos homens, e fez de uma ciência sagrada um miserável charlatanismo [4].

CAPÍTULO VIII

Do Homem Considerado como um Ser Sociável

O grande desígnio do Autor da natureza parece ser o de conservar cada indivíduo um certo tempo e perpetuar sua espécie. Todo animal é arrastado por um instinto invencível a tudo o que pode tender para sua conservação e há momentos em que é arrebatado ao acasalamento e à propagação por instinto quase tão forte como o anterior, sem que jamais possamos dizer como tudo isso se passa.

Os animais mais selvagens e os mais solitários saem de suas tocas quando o amor os chama e sentem-se ligados durante alguns meses por cadeias invisíveis às fêmeas e aos filhotes que nascem deles. Depois esquecem essa família passageira e retornam à ferocidade de sua solidão até que o aguilhão do amor os force de novo a sair dela. Outras espécies são formadas pela natureza para viverem sempre juntas, umas numa sociedade realmente policiada, como as abelhas, as formigas, os castores e algumas espécies de pássaros; outras, estão simplesmente agrupadas por um instinto mais cego que as une sem objeto e sem desígnio aparente, como os rebanhos em terra e os arenques no mar.

O homem, certamente, não é levado por seu instinto a formar uma sociedade policiada tal como as formigas e as abelhas, mas, considerando suas carências, suas paixões e sua razão, vê-se bem que não pode permanecer muito tempo num estado completamente selvagem.

É suficiente, para que o universo seja o que é hoje, que um homem tenha estado enamorado de uma mulher. O cuidado mútuo que terão tido um com o outro e seu amor natural para com seus filhos terão logo despertado sua engenhosidade e dado nascimento ao começo grosseiro das artes. Duas famílias precisarão uma da outra tão logo se tiverem constituído e dessas carências nascerão novas comodidades.

O homem não é como os outros animais, que têm apenas o instinto do amor-próprio e do acasalamento: não somente possui esse amor-próprio necessário à sua conservação, como também uma benevolência natural por sua espécie, o que não se nota nos animais.

Se uma cadela ao passar vê um cão, nascido da mesma mãe que ela, dilacerado em mil pedaços e todo ensangüentado, agarrará um pedaço sem ter a menor piedade, e continuará seu caminho. No entanto, essa mesma cadela defenderá seu filho e morrerá combatendo antes de deixar que o levem.

[4] Ver-se-á nas obras seguintes que o Sr. Voltaire nem sempre teve a mesma opinião sobre a liberdade metafísica dos homens; seus sentimentos a esse respeito mudaram numa idade mais avançada, e na discussão dessas matérias abstratas pôs uma força e uma clareza que raramente se encontrarão em outros escritores. (N. do T.)

Ao contrário, se o homem mais selvagem vir uma bela criança quase sendo devorada por algum animal, sentirá, apesar de si mesmo, uma inquietação, uma ansiedade que a piedade faz nascer e um desejo de ir em seu socorro. É verdade que esses sentimentos de piedade e de benevolência são freqüentemente asfixiados pelo furor do amor-próprio. Aliás, a natureza sábia não poderia dar-nos mais amor pelos outros do que por nós mesmos. Já é muito que tenhamos benevolência, que nos dispõe à união com os homens.

Mas essa benevolência seria ainda um fraco socorro para fazer-nos viver em sociedade; nunca poderia servir de fundamento para os grandes impérios e as cidades florescentes, sem nossas grandes paixões.

Estas, cujo abuso faz tanto mal à verdade, são a principal causa da ordem que vemos hoje sobre a terra. O orgulho, sobretudo, é o principal instrumento para a construção do belo edifício da sociedade. Tão logo a necessidade agrupou alguns homens, os mais hábeis perceberam que todos haviam nascido com um orgulho indomável e também com uma tendência invencível para o bem-estar.

Não foi difícil persuadi-los para que fizessem qualquer coisa que, embora lhes custasse um pouco do bem-estar pessoal, revertesse para o bem comum da sociedade; seu orgulho sentia-se amplamente gratificado.

Assim, desde cedo os homens se distinguiram em duas classes: a primeira, dos homens divinos que sacrificam seu amor-próprio ao bem público; a segunda, dos miseráveis, que só amam a si mesmos. Todo mundo quis e ainda quer pertencer à primeira classe, embora, no fundo do coração, todo mundo seja da segunda. Os homens mais covardes e mais agarrados aos seus próprios desejos gritaram mais alto do que os outros que era preciso imolar tudo ao bem público. O desejo de comandar, um dos ramos do orgulho, tão visível num professorzinho pedante e num bailio de aldeia como num papa ou num imperador, também excitou potentemente a engenhosidade humana para levar os homens a obedecer a outros homens, mostrando-lhes claramente que se sabia mais do que eles e que lhes seria útil.

Foi preciso, sobretudo, servir-se de sua avareza para comprar sua obediência. Não se podia dar-lhes muito sem ter muito, e o furor de adquirir os bens da terra acrescentava diariamente novos progressos às artes.

A máquina da sociedade também não teria ido longe sem o apoio da inveja, paixão muito natural, que os homens disfarçam sempre sob o nome de emulação. A inveja obrigou a preguiça a despertar e afiou o gênio de todo aquele que viu seu vizinho poderoso e feliz. Assim, pouco a pouco, só as paixões reuniram os homens e tiraram do seio da terra todas as artes e todos os prazeres. Foi com essa mola que Deus, chamado por Platão o eterno geômetra, e que chamo aqui o eterno maquinista, animou e embelezou a natureza: as paixões são as engrenagens que fazem andar todas as máquinas.

Os raciocinadores de hoje em dia que desejam estabelecer a quimera do homem nascendo *sem paixões* e só as tendo por haver desobedecido a Deus, poderiam ter dito que o homem é a bela estátua que Deus formou e o diabo animou.

O amor-próprio e todos os seus ramos são tão necessários ao homem como o sangue que corre em suas veias, e os que lhe querem arrancar as paixões por serem perigosas assemelham-se àquele que desejasse arrancar todo o sangue de um homem porque poderia ficar apoplético.

Que diríamos daquele que pretendesse que os ventos são uma invenção do diabo porque submergem alguns navios, sem perceberem que são um benefício de Deus por cujo intermédio o comércio reúne todos os recantos da terra separados pelos mares imensos? É, portanto, muito claro que devemos às nossas paixões e às nossas carências a ordem e as invenções úteis com que enriquecemos o universo e é bem verossímil que Deus só nos tenha dado essas carências, essas paixões, a fim de que nossa engenhosidade as usasse em nosso proveito. Se muitos homens abusaram delas, não nos cabe queixar-nos de um benefício mal usado. Deus dignou-se colocar sobre a terra mil alimentos deliciosos para o homem; a gula dos que transformaram o alimento em veneno mortal para eles não pode servir de reprimenda contra a Providência.

CAPÍTULO IX
Da Virtude e do Vício

Para que uma sociedade subsista, é preciso que haja leis, como é preciso haver regras para cada jogo. A maioria dessas leis parecem arbitrárias, dependem dos interesses, das paixões, das opiniões dos que as inventaram e da natureza do clima onde os homens se reuniram em sociedade. Num país quente, onde o vinho torna o homem furioso, julgou-se adequado considerar um crime bebê-lo. Em outros climas mais frios é uma honra embebedar-se. Aqui, um homem deve contentar-se com uma mulher, acolá, é-lhe permitido ter tantas quantas puder alimentar. Num lugar, os pais e as mães suplicam aos estrangeiros que aceitem dormir com suas filhas, em todos os outros lugares uma moça que se entregar a um homem estará desonrada. Em Esparta encorajava-se o adultério; em Atenas, era punido com a morte. Entre os romanos, os pais tinham o direito de vida e de morte sobre seus filhos. Na Normandia, um pai não pode tirar um óbolo sequer dos bens de um filho, mesmo do mais desobediente. O nome do rei é sagrado em muitas nações e abominado em outras. Mas todos os povos que se conduzem tão diferentemente reúnem-se sob o mesmo ponto: denominam *VIRTUOSO* o que é conforme às leis estabelecidas e *CRIMINOSO* o que lhes é contrário. Assim, um homem que na Holanda se opuser ao poder arbitrário será um homem muito virtuoso; e aquele que na França quiser estabelecer um governo republicano será condenado aos piores suplícios. O mesmo judeu que, em Metz, seria enviado às galeras se tivesse duas mulheres, terá quatro em Constantinopla e será mais estimado pelos muçulmanos.

A maioria das leis contrariam-se tão visivelmente que aquelas que governam um Estado importam muito pouco: o que importa é que, uma vez estabelecidas, sejam executadas. Assim, não há maiores conseqüências em que as regras para os jogos de dados ou de cartas sejam estas ou aquelas, mas ninguém poderá julgar um só momento se não seguir rigorosamente as regras arbitrárias convencionadas [5].

A virtude e o vício, o bem e o mal moral são, portanto, em todos os países aquilo que é útil ou daninho à sociedade; e, em todos os lugares e em todos os tempos, aquele que mais se sacrificar ao público será considerado o mais virtuoso.

Parece, portanto, que as boas ações são apenas aquelas de que retiramos alguma vantagem, e os crimes, as ações que nos são contrárias. A virtude é o hábito de fazer coisas que agradam aos homens, e o vício as que lhes desagradam.

Embora o que chamamos virtude em um clima seja precisamente o que chamamos vício em outro, e a maior parte das regras do bem e do mal difiram como as línguas e o vestuário, entre-

[5] Cremos, ao contrário, que não deve haver quase nada arbitrário nas leis. 1.º A razão é suficiente para nos fazer conhecer os direitos dos homens, direitos que derivam todos desta máxima simples: entre dois seres sensíveis, iguais por natureza, é contra a ordem que um faça sua felicidade à custa do outro. 2.º A razão mostra igualmente que, em geral, é útil para o bem de muitas sociedades que os direitos de cada um sejam respeitados. Assegurando tais direitos de uma maneira inviolável, pode-se conseguir ou proporcionar à espécie humana toda a felicidade de que seja suscetível, ou dividi-la entre os indivíduos com a maior eqüidade possível. Se examinarmos, em seguida, as diferentes leis veremos que umas tendem a manter esses direitos e que outras atentam contra eles, que umas são conformes ao interesse geral e que outras são contrárias a ele. São, portanto, justas ou injustas por si mesmas. Assim, não é suficiente que a sociedade seja regida por leis, é preciso que estas sejam justas. Não é suficiente que os indivíduos se conformem às leis estabelecidas, é preciso que as próprias leis sejam conformes ao que exige a manutenção do direito de cada um.
Dizer que é arbitrário fazer tal lei ou uma contrária, ou nenhuma é unicamente confessar que se ignora se tal lei é conforme ou contrária à justiça. Um médico pode dizer: é indiferente dar a este doente um emético ou uma ipecacuanha; mas isto significa que é preciso dar-lhe um vomitório e ignoro qual dos dois remédios há de convir mais a seu estado. Na legislação, como na medicina, como nos trabalhos das artes físicas, o arbitrário só existe porque ignoramos as conseqüências de dois meios que de imediato nos parecem diferentes. O arbitrário nasce da nossa ignorância e não da natureza das coisas. (N. do A.)

tanto, parece-me certo que há leis naturais que os homens são obrigados a respeitar em todo o universo, malgrado as demais leis que possuam. Na verdade, Deus não disse aos homens: "Eis as leis que de minha boca vos dou, para que vos governeis por elas." Mas, fez no homem o que fez em muitos outros animais: deu às abelhas um instinto poderoso graças ao qual trabalham e alimentam-se juntas, e deu ao homem certos sentimentos dos quais jamais poderá desfazer-se, vínculos eternos e primeiras leis da sociedade, prevista por Ele como forma da convivência humana. A benevolência por nossa espécie, por exemplo, nasceu conosco e age sempre em nós, a menos que seja combatida pelo amor-próprio, que deve sempre vencê-la. Assim, um homem é sempre levado a auxiliar um outro quando nada lhe custa fazê-lo. O selvagem mais bárbaro, voltando da carnificina e saboreando o sangue do inimigo que comeu, se enternecerá vendo os sofrimentos de um seu companheiro, dando-lhe todos os socorros que dele dependerem.

O adultério e a pederastia serão permitidos a muitos em muitas nações, mas não encontrareis nenhuma onde seja permitido faltar à palavra, pois a sociedade pode subsistir entre adultérios e rapazes que se amam, mas não entre pessoas glorificadas por enganarem umas às outras.

O latrocínio era honrado em Esparta porque todos os bens eram comuns; mas desde que tenhais estabelecido o *teu* e o *meu*, ser-vos-á, então, impossível não encarar o roubo como contrário à sociedade e, por conseguinte, como injusto.

É tão verdadeiro que o bem da sociedade é a única medida do bem e do mal moral que somos forçados a modificar, conforme a necessidade, todas as idéias do justo e do injusto que formáramos.

Temos horror do pai que dorme com sua filha, e consideramos infame, com o nome de incestuoso, o irmão que abusa da irmã. Mas numa colônia nascente, onde somente sobrasse um pai com o filho e duas filhas, o cuidado tomado por esta família para não deixar perecer a espécie seria encarado por nós como uma ótima ação.

Um irmão que mata seu irmão é um monstro, mas um irmão cujo único meio para salvar sua pátria fosse sacrificar seu irmão seria um homem divino.

Todos amamos a verdade e dela fazemos uma virtude, porque é de nosso interesse não sermos enganados. Atribuímos mais infâmia à mentira do que a todas as outras más ações, porque é a mais fácil de esconder e a que menos custa cometer. Porém, em quantas ocasiões a mentira não se torna uma ação heróica! Quando se trata, por exemplo, de salvar um amigo, aquele que dissesse a verdade seria coberto de opróbrio; e não se faça diferença entre um homem que caluniasse um inocente e um irmão que, podendo conservar a vida de seu irmão por uma mentira, preferisse abandoná-lo, dizendo a verdade. A memória do Sr. de Thou, cujo pescoço foi cortado por não ter revelado a conspiração de Cinq-Mars, é uma bênção para os franceses. Se não tivesse mentido, seria abominado por eles.

Mas, dir-me-ão, não será, portanto, com relação a nós mesmos que haverá crime e virtude, bem e mal moral, de sorte que não haverá bem em si, independente do homem? Perguntarei aos que me propõem tal questão se há quente ou frio, doce ou amargo, bom ou mau odor, a não ser com relação a nós. Um homem que pretendesse que o calor existe sozinho não seria um raciocinador muito ridículo? Por que, então, aquele que pretende que o bem moral existe independente de nós raciocinaria melhor? Nosso bem e nosso mal físico só têm existência com relação a nós; por que nosso bem moral e nosso mal moral estariam em outro caso?

As intenções do Criador, que desejou os homens vivendo em sociedade não foram suficientemente cumpridas? Se houvesse alguma lei, caída do céu, que tivesse ensinado aos seres humanos bem claramente a vontade de Deus, então o bem moral seria apenas a conformidade a essa lei. Se Deus tivesse dito aos homens: "Quero que haja muitos reinos sobre a terra e nenhuma república; quero que os caçulas tenham todos os bens dos pais e que se puna com a morte qualquer um que coma perus ou porcos", então, essas leis se tornariam certamente a regra imutável do bem e do mal. Mas como Deus não se dignou, que eu saiba, imiscuir-se assim em nossa conduta, é preciso que nos atenhamos às dádivas que nos deu: a razão, o amor-próprio, a benevolência para com a nossa espécie, as carências, as paixões, todos os meios pelos quais estabelecemos a sociedade.

Muita gente estará prestes a dizer-me: "Caso meu bem-estar esteja em desorganizar vossa sociedade, em matar, roubar, caluniar, acaso não deveria eu ser detido? Acaso poderia abandonar-me sem escrúpulos a todas as minhas paixões?" Nada tenho a dizer a essa gente senão que provavelmente será enforcada, assim como mandarei matar os lobos que quiserem roubar minhas ovelhas. As leis foram feitas precisamente para tal gente, como as telhas foram inventadas contra o granizo e a chuva.

No tocante aos príncipes, que têm a força nas mãos e que abusam dela para desolar o mundo; que enviam uma parte dos homens à morte e reduzem a outra à miséria, o defeito está nos homens que sofrem esses estragos abomináveis, freqüentemente chegando mesmo a honrá-los com o nome de virtude. Só devem culpar a si mesmos pelas más leis que fizeram, ou pela pouca coragem para exigir a execução das boas.

Todos os príncipes que tanto mal fizeram aos homens são os primeiros a gritar que Deus deu as regras do bem e do mal. Não há um desses flagelos da terra que não faça atos solenes de religião, mas não vejo que se ganhe muito tendo tais regras. É uma infelicidade ligada à condição humana que, malgrado todo nosso desejo de autoconservação, nos destruamos mutuamente com furor e com loucura. Quase todos os animais comem-se uns aos outros, e na espécie humana os machos se exterminam pela guerra. Parece que Deus previu essa calamidade, fazendo nascer entre nós mais machos do que fêmeas. Com efeito, os povos que parecem ter chegado mais perto dos interesses da humanidade e que têm registros exatos dos nascimentos e das mortes, aperceberam-se de que, um pelo outro, nascem todos os anos um doze avos de machos mais do que de fêmeas.

Será muito razoável notar como todos esses assassinatos e banditismos são funestos à sociedade e sem nenhum interesse para a Divindade. Deus colocou os homens e os animais sobre a terra, deixando-lhes a tarefa de conduzirem-se o melhor possível. Infeliz a mosca que cair na teia da aranha; infeliz o touro que for atacado por um leão, e infelizes os carneiros que forem encontrados pelos lobos! Porém, se um carneiro dissesse a um lobo: "Faltas ao bem moral, Deus te punirá", o lobo lhe responderia: "Faço meu bem físico, e parece que Deus não se preocupa muito de que eu te coma ou não". O melhor que o carneiro poderia fazer seria não se afastar do pastor e do cão, capazes de defendê-lo.

Prouvera aos céus, que um Ser Supremo nos tivesse dado leis e proposto penas e recompensas! Que nos tivesse dito: "Isto é vício em si, isto é virtude em si". Mas estamos tão longe de possuir as regras do bem e do mal que, de todos aqueles que ousaram dar leis aos homens da parte de Deus, não houve um que tenha dado a décima milésima parte das regras de que precisamos na conduta da vida.

Se alguém inferir disso tudo que só resta abandonar-se sem reservas a todos os furores dos seus desejos desenfreados, e que, não havendo nem vício nem virtude em si, possa fazer tudo impunemente, primeiro esse homem precisará verificar se possui um exército de cem mil soldados bem afeiçoados ao seu serviço; ainda assim arriscar-se-á muito declarando-se inimigo do gênero humano. Mas se tal homem for somente um simples particular, por pouca razão que tenha, verá que escolheu um partido mau e que será punido infalivelmente, seja por meio dos castigos, tão sabiamente inventados pelos homens contra os inimigos da sociedade, seja tão-somente pelo temor do castigo, suplício bastante cruel em si mesmo. Verá que a vida daqueles que desafiam as leis geralmente é a mais miserável. Moralmente é impossível que um homem perverso não seja reconhecido, e tão logo seja somente suspeitado, perceberá que é objeto de desprezo e de horror. Ora, Deus dotou-nos sabiamente de um orgulho incapaz de suportar que os outros homens nos odeiem e nos desprezem. Ser desprezado por aqueles com quem se vive é coisa que ninguém pôde e jamais poderá suportar. Talvez seja esse o maior freio que a natureza tenha posto nas injustiças dos homens. Foi pelo temor mútuo que Deus julgou de bom alvitre vinculá-los. Assim, todo homem razoável concluirá que obviamente é do seu interesse ser honesto. O conhecimento que terá do coração humano irá persuadi-lo de que, embora não exista nem virtude em si nem vício em si, nada o impedirá de ser bom cidadão e de cumprir todos os deveres da vida. Também observamos que os filósofos (batizados com o nome de incrédulos e libertinos), em todos os tempos, foram as pessoas mais honestas do mundo. Deixando de fazer aqui uma lista de todos os grandes homens da Antiguidade, sabemos que La Mothe Le Vayer, preceptor do irmão de Luís XIII,

Bayle, Locke, Spinoza, Milorde Shaftesbury, Collins e outros foram homens de virtude rígida. Não foi apenas o temor do desprezo dos homens que os fez virtuosos, mas o gosto pela própria virtude. Um espírito reto é um homem honesto pela mesma razão que aquele que não tendo o gosto depravado prefere o excelente vinho de Nuits ao de Brie, e as perdizes de Mans à carne de cavalo. Uma educação sadia perpetua esses sentimentos em todos os homens, vindo com ela o sentimento universal que chamamos *honra,* do qual mesmo os mais corrompidos não podem desfazer-se, e que é o eixo da sociedade. Aqueles que necessitassem do socorro da religião para serem pessoas honestas seriam lastimáveis, e monstros da sociedade, se não encontrassem em si próprios os sentimentos necessários a essa sociedade, obrigados a buscar alhures o que deve ser encontrado em nossa natureza.

VOLTAIRE

DICIONÁRIO FILOSÓFICO

Tradução de **Bruno da Ponte e João Lopes Alves**
e
Marilena de Souza Chauí *(verbetes assinalados com asterisco)*

A

Abraão

Abraão é um nome famoso na Ásia Menor e na Arábia, como Tot entre os egípcios, o primeiro Zoroastro na Pérsia, Hércules na Grécia, Orfeu na Trácia, Odin para os povos nórdicos, e tantos outros, mais conhecidos pela sua celebridade do que por uma história documentada. Refiro-me apenas, agora, à história profana; quanto à dos judeus, nossos amos e inimigos nossos em que acreditamos e que odiamos, como é evidente que a história desse povo foi escrita pelo próprio Espírito Santo em pessoa, temos por ela o respeitinho que nos deve merecer. Aqui, apenas nos reportamos aos árabes; estes vangloriam-se (e lá sabem o que fazem) de descender de Abraão por parte de Ismael; acreditam que aquele patriarca fundou Meca e que expirou nesta cidade. A verdade, diga-se: a raça de Ismael foi infinitamente mais favorecida por Deus que a raça de Jacó. É certo, também, que qualquer das duas raças era ratoneira a valer; mas os ladrões árabes foram prodigiosamente superiores aos ladrões dos judeus. Os descendentes de Jacó só conseguiram conquistar um país muito pequenino e miserável, que afinal acabaram por perder; ao passo que os descendentes de Ismael conquistaram e submeteram parte da Ásia, da Europa e da África, fundaram um império ainda mais dilatado que o dos romanos e expulsaram os judeus das cavernas onde se acobertavam e a que pomposamente chamavam Terra da Promissão.

Se formos julgar os fatos à luz dos exemplos da história moderna, seria bastante difícil que Abraão tivesse sido o pai de duas nações tão diferentes; diz-se que nasceu na Caldéia e era filho de um pobre oleiro, que ganhava miseravelmente a vida a fazer pequenos ídolos de barro. Não é verossímil que o filho dum miserável oleiro tenha ido fundar Meca, distante dali quatrocentas léguas, sob os trópicos, e forçado a atravessar desertos inóspitos. Se fora um conquistador, sem dúvida que dirigia seus passos para a bela terra assíria; e se fosse apenas o pelintra que nos pintam, não andaria tão longe da pátria a fundar reinos e cidades.

O *Gênesis* afirma que ele tinha setenta e cinco anos quando deixou o país de Harã, após a morte do pai, o oleiro Taré: mas no mesmo *Gênesis* se lê que Taré, tendo gerado Abraão aos setenta anos, viveu até os duzentos e cinco anos, e que Abraão só partiu de Harã depois de o pai ter morrido. Fazendo as contas é mais que evidente (a acreditar no que diz o *Gênesis)* que Abraão contava já cento e trinta e cinco anos quando saiu da Mesopotâmia. Foi de uma terra que era tida por idólatra para outra terra igualmente idólatra: Siquém, na Palestina. Por que foi para lá? Por que trocou as férteis margens do Eufrates por uma região tão distante, tão estéril e pedregosa, como é a de Siquém? A língua caldaica devia ser muito diferente da que se falava em Siquém, que tampouco era terra onde se pudesse comerciar fosse o que fosse; Siquém dista mais de cem léguas da Caldéia; há que atravessar desertos áridos para aí chegar; mas Deus queria que ele fizesse aquela viagem, queria mostrar-lhe a terra que os seus descendentes deviam ocupar vários séculos depois. O espírito humano só com muita dificuldade consegue compreender as razões de tal viagem.

Mal chegou a esse tamanhinho país montanhoso de Siquém, a fome obriga-o a sair de lá para fora. Parte para o Egito com a mulher, à procura de paparoca. De Siquém a Mênfis são duzentas léguas bem medidas; será coisa natural que alguém vá buscar trigo tão longe e, ainda por cima,

a uma terra de que se ignora a língua? Eis viagens bem extravagantes levadas a cabo por quem já conta a bonita idade de quase cento e quarenta anos.

Leva para Mênfis na sua companhia a mulher, Sara, que era muito nova, por assim dizer uma criança em comparação com ele, pois só tinha sessenta e cinco anos. Como era mui formosa, resolveu tirar partido da beleza dela. Disse-lhe: "Faze de conta que és minha filha". O rei apaixonou-se pela jovem e bela Sara e logo ofereceu ao pretenso irmão muitas ovelhas, bois, burros, burras, camelos, servos e servas: o que prova que o Egito de então era um reino muito poderoso e muito civilizado, por conseguinte muito antigo, e que ali se recompensavam, condignamente com toda a magnificência, os irmãos que vinham oferecer as manas, novas e bonitas, aos reis de Mênfis.

A jovem Sara contava já noventa anos quando Deus lhe prometeu que Abraão (que por essa altura ia nos seus cento e sessenta) lhe faria um filho.

Abraão, que adorava as viagens partiu para o horrível deserto de Cades na companhia da mulher, já pejada mas sempre jovem e bonitinha. Um rei desse deserto não tardou a ficar apaixonado por Sara, como já o estivera o rei do Egito. O pai dos crentes repetiu a peta que pregara no Egito: apresentou a esposa como irmã, e nessa negociata arranjou mais um milionário à custa da mulher. Os comentadores da Bíblia encheram um espantoso número de calhamaços a justificar a conduta de Abraão e para congraçarem a cronologia. Recomendamos ao leitor esses comentários. São todos escritos por gente sutil e profunda, metafísicos excelentes, criaturas sem preconceitos nenhuns e muito menos pedantes.

De resto o nome de *Brão, Abrão,* era famoso na Índia e na Pérsia: há eruditos sábios que pretendem, até, que era ele o mesmo legislador que os gregos chamaram Zoroastro. Outros afirmam que era o Brama dos indianos: o que, aliás não foi demonstrado.

Mas o que se antolha mais provável para muitos sábios é que este Abraão fosse caldeu ou persa: com o correr dos tempos os judeus gabaram-se de ser seus descendentes, tal como os francos se dizem descendentes de Heitor e os bretões de Tubal. Uma coisa é certa: o povo judaico era uma horda bastante recente, que só muito tarde se estabeleceu na Fenícia; que estava cercada de povos primitivos; que adotou a língua destes e deles tomou o nome de Israel que é caldeu, segundo o testemunho do judeu Flávio Josefo. Sabe-se que inclusive os nomes dos anjos foi ele buscar aos babilônios; finalmente, que foi por imitação dos fenícios que chamou DEUS pelo nome de Eloi, ou Eloá, de Adonai, de Jeová, ou Hião. Muito provavelmente por intermédio dos babilônios conheceu o nome de Abrão ou Ibraim; porque a primitiva religião de todas as terras entre o Eufrates e o Ôxus chamava-se *Kish-Ibrahim, Milat-Ibrahim.* Todas as pesquisas efetuadas nos próprios locais pelo sábio Hyde no-lo confirmam.

Portanto, os judeus fizeram com a história e a lenda antiga o que os seus adelos fazem com as roupas velhas: voltam-nas do avesso e vendem-nas como novas o mais caro que podem.

Singular exemplo da estupidez humana, este, de durante tanto tempo termos considerado os judeus como um povo que tudo ensinou aos demais, quando o próprio Josefo, seu historiador, confessa o contrário.

É difícil penetrar com segurança nas trevas da Antiguidade, mas torna-se evidente que todos os reinos da Ásia desfrutavam já grande esplendor muito antes que essa vagabunda horda de árabes a que chamavam judeus possuísse um cantinho de terra exclusivamente seu; antes que tivesse fundado uma cidade, que fixasse leis próprias, que criasse uma religião definida. Por onde se conclui que, ao observarmos um antigo rito, uma idéia antiga estabelecida no Egito ou na Ásia e igualmente entre os judeus, é-nos lícito pensar que foi o minúsculo povo mais moderno, ignorante, boçal, sem capacidade nem gosto artístico, que copiou, mal ou bem, conforme pôde, a nação antiga, florescente e industriosa.

E é à luz destes princípios que temos de julgar a Judéia, a Biscaia, Cornualha, Bérgamo, a terra de *Arlequim,* etc.: de certeza que Roma, a sempre vencedora, nada imitou da Biscaia, da Cornualha, nem de Bérgamo; e é preciso ser um ignorante de calibre ou um traste muito atrevido para afirmar que os judeus teriam ensinado fosse o que fosse aos gregos.

Adão

A piedosa Madame Bourignon tinha a certeza que Adão era hermafrodita, como os primeiros homens do divino Platão. Fora Deus quem lhe revelara esse terrível segredo; eu, menos feliz em matéria de revelações, abstenho-me de falar nisso. Os rabinos judeus leram os livros de Adão; sabem o nome do seu preceptor e da sua segunda esposa; como nunca li os livros do nosso primeiro pai, não abrirei a boca a tal respeito. Certas cabecinhas ocas, quando muito sabichonas, ficam espantadíssimas quando lêem o *Veidam* dos antigos brâmanes e ali topam que o primeiro homem foi criado nas Índias, etc., que se chamava Adimo, palavra que quer dizer "o gerador"; e que a mulher dele se chamava Procrite, que significa "a vida". Dizem que a seita dos brâmanes é incontestavelmente mais antiga que a dos judeus; que os judeus só muito tarde puderam escrever na língua cananéia, porque só muito depois se estabeleceram na terra de Canaã; dizem que os indianos sempre deram provas de espírito inventivo e os judeus foram sempre uns grandes imitadores; os indianos, sempre sutis e hábeis e os judeus, sempre grosseiros e boçais; dizem ser coisa bem difícil que Adão, ruivo e com uma bela cabeleira, seja o pai dos pretos, escuros como a tinta da China e de carapinha eriçada. E que mais dirão eles? Por mim, cala-te boca!, deixo de bom grado essas pesquisas ao reverendo Padre Berruyer, da Companhia de Jesus; é o maior inocente que já conheci. Queimaram o seu livro como o de um homem que quisesse ridicularizar a Bíblia: mas posso garantir que não havia ali a menor malícia.

Alma

Bela coisa seria podermos ver a nossa alma. *Conhece-te a ti mesmo* é um excelente preceito, mas só a Deus cabe pô-lo em prática: quem, além d'Ele, poderá conhecer a Sua essência?

Chamamos alma àquilo que anima. Não sabemos muito mais do que isso, por culpa dos limites da nossa inteligência. Três quartas partes do gênero humano não vão mais longe e em nada as preocupa o ser pensante; a outra parte indaga, interroga-se; até agora ninguém descobriu nada, nem descobrirá.

Pobre pedante, vês uma planta que vegeta e falas em *vegetação* ou até mesmo de *alma vegetativa*. Notas que os corpos têm e produzem movimento e falas de *força;* vês um galgo aprender a arte da caça e logo clamas: é o *instinto, alma sensitiva;* tens associações de idéias e falas de *espírito*.

Mas, por favor, que queres dizer com tal palavreado? Esta flor vegeta, mas há algum ser real que se chame *vegetação?* Aquele corpo empurra um outro, mas contém em si um ser distinto que se chame *força?* O teu cão traz-te uma perdiz, mas haverá algum ser que se chame *instinto?* Não ririas de um argumentador (ainda que fosse o próprio preceptor de Alexandre) que te dissesse: "Todos os animais vivem, logo neles existe um ser, uma forma substancial que é a vida"?

Se uma tulipa pudesse falar e te dissesse: "A minha vegetação e eu somos dois seres evidentemente ligados em conjunto", não troçarias da tulipa?

Vejamos primeiro aquilo que sabes e de que tens certeza: que caminhas com os pés; que digeres com o estômago; que tens sensações no corpo todo e que pensas com o cérebro. Vejamos agora se a tua razão, e só ela, te poderá ter esclarecido o suficiente para concluíres, sem ajuda sobrenatural, que possuis uma alma.

Os primeiros filósofos, quer caldeus, quer egípcios, disseram: "É forçoso que haja em nós algo que produza os nossos pensamentos, algo de muito sutil; um sopro, um fogo, um éter, uma quinta-essência, um espectro pouco denso, uma enteléquia, um número, uma harmonia". Finalmente, e segundo Platão, é um composto do *próprio* e do *outro*. "São átomos que pensam em nós", afirmou Epicuro na esteira de Demócrito. Mas diz lá agora, amigo meu, como é que um átomo pensa? Confessa que não fazes a mínima idéia a tal respeito.

A idéia a que, sem dúvida, devemos aderir é esta: a alma é um ser imaterial; mas por certo não tendes a noção de como é esse ser imaterial. "Não", respondem os sábios, "mas sabemos que a sua natureza é pensar." E como o sabeis, senhores? "Sabemos, porque pensa." Ó sábios! ó sabichões!... receio bem que sejais tão ignorantes como Epicuro: a natureza duma pedra é cair, porque cai; mas o que vos pergunto é quem a fez cair.

"Sabemos", insistem os sábios, "que uma pedra não tem alma." Assim o creio, também. "Sabemos que uma negação e uma afirmação não são divisíveis, não são partes da matéria." Igualmente perfilho essa doutrina. Mas a matéria, aliás desconhecida para nós, possui qualidades que não são materiais, que não são divisíveis; tem a gravitação para um centro, que Deus lhe destinou. Ora, esta gravitação não tem partes, não é divisível. A força motriz dos corpos não é um ser composto de partes. A vegetação dos corpos organizados, a sua vida, o seu instinto, também não são seres à parte, seres divisíveis; não se pode cortar em dois a vegetação de uma rosa, a vida de um cavalo, o instinto de um cão, tal como não se pode cortar em dois uma sensação, uma negação, uma afirmação. O vosso belo argumento, extraído da indivisibilidade do pensamento, não prova portanto absolutamente nada.

A que chamais, então, *alma?* Que idéia fazeis dela? Vós próprios não podeis, sem ser por intermédio da revelação, admitir em vós outra coisa mais que a existência duma força, que ao certo desconheceis o que é, uma capacidade de sentir, de pensar.

Chegados aqui, dizei-me de boa fé: essa força, essa capacidade de sentir e de pensar, é a mesma que vos faz digerir e andar? Confessais que não, porque a vossa inteligência pode cansar-se e ordenar ao estômago: *Digere!,* que ele nada fará se estiver doente; é em vão que o vosso ser imaterial mandaria aos pés que caminhassem, porque não darão um passo se sofrerem de gota.

Os gregos bem perceberam que, com freqüência, o pensamento não podia intervir no jogo dos nossos órgãos; e admitiram para esses órgãos uma alma animal e para os pensamentos uma alma mais fina, mais sutil.

Mas em mil ocasiões esta alma do pensamento dirige a outra alma animal. A alma pensante ordena às mãos que agarrem num objeto qualquer, e elas agarram-no. Mas já não diz ao coração que bata, ao sangue que corra, ao estômago que faça o quilo; tudo isto acontece e se faz sem ela, fora do seu poder: aí temos, pois, duas almas numa embaraçosa situação e bem pouco senhoras do mando em sua casa.

Ora, essa primeira alma animal por certo não existe, não é mais que o movimento dos vossos órgãos. Acautela-te e desconfia, ó homem!, porque, usando apenas a tua razão tão mesquinha, não tens nenhuma prova de que a outra alma exista. Só pela fé podes sabê-lo. Nasceste, vives, atuas, pensas, acordas, dormes, sem saber como. Deu-te Deus a faculdade de pensar, como te deu tudo o mais; e, se não te tivesse vindo ensinar, nos tempos marcados pela sua providência, que possuías uma alma imaterial e imortal, não terias nenhuma prova disso.

Vejamos agora os belos sistemas que a tua filosofia engenhocou a respeito dessas almas.

Um diz que a alma do homem faz parte da substância do próprio Deus; outro que ela é parte do grande todo; um terceiro, que foi criada por toda a eternidade; um quarto, que foi feita e não criada; outros garantem que Deus as forma à medida que vai precisando delas e que chegam no momento da cópula. "Estão alojadas nos animálculos seminais", proclama este. "Não", assevera aquele outro, "vão habitar nas trompas de Falópio." "Enganam-se todos redondamente", opina um recém-vindo: "a alma espera seis semanas até que o feto se forme e só então ocupa a glândula pineal; mas, se depara com um germe falso, volta para trás, aguardando ocasião mais propícia." A última doutrina, a mais moderna, põe a alma a residir no corpo caloso, esta a sede que lhe destina La Peyronie; mas havia que ser primeiro-cirurgião do rei de França para assim dispor, com tanto à-vontade, da instalação da alma. Apesar disso, o tal corpo caloso não conseguiu fazer fortuna, tão duradoura e acrescida, como a que o dito cirurgião amealhou.

Santo Tomás, na questão 75.ª e seguintes, diz que a alma é uma forma *subsistente per se,* que está toda em tudo, que a sua essência difere da sua potência, que há três almas *vegetativas,* a saber: a *nutritiva,* a *aumentativa,* a *generativa;* que a memória das coisas espirituais é espiritual

e a memória das corporais, corporal; que a alma racional é uma forma "imaterial quanto às operações e material quanto ao ser". Santo Tomás encheu duas mil páginas com a solidez e a clareza que estão a ver; por isso é considerado o anjo tutelar da escola.

Não se ergueram menos sistemas a discutir o modo como a alma sentirá quando abandonar o corpo através do qual sentia, como poderá ouvir sem orelhas, cheirar sem nariz e apalpar sem mãos; se o corpo que reocupará depois será aquele que tinha aos dois anos ou aos oitenta; como o *eu,* a identidade da própria pessoa, subsistirá; como a alma de um homem que ficou pateta na idade de quinze anos e pateta morreu com setenta retomará o fio das idéias, a lucidez que possuía na puberdade; por que hábil escamoteação uma alma, cuja perna foi amputada na Europa e que tiver perdido um braço na América, tornará a encontrar essa perna e esse braço, os quais, tendo-se entretanto transformado em hortaliças, andariam já no sangue doutro animal qualquer. Nunca mais acabaríamos, se quiséssemos enumerar todos os extravagantes dislates que a coitada da pobre alma humana imaginou sobre si própria.

Muito singular é o fato de que nas leis do povo eleito nada conste sobre a espiritualidade e a imortalidade da alma, nem no *Decálogo,* nem no *Levítico,* nem no *Deuteronômio.*

O que é certo, indubitável, é que Moisés em parte nenhuma propõe aos judeus recompensas e castigos numa vida futura, que nunca lhes fala na imortalidade das suas almas, que nunca lhes prometeu que alcançariam o céu, que nunca os ameaçou com o inferno: tudo nele é temporal.

Antes de morrer disse-lhes no *Deuteronômio:*

"Quando, pois, gerardes filhos, e filhos de filhos, e vos corromperdes, e fizerdes mal aos olhos do Senhor, certamente perecereis depressa na terra, a qual, passado o Jordão, ides possuir. Não prolongareis os vossos dias nela, antes sereis de todo destruídos. E o Senhor vos espalhará entre os povos, e ficareis poucos em número entre as gentes, às quais o Senhor vos conduzirá.

"... porque eu, o Senhor teu Deus, sou um Deus zeloso, que castigo a maldade dos pais sobre os filhos até a terceira e quarta geração.

"Honra a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias.

"Se ouvirdes outros deuses, e os servirdes, e vos inclinardes perante eles, certamente perecereis...

"O Senhor teu Deus te mete numa boa terra, terra de trigo e cevada, e de vides, e figueiras, e romeiras; terra de oliveiras, abundante de azeite e mel: terra em que comerás o pão sem escassez e nada te faltará nela...

"E será que, se diligentemente obedecerdes a meus mandamentos, então darei a chuva da vossa terra a seu tempo, a temporã e a serôdia, para que recolhais o vosso grão, e o vosso mosto e o vosso azeite; e darei erva no vosso campo aos vossos gados, e comereis e fartar-vos-eis.

"Ponde, pois, estas minhas palavras no vosso coração e na vossa alma, e atai-as por sinal na vossa mão, para que estejam por testeiras entre os vossos olhos; e escrevei-as nos umbrais de vossa casa, e nas vossas portas; para que se multipliquem os vossos dias.

"Tudo o que eu vos ordeno, observareis; nada lhe acrescentarás nem diminuirás.

"Quando profeta ou sonhador de sonhos se levantar no meio de ti, e te der um sinal ou prodígio, e suceder o tal sinal ou prodígio, de que te houver falado, dizendo: 'Vamos após outros deuses, que não conheceste, e sirvamo-los...', não ouvirás as palavras daquele profeta ou sonhador de sonhos, nem o teu olho o poupará, nem terás piedade dele, nem o esconderás; mas certamente o matarás; a tua mão será a primeira contra ele, para o matar, e depois a mão de todo o povo.

"Quando o Senhor teu Deus te tiver introduzido na terra, a qual vais possuir, e tiver lançado fora muitas gentes de diante de ti; e o Senhor teu Deus as tiver dado diante de ti, para as ferir, totalmente as destruirás. Não farás com elas concerto, nem terás piedade delas.

"Não comereis aves imundas, como a águia, o grifo, a coruja, etc.

"Todo o animal que tem unhas fendidas, que tem a unha dividida em duas, que remói, entre os animais, isso comereis. Porém estes não comereis, dos que somente remoem, ou que têm a unha fendida: o camelo, e a lebre, e o coelho, porque remoem mas não têm a unha fendida; imundos vos serão; nem o porco, porque tem unha fendida mas não remói; imundo vos será.

"E será que, se ouvires a voz do Senhor teu Deus, tendo cuidado de guardar os seus mandamentos, bendito serás tu na cidade, e bendito serás no campo. Bendito o fruto do teu ventre, e o fruto da tua terra, e o fruto dos teus animais, e a criação das tuas vacas, e os rebanhos das tuas ovelhas. Bendito o teu cesto e a tua masseira.

"Será porém que, se não deres ouvidos à voz do Senhor teu Deus, para não cuidares em fazer todos os seus mandamentos e os seus estatutos, que hoje te ordeno, então sobre ti virão todas estas maldições, e te alcançarão: maldito serás tu na cidade, e maldito serás no campo. Maldito o teu cesto e a tua masseira... O Senhor mandará sobre ti a maldição, a turbação e a perdição em tudo que puseres a tua mão para fazer, até que sejas destruído, e até que repentinamente pereças... O Senhor te fará pegar a pestilência... O Senhor te ferirá com a tísica e com a febre, e com a quentura, e com o ardor, e com a secura, e com a destruição de sementeiras e com ferrugem... O Senhor te ferirá com as úlceras do Egito, com hemorróidas, e com sarna, e com coceira, de que não possas curar-te; o Senhor te ferirá com loucura, e com cegueira, e com pasmo do coração... serás oprimido e roubado todos os dias e não haverá quem te salve. Desposar-te-ás com uma mulher, porém outro homem dormirá com ela... O Senhor te ferirá com úlceras malignas nos joelhos e nas pernas, de que não possas sarar, desde a planta do teu pé até ao alto da cabeça.

"O estrangeiro te emprestará a ti, porém tu não lhe emprestarás a ele; ele será por cabeça, e tu serás por cauda... portanto não haverás servido ao Senhor teu Deus com alegria e bondade de coração.

"E comerás o fruto do teu ventre, a carne de teus filhos e de tuas filhas, etc."

É evidente que em todas estas promessas e em todas estas ameaças nada há que não seja temporal e não se encontra ali uma palavra só que seja sobre a imortalidade da alma e sobre a vida futura.

Alguns ilustres comentadores julgaram que Moisés estava perfeitamente a par desses dois graves dogmas; e provam-no com as palavras de Jacó, o qual, julgando que o filho fora devorado pelas feras, clamava na sua dor: Descerei com o meu filho à fossa, *in infernum,* ao inferno; isto é, morrerei já que o meu filho morreu.

Provam-no, ainda, com os passos de Isaías e de Ezequiel; mas os hebreus a quem Moisés se dirigia não podiam ter lido Ezequiel nem Isaías que viveram séculos depois.

Inútil será disputarmos a propósito dos secretos sentimentos de Moisés. O fato é que nas leis públicas nunca falou de uma vida futura, que limitou todos os castigos e todas as recompensas ao tempo presente. Se conhecia a existência da vida futura, por que razão não expôs então, expressamente, tal dogma? E se a não conheceu, qual era o objetivo e a importância da sua missão? Pergunta formulada por várias personagens de tomo, e à qual respondem que o Senhor de Moisés e de todos os homens se reservava o direito de, a seu tempo, explicar aos judeus uma doutrina que ainda não estavam em situação de compreender quando viviam no deserto.

Se Moisés tivesse proclamado o dogma da imortalidade da alma, uma grande seita dos judeus não a teria combatido sempre; essa grande seita dos saduceus não teria sido autorizada no Estado; os saduceus não teriam ocupado, como se pode verificar, os cargos mais importantes; da sua seita não teriam saído eminentes pontífices.

Parece que foi só depois da fundação de Alexandria que os judeus se dividiram em três seitas: os fariseus, os saduceus, e os essênios. O historiador Josefo, que era fariseu, diz-nos, no Livro XIII das *Antiguidades Judaicas,* que os fariseus acreditavam na metempsicose; os saduceus acreditavam que a alma perecia com o corpo; os essênios, acrescenta Josefo, consideravam as almas imortais: era sua crença que as almas desciam em forma aérea para os corpos, vindas da mais elevada região do ar; eram para eles arrastadas por uma atração violenta e, depois da morte, as que pertenceram a pessoas de bem ficam para lá do oceano, numa terra onde não há calor nem frio, vento ou chuva. As almas dos maus vão para um clima totalmente oposto. Tal era a teologia dos judeus.

Aquele a quem, unicamente, coube a tarefa de instruir todos os homens acabou por condenar essas três seitas; mas sem ele nunca teríamos podido conhecer a nossa alma, já que os filósofos nunca tiveram sobre o assunto idéias definidas e que Moisés, único autêntico legislador antes do nosso, Moisés, que falava com Deus cara a cara, deixou os homens numa profunda ignorância

sobre tão grave artigo. É só, pois, de há mil e setecentos anos para cá que temos a certeza da existência da alma e da sua imortalidade.

No espírito de Cícero ainda dominava a dúvida; mas o neto e a neta já puderam aprender a verdade da boca dos primeiros galileus que vieram pregar a Roma.

Antes dessa época, porém, e ainda depois, em todas as restantes partes da Terra onde os apóstolos não chegaram, cada um devia perguntar à sua alma: "Quem és? donde vens? o que fazes? para onde vais? Tu és algo que desconheço, algo que pensa e sente, e embora sentisses e pensasses cem milhões de anos nada mais conseguirás saber pelas tuas próprias luzes, sem o auxílio de um Deus".

Homem! Esse Deus concedeu-te a inteligência não para penetrares na essência das coisas que criou, mas para que te conduzas pela senda do Bem!

Foi isto mesmo que pensou Locke, e já antes de Locke, Gassendi, e antes de Gassendi um ror de sábios; mas temos agora por aí uns senhores bacharéis que sabem tudo o que estes grandes homens ignoravam.

Cruéis inimigos da razão ousaram protestar e rebater essas verdades por todos os espíritos sábios e prudentes reconhecidas. Levaram a má fé e a sua impudência ao ponto de imputarem aos autores desta obra que eles teriam garantido que a alma é matéria. Ó perseguidores da inocência, bem sabeis que dissemos aqui coisa totalmente oposta. Páginas atrás, pudestes ler as seguintes palavras contra Epicuro, Demócrito e Lucrécio: "Mas, amigo meu, como é que um átomo pensa? Confessa que não fazes a mínima idéia a tal respeito". Sois à evidência, portanto, uns caluniadores.

Ninguém sabe o que é o ser chamado *espírito,* a que dais esse nome material de espírito que significa vento. Todos os primeiros Padres da Igreja acreditaram na alma corporal. É impossível que nós, criaturas limitadas, saibamos se a nossa inteligência é substância ou faculdade: não podemos conhecer a fundo nem o ser como extensão nem o ser pensante, ou o mecanismo do pensamento.

Bem se vos proclama, alto e bom som, na companhia respeitável de Gassendi e Locke, que entregues a nós próprios nada sabemos dos segredos do Criador. Por acaso sois deuses para saberdes tudo? Diz-se e repete-se nas vossas barbas que só podemos conhecer a natureza e o destino da alma pela revelação. Homessa! A revelação não vos basta? Grandes inimigos haveis de ser dessa revelação que nós apregoamos, já que, com tal sanha, perseguis aqueles que tudo esperam dela e só nela crêem.

Confiamos na palavra de Deus; e vós, inimigos da razão e de Deus, vós que blasfemais duma e doutro, tratais a humilde dúvida e a submissão humilde do filósofo como outrora o lobo tratou o cordeiro nas fábulas de Esopo; dizeis-lhe: "Disseste mal de mim no ano passado, vou-te beber o sangue". Mas a filosofia nunca se vinga; ri em santa paz dos vossos esforços vãos; ilumina e ensina suavemente, calmamente os homens, que quereis embrutecer ainda mais para os tornardes semelhantes a vós.

Amizade

É um tácito contrato entre duas pessoas sensíveis e virtuosas. Digo sensíveis, porque um monge, um eremita pode não ser mau e viver sem conhecer a amizade. Digo virtuosas, porque os malvados só conhecem cúmplices, os lúbricos têm companheiros de deboche, os ambiciosos, associados, os políticos arrebanham os de feitio faccioso, os homens vulgares e ociosos têm ligações apenas, os príncipes, cortesãos; mas os homens virtuosos e só eles têm amigos. Cetego era o cúmplice de Catilina e Mecenas o cortesão de Otávio; mas Cícero era amigo de Ático.

Que contém então esse contrato entre duas almas ternas e honestas? As suas obrigações são, por isso mesmo, maiores e mais tênues, conforme o grau de sensibilidade e o número dos serviços prestados, etc.

O fervor pela amizade foi mais intenso entre os gregos e os árabes do que entre nós. As histórias que esses povos inventaram sobre a amizade são admiráveis; nada temos que se lhe compare, somos um tanto rudes em tudo.

A amizade era um tema de religião e de legislação entre os gregos. Os tebanos tinham até o regimento dos amantes: que belo regimento! Houve quem supusesse que se tratava de um regimento de sodomitas; puro engano; tomavam o acessório pelo fundamental. Entre os gregos, a amizade era prescrita pela lei e pela religião. A pederastia era tolerada pelos costumes de então; mas não se devem imputar à lei abusos vergonhosos. Adiante falaremos disso.

Amor

Amor omnibus idem.[1] Temos aqui de recorrer ao físico; é o estofo da natureza que a imaginação bordou. Se queres fazer uma idéia do que seja o amor, olha os pardais do teu jardim; contempla os teus pombos; repara no touro que levam para junto da bezerra, nesse altivo garanhão que dois palafreneiros conduzem ao pé da meiga égua que o espera e desenrola a cauda para o receber; vê como os seus olhos brilham; ouve os seus relinchos; contempla aqueles saltos, aqueles caracoleios todos, as orelhas espetadas, a boca que se abre em breves convulsões, as narinas arfando, dilatadas, a respiração ofegante, as crinas erguidas que padanam, o imperioso movimento com que ele se lança à conquista do objetivo que a natureza lhe destinou; mas não tenhas inveja e pensa nas vantagens de que a espécie humana desfruta: compensam em amor tudo o que a natureza concedeu aos animais em força, beleza, agilidade, rapidez.

E há até animais que desconhecem o prazer. Os peixes escamosos estão privados desse regalo: a fêmea expele para o lodo milhões de ovos; o macho que os encontra casualmente passa sobre eles e fecunda-os com o seu sêmen, sem para nada se importar com a fêmea donde provinham.

A maioria dos animais que copulam atinge o prazer por um único sentido; e, logo que esse apetite foi satisfeito, tudo acabou. Nenhum animal, além de ti, conhece a delícia do beijar; o teu corpo é todo ele cheio de sensibilidade; são principalmente os teus lábios que gozam duma voluptuosidade que jamais se cansa e esse prazer só da tua espécie é apanágio; finalmente, em qualquer altura podes entregar-te ao amor, enquanto nos animais apenas numa época determinada é concedido. Se meditares nestas superioridades, dirás como o Conde de Rochester: "Num país de ateus, o amor faria adorar a Divindade".

Como os homens possuem o dom de aperfeiçoar tudo o que a natureza lhes deu, também aperfeiçoaram o amor. O asseio, os cuidados com o nosso corpo, tornando a pele mais delicada, aumentam o prazer do tato, e a vigilância da saúde torna os órgãos da voluptuosidade mais sensíveis ainda.

Todos os outros sentimentos penetram a seguir no de amor, tal como os metais se amalgamam com o ouro: a amizade, a estima vêm em seu auxílio; os talentos do corpo e do espírito forjam novas e ternas cadeias.

Nam facit ipsa suis interdum foemina factis,
Morigerisque modis, et mundo corpore cultu,
Ut facile insuescat secum vir degere vitam.[2]

(Lucrécio, *Livro IV.*)

É principalmente o amor-próprio que aperta todos estes laços. Aplaudimo-nos intimamente com a nossa escolha e um ror de ternas ilusões é o ornamento da obra de que a natureza rasgou os alicerces.

Também aí és superior aos animais; mas, se gozas tantos prazeres que eles ignoram, quantos desgostos não virás a padecer e de que eles não fazem a mínima idéia! Para ti, o que resulta mais

[1] O amor é o mesmo para todos. (N. do E.)
[2] Muitas vezes a própria mulher, pelos seus costumes, pelos seus modos, pela maneira por que trata seu corpo, leva facilmente a que vá alguém partilhar a sua vida. (N. do E.)

horroroso ainda é que a natureza, em três quartas partes da Terra, envenenou os prazeres do amor e as fontes da vida com uma doença terrível, à qual somente o homem está sujeito e que só a ele ataca, nos seus órgãos procriadores.

Não sucede com esta malvada peste o que se verifica com tantas outras doenças, que são a conseqüência dos nossos excessos. Não foi o deboche que a introduziu no mundo. As Frinéias, as Laís, as Floras e as Messalinas não foram atacadas por ela; nasceu nas ilhas onde os homens viviam na mais completa inocência e daí se espalhou pelo Antigo Mundo.

Se algum dia foi possível acusar a natureza de desprezar a sua obra, de contradizer os seus próprios planos, de agir contra os seus fins, foi nessa ocasião. É então este o melhor dos mundos possíveis? Homessa! Pois se César, Antônio, Otávio nunca tiveram tal doença, era assim coisa tão impossível que ela poupasse Francisco I e não o levasse à cova, como aconteceu? Não, dizem os entendidos, o destino ordenou tudo pelo melhor... Quero crê-lo, mas é bem triste que seja assim.

Amor Dito Socrático

Se o amor que vulgarmente se chama socrático e platônico fosse apenas um sentimento honesto, devíamos aplaudi-lo; se for uma devassidão, seremos forçados a sentir vergonha pela Grécia.

Como é possível que um vício que, generalizando-se, viria destruir o gênero humano, que um tão nefando atentado contra a natureza seja coisa assim natural? Afigura-se-nos ser o último estádio da perversão endurecida e, todavia, é a herança comum daqueles que ainda não tiveram tempo de serem corrompidos. Penetrou nos corações muito novos, que não conheceram ainda a ambição, nem o dolo, nem a sede de riquezas; é a juventude cega que, por uma confusão dos instintos, se precipita nessa voragem mal sai da infância.

A atração entre os dois sexos manifesta-se muito cedo; mas, apesar de tudo quanto se afirma das africanas e das mulheres da Ásia meridional, essa tendência é geralmente mais violenta no homem do que na mulher; é uma lei que a natureza estabeleceu para todos os animais. É sempre o macho que ataca a fêmea.

Os machos jovens da nossa espécie, educados uns com os outros, sentindo essa força que a natureza começa a fazer desabrochar neles e não achando o objeto natural para o seu instinto, deixam-se atrair por aquilo que mais se assemelha a tal objeto. Freqüentemente um rapazinho, pela frescura da pele, pelo garbo das suas cores e a meiguice do olhar, durante dois ou três anos mais parece uma linda rapariga; se o amarmos, é porque a natureza se equivoca: prestamos homenagem ao sexo feminino, mostrando-nos rendidos a quem se adorna com as suas belezas, e, quando a idade faz desaparecer essa semelhança, a confusão finda.

Citraque juventam
Aetatis breve ver et primos carpere flores.[3]
(Ovídio, Met., X, 84-85.)

É por demais sabido que este equívoco da natureza é muito mais freqüente nos climas temperados do que nas geladas terras setentrionais, porque ali o sangue é mais ardente e as ocasiões mais propícias; por isso, o que no moço Alcibíades nos surge como uma simples fraqueza, torna-se uma abominação repugnante num marujo holandês ou num vivandeiro moscovita.

Não posso admitir que se afirme que os gregos teriam permitido tal libertinagem. É costume citar o legislador Sólon, porque disse em dois versos de pé quebrado:

[3] E colher antes da mocidade a breve primavera e as primeiras flores da vida. (N. do E.)

Gozarás um rapaz a teu gosto
Enquanto não tiver pêlos no rosto.

Mas, em boa fé, seria na qualidade de legislador que Sólon escreveu esses dois versos ridículos? Era então ainda muito novo, mas quando o debochado atingiu a idade da razão não incluiu tal infâmia entre as leis da sua república; é como se acusássemos Théodore de Bèze de ter pregado a pederastia na sua igreja só porque na juventude fizera versos para o jovem Candide, em que dizia:

Amplector hunc et illam. [4]

Abusa-se do texto de Plutarco que, nas suas tagarelices, põe um dos interlocutores do *Diálogo do Amor* a dizer que as mulheres não são dignas do verdadeiro amor; mas um outro interlocutor defende a causa das mulheres como é de direito.

Certo é, e tanto quanto o nosso conhecimento da Antiguidade pode garanti-lo, que o amor socrático não era um amor infame: foi esse nome de amor que baralhou tudo. O que então se chamava os amantes de um rapaz eram, precisamente, o que entre nós são os gentis-homens ao serviço dos nossos príncipes, o que eram os pajens, moços adidos à educação de uma criança fidalga, partilhando os mesmos estudos, os mesmos exercícios militares: instituição guerreira e santa da qual se abusou com folguedos noturnos e orgias.

A legião dos amantes criada por Laio era uma tropa invencível de moços guerreiros obrigados por juramento a darem a vida uns pelos outros; e nunca a disciplina antiga teve nada de tão belo.

Sexto Empírico e outros bem se cansam a dizer que a pederastia era recomendada pelas leis da Pérsia. Pois que nos citem a letra da lei; que nos mostrem o código dos persas e mesmo que o fizessem nem assim os havia de acreditar, diria que o fato não é verdadeiro pela simples razão que é impossível. Não, não é próprio da natureza humana fazer uma lei que contrarie e que ultraje a natureza, uma lei que destruiria o gênero humano se fosse observada à letra. Quantas pessoas não se equivocaram com os hábitos vergonhosos e tolerados, supondo que eram as leis do próprio país! Sexto Empírico, que duvidava de tudo, devia também ter duvidado daquela jurisprudência. Se vivesse hoje e visse dois ou três jovens jesuítas abusarem dalguns estudantes, estaria no direito de dizer que tal jogo lhes é permitido pelos regulamentos de Inácio de Loiola?

O vício pelos rapazes era em Roma coisa tão vulgar, que ninguém se lembraria de punir essa tolice na qual a maioria incorria alegremente ou com discreta vergonha. Otávio Augusto, esse carrasco debochado e poltrão que ousou exilar Ovídio, achou perfeitamente natural que Virgílio cantasse Alexis e que Horácio compusesse graciosas odes em louvor de Ligurino; mas a antiga lei Scantinia, que proibia a pederastia, nunca foi abolida: o imperador Filipe aplicou-a com todo o rigor, expulsando de Roma os rapazolas que se prostituíam como profissionais. Finalmente, não acredito que haja ou possa ter havido, em nenhuma época, uma nação civilizada que promulga leis contra os costumes.

Animais (Os)

Que néscio é afirmar que os animais são máquinas privadas do conhecimento e de sentimentos, agindo sempre de igual modo, e que não aprendem nada, não se aperfeiçoam, etc.!

Pode lá ser... Então esse pardalzinho que constrói o ninho em semicírculo quando o prende a uma parede, que o constrói num quarto de círculo quando o faz num ângulo e em círculo num

[4] Abraço a este e aquela. (N. do E.)

ramo de árvore — faz tudo de igual modo? O cão de caça que ensinaste a obedecer-te durante três meses não estará a saber mais ao cabo desse período do que sabia no início das lições? O canário a quem tentas ensinar uma melodia repete-a logo no mesmo instante, ou não levarás um certo tempo a fazer-lha decorar? E não reparaste como se engana, com freqüência, e vai corrigindo depois?

É só por eu ser dotado de fala que julgas que tenho sentimentos, memória, idéias? Pois bem, não te direi nada; mas vês-me entrar em casa com um ar preocupado, aflito, andar a procurar um papel qualquer com nervosismo, abrir a secretária onde me recorda tê-lo guardado, encontrá-lo afinal, lê-lo jubilosamente. Calculas que passei de um sentimento de aflição para outro de prazer, que sou possuidor de memória e conhecimento.

Transfere agora esse teu raciocínio, por comparação, para aquele cão que se perdeu do dono, que o procura por todos os lados soltando latidos dolorosos, que entra em casa, agitado, inquieto, que sobe e que desce, percorre as casas, umas após outras, até que acaba, finalmente, por encontrar o dono de que tanto gosta no gabinete dele e ali lhe manifesta a sua alegria pela ternura dos latidos, em pródigas carícias.

Algumas criaturas bárbaras agarram nesse cão, que excede o homem em sentimentos de amizade; pregam-no numa mesa, dissecam-no vivo ainda, para te mostrarem as veias mesentéricas. Encontras nele todos os órgãos das sensações que também existem em ti. Atreve-te agora a argumentar, se és capaz, que a natureza colocou todos estes instrumentos do sentimento no animal, para que ele não possa sentir? Dispõe de nervos para manter-se impassível? Que nem te ocorra tão impertinente contradição da natureza.

Mas os mestres-escola perguntam o que é e onde está a alma dos animais? Não entendo tal pergunta. Uma árvore tem a faculdade de receber nas suas fibras a seiva que nelas circula, de desabrochar os botões e criar os seus frutos; e ainda me haveis de perguntar o que é a alma dessa árvore? Esta beneficiou de alguns dons, como o animal beneficiou doutros, dos do sentimento, da memória, de um certo número de idéias. Quem criou todos esses dons? Quem lhes concedeu todas essas faculdades? Aquele que faz crescer a erva nos campos e gravitar a Terra à roda do Sol.

As almas dos animais são formas substanciais, afirmou Aristóteles; e, depois de Aristóteles, a escola árabe; e, depois da escola árabe, a escola angélica; e, depois da escola angélica, a Sorbonne; e, depois da Sorbonne, mais ninguém no mundo.

As almas dos animais são materiais, proclamam outros filósofos. Mas também não têm tido mais sucesso que os primeiros. Foi sempre em vão que se lhes perguntou o que é uma alma material; viram-se forçados a convir que é matéria passível de sensações: mas quem foi que lha deu? É uma alma material, isto é, trata-se de matéria que dá sensações à matéria; e não saem deste círculo vicioso.

Escutai agora outros animais discutindo acerca de animais; a alma destes é um ser espiritual que morre com o corpo: mas que provas tendes disto? Que idéia fazeis desse ser espiritual que, com efeito, experimenta sentimentos e sensações, memória, e a sua dose de idéias e de combinações de idéias, mas que nunca poderá vir a saber o que é uma criança de seis anos? Em que base imaginais que esse ser, que não tem corpo, pereça com o corpo? Mas, de todos, os maiores animais ainda foram aqueles que afirmaram que a tal alma não é corpo nem espírito. Que rico sistema! Só podemos encarar como espírito algo de desconhecido que não é corpo; logo, o sistema destes cavalheiros vem a dar nisto: a alma dos animais é uma substância que não é corpo nem outra coisa qualquer que seja ainda menos que um corpo.

Qual a origem de tantos e tão contraditórios despautérios? Do hábito que os homens sempre tiveram de examinar e definir o que é uma coisa, antes de saberem se ela existe. Costuma chamar-se à lingüeta, que é a válvula dum fole, a alma do fole. Que alma vem a ser esta? Apenas um nome que dei a essa válvula, que desce, sobe, deixa entrar o ar e impele-o para um canudo, quando aperto o fole. Ali não há, pois, alma nenhuma distinta do instrumento. Mas quem faz mover a válvula dos animais? Já vo-lo disse, aquele que faz mover os astros. O filósofo que afirmou *Deus est anima brutorum* tinha razão; mas não devia ter ficado por aí.

Anjo

Anjo em grego significa enviado, mensageiro; não ficaremos muito mais instruídos se soubermos que os persas tinham os Péris, os hebreus os Malakim, os gregos os seus Daimonoi.

Mas o que talvez já melhor nos elucide é o fato de que uma das mais antigas idéias dos homens foi sempre esta de colocar seres intermediários entre nós e a Divindade; são esses demônios, esses gênios que a Antiguidade inventou; o homem sempre concebeu os deuses à sua imagem e semelhança. Viam os príncipes transmitir as suas ordens por mensageiros, logo a Divindade também envia os seus correios: Mercúrio, Íris eram correios, mensageiros dos deuses.

Os hebreus, esse povo eleito que era o único que a Divindade conduzia, a princípio não atribuíram nomes especiais aos anjos que Deus se dignava finalmente mandar-lhes; tomaram de empréstimo os nomes que lhes davam os caldeus, quando o povo judaico esteve no cativeiro de Babilônia; Miguel e Gabriel são nomeados pela primeira vez por Daniel, escravo desses povos. O judeu Tobias, que vivia em Nínive, conheceu o anjo Rafael, que viajou com seu filho para ajudar este a receber o dinheiro que lhe devia o judeu Gabael.

Nas leis dos judeus, isto é, no *Levítico* e no *Deuteronômio,* não se faz qualquer menção da existência dos anjos, e com melhores razões ao seu culto; por isso os saduceus não acreditavam nos anjos.

Mas nas histórias dos judeus fala-se muito neles. Estes anjos eram corporais; tinham asas no dorso, tal como os gentios fingiram que Mercúrio as tinha nos calcanhares; por vezes, escondiam as asas debaixo das túnicas. E como não haviam eles de ter um corpo, se bebiam e comiam à grande, e os habitantes de Sodoma foram tentados e quiseram cometer o nefando pecado de pederastia com os anjos que foram à casa de Lot?

Segundo Ben Maimon, a antiga tradição judaica admite dez graus, dez ordens de anjos: 1. Os *chaios acodesh,* puros, santos. 2. Os *ofamin,* rápidos. 3. Os *oralim,* os fortes. 4. Os *chasmalim,* as chamas. 5. Os *serafim,* faíscas. 6. Os *malakim,* anjos, mensageiros deputados. 7. Os *eloim,* os deuses ou juízes. 8. Os *ben eloim,* filhos dos deuses. 9. Os *querubim,* imagens. 10. Os *ychim,* os animados.

A história da queda dos anjos não se encontra em parte nenhuma nos livros de Moisés; o primeiro testemunho que dela possuímos é o do profeta Isaías, o qual, apostrofando o rei de Babilônia, exclama: "Em que se transformou o exator dos tributos? Até as faias e os cedros rejubilam com a sua queda; como caíste do céu, ó Hellel, ó estrela da manhã, filha da alva?" [5] Traduziu-se este Hellel pela palavra latina Lúcifer; e depois por um sentido alegórico, deram o nome de Lúcifer ao príncipe dos anjos que fizeram a guerra no céu; e esse nome, que quer dizer fósforo e aurora, tornou-se afinal no nome do diabo.

A religião cristã tem seu fundamento na queda dos anjos. Aqueles que se revoltaram foram lançados das esferas onde habitavam para o inferno no centro da Terra, e tornaram-se diabos. Um diabo tentou a Eva sob o disfarce de serpente, e condenou às penas eternas o gênero humano. Jesus veio redimir o gênero humano e triunfar do diabo, que continua ainda a tentar-nos quanto pode. Todavia, esta tradição fundamental apenas se encontra no livro apócrifo de Enoch, e mesmo ali duma maneira completamente diferente da que a tradição aceita.

Santo Agostinho, na sua centésima nona carta, não opõe a menor dúvida em atribuir corpos livres e ágeis aos bons e aos maus anjos. O Papa Gregório II reduziu a nove coros, a nove hierarquias ou ordens, os dez coros de anjos reconhecidos pelos judeus. Assim, temos: os serafins, os querubins, os tronos, as dominações, as virtudes, as potências, os principados, os arcanjos e, por fim, os anjos, que dão o nome geral às outras oito hierarquias.

[5] *Isaías,* 14, 4 a 12. (N. dos T.)

Os judeus tinham no templo dois querubins, cada um com duas cabeças, uma de boi e outra de águia, e seis asas. Agora pintamo-los sob a imagem de uma cabeça que voa, com duas asinhas debaixo das orelhas. Representamos os anjos e os arcanjos sob a figura de jovens com duas asas nas costas. Com respeito aos tronos e dominações ainda não se arranjou maneira de os pintar.

Santo Tomás, na questão 108, artigo 2.º, diz que os tronos estão tão perto de Deus como os querubins e os serafins, porque Deus está sentado em cima deles. Escoto contou até mil milhões de anjos. Tendo transitado do Oriente para a Grécia e Roma a antiga mitologia dos gênios bons e maus, consagramos nós também essa crença, admitindo para cada homem um anjo bom e outro mau, um que o ajuda e outro que o tenta prejudicar desde o nascimento até a hora da morte; mas ainda não sabemos se estes anjos, bons e maus, mudam continuamente de um posto para outro, ou se serão revezados por outros. Consultai sobre esta matéria a *Súmula* de Santo Tomás.

Não se sabe ao certo onde os anjos moram, se será no ar, no vácuo ou nos planetas: Deus não quis que ficássemos a saber tanto.

Antropófagos

Já falamos do amor. É penoso passar de pessoas que se beijam a pessoas que se comem. Mas é mais do que certo que houve antropófagos; na América foram topados alguns; talvez ainda lá os haja quem sabe, e os ciclopes não eram os únicos que, na Antiguidade, por vezes se alimentavam de carne humana. Conta Juvenal que entre os egípcios, esse povo tão sábio, tão louvado e afamado pelas suas leis, um povo tão piedoso que adorava até crocodilos e cebolas, os tintiritas comeram um dos seus inimigos que caíra prisioneiro nas suas mãos; e não conta esta história por tê-la ouvido narrar a outrem, já que esse crime foi cometido quase à sua vista; achava-se então no Egito e perto de Tintire. A propósito, cita os gascões e os saguntinos que se alimentaram, outrora, com a carne dos compatriotas.

Em 1725 trouxeram quatro selvagens do Mississípi para Fontainebleau e foi-me dada a honra de conversar com eles; do grupo fazia parte uma grande dama do país a quem perguntei se já tinha comido gente e com perfeita ingenuidade me respondeu que sim. Devo ter ficado um tanto escandalizado, mas ela desculpou-se, dizendo que mais valia comer um inimigo morto que deixá-lo devorar pelas feras, e que os vencedores mereciam ter a preferência. Quanto a nós, matamos em batalha campal ou não campal os nossos vizinhos, e na mira da mais vil das recompensas trabalhamos como cozinheiros dos corvos e dos vermes. Aí é que está o horroroso da questão, é nisso que consiste o crime; se nos matarem, que importa ser comido por um soldado, ou por um corvo ou um cão?

Respeitamos mais os mortos que os vivos. Devíamos respeitar tanto uns como outros. Os povos que se dizem civilizados têm toda a razão em não porem os inimigos vencidos a assar no espeto; porque, se fosse permitido comer os vizinhos, depressa se comeriam também os compatriotas; o que seria grave inconveniente para as virtudes sociais. Mas os povos civilizados nem sempre assim o foram; durante muito tempo eram selvagens; e no número infinito de revoluções por que o nosso globo tem passado, o gênero humano ora foi numeroso, ora muito raro. Aconteceu já aos homens o que hoje em dia acontece aos elefantes, aos leões, aos tigres, cuja espécie tem diminuído muito. Nos tempos em que uma região era escassamente povoada, os homens tinham pouca sorte, eram caçadores. O hábito de se alimentarem normalmente com aquilo que tinham morto na caça levou-os com facilidade a tratarem os inimigos como tratavam os veados e os javalis. Foi a superstição que fez imolar vítimas humanas, foi a necessidade que as fez comer.

Qual é o maior crime: juntarem-se muitas pessoas com férvida religiosidade para enterrar um punhal no coração duma rapariga ornada de faixas, em honra da Divindade, ou comer um pobre homenzinho que matamos em legítima defesa?

Todavia temos muitos mais exemplos de raparigas e rapazes mortos nas aras do sacrifício do que raparigas e rapazes comidos: quase todas as nações que se conhecem sacrificaram rapazes e raparigas. Os judeus imolavam-nos. A isto chamava-se o anátema; era um autêntico sacrifício, e está estipulado no capítulo vigésimo sétimo do *Levítico* que não sejam poupadas as almas vivas que tiverem sido votadas ao sacrifício; mas em parte alguma se indica que as comam, apenas as ameaçam disso; Moisés, como já vimos, disse aos judeus que, se não respeitarem as cerimônias do culto, não só serão atacados de sarna, mas que até as mães virão a comer os filhos. É verdade que no tempo de Ezequiel os judeus deviam ter o costume de comer carne humana, porque é ele próprio quem lhes preceitua, no capítulo 39, que Deus lhes dará a comer não só os cavalos dos seus inimigos, mas também os cavaleiros e os outros guerreiros.[6] Isto é indubitável. E, com efeito, por que é que os judeus não haviam de ter sido antropófagos? Era até a única coisa que faltava para o povo eleito de Deus ser o mais abominável e repugnante povo da terra.

Li nas anedotas da história da Inglaterra no tempo de Cromwell que uma cerieira de Dublim vendia excelentes velas de sebo feitas com gordura de ingleses. Um belo dia uma das freguesas queixou-se de que as velas já não prestavam. "Que havemos de fazer?", respondeu a cerieira. "Este mês houve tanta falta de ingleses. . . " Agora pergunto eu quem era mais culpado: se aqueles que degolavam os ingleses ou esta boa mulherzinha que os aproveitava para velas de sebo?

Ápis

O boi Ápis era adorado em Mênfis como um deus, um símbolo ou como boi? É de crer que os fanáticos viam nele um deus, os sábios e sensatos, um simples símbolo, e que o povo ignaro o adorava como boi. Teria Cambises procedido bem quando matou este boi pelas próprias mãos, ao conquistar o Egito? E por que não? Demonstrava assim aos imbecis que era possível pôr o deus deles a assar no espeto, sem que a natureza parecesse irritada ou se incomodasse para vingar tal sacrilégio. Elogiaram-se muito os egípcios. Quanto a mim, não conheço povo tão desprezível como este; sempre deve ter havido, no seu caráter como no seu governo, um vício de raiz que fez dele sempre um povo de vis escravos. Concedo que em tempos quase imemoriais tenham conquistado a terra; mas nos tempos históricos foram subjugados por todos aqueles povos que quiseram dar-se a esse trabalho, pelos assírios, pelos gregos, pelos romanos, os árabes, os mamelucos, os turcos; enfim, por toda a gente que lhes apeteceu, exceção feita para os nossos cruzados, visto que estes ainda tinham mais de inexperientes e desastrados que de poltrões os egípcios. Foi a milícia dos mamelucos que derrotou os franceses. Talvez haja só duas coisas toleráveis neste povo: a primeira é que aqueles que adoravam um boi nunca pretenderam coagir a mudar de religião os que adoravam um macaco; a segunda, que sempre puseram os pintos a chocar no forno.

As suas pirâmides são muito elogiadas; mas quem não vê que são monumentos de um povo escravizado? Foi indispensável obrigar toda a nação a participar na sua construção, sem o que nunca teriam podido erguer tão pesadas massas de rocha. E para que servem? Para conservar numa estreita câmara a múmia de algum príncipe, ou de qualquer governante ou intendente, na mira que a alma deste vá dar vida à múmia ao cabo de mil anos. Mas se eles tinham assim tanta fé na ressurreição dos corpos por que é que então lhes extraíram o cérebro antes de os embalsamarem? Ou será que os egípcios deviam ressuscitar sem mioleira?

Apocalipse

Justino, o mártir que escrevia à volta do ano 270 da nossa era, foi o primeiro que falou no *Apocalipse;* atribuiu-o ao apóstolo João, o evangelista: no seu diálogo com Trífon, este judeu

[6] "Comereis a carne dos poderosos e bebereis o sangue dos príncipes da terra, dos carneiros, dos cordeiros e dos bodes, e dos bezerros. . . e vos fartareis à minha mesa, de cavalos, e de carros, de valentes, e de todos os homens de guerra, diz o Senhor Jeová." *(Ez.* 39, 18 e 20.) (N. dos T.)

pergunta-lhe se ele não acredita que Jerusalém há de ser reconstruída um dia. Justino responde-lhe que sim e que todos os bons cristãos pensam o mesmo. "Viveu entre nós", disse, "um certo personagem chamado João, um dos doze apóstolos de Jesus; profetizou que os fiéis passarão mil anos em Jerusalém."

Este reinado de mil anos foi durante muito tempo uma crença profundamente arraigada entre os cristãos. Este espaço de tempo já gozava de muito crédito entre os gentios. As almas dos egípcios regressavam aos seus corpos passados mil anos; segundo Virgílio, as almas do purgatório eram postas à prova durante igual período de tempo, *"et mille per annos"*. A nova Jerusalém de mil anos devia ter doze portas, em memória dos doze apóstolos; devia apresentar forma quadrada; o comprimento, largura e altura deviam ser de doze mil estádios, isto é, quinhentas léguas, de modo que as casas deviam também ter quinhentas léguas de altura. Imagine-se como seria desagradável morar no último andar; mas, que querem?, é o que vem no *Apocalipse,* capítulo 21.

Se Justino foi o primeiro que atribuiu o *Apocalipse* a São João, houve logo algumas pessoas que rejeitaram o seu testemunho, visto que, no mesmo diálogo com o judeu Trífon, ele afirma que Jesus Cristo (de acordo com o que referem os apóstolos), mergulhando nas águas do Jordão, fez ferver as águas deste rio e incendiou-as, o que em nenhum escrito dos apóstolos se encontra.

O mesmo São Justino cita confiadamente os oráculos das sibilas; ademais, pretende ter visto os vestígios das celas onde foram encerrados os setenta e dois intérpretes no farol do Egito, no tempo de Herodes. Ora, o testemunho de um homem que teve a infelicidade de ver tão de perto essas celas de doidos parece indicar que o autor merecia também lá ter sido encafuado.

Santo Ireneu, que veio depois, e que também acreditava no tal reinado de mil anos, disse que soube por um velho que São João fizera o *Apocalipse.* Mas é costume censurar a Santo Ireneu o ter escrito que só devia haver quatro Evangelhos porque só há quatro partes do mundo e quatro ventos cardiais, e que Ezequiel só viu quatro animais. Chama ele a este raciocínio uma demonstração. Forçoso é confessar, aqui, à puridade, que o modo como Ireneu demonstra equivale, na perfeição, ao modo como Justino viu o que viu.

Clemente de Alexandria apenas fala nos seus *Electa* dum *Apocalipse* de São Pedro, de que na época faziam grande caso. Tertuliano, um dos maiores partidários do reinado de mil anos, não só garante que São João profetizou essa ressurreição e esse tal reinado de mil anos na cidade de Jerusalém, como pretende ainda que esta nova Jerusalém começava já a formar-se no espaço; que todos os cristãos da Palestina, e até mesmo os pagãos, a tinham visto quarenta dias a fio pelo cabo da noite; infelizmente, a cidade levava sumiço mal rompia a manhã.

Orígenes, no seu prefácio ao Evangelho de São João, cita os oráculos do *Apocalipse;* mas igualmente cita nas suas homílias os oráculos das sibilas. Contudo, São Dionísio de Alexandria, que escrevia por meados do século III, afirma num dos seus fragmentos, conservados por Eusébio, que quase todos os doutores da Igreja rejeitaram o *Apocalipse* como sendo um livro destituído de razão; que esse livro não fora escrito por São João, mas por um tal Cerinto, que abusivamente utilizara um nome célebre para emprestar mais consistência às suas fantasias.

O concílio de Laodicéia, realizado em 360, não contou o *Apocalipse* entre os livros canônicos. Coisa muito singular seria que Laodicéia, que era uma igreja a quem o *Apocalipse* era dirigido, rejeitasse um tesouro como esse e a ela destinado; e que o bispo de Éfeso, que assistia ao concílio, rejeitasse também um livro de São João, o apóstolo sepultado em Éfeso.

A toda a gente era bem visível que São João se revolvesse constantemente na tumba, fazendo subir e descer a terra. Todavia, essas mesmas altas personagens que tinham a certeza que São João não estava morto de todo tinham também a certeza que não fora ele o autor do *Apocalipse.* Mas os que teimavam na crença do famoso reinado de mil anos ficaram inabaláveis na sua posição. Sulpício Severo, na sua *História Sagrada,* livro IX, trata de insensatos ímpios todos os que não acreditavam no *Apocalipse.* Afinal, após muitas dúvidas, de oposições de concílio para concílio, prevaleceu a opinião de Sulpício Severo. Tendo ficado esclarecida essa matéria, a Igreja decidiu que o *Apocalipse* é incontestavelmente da autoria de São João; e assim ficou resolvido, sem possibilidades de apelo.

Cada comunidade cristã a si própria atribui as profecias contidas nesse livro; os ingleses

descobriram nele as revoluções da Grã-Bretanha; os luteranos, as guerras civis na Alemanha; os reformados de França, o reinado de Carlos IX e a regência de Catarina de Médicis: todos tinham igualmente razão. Bossuet e Newton comentaram ambos o *Apocalipse;* mas, pensando bem, as grandiloqüentes tiradas de um e as descobertas sublimes do outro honraram-nos mais que os seus comentários apocalípticos.

Ateu, Ateísmo

I

Noutros tempos, qualquer pessoa que fosse detentora de um segredo numa arte, corria logo o perigo de ser tomada por feiticeiro; qualquer seita nova era logo acusada de imolar criancinhas nos seus sacrifícios e atos de culto; e o filósofo que se afastasse da terminologia da escola era acusado de ateísmo pelos fanáticos e pelos velhacos, e condenado pelos idiotas.

Anaxágoras atreve-se a afirmar que o Sol não era guiado por Apolo montado numa quadriga; chamam-lhe ateu e é obrigado a dar às de vila-diogo.

Aristóteles é acusado de ateísmo por um sacerdote; como não pode mandar punir o acusador, retira-se para Cálcis. Mas a morte de Sócrates é decerto ainda o caso mais odioso da história grega.

Aristófanes (esse homem que os comentadores tanto admiram só porque era grego, parecendo esquecer-se de que Sócrates era grego também), Aristófanes foi o primeiro que levou os atenienses a considerarem Sócrates um ateu.

Esse poeta cômico, que não é cômico nem poeta, entre nós não lhe teriam consentido que fizesse representar as suas farsas farsalhonas na feira de São Lourenço; a mim se me afigura ainda mais vil e mais desprezível do que o descreve Plutarco. Eis o que diz o sábio Plutarco deste truão: "A linguagem de Aristófanes tresanda ao seu miserável charlatanismo: nunca se ouviram graçolas tão baixas e tão repugnantes; nem a própria ralé lhe acha graça e torna-se verdadeiramente insuportável para as pessoas de senso e honra; a sua arrogância não se pode tolerar e as pessoas de bem detestam a sua evidente malevolência".

Eis aí, diga-se de passagem, o Tabarin que a Sra. Dacier, admiradora de Sócrates, ousa admirar: é este o homem que preparou antecipadamsnte o veneno com que os infames juízes fizeram morrer o homem mais virtuoso da Grécia.

Os tintureiros, os sapateiros e as costureiras de Atenas aplaudiram uma farsa em que Sócrates aparecia, suspenso no ar dentro dum cesto, proclamando que Deus não existe e gabando-se de ter roubado uma túnica quando ensinava filosofia. Um povo inteiro, cujo governo corrupto autorizava tão infames licenças, merecia com toda a justiça o que lhe aconteceu depois: tornar-se escravo dos romanos e sê-lo hoje ainda dos turcos.

Passemos em branco o período que medeia entre a república romana e nós. Os romanos, muito mais sensatos que os gregos, nunca perseguiram nenhum filósofo por causa das suas idéias. Já o mesmo não aconteceu com os povos bárbaros que sucederam ao império romano. Mal o imperador Frederico II tem querelas com os papas, logo o acusam de ser ateu e também de autor do livro dos *Três Impostores,* de parceria com o seu chanceler de Vinéis.

O nosso grande chanceler de L'Hospital afirma-se contrário às perseguições: imediatamente é acusado de ateísmo, "Homo doctus sede verus atheus".[7] Um jesuíta, tão abaixo de Aristófanes como Aristófanes está abaixo de Homero, um pobre pateta cujo nome se tornou ridículo até entre os próprios fanáticos, o jesuíta Garasse, para falar sem papas na língua, em todo o lado descobre *ateístas;* pois é assim que apelida todos quantos são alvo do seu descabelado furor. Chama ateísta a Théodore de Bèze; foi ele, também, que induziu o público em erro a respeito de Vanini.

O desgraçado fim de Vanini não nos impressiona nem indigna tanto como o de Sócrates,

[7] *Commentarium rerum Gallicarum,* Liv. XXVIII. (N. do A.) A tradução da frase citada é: "Homem sábio mas verdadeiro ateu". (N. do E.)

porque Vanini não passava de um pedante estrangeiro sem mérito nenhum; mas Vanini não era nada um ateu, como se tentou fazer crer; era justamente o oposto disso.

Era um pobre padre napolitano, pregador e teólogo de seu ofício, discutindo até o absurdo sobre as essências e sobre os universais, "et utrum chimaera bombinans in vacuo possit comedere secundas intentiones".[8] De resto, não tinha a menor queda para o ateísmo. A sua noção de Deus é teologia da mais sã e mais acatada. "Deus é seu princípio e seu fim, pai de um e de outro e não tendo necessidade nem dum nem doutro; eterno sem estar no tempo, em toda a parte presente sem estar em parte alguma. O passado e o futuro não contam para ele; está em todo o lado e fora de tudo, governando tudo e tendo criado tudo, imutável, infinito, sem partes; o seu poder é a sua vontade, etc."

Vanini entusiasmava-se ao rubro em renovar aquela bela idéia de Platão, perfilhada por Averrois, de que Deus criara uma cadeia de seres, desde o mais pequeno ao maior, cujo último elo está ligado ao seu trono eternal; idéia, com efeito, mais sublime que verdadeira, mas que está tão distante do ateísmo como o ser do nada.

Viajou muito, para fazer fortuna e para polemicar; infelizmente, a polêmica está no caminho oposto ao da fortuna; criam-se tantos inimigos irreconciliáveis como se encontram sábios ou pedantes com quem disputar. E não foi a origem da infeliz sorte de Vanini; o feitio impetuoso e a sua grosseria nas controvérsias valeram-lhe o ódio de alguns teólogos; e porque tivesse tido uma querela contra um tal Francon, ou Franconi, esse Francon, amigo dos inimigos dele, não tardou em acusá-lo de ser ateu e de propagar o ateísmo.

Esse Francon ou Franconi, auxiliado por várias testemunhas, teve a ferocidade de, numa acareação com Vanini, sustentar o que anteriormente afirmara. No banco dos réus, Vanini, interrogado sobre o que pensava da existência de Deus, respondeu que adorava como a Igreja um Deus em três pessoas. E tendo apanhado uma palha do chão, acrescentou: "Basta esta simples palhinha para nos provar que há um criador". Então embrenhou-se numa formosa discursata acerca da vegetação e do movimento, e ainda sobre a necessidade de um ser supremo sem o qual não haveria movimento nem vegetação.

O presidente Grammont, que nessa altura estava em Tolosa, transcreve essa arenga na sua *História de França,* hoje tão esquecida; e é o dito Grammont quem, por um preconceito disparatado, pretende que Vanini dizia tudo aquilo mais por *vaidade ou medo do que por íntima convicção.*

Em que base poderá fundar-se este juízo temerário e cruel do presidente Grammont? Pelas respostas que deu, é evidente que Vanini devia ser absolvido da acusação de ateísmo. Que sucedeu, então? O desditoso padre estrangeiro era também um curioso por assuntos de medicina e foi dar em casa dele um grande sapo, que conservava vivo num vaso cheio de água; foi suficiente para o acusarem de feitiçaria. Afirmou-se que o sapo era o deus que ele adorava; atribuíram um sentido ímpio a vários passos dos seus livros, o que é coisa muito fácil e muito comum, tomando as objeções como respostas, interpretando malevolamente alguma frase mais ambígua, envenenando uma expressão. Finalmente, a facção que o atacava conseguiu arrancar dos juízes a sentença que condenou à morte o infeliz.

Para justificarem essa morte, acusaram o desgraçado de tudo quanto há de mais horroroso. O mínimo e menos que mínimo[9], o insignificantíssimo Mersenne, levou o despautério a imprimir que Vanini *saíra de Nápoles com doze dos seus apóstolos para converter todos os povos ao ateísmo.* Que lástima! Como podia um miserando padre manter ao seu serviço doze homens e pagar-lhes de sua bolsa? Como teria conseguido convencer doze napolitanos a viajarem com grandes despesas, para propagar por toda a parte, em risco das próprias vidas, aquela abominável e revoltante doutrina? Um rei seria suficientemente poderoso para pagar a doze pregadores do ateísmo? Ninguém, antes do padre Mersenne, ousara aventar atoarda tão absurda. Mas, depois, muitos a repetiram, uma e mais vezes; encheram com ela os jornais, os dicionários históricos; o vulgo, que

[8] "Se uma quimera sussurrando no vácuo pode comer segundas intenções." (N. do E.)

[9] Trocadilho entre mínimo, frade da Ordem de São Francisco de Paula, e o adjetivo mínimo, forma irregular do superlativo absoluto simples de pequeno. (N. dos T.)

aprecia as coisas extravagantes, acreditou sem mais delongas, sem pensar um só momento naquela patranhosa fábula.

Até o próprio Bayle, nos *Pensamentos Diversos,* fala de Vanini como se este fora um ateu: serve-se do seu exemplo para sustentar o paradoxo de que *uma sociedade de ateus pode subsitir;* garante que Vanini era um homem de costumes muito morigerados e que foi um mártir das suas idéias filosóficas. Engana-se redondamente nos dois pontos. É o padre Vanini em pessoa quem nos elucida, nos seus *Diálogos,* feitos à maneira dos de Erasmo, que tivera uma amante chamada Isabelle. Era uma criatura tão livre no que escrevia como na sua conduta; mas não era um ateu.

Um século depois da sua morte, o sábio La Croze e aquele que tomou o nome de Philalète quiseram reabilitá-lo, prestando-lhe justiça; mas, como ninguém se interessa com a memória de um infeliz napolitano, péssimo autor ainda por cima, quase ninguém lê tais apologias.

O jesuíta Hardouin, mais sabichão que Garasse, mas não menos atrevido e impudente, no livro intitulado *Athei Detecti,* acusa de ateísmo os Descartes, os Arnauld, os Pascal, os Nicole, os Malebranche: felizmente nenhum deles sofreu o destino de Vanini.

De todos estes fatos passo para o problema de moral levantado por Bayle, a saber: *se poderia subsistir uma sociedade de ateus.* A propósito deste artigo, anotemos, para começar, como os homens se contradizem no ardor da polêmica: os que protestaram com mais furor contra a opinião de Bayle, aqueles que lhe negaram da mais injuriosa maneira a possibilidade de existir uma sociedade de ateus, foram precisamente os mesmos que a seguir afirmaram, e com igual intrepidez, que o ateísmo é a religião do governo da China.

Enganaram-se por certo bem enganados acerca do governo chinês; bastava que lessem os éditos dos imperadores desse vasto país, logo teriam percebido que tais éditos são sermões e que constantemente ali se faz referência ao Ser Supremo, que tudo governa, tudo castiga e premia.

Mas, ao mesmo tempo, não menos se enganaram acerca de uma sociedade de ateus; e não percebo como Bayle pôde esquecer um exemplo assim tão frisante que teria podido dar a vitória à sua causa.

Por que razão será impossível uma sociedade de ateus? Porque se considera que homens sem freio nunca poderiam fazer vida coletiva — viver juntos; que as leis nada podem contra os crimes secretos — ocultos; que faz falta um Deus justiceiro que castigue, neste mundo ou no outro, os malvados que conseguiram ludibriar a justiça humana.

É certo que as leis de Moisés não falavam de uma vida futura, não ameaçavam com castigos depois da morte, em nada inculcavam aos primeiros primitivos judeus a crença na imortalidade da alma; mas os judeus, longe de serem ateus, longe de acreditarem que podiam esquivar-se à vingança divina, eram os mais religiosos de todos os homens. Não somente criam na existência de um Deus eterno como acreditavam que estava sempre presente entre eles; tremiam perante a hipótese de serem punidos nas suas pessoas, ou nas pessoas das mulheres, dos filhos, de em toda a sua posteridade até a quarta geração: ora, esse era já um freio muito poderoso.

Mas entre os gentios várias seitas não tinham freio algum: os céticos duvidavam de tudo; os acadêmicos [10] adiavam o seu juízo a respeito de tudo; os epicuristas estavam persuadidos de que a Divindade não podia ingerir-se nos assuntos dos homens e bem no íntimo não admitiam nenhuma divindade. Estavam convencidos de que a alma não é uma substância, mas sim uma faculdade que nasce e morre com o corpo; por conseguinte, não conheciam outro jugo que não fosse o da moral e da honra. Os senadores e os cavaleiros romanos eram autênticos ateus, porque os deuses não existiam para homens que deles já nada receavam nem desejavam. No tempo de César e de Cícero, o Senado romano era, na realidade, uma assembléia de ateus.

O grande orador, na sua alocução a favor de Cluentius, declarou perante o Senado: "Que mal lhe faz a morte? Rejeitamos todas essas lendas ineptas que falam nos infernos: portanto, o que é que a morte lhe roubou? Nada, exceto o sentimento das dores".

César, o amigo de Catilina, querendo salvar a vida deste contra o dito Cícero, alega as seguintes objeções: que de modo algum se castiga um criminoso condenando-o à morte; que a morte *não é nada,* que é, simplesmente, o termo dos nossos males e que é um momento mais feliz

[10] Acadêmicos, sectários da escola de Platão. (N. dos T.)

que fatal. E Cícero e com ele o Senado inteiro não se rendem a estas razões? É certo que os vencedores e os legisladores do universo conhecido de então formavam visivelmente uma sociedade de homens que em nada se arreceavam dos deuses, que eram autênticos ateus.

Bayle em seguida examina se a idolatria é mais perigosa que o ateísmo; se será maior crime não acreditar na Divindade ou ter a respeito dela opiniões indignas: neste ponto está de acordo com Plutarco; acho que mais vale não ter opinião nenhuma a ter uma opinião má; mas, apesar do que afirma Plutarco, é óbvio que valia infinitamente mais para os gregos temerem a Ceres, Netuno ou Júpiter, que não terem medo de nada. Torna-se claro como água que é indispensável a santidade dos juramentos e que de preferência devemos fiar-nos naqueles que pensam que um falso juramento será castigado, não naqueles que pensam que o podem fazer impunemente. É indubitável que numa cidade civilizada é infinitamente mais útil haver uma religião, por má que seja, a não haver nenhuma.

Parece, portanto, que Bayle devia primeiro examinar qual era mais perigoso, se o fanatismo ou o ateísmo. O fanatismo é, decerto, mil vezes mais funesto; porque o ateísmo nunca inspira paixões sanguinárias, mas o fanatismo sim; o ateísmo não se opõe aos crimes, mas o fanatismo leva a praticá-los. Suponhamos, como o autor do *Commentarium Rerum Gallicarum,* que o chanceler de L'Hospital fosse ateu; mas só lhe devemos leis sensatas e prudentes e só o vimos recomendar a moderação e a concórdia; ora, os fanáticos cometeram os massacres da noite de São Bartolomeu. Hobbes foi tido por ateu; viveu vida tranqüila e inocente; mas os fanáticos do seu tempo inundaram de sangue a Inglaterra, a Escócia e a Irlanda. Spinoza não só de certeza era ateu mas até pregou o ateísmo: o que também é garantido é que não participou no assassinato jurídico de Barneveldt; nem foi ele que esquartejou os dois irmãos de Vitt e que os comeu assados na grelha.

Na sua maioria os ateus são sábios audaciosos e desgarrados que raciocinam erradamente e que, não podendo compreender a criação, a origem do mal e outras dificuldades, recorreram à hipótese da eternidade das coisas e da necessidade.

Os ambiciosos, os voluptuosos nem sequer têm tempo de raciocinar e perfilhar um mau sistema; têm mais que fazer que comparar Lucrécio a Sócrates. Entre nós, é o que se verifica.

Mas já assim não era no Senado de Roma, quase todo constituído por ateus, ateus na teoria e na prática, isto é, que não acreditavam na Providência nem numa vida futura; esse Senado era uma assembléia de filósofos, de voluptuosos e ambiciosos, muito perigosos todos e tanto assim que acabaram por dar com a República em pantanas. O epicurismo subsistiu sob o jugo dos imperadores, e os ateus do Senado, que tinham sido uns facciosos e indomáveis nos tempos de Sila e de César, sob Augusto e Tibério foram ateus escravos. Não desejaria mesmo nada ter uma demanda com um príncipe ateu, que julgasse ser de seu interesse mandar-me pisar num almofariz: estou convencido que o faria e eu ficaria esmagado. Não desejaria, se fosse eu o soberano, ter quesílias com cortesões ateus, cujo interesse fosse envenenarem-me: ver-me-ia obrigado a beber antídotos ao acaso todos os dias. É pois em absoluto necessário, para os governantes como para os povos, que esteja profundamente gravada nos espíritos a idéia de um Ser supremo, criador, que premia e castiga.

Há povos ateus, diz Bayle, nos *Pensamentos sobre os Cometas.* Os cafres, os hotentotes, os topinambus e muitos outros povos pequenos não conhecem Deus: nem o negam nem o afirmam; nunca ouviram falar nisso. Se lhes disserem que há um Deus, facilmente acreditam; digam-lhes que tudo se faz pela natureza das coisas, e acreditam-vos também. Pretender que são ateus vale o mesmo que dizer que são anticartesianos; ora, não são a favor ou contra Descartes. São autênticas crianças; e uma criança não é ateu nem deísta, não é nada.[11]

Que conclusão devemos tirar de tudo isto? Que o ateísmo é coisa monstruosa e mui perniciosa naqueles que governam; que também o é nos homens da corte (ainda que levem uma vida inocente), porque dos seus gabinetes e altos postos podem furar até os que detêm o mando e influenciá-los; que, embora não tão funesto como o fanatismo, é quase sempre fatal para a virtude. Acrescente-se, principalmente, que há hoje menos ateus do que nunca, desde que os filósofos

[11] Parece que as crianças são politeístas e fetichistas. Nenhum dos psicólogos que as estudaram (Prayer, Binet, Wallon) admitiria que em matéria religiosa a criança não é nada. (Nota de Jullien Benda.)

reconheceram que não existe nenhum ser vegetando sem germe, nenhum germe sem uma finalidade, etc., e que o trigo não provém da podridão.

Alguns geômetras que não eram filósofos rejeitaram as causas finais, mas os filósofos autênticos admitem-nas; e, como disse um autor conhecido, um catequista anuncia Deus às crianças e Newton demonstra a sua existência aos sábios.

II

Se existem ateus, a quem devemos culpar senão aos tiranos mercenários das almas que, provocando em nós a nossa revolta contra as suas velhacarias e hipocrisia, levam alguns espíritos fracos a negarem o Deus que esses monstros desonram? Quantas e quantas vezes essas sanguessugas do povo não levaram os cidadãos oprimidos a revoltarem-se contra o seu próprio rei? [12]

Homens que engordaram como bácoros à nossa custa, à custa do nosso suor, não se cansam de nos gritar aos ouvidos: "Podeis estar certos que uma burra falou; acreditem a pés juntos que um peixe engoliu um homem e cuspiu-o na praia, são e salvo, ao cabo de três dias: não ponham em dúvida que o Deus do universo tenha ordenado a um profeta judeu que comesse merda (Ezequiel) e a um outro profeta que comprasse duas putas e lhes fizesse filhos de puta (Oséias) (são as palavras textuais que põem na boca de um Deus de verdade e de pureza), acreditem em coisas tais como estas evidentemente abomináveis ou matematicamente impossíveis: caso contrário, o senhor Deus de misericórdia vos lançará nas chamas, não somente durante milhões de bilhões de séculos a arder no fogo infernal, mas por toda a eternidade, e quer tenhais um corpo, quer não". [13]

Estas inconcebíveis parvoíces revoltam os espíritos fracos e temerários tanto quanto os espíritos firmes e sensatos. Dizem uns e outros: "Se os nossos mestres nos pintam Deus como o mais disparatado e o mais bárbaro de todos os seres, então é porque não há Deus"; mas deviam dizer: "É então certo que os nossos mestres atribuem a Deus os seus próprios absurdos e rancores, logo Deus é o oposto daquilo que eles pregam, logo Deus é tão sábio e tão bondoso como no-lo querem fazer crer louco e malvado". Assim falam as pessoas avisadas e inteligentes. Mas, se algum fanático as ouvir, vai denunciá-las a um magistrado, agente dos padrecas; e este esbirro manda queimá-las a fogo lento, julgando deste modo vingar e imitar a majestade divina, que do mesmo passo ultraja.

B

Babel

Sempre a vaidade ergueu grandes monumentos. Foi por vaidade que os homens construíram a torre de Babel: "Eia, edifiquemos nós uma cidade e uma torre cujo cume toque nos céus, e façamo-nos um nome, para que não sejamos espalhados sobre a face de toda a terra" [14]. A empresa foi tentada no tempo de um tal Faleque, que contava o bom do Noé como seu quinto avô. A

[12] Veja o artigo "Fraude". (N. do A.)

[13] "Palavra do Senhor, que foi dita a Oséias: Vai, toma uma mulher de prostituição, e filhos de prostituição, porque a terra se prostituiu desviando-se do Senhor." *(Os* 1, 1 e 2.)
"E o que comeres será como bolos de cevada, e o cozerás com o esterco que sai do homem, diante dos olhos deles. E disse o Senhor: Assim comerão os filhos de Israel o seu pão imundo, entre as nações, para onde serão lançados." *(Ez* 4, 12 e 13.)
"Deparou, pois, o Senhor um grande peixe, para que tragasse a Jonas; e esteve Jonas três dias e três noites nas entranhas do peixe." *(Jon* 1, 17.) (N. dos T.)

[14] *Gên* 14, 4. (N. dos T.)

arquitetura e todas as demais artes suas subsidiárias tinham, como se vê, feito grandes progressos em cinco gerações. São Jerônimo, o mesmo que diz que viu faunos e sátiros, viu tanto como eu a torre de Babel; no entanto, garante que ela tinha vinte mil pés de altura. Não é coisa por aí além. O antigo livro *Jacult,* escrito por um dos judeus mais eruditos, demonstra que a sua altura era de oitenta e um mil pés judaicos; e não há ninguém que não saiba que o pé judeu era, aproximadamente, do comprimento do pé grego. Esta dimensão é muito mais verossímil que a de São Jerônimo. A torre resiste ainda; mas já não está é de tamanha altura. Vários viajantes, muito de acreditar, a viram; eu, que nunca a vi, não direi acerca dela mais que do meu pobre avozinho Adão, com quem nunca tive a honra e proveito de conversar. Mas consultai o reverendo padre dom Calmet: este homem sabe tudo! Alia uma inteligência bastante perspicaz a uma profunda filosofia; explicar-vos-á a coisa. Não sei por que se diz no *Gênesis* que Babel significa confusão; porque *Ba* quer dizer pai, nas línguas orientais, e *Bel* quer dizer Deus; Babel, portanto, será a cidade de Deus, cidade santa. Os antigos davam este nome a todas as suas capitais. Mas é incontestável que Babel quer dizer confusão, seja porque os arquitetos ficaram confusos após terem erguido a sua obra até oitenta e um mil pés judaicos, seja porque se deu a confusão das línguas; e é evidente que desde então os alemães já não conseguem perceber os chineses; porque é óbvio, conforme opina o sábio Bochart, que o chinês é originariamente a mesma língua que o alto-alemão.

Batismo

Batismo, palavra grega que significa imersão. Os homens, que se guiam sempre pelos sentidos, facilmente imaginaram que aquilo que lavava o corpo lavava também a alma. Havia grandes cubas nos subterrâneos dos templos do Egito para os sacerdotes e para os iniciados. Os indianos desde tempos imemoriais que se purificam nas águas do Ganges e esta cerimônia está ainda muito em voga. Os hebreus adotaram-na: até batizavam todos os estrangeiros que abraçavam a lei judaica, e que não queriam submeter-se à circuncisão [15]; principalmente as mulheres, a quem não obrigavam a essa operação (a que só na Etiópia eram sujeitas), eram batizadas. O batismo era uma regeneração: aquilo dava uma alma nova, tal como no Egito. Consultai a este respeito Epifânio, Maimônides e Gemara.

João batizou no Jordão e batizou até Jesus, que todavia nunca batizou ninguém, mas se dignou consagrar esse antigo ritual. Todo e qualquer sinal é indiferente por si e Deus concede a graça ao sinal que lhe apraz escolher. O batismo em breve se tornou o primeiro rito e o cunho da religião cristã. Contudo, os quinze primeiros bispos foram circuncidados, mas não há a certeza de que fossem batizados. [16]

Abusou-se deste sacramento nos primeiros séculos do cristianismo; era muito vulgar estarem à espera da hora da agonia para receberem o batismo. Exemplo significativo é o do imperador Constantino, que pensava assim: o batismo purifica tudo; logo, posso matar a minha mulher, o meu filho e restante parentela, depois do que me faço batizar e vou para o céu; e foi mesmo o que

[15] Variante à edição de 1770: "Até batizavam todos os estrangeiros que vinham estabelecer-se na Palestina; chamavam-lhes prosélitos de domicílio. Não obrigados à circuncisão, mas apenas a seguirem os sete preceitos dos noaquidas e a não sacrificarem a nenhum deus estrangeiro. Os prosélitos de justiça eram circuncidados e batizados; também batizavam as mulheres prosélitas, nuas em pêlo, na presença de três homens. Os judeus mais devotos iam receber o batismo da mão dos profetas mais venerados pelo povo. Daí a razão da afluência a São João, o qual batizava no Jordão". (N. dos T.)

[16] Várias outras sociedades cristãs aplicaram um cautério ao batizado com um ferro em brasa, e o que as levou a esta espantosa operação foram as palavras de São João Batista, que São Lucas refere: "Eu batizo pela água, mas o que vier depois de mim batizará pelo fogo".
Os seleucianos, os herminianos e outros mais assim procediam. Estas palavras "batizará pelo fogo" nunca foram explicadas. Divergem as opiniões sobre o batismo de fogo, de que falam São Lucas e São Mateus. A mais verossímil, talvez, é que era uma alusão ao antigo costume dos devotos da deusa de Síria que, após terem mergulhado na água, faziam imprimir caracteres no corpo com um ferro em brasa. Tudo era superstição na mísera humanidade; e Jesus substituiu estas ridículas superstições por uma cerimônia sacra, um símbolo eficaz. (N. dos T.)

fez. Este exemplo era perigoso; pouco a pouco foi sendo abolido o costume de esperar pela morte para tomar o banho sagrado.[17]

Os gregos conservaram sempre o batismo por imersão. Os latinos, nos fins do século VIII, tendo dilatado a sua religião pela Gália e pela Germânia e vendo que a imersão podia ser fatal para as crianças, nesses países frios, substituiram-na pela simples aspersão, o que muitas vezes os fez anatemizar pela Igreja grega.

Perguntaram um dia a São Cipriano, bispo de Cartago, se estariam realmente batizados aqueles cujo corpo fora apenas salpicado com água. Respondeu, na sua septuagésima sexta carta, que "há várias igrejas que não acreditavam que os só salpicados fossem cristãos; quanto a ele, pensa que são cristãos, mas gozam duma graça infinitamente menor do que aqueles que foram mergulhados três vezes como era costume".

Entre os cristãos consideravam como iniciado aquele que se tivesse submetido à imersão; antes disso, não passava de catecúmeno. Para ser iniciado tornava-se indispensável ter abonadores, fianças, a que davam um nome que corresponde a *padrinhos,* a fim de que a Igreja possuísse garantias da fidelidade dos novos cristãos e que os mistérios nunca fossem divulgados. Foi esse o motivo por que, nos primeiros séculos, os gentios ficavam geralmente tão mal instruídos sobre os mistérios dos cristãos, como estes o eram dos mistérios de Ísis e de Eleusina.

Cirilo de Alexandria, num panfleto contra o imperador Juliano, exprime-se assim: "Falaria do batismo, se não temesse que as minhas palavras cheguem aos ouvidos dos que não são iniciados".[18]

A partir do século II, começaram a batizar as crianças; era natural que os cristãos desejassem que os filhos recebessem esse sacramento, sem o qual estariam condenados às penas do Inferno. Finalmente, acabaram por concluir que era necessário administrar-lhes o batismo aos oito dias de vida porque, entre os judeus, era com essa idade que se circuncidavam as crianças. A Igreja grega conserva ainda este uso. Todavia, no século III, dominou novamente o costume de só se fazerem batizar à hora da morte.

Todos os que morriam na primeira semana ficavam condenados às penas infernais, segundo opinavam os mais austeros Padres da Igreja. Mas Pierre Chrysologue, no século V, imaginou os limbos, espécie de Inferno atenuado, nos arredores do Inferno, para onde vão as criancinhas que morrem sem batismo e onde já estavam os patriarcas antes da descida de Jesus Cristo aos infernos; de modo que a idéia de que Jesus Cristo tinha descido aos limbos, e não aos infernos, prevaleceu desde então.

Debateu-se o seguinte problema: se um cristão nos desertos da Arábia podia ser batizado com areia. Concluiu-se que não. E também se se poderia ser batizado com água de rosas: acabaram por decretar que era indispensável água pura, mas que podiam servir-se de água lodosa.

[17] *Do Batismo dos Mortos* — Também batizavam os mortos. Verifica-se isso pelo seguinte passo de São Paulo, na carta aos Coríntios: "Que farão os que se batizam pelos mortos, se de modo algum os mortos ressuscitam? Por que se batizam eles então pelos mortos?" Isto é fato averiguado. Ou batizavam os próprios mortos ou recebiam o batismo em seu nome, como mais tarde se receberam as indulgências para livrar do Purgatório as almas de amigos e parentes.
Santo Epifânio e São Crisóstomo informam-nos que nalgumas seitas cristãs, e principalmente entre os marcionitas, colocavam uma pessoa viva debaixo do leito do morto; perguntavam-lhe se ele queria ser batizado; o vivo respondia que sim; então pegavam no morto e mergulhavam-no numa cuba. Em breve este costume foi condenado: São Paulo faz-lhe menção, mas não o condena; pelo contrário, até se serve dele como de um argumento irrespondível que prova a ressurreição. (N. dos T.)

[18] Não havia nessa época nenhum culto que não tivesse os seus mistérios, associações, catecúmenos, iniciados, professos. Cada seita exigia novas virtudes e recomendava aos seus penitentes uma vida nova, *initium novae vitae;* e daí o termo "iniciação". A iniciação dos cristãos e das cristãs era serem mergulhados completamente nus numa cuba de água fria; a remissão de todos os pecados estava associada a este sinal. Mas a diferença entre o batismo cristão e as cerimônias gregas, sírias, egípcias, romanas era a mesma que existe entre a verdade e o erro. Jesus Cristo era o grande sacerdote da nova lei. (N. dos T.)

Facilmente se depreende que estes regulamentos dependeram todos da prudência dos primeiros pastores que os fundaram.[19]

Idéias dos Unitários Rígidos sobre o Batismo

"Para todos aqueles que quiserem raciocinar sem preconceitos, é evidente que o batismo não é um sinal de graça conferida, nem um selo de aliança, mas uma simples marca de profissão de fé;

"Que o batismo não é necessário, nem por necessidade de preceito, nem por necessidade de meio;

"Que não foi instituído por Jesus Cristo e que o cristão pode dispensá-lo muito bem, sem que lhe advenha qualquer inconveniente;

"Que não se devem batizar as crianças nem os adultos, nem nenhum homem em geral;

"Que o batismo podia ser um uso nos primeiros tempos do cristianismo para todos os que abandonavam o paganismo, a fim de tornarem pública a sua profissão de fé e dar-lhe um sinal autêntico; mas agora é absolutamente inútil e totalmente indiferente."

(Extraído do Dicionário Enciclopédico, *no artigo sobre os Unitários".)*[20]

Adição Importante

O imperador Juliano, o filósofo, na sua imortal *Sátira dos Césares,* põe estas palavras na boca de Constâncio, filho de Constantino: "Todo aquele que se sentir culpado de violação, assassínio, rapina, sacrilégio e de qualquer outro crime, mesmo os mais abomináveis, ficará limpo e puro logo que eu o tiver lavado com esta água".

Foi com efeito esta fatal doutrina que levou todos os imperadores e todos os grandes do império a adiarem o seu batismo até a morte. Julgavam eles ter assim descoberto o segredo de viverem no pecado e morrerem como virtuosos.[21]

Outra Adição

Que idéia estapafúrdia, inspirada na barrela, essa de um jarro de água lavar todos os crimes! Hoje em dia, que se batizam todas as crianças, porque uma outra idéia não menos absurda a todas considerou como criminosas, ei-las agora todas salvas até que atinjam a idade da razão e

[19] Os anabatistas e algumas outras comunidades não-ortodoxas consideraram que não se devia batizar, iniciar ninguém, sem um prévio conhecimento de causa. Dizem que os católicos fazem prometer àquele que se batiza que vai pertencer à sociedade cristã; mas uma criança não pode comprometer-se seja ao que for. Mesmo que se lhe dê um fiador, um padrinho, isso mais não é que um abuso de um antigo costume. Essa precaução era muito conveniente na primitiva instituição. Quando aos primeiros discípulos vinham apresentar-se indivíduos desconhecidos, homens feitos, mulheres e raparigas adultas, para serem admitidos na comunidade, para comparticiparem das esmolas, era necessária uma caução que respondesse pela sua fidelidade: havia que garanti-la; eles juravam pertencer à sociedade cristã; mas uma criança está num caso diametralmente oposto. Muitas vezes aconteceu que uma criança batizada em Constantinopla pelos gregos fosse depois circuncidada pelos turcos; cristão com oito dias, muçulmano aos treze anos, a criança traiu os juramentos feitos pelo padrinho. Esta, uma das razões que os anabatistas podem alegar; mas tal razão, que seria boa na Turquia, nunca foi admitida nos países cristãos, onde o batismo assegura o estado de um cidadão. Temos de nos conformar com as leis e os ritos da nossa pátria.
Os gregos tornam a batizar os latinos que transitam de alguma das nossas comunidades latinas para a comunhão grega; no século passado era de uso que esses catecúmenos pronunciassem as seguintes palavras: "Escarro em cima do meu pai e da minha mãe que me mandaram batizar mal". Talvez este costume dure ainda e nas nossas províncias esteja ainda para durar por muitos anos e bons. (N. dos T.)

[20] Adição de 1767. (N. dos T.)

[21] Adição de 1767. (N. dos T.)

que possam tornar-se culpadas. Degolai-as o mais depressa possível, para que tenham o Paraíso garantido. É tão lógica esta conseqüência, que houve em tempos uma seita devota que envenenava ou matava as crianças recém-batizadas. Estes sacripantas raciocinavam com lógica. Diziam: "Prestamos aos inocentes o melhor bem que se pode imaginar; impedimos que sejam maus e infelizes nesta vida e garantimos-lhes a vida eterna".[22]

Beleza, Belo

Perguntem a um sapo o que é a beleza, o belo admirável, o *to kalón*. Responder-vos-á que é a fêmea dele, com os seus dois grandes olhos redondos, salientes, espetados na pequenina cabeça, um focinho largo e achatado, barriga amarela, dorso acastanhado. Interrogai um preto da Guiné: para esse, o belo é uma pele negra, oleosa, os olhos sumidos nas órbitas, venta esborrachada.

Interroguem o diabo: dirá que o belo é um par de cornichos, quatro garras afiadas e um rabiosque enrolado. Consultem, por fim, o filósofo: responder-vos-á por uma algaraviada desconexa, numa gíria arrevesadíssima; é-lhes indispensável algo de conforme ao arquétipo do belo em essência, ao *to kalón*.

Um dia assistia eu a uma tragédia na companhia de um filósofo. "— Como isto é belo! — exclamava ele. — Mas onde está a beleza disto? — perguntei-lhe. — Está em que o autor atingiu a finalidade que pretendia." No dia seguinte o tal filósofo tomou um purgante que lhe fez grande efeito. "Atingiu a finalidade", comentei. "Ora, aí está um purgante belo!" Então percebeu que não se pode dizer que uma purga é bela e que para darmos a qualquer coisa o título de beleza será indispensável que vos cause admiração e prazer. Concordou comigo que a tal tragédia lhe proporcionara esses dois sentimentos, e que consistia nisso o *to kalón*, o belo.

Fizemos uma viagem pela Inglaterra: ali vimos representar a mesma peça, traduzida na perfeição; pois obrigou a bocejar todos os espectadores. "Oh! Oh!" exclamou o nosso filósofo, "o *to kalón* não é o mesmo para ingleses e franceses." Concluiu, depois de refletir maduramente no caso, que o sentimento do belo é coisa muito relativa, do mesmo modo que aquilo que é decente no Japão é indecente em Roma, e o que está em moda em Paris é detestado em Pequim; e desistiu de elaborar um longo tratado sobre o belo que em tempos projetara fazer.

Bem (supremo bem)

O bem-estar é raro. O supremo bem neste mundo não poderia ser encarado como supremamente quimérico? Os filósofos gregos longamente discutiram, segundo o seu costume, este problema. Fazeis alguma idéia, caro leitor, de ver mendigos a discorrer sobre a pedra filosofal?

O supremo bem! Que coisa bombástica! Vale o mesmo que inquirir o que será o supremo azul, ou o supremo guisado, o supremo caminhar, o supremo ler, etc.

Cada um de nós põe o seu bem onde pode e cada qual a seu modo possui tanto quanto pode.

Quid dem? quid non dem? Renuis tu quod jubet alter...
Castor gaudet equis; ovo prognatus eodem pugnis...[23]

O maior bem é aquele que vos deleita com uma tal violência, de tão intensa maneira, que vos coloca na impotência total de sentir outra coisa, como o maior mal é aquele que chega a privar-

[22] Adição de 1767. (N. dos T.)
[23] "O que darei? O que não darei? Recusas tu o que o outro exige... Castor gosta de cavalos; o nascido do mesmo ovo (Pólux) gosta de lutas." (N. do E.)

nos de todo e qualquer sentimento. Eis dois extremos da natureza humana e esses dois momentos são breves.

Não há delícias extremas nem extremos tormentos que possam durar a vida inteira: o supremo bem e o supremo mal são quimeras.

Recordemos a bela fábula de Crantor: faz comparecer aos jogos olímpicos a Riqueza, a Voluptuosidade, a Saúde, a Virtude; cada uma delas solicita a maçã. A Riqueza diz: "Eu é que sou o supremo bem, porque por meu intermédio se adquirem todos os bens". A Voluptuosidade diz: "Cabe-me a maçã, porque a riqueza é desejada só para me terem". A Saúde garante que sem ela não pode haver voluptuosidade e a riqueza é inútil. Finalmente a Virtude argumenta que é superior às outras três, porque com o ouro, prazeres e saúde podemos proceder como miseráveis e conduzir-nos mal. E foi a Virtude que ganhou a maçã.

A fábula é muito engenhosa e mais o seria se Crantor tivesse dito que o supremo bem é o conjunto das quatro rivais reunidas: Virtude, Saúde, Riqueza e Voluptuosidade; mas esta fábula não resolve o absurdo problema do soberano bem. A virtude não é um bem, é um dever; pertence a um gênero diferente, uma categoria superior. Nada tem a ver com sensações dolorosas ou agradáveis. O homem virtuoso, com pedra na bexiga e gota, sem amparo, sem amigos, privado do indispensável, perseguido, posto a ferros por um tirano voluptuoso e saudável, é muito infeliz; e o odioso perseguidor, acariciando uma nova amante no seu leito de púrpura, é felicíssimo. Agora direis que o sábio perseguido é preferível ao odioso perseguidor; dizei que venerais um, tanto quanto detestais o outro; mas mesmo assim haveis de confessar que o sábio, alquebrado ao peso das grilhetas, desespera e está furioso. E quem não for capaz de perceber isto, não é sábio, é um charlatão.

Bem (tudo está)

Rebentou enorme escândalo nas escolas filosóficas, e até mesmo entre as pessoas estudiosas e inteligentes, quando Leibniz, parafraseando Platão, ergueu o seu edifício do melhor dos mundos possíveis e imaginou que tudo ia pelo melhor. No Norte da Alemanha afirmou que Deus podia fazer só um mundo. Platão, pelo menos, dera-lhe a liberdade de fazer cinco, pela simples razão de que só há cinco corpos regulares: o tetraedro, ou a pirâmide de três faces, com a base igual; o cubo, o hexaedro, o dodecaedro e o icosaedro. Mas, como o nosso mundo não tem a forma de nenhum dos cinco corpos de Platão, devia permitir a Deus uma sexta maneira.

Abandonemos por agora o divino Platão. Leibniz, que era com certeza melhor geômetra do que ele e metafísico mais profundo, prestou, pois, ao gênero humano o serviço de lhe fazer ver que devemos estar muito contentes e que Deus não podia fazer por nós mais do que fez; que tinha forçosamente escolhido, entre todas as possíveis decisões, a melhor de todas sem contradita.

"Que será então do pecado original?", espantavam-se. "Será o que puder ser", diziam Leibniz e os amigos; mas, em público, escrevia que o pecado original fazia necessariamente parte do melhor dos mundos.

Homessa!, ser assim expulso de um lugar de prazer, onde se teria vivido para sempre se não tivesse comido uma maçã! Procriar filhos na miséria, filhos mais que miseráveis, que hão de sofrer tudo, que farão sofrer tudo aos outros! Padecer de todas as doenças, sentir todos os desgostos, morrer na dor e como refrigério ser queimado ou assado pela eternidade dos séculos fora! Esta herança que nos coube seria com efeito o que há de melhor? Nada disso é bom em demasia para nós; e no que poderá, então, ser bom para Deus?

Leibniz sentia que não podia responder fosse o que fosse a isto: e encheu grossos calhamaços que nem ele mesmo entendia.

Negar que o mal existe é coisa para ser dita a rir por um tipo como Lúculo, que goza de excelente saúde e está a pagar um delicioso jantar em companhia dos amigalhaços e da amante no

salão de Apolo; basta, porém, que ponha a cabeça fora da janela, logo verá gente infeliz; e sinta um pouco de febre, até ele próprio será infeliz.

Não gosto de fazer citações; regra geral é uma tarefa ingrata: despreza-se o contexto e expomo-nos a mil controvérsias. É necessário todavia que cite Lactâncio, Padre da Igreja, o qual, no capítulo 13, "Da Cólera de Deus", põe Epicuro a falar nos seguintes termos: "Ou Deus quer extirpar o mal deste mundo, e não pode, ou pode e não o quer; ou não pode nem quer; ou, finalmente, quer e pode. Se quer e não o pode, é sinal de impotência, o que é contrário à natureza de Deus; se pode e não o quer, é malvadez, o que não é menos contrário à sua natureza; se não quer nem pode é simultaneamente malvadez e impotência; se quer e pode (o que de todas estas hipóteses é a única que convém a Deus), qual é então a origem do mal sobre a terra?"

O argumento é de força; por isso Lactâncio o rebate debilmente, dizendo que Deus quer o mal mas nos concedeu a sabedoria pela qual podemos alcançar o bem. Temos de convir que esta resposta é bem frágil se a compararmos com a objeção; porque subentende que Deus não podia conceder-nos a sabedoria se não tivesse criado o mal; e que sabedoria agradável é essa!

A origem do mal foi sempre um abismo de que ninguém até hoje chegou a ver o fundo. Foi o que obrigou tantos filósofos antigos e antigos legisladores a recorrerem aos dois princípios, um bom, outro mau. Tifou era o princípio mau entre os egípcios, Ariman entre os persas. Como é sabido, os maniqueus adotaram esta teologia; mas, como esses povos nunca falaram com o princípio do bem nem com o do mal, não nos devemos fiar muito no que dizem.

Entre as coisas absurdas que neste mundo abundam e podemos colocar no número dos nossos males, não é ligeiro disparate ter suposto que existiam dois entes todo-poderosos, em luta um com o outro, a ver qual dos dois dominava mais neste mundo e fazendo um tratado parecido com o dos dois médicos de Molière: Passai-me o vomitório, tomai lá a sangria.

Depois dos platônicos, Basilide pretendeu, desde o primeiro século da Igreja, que Deus dera o nosso mundo a fazer aos seus últimos anjos e que estes, pouco hábeis, fizeram a linda obra que está à vista. Esta fábula teológica cai por terra feita em pó pela terrível objeção de que não é próprio da natureza de um Deus todo-poderoso e sagaz mandar construir um mundo por arquitetos que nada percebiam disso.

Símon, que compreendeu o alcance da objeção, previne-a, dizendo que o anjo que presidia na oficina foi condenado às penas infernais por se ter desempenhado tão mal da sua tarefa; mas a queimadura que sofreu não nos serve a nós de consolação.

A aventura de Pandora, entre os gregos, não responde melhor à objeção. A caixa onde se guardam todos os males, e no fundo da qual permanece a esperança, é com efeito uma alegoria encantadora; mas foi Vulcano que criou essa Pandora e apenas para se vingar de Prometeu que fizera um homem com a alma.

Os indianos não descobriram coisa muito melhor: Deus, tendo criado o homem, deu-lhe uma droga que lhe garantia uma saúde permanente; o homem guarda a droga nas garupelhas do burro, o burro teve sede, a serpente indicou-lhe uma fonte; e, enquanto o burro bebia, vai a serpente e rouba-lhe a droga.

Os sírios imaginaram que, tendo sido o homem e a mulher criados no quarto céu, se lembraram de comer um bolo folhado em vez de ambrosia, que era o seu alimento natural. A ambrosia eliminava-se pelos poros; mas, após terem comido o tal empadão folhado, sentiram necessidade de ir dar de corpo. Então o homem e a mulher pediram a um anjo que lhes ensinasse *onde era a* retrete. "Vêem aquele pequeno planeta lá embaixo, tamanhinho como um bago, que dista daqui coisa como sessenta milhões de léguas?", perguntou-lhes o anjo. "Aí é que é a retrete do universo. Vão lá e não se demorem." Foram, e deixaram-nos lá ficar; e, desde então, o nosso mundo transformou-se naquilo que é.

Por todos os séculos se há de indagar dos sírios a razão por que Deus permitiu que o homem comesse empadão folhado e que depois nos caíssem em cima um ror de males tão horríveis.

Transito apressadamente deste quarto céu para milorde Bolingbroke, para não me aborrecer ainda mais. Esse homem, que decerto possuía um vasto gênio, deu ao famoso Pope o seu plano do *tudo-está-bem* que, com efeito, vamos encontrar tintim por tintim nas obras póstumas de milorde Bolingbroke, e que milorde Shaftesbury anteriormente incluíra nas suas *Características*.

Queiram ler em Shaftesbury o capítulo dedicado aos moralistas e achareis ali estas palavras:

"Há muitos argumentos a opor a essas lamentações sobre os defeitos da natureza. Como foi possível que tivesse saído assim, tão impotente e tão defeituosa, das mãos de um ser perfeito? Mas eu por mim nego que seja defeituosa... A sua beleza resulta do jogo dos contrários, e a concórdia universal nasce de um perpétuo combate... É necessário que um ente seja imolado a outros: os vegetais aos animais, os animais à terra...; e as leis do poder central e da gravitação, que emprestam aos corpos celestes o seu peso e movimento, não poderão ser transgredidas por um mesquinho animal que por muito protegido que esteja por essas mesmas ditas leis, em nome delas ficará, pouco depois, reduzido a cinzas, pó e nada".

Bolingbroke, Shaftesbury e Pope (inovador à custa das idéias e projetos dos outros dois) não resolvem melhor o nosso problema: o seu tudo-está-bem significa apenas isto: que o todo é comandado por leis imutáveis; ora, quem o não sabe? Nada nos ensinam, quando observam, como se de crianças se tratasse, que as moscas nasceram para serem comidas pelas aranhas, as aranhas pelas andorinhas, as andorinhas pelos lanieiros, os lanieiros pelas águias, as águias para serem abatidas pelos homens, os homens para se matarem uns aos outros e serem depois comidos pelos vermes e a seguir pelos diabos todos, pelo menos à razão de mil para um.

Eis uma hierarquia evidente e constante entre os animais de toda a espécie; a ordem reina em tudo. Quando se forma uma pedra na minha bexiga, trata-se duma mecânica admirável: sedimentos calcários passam pouco a pouco no meu sangue, vão sendo coados pelos rins, passam pelos ureteres, depositam-se na bexiga, aglomerando-se ali por uma excelente atração newtoniana: forma-se a pedra, engrossa, padeço de males mil vezes piores que a morte, tudo em nome do melhor arranjo do mundo; um cirurgião, tendo aperfeiçoado a arte inventada por Tubalcain, espeta-me um ferro agudo e cortante no perineu, agarra a pedra com as suas pinças: parte-a ao cabo de grandes esforços, tudo em nome de um mecanismo necessário; e ainda em nome desse mesmo mecanismo acabo por morrer no meio de horrorosos sofrimentos. Tudo isto está bem, tudo isto é a evidente sucessão dos princípios físicos inalteráveis: estou completamente de acordo convosco e já o sabia tão bem como vós.

Se fôssemos insensíveis, nada haveria a dizer de tal física. Mas não é disso que se trata; gostaríamos de saber se não haverá males sensíveis, e donde provêm. "Não há males", assevera Pope na quarta epístola sobre o *tudo-está-bem;* "ou, se houver males particulares, formam o bem geral."

Ora, aqui está um singular bem geral, formado pela pedra da bexiga, a gota, formado por todos os crimes que se cometem, todos os sofrimentos, pela morte e a danação.

A queda do homem é o emplastro que aplicamos a todas essas doenças particulares do corpo e da alma, a que chamais saúde geral; mas Shaftesbury e Bolingbroke troçam do pecado original; Pope nem disso fala; é óbvio que o sistema deles ataca a religião cristã nos seus fundamentos e sem explicar em absoluto nada que se veja.

Todavia, esse sistema foi, não há muito, aprovado por alguns teólogos que de boa mente admitem os contrários; está dito e redito que não se deve invejar a ninguém a consolação de raciocinar como bem entenda e possa, acerca do dilúvio de males que nos inunda. É justo permitir aos doentes desenganados de todo comerem aquilo que lhes apetecer. Chegou-se ao ponto de pretender que tal sistema é consolador. "Deus", afirma Pope, "observa com igual impassibilidade a morte do herói como a do pardalzinho, um átomo ou mil plantas que se desintegram, formar-se uma bola de sabão ou um mundo novo."

Ei-la aqui, confesso-vos, uma curiosa consolação; não achais um forte lenitivo na receita de milorde Shaftesbury ao dizer que Deus não irá modificar as suas leis eternas por um animal tão mesquinho como é o homem? Devemos, pelo menos, confessar, e tentar compreender, protestando, por que é que essas leis eternas não foram feitas para o bem-estar de cada indivíduo.

Este sistema do *tudo-está-bem* apresenta o autor de toda natureza como um rei poderoso e malfazejo que pouco se incomoda que, por causa dele, percam a vida quatrocentos ou quinhentos mil homens, e que os outros vegetem na miséria e na dor, contanto que os seus desígnios sejam atingidos.

Muito longe, por conseguinte, de que a opinião do melhor dos mundos possíveis sirva de

refrigério e consolo, verifica-se, pelo contrário, que é desesperadora para os filósofos que a perfilham. O problema do bem e do mal permanece como um caos indecifrável para aqueles que se interrogam de boa fé; é um jogo de inteligência para os que discutem: estes são como forçados que joguem com as próprias grilhetas. Para o povo ignaro, que não pensa, parece-se bastante com peixes que tivessem sido levados de uma ribeira para um viveiro; não fazem a menor idéia de que os levaram para ali a fim de serem comidos durante a Quaresma: também nós, por nós próprios, nada de nada sabemos sobre as causas do nosso destino.

Assim, escrevamos no final de quase todos os capítulos de metafísica as duas letras dos juízes romanos quando não entendem uma causa: *N. L., non liquet,* isso não é claro.

C

Cadeia dos Acontecimentos

Dizem que no presente se partureja o futuro. Os acontecimentos estão encadeados uns nos outros por uma fatalidade invencível: é o Destino que, em Homero, está acima do próprio Júpiter. O soberano dos deuses e dos homens dá-o claramente a entender quando afirma que não pode impedir Sarpedon, seu filho, de morrer na data fixada. Sarpedon nascera no momento em que devia nascer e não podia nascer noutro momento qualquer; não podia morrer noutro lado senão diante de Tróia; só na Lícia havia de ficar sepultado: o seu corpo havia de produzir legumes no tempo estabelecido, legumes que deviam transformar-se na substância de vários licianos; os seus herdeiros deviam fundar uma nova ordem nos seus Estados; essa ordem nova havia de influir nos reinos vizinhos, donde resultaria um novo arranjo de guerra e de paz com os vizinhos da Lícia; assim, gradualmente, o destino da terra inteira esteve dependente da morte de Sarpedon, a qual já dependia de um outro acontecimento, que estava ligado por outros à origem das coisas.

Bastava que um só destes fatos tivesse acontecido de maneira diferente para que um outro universo resultasse daí; ora, não é possível que o universo atual não exista tal qual é: logo, não era possível que Júpiter, apesar de ser quem era, salvasse a vida do filho.

Este sistema da necessidade e da fatalidade foi, em nossos dias, inventado por Leibniz, segundo ele afirma, sob o nome de razão suficiente, mas é muito antigo: não é de hoje que não há efeito sem causa e acontece com freqüência que causas mínimas produzem graves defeitos.

Milorde Bolingbroke confessa que as ridículas questiúnculas da sr.ª de Marlborough com a sr.ª Masham lhe deram ensejo de celebrar o tratado privado da rainha Ana com Luís XIV: esse tratado ocasionou a paz de Utreque; essa paz de Utreque consolidou Filipe V no trono de Espanha; Filipe V tomou Nápoles e a Sicília à Casa de Áustria; o príncipe espanhol, que é hoje rei de Nápoles, deve evidentemente o seu reino a milady Masham; e não o teria obtido, não teria até talvez nascido, se a riqueza de Marlborough tivesse sido mais amável, mais lisonjeira com a rainha de Inglaterra. A existência desse príncipe em Nápoles dependia, afinal, dum salamaleque a mais ou a menos na corte de Londres. Examinai as situações de todos os povos do universo: estabelecem-se deste modo numa sucessão de fatos que parecem não depender de nada e em verdade são conseqüência de tudo. Tudo é rodagem, roldana, corda, mola, nesta engrenagem colossal.

E o mesmo se verifica na ordem física. Um vento que sopra dos confins da África e dos mares austrais arrasta consigo uma parte da atmosfera africana, que cai em forma de chuva nos vales dos Alpes; estas chuvas fertilizam os nossos campos; o nosso vento do Norte, por sua vez, empurra os nossos barcos para as terras dos gregos; fazemos bem à Guiné e a Guiné faz-nos outro tanto. A cadeia estende-se de um lado ao outro do universo.

Mas, ao que me quer parecer, abusa-se de modo estranho da verdade contida naquele princípio. Por ele somos levados a concluir que não há um átomo, por mais pequenino, cujo movimento

não tenha influído na situação atual do mundo inteiro; que não aconteça o mais insignificante acidente, quer entre os homens, quer entre os animais, que não seja um elo essencial da grande cadeia do destino.

Entendamo-nos: todo o efeito tem, evidentemente, a sua causa, a remontar de causa em causa no abismo da eternidade; mas nem toda causa tem seu efeito a influir até ao fim dos séculos. Todos os acontecimentos são produzidos uns pelos outros, reconheço; se o passado partureja o presente, o presente partureja o futuro; todos têm pais, mas nem todos têm filhos. Sucede aqui precisamente o mesmo que numa árvore genealógica: cada linhagem ascende, como se sabe, até Adão, mas na família há muitas pessoas que morreram sem descendência.

Há uma árvore genealógica dos sucessos deste mundo. É incontestável que os habitantes das Gálias e da Espanha descendem de Gomer e os russos de Magog, seu irmão mais novo: lê-se esta genealogia em tantos e tão volumosos calhamaços! Visto que assim é, não há que negar que devemos a Magog os sessenta mil russos que estão agora em pé de guerra lá para as bandas da Pomerânia e os sessenta mil franceses que estão agora perto de Frankfurt. Nem se pode negar que o grão-turco, que também descende de Magog, não lhe deva o obséquio de ter sido derrotado e bem derrotado, em 1769, por Catarina da Rússia. Esta aventura depende evidentemente doutras grandes aventuras. Mas que Magog tenha escarrado à direita ou à esquerda, junto do monte Cáucaso, que tenha feito dois círculos num poço ou três, que tenha dormido para o lado esquerdo ou para o lado direito, não vejo que influência possa ter tido isso na resolução tomada pela imperatriz Isabel da Rússia ao enviar um exército em auxílio da imperatriz dos romanos, Maria Teresa. Que o meu cão sonhe ou não sonhe enquanto dorme, não enxergo a relação que tão importante fato possa ter com a política do Grão Mogol.[24]

Temos de pensar que nem tudo é compacto na natureza, há vazios, lacunas, e que nem todo movimento se propaga progressivamente, até dar a volta ao mundo. Lançai na água um corpo com uma densidade semelhante, facilmente calcularei que, ao fim de certo tempo, o movimento desse corpo e aquele que o dito corpo comunicou à água se extinguiram; o movimento perde-se e restabelece-se; logo, o movimento que Magog produziu ao cuspir num poço não pode ter influído no que hoje se passa na Rússia e na Pérsia. Logo, os acontecimentos presentes não são as crias de todos os acontecimentos do passado; têm as suas linhas diretas; mas, de nada lhes servem mil pequenas linhas colaterais. Mais uma vez afirmo: todo o ser tem pai, mas nem todo o ser tem filhos. Diremos algo quando falarmos do Destino.

Cadeia dos Seres Criados

A primeira vez que li Platão e deparei com essa gradação de seres que se elevam desde o mais insignificante átomo até o Ser supremo, encheu-me de admiração essa escala; mas, tendo-a depois considerado mais atentamente, esse grandioso fantasma desvaneceu-se, como noutros tempos as aparições fugiam pela manhãzinha, ao cantar do galo.

A imaginação compraz-se, a princípio, em ver a passagem imperceptível da matéria bruta à matéria organizada, das plantas aos zoófitos,[25] dos zoófitos aos animais, destes ao homem, do homem aos duendes, desses duendes que são revestidos de um pequeno corpo gasoso às substâncias imateriais e, finalmente, mil ordens diferentes destas substâncias que, aumentando de beleza em perfeições, se elevam até ao próprio Deus. Esta hierarquia agrada muito à gentinha simples, que julga ver nela o papa e os seus cardeais, seguidos dos arcebispos e bispos; após o que se seguem os curas, os vigários, os padres, os diáconos, os subdiáconos;depois os monges e, a fechar a marcha, os frades capuchinhos.

[24] Voltaire tem todo o cuidado em só apresentar, como exemplos, fatos originados na vontade humana. Noutra obra *(Il Faut Prendre un Parti, ou le Principe d'Action,* 1772) recusa formalmente a liberdade de querer. (N. dos T.)

[25] Classe de animais invertebrados, cuja forma se aproxima, mais ou menos, da das plantas. (N. dos T.)

Mas há uma distância um tanto maior entre Deus e as suas criaturas, inda as mais perfeitas, do que entre o Santo Padre e o deão do Sacro Colégio: o deão pode vir a ser papa, mas até o mais perfeito dos gênios criados pelos Ser supremo não pode tornar-se Deus; há o infinito entre Deus e ele.

Esta cadeia, esta pretensa escala, tampouco existe entre os vegetais ou animais; a prova é que há espécies de plantas e de animais hoje completamente extintas. Já não há múrex.[26] Os judeus estavam proibidos de comer grifo e ixion; tais espécies desapareceram deste mundo, diga o que disser Bochart: onde está então a cadeia?

Embora se tivessem perdido totalmente algumas espécies, é evidente que as podemos destruir. Os leões, os rinocerontes começam a tornar-se muito raros.

É muito provável que tenha havido raças de homens que já desapareceram. Mas já quero que tenham subsistido todas, tanto brancos como negros, e os cafres, a quem a natureza dotou com um avental formado pela própria pele, o qual lhes pende do ventre até ao meio das coxas; os samoiedas, cujas mulheres têm um mamilo de um belo ébano, etc. . .

Não há visivelmente um vácuo entre o macaco e o homem? Não nos é fácil imaginar um animal com dois pés e sem plumas, que seria inteligente sem ter o dom da palavra nem o nosso rosto, o qual poderíamos aprisionar e domesticar, que responderia aos nossos sinais e nos serviria? E, entre esta nova espécie e a do homem, não seria possível imaginar ainda outras?

Alojais no céu, ó divino Platão, uma quantidade de substâncias celestes todas superiores ao homem; nalgumas dessas substâncias acreditamos, sim, porque a fé no-lo ensina. Mas tu que razão tinhas para crer nelas? Tudo nos leva a supor que não tivesses falado com o gênio de Sócrates, e o pateta-alegre do Heres, que ressuscitou de propósito para te ensinar os segredos do outro mundo, nada te ensinou acerca dessas substâncias.

A pretensa cadeia não se interrompe menos no universo sensível.

Que gradação existe entre os planetas, dizei lá. A Lua é quarenta vezes mais pequena que o nosso globo. Viajante da Lua através do vácuo, topareis com Vênus, que é quase do tamanho da Terra. Daí ireis a Mercúrio; gira numa órbita elíptica muito diferente da circunferência que Vênus percorre: Mercúrio é vinte e sete vezes menor do que nós; o Sol, um milhão de vezes maior; Marte, cinco vezes menor; Marte perfaz uma translação em dois anos, o seu vizinho Júpiter em doze, Saturno em trinta; e este, que é o mais afastado de todos, não é tão grande como Júpiter. Onde está a pretensa gradação?

E depois como queres que nos grandes espaços vazios haja uma cadeia que liga tudo? Se alguma existe, é decerto a que Newton descobriu; é ela que faz gravitar todos os globos do mundo planetário nesse vácuo infinito.

Ó admirável Platão! Apenas contaste fábulas, mas veio da ilha das Cassitéridas, onde no teu tempo os homens andavam nus, um filósofo que ensinou na terra verdades tão importantes como as tuas fantasias eram pueris.

Caráter

Deriva da palavra grega *impressão, gravura.* É aquilo que a natureza gravou em nós. Podemos apagá-lo? Grave pergunta é essa. Se eu tiver um nariz torto e dois olhos de gato, posso escondê-los com uma máscara. Terei mais poder sobre o caráter que me atribuiu a natureza? Um homem naturalmente violento, de feitio arrebatado, apresenta-se a Francisco I, rei da França, para reclamar contra uma injustiça que sofrera; a expressão do príncipe, o porte respeitoso dos cortesãos, o ambiente especial do lugar onde se encontra, provocam forte impressão no ânimo desse homem; baixa maquinalmente os olhos, a rude voz suaviza-se e é já com evidente humildade que expõe a sua queixa; ao vê-lo assim, julgar-se-ia que nascera tão calmo e delicado como o estão (naquele momento pelo menos) os cortesãos entre os quais se sente tão desconcertado e pá-

[26] Múrex ou múrice, gênero de conchas univalves onde se cria a púrpura. (N. dos T.)

vido; mas, se Francisco I fosse bom fisionomista, facilmente teria notado naqueles olhos baixos, mas que um clarão sombrio ilumina, nos músculos contraídos da face, naqueles lábios cerrados com força, que esse homem não era tão submisso e cordato como ali se via forçado a aparentar. O mesmo homem segue o rei a Pávia, é feito prisioneiro com ele, acompanha-o no cativeiro em Madri; a majestade de Francisco I já não lhe provoca igual impressão; familiariza-se com o objeto do seu respeito. Um belo dia, quando tirava as botas ao rei, puxou-as desajeitadamente e o rei, de humor irritado, amargurado pelo seu infortúnio, zanga-se com ele: o nosso homem manda o rei passear, e atira as botas janela afora.

Sisto V nascera petulante, obstinado, soberbo, impetuoso, vingativo, arrogante: este seu caráter parece atenuado ou modificado para melhor durante as provações do noviciado. Logo, porém, que começa a desfrutar de algum valimento na sua Ordem, enfurece-se com um guardião[27] e desanca-o a murro; mais tarde, inquisitor em Veneza, exerce o cargo com insolência; feito cardeal, ei-lo possuído *della rabia papale:* este furor domina o seu temperamento natural; esconde, então, e disfarça a sua personalidade e o seu caráter; finge-se humilde, finge-se moribundo; elegem-no papa: esse momento restitui à mola, que a política vergara, toda a sua elasticidade por tanto tempo contida; transforma-se no mais altivo e no mais despótico dos soberanos.

Naturam expellas furca, tamen usque recurret.[28]

A religião, a moral põem um freio à força do temperamento natural, mas não podem destruí-lo. O bêbado, metido num convento e reduzido a beber meio-sesteiro de sidra a cada refeição, não se embriagará, mas continua a gostar de vinho.

A idade debilita o caráter; é uma árvore que já só produz frutos degenerados, sempre da mesma espécie; cobre-se de nós e musgo, fica carcomida, mas é sempre carvalho ou pereira. Se pudéssemos modificar o caráter, arranjando outro, dominaríamos a natureza. Mas podemos dar algo a nós próprios? Não recebemos já tudo pronto, tudo feito? Experimentai espertar o indolente com uma atividade contínua, resfriar, pela apatia, a alma turbulenta do impulso, inspirar o gosto pela música e pela poesia ao que carece de sensibilidade e ouvido: não o haveis de conseguir nunca, como não conseguireis dar vista a um cego de nascença. Podemos aperfeiçoar, burilar, esconder as virtudes e defeitos com que a natureza nos dotou: nada mais.

Diz-se a um criador: "Tendes peixes em demasia neste viveiro e, por via disso, não vão crescer; há gado a mais nos vossos pastos, a erva escasseia para tantos animais, emagrecerão". Acontece que, depois deste conselho, as solhas comem metade das carpas do nosso homem e os lobos metade dos carneiros dos seus rebanhos; o resto engorda. Terá ficado contente com a sua economia? Este campônio, és tu; tu, que julgas ter triunfado de ti, lá porque uma das tuas paixões devorou as outras. Não nos parecemos quase todos com aquele velho general caturra de noventa anos que, encontrando-se com uns moços oficiais que fazim grande algazarra e galhofa com umas gentis donzelas, lhes ralha, furibundo: "É esse, então, senhores, o exemplo que vos dou?"?

Certo, Certeza

"— Quantos anos tem o vosso amigo Christophe? — Vinte e oito; vi a certidão do casamento dele, e o registro do batismo; conheci-o de pequeno; tem vinte e oito anos, tenho a certeza disso, estou certíssimo."

Mal acabei de ouvir a resposta daquele homem, tão seguro do que dizia, e de vinte outros mais, que me confirmaram coisa igual, vim a saber que, por razões secretas e um truque qualquer, o registro de batismo de Christophe foi datado com antecipação. Todas as pessoas com quem falara, nada sabiam; contudo, continuam a ter a certeza duma coisa que não é como elas julgam.

[27] Nesta acepção: superior de um convento. (N. dos T.)
[28] "Expulsai o que é natural, voltará a galope." (Destrouches, *Glorieux,* III ato, V cena.) (N. dos T.)

Se antes do tempo de Copérnico tivésseis perguntado à terra inteira: "O Sol nasceu? Pôs-se hoje?", todos os homens vos teriam respondido: "Temos a certeza absoluta disso". Tinham a certeza e laboravam num erro.

Os sortilégios, as adivinhações, as obsessões foram durante tempos sem conta a coisa mais certa deste mundo aos olhos de todos os povos. Que multidão inumerável de pessoas não viram tanta coisa bela, e estavam certíssimas de as ter visto! Hoje em dia, já esta certeza é menos firme.

Veio procurar-me um rapazola, que começou a estudar geometria; ainda nem passou da definição dos triângulos. "Não tendes a certeza", digo-lhe, "de que a soma dos três ângulos internos de um triângulo é igual a dois ângulos retos?" Responde-me que não tem a certeza disso e mais: que nem faz idéia muito clara desse teorema: faço-lhe a respectiva demonstração; só então adquire a certeza, e ficará com ela o resto da vida.

Eis uma certeza muito diferente de outras: algumas destas não eram mais que probabilidades e examinadas tais probabilidades posteriormente verificou-se que eram errôneas; mas a certeza matemática é imutável e eterna.

Existo, penso, sinto a dor; tudo isso será tão certo como uma verdade geométrica? Sim. Por quê? É que tais verdades provam-se pelo mesmo princípio de que uma coisa não pode ser e não ser ao mesmo tempo. Não posso, ao mesmo tempo, existir e não existir, sentir e não sentir. Um triângulo não pode, ao mesmo tempo, ter cento e oitenta graus, que é a soma de dois ângulos retos, e não os ter.

A certeza física da minha existência, do meu sentir, e a certeza matemática têm, por isso, o mesmo valor, embora sejam dum gênero diferente.

Já não acontece, porém, a mesma coisa na certeza baseada em aparências, ou nos relatórios unânimes que nos fazem os homens.

"Homessa!", direis, "então não tendes a certeza de que Pequim existe? Não tendes já visto sedas de Pequim? Pessoas de diferentes países, de diferentes opiniões, e que escreveram com violência umas contra as outras, proclamando todos a verdade de Pequim, não vos asseguraram a existência dessa cidade?" Responderei que é coisa extremamente provável que haja agora uma cidade de Pequim; mas não desejaria apostar a vida em como tal cidade existe; e apostarei, quando quiserem, a minha vida em como os três ângulos de um triângulo somados são iguais a dois ângulos retos.

Publicou-se no *Dicionário Enciclopédico* uma coisa muito engraçada; afirma-se ali que um homem devia ter a certeza, certeza total, que o marechal de Saxe ressuscitara, se toda a gente em Paris lho dissesse, como tem a certeza de que o marechal de Saxe vencera a batalha de Fontenoy, quando toda a gente em Paris lho afirma. Ora, reparem, por favor, como este raciocínio é admirável: "Acredito em toda a gente de Paris quando me diz uma coisa que é moralmente possível; portanto, devo acreditar em toda a gente de Paris quando me diz uma coisa moral e fisicamente impossível".

Aparentemente, o autor daquele artigo queria era rir, e o outro autor que se maravilha no final do artigo, e escreve contra si próprio, queria era rir-se também.[29]

China

Vamos à China buscar terra, como se não a tivéssemos por cá; estofos, como se tivéssemos falta de sedas; uma ervazinha para pôr de infusão na água a ferver, como se nos nossos climas não houvesse também muitos simples. Em paga de tudo isso queremos à viva força converter os chineses: eis um zelo muito louvável, o que não devemos é contestar a antiguidade deles nem dizer que são idólatras. Seria, em verdade, justo que um frade capuchinho, recebido no castelo dos Montemorency, quisesse convencê-los de que são nobres de fresca data, tal como o são os secretá-

[29] Veja o artigo "Certeza" do *Dicionário Enciclopédico*. (N. do A.)

rios do rei, e ainda acusá-los de idólatras, só porque encontrara no castelo duas ou três estátuas de condestáveis, para com as quais eles teriam revelado um respeito profundo?

O célebre Wolf, professor de matemática na Universidade de Halle, pronunciou um dia um magnífico discurso em louvor da filosofia chinesa; elogiou essa raça tão antiga, que difere de nós pela barba, pelos olhos, nariz, orelhas e pela capacidade de raciocínio; louvou os chineses por adorarem um Deus supremo e por amarem a virtude; prestava justiça aos imperadores da China, aos *kalao,* aos tribunais, aos letrados. A justiça que se presta aos bonzos é dum gênero diferente.

Convém saber que o dito Wolf atraía a Halle uma multidão de estudantes de todas as nações. Ora, havia na mesma Universidade um professor de teologia, chamado Lange, que não tinha assistência nenhuma às suas aulas; no pesespero de gelar de frio, sozinho, de que se havia ele de lembrar? Pois deitar a perder o professor de matemática, como bem se calculará; e, para não faltar à regra dos seus pares, logo ali o acusou de não crer em Deus.

Alguns escritores europeus, que nunca tinham posto os pés na China, nem lá perto, afirmavam que o governo de Pequim era ateu. Wolf louvara os filósofos de Pequim, portanto Wolf era ateu; a inveja e o ódio não são capazes de inventar silogismos melhores do que estes. Ora, a argumentação de Lange, apoiada numa cabala bem organizada, e num protetor, foi julgada concludente pelo rei do país, o qual enviou ao matemático um dilema formal; dava-lhe a escolher entre sair de Halle no prazo de vinte e quatro horas ou ser enforcado. E como Wolf raciocinou de maneira justa deu-se pressa em fazer as malas; a sua retirada privou o rei de duzentos ou trezentos mil escudos por ano, que o dito filósofo fazia entrar no país pela afluência dos seus discípulos.

Este exemplo deve fazer sentir aos soberanos que nem sempre devem dar ouvidos à calúnia e sacrificarem um grande homem por causa da raiva ciumenta de um pateta qualquer. Mas falemos da China.

Para que nos servirá, aqui no extremo do Ocidente, discutir com paixão e torrentes de injúrias, só para ficarmos com a certeza se teria ou não havido catorze príncipes antes do imperador da China, Fo-hi, e se o dito Fo-hi vivera no ano 3 000 ou 2 900 antes da nossa era? Então eu acharia bem que dois irlandeses se lembrassem de discutir em Dublin para saberem quem foi, no século XII, o proprietário das terras que hoje ocupo? Pois não é mais do que evidente que deviam dirigir-se a mim, que tenho em meu poder os arquivos e documentos respectivos? Sucede o mesmo ou coisa semelhante, segundo me parece, com os imperadores da China: devem dirigir-se aos tribunais do país.

Mas podeis discutir tanto quanto vos aprouver a respeito dos catorze príncipes que reinaram antes de Fo-hi, porque a vossa querela não conseguirá provar senão isto: que a China era já então muito povoada e era um país onde a lei dominava. Agora, pergunto-vos se uma nação unida, que possui leis e príncipes, não nos leva a acreditar na sua prodigiosa antiguidade. Pensai quanto tempo é necessário para que um singular conjunto de circunstâncias permita encontrar o ferro nas minas, depois para que o apliquem na lavra dos campos, até que se inventem a charrua e todas as demais artes.

Aqueles que fazem tudo no ar imaginaram num cálculo muito engraçado. Por exemplo, o jesuíta Petau, por um cálculo extravagante, dava à Terra, duzentos e oitenta e cinco anos depois do dilúvio, uma população cem vezes superior àquela que não ousamos hoje supor-lhe. Os Cumberland e os Whiston fizeram cálculos tão cômicos como esse; a estas boas almas bastava-lhes consultar os censos das nossas colônias na América, para ficarem por certo muito espantadas: teriam sabido que o gênero humano se multiplica pouco e que, em vez de aumentar, com freqüência diminui.

Deixemos, pois, nós que nascemos ontem, nós descendentes dos celtas, nós que ainda mal exploramos as florestas das nossas regiões selváticas, deixemos os chineses e os indianos gozarem em paz o seu belo clima e a sua antiguidade histórica. Deixemos, principalmente, de chamar idólatras ao imperador da China e ao *subabo* do Deão. Nem nos é necessário sermos fanáticos do mérito dos chineses: a constituição do império deles é, na verdade, a melhor que há no mundo, a única totalmente baseada no poder paternal (o que não impede que os mandarins apliquem bastonadas nos filhos); a única em que um governador de província é punido quando, ao abandonar o cargo, não tiver as aclamações do povo; a única que institui prêmios para a virtude, ao passo que,

no resto do mundo, as leis se limitam a castigar o crime; a única que forçou os seus vencedores a adotar as suas leis enquanto nós estamos ainda sujeitos aos costumes dos borguinhões, francos e godos, que nos ocuparam e dominaram. Mas, há que confessá-lo, a arraia-miúda chinesa, influenciada pelos bonzos, é tão velhaca e ladra como a nossa; que ali se vende tudo muito caro aos estrangeiros, tal como cá; que, no campo científico, os chineses encontram-se ainda no estádio em que nos encontramos vai para duzentos anos; que têm, tal como nós, mil ridículos preconceitos: acreditam nos talismãs, na astrologia judiciária, como durante tanto tempo também nós acreditamos.

Confessemos, ainda, que ficaram espantados com o nosso termômetro, a nossa maneira de pôr os licores no gelo com salitre e que muito se maravilharam com todas as experiências de Torricelli e de Otto de Guericke, tal qual ficamos nós quando, pela primeira vez, vimos essas divertidas demonstrações da física; acrescente-se que os médicos chineses, nesse ponto iguaizinhos aos nossos, não são capazes de curar as doenças mortais e que, cá e lá, é afinal a natureza que sara os males sem importância; mas nada disso impede que os chineses, há quatro mil anos, quando nós nem sequer ler sabíamos ainda, não soubessem já todas aquelas coisas essencialmente úteis de que tanto nos vangloriamos agora.

A religião dos letrados, repito-o, é admirável. Superstições, nenhumas; lendas absurdas, nenhumas; nenhuns daqueles dogmas que insultam a razão e a natureza e aos quais os bonzos dão mil sentidos diferentes porque, no fundo, não significam nada. O culto mais simples foi o que lhes pareceu ainda o melhor, a cabo de quarenta séculos. Realizam deste modo a imagem que nós temos de Seth, Enoch e Noé; contentam-se em adorar um só Deus, como o fazem todos os sábios da terra, enquanto na Europa as opiniões e as almas se dividem entre Santo Tomás e São Boaventura, entre Calvino e Lutero, entre Jansênio e Molina.

Circuncisão

Quando Heródoto narra aquilo que lhe contaram os bárbaros entre os quais viajou, só diz tolices; e é o que acontece, na grande maioria, com todos os viajantes; por isso ele não exige que o acreditemos quando fala da aventura de Gygés e de Candaule; de Arionte ser transportado por um delfim; e do oráculo consultado para saber o que fazia Creso, o qual oráculo respondia que, nesse momento, Creso mandava cozer uma tartaruga numa panela tapada; e do cavalo de Dario, que tendo sido de todos o primeiro a relinchar, fez com que Dario fosse proclamado rei, e mais um cento de patranhas deste gênero, mais próprias para distraírem crianças de colo e mais tarde serem compiladas pelos oradores retóricos; mas quando fala daquilo que ele próprio viu, dos costumes dos povos que analisou, dos monumentos que visitou e coisas antigas que consultou, então, sim, fala para homens o ouvirem e acreditarem.

"Parece", diz, no livro de *Eutérpio,* "que os habitantes da Cólquida são originários do Egito; por mim o creio, mais do que por tê-lo ouvido dizer, porque reparei que na Cólquida se lembravam mais dos antigos costumes egípcios do que no Egito se recordavam os antigos costumes da Cólquida.

"Estes habitantes das margens do Ponto Euxino pretendiam ser uma remota colônia ali estabelecida por Sesóstris; em meu entender, assim o conjeturava, não só porque são morenos e têm os cabelos crespos, mas ainda porque os povos da Cólquida, do Egito e da Etiópia são os únicos da Terra que, desde sempre, se fizeram circuncidar: porque os fenícios e os da Palestina confessam que adotaram esse uso dos egípcios. Os sírios, que hoje habitam as margens do Thermodon e do Partênia, e os macrões, seus vizinhos, confessam que não há ainda muito tempo que se conformaram com esse hábito egípcio; e é principalmente por esse motivo que são conhecidos como tendo origem egípcia.

"Como a prática da circuncisão é muito remota, tanto na Etiópia como no Egito, não saberia dizer qual dos povos a tomou do outro; é todavia verossímil que os etíopes a imitaram dos

egípcios; como, oportunamente, os fenícios aboliram o costume de circuncidar as crianças recém-nascidas, logo que tiveram maior convivência com os gregos."

Por este passo de Heródoto é evidente que diversos povos aprenderam o uso da circuncisão com o Egito; mas nenhuma raça pretendeu ter imitado a circuncisão dos judeus. A quem é que se há de, pois, atribuir a origem deste costume: à nação de quem outras cinco ou seis confessam tê-lo ido buscar, ou àquela nação que, muito menos poderosa, de comércio menor, menos guerreira, escondida num recanto da Arábia Petréia, nunca transmitiu o mais insignificante dos seus usos e costumes a outro povo qualquer?

Os judeus dizem que foram outrora recebidos por caridade no Egito; não é tão possível, e verossímil, que o povo fraco imitasse um hábito do povo poderoso e que os judeus tenham aprendido alguns costumes com os seus senhores?

Clemente de Alexandria conta que Pitágoras, quando viajava entre os egípcios, viu-se forçado a fazer-se circuncidar, a fim de poder ser admitido nos seus mistérios e atos de culto; conclui-se, portanto, que era absolutamente necessário estar circuncidado para pertencer ao número dos sacerdotes, no Egito. Tais sacerdotes já existiam quando José chegou ao Egito; aqui a forma de governo era muito antiga e os ritos observados com escrupulosa exatidão.

Os judeus confessam que permaneceram duzentos e cinco anos no Egito; dizem que durante todo esse tempo não praticaram a circuncisão; é, pois, evidente que durante esses duzentos e cinco anos os egípcios não adotaram a circuncisão dos judeus. Tê-lo-iam feito após os judeus roubarem todos os vasos sagrados que lhes tinham sido emprestados, e fugirem para o deserto com a presa, conforme o seu próprio testemunho? Um senhor adotaria a principal característica da religião do seu escravo, para mais ladrão e fugitivo? Nada disto se coaduna com a natureza humana.

Lê-se no livro de Josué que os judeus foram circuncidados no deserto: "Libertai-vos do que fazia o vosso opróbrio entre os egípcios". Ora, qual podia ser esse opróbrio, para um povo que se encontrava entre os povos da Fenícia, os árabes e os egípcios, senão aquilo mesmo que os tornava desprezíveis aos olhos das três nações? Como livrá-los desse opróbrio? Cortando-lhes um pedacinho do prepúcio. Não será este o sentido natural do citado passo de Josué?

O *Gênesis* refere que Abraão fora anteriormente circuncidado; mas Abraão viajou pelo Egito, que havia muito tempo era um reino florescente, governado por um rei poderoso. Nada nos impede de conjeturar que, nesse reino tão antigo, a circuncisão não estivesse em uso desde tempos imemoriais, muito antes de formada a nação judaica. Acresce que a circuncisão de Abraão não teve conseqüências de maior; a sua descendência só foi circuncidada na época de Josué.

Ora, antes de Josué, os israelitas são os primeiros a declarar que adotaram muitos dos costumes dos egípcios; imitaram estes em diversos sacrifícios, em várias cerimônias rituais, como os jejuns que guardavam nas vésperas das festas de Íris, nas abluções, no costume de rapar a cabeça dos sacerdotes; o incenso, o candelabro, o sacrifício da vaca ruça, a purificação com o hissope, a abstinência da carne de porco, o pavor pelos utensílios de cozinha dos estrangeiros, tudo isso atesta que o pequeno povo hebreu, apesar da sua aversão pela grande nação egípcia, conservara uma infinidade de usos dos antigos senhores. O bode Azazel que mandaram para o deserto, carregado com os pecados do povo, era uma visível imitação duma prática egípcia; os rabinos estão de acordo que a palavra *Azazel* nem judaica era. Nada impede, portanto, que os hebreus tenham imitado a circuncisão dos egípcios, tal como o fizeram os seus vizinhos árabes.

Não é coisa extraordinária que Deus, que santificou o batismo, prática tão remota entre os povos asiáticos, tenha também santificado a circuncisão, não menos remota entre os africanos. É coisa notória que Deus é senhor de atribuir as suas graças aos signos que se digna eleger.

Aliás, desde que no tempo de Josué o povo judeu foi circuncidado, conservou tal uso até nossos dias; os árabes também se lhe mantiveram fiéis; mas os egípcios, que, nos tempos primitivos, circuncidavam os rapazes e as raparigas, com o decorrer dos anos deixaram de proceder a essa operação nas raparigas e, finalmente, acabaram por limitá-la aos sacerdotes, astrólogos e profetas. É o que nos afirmam Clemente de Alexandria e Orígenes. Com efeito, não se ignora que os Ptolomeus não sofreram a circuncisão.

Os autores latinos, que tratam os judeus com tão profundo desprezo que até lhes chamam

curtus Apella, por zombaria, *credat Judaeus Apella, curti Judaei*[30], não dão tais epítetos aos egípcios. Todo o povo do Egito é presentemente circuncidado, mas o motivo é outro: foi porque o maometismo adotou a antiga circuncisão da Arábia.

Foi esta circuncisão árabe que transmitiu para os etíopes, onde agora ainda os rapazes e raparigas são circuncidados.

Havemos de confessar que esta cerimônia da circuncisão parece, à primeira vista, uma coisa estapafúrdia; mas deve-se notar que, desde sempre, os sacerdotes orientais se consagravam às suas divindades por características particulares. Nos sacerdotes de Baco era gravada a um buril uma folha de hera. Luciano diz-nos que os devotos da deusa Íris faziam-se tatuar no pulso e no pescoço enfeitados a caracteres. Os sacerdotes de Cibele eram castrados.

É muito possível que os egípcios, que veneravam o instrumento da procriação e conduziam a sua imagem, com grande pompa, nas suas procissões, imaginaram oferecer a Íris e a Osíris, por intermédio de quem tudo se engendrava na terra, uma pequenina parte daquele membro estimável, pelo qual os deuses tinham querido que o gênero humano se perpetuasse. Os costumes orientais primitivos são tão prodigiosamente diferentes dos nossos, que nada deve parecer extraordinário a quem tiver um pouco de leitura. Um parisiense fica muito espantado quando ouve dizer que os hotentotes cortam um testículo aos filhos machos. Se calhar, os hotentotes ficariam muito espantados quando soubessem que os parisienses usam os dois.

Concílios

Todos os concílios são infalíveis, sem dúvida; e a razão é porque são constituídos por homens. É impossível que reinem nessas assembléias as paixões, as intrigas, o espírito de luta, o ódio, o crime, os preconceitos, a ignorância.

Mas então, perguntar-se-á, qual o motivo por que tantos concílios se fizeram por oposição a outros? Foi para experimentar a nossa fé; todos estavam na razão, cada qual na respectiva época.

Entre os católicos romanos, presentemente, só se faz fé nos concílios aprovados no Vaticano; e entre os católicos gregos só se acredita nos aprovados em Constantinopla. Os protestantes troçam duns e doutros; deste modo, toda a gente fica contente.

Aqui apenas falaremos dos grandes concílios; dos pequenos não vale a pena.

O primeiro concílio foi o de Nicéia. Celebrou-se no ano de 325 da era vulgar, após Constantino ter escrito e enviado por Ózio, ao clero um tanto turbulento de Alexandria, esta bela carta: "Disputais por causa de um assunto muito insignificante. Tais sutilezas são indignas de pessoas sensatas". O assunto era este: tratava-se de saber se Jesus era criado ou incriado. Isso em nada feria a moral, que é o essencial. Que Jesus tenha sido no tempo, ou antes do tempo, lá por isso não foi menos um homem de bem. Depois de muitas altercações, ficou finalmente decidido que o Filho era tão antigo como o Pai, e *consubstancial* com o Pai. Esta decisão não se entende lá muito bem; mas não deixa de ser sublime e mais sublime ainda por não se perceber. Dezessete bispos protestaram contra a sentença e uma antiga crônica de Alexandria, que se conserva em Oxford, diz que dois mil padres protestaram também; mas os prelados não fazem geralmente grande caso dos simples padres, que são quase todos pelintras. Seja como for, neste primeiro concílio nem por sombras se debateu o problema da Trindade. A fórmula ali consagrada reza assim: "Cremos em Jesus consubstancial ao Pai, Deus de Deus, luz de luz, engendrado e não feito; cremos também no Espírito Santo". O Espírito Santo, força é confessá-lo, foi ali tratado de modo muito inconveniente, grosseiramente quase.

[30] *Curtus* (plural: curti) é palavra de significação rica: truncado, mutilado; castrado, circuncidado; curto; pequeno. *Apela,* nome dum judeu que viveu no tempo de Horácio (séc. I a.C.); era sinônimo de homem crédulo. *Credat Judaeus Apella* = "Creia-o o judeu Apela". *Curti Judaei* = "judeus circuncidados"... (N. do E.)

Está escrito no suplemento do concílio de Nicéia que os padres, vendo-se muito embaraçados para saber quais eram os livros autênticos e os apócrifos do Antigo e do Novo Testamento, colocaram-nos baralhados numa grande barafunda em cima de um altar; e os livros que deviam ser rejeitados foram os que caíram no chão. É forte pena que uma tão bela receita esteja atualmente em desuso.

Depois do primeiro concílio de Nicéia, constituído por trezentos e dezessete bispos infalíveis, efetuou-se outro em Rimini; e o número dos bispos infalíveis dessa vez ascendeu a quatrocentos, sem já contar um grande destacamento em Selêucia, de cerca de duzentos mais. Esta bispalhada toda, após quatro meses de zaragatas e comezainas, arrebatou unanimemente a Jesus a sua *consubstancialidade*. Foi-lhe porém restituída pouco depois, exceto entre os socinianos; assim tudo acabou em bem.

Um dos grandes concílios foi o de Éfeso, em 431; Nestório, bispo de Constantinopla, terrível perseguidor de heréticos, foi então ali mesmo condenado como herético, por ter sustentado que em verdade Jesus era bem Deus, mas que sua mãe em absoluto não era a mãe de Deus. Foi São Cirilo que fez condenar Nestório; mas os partidários de Nestório igualmente fizeram destituir São Cirilo no referido concílio: o que deixou muito atrapalhado o Espírito Santo.

Aqui chegados, leitor, repara muito atentamente em que o Evangelho nunca diz uma só palavra da consubstancialidade do Verbo, nem da honra que teria tido Maria em ser mãe de Deus, e igual coisa sucede com outra data de bagatelas teológicas, que fizeram reunir concílios infalíveis.

Eutichés era um monge que tinha protestado muito contra Nestório, cuja heresia era tão pequena ou tão grande, de um quilate tal, que não queria nada menos que supor duas pessoas em Jesus: o que é tremendo. O frade, para melhor contradizer o antagonista, garante que Jesus só tinha uma natureza. Um certo Flaviano, bispo de Constantinopla, assegura-lhe que era absolutamente necessário que houvesse duas naturezas em Jesus. Reúne-se um concílio numeroso em Éfeso, no ano de 449; este foi dirimido com muita pancadaria à mistura de valentes paulitadas duma banda e doutra, tal como aconteceu no pequeno concílio de Cirte, em 355, e em certa conferência realizada em Cartago. A natureza de Flaviano ficou moída e remoída de tanta traulitada que apanhou e a Jesus foram fixadas duas naturezas. No concílio de Calcedônia, em 451, Jesus tornou a ficar reduzido a uma só natureza.

Dou um salto sobre concílios que apenas se ocuparam de minudências, e faço alto no sexto concílio geral de Constantinopla, celebrado para se saber ao certo se Jesus, tendo só uma natureza, não teria duas vontades. Percebe-se quanto isso seria importante para dar graças a Deus.

Este concílio foi convocado por Constantino, o Barbudo, como todos os outros tinham sido, também, pelos precedentes imperadores; os legados do bispo de Roma ficaram à esquerda; os patriarcas de Constantinopla e de Antioquia ficaram à direita. Não sei se os caudatários de Roma achavam que a esquerda é o lugar de honra. Em qualquer caso, dessa vez Jesus obteve as duas vontades.

A lei mosaica proibia as imagens. Os pintores e os escultores nunca tinham feito fortuna entre os judeus. Sabe-se que Jesus nunca teve quadros, exceto, talvez, o de Maria, pintado por Lucas. Mas, enfim, em lado nenhum Jesus Cristo recomenda que se adorem as imagens. Os cristãos, todavia, adoraram-nas a partir do final do século IV, quando se familiarizaram com as belas-artes. O abuso foi tal que, no século VIII, Constantino Coprônimo reuniu em Constantinopla um concílio de trezentos e vinte bispos, que anatematizou o culto das imagens, considerando-o pura idolatria.

A imperatriz Irene, a mesma que tempos depois mandou arrancar os olhos ao filho, convocou o segundo concílio de Nicéia, em 787: aí foi restabelecida a adoração das imagens. Pretende-se hoje em dia justificar o dito concílio, dizendo que tal adoração era um culto de dulia e não de latria.[31]

Mas quer de latria, quer de dulia, Carlos Magno, em 794, mandou celebrar, em Francfort, outro concílio, que acusou de idolatria o segundo concílio de Nicéia. O papa Adriano I enviou ali dois legados, mas não foi ele que o convocou.

[31] *Dulia*, culto que se presta aos santos e aos anjos. *Latria*, culto de adoração que se presta somente à Deus. (N. dos T.)

O primeiro grande concílio convocado por um papa foi o primeiro concílio de Latrão, em 1139; ali estiveram cerca de mil bispos; mas muito pouco obraram, a não ser anatematizar aqueles que diziam que a Igreja estava demasiado rica.

Noutro concílio de Latrão, em 1179, promovido pelo papa Alexandre III, pela primeira vez os cardeais tiveram predomínio sobre os bispos; apenas se versaram ali problemas de disciplina eclesiástica.

Outro grande concílio em Latrão, no ano de 1215. O papa Inocêncio III despojou o conde de Tolosa de todos os bens, em virtude da excomunhão com que o fulminou. Foi este o primeiro concílio em que se falou de *transubstanciação.*

Em 1245, concílio geral de Lião, ao tempo cidade imperial, no qual o papa Inocêncio IV excomungou o imperador Frederico II, depondo-o por conseguinte, e proibiu-lhe o fogo e a água: foi também neste concílio que deram aos cardeais um chapéu vermelho, para os ajudar a lembrar-se que deviam tomar banho no sangue dos partidários do imperador deposto. Este concílio deu azo à destruição da Casa de Suábia e provocou trinta anos de anarquia na Itália e na Alemanha.

Concílio geral em Viena, no Delfinado, em 1311, onde foi abolida a ordem dos Templários, cujos principais membros tinham sido condenados aos suplícios mais horríveis, com base em acusações que nunca foram provadas.

Em 1414 houve o grande concílio de Constança, onde se contentaram em destituir o papa João XXIII, reconhecido réu culpado de mil crimes, e onde queimaram João Huss e Jerônimo de Praga, por serem heréticos contumazes, e atendendo a que a contumácia é um delito muito mais grave que o assassinato, o rapto, a simonia e a sodomia.

Em 1431, o grande concílio de Basiléia, não reconhecido nem acatado por Roma, porque ali depuseram o papa Eugênio IV, que não quis nem se deixou depor.

Os romanos consideram como concílio geral o quinto concílio de Latrão, em 1512, convocado contra Luís XII, rei de França, pelo papa Júlio II; mas este belicoso papa deixou-se morrer, e o concílio desfez-se em vento.

Finalmente, temos o grande concílio de Trento, que não foi acatado em França no que respeita à disciplina; mas quanto ao dogma era incontestável, pois o Espírito Santo ia todas as semanas de Roma a Trento, na mala do correio, a crermos no que nos diz *fra* Paolo Sarpi; mas *fra* Paolo Sarpi tresandava um tanto a heresia.

(Pelo Sr. Abausit J.º . . .)

Confissão

Mantém-se problemático saber se a confissão, a menos que a consideremos manobra política, tem feito mais bem do que mal.

Havia a confissão nos mistérios de Ísis, de Orfeu e de Ceres, perante o hierofante e os iniciados; dado que tais mistérios eram expiações, forçoso era que se confessassem os crimes que deviam expiar.

Os cristãos adotaram a confissão nos primeiros séculos da Igreja, como imitaram quase todos os ritos da Antiguidade: os templos, os altares, o incenso, as velas, as procissões, a água lustral, as vestes sacerdotais, diversas fórmulas dos mistérios: o *Sursum corda,* o *Ite missa est,* e tantos outros. O escândalo provocado em Constantinopla, no século IV, pela confissão pública duma mulher, fez abolir a confissão.

A confissão secreta que um homem faz a outro *homem* somente no século VII foi admitida no nosso Ocidente. Os abades dos conventos começaram a exigir que os monges viessem duas vezes por ano confessar-lhes todas as faltas. Foram também esses abades que inventaram a fórmula: "Absolvo-te conforme posso e tu necessitas". Parece que teria sido muito mais respeitoso para com o Ser supremo, e mais justo, dizer: "Possa Ele perdoar as tuas faltas e as minhas!"

O bem que a prática da confissão fez, foi, algumas vezes, ter conseguido que furtos insignificantes fossem restituídos aos donos. O mal é, por vezes, ter levado, nas convulsões políticas dos Estados, os penitentes a serem rebeldes e sanguinários, ficando com a consciência muito tranqüila. Os padres guelfos, por exemplo, recusavam a absolvição aos gibelinos e os padres gibelinos recusavam-se a absolver os guelfos. Os assassinos dos Sforzas, dos Médicis, dos príncipes de Orange, dos reis de França, dispuseram-se a cometer parricídios pelo sacramento da confissão.

Luís XI, La Brinvilliers confessavam-se após terem cometido algum grande crime, e confessavam-se com freqüência, como aqueles glutões que tomam remédios para terem mais apetite.

Se existisse uma razão para ficarmos espantados com alguma coisa, decerto o ficaríamos por causa de uma bula do papa Gregório XV, emanada de Sua Santidade no dia 30 de agosto de 1622, pela qual ordenou que, em determinados casos, o segredo da confissão seja revelado.

A resposta do jesuíta Coton a Henrique IV perdurará mais do que a Ordem dos Jesuítas: "Revelaríeis a confissão de um homem que estivesse disposto a assassinar-me? — Não; mas pôr-me-ia de permeio entre ele e o vosso corpo".

*Consciência

Seção Primeira

Da Consciência do Bem e do Mal

Locke demonstrou (se for permitido usar este termo em moral e metafísica) que não temos idéias inatas, nem princípios inatos. E foi obrigado a demonstrá-lo longamente, porque nessa época o erro contrário era universal.

Daí segue-se evidentemente precisarmos muito que nos ponham na cabeça boas idéias e bons princípios, desde que possamos usar a faculdade do entendimento.

Locke mostra o exemplo dos selvagens que matam e comem seu próximo sem nenhum remorso na consciência, e soldados cristãos bem educados, que, numa cidade tomada de assalto, pilham, esganam, violam, não somente sem remorso, mas com um prazer encantador, com honra e glória, com aplausos de todos os seus companheiros.

Seguramente, nos massacres da noite de São Bartolomeu, e nos *auto-de-fé,* nos santos atos-de-fé da Inquisição, a consciência de nenhum assassino jamais se reprovou ter massacrado homens, mulheres, crianças; ter feito gritar, desmaiar, morrer nas torturas os infelizes que tinham como único crime celebrar a Páscoa de modo diferente do dos inquisidores.

Resulta disso tudo que só temos a consciência que nos é inspirada pelo tempo, pelo exemplo, por nosso temperamento, por nossas reflexões.

O homem nasceu sem princípio algum, mas com a faculdade de receber todos. Seu temperamento torná-lo-á mais inclinado à crueldade ou à doçura; seu entendimento fá-lo-á compreender um dia que o quadrado de doze é cento e quarenta e quatro, que não se deve fazer aos outros aquilo que não se quer que lhe seja feito, porém não compreenderá por si mesmo estas verdades na sua infância; não entenderá a primeira e não sentirá a segunda.

Um pequeno selvagem tendo fome e a quem seu pai terá dado para comer um pedaço de um outro selvagem, pedirá o mesmo no dia seguinte, sem imaginar que se deve tratar o próximo do mesmo modo que nós próprios quereríamos ser tratados. Faz maquinalmente, insensivelmente, exatamente o contrário do que ensina essa verdade eterna.

A natureza preveniu contra esse horror dando ao homem a disposição para a piedade e o poder de compreender a verdade. Esses dois presentes de Deus são o fundamento da sociedade civil: por isso sempre houve poucos antropófagos e a vida tornou-se um pouco tolerável entre as nações civilizadas. Pais e mães dão a seus filhos uma educação que logo os torna sociáveis e conscientes.

Uma religião e uma moral puras, convenientemente inspiradas, modelam de tal forma a

natureza humana, que mais ou menos dos sete aos dezesseis ou dezessete anos não se pratica qualquer má ação sem que a consciência deixe de reprová-la. Em seguida, vêm as paixões violentas, combatendo a consciência e conseguindo, algumas vezes, sufocá-la. Durante o conflito, os homens, atormentados pela borrasca, consultam em algumas ocasiões outros homens, como em suas doenças consultam aqueles que têm a aparência sadia.

Foi isto que produziu os casuístas, isto é, pessoas que decidem casos de consciência. Um dos maiores sábios casuístas foi Cícero, que no seu livro *Ofícios,* isto é, os deveres do homem, examina os pontos mais delicados. Entretanto, muito antes dele, Zoroastro pareceu regulamentar a consciência com o mais belo preceito: Na dúvida quanto à bondade ou à maldade de uma ação, abstém-te.

Seção Segunda

Se um Juiz Deve Julgar Segundo sua Consciência ou Segundo as Provas

Tomás de Aquino, sois um grande santo, um grande teólogo, e não há dominicano algum que tenha por vós mais veneração do que eu. Entretanto, haveis decidido em vossa *Suma Teológica* que um juiz deve dar sua voz segundo as alegações e as pretensas provas contra um acusado cuja inocência lhe é perfeitamente conhecida. Pretendeis que as deposições das testemunhas, só podendo ser falsas, as provas resultantes do processo são impertinentes, e, no entanto, devem sobrepor-se ao testemunho de seus próprios olhos. Viu o crime ser cometido por um outro, e, segundo vós, deve conscientemente condenar o acusado quando sua consciência lhe diz que é inocente.

Seria preciso, então, segundo vós, que, se o próprio juiz tivesse cometido o crime de que tratamos, sua consciência o obrigaria a condenar o homem falsamente acusado desse crime.

Em sã consciência, grande santo, creio que vos enganastes da maneira mais absurda e mais horrível. É pena que, possuindo tão bem o direito canônico, tenhais conhecido tão mal o direito natural. O primeiro dever de um magistrado é ser justo antes de ser formalista. Se, em virtude das provas, que somente são probabilidades, condenasse um homem cuja inocência me fosse demonstrada, crer-me-ia um tolo e um assassino.

Felizmente todos os tribunais do universo têm um pensamento diverso do vosso. Não sei se Farinatius e Grillandus são de vossa opinião. Seja lá como for, se alguma vez encontrardes Cícero, Ulpiano, Triboniano, Dumolin, o chanceler de Hospital, o chanceler de Aquesseau, pedi-lhes perdão pelo erro em que caístes.

Seção Terceira

Da Consciência Enganadora

O que talvez melhor se tenha dito sobre essa importante questão encontra-se no livro cômico *Tristam Sandhy,* escrito por um cura chamado Sterne, o segundo Rabelais da Inglaterra. Parece-se com os pequenos sátiros da antiguidade, que encerravam essências preciosas.

Dois velhos capitães a meia-paga, auxiliados pelo dr. Slop, fazem perguntas muito ridículas. Nelas os teólogos franceses não são poupados. Insistem particularmente sobre uma *Memória,* apresentada à Sorbona por um cirurgião que pede permissão para batizar as crianças no ventre das mães, por meio de uma cânula que se introduziria convenientemente no útero, sem ferir a mãe nem a criança.

Enfim, fazem com que um cabo leia um antigo sermão sobre a consciência, composto pelo próprio cura Sterne.

Numa pintura superior a muitas de Rembrandt e ao *crayon* de Callot, pinta um mundano homem-honesto, passando seus dias nos prazeres da mesa, do jogo e do deboche, não fazendo nada que a boa companhia pudesse reprovar-lhe e, por conseguinte, não se reprovando de nada. Sua consciência e sua honra o acompanham aos espetáculos, ao jogo, e sobretudo quando paga liberalmente à jovem que o entretém. Quando encarregado, pune severamente os pequenos furtos do povinho; vive alegremente e morre sem o menor remorso.

O dr. Slope interrompe o leitor para dizer que isso é impossível na Igreja anglicana, só podendo acontecer entre os papistas.

Finalmente, o cura Sterne cita o exemplo de Davi, que tem, diz ele, ora uma consciência delicada e esclarecida, ora muito dura e tenebrosa.

Quando poderia matar seu rei numa caverna, contenta-se em cortar uma aba da sua vestimenta: eis uma consciência delicada. Passa um ano inteiro sem ter o menor remorso de seu adultério com Betsabá e do assassinato de Uriel: eis a mesma consciência endurecida e privada de luz.

Assim é, diz ele, a maioria dos homens. Admitimos ao cura que os grandes do mundo geralmente estão neste caso: a torrente de prazeres e de afazeres os arrebata, não têm tempo para ter consciência (o que é bom para o povo) e também não a possuem quando se trata de ganhar dinheiro. É, portanto, muito bom de vez em quando despertar a consciência das costureiras e dos reis com uma moral que possa impressioná-los, mas para isto é melhor falar como não se fala hoje.

SEÇÃO QUARTA

Liberdade de Consciência

Traduzido do alemão

[*Não adotamos todo este parágrafo, mas, como há nele algumas verdades, não cremos dever omiti-lo e não nos encarregamos de justificar o que se puder aí encontrar de pouco comedido e muito duro.*]

O capelão do príncipe de. . ., católico romano, *ameaçava um anabatista de expulsá-lo dos Estados do príncipe.* Dizia-lhe haver somente três seitas autorizadas no império, que para ele, anabatista, sendo de uma quarta, não era digno viver nas terras de monsenhor, e, enfim, a conversa se esquentando, o capelão ameaçou mandar enforcar o anabatista.

"Tanto pior para sua alteza", responde o anabatista; "sou um grande manufatureiro, emprego duzentos operários, faço entrar duzentos mil escudos por ano nos seus Estados, minha família irá estabelecer-se em outro lugar e monsenhor perderá mais do que eu."

"E se monsenhor mandar enforcar teus duzentos operários e tua família?", replica o capelão. "E se der tua manufatura a bons católicos?"

"Eu o desafio", diz o velhote. "Não se dá uma manufatura como se doa uma herdade, porque *não se dá a engenhosidade.* Seria loucura maior do que se mandasse matar todos os seus cavalos poorque um deles te derrubou e porque és um mau escudeiro. O interesse de monsenhor não está em que eu coma pão sem levedura ou levedado. Mas está, isto sim, em que eu forneça o que comer a seus súditos, e que eu aumente seus lucros com meu trabalho. Sou um homem honesto e, se tivesse a infelicidade de não ter nascido tal, minha profissão forçar-me-ia a tornar-me, pois nos negócios não é como na corte e na tua igreja: não há sucesso sem probidade. Que importa se fui batizado na idade chamada da razão, enquanto o foste sem o saber? Que importa se adoro Deus à maneira de meus pais? Se seguisses tuas belas máximas, se tivesses a força nas mãos, irias de uma ponta à outra do universo, mandando ao teu bel-prazer enforcar o grego que não crê o Espírito Santo procedente do Pai e do Filho, todos os ingleses, todos os holandeses, dinamarqueses, suecos, irlandeses, prussianos, hanovrianos, saxões, holsteneuses, hesseuses, virtemburgueses, berneuenses, hamburgueses, cossacos, valacos, russos que não crêem o papa infalível, todos os muçulmanos que crêem num só Deus, e os indianos cuja religião é mais antiga que a judaica, e os letrados chineses, que há quatro mil anos servem um único Deus sem superstição e sem fanatis-

mo? Não é o que farias se fosses o senhor?" "Seguramente", diz o monge, "pois estou devorado pelo zelo da casa do Senhor: *Zelus domus suae comedit me.*"

"A propósito, caro capelão", retorquiu o anabatista, "diga-me: és dominicano ou jesuíta, ou diabo?" "Sou jesuíta", diz o outro. "Ah! meu amigo, se não és diabo, por que dizes coisas tão diabólicas?"

"É que o reverendo padre reitor ordenou-me dizê-las."

"E quem ordenou essa abominação ao reverendo padre reitor?"

"Foi o provincial."

"De quem o provincial recebeu essa ordem?"

"Do nosso geral, e para agradar a um senhor maior do que ele — o papa."

"Deuses da terra, que com três dedos encontrastes o segredo de tornar-vos senhores duma grande parte do gênero humano, se no fundo de vossos corações admitis que vossas riquezas e vossa força não são essenciais à vossa salvação e à nossa, gozai-as com moderação. Não queremos tirar-vos a mitra ou a tiara, mas não nos esmagueis. Gozai e deixai-nos tranqüilos. Desenredai vossos interesses com os reis e deixai-nos nossas manufaturas."

Convulsões

Por voltas do ano de 1724, dançou-se no cemitério de Saint-Médard; deram-se ali muitos milagres; um deles até mereceu a honra de vir citado numa cançoneta da duquesa do Maine:

Un décrotteur à la royale,
Du talon gauche estropié,
Obtint pour grâce spéciale
D'être boiteux de l'autre pied.[32]

Como é do conhecimento geral, as convulsões miraculosas continuaram até que foi colocado um guarda no cemitério.

De par le roi, défense à Dieu
De plus fréquenter en ce lieu.[33]

Os jesuítas, como também é do conhecimento geral, não podendo já obrar milagres tais depois que São Francisco Xavier esgotara as graças da Companhia, ressuscitando duma assentada nove mortos, bem contados, resolveram, para compensar o crédito que os jansenistas tinham adquirido entretanto, mandar gravar uma estampa, com uma imagem de Jesus Cristo vestido de jesuíta. Uma mariola dum gracejador do partido jansenista escreveu, como também é sabido, por debaixo da imagem esta versalhada:

Admirez l'artifice extrême
De ces moines ingénieux:
Ils vous ont habillé comme eux,
Mon Dieu, de peur qu'on ne vous aime.[34]

Os jansenistas, para melhor demonstrarem que Jesus Cristo nunca teria vestido o hábito dos jesuítas, encheram Paris de convulsionados e assim lograram atrair muita gente ao seu claustro.

[32] "Um engraxador que usava pêra e era aleijado do calcanhar esquerdo obteve por uma graça especial ficar coxo também do outro pé." (N. dos T.)

[33] "Por ordem do rei, Deus fica proibido de voltar a freqüentar este local." (N. dos T.)

[34] "Admirai, meu Deus, o artifício supremo com que esses frades habilidosos vos vestiram como eles, com receio de que não vos amassem." (N. dos T.)

Carré de Montgeron, conselheiro no Parlamento, foi apresentar ao rei uma recolha in-4.º de todos esses milagres, atestados por mil testemunhas. Como era lógico, agarraram nele e levaram-no logo para um castelo, onde tentaram restabelecer a saúde do seu cérebro por uma dieta rigorosa; mas a verdade acaba sempre por vencer todas as perseguições: a febre milagreira continuou, sem parança, durante mais de trinta anos. Faziam vir à casa a irmã Rosa, irmã iluminada, irmã prometida, e sujeitavam-se aos açoites, sem que, no dia seguinte, houvesse marcas das chibatadas; aplicavam-lhes bordoadas com toros no estômago, bem recheado de iguarias, sem que lhes fizessem nenhum mal; deitavam-nos diante duma grande fogueira, com o rosto besuntado de graxa, sem que se queimassem; finalmente, como todas as artes, incluindo as da bruxaria, têm tendência para se aperfeiçoar, acabaram por enterrar espadas nas carnes dos convulsionados e por crucificá-los. Até um famoso teólogo teve, também, o benefício de ser crucificado: tudo isto, apenas, para convencer o mundo que determinada bula era ridícula, o que igualmente seria possível provar sem tantos perigos. Apesar disso tudo, porém, os jesuítas e os jansenistas deram as mãos contra o *Espírito das Leis,* e contra isto... e contra mais aquilo... e contra aqueloutro... e contra... Depois disto, ainda temos a ousadia de troçar dos lapões, dos samoiedas e dos pretos!

Corpos

Do mesmo modo que não sabemos o que é um espírito, ignoramos também o que seja um corpo; notamos algumas das suas propriedades; mas em que sujeito é que tais propriedades residem? Só existem os corpos, diziam Demócrito e Epicuro; não há corpos nenhuns, diziam os discípulos de Zenão de Eléia.

Berkeley, bispo de Cloyne, foi o último que, empregando cem capciosos sofismas, pretendeu provar que os corpos não existem. Afirmava que os corpos não têm cores, nem cheiros, nem calor; essas modalidades existem nas nossas sensações e não nos objetos. Podia ter evitado o trabalho de provar essa verdade, que já era bastante conhecida. Mas daí passa à extensão, à solidez, que são essências do corpo, e julga poder provar que não há comprimento numa peça de pano verde, porque, em verdade, o pano não é bem verde; essa sensação do verde apenas existe em nós: logo, essa sensação do comprimento só em nós existe. E, após ter deste modo anulado o comprimento, conclui que o volume, que com ele se relaciona, se anula por si próprio e que, por isso, nada há no mundo a não ser as nossas idéias. De maneira que, na opinião deste douto sabichão, dez mil homens mortos por dez mil tiros de canhão apenas representam no fundo dez mil percepções do nosso entendimento. E, quando um homem faz um filho a sua mulher, é apenas uma idéia que aloja, instalada noutra idéia, da qual nascerá uma terceira idéia.

Só a sua eminência, o bispo de Cloyne, competia cair nestes ridículos excessos. Supõe poder demonstrar que a extensão não existe, porque determinado corpo, observado através da sua luneta, lhe pareceu quatro vezes maior do que visto a olho nu, e quatro vezes mais pequeno com a ajuda duma outra lente. Daí conclui que, não podendo determinado corpo ter ao mesmo tempo quatro pés, dezesseis pés e um só pé de comprimento, tal comprimento não existe: logo não há nada. Ora, bastava agarrar num metro, numa medida qualquer, e dizer: mesmo que um corpo me apareça com várias dimensões, tem a extensão de tantas medidas destas.

Ter-lhe-ia sido muito fácil verificar que não sucede com o comprimento e a solidez o mesmo que acontece com os sons, cores, sabor, cheiros, etc. É claro que existem entre nós sentimentos produzidos pela configuração das partes; mas o comprimento não é um sentimento. Basta que este cavaco de lenha se extinga na braseira, e deixo logo de sentir calor; que este ar não vibre, e já não ouço; que aquela rosa murche, e não sentirei o seu perfume; mas o cavaco de lenha, o ar, aquela rosa, são objetos que existem sem mim. Não vale a pena refutar o paradoxo de Berkeley.

Convém saber o que o terá arrastado para tal paradoxo. Há muito tempo já, travei com ele alguns diálogos; disse-me que a origem da sua opinião provinha de que não se pode conceber o que é esse sujeito que recebe a extensão. E, com efeito, triunfa no seu livro, quando pergunta a

Hilas o que é esse tal sujeito, esse *substratum,* essa substância. "É o corpo estendido", responde Hilas. Então o bispo, sob o nome de Filonaus, troça de Hilas; e o pobre Hilas, vendo que disse que a extensão é o sujeito da extensão, e que disse uma tolice, fica atrapalhado e acaba por confessar que não compreendeu nada, que não existem os corpos, que o mundo material não existe, que apenas existe o mundo intelectual.

Hilas devia dizer apenas isto a Filonaus: Nada sabemos acerca do fundo desse sujeito, dessa substância extensa, sólida, divisível, móvel, figurada, etc.; conheço-a tanto como ao sujeito que pensa, que sente e é dotado de vontade; mas esse sujeito também existe, pois possui propriedades essenciais, das quais não pode ser despojado.

Somos um pouco como a maioria das damas de Paris: comem regaladamente, sem saberem os condimentos que entram nos guisados; de igual modo, usamos os corpos sem saber o que os compõe. De que se faz um corpo? De várias partes, e essas tais partes dividem-se noutras partes. E o que são estas últimas partes? Ainda e sempre corpos; podeis dividir sem parar, que nunca adiantareis mais do que isto.

Finalmente, um filósofo sutil, reparando que um quadro se faz de ingredientes de que nenhum é um quadro, e uma casa é feita de materiais dos quais nenhum é uma casa, imaginou (de uma maneira um pouco diferente) que os corpos são constituídos por uma infinidade de pequenos seres que já não são corpos; e a isto e àquilo chamam-se *mônadas.* Este sistema não deixa de ter um lado bom e, se proviesse da revelação, crê-lo-ia muito possível; todos esses pequenos seres seriam pontos matemáticos, espécie de almas que somente estariam à espera de uma veste para se meterem dentro dela; seria uma contínua metempsicose; uma mônada tão depressa andaria numa baleia, como dentro duma árvore ou encafuada num jogador trapaceiro. Este sistema vale tanto como o outro; gosto tanto dele como da declinação dos átomos, das formas substanciais, da graça versátil e dos vampiros de dom Calmet.

Credo[35]

Recito o meu *Pater* e o meu *Credo* todas as manhãs; não sou como Broussin de quem Reminiac dizia:

Broussin, dès l'âge le plus tendre,
Posséda la sauce-Robert,
Sans que son précepteur lui pût jamais apprendre
Ni son Credo *ni son* Pater.

O *símbolo* ou a *colação* derivam da palavra *symbolein* e a Igreja latina adota essa palavra, tal como surripiou tudo da Igreja grega. Os teólogos com alguma cultura sabem que o símbolo que se chama *dos apóstolos* não era nada dos apóstolos.

Entre os gregos chamava-se *símbolo* às palavras, aos sinais, pelos quais se reconheciam os iniciados nos mistérios de Ceres, de Cibele, de Mitra[36]; com o decorrer dos anos, os cristãos tiveram o seu símbolo. Se este já existisse no tempo dos apóstolos, é de crer que São Lucas tivesse falado nisso.

Atribui-se a Santo Agostinho uma história do símbolo no seu sermão 115; põem-no a dizer nesse sermão que Pedro começara o símbolo dizendo: *Creio em Deus pai todo-poderoso;* João acrescentara: *Criador do céu e da terra;* Jaime ajuntou: *Creio em Jesus Cristo, um só seu filho,*

[35] Artigo publicado em 1769. (N. dos T.)
[36] Arnobe, Liv. V. *Symbola qual rogata sacrorum,* etc. Veja-se também Clemente de Alexandria no seu sermão protréptico ou *Cohortatio ad Gentes.* (N. do A.)

nosso Senhor; e assim por diante. Eliminaram esta fábula na última edição de Agostinho. Daqui me dirijo aos reverendos padres beneditinos, para saber, ao certo, se seria necessário ou não eliminar esse trecho, que é tão curioso.

A verdade é que ninguém ouviu falar desse *Credo* durante mais de quatrocentos anos. O povo costuma dizer que Paris não se fez num dia: o povo fala freqüentemente com acerto nos seus provérbios. Os apóstolos tiveram o nosso símbolo no coração, mas não o escreveram. Compuseram um, no tempo de Santa Irene, que nada se parece com aquele que nós hoje rezamos. O nosso símbolo, tal como agora é, manteve-se assim, sem nunca variar, desde o século V. É posterior ao símbolo de Nicéia. O artigo que diz que Jesus desceu aos infernos, o que fala da comunhão dos santos não se encontra em nenhum dos símbolos anteriores. Com efeito, nem nos Evangelhos, nem nos *Atos dos Apóstolos,* se faz referência a que Jesus tenha descido aos infernos. Mas era uma doutrina estabelecida desde o século III que Jesus descera ao Hades, ao Tártaro, palavras que traduzimos por Inferno. O Inferno, nesta acepção, não é o termo hebreu *scheol,* que significa o subterrâneo, a fossa. E é por isso que Santo Atanásio nos ensinou mais tarde como o nosso Salvador descera aos infernos. "A sua humanidade", diz, "não ficou por completo no sepulcro nem toda inteira no Inferno. Ficou no sepulcro segundo a carne, e no Inferno segundo a alma."

Santo Tomás garante que os santos que ressuscitaram no momento da morte de Jesus Cristo morreram outra vez, para, em seguida, ressuscitarem com ele; é a opinião mais seguida. Todas estas doutrinas são absolutamente alheias à moral; devemos ser homens de bem, quer os santos tenham ressuscitado duas vezes, quer Deus os tenha feito ressuscitar apenas uma. O nosso símbolo foi arranjado tarde, forçoso é confessá-lo; mas a virtude é eterna.

Se nos é permitido citar autores modernos em tão grave matéria, transcreverei aqui o *Credo* do abade de Saint-Pierre, tal como ele o escreveu pelo próprio punho, no seu livro a respeito da pureza da religião, o qual não foi impresso e que fielmente copiei.

"Creio num só Deus, e amo-o. Creio que ilumina todas as almas deste mundo, tal como diz São João. Refiro-me a todas as almas que o procuram de boa fé.

"Creio num só Deus, pois não é possível que haja mais do que uma só alma do grande todo, un só ser vivificante, um só criador.

"Creio em Deus pai todo-poderoso, porque é o pai comum da natureza e de todos os homens que são igualmente seus filhos. Creio igualmente que quem a todos deu vida, que organizou as energias da nossa vida da mesma maneira, que lhes deu os mesmos princípios de moral, que é por eles entendida logo que adquirem a capacidade de raciocínio, não pôs nenhuma diferença entre os seus filhos, a não ser aquela que separa o crime da virtude.

"Creio que o chinês, justo e caritativo, é mais precioso perante ele que um sábio da Europa, caturra e arrogante.

"Creio que, sendo Deus o nosso pai comum, somos obrigados a olhar todos os homens como nossos irmãos.

"*Creio que* o fanático perseguidor é uma criatura abominável e que na escala do crime vem imediatamente a seguir ao envenenador e ao parricida.

"Creio que as disputas teológicas são, simultaneamente, a farsa mais ridícula e o flagelo mais horroroso da Terra, logo a seguir da guerra, da peste, da fome e da sífilis.

"Creio que os eclesiásticos devem ser pagos e bem pagos, como servidores do público, preceptores de moral, conservadores dos registros dos nascimentos e mortes; mas que não se lhes devem dar as riquezas dos arrendatários gerais, nem a categoria de príncipes, porque umas e outra corrompem a alma e não há coisa mais revoltante que ver homens, tão ricos e tão orgulhosos, pregarem a humildade e o amor da pobreza a pessoas que nada mais têm que cem soldos de salário.

"Creio que todos os padres que prestam serviço numa paróquia devem ser homens casados, não só para terem na sua companhia uma mulher honesta, que tome conta do governo da casa, mas para serem cidadãos melhores, darem bons súditos ao Estado e terem filhos bem educados.

"Creio que é absolutamente necessário acabar com a fradalhada, no que se prestará um

grande benefício à pátria e aos próprios frades; são homens que Circe transformou em porcos; o sábio e prudente Ulisses deve restituir-lhes a forma humana."

Paradis aux bienfaisants!

Cristianismo

Pesquisas históricas sobre o cristianismo

Vários foram os sábios que manifestaram a sua surpresa por não encontrarem no historiador Flávio Josefo o menor rasto de Jesus Cristo; porque hoje em dia todos os autênticos sábios estão de acordo em que o breve passo onde se lhe faz referência, na sua *História,* foi interpolado posteriormente.[37] O pai de Flávio Josefo havia de ter sido, porém, testemunha de todos os milagres de Jesus. Josefo era da raça sacerdotal (os levitas) e parente da rainha Mariana, mulher de Herodes; descreve até aos mais ínfimos pormenores os atos deste monarca; todavia, não tem uma palavra a respeito da vida e da morte de Jesus; e esse historiador, que não dissimula nenhuma das crueldades cometidas por Herodes, nunca fala do massacre, por ele ordenado, de todas as crianças (o massacre dos inocentes), em conseqüência da notícia que lhe chegara aos ouvidos de ter nascido um rei dos judeus. O calendário grego calcula em catorze mil crianças que foram degoladas nessa ocasião.

É a ação mais horrível cometida em todos os tempos por um tirano. Nem se encontra exemplo semelhante na história mundial.

Apesar disso, o melhor escritor que os judeus tiveram, o único estimado por romanos e gregos, não faz a mínima alusão a um acontecimento tão singular como pavoroso. Nunca fala da nova estrela que aparecera no Oriente após o nascimento do Salvador; fenômeno famoso seria esse, que é estranho ter escapado ao conhecimento de um historiador tão esclarecido como era Josefo. Guarda ainda silêncio sobre as trevas que cobriram a terra inteira, em pleno meio-dia, durante três horas, na morte do Salvador, acerca da enorme quantidade de sepulcros que nessa altura se abriram; e sobre a multidão dos justos que ressuscitaram.

Os sábios não param de exteriorizar a sua surpresa ao notarem que nenhum historiador romano falou de tais prodígios, acontecidos no reinado de Trajano, perante os olhos de um governador romano e de uma guarnição romana, que devia ter enviado ao imperador e ao Senado um relato circunstanciado do mais milagroso sucesso de que os homens em tempo algum ouviram falar. A própria cidade de Roma devia ter ficado mergulhada em espessas trevas durante três horas; e tal prodígio ficaria registrado nos fastos de Roma e nos de todos os povos. Mas Deus não quis que estas coisas divinas fossem escritas por mãos profanas.

Os mesmos sábios deparam ainda com muitas outras dificuldades na história relatada pelos Evangelhos. Notam, por exemplo, que, em São Mateus, Jesus Cristo disse aos escribas e aos fariseus que todo o sangue inocente derramado na terra havia de cair sobre eles, desde o sangue do justo Abel até Zacarias, filho de Barac, o qual foi morto entre o templo e o altar.

Dizem os sábios que na história dos hebreus não há Zacarias nenhum morto no templo, antes da vinda do Messias, nem no seu tempo; mas na história do cerco de Jerusalém, escrita por

[37] Os cristãos, por uma dessas fraudes ditas piedosas, falsificaram grosseiramente um passo do Josefo. Atribuem a este judeu, tão fanático da sua religião, quatro linhas ridiculamente interpoladas; e no final do passo acrescentam: *Era o Cristo.* Ora, ora! Então, se Josefo tivesse ouvido falar de tantos e tão espantosos sucessos, ter-lhes-ia apenas dedicado quatro linhas na *História* do seu país! Então esse judeu cabeçudo havia de dizer: *Jesus era o Cristo!* Que coisa absurda, pôr Josefo a falar como um cristão! E como é que ainda há teólogos imbecis o bastante, ou bastante insolentes, para tentarem justificar essa impostura dos primitivos cristãos, declaradamente reconhecidos como fabricantes de fraudes cem vezes maiores do que essa! (N. do A.)

Josefo, um tal Zacarias, filho de Barac, foi morto no meio do templo pela seita dos zelotas. Vem no capítulo XIX do livro IV. Daí os sábios terem a suspeita que o evangelho segundo São Mateus fora escrito antes da tomada de Jerusalém por Tito. Mas todas as dúvidas e todos os reparos deste gênero se desvanecem logo que se considere a infinita diferença que deve haver entre os livros escritos por inspiração divina e os livros dos homens. Deus quis envolver numa nuvem, tão respeitável como obscura, o seu nascimento, vida e morte. As suas vias são, em tudo, diferentes das nossas.

Os sábios também se preocuparam muito com a diferença existente entre as duas genealogias de Jesus Cristo. São Mateus aponta Jacó como sendo pai de José; Mathan como pai de Jacó; Eleazar de Mathan. Pelo contrário, São Lucas diz que José era filho de Heli; Heli de Matthat; Matthat de Levi; Levi de Melqui, etc. Os sábios torturam-se porque não conseguem conciliar os cinqüenta e seis ascendentes que Lucas atribui a Jesus, remontando até Abraão, com os quarenta e dois antepassados diferentes desses que Mateus lhe dá depois do dito Abraão. E ficam apavorados porque Mateus, apesar de falar em quarenta e duas gerações, apenas se refere a quarenta e uma.

Também se levantam dificuldades pelo fato de Jesus não ser filho de José, mas de Maria. Surgem também algumas dúvidas acerca dos milagres do nosso Salvador, citando Santo Agostinho, São Hilário e outros quejandos, os quais deram às narrativas desses milagres um sentido místico, um sentido alegórico: como o da figueira amáldiçoada e seca por não ter figos, quando não era tempo de dar figos; os demônios introduzidos nos corpos de porcos, numa terra onde não se criam porcos; na água transformada em vinho, no final dum repasto em que os convivas já estavam bem animados. Mas todas estas críticas dos sábios são confundidas pela Lei, que não fica menos pura por causa delas. O objetivo deste artigo é, unicamente, seguir o fio histórico e proporcionar uma visão precisa daqueles fatos a respeito dos quais não há discussão, nem dúvidas.

Jesus nasceu sob a lei mosaica, foi circuncidado de acordo com essa lei, cumpriu todos os seus preceitos, celebrou todas as suas festividades e somente pregou a moral; nunca revelou o mistério da sua encarnação; nunca disse aos judeus que fora concebido por uma virgem; recebeu a bênção de João nas águas do Jordão, cerimônia à qual muitos judeus se submetiam, mas nunca batizou fosse quem fosse; nunca falou dos sete sacramentos, nem instituiu, em vida sua, qualquer hierarquia eclesiástica. Ocultou dos contemporâneos que era filho de Deus, engendrado por toda a Eternidade, consubstancial com Deus e que o Espírito Santo procedia do Pai e do Filho. Nunca afirmou que a sua pessoa se compunha de duas naturezas e de duas vontades; pretendeu, ao que parece, que tão grandes mistérios fossem transmitidos aos homens no decorrer dos tempos, por aqueles que fossem esclarecidos pelas luzes do Espírito Santo. Enquanto foi vivo, em nada se desviou da lei dos antepassados; apenas mostrou aos homens que era um justo, grato a Deus, perseguido pelos que o invejavam e condenado à morte por magistrados cheios de preconceitos. Quis que a sua Santa Igreja, por ele fundada, fizesse tudo o mais.

Josefo, no capítulo XII da *História,* refere-se a uma seita de judeus rigoristas, recentemente fundada por um tal Judas da Galiléia. "Desdenham", diz Josefo, "os males da terra; triunfam das torturas pela constância; preferem a morte à vida, quando o objetivo dela é honroso. São torturados a ferro e fogo e vi que lhes quebravam os ossos, mas não disseram uma palavra só que fosse contra o seu legislador, nem comeram carnes proibidas."

Parece que este retrato assenta melhor nos judaítas que nos essênios. Eis o que diz textualmente Josefo: "Judas foi o criador de uma nova seita, totalmente diferente das outras três, isto é, dos saduceus, fariseus e essênios". Continua depois e afirma: "São judeus de nação (de raça); vivem muito solidários entre si e consideram a voluptuosidade como um vício". O sentido natural desta frase revelará que o autor fala dos judaítas?

Seja como for, estes judaítas já eram conhecidos antes que os discípulos de Cristo começassem a formar um partido considerável no mundo.

Os terapeutes eram uma sociedade diferente dos essênios e dos judaítas; assemelhavam-se,

antes, aos gimnosofistas das Indias e aos brâmanes. "São possuídos por transportes de amor celeste que nos lançam nos arroubos das bacantes e dos coribantes e que os levam a um estado contemplativo a que aspiram", afirma Fílon. "Esta seita teve origem em Alexandria, estava repleta de judeus e propagou-se intensamente por todo o Egito."

Os discípulos de João Batista espalharam-se também um pouco pelo Egito, mas principalmente na Síria e Arábia; também houve alguns na Ásia Menor. Lê-se nos *Atos dos Apóstolos* (cap. 19) que Paulo encontrou alguns em Éfeso; perguntou-lhes: "Receberam o Espírito Santo?" Responderam-lhe: "Nem sequer ouvimos falar que havia um Espírito Santo". E Paulo disse-lhes: "Então que batismo foi o vosso?" E eles responderam: "O batismo de João".

Nos primeiros anos logo após a morte de Jesus, havia sete sociedades ou seitas diferentes entre os judeus: os fariseus, os saduceus, os essênios, os judaítas, os terapeutes (espécie de monges judaicos), os discípulos de João e os discípulos de Cristo, a qual seita Deus conduziu por atalhos desconhecidos ao humano entendimento.

Quem mais contribuiu para fortalecer a pequena seita nascente foi aquele mesmo Paulo que antes a perseguira com tanta crueldade. Paulo nascera em Tarso, na Cilícia, e foi educado pelo famoso médico hebreu Gamaliel, discipulo de Hillel. Os judeus afirmam que ele se zangou com Gamaliel, porque este se recusou a dar-lhe a filha em casamento. Restam-nos vestígios desta anedota na continuação dos *Atos de Santa Tecla.* Estes referem que ele possuía uma testa larga, era calvo, tinha as sobrancelhas unidas, o nariz aquilino, o tronco baixo e gordo. Luciano, no *Diálogo de Filopatris,* fornece-nos retrato bastante parecido com este. Duvida-se grandemente que fosse cidadão romano, porque nessa época não concediam tal título a nenhum judeu. Os judeus tinham sido expulsos de Roma por Tibério, e Tarso só se tornou colônia romana cerca de cem anos mais tarde, no tempo de Caracala, como registrara Celário na *Geografia,* livro III, e Grotius, nos *Comentários sobre os Atos.*

Os fiéis adotaram o nome de cristãos em Antioquia, cerca do ano 60 da nossa era vulgar; mas foram conhecidos no império romano, como adiante teremos ocasião de ver, por outros nomes. Anteriormente só se distinguiam pelo nome de irmãos, santos ou fiéis. Deus, que descera à terra para ser ali um exemplo de humildade e pobreza, dava assim à sua Igreja os mais débeis começos e dirigia-a no mesmo grau de humilhação em que tinha querido nascer. Todos os fiéis dos primeiros tempos foram homens humildes; todos trabalhavam em misteres manuais. O apóstolo Paulo afirma que ganhava a vida a fazer tendas. São Pedro ressuscitou a costureira Dorcas, que confeccionava as túnicas dos irmãos. A assembléia dos fiéis reunia-se em Joppé, na casa de um correeiro chamado Simão, conforme se lê no capítulo 19 dos *Atos dos Apóstolos.*

Os fiéis espalharam-se secretamente pela Grécia e dali alguns foram até Roma, para junto dos judeus que viviam nesta cidade, aos quais os romanos consentiam que mantivessem uma sinagoga. A princípio, os fiéis não se separam dos judeus; praticam a circuncisão e, como já o apontamos noutra altura, os quinze primeiros bispos de Jerusalém foram todos circuncidados.

Quando o apóstolo Paulo trouxe para a sua companhia Timóteo, que era filho de um pai gentio, circuncidou-o, fato ocorrido na pequena cidade de Listre. Mas já outro discípulo seu, Tito, não quis sujeitar-se à circuncisão. Os irmãos, discípulos de Jesus, estiveram unidos aos judeus até ao momento em que Paulo sofreu e foi perseguido em Jerusalém, por ter introduzido estrangeiros no Templo. Nessa altura, os judeus acusaram-no de tentar destruir a lei mosaica por causa de Jesus Cristo. Foi para se lavar desta acusação que o apóstolo Jaime propôs ao apóstolo Paulo que mandasse rapar o cabelo e fosse purificar-se no templo com mais quatro judeus que tinham feito voto de raparem o cabelo. "Vai com eles", disse-lhe Jaime (cap 21, *Atos dos Apóstolos);* "purificai-vos na companhia deles e que toda a gente fique a saber que é falso o que dizem de vós e que continuais a guardar a lei de Moisés."

Foi pois deste modo que Paulo, a princípio encarniçado e sanguinário perseguidor da seita fundada por Jesus; Paulo, que depois quis governar essa seita nascente; Paulo, um cristão, pratica atos de culto judaico, judaíza, para que todos saibam que estão a caluniá-lo quando dizem que é cristão; Paulo faz o que hoje se considera um crime abominável, crime que é punido pela morte na fogueira em Espanha, em Portugal e na Itália; e procede assim a conselho do apóstolo Jaime e depois de ter recebido o Espírito Santo, isto é, após ter sido instruído pelo próprio Deus que se deve renunciar a todos os ritos judaicos, outrora instituídos também pelo próprio Deus.

Paulo não se livrou, no entanto, de ser acusado de impiedade e heresia, e o seu processo criminal durou ainda muito tempo; mas percebe-se à evidência, e até pelas acusações levantadas contra ele, que viera a Jerusalém para observar os ritos judaicos.

A Festo diz ele o seguinte (cap. 25, dos *Atos):* "Não pequei contra a lei judaica, nem contra o templo".

Os apóstolos proclamavam que Jesus Cristo era judeu, cumpria a lei judaica, fora enviado por Deus para a fazer observar.

"A circuncisão é útil", diz o apóstolo Paulo (cap. 2, *Epístola aos Romanos),* se respeitais a lei; mas, se a violardes, a vossa circuncisão transforma-se em prepúcio. Se um não circuncidado guarda a lei, será como se circuncidado fosse. O judeu verdadeiro é aquele que é judeu só no seu íntimo."

Quando este apóstolo fala de Jesus Cristo nas *Epístolas,* nunca revela o mistério inefável da sua consubstancialidade com Deus. "Somos libertados por ele", diz no capítulo 5, *Epístola aos Romanos,* "da cólera de Deus. O dom de Deus espalhou-se sobre nós pela graça concedida a um único homem, que é Jesus Cristo... A morte reinou pelo pecado de um único homem; os justos reinarão na vida por um único homem, que é Jesus Cristo."

E no capítulo 7: "E se somos filhos, também herdeiros; herdeiros verdadeiramente de Deus e co-herdeiros de Cristo" (8, 17). E no capítulo 16: "A Deus, que é o único sábio, honra e glória por Jesus Cristo... — Estais em Jesus Cristo, e Jesus Cristo está em Deus" *(Primeira Epístola aos Coríntios,* cap. 3).

E (também na *Primeira Epístola aos Coríntios,* cap. 15, versículo 27): "Tudo lhe está sujeito, excetuando sem dúvida Deus, que lhe sujeitou todas as coisas".

Houve certa dificuldade em explicar o seguinte passo da *Epístola aos Filipenses:* "Nada façais por porfia ou vanglória; mas com humildade, tendo cada um aos outros por superiores"... "E haja entre vós o mesmo sentimento que houve também em Jesus Cristo; o qual, tendo a natureza de Deus, não julgou que fosse nele uma usurpação o ser igual a Deus" (3, 5 e 6). Este passo parece aprofundado e claramente explícito numa carta, que se conserva, das igrejas de Viena e de Lião, escrita no ano de 117, a qual é um precioso monumento de antiguidade. Louva-se nesta carta a modéstia de alguns fiéis: "Não quiseram", diz a carta, "assumir o grandioso título de mártires (por algumas atribulações), a exemplo de Jesus Cristo, que, sendo da natureza de Deus, não julgou ser nele uma usurpação o ser igual a Deus". Orígenes diz também, no seu *Comentário sobre João:* a grandeza de Jesus brilhou mais quando se humilhou "do que se tivesse feito um direito seu o ser igual a Deus". Com efeito, a explicação oposta é um contra-senso evidente. Que significado teria afirmar: "Creiam os outros superiores a vós; imitai Jesus que não julgou que era uma usurpação igualar-se a Deus"? Seria visivelmente uma contradição evidente, seria apresentar um exemplo de orgulho com um exemplo de modéstia; seria atentar contra o senso comum.

A sabedoria e prudência dos apóstolos fundava assim a Igreja nascente. Esta sabedoria não foi alterada pela disputa que veio a verificar-se entre os apóstolos Pedro, Jaime e João, por um lado, e Paulo, por outro. Essa discussão deu-se em Antioquia. O apóstolo Pedro, também chamado Cefas, ou Simão Barjão, comia à mesa com os gentios convertidos e não guardava com eles os preceitos da lei, nem a escolha das carnes; Pedro, Barnabé e outros discípulos comiam indiferentemente carne de porco, animais de pata rachada e que não eram ruminantes; mas tendo chegado, entretanto, alguns judeus cristãos, São Pedro guardou com eles abstinência das carnes proibidas e nas cerimônias da lei mosaica.

Esta atitude parecia muito prudente; São Pedro não queria escandalizar os judeus cristãos, seus companheiros; mas São Paulo enfrentou-o com certa dureza. "Censurei-o cara a cara, porque o seu ato era condenável" *(Epístola aos Galatas,* cap. 2).

Tal querela afigura-se-nos extravagante da parte de São Paulo, o qual, tendo sido de início um perseguidor, devia ser mais moderado e porque também fizera sacrifícios no templo de Jerusalém, e circundara o seu discípulo Timóteo e acatara os ritos judaicos, que censurava agora a Cefas. São Jerônimo pretende que a dita querela entre Paulo e Pedro era a fingir. Diz ele, na sua primeira *Homilia,* tomo 3, que ambos procederam como dois advogados que se mostram exaltados e ofendidos numa audiência de tribunal, para terem mais autoridade e impressionarem melhor os clientes; afirma que, estando Pedro Cefas destinado a pregar aos judeus e Paulo aos gentios,

simularam zangar-se um com o outro, Paulo para conquistar as boas graças dos gentios e Pedro para congraçar os judeus. Mas já Santo Agostinho não é da mesma opinião. "Estou desgostoso e zangado" diz na *Epístola ao Jerônimo,* "que um tão grande homem se torne no patrão da mentira, *patronum mendacii.*"

De resto, se Pedro estava encarregado dos judeus judaizantes e Paulo dos estrangeiros, é muito provável que Pedro nunca tenha ido a Roma. Os *Atos dos Apóstolos* não fazem qualquer menção da viagem de Pedro à Itália.

Seja como for, cerca do ano 60 da nossa era, os cristãos começaram a separar-se da comunidade judaica e esse foi o motivo de tantas lutas e perseguições que lhes moveram as sinagogas disseminadas por Roma, na Grécia, Egito e Ásia Menor. E foram acusados de impiedade, de ateísmo, pelos seus irmãos judeus, que nas sinagogas os excomungavam três vezes nos dias de sabá [38]. Mas Deus sempre os amparou, mesmo no meio das maiores aflições.

Pouco a pouco, foram-se formando várias igrejas e a separação entre judeus e cristãos era total antes do final do século I. O governo romano ignorava esta separação. O Senado de Roma e os imperadores alheavam-se daquelas dissensões de um pequeno partido que Deus até ali conduzira na obscuridade e que ia fazendo progredir de maneira quase insensível.

Vejamos em que estado se encontrava a religião no império romano, nessa época. Os mistérios e as expiações eram coisas correntes em todos os lados e em que todos acreditavam. É certo que os imperadores, os poderosos e os filósofos não depositavam a mínima crença nesses mistérios; mas o povo, que em matéria de religião dá a lei aos grandes e poderosos, impunha-lhes a necessidade de, na aparência, se conformarem com o seu culto. Para manter o povo amordaçado e algemado, os grandes e poderosos senhores fingiam suportar as mesmas cadeias que o povo. O próprio Cícero foi iniciado nos mistérios de Eleusina. O conhecimento de um só Deus era o dogma principal que se anunciava nessas festividades misteriosas e magnificentes. Somos forçados a confessar que as orações e os hinos que até nós chegaram desses mistérios são tudo o que o paganismo nos legou de mais piedoso e admirável.

Os cristãos, que também adoravam um só Deus, tiveram por isso certa facilidade em converter muitos gentios. Alguns filósofos da seita de Platão tornaram-se cristãos. É esta a razão por que todos os Padres da Igreja, dos três primeiros séculos, foram platônicos.

O zelo exagerado de alguns deles de modo algum prejudicou as verdades fundamentais. Censuraram a São Justino, um dos primeiros Padres, o ter dito, no *Comentário sobre Isaías,* que os santos gozariam todos os prazeres sensuais num reinado de mil anos sobre a Terra. Ficou a dever-se-lhe a gentileza de ter dito, na *Apologia do Cristianismo,* que Deus, ao criar a Terra, deixou-a entregue à guarda dos anjos, os quais, apaixonando-se pelas mulheres, lhes geraram filhos, que são os demônios.

Lactâncio e outros Padres foram condenados por terem acreditado nos oráculos das sibilas. Lactâncio pretendia que a sibila Eritréia compusera estes quatro versos gregos, cuja versão literal é a seguinte:

Com cinco pães e dois peixes
Alimentará cinco mil homens no deserto;
E juntando as migalhas
Encherá com elas doze cestos.

Censuraram, também, aos primitivos cristãos a crença ingênua nuns versos acrósticos de uma antiga sibila, os quais começavam todos pelas letras iniciais do nome de Jesus Cristo, cada qual na sua ordem. Censuraram-lhes terem forjado cartas de Jesus Cristo ao rei de Edessa; terem forjado cartas de Maria, cartas de Sêneca a Paulo, cartas e atos de Pilatos, evangelhos falsos, falsos milagres e mil outras imposturas mais.

Temos ainda a história ou o Evangelho da natividade e do casamento da Virgem Maria,

[38] Sábado, sétimo e último dia da semana entre os judeus, consagrado ao descanso. (N. dos T.)

onde se lê que, na idade de três anos, a levaram ao templo e que subiu os degraus sozinha, sem ajuda de ninguém. Ali se relata que uma pomba desceu do céu para avisar que era José quem devia desposar Maria. Temos ainda o proto-evangelho de Jaime, irmão de Jesus, filho do primeiro casamento de José. Diz-se ali que, quando Maria ficou grávida na ausência do marido, e que este se lamentou do aborrecido fato, os padres deram a beber água do ciúme a um e outro e que ambos foram declarados inocentes.

Temos o Evangelho da infância, atribuído a Santo Tomás. Segundo este Evangelho, Jesus, quando contava cinco anos, brincava com outras crianças da sua idade divertindo-se a modelar barro, com que fazia pequenos pássaros; como o repreendessem, deu vida aos pássaros, que logo voaram. Doutra vez, fez morrer de morte imediata um rapazinho que lhe batera. Temos também em árabe um outro Evangelho da infância, que é obra mais séria. Temos um Evangelho de Nicodemo, o qual nos deve merecer maior atenção, porquanto nele se encontram os nomes daqueles que acusaram Jesus perante Pilatos; eram eles os principais membros da sinagoga, os seus chefes: Anás, Caifás, Sumas, Datam, Gamaliel, Juda, Neftalim. Nesta história deferem-se fatos que se conciliam bastante bem com os Evangelhos aceites e outros pormenores que não se lêem em mais parte nenhuma. Ali se diz que a mulher curada de um fluxo de sangue se chamava Verônica. Sabe-se tudo quanto Jesus obrou nos enfermos, quando da sua descida ali.

Temos depois duas cartas que se supõe que Pilatos tenha escrito a Tibério, a propósito do suplício de Jesus; mas o péssimo latim em que estão redigidas logo denuncia a fraude.

Levaram o falso zelo a pôr em circulação várias cartas de Jesus Cristo. Conservaram a carta que se diz ele ter escrito a Abgare, rei de Edessa; mas nesse tempo já não havia reis em Edessa.

Fabricaram cinqüenta Evangelhos, que depois foram considerados apócrifos. São Lucas é o próprio a declarar que muitas pessoas os fizeram. Acreditou-se que havia um evangelho chamado *Evangelho eterno,* conforme aquilo que se diz no *Apocalipse,* capítulo 14: "Vi um anjo a voar no meio do céu e que levava o Evangelho eterno". No século XIII, os frades franciscanos, abusando dessas palavras, redigiram um *Evangelho eterno,* segundo o qual o reinado do Espírito Santo devia substituir o de Jesus Cristo; mas nos primeiros séculos da Igreja nunca houve livro algum com aquele título.

Inventaram também cartas da Virgem, escritas ao mártir Santo Inácio, aos habitantes de Messina e outras.

Abdias, que viveu pouco tempo depois dos apóstolos, escreveu a história destes, nela introduziu fábulas tão absurdas que, com o correr dos anos, essas histórias dos apóstolos ficaram completamente desacreditadas; mas de início tiveram larga divulgação. É o dito Abdias que descreve o combate entre São Pedro e Simão, o mágico. Com efeito havia em Roma um mecânico muito habilidoso que não só conseguia voar nos teatros, como hoje se faz, mas renovou o prodígio atribuído a Dédalo. Fabricou umas asas, voou e caiu como Ícaro; é, pelo menos, o que nos contam Plínio e Suetônio.

Abdias, que vivia na Ásia Menor e escrevia em hebreu, pretende que São Pedro e Simão se encontraram em Roma, no tempo de Nero. Morrera nessa ocasião um rapaz, parente chegado do imperador, e toda a corte rogou a Simão que o ressuscitasse. São Pedro, pelo seu lado, ofereceu-se para fazer outro tanto. Simão utilizou todos os segredos da sua arte; a certa altura, parecia que conseguira o que queria, porque o morto mexeu a cabeça. "Não basta", gritou São Pedro, "é necessário que o morto fale; Simão que se afaste do leito e logo se verá se o rapaz está vivo." Simão afastou-se, o morto não se tornou a mexer mais e Pedro restituiu-o à vida apenas com uma palavra que lhe disse.

Simão foi dali queixar-se ao imperador contra um miserável galileu que se gabava de fazer maiores prodígios do que ele. Pedro compareceu na corte, juntamente com Simão, e cada qual tentou exceder o outro em artes milagreiras. "Vê se és capaz de dizer o que estou agora a pensar", gritou Simão para Pedro. "Nesse caso, que o imperador ordene que me dêem um pão de cevada", respondeu Pedro, "e verás se sei ou não aquilo que tens na alma." Deram-lhe um pão. Imediatamente, Simão faz surgir dois enormes mastins, que se atiram ao seu antagonista. Pedro lança-lhes o pão de cevada; e, enquanto os cães o comem, brada: "Então, sabia ou não sabia o que estavas a pensar? O que tu querias era fazer-me devorar pelos teus cães".

Depois desta primeira exibição, propuseram a Simão e a Pedro o combate do vôo, a ver quem subia mais alto. Simão foi o primeiro a elevar-se nos ares, mas São Pedro fez o sinal da cruz e Simão caiu e partiu as pernas. Este conto era imitado daquele que se encontra no *Sepher toldos Jeschut,* onde se diz que Jesus, em pessoa, voou e Judas, que o quis imitar, foi derrubado.

Nero, irritado com Pedro por este ter causado a queda de Simão, seu favorito, e tê-lo deixado de pernas partidas, mandou crucificar Pedro de cabeça para baixo; e foi daí que se espalhou a lenda da estadia de Pedro em Roma, do seu suplício e do seu sepulcro.

O já referido Abdias divulgou a crença de que São Tomás fora pregar o cristianismo às Índias, na corte do rei Gondafer, e ali vivera na qualidade de arquiteto.

É verdadeiramente prodigiosa a data de livros deste gênero que se escreveram nos primeiros séculos do cristianismo. São Jerônimo e o próprio Santo Agostinho pretendem que as cartas de Sêneca e de São Paulo são autênticas, sem falha de dúvida. Na primeira carta, Sêneca deseja que o seu irmão Paulo esteja bem de saúde: *Bene te valere, frater, cupio.* Paulo não fala o latim tão corretamente como Sêneca. "Recebi ontem com alegria a tua carta", diz: *Litteras tuas hilaris accepi;* e teria logo respondido "se aqui estivesse o rapaz que vos mandaria": *si praesentiam juvenis habuissem.* Aliás, tais cartas, que estaríamos no direito de supor recheadas de noções instrutivas ou elevadas, não passam de simples troca de cumprimentos e banalidades.

Tantas mentiras forjadas pelos cristãos mal esclarecidos e erradamente zelosos não redundaram em prejuízo da verdade do cristianismo, em nada prejudicaram o seu fundamento; pelo contrário, demonstram que a sociedade cristã aumentava todos os dias e que cada um dos seus membros diligenciava servir e ajudar o seu desenvolvimento.

Os Atos dos Apóstolos nunca dizem que os apóstolos tivessem convencionado algum Símbolo. Se, em verdade, tivessem redigido o *Símbolo,* o *Credo,* tal como o possuímos hoje, São Lucas não teria omitido na sua história esse fundamento essencial da religião cristã; a substância do *Credo* encontra-se dispersa pelos Evangelhos, mas os artigos só muito mais tarde é que foram reunidos.

O nosso *Símbolo,* numa palavra, é incontestavelmente a crença dos apóstolos, mas não é um texto escrito por eles. Rufino, padre de Aquiléia, foi o primeiro que se referiu a isso; e uma homília atribuída a Santo Agostinho é o primeiro monumento que nos leva a perceber como o *Credo* foi feito. Pedro diz na assembléia: *Creio em Deus pai todo-poderoso;* André diz: *e em Jesus Cristo;* Jaime acrescenta: *que foi concebido pelo Espírito Santo;* e assim de seguida.

Tal fórmula chamava-se em grego *symbolos* e em latim *collatio.* Devemos no entanto reparar que onde o texto grego diz: *Creio em Deus pai todo-poderoso, fazedor do céu e da terra,* o latim traduziu *fazedor, formador,* por *creatorem* (criador). Mas depois, quando traduziram o símbolo do primeiro concílio de Nicéia, puseram *factorem.*

O cristianismo estabeleceu-se primeiramente na Grécia. Aqui, os cristãos tiveram de lutar contra uma nova seita de judeus, transformados em filósofos à força, devido à sua convivência com os gregos; era a seita da gnose ou dos gnósticos; com eles se confundiram os novos cristãos. Todas estas seitas gozavam então de inteira liberdade para dogmatizar, reunirem-se e escrever; mas no tempo de Domiciano a religião cristã começou a causar certa preocupação ao governo.

Mas o zelo de alguns cristãos, que não estava de acordo com a doutrina, não impediu a Igreja de fazer os progressos que Deus lhe destinava. A princípio, os cristãos celebraram os seus mistérios em casas retiradas, em caves, durante a noite; daí o nome que lhes deram de *lucifugaces* (segundo exara Minúcio Félix). Fílon chama-lhes *gesséens.* Entre os gentios, os nomes mais comuns, como os chamavam nos quatro primeiros séculos, eram os de galileus e nazarenos; mas sobre todos prevaleceu o de cristãos.

A hierarquia e os usos não foram fixados duma vez; os tempos apostólicos foram diferentes dos tempos posteriores. São Paulo, na *Primeira Epístola aos Coríntios,* diz-nos que, estando os irmãos reunidos em assembléia, quer os circuncidados quer os não circuncidados, quando vários profetas queriam falar, apenas a dois ou três era permitido fazê-lo, e, se nessa altura alguém tivesse uma revelação, o profeta no uso da palavra devia calar-se.

É de acordo com este antigo costume da Igreja primitiva que ainda hoje se fundam algumas comunidades cristãs, as quais realizam assembléias sem distinções de hierarquia. Naquele tempo, a todos era permitido falar na igreja, com exceção das mulheres. Paulo, na *Primeira Epístola aos*

Coríntios, proíbe-lhes que falem; mas é certo que parece autorizá-las a pregar, a profetizar, no capítulo 11, versículo 5, da mesma espístola: "Toda mulher que prega e profetiza de cabeça descoberta suja a cabeça"; era como se a tivessem rapada. Por isso as mulheres julgaram que lhes era permitido falar, desde que usassem véu.

A cerimônia que é hoje a santa missa (que se celebra de manhã) era a ceia, que se realizava à noite; estes usos mudaram à medida que a Igreja se foi fortalecendo. Uma sociedade mais lata exigiu mais regulamentos e a prudência dos doutores conformou-se com os novos tempos e lugares.

São Jerônimo e Eusébio contam que, quando as igrejas foram ganhando forma, a pouco e pouco se foram distinguindo cinco ordens diferentes: os vigilantes, *episcopoï,* donde provieram os bispos; os decanos da sociedade, *presbyteroï,* os padres; os *diaconï,* os serventes ou diáconos; os *pistoï,* fiéis iniciados, isto é, os batizados, que participavam nas ceias; e os catecúmenos e energúmenos, que aguardavam o batismo. Nestas cinco ordens, ninguém vestia hábito diferente uns dos outros; ninguém era obrigado ao celibato, como testemunha o livro de Tertuliano dedicado à esposa, como o demonstra o exemplo dos apóstolos. Durante os três primeiros séculos, não houve também qualquer imagem, em pintura ou escultura, nas assembléias. Os cristãos escondiam cautelosamente os seus livros dos gentios; apenas os confiavam aos iniciados; aos catecúmenos nem sequer era permitido rezarem a oração dominical.

O que melhor distinguia os cristãos, e se manteve até aos nossos tempos, era o condão que tinham de expulsar os diabos fazendo o sinal da cruz. Orígenes, no *Tratado contra Celso,* confessa, no n.º 133, que Antínoo, divinizado pelo imperador Adriano, fazia milagres no Egito por meio de encantamentos e prestígios; mas afirma que os demônios saem do corpo dos possessos à simples invocação do nome de Jesus.

Tertuliano vai mais longe e dos confins da África, onde se encontrava, diz na *Apologética,* no capítulo 23: "Se os vossos deuses não confessarem que são diabos na presença de um verdadeiro cristão, queremos que derrameis o sangue desse cristão". Haverá demonstração mais clara?

Com efeito, Jesus Cristo enviou os seus apóstolos para que expulsassem os demônios. Os judeus também tinham, noutros tempos, o condão de expulsar os demônios, porque, quando Jesus purificou os possessos e transferiu os diabos dos corpos deles para uma vara de dois mil porcos, os fariseus exclamaram: "Expulsa os demônios pela potência de Belzebu".

"Se é por intermédio de Belzebu que os expulso", respondeu-lhes Jesus, "por quem é então que os vossos filhos os expulsam?" É incontestável que os judeus se gabavam desse poder; entre eles havia exorcistas e exorcismos. Invocavam o nome de Deus, de Jacó e de Abraão. Punham ervas consagradas no nariz dos endemoninhados (Josefo relata uma parte destas cerimônias). Esse poder sobre os diabos, que os judeus perderam, foi transmitido aos cristãos, que o parecem ter perdido também, de há uns tempos para cá.

No condão de expulsar os demônios estava incluído o de destruir os efeitos das operações mágicas, porque a magia existiu sempre em todos os povos. Todos os Padres da Igreja prestam homenagem à magia. São Justino confessa no livro 3 da *Apologética,* que com freqüência se invocam as almas dos mortos, e tira daí um argumento a favor da imortalidade da alma. Lactâncio, no livro 7 das *Instituições Divinas,* diz que, "se alguém ousasse negar a existência das almas depois da morte, os mágicos depressa vos convenciam, fazendo-as aparecer diante dos olhos". Ireneu, Clemente Alexandrino, Tertuliano, o bispo Cipriano, todos afirmam a mesma coisa. É verdade que hoje tudo mudou, e que já não há mágicos nem endemoninhados; mas descansem, que tornarão a aparecer outra vez, quando for do agrado de Deus.

Foi só quando as sociedades cristãs aumentaram em número e que várias protestaram contra o culto oficial do império romano que os magistrados procederam severamente contra elas e também as populações as perseguiram cruelmente. Ninguém até então perseguia os judeus, que tinham privilégios especiais e se encerravam nas suas sinagogas; permitiam-lhes o exercício da sua religião, como ainda hoje acontece em Roma; todos os cultos espalhados pelo império eram tolerados, embora o Senado os não adotasse.

Mas os cristãos, ao declararem-se inimigos de todos esses cultos e sobretudo do culto oficial do império, ficaram por várias vezes sujeitos a cruéis provações.

Um dos primeiros e mais célebres mártires foi Inácio, bispo de Antioquia, condenado pelo

próprio imperador Trajano, que então se encontrava na Asia Menor, e enviado, por ordem do imperador, para Roma, onde foi exposto às feras, numa época em que ainda não massacravam em Roma os cristãos. Nada se sabe de que o acusaram perante o imperador, cujo caráter clemente era bem conhecido; Santo Inácio devia ter inimigos de força, para o deitarem assim a perder. Fosse como fosse, o relato do seu martírio registra que lhe acharam o nome de Jesus Cristo gravado no coração a letras de ouro, daí o nome de *teóforos,* que os cristãos adotaram em certas regiões, nome que a si próprio dera Inácio.

Guardaram uma carta dele em que suplicava aos bispos e outros cristãos que não se opusessem ao seu martírio, quer porque os cristãos já nesse tempo fossem bastante poderosos para o livrarem, quer porque entre eles houvesse alguns com o crédito suficiente para tentarem obter o seu perdão. O que é notável, ainda, é que se tolerasse que os cristãos de Roma fossem admitidos à sua presença, quando foi levado para a capital; o que prova, à evidência, que nele puniam a pessoa e não a seita.

As perseguições não foram contínuas. Orígenes, no livro 3, contra Celso, diz o seguinte: "Contam-se pelos dedos os cristãos que morreram pela sua religião, porque foram poucos e somente de tempos a tempos, e por longos intervalos".

Deus cuidou tão bem da sua Igreja, apesar dos inimigos desta, procedeu de modo que ela realizou cinco concílios, isto é, assembléias toleradas, no primeiro século, dezesseis no segundo e trinta no terceiro. Tais assembléias foram proibidas algumas vezes, quando, por falsa prudência, os magistrados temiam que se tornassem tumultuosas. Poucos processos intentados pelos procônsules e pretores, condenando os cristãos à morte, chegaram até nós e seriam esses os únicos documentos por onde poderíamos hoje verificar as acusações feitas contra eles e os martírios que padeceram.

Possuímos um fragmento de Dinis de Alexandria, em que se transcreve a sentença de um procônsul do Egito, no tempo do Imperador Valeriano:

"Tendo sido introduzidos em audiência Dinis, Fausto, Máximo, Marcelo e Cheremon, o prefeito Emiliano disse-lhes: 'Já conheceis, pelas conversas que tivemos e por tudo aquilo que acerca disso vos escrevi, quanta bondade os nossos príncipes vos testemunharam a vosso respeito; quero repeti-lo aqui mais uma vez: de vós depende a vossa salvação e o vosso destino está agora nas vossas mãos. Nada mais se vos pede que uma única coisa, aquilo que a razão exige de qualquer pessoa normal: é que adoreis os deuses protetores do império e abandoneis esse outro culto, tão contrário à natureza e ao bom senso'.

"Dinis respondeu: 'Nem todos têm os mesmos deuses e cada um adora aquele que julga ser o deus verdadeiro'.

"O prefeito Emiliano insistiu: 'Já vejo que sois uns ingratos, que abusais da bondade que os imperadores têm demonstrado por vós. Pois seja assim, não haveis de ficar nem mais um minuto nesta cidade e vou mandar-vos para Cefro, nos confins da Líbia; será esse o lugar do vosso exílio, conforme a ordem que recebi dos nossos imperadores; de resto, não penseis em fazer também aí as vossas assembléias, nem em rezar nos sítios a que chamais cemitérios, é-vos proibida em absoluto tal coisa e a ninguém o hei de tolerar'."

Este processo mantém um evidente caráter de autencidade. Por ali se vê que em certas alturas as assembléias foram proibidas. Tal como entre nós é proibido aos calvinistas reunirem-se no Langudoque; e por vezes mandamos enforcar ou torturar na roda ministros ou predicantes que efetuavam reuniões clandestinas, não permitidas pelas leis. Do mesmo modo, foram interditas na Inglaterra e na Irlanda as assembléias dos católicos romanos e até houve ocasiões em que os transgressores foram condenados à morte.

Apesar de todas estas proibições impostas pelas leis romanas, Deus inspirou a diversos imperadores que tivessem indulgência pelos cristãos. Até o próprio Diocleciano, que entre as pessoas ignorantes faz figura de cruel perseguidor; Diocleciano, cujo primeiro ano de reinado ainda está abrangido na era dos mártires, foi durante mais de dezoito anos o protetor confesso do cristianismo, a tal ponto que vários cristãos ocuparam elevados cargos na corte. Chegou até a con-

sentir que em Nicomédia, onde residia, houvesse uma magnífica igreja, erguida defronte do seu palácio. Por fim, casou com uma cristã.

O césar Galério, tendo sido infelizmente advertido contra os cristãos, dos quais supunha ter razões de queixa, convenceu Diocleciano a mandar destruir a catedral de Nicomédia. Um cristão, mais zeloso do que sensato, rasgou em pedaços o édito do imperador; donde resultou essa tão famosa perseguição, em que houve mais de duzentas pessoas condenadas à morte, em toda a extensão do império romano, sem já contarmos aquelas que a cólera da arraia-miúda, sempre fanática e sempre bárbara, pôde massacrar à margem das decisões judiciais.

Houve por diversas alturas um número de mártires tão elevado, que devemos ter o maior cuidado em não menosprezar o mérito desses que se sacrificaram pela nossa santa religião, incorrendo numa perigosa baralhada de fábulas e falsos mártires.

O beneditino Dom Ruinart, por exemplo, aliás criatura tão instruída como estimável e zelosa, devia ter escolhido com mais discrição os *Atos Sinceros*. Não basta que um manuscrito seja encontrado na abadia de Saint-Benoît-sur-Loire, ou num convento de celestinos, de Paris, ou conforme a um manuscrito de fuldenses, para que seja autêntico: é necessário, também, que seja antigo, escrito por contemporâneos e apresente ademais todas as características de verdade.

Assim, bem teria podido dispensar-se de relatar a aventura do moço Romanus, caso passado em 303. Romanus obtivera o perdão de Diocleciano, em Antioquia. Afirma, todavia, que o juiz Asclepíade o condenou a ser queimado. Alguns judeus que assistiam ao espetáculo troçaram do jovem santo Romanus e censuraram os cristãos porque o Deus deles os deixava assim morrer queimados, ele que livrara Sidrac, Misac e Abdenago da fogueira; logo ali se levantou uma tempestade que extinguiu o fogo, quando o tempo estivera até então o mais calmo que é possível; o juiz ordenou que cortassem a língua ao jovem Romanus; encontrando-se no local o melhor médico do imperador, desempenhou oficiosamente a função de carrasco e cortou-lhe a língua pela raiz; e o rapaz, que antes disso era gago, falou com desembaraço, de tal modo que o imperador ficou muito espantado de que alguém falasse com tanta perfeição, não tendo língua; o médico, então, para confirmar a sua eficiência, cortou ali mesmo a língua a um homem que passava, o qual morreu subitamente.

Eusébio, donde o beneditino Ruinart surripiou esta fábula, devia ter mais respeitinho pelos autênticos milagres praticados no Antigo e no Novo Testamento (dos quais nunca ninguém poderá duvidar) e não misturar com eles histórias assim suspeitas, que poderiam escandalizar os fracos.

Esta última perseguição não se estendeu por todo o império. Havia então na Inglaterra algum cristianismo, que depressa se eclipsou, para reaparecer no tempo dos reis saxônicos. As Gálias meridionais e a Espanha estavam pejadas de cristãos. O césar Constâncio Cloro protegia-os muito nessas províncias. Tinha uma concubina que era cristã e foi a mãe de Constantino, conhecida pelo nome de Santa Helena. Nunca houve casamento declarado entre ela e ele, e Constâncio Cloro até a renegou no ano de 292, quando desposou a filha de Maximiano Hércules; mas ela conservara um grande ascendente sobre ele e inspirara-lhe uma certa devoção pela nossa santa *religião*.

A Divina Providência preparou o triunfo da sua Igreja por vias que parecem humanas. Constâncio Cloro morreu em 306, em Iorque, Inglaterra, quando os filhos que tinha duma filha de um césar eram ainda crianças pequenas e não podiam ter a pretensão de suceder-lhe na chefia do império. Constantino fez-se eleger em Iorque por cinco ou seis mil soldados, na sua maioria alemães, gauleses e ingleses. Não havia a menor possibilidade de que esta eleição, feita sem o consentimento de Roma, do Senado e dos exércitos, pudesse vingar, mas Deus concedeu-lhe a vitória sobre Maxêncio, que entretanto fora eleito em Roma, e por fim desembaraçou-o de todos os rivais. Não se pode esconder que, nos primeiros tempos, ele se tenha tornado muito pouco digno dos favores que recebia do Céu, assassinando, como fez, os parentes mais chegados, como a própria mulher e um filho.

É legítimo duvidar do que Zósimo relata a tal respeito. Diz que Constantino, torturado pelos

remorsos após ter praticado tamanhos crimes, rogou aos pontífices do império se haveria expiação para eles e que estes lhe responderam que a não conheciam. Valha a verdade confessar que também a não houvera para Nero, tanto assim que este não ousou assistir aos sagrados mistérios na Grécia. Contudo, os taurobólios[39] estavam em moda e é muito difícil acreditarmos que um imperador todo-poderoso não tivesse podido achar um padreca que lhe quisesse celebrar um sacrifício expiatório. Talvez, até, seja ainda mais incrível que Constantino, ocupado pela guerra, dominado pela ambição e os seus projetos, cercado de bajuladores, tivesse tempo para sentir remorsos. Zósimo acrescenta que um padreca egípcio, vindo de Espanha e que freqüentava a corte, lhe prometeu, cheio de ronha, a expiação de todos os seus crimes pela religião cristã. Suspeita-se que fosse Ózio, bispo de Córdova.

Seja como for, o certo é que Constantino comungou com os cristãos, embora nunca tivesse sido catecúmeno, e adiou o batismo para a hora da sua morte. Mandou construir a cidade de Constantinopla, que veio a ser depois o centro do império e da religião cristã. Nessa altura, a Igreja tomou uma forma augusta.

Deve-se registrar que, desde o ano de 314, ainda mesmo antes que Constantino viesse residir para a sua nova cidade, aqueles que no passado tinham perseguido os cristãos foram por estes punidos à conta das crueldades anteriores. Os cristãos atiraram a mulher de Maximiano no Oronto; degolaram todos os seus parentes; no Egito e na Palestina massacraram os magistrados que mais se tinham manifestado contra o cristianismo. A viúva e a filha de Diocleciano, que se tinham escondido na Tessalonica, foram ali reconhecidas e os seus corpos atirados ao mar. Talvez fosse para desejar que os cristãos tivessem escutado menos nas suas almas o espírito de vingança; mas Deus, que pune com justiça, quis que as mãos dos cristãos ficassem tingidas com o sangue dos seus antigos perseguidores, logo que esses mesmos cristãos tiveram liberdade de agir.

Constantino convocou em Nicéia, sita defronte de Constantinopla, o primeiro concílio ecumênico, ao qual presidiu Ózio. Ali se resolveu o grave problema que, por então, dividia a Igreja, a respeito da divindade de Jesus Cristo. Uns fundavam-se na opinião de Orígenes, que afirma no capítulo 6 contra Celso: "Fazemos as nossas preces a Deus por intermédio de Jesus, que se conserva entre as naturezas criadas e a natureza incriada, que nos traz a graça de seu Pai e leva as nossas orações ao grande e poderoso Deus, na qualidade de nosso pontífice".

Apoiavam-se, também, em certos passos de São Paulo, alguns já aqui transcritos. Mas acima de tudo fundavam-se nestas palavras de Jesus Cristo: "O meu Pai é maior do que eu"; e consideravam Jesus como o primeiro nascido da criação, como a mais pura emanação do Ser supremo, mas não exatamente como Deus.

Os outros, que eram ortodoxos, alegavam passos mais conformes à divindade de Jesus, como o seguinte: "O meu Pai e eu somos a mesma coisa", palavras essas que os adversários interpretavam com a seguinte significação: "O meu Pai e eu temos o mesmo desígnio, igual vontade; não tenho outros desejos que não sejam os de meu Pai". Alexandre, bispo de Alexandria, e nas pisadas deste, Atanásio, chefiavam os ortodoxos; e Eusébio, bispo de Nicomédia, seguido por dezessete bispos, o padre Ário e mais padres, militavam na facção oposta. De começo, a querela foi violenta, porque Santo Alexandre apodou os adversários de anticristos.

Finalmente, após muita controvérsia, o Espírito Santo decretou assim no concílio, pela boca de duzentos e noventa e nove bispos contra dezoito: "Jesus é o Filho único de Deus, luz de luz, autêntico Deus de autêntico Deus, consubstancial ao Pai; e cremos também no Espírito Santo etc.". Foi esta a fórmula do concílio. Pelo exemplo dado, se percebe o modo como os bispos arrebatavam a vitória aos simples padrecas. Duas mil individualidades de segunda ordem partilhavam a doutrina de Ário, conforme se lê no relato de dois patriarcas de Alexandria que escreveram a crônica de Alexandria em árabe. Ário foi exilado por Constantino; mas Atanásio também o foi pouco depois, e Ário voltou a ser chamado para Constantinopla; mas São Macário com tal fervor rogou a Deus que fizesse morrer Ário, antes que este padre pudesse pôr os pés na catedral, que Deus atendeu favoravelmente súplica tão piedosa, mandando Ário desta para melhor: morreu

[39] Sacrifício de expiação, em que se imolava um touro. (N. dos T.)

quando se dirigia para a catedral, no ano de 330. O imperador Constantino despediu-se deste mundo em 337. Depositou o testamento nas mãos do padre ariano e apagou-se nos braços do chefe dos arianos, Eusébio, bispo de Nicomédia, apenas se tendo deixado batizar no leito de morte e deixando a Igreja triunfante, mas dividida.

Os partidários de Atanásio e os apaniguados de Eusébio travaram uma guerra cruel; e, durante muito tempo ainda, aquilo a que se chama arianismo manteve-se firmemente em todas as províncias do império.

Juliano, o filósofo, por cognome o Apóstata, tentou, sem o conseguir, limitar essas divisões.

O segundo concílio geral celebrou-se em Constantinopla, no ano de 381. Ali se explicou, muito bem explicado, o que o concílio de Nicéia não julgara oportuno e conveniente dizer sobre o Espírito Santo, e à fórmula de Nicéia acrescentaram que "o Espírito Santo é senhor vivificante que procede do Pai, e que é adorado e glorificado com o Pai e o Filho".

Foi só no século IX que a Igreja latina determinou gradualmente que o Espírito Santo procede do Pai e do Filho.

Em 431, o terceiro concílio geral, celebrado em Éfeso, resolveu que Maria era em verdade mãe de Deus e que Jesus possuía duas naturezas numa só pessoa. Nestório, bispo de Constantinopla, o qual pretendia que a Virgem Santa fosse chamada mãe de Cristo, foi insultado de Judas pelo concílio e as duas naturezas foram mais tarde de novo confirmadas pelo concílio de Calcedônia.

Passarei rapidamente pelos séculos seguintes, cujos episódios deste gênero são bastante conhecidos. Infelizmente, não houve uma só dessas disputas de teólogos que não degenerasse em cruéis e sangrentas guerras e a Igreja viu-se sempre obrigada a combater. Deus permitiu ainda, para pôr à prova a paciência dos fiéis, que os gregos e os latinos para sempre se separassem no século IX; permitiu, também, que no Ocidente houvesse vinte e nove cismas sanguinolentos, por causa da cátedra de Roma.

Entretanto, quase toda a Igreja grega e toda a Igreja da África se tornaram escravas sob o jugo dos árabes e a seguir dos turcos, que ergueram a religião maometana sobre as ruínas do cristianismo. A Igreja romana subsistiu, mas sempre manchada pelo sangue de mais de seiscentos anos de discórdia entre o império do Ocidente e o sacerdócio. Mas até as próprias lutas a fizeram mais poderosa. Na Alemanha, os bispos e os abades transformaram-se todos em príncipes e os papas adquiriram pouco a pouco o domínio absoluto em Roma e num país de cem léguas. Assim, devemos concluir que Deus pôs à prova a sua Igreja pelas humilhações, as desordens, as lutas, os crimes e o esplendor das riquezas e do mando.

Essa Igreja latina perdeu no século XVI metade da Alemanha, a Dinamarca, a Suécia, a Inglaterra, a Escócia, a Irlanda, a melhor parte da Suíça, a Holanda; ganhou mais terreno na América, pelas conquistas dos espanhóis do que aquele que perdera na Europa; mas tendo um território maior, possui muito menos súditos.

A Providência Divina parecia destinar o Japão, o Sião, a Índia e a China a alinharem sob a obediência do papa, para o recompensar da Ásia Menor, da Síria, da Grécia, Egito, África, Rússia e dos outros Estados que perdera e de que já falamos. São Francisco Xavier, que levou o Santo Evangelho às Índias orientais e ao Japão, quando os portugueses ali foram à cata de especiarias, fez muitos milagres, todos atestados e bem atestados pelos reverendos padres jesuítas, milagres de que não é bonito alguém desconfiar; alguns até dizem que ressuscitou nove mortos; mas o reverendo padre Ribadeneira, na sua *Flor dos Santos,* mais modestamente limita-se a indicar quatro: já não é nada mau. A Providência conseguiu que em menos de cem anos se contassem por milhares os católicos romanos nas ilhas do Japão; mas o diabo, sempre atrás da porta, espalhou joio no meio dessa farta seara de trigo. Os cristãos travaram uma conspiração, seguida duma guerra civil, na qual foram exterminados até ao último em 1638. Depois disso, a nação japonesa fechou as portas a todos os estrangeiros, com exceção dos holandeses, que eram considerados mercadores e não cristãos e que nos primeiros tempos foram obrigados a caminhar sobre a cruz para obterem permissão de vender as mercadorias na prisão, onde os encerram quando desembarcam em Nagasáqui.

A religião católica, apostólica e romana nos últimos tempos foi proscrita da China, mas de

modo menos cruel. É bem verdade que os reverendos padres jesuítas não tinham ressuscitado nenhum morto na corte de Pequim; contentaram-se em ensinar astronomia, fundir canhões e ser mandarins. As suas infelizes disputas com os dominicanos e outros padrecas a tal ponto escandalizaram o grande imperador Yong-tcheng, que este monarca, que era a justiça e a bondade personificadas, foi bastante cego para não consentir que eles ensinassem por mais tempo a nossa santa religião, perante a qual nem os nossos missionários chegavam a um acordo.

Expulsou-os a todos com uma gentileza paternal, fornecendo-lhes víveres e transportes até aos confins do seu império, radiante por os ver, alfim, pelas costas.

A Ásia inteira, toda a África, metade da Europa, as hordas americanas selvagens, todas as terras austrais, um quinto do globo, em suma, continuaram na posse do demônio, para atestar as santas palavras: "Muitos serão os chamados e poucos os escolhidos". Se vivendo na face da Terra, como pretendem alguns sábios, existem cerca de mil e seiscentos milhões de homens, a Santa Igreja romana católica conta aproximadamente sessenta milhões de adeptos: o que sempre é um tanto mais que a vigésima sexta parte dos habitantes do mundo conhecido.

D

*Dejeção

Excrementos, sua relação com o corpo do homem, com suas idéias e suas paixões.

Nunca o homem pode produzir pela arte o que a natureza faz. Acreditou fazer ouro e nunca pôde fazer sequer lama, embora esteja cheio dela. Mostraram-nos um pato artificial que andava, bicava, mas foi impossível fazê-lo digerir e formar verdadeiras dejeções.

Que arte poderia produzir uma matéria que, tendo sido preparada pelas glândulas salivares, em seguida pelo suco gástrico, depois pela bílis hepática e pelo suco pancreático, tendo fornecido no seu caminho um quilo que se transformou em sangue, torna-se finalmente esse composto fétido e pútrido que sai dos intestinos pela força surpreendente dos músculos?

Sem dúvida alguma, há tanta engenhosidade e potência para assim formar essa dejeção que repugna a vista e para preparar-lhe os condutos que servem à sua saída, quanto para produzir a semente que gerou Alexandre, Virgílio e Newton, e os olhos com os quais Galileu viu novos céus. A descarga desses excrementos é necessária à vida como a nutrição.

O mesmo artifício os prepara, os impele e os evacua, tanto no homem como nos animais.

Não nos espantemos de que o homem, com todo seu orgulho, nasça entre a matéria fecal e a urina, uma vez que estas partes dele mesmo, mais ou menos elaboradas, mais freqüentemente ou mais raramente expulsas, mais ou menos pútridas, decidem seu caráter e a maioria das ações de sua vida.

Sua merda começa a formar-se no duodeno quando os alimentos saem do estômago e impregnam-se com a bílis do fígado. Se tiver uma diarréia, fica lânguido e doce, falta-lhe força para ser maldoso. Se estiver constipado, os sais e o enxofre de sua merda entram no quilo, trazendo a acrimônia para seu sangue, fornecendo freqüentemente a seu cérebro idéias atrozes. Tal homem (e o número é grande) só comete crimes causados pela acrimônia de seu sangue, vinda unicamente dos excrementos que alteram seu sangue.

Oh! homem, que ousas dizer-te à imagem de Deus! Dize-me se Deus come e se tem tripas!

Tu, imagem de Deus! E teu coração, tua alma, dependendo de uma evacuação!

Tu, imagem de Deus sobre tua privada! O primeiro a dizer essa impertinência proferiu-a por ser extremamente idiota ou por ser extremamente orgulhoso?

Mais de um pensador (como vereis alhures) duvidou que uma alma imaterial e imortal

pudesse, vinda não sei de onde, alojar-se por tão pouco tempo entre a matéria fecal e a urina.

Que temos nós, dizem, acima dos animais? Mais idéias, mais memória, a palavra e duas mãos destras. Quem no-las deu? Aquele que dá asas aos pássaros e escamas aos peixes. Se somos suas criaturas como podemos ser sua imagem?

Respondemos a esses filósofos que só somos a imagem de Deus pelo pensamento. Respondem-nos que o pensamento é um dom de Deus, que não é sua pintura e que não somos a imagem de Deus de maneira alguma. Nós os deixamos falar e os enviamos aos senhores da Sorbona.

Muitos animais comem nossos excrementos e nós comemos os de muitos deles, os dos tordos, das galinholas, dos hortulanos, das cotovias.

Vede no artigo "Ezequiel" por que o Senhor lhe ordenou que comesse merda no seu pão, limitando-se daí por diante ao excremento da vaca.

Conhecemos o tesoureiro Paparel, que comia as dejeções dos lactentes, entretanto, este caso é raro e gosto não se discute.

Delitos Locais

Podeis percorrer a terra inteira: por todo o lado haveis de verificar que o roubo, o assassinato, o adultério, a calúnia são considerados os delitos que a sociedade condena e reprime; mas os atos tolerados na Inglaterra e condenados na Itália devem ser punidos na Itália como um atentado contra toda a Humanidade? É a isto que chamo delito local. Tudo aquilo que é criminoso apenas no espaço limitado por algumas montanhas, ou entre dois rios, não há de então exigir mais indulgência dos juízes do que esses outros atentados, abomináveis em todas as regiões? O juiz não deverá dizer consigo: "Ousaria punir em Ragusa o que condeno no Loreto?" E esta reflexão não terá o condão de suavizar, no seu íntimo, a dureza que foi levado a adquirir no longo exercício do seu ministério?

Todos sabemos o que eram as quermesses da Flandres no século passado: a indecência atingia ali um grau tão elevado que podia revoltar os olhos das pessoas desacostumadas de tais espetáculos.

Nalgumas cidades festejavam o Natal do seguinte modo: primeiro, aparecia um rapaz seminu, de asas nas costas; rezava a *Ave-Maria* a uma moça que lhe respondia *fiat,* e o anjo beijava-a na boca; a seguir, um garoto metido dentro dum galo de cartão, muito grande, gritava, imitando o cantar do galináceo: *Puer natus est nobis.* Um boi anafado, mugindo, dizia: *ubi;* uma ovelhinha balia *Belém.* Um burro zurrava *hihanus,* que queria dizer *eamus;* encerrava o cortejo uma longa procissão, precedida de quatro orates que agitavam guizos e chocalhos. Ainda hoje se encontram vestígios destas devoções populares, as quais, entre os povos mais civilizados, seriam consideradas profanações. Uma vez em Lovaina, um suíço de maus fígados, e se calhar ainda muito mais embriagado que os figurantes que faziam de boi e de burro, meteu-se com eles: choveu grossa pancadaria, quiseram enforcar o suíço, que escapou por um triz.

Esse homenzinho travou violenta discussão em Haia, na Holanda, por ali ter ousado defender, com galhardia, o partido de Barneveldt contra um fanático gomarista. [40] Em Amsterdão foi preso por ter dito que os padres são o flagelo da Humanidade e a origem de todas as nossas desgraças. "Homessa!", espantava-se o bom do homem, "se uma pessoa acredita que as boas ações ajudam à nossa salvação, metem-na na cadeia; se a gente desata a rir de um galo e de um burro, arrisca-se a ficar dependurado na forca." Por muito burlesca que seja esta anedota, demonstra-nos claramente que se pode ser condenado à forca num ou dois pontos de nosso hemisfério e, no entanto, consideram-nos inocentes no resto do mundo.

[40] Calvinista holandês da seita de Gomar. (N. dos T.)

*Democracia

"O pior dos Estados é o Estado popular", assim se exprime Cina diante de Augusto. Porém, Máximo também sustenta que "o pior dos Estados é o Estado monárquico."

Bayle, tendo mais de uma vez sustentado no seu *Dicionário* o pró e o contra, no verbete PÉRICLES traça um retrato muito hediondo da democracia e sobretudo daquela de Atenas.

Um republicano, amante da democracia e um de vossos fazedores de perguntas, envia-nos sua refutação de Bayle e sua apologia de Atenas. Exporemos suas razões. É privilégio de qualquer um que escreve julgar os vivos e os mortos, porém nós próprios somos julgados por outros, que o serão por sua vez, e de século em século todas as sentenças são reformadas.

Bayle, portanto, após alguns lugares-comuns, diz estas palavras: "Em vão se procuraria na história de Macedônia tanta tirania como a que está presente na história de Atenas".

Talvez Bayle estivesse descontente com a Holanda, quando assim escrevia, e provavelmente meu republicano, que o refuta, está contente, no momento, com sua cidadezinha democrática.

É difícil pesar numa balança bem justa as iniqüidades da república de Atenas e aquelas da corte da Macedônia. Reprovamos, ainda hoje, aos atenienses o banimento de Cimão, Aristides, Temístocles, Alcibíades, os julgamentos de morte feitos contra Focião e contra Sócrates, julgamentos que se assemelham aos de alguns dos nossos tribunais, absurdos e cruéis.

Enfim, o que não perdoamos aos atenienses é a morte de seus seis generais vitoriosos, condenados por não terem tido tempo de enterrar seus mortos após a vitória, porque foram impedidos por uma tempestade.

Tal sentença é ao mesmo tempo tão ridícula e tão bárbara, tão supersticiosa e ingrata que não são inépcias mais atrozes as sentenças pronunciadas pela Inquisição contra Urbano Grandier, contra a Marechala d'Ancre, contra Morin e contra tantos feiticeiros.

Em vão tenta-se desculpar os atenienses dizendo-se que, segundo Homero, acreditavam que as almas dos mortos permaneceriam errantes se não recebessem as honras da sepultura ou da pira. Uma tolice não desculpa uma barbaria.

Que grande mal: as almas de alguns gregos passeando uma ou duas semanas à beira-mar! Mal é lançar os vivos aos carrascos! Vivos que vos ganharam uma batalha e a quem deveríeis agradecer de joelhos!

Eis, portanto, os atenienses convictos de terem sido os juízes mais tolos e mais bárbaros da terra.

Mas, é preciso agora colocar na balança os crimes da corte da Macedônia. Ver-se-á que esta ultrapassa prodigiosamente Atenas em matéria de tirania e de perversidade.

Comumente não há comparação alguma a fazer entre os crimes dos grandes, sempre ambiciosos, e os crimes do povo, que somente quer e sempre quis a liberdade e a igualdade. Estes dois sentimentos, *liberdade* e *igualdade,* não conduzem diretamente à calúnia, à rapina, ao assassinato, ao envenenamento, à devastação das terras dos seus vizinhos, etc., porém, a grandeza ambiciosa e o desejo imoderado do poder provocam todos esses crimes em todos os tempos e em todos os lugares.

Só se vê nessa Macedônia, cuja virtude Bayle opõe à de Atenas, um tecido de crimes espantosos durante duzentos anos seguidos.

Ptolomeu, tio de Alexandre, o Grande, assassina seu irmão Alexandre para usurpar o reino.

Filipe, seu irmão, passa sua vida enganando e violando seus juramentos e acaba sendo apunhalado por Pausânias.

Olímpio manda jogar a rainha Cleópatra e seu filho numa cuba de bronze incandescente. Assassina Arideu.

Antígono assassina Êumenes.

Antígono Gonatas, seu filho, envenena o governador da cidadela de Corinto, esposa sua viúva, expulsa-a e apodera-se da cidadela.

Filipe, seu neto, envenena Demétrio, enxovalhando com crimes toda a Macedônia.

Perseu mata sua mulher com suas próprias mãos e envenena seu irmão.

Essas perfídias e essas barbarias são famosas na história. Assim, portanto, durante dois séculos o furor despótico torna a Macedônia teatro de todos os crimes; no mesmo espaço de tempo vereis o governo popular de Atenas enxovalhado somente com cinco ou seis iniqüidades judiciárias e cinco ou seis julgamentos atrozes, dos quais o povo sempre se arrependeu e dos quais sempre se retratou. Pediu perdão a Sócrates após sua morte e ergueu-lhe o pequeno templo de *Socrateion*. Pediu perdão a Focião e ergueu-lhe uma estátua. Pediu perdão aos seis generais condenados tão ridiculamente e tão indignamente executados. Colocou a ferros o principal acusador, que escapou à vingança pública com dificuldade. O povo ateniense era, portanto, naturalmente tão bom quanto leviano. Em que Estado despótico alguma vez chorou-se a injustiça de suas sentenças precipitadas?

Desta vez, Bayle errou e assim meu republicano está com a razão. O governo popular é, portanto, por si mesmo menos iníquo, menos abominável que o poder tirânico.

O grande vício da democracia não é certamente a tirania ou a crueldade. Houve republicanos montanheses, selvagens e ferozes, mas não foi o espírito republicano que os fez assim, mas a natureza. A América Setentrional estava toda republicanizada, e seus habitantes eram ursos.

O verdadeiro vício de uma república civilizada aparece na fábula turca do dragão com várias cabeças e do dragão com várias caudas. A multiplicidade de cabeças se prejudica. A multiplicidade de caudas obedece a uma só cabeça, mas esta quer devorar tudo.

A democracia só parece convir a um país muito pequeno, e ainda é preciso que esteja situado favoravelmente. Por menor que seja, cometerá muitos erros porque será composta de homens. A discórdia reinará como num convento de monges, mas não haverá nem noite de São Bartolomeu, nem massacres da Irlanda, nem vésperas sicilianas, nem Inquisição, nem condenação às galés por ter pego água do mar sem pagar, a menos que se suponha uma república composta de diabos e jogada num canto do inferno.

Após ter tomado o partido de meu suíço contra o ambidestro Bayle, acrescentarei:

Que os atenienses foram guerreiros como os suíços e polidos como os parisienses sob Luís XIV.

Que triunfaram em todas as artes que requerem o gênio e a mão, como os florentinos do tempo dos Médicis.

Que foram os mestres dos romanos nas ciências e na eloqüência no próprio tempo de Cícero.

Que esse pequeno povo, tendo apenas um território, hoje reduzido a uma tropa de escravos ignorantes (cem vezes menos numerosos do que os judeus), e tendo perdido até seu nome, contudo leva a melhor sobre o Império Romano por sua antiga reputação, triunfa dos séculos e da escravidão.

A Europa viu uma república dez vezes ainda menor do que Atenas, atraindo o olhar europeu durante cento e cinqüenta anos com seu nome colocado ao lado do de Roma, no tempo em que esta ainda comandava os reis, condenava um Henrique, soberano da França, absolvia e chicoteava um outro Henrique, primeiro homem de seu século; no tempo em que Veneza conservava seu antigo esplendor, e que a nova república das Sete Províncias Unidas espantava a Europa e as Índias com seu estabelecimento e com seu comércio.

Esse formigueiro imperceptível não pôde ser esmagado pelo rei-demônio do Meio-Dia e dominador dos dois mundos, nem pelas intrigas do Vaticano, que faziam mover as molas de metade da Europa. Resistiu pelas palavras e pelas armas, e com a ajuda de um Picard, que escreveu, e de um pequeno número de suíços, que combateu, afirmou-se e triunfou, podendo dizer: "Roma e eu". Dobrou todos os espíritos, divididos entre os ricos pontífices sucessores de Cipião, *Romanos rerum dominos,* [41] e os pobres habitantes de um pedaço de terra ignorado, terra da pobreza e dos papudos.

Tratava-se, na época, de saber como a Europa pensaria sobre questões incompreensíveis

[41] Romanos donos de tudo. (N. do E.)

para todos. Era a guerra do espírito humano. Teve seus Calvinos, seus Bezes, seus Turretinos, para os Demóstenes, os Platões, e os Aristóteles.

Tendo sido, enfim, reconhecido o absurdo da maioria das questões controvertidas, a pequena república voltou-se para aquilo que parecia sólido: a aquisição de riquezas. O sistema de Law, mais quimérico e menos funesto que o dos supralapsários e o dos infralapsários, empenhou na aritmética os que não podiam mais fazer um nome em Teo-moriânica. Tornaram-se ricos e não foram mais nada.

Acredita-se que atualmente haja república somente na Europa. Engano-me ou já disse isto em algum lugar, porém foi uma grande inadvertência. Os espanhóis encontraram na América a república de Tlaxcala, muito bem estabelecida. Tudo que não foi subjugado naquela parte do mundo ainda é república. Havia no continente inteiro, quando foi descoberto, somente dois reinados, o que bem poderia provar que o governo republicano é o mais natural. É preciso ter-se refinado muito e ter passado por muitas provas para submeter-se ao governo de um só.

Na África, os hotentotes, os cafres e muitas populações negras são democracias. Pretende-se que os países onde se vendem mais negros são governados por reis. Trípoli, Túnis, Argel, são repúblicas de soldados e de piratas. Hoje existem semelhantes na Índia. Os maratas, muitas hordas de patanos, os seiks, não possuem reis; elegem chefes quando vão pilhar. Várias sociedades tártaras ainda permanecem assim. Mesmo o Império Turco foi durante muito tempo uma república de janízaros, que freqüentemente estrangulavam seu sultão, quando este não os mandava dizimar.

A todo momento se pergunta se um governo republicano é preferível ao de um rei. A disputa termina sempre convindo que é muito difícil governar os homens. Os judeus tiveram por senhor o próprio Deus; vede o que lhes aconteceu: foram quase sempre vencidos e escravizados. Não achais que hoje fazem bela figura?

Destino

De todos os livros que até nós chegaram o mais antigo era o de Homero: aí ficamos a saber os costumes da Antiguidade profana, heróis grosseiros e brutais concebidos à imagem do homem; mas, é também ali que se encontram as origens da filosofia e, principalmente, a idéia do destino, que é o senhor dos deuses tal como os deuses são os senhores do mundo.

Júpiter em vão tentou salvar Heitor; consulta os fados; pesa numa balança os destinos de Heitor e Aquiles; logo fica a saber que o troiano há de ser infalivelmente morto pelo grego; não poderá evitá-lo; e, desde esse momento, Apolo, o gênio guardião de Heitor, é obrigado a abandoná-lo *(Ilíada,* canto 22). Com freqüência Homero apresenta no seu poema idéias completamente opostas, seguindo o privilégio da Antiguidade; mas, seja como for, é nele que, pela primeira vez, achamos a noção do destino. Estava, pois, muito em voga no seu tempo.

Entre o povo judeu, só muito mais tarde os fariseus adotaram a idéia do destino; porque esses fariseus, que foram os primeiros letrados do povo judaico, eram muito recentes. Em Alexandria tinham misturado uma parte dos dogmas estóicos com antigas idéias judaicas. São Jerônimo pretende, até, que a seita dos fariseus não é muito anterior à nossa era vulgar.

Nunca os filósofos precisaram de Homero ou dos fariseus para estarem convencidos de que tudo obedece a leis imutáveis, de que tudo é interdependente, de que tudo tem um efeito necessário.

Ou o mundo subsiste pela própria natureza, pelas suas leis físicas, ou um Ser Supremo o formou de acordo com leis supremas: tanto num caso como noutro, essas leis são imutáveis; quer num caso como noutro, tudo é necessário; os corpos graves tendem a cair no centro da Terra, sem poderem pairar na atmosfera. As pereiras nunca podem dar ananases. O instinto de um *épa-*

gneul[42] não pode ser o mesmo que o duma avestruz. Está tudo determinado, interdependente, limitado.

O homem só pode ter um certo número de dentes, de cabelos e idéias; e chega a uma idade em que forçosamente os dentes, cabelos e idéias lhe começam a faltar.

É contraditório que aquilo que ontem aconteceu não tenha acontecido, que aquilo que acontece hoje não aconteça; é tão contraditório como que aquilo que deve acontecer possa não chegar a acontecer.

Se pudesses modificar o destino duma mosca, nenhuma razão havia que te pudesse impedir de o fazer e determinar o destino de todas as outras moscas da Natureza inteira; e, afinal de contas, tornar-te-ias mais poderoso que Deus.

Há patetas que dizem: o médico salvou a minha tia de uma doença mortal, e conseguiu que ela vivesse mais dez anos do que devia. Outros, ainda, armando em inteligentes e capazes de tudo, afirmam: o homem prudente cria o seu próprio destino.

Nullum numen abest, si sit prudentia, sed te
Nos facimus, fortuna, deam, coeloque locamus.

A fortuna é nada; em vão a veneram.
A prudência é o deus que devemos implorar.

Muitas vezes, porém, o homem prudente sucumbe ao peso do destino, em vez de o dirigir; é o destino que faz prudentes os homens.

Certos políticos garantem que, se Cromwell, Ludlow, Ireton e uma dúzia doutros parlamentares tivessem sido assassinados oito dias antes da cabeça de Carlos I ser cortada, o rei teria podido viver e vinha a morrer muito descansado na cama: têm toda a razão; e podiam acrescentar, ainda, que, se a Inglaterra inteira tivesse sido engolida pelas águas do mar, esse monarca não teria perecido no cadafalso, perto de Whitehall ou sala branca; mas as coisas estavam dispostas de maneira que Carlos I ficasse com o pescoço cortado.

O cardeal d'Ossat com certeza que era mais prudente que um maluqinho de Rilha-Foles; mas, não é evidente que os órgãos mentais do sábio e sagaz d'Ossat seriam constituídos de modo mui diverso do que os do doidinho, tal como os órgãos duma raposa diferem dos duma cegonha ou duma cotovia?

Sim, sim, o médico salvou a tua tia, mas por certo não contrariou as leis da Natureza: obedeceu-lhes. É claro que a tua tia não podia evitar que, em determinada altura, certa doença a atacasse, que o médico não podia estar algures senão na cidade onde então se encontrava, que a tua tia havia de mandar chamá-lo, que ele devia receitar-lhe os remédios que a curaram.

Um camponês está convencido que foi por acaso que caiu granizo na sua seara; mas o filósofo sabe que o acaso não existe, e que era impossível, tal como está constituído o mundo, que naquele dia não caísse granizo naquele local.

Há pessoas que ficam apavoradas com uma verdade tão simples e apenas admitem metade dela, como aqueles devedores que entregam metade aos credores e pedem uma moratória para pagarem o resto da dívida. Afirmam os tais que há acontecimentos necessários e outros que o não são. Havia de ser coisa engraçada essa de uma parte do mundo ser regulada por leis e outra não; que uma parte daquilo que acontece tenha de acontecer e uma outra parte daquilo que acontece não deva acontecer. Mas quando se analisa mais de perto repara-se que a doutrina contrária à doutrina que admite o destino é absurda; mas há muitas pessoas condenadas a raciocinar mal, outras a não raciocinarem nada e outras, ainda, a perseguirem como feras aqueles que raciocinam.

E há pessoas que vos dizem: "Não acrediteis no fatalismo; porque, se tudo vos parecer inevitável, não fareis mais nada, tornar-vos-eis indiferentes de todo, não dareis apreço às riquezas, nem

[42] Raça de cães de caça, de pêlo comprido e orelhas pendentes, originária de Espanha. (N. dos T.)

às honrarias, nem aos louvores; não haveis de querer adquirir nada, acreditareis que não tendes mérito nem poder algum; nenhum dos vossos talentos será cultivado, tudo perecerá na apatia".

Ora, evitai esses temores, cavalheiros, porque sempre havemos de ter paixões e preconceitos, já que o nosso destino é sermos dominados pelos preconceitos e paixões; demais, sabemos que não depende de nós termos muito mérito e grandes talentos, tal como não depende de nós possuirmos bonitos cabelos anelados e as mãos esguias e finas; ficamos convencidos de que de nada podemos ser vaidosos e, contudo, a vaidade sempre há de existir.

Eu cá tenho forçosamente a vaidade de escrever isto; e tu tens a paixão de me condenar: ambos somos igualmente idiotas, ambos somos de igual modo joguetes do destino. A tua natureza leva-te a praticar o mal, a minha é de amar a verdade e publicá-la, apesar da tua oposição e perseguição.

O mocho que se alimenta de ratos no pardieiro onde vive disse um dia ao rouxinol: "Pára de cantar de sob essas belas ramadas, vem até aqui à minha toca, para eu te devorar"; e o rouxinol respondeu: "Nasci para cantar aqui onde estou, e para assim me divertir à tua custa".

Perguntais-me agora o que acontecerá à liberdade. Não vos percebo. Não sei que liberdade é essa de que falais; há tanto, tanto tempo que divagais acerca da natureza dela que, é mais do que certo, nem a conheceis. Se quiserdes, ou melhor, se puderdes examinar calmamente comigo o que a liberdade é, tende a bondade de passar à letra *L*.

Deus

Sob o império de Arcádio, Logomaco, teologal de Constantinopla, foi à Cítia e deteve-se no sopé do Cáucaso, nas férteis planuras de Zefirim, já nas fronteiras da Cólquida. O bom velhote Dondindac estava na sua grande sala baixa, entre o aprisco e a vasta granja; ajoelhado, e com ele também ajoelhados estavam a mulher, cinco filhos e outras tantas filhas, todos entoavam louvores a Deus, após um ligeiro repasto. — "Que fazes aí, idólatra?" perguntou-lhe Logomaco. — "Não sou idólatra", respondeu Dondindac. — "Hás de sê-lo, por força, pois és um cita e não um grego. Ora, dize-me cá, que entoavas tu nesse teu bárbaro linguajar de cita?" — "Todas as línguas são iguais, aos ouvidos de Deus", respondeu o cita; "louvávamos o Senhor, em nossos hinos." — "Que coisa estapafúrdia", admirou-se o teologal. "Uma família cita que reza a Deus sem nunca ter sido ensinada por nós!" E, sem mais aquela, iniciou uma conversa com o citado Dondindac, porque o teologal — valha-nos isso! — sabia um poucochinho da língua cita e o outro — ainda bem! — sabia seu naco de grego. Esta instrutiva palestra, meio em cita meio em grego, foi achada num manuscrito que se conserva (quase por milagre) na biblioteca de Constantinopla. Foi como se segue:

LOGOMACO

Ora, vamos lá a ver se sabes o teu catecismo. Por que rezas a Deus?

DONDINDAC

É porque é justo adorar o Ser Supremo, que nos deu tudo quanto possuímos.

LOGOMACO

Não está nada mal observado, não senhor, para um bárbaro como tu! E que lhe pedes nas tuas orações?

DONDINDAC

Agradeço-lhe todos os bens de que desfruto e também os males de que sofro; mas não lhe peço nada: Ele sabe melhor do que nós aquilo de que carecemos, e não é só por isso: temia pedir-lhe bom tempo enquanto o meu vizinho era muito capaz de lhe estar a pedir chuva.

LOGOMACO

Ah! já estava mesmo à espera de que me dissesses qualquer tolice. Vamos recomeçar, mas com mais elevação. Ora dize-me lá, bárbaro duma figa, quem te disse que Deus existe, sim, que há um Deus?

DONDINDAC

A Natureza inteira.

LOGOMACO

Não basta. Que idéia fazes tu de Deus?

DONDINDAC

A idéia de que é o meu criador, o meu senhor, que me há de recompensar se eu praticar o bem e castigar se fizer o mal.

LOGOMACO

Tudo o que dizes são frioleiras e lugares comuns! Vamos ao essencial, que é o que importa. Deus é infinito *secundum quid,* ou segundo a essência?

DONDINDAC

Não percebo cá disso.

LOGOMACO

Forte besta! Estúpido! Deus está nalgum lugar, ou fora de qualquer lugar, ou em toda a parte?

DONDINDAC

Não sei, não sei... será como quiserdes.

LOGOMACO

Estúpido! Ignorante! Pode fazer com que o que foi não foi, e que um pau não tenha dois bicos? Vê o futuro como futuro ou como presente? Como procede Deus para fazer sair o ser do nada ou para aniquilar o ser?

DONDINDAC

Nunca pensei nisso...

LOGOMACO

Oh! como és lorpa! Seja, há que ser humilde, ter a noção das distâncias... Dize-me cá, amigo, julgas que a matéria pode ser eterna?

DONDINDAC

E que me importa a mim que seja eterna ou não? Eu cá não tenciono existir eternamente! Deus sempre foi o meu senhor; deu-me a noção de justiça, hei de obedecer-lhe; não pretendo de modo algum ser filósofo, quero ser apenas um homem.

LOGOMACO

Isto, com pinhas tão duras, dá um trabalhão! Bem, vamos lá a ver se, devagarinho... por exemplo: quem é Deus?

DONDINDAC

Meu rei, meu juiz e meu pai.

LOGOMACO

Não é nada disso que te estou a perguntar. Qual é a sua natureza?

DONDINDAC

Ser poderoso e bom.

LOGOMACO

Mas é corporal ou espiritual?

DONDIDAC

E como quereis que o saiba?!

LOGOMACO

O quê?! Não sabes ao menos o que é um espírito?

DONDINDAC

Nem pouco nem muito! E de que é que isso me servia? Se o soubesse, seria mais justo? Seria melhor marido, melhor pai, melhor patrão, melhor cidadão?

LOGOMACO

Bem. Já estou a ver que tenho de te explicar duma vez por todas, tintim por tintim, o que é um espírito. Olha: um espírito é... é... assim uma coisa... é... Pra outra vez te digo.

DONDINDAC

O meu medo é que me direis não aquilo que é mas o que não é. Agora, permiti-me que seja eu quem vos faça uma perguntinha. Aqui já há muito tempo, entrei num templo dos vossos. Explicai-me: por que pintais Deus com umas grandes barbaças?

LOGOMACO

Essa pergunta é muito difícil e necessita de muitas instruções preliminares.

DONDINDAC

Antes de receber as vossas instruções, tenho de vos contar um caso que me aconteceu um dia destes. Tinha acabado mesmo nessa altura de construir um caramanchão num canto do jardim;

e ouvi uma toupeira a falar com um escaravelho. Dizia ela assim: — "Ora, aqui está uma linda obra; isto é que devia ser uma toupeira poderosa, alguma nova-rica! que mandou erguer este edifício". — "Falais assim por troça", respondeu o escaravelho, "pois foi um amigo meu, um escaravelho cheio de talento, aliás, que foi o arquiteto disto tudo." Desde então, resolvi que nunca mais havia de discutir fosse com quem fosse.

Direito

Direito das gentes, direito natural, direito público.

SEÇÃO PRIMEIRA

Não conheço nada melhor a esse respeito do que os versos de Ariosto, no canto XLIV (st 2):

"Reis, imperadores e sucessores de Pedro,
Em nome de Deus assinais um belo Tratado:
Amanhã as gentes guerrearão.
Por quê? É que a piedade,
A boa fé, quase não os atormenta
E malgrado São Tiago e São Mateus
O interesse é o seu único Deus."

Se houvesse somente dois homens sobre a terra e estivessem juntos, como viveriam? Ajudar-se-iam, prejudicar-se-iam, acariciar-se-iam, injuriar-se-iam, combater-se-iam, reconciliar-se-iam, não poderiam viver um sem o outro, nem um com o outro. Fariam como fazem todos os homens hoje. Têm o dom do raciocínio, sim, mas possuem também o dom do instinto e sempre sentirão, raciocinarão e agirão como foram destinados pela natureza.

Um Deus não veio sobre nosso globo para reunir o gênero humano e dizer-lhe: "Ordeno aos negros e aos cafres que andem nus e comam insetos.

"Ordeno aos samoiedos que se vistam com peles de rena e comam sua carne insípida com peixe seco e fétido, e sem sal. Os tártaros do Tibete acreditarão em tudo que o dalai-lama lhes disser, e os japoneses, em tudo que lhes disser o dairi.

"Os árabes não comerão carne de porco e os vestfalianos só se nutrirão com ela.

"Tirarei uma linha do monte Cáucaso até o Egito e do Egito ao monte Atlas: todos os que habitarem a oriente dessa linha poderão desposar várias mulheres e os que estiverem a ocidente só terão uma.

"Se em direção ao golfo Adriático, desde Zara até a Polesina, ou em direção aos pântanos do Reno e do Mosela, ou em direção ao monte Jura ou mesmo na ilha de Álbion ou no território dos sármatas, ou dos escandinavos, qualquer pessoa resolver tornar um único homem despótico, ou pretender ele próprio sê-lo, que se lhe corte rapidamente o pescoço, até que o destino e eu tenhamos ordenado de outra maneira.

"Se qualquer pessoa tiver a insolência e a demência de querer estabelecer ou restabelecer uma grande assembléia de homens livres sobre o Mançanares ou sobre a Propôntida, que seja empalado e arrastado por quatro cavalos.

"Qualquer um que fizer suas contas seguindo uma determinada regra aritmética em Constantinopla, Cairo, Tafilelt, Delhi, Andrinopla, será imediatamente empalado sem se formar processo; e qualquer um que ousar contar segundo uma outra regra em Roma, Lisboa, Madri,

Champanha, Picardia e em direção ao Danúbio, desde Ulm até Belgrado, será devotamente queimado sob o canto dos *Misereres.*

"O que será justo às margens do Loira será injusto às margens do Tâmisa, pois minhas leis são universais, etc., etc. . . "

É preciso confessar não termos prova clara, nem mesmo no *Diário Cristão,* nem na *Chave do Gabinete dos Príncipes,* de que um Deus tenha vindo à terra promulgar esse direito público, que, no entanto, existe. É seguido à risca tal como acabamos de enunciá-lo e compilaram-se, compilaram-se, compilaram-se belos comentários sobre esse direito das nações, embora tais comentários nunca tivessem rendido um escudo sequer aos que foram arruinados pela guerra, pelos editos ou pelos empregados das herdades.

Essas compilações parecem-se muito com o *Casos de Consciência,* de Pontas. Eis um caso da lei para examinar: é proibido matar. Todo assassino é punido, a menos que tenha matado em companhia de muitos e ao som de trombetas. É a regra.

No tempo em que havia ainda antropófagos nas florestas de Ardenas, um bom aldeão encontra um antropófago que levava uma criança para comer. O aldeão, tomado de piedade, mata o comedor de crianças e livra a prisioneira, que logo foge. Dois passantes vêem de longe o bom homem e o acusam diante do preboste de ter cometido um assassinato na estrada. O corpo de delito estava sob os olhos do juiz, duas testemunhas falavam, devia-se pagar cem escudos ao juiz pelo seu tempo, a lei era precisa. O aldeão foi enforcado ali mesmo, por ter feito o que Hércules, Teseu, Rolando e Amadis teriam feito em seu lugar. Dever-se-ia enforcar o preboste por seguir a lei à risca? Escreveram-se mil volumes para resolver casos dessa espécie.

Puffendorf estabeleceu inicialmente a existência de seres morais. "São", diz ele, "certos modos que os seres inteligentes unem às coisas materiais, ou aos movimentos físicos, tendo em vista dirigir ou restringir a liberdade das ações voluntárias do homem, para colocar alguma ordem, alguma conveniência e alguma beleza na vida humana."

Em seguida, para dar idéia clara do justo e do injusto aos suecos e aos alemães, nota "que há duas espécies de espaço, um a respeito do qual diz-se que as coisas estão em algum lugar, por exemplo, aqui, ali; outro, a respeito do qual dizemos que as coisas existem num certo tempo, por exemplo, hoje, ontem, amanhã. Concebemos, assim, duas espécies de estados morais, um que marca qualquer situação moral e que tem alguma conformidade com o lugar natural; outro, que designa um certo tempo, enquanto provenha dele qualquer efeito moral, etc.".

Não é tudo. Puffendorf distingue muito curiosamente os modos morais simples e os modos de estima, as qualidades formais e as qualidades operativas. As qualidades formais são simples atributos, mas as operativas devem dividir-se cuidadosamente em originais e derivadas.

Entretanto Barbeyrac comentou essas belas coisas que são ensinadas nas universidades. Nestas, as opiniões estão divididas entre Grotius e Puffendorf sobre questões dessa importância. Acreditai-me, lede os *Ofícios,* de Cícero.

Seção Segunda

Nada contribuirá mais para tornar um espírito falso, obscuro, confuso, incerto, do que a leitura de Grotius, de Puffendorf e de quase todos os comentaristas do direito público.

Nunca se deve fazer um mal na esperança de um bem, diz a virtude, e ninguém escuta. É permitido guerrear contra uma potência que se torna muito preponderante, diz o *Espírito das Leis.*

Quando os direitos devem ser constatados pela prescrição? Neste ponto, os publicistas chamam em seu socorro o direito divino e o direito humano. Os teólogos entram no jogo. Abraão e sua posteridade, dizem, tinham direito sobre a terra de Canaã, porque viajaram por ela e foi-lhes dada por Deus, numa aparição. Contudo, nossos sábios mestres discutem há quinhentos e quarenta e sete anos para saber, de acôrdo com a Vulgata, de quem é o direito: se de Abraão, que compra uma cripta no local, ou de Josué, que saqueia uma parte. Não importa, seu direito era claro e limpo. Mas, e a prescrição? Sem prescrição. Mas, o que se passou antigamente na Pales-

tina deve servir de regra à Alemanha e à Itália?... Sim, pois Ele disse que assim deveria ser. Seja, senhores, não discuto contra vós, Deus me livre!

Os descendentes de Átila estabeleceram-se, segundo dizem, na Hungria. Em que época os antigos habitantes começaram a ter a consciência de serem servos dos descendentes de Átila?

Nossos doutores, que escreveram sobre a guerra e a paz, são bem profundos. A crê-los, tudo pertence de direito ao soberano para o qual escrevem. Não pode alienar nada do seu domínio. O imperador deve possuir Roma, Itália, e França, tal era a opinião de Bartole. Primeiramente, porque o imperador intitula-se rei dos romanos; em segundo lugar, porque o arcebispo de Colônia é chanceler da Itália e o arcebispo de Trevas é chanceler das Gálias. Mais ainda, o imperador da Alemanha traz um globo dourado em sua sagração, portanto é senhor do globo da terra.

Em Roma, não há padre que não tenha aprendido em seu curso de teologia que o papa deve ser soberano do mundo, pois está escrito que foi dito a Simão, filho de Jonas da Galiléia, apelidado Pedro: *"És Pedro e sobre esta pedra construirei minha assembléia"*. Em vão dizia-se a Gregório VII: "Não se trata dos homens, trata-se apenas do reino celeste". "Maldito condenado", respondia, "trata-se do terrestre." E se pudesse, vos condenaria e enforcaria.

Espíritos ainda mais profundos fortificam esse raciocínio com um argumento sem réplica. Aquele de quem o bispo de Roma se diz vigário declarou que seu reino não é deste mundo, portanto este mundo deve pertencer ao vigário, desde que o Senhor renunciou a ele. Quem deve vencer: o gênero humano ou as decretais? As decretais, claro!

Pergunta-se, em seguida, se há alguma justiça no massacre de dez ou doze milhões de homens desarmados na América. Responde-se que não há nada mais justo e mais santo, já que não eram católicos, apostólicos e romanos.

Não faz um século, em todas as declarações de guerra dos príncipes cristãos, a ordem de ataque imediato era sempre dada a todos os súditos do príncipe aos quais a guerra era anunciada por um arauto em cota de malhas e mangas pendentes. Assim, uma vez feito o anúncio, se um auvernhate encontrasse uma alemã, era obrigado a matá-la, salvo violá-la antes ou depois.

Aqui está uma questão bastante espinhosa nas escolas: se toda gente estiver comandada para ir matar e fazer-se matar na fronteira, os suábios, estando persuadidos de que a guerra ordenada é a mais horrível injustiça, deverão ir? Alguns doutores diziam sim, alguns justos diziam não. Que diziam os políticos?

Quando já se discutira muito sobre essas grandes questões preliminares, que, por sinal, nunca embaraçaram nenhum soberano, nem embaraçarão, foi preciso discutir os direitos respectivos de cinqüenta ou sessenta famílias do condado de Alost, da cidade de Orchias, do ducado de Berg e de Juliers, do condado de Tournai, do de Nice, do de todas as fronteiras de todas as províncias. O mais fraco sempre perdeu a causa.

Durante cem anos discutiu-se com veemência se os duques de Orléans, Luís XII e Francisco I, tinham direito ao ducado de Milão, em vista do contrato de casamento de Valentina de Milão, neta bastarda de um bravo camponês chamado Jacob Muzio. O processo foi julgado pela batalha de Pávia.

Os duques de Sabóia, Lorena e Toscana reclamavam o ducado Milanês, porém, acreditava-se que havia no Friul uma família empobrecida de gentis-homens saída em linha reta de Alboim, rei dos lombardos, que tinha um direito bem anterior.

Os publicistas escreveram grossos livros sobre os direitos ao reino de Jerusalém. Os turcos não os escreveram, mas Jerusalém lhes pertence, pelo menos até o presente ano de 1770, e Jerusalém não é um reino.

Dogmas

No dia 18 de fevereiro do ano de 1763, da era vulgar, entrava o Sol no signo dos Peixes, subi ao céu, como todos os meus amigos sabem. Mas não foi a burra Borac, de Maomé, que me serviu de montada; tampouco foi o carro em chamas de Elias que me levou lá; não me transportou o ele-

fante de Samonocodão, o Siamês, nem o belo cavalo de São Jorge, patrono da Inglaterra, nem o porco de Santo Antônio: confesso com toda a ingenuidade que a viagem se fez sem eu saber bem como.

Pensarão, por certo, que estava fascinado; mas talvez já ninguém seja capaz de acreditar-me, se disser que vi julgar todos os mortos. E os juízes, quem eram? Eram, embora isso vos desagrade, todos aqueles que fizeram algum bem aos homens: Confúcio, Sólon, Sócrates, Tito, os Antoninos, Epicteto, todos aqueles grandes homens que, tendo ensinado e praticado as virtudes que Deus exige, pareciam ser os únicos com direito a pronunciarem as sentenças.

Não direi em que tronos se sentavam, nem quantos milhões de seres celestes estavam prosternados diante do Criador de todos os globos, nem que a multidão de habitantes desses globos inumeráveis compareceu perante os juízes. Só contarei aqui certos e breves pormenores, muito interessantes, que mais me impressionaram.

Assim, reparei que cada morto defendia a sua causa e alardeava os seus bons sentimentos; tinha ao lado todas as testemunhas dos seus atos. Por exemplo, quando o cardeal de Lorena se vangloriava de ter feito aprovar algumas das suas opiniões pelo Concílio de Trento e, pelo preço da sua ortodoxia, rogava a concessão da vida eterna, apareciam subitamente à roda dele umas vinte cortesãs ou damas da corte, todas elas trazendo gravado na testa o número de entrevistas amorosas que tinham tido com o cardeal. Viam-se também aqueles que, com ele, lançaram os fundamentos da Liga; e todos os cúmplices dos seus perversos desígnios ali estavam a rodeá-lo.

Mesmo defronte do cardeal de Lorena estava Calvino, o qual, no seu grosseiro dialeto, se gabava de ter dado alguns valentes pontapés no ídolo papal, após outros que o tinham derrubado. "Escrevi contra a pintura e a escultura", dizia, "e demonstrei sem possibilidade de refutação que os atos bons não têm qualquer valor e que dançar o minuete é coisa diabólica; vamos, depressa, depressa, expulsem daqui para fora esse cardeal de Lorena e me ponham já sentado ao lado de S. Paulo."

Enquanto assim perorava altissonante, viu-se surgir ao lado dele uma fogueira ardendo; um horroroso espectro, trazendo ao pescoço um cabeção meio queimado, surgiu de entre as chamas, soltando gritos de estarrecer. "Monstro", clamava, "monstro, execrável, treme! Treme, agora! Reconhece em mim aquele Miguel Servet que mandaste matar no mais cruel dos suplícios, apenas porque tinha discutido contigo acerca da maneira pela qual três pessoas podem formar uma única substância." Então, todos os juízes ordenaram que o cardeal de Lorena fosse precipitado no abismo, mas que Calvino fosse punido ainda com muito mais rigor.

Vi uma multidão prodigiosa de mortos, que diziam: "Eu era crente, eu era crente"; mas na testa traziam escrito: "Eu fiz"; e ficavam logo condenados. Aparecia depois, impando de altivez, o jesuíta Le Tellier, com a bula *Unigenitus* muito espetada na mão. Mas eis que ao lado dele, de súbito, se elevou uma rima de duas mil cartas de prego régias. Vai um jansenista e lança-lhes fogo: Le Tellier ficou torrado até os ossos; e o jansenista, que não era menos useiro e vezeiro que o jesuíta em intrigalhadas tenebrosas, também apanhou a sua conta de chamuscadelas, para aprender.

Pela direita e pela esquerda, via chegar magotes de faquires, talapões,[43] bonzos, monges brancos, negros e cinzentos, que tinham encasquetado na cachimônia que, para render preito ao Ser Supremo, haviam de cantar a bom cantar, ou açoitarem-se uns aos outros, ou andarem completamente nus. Ouvi então uma voz tremenda que lhes perguntou: "Qual foi o bem que fizestes aos homens?" A essa voz tonitruante seguiu-se um profundo silêncio; ninguém ousou responder-lhe, e, daí a nada, foram todos arrastados para o Rilha-foles do universo, que é um dos maiores edifícios que jamais se viu.

Um energúmeno bradava: "É nas metamorfoses de Xaca que temos de acreditar", e um outro redagüia, em altos berros: "Não é nada, mas é nas Samonocodão". "Baco fez parar o Sol e a Lua", dizia este. "Eis a bula *In Coena Domini*", dizia um recém-chegado; e o bedel do tribunal

[43] Talapão, membro de uma ordem religiosa da Ásia oriental. (N. dos T.)

não parava de berrar: "Tudo já para Rilha-foles! Vá, vá, depressa, é andar para Rilha-foles!"

Quando todos esses processos terminaram, ouvi proferir a sentença seguinte: "**Em nome do Eterno Criador, conservador, remunerador, vingador, absolvedor,** etc., ficai sabendo todos aqueles, ó habitantes dos cem mil milhões de biliões de mundos que nos aprouve formar, que nunca aqui havemos de julgar nenhum dos ditos habitantes com base nas suas idéias ocas e vãs, mas unicamente pelos atos; porque tal é a nossa justiça".

Confesso que foi aquela a primeira vez que ouvi um édito destes: todos aqueles que lera neste minúsculo grão de areia em que nasci, acabam fatalmente por estas palavras: *Porque tal é a nossa vontade.*

E

*Economia

Na acepção ordinária, esta palavra significa a maneira de administrar seus bens. É comum a um pai de família e a um superintendente das finanças de um reino. Os diferentes tipos de governo, as inquietações da família e da corte, as guerras injustas e mal conduzidas, a espada de Têmis colocada nas mãos de carrascos para fazer perecer o inocente, as discórdias intestinas, são objetos estranhos à economia.

Aqui não iremos tratar das declamações desses políticos que governam um Estado do fundo do seu gabinete, valendo-se de brochuras.

Economia Doméstica

A primeira economia, de que todas as outras dependem, é a do campo, pois fornece as três únicas coisas de que os homens carecem necessariamente: o sustento, o vestuário e o abrigo. Não existe uma quarta, a menos que seja o aquecimento nos países frios. Se bem realizados, os três garantem a saúde, sem a qual não há nada.

Algumas vezes o estabelecimento no campo é chamado de *a vida patriarcal,* mas em nosso clima a vida patriarcal seria impraticável e nos faria morrer de frio, de fome e de miséria.

Abraão vai da Caldéia ao país de Siquém. Daí é preciso que faça uma longa viagem pelos desertos áridos até Mênfis para comprar trigo. Com todo o respeito devido, descarto sempre tudo que for divino na história de Abraão e de seus filhos. Só considero aqui sua economia rural.

Não vejo que tenha uma só casa. Abandona a mais fértil região do universo e cidades onde havia casas cômodas para errar por países cujas línguas não podia entender.

Vai de Sodoma ao deserto de Gerara sem ter um único estabelecimento. Quando manda embora Agar e o filho que teve com ela, ainda está num deserto, e só lhes dá como viático um pedaço de pão e uma bilha de água. Quando vai sacrificar seu filho ao Senhor, é ainda num deserto. Vai, ele próprio cortar a lenha para queimar a vítima, colocando-a sobre as costas do filho que irá imolar.

Sua mulher morre num lugar chamado Arbeia ou Hebron e não possui nem seis pés de terra para enterrá-la. É obrigado a comprar uma caverna para aí colocá-la. Foi o único pedaço de terra que possuiu.

Entretanto, teve muitos filhos, pois sem contar Isaac e sua posteridade, teve de sua outra mulher, Cetura, na idade de cento e quarenta anos, segundo cálculo comum, cinco filhos machos, que se foram em direção da Arábia.

Não é dito que Isaac tivesse possuído um único pedaço de terra no lugar onde seu pai mor-

reu. Pelo contrário, vai para o deserto de Gerara com sua mulher Rebeca, em casa desse mesmo Rei Abimelec, rei de Gerara, que tinha amado sua mãe.

O rei do deserto toma-se de amores também por Rebeca, cujo marido a faz passar por sua irmã, como Abraão havia feito Sara passar por sua irmã diante deste mesmo Rei Abimelec, quarenta anos antes. É um pouco espantoso que nessa família se faça sempre passar sua mulher por sua irmã, a fim de ganhar alguma coisa, porém, já que esses fatos são consagrados, devemos guardar um silêncio respeitoso.

As Escrituras dizem que Isaac se enriqueceu nessa terra horrível, tornada fértil para ele, que se tornou extremamente poderoso. É dito também que não havia água para beber, que teve uma grande querela por causa de um poço com os pastores do reizinho de Gerara e não se sabe que tenha tido casa própria.

Seus filhos, Esaú e Jacó, não possuem mais estabelecimentos que seu pai. Para viver, Jacó é obrigado a ir para a Mesopotâmia, de onde Abraão havia saído. Serve sete anos para ter uma das filhas de Labão e sete outros anos para obter a segunda filha. Foge com Raquel e os rebanhos de seu sogro, que o persegue. A fortuna não lhe está bem assegurada.

Esaú é representado tão errante quanto Jacó. Nenhum dos doze patriarcas, filhos de Jacó, possuem residência fixa, nem um campo de que sejam proprietários. Só repousam sob tendas como os árabes beduínos.

Está claro que a vida patriarcal não convém de modo algum à temperatura do nosso ar. Um bom cultivador, como os Pignoux do Auvergne, precisa de uma casa sadia, voltada para o oriente, de vastas granjas, de não menos vastas cavalariças, de estábulos mantidos limpos e isso tudo pode custar pelo menos cinqüenta mil francos em nossa moeda atual. Deve semear todos os anos cinqüenta jeiras de trigo, reservando outro tanto para pastagens, possuir algumas jeiras de vinha, cerca de vinte e cinco jeiras para os grãos de miúdos e os legumes, uma quinzena de jeiras de bosques, uma plantação de amoreiras, bichos-da-seda e colmeias. Com todas essas melhorias bem economizadas manterá na abundância uma família numerosa. Sua terra melhorará dia a dia, suportará sem nada temer os aborrecimentos das estações e o fardo dos impostos, tendo em vista que um bom ano repara os prejuízos de dois maus. Em seu domínio desfrutará de uma soberania efetiva, submetida apenas às leis. É o estado mais natural do homem, o mais tranqüilo, o mais feliz e desgraçadamente o mais raro.

O filho desse verdadeiro patriarca, vendo-se rico, logo se desgosta com o pagamento humilhante da taxa do imposto senhorial. Infelizmente aprendeu algum latim, corre à cidade, compra um mandato que o isenta dessa taxa e que dará nobreza ao seu filho no fim de vinte anos. Vende seu domínio para pagar sua vaidade. Uma moça, criada no luxo, casa-se com ele, desonra-o e arruína-o. Morre na mendicância e seu filho veste libré em Paris. Eis a diferença entre a economia do campo e as ilusões das cidades.

A economia na cidade é muito diferente. Vivei em vossa terra: não comprareis quase nada e o solo produzirá tudo para vós. Podereis alimentar sessenta pessoas quase sem vos aperceberdes. Trazei para a cidade a mesma renda: comprareis tudo a preços altos e podereis alimentar apenas cinco ou seis domésticos. Um pai de família que vive na sua terra com doze mil libras de renda precisará ser muito cuidadoso para viver em Paris, na mesma abundância, com quarenta mil. Essa proporção sempre subsistiu entre a economia rural e a da capital. Sempre vale a pena reler a curiosa carta da Sra. de Maintenon à sua cunhada, Sra. de Aubigné.

. . . . . .

"Credes que conheço Paris melhor do que vós. Assim sendo, eis, minha cara irmã, um projeto de despesa que executaria se vivesse fora da corte. Sois doze pessoas: senhor e senhora, três mulheres, quatro lacaios, dois cocheiros, um camareiro.

15 libras de carne a 5 vinténs a libra	3 libras	15 vinténs
2 peças de assado	2	10
Pão	1	10
Vinho	2	10

Lenha	2	
Frutas	1	10
Velas		10
Candela		8
	14	13

Conto 4 vinténs de vinho para vossos 4 lacaios e vossos 2 cocheiros. É o que a Sra. de Montespan dá aos seus. Se tendes vinho na adega não vos custará 3 vinténs. Coloco 6 para o camareiro e 20 para vós dois, que não bebeis por três.

Coloco uma libra de candela por dia, embora seja preciso só meia libra. Coloco 10 vinténs em velas; duram três dias, são 6 em cada libra e a libra custa dez vinténs.

Coloco 2 libras para a lenha; entretanto, só queimareis três meses por ano e só são precisos dois fogos.

Coloco uma libra e 10 vinténs para as frutas. O açúcar só custa 11 vinténs a libra e apenas é preciso um quarto de libra para uma compota.

Coloco duas peças de assado; economiza-se uma quando o senhor ou a senhora almoça ou janta na cidade, mas também esqueci uma ave cozida para a sopa. Entendemos da administração da casa. Podeis muito bem, sem ultrapassar quinze libras, ter uma entrada, quer de lingüiça, quer de línguas de ovelha ou de tripas de vitela, pernil de carneiro, a pirâmide eterna e a compota que tanto amais.

Isto posto, e mais o que aprendo na corte, creio, minha querida, que vossas despesas não deverão ultrapassar cem libras por semana. São quatrocentas libras por mês. Digamos quinhentas, para que as bagatelas que esqueci não se queixem de que lhes faço injustiça. 500 libras por mês fazem:

Para despesas de boca	6.000 libras
Para vossas roupas	1.000
Para aluguel de casa	1.000
Para salários e roupas dos criados	1.000
Para as roupas, a ópera e as grandezas do senhor	3.000
	12.000 libras

Tudo isso não é honesto, etc."

. . . . . .

O marco de prata valia então mais ou menos a metade do numerário de hoje. O absolutamente necessário custava a metade do preço, e o luxo normal que se tornou necessário e que não é mais luxo custava três a quatro vezes menos do que hoje em dia. Assim, o Conde d'Aubigné teria podido, com suas 12.000 libras de renda, que gastaria muito obscuramente em Paris, viver como um príncipe na sua terra.

Há em Paris trezentas ou quatrocentas famílias municipais que ocupam a magistratura há já um século e cujos bens consistem em rendas sobre a Prefeitura. Suponho que cada uma tenha *vinte mil libras* de renda e estas vinte mil libras faziam exatamente o dobro do que fazem hoje. Assim sendo, tais famílias realmente só têm a metade do seu antigo ganho. Desta metade subtrai-se a metade, segundo o tempo inconcebível do sistema de Law. Essas famílias, portanto, não gozam realmente senão de uma quarta parte da renda que possuíam quando da elevação de Luís XIV ao trono. E o luxo tendo aumentado três quartos, sobra pouco mais do que nada para elas, a menos que tenham reparado sua ruína com ricos casamentos ou com sucessões ou com uma engenhosidade secreta. E foi o que fizeram.

Em todo lugar, se aquele que vive de rendas não aumentar seus bens numa capital, perdê-los-á com o tempo. Os proprietários rurais auxiliam-se mutuamente porque, aumentando o dinheiro numericamente, o ganho de suas terras aumenta proporcionalmente. Entretanto, estão expostos a uma outra infelicidade que reside neles próprios. São conduzidos à ruína por seu luxo e sua falta de atenção, tão perigosa quanto o primeiro. Vendem suas terras a financistas que

amealham e cujos filhos, por sua vez, dissipam. É um círculo perpétuo de elevação e decadência, por falta de uma economia razoável e que consiste unicamente em não gastar mais do que se recebe.

Da Economia Pública

A economia de um Estado não é exatamente como a de uma grande família. Foi o que levou o Duque de Sully a dar o nome de *Economias* às suas memórias. Todos os outros ramos de um governo são mais obstáculos do que auxílios à administração dos dinheiros públicos. Tratados, por vezes concluídos a preço de ouro, e guerras infelizes arruínam um Estado por muito tempo (mesmo as felizes o esgotam). O comércio interceptado e mal realizado ainda o empobrece. Os impostos excessivos provocam a miséria.

O que é um Estado rico e bem econômico? É aquele onde todo homem que trabalha está seguro de uma fortuna condizente com a sua posição, começando pelo rei e terminando pelo serviçal.

Tomemos como exemplo o Estado onde o governo das finanças é mais complicado, a Inglaterra. O rei está quase sempre seguro de ter que gastar anualmente um milhão de libras esterlinas com sua casa, sua mesa, seus embaixadores e seus prazeres. Esse milhão volta inteiro ao povo pelo consumo, pois se os embaixadores despendem seus ordenados em outros lugares, os ministros estrangeiros consomem seu dinheiro em Londres. Todo proprietário de terras está certo de gozar seus ganhos, fora as taxas impostas pelos seus representantes no Parlamento, quer dizer, por ele próprio.

O comerciante joga um jogo de azar e de engenhosidade contra quase todo o universo e fica incerto muito tempo se casará sua filha com um par do reino ou se morrerá num hospital.

Os que, sem serem negociantes, colocam suas precárias fortunas nas grandes companhias de comércio, parecem-se com os ociosos da França que compram fundos reais, e cuja sorte depende da boa ou má fortuna do governo.

Aqueles cuja única profissão é vender e comprar promissórias públicas de acordo com as felizes ou infelizes notícias que se fornecem, e traficar o temor e a esperança, estão, na subordem, no mesmo caso que os acionistas, e todos são jogadores, fora o cultivador que fornece com que jogar.

Uma guerra sobrevém; é preciso que o governo empreste dinheiro vivo, pois não se pagam frotas e exércitos com promessas. A Câmara dos Comuns imagina um imposto sobre a cerveja, sobre o carvão, sobre as chaminés, sobre as janelas, sobre os acres de trigo e de pastagem, sobre a importação, etc.

Calcula-se o que esse imposto mais ou menos irá produzir. Toda a nação é informada. Um decreto do Parlamento diz aos cidadãos: "Os que quiserem emprestar para a pátria receberão quatro por cento do seu dinheiro durante dez anos, ao final dos quais serão reembolsados".

Esse mesmo governo faz um fundo de amortização do excesso do que produzem os impostos. Esse fundo servirá ao reembolso dos credores. Chegado o tempo do reembolso, diz-se-lhes: "Quereis vossos fundos ou quereis deixá-los a três por cento?" Os credores que crêem sua dívida assegurada deixam, na maioria, seu dinheiro nas mãos do governo.

Nova guerra, novos empréstimos, novas dívidas; o fundo de reembolso está vazio, não se reembolsa nada.

Enfim, o amontoado de papel representativo de um dinheiro que não existe atingiu cento e trinta milhões de libras esterlinas, que perfazem cento e vinte e sete milhões de guinéus, no ano de 1770 da nossa era vulgar.

Digamos, de passagem, que a França está mais ou menos neste caso. Deve fundos de cerca de cento e vinte e sete milhões de luíses de ouro. Ora, essas duas importâncias (a inglesa e a francesa), montando a duzentos e cinqüenta e quatro milhões de luíses de ouro, não existem na Europa. Como pagar? Examinemos primeiramente a Inglaterra.

Se cada um pedisse de volta seu fundo a coisa seria visivelmente impossível, a não ser por meio da pedra filosofal ou de alguma multiplicação semelhante. Que fazer? Uma parte da nação emprestou para toda a nação. A Inglaterra deve à Inglaterra cento e trinta milhões de libras esterlinas, com juros de três por cento. Paga, portanto, nesse único artigo muito módico 3 900 000 libras esterlinas de ouro, cada ano. Os impostos são cerca de sete milhões; restam, portanto, para satisfazer os encargos do Estado, três milhões e cem mil libras esterlinas, com o que se pode, economizando, extinguir pouco a pouco uma parte das dívidas públicas.

O banco do Estado, dando vantagens imensas aos diretores, é útil à nação porque aumenta o crédito, suas operações são conhecidas, e não poderia fazer mais papel-moeda do que é preciso, sem perder o crédito e sem arruinar-se a si mesmo. Está aí a grande vantagem de um país comerciante, onde tudo se faz em virtude de uma lei positiva, onde nenhuma operação é escondida, onde a confiança é estabelecida sobre cálculos feitos pelos representantes do Estado e examinados por todos os cidadãos. A Inglaterra, diga-se o que disser, vê sua opulência assegurada enquanto possuir terras férteis, rebanhos abundantes e um comércio vantajoso.

Se os outros países chegarem a não ter necessidade de seu trigo e a virar contra ela a balança do comércio, pode acontecer então uma grande subversão nas fortunas particulares. Mas a terra permanece, a indústria permanece e a Inglaterra, então, menos rica em dinheiro, o é sempre em valores renascentes que o solo produz. Volta ao mesmo estado em que estava no século XVI.

Todo um reino é absolutamente igual às terras de um particular. Se o fundo da terra for bom, nunca ela ficará arruinada. A família que a fazia valer pode ser reduzida à esmola, mas o solo prosperará sob outra família.

Existem outros reinos que jamais serão ricos, por mais que se esforcem. São os que, situados sob um céu rigoroso, só podem ter o estritamente necessário. Os cidadãos só podem pagar as comodidades da vida fazendo-as vir do estrangeiro a um preço excessivo. Dai à Sibéria e ao Kamtchatka reunidos, que perfazem quatro vezes a extensão da Alemanha, um Ciro como soberano, um Sólon como legislador, um Duque de Sully, um Colbert como superintendente das finanças, um Duque de Choiseul como ministro da guerra e da paz, um Anson como almirante: com todo seu gênio aí morrerão de fome.

Ao contrário, fazei governar a França por um louco sério assim como Law, por um louco divertido como o Cardeal Dubois, por ministros como já temos visto algumas vezes: poderíamos dizer deles o que um senador de Veneza dizia dos seus confrades ao Rei Luís XII, conforme pretendem os contadores de anedotas. Luís XII, encolerizado, ameaçava arruinar a república: "Eu vos desafio", disse o senador. "A coisa me parece impossível, pois há vinte anos que meus confrades fazem todos os esforços imagináveis para destruí-la, sem, contudo, consegui-lo".

Nunca houve algo mais extravagamte, sem dúvida alguma, do que criar uma companhia imaginária do Missisípi, que deveria render ao menos cem por um a todos os interessados, triplicar de um só golpe o valor necessário das espécies, reembolsar, em quimérico papel, as dívidas e os encargos do Estado e terminar, enfim, louca e tiranicamente, proibindo a todo cidadão guardar em sua casa mais de quinhentos francos em ouro ou em dinheiro. Esse cúmulo de extravagância sendo inusitado, o espanto geral foi tão grande como deveria ter sido: todo mundo gritava que a França havia acabado para sempre. Ao cabo de dez anos isso ainda não tinha acontecido.

Um bom país restabelece-se sempre por si mesmo, por pouco que seja toleravelmente governado; um mau só pode enriquecer graças a uma engenhosidade extrema e feliz.

A proporção será sempre a mesma entre a Espanha, a França, a Inglaterra propriamente dita e a Suécia. Contam-se comumente vinte milhões de habitantes na França (talvez seja muito). Ustariz admite apenas sete na Espanha, Nichols dá oito à Inglaterra, não se atribuem cinco à Suécia. O espanhol (um pelo outro) tem o valor de oitenta de nossas libras para gastar por ano. O francês, melhor cultivador, tem cento e vinte libras; o inglês, cento e oitenta; o sueco, cinqüenta. Se quisermos falar do holandês, acharíamos que só tem o que ganha, porque não é o seu território que o alimenta e o veste. A Holanda é uma feira contínua, onde só se é rico pela própria engenhosidade, ou pela de seu pai.

Que enorme desproporção entre as fortunas! Um inglês, que possui sete mil guinéus de renda, absorve a subsistência de mil pessoas. Esse cálculo assusta ao primeiro olhar, mas ao fim

de um ano, repartiu seus sete mil guinéus pelo Estado e cada um obteve mais ou menos o seu contingente.

Em geral, o homem custa muito pouco à natureza. Na Índia, onde os rajás e nababos acumulam tantos tesouros, o povo comum vive, no máximo, com dois vinténs por dia.

Entre os americanos, aqueles que não estão sob dominação alguma, só tendo seus braços, não gastam nada. A metade da África sempre viveu da mesma forma, e não somos superiores a todos esses homens senão em cerca de quarenta escudos por ano. Porém, esses quarenta escudos fazem uma prodigiosa diferença, cobrindo a terra com belas cidades e enchendo os mares de embarcações.

É com nossos quarenta escudos que Luís XIV teve duzentas embarcações e construiu Versalhes. E enquanto cada indivíduo, um pelo outro, puder gabar-se de pagar quarenta escudos de renda, o Estado poderá florescer.

É evidente que quanto mais homens e mais riquezas possua um Estado, mais abusos sejam encontrados. Os atritos são tão consideráveis nas grandes máquinas, que elas estão quase sempre desreguladas. Esses desarranjos causam tal impressão nos espíritos, que na Inglaterra, onde é permitido a todo cidadão dizer o que pensa, encontra-se todos os meses algum calculador que caridosamente adverte seus compatriotas de que tudo está perdido e de que a nação está arruinada sem apelo. A permissão de pensar sendo menor na França, queixa-se de contrabando; imprime-se furtivamente, mas com freqüência, que jamais sob os filhos de Lotário, nem no tempo do Rei João, de Carlos VI, da batalha de Pavia, das guerras civis e de São Bartolomeu o povo foi tão miserável quanto hoje.

Se se responde a essas lamentações com uma ordem de prisão, que não parece ser uma razão bem legítima, mas que é muito peremptória, o queixoso foge gritando aos aguazis que só viverão seis semanas e que, graças a Deus, morrerão de fome como os outros antes desse tempo.

Bois-Guillebert, que atribuiu tão imprudentemente seu insensato "dízimo real" ao marechal de Vauban, pretendia no seus *Pormenores sobre a França* que o grande Ministro Colbert já havia empobrecido o Estado em um bilhão e quinhentos milhões, esperando-se pior.

Um calculador de nosso tempo, que parece ter as melhores intenções do mundo, embora queira absolutamente que nos embebedemos após a missa, pretende que os valores renascentes da França, que formam a renda da nação, montam a apenas quatrocentos milhões aproximadamente, no que parece enganar-se em somente cerca de um bilhão e seiscentos milhões de libras, a vinte vinténs a peça, estando o marco de prata em moeda a quarenta e nove libras e dez. E assegura que o imposto para pagar os encargos do Estado não pode ser mais do que de setenta e cinco milhões, quando na realidade é de trezentos, e que quase não são suficientes para saldaras dívidas anuais.

Uma só em todas essas especulações, cujo número é considerável, parece-se com os erros cometidos nas medidas astronômicas tomadas sobre a Terra. Duas linhas correspondem a espaços enormes no céu.

Na França e na Inglaterra a economia pública é a mais complicada. Não se tem idéia de uma tal administração no resto do globo, desde o monte Atlas até o Japão. Há apenas centro e trinta anos começou a arte de tornar metade de uma nação devedora de outra metade, de fazer passar com papéis as fortunas de mão em mão, de tornar o Estado credor do Estado, de fazer um caos de tudo o que deveria estar submetido a uma regra uniforme. Esse método estendeu-se à Alemanha e à Holanda. Forçou-se tal requinte e tal excesso a ponto de se estabelecer um jogo entre o soberano e os súditos: a loteria. Vosso capital é em dinheiro vivo; se ganhardes, obtereis espécies ou rendas; e quem perder não sofrerá grande dano. O governo normalmente retira dez por cento por seu trabalho. Essas loterias tornam-se cada vez mais complicadas a fim de atordoar e iscar o público. Todos esses métodos foram adotados na Alemanha e na Holanda e quase todo mundo ficou endividado. Isso não é muito sensato, mas quem o é? Os pequenos, que não podem arruinar-se.

*Endemoninhados

Possuídos pelo demônio, energúmenos, exorcizados ou, sobretudo, doentes do útero, pálidos, hipocondríacos, epilépticos, catalépticos, curados pelos emolientes do Sr. Paumme, grande exorcista.

Os exaladores, os epilépticos, as mulheres com furor uterino, foram sempre considerados vítimas dos espíritos malignos, dos demônios malfeitores, das vinganças dos deuses. Este mal foi denominado *mal sagrado* e em toda parte os padres da Antiguidade apoderaram-se dessas doenças, porque os médicos eram grandes ignorantes.

Os sintomas muito complicados indicavam que se estava com muitos demônios no corpo: um demônio da fúria, um da luxúria, um da contração, um do endurecimento, um do deslumbramento, um da surdez. Seguramente o exorcista estava com um demônio do absurdo e mais um da intrujice.

Sabemos que os judeus expulsavam os diabos dos corpos dos possuídos com a raiz *barath* e com palavras; que nosso Salvador expulsava-os por uma virtude divina, comunicada também a seus apóstolos, mas muito enfraquecida hoje em dia.

Quis-se renovar há pouco tempo a história de São Paulino. Este santo viu na abóbada de uma igreja um pobre endemoninhado que caminhava de ponta-cabeça sob ou sobre ela, mais ou menos como uma mosca. São Paulino viu bem que o homem estava possuído e mandou rapidamente procurar, a algumas léguas dali, as relíquias de São Félix de Nole: aplicou-as ao paciente como vesicatórios. O demônio, que sustentava o homem contra a abóbada, logo fugiu e o endemoninhado despencou sobre o lajeado.

Podemos duvidar dessa história, conservando o mais profundo respeito pelos milagres verdadeiros, e ser-nos-á permitido dizer que não é assim que curamos os endemoninhados atualmente. Nós os sangramos, os banhamos, os purgamos suavemente, damos-lhes emolientes. é assim que são tratados pelo Sr. Paumme, que já realizou mais curas do que os milagres que os padres de Ísis, de Diana e outros realizaram.

Quanto aos endemoninhados que se dizem possuídos para ganhar dinheiro, em lugar de banhá-los, açoitamo-los.

Acontecia freqüentemente que os epilépticos, tendo as fibras e os músculos secos, pesavam menos do que um volume semelhante de água e boiavam quando eram metidos num banho. Gritava-se: Milagre! Dizia-se: É um possuído ou um feiticeiro! Ia-se procurar água benta ou um carrasco. Era uma prova indubitável de que o demônio se assenhorara do corpo da pessoa que boiava, ou então de que ela se tinha oferecido a ele. No primeiro caso era exorcizada; no segundo, queimada.

Foi assim que raciocinamos e agimos durante quinze ou dezesseis séculos, e ousamos zombar dos cafres!

Em 1603, numa pequena cidade do Franco-Condado, uma grande senhora mandava sua enteada ler a vida dos santos diante de seus parentes. Esta jovem pessoa, um pouco instruída, mas não sabendo ortografia, substituiu a palavra "vidas" por "histórias". Sua madrasta, que a odiava, disse-lhe asperamente: Por que não lês como está escrito? [44]

A jovem enrubesceu, tremeu, não ousou responder. Não queria revelar qual das suas companheiras havia-lhe ensinado o nome mal ortografado, tendo o pudor de não pronunciá-lo. Um monge, confessor da casa, pretendeu haver sido o diabo que lhe ensinara a palavra. A moça

[44] Em francês: *vies* (vidas) e *vis* (parafuso) lêem-se do mesmo modo. O livro deveria chamar-se "Vies des Saints", o que, na leitura da jovenzinha, deveria dar "Parafusos dos Santos", donde a troca por "histórias" e seu rubor. (N. do T.)

julgou melhor calar-se do que justificar-se. Seu silêncio foi tomado como confissão. A Inquisição convenceu-a de ter feito um pacto com o diabo. Foi condenada a ser queimada, porque possuía muitos bens herdados de sua mãe e o confisco pertencia de direito aos Inquisidores. Foi a centésima milésima vítima da doutrina dos endemoninhados, dos possuídos, dos exorcismos, e dos verdadeiros diabos que reinaram sobre a terra.

Entusiasmo

Esta palavra grega significa *emoção das entranhas, agitação interior.* Os gregos inventaram esta palavra para exprimir os abalos que experimentam os nervos, a dilatação e o aperto dos intestinos, as violentas contrações do coração, a corrida apressada desses espíritos de fogo que sobem das entranhas ao cérebro, quando estamos vivamente emocionados?

Ou, então, davam a princípio o nome de entusiasmo, de agitação nas entranhas, às contorções da pítia, a qual, na trípode de Delfos, recebia o espírito de Apolo por um sítio que parece feito apenas para receber corpos?

Que devemos entender por entusiasmo? Quantos graus existem nas nossas afeições? Acordo, sensibilidade, emoção, perturbação, surpresa, paixão, arrebatamento, demência, furor, raiva: eis todos os estados por que pode passar esta nossa pobre alma humana.

Um geômetra assiste a uma tragédia comovente; repara apenas que está bem representada. A seu lado, um rapaz está tão comovido que não repara em mais nada; uma mulher chora; um outro rapaz ficou tão enlevado que, para sua infelicidade, resolve também escrever uma tragédia: a doença do entusiasmo contagiou-o.

O centurião ou o tribunal militar, que considerava a guerra apenas como um ofício no qual podia ganhar uma pequena fortuna, marchava tranqüilamente para a batalha, tal como um pedreiro sobe para um telhado, para o consertar. César chorava quando via a estátua de Alexandre.

Ovídio falava sempre espirituosamente do amor. Safo exprimia o entusiasmo desta paixão; e se é verdade que isso lhe custou a vida, é que nela o entusiasmo se transmudou em loucura.

O espírito de partido predispõe maravilhosamente para o entusiasmo; não há facção que não possua os seus energúmenos.

O entusiasmo é, principalmente, a herança da devoção mal compreendida. O jovem faquir, que somente vê a ponta do nariz ao fazer as suas orações, exalta-se gradualmente até acreditar que, se conseguir suportar o peso de correntes pesando cinqüenta libras, o Ser Supremo lhe ficará muito agradecido. Adormece com a imaginação recheada de Brama até acima e não falha de o ver em sonhos. Até, algumas vezes, nesse estado de vigília em que não se está completamente a dormir nem acordado, saltam-lhe centelhas dos olhos; vê Brama resplandecente de luz, cai em êxtase, e tal doença acaba, com freqüência, por se tornar incurável.

A coisa mais rara de se encontrar é haver quem alie a razão ao entusiasmo; a razão consiste sempre em ver as coisas como elas são. Aquele que, durante a bebedeira, vê as coisas a dobrar, está nesse momento privado da razão.

O entusiasmo é tal qual o vinho: pode excitar tanto tumulto nos vasos sanguíneos e tão violentas vibrações nos nervos, que a razão fica totalmente abolida. Pode provocar leves agitações que apenas façam dar ao cérebro um pouco mais de atividade: é o que acontece nos grandes gestos da eloqüência e, sobretudo, na poesia sublime. O entusiasmo sensato é só pertença dos grandes poetas.

Esse entusiasmo razoável é a perfeição da arte dele; é isto que, noutros tempos, levou a acreditar que os vates eram inspirados pelos deuses, o que nunca se disse dos outros artistas.

Como poderá o raciocínio comandar o entusiasmo? É que um poeta desenha primeiramente a disposição do seu quadro; é a razão, nessa altura, que lhe governa o lápis. Mas se quiser animar as suas personagens e dar-lhes o caráter das paixões, então a imaginação escalda, o entusiasmo atua; é como um cavalo de corrida que se lança impetuosamente para a meta; mas a pista foi traçada regularmente.

*Escravos

SEÇÃO PRIMEIRA

Por que chamamos *escravos* aqueles a quem os romanos chamavam *servi*, e os gregos, *douloi?* Faz falta aqui a etimologia e os Bochart não poderão fazer com que esta palavra venha do hebraico.

O monumento mais antigo que temos do termo escravo é o testamento de um Ermangaut, arcebispo de Narbona, que lega ao bispo de Fredelou seu escravo Anaph, *Anaphun slavonium.* Anaph foi um felizardo pertencendo seguidamente a dois bispos.

Não é inverossímil que os eslavos (Slavi), vindos dos confins do Norte, como tantos povos indígenas e conquistadores, para pilhar o que o Império Romano tinha arrebatado às nações, e sobretudo à Dalmácia e à Ilíria, levassem os italianos a chamar *schiavitù* a infelicidade de cair em suas mãos, e *schiavi* os que estavam cativos nos seus novos antros.

Tudo que se pode recolher do emaranhado da história da Idade Média é que no tempo dos romanos nosso universo conhecido dividia-se em homens livres e em escravos. Quando os eslavos, alanos, hunos, heiolos, lombardos, ostrogodos, vândalos, borguinhões, francos, normandos vieram dividir os despojos do mundo, não parece que a multidão de escravos tenha diminuído. Antigos senhores viram-se reduzidos à servidão, uma minoria acorrenta a maioria, como se vê nas colônias onde se empregam negros, e como se pratica em mais de um gênero.

Nada encontramos nos escritores antigos concernente aos escravos dos assírios e dos egípcios.

O livro que mais fala em escravos é a *Ilíada.* Inicialmente, a bela Briséia é escrava em casa de Aquiles. Todos os troianos, e sobretudo as princesas, temem ser escravos dos gregos e fiar para suas mulheres.

A escravidão é tão antiga quanto a guerra, e a guerra tão antiga quanto a natureza humana.

Estava-se tão acostumado a essa degradação da espécie, que Epicteto jamais se espantou de ser escravo, e seguramente valia mais do que seu senhor.

Nenhum legislador da Antiguidade tentou anular a servidão; pelo contrário, os povos mais entusiastas da liberdade, como os atenienses, os lacedemônios, os romanos, os cartagineses, foram os que tiveram as leis mais duras contra os servos. O direito de vida e de morte sobre eles era um dos princípios da sociedade. É preciso admitir que de todas as guerras a de Espártaco é a mais justa, e talvez a única justa.

Quem acreditaria que os judeus, que parecem formados para servirem todas as nações que os conquistaram, também tivessem tido alguns escravos? Está afirmado em suas leis que poderão comprar seus irmãos por seis anos e os estrangeiros para sempre. Está dito que os filhos de Esaú deviam ser os servos dos filhos de Jacó. Contudo, mais tarde, sob uma outra economia, os árabes, que se diziam filhos de Esaú, reduziram os filhos de Jacó à escravidão.

Os Evangelhos não colocam na boca de Jesus Cristo nem uma só palavra que lembre ao gênero humano sua liberdade primitiva e para a qual parece ter nascido. Nada é dito no Novo Testamento do estado de opróbrio e de pena a que metade do gênero humano estava condenada; nenhuma palavra nos escritos dos Apóstolos e dos Padres da Igreja para mudar as bestas de carga em cidadãos, como se começou a fazer entre nós no século XIII. Se falaram de escravidão, foi sobre a do pecado.

É difícil compreender como, em São João, os judeus podem dizer a Jesus: *"Jamais servimos sob alguém".* Eles, que eram então súditos dos romanos; eles, que tinham sido vendidos no mercado após a tomada de Jerusalém; eles, cujas dez tribos levadas escravizadas por Salmanazar tinham desaparecido da face da terra e cujas duas outras tribos foram colocadas a ferros durante setenta anos pelos babilônios; eles, sete vezes reduzidos à escravidão na sua Terra Prometida, como eles próprios confessavam; eles, que em todos os seus escritos falavam de sua servidão no Egito, nesse Egito que detestavam e para onde correram em massa para ganhar algum dinheiro,

desde que Alexandre dignou-se permitir-lhes que se estabelecessem ali. O Reverendo Padre Dom Calmet diz que é preciso entender aqui uma *servidão intrínseca,* o que também é difícil compreender.

A Itália, a Gália, a Espanha e uma parte da Alemanha eram habitadas pelos estrangeiros, que se tornaram senhores, e pelos nativos, que se tornaram servos. Quando Opas, bispo de Sevilha, e o Conde Juliano chamaram os mouros maometanos contra os reis visigodos cristãos, que reinavam dali até os Pireneus, os maometanos, segundo seu costume, exigiram que o povo visigodo se submetesse à circuncisão, ou se batesse e pagasse um tributo em dinheiro e em moças. O Rei Roderico foi vencido e só foram escravizados os que foram presos na guerra.

Mediante pagamento, os colonos guardaram seus bens e sua religião. Foi assim que os turcos fizeram depois na Grécia. Mas impuseram aos gregos um tributo de seus filhos: os machos, para serem circuncisos e servirem como icoglans e janízaros; as moças, para serem criadas nos serralhos. Esse tributo foi depois comprado a peso de ouro. Para o serviço interior das casas, os turcos só possuem escravos comprados dos circassianos, dos mingrelianos e dos pequenos-tártaros.

Entre os africanos muçulmanos e os europeus cristãos, o costume de pilhar e de escravizar tudo que se encontra sobre o mar subsistiu sempre. São aves de rapina que caem uns sobre os outros: argelinos, marroquinos, tunisinos vivem da pirataria. Os religiosos de Malta, sucessores dos religiosos de Rodes, juram pilhar e acorrentar todos os muçulmanos que acharem. As galeras do papa vão prender argelinos ou são presas nas costas setentrionais da África. Os que se dizem brancos vão comprar negros a bons preços para revendê-los na América. Só os pensilvanianos renunciaram solenemente, há pouco tempo, a esse tráfico, que lhes pareceu desonesto.

Seção Segunda

No monte Krapack, onde sabem que moro, li há pouco tempo um livro feito em Paris, cheio de espírito, de paradoxos, de visão e de coragem, de alguma forma como os de Montesquieu, e escrito contra Montesquieu. Nesse livro prefere-se muito mais a escravidão à domesticidade e sobretudo ao estado livre de serviçal. Lamenta-se a sorte desses infelizes homens livres que podem ganhar suas vidas onde queiram pelo trabalho para o qual o homem nasceu e que é tanto o guardião da inocência como o consolador da vida. Ninguém, diz o autor, está encarregado de alimentá-los, de socorrê-los e, no entanto, os escravos eram nutridos e cuidados pelos senhores assim como seus cavalos. Isso é verdade, mas a espécie humana prefere prover-se a depender, e os cavalos nascidos nas florestas as preferem às estrebarias.

Nota com razão que os operários perdem muitos dias de trabalho para ganhar a vida, porque lhes são proibidos. Ora, isso não ocorre porque sejam livres, mas porque temos muitas leis ridículas e muitas festas.

Diz muito corretamente que não foi a caridade cristã que quebrou as correntes da servidão, uma vez que essa caridade as apertou durante mais de doze séculos. Poderia também acrescentar que entre os cristãos, os próprios monges, tão caridosos, ainda possuem escravos, reduzidos a um estado horroroso sob o nome de "amortalháveis", "mãos-mortáveis" e "servos da gleba".

Afirma, o que é verdadeiro, que os príncipes cristãos franquearam os servos só por avareza. Foi, com efeito, para ter o dinheiro amontoado por esses infelizes que lhes assinaram patentes de franquia. A liberdade não lhes foi dada, foi-lhes vendida. O Imperador Henrique V começou: franqueou os servos de Spire a Worms, no século XII; os reis da França o imitaram. Isso prova qual é o preço da liberdade, pois esses homens grosseiros pagaram um preço muito alto por ela.

Enfim, cabe aos homens cujo estado se discute, decidir qual preferem. Interrogai o mais vil serviçal, coberto de andrajos, nutrido com pão preto, dormindo sobre a palha numa cabana entreaberta; perguntai-lhe se quer ser escravo, melhor nutrido, melhor vestido, melhor acomodado. Não somente responderá recuando horrorizado, mas haverá alguns a quem nem mesmo ousareis fazer a proposta.

Em seguida, perguntai a um escravo se deseja ser franqueado e vereis o que vos responderá. Só por aí a questão já está decidida.

Considerai ainda que o serviçal pode tornar-se fazendeiro, e de fazendeiro, proprietário. Na França, pode até mesmo chegar a ser conselheiro do rei, se ganhou bastante. Na Inglaterra, pode ser rendeiro livre, nomear um deputado ao Parlamento. Na Suécia, ele próprio pode tornar-se um membro dos estados da nação. Essas perspectivas são preferíveis à de morrer abandonado num canto do estábulo do senhor.

Seção Terceira

Puffendorf diz que a escravidão foi estabelecida "com um consentimento das partes e por um contrato para fazer a fim de receber".

Só acreditarei em Puffendorf quando mostrar-me o primeiro contrato.

Grotius pergunta se um homem feito cativo na guerra tem o direito de fugir (notai que não fala de um prisioneiro sob palavra de honra). Decide que não tem esse direito: pois não diz que tendo sido ferido não tem o direito de se fazer curar? A natureza decide contra Grotius.

Eis o que avança o autor de *O Espírito das Leis* após ter pintado a escravidão dos negros com o pincel de Molière:

"O Sr. Perry diz que os moscovitas vendem-se facilmente; sei bem a razão. É que sua liberdade não vale nada."

O Capitão Jean Perry, inglês, que descrevia em 1714 o estado presente da Rússia, não diz uma palavra do que *O Espírito das Leis* o faz dizer. Encontramos em Perry somente algumas linhas a respeito da escravidão dos russos, ei-las: "O czar ordenou que em todos os seus Estados ninguém, no futuro, se diga seu *golup* ou escravo mas somente *raap,* que significa súdito. É verdade que esse povo não tirou nenhuma vantagem real, pois ainda hoje é efetivamente escravo".

O autor de *O Espírito das Leis* acrescenta que, segundo a descrição de Guilherme Dampier, "todo mundo procura vender-se no reino de Achem". Seria um estranho comércio. Não vi nada na *Viagem de Dampier* que se aproxime de tal idéia.

É pena que um homem com tanto espírito tenha arriscado tantas coisas e citado falsamente tantas vezes.

Seção Quarta

Servos de corpo, servos da gleba, mãos-mortas etc.

Diz-se comumente que não há mais escravos na França; que é o reino dos francos e que escravo e franco são contraditórios; que se é tão franco que muitos banqueiros são os últimos a morrer, deixando mais de trinta milhões de francos adquiridos às expensas dos descendentes dos antigos francos, se ainda os há. Feliz a nação francesa por ser tão franca! Entretanto, como conformar tanta liberdade com tantas espécies de servidão como, por exemplo, a mão-morta?

Mais de uma bela dama em Paris, brilhando num camarote da Ópera, ignora descender de uma família borgonhesa ou burbonesa ou do Franco-Condado, ou da Marca ou do Auvergne e que sua família ainda é escrava de mão-mortável, mão amortalhável.

Desses escravos, uns são obrigados a trabalhar três dias por semana para seu senhor, outros, dois. Se morrem sem filhos, seus bens pertencem ao senhor; se deixam filhos, o senhor toma somente os animais mais belos, os melhores móveis à sua escolha, em mais de um costume. Em outros costumes, se o filho do escravo mão-mortável não está na casa de escravidão paterna depois de um ano e um dia da morte do pai, perde todos os seus bens e permanece ainda escravo, isto é, se ganhar algum bem por sua engenhosidade, ao morrer o pecúlio pertencerá ao senhor.

Eis ainda melhor: um bom parisiense vai ver seus pais na Borgonha ou no Franco-Condado, permanece um ano e um dia numa casa mão-mortável e retorna a Paris. Todos os seus bens, em qualquer lugar que estejam situados, pertencerão ao senhor fundiário, no caso de o homem morrer sem deixar linhagem.

Pergunta-se, a esse propósito, como o condado de Borgonha recebeu a alcunha de *Franco* com uma tal servidão? Sem dúvida assim como os gregos deram às fúrias o nome de Eumênides, *bons corações*.

Mas, o mais curioso, o mais consolador de toda essa jurisprudência, é que os monges são senhores da metade das terras mão-mortáveis.

Se por acaso um príncipe de sangue, ou um ministro de Estado, ou um chanceler, ou algum de seus secretários lançasse os olhos sobre esse artigo seria bom, na ocasião, lembrar-se que o rei da França declarou à nação, no seu decreto de 18 de maio de 1731, que "os monges e os beneficiários possuem mais da metade dos bens do Franco-Condado".

O marquês de Argens, no *Direito Público Eclesiástico,* diz que em Artois, dos dezoito arados existentes, os monges possuem treze.

Os monges chamam-se a si próprios de *gente de mão-morta,* pois possuem escravos. Talvez isso deva ser colocado na categoria das "contradições".

Quando fizemos algumas censuras modestas sobre essa estranha tirania das pessoas que juraram a Deus serem pobres e humildes, responderam-nos: Há seiscentos anos, mais ou menos, que gozam desse direito, como despojá-las? Replicamos humildemente: Há trinta ou quarenta mil anos, mais ou menos, que as fuinhas estão na posse de comer nossos frangos, mas deram-nos permissão para destruí-las quando as encontrarmos.

N. B. Comer meia onça de ovelha é um pecado mortal para um cartuxo, mas pode em sã consciência comer a substância de uma família inteira. Vi os cartuxos da minha vizinhança herdarem cem mil escudos de um de seus escravos mão-mortáveis, que havia feito essa fortuna com o comércio em Frankfurt. E como é preciso dizer tudo, é verdade que a família despojada teve permissão para vir pedir esmola à porta do convento.

Digamos, portanto, que os monges têm ainda cinqüenta ou sessenta mil escravos mão-mortáveis no reino dos francos. Não se pensou até o presente em reformar essa jurisprudência cristã que acaba de ser abolida nos Estados do rei da Sardenha, mas pensar-se-á nisso. Esperemos somente alguns séculos, quando as dívidas do Estado estiverem pagas.

*Espírito

Seção Primeira

Um homem que tinha alguns conhecimentos do coração humano foi consultado sobre uma tragédia que deveria ser representada. Afirmou que havia tanto espírito nessa peça que duvidava do seu sucesso. O que!?, dir-se-á, é isso um defeito, numa época em que todos querem ter espírito, onde só se escreve para mostrar possuí-lo, onde o público chega a aplaudir os pensamentos mais falsos, quando são brilhantes? Sim, sem dúvida, aplaudir-se-á no primeiro dia, aborrecer-se-á no segundo.

Chamamos espírito tanto uma comparação nova quanto uma alusão fina; tanto o abuso de uma palavra apresentada num sentido para que se entenda num outro, quanto uma relação delicada entre duas idéias pouco comuns; uma metáfora singular, uma busca daquilo que não está imediatamente visível num objeto, e que efetivamente não existe nele. É a arte de reunir duas coisas longínquas, ou de dividir duas coisas que parecem juntar-se, ou de opô-las uma à outra. É dizer um pensamento pela metade para que se adivinhe o resto. Enfim, falar-vos-ia de todas as diferentes maneiras de mostrar espírito, se mais o tivesse eu. Entretanto, todos esses brilhos (e não falo de falsos brilhos) não convêm ou convêm muito raramente a uma obra séria e de interesse,

porque seu uso faz com que só o autor apareça e o público só quer ver o herói. Ora, este último está sempre apaixonado ou em perigo. O perigo e as paixões não procuram espírito. Príamo e Hécuba não fazem epigramas quando seus filhos são degolados em Tróia incendiada. Dido não suspira em madrigais, voando à pira sobre a qual será imolada. Demóstenes não tem belos pensamentos quando anima os atenienses para a guerra; se os tivesse, seria um retórico, mas é um homem de Estado.

A arte admirável de Racine está bem acima do que chamamos *espírito,* mas se Pirro se exprimisse sempre neste estilo: *"Vencido, carregado de ferros, de remorsos consumido,/ Queimado com mais fogos que hei acendido,/ Ai de mim, fui alguma vez tão cruel como o sois?"* ou se Orestes continuasse dizendo: "Que os citas são menos cruéis que Hermíone", estas duas personagens não comoveriam de modo algum. Perceberíamos que a verdadeira paixão muito raramente ocupa-se com semelhantes comparações e que há pouca proporção entre os fogos reais em que Tróia foi consumida e os fogos do amor de Pirro. Entre os citas que imolam homens e Hermíone que não amou Orestes, Cina, falando de Pompeu, diz:

"O céu escolheu sua morte para servir dignamente/
De marca eterna a essa grande mudança/
E deveria essa honra aos manes dum tal homem/
Levar consigo a liberdade de Roma".

Esse pensamento tem um brilho muito grande. Tem muito espírito e mesmo um ar de grandiosidade que impõe. Estou seguro de que esses versos pronunciados com o entusiasmo e a arte de um bom ator serão aplaudidos. Mas estou seguro de que a peça de Cina, escrita nesse gosto, nunca seria representada por muito tempo. Com efeito, por que o céu deveria honrar Pompeu por tornar os romanos escravos após sua morte? O contrário seria mais verdadeiro: os manes de Pompeu deveriam sobretudo obter do céu a manutenção eterna dessa liberdade pela qual se supõe que combateu e morreu.

Que seria, então, uma obra cheia de pensamentos rebuscados e problemáticos? Quão superiores a todas as idéias brilhantes são estes versos simples e naturais:

"Cina, tu te lembras e queres me assassinar!
Sejamos amigos, Cina, sou eu que te convido".

A verdadeira beleza é feita pelo sublime e pelo simples, não pelo "espírito".

Em "Rodogune", Antíoco diz à sua amante, que o deixa após haver-lhe indignamente proposto matar sua mãe: "Ela foge, mas como um parta, trespassando-nos o coração". Antíoco tem espírito. Faz um epigrama contra Rodogune, comparando engenhosamente as últimas palavras que ela diz, ao partir, às flechas que os partas lançavam ao fugir. Mas não é porque a amante o abandona que a proposição de matar sua mãe é revoltante. Que vá ou fique, o coração de Antíoco está igualmente trespassado. O epigrama é, portanto, falso, e se Rodogune não partisse, não haveria lugar para tão mau epigrama.

Escolhi propositalmente esses exemplos nos melhores autores a fim de que sejam mais chocantes. Não relevo os chistes e os jogos de palavras perceptivelmente falsos. Não há quem não ria quando na tragédia do *Velocino de Ouro,* fazendo alusão aos seus sortilégios, Hipsipilo diz a Medéia: "Só tenho atrativos e vós tendes encantos".

Corneille encontrou o teatro e todos os gêneros literários enfeitados com essas puerilidades, mas raramente chegou a permiti-las em sua obra. Não quero falar aqui desses traços de espírito admissíveis alhures e que o gênero sério reprova. Poderíamos aplicar a seus autores o mote de Plutarco, traduzido por Amyot com feliz ingenuidade: "Sem propósito fazes boas propostas".

Volta-me à memória um dos traços brilhantes que vi citar como modelo em muitas obras de gosto e mesmo no *Tratado dos Estudos,* do finado Sr. Rollin. O trecho é tirado da bela *Oração*

Fúnebre, do grande Turenne, composta por Fléchier. É verdade que nessa oração Fléchier quase iguala o sublime Bossuet, que chamei e chamo ainda "o único homem eloqüente" entre tantos escritores elegantes. Parece-me que o traço de que falo não foi empregado pelo bispo de Meaux. Ei-lo:

"Potências inimigas da França, viveis, e o espírito da caridade cristã impede-me fazer algum voto por vossa morte, etc. Mas viveis, e lastimo neste púlpito um sábio e virtuoso capitão, cujas intenções eram puras, etc."

Uma apóstrofe nesse gosto conviria a Roma durante a guerra civil, após o assassinato de Pompeu, ou a Londres, após a morte de Carlos I, porque, com efeito, tratava-se dos interesses de Pompeu e de Carlos I. Mas é decente desejar-se destramente em púlpito a morte do imperador, do rei da Espanha e dos eleitores, e colocar na mesma balança um general do exército do rei inimigo? As intenções de um capitão, que só podem ser as de servir seu príncipe, devem ser comparadas com os interesses políticos das cabeças coroadas contra as quais servia? Que diríamos de um alemão que desejasse a morte do rei da França por causa da perda do General Merci, cujas intenções eram puras? Por que, então, essa passagem foi sempre louvada por todos os retóricos? Porque a figura é nela bela e patética em si mesma, porém não examinam o fundo e a conveniência do pensamento. Plutarco teria dito a Fléchier: "Fizestes sem propósito uma bela proposta".

Volto ao meu paradoxo, ou seja, que todos esses brilhos, a que damos o nome de espírito, não devem aparecer nas grandes obras, feitas para instruir ou para comover. Direi que devem ser banidos mesmo da ópera. A música exprime as paixões, os sentimentos, as imagens; mas onde estão os acordes que um epigrama possa fornecer?

. . . . . .

Esses jogos da imaginação, essas finuras, esses rodeios, esses traços inopinados, essas graças, essas pequenas sentenças cortadas, essas familiaridades engenhosas que se prodigalizam hoje, só são convenientes às pequenas obras de pura recreação e adorno. A fachada do Louvre, de Perrault, é simples e majestosa. Um escritório pode receber com graça pequenos ornamentos. Tende tanto espírito quanto quiserdes ou quanto puderdes num madrigal, em versos leves, numa cena de comédia, nem apaixonada nem ingênua, num cumprimento, num pequeno romance, ou numa carta, onde vos alegrais para alegrardes vossos amigos.

Longe de mim reprovar Voiture por ter posto espírito em suas cartas. Pelo contrário, considero que não possuía muito, embora o procurasse sempre. Diz-se que os mestres da dança fazem mal a reverência porque querem fazê-la muito bem. Creio que Voiture freqüentemente esteve neste caso. Suas melhores cartas são estudadas, sente-se que se cansa para procurar o que se apresenta tão naturalmente ao Conde Antoine Hamilton, à senhora de Sevigné e a tantas outras senhoras que, sem esforço, escrevem essas bagatelas melhor do que Voiture, que as escrevia a duras penas. Despréaux, que havia ousado comparar Voiture a Horácio nas suas primeiras sátiras, quando seu gosto amadureceu com a idade mudou de opinião. Sei que importa muito pouco aos negócios deste mundo que Voiture seja ou não um grande gênio, que tenha feito somente algumas belas cartas, ou que todos os seus gracejos sejam modelares. Mas nós, que cultivamos e amamos as artes, prestamos grande atenção ao que é indiferente ao resto do mundo. Para nós, o bom gosto em literatura é o mesmo que o vestuário nas mulheres. Desde que não se confunda opinião com partido, parece-me que ousadamente poderíamos dizer que há em Voiture poucas coisas excelentes, e que Marot facilmente se reduziria a umas poucas páginas.

Não queremos roubar-lhes a reputação, pelo contrário, queremos saber justamente o que lhes valeu essa reputação que tanto respeitamos e quais são as verdadeiras belezas que esconderam seus defeitos. É preciso saber o que devemos imitar e o que devemos evitar. Este é o verdadeiro fruto do estudo aprofundado das belas-letras. Assim fazia Horácio quando examinava criticamente Lucílio, e, embora isto lhe tivesse valido inimigos, estes acabaram sendo esclarecidos também.

O desejo de brilhar e de dizer de uma maneira nova o que outros já disseram é a fonte de expressões novas e de pensamentos amaneirados. Quem não pode brilhar por um pensamento quer fazer-se notar pela palavra. (. . .) Por que evitar uma expressão de uso corrente para introduzir outra que diz precisamente a mesma coisa? Uma palavra nova só é perdoável quando é absolutamente necessária, inteligível e sonora. Em física, uma nova máquina, uma nova descoberta

exigem uma palavra nova e se é obrigado a criá-la. Porém, há novas descobertas no coração humano? Existe uma outra grandeza fora aquela de Corneille e de Bossuet? Outras paixões diferentes das manejadas por Racine, afloradas por Quinault? Outra moral evangélica que a do Padre Bourdalove?

Os que acusam nossa língua de não ser bastante fecunda devem encontrar esterilidade, com efeito, mas neles próprios: *Rem verba sequuntur.* [45]

Quando se está bem invadido por uma idéia, quando um espírito justo e cheio de calor é senhor de seu pensamento, este sai de seu cérebro já ornado de expressões convenientes, como Minerva saiu já armada do cérebro de Júpiter. Enfim, tudo nos leva a concluir que não é preciso procurar os pensamentos, nem os rodeios, nem as expressões, e que a arte em todas as grandes obras está em raciocinar bem sem colocar muitos argumentos; em pintar bem, sem querer pintar tudo; em emocionar, sem querer excitar sempre as paixões. Sem dúvida, dou aqui belos conselhos. Eu próprio os segui? Infelizmente, não!

Pauci, quos aequus amavit
Jupiter, aut ardens evexit ad aethera virtus,
dis geniti potuere. [46]

Seção Segunda

A palavra *espírito,* quando significa *uma qualidade da alma,* é um desses termos vagos, pronunciados quase sempre num sentido diferente por todos os que os empregam; não exprime o mesmo que julgamos, gênio, gosto, talento, penetração, extensão, graça, finura, mas deve ter todos esses méritos. Poderíamos defini-lo como *razão engenhosa.*

É uma palavra genérica que sempre necessita de uma outra palavra que a determine, e quando se diz: "Eis uma obra cheia de espírito", "um homem que tem espírito", tem-se muita razão ao perguntar: qual? O espírito sublime de Corneille não é o espírito exato de Boileau, nem o espírito ingênuo de La Fontaine. O espírito de La Bruyère, que é a arte de pintar singularmente, não é o de Malebranche, que é o da imaginação com a profundidade.

Quando se diz que um homem tem um espírito judicioso, entende-se que tem uma razão apurada e não aquilo que chamamos espírito. Um espírito firme, macho, corajoso, grande, pequeno, fraco, leve, doce, arrebatado, etc., significa *o caráter e a têmpera da alma,* e não tem relação com o que se entende na sociedade pela expressão: "ter espírito".

O espírito, na acepção comum da palavra, contém muito do belo espírito e, entretanto, não significa precisamente a mesma coisa, pois jamais o termo "homem de espírito" pode ser tomado maldosamente e "belo espírito" é algumas vezes pronunciado ironicamente.

Donde vem essa diferença? É que um "homem de espírito" não significa "espírito superior", "talento notável" tal como "belo espírito" significa. Esta expressão, "homem de espírito", não anuncia pretensão, e "belo espírito" é um cartaz, é uma arte que pede erudição, é uma espécie de profissão e por isso expõe à inveja e ao ridículo.

Nesse sentido, o Padre Bouhours teria razão ao dizer, segundo o Cardeal Duperron, que os alemães não tinham pretensões a ter espírito porque seus sábios ocupavam-se unicamente com obras laboriosas e pesquisas penosas, que não lhes permitiam espalhar flores, nem que se esforçassem para brilhar ou que o belo espírito se misturasse com a sabedoria.

Os que desprezam o gênio de Aristóteles em vez de condenar apenas sua *Física,* que não poderia ser boa estando privada da experiência, talvez ficassem bastante espantados vendo que Aristóteles ensinou perfeitamente em sua *Retórica* a maneira de dizer coisas com espírito. Diz que tal arte consiste em deixar de usar a palavra própria (que já não diz nada novo) e em seu lugar

[45] As palavras seguem a coisa. (N. do E.)
[46] Só os poucos, que Júpiter benevolente amou, ou a virtude excelsa ao éter elevou, alcançaram a condição de filhos dos deuses. (N. do E.)

empregar uma metáfora, uma figura cujo sentido seja claro e a expressão enérgica. Mostra muitos exemplos e, entre outros, o de Péricles ao falar de uma batalha onde a mais florescente juventude de Atenas perecera: "O ano foi despojado da sua primavera".

Aristóteles tem bastante razão ao dizer que é preciso o novo.

O primeiro que, para exprimir a mistura dos prazeres com a amargura, os comparou com rosas cheias de espinhos teve espírito; aqueles que o repetiram não tiveram nenhum.

Não é sempre por uma metáfora que nos exprimimos espirituosamente. Pode ser através de um novo circunlóquio, deixando-se adivinhar sem dificuldade uma parte do pensamento. É o que chamamos "finura", "delicadeza", e que são tanto mais agradáveis quanto mais exercitem e valorizem o espírito dos outros.

As alusões, as alegorias, as comparações são um vasto campo de pensamentos engenhosos. Os efeitos da natureza, a fábula, a história apresentados à memória fornecem uma imaginação feliz dos traços que o espírito empregará depois propositalmente.

. . . . . .

O ponto principal é saber até onde o espírito deve ser admitido. Está claro que nas grandes obras deve-se empregá-lo com sobriedade e por isso mesmo nelas é um ornamento apenas. A grande arte está na pertinência.

Um pensamento fino e engenhoso, uma comparação justa e florida são defeitos quando só a razão ou a paixão deveriam falar, ou então quando se deve tratar de grandes interesses. Nesses casos não há o falso belo espírito mas o espírito deslocado, e toda beleza fora de lugar deixa de ser beleza. Virgílio nunca teve esse defeito que entretanto se pode censurar algumas vezes no Tasso, por mais admirável que seja. Esse defeito ocorre porque o autor, cheio de suas próprias idéias, quer exibir-se quando deveria mostrar suas personagens.

A melhor maneira de conhecer o uso que devemos fazer do espírito é ler um pequeno número de boas obras de gênio que temos nas línguas cultas e na nossa.

O *falso espírito* é diferente do *espírito deslocado*. Não é somente um pensamento falso, pois poderia ser falso sem ser engenhoso, é um pensamento falso e rebuscado.

. . . . . .

O gosto falso é diferente do falso belo espírito, porque este é sempre uma afetação, um esforço mal feito, enquanto o outro é freqüentemente um hábito de compor mal sem esforço e de seguir por instinto um mau exemplo estabelecido.

A intemperança e a incoerência das imaginações orientais é um falso gosto, mas é mais uma falta de espírito do que um abuso de espírito.

As estrelas que caem, as montanhas que se fendem, os rios que recuam, o Sol e a Lua que se dissolvem, comparações falsas e gigantescas, a natureza sempre ultrajada, são as características desses escritores, porque nesses países, onde nunca se falou em público, a verdadeira eloqüência não pode ser cultivada e é muito mais fácil ser empolado do que justo, fino e delicado.

O falso espírito é precisamente o contrário de idéias triviais e empoladas. É uma procura fatigante de traços finos, uma afetação para dizer em enigma o que os outros já disseram naturalmente, para aproximar idéias que parecem incompatíveis, para dividir o que deve ser reunido, para tomar relações falsas, para misturar indecentemente a galhofa com o sério e o pequeno com o grande.

Seria um trabalho supérfluo amontoar citações onde se encontra o termo *espírito*. Examinaremos apenas uma de Boileau, que é citada no grande *Dicionário de Trévoux:* "É próprio dos grandes espíritos, quando começam a envelhecer e a declinar, satisfazer-se com contos e fábulas". Essa reflexão não é verdadeira. Um grande espírito pode cair nessa fraqueza, a qual não é, porém, própria dos grandes espíritos. Nada é mais capaz de extraviar a juventude do que citar erros dos bons escritores como exemplo.

Não se pode esquecer de dizer aqui em quantos sentidos diferentes a palavra *espírito* é empregada. Não é um defeito da língua; é, pelo contrário, uma vantagem ter assim tantas raízes ramificando-se em várias direções.

Espírito de corpo, de sociedade: para exprimir os usos, a maneira de falar e de se conduzir, os preconceitos de um grupo.

Espírito de partido: que está para o espírito de corpo como as paixões para os sentimentos comuns.

Espírito de uma lei: para distinguir a intenção; é nesse sentido que se diz: "A letra mata e o espírito vivifica".

Espírito de uma obra: para exprimir-lhe o caráter e o fim.

Espírito de vingança: para significar *desejo* e *intenção* de vingar-se.

Espírito de discórdia, de revolta, etc.

Foi citado num dicionário *espírito de polidez,* baseado num autor denominado Bellegarde, que não tem autoridade alguma. Devem-se escolher com um cuidado escrupuloso os autores e os exemplos. Não se diz *espírito de polidez* como se diz *espírito de vingança,* de *dissensão,* de *facção,* porque a polidez não é uma paixão animada por um forte motivo que a conduza, e que metaforicamente chamamos *espírito.*

Espírito familiar diz-se num outro sentido e significa esses seres intermediários, esses gênios, esses demônios admitidos na Antiguidade, como por exemplo, o *espírito de Sócrates,* etc.

Espírito significa algumas vezes a parte mais sutil da matéria: fala-se em *espíritos animais, espíritos vitais,* para significar o que nunca se viu e que dá movimento à vida. Esses espíritos que cremos correr rapidamente nos nervos são provavelmente um fogo sutil. O Dr. Mead é o primeiro que parece tê-lo provado, no prefácio do *Tratado sobre os venenos.*

Espírito, em química, é ainda um têrmo que recebe várias acepções diferentes, mas que significa sempre a parte sutil da matéria. Neste sentido há longinquamente *espírito* no *bom espírito* e no *belo espírito.* Como tudo é metáfora em todas as línguas, a mesma palavra pode dar idéias diferentes sem que o vulgo se aperceba.

Seção Terceira

Essa palavra não é uma grande prova de imperfeição das línguas, do caos onde estão ainda e do acaso que dirige quase todas as nossas concepções?

Agradou aos gregos, assim como a outras nações, chamar "vento", "sopro", "pneuma", o que entendiam vagamente por respiração, vida, alma. Assim, em certo sentido, na Antiguidade, alma e vento eram a mesma coisa. E se dissessemos que o homem é uma máquina pneumática só teríamos traduzido os gregos. Os latinos imitaram os gregos e serviram-se da palavra "spiritus", espírito, sopro. "Anima" e "spiritus" eram a mesma coisa.

O *rouhak* dos fenícios e, conforme se pretende, dos caldeus, significa o mesmo: "sopro" e "vento".

Quando se traduziu a Bíblia em latim, empregou-se sempre indiferentemente a palavra sopro, *espírito, vento,* alma. *Spiritus Dei ferebatur super aquas,* o vento de Deus, o espírito de Deus pairava sobre as águas.

Spiritus vitae, o sopro da vida, a alma da vida.

Inspiravit in faciem ejus spiraculum, ou *spiritum vitae:* e ele soprou sobre sua face o sopro da vida, o espírito da vida. E, segundo o hebraico, soprou em suas narinas um sopro, um espírito de vida.

Haec quum dixisset, insuflavit et dixit eis: Accipite spiritum sanctum. Tendo dito isso, soprou sobre eles e lhes disse: Recebei o sopro santo, o espírito santo.

Spiritus ubi vult spirat, et vocem ejus audis, sed nescis unde veniat: o espírito, o vento sopra onde quer, e ouvis sua voz (sem barulho), mas não sabeis de onde vem.

Isso está longe das nossas brochuras do Quai des Augustins e do Pont-Neuf, intituladas *Espírito de Marivaux, Espírito de Desfontaines,* etc.

O que em francês entendemos comumente por espírito, belo espírito, traço de espírito, etc.

significa: pensamentos engenhosos. Nenhuma outra nação fez tal uso da palavra *spiritus*. Os latinos diziam *ingenium;* os gregos, *eufuia,* ou então empregavam adjetivos. Os espanhóis dizem *agudo, agudeza.*

Os italianos empregam comumente o termo *ingegno.*

Os ingleses servem-se da palavra *wit, witty,* cuja etimologia é bela! Pois significava antigamente *sábio.*

Os alemães dizem *verständig;* quando querem exprimir pensamentos engenhosos, vivos, agradáveis, dizem "ricos em sentido", *sinn-reich.* Por isso os ingleses, que mantiveram muitas expressões da antiga língua germânica e francesa, dizem: *sensible man.*

Assim, quase todas as palavras que exprimem as idéias do entendimento são metáforas. O *ingegno* ou *ingenium* é tirado do que engendra; a *agudeza,* do que é pontudo; o *sinn-reich,* rico em sentido; o espírito, do vento; e o *wit,* da sabedoria.

Em todas as línguas aquilo que corresponde ao espírito em geral varia, e quando dizeis: "Este homem tem espírito", estamos no direito de perguntar-vos qual.

Girard, no seu útil livro de definições, intitulado *Sinônimos Franceses,* conclui assim: "No comércio com as damas é preciso ter espírito ou o jargão que aparenta espírito" (o que não é honrá-las; merecem melhor). "O entendimento é próprio dos políticos e das cortesãs". Parece-me que o entendimento é necessário em todos os lugares e é bastante extraordinário ver um entendimento *próprio de.*

"O gênio convém a gente que faz projetos e gastos." Ou me engano, ou o gênio de Corneille era feito para todos os espectadores; o gênio de Bossuet para todos os ouvintes e também, em particular, para as pessoas que gastam.

As palavras que correspondem a *spiritus,* espírito, vento, sopro, em todas as nações dão necessariamente a idéia de ar. Por isso todas supuseram que o ar fosse nossa faculdade de pensar, de agir, o que nos anima. E a partir dessa suposição, julgou-se que nossa alma fosse ar sutil. Pelo mesmo motivo, os manes, os espíritos, as almas-do-outro-mundo, as sombras foram compostos de ar. Por isso dizíamos, não faz muito tempo: "Um espírito apareceu-lhe"; "tem um espírito familiar"; "aparecem espíritos neste castelo". E o populacho ainda o diz.

Somente as traduções dos livros hebraicos em mau latim empregaram a palavra *spiritus* nesse sentido.

Manes, umbrae, simulacra, são expressões de Cícero e de Virgílio. Os alemães dizem *geist,* os inglêses *ghost,* os espanhóis *duende, trasgo,* os italianos parecem não ter um termo significando *alma-do-outro-mundo.* Só os franceses serviram-se da palavra *espírito.* Para todas as nações a palavra própria deve ser *fantasma, imaginação, sonho, parvoíce, intrujice.*

. . . . . .

Seção Quinta

Na Inglaterra, para exprimir que um homem tem muito espírito, diz-se que tem grandes partes, *great parts.* Donde poderia vir essa maneira de falar que espanta hoje em dia os franceses? Deles próprios. Outrora nos servíamos comumente da palavra *partes* naquele sentido. Clélia, Cassandra, os demais antigos romanos só falam das partes de seus heróis e heroínas, e essas partes são seu espírito. Não poderiam melhor se exprimir. Com efeito, quem pode ter tudo? Cada um de nós só possui sua porçãozinha de inteligência, de memória, de capacidade, de profundidade de idéias, de extensão, de vivacidade, de finura. A palavra *partes* é a mais conveniente para seres tão fracos como o homem. Os franceses deixaram escapar de seus dicionários uma expressão que os ingleses apanharam, e mais uma vez enriqueceram-se à nossa custa.

Vários escritores filósofos espantaram-se com o fato de que, todo mundo pretendendo ter espírito, ninguém ouse gabar-se de tê-lo.

"A inveja", segundo dizem, "permite a cada um ser o panegirista de sua probidade e não de seu espírito." A inveja permite que se faça a apologia de sua probidade, não de seu espírito: por quê? É que é necessário passar por homem de bem e não é absolutamente necessário ter a reputação de homem de espírito.

Levantou-se a questão de saber se todos os homens nascem com o mesmo espírito, as mesmas disposições para as ciências, ou se tudo depende de sua educação e das circunstâncias em que se encontram. Um filósofo, que tinha o direito de acreditar-se nascido com alguma superioridade, pretendeu que os espíritos são iguais. Entretanto, é sempre o contrário que se tem visto. De quatrocentas crianças educadas juntas pelos mesmos mestres, sob a mesma disciplina, apenas cinco ou seis fazem progressos bem nítidos. O grande número é sempre de medíocres, e entre estes ainda encontramos matizes. Em uma palavra, os espíritos diferem mais do que os rostos.

Seção Sexta

Falso Espírito

Existem cegos, zarolhos, vesgos, caolhos, há vista comprida, vista curta, ou distinta, ou confusa, ou fraca, ou infatigável. Isso também é uma imagem bastante fiel do nosso entendimento, mas não se conhece quase nada de vista falsa. Não há muitas pessoas que tomem sempre um homem por um cavalo, nem um urinol por uma casa. Por que encontramos tão freqüentemente espíritos, aliás muitos justos, que são absolutamente falsos sobre coisas importantes? Por que o mesmo siamês, que jamais se deixará enganar quando for questão de pagar-lhe três rupias, crê firmemente nas metamorfoses de Samonocodão? Qual a estranha bizarrice que leva homens sensatos parecerem-se com Dom Quixote, que acreditava ver gigantes onde os outros homens só viam moinhos de vento? Dom Quixote era mais desculpável do que o siamês crente de que Samonocodão veio várias vezes à terra, ou do que o turco persuadido de que Maomé colocou metade da Lua em sua manga. Dom Quixote, atacado pela idéia de que devia combater gigantes, podia imaginar que estes deveriam ter o corpo tão grande quanto um moinho e os braços tão longos quanto suas asas, mas de que suposição pode partir um homem sensato para se persuadir de que metade da Lua entrou numa manga e de que um Samonocodão desceu do céu para empinar papagaio em Sião, cortar uma floresta e fazer passes de mágica?

Os maiores gênios podem ter espírito falso sobre um princípio que admitiram sem exame. Newton tinha o espírito muito falso quando comentou o *Apocalipse*.

Tudo o que certos tiranos da alma desejam é que os homens a quem ensinam tenham o espírito falso. Um faquir cria uma criança que promete muito. Emprega cinco ou seis anos a meter-lhe na cabeça que o deus Fô apareceu aos homens como um elefante branco e persuade a criança de que será chicoteada após sua morte, durante quinhentos mil anos, se não acreditar nessas metamorfoses. Acrescenta que no fim do mundo o inimigo do deus Fô virá combatê-lo.

A criança estuda, torna-se um prodígio e argumenta a partir das lições de seu mestre. Acha que Fô só pode transformar-se em elefante branco porque este é o mais belo dos animais. Os reis de Sião e Pegu, diz, guerrearam por um elefante branco; certamente se Fô não estivesse escondido nesse elefante esses reis não teriam sido tão insensatos de combaterem pela posse de um simples animal.

O inimigo de Fô virá desafiá-lo no fim do mundo. Certamente esse inimigo será um rinoceronte, pois este combate o elefante. É assim que raciocina numa idade madura o sapiente aluno do faquir e torna-se uma das luzes da Índia. Quanto mais seu espírito for sutil, mais falso será e, em seguida, formará espíritos falsos como o seu.

Mostra-se a todos esses energúmenos um pouco de geometria, que aprendem facilmente, mas, coisa estranha, seu espírito não se endireita com isso! Percebem as verdades da geometria, mas estas não lhes ensinam a pesar as probabilidades. Pegaram o costume e raciocinarão atravessado para o resto de suas vidas. Estou desolado por eles.

Infelizmente há muitas maneiras de se ter falso espírito: 1.º não examinar se o princípio é verdadeiro, mesmo quando dele deduzimos conseqüências justas. Essa maneira é *comum*. 2.º *tirar* conseqüências falsas de um princípio reconhecido como verdadeiro. Por exemplo, um doméstico é interrogado por pessoas que suspeita quererem matar seu amo, que se encontra em seu quarto. Seria bastante tolo se lhes dissesse a verdade, sob o pretexto de que não se deve mentir. Está claro

que teria tirado uma conseqüência absurda de um princípio muito verdadeiro. Como o homicídio é proibido, um juiz que condenasse um homem porque matou um outro que queria assassiná-lo seria tão iníquo quanto mau raciocinador.

Casos semelhantes se repartem em mil matizes diferentes. O bom espírito, o espírito justo, é o que os desenreda. Foi por isso que vimos tantos julgamentos iníquos, não que o coração dos juízes fosse maldoso, mas porque não estavam bastante esclarecidos.

Estados, Governos

Qual é o melhor?

Ainda não conheci até hoje ninguém que tenha governado um Estado. Não falo dos senhores ministros que, em verdade, governam dois ou três anos, uns; seis meses, outros; seis semanas, ainda outros; falo de todos aqueles homens que, à hora da ceia ou no íntimo dos gabinetes, explanam o seu sistema de governo, reformando os exércitos, a Igreja, o vestuário e a finança.

O abade de Bourzeis começou a governar a França cerca do ano de 1645, sob o nome de cardeal de Richelieu e fez esse *Testamento Político* pelo qual pretende alistar a nobreza na cavalaria por três anos, manda pagar a derrama aos tribunais de contas e aos parlamentos, priva o rei da receita da gabela [47]; garante sobretudo que, para entrar em campanha com cinqüenta mil homens, devem-se por economia recrutar cem mil. Afirma que "só a Provença tem muito mais portos de mar que a Espanha e a França juntas".

O abade de Bourzeis nunca tinha viajado. De resto, a sua obra está inçada de anacronismos e dislates; põe o cardeal de Richelieu a assinar duma forma como ele nunca assinou, bem como o faz falar como ele jamais falou. Acresce que preenche um capítulo inteiro a dizer que "a razão deve ser a regra de um Estado", e a tentar provar essa descoberta. Essa obra diabólica, produto bastardo do abade de Bourzeis, durante muito tempo passou por filha legítima do cardeal de Richelieu; e todos os acadêmicos, nas suas arengas, nunca se esqueciam de exaltar desmedidamente essa obra-prima da política.

O Sr. Gatien de Courtilz, ao ver o êxito do *Testamento Político,* de Richelieu, mandou imprimir, em Haia, o *Testamento de Colbert,* com uma formosa carta de Colbert dirigida ao rei. É evidente que se esse ministro fosse autor de semelhante testamento, teria de ser dado por interdito e suspenso do cargo; contudo, este livro foi citado por alguns autores.

Um outro patifório, de quem se desconhece o nome, arranjou logo processo de lançar a público o *Testamento de Louvois,* ainda pior, se possível, do que o de Colbert; um abade de Chevremont pôs também a testar o Duque Carlos da Lorena. Tivemos seguidamente os testamentos políticos do Cardeal Alberoni, do Marechal de Belle-Isle e, finalmente, o de Mandrin.

De Bois-Guillebert, autor do *Pormenor da França,* impresso em 1695, apresentou o projeto inexeqüível do dízimo real, sob o nome do Marechal de Vauban.

Um louco chamado La Jonchère, que não possuía cheta, magicou em 1720 um projeto financeiro em quatro volumes; e alguns imbecis citaram essa produção como uma obra de La Jonchère, o tesoureiro-geral, supondo que um tesoureiro não pode fazer um mau livro de finanças.

Mas havemos de concordar que alguns homens houve, muito sábios e sensatos, talvez até muito dignos da governação, que têm escrito acerca da administração pública, quer em França, quer na Espanha ou na Inglaterra. Os seus livros foram de grande utilidade: não se julgue que tenham corrigido os ministros então no exercício do poder, quando tais livros apareceram, porque um ministro nunca se corrige nem deixa corrigir por outrem. Segue uma linha determinada; não lhe valem instruções nem conselhos alheios; não tem, sequer, tempo para os ouvir; a acumulação, o ritmo dos assuntos a resolver arrastam-no num autêntico turbilhão; mas esses livros bons educam a juventude, que virá mais tarde a ocupar funções de chefia; educam os príncipes e a segunda geração fica mais instruída e mais competente.

[47] A gabela era um direito sobre o sal que se cobrava em França antes da Revolução de 1789. (N. dos T.)

A fraqueza e a força de todos os governos foi mui de perto examinada nos últimos tempos. Dizei-me, pois, vós que tendes viajado, que muito tendes lido e visto, em que Estado, sob qual regime político, gostaríeis de ter nascido? Percebo perfeitamente que um grande senhor latifundiário de França não ficaria aborrecido por ter nascido na Alemanha; ali seria soberano em vez de súdito. A um par de França havia de ser-lhe grato ter os privilégios do pariato inglês, pois seria legislador.

O homem togado e o financeiro achar-se-iam melhor em França que algures.

Mas que pátria deveria escolher um homem sensato, livre, um homem de parca fortuna e sem preconceitos?

Um membro do Conselho de Pondichéry, criatura bastante ilustrada, regressava à Europa por terra na companhia de um brama, bastante mais instruído do que vulgarmente os bramas costumam ser. — "Como achais o governo do grão-mogol?" perguntou o conselheiro. — "Abominável", respondeu o brama. "Como quereis que um Estado seja governado capazmente, e com êxito, por tártaros? Os nossos *raias,* os nossos *omras,* os nossos nababos, estão todos muito satisfeitos, mas já não assim os cidadãos, e alguns milhões de cidadãos ainda devem valer qualquer coisa."

O conselheiro e o brama atravessaram a Ásia inteira, observando e discutindo. — "Reparai numa coisa", disse o brama; "não há nenhum Estado republicano nesta vasta parte do mundo." — "Houve outrora a república de Tyr", disse o conselheiro, "mas pouco durou. Também havia outra para os lados da Arábia Pétrea, num recanto chamado Palestina, se podemos honrar com o nome de república uma horda de gatunos e usurários, tão depressa governada por juízes como por uma espécie de reis, ora, ainda, por grandes pontífices, horda que foi submetida e escravizada sete ou oito vezes e acabou por ser expulsa da região que tinha ocupado."

— "Compreendo que devem encontrar-se à face da Terra muito poucas repúblicas", disse o brama. "Raramente os homens são dignos de se governarem a si próprios. Essa felicidade apenas deve pertencer aos pequenos povos que se escondem nas ilhas, ou entre as montanhas, como coelhos bravos que se esquivam dos animais carnívoros; mas, por fim, são descobertos e acabam também por ser devorados."

Quando os dois viajantes chegaram à Ásia Menor, o conselheiro disse ao brama: — "Sereis por acaso capaz de acreditar que houve uma república formada num cantinho da Itália, a qual durou mais de quinhentos anos e que dominou esta Ásia Menor, a Ásia, a África, a Grécia, as Gálias, a Espanha e a Itália inteira?" — "E transformou-se depois numa monarquia?" indagou o brama. — "Advinhaste-lo", disse o outro; "mas essa monarquia caiu e todos os dias lemos belas dissertações para encontrar as causas da sua decadência e da sua queda." — "Incomodais-vos por nada", respondeu o indiano; "esse império caiu porque existia. Tudo vem a cair; e tenho esperança de que aconteça outro tanto ao império do grão-mogol." — "A propósito", disse o europeu, "acreditais que seja necessária mais honra num Estado despótico e mais virtudes numa república?" Depois de lhe ter sido explicado o que se entende por honra, o indiano respondeu que a honra era mais necessária numa república e que era mais necessária a virtude num Estado monárquico. — "Porque", disse, "um homem que pretenda ser eleito pelo povo não o conseguirá se estiver desonrado; ao passo que numa corte facilmente poderá obter um cargo, conforme aquele preceito de um alto príncipe que costumava dizer que um cortesão, para triunfar, não devia ter honra nem mau humor. No que respeita à virtude, é prodigiosamente precisa numa corte, mas para ousar dizer a verdade. O homem virtuoso está muito mais à vontade numa república, pois ali não tem que lisonjear seja quem for."

— "Acreditais", inquiriu o homem da Europa, "que as leis e as religiões sejam feitas para os climas, tal como fazem falta as peles em Moscou e os tecidos de gaze em Delhi?" — "Decerto", respondeu o brama; "todas as leis que dizem respeito à física são calculadas pelo meridiano onde se habita; uma só mulher chega e sobeja para um alemão, ao passo que um persa possui três ou quatro. Os ritos da religião são da mesma natureza. Como podia eu, se fosse cristão, dizer missa na minha província natal, onde não há pão nem vinho? Acerca dos dogmas, porém, já o caso é outro; o clima para aí não conta nada. A vossa religião não começou na Ásia, donde a expulsaram? Não é agora praticada para as bandas do mar Báltico, onde era desconhecida?"

— "Qual é o Estado, sob qual regime, gostaríeis mais de viver?" perguntou o conselheiro. — "Em qualquer parte fora da minha pátria", respondeu-lhe o companheiro; "e tenho encontrado

muitos siameses, tonquineses, persas e turcos que afirmam outro tanto." — "Mas", insistiu o europeu, "qual Estado escolheríeis?" O brama respondeu: — "Aquele onde todos obedecem às leis". — "É essa uma antiga resposta", disse o conselheiro. — "Lá por isso, não se diga que é uma resposta má", redargüiu o brama. — "E onde é esse país?" perguntou o conselheiro. O brama disse: — "Há que procurá-lo." [48]

Evangelho

Constitui um grande problema saber quais são os primeiros evangelhos. É uma verdade indubitável, diga Abbadie o que disser, que nenhum dos primeiros Padres da Igreja [49] até Ireneu, inclusive, cita qualquer passo dos quatro evangelhos que nós hoje conhecemos.

Pelo contrário, os teodosianos rejeitaram constantemente o Evangelho de São João e falaram dele sempre com desprezo, como afirma Santo Epifânio na sua homilia trigésima segunda. Os nossos inimigos apontam ainda que não só os mais antigos padres nunca citam nada dos evangelhos, mas referem ainda vários passos os quais apenas se encontram nos evangelhos apócrifos, rejeitados pelo cânone.

São Clemente, por exemplo, conta que tendo sido Nosso Senhor interrogado acerca do tempo em que viria o seu reino, respondeu assim: "Será quando dois forem só um, quando o que está de fora se assemelhe ao que está dentro e quando não houver macho ou fêmea". Ora, devemos confessar que este passo não se encontra em nenhum dos nossos evangelhos. Há cem outros exemplos que provam esta verdade; podem ser recolhidos no *Exame Crítico,* de Fréret, secretário perpétuo da Academia de Literatura de Paris.

O sábio Fabrício dedicou-se à tarefa de reunir os antigos evangelhos que o tempo poupou; o de Tiago parece ser o primeiro. É certo que goza ainda de grande autoridade nalgumas igrejas do Oriente. Chamou-se-lhe o primeiro Evangelho. Dele nos ficaram a paixão e a ressurreição, que se supõe tenham sido escritas por Nicodemo. Este Evangelho de Nicodemo é citado por São Justino e por Tertuliano; é aí que se encontram os nomes dos acusadores do Salvador: Anás, Caifás, Summas, Datam, Gamaliel, Judas, Levi, Neftalim. O cuidado em mencionar esses nomes dá uma certa aparência de sinceridade a toda a obra. Os nossos adversários concluíram logo que já que tantos falsos evangelhos foram, a princípio, considerados autênticos pode-se também ter suposto como autênticos aqueles que são, ainda agora, objeto da nossa crença. Insistem muito na fé dos primeiros heréticos que morreram por causa desses evangelhos apócrifos. Houve com certeza, afirmam eles, falsários, sedutores e pessoas seduzidas que morreram no erro: não é isso então uma prova da verdade da nossa religião, que tenha havido mártires que se sacrificaram até à morte por ela?

Acrescentam, ainda, que nunca se pergunta aos mártires: "Acreditais no Evangelho de João ou no Evangelho de Tiago?" Os pagãos não podiam basear interrogatórios sobre livros que não

[48] Veja o artigo *Genebra,* na *Enciclopédia.* (N. do A.)

[49] Padres da Igreja — expressão (mais célebre do que explícita) pela qual se designam os autores de uma literatura religiosa que, começando a partir do século II, se espraia pelos séculos seguintes. Padres da Igreja é um termo que evoca, nas prateleiras das bibliotecas de conventos e seminários, as majestosas séries de in-quartos publicados há cem anos pelo Abade Migne, sob o título geral de *Patrologiae Cursus Completus* — 277 volumes de patrologia latina e 161 de patrologia grega, limitando-nos aos textos gregos e latinos e deixando de lado os Padres Sírios, Coptas e Armênios; e, por outro lado, tem o termo um sentido cronológico muito vasto, estendendo-se, no que respeita ao Ocidente, até à morte de Inocêncio III (1216), e até o século XV no que diz respeito ao Oriente. Só por extensão se poderá chamar "Padre da Igreja" a São Bernardo; os primeiros padres, aqueles que verdadeiramente fundaram o pensamento cristão, são os dos cinco primeiros séculos, até à queda do Império Romano. O termo *padre* designava, na origem, os chefes das igrejas, os bispos; foi este o sentido que conservou para o primeiro dos bispos, o de Roma, o papa. Neles residia toda a autoridade, quer doutrinária, quer disciplinar. Mais tarde, o termo passou a aplicar-se aos defensores da doutrina, principalmente àqueles que, perante os hereges, lutavam pela fé, embora não tivessem caráter episcopal. Mas nem todos os autores cristãos que versaram temas religiosos são denominados Padres da Igreja. (N. dos T.)

conheciam: os magistrados puniram alguns cristãos como perturbadores da ordem pública; mas nunca os interrogaram sobre os nossos quatro evangelhos. Estes apenas foram um pouco conhecidos entre os romanos no tempo de Trajano e não andaram nas mãos do público antes dos últimos anos de Diocleciano. Os socinianos rígidos consideram, pois, os nossos quatro evangelhos como obras clandestinas, fabricadas cerca de um século depois de Jesus Cristo e cuidadosamente escondidas dos gentios durante o século seguinte; afirmam que são obras grosseiramente redigidas por homens grosseiros, obras que durante muito tempo se destinavam ao uso da população. Não queremos repetir aqui as outras muitas blasfêmias que diziam. Essa seita, embora bastante divulgada, anda hoje tão escondida como andavam nesse tempo os primeiros evangelhos. São muito difíceis de converter, porque só acreditam na razão. Os outros cristãos combatem contra eles apenas com a voz sagrada da Escritura: por isso, é impossível que uns e outros, continuando a ser sempre inimigos, algum dia possam reconciliar-se.

(Pelo abade de Tilladet.)

Ezequiel

Acerca de alguns passos singulares deste profeta e de alguns usos antigos.

Sabe-se hoje perfeitamente que não devemos julgar os hábitos antigos pelos modernos: quem quisesse reformar a corte de Alcínoo, na *Odisséia,* pela do grão-turco ou a de Luís XIV, não teria decerto bom acolhimento entre os sábios; quem censurasse Virgílio por ter apresentado o Rei Evandro coberto com uma pele de urso e acompanhado por dois cães a receber os embaixadores seria considerado mau crítico.

Os costumes dos antigos egípcios e judeus ainda não são mais diferentes dos nossos do que os do Rei Alcínoo, de sua filha Nausícaa e do bonacheirão Evandro.

Ezequiel, que era escravo entre os caldeus, teve uma visão perto da pequena ribeira de Chobar, a qual deságua no Eufrates. Em nada nos devemos espantar que, nessa altura, tenha visto animais com quatro focinhos e quatro asas, com patas de veado, e também rodas que andavam sozinhas e possuíam o espírito da vida; todos esses símbolos deleitam a nossa imaginação; mas vários críticos ficaram revoltados com a ordem que lhe deu o Senhor de comer, durante trezentos e noventa dias a fio, pão de cevada, de trigo e de milho coberto de excrementos humanos. [50]

O profeta exclamou, protestando: "Pu! fu! fu!... a minha alma, até aqui, não está contaminada"; e o Senhor respondeu-lhe: "Está bem! Então, ordeno-te que comas soltura de boi em vez de excrementos de homem e amassarás o pão com essa caca rala".

Como agora já se não usa comer tais compotas com pão, a maioria dos homens modernos acham essas ordens indignas da majestade divina. Contudo, havemos de confessar que a bosta de vaca e todos os diamantes do grão-mogol são rigorosamente iguais, não apenas aos olhos de um ser divino como aos de um verdadeiro filósofo; e com respeito às razões que Deus podia ter para ordenar semelhante almoço ao profeta, não será a nós que caberá indagá-las.

Basta verificarmos que essas ordens, que tão estapafúrdias nos parecem, não o eram assim para os judeus.

É verdade que a Sinagoga não permitia, no tempo de São Jerônimo, a leitura de Ezequiel antes da idade dos trinta anos; mas isso era porque, no capítulo 18, ele diz que o filho já não sofrerá a iniqüidade do pai e que não mais se dirá: "Os pais comeram uvas verdes e os dentes dos filhos ficaram embotados".

Dizendo isto, achava-se em contradição expressa com Moisés, o qual, no capítulo 28 dos *Números,* garante que os filhos sofrem as iniqüidades dos pais até à terceira e quarta geração.

[50] Era o que hoje podíamos chamar deliciosos sanduíches de merda... (N. dos T.)

Ezequiel, no capítulo 20, põe o Senhor a dizer que ele, Senhor, dera aos judeus *preceitos que não são bons*. Eis a razão por que a Sinagoga proibia aos jovens uma leitura como essa que os podia levar a descrer da infalibilidade das leis de Moisés.

Os censores contemporâneos ainda ficam mais espantados com o capítulo 16 de *Ezequiel;* eis a maneira como o profeta dá a conhecer os crimes de Jerusalém: introduz o Senhor a falar com uma rapariga e diz-lhe o Senhor: "Quando nasceste, ainda não te tinham cortado a tripa do umbigo, ainda não te tinham salgado, estavas completamente nua e tive pena de ti; cresceste, ficaste uma mulher, as tuas mamas altearam-se, o teu corpo viu crescerem pêlos em certos sítios, eu passei, vi-te, percebi que chegado era o tempo dos amantes; tapei as tuas vergonhas; deitei-me em cima de ti com o meu manto; foste minha; lavei-te, perfumei-te; vesti-te do bom e do fino, calcei-te; ofereci-te um manto de algodão, braceletes, um colar; pendurei-te no nariz um amuleto de pedrarias, e brincos nas orelhas, e coloquei-te uma coroa na cabeça, etc..

"Então, confiante na tua beleza, fornicaste por tua conta com todos os viandantes... E montaste um local mal-afamado e até chegaste a te prostituir nas praças públicas e para todos os que passavam abriste as pernas... e dormiste com egípcios... e, afinal, acabaste por ter de pagar aos teus amantes, e deste-lhes presentes para que fossem contigo para a cama... e, pagando o amor em vez de ser a ti que pagassem, fizeste o contrário do que fazem geralmente as raparigas... O provérbio diz: *tal mãe, tal filha;* e é isso mesmo que dizem de ti, etc."

Protestam também, e com mais vigor, contra o capítulo 23.

Havia uma mãe que tinha duas filhas, as quais ainda muito novinhas perderam a virgindade: a mais velha chamava-se Oolla e a mais pequenita, Ooliba... "E Oolla era uma doidivanas por moços fidalgos, magistrados, cavaleiros; fornicou com egípcios desde garotinha... A irmã, Ooliba, não lhe ficava atrás, antes pelo contrário: fornicou que se fartou com oficiais, magistrados e garbosos cavaleiros; a todos deu a conhecer a sua indecência e vícios; multiplicou as fornicações; desejava, com apaixonado transporte, ser possuída por aqueles machos que têm o membro viril como o de um burro e que espirram sêmen como cavalos..."

Essas descrições, que tanto apavoram os espíritos fracos, apenas significam as iniqüidades existentes em Jerusalém e Samaria; e as expressões que ali nos parecem licenciosas, ao tempo não o eram. Semelhante simplicidade nos dizeres transparece descuidadamente em mais de um passo da Sagrada Escritura: fala-se ali muitas vezes de abrir a vulva. Os termos de que se servem para exprimir a cópula de Booz com Rute, de Judá com a enteada, de modo algum são desonestos em hebreu, embora assim possam ser considerados na nossa língua.

Ninguém se cobre com um véu quando não tiver vergonha da própria nudez; como é que nesses recuados tempos haviam de corar por se falar nos órgãos genitais, se se tocava nos testículos daqueles a quem se fazia qualquer promessa? Era esse um sinal de respeito, um símbolo de fidelidade, como outrora entre nós os fidalgos colocavam as mãos entre a dos seus suseranos.

Nós, então, traduzimos genitais por coxa. Eliezer põe a mão sob a coxa de Abraão; José põe a mão sob a coxa de Jacó. No Egito, esse costume era muito remoto. Os egípcios estavam tão longe de considerar indecente aquilo que nós hoje não ousamos mostrar nem nomear, que levavam em procissão uma grande imagem do membro viril, chamado *phallum,* a fim de agradecerem aos deuses o serviço desse membro, precioso para a propagação do gênero humano.

Tudo isto prova suficientemente que as nossas conveniências não são as conveniências dos outros povos. Em que época houve, entre os romanos, maneiras mais polidas do que no século de Augusto? Todavia, Horácio não revela qualquer relutância em dizer numa peça moral:

Nec vereor ne, dum futuo, vir rure recurrat. [51]

E Augusto serve-se de igual expressão, num epigrama contra Fúlvia.

Um cavalheiro que entre nós pronunciasse o termo vernáculo que corresponde a *futuo* seria tomado como um cocheiro bêbado; essa palavra, e outras de que se servem Horácio e vários auto-

[51] Nem receio que, enquanto fornico, o marido volte do campo. (N. do E.)

res, ainda nos parecem mais indecentes que as expressões de Ezequiel. Ponhamos de lado todos os preconceitos ao lermos autores antigos, ou quando viajarmos entre povos distantes. Em toda a parte a Natureza é a mesma, só os usos e costumes é que variam.

Encontrei um dia, em Amsterdam, um rabino muito ancho pela leitura deste capítulo. — "Ah! meu nobre amigo", disse-me, "como vos estamos agradecidos! Que bela ação a vossa, ao dardes a conhecer toda a sublimidade da lei mosaica, o almoço de Ezequiel, as suas belas atitudes para o lado esquerdo; Oolla e Ooliba são tipos admiráveis, irmão, tipos que anunciam que um dia virá em que o povo judaico será dono e senhor da terra inteira; mas por que razão omitistes tantos outros pormenores semelhantes? porque não falaste do Senhor dizendo ao sábio Osias, logo no segundo versículo do primeiro capítulo: 'Osias, pega numa prostituta e faz-lhe filhos de prostituta'. São estas as suas palavras exatas. Osias arranjou uma rapariga nessas condições, teve dela um filho, depois uma rapariga, e ainda um rapaz; e essa situação durou três anos. 'Não é ainda o bastante', diz-lhe o Senhor no terceiro capítulo: 'Tens de ir arranjar uma mulher que não seja apenas debochada, mas adúltera, também'. Osias obedeceu; mas isso custou-lhe quinze escudos e um sesteiro [52] e meio de cevada; porque, como sabeis, na Terra Prometida o trigo escasseia. Mas sabeis o que tudo isso significa?" perguntou o rabino. — "Não", respondi. — "Nem eu", disse o rabino.

Um sábio compenetrado e grave aproximou-se nessa altura de nós e explicou-nos que eram tudo invenções engenhosas e engraçadas. "Ah! senhor", respondeu-lhe logo um moço muito instruído, "então, se apreciais invenções, acreditai no que vos digo, mais valem as de Homero, Virgílio e Ovídio. Quem gostar e achar graça às profecias de Ezequiel, merece, para seu castigo, ser obrigado a comer com ele aquelas iguarias que Ezequiel papava ao almoço".

F

Fábulas

As mais antigas fábulas não serão visivelmente alegóricas? A primeira que conhecemos, segundo o nosso processo de calcular o tempo, não será a referida no nono capítulo do livro dos Juízes? Foi preciso escolher um rei entre todas as árvores; a oliveira, porém, não quis abandonar os cuidados com o azeite, nem a figueira deixou os seus figos ao deus-dará, nem a vinha o vinho, nem as outras árvores os frutos respectivos; o cardo, que nenhum préstimo tinha, foi coroado rei, porque possuía espinhos e podia agredir os outros.

A antiga fábula de Vênus, tal como Hesíodo a narra, não será uma alegoria da natureza inteira? O leite fecundante das partes genitais tombou do éter nas praias do mar; Vênus nasce dessa espuma preciosa; o seu primeiro nome é o de amante da procriação: haverá imagem mais imediata? Vênus é a deusa da beleza; a beleza deixa de ser atraente, se abandona as graças; a beleza faz nascer o amor; o amor tem setas que atravessam os corações; traz uma venda que oculta os defeitos daquele a quem se ama.

A sabedoria é concebida no cérebro do rei dos deuses sob o nome de Minerva; a alma do homem é um fogo divino que Minerva mostra a Prometeu, que se serve dele para dar vida ao homem.

É impossível não reconhecermos nessas fábulas uma pintura viva da natureza inteira. A maioria das outras fábulas são a corrupção de antigas histórias ou o resultado dos caprichos da imaginação. Acontece com as fábulas antigas o mesmo que com os nossos contos modernos: há apólogos morais que são deliciosos e também os há muito sensaborões.

[52] Antiga medida de secos. (N. dos T.)

As fábulas dos povos primitivos, os quais possuíam qualidades inventivas, foram mais tarde grosseiramente imitadas por povos rudes e sem imaginação; para prova, basta citar as fábulas de Baco, Hércules, Prometeu, Pandora e tantas mais; todas elas foram o entretenimento espiritual da Antiguidade. Os povos bárbaros, que nelas ouviram falar confusamente, introduziram-nas na sua mitologia selvagem; e, a seguir, atreveram-se a dizer: "Fomos nós que as inventamos". Ai deles, coitados, povos ignorados e ignorantes, que nunca conheceram uma arte agradável ou útil, que até o nome de geometria desconheciam, como podiam afirmar que inventaram fosse o que fosse? Pois se nem descobrir novas verdades, nem mentir com habilidade souberam?

Fanatismo

O fanatismo, em relação à superstição, é o mesmo que o arrebatamento é para a febre ou a raiva para a cólera. Aquele que experimenta êxtases, visões, que confunde os sonhos com as realidades e as suas imaginações com profecias, é um entusiasta; aquele que alimenta a sua loucura com o crime, é um fanático. Jean Diaz, retirado em Nurembergue, o qual estava firmemente convencido que o papa é o Anticristo do Apocalipse e quem tem a marca da besta demoníaca, não passava de um entusiasta; Barthélemy Diaz, seu irmão, que partiu de Roma para assassinar santamente o irmão e que, com efeito, o matou por amor de Deus, era um dos mais abomináveis fanáticos que a superstição alguma vez criou.

Polieucte, que num dia solene vai ao templo derrubar e partir as estátuas e os paramentos, é um fanático menos horrível que Diaz, mas não menos tolo. Os assassinos do Duque Francisco de Guise, de Guilherme, príncipe de Orange, do Rei Henrique III, do Rei Henrique IV e de tantos outros, eram uns energúmenos, todos doentes da mesma raiva de que padecia Diaz.

O exemplo do mais detestável fanatismo foi dado pelos burgueses de Paris, que, na noite de São Bartolomeu, desataram a assassinar, a degolar, a atirar das janelas abaixo, a esquartejar os seus concidadãos só por estes não irem à missa.

Há também fanáticos de sangue-frio: são os juízes que condenam à morte aqueles cujo único crime consiste em não pensarem como eles, juízes; e tais juízes são tanto mais culpados, tanto mais dignos da execração do gênero humano quanto, não estando nesse momento possuídos por nenhum acesso de furor, como os Clément, os Châtel, os Ravaillac, os Damiens, à primeira vista parece que poderiam escutar a voz da razão.

Mas desde que o fanatismo atacou o cérebro de alguém, como se se tratasse duma gangrena, a doença é quase incurável. Vi pessoas atacadas de convulsões as quais, quando se falava dos milagres de São Páris, insensivelmente se iam exaltando, mesmo sem elas quererem: os olhos inflamavam-se-lhes, os membros tremiam, a ira descompunha-lhes o rosto, totalmente desfigurado, e teriam nessa altura morto fosse lá quem fosse que os contradissesse.

Não há outro remédio, para este mal epidêmico, que o espírito filosófico, o qual, divulgando-se pouco a pouco, acaba por suavizar os costumes dos homens e conjura os acessos do mal; porque, logo que a doença faz progressos, há que fugir a sete pés e esperar que o ar fique purificado de novo. As leis e a religião não são suficientes contra a peste das almas; a religião, longe de ser para elas um alimento salutar, transforma-se em veneno nos cérebros infectados. Esses miseráveis têm constantemente no espírito o exemplo de Aod, que assassinou o Rei Eglon; de Judite, que cortou a cabeça a Holofernes, quando dormia com ele; de Samuel, que fez em postas o Rei Agag. Não vêem que esses exemplos, que na Antiguidade são toleráveis, nos tempos de hoje são abomináveis; e extraem os seus furores da própria religião que os condena.

As leis são muito impotentes contra tais acessos de raiva; é tal e qual como se lerdes uma sentença do conselho a um fanático. Essa gentinha está persuadida de que o espírito sagrado, que as penetra, é superior às leis, que o seu entusiasmo é a única lei que devem ouvir e acatar.

O que é que se há de responder a um homem que vos diz que gosta mais de obedecer a Deus

do que aos homens e que, por conseguinte, está seguro de alcançar a glória divina quando vos corta o pescoço?

Geralmente é gente velhaquíssima que chefia os fanáticos e lhes mete o punhal na mão. Parecem-se com aquele Velho da Montanha que, segundo dizem, fazia gozar as alegrias do Paraíso a imbecis e lhes prometia uma eternidade desses prazeres, de que lhes proporcionara um aperitivo, com a condição de que fossem assassinar todas as pessoas que indicasse. No mundo inteiro, só houve uma religião que não foi contaminada pelo fanatismo: a dos sábios letrados da China. As seitas dos filósofos não só estavam isentas dessa peste, mas até possuíam o remédio para ela; porque uma das vantagens da filosofia é tornar a alma tranqüila, e o fanatismo é incompatível com a tranqüilidade. Se a nossa santa religião foi muitas vezes corrompida por esse furor infernal, a loucura dos homens é a principal responsável.

Ainsi du plumage qu'il eut
Icare pervertit l'usage;
Il le reçut pour son salut,
Il s'en servit pour son dommage. [53]

(Bertaud, bispo de Séez.)

Falsidade das Virtudes Humanas

Quando o duque de La Rochefoucauld escreveu os seus pensamentos sobre o amor-próprio e revelou essa mola oculta do homem, um tal Sr. Esprit, da Congregação do Oratório, escreveu um livro capcioso, sob o título: *Da Falsidade das Virtudes Humanas.* Afirmava ali que a virtude era coisa que não existia; mas, por um curioso chiste, em cada capítulo termina remetendo-nos à caridade cristã. Assim, segundo o Sr. Esprit, nem Catão, nem Aristides, nem Marco Aurélio, nem Epicteto eram pessoas de bem; e só entre os cristãos as virtudes se encontram. Entre os cristãos só há virtudes nos que são católicos; entre os católicos ainda deviam excetuar-se os jesuítas, inimigos confessos dos oratorianos; portanto, a virtude só se encontra entre os inimigos dos jesuítas.

O tal Sr. Esprit começa por dizer que a prudência não é uma virtude e o argumento dele é que é muitas vezes enganada. É o mesmo que dizer que César não era um grande cabo de guerra porque fora derrotado em Dyrrachium.

Se o Sr. Esprit fosse filósofo, não teria analisado a prudência como uma virtude, mas como um talento, como uma qualidade feliz; porque um celerado pode ser muito prudente e não poucos conheci desta espécie. Oh, a grande raiva de querer que:

Ninguém será virtuoso exceto nós e os nossos amigos!

Ora, o que é a virtude, amigo? É praticar o bem: procede sempre assim conosco, e basta. E depois agradeceremos o motivo. Pois podia lá ser! Na tua opinião, então não havia de haver diferença nenhuma entre o Presidente de Thou e Ravaillac, entre Cícero e o Pompílio a quem ele salvara a vida e lhe cortou depois a cabeça por dinheiro? E és capaz de afirmar que Epicteto e Porfírio eram dois velhacos por não terem acatado os nossos dogmas? Uma insolência assim, revolta. Calo-me, já, porque ficaria muito irritado se continuasse.

[53] Assim, das asas que teve, Ícaro perverteu o uso; recebeu-as para salvar-se, usou-as para perder-se. (N. do E.)

Fé

I

Um dia, o Príncipe Pico della Mirandola encontrou-se com o Papa Alexandre VI em casa da cortesã Emília, quando Lucrécia, filha do santo padre, estava em trabalhos de parto e não se sabia, em Roma, se o filho dela era do papa ou de seu filho, o duque de Valentinois, ou do marido de Lucrécia, Afonso de Aragão, que constava que era impotente. A princípio, o diálogo foi muito animado. O Cardeal Bembo conta-nos uma parte da conversa. — "Pico", perguntou o papa, "quem julgas que seja o pai do meu neto?" — "Acho que é o vosso genro", respondeu Pico. — "Eh! Eh! como podes acreditar numa parvoíce tamanha?" — "Acredito, pela fé." — "Mas acaso ignoras que uma criatura impotente não pode fazer filhos?" — "A fé consiste", retorquiu Pico, "em crer nas coisas porque elas são impossíveis; e, aliás, a honra da vossa casa exige que o filho de Lucrécia não passe por ser o fruto de um incesto. Quereis que eu acredite em mistérios mais incompreensíveis do que esse. Pois não é forçoso que esteja convencido que uma serpente falou, que desde esse tempo todos os homens ficaram danados, que a burra de Balaão falou também, com grande eloqüência, e que as muralhas de Jericó caíram ao soar das trombetas?" E a seguir, Pico desatou a desfiar todas as coisas portentosas em que era obrigado a acreditar. Alexandre deixou-se cair num sofá e rebolava-se a poder de tanto riso. — "Acredito em tudo isso como vós", dizia, por entre gargalhadas, "porque sinto que só pela fé posso ser salvo e que não o serei pelos meus atos." — "Ah! santo padre", exclamou Pico, "não tendes necessidade de boas obras nem de fé; isso é bom para os pobres profanos, como eu; mas, para vós, que sois uma espécie de vice-Deus, vós, sim, podeis acreditar e fazer tudo quanto vos apeteça. Tendes as chaves do céu; e com toda a certeza, São Pedro não vai dar-vos com a porta na cara. Quanto a mim, porém, confesso-vos que para entrar lá necessitaria de uma poderosa proteção se, sendo apenas um pobre príncipe, tivesse ido para a cama com uma filha minha e tivesse utilizado o estilete e a cantarela tantas vezes como Vossa Santidade dizem que já fez." Alexandre VI não era desconfiado, nem se ofendia com os gracejos que lhe dirigiam. — "Falemos a sério", disse para o Príncipe della Mirandola. "Dize-me lá que mérito podemos ter em dizer a Deus que estamos persuadidos de coisas em que, com efeito, não podemos acreditar? Que prazer pode isso dar a Deus? Cá entre nós, dizer que se acredita naquilo que é impossível de acreditar, é mentir e nada mais."

Pico della Mirandola fez um grande sinal da cruz. — "Homessa! Deus paternal", exclamou, "que Vossa Santidade me perdoe, mas não sois cristão." — "Assim Deus me salve que não", respondeu o papa. — "Pois já tinha cá as minhas desconfianças", rematou Pico della Mirandola.

(Por um descendente de Rabelais.)

II

O que é a fé? É acreditarmos naquilo que parece evidente? Não: é evidente que há um Ser necessário, eterno, supremo, inteligente; mas isso não é artigo de fé, mas, sim, de razão. Não tenho mérito nenhum em pensar que este Ser, eterno, infinito, que conheço como a virtude, a própria bondade, queira que eu seja bom e virtuoso. A fé consiste em acreditarmos, não naquilo que nos parece verdadeiro, mas naquilo que se apresenta como errado e falso ao nosso entendimento. Só pela fé os asiáticos podem acreditar na viagem que Maomé fez pelos sete planetas, nas encarnações do deus Fô, de Visnu, de Xaca, de Brama, de Samonocodão, etc., etc., etc. Coitados, obrigam a inteligência a tratos de polé, submetem-na, tremem de analisar os fatos, não querem ser empalados nem assados vivos e gritam: "Acredito!"

Estamos bem longe de fazer aqui a menor alusão à fé católica. Não somente a veneramos,

mas é a nossa: apenas falaremos da fé embusteira dos outros povos do mundo, dessa fé que não é fé e consiste num palavreado oco.

Há uma fé para as coisas espantosas e outra fé para as coisas contraditórias e impossíveis.

Visnu encarnou quinhentas vezes; isso é bastante espantoso, mas fisicamente ao fim e ao cabo não é impossível; porque se Visnu tem uma alma, pode ter quinhentos corpos para se divertir. Na verdade, o indiano não tem uma fé muito viva; intimamente, não está convencido dessas metamorfoses todas; mas dirá, afinal, ao seu bonzo: "Tenho fé; pretendeis que Visnu passou por quinhentas encarnações, o que, para vós, equivale a quinhentas rupias de rendimento; está dito, é coisa assente; iríeis fazer um aranzel contra mim, iríeis denunciar-me, traríeis a ruína ao meu negócio, se não tivesse fé. Seja! tenho fé e tomai lá mais dez rupias que vos dou". O indiano pode jurar e trejurar a esse bonzo que acredita, sem fazer um falso juramento; porque, apesar de tudo, não lhe demonstrou que Visnu não tenha vindo quinhentas vezes visitar as Índias.

Mas se o bonzo lhe exigir que acredite numa coisa contraditória, impossível, como, por exemplo: dois e dois são cinco, ou que o mesmo corpo pode estar em mil lugares diferentes, ou que ser e não ser é precisamente a mesma coisa; então, se o indiano disse que tem fé, mentiu, e se jura que acredita, comete um perjúrio. Diz, pois, ao bonzo: — "Reverendo padre, posso garantir-vos que acredito em todos esses disparates, contanto que vos valham dez mil rupias de rendimento em vez de quinhentas".

— "Meu filho", responde logo o bonzo, "passa para cá vinte rupias e Deus te fará a graça de acreditares em tudo aquilo de que ora duvidas."

— "Como quereis", responde o indiano, "que Deus opere em mim o que ele não pode operar sobre ele próprio? É impossível que Deus faça ou acredite em coisas contraditórias. Desejaria dizer-vos, para vos dar prazer, que acredito no que é obscuro; mas não posso dizer-vos que acredito no que é impossível. Deus quer que sejamos virtuosos mas não que sejamos absurdos. Já vos dei dez rupias, toma lá mais vinte; acreditai em trinta rupias, sede homem de bem se puderes e não me tortureis mais os miolos com as vossas fantasias."

* Filosofia

Seção Primeira

Escrevei *filosofia* ou *philosophia,* como preferirdes, mas concordai que desde que apareça é perseguida. Os cães a quem dais um alimento de que não gostam vos mordem.

Direis que me repito, mas é preciso colocar cem vezes diante dos olhos do gênero humano que a Sagrada Congregação condenou Galileu, e que os pedantes que declararam excomungados todos os bons cidadãos que se submeteram ao grande Henrique IV foram os mesmos que condenaram as únicas verdades que podíamos encontrar nas obras de Descartes.

Todos os cães do lodo teológico que ladravam uns contra os outros, ladravam em uníssono *contra* De Thou, contra La Mothe-le-Vayer, contra Bayle. Quantas besteiras foram escritas pelos estudantezinhos gauleses contra o sábio Locke!

Os gauleses dizem que César, Cícero, Sêneca, Plínio, Marco Aurélio poderiam ser filósofos, mas que não se permite tal coisa entre os gauleses. Responde-se-lhes que é permitida e útil para os franceses, que foi ótima para os ingleses e que já é hora de exterminar a barbaria.

Replicar-me-eis que não chegaremos a uma conclusão. É verdade, mas somente para o povo e os imbecis; entre as pessoas honestas é negócio feito.

Seção Segunda

Uma das grandes pragas, como um dos grandes ridículos do gênero humano, é ver os padres se encarregarem daquilo que é da competência dos filósofos, em todos os países que chamamos

de policiados, talvez com exceção da China. Tais padres puseram-se a regulamentar o ano. Era seu dever, diziam, pois era necessário que os povos conhecessem seus dias de festa. Assim os padres caldeus, egípcios, gregos, romanos, acreditaram-se matemáticos e astrônomos. Qual o quê! Estavam muito ocupados com seus sacrifícios e seus oráculos, suas divindades, seus augúrios para estudar seriamente. Qualquer um que faça da charlatanice uma profissão não pode ter o espírito justo e esclarecido. Foram astrólogos e nunca astrônomos.

Os próprios gregos inicialmente constituíram o ano com somente trezentos e sessenta dias. Foi preciso que os geômetras lhes ensinassem que se enganavam em cinco dias. Reformaram então seu ano. Outros geômetras lhes mostraram que ainda se haviam enganado em seis horas. Ífito obrigou-os a mudar seu almanaque e tiveram que acrescentar em seu ano defeituoso um dia cada quatro anos. Ífito celebrou esta mudança com a instituição das Olimpíadas.

Enfim foram obrigados a recorrer ao filósofo Metão que, combinando o ano lunar com o solar, compôs um ciclo de dezenove anos, ao fim dos quais o Sol e a Lua voltavam ao mesmo ponto, com a diferença de cerca de uma hora e meia. Esse ciclo foi gravado em ouro na praça pública de Atenas. É o famoso *número de ouro* de que nos servimos ainda hoje com as correções necessárias.

Sabemos que confusão ridícula os padres romanos introduziram no cômputo do ano. Seus disparates foram tão grandes que suas festas de verão caíram no inverno. César, o universal César, foi obrigado a fazer vir de Alexandria o filósofo Sosígenes, para reparar os enormes erros pontificais.

Quando foi novamente necessário reformar o calendário de Júlio César, sob o pontificado de Gregório XIII, quem foi solicitado? Algum inquisidor? Não. Um filósofo, um médico chamado Lílio.

Que se peça ao Professor Copê, reitor da universidade, para fazer o livro do "Conhecimento do Tempo" e não saberá nem mesmo do que se trata. Será preciso voltar ao Sr. De Lalande, da Academia de Ciências, encarregado desse trabalho penoso e muito mal recompensado.

O Reitor Copê cometeu um estranho engano quando propôs para os prêmios da universidade este assunto tão singularmente enunciado: "Non magis Deo quam regibus, infensa est ista quae vocatur hodie philosophia" — "Esta, que chamamos hoje filosofia, não é mais inimiga de Deus do que dos reis". Quis dizer *menos* inimiga. Tomou *magis* por *minus*. E o pobre homem deveria saber que nossas academias não são inimigas do rei nem de Deus.

Seção Terceira

Se a filosofia honrou a França com a *Enciclopédia*, é preciso admitir também que a ignorância e a inveja, que ousaram condenar essa obra, teriam coberto a nação de opróbrio se doze ou quinze convulsionários que formaram uma cabala pudessem ser olhados como os órgãos da França, quando na verdade só eram ministros do fanatismo e da sedição que forçaram o rei a quebrar a corporação que tinham seduzido. Suas manobras não foram tão violentas quanto as do tempo da Fronda, mas não foram menos ridículas. Sua credulidade fanática pelas convulsões e pelos sortilégios miseráveis de Saint-Médard era tão forte que obrigaram um magistrado, aliás sábio e respeitável, a dizer em pleno Parlamento *que os milagres da Igreja católica subsistiam sempre.* Somente as convulsões podem ser tais milagres. Seguramente não se fazem outros, a menos que se acredite nas criancinhas ressuscitadas por Santo Ovídio. O tempo dos milagres passou, a Igreja triunfante não tem mais necessidade deles. Em sã consciência, entre os perseguidores da *Enciclopédia* havia um único que entendesse uma palavra dos artigos de astronomia, de dinâmica, de geometria, de metafísica, de botânica, de medicina, de anatomia, que encheu os tomos desse livro tão necessário? Que multidão de imputações absurdas e de calúnias grosseiras não foram acumuladas contra esse tesouro de todas as ciências! Seria suficiente reimprimi-las logo após a *Enciclopédia* para eternizar sua vergonha. É o que ocorre com quem quer julgar uma obra quando não está se-

quer em condições de estudá-la. Covardes! Gritaram que a filosofia arruinava a catolicidade. Como!? Em vinte milhões de homens houve um único que tivesse molestado qualquer rato de igreja? Um único que tivesse faltado alguma vez com o respeito nas igrejas? Um único que tivesse proferido publicamente uma só palavra contra nossas cerimônias, que se aproximasse da virulência das expressões usadas então contra a autoridade real?

Repetimos que nunca a filosofia fez mal ao Estado, enquanto o fanatismo, unido ao espírito de corporação, prejudicou-o sempre.

SEÇÃO QUARTA

Manual de Filosofia Antiga

Consumi cerca de quatro anos na minha peregrinação em dois ou três rincões do mundo à procura dessa pedra filosofal chamada *verdade*. Consultei todos os adeptos da Antiguidade, Epicuro e Agostinho, Platão e Malebranche e permaneci em minha pobreza. Talvez em todos esses cadinhos de filósofos existam uma ou duas onças de ouro, mas todo o resto é cabeça morta, lodo insípido onde nada pode germinar.

Parece-me que os gregos, nossos mestres, escreviam para mostrar seu espírito em vez de se servirem dele para se instruir. Não vejo um único autor da Antiguidade que tenha um sistema conseqüente, metódico, claro, indo de conseqüência em conseqüência.

Eis o que pude obter aproximando e combinando os sistemas de Platão, do mestre de Alexandre, de Pitágoras e dos orientais:

O acaso é uma palavra vazia de sentido e nada pode existir sem causa. O mundo está disposto segundo leis matemáticas, portanto disposto por uma inteligência.

A formação do mundo não pode ter sido presidida por um ser inteligente como eu, pois não posso formar sequer um verme do queijo. Portanto, este mundo é obra de uma inteligência prodigiosamente superior.

Esse Ser, que possui inteligência e potência num grau tão alto, existe necessariamente? Deve existir, pois é preciso ou que tenha recebido seu ser de um outro, ou que seja por sua própria natureza. Se recebeu seu ser de um outro (o que é muito difícil de se conceber), é preciso, portanto, que eu recorra a essse outro, que será, então, o primeiro motor. Para qualquer lado que me volte, devo admitir um motor primeiro necessariamente potente e inteligente por sua própria natureza.

Esse primeiro motor produziu as coisas do nada? Isso não é concebível; criar do nada é mudar o nada em alguma coisa. Não devo admitir uma tal produção, a menos que encontre razões invencíveis que me forcem a admitir aquilo que meu espírito não pode jamais compreender.

Tudo o que existe parece existir necessariamente, já que existe. Pois, se há atualmente uma razão para a existência das coisas, houve uma antes e em todos os tempos. E essa causa deve ter tido sempre seu efeito, porque, senão, teria sido durante toda a eternidade uma causa inútil.

Mas como as coisas terão existido sempre, estando visivelmente sob a mão do motor primeiro? É preciso, portanto, que essa potência tenha agido e aja sempre, assim como não há sol sem luz, movimento sem um ser que passe de um ponto do espaço para outro.

Há, portanto, um Ser potente e inteligente que agiu sempre, pois se não tivesse agido de que lhe teria servido a existência?

Todas as coisas são, portanto, emanações eternas desse primeiro motor.

Mas, como imaginar que a pedra e a lama sejam emanações do Ser eterno, inteligente e potente?

É preciso de duas coisas, uma: ou que a matéria dessa pedra e dessa lama exista necessariamente por si própria, ou que exista necessariamente por este primeiro motor. Não há meio-termo.

Assim, portanto, só há dois partidos possíveis: admitir a matéria eterna por si própria, ou saindo eternamente do Ser potente, inteligente, eterno.

Mas, quer subsistente por sua própria natureza, quer emanada do Ser produtor, existe por toda a eternidade, já que existe e que não há nenhuma razão para que não tenha existido anteriormente.

Se a matéria é eternamente necessária, é, portanto, contraditório e impossível que não seja. Porém, que homem pode assegurar que é impossível, contraditório, que esse pedregulho e essa mosca não tenham existência? Somos então forçados a engolir esta dificuldade mais espantosa para a imaginação do que contrária aos princípios do raciocínio.

Com efeito, desde que concebestes que tudo emanou do Ser Supremo e inteligente, que nada emanou sem razão, que este Ser sempre existente deve ter sempre agido, que, por conseguinte, todas as coisas devem ter saído eternamente do seio dele, não deveis repelir a crença de que a matéria formadora desse pedregulho e dessa mosca é uma produção eterna, como não repelis a concepção de que a luz é uma emanação eterna do Ser todo-poderoso.

Já que sou um ser extenso e pensante, minha extensão e meu pensamento são, portanto, produções necessárias desse Ser. É evidente que não posso dar a mim mesmo a extensão nem o pensamento. Portanto, recebi um e outro desse Ser necessário.

Pode ter-me dado o que não tem? Tenho inteligência e estou no espaço, portanto, Ele é inteligente e está no espaço.

Dizer que esse Ser eterno, esse Deus todo-poderoso, preenche necessariamente e todo o tempo o universo com suas produções não é tirar-lhe a liberdade. Pelo contrário, pois esta é o poder de agir. Deus sempre agiu plenamente, portanto, Deus sempre usou a plenitude de sua liberdade.

A liberdade denominada de *indiferença* é uma palavra sem idéia, um absurdo, pois seria determinar-se sem razão, um efeito sem causa. Portanto, Deus não pode ter essa pretensa liberdade, que é uma contradição nos termos. Portanto, sempre agiu com a mesma necessidade que constitui sua existência.

É, portanto, impossível que o mundo exista sem Deus e é impossível que Deus exista sem o mundo.

Este está cheio de seres que se sucedem, portanto, Deus produziu sempre seres que se sucedem.

Essas asserções preliminares são a base da antiga filosofia oriental e da dos gregos. É preciso excetuar Demócrito e Epicuro, cuja filosofia corpuscular combateu esses dogmas. Mas notemos que os epicuristas fundavam-se sobre uma física inteiramente errada e que o sistema metafísico de todos os outros filósofos subsiste com todos os sistemas físicos. Toda a Natureza, excetuando-se o vácuo, contradiz Epicuro e nenhum fenômeno contradiz a filosofia que acabo de explicar. Ora, uma filosofia que está de acordo com tudo o que se passa na Natureza e que retém os espíritos mais atentos não é superior a qualquer outro sistema não revelado?

Além das asserções dos antigos filósofos, que nos resta? Um caos de dúvidas e de quimeras. Não creio que tenha existido algum filósofo vinculado a esse sistema que no fim de sua vida não tenha confessado ter perdido seu tempo. É preciso admitir que os inventores das artes mecânicas foram muito mais úteis para os homens do que os inventores dos silogismos. Aquele que imaginou a lançadeira ganha furiosamente daquele que imaginou as idéias inatas.

Filósofo

Filósofo, *amante da sabedoria,* quer dizer, *da verdade.* Todos os filósofos tiveram este duplo caráter: nenhum houve na Antiguidade que não desse exemplos de virtude aos homens e lições de verdades morais. Todos puderam enganar-se sobre a física; mas esta é tão pouco necessária à condução da vida que os filósofos não tinham precisão dela.

Foram necessários séculos para se conhecer uma parte das leis da Natureza. Basta um dia a um sábio para conhecer os deveres do homem.

O filósofo não é entusiasta, não se erige em profeta, não se diz inspirado dos deuses; assim,

não incluirei nas fileiras dos filósofos nem o velho Zoroastro, nem Hermes, nem o velho Orfeu nem qualquer desses legisladores de que se orgulhavam os povos da Caldéia, da Pérsia, da Síria, do Egito e da Grécia. Os que se disseram filhos de deuses foram os pais da impostura; e, se se serviram da mentira para ensinar verdades, eram indignos de a ensinar, não eram filósofos: eram, quando muito, mentirosos cheios de prudência.

Por que fatalidade, talvez vergonhosa para os povos ocidentais, é preciso ir ao extremo do Oriente para encontrar um sábio simples, sem fausto, sem impostura, que ensinava os homens a viverem felizes, seiscentos anos antes de nossa era vulgar, numa época em que todo o Setentrião ignorava ainda o uso das letras e os gregos mal começavam a distinguir-se pela sabedoria? Esse sábio é Confúcio, que, sendo legislador, nunca quis enganar os homens. Alguma vez foram conferidas, depois dele, em toda a terra, regras de conduta mais belas? "Governai um Estado tal qual governais uma família; não é possível governar bem a família sem se dar o exemplo.

"A virtude deve ser comum ao trabalhador e ao monarca.

"Ocupa-te com a preocupação de prevenir os crimes para diminuir a preocupação de os punir.

"Sob os bons Reis Yao e Xu os chineses foram bons; sob os maus Reis Kie e Chu, os chineses foram maus.

"Procede com os outros como contigo mesmo.

"Ama os homens em geral, mas acarinha as pessoas de bem. Esquece as injúrias e nunca os benefícios.

"Vi homens incapazes para as ciências, nunca vi homens incapazes de virtude."

Confessemos que não existe legislador que tenha anunciado verdades mais úteis ao gênero humano.

Uma multidão de filósofos gregos ensinou posteriormente uma moral tão pura. Se se tivessem limitado aos seus vãos sistemas de física, não se falaria hoje nesses nomes senão jocosamente. Se ainda são respeitados, é porque foram justos e ensinaram os homens a sê-lo.

Não podemos ler certas passagens de Platão e sobretudo o admirável exórdio das leis de Zaleuco, sem que, no nosso coração, experimentemos o amor das ações honestas e generosas. Os romanos tiveram o seu Cícero, que sozinho vale talvez todos os filósofos da Grécia. Depois, aparecem homens ainda mais respeitáveis que quase desesperamos de imitar: é Epicteto na escravidão, são os Antoninos e os Julianos sobre o trono.

Que cidadão entre nós se privaria, como Juliano, Antonino e Marco Aurélio, de todas as delicadezas da nossa vida mole, efeminada? Quem dormiria como eles sobre o chão duro? Quem desejaria impor-se a sua frugalidade? Quem marcharia com eles, a pé e de cabeça nua, à testa dos exércitos, expostos ora aos ardores do sol, ora às geadas? Quem comandaria como eles todas as suas paixões? Entre nós, existem os devotos; mas onde estão os sábios? Onde estão as almas inabaláveis, justas e tolerantes?

Houve filósofos de gabinete em França; e todos, exceto Montaigne, foram perseguidos. Parece-me que o último grau da malignidade da nossa natureza está em querermos oprimir os filósofos que a querem corrigir.

Concebo perfeitamente que os fanáticos de uma seita degolem os entusiastas de outra, que os franciscanos odeiem os dominicanos e que um mau artista intrigue para levar à perda quem o exceda; mas que o sábio Charron tenha estado ameaçado de perder a vida, que o sabedor e generoso Ranus tenha sido assassinado, que Descartes fosse obrigado a fugir para a Holanda a fim de escapar à raiva dos ignorantes, que Gassendi tenha sido forçado algumas vezes a retirar-se para Digne, longe das calúnias de Paris, eis o eterno opróbrio de uma nação.

Um dos filósofos mais perseguidos foi o imortal Bayle, honra da natureza humana. Dir-me-ão que o nome de Jurieu, seu caluniador e seu perseguidor, se tornou execrável, reconheço-o; o do jesuíta Le Tellier assim se tornou também; mas os grandes homens que ele oprimia deixaram por isso de acabar os seus dias no exílio e na miséria?

Um dos pretextos usados para acabrunharem Bayle e para o reduzirem à pobreza foi o artigo

Davi, do seu útil dicionário. Censuravam-lhe não ter ele louvado ações que, em si, ora se revelam injustas, sanguinárias, atrozes, ora são contrárias à boa fé, ora fazem corar o pudor.

Na verdade, Bayle não louvou Davi por haver reunido seiscentos vagabundos, cobertos de dívidas e de crimes; por haver pilhado os seus compatriotas, à testa desses bandidos; por ter vindo no desígnio de degolar Nabal e toda a família deste, que não quisera pagar as contribuições; por ter ido vender os seus serviços ao Rei Achis, inimigo do seu povo; por ter traído esse Rei Achis, seu benfeitor; por haver massacrado em certas aldeias as próprias crianças de peito, receoso de que aparecesse um dia alguém que pudesse denunciar as suas depredações, como se uma criança de peito fosse capaz de revelar tais crimes; por ter feito perecer todos os habitantes de outras aldeias sob serras, sob grades de ferro, a machadada e em fornos; por haver roubado o trono a Isboseth, filho de Saul, mercê de uma perfídia; por haver despojado e feito perecer Mifiboseth, neto de Saul e filho do seu amigo e protetor Jônatas; por haver entregado aos gabaonitas dois outros filhos de Saul e cinco dos seus netos, que morreram no cadafalso.

Já não falo da prodigiosa incontinência de Davi, das suas concubinas, do adultério com Betsabé e do assassínio de Uria.

Como assim! Pois os inimigos de Bayle quereriam que este fizesse o elogio de tais crueldades e de tais crimes? Seria preciso que ele dissesse: "Príncipes da terra, imitai o homem que agiu segundo o coração de Deus; massacrai sem piedade os aliados do vosso benfeitor, degolai ou fazei degolar toda a família do vosso rei; dormi com todas as mulheres, fazendo correr o sangue dos homens; e sereis um modelo de virtudes quando se disser que haveis composto salmos"?

Não teria Bayle muita razão quando disse que se Davi era segundo o coração de Deus, o foi pela sua penitência e não pelos seus crimes? Não teria Bayle prestado serviço ao gênero humano ao dizer que Deus, que sem dúvida ditou toda a história judaica, nem por isso canonizou todos os crimes relatados nessa história?

No entanto, Bayle foi perseguido; e por quem? Por homens perseguidos noutros lugares, por fugitivos que na sua pátria seriam lançados às chamas; e esses foragidos eram atacados por outros foragidos chamados jansenistas, expulsos do seu país pelos jesuítas, que, por seu turno, foram finalmente expulsos.

Assim, todos os perseguidores se declararam em guerra mortal, ao passo que o filósofo, oprimido por todos eles, se contentou em lamentá-los.

Sabe-se bem que Fontenelle esteve a ponto, em 1713, de perder as suas pensões, o seu lugar e a sua liberdade, por haver redigido em França, vinte anos antes, o *Tratado dos Oráculos* do sábio Van Dale, de onde expurgara com precaução tudo o que poderia alarmar o fanatismo. Um jesuíta escrevera contra Fontenelle, que não se dignara responder; e foi quanto bastou para que o jesuíta Le Tellier, confessor de Luís XIV, o acusasse junto do rei de ateísmo.

Sem o Senhor de Argenson, aconteceria que o digno filho de um falsário, procurador em Vire, e ele próprio falsário reconhecido, conseguia proscrever a velhice do sobrinho de Corneille.

É tão fácil seduzir-se o seu penitente que devemos dar graças a Deus por esse Le Tellier não ter feito ainda mais mal. Há dois covis no mundo em que não é possível fazer frente à sedução e à calúnia: a cama e o confessionário.

Sempre vimos os filósofos perseguidos por fanáticos; mas será possível que os homens de letras se imiscuam também e eles próprios aticem contra os seus confrades as armas com que todos são trespassados, uns após outros?

Infelizes letrados! Incumbe-vos, pois, ser delatores?

Vede se alguma vez entre os romanos houve gente como Garasse, Chaumeix, Hayer, que acusasse os Posidônios, os Varrões, os Plínios.

Ser hipócrita, que baixeza! Mas ser hipócrita e maldoso, que horror! Nunca houve hipócritas na antiga Roma, que nos contava como uma pequena parte dos seus súditos. Havia malandrins, reconheço-o, mas não hipócritas da religião, que constituem a espécie mais cobarde e mais cruel de todas. Por que já não se vêem em Inglaterra e de onde vem que existam ainda em França? Filósofos, ser-vos-á fácil resolver esse problema.

Fim, Causas Finais

Parece que se há de ser de feitio muito arrebatado para negar que os estômagos foram feitos para digerir, os olhos para ver, as orelhas para ouvir.

Por outro lado, será preciso ter um amor extraordinário pelas causas finais para garantir que a pedra foi formada para construir casas e que os bichos-da-seda nasçam na China a fim de termos cetim na Europa.

Mas, dizem, se Deus fez uma coisa visivelmente com determinado desígnio, fez igualmente todas as coisas com um desígnio determinado. É ridículo admitir a Providência num caso e negá-la nos outros. Tudo aquilo que está feito foi previsto, foi antecipadamente calculado. Não há arranjo sem objetivo, nem efeito sem causa; logo, tudo é igualmente o resultado, o produto duma causa final; logo é tão verdadeiro dizer que os narizes foram feitos para trazer lunetas e os dedos para serem adornados de diamantes, como é verdade dizer que as orelhas foram formadas para ouvir os sons e os olhos para receberem a luz.

Creio que se pode esclarecer facilmente essa dificuldade. Quando os efeitos são invariavelmente os mesmos, em qualquer lugar e em qualquer tempo, quando esses efeitos uniformes são independentes dos seres aos quais pertencem, nesse caso há, visivelmente, uma causa final.

Todos os animais têm olhos e vêem; todos têm orelhas e ouvem; todos têm boca, com a qual comem; estômago, ou coisa parecida, por onde digerem; todos têm um orifício que expulsa os excrementos; todos, também, um instrumento adequado à procriação: e tais dons da Natureza atuam neles sem que nenhuma arte se intrometa. Eis algumas causas finais claramente estabelecidas e é perverter o nosso pensamento negar uma verdade tão universal.

Mas as pedras, em qualquer lugar e em qualquer época, não formam edifícios; nem todos os narizes trazem óculos; nem todos os dedos trazem anéis; nem todas as pernas andam de meias de seda. Um bicho-da-seda portanto não é feito para cobrir as minhas pernas, como a vossa boca é feita para comer e o vosso traseiro para ir à retrete. Portanto, há efeitos produzidos por causas finais e efeitos em grande quantidade a que não se pode dar esse nome.

Mas uns e outros estão igualmente no plano da Providência geral: sem dúvida, nada se faz contra a vontade da Providência, nem, até, sem ela. Tudo o que pertence à Natureza é uniforme, imutável, é a obra imediata do Mestre; foi ele quem criou as leis pelas quais a Lua entra em três quartos como sendo a causa do fluxo e refluxo do oceano, e o Sol como no quarto restante; foi ele que deu um movimento de rotação ao Sol, pelo qual este astro emite em cinco minutos e meio raios de luz nos olhos dos homens, dos crocodilos e dos gatos.

Mas se, após tantos séculos, nos lembramos de inventar tesouras e espetos para assar, e tosquiamos com umas a lã dos carneiros e pomo-los a assar nos espetos para os comer, poder-se-á concluir outra coisa que não seja que Deus nos fez de maneira que, um dia, nos havíamos de tornar forçosamente industriosos e carnívoros?

Os carneiros por certo não foram criados para serem cozidos e comidos, pois vários são os povos que se abstêm desse horrível crime. Os homens não são criados essencialmente para se massacrarem, pois os bramas e os quacres não matam ninguém; mas a massa de que somos moldados produz muitas vezes massacres, tal como produz calúnias, vaidades, perseguições e impertinências. Não é que a formação do homem seja precisamente a causa final dos nossos furores e das nossas parvoíces: porque uma causa final é universal e invariável em qualquer tempo e em qualquer lugar; mas os horrores e absurdezas da espécie humana não são menores por isso, na ordem eterna das coisas. Quando malhamos o trigo, o mangual é a causa final da separação do grão. Mas se esse mesmo mangual, malhando o grão, esmaga mil insetos, tal não acontece pela minha vontade determinante, e também não acontece por um simples acaso: é que esses insetos se encontraram desta vez debaixo do meu mangual e deviam encontrar-se ali mesmo.

É uma conseqüência da natureza das coisas que um homem seja ambicioso, que esse homem

por vezes arregimente outros homens, que seja vencedor ou derrotado; mas nunca se poderá dizer: o homem foi criado por Deus para ser morto na guerra.

Os instrumentos que a Natureza nos deu não podem ser sempre as causas finais em movimento, que provoquem um efeito infalível. Os olhos, concedidos para ver, não estão sempre abertos; cada sentido tem os seus tempos de repouso. Há, até, sentidos que nunca usamos. Por exemplo, uma infeliz idiota, encerrada dentro dum claustro aos quatorze anos, fecha nela para sempre a porta donde devia sair uma geração nova; mas nem por isso a causa final subsiste menos; e agirá se a pobrezinha for libertada.

Fraude

Será necessário empregar fraudes piedosas com o povo?

O faquir Bambabef encontrou-se um belo dia com um discípulo de Confutzeu, a quem nós chamamos *Confúcio,* e esse fulano chamava-se Uang; Bambabef afirmava que o povo precisa de ser enganado e Uang teimava que nunca se deve enganar ninguém. Em seguida, resume-se essa discussão.

BAMBABEF

Devemos imitar o Ser Supremo, que não nos mostra as coisas tal como são; faz-nos ver o Sol com um diâmetro de dois ou três pés, embora o astro seja um milhão de vezes maior do que a Terra; faz-nos ver a Lua e as estrelas pregadas sobre um fundo azul igual, quando estão a distâncias diferentes. Quer que uma torre quadrada de longe nos pareça redonda; quer que o fogo pareça quente, quando não é quente nem frio; finalmente, rodeia-nos de erros convenientes à nossa natureza.

UANG

Aquilo a que chamais erro não o é. O Sol, tal como está situado a milhões de *lis* [54] distante do nosso globo, não é aquele que vemos. Na realidade, apenas distinguimos, e não podemos ver senão isso, o Sol que se retrata na nossa retina, sob um ângulo determinado. Os nossos olhos não nos foram dados para conhecer as grandezas nem as distâncias; para as saber, precisamos socorrer-nos de outros instrumentos e de outras operações.

Bambabef pareceu ficar muito espantado com essa afirmação. Uang, que era dotado de muita paciência, explicou-lhe então a teoria da óptica; e Bambabef, que possuía qualidades de concepção, rendeu-se, aceitou as demonstrações do discípulo de Confutzeu; depois, a disputa recomeçou nos seguintes termos:

BAMBABEF

Se Deus não nos engana com o concurso dos nossos sentidos, como eu supunha, pelo menos confessai que os médicos enganam sempre as crianças para bem delas: dizem-lhes que lhes dão açúcar e na realidade dão-lhes ruibarbo. [55] Logo eu, como faquir que sou, posso enganar o povo, que é tão ignorante como as crianças.

[54] Um *lis* tem 124 passos. (N. do A.)
[55] Planta medicinal. (N. dos T.)

UANG

Eu cá tenho dois filhos e nunca os enganei; se por acaso estão doentes, digo-lhes: "Este remédio é muito amargoso, é preciso um bocadinho de coragem para o tomar; mas se fosse doce, fazia-lhes mal". Nunca consenti que as amas e os preceptores lhes metessem medo com espíritos, almas penadas, fadas e bruxas: e por esse processo, consegui fazer deles cidadãos corajosos e sensatos.

BAMBABEF

O povo não nasceu com tanta felicidade, não foi tão feliz ao nascer como a vossa família.

UANG

Os homens são todos semelhantes uns aos outros; nascem todos com as mesmas faculdades e inclinações. Os faquires é que são culpados, corrompem a natureza dos homens.

BAMBABEF

É verdade que lhes ensinamos coisas erradas, confesso; mas é para o bem deles. Fazemos-lhes crer que, se não comprarem os nossos pregos bentos, se não expiarem os pecados dando-nos dinheiro, tornar-se-ão na vida futura cavalos de posta, cães ou lagartos: ora, isso mete-lhes muito medo e tornam-se pessoas de bem.

UANG

Mas então não vedes que assim contribuís para perverter essa pobre gente? Há entre eles, e muito mais do que se possa pensar, gente que raciocina, que troça dos vossos milagres, das vossas artes milagreiras, das vossas tontas superstições, gente que vê, perfeitamente, que não será transformada em lagartos nem em cavalos de posta. E que sucede, então? Possuem o suficiente bom senso para perceberem que lhes estais a pregar uma religião impertinente e não têm o bom senso bastante para se elevarem a conceber uma religião pura e livre de superstições, tal como é a nossa. As suas paixões fazem-lhes crer que não há religião nenhuma, porque a única que lhes ensinam é grotesca; assim vos tornais culpados de todos os vícios em que se atascam e se afundam.

BAMBABEF

Isso é mentira! Só lhes ensinamos uma boa e justa moral.

UANG

Seríeis decerto lapidados pelo povo se lhes ensinásseis uma moral impura. Os homens são feitos de maneira que, por muito que queiram cometer o mal, não gostam que lho preguem. Apenas era necessário não misturar uma moral sábia com fábulas absurdas, porque enfraqueceis com *as vossas imposturas*, sem as quais bem podíamos passar, essa moral justa que sois forçados a ensinar.

BAMBABEF

Homessa! Então acreditais que se pode ensinar a verdade ao povo sem a apoiar em fábulas?

UANG

Acredito-o firmemente. Os nossos letrados são feitos da mesma massa que os nossos alfaiates, tecelões e lavradores. Adoram todos um Deus criador, que premia e castiga. Não conspurcam

o seu culto com sistemas absurdos, nem cerimônias disparatadas; e praticam-se muito menos crimes entre a gente letrada que entre o povinho ignorante, a gentinha ignara. Por que razão não nos dignaríamos instruir os nossos operários da mesma maneira como instruímos os nossos letrados?

BAMBABEF

Seria forte tolice; é o mesmo que se quisésseis que tivessem uma delicadeza semelhante, que fossem todos jurisconsultos: mas tal coisa não é possível nem conveniente. Deve haver pão alvadio para os amos e pão escuro para os criados.

UANG

Confesso. Reconheço que os homens não devem ter todos a mesma ciência; mas há coisas indispensáveis a todos. É necessário que cada um seja justo e a maneira mais segura de inspirar a justiça a todos os homens é inspirar-lhes a religião sem superstição.

BAMBABEF

Excelente projeto, mas impraticável. Pensais que basta que os homens acreditem num Deus que castiga e que recompensa? Haveis-me dito que sucede com freqüência que os mais isentos dentre o povo se revoltam contra as minhas fábulas; pois também se hão de revoltar contra as vossas verdades. Vão dizer: "Quem me poderá garantir que Deus castiga e recompensa? Onde está a prova? Que missão é a vossa? Que milagre fizestes para que vos acredite?" E troçarão de vós, muito mais do que de mim.

UANG

É esse o vosso erro. Imaginais que sacudirão o jugo de uma idéia honesta, verossímil, útil a toda a gente, de uma idéia que está de acordo com a razão humana, porque se repelem coisas desonestas, absurdas, inúteis, perigosas, que causam arrepios ao bom senso.

O povo está sempre disposto a acreditar nos seus magistrados: quando os seus magistrados lhes propõem apenas uma crença razoável, perfilham-na de boa vontade. Para nada são precisos prodígios. Em nada são precisos prodígios para acreditarmos num Deus justo, o qual lê no coração dos homens; uma idéia como esta é natural demais para ser combatida e repelida. Nem é necessário dizer como Deus punirá ou recompensará; é suficiente o acreditar na sua justiça. Garanto-vos que vi cidades inteiras as quais quase não tinham outros dogmas além desse e que são aquelas mesmas onde reparei que a virtude era maior.

BAMBABEF

Tomai cuidado: achareis nessas cidades filósofos que vos hão de negar não só os castigos como também as recompensas divinas.

UANG

Pois haveis de confessar que esses tais filósofos negarão ainda com mais veemência as vossas invencionices; por aí não vos governais. Por essa banda, não vos governareis. E mesmo quando ali houvesse filósofos que não acatassem os meus princípios, não deixariam por causa disso de serem pessoas de bem, lá por isso não cultivariam menos a virtude, que deve ser perfilhada pelo amor e não pelo medo. Aliás, sustento que daqui em diante nenhum filósofo há de garantir que a Providência não reserva castigos aos maus e recompensas aos bons; porque se me perguntarem quem me disse que Deus castiga, eu hei de perguntar-lhes quem disse que Deus não castiga. Final-

mente, afirmo-vos que os filósofos me ajudarão, em vez de me contradizerem. Ora dizei: quereis ser também filósofo?

BAMBABEF

Com todo o gosto; mas não o vás dizer aos faquires.

G

Gênesis

Não vamos antecipar nada do que dizemos de Moisés no seu artigo; limitar-nos-emos a acompanhar alguns traços principais do livro do Gênesis, um após outro.

"No princípio, Deus criou o céu e a terra."

Assim se traduziu, mas esta tradução não é exata. Não haverá homem algum tanto instruído desconhecendo que o texto menciona: "No princípio, os deuses fizeram *ou* os deuses fez o céu e a terra". Esta lição conforma-se, aliás, com a antiga idéia dos fenícios, os quais imaginavam que Deus usava os deuses inferiores para deslindar o caos, o *chautereb*. Os fenícios constituíam, havia longo tempo, um povo poderoso, com uma teogonia própria, muito antes de os hebreus se haverem apoderado de algumas aldeias na região. É, pois, natural supor que quando os hebreus lograram finalmente estabelecer-se numa pequena zona da Fenícia, houvessem começado a aprender a língua, sobretudo desde que ali foram escravizados. Então, os que se ocupavam em escrever alguma coisa copiaram da antiga teologia dos seus senhores: tal é a marcha do espírito humano.

Na época em que situamos Moisés, os filósofos fenícios sabiam provavelmente o bastante para olharem para a Terra como um ponto, confrontada com a infinita multidão de globos que Deus colocou na imensidão do espaço a que se chama *céu*. Porém, a idéia, tão antiga e tão falsa, de que o céu foi feito para a Terra prevaleceu quase sempre entre o povo ignorante. É como se disséssemos que Deus criou todas as montanhas e um grão de areia e imaginássemos que essas montanhas tinham sido criadas para esse grão de areia. É impossível que os fenícios, tão bons navegadores, não fossem também bons astrônomos; mas os velhos preconceitos prevaleciam e esses velhos preconceitos foram a única ciência dos judeus.

"A terra era informe [56] *e vazia; as trevas estavam sobre a face do abismo e o espírito de Deus era levado sobre as águas."*

Informe significa precisamente caos, desordem; trata-se de uma dessas expressões imitativas [57] que se encontram em todas as línguas, como "de pernas para o ar", "chinfrim", "zabumbada". A terra ainda não estava formada tal qual é; a matéria existia mas ainda não fora organizada pela potência divina. O espírito de Deus significa o *sopro,* o *vento,* que agitava as águas. Esta idéia encontra-se expresa nos fragmentos do autor fenício Sanchoniathon. Os fenícios, como todos os outros povos, supunham eterna a matéria. Nunca na Antiguidade autor algum pretendeu que algo houvesse sido tirado do nada. Não se encontra mesmo, em toda a Bíblia, qualquer passagem em que se diga que a matéria fosse feita de nada.

Sempre os homens se dividiram quanto à questão da eternidade do mundo, mas nunca quanto à eternidade da matéria.

[56] e [57] Voltaire usa a expressão *tohu-bohu,* que traduzimos por informe, perante a dificuldade de no trecho em questão usarmos qualquer expressão imitativa equivalente. (N. dos T.)

Gigni

De nihilò nihilum, in nihilum nil posse reverti:

Eis a opinião de toda a Antiguidade.

"Deus disse: Faça-se a Luz, e a luz foi feita e viu Deus que a luz era boa; e separou a luz das trevas; e à luz chamou dia, e às trevas noite; e a tarde e a manhã foram o primeiro dia. E Deus disse também: Que o firmamento se faça no meio das águas e separe as águas das águas; e Deus fez o firmamento e separou as águas acima do firmamento das águas abaixo do firmamento; e ao firmamento Deus chamou céu; e a tarde e a manhã foi o segundo dia e Deus viu que isso era bom."

Comecemos por examinar se o bispo de Avranches, Huet, e Leclerc não têm evidente razão contra os que pretendem encontrar aqui um rasgo de eloqüência sublime.

Tal eloqüência nunca é afetada em qualquer das histórias escritas pelos judeus. Aqui, como em todo o resto da obra, o estilo é da maior simplicidade. Se um orador, para transmitir o poder de Deus, empregasse apenas esta expressão: "Ele disse: Que a luz seja, e a luz foi", estaríamos então perante o sublime. Tal é a seguinte passagem de um salmo: *Dixit, et facta sunt.* Trata-se de um rasgo que, sendo único no seu contexto e colocado para constituir uma grande imagem, fere e transporta o espírito.

Aqui, porém, a narrativa é das mais simples. O autor judeu não fala da luz de maneira diferente da dos outros objetos da criação; em cada versículo, diz igualmente: E *Deus viu que isso era bom.* Tudo é sublime na criação, sem dúvida; mas a da luz não o é mais que a da erva dos campos: o sublime define-se como aquilo que se eleva acima do restante, ao passo que o mesmo tom reina em todo este capítulo.

A opinião de que a luz não viria do Sol era muitíssimo antiga. Via-se como difusa no ar antes do nascer e após o desaparecimento desse astro; supunha-se que o Sol servia tão-só para a intensificar. Também o autor do *Gênesis* se conforma com este erro popular e, por uma singular reviravolta da ordem das coisas, não faz criar o Sol e a Lua senão quatro dias depois da luz. Não se consegue conceber como há uma manhã e uma tarde antes que haja um Sol. Existe aqui uma confusão impossível de deslindar. O inspirado autor conformava-se com os vagos e grosseiros preconceitos da sua nação. Deus não pretendia ensinar filosofia aos judeus. Podendo elevar o espírito dos judeus até à verdade, preferia descer até eles.

A separação da luz e das trevas não se mostra de melhor física; parece que a noite e o dia estariam conjuntamente misturados, como grãos de espécies diferentes que se separam uns aos outros. Sabe-se bem que as trevas são apenas a privação de luz e que não há luz senão enquanto os nossos olhos recebem esta sensação. À data, porém, estava-se muito longe de conhecer tais verdades.

A idéia de um firmamento remonta também à mais alta Antiguidade.

Imaginava-se que os céus eram muito sólidos, uma vez que os mesmos fenômenos eram aí invariavelmente observados. Os céus rolavam sobre as nossas cabeças, logo tinham de ser de matéria bem dura. E como avaliar quanto as exalações da terra e dos mares podem fornecer de água às nuvens? Nenhum Halley havia capaz de chegar a esse cálculo. Portanto, existiam reservatórios de água no céu. Forçoso era que semelhantes reservatórios fossem sustentados por uma boa abóbada; logo, esta era de cristal. Para que as águas superiores caíssem da abóbada sobre a terra, tornava-se necessário que aí houvesse comportas, diques, cataratas, què se abrissem e fechassem. Tal era a astronomia de então; e, posto que se escrevia para judeus, impunha-se a adoção das suas idéias.

"Deus fez duas grandes luminárias; uma para governar o dia, a outra, a noite; e fez também as estrelas."

Sempre a mesma ignorância da natureza. Os judeus desconheciam que a Lua só ilumina mediante uma luz refletida. O autor fala das estrelas como de uma bagatela, embora elas sejam outros tantos sóis, cada um deles com mundos girando em torno. O Espírito Santo acomodava-se ao espírito do tempo.

"Deus disse também: Façamos o homem à nossa imagem, e que ele domine os peixes, etc."

Que entendiam os judeus por *façamos o homem à nossa imagem?* O que toda a Antiguidade entendia:

Finxit in effigiem moderantum cuncta deorum [58].

Só dos corpos se fazem imagens. Nenhuma nação imaginou um deus sem corpo e é impossível representá-lo diferentemente. Pode-se dizer "Deus nada é do que conhecemos"; mas é impossível ter qualquer idéia do que seja Deus. Os judeus consideraram constantemente Deus como corpóreo, a exemplo de todos os outros povos. Do mesmo modo, os primeiros Padres da Igreja consideravam Deus corpóreo antes de abraçarem as idéias de Platão.

"Ele criou-os macho e fêmea."

Se Deus ou os deuses secundários criaram o macho e a fêmea à sua semelhança, parece, nesse caso, que os judeus consideravam Deus e os deuses como machos e fêmeas. Não se sabe, aliás, se o autor quer dizer que o homem começou por ter os dois sexos ou se entende que Deus fez Adão e Eva no mesmo dia.

O sentido mais natural será o de que Deus formou Adão e Eva ao mesmo tempo; todavia, esse sentido contradiz absolutamente a formação da mulher, feita de uma costela do homem, muito tempo depois dos sete dias.

"E Deus descansou no sétimo dia."

Os fenícios, os caldeus, os indianos diziam que Deus fizera o mundo em seis tempos, pelo velho Zoroastro designados os seis *gahambârs,* tão célebres entre os persas.

É incontestável que todos estes povos tinham uma teologia antes de a horda hebraica habitar os desertos de Horeb e do Sinai, antes de, entre essa horda, poder haver escritores. É, portanto, muito verossímil que a história dos seis dias tenha sido imitada da dos seis tempos.

"Do lugar das delícias saía um rio que regava o jardim e de lá se repartia em quatro rios: ao primeiro se chama Pison, que torneia a terra de Hévilath de onde vem o ouro... ao segundo se chama Géhon, que rodeia a Etiópia,... o terceiro é o Tigre e o quarto o Eufrates."

Segundo esta versão, o paraíso terrestre conteria perto de um terço da Ásia e da África. O Eufrates e o Tigre têm as suas nascentes a mais de sessenta vastas léguas um do outro, em montanhas horríveis que por nada se assemelham a um jardim. O rio que bordeja a Etiópia, e que não pode ser senão o Nilo ou o Níger, começa a mais de setecentas léguas das nascentes do Tigre e do Eufrates; e se Pison é o Fase, não deixa de surpreender a inclusão no mesmo local das nacentes de um rio da Cítia e de um rio de África.

[58] Modelou-os à imagem dos deuses que tudo governam. (N. do E.)

De resto,o jardim do Éden é visivelmente uma versão dos jardins de Éden em Saana, na Arábia Feliz, famosa em toda a Antiguidade. Os hebreus, povo muito recente, eram uma horda árabe. Honravam-se pois com o que de mais belo existia no melhor cantão da Arábia. Aliás, sempre fizeram uso próprio das antigas tradições dos grandes povos entre os quais constituíam um enclave.

"O Senhor tomou, pois, o homem e o pôs no jardim das delícias para que o cultivasse."

Cultivar o seu jardim [59] é algo de muito louvável, mas seria bem difícil para Adão cultivar um jardim de setecentas ou oitocentas léguas de extensão: tudo leva a crer que lhe deram ajudas.

"Não comerás o fruto da ciência do bem e do mal."

É difícil conceber que existisse uma árvore capaz de ensinar o bem e o mal, tal como existem pereiras e damasqueiros. De resto, por que razão não quereria Deus que o homem conhecesse o bem e o mal? Não seria o contrário muito mais digno de Deus e muito mais necessário ao homem? Parece à nossa pobre razão que Deus deveria ordenar ao homem que abundantemente comesse desse fruto; mas há que submeter a nossa razão.

"Se dele comeres, morrerás."

No entanto, Adão comeu e não morreu disso. Pelo contrário, fizeram-no viver ainda novecentos e trinta anos. Muitos Padres encararam tudo isto como uma alegoria. Com efeito, poder-se-ia querer dizer que os outros animais não sabem que morrerão, ao passo que o homem o sabe em virtude da sua razão. Assim, a razão é a árvore da ciência que o faz prever o seu fim. Esta explicação seria talvez a mais razoável.

"O Senhor disse também: não é bom que o homem esteja só; façamos-lhe uma coadjutora a ele semelhante."

Fica-se a esperar que o Senhor lhe vá dar uma mulher; nada disso: o Senhor traz-lhe todos os animais.

"E o nome que Adão deu a cada animal é o verdadeiro nome de cada um deles."

O que se poderá entender por verdadeiro nome de um animal será um nome que abriga todas as propriedades da sua espécie ou, pelo menos, as principais; em língua alguma, porém, existem semelhantes nomes. Todos contêm palavras imitativas, como *coq* em celta que de certo modo designa o canto do galo, *lupus* em latim, etc. Todavia, estas palavras imitativas são em número reduzido. Além disso, se Adão conhecesse assim todas as propriedades dos animais, ou já tinha comido o fruto da ciência, ou Deus não precisava de lhe proibir esse fruto.

Reparemos ser esta a primeira vez que Adão é nomeado no Gênesis. O primeiro homem, para os antigos brâmanes, prodigiosamente anteriores aos judeus, chamava-se Adimo, o filho da terra, e sua mulher, Procriti, a vida; é o que reza o *Veidam,* talvez o mais antigo livro do mundo. Adão e Eva significavam estas mesmas coisas na língua fenícia.

"Logo que Adão adormeceu, Deus tomou-lhe uma das costelas e pôs carne em seu lugar e da costela que tirara a Adão formou uma mulher, e trouxe-a a Adão."

O Senhor, um capítulo antes, havia já criado o macho e a fêmea; portanto, por que subtrair uma costela ao homem para daí fazer uma mulher já existente? Tem-se respondido que o autor anuncia num sítio e que explica noutro.

[59] Provável alusão à célebre frase final de *Cândido ou o Otimismo.* (N. dos T.)

"Ora, a serpente era o mais astuto de todos os animais da Terra, etc.; e disse à mulher, etc."

Não se faz neste artigo qualquer menção ao diabo; tudo aí é físico. A serpente era olhada não só como o mais astuto dos animais mas ainda como imortal. Entre os caldeus havia a fábula de uma querela entre Deus e a serpente, fábula essa conservada por Phérécyde. Orígenes cita-a no Livro VI contra Celso. Nas festas de Baco, era transportada uma serpente. Os egípcios associavam uma espécie de divindade à serpente, segundo o relato de Eusébio na sua *Preparação Evangélica,* Livro I, cap. 10. Na Arábia e nas Índias, na própria China, a serpente era olhada como o símbolo da vida; daí resultou que os imperadores da China, anteriores a Moisés, trouxessem sempre no peito a imagem de uma serpente.

Eva não se admira nada que a serpente lhe fale. Em todas as histórias antigas os animais falaram e, por isso mesmo , quando Pilpai e Loqman fizeram falar os animais, ninguém se surpreendeu.

Toda esta aventura é tão física e tão desprovida de qualquer alegoria, que nos damos conta do motivo por que a serpente rasteja desde então sobre o ventre, do motivo por que sempre a procuramos esmagar e do motivo por que sempre a serpente procura morder-nos; precisamente como, nas antigas metamorfoses, todos se davam conta do motivo por que o corvo, outrora branco, é agora negro, do motivo por que o mocho só de noite sai do seu buraco, do motivo por que o lobo gosta da carnagem, etc.

"Multiplicarei as tuas misérias e as tuas concepções; e terás os teus filhos com dor; e sob o poder do homem ficarás e ele te dominará."

Não se percebe que a multiplicação de concepções constitua um castigo. Sustenta-se, pelo contrário, que era uma grande bênção, principalmente entre os judeus. As dores do parto só são consideráveis nas mulheres delicadas; as acostumadas ao trabalho concebem muito facilmente, sobretudo nos climas quentes. Por vezes, há animais que sofrem grandemente durante a gravidez; em alguns casos, chegam mesmo a morrer. E quanto à superioridade do homem sobre a mulher, trata-se de uma coisa inteiramente natural: é o efeito da força do corpo e, até, da do espírito. Em geral, os homens dispõem de órgãos mais capazes de atenção persistente que as mulheres e são mais aptos para os trabalhos da cabeça e do braço. Porém, quando a mulher tem o pulso e o espírito mais fortes que o marido, torna-se, em qualquer lado, a dominadora: nesse caso, é o marido que fica submetido à mulher.

"O Senhor fez-lhes túnicas de peles."

Esta passagem prova bem que os judeus supunham Deus corpóreo, uma vez que o fazem exercer o ofício de alfaiate. Um rabino chamado Eliezer escreveu que Deus cobrira Adão e Eva com a pele da própria serpente que os tentara e Orígenes pretende que esta túnica de pele era uma nova carne, um novo corpo que Deus fez ao homem.

"E o Senhor disse: Eis Adão, que se tornou como um de nós."

É preciso renunciar ao senso comum para não admitir que os judeus começaram por admirar numerosos deuses. Já é mais difícil apurar o que entenderiam eles pela palavra Deus, *Eloim.* Alguns comentadores pretenderam que a expressão *um de nós* significa a Trindade, mas é indubitável que nunca a Bíblia põe em causa a Trindade. A Trindade não é um composto de vários deuses, mas é o próprio Deus triplo, e os judeus jamais ouviram falar de um deus em três pessoas.

Pela expressão *semelhante a nós* é verossímil que os judeus entendessem os anjos, *Eloim,* e, por conseguinte, o livro só teria sido escrito depois de adotarem a crença nestes deuses inferiores.

"O Senhor o pôs fora do jardim das delícias, para que ele cultivasse a terra."

Contudo, o Senhor havia-o posto no jardim das delícias *para que ele cultivasse esse jardim.* Se de jardineiro Adão se tornou lavrador devemos confessar que o seu estado não piorou muito com a mudança: um bom lavrador vale bem um bom jardineiro.

Toda esta história se refere, em geral, segundo comentadores demasiado arrojados, à idéia que todos os homens tiveram, e ainda têm, de que os primeiros tempos valiam mais que os novos. Sempre o presente foi lamentado e gabado o passado. Os homens, sobrecarregados de trabalhos, localizaram na ociosidade o bem-estar, sem se darem conta de que o pior dos estados é o do homem sem nada que fazer. Tantas vezes se viram infelizes, que forjaram a idéia de um tempo em que todo o mundo conhecera a felicidade. É pouco mais ou menos como se disséssemos: "Houve tempos em que nenhuma árvore perecia, em que nenhum animal era doente, nem fraco, nem devorado por outro". Daí, a idéia do Século de Ouro, do ovo varado por Ariamane, da serpente que furtou ao asno a receita da vida feliz e imortal que o homem pusera sob a albarda; daí, o combate de Tifon contra Osíris, de Ofioneu contra os deuses, e essa famosa caixa de Pandora, e todos esses velhos contos, alguns divertidos, nenhum instrutivo.

"E Deus pôs no jardim das delícias um querubim que brandia circularmente um gládio flamejante, para guardar a entrada da árvore da vida."

A palavra *Kerub* significa boi. Um boi armado com um sabre flamejante constitui uma estranha figura ao pé de uma porta. Todavia, os judeus representaram, posteriormente, anjos sob a forma de bois e de gaviões, isto não obstante lhes ser proibido construir qualquer figura. Esses bois e esses gaviões, recolheram-nos visivelmente no Egito, onde imitaram tantas coisas. Os egípcios, nos primeiros tempos, veneraram o boi como símbolo da agricultura e o gavião como símbolo dos ventos; mas nunca transformaram um boi em porteiro.

"Os deuses, Eloim, *viram que as filhas dos homens eram belas e tomaram para esposas as que escolheram."*

Ainda uma imagem comum a todos os povos. Não há nação alguma, salvo a China, em que um deus qualquer não tenha vindo fazer filhos às moças. Estes deuses corpóreos desciam com freqüência à terra, em visita aos seus domínios, viam as nossas filhas e lançavam mão das mais bonitas; as crianças nascidas do comércio entre estes deuses e os mortais deviam ser superiores aos outros homens e, assim, o *Gênesis* não deixa de afirmar que os deuses que dormiam com as nossas filhas produziam gigantes.

"E farei virem sobre a terra as águas do dilúvio."

Aqui, notarei somente que Santo Agostinho, na *Cidade de Deus,* n.º 8, diz: *Maximum illud diluvium Graeca nec Latina novit historia:* nem a história grega nem a latina conhecem este grande dilúvio. Com efeito, só foram conhecidos os de Deucalião e Oxyges, na Grécia, vistos como universais nas fábulas recolhidas por Ovídio, mas inteiramente ignorados na Ásia oriental.

"Deus disse a Noé: Vou fazer um pacto contigo e com a tua semente depois de ti, e com todos os animais."

Deus fazer um pacto com os animais! Que pacto!, exclamam os incrédulos. Mas, se Deus se alia com o homem, por que não com o animal? O animal tem sentimentos e há algo de tão divino no sentimento como no mais metafísico dos pensamentos. De resto, os animais sentem melhor do que pensa a maior parte dos homens. Aparentemente, foi em virtude deste pacto que Francisco de Assis, fundador da ordem seráfica, dizia às cigarras e às lebres: "Canta, irmã cigarra; rói, irmã lebre". Em que consistiram, porém, as condições do tratado? Que todos os animais se devorariam uns aos outros; que se alimentariam da nossa carne e nós da deles; que, depois de os comermos, os exterminaríamos raivosamente e que só nos faltaria comer os nossos semelhantes que degolássemos. Tal pacto, a existir, teria sido feito com o diabo.

Provavelmente toda esta passagem quer significar que Deus é igualmente senhor absoluto de tudo o que respira.

"E porei o meu arco nas nuvens e ele será um sinal do meu pacto, etc."

É de notar que o autor não diz "Pus o meu arco nas nuvens", mas "porei", o que leva evidentemente a supor que, segundo a opinião comum, o arco-íris nem sempre existira. Trata-se de um fenômeno provocado pela chuva e dão-nos aqui como algo de sobrenatural a advertir que a terra não voltará a ser inundada. É estranha esta escolha do sinal da chuva como garantia de que se não será afogado. Mas pode também responder-se que, em perigo de inundação, se é tranqüilizado pelo arco-íris.

"E, pela tarde, os dois anjos chegaram a Sodoma, etc."

Toda a história dos dois anjos que os sodomitas quiseram violar é talvez a mais extraordinária que a antiguidade inventou. No entanto, convém considerar que, em quase toda a Ásia, acreditava-se na existência de demônios íncubos e súcubos; e que, além disso, sendo esses dois anjos criaturas mais perfeitas que os homens, deveriam ser mais belos e acender entre um povo corrompido maiores desejos do que suscitariam homens vulgares.

De Ló, que propõe aos sodomitas as suas duas filhas em lugar dos dois anjos, e da mulher de Ló transformada em estátua de sal, e de todo o resto da história, que se poderá dizer? A antiga fábula arábica de Cinyra e de Myrrha tem alguma relação com o incesto de Ló e das filhas; e a aventura de Filêmon e de Baucis não deixa de se assemelhar à história dos dois anjos que apareceram a Ló e a sua mulher. Quanto à estátua de sal, ignoramos a que se assemelhe: talvez à história de Orfeu e Eurídice.

Apareceram alguns sábios pretendendo que se deveria cortar dos livros canônicos todas estas coisas incríveis que escandalizam os fracos; afirmou-se, contudo, que esses sábios eram corações corrompidos, homens dignos da fogueira e que é impossível ser-se um homem decente sem se acreditar que os sodomitas quiseram violar dois anjos. Assim raciocina uma espécie de monstros, desejosa de dominar os espíritos.

Alguns célebres Padres da Igreja, e sobretudo Fílon, tiveram a prudência de transformar estas histórias em alegorias, para exemplo dos judeus. Alguns papas, mais prudentes ainda, quiseram impedir a tradução destes livros em língua vulgar, temerosos de que os homens ficassem em posição de julgarem o que lhes era proposto para adoração.

Impõe-nos certamente concluir que quem entender perfeitamente este livro deve tolerar os que o não entendem; porquanto aqueles que nada entendem, não é por sua culpa que o não entendem. Mas os que nada compreendem devem tolerar também os que compreendem tudo.

Guerra

A fome, a peste e a guerra são os três ingredientes mais famosos deste mundo rasteiro. Podemos incluir na rubrica da fome todos os maus alimentos a que a dieta nos força a recorrer para abreviarmos a nossa vida na esperança de a prolongarmos.

São compreendidas na peste todas as doenças contagiosas, em número de duas ou três mil. Estes dois presentes são dádivas da Providência. Mas a guerra, que reúne todos estes dons, é dádiva da imaginação de trezentas ou quatrocentas pessoas espalhadas pela superfície do globo, sob o nome de príncipes ou de ministros; e talvez seja esta a razão por que, em numerosas dedicatórias, são apelidados de imagens vivas da Divindade.

O mais obstinado dos lisonjeadores concordará sem esforço que a guerra arrasta sempre consigo a peste e a fome, por pouco que conheça os hospitais de campanha alemães e tenha atravessado algumas aldeias onde houvesse ocorrido este ou aquele grande feito militar.

Sem dúvida que é uma arte muito bela, esta de desolar os campos, destruir as habitações e

fazer perecer, em ano normal, quarenta mil em cem mil homens. Semelhante invenção foi, inicialmente, cultivada por nações reunidas em assembléia para a realização do seu bem comum; por exemplo, a dieta dos gregos declarou à dieta dos frígios e povos vizinhos que ia partir num milheiro de barcos de pesca para os exterminar, se pudesse.

O povo romano reunido em assembléia julgou que seria de seu interesse ir combater, antes das ceifas, o povo dos veias ou o dos volscos. E, alguns anos mais tarde, estando todos os romanos encolerizados contra todos os cartagineses, bateram-se longamente sobre o mar e sobre a terra. Hoje, as coisas não se passam assim.

Um genealogista prova a um príncipe que este descende em linha reta de um conde cujos pais tinham celebrado um pacto de família, há trezentos ou quatrocentos anos, com uma casa de que nem sequer resta memória. [60] Esta casa tinha pretensões afastadas sobre uma província cujo último possuidor morreu de apoplexia: de tudo isto o príncipe e o seu conselho concluem sem dificuldade que a província pertence àquele por direito divino. A província, sita a alguns centenares de léguas do príncipe, bem pode protestar que não o conhece, que nenhum desejo tem de ser governada por ele; que para ditar leis às gentes é necessário pelo menos dispor-se do seu consentimento: tais discursos não alcançam sequer as orelhas do príncipe, cujo direito é incontestável. Sem demora, encontra um grande número de homens que nada têm a perder; veste-os com espesso tecido azul a cento e dez vinténs a vara, enfeita-lhes os chapéus com fio branco grosso, fá-los volver à esquerda e à direita, e marcha para a glória.

Outros príncipes, ouvindo falar desta equipagem, associam-se cada qual segundo o seu poderio, e cobrem uma pequena parcela de território com mais assassinos mercenários do que quantos Gêngis Can, Tamerlão e Bajazeto trouxeram na sua esteira.

Povos bastante afastados ouvem dizer que vai haver combate e que há cinco ou seis vinténs por dia guardados para eles se quiserem fazer parte da companhia: dividem-se imediatamente em dois bandos, como os ceifeiros, e vão vender os serviços a quem os quiser empregar.

Estas multidões encarniçam-se umas contra as outras não só sem terem qualquer interesse no litígio mas até sem saberem mesmo do que se trata.

Depararam-se-nos às vezes cinco ou seis potências beligerantes, ora três contra cinco, ora duas contra quatro, ora uma contra cinco [61], todas detestando-se igualmente umas às outras, unindo-se e atacando-se à vez; todas de acordo num só ponto, o de fazerem o maior mal possível.

O maravilhoso nesta empresa infernal é que todos os chefes de assassinos fazem benzer as bandeiras e invocam solenemente Deus antes de irem exterminar o próximo. Se um chefe não teve senão a sorte de fazer degolar dois ou três mil homens, nem agradece a Deus; mas que lhe caibam cerca de dez mil exterminados pelo ferro e pelo fogo e que, para cúmulo da Graça, uma cidade qualquer tenha sido destruída de alto a baixo, e logo será cantada [a quatro vozes] uma canção assaz longa, composta numa língua desconhecida por todos os combatentes e, para mais, recheada de barbarismos. A mesma canção serve para casamentos e nascimentos, bem como para os morticínios: o que é imperdoável, sobretudo na nação de mais nomeada quanto a novas canções. [62]

A religião natural mil vezes impediu os cidadãos de cometerem crimes. As almas bem nascidas não os desejam cometer; as almas ternas vêem-nos com terror, tendo presente a imagem de um Deus justo e vingador. A religião artificial encoraja, porém, a todas as crueldades perpetradas em bando, conjuras, sedições, assaltos, emboscadas, ataques de surpresa, pilhagens, morticínios. Todos marcham alegremente para o crime, sob a bandeira do seu santo.

Por todo o lado se paga a um certo número de predicadores para celebrarem estas jornadas

[60] Provavelmente, Voltaire quis aludir às habilidades genealógicas argüidas por Frederico II quando invadiu a Silésia. (N. dos T.)

[61] Voltaire deve querer referir-se a mudanças recentes no panorama das alianças européias: a França aliando-se à Áustria (1756), a Rússia e Prússia, potências inimigas, tornando-se aliadas (1762). (N. dos T.)

[62] A França provavelmente. (N. dos T.)

de morte; uns envergam um longo balandrau negro, sobrecarregado com um manto aberto; [63] outros usam camisa por cima de uma toga e outros ainda dois pendentes de estofo colorido sobre a camisa. [64] Todos falam estiradamente e citam o que se fez, outrora, na Palestina, a propósito de um combate na Veterávia. [65]

No resto do ano, estes sujeitos declamam contra os vícios. Provam em três pontos e por antíteses que as damas que espalham um pouco de carmim nos rostos frescos serão eterno objeto das eternas vinganças do Eterno; que *Polieucto* e *Atalia* são obras do demônio; que um homem que faz servir à sua mesa peixe de duzentos escudos, em dia de quaresma, garante a salvação, ao passo que o pobre homem que come carneiro, por dois vinténs e meio, irá para todos os diabos eternamente.

Entre cinco ou seis mil declamações desta espécie, há quando muito três ou quatro, compostas por um gaulês chamado Massilon, que um homem decente pode ler sem repulsa; mas, em todos os discursos, apenas encontrareis dois em que o autor ousa erguer-se contra o flagelo e o crime da guerra, que contém todos os flagelos e todos os crimes. Os infelizes predicadores falam sem cessar contra o amor, que é a única consolação do gênero humano e a única maneira de o resgatarmos; nada dizem dos nossos esforços abomináveis para o destruirmos.

Fizeste um muito mau sermão sobre a impureza, ó Bourdaloue!, mas nenhum sobre esses morticínios de tantas maneiras variados, sobre essas rapinas, esses assaltos, sobre esse furor universal que desola o mundo. Todos os vícios reunidos, de todas as idades e de todos os lugares, nunca igualarão os males produzidos por uma só campanha.

Miseráveis médicos das almas, vós gritais durante cinco quartos de hora sobre algumas picadas de alfinete e nada dizeis sobre a doença que nos despedaça em mil bocados! Queimai todos os vossos livros, ó filósofos moralistas. Enquanto o capricho de alguns homens conduzir ao massacre de milhares dos nossos irmãos, a parte do gênero humano consagrada ao heroísmo constituirá o que de mais atroz há na natureza inteira.

Em que se tornam e que me importam a humanidade, as benfeitorias, a modéstia, a temperança, a doçura, a sabedoria, a piedade, quando uma meia-libra de chumbo atirada a seiscentos passos me rebenta o corpo e eu morro aos vinte anos em tormentos inexprimíveis, entre cinco ou seis mil moribundos, quando os meus olhos, que se abrem pela última vez, vêem a cidade em que nasci destruída pelo ferro e pela chama e os últimos sons que meus ouvidos escutam são os gritos das mulheres e das crianças expirando sobre as ruínas, tudo em atenção aos pretendidos interesses de um homem que não conhecemos?

O pior é que a guerra mostra ser um flagelo inevitável. Reparando bem, todos os homens adoram o deus Marte: Sabaoth, entre os judeus, significa deus das armas; mas Minerva, segundo Homero, chama a Marte deus furioso, insensato, infernal.

H

* História

Seção I

Definição

A História é a narração de fatos considerados verdadeiros, ao contrário da fábula, narração de fatos considerados falsos.

[63] Os pastores protestantes. (N. dos T.)
[64] Os padres católicos quando usam sobrepeliz e estola. (N. dos T.)
[65] Antiga designação da Renânia. (N. dos T.)

Há também a história das opiniões, simples coletânea dos erros humanos.

A história das artes pode ser a mais útil de todas, se unir o conhecimento da invenção e do progresso das artes à descrição de seus mecanismos.

A história natural, impropriamente denominada "história", é uma parte essencial da física.

A história dos acontecimentos divide-se em sagrada e profana. A primeira é uma seqüência de operações divinas e miraculosas com que aprouve a Deus guiar outrora a nação judaica e provar agora a nossa fé.

Primeiros fundamentos da História

Os primeiros fundamentos de toda História encontram-se nas narrativas que os pais fazem aos filhos e que são transmitidas depois de geração em geração. Em sua origem são mais ou menos prováveis (desde que não choquem o senso comum), mas perdem gradualmente a probabilidade em cada geração. Com o tempo a fábula cresce e a verdade diminui: por este motivo todas as origens dos povos são absurdas. Assim, por exemplo, durante muitos séculos os egípcios teriam sido governados por deuses e semideuses, até que finalmente teriam tido reis durante onze mil e trezentos anos, sendo que nesse espaço de tempo o sol teria mudado quatro vezes de origem e de ocidente.

Na época de Alexandre, os fenícios pretendiam ter-se estabelecido em seu país havia mais de trinta mil anos, durante os quais teriam ocorrido tantos prodígios como na cronologia egípcia. Confesso que fisicamente é muito possível que a Fenícia tenha existido não somente trinta mil anos, mas trinta mil milhões de séculos, e tenha experimentado, como o resto do globo, trinta mil revoluções. No entanto, não temos conhecimento disso.

Sabe-se como impera o maravilhoso ridículo na história dos gregos.

Os romanos, tão sérios, também não deixaram de envolver em fábulas a história de seus primeiros séculos. Povo mais recente do que os asiáticos, permaneceu quinhentos anos sem história. Assim, não é surpreendente que Rômulo seja filho de Marte, que uma loba o tenha amamentado, que tenha marchado com mil homens da aldeia de Roma contra vinte e cinco mil combatentes da aldeia dos sabinos, e que tenha virado um deus. Também não é surpreendente que Tarqüínio, o Velho, tenha cortado uma pedra com uma navalha e que uma vestal tenha puxado um navio para a terra auxiliada apenas por seu cinto.

Os anais de todas as nações modernas não são menos fabulosos. As coisas prodigiosas e improváveis devem ser relatadas algumas vezes como prova da credulidade humana — pertencem à história das opiniões e das tolices, mas seu campo é vasto.

Dos monumentos

O único meio para conhecer com relativa certeza alguma coisa sobre a história antiga é ver se restam alguns monumentos incontestáveis. Por escrito, dispomos de apenas três: o primeiro é a coletânea das observações astronômicas feitas durante mil e novecentos anos seguidos na Babilônia e enviados à Grécia por Alexandre. Tais observações revelam que os babilônios formavam um povo organizado muitos séculos antes delas, pois as artes são obra do tempo e a preguiça natural dos homens deixa-os por milhares de anos reduzidos aos conhecimentos e aos talentos necessários para a alimentação e para a defesa contra as injúrias do clima e do ataque recíproco. Pode-se julgar a veracidade dessa afirmação examinando-se os germanos e os ingleses, no tempo de César, os tártaros, hoje em dia, dois terços da África e todos os povos encontrados na América, com exceção dos reinos do Peru e do México e da república de Tlascala. Lembremo-nos ainda de que nesse Novo Mundo ninguém sabia ler ou escrever.

O segundo monumento é o eclipse central do Sol, calculado na China dois mil, cento e cinqüenta anos antes de nossa era e tido como verdadeiro por todos os astrônomos. Deve-se dizer

dos chineses o mesmo que se disse dos babilônios: já constituíam um vasto império organizado. Mas os chineses estão acima de todos os outros povos da Terra porque suas leis, seus costumes e a língua falada pelos letrados não mudaram há mais de quatro mil anos. E, no entanto, a China e a Índia foram sempre omitidas de nossas pretensas histórias universais, embora sejam as duas nações mais antigas de todas as que subsistem ainda hoje, as que possuem os países mais belos e mais vastos, as que inventaram quase todas as artes antes que tivéssemos conhecido algumas. Quando espanhóis e franceses fazem o catálogo das nações, não deixam de colocar seus próprios países como a primeira monarquia do mundo e seu rei como o maior rei do mundo, com a esperança de receber uma pensão assim que o rei ler o livro.

O terceiro monumento, bem inferior aos dois primeiros, subsiste nos mármores de Arundel: a crônica de Atenas aí foi gravada duzentos e sessenta e três anos antes de nossa era, mas vai apenas até Cecrops, isto é, mil e trezentos anos antes da gravação.

Estas são as únicas épocas incontestáveis que possuímos a respeito de toda a Antiguidade.

É preciso dar grande atenção às crônicas dos mármores trazidos da Grécia por lorde Arundel. Começam mil, quinhentos e noventa anos antes de nossa era (portanto, atualmente têm uma antiguidade de três mil, trezentos e cinqüenta e três anos) e não contêm qualquer fato miraculoso ou prodigioso. O mesmo comentário pode ser feito quanto às Olimpíadas — não são elas que permitem o epíteto *Graecia mendax,* a Mentirosa Grécia. Os gregos sabiam distinguir muito bem a fábula e a história, os fatos reais e os contos de Heródoto, tanto assim que seus oradores, ao falarem de assuntos sérios, nunca empregavam os discursos dos sofistas nem as imagens dos poetas.

A data da tomada de Tróia está marcada nos mármores, mas nada se diz sobre as flechas de Apolo, o sacrifício de Ifigênia ou sobre os combates ridículos dos deuses. A data das invenções de Triptolemo e Ceres também está indicada, mas Ceres não é chamada de "deusa". Menciona-se o rapto de Prosérpina, mas não se diz que seja filha de Júpiter e uma deusa, ou que seja mulher do deus dos infernos.

Hércules é indicado nos mistérios de Eleusina, mas não há uma palavra sobre seus doze trabalhos, sua passagem pela África, sua taça, sua divindade, sobre o grande peixe que o engoliu e o manteve em seu ventre três dias e três noites, segundo Licofrão.

Entre nós, pelo contrário, um estandarte é trazido do céu por um anjo aos monges de St. Denis; um pombo traz uma garrafa de óleo para a igreja de Reims; dois exércitos de serpentes combatem na Alemanha; um arcebispo de Mayence é sitiado e comido por ratos, e, para o cúmulo, tem-se até o cuidado de assinalar o ano dessas aventuras. O abade Lenglet compila tais impertinências; os almanaques as repetem cem vezes e é assim que se instrui a juventude e os próprios príncipes.

Toda história é recente. Não é surpreendente a ausência de história antiga profana para além de quatro mil anos. Causas: as revoluções do globo e o longo e universal desconhecimento dessa arte que transmite os fatos pela escrita. Há muitos povos que ainda não têm o hábito da história e esta arte só é comum a um número muito pequeno de nações policiadas, e, nestas, foi cultivada por poucas mãos. Saber escrever é muito raro entre franceses e germanos — até o século XIV de nossa era os atos só eram atestados por testemunhas. Na França, só a partir de 1454, sob Carlos VII, começaram-se a redigir alguns costumes franceses. Entre os espanhóis a arte de escrever era ainda mais rara e por isso sua história é tão seca e incerta até Fernando e Isabel. Vê-se por aí como o pequeno número dos que sabiam escrever podia impor-se e como lhes foi fácil obrigar-nos a crer em enormes absurdos.

Há nações que subjugaram uma parte da Terra sem conhecer o uso dos caracteres. Sabemos que Gêngis Can conquistou uma parte da Ásia no começo do século XIII, mas não foi por ele nem pelos tártaros que o soubemos. Sua história, escrita pelos chineses e traduzida pelo padre Gaubil, afirma que não conheciam ainda a arte de escrever.

É quase certo que, pouco antes do reinado de Ciro, não havia em cem nações mais que duas ou três que soubessem escrever. É possível que num antigo mundo destruído os homens tivessem conhecido a escrita e as outras artes. No nosso, porém, são recentes.

Restam ainda monumentos de outra espécie e que servem somente para constatar a grande antiguidade de certos povos. São monumentos que precedem todas as épocas conhecidas e todos

os livros: os prodígios da arquitetura. É o caso, por exemplo, das pirâmides e palácios do Egito, que resistiram ao tempo. Heródoto, que viveu há dois mil e duzentos anos e que os vira, não conseguiu saber dos padres agípcios em que tempo haviam sido construídos.

É difícil atribuir menos de quatro mil anos à mais antiga das pirâmides. A ostentação dos reis só pode ter começado quando já havia cidades. Ora, construir cidades num país inundado todos os anos exigiu que se elevassem os terrenos das cidades sobre pilastras para torná-los inacessíveis à inundação. Antes de chegar a isto e tentar grandes trabalhos, as populações devem ter feito retiradas durante as enchentes do Nilo, alojando-se no meio dos rochedos que formam duas cadeias à direita e à esquerda do rio. Também foi preciso que tais populações tivessem instrumentos de lavoura, de arquitetura, um conhecimento de agrimensura, leis e polícia. Tudo isto requer um tempo prodigioso, exigindo gerações inteiras e muito obstinadas.

Entretanto, seja Quéfren ou Quéops ou Miquerinos ou Ramsés, o construtor de dois ou três desses prodígios, nem por isso nosso conhecimento do antigo Egito se torna maior, pois a língua desse povo se perdeu. Sabemos, pois, somente uma coisa: antes dos historiadores antigos já havia com que escrever uma história antiga.

Seção II

Como já há mais de vinte mil obras, a maioria em vários volumes, somente sobre a história da França, e como um homem estudioso que vivesse cem anos não teria tempo de lê-las, é preciso que nos limitemos. Além disso, é preciso que conheçamos também a história de nossos vizinhos, bem como a dos gregos e dos romanos, pois muitas de suas leis são ainda as nossas. Se, porém, recuássemos ainda mais, faríamos como um homem que, tendo deixado Tácito e Tito Lívio, fosse estudar seriamente as *Mil e Uma Noites*. Todas as origens dos povos visivelmente são fábulas. A razão disso deve ser o fato de que os homens certamente viveram por muito tempo agrupados como povoações, tiveram que aprender a fazer pão e o vestuário (o que era difícil) antes de aprender a transmitir todos os seus pensamentos à posteridade (o que era mais difícil ainda). A arte de escrever seguramente não tem mais de seis mil anos entre os chineses e, digam o que disserem, não parece que egípcios e caldeus tenham sabido ler e escrever convenientemente mais cedo.

A história dos tempos anteriores só pode ter sido transmitida de memória, e sabe-se como a lembrança das coisas passadas altera-se de geração para geração. As primeiras histórias foram escritas apenas pela imaginação. E cada povo inventou não somente sua própria origem, mas também a do mundo inteiro.

. . . . . .

Qual é a história útil? Aquela que nos mostra nossos deveres e direitos sem ter a aparência de nos querer ensiná-los.

Pergunta-se freqüentemente se a fábula do sacrifício de Ifigênia foi tomada da história de Jefté; se o dilúvio de Deucalião é uma imitação do de Noé; se a aventura de Filemon e Baucis é uma cópia da de Ló e sua mulher. Os judeus afirmam que não se comunicavam com os estrangeiros e que seus livros só foram conhecidos pelos gregos através de uma tradução feita por ordem de um dos Ptolomeus. Entretanto, os judeus foram durante muito tempo corretores e usurários entre os gregos de Alexandria e os gregos nunca foram vender roupa em Jerusalém. Parece que nenhum povo imitou os judeus, mas estes tomaram muitas coisas dos babilônios, dos egípcios e dos gregos.

Todas as antiguidades judaicas são sagradas para nós, apesar de nosso desprezo e de nosso ódio por esse povo. Não podemos crê-las pela razão, mas submetemo-nos aos judeus pela fé. Há mais ou menos oitenta sistemas para sua cronologia e muitas maneiras para explicar os acontecimentos de sua história. Não sabemos quais as verdadeiras mas damos-lhes nossa fé para o tempo em que forem descobertas.

Temos que acreditar em tantas coisas desse povo sábio e magnânimo que toda nossa crença acha-se esgotada, de modo que não nos sobra nenhuma para os prodígios das outras nações.

O que mais aprecio em nossos modernos compiladores é a boa fé com que nos provam que tudo o que aconteceu outrora nos maiores impérios do mundo só aconteceu para instruir os habitantes da Palestina. Se os reis da Babilônia, em suas conquistas, caem de passagem sobre o povo hebreu, é unicamente para corrigir os pecados deste povo. Se o Rei Ciro torna-se senhor da Babilônia, é para dar aos hebreus a permissão de retornarem a seu país. Se Alexandre vence Dario, é para estabelecer alfaiates em Alexandria. Quando os romanos acrescentam a Síria ao seu vasto império e englobam o pequeno reino da Judéia, ainda é para instruir os judeus. Os árabes e os turcos vieram apenas para corrigir esse povo amável. É preciso admitir que recebeu uma excelente educação. Nunca se tiveram tantos preceptores — quão útil é a história!

Mas o mais instrutivo é a justiça rigorosa dos clérigos para com todos os príncipes que os desgostam. Com que candura imparcial São Gregório de Nazianzo julga o Imperador Juliano, filósofo! Declara que este não temia o diabo e que mantinha contato secreto com ele, mas que um dia os demônios lhe apareceram envoltos em chamas e sob figuras hediondas e que os expulsou fazendo por inadvertência o sinal da cruz. Chama-o de "furioso", de "miserável". Assegura que imolou rapazes e moças todas as noites em sua adega. É assim que fala do mais clemente dos homens, que nunca se vingou sequer das invectivas do próprio Gregório. E como o melhor método para caluniar um inocente é fazer a apologia de um culpado o santo de Nazianzo não teve dúvidas em fazer o elogio do predecessor e tio de Juliano, Constâncio, que mandara matar seu tio Júlio mais seus dois filhos, os três declarados augustos. Mandou matar também Galo, irmão de Juliano. Aprendera todas essas crueldades com seu pai, Constantino, e, não contente de exercê-las sobre sua própria família, exerceu-as também sobre o império. Mas era um devoto e orava muito. E, assim, Gregório faz seu panegírico. Se é dessa maneira que os santos nos ensinam a verdade, que não devemos esperar dos profanos, sobretudo quando são ignorantes e apaixonados?

Atualmente usa-se a história de um modo muito esquisito. Desenterram-se constituições suspeitas e mal compreendidas, datando da época de Dagoberto, e quer-se que voltem a vigorar mais os costumes, os direitos e as prerrogativas de antanho. Os historiadores que assim procedem seriam como um homem que chegasse à praia e dissesse ao mar: outrora banhavas Águas-Mortas, Frejus, Ravena, Ferrara. Retorna imediatamente para lá!

SEÇÃO III

Da certeza em história

Toda certeza que não encontre uma demonstração matemática é uma simples probabilidade. A certeza histórica é dessa espécie.

Quando Marco Pólo sozinho narrou coisas sobre a China, não pôde ser acreditado. Quando os portugueses, séculos depois, entraram nesse vasto império, começaram a tornar as descrições de Marco Pólo mais prováveis. Hoje todas são certas porque a certeza decorre dos depoimentos unânimes de mais de mil testemunhas oculares de diferentes nações, sem que alguém tenha reclamado contra eles.

Eu teria suspendido meu juízo se somente dois ou três historiadores tivessem escrito a aventura do Rei Carlos XII, que se obstinava em permanecer nos Estados do sultão seu benfeitor, contra a vontade deste, e que se batia acompanhado de seus domésticos contra um exército de janízaros e de tártaros. Mas, tendo falado com várias testemunhas oculares, e nunca tendo visto essas ações postas em dúvida, tive de crê-las, pois não são contrárias às leis da natureza nem ao caráter do herói, embora não sejam sensatas nem comuns.

O que contraria o curso ordinário da natureza não deve ser acreditado, a menos que seja atestado por homens animados verdadeiramente pelo espírito divino e que seja impossível duvidar de sua inspiração. E que seus testemunhos sejam todos concordantes (o que é bastante difícil).

. . . . . .

Incerteza da história

Distinguem-se os tempos em fabulosos e históricos, mas estes últimos deveriam ser distinguidos em verdades e fábulas. Não me refiro às fábulas reconhecidas como tais e sim àquelas que estão presentes em fatos admitidos.

Assim, por exemplo, é preciso considerar que a república romana permaneceu quinhentos anos sem história, que Tito Lívio deplora a perda dos monumentos que pereceram no incêndio de Roma, que nos primeiros trezentos anos a arte de escrever era muito rara, e então será permitido duvidar de todos os acontecimentos que não se enquadram na ordem humana das coisas.

Sobre a máxima de Cícero concernente à história:

"Que o historiador não ouse dizer uma mentira nem esconder uma verdade."

A primeira parte desse preceito é incontestável. É preciso examinar a segunda. Se uma verdade puder ser útil ao Estado, silenciá-la será condenável. Mas suponhamos que escreveis a história de um príncipe que vos confiou um segredo: deveis revelá-lo? Deveis dizer à posteridade aquilo de que seríeis culpado se o dissésseis até para um único homem? O dever do historiador deverá vencer um dever maior?

Suponhamos, ainda, que fostes testemunha de uma fraqueza que não teve influência sobre os negócios públicos — deveis revelá-la? Neste caso a história seria uma sátira.

É preciso admitir que a maioria dos escritores de anedotas é mais indiscreta do que útil. Mas que dizer dos compiladores insolentes que, fazendo da maledicência mérito, imprimem e vendem escândalos como se estivessem vendendo peixe?

. . . . . .

Seção IV

Do método, da maneira de escrever a história e do estilo

Discutiu-se tanto sobre essa matéria, que agora é preciso falar um pouco a seu respeito. Sabe-se que o método e o estilo de Tito Lívio, sua gravidade, sua eloqüência sábia, convêm à majestade da república romana; sabe-se também que Tácito é feito mais para pintar tiranos, Políbio, para dar lições de guerra, Dionísio de Halicarnasso, para desenvolver as antiguidades.

Mas, se hoje em dia nos modelarmos por esses grandes mestres, teremos que suportar um fardo mais pesado do que eles. Exigem-se dos historiadores modernos mais detalhes, fatos mais constatados, datas precisas, autoridades, mais atenção aos costumes, às leis, aos usos, ao comércio, às finanças, à agricultura, à população. Ocorre com a história o mesmo que com a matemática e a física: a estrada alongou-se prodigiosamente. Atualmente é mais fácil fazer uma coletânea de jornais do que escrever a história.

Daniel julgou-se historiador porque transcreveu datas e fez descrições de batalhas incompreensíveis. Deveria informar-me sobre os direitos da nação, sobre os direitos dos principais corpos dessa nação, sobre suas leis, usos e costumes e sua transformação. A nação tem o direito de dizer-lhe: peço-vos minha história mais do que a de Luís, o Gordo, ou a de Luís, o Briguento. Dizeis que, segundo uma velha crônica escrita ao acaso, Luís VIII, atacado por uma doença mortal, extenuado, enfraquecido, não podendo mais, os médicos ordenaram ao corpo

cadavérico que se deitasse com uma mocinha para se refazer, mas o rei rejeitou essa vilania. Ah! Daniel. Não sabeis, então, o provérbio italiano: "Donna ignuda manda l'uomo sotto la terra"? Devias ter um pouco mais de tinturas de história política e de história natural.

Exige-se que a história de um país estrangeiro não seja modelada na mesma forma que a de vossa pátria. Se escreveis a história da França, não sois obrigado a descrever o curso do Sena e do Loire. Mas, se contais ao público uma conquista portuguesa na Ásia, exige-se uma topografia dos países descobertos. Deveis conduzir o leitor pela mão através da África, da Pérsia e da Índia. Espera-se que informeis sobre os costumes, as leis e os usos dessas nações novas para a Europa.

Temos vinte histórias dos estabelecimentos portugueses nas Índias, mas nenhuma nos dá a conhecer os governos desses países, as religiões, as antiguidades, os brâmanes, os discípulos de São João, os guebros. Foram conservadas, é verdade, as cartas de Xavier e de seus sucessores. Temos histórias sobre as Índias escritas em Paris, segundo as narrativas dos missionários que não sabiam a língua dos brâmanes. Repetem em todos os escritos que os indianos adoram o diabo. Os capelões de uma companhia de comércio já partem com esse preconceito e assim que vêem figuras simbólicas nas costas de Coromandel não deixam de escrever que são retratos do diabo, que estão em seu império e que vão combatê-lo. Não percebem que somos nós os adoradores do diabo Mamon, e que vamos levar-lhe nossos votos a seis mil léguas de nossa pátria para dele obter dinheiro.

O importante, pois, é saber que o método conveniente à história de seu país não é próprio para descrever as descobertas do Novo Mundo; que não se deve escrever sobre uma aldeia como se escreve sobre um império, que não se pode escrever a história privada de um príncipe como se fosse a da França e a da Inglaterra.

Se só tendes a nos dizer que um bárbaro sucedeu outro bárbaro às margens do Oxus ou do Iaxarte, qual é vossa utilidade?

Essas regras são bem conhecidas, mas a arte de bem escrever a história sempre será rara. Há leis para escrever a história como há para todas as artes de espírito, mas, como nestas, naquela também há mais preceitos do que grandes artistas.

I

Idéia

O que é uma idéia?

É uma imagem que se imprime no meu cérebro.

Todas as nossas idéias são, portanto, imagens?

Seguramente, porquanto as idéias mais abstratas não passam de conseqüências de todos os objetos que percebi. [66] Se pronuncio a palavra *Ser*, em geral, é porque conheci seres particulares. Se pronuncio a palavra *infinito*, é porque já me dei conta da existência de limites e afasto esses limites no meu entendimento tanto quanto o possível; se disponho de idéias, é porque disponho de imagens na cabeça.

E quem foi o pintor que compôs esse quadro?

Não eu, que não desenho suficientemente bem; aquele que me fez, e às minhas idéias.

Sois, portanto, da opinião de Malebranche, que afirmava que vemos tudo em Deus?

Pelo menos, estou certo de que, se não vemos as coisas em Deus, vemo-las por intermédio da sua ação todo-poderosa.

[66] Neste capítulo, Voltaire associa algumas teses dos grandes empiristas ingleses do século XVIII com o agnosticismo temperado de deísmo racionalista que lhe é peculiar. Vide o desenvolvimento do mesmo ponto de vista no capítulo "Sensação". (N. dos T.)

E como se desenvolve essa ação?

Disse-vos cem vezes nas nossas conversas que a esse respeito nada sei e que Deus não comunicou o seu segredo a ninguém. Ignoro o que faça bater o meu coração, correr o sangue nas minhas veias; ignoro o princípio de todos os meus movimentos; e ainda quereis que vos diga como sinto e como penso! Não está certo.

Mas sabeis ao menos se a vossa faculdade de ter idéias está ligada à extensão?

Nem por sombras. É verdade que Taciano, no seu discurso aos gregos, diz que a alma é manifestamente composta por um corpo. Irineu, no capítulo XXV do segundo livro, diz que o Senhor ensinou que as nossas almas guardam a figura do nosso corpo para dele conservarem memória. Tertuliano assevera, no seu segundo livro de *A Alma,* que esta é um corpo. Não é outra a opinião de Arnóbio, Lactâncio, Hilário, Gregório de Nissa, Ambrósio. Há quem pretenda que os outros Padres da Igreja asseguram que a alma não tem qualquer extensão, nisso seguindo as opiniões de Platão; mas esta pretensão é muito duvidosa. Por mim, não me atrevo a ter opinião; num e noutro sistema, só descubro incompreensibilidade e, depois de haver pensado sobre o assunto durante toda a minha vida, não estou mais adiantado que no primeiro dia.

Não valeria, portanto, a pena pensar nisso.

É verdade; aquele que goza sabe mais a esse respeito do que aquele que reflete, ou, pelo menos, sabe-o melhor, é mais feliz. Mas que quereis? Não dependeu de mim o receber ou rejeitar todas as idéias que ao meu cérebro vieram combater-se e que se apropriaram das minhas células medulares como campo de batalha. Depois de bem se baterem, não recolhi dos seus despojos senão a incerteza.

É bem triste ter tantas idéias e nada saber ao certo sobre a natureza das idéias.

Admito-o; mas bem mais triste e muito mais tolo é supor-se que se sabe o que se não sabe.

Ídolo, Idólatra, Idolatria

Ídolo deriva do grego *eidos,* figura; *êidolon,* representação de uma figura; *latrêuein,* servir, reverenciar, adorar. A palavra *adorar* é latina e goza de muitas acepções diferentes: significa levar a mão à boca falando com respeito, curvar-se, pôr-se de joelhos, saudar e, enfim, comumente, prestar um culto supremo.

Convém assinalar aqui que o *Dicionário de Trévoux* começa este artigo por afirmar que todos os pagãos eram idólatras e que os indianos são ainda povos idólatras. Primeiro, não se chamava a ninguém *pagão,* antes de Teodósio, o Jovem. Este nome foi então atribuído aos habitantes dos burgos da Itália, *pagorum incolae, pagani,* que conservavam a sua antiga religião. Segundo, o Industão é maometano e os maometanos são os inimigos implacáveis das imagens e da idolatria. Terceiro, não se deve, de modo algum, designar por idólatras muitos dos povos da Índia que seguem a antiga religião dos persas, nem certas castas que não têm ídolos.

Sobre se alguma vez houve um governo idólatra

Ao que parece, nunca existiu sobre a terra povo algum que houvesse adotado a designação *idólatra.* Esta palavra é uma injúria, um termo ultrajante, como o de *gavaches,* que os espanhóis davam outrora aos franceses, e o de *maranes,* que os franceses davam aos espanhóis. Se alguém houvesse perguntado ao senado de Roma, ao areópago de Atenas, à corte dos reis da Pérsia: "Sois idólatras?", mal seria escutado. Ninguém responderia: "Adoramos imagens, ídolos". Não se encontram as expressões *idólatra, idolatria,* nem em Homero, nem em Hesíodo, nem em Heródoto, nem em qualquer autor da religião dos gentílicos. Nunca houve edito, nenhuma lei que impusesse a adoração de ídolos, ou que a estes se servisse como a deuses, que fossem olhados como deuses.

Quando os capitães romanos e cartagineses celebravam um tratado, invocavam todos os seus deuses. "É na sua presença", proclamavam, "que juramos a paz." Ora, as estátuas de todos

estes deuses, cujo desdobramento era enorme, não estavam na tenda dos generais. Os deuses eram olhados como estando presentes nas ações humanas, como testemunhas, como juízes. E não era seguramente o simulacro que constituía a divindade.

Com que olhos viam eles, portanto, as estátuas das suas falsas divindades nos templos? Com o mesmo olhar, se me permitem exprimir-me assim, que nós dirigimos às imagens dos objetos da nossa veneração. O erro não era a adoração de um pedaço de madeira ou de mármore, mas a adoração de uma falsa divindade representada por essa madeira e por esse mármore. A diferença entre eles e nós não assentava na circunstância de eles terem imagens e nós não: a diferença é que as suas imagens figuravam seres fantásticos de uma religião falsa, ao passo que as nossas figuram seres reais de uma religião verdadeira. Os gregos tinham a estátua de Hércules, nós temos a de São Cristóvão; tinham Esculápio e a sua cabra, nós, São Roque e o seu cão; tinham Júpiter tonitruante, nós, Santo Antônio de Pádua e São Tiago de Compostela.

Quando o cônsul Plínio dirige as suas preces *aos deuses imortais,* no exórdio do *Panegírico de Trajano,* não as dirige às imagens. Estas não eram imortais.

Nem os últimos tempos do paganismo, nem os mais recuados, oferecem um único fato que nos possa levar a concluir que algum ídolo fosse objeto de adoração. Homero só fala dos deuses que habitam o alto Olimpo. O *palladium,* embora caído do céu, não era senão o penhor sagrado da proteção de Palas; somente a ela veneravam no *palladium.*

No entanto, os romanos e os gregos ajoelhavam-se perante as estátuas, ofereciam-lhes coroas, incenso, flores, passeavam-nas em triunfo nas praças públicas. Nós santificamos estes costumes e nem por isso somos idólatras.

Em tempos de seca, as mulheres, depois de jejuarem, transportavam as estátuas dos deuses. Caminhavam com os pés nus, os cabelos esparsos e imediatamente chovia a potes, como diz Petrônio, *et statim urceatim pluebat.* Ora, não consagramos este costume, ilegítimo entre os gentílicos e sem sombra de dúvida legítimo entre nós? Em quantas cidades não se transportam, de pé descalço, enormes carcaças, em vista à obtenção, por seu intermédio, das bênçãos do céu? Se um turco ou um letrado chinês fossem testemunhas destas cerimônias, poderiam, por ignorância, acusar-nos logo de confiarmos nos simulacros que passeamos em procissão; bastaria, porém, uma palavra para os desenganarmos.

Fica-se estupefato com a prodigiosa quantidade de declamações proferidas em todos os tempos contra a idolatria dos romanos e dos gregos; para seguidamente se ficar mais estupefato ainda quando se descobre que não eram idólatras.

Há templos mais privilegiados que outros. A grande Diana de Éfeso gozava de maior reputação que uma Diana de aldeia. Faziam-se mais milagres no templo de Esculápio em Epidauro que em qualquer outro dos seus templos. Mas, já que se torna necessário opor sempre aqui os costumes de uma religião verdadeira aos de uma religião falsa, não é verdade que desde há muitos séculos dedicamos maior devoção a certos altares que a outros? Não levamos mais oferendas a Nossa Senhora de Loreto que a Nossa Senhora das Neves? Cabe-nos verificar se é lícito valer-se alguém deste pretexto para nos acusar de idolatria.

Concebia-se a existência de uma única Diana, de um único Apolo, um único Esculápio, não de tantos Apolos, Dianas e Esculápios quantos templos e quantas estátuas houvesse. Está pois provado, na medida em que pode estar um ponto de história, que os antigos não acreditavam que uma estátua fosse uma divindade, que o culto não se referia a essa estátua, a esse ídolo, e que, por conseguinte, os antigos não eram idólatras.

A populaça grosseira e supersticiosa, que não raciocinava, que não sabia duvidar, nem negar, nem crer, que acorria aos templos por ociosidade e porque os pequenos se igualam aí aos grandes, que levava oferendas por hábito, que continuamente falava de milagres sem ter examinado nenhum e que em nada se elevava acima das vítimas que trazia; essa populaça, digo eu, poderia, à vista da Grande Diana e de Júpiter tonitruante, ficar tocada de horror religioso e adorar, sem o saber, a própria estátua. É o que por vezes sucede nos nossos templos com os rudes camponeses, aos quais, todavia, não deixou de se ensinar que devem pedir a intercessão dos bem-aventurados, dos imortais recebidos no céu, não a das suas figuras de pau e pedra, e que só devem adorar o Deus único.

Os gregos e os romanos aumentaram o número dos seus deuses devido a apoteoses. Os gregos divinizavam os conquistadores, como Baco, Hércules, Perseu. Roma ergueu altares aos imperadores. As nossas apoteoses são de diferente gênero, temos santos em lugar dos seus semideuses, dos seus deuses secundários, mas não atendemos à posição nem às conquistas. Erguemos templos a homens simplesmente virtuosos que, na sua maior parte, seriam ignorados na terra se não os pusessem no céu. As apoteoses dos antigos celebravam-se para lisonjear; as nossas, por respeito pela virtude. Contudo, apoteoses dos antigos são mais uma prova convincente de que os gregos e os romanos não eram propriamente idólatras. É evidente que não atribuíam mais virtude divina às estátuas de Augusto e Cláudio do que aos respectivos medalhões.

Cícero, nas suas obras filosóficas, não deixa transparecer a mais leve suspeita de que houvesse equívocos com as estátuas dos deuses e as confundissem com os próprios deuses. Os seus interlocutores fulminam a religião estabelecida mas nenhum se lembra de acusar os romanos de tomarem o mármore e o bronze por divindades. Lucrécio a ninguém censura semelhante tolice, ele que tudo censura aos supersticiosos. Assim, repito que tal opinião não existia, que ninguém teve qualquer idéia pesse gênero; não havia idólatras.

Horácio faz falar uma estátua de Príapo que diz: "Era outrora um tronco de figueira, e um carpinteiro, não sabendo se faria de mim um deus ou um banco, decidiu enfim transformar-me num deus, etc." Que concluir deste gracejo? Príapo era uma dessas pequenas divindades subalternas, abandonadas aos zombadores; o próprio gracejo é a mais forte prova de que a figura de Príapo, posta nas hortas para atemorizar os pássaros, não era objeto de grande reverência.

Dacier, abandonando-se ao espírito comentador, não deixou de observar que Baruch profetizara esta aventura ao dizer: "Eles serão tão-somente aquilo que os operários quiserem"; todavia, poderia observar também que o mesmo era lícito dizer de todas as estátuas.

De um bloco de mármore, tanto podemos tirar uma bacia como a figura de Alexandre, a de Júpiter, ou qualquer coisa mais respeitável ainda. A matéria de que eram formados os querubins do Santo dos Santos teria podido igualmente servir para as funções mais vis. Um trono, um altar serão menos reverenciados só porque se pode fazer deles uma mesa de cozinha?

Dacier, em vez de concluir que os romanos adoravam a estátua de Príapo e que Baruch o predissera, devia, portanto, concluir que os romanos zombavam da figura de Príapo. Consultai todos os autores que falam das estátuas dos seus deuses e não encontrareis um que fale de idolatria: todos dizem expressamente o contrário. Verificai em Marcial:

Qui finxit sacros auro vel marmore vultus,
Non facit ille deos . . . [67]

Em Ovídio:

Colitur pro Jove forma Jovis. [68]

Em Estácio:

Nulla autem effigies, nulli comissa metallo
Forma Dei; mentes habitare et pectora gaudet. [69]

Em Luciano:

Estne Dei sedes, nisi terra et pontus et aer? [70]

[67] Quem modela as imagens sagradas em ouro ou mármore não os faz deuses. (N. do E.)
[68] Cultua-se a imagem de Júpiter em lugar do próprio Júpiter. (N. do E.)
[69] Mas não há nenhuma imagem, nenhuma forma de Deus feita de metal; ele se compraz em habitar as mentes e os corações. (N. do E.)
[70] Haverá outra morada de Deus que não a terra, o mar e o ar? (N. do E.)

Fazia-se um volume com todas as passagens em que se afirma que as imagens não são senão imagens.

Só o caso de haver estátuas que proferiam oráculos poderia fazer pensar que as estátuas detinham em si algo de divino. Porém, a opinião reinante era certamente a de que os deuses tinham escolhido certos altares, certos simulacros, para aí virem residir algumas vezes, dar audiência aos homens, responder-lhes. Não se descobrem em Homero e nos coros das tragédias gregas senão preces a Apolo, que profere os seus oráculos nas montanhas, em tal templo, em tal cidade; não há em toda a Antiguidade o menor rasto de prece que fosse dirigida a uma estátua.

Os que professavam a magia ou a consideravam ou fingiam considerar uma ciência, pretendiam ter o segredo de fazer descer os deuses às estátuas, não os grandes deuses, mas os secundários, os gênios. É o que Mercúrio Trismegista chamava *fazer deuses,* e Santo Agostinho refuta na *Cidade de Deus.* Isto mesmo, porém, evidencia que os simulacros nada tinham de divino, pois era necessário um mágico para os animar. E parece-me que raramente sucederia que um mágico fosse assaz hábil para dar alma a uma estátua, para a fazer falar.

Em resumo, as imagens dos deuses não eram deuses. Júpiter, e não a sua imagem, lançava o trovão; não era a estátua de Netuno que levantava os mares nem a de Apolo que produzia a luz. Os gregos e os romanos eram gentílicos, politeístas, mas não idólatras.

Sobre se os persas, os sabinos, os egípcios, os tártaros, os turcos foram idólatras e qual a antiguidade da origem dos simulacros chamados ídolos. História do seu culto.

É um grande erro chamar idólatras aos povos que prestraram culto ao Sol e às estrelas. Estas nações não tiveram, durante longo tempo, nem simulacros nem templos. Se se enganaram, foi por prestarem aos astros o que deviam prestar ao criador dos astros. Aliás, o dogma de Zoroastro ou Zerdut, recolhido no Sadder, dá conta de um ente supremo, vingador e remunerador, o que muito se afasta da idolatria. Nunca os governantes da China tiveram ídolos, conservando sempre o culto simples do senhor do céu, King-Tien. Entre os tártaros, Gêngis Can não era de modo algum idólatra e não possuía qualquer simulacro. Os muçulmanos que enchem a Grécia, a Ásia Menor, a Síria, a Pérsia, a Índia e a África designam os cristãos por *idólatras, giaours,* pois supõem que eles prestam culto às imagens. Destruíam muitas estátuas encontradas em Constantinopla, na Santa Sofia ou na Igreja dos Santos Apóstolos, bem como noutras, todas convertidas em mesquitas. Enganou-os a aparência, como sempre engana os homens, e fez-lhes crer que os templos dedicados a santos que outrora haviam sido homens, as imagens destes santos venerados de joelhos, os milagres operados nos templos, eram outras tantas provas incontestáveis da mais completa das idolatrias. No entanto, nada disso é assim. Com efeito, os cristãos adoram apenas um Deus único e veneram nos bem-aventurados tão-só a própria virtude de Deus que atua nos seus santos. Os iconoclastas e os protestantes dirigiram a mesma censura de idolatria à Igreja e foi-lhes dada a mesma resposta. [71]

Como os homens só raramente dispõem de idéias precisas e menos ainda têm exprimido as suas idéias através de palavras exatas e inequívocas, chamamos idólatras aos gentílicos, sobretudo aos politeístas. Escreveram-se volumes imensos, manifestaram-se sentimentos diversos sobre a origem do culto prestado a Deus, ou a numerosos deuses, sob figuras sensíveis: tal multidão de livros e de opiniões prova apenas a ignorância.

Não se sabe quem inventou os trajes e os sapatos e pretende-se saber quem primeiro inventou os ídolos? Que importa uma passagem de Sanchoniathon, que viveu antes da guerra de Tróia? Que nos ensina ele quando afirma que o caos, o Espírito, quer dizer o *sopro,* enamorado dos seus

[71] Censurou-se nomeadamente à Igreja a teoria do batismo, que pressupõe a existência *material* da culpabilidade humana, transmissível com o organismo e que é eliminada pela ação *material* do banho; e a teoria da penitência que implica a *materialidade* da qualidade do pecador, atingida e destruída pela parte instrumental, considerada indispensável, do Sacramento. (Nota de Julien Benda, in Ed. Garnier, 1961.)

princípios, daí tirou o limo, que tornou o ar luminoso, que o vento Colp e sua mulher Baü engendraram Eon, que Eon engendrou Genos, que Cronos, descendente destes, tinha um par de olhos atrás e um par de olhos à frente, que se tornou deus e ofereceu o Egito ao seu filho Thaüt? E é este um dos mais respeitáveis monumentos da antiguidade.

Orfeu, anterior a Sanchoniathon, não nos ensina mais na sua *Teogonia,* que Damascino conservou. O princípio do mundo é aí representado pela figura de um dragão com duas cabeças, uma de touro, outra de leão, um rosto ao meio, chamado *rosto-deus,* e asas douradas nas costas.

Contudo, podeis recolher destas idéias bizarras duas grandes verdades: uma, a de que as imagens sensíveis e os hieróglifos datam da mais alta antiguidade; a outra, que todos os filósofos antigos admitiram um princípio primeiro.

Quanto ao politeísmo, dir-vos-á o bom senso que, desde que há homens, quer dizer animais fracos, capazes da razão e da loucura, sujeitos a todos os acidentes, à doença e à morte, esses homens sempre sentiram a sua fraqueza e a sua dependência; facilmente reconheceram que algo há mais poderoso que eles, sentiram uma força na terra que lhes fornece os alimentos, uma força no ar que muitas vezes os destrói, outra ainda no fogo que consome e na água que submerge. Nada mais natural, portanto, que venerassem a força invisível que a seus olhos fazia luzir o sol e as estrelas. E, uma vez que se desejasse formar uma idéia desses poderes superiores ao homem, nada mais natural que os figurassem de maneira sensível. Seria sequer possível que procedessem de outro modo? A religião hebraica, que precedeu a nossa e foi dádiva do próprio Deus, estava toda cheia de imagens representativas de Deus. Este digna-se falar numa sarça a linguagem humana; aparece sobre uma montanha; os espíritos celestes que envia assumem todos formas humanas; enfim, o santuário está repleto de querubins, que são corpos humanos com asas e cabeças de animais. Daqui derivou o erro de Plutarco, de Tácito, de Ápio e tantos outros, que censuravam aos judeus o adorarem uma cabeça de burro. Deus, não obstante proibir que se pintasse ou esculpisse qualquer figura, dignou-se, pois, acomodar-se à fraqueza humana que requeria que aos sentidos se falasse através de imagens. [72]

Isaías, no capítulo VI, vê o Senhor sentado sobre um trono e a orla do seu manto que enchia o templo. O Senhor estende a mão e toca na boca de Jeremias, reza o capítulo I deste profeta. Ezequiel, no capítulo III, vê um trono de safira e Deus surge-lhe como um homem sentado nesse trono. Estas imagens em nada alteram a pureza da religião judaica que nunca empregou quadros, estátuas, ídolos para representar Deus aos olhos do povo.

Os letrados chineses, os persas, os antigos egípcios tampouco tiveram ídolos; mas depressa Ísis e Osíris foram figurados; depressa Bel, em Babilônia, foi um enorme colosso; e Brama foi um monstro bizarro na quase ilha da Índia. Os gregos, principalmente, multiplicaram os nomes dos deuses, as estátuas e os templos, embora atribuindo sempre supremo poder a Zeus, nomeado pelos latinos, Júpiter, senhor dos deuses e dos homens. Os romanos imitaram os gregos. Estes povos instalaram sempre os deuses, no céu, sem se saber o que entendiam por céu e pelo seu Olimpo: não parece que esses entes superiores habitassem nas nuvens, que nada mais são que água. Inicialmente, colocaram sete nos sete planetas entre os quais contavam o Sol; mas, depois, a morada de todos os deuses foi a extensão do céu.

Os romanos dispuseram de doze grandes deuses, seis machos e seis fêmeas, que nomearam *Dii majorum gentium:* [73] Júpiter, Netuno, Apolo, Vulcano, Marte, Mercúrio, Juno, Minerva, Ceres, Vênus, Diana, sendo Plutão esquecido e substituído por Vesta.

Vinham em seguida os deuses *minorum gentium;* [74] os deuses indígitos, os heróis como Baco, Hércules, Esculápio; os deuses infernais, Plutão, Prosérpina; os deuses do mar, como Tétis, Anfitrite, as Nereidas, Glauco; depois as Dríades, as Náides; os deuses dos jardins, os dos pastores. Havia-os para cada profissão, para cada ato da vida, para as crianças, para as moças núbeis, para as casadas, para as parturientes; houve o deus Traque. Enfim, foram divinizados os imperadores. Nem estes imperadores, nem o deus Pet nem a deusa Pertunda, nem Príapo, nem Rumília,

[72] Sobre a noção de que o verbo encarna em imagens por condescendência para com a fraqueza humana, ver Malebranche, *Recherche de la Verité,* Liv. IV, cap. I. (Nota de J. Benda, in Ed. Garnier, 1961.)

[73] Deuses maiores (de maior importância). (N. do E.)

[74] Deuses menores (de menor importância). (N. do E.)

a deusa das mamas, nem Stercutius, o deus do guarda-roupa, foram verdadeiramente encarados como senhores do céu e da terra. Os imperadores tiveram por vezes templos, os pequenos deuses penates nunca os tiveram; todavia, a todos cabia uma figura, um ídolo.

Eram bonecos de porcelana com que se ornavam os quartos, brinquedos de velhas e crianças não autorizados por qualquer culto público. Deixava-se à vontade a superstição de cada particular. Encontram-se ainda estes pequenos ídolos nas ruínas das cidades antigas.

Se ninguém sabe quando terão começado os homens a fabricar ídolos, sabe-se que estes datam da mais alta antiguidade. Tharé, pai de Abraão, fabricava-os em Ur, na Caldéia. Raquel furtou e levou consigo os ídolos do seu sogro Labão. Não podemos ir mais além.

Porém, que noção precisa tinham os povos antigos sobre todos estes simulacros? Que virtude, que poder lhes atribuíam? Supunham que os deuses vinham do céu esconder-se nessas estátuas ou que lhes comunicariam uma parte do espírito divino, ou que não lhes comunicariam coisíssima alguma? Também sobre isto se tem escrito inutilmente: é claro que cada qual tinha opiniões concordantes ou com o seu grau de razão ou com a sua credulidade ou com o seu fanatismo. Evidentemente que os padres associavam tanta divindade quanta podiam às estátuas, para atraírem oferendas. Sabe-se que os filósofos reprovavam essas superstições, que os guerreiros as motejavam, que os magistrados as toleravam e que o povo, sempre absurdo, não sabia o que fazia. Tal é, em poucas palavras, a história de todas as nações a que Deus não se deu a conhecer.

Pode-se formar a mesma idéia acerca de um culto que todo o Egito prestou a um boi, e que numerosas cidades prestaram a um cão, a um macaco, a um gato, a cebolas. Há fortes razões para crer que os primeiros ídolos foram emblemas. Em seguida, houve quem adorasse um certo boi Ápis, um certo cão chamado Anúbis; sempre se comeu boi e cebolas mas torna-se difícil averiguar o que pensariam as velhas do Egito acerca das cebolas sagradas e dos bois.

Os ídolos falavam com muita freqüência. Em Roma, no dia de festa de Cibele, eram comemoradas as belas palavras que a estátua pronunciara quando a haviam transladado do palácio do rei Atale.

Ipsa peti volui; ne sit mora, mitte volentem:
Dignus Roma locus quo deus omnis eat.

Quis que me levassem, conduzi-me depressa;
Roma é digna de ser a morada de todos os deuses.

A estátua da Fortuna falara: os Cipiões, os Cíceros, os Césares não o acreditavam, na verdade; mas a velha a quem Encolpo deu um escudo para comprar gansos e deuses poderia perfeitamente acreditar.

Os ídolos também proferiam oráculos e os padres, escondidos no interior das estátuas, falavam em nome da Divindade.

Como foi possível, no meio de tantos deuses e tantas teogonias diferentes, e tantos cultos particulares, que nunca houvesse guerras de religião entre os povos ditos *idólatras?* Essa paz foi um bem nascido de um mal, do próprio erro; porquanto cada nação, ao reconhecer numerosos deuses inferiores, achava bem que os vizinhos tivessem também os seus. Se excetuarmos Cambises, a quem se censura o haver morto o boi Ápis, não se encontra na história profana conquistador que maltratasse os deuses de um povo vencido. Os gentios não tinham nenhuma religião exclusiva, e os padres só pensavam em multiplicar as oferendas e os sacrifícios.

As primeiras oferendas foram constituídas por frutos. Em breve se exigiam animais para a mesa dos padres; eles próprios os degolavam e tornaram-se carniceiros e cruéis; por fim, introduziram o uso horrível do sacrifício de vidas humanas, sobretudo de crianças e raparigas. Nunca os chineses, os persas, os indianos incorreram em semelhantes abominações; mas em Hierópolis, no Egito, segundo o relato de Porfírio, foram imolados homens.

Na Táurida sacrificavam-se estrangeiros; felizmente, os padres da Táurida não deviam ter muitas práticas. Os primeiros gregos, os cipriotas, os fenícios, os tírios, os cartagineses cultivaram esta superstição abominável. Os próprios romanos caíram nesse crime religioso e Plutarco relata

que imolaram dois gregos e três gauleses para expiação das galanterias de três vestais. Procópio, contemporâneo do rei franco Teodoberto, conta que os francos imolaram homens quando entraram na Itália com aquele príncipe. Os gauleses, os germanos praticavam habitualmente esses atrozes sacrifícios. É impossível ler-se a história sem conceber horrores do gênero humano.

Verdade se diga que, entre os hebreus, Jefté sacrificou a sua filha e Saul esteve prestes a imolar o filho; verdade se diga que os votados ao Senhor por anátema não podiam ser resgatados tal como se resgatavam os animais, e tinham de perecer. Samuel, padre judeu, cortou aos bocados com um cutelo santificado o rei Agog, prisioneiro de guerra, a quem Saul perdoara, e Saul foi censurado por ter observado o direito das gentes para com este rei. Porém, Deus, Senhor dos homens, pode privá-los da vida, quando o quiser, como o quiser e porque o quer; e não cabe aos homens porem-se no lugar do Senhor da vida e da morte e usurparem os direitos do Ente Supremo.

Para consolar o gênero humano deste horrível quadro, destes piedosos sacrilégios, importa saber-se que, entre quase todas as nações ditas *idólatras,* havia a teologia sagrada e o erro popular, o culto secreto e as cerimônias públicas, a religião dos sábios e a religião vulgar. Aos iniciados nos mistérios, ensinava-se a crença num Deus único; basta atentar no hino atribuído ao velho Orfeu, que era cantado nos mistérios de Ceres Eleusina, tão célebre na Europa e na Ásia: "Contempla a natureza divina, ilumina o teu espírito, governa o teu coração, marcha pela via da justiça; que o Deus do céu e da terra esteja sempre presente ante os teus olhos: ele é único e por si só existe; todos os seres existem por ele, que a todos sustenta; nunca foi visto pelos mortais e vê todas as coisas".

Leia-se ainda esta passagem do filósofo Máximo de Madaura na sua *Carta a Santo Agostinho:* "Qual o homem tão grosseiro, tão estúpido, para duvidar da existência de um Deus supremo, eterno, infinito, que nada engendrou de semelhante a si, e que é o pai comum de todas as coisas".

Mil testemunhos existem acerca do horror dos sábios não só pela idolatria, como ainda pelo politeísmo.

Epicteto, esse modelo de resignação e paciência, esse homem tão grande de uma condição tão baixa, não fala senão de um Deus único. Eis uma das suas máximas: "Deus me criou, Deus está dentro de mim; comigo o trago por todo o lado. Como poderia maculá-lo com pensamentos obscenos, com ações injustas, com desejos infames? O meu dever é agradecer a Deus tudo, louvá-lo por tudo e não cessar de o bendizer senão ao cessar de viver". Todas as idéias de Epicteto giram à volta deste princípio.

Marco Aurélio, talvez tão grande sobre o trono do Império Romano como Epicteto na escravidão, fala muitas vezes, é verdade, dos deuses, quer para se conformar com a linguagem recebida, quer para designar os entes intermédios entre o Ser Supremo e os homens; mas em quantas passagens não nos faz ver que só admite um Deus eterno, infinito! "A nossa alma", diz ele, "é uma emanação da divindade. Os meus filhos, o meu corpo, os meus espíritos vêm-me de Deus."

Os estóicos, os platônicos admitiam uma natureza divina e universal; os epicuristas negavam-na. Os pontífices falavam nos mistérios apenas de um Deus único. Onde estavam, pois, os idólatras?

Aliás, um dos grandes erros do *Dicionário de Moréri* consiste na afirmação de que, no tempo de Teodósio, o Jovem, só restavam idólatras nas regiões atrasadas da Ásia e da África. Ora, existiam na Itália muitos povos ainda gentílicos, mesmo no século VII. O norte da Alemanha, para lá do Weser, não era cristão no tempo de Carlos Magno. A Polônia e todo o Setentrião permaneceram, muito tempo depois dele, no que se chama *idolatria.* Metade da África, todos os reinos para lá do Ganges, o Japão, a populaça chinesa, cem hordas de tártaros conservaram os seus antigos cultos. Na Europa, só alguns lapões, alguns samoiedos, alguns tártaros perseveraram na religião dos seus antepassados.

Acabemos por notar que, durante os tempos entre nós designados por *Idade Média,* designávamos o país dos maometanos por *Pagania;* tratávamos como *idólatras,* como *adoradores de imagens,* um povo que abolira as imagens. Confessemos outra vez ainda que é mais desculpável os turcos suporem que somos idólatras, quando vêem os nossos altares carregados de imagens e de estátuas.

Igualdade

Que é que deve um cão a outro cão, e um cavalo a outro cavalo? Nada. Nenhum animal depende do seu semelhante; mas por que o homem recebeu da Divindade um raio de luz que se chama *razão,* qual é o fruto disso? É ser escravo em quase toda a terra.

Se a terra fosse o que parece que devia ser, isto é, se por todo lado o homem encontrasse alimentação fácil e garantida, e um clima adequado à sua natureza, é óbvio que teria sido impossível a qualquer homem escravizar outro. Se o globo fosse coberto de saborosos frutos; se o que deve contribuir para a nossa vida não nos causasse as doenças e a morte; se o homem não necessitasse doutra morada e doutra cama que aquelas que têm os gamos e os cabritos: nesse caso, os Gêngis Can e os Tamerlão só teriam como servos os seus próprios filhos, que fossem criaturas honradas e generosas o bastante para os ajudarem na velhice.

Nesse estado natural, de que gozam todos os quadrúpedes, as aves e os répteis, o homem seria feliz como eles o são, a servidão tornar-se-ia uma coisa absurda, em que ninguém havia de pensar; quando não se tem necessidade dos serviços de outrem, para que chamar e ter criados?

Se passasse pela cabeça de qualquer indivíduo de feitio tirânico e braço nervoso escravizar um vizinho menos forte do que ele, a coisa seria impossível: já o oprimido estaria a cem léguas de distância antes que o opressor tivesse tempo de tomar as suas precauções para o agarrar.

Todos os homens seriam, portanto, necessariamente iguais se de nada precisassem. A miséria, condição agregada à nossa espécie, subordina um homem a outro homem; não é a desigualdade que é um mal real, mas a dependência. Muito pouco importa que tal ou tal indivíduo se chame Sua Alteza, e outro fulano Sua Santidade; o que dói, o que é duro de roer, é ter de servir um ou outro.

Uma família numerosa cultivou uma terra fértil; duas famílias vizinhas, mais pequenas, possuem campos sáfaros e rudes no laborar: é preciso que as duas famílias pobres sirvam à família opulenta, ou a degolem, é bom lembrar. Uma das duas famílias indigentes vai oferecer os seus braços à rica, para conseguir ganhar o seu pão; a outra vai atacar os ricaços e é vencida. A família serviçal dá origem à criadagem assalariada e aos operários, a família vencida dá origem aos escravos.

No nosso desgraçado globo é impossível que os homens que vivem em sociedade não estejam divididos em duas classes: a dos ricos, que governam, e a dos pobres, que servem; e estas duas subdividem-se em outras mil e estas mil, ainda, possuem caracteres distintos.

Os pobres não são todos infelizes, em absoluto. A maioria já nasceu nesse estado de miséria e o trabalho constante impede-os de sentirem demasiado a sua triste condição; mas, quando reparam nela, geram-se as guerras, como, em Roma, as do partido popular contra o partido do Senado; a dos camponeses na Alemanha, na Inglaterra, na França. Todas essas guerras acabam, mais cedo ou mais tarde, pela submissão do povo, porque os poderosos têm dinheiro e o dinheiro é o senhor de tudo num Estado: e digo num Estado, porque já o mesmo não acontece de nação para nação. O povo ou nação que melhor souber servir-se do ferro das armas subjugará sempre aquele que tiver mais ouro do que coragem.

Todos os homens nascem com uma tendência bastante violenta e pronunciada para o domínio e os prazeres, e uma queda acentuada para a preguiça: por conseguinte, qualquer homem gostaria de possuir o dinheiro e as mulheres ou as filhas dos outros, ser o amo deles, submetê-los a todos os caprichos seus e não fazer nada ou, pelo menos, fazer apenas o que muito bem lhe apetecesse. Já vêem que, com tão lindas disposições, é impossível que os homens sejam iguais, como é impossível que dois pregadores ou dois professores de teologia não tenham ciúmes e inveja um do outro.

O gênero humano, tal como na realidade é, não pode subsistir a menos que não haja uma infinidade de homens úteis que nada possuam; porque, é mais do que certo, um homem que pos-

sua o suficiente e viva a seu bel-prazer não vai abandonar a sua terra para vir cultivar a vossa; e se tiverdes precisão de um par de sapatos, não será, com certeza, um referendário que vô-lo fará. Por isso, a igualdade é, simultaneamente, a coisa mais natural e mais quimérica que existe.

Como os homens são excessivos em tudo o que podem, elevaram ao cúmulo esta desigualdade; em vários países tentou-se proibir que nenhum cidadão saísse da região onde o acaso o fizera nascer; o sentido desta lei, visivelmente, é o seguinte: *Este país é tão mau e anda tão mal governado, que proibimos a todo indivíduo que saia dele, com medo que toda a gente se raspe a sete pés.* Aconselho que procedam doutra maneira e melhor: dêem a todos os vossos súditos o desejo de ficarem na terra onde nasceram e aos estrangeiros o desejo de a visitarem.

Todo e qualquer homem, no íntimo do coração, está no seu direito de julgar-se inteiramente igual aos outros homens; daí, não se deve concluir que o cozinheiro dum cardeal deva obrigar este a fazer-lhe o jantar; mas o cozinheiro pode argumentar: "Sou um homem tal qual meu amo, nasci como ele a chorar; há de morrer, como eu, nas mesmas angústias e nas mesmas dores da agonia. Ambos fazemos as mesmas funções animais. Se os turcos se apoderarem de Roma e, nessa altura, eu for cardeal e o meu amo cozinheiro, hei de tomá-lo a meu serviço". Esta arenga é razoável e justa, duma ponta a outra; mas, enquanto aguarda que o Grande Turco se aposse de Roma, o cozinheiro tem de cumprir o seu dever, ou toda a sociedade humana está pervertida e dará consigo em pantanas.

Que deve fazer um homem que não é cozinheiro, nem cardeal, nem está revestido de nenhum outro cargo público; um simples particular que não deve nada a ninguém, mas anda aborrecido por ser recebido em todos os lados com um certo ar de proteção ou desdém, que percebe perfeitamente que vários *monsignori* não sabem mais do que ele, nem têm mais espírito do que ele, e que, portanto, se aborrece de estar às vezes na sua antecâmara, que deve fazer?! É pôr-se na alheta.

* Imaginação

Seção Primeira

É o poder que tem cada ser sensível para representar as coisas sensíveis no seu cérebro. Depende da memória. Vêem-se as coisas pelos sentidos, a memória as retém e a imaginação as compõe. Por isso os gregos chamavam as Musas "Filhas da Memória".

É essencial notar que não podemos dar a razão dessas três faculdades — percepção, memória e imaginação. Suas molas invisíveis nascem das mãos da natureza e não das nossas.

Talvez a imaginação, dom de Deus, seja a única faculdade de que dispomos para compor idéias, mesmo as mais metafísicas.

Pronunciais a palavra "triângulo", mas, se não representardes a imagem de um triângulo, tereis uma palavra vazia. Só tendes idéia do triângulo porque haveis visto um (se tiverdes olhos) ou tocado num (se fordes cego). Não podeis pensar no triângulo em geral sem que vossa imaginação figure, mesmo confusamente, algum triângulo particular. Calculais, mas precisais representar unidades duplicadas, pois, se não, apenas vossas mãos trabalham.

Pronunciais termos abstratos — grandeza, verdade, justiça, finito, infinito. Mas a palavra "grandeza", se não tiverdes a imagem de alguma grandeza, será mais do que um movimento de vossa língua no ar? Que querem dizer "verdade", "mentira" se não tiverdes percebido por vossos sentidos que certa coisa que vos disseram existia efetivamente, e que uma outra não existia? E desta experiência compondes as idéias gerais de verdade e mentira. E, quando vos perguntam o que entendeis por tais palavras, podeis impedir que vos venha alguma imagem sensível, que vos faz lembrar que um dia vos disseram que existia, e freqüentemente que não existia?

Tendes noção do justo e do injusto sem a imagem de ações que vos pareceram tais? Quando criança, vistes o salário recusado a um operário que trabalhara, e isto vos pareceu muito injusto, e outras coisas semelhantes. As idéias do justo e do injusto são apenas fatos como esses, misturados em vossa imaginação.

O finito não é apenas a imagem de uma coisa limitada em sua medida? O infinito não é esta mesma medida prolongada sem fim?

Todas essas operações assemelham-se à leitura de um livro: quando se lê, nem se percebem as letras, sem as quais, contudo, não se poderia ler. Basta, porém, um pouco de atenção e elas também são percebidas deslizando sob nossos olhos. Do mesmo modo, todos os vossos raciocínios, todos os vossos conhecimentos estão fundados em imagens traçadas em vosso cérebro. Não vos apercebeis disso, mas atentai um pouco e vereis, então, que as imagens são a base das noções. Cabe ao leitor compreender essa idéia, ampliá-la ou retificá-la.

Todos os sentidos, e não apenas a vista, contribuem para fornecer idéias à imaginação. Um cego de nascença ouve em sua imaginação uma harmonia que não atinge mais seus ouvidos, está à mesa e sonha, os objetos que resistiram ou cederam à sua mão continuam fazendo o mesmo efeito em sua cabeça. É verdade que o sentido da vista é o único que fornece imagens, e, como é uma espécie de *tato* que se estende até às estrelas, sua imensa extensão enriquece a imaginação mais do que todos os outros juntos.

Há duas espécies de imaginação: uma, denominada *passiva,* consiste em reter uma simples impressão dos objetos; outra, denominada *ativa,* arranja as imagens recebidas, compondo-as de mil maneiras. A primeira não ultrapassa muito a memória; é comum aos homens e aos animais. Por isso o caçador e seu cão em seus sonhos perseguem igualmente animais; dormindo, ambos ouvem o ruído dos cervos, um grita e o outro ladra. Os homens e os animais não apenas se recordam, mas compõem, pois o sonho nunca é uma imagem fiel. Essa imaginação passiva compõe, mas não é uma ação do entendimento e sim um engano da memória.

A imaginação passiva não precisa da ajuda de nossa vontade, quer no sono, quer na vigília. Malgrado nós próprios, pinta o que os olhos viram, os ouvidos ouviram, o tato tocou. Acrescenta ou diminui. É um sentido interior que age necessariamente e por isso é tão freqüente dizer-se: "Não se é senhor de sua imaginação".

É por isso, também, que devemos ficar surpresos e convencidos de seu pequeno poder. Por que em sonho somos capazes de pronunciar um discurso eloqüente ou de resolver um complicado problema matemático? Parecem ser idéias muito combinadas que não dependem de nós. Ora, se é incontestável que durante o sono essas idéias conseqüentes se formam em nós, malgrado nós, quem nos assegurará que não se formem também durante a vigília? Quem pode prever a idéia que terá dentro de um minuto? Não parece que nos venha exatamente como os movimentos de nossas fibras? E se o Padre Malebranche se tivesse contido e dito apenas que nossas idéias nos são dadas por Deus, quem poderia tê-lo combatido?

A faculdade passiva, independentemente da reflexão, é a fonte de nossas paixões e de nossos erros. Longe de depender da vontade, determina-a, arrasta-nos para os objetos que pinta, afasta-nos deles, conforme a maneira que os represente. A imagem de um perigo inspira medo; a de um bem inspira desejos violentos; sozinha, produz o entusiasmo da glória, os partidos, o fanatismo. É ela que espalha tantas doenças do espírito, fazendo cérebros fracos, poderosamente excitados, imaginarem que seus corpos se transformavam em outros. Persuadem muitos homens que estavam obcecados ou enfeitiçados e que iam efetivamente ao "sabá" só porque se lhes dizia que fossem. Essa espécie de imaginação servil, quinhão do povo ignorante, foi o instrumento usado pela imaginação forte de certos homens para dominar. É ainda essa imaginação passiva de cérebros facilmente abaláveis que transmite aos filhos impressões recebidas por suas mães. Vi exemplos tão surpreendentes disso, que só não ponho em dúvida porque os vi. É um efeito inexplicável da imaginação. Mas quantos efeitos inexplicáveis a natureza produz? Não sabemos melhor como temos percepções, como as retemos, como as arranjamos. Entre nós e nossas vidas há o infinito.

A imaginação ativa é aquela que une a reflexão, a combinação à memória. Aproxima vários objetos distantes, separa aqueles que se misturam, compõe e modifica. Parece criar, embora somente componha, pois não é dado ao homem produzir idéias — só pode modificá-las.

No fundo, a imaginação ativa também é uma faculdade independente de nós como a passiva. Prova dessa independência: se propuserdes a cem pessoas igualmente ignorantes que imaginem uma certa máquina nova, noventa e nove não conseguirão imaginar coisa alguma, apesar de seus esforços. Se o centésimo imagina alguma coisa, não é evidente que recebeu um dom particular?

Este dom chama-se *gênio*. Foi por causa dele que se admitiu algo inspirado e divino. É um dom da natureza, uma imaginação inventiva nas artes, no ordenamento de um quadro, de um poema. Não pode existir sem a memória, mas serve-se dela como de um instrumento com que faz suas obras.

Depois de ver que se levantara uma pedra pesada exclusivamente com a ajuda de um bastão, a imaginação ativa inventou as alavancas e, em seguida, as forças moventes compostas que são apenas alavancas disfarçadas. É preciso primeiro afigurar no espírito uma máquina para depois executá-la.

Essa espécie de imaginação não pode ser chamada pelo vulgo de inimiga do raciocínio, como a memória. Pelo contrário, só pode agir graças a um juízo profundo. Combina incessantemente seus quadros, corrige seus erros, eleva todos os seus edifícios com ordem. Há uma imaginação surpreendente na matemática prática e Arquimedes tinha tanta imaginação quanto Homero. É com ela que o poeta cria suas personagens, fornece-lhes os caracteres, as paixões, inventa sua fábula, apresenta a exposição, duplica o enredo, prepara o desenrolar, trabalho que requer um juízo ainda mais profundo e, ao mesmo tempo, mais fino.

É preciso grande arte em todas essas imaginações inventivas e mesmo nos romances. Os que não a possuem são desprezados pelos espíritos bem formados. Um juízo inigualável reina nas fábulas de Esopo, que deliciarão sempre todas as nações. Há mais imaginação nos contos de fada, mas essas imaginações fantásticas, desprovidas de ordem e de bom senso, não podem ser estimadas. São tidas por fraqueza e condenadas pela razão.

A segunda parte da imaginação ativa consiste naquela dos detalhes. É o que freqüentemente os mundanos chamam de imaginação. Faz o encanto de uma conversa, porque apresenta incessantemente objetos novos ao espírito, coisa que os homens gostam muito. Pinta vivamente aquilo que espíritos frios mal desenham, emprega as circunstâncias mais fulminantes, apresenta exemplos, e, quando se torna um talento sóbrio como convém a todos os talentos, concilia-se com o domínio da sociedade. O homem é de tal modo uma máquina, que o vinho pode provocar essa imaginação que a embriaguez aniquila. É humilhante mas também espantoso: como um pouco de licor, que impede que se faça um cálculo, pode produzir idéias tão brilhantes?

A imaginação dos detalhes e da expressão deve reinar sobre tudo no pensamento — além de agradável, é necessária. Quase tudo é imagem em Homero, em Virgílio, em Horácio, sem que nos apercebamos. A tragédia exige menos imagens, menos expressões pitorescas, menos metáforas e alegorias do que exigem o poema épico e a ode. No entanto, muitas dessas belezas bem manejadas produzem efeitos admiráveis na tragédia.

. . . . . .

Permite-se menos imaginação na eloqüência do que na poesia. A razão é óbvia. O discurso não deve afastar-se das idéias conhecidas. O orador fala a língua de todo mundo, enquanto o poeta tem a ficção na base de sua obra. Assim, a imaginação é a essência de sua arte, e apenas um acessório para o orador.

Certos toques de imaginação, diz-se, acrescentaram beleza à pintura (. . .). Em geral, a imaginação dos pintores, quando não é engenhosa, honra mais o espírito do artista em vez de embelezar sua arte. Todas as composições alegóricas não valem a bela execução da mão que valorizou o quadro.

Em todas as artes, a bela imaginação é sempre natural. Aquela que reúne objetos incompatíveis é falsa. Aquela que afigura objetos que não têm analogia, nem alegoria, nem verossimilhança é bizarra (. . .). A imaginação forte aprofunda os objetos, a fraca só os aflora. A doce repousa em figurações agradáveis, a ardente amontoa imagem sobre imagem. A imaginação sábia emprega com discernimento todos os caracteres diversos, mas nunca admite a esquisitice e sempre rejeita o falso.

Se a memória bem nutrida e exercitada é fonte da imaginação, quando sobrecarregada faz com que a segunda pereça. Assim, aquele que encheu a cabeça com datas e nomes não tem um armazém para compor imagens. Os homens ocupados com cálculos ou negócios espinhosos têm geralmente a imaginação estéril.

Quando muito ardente e tumultuosa, pode degenerar em demência. Contudo, tem-se notado

que esse tipo de doença cerebral ocorre mais nas imaginações passivas do que nas ativas — isto é, naquelas mais limitadas e fixadas na impressão dos objetos, e não naquelas laboriosas que reúnem e combinam idéias, porquanto a imaginação ativa precisa sempre de juízo, e a outra é independente dele.

Inferno

Desde que os homens vivem em sociedade, já devem ter-se apercebido que autênticos criminosos escaparam à severidade das leis. Estas punem crimes públicos e era preciso arranjar um freio para os crimes secretos; somente a religião podia ser esse freio. Os persas, os caldeus, os egípcios, os gregos imaginaram castigos para depois da morte; e, de todos os povos antigos que conhecemos, os judeus foram os únicos que só admitiram castigos temporais. É ridículo acreditar, ou fingirmos acreditar, baseando-nos nalguns passos muito obscuros, que o Inferno era admitido pelas antigas leis dos judeus, o *Levítico* ou o *Decálogo,* quando é certo que o autor dessas leis não disse uma única palavra que possa ter a menor relação com as punições aplicáveis na vida futura. Sentimo-nos no direito de dizer ao redator do *Pentateuco:* "Sois um homem inconseqüente e sem probidade, indigno do nome de legislador que tendes a arrogância de usar. Homessa! Pois conheceis algum outro dogma mais opressivo, mais necessário para a mentalidade do povo que o do Inferno, e não o declarais expressamente? E, enquanto todos os vossos vizinhos o admitem, contentai-vos em deixar adivinhar esse dogma por certos comentadores que ainda estão para nascer daqui a quatro mil anos e que aplicarão incríveis torturas a algumas das vossas palavras para ali subentender aquilo que vós não dissestes? Ou sois, por acaso, um ignorante, e não sabeis que tal crença era universal no Egito, na Caldéia, na Pérsia; ou sois um homem tão pouco atilado que, conhecendo perfeitamente esse dogma, não fizestes dele o fundamento da vossa religião?"

Os autores das leis judaicas o mais que poderiam era responder: "Confessamos que somos tremendamente ignorantes; que só muito tarde aprendemos a escrever; que o nosso povo era uma horda selvagem e bárbara que, confessadamente, vagueou perto de meio século por desertos impraticáveis; que, finalmente, usurpou um pequeno país, usando das mais odiosas rapinas e das crueldades mais detestáveis que a história registra. Não mantínhamos nenhum comércio nem convivência com os povos civilizados; como quereis, então, que pudéssemos (nós, os mais terra-a-terra de todos os homens) inventar um sistema espiritual?

"Empregávamos o termo que corresponde a *alma* apenas para significar *a vida;* conhecíamos o nosso Deus e os seus ministros e anjos apenas como seres corporais: a distinção entre a alma e o corpo, a idéia de uma vida para além da morte só pode ser o fruto duma longa meditação e duma filosofia muito sutil. Perguntai aos hotentotes e aos pretos, que habitam um país cem vezes mais extenso que o nosso, se conhecem algo da vida futura. Julgamos suficiente tentar persuadir o povo que Deus punia os malfeitores até a quarta geração, quer pela lepra, quer por mortes súbitas, quer ainda pela perda dos parcos bens que possuíam".

Podia retorquir-se a esta apologia: "Inventastes um sistema cujo ridículo salta aos olhos; porque o malfeitor, que vivia na abundância e cuja família prosperava a olhos vistos, por força que se havia de rir de vós".

O apologista da lei judaica então responderia: "Enganai-vos; porque, para um criminoso que raciocinasse com critério, em proporção havia cem que não raciocinavam nada. Aquele que, tendo cometido um crime, não se sentia punido no corpo, nem no corpo do seu filho, sentia temores pelo neto. Ademais, se nem sempre lhe aparecia uma úlcera purulenta, de que éramos atacados com freqüência, mais cedo ou mais tarde vinha a rebentar-lhe pelo corpo: em qualquer família acontecem sempre casos azarentos e facilmente lhes fazíamos acreditar que essas desgraças eram ordenadas por uma mão divina, que assim vingava pecados secretos".

Será fácil replicar a esta resposta, dizendo: "As vossas desculpas não valem nada, porque todos os dias podemos observar o fato de pessoas, muito honradas e tementes a Deus, perderem a saúde e os bens; e se não há famílias onde desgraças não sucedam, e se tais desgraças são castigos de Deus, então todas as vossas famílias seriam redutos de traficantes e ladrões".

O sacerdote judeu poderia ainda argumentar; diria que há desgraças próprias da natureza

humana e outras que são ordenadas expressamente por Deus. Mas faríamos ver a este teimoso argumentador o ridículo que se torna pensar que a febre e a saraiva ora são uma punição divina, ora um fenômeno natural.

Entre os judeus, os fariseus e os essênios admitiram a crença num Inferno a seu modo; esse dogma já tinha transitado dos gregos para os romanos e foi, depois, adotado pelos cristãos.

Vários foram os Padres da Igreja que não acreditaram nas penas eternas: parecia-lhes coisa absurda pôr a assar durante a eternidade inteira um pobre homem, só por ter roubado uma cabra. Por mais que Virgílio diga, no canto sexto da *Eneida:*

. . . Sedet aeternumque sedebit Infelix Theseus. [75]

Em vão o poeta pretende que Teseu para sempre está sentado numa cadeira e que esta postura constitui o seu suplício. Outros acreditavam que Teseu era um herói e não está sentado no Inferno, mas que está nos Campos Elísios.

Não há muito tempo ainda, um bom e honesto ministro huguenote pregou e escreveu que os condenados haviam de ter um dia perdão e que era necessária uma proporção entre o pecado e o suplício e que uma falta momentânea não pode merecer um castigo infinito. Os sacerdotes, seus confrades, destituíram este juiz, demasiado indulgente; um deles disse-lhe: "Meu amigo, acredito tão pouco como tu nas penas eternas; mas é bom que a tua criada, o teu alfaiate e até o teu procurador acreditem nelas".

Inquisição

A Inquisição é, como se sabe, uma invenção admirável e absolutamente cristã destinada a tornar o papa e os monges mais poderosos e a tornar todo um reino hipócrita.

De ordinário, São Domingos é visto como o primeiro a quem se deve esta instituição. Com efeito, conservamos ainda uma patente dada por este grande santo, concebida nas suas próprias palavras: "Eu, irmão Domingos, reconcilio com a Igreja o dito Rogério, portador dos presentes, sob condição de que se faça fustigar por um padre três domingos consecutivos desde a entrada da cidade até à porta da igreja, seja magro toda a sua vida, que durante três quaresmas do ano nunca beba vinho, traga o *sanbenito* com cruzes, reze o breviário todos os dias, diga dez *Pater* por dia e vinte à meia-noite; e de que guarde doravante a continência, se apresente todos os meses ao cura da sua paróquia, etc., tudo isto sob pena de ser tratado como herético, perjuro e impenitente".

Embora Domingos seja o verdadeiro fundador da Inquisição, Luís de Paramo, um dos mais respeitáveis escritores e das mais brilhantes luminárias do Santo Ofício, refere, todavia, no título segundo do segundo livro, que Deus foi o primeiro instituidor do Santo Ofício e exerceu o poder dos irmãos pregadores contra Adão. Antes de mais, Adão é citado para comparecer em Juízo: *Adam, ubi es?* [76] e, com efeito, acrescenta, a falta de citação acarretaria a nulidade do processo divino.

Os trajes de pele que Deus fez a Adão e Eva foram o modelo do *sanbenito* que o Santo Ofício obriga os hereges a envergarem. Verdade seja que por este argumento se prova que Deus foi o primeiro alfaiate; mas não é menos evidente que o primeiro inquisitor.

Adão foi privado de todos os bens imóveis que possuía no grande paraíso terrestre; donde, que o Santo Ofício confisque os bens de todos aqueles que condena.

Luís de Paramo assinala que os habitantes de Sodoma foram queimados como heréticos porque a sodomia é heresia formal. Daí, passa à história dos judeus onde encontra o Santo Ofício em toda a parte.

[75] O infeliz Teseu está sentado e permanecerá sentado eternamente. (N. do E.)
[76] Adão, onde estás? (N. do E.)

Jesus Cristo é o primeiro inquisidor da nova lei; os papas foram inquisidores de direito divino e, finalmente, transmitiram o poder a São Domingos.

Procede, em seguida, à enumeração de todos aqueles que a Inquisição levou à morte; e encontra muito para cima de cem mil.

O seu livro foi impresso no ano de 1598, em Madrid, com a aprovação dos doutores, os elogios do bispo e o privilégio do rei. Não concebemos hoje horrores ao mesmo tempo tão extravagantes e tão abomináveis; mas então nada parecia mais natural e mais edificante. Todos os homens se parecem com Luís de Paramo quando são fanáticos.

Este Paramo era um homem simples, muito exato nas datas, sem omitir nenhum fato interessante e avaliando com escrúpulo o número de vítimas humanas imoladas pelo Santo Ofício em todos os países.

Descreve com a maior ingenuidade o estabelecimento da Inquisição em Portugal e está perfeitamente de acordo com quatro outros historiadores que falaram como ele. Eis o que nos relatam unanimemente.

Havia muito que o papa Bonifácio IX, no começo do século XV, enviara como delegados irmãos pregadores que iam em Portugal, de cidade em cidade, queimando os heréticos, os muçulmanos e os judeus; eram, todavia, ambulantes e os próprios monarcas se queixaram algumas vezes dos seus vexames. O papa Clemente VII quis dar-lhes um estabelecimento fixo em Portugal, como tinham em Aragão e Castela. Houve dificuldades entre a corte de Roma e a de Lisboa; azedaram-se os ânimos; com isso, sofria a Inquisição e não se estabelecia perfeitamente.

Em 1539 apareceu em Lisboa um legado do papa que viera, dizia ele, para estabelecer a Santa Inquisição sob fundamentos inabaláveis. Traz ao rei João III cartas do papa Paulo III. Tinha outras cartas de Roma para os principais funcionários da Corte: as suas patentes de legado estavam devidamente seladas e assinadas; exibiu os poderes mais amplos para criar um grande inquisidor e todos os juízes do Santo Ofício. Tratava-se de um malandrim chamado Saavedra que sabia imitar todas as escritas, fabricar e apor falsos selos e falsos sinetes. Aprendera este mister em Roma e aperfeiçoara-se em Sevilha, donde chegara com dois outros intrujões. O seu séqüito era magnífico; compunha-se de mais de cento e vinte lacaios. Para ocorrer a esta enorme despesa, ele e os seus confidentes contraíram em Sevilha empréstimos de somas imensas em nome da câmara apostólica de Roma; tudo estava concertado com a mais espantosa das ardilezas.

O rei de Portugal começou por se admirar que o papa lhe enviasse um legado *a latere* [77] sem o prevenir. O legado retorquiu altivamente que, em assunto tão premente como o estabelecimento fixo da Inquisição, Sua Santidade não podia sofrer atrasos e que ao rei era concedida honra suficiente pelo fato de o primeiro correio que lhe trazia a notícia ser um delegado do Santo Padre. O rei não ousou replicar. Nesse mesmo dia, o legado estabeleceu um grande inquisidor, mandou cobrar dízimos por toda a parte; e, antes que a Corte pudesse receber respostas de Roma, já fizera queimar duzentas pessoas e arrecadara mais de duzentos mil escudos.

Entretanto, o marquês de Villanova, grande senhor espanhol de quem em Sevilha o legado sacara empréstimos com bilhetes falsos, julgou oportuno pagar-se por suas mãos, em vez de se ir comprometer com o intrujão em Lisboa. O legado fazia então uma excursão junto da fronteira da Espanha. O marquês marcha para aí com cinqüenta hômens armados, rapta-o e leva-o para Madrid.

A intrujice foi em breve descoberta em Lisboa e o conselho de Madrid condenou o legado Saavedra ao chicote e a dez anos de galés; mas o admirável é que o papa Paulo IV confirmou depois tudo o que fora estabelecido pelo intrujão. Ratifica com a plenitude do seu poder divino todas as pequenas irregularidades processuais e torna sagrado o que fora puramente humano.

Que importa o braço de que Deus se digna servir-se?

Eis como a Inquisição se tornou sedentária em Lisboa e todo o reino admirou a Providência. [78]

[77] Legado *a latere:* representante plenipotenciário do papa. (N. do E.)
[78] Cf. com estabelecimento da Inquisição em Portugal. (N. dos T.)

De resto, conhecem-se bem todas as regras processuais deste tribunal e sabe-se como são opostas à falsa eqüidade e à cega razão de todos os outros tribunais do universo. É-se aprisionado por simples denúncia das pessoas mais infames; um filho pode denunciar o pai, uma mulher, o marido; nunca se é acareado com os acusadores; os bens são confiscados em proveito dos juízes; é assim pelo menos que a Inquisição se tem conduzido até aos nossos dias: há aí algo de divino; pois, com efeito, é incompreensível que os homens tenham suportado pacientemente este jugo. . .

Enfim, o conde de Aranda foi abençoado pela Europa inteira ao aparar as garras e ao limar os dentes do monstro; mas este ainda respira.

*Instinto

Instinctus, impulsos, impulsion. Que potência nos impele?

Todo sentimento é instinto.

Uma conformação secreta entre nossos órgãos e os objetos forma nosso instinto.

Somente por instinto fazemos mil movimentos involuntários, do mesmo modo que por instinto somos curiosos, que procuramos a novidade, que a ameaça nos assusta, que o desprezo no irrita, que o ar submisso nos apazigua, que o choro nos enternece.

Somos governados pelo instinto como os gatos e as cabras. É mais uma semelhança que temos com os animais, semelhança tão incontestável como a do nosso sangue, das nossas necessidades, das funções do nosso corpo.

Nosso instinto não é nunca tão industrioso quanto os deles, nem mesmo se aproxima. Desde o momento do seu nascimento, um gamo ou um carneiro correm para a teta de sua mãe; uma criança morreria se a sua não lhe desse seu seio apertando-a em seus braços.

Quando grávida, nunca uma mulher foi invencivelmente determinada pela natureza a preparar com suas próprias mãos um lindo berço de vime para seu filho, como uma toutinegra o faz com seu bico e suas patas. Mas o dom que temos para refletir, unido às duas mãos industriosas que a natureza nos presenteou, eleva-nos até ao instinto dos animais e com o passar do tempo coloca-nos, por bem ou por mal, infinitamente acima deles. Esta proposição foi condenada pelos senhores do antigo Parlamento e pela Sorbonne, esses grandes filósofos naturalistas que, como se sabe, contribuíram muito para o aperfeiçoamento das artes.

Nosso instinto leva-nos inicialmente a surrar nosso irmão que nos magoa, se formos coléricos e mais fortes. Em seguida, nossa sublime razão nos faz inventar as flechas, a espada, a lança e, enfim, o fuzil, com que matamos nosso próximo.

Só o instinto nos leva igualmente a fazer o amor, *amor omnibus idem,* mas só Virgílio, Tibulo e Ovídio falam disso.

É só pelo instinto que um jovem serviçal detém-se com admiração e respeito diante do coche superdourado de um coletor do tesouro. A razão vem ao serviçal. Torna-se empregado do comércio, educa-se, rouba, torna-se por sua vez um grande senhor e enlameia seus antigos companheiros, languidamente estendido num carro ainda mais dourado do que aquele que admirou.

O que é esse instinto que governa todo o reino animal e que em nós é fortificado pela razão ou reprimido pelo hábito? Será a "divina et particula aurae"? Sim, sem dúvida, é alguma coisa divina, pois tudo o é. Tudo é o efeito incompreensível duma causa incompreensível. Tudo é determinado pela natureza. Raciocinamos sobre tudo e não nos damos nada.

*Interesse

Não ensinamos nada aos homens, nossos confrades, quando lhes dizemos que fazem tudo por interesse. O quê?! É por interesse que esse faquir, todo nu, mantém-se ao sol, sobrecarregado de ferros, morrendo de fome, comido pelos vermes e os comendo? Sim, sem dúvida, pois conta ir ao décimo oitavo céu, e olha com piedade aquele que só será recebido no nono.

O interesse de Malabar que se queima sobre o corpo de seu marido morto é o de encontrá-lo no outro mundo e ser, então, mais feliz do que o faquir.

Com sua metempsicose, os hindus acreditam num outro mundo. São como nós: admitem as contradições.

Conheceis algum rei ou alguma república que tenha feito a guerra ou a paz, ou editos, ou convenções, por outro motivo senão o do interesse?

Com relação ao interesse do dinheiro (juros), consultai no grande *Dicionário Enciclopédico* o artigo do sr. D'Alembert sobre o cálculo e o do sr. Boucher d'Arpis sobre a jurisprudência. Ousemos acrescentar algumas reflexões.

1.º — O ouro e o dinheiro são mercadoria? Sim. O autor de *Do Espírito das Leis* não pensa quando diz: "O dinheiro, que é o preço das coisas, aluga-se, não se compra".

Posso alugá-lo e também comprá-lo. Compro ouro com dinheiro e dinheiro com ouro, e o preço muda todos os dias em todas as nações comerciantes.

Na Holanda, a lei determina que as letras de câmbio sejam pagas na moeda do país e não em ouro, se o credor exigir. Neste caso, compro espécies sonantes pagando-as em ouro, fazenda, trigo ou diamantes.

Preciso de dinheiro, trigo ou diamantes para um ano. O comerciante de trigo, dinheiro ou diamantes me diz: "Podereis durante este ano vender vantajosamente meu dinheiro, meu trigo, meus diamantes. Avaliemos o que me fazeis perder em quatro, cinco ou seis por cento, segundo o uso do país. Dar-me-eis, por exemplo, no final do ano, vinte e um quilates de diamantes por vinte que vos emprestei, vinte e um sacos de trigo por vinte emprestados, vinte e um mil escudos por vinte mil que me pedistes. É isso o interesse ou juro, estabelecido em todas as nações pela lei natural. A taxa depende da lei particular do país. Em Roma, por exemplo, empresta-se sob penhora a dois e meio por cento, segundo a lei, e os valores são vendidos se não se paga no tempo estipulado. Na Holanda, não se empresta sob penhora e só se pedem os juros estipulados pela lei do país. Se estivésseis na China pediríeis o juro vigente em Macau e em Cantão".

2.º — Enquanto se comercia dessa maneira em Amsterdam, aí chega, vindo de Saint-Magloire, um jansenista (o fato é verdadeiro, o homem chamava-se abade dos Issarts). Diz o jansenista ao negociante holandês: "Tomai cuidado, estai-vos condenando, pois o dinheiro não pode produzir dinheiro, *nummus nummum non parit*. Só é permitido receber juros de seu dinheiro quando se aceita perder os cabedais. Ou seja, o único meio para salvardes vossa alma é fazer um contrato com este senhor aqui presente de tal modo que, por exemplo, se emprestardes vinte mil escudos, nunca mais os vereis, mas, em compensação, vós e vossos herdeiros recebereis mil escudos por ano durante toda a eternidade".

"Bancais o engraçado", retruca o holandês; "estais propondo uma usura que é um infinito de primeira ordem. Ao cabo de vinte anos já terei recebido, eu ou os meus, meu capital; em quarenta anos, o dobro; o quádruplo em oitenta. Vedes bem que é uma série infinita. Ademais, só posso emprestar por doze meses, e contento-me com mil escudos de indenização."

O ABADE DOS ISSARTS

Entristeço-me por vossa alma holandesa. Deus proibiu aos judeus de emprestar com juros. E sabeis muito bem que um cidadão de Amsterdam deve obedecer escrupulosamente às leis do comércio, dadas num deserto a alguns fugitivos errantes que não praticavam comércio algum.

O HOLANDÊS

Isto é claro, todo o mundo deve ser judeu, mas parece-me que a lei permite à horda hebraica maior usura do que aos estrangeiros, o que lhe propiciou excelentes negócios com eles.

Aliás, seria preciso que até a proibição de cobrar juros de judeu para judeu caísse em desuso, já que Nosso Senhor Jesus Cristo, pregando em Jerusalém, diz expressamente que em seu tempo os juros eram de cem por cento, pois na parábola dos talentos diz que o servidor *que tinha recebido* cinco talentos ganhou cinco em Jerusalém, que aquele que tinha dois ganhou dois e que o terceiro que só tinha um e não o fez valer foi aprisionado pelo senhor por não ter feito seu dinheiro

trabalhar com os cambistas. Ora, estes eram judeus, portanto era de judeu para judeu que se exercia a usura em Jerusalém. E a parábola, tirada dos costumes do tempo, indica manifestamente que a usura era de cem por cento. Lede São Mateus (capítulo XXV) que conhecia isso muito bem: foi empregado da alfândega na Galiléia. Deixai-me acabar o negócio que estou realizando com este senhor e não me façais perder meu tempo nem meu dinheiro.

O ABADE DOS ISSARTS

Tudo isso é belo e bom, mas a Sorbonne decidiu que o empréstimo a juros é um pecado mortal.

O HOLANDÊS

Caçoais de mim, meu amigo, citando a Sorbonne para um negociante de Amsterdam. Quando podem, nenhum desses raciocinadores deixa de fazer valer seu dinheiro a cinco ou seis por cento, comprando, no lugar de ações sólidas, ações da Companhia das Índias, prescrições, ações do Canadá. O conjunto do clero da França empresta a juros. Em várias províncias francesas o juro é estipulado com o principal. Aliás, a universidade de Oxford e a de Salamanca decidiram contrariamente à Sorbonne. É o que aprendi nas minhas viagens. Temos deuses contra deuses. E mais uma vez: não me aborreçais.

O ABADE DOS ISSARTS

Senhor, senhor, os maus têm sempre boas razões. Procurais vossa própria perdição, vos digo, pois o abade de Saint-Ciran, que não fez milagres, e o abade de Paris, que o fez em Saint-Michel. . .

3.º — E, então, o mercador, impacientado, expulsou o abade dos Issarts do seu balcão e, após haver emprestado lealmente seu dinheiro ao último que veio, foi relatar sua conversa aos magistrados, que proibiram ao jansenista expor uma doutrina tão perniciosa para o comércio.

Senhores, diz o primeiro almotacel, sois os mestres, tomai tanto quanto quiserdes da graça eficaz e da predestinação; tomai tão pouco quanto quiserdes da comunhão, mas guardai-vos de tocar nas leis de nosso Estado.

Inundação

Terá havido algum tempo em que a terra fosse inteiramente inundada? Eis o que é físicamente possível.

Pode ser que o mar tenha sucessivamente coberto todas as terras, uma após outra; e isto não poderá ter acontecido senão em lenta gradação, ao longo de uma prodigiosa coleção de séculos. Em quinhentos anos, o mar retirou-se das Aigues-Mortes, de Fréjus, de Ravena, que eram grandes portos, e deixou cerca de duas léguas de terreno em seco. A esta progressão, é evidente que seriam precisos dois milhões e duzentos e cinqüenta mil anos para se dar a volta ao nosso globo. E o notável é que este período se aproxima muito do que necessita o eixo da Terra para se elevar e coincidir com o equador, movimento muito verossímil, de que começa a haver suspeitas desde há cinqüenta anos, e que só poderá efetuar-se no espaço de dois milhões e mais de trezentos mil anos.

Os leitos, os fósseis de conchas descobertos mesmo a algumas léguas do mar são a prova incontestável de que este foi depositando pouco a pouco estes produtos marinhos sobre terrenos que constituíam outrora as margens do oceano; que, porém, as águas tenham coberto inteiramente todo o globo ao mesmo tempo é quimera absurda em física, demonstrada como impossível pelas leis da gravitação, pelas leis dos fluidos, pela insuficiência de quantidade da água. Não que se queira infligir o menor atentado à grande verdade do dilúvio universal, relatado no *Pentateuco:*

pelo contrário, tratando-se de um milagre, impõ-se-nos acreditar; é um milagre, logo não pode ser executado pelas leis físicas.

Tudo é milagre na história do dilúvio: milagre que quarenta dias de chuva inundassem as quatro partes do mundo e as águas subissem quinze côvados acima das mais altas montanhas; milagre que houvesse cataratas, comportas, aberturas no céu; milagre que todos os animais comparecessem na arca, vindos de todas as partes do mundo; milagre que Noé encontrasse com que os alimentar durante dez meses; milagre que todos os animais se agüentassem na arca, com as suas provisões; milagre que a maior parte não houvesse morrido; milagre que encontrassem de comer à saída da arca; milagre ainda, embora de outra espécie, que um tal Le Pelletier tivesse acreditado que conseguira explicar como puderam todos os animais agüentar-se e alimentar-se naturalmente na arca de Noé.

Ora, posto que a história do dilúvio é a coisa mais miraculosa de que jamais se ouviu falar, seria insensato explicá-lo: trata-se de um desses mistérios em que se acredita pela fé; e a fé consiste em se acreditar naquilo em que a razão não acredita, o que é ainda outro milagre.

Assim, a história do dilúvio universal aparenta-se à da torre de Babel, à da jumenta de Balaão, à da queda de Jericó ao som das trombetas, à das águas transformadas em sangue, à da passagem do mar Vermelho e a todos os prodígios que Deus se dignou produzir em benefício dos eleitos do seu povo; são profundezas que o espírito humano não pode sondar.

J

Jó

Bom dia, amigo Jó: és um dos mais antigos excêntricos que os livros referem: não eras judeu: sabe-se que o livro com o teu nome é mais antigo que o *Pentateuco*. Se os hebreus, que traduziram do árabe, se serviram da palavra *Jeová* para significar *Deus*, é porque a pediram de empréstimo aos fenícios e aos egípcios, como nenhum verdadeiro sábio duvida. O termo Satã não era de origem hebraica, mas caldeu, como bem se sabe.

Habitavas nos confins da Caldéia. Comentadores, dignos da profissão, pretendem que tu acreditavas na ressurreição porque, estando deitado no esterco, disseste, no capítulo XIX, que dali *te erguerias* um dia qualquer. Um doente que espera curar-se nem por isso espera a ressurreição [79], mas quero falar-te de outras coisas.

Confessa que eras um grande tagarela, se bem que os teus amigos o fossem mais. Diz-se que possuías sete mil carneiros, três mil camelos, mil bois e quinhentas burras. Sempre quero fazer a tua contabilidade.

Sete mil carneiros, a três libras e dois vinténs por cabeça, dão vinte e duas mil e quinhentas libras tornesas, logo	22 500 £
Avalia os três mil camelos a cinqüenta escudos por cabeça	450 000
Mil bois não podem ser avaliados, uns compensando outros, a menos de	80 000
E quinhentas burras, a vinte francos a burra	10 000
O total eleva-se a	562 500 £

Sem contar com móveis, anéis e jóias.

Fui muito mais rico do que tu e embora tenha perdido uma grande parte dos meus bens e,

[79] Vide capítulo "Ressurreição". (N. dos T.)

como tu, seja doente, não resmunguei contra Deus como os teus amigos parecem censurar-te algumas vezes.

Não estou nada satisfeito com Satã, que, para te induzir ao pecado e te fazer esquecer Deus, solicita que lhe seja concedida permissão de te privar dos teus bens e te dar a sarna. Ora, neste estado é que sempre os homens recorrem à Divindade: as pessoas felizes esquecem-na. Satã não conhecia suficientemente o mundo: aprendeu depois e, quando quer assegurar-se de alguém, torna-o intendente geral ou qualquer coisa de melhor, se possível. Isto nos mostrou claramente o nosso amigo Pope na história do cavaleiro Balaão.

Tua mulher era uma impertinente, conquanto os teus pretensos amigos Elifaz, nativo de Théman na Arábia, Baldad, de Suez, e Sofar, de Naamath, fossem ainda mais insuportáveis do que ela. Exortam-te à paciência de uma maneira que impacientaria o mais pacífico dos homens: proferem longos sermões mais fastidiosos que os pregados pelo malandrim V. . . , em Amsterdam, e o. . . etc.

É verdade que não sabes o que dizes quando gritas: "Meu Deus! Serei um mar ou uma baleia, para ter sido fechado por vós como numa prisão?", mas os teus amigos não o sabem melhor quando te respondem "que o dia não pode reverdecer sem umidade e que a erva dos prados não pode crescer sem água". Nada menos consolador que este axioma.

Sofar de Naamath censura-te por seres um linguareiro; nenhum destes bons amigos, porém, te empresta um escudo. Eu não te teria tratado assim. Nada mais corriqueiro do que pessoas que aconselham, nada mais raro do que pessoas que socorrem. Vale bem a pena ter três amigos para deles nem receber uma gota de sopa quando se está doente! Suponho que, quando Deus te deu riquezas e saúde, estes eloqüentes personagens não ousaram aparecer na tua frente: assim se transmutaram em provérbio aos *amigos de Jó.*

Deus ficou muito descontente com eles e disse-lhes claramente, no capítulo XLII, que são *aborrecidos* e *imprudentes;* e condena-os a uma multa de sete touros e sete carneiros por haverem dito tolices. Eu condená-los-ia por não haverem socorrido o amigo.

Peço-te que me digas se é verdade que viveste mais cento e quarenta anos depois desta aventura. Gosto de ver que as pessoas de bem vivem longo tempo; mas os homens de hoje não podem deixar de ser uns grandes marotos, tanto a sua vida é curta!

(Para um doente nas termas de Aix-la-Chapelle.)

De resto, o livro de Jó é um dos mais preciosos de toda a Antiguidade. Tudo indica ser este livro de um árabe que viveu antes da época em que situamos Moisés. Diz-se que Elifaz, um dos interlocutores, é de Théman; trata-se de uma antiga cidade da Arábia. Baldad era de Suez, outra cidade da Arábia. Sofar era de Naamath, região da Arábia ainda mais oriental.

Mas o mais notável, e o que demonstra que esta fábula não pode ser de um judeu, é a referência às três constelações qqe designamos por a Ursa, o Órion e as Híades. Os hebreus nunca tiveram o menor conhecimento de astronomia, não dispondo sequer de palavra que exprimisse esta ciência; tudo o que respeita às artes do espírito lhes era desconhecido, inclusive o termo geometria.

Os árabes, pelo contrário, habitando em tendas, estando sempre em condições de observar os astros, foram talvez os primeiros que regularam os anos mediante a inspeção do céu.

Observação mais importante: fala-se apenas de um Deus único neste livro. É um erro absurdo ter-se imaginado que os judeus foram os únicos a reconhecer um só Deus; tal era a doutrina de quase todo o Oriente e nisto os judeus não foram senão plagiários, como de resto o foram em tudo.

No trigésimo oitavo capítulo, o próprio Deus fala a Jó envolto num turbilhão, o que seria imitado no *Gênesis.* Convém repetir que os livros dos judeus são muito recentes. A ignorância e o fanatismo proclamam que o *Pentateuco* é o mais antigo livro do mundo. É evidente que os de Sanchoniathon, os de Thant, anteriores em oitocentos anos aos de Sanchoniathon, os do primeiro Zerdust, o *Shasta,* o *Veidam* dos indianos que ainda conservamos, os cinco *Kings* dos chineses,

o livro de Jó enfim, são de uma antiguidade muito mais recuada que a de qualquer livro hebreu. Está demonstrado que este pequeno povo não pôde ter anais senão quando dispôs de um governo estável; que só sob os reis dispôs desse governo; e que o seu dialeto só com o tempo se formou, de uma mistura de fenício e de árabe. Há provas incontestáveis de que os fenícios cultivaram as terras muito antes dos judeus. As atividades destes consistiam no banditismo e na corretagem, sendo escritores apenas por acaso. Perderam-se os livros dos egípcios e dos fenícios; os chineses, os bramas, os guebros, os judeus conservaram os seus. Todos estes monumentos são curiosos; não passam, porém, de monumentos da imaginação humana, nos quais é impossível aprender uma única verdade, quer física, quer histórica. Não há hoje qualquer pequeno livro de física que não seja mais útil que todos os livros da Antiguidade.

O bom Calmet ou dom Calmet (pois os beneditinos querem que se lhes dê dom), esse ingênuo compilador de tantas fantasias e imbecilidades, esse homem que a sua simplicidade tornou tão útil a quem quiser rir-se das tolices antigas, relata fielmente as opiniões daqueles que desejaram adivinhar a doença de que Jó foi atacado, como se em Jó houvéssemos um personagem real. Não hesita em afirmar que Jó tinha varíola, e acumula passagens sobre passagens, como é seu hábito, para provar o que não existe. Não lera a história da varíola por Astruc; pois, não sendo Astruc Padre da Igreja, nem doutor de Salamanca, mas médico muito sabedor, o bom Calmet ignorava mesmo a sua existência: são uns pobres-diabos, estes monges compiladores.

Justo (Do) e do Injusto

Quem nos concedeu o sentimento do justo e do injusto? Deus, que nos concedeu um cérebro e uma cabeça. Mas quando é que a vossa razão vos ensina que há vício e virtude? Quando nos ensina que dois mais dois são quatro.[80] Não há conhecimento inato pela mesma razão por que não há árvore que traga folhas e frutos ao sair da terra. Nada é o que se chama inato, quer dizer, nada se desenvolve; mas, convém repeti-lo, Deus faz-nos nascer com órgãos, os quais, à medida que crescem, nos fazem sentir tudo o que a nossa espécie deve sentir para a conservação dessa mesma espécie.[81]

Como se opera este contínuo mistério? Dizei-mo, habitantes amarelos das ilhas de Sonda, negros africanos, canadianos imberbes, e vós, Platão, Cícero, Epicteto. Sentis todos igualmente que dar o supérfluo do vosso pão, do vosso arroz ou da vossa mandioca ao pobre que humildemente o pede é melhor do que matá-lo ou furar-lhe os olhos. Para toda a terra é evidente que um benefício se revela mais honesto que um ultraje, que a doença é preferível à exaltação.

Portanto, trata-se apenas de nos servirmos da nossa razão para discernir os cambiantes da honestidade e da desonestidade. O bem e o mal confinam muitas vezes; as nossas paixões confundem-nos: quem nos esclarecerá? Nós mesmos, quando estamos tranqüilos. Quem quer que tenha escrito sobre os nossos deveres escreveu bem, seja em que país for, pois só com a sua razão o escreveu. Todos dizem o mesmo: Sócrates e Epicuro, Confúcio e Cícero, Marco Antonino e Amurath II têm a mesma moral. É preciso repetir todos os dias a todos os homens: "A moral é uma, vem de Deus; os dogmas são diversos, vêm de nós".

Jesus não ensina qualquer dogma metafísico; não escreve cadernos teológicos[82]; não diz: "Sou consubstancial; tenho duas vontades e duas naturezas numa só pessoa". Deixou aos francis-

[80] Esta noção de uma como que "sabedoria" da espécie influirá fortemente em certas correntes do pensamento do século XIX. (N. dos T.)

[81] Voltaire alude freqüentemente à inexistência de qualquer metafísica ou teologia no cristianismo primitivo. O contraste entre a simplicidade das práticas religiosas e os princípios morais dos primeiros cristãos e o aparato da liturgia e teologia da Igreja foi tema constantemente sublinhado pelos setores pequeno-burgueses anticlericais, durante o século XIX e ainda mesmo no século XX. Lembre-se a propósito, como documento típico, *A velhice do Padre Eterno,* de Guerra Junqueiro. (N. dos T.)

[82] Curiosa aproximação com as teorias contemporâneas sobre o intelectual, visto como "bastardo social" por excelência. (N. dos T.)

canos e aos dominicanos, que deviam chegar mil e duzentos anos depois dele, o cuidado de argumentarem para se saber se a sua mãe foi concebida sem pecado original; nunca disse que o casamento é o sinal visível de uma coisa invisível; nem uma palavra proferiu sobre a graça concomitante; não instituiu monges nem inquisidores, nada ordenou de tudo o que vemos hoje.

Deus concedera o conhecimento do justo e do injusto em todos os tempos que precederam o cristianismo. Deus não mudou nem pode mudar: o fundo da nossa alma, os nossos princípios de razão e de moral serão eternamente os mesmos. De que servem à virtude as distinções teológicas, dogmas fundados nessas distinções, perseguições fundadas nesses dogmas? A natureza, aterrada e erguida com horror contra todas essas invenções bárbaras, grita a todos os homens: "Sede justos e não sofistas intolerantes".

Podeis ler no *Sadder,* que é o compêndio das leis de Zoroastro, esta sábia máxima: "Quando é duvidoso que uma ação que te propõem seja justa ou injusta, abstém-te". Quem alguma vez proferiu regra mais admirável? Que legislador falou melhor? Não existe ali o sistema das opiniões prováveis, inventado por uma gente que se intitulava *Sociedade de Jesus.*

L

* Lei Natural

Diálogo

B — Que é a lei natural?

A — O instinto que nos faz sentir a justiça.

B — Que chamais justo e injusto?

A — O que aparece como tal ao universo inteiro.

B — O universo é composto de muitas cabeças. Diz-se que na Lacedemônia aplaudiam-se os larápios que, em Atenas, eram condenados às minas.

A — Abuso de palavras, logomaquia, equívoco. Não se podia cometer latrocínio em Esparta, pois tudo era comum. O que chamais *roubo* era a punição da avareza.

B — Era proibido em Roma desposar sua irmã. Era permitido desposar a irmã de seu pai entre os egípcios, atenienses e mesmo entre os judeus. Cito a contragosto o infeliz povinho judeu, que seguramente não deve servir de regra para ninguém, e que (colocando de lado a religião) sempre foi um povo de salteadores ignorantes e fanáticos. Mas, enfim, segundo seus livros, a jovem Tamar, antes de ser violada por seu irmão Amon, lhe diz: "Meu irmão, não faças bobagem. Pede-me em casamento a meu pai. Não recusará".

A — Tudo isso são leis convencionais, usos arbitrários, modas que passam; o essencial permanece sempre. Mostrai-me um país onde seja honesto arrebatar o fruto de seu trabalho, violar sua promessa, mentir para prejudicar, caluniar, assassinar, envenenar, ser ingrato para com seu benfeitor, espancar seu pai e sua mãe quando vos dão de comer.

B — Esquecei-vos de que Jean-Jacques, um dos pais da Igreja moderna, disse que *o primeiro que ousou fechar e cultivar um terreno* foi o inimigo *do gênero humano,* que seria preciso exterminá-lo, e que *os frutos são de todos* e que *a terra não pertence a ninguém?*

A — Qual é esse Jean-Jacques? Não é seguramente João (Jean) Evangelista, nem João (Jean) Batista, nem Tiago (Jacques) Maior, nem Tiago (Jacques) Menor. Quem escreveu essa abominável impertinência só pode ser um belo espírito *(bel-esprit)* ou algum bufo magro divertido e de mau gosto que quis zombar daquilo que o mundo inteiro leva tão a sério. Pois, em lugar de ir estragar o terreno de um vizinho sensato e industrioso, só teria que imitá-lo, e, cada pai de família tendo seguido esse exemplo, uma linda cidade logo se teria formado. O autor dessa passagem parece-me um animal bem insociável.

B — Credes, portanto, que, ultrajando e roubando o coitado que cercou com uma cerca viva seu jardim e seu galinheiro, faltou aos deveres da lei natural?

A — Sim, sim, repito. Há uma lei natural que consiste em não fazer o mal a outrem nem regozijar-se com isso.

B — Concebo que o homem só ame e só faça o mal para tirar proveito. Porém, tantas pessoas são levadas a tentar tirar proveito da infelicidade do outro; a vingança é uma paixão tão violenta; há exemplos tão funestos; a ambição, ainda mais fatal, inundou a terra com tanto sangue, que, quando traço o horrível quadro, fico tentado a confessar que o homem é muito diabólico. De nada adianta que eu tenha em meu coração a noção do justo e do injusto. Átila é cortejado por São Leão; Focas, que São Gregório bajulou com a mais baixa covardia; Alexandre VI, manchado com tantos incestos, tantos homicídios, tantos envenenamentos, e com o qual Luís XII, chamado o Bom, faz a mais indigna e estreita aliança; Cromwell, de quem o Cardeal Mazarin procura proteção e por causa de quem expulsa da França os herdeiros de Carlos I, primos-irmãos de Luís XIV, e cem exemplos semelhantes atrapalham minhas idéias e deixam-me desnorteado.

A — Bem! As tempestades impedem que gozemos hoje de um belo sol? O terremoto que destruiu metade da cidade de Lisboa impediu que viajásseis para Madrid muito comodamente? Se Átila foi um salteador e o Cardeal Mazarin um intrujão, em compensação não existirão príncipes e ministros honestos? Não se observou que na guerra de 1701 o conselho de Luís XIV era composto de homens muito virtuosos: o duque de Beauvilliers, o marquês de Torci, o marechal de Villars; enfim, Chamillort, que passou por incapaz, mas nunca por desonesto? A idéia da justiça não subsiste sempre? Sobre ela estão fundadas todas as leis, chamadas pelos gregos *filhas do céu,* quer dizer, filhas da natureza. Não tendes leis em vosso país?

B — Sim, umas boas, outras más.

A — De onde teríeis tirado a idéia de justiça senão da lei natural, presente em todo homem cujo espírito for bem constituído? É preciso tê-las tirado daí ou de lugar nenhum.

B — Tendes razão. Há uma lei natural. Mas é mais natural ainda que as pessoas a esqueçam.

A — É natural também ser limitado, corcunda, manco, disforme, doentio; porém preferimos as pessoas bem conformadas e sadias.

B — Por que existem tantos espíritos limitados e disformes?

A — Paz!

Leis (Das)

I

No tempo de Vespasiano e de Tito, quando os romanos exventravam os judeus, um israelita muito rico, que não queria ser exventrado, escapuliu-se com todo o ouro que ganhara no seu mister de usurário e conduziu para Eziongaber toda a família, constituída pela velha esposa, um filho e uma filha. Trazia no séqüito dois eunucos: um, cozinheiro, o outro, lavrador e vinhateiro. Um bom essênio, que sabia de cor o *Pentateuco,* servia-lhe de capelão. Tudo isto embarcou no porto de Eziongaber, atravessou o mar a que chamam *Vermelho* e que o não é, e entrou no golfo Pérsico, para ir em demanda da terra de Ofir, sem saber onde esta ficava. Como podeis supor, sobreveio uma tempestade horrível que atirou com a família hebraica para a costa das Índias; o barco naufragou numa das ilhas Maldivas, hoje chamada Pedrabranca e então deserta.

O velho ricaço e a velha afogaram-se; o filho, a filha, os dois eunucos e o capelão salvaram-se; tiraram como puderam algumas provisões do barco, construíram pequenas cabanas na ilha e aí viveram assaz comodamente. Como sabeis, a ilha de Pedrabranca está a cinco graus do equador e encontram-se aí os maiores cocos e os melhores ananases do mundo; constituía um sítio agradável para se viver enquanto algures eram degolados os restos da nação eleita; contudo, o essênio chorava, considerando que além deles talvez não restassem mais judeus sobre a terra e que a semente de Abraão ia acabar.

— "Se de vós depende ressuscitá-la", disse-lhe o jovem judeu, "desposai a minha irmã."— "Bem o desejaria", disse o capelão, "mas a lei proíbe-o. Sou essênio, fiz o voto de nunca me casar;

a lei manda que se deve cumprir o voto. A raça judaica poderá extinguir-se, se quiser, mas decerto que não desposarei vossa irmã, embora ela seja bem bonita."

— "Os meus dois eunucos não podem fazer-lhe filhos", replicou o judeu. "Portanto, serei eu a fazer-lho se me dais licença, e peço-vos que abençoeis o casamento."

— "Preferia cem vezes ser encontrado pelos soldados romanos do que servir para vos fazer cometer incesto", disse o capelão. "Se fosse uma irmã paterna, ainda passava, pois a lei permite-o; mas ela é vossa irmã materna e isso é abominável."

— "Concebo muito bem", respondeu o rapaz, "que fosse crime em Jerusalém, onde encontraria outras moças. Mas na ilha de Pedrabranca, onde só vejo cocos, ananases e ostras, creio que a coisa é perfeitamente permitida."

Assim, o judeu casou-se com a irmã e teve uma filha, não obstante os protestos do essênio: foi este o único fruto do casamento que um considerava muito legítimo e outro abominável. Ao cabo de catorze anos, a mãe morreu, e o pai disse ao capelão: — "Haveis finalmente removido esses vossos velhos preconceitos? Quereis desposar a minha filha?" — "Deus me livre!", retorquiu o essênio. — "Ora bem! desposá-la-ei eu", disse o pai. "Acontecerá o que tiver de acontecer, mas não quero que a semente de Abraão fique reduzida a nada." O essênio, apavorado com este horrível propósito, não quis continuar com um homem que faltava à lei e fugiu. O recém-casado bem se podia esfalfar a gritar-lhe: "Ficai, amigo; eu observo a lei natural, sirvo a pátria, não abandoneis os vossos amigos": o outro deixava-o gritar, tendo sempre a lei na cabeça, e fugiu a nado para a ilha vizinha.

Era a grande ilha de Attole, muito povoada e muito civilizada; mal ele abordou, fizeram-no escravo. Aprendeu a balbuciar a língua de Attole e lamentou-se amargamente da maneira pouco hospitaleira como o haviam recebido: disseram-lhe que era lei e que, desde que a ilha estivera prestes a ser surpreendida pelos habitantes da ilha de Ada, haviam sabiamente regulamentado que todos os estrangeiros que abordassem a ilha seriam reduzidos à servidão. "Isso não pode ser uma lei, visto não figurar no Pentateuco", observou o essênio. Retorquiram-lhe que figurava no digesto do país e ele permaneceu escravo: tinha felizmente um amo muito bondoso que o tratava bem e a quem se afeiçoou muito. Um dia, apareceram vários assassinos, decididos a matar o amo e a roubar-lhe os tesouros; perguntaram aos escravos se ele estava em casa e se havia muito dinheiro. "Juramos que não há dinheiro e que ele não está em casa", disseram os escravos.

Todavia, o essênio disse: "A lei não permite a mentira; eu vos juro que ele está em casa e que há muito dinheiro". E assim foi o amo roubado e assassinado. Os escravos acusaram o essênio ante os juízes de haver traído o amo; o essênio disse que não queria mentir e por nada no mundo mentiria; e foi enforcado.

Contaram-me esta história e muitas outras semelhantes no decurso da última viagem que fiz das Índias à França. Quando cheguei, dirigi-me a Versalhes para tratar de alguns negócios; vi passar uma bela mulher seguida de muitas belas mulheres. — "Quem é esta bela mulher?", perguntei ao meu advogado no Parlamento, que viera comigo; pois, tendo um processo no parlamento de Paris devido aos trajes que me fizeram nas Índias, desejava ter sempre o meu advogado ao pé de mim. — "A filha do rei", respondeu, "é encantadora e esmoler; pena que não possa, em caso algum, ser rainha da França". — "Como!", disse eu, "se houvesse a desgraça de se perderem todos os seus familiares e os príncipes de sangue (o que Deus não consinta!), ela não poderia herdar o reino do pai?" — "Não", disse o advogado, "a lei sálica opõe-se formalmente." — "E quem fez essa lei sálica?", perguntei ao advogado. "Não sei", disse ele, "mas pretendem que entre um antigo povo, os sálicos, que não sabia ler nem escrever, havia uma lei escrita que prescrevia que, em terra sálica, a filha não herdaria um chavo; e esta lei foi adotada em terra não sálica." — "Pois eu quero a lei", disse-lhe. "Haveis-me assegurado que esta princesa é encantadora e esmoler; portanto, teria incontestável direito à coroa se acontecesse que de sangue real só ela restasse: minha mãe herdou de seu pai e eu desejo que esta princesa herde do seu."

No dia seguinte, o meu processo foi julgado numa câmara do Parlamento e perdi por unanimidade; asseverou-me o meu advogado que teria ganho por unanimidade numa outra câmara. "É

muito cômico isso", disse-lhe, "portanto, cada câmara, cada lei." — "E verdade", respondeu-me. "Existem vinte e cinco comentários acerca do comum em Paris, o que equivale a dizer que se provou vinte e cinco vezes que o comum em Paris é equívoco; e se existissem vinte e cinco câmaras de juízes, existiriam vinte e cinco jurisprudências diferentes. Temos a quinze léguas de Paris uma província chamada Normandia", continuou ele, "em que seríeis julgado de maneira muito diferente da daqui." Isto deu-me vontade de conhecer a Normandia. Desloquei-me até lá com um dos meus irmãos. No primeiro albergue, encontramos um jovem que se desesperava; perguntei-lhe qual era a sua desgraça ao que ele respondeu que consistia em ter um irmão mais velho. — "Mas onde está a grande desgraça de se ter um irmão mais velho?", objetei-lhe; "o meu irmão é primogênito e vivemos muito bem juntos." — "Ai de mim, senhor", disse ele; "aqui, a lei dá tudo aos primogênitos e nada deixa aos cadetes." — "Tendes razão em estar zangado", respondi-lhe; "entre nós, partilha-se tudo em partes iguais e por vezes os irmãos não se dão melhor."

Estas pequenas aventuras levaram-me a fazer belas e profundas reflexões sobre leis e vi que se passa com elas o mesmo que com os trajes: foi-me necessário usar um "doliman" em Constantinopla e um fato justo ao corpo em Paris.

Se todas as leis humanas são convenções, cogitei, não há senão que saber como fazer bem o negócio. Os burgueses de Delhi e de Agrab dizem que realizaram um negócio muito mau com Tamerlão; os burgueses de Londres gabam-se de haver feito muito negócio com o rei Guilherme de Orange. Afirmou-me, um dia, um cidadão de Londres: "A necessidade faz as leis e a força impõe a sua observância". Perguntei-lhe se algumas vezes a força não faria também leis e se Guilherme, o Bastardo e o Conquistador, não lhes havia dado ordens sem entabular negociações com eles. "Sim", disse-me, "não passávamos de bois, então, Guilherme pôs-nos o jugo e fez-nos andar a golpes de aguilhão; depois, transformamo-nos em homens mas ficaram-nos os cornos e agredimos quem quer que pretenda fazer-nos trabalhar para si e não para nós."

Embebido em todas estas reflexões, encontrei-me a pensar com aprazimento que há uma lei natural independente das convenções humanas: o fruto do meu trabalho deve pertencer-me; devo honrar pai e mãe; não tenho direito algum sobre a vida do meu próximo e este nenhum direito tem sobre a minha, etc. Quando, porém, pensei que desde Chodorlahomor até Meutzel, coronel de hussardos, cada qual mata legalmente e pilha o seu próximo contanto que traga uma patente na algibeira, afligi-me muito.

Disseram-me que entre os ladrões há leis e que as há também na guerra. Indaguei o que eram essas leis da guerra. Disseram-me que consistem em se enforcar o corajoso oficial que houver agüentado um posto desprovido de canhões perante um exército real; em se enforcar um prisioneiro, se um dos nossos for enforcado; em se pôr a fogo e sangue as aldeias que não trouxeram toda a sua subsistência no dia aprazado, segundo as ordens do gracioso soberano das vizinhanças. Bom, observei, eis o *Espírito das Leis.*[83]

Depois de me haver instruído bem, descobri que há umas sábias leis segundo as quais um pastor é condenado a nove anos de galés por ter dado um pouco de sal alheio aos seus carneiros. O meu vizinho foi arruinado por um processo devido a duas azinheiras que lhe pertenciam e fizera cortar num bosque seu, pois não pudera observar uma formalidade que lhe fora impossível conhecer; a sua mulher morreu na miséria e o filho arrasta uma vida mais infeliz ainda. Confesso que estas leis são justas embora a sua execução se mostre um pouco dura; mas reconheço de mau grado as leis que autorizam cem mil homens a irem degolar legalmente cem mil vizinhos. Afigurou-se-me que a maior parte dos homens recebe da natureza o bom senso suficiente para a feitura

Juntai de um extremo da terra ao outro os simples e tranqüilos agricultores: todos facilmente chegarão a acordo quanto a vender aos seus vizinhos os excedentes de trigo[84] e que a lei contrária

[83] Alusão irônica à célebre obra de Montesquieu. (N. dos T.)

[84] "Ils [les peuples] disent que le roi enlève tous les blés et s'enrichit en le leur vendant bien cher." (Madame de Maintenon a Madame de Ursins, 10 de junho de 1709.) (Cit. por J. Benda.) (N. dos T.)

é inumana e absurda; que as moedas representativas dos produtos não devem sofrer mais alterações que os frutos da terra;[85] que um pai de família deve ser o senhor em sua casa; que a religião deve agrupar os homens para os unir e não para os tornar fanáticos e perseguidores; que aqueles que trabalham não se devem privar do fruto dos seus trabalhos para dotar a superstição e a ociosidade:[86] numa hora farão trinta leis desta espécie, todas úteis ao gênero humano.

Mas que Tamerlão chegue e subjugue a Índia e logo não vereis senão legislações arbitrárias. Uma arruinará uma província para enriquecer um publicano de Tamerlão; outra tornará crime de lesa-majestade o falar-se mal da amante do principal criado de quarto de um rajá; uma terceira arrebatará metade da colheita do agricultor e contestar-lhe-á o resto; haverá, enfim, leis que permitirão a um oficial de justiça tártaro vir capturar os nossos filhos no berço, transformar o mais robusto num soldado e o mais débil num eunuco e deixar o pai sem socorro e sem consolação.

Ora, o que valerá mais: ser o cãozinho de Tamerlão ou seu súdito? É evidente que a condição de cão seu se revela muito superior.

II

Os carneiros vivem em sociedade com muita doçura; o seu caráter passa por extremamente afável e por isso não nos damos conta da prodigiosa quantidade de animais que devoram.[87] É mesmo de supor que os comem inocentemente, sem saberem, tal como nós, quando comemos um queijo de Sassenage. A república dos carneiros é a imagem fiel da idade do ouro.

Um galinheiro é visivelmente o mais perfeito dos Estados monárquicos. Não há rei que se compare a um galo. Este, se marcha altivamente no meio do seu povo, não é por vaidade que o faz. Se o inimigo se aproxima, não dá ordem aos seus súditos para irem fazer-se matar por ele, em virtude da sua infalível ciência e onipotência; vai ele próprio, agrupa as suas galinhas atrás de si e combate até à morte. Se sai vencedor, é ele que canta o *Te Deum*. Na vida civil, ninguém há tão galante, tão honesto, tão desinteressado! Possui todas as virtudes. Que tenha no bico um grão de trigo ou um verme e logo o dará à primeira das súditas que se apresente. Enfim, Salomão no seu serralho não se aproximava sequer de um galo de capoeira.

Se for verdade que as abelhas são governadas por uma rainha com quem todos os súditos fazem amor, temos aqui um governo mais perfeito ainda.

As formigas passam por constituir uma excelente democracia. Sobreleva-se aos demais Estados, porquanto toda a gente é aí igual e cada particular trabalha para o bem de todos.

A república dos castores é superior ainda à das formigas, pelo menos se os julgarmos pelas suas obras de alvenaria.

Os macacos assemelham-se mais a saltimbancos do que a um povo policiado; e não parecem reunidos sob leis fixas e fundamentais, como as espécies precedentes.

Nós parecemo-nos mais com os macacos do que com qualquer outro animal, devido ao dom de imitação, à ligeireza das nossas idéias e à nossa inconstância que nunca nos permitiu ter leis uniformes e duráveis.

Quando a natureza formou a nossa espécie e nos deu alguns instintos, o amor-próprio para nossa conservação, a afabilidade para conservação dos outros, o amor que é comum em todas as outras espécies e um dom inexplicável de combinarmos mais idéias que todos os animais juntos — depois de assim nos haver dado o nosso quinhão, disse-nos: "Fazei o que puderdes".

Sempre que mudaram as necessidades, as leis que subsistiram tornaram-se ridículas. Assim,

[85] Crítica ao expediente das quebras de moeda usado com freqüência pelo poder régio para socorrer as dificuldades financeiras. (N. dos T.)

[86] Crítica às doações de bens à Igreja e ordens religiosas. Voltaire volta ao assunto noutros passos desta obra. (N. dos T.)

[87] Benda (ed. cit.) chama a atenção para o prenúncio da teoria darwiniana de luta das espécies à escala universal que este passo de certa maneira envolve. (N. dos T.)

a lei que proíbe que se coma carne de porco e se beba vinho era muito razoável na Arábia, onde porco e vinho são perniciosos, mas absurda em Constantinopla.

A lei que dá todos os bens ao primogênito era muito boa em tempos de anarquia e pilhagem. Então, o primogênito era o comandante do castelo que os bandoleiros assaltariam mais tarde ou mais cedo, os irmãos mais novos os seus oficiais e os lavradores os seus soldados. Só é de recear que o cadete venha a assassinar ou a envenenar o senhor sálico, seu primogênito, para se tornar, por seu turno, senhor da mansão, mas estes sucessos são raros, pois a natureza combinou de tal maneira os nossos instintos e paixões, que temos mais horror em assassinar um irmão primogênito do que desejos de ocupar o seu posto. Ora, esta lei, conveniente para possuidores de castelos no tempo de Chilperico, é detestável quando se trata de partilhar rendimentos numa cidade.

Para vergonha dos homens, sabe-se que as leis do jogo serão as únicas que se mostram em toda a parte justas, claras, invioláveis e executadas. Por que razão o indiano que nos deu as regras do jogo de xadrez é obedecido de bom grado em toda a Terra, ao passo que as decretais dos papas, por exemplo, são hoje objeto de horror e desprezo? É que o inventor do xadrez combinou tudo com justeza para satisfação dos jogadores, enquanto os papas, nas suas decretais, só tiveram em vista as próprias vantagens. O indiano quis exercitar com igualdade o espírito dos homens e dar-lhes prazer; os papas quiseram embrutecer o espírito dos homens. Assim, a base do jogo de xadrez permanece idêntica desde há cinco mil anos e é comum a todos os habitantes da Terra; e as decretais só são reconhecidas em Spolette, Oriviete, Lorette, onde mesmo o jurisconsulto mais superficial as detesta e despreza em segredo.

Leis Civis e Eclesiásticas

Entre os papéis de um jurisconsulto foram encontradas notas que talvez mereçam um pouco de exame.

Que nunca lei alguma eclesiástica vigore, salvo se receber sanção expressa do governo. Foi por este meio que Atenas e Roma nunca tiveram querelas religiosas. Estas querelas constituem a divisão das nações bárbaras ou tornadas bárbaras.

Que só o magistrado tenha poderes para permitir ou proibir o trabalho em dias festivos, pois aos padres não incumbe impedirem homens de cultivar os campos que lhes pertencem.

Que tudo o que diga respeito ao casamento dependa unicamente do magistrado, e que os padres se limitem à augusta função de os abençoar.

Que o mútuo com juros seja exclusivamente objeto da lei civil, pois que só esta preside ao comércio.

Que todos os eclesiásticos sejam submetidos, em todas as circunstâncias, ao governo, pois são súditos do Estado.

Que nunca se verifique o ridículo vergonhoso que é pagar-se a um padre estrangeiro o primeiro ano do rendimento de uma terra doada por cidadãos a um padre concidadão.

Que nenhum padre possa, em caso algum, privar qualquer cidadão da menor prerrogativa, a pretexto de que esse cidadão é pecador, pois o padre pecador deve rezar pelos pecadores e não julgá-los.

Que os magistrados, os trabalhadores e os padres paguem igualmente os encargos do Estado, pois todos pertencem igualmente ao Estado.

Que não haja senão um peso, uma medida, um costume.[88]

Que os suplícios dos criminosos sejam úteis. Se um homem enforcado não serve para nada, um homem condenado a trabalhos públicos serve ainda à pátria e constitui uma lição viva.

Que a lei seja clara, uniforme e precisa: interpretá-la quase sempre é corrompê-la.

Que só o vício seja infamante.

Que todos os impostos sejam proporcionais.

Que nunca a lei esteja em contradição com o costume; pois, se o costume é bom, a lei nada vale.[89]

Letras, Gente de Letras ou Letrados

Nos nossos tempos bárbaros, quando os francos, os germanos, os lombardos, os moçárabes espanhóis não sabiam ler nem escrever, foram instituídas escolas, universidades, quase todas compostas por eclesiásticos, que, sabendo apenas o seu jargão, o ensinaram a quem o quis aprender; as academias que só apareceram muito tempo depois, embora desprezassem as tolices das escolas, mas nem sempre ousaram elevar-se contra elas, porquanto há tolices que são respeitadas, atendendo a que se reportam a coisas respeitáveis.

As pessoas de letras que mais serviços prestaram ao reduzido número de entes pensantes espalhados pelo mundo são os letrados isolados, os verdadeiros sábios encerrados nos seus gabinetes que não argumentaram nos bancos das universidades nem disseram as coisas pela metade nas academias; e esses têm sido quase todos perseguidos. A nossa miserável espécie é feita de tal maneira, que aqueles que marcham em caminhos já batidos atiram sempre pedras aos que ensinam um caminho novo.

Montesquieu conta que os citas cegavam os seus escravos para que estes não se distraíssem ao baterem a manteiga; assim procede a inquisição e quase todo o mundo é cego nos países em que este monstro reina. Há mais de cem anos que se usa um par de olhos na Inglaterra; os franceses começam a abrir um olho; mas por vezes encontram-se homens bem colocados que não querem mesmo permitir que se seja zarolho.

Estes pobres-diabos bem colocados são como o doutor Patarata da comédia italiana que só quer ser servido pelo ignorantão Arlequino e receia ter um criado demasiado penetrante.

Fazei odes em louvor de monsenhor Superbus Fadus, madrigais à amante, dedicai ao seu porteiro um livro de geografia e sereis bem recebido; iluminai os homens e sereis esmagado.

Descartes é obrigado a abandonar a pátria, Gassendi é caluniado, Arnaud arrasta os seus dias no exílio; todos os filósofos são tratados como os profetas entre os judeus.

Quem acreditaria que no século XVIII um filósofo fosse trazido perante os tribunais seculares, e tratado de ímpio pelos tribunais de instrução, por haver afirmado que os homens não poderiam exercer as artes se não tivessem mãos? Não desespero que em breve seja condenado às galés o primeiro que tiver a insolência de sustentar que o homem não pensaria se não tivesse cabeça. "Porquanto", dir-lhe-á um bacharel, "a alma é um espírito puro, a cabeça é apenas matéria; Deus pode colocar a alma no calcanhar, tal como no cérebro; logo, denuncio-vos como ímpio."

A maior desgraça de um homem de letras não será talvez tornar-se o objeto do ciúme dos confrades, a vítima da cabala, do desprezo dos grandes do mundo; a sua maior desgraça é ser jul-

[88] Cf. com as considerações acerca da falta de uniformidade das leis, no capítulo anterior "Das Leis". (N. dos T.)
[89] Atentai no poema de "A lei natural". (N. do A.)

gado por parvos. Os parvos vão longe por vezes, sobretudo quando o fanatismo se junta à inépcia e à inépcia o espírito de vingança. A grande desgraça vem, ainda, de que ordinariamente o homem de letras não se atém a nada. Um burguês adquire um pequeno negócio e ei-lo secundado pelos seus confrades. Se lhe fazem uma injustiça, encontra imediatamente defensores. O homem de letras está sem socorro; assemelha-se aos peixes voadores: se se eleva um pouco, devoram-no os pássaros; se mergulha, comem-no os peixes.

Todos os homens públicos pagam tributo à malignidade; mas são pagos em dinheiro e em honras. O homem de letras paga igual tributo sem nada receber; desceu à arena por prazer, a si mesmo se condenou às feras.

Liberdade (Da)

A — Uma bateria de canhões atira junto às nossas orelhas; sois livre de a ouvir ou não ouvir?

B — Sem dúvida que não posso deixar de a ouvir.

A — Desejais que esse canhão arranque a vossa cabeça e a da vossa mulher e do vosso filho, que passeiam convosco?

B — Que proposta me fazeis? Não posso, enquanto estiver em perfeito juízo, desejar tal coisa; eis o que me é impossível.

A — Bom; vós ouvis necessariamente este canhão e necessariamente desejais não morrer, vós e a vossa família, de um tiro de canhão durante o passeio; não tendes o poder de não ouvir nem o poder de querer permanecer aqui.

B — É evidente.[90]

A — Faríeis, por conseguinte, uma trintena de passos para vos colocardes ao abrigo do canhão e tendes o poder de caminhar comigo esses tantos passos?

B — Eis o que é ainda mais evidente.

A — E, se fôsseis paralítico, não teríeis podido evitar o continuar exposto a esta bateria; não teríeis o poder de estar onde estais: teríeis necessariamente ouvido e recebido um tiro de canhão e estaríeis necessariamente morto?

B — Nada mais verdadeiro.

A — Em que consiste pois a vossa liberdade senão no poder que a vossa individualidade exerceu ao fazer o que a vossa vontade exigia com absoluta necessidade?

B — Estais a embaraçar-me; a liberdade não é, pois, senão o poder de fazer o que quero?

A — Refleti e vede se a liberdade pode ser entendida de outra maneira.

B — Nesse caso, o meu cão de caça é tão livre como eu; tem necessariamente de correr quando avista uma lebre e o poder de correr se não estiver mal das pernas. Portanto, nada tenho de superior ao meu cão e vós reduzis-me à condição dos animais.

A — Eis os pobres sofismas dos pobres sofistas que vos instruíram. Eis que ficais doente só com o serdes livre como o vosso cão. E então? Não vos assemelhais ao vosso cão em tantas coisas? A fome, a sede, o despertar, o dormir, os cinco sentidos não são comuns em vós e no vosso cão? Desejaríeis ter olfato sem ser pelo nariz? Por que desejais ter liberdade de maneira diferente da dele?

B — Mas eu tenho uma alma que raciocina muito e o meu cão não raciocina nada. Ele quase não tem senão idéias simples e eu tenho mil idéias metafísicas.

[90] Um pobre de espírito, num escritozinho honesto, polido e, sobretudo, bem pensado, objeta que, se o príncipe ordenar a B que fique exposto ao canhão, ele fica. Sim, sem dúvida, se tiver mais coragem ou, antes, se tiver mais receio da vergonha que amor à vida, como tantas vezes sucede, quando o instinto de medo à vergonha supera o instinto de conservação, o homem é tão forçado a continuar exposto ao canhão como é forçado a fugir quando não tem vergonha de fugir. O pobre de espírito é forçado a formular objeções ridículas e a proferir injúrias e os filósofos sentem-se forçados a zombar um pouco dele e a perdoar-lhe. (N. do A. à ed. Varberg, 1765.)

A — Pois bem, sois mil vezes mais livre que ele: quer dizer, tendes mil vezes mais de pensar que ele; mas não sois livre de maneira diferente da dele.

B — Como! Não sou livre de querer o que quero?

A — Que entendeis por isso?

B — O que toda a gente entende. Pois não se diz todos os dias: "As vontades são livres"?

A — Um provérbio não é uma razão; explicai-vos melhor.

B — Entendo que sou livre de querer como muito bem me agradar.

A — Com vossa licença, isso não tem sentido; não vedes que é ridículo dizer-se: "Eu quero querer"? Vós quereis necessariamente em virtude das idéias que se vos apresentam. Quereis casar-vos, sim ou não?

B — E se eu vos dissesse que não quero uma coisa nem outra?

A — Responderíeis como aquele que dizia: "Uns julgam que o Cardeal Mazarin está vivo, outros julgam-no morto e eu não julgo uma coisa nem outra".

B — Pois bem! Quero casar-me.

A — Isso sim, é responder. E por que quereis casar-vos?

B — Porque me enamorei de uma jovem, bela, terna, bem-educada, assaz rica, que canta muito bem, cujos pais são gente séria, e porque me gabo de ser amado por ela e muito bem acolhido pela família.

A — Eis uma razão. Vedes que não podeis querer sem razão. Declaro que sois livre de vos casar; quer dizer, que tendes o poder de assinar o contrato.

B — Como! Não posso querer sem razão? E em que se tornará estoutro provérbio: *Sit pro ratione voluntas:* a minha vontade é a minha razão, eu quero porque quero?

A — Tudo isso é absurdo, meu caro amigo: haveria em vós um efeito sem causa.

B — O quê! Quando jogo ao par ou ímpar, tenho uma razão para escolher par em vez de ímpar?

A — Sem dúvida que sim.

B — E qual é a razão, se fazeis favor?

A — É que a idéia de par se apresentou ao vosso espírito primeiro que a idéia oposta. Seria divertido que houvesse casos em que quisésseis porque existe uma causa de querer e outros em que quisésseis sem causa. Quando quereis casar-vos, sentis a razão dominante, evidentemente; não a sentis quando jogais ao par ou ímpar e, no entanto, impõe-se que haja uma razão.

B — Porém, mais uma vez: não sou portanto livre?

A — A vossa vontade não é livre, são-no as vossas ações. Sois livre de fazer quando tiverdes o poder de fazer.

B — Mas todos os livros que li sobre a liberdade de indiferença. . .

A — Tolices. Não há nenhuma liberdade de indiferença. É uma expressão tão destituída de sentido como as pessoas que a inventaram.

Liberdade de Pensamento

Pelo ano de 1707, época em que os ingleses ganharam a batalha de Saragoça, protegeram Portugal e deram durante algum tempo um rei à Espanha, milorde Boldmind,[91] oficial general, que fora ferido, estava perto das águas de Barèges. Encontrou aí o conde Medroso, que caíra do cavalo, atrás das bagagens, a légua e meia do campo de batalha, e viera também fazer uma cura de águas. O conde Medroso era familiar da Inquisição, milorde Boldmind era familiar apenas na conversação. Um dia, depois de beber, teve com Medroso a seguinte conversa:

[91] *Boldmind:* espírito forte, audaz. (N. dos T.)

BOLDMIND

Sois, portanto, sargento dos dominicanos? Exerceis um bem vil ofício.

MEDROSO

É verdade; mas gostei mais de ser criado deles do que ser vítima e preferi a desgraça de quejmar o meu próximo à de ser eu próprio cozido.

BOLDMIND

Que horrível alternativa! Éreis cem vezes mais felizes sob o jugo dos mouros que vos deixavam estagnar livremente no meio das vossas superstições e que, embora vencedores, não se arrogavam o direito inaudito de pôr as almas a ferros.

MEDROSO

Que quereis? Não nos é permitido escrever, nem falar, nem mesmo pensar. Se falamos, torna-se fácil interpretar as nossas palavras e mais ainda os nossos escritos. Enfim, como não podem condenar-nos a um auto-de-fé pelos nossos pensamentos secretos, ameaçam-nos de sermos eternamente queimados por ordem do próprio Deus se não pensarmos como os dominicanos. Persuadiram o governo que se possuíssemos o senso comum todo o Estado ficaria em combustão e a nação tornar-se-ia a mais desgraçada da Terra.

BOLDMIND

Achais que somos assim desgraçados, nós, ingleses, que cobrimos os mares com os nossos barcos e viemos ganhar para vós batalhas nos confins da Europa? Vede os holandeses que vos desapossaram de quase todas as vossas descobertas na Índia e hoje se enfileiram entre os vossos protetores: pensais que sejam malditos de Deus por haverem concedido inteira liberdade à imprensa e por fazerem o comércio dos pensamentos humanos? Foi menos poderoso o império romano por Cícero haver escrito com liberdade?

MEDROSO

Quem é Cícero? Nunca ouvi falar desse homem; não se trata aqui de Cícero, trata-se de nosso santo pai, o papa, e de Santo Antônio de Pádua, e sempre ouvi dizer que a religião romana está perdida se os homens começam a pensar.

BOLDMIND

Não cabe a vós acreditá-lo, pois estais seguro que a vossa religião é divina e que as portas do inferno não podem prevalecer contra ela. Se assim é, nada poderá destruí-la.

MEDROSO

Não, mas pode ser reduzida a pouca coisa. E foi por terem pensado que a Suécia, a Dinamarca, toda a vossa ilha e metade da Alemanha gemem na pavorosa desgraça de não mais serem súditos do papa. Diz-se mesmo que se os homens continuam a guiar-se pelas suas falsas luzes acabarão em breve por se ater à simples adoração de Deus e à virtude. Se alguma vez as portas do inferno prevalecerem até esse ponto, em que se tornará o Santo Ofício?

BOLDMIND

Se os primeiros cristãos não tivessem a liberdade de pensar, não é verdade que não existiria cristianismo?

MEDROSO

Que quereis dizer? Não vos entendo.

BOLDMIND

Acredito. Quero dizer que se Tibério e os primeiros imperadores dispusessem de dominicanos que houvessem impedido os primeiros cristãos de usar penas e tinta; se durante tanto tempo não tivesse sido permitido pensar livremente no império romano, tornar-se-ia impossível aos cristãos estabelecer os seus dogmas. Portanto, se o cristianismo só se formou pela liberdade de pensamento, por que contradição, por que injustiça desejaria aniquilar hoje essa liberdade sobre a qual está fundado?

Quando vos propõem algum negócio interessante, não o examinais demoradamente, antes de o concluirdes? Haverá no mundo maior interesse que o da nossa felicidade ou eterna desgraça? Existem sobre a Terra cem religiões e todas vos condenam à danação por acreditardes nos vossos dogmas, que essas religiões consideram absurdos e ímpios; examinai, portanto, esses dogmas.

MEDROSO

Como posso examiná-los? Não sou dominicano.

BOLDMIND

Sois homem e isso basta.

MEDROSO

Ai de mim! Sois bem mais homem que eu.

BOLDMIND

A vós apenas cabe aprender a pensar; haveis nascido com espírito; sois uma ave na gaiola da Inquisição; o Santo Ofício aparou-vos as asas mas elas podem voltar a crescer. Quem não sabe geometria, pode aprendê-la; qualquer homem pode instruir-se: é vergonhoso que se deposite a alma nas mãos daqueles aos quais não se confiaria o dinheiro. Ousai pensar por vós mesmo.

MEDROSO

Há quem diga que, se toda a gente pensasse por si, a confusão seria prodigiosa.

BOLDMIND

Pelo contrário. Quando assistimos a um espetáculo, cada qual dá livremente a sua opinião e a paz não é perturbada; se, porém, algum insolente, protetor de algum mau poeta, quiser forçar todas as pessoas de gosto a considerarem bom o que lhes parece mau, os dois partidos podem acabar alvejando-se com maçãs, como já aconteceu uma vez em Londres. São estes tiranos dos espíritos que causaram parte das desgraças do mundo. Na Inglaterra, só somos felizes desde que cada qual goze livremente do direito de exprimir a sua opinião.

MEDROSO

Também nós estamos sossegados em Lisboa, onde ninguém pode exprimir a sua.

BOLDMIND

Estais sossegados mas não sois felizes; tal é o sossego dos forçados das galés que remam em cadência e em silêncio.

MEDROSO

Julgais, portanto, que a minha alma está nas galés?

BOLDMIND

Sim. E gostaria de libertá-la.

MEDROSO

Mas se acontecer que eu me sinta bem nas galés?

BOLDMIND

Nesse caso, é porque mereceis as galés.

Limites do Espírito Humano

Surgem de todos os lados, pobre doutor. Queres saber por que o teu braço e o pé obedecem à tua vontade e por que o fígado não te obedece? Indagas como o pensamento se forma no teu tímido entendimento e como se gera aquela criança no útero da mãe? Dou-te o tempo que queiras, para me responderes. O que é a matéria? Os teus colegas doutores encheram dez mil volumes sobre o assunto; descobriram nela algumas qualidades essenciais: as crianças conhecem-nas tanto como tu. Mas essa substância no fundo o que é? E a que é que chamaste *espírito* (termo cuja origem é a palavra latina que significa *sopro,* não podendo achar melhor porque não fazes a menor idéia do que isso seja)?

Repara no grão de trigo que se lança à terra e dize-me por que brota depois do solo para produzir um canudo carregado com uma espiga. Ensina-me a razão por que a mesma terra produz uma maçã no alto desta árvore e uma castanha na árvore vizinha. Podia arranjar-se um calhamaço recheado de perguntas, às quais não deverias honestamente responder senão por quatro palavrinhas: *Não sei nada disso.*

E todavia és bacharel, és doutorado, possuis vários diplomas, e és togado. Chamam-te *mestre.* E esse orgulhoso pateta, nomeado para um modesto emprego numa cidadezinha, supõe ter comprado o direito de julgar e condenar aquilo de que nada percebe.

A divisa de Montaigne era: *Que sei eu?* e a tua há de ser: *Que não sei eu?*

Literatura

Literatura: esta palavra é um desses termos vagos tão freqüentes em todas as línguas, tal como *filosofia,* pelo qual designam-se tanto as pesquisas de um metafísico quanto as demonstra-

ções de um geômetra ou a sabedoria de um homem desenganado do mundo, etc. Acontece o mesmo também com a palavra *espírito,* prodigalizada indiferentemente e que tem sempre necessidade de uma explicação que limite seu sentido. O mesmo acontece ainda com todos os termos gerais cuja acepção precisa não é determinada em nenhuma língua a não ser pelos objetos a que são aplicados.

A literatura é precisamente o que era a gramática entre os gregos e entre os romanos. A palavra *letra* só significava inicialmente *gramma.* Mas, como as letras do alfabeto são o fundamento de todos os conhecimentos, com o tempo chamavam-se gramáticos não somente os que ensinavam a língua mas também aqueles que se aplicavam à filosofia, ao estudo dos poetas e dos oradores, aos escólios, às discussões dos fatos históricos.

Dá-se, por exemplo, o nome de gramático a Ateneu, que viveu no tempo de Marco Aurélio e foi autor do *Banquete dos Filósofos,* amontoado agradável de citações e de fatos, verdadeiros ou falsos. Aulus Gelius, que chamamos comumente Aulo Gélio e que viveu no tempo de Adriano, é considerado um gramático por causa das suas *Noites Áticas,* onde encontramos uma grande variedade de críticas e de pesquisas. As *Saturnais* de Macróbio, no século IV, obra de erudição instrutiva e agradável, foram também chamadas obras de um bom gramático.

A literatura constituída pela gramática de Aulo Gélio, de Ateneu, de Macróbio designa em toda a Europa um conhecimento de obras agradáveis, uma tintura de história, poesia, eloqüência e crítica.

Um homem que leu os autores antigos, que comparou suas traduções e seus comentários, tem uma literatura maior do que aquele que com mais gosto se limitou aos bons autores de seu país e que tem unicamente como preceptor um prazer fácil.

A literatura não é uma arte particular, é uma luz adquirida sobre as belas-artes, freqüentemente luz enganadora. Homero foi um gênio, Zoile um literateiro. Corneille foi um gênio e um jornalista que fala sobre suas obras-primas é um homem de literatura. Não se distinguem as obras de um poeta, de um orador, de um historiador pelo vago termo literatura, embora seus autores possam demonstrar um conhecimento muito variado e possuir tudo o que entendemos pelo termo letras. Racine, Boileau, Bossuet, Fénelon, que tinham muito mais literatura do que seus críticos, seriam mal definidos se fossem expressamente chamados gente de letras, literateiros. Assim como não nos limitaríamos a dizer que Newton e Locke são pessoas de espírito.

Pode-se ter literatura sem se ser o que chamamos *um sábio.* Todo aquele que tiver lido com proveito os principais autores latinos na sua língua materna possui literatura, mas o saber pede estudos mais vastos e mais aprofundados. Não seria bastante dizer que o *Dicionário* de Bayle é uma coleção de literatura. Não seria bastante dizer que é uma obra muito sábia porque o caráter distintivo e superior deste livro é uma dialética profunda, e, se não fosse um dicionário de raciocínio mais do que de fatos e de observações, na maior parte inúteis, não teria a reputação tão justamente adquirida e que conservará para sempre. Forma literateiros mas está acima deles.

Chamamos de bela literatura aquela que se atém aos objetos possuidores de *beleza:* a poesia, a eloqüência, a história bem escrita. A simples crítica, a polimatia, as diversas interpretações dos autores, os sentimentos dos antigos filósofos, a cronologia não são belas literaturas, são *sem beleza.* Os homens convieram chamar *belo* todo objeto que inspira sem esforços sentimentos agradáveis. Aquilo que é somente exato, difícil e útil não pode pretender ser belo. Assim, não se diz: um belo escólio, uma bela crítica, uma bela discussão, como se diz um belo trecho de Virgílio, Horácio, Cícero, Bossuet, Racine, Pascal. Uma dissertação bem feita, tão elegante quanto exata e que espalha flores sobre um objeto espinhoso também pode ser chamada um belo trecho de literatura, embora numa categoria muito subordinada às obras de gênio.

Entre as artes liberais, que chamamos belas-artes, justamente porque deixam de ser arte quando não possuem beleza ou não atendem à grande finalidade de agradar, há muitas que não são o objeto da literatura, tais como a pintura, a arquiteura, a música, etc. Estas artes por si próprias não têm relação com as letras, com a arte de exprimir pensamentos. Assim a expressão *obra literária* não convém a um livro que ensina arquitetura ou música, fortificações, castramentação, etc., porque são obras técnicas. Porém, quando se escreve a história destas artes . . .

*Loucura

O que é a loucura? É possuir pensamentos incoerentes e conduzir-se da mesma forma. Se o mais sábio dos homens quiser conhecer a loucura, que reflita sobre o curso de suas idéias durante seus sonhos. Se durante a noite sua digestão é difícil, mil idéias incoerentes o agitam. Se comermos muito ou se fizermos má escolha de alimentos, a natureza parece punir-nos dando-nos pensamentos durante o sono, pois só pensamos dormindo se estivermos com má digestão. Os sonhos inquietos são realmente uma loucura passageira.

A loucura na vigília é uma doença que impede necessariamente um homem de pensar e de agir como os outros. Se não puder gerir seus bens, a gerência lhe será proibida. Se não puder ter idéias convenientes à sociedade, será excluído do convívio. Se for perigoso, será encarcerado; se furioso, amarrado. Algumas vezes será curado com banhos, sangria e regime.

Tal homem não está privado de idéias: está de posse delas como todos os outros na vigília e freqüentemente no sono. Pode-se perguntar como sua alma espiritual, imortal, alojada no seu cérebro, recebendo pelos sentidos idéias muito claras e distintas, entretanto nunca julga corretamente. Vê os objetos como eram vistos pela alma de Aristóteles e de Platão, de Locke e de Newton. Escuta os mesmos sons, tem o mesmo sentido do tato. Como, então, recebendo as mesmas percepções que os mais sábios experimentam, não pode deixar de reuni-las de modo extravagante?

Se essa substância simples e eterna conta para suas ações com os mesmos instrumentos que as almas dos cérebros mais sábios, deve raciocinar como eles. Quem pode impedi-la? Concebo, reunindo todas as minhas forças, que, se um louco vê vermelho e os sábios azul, se quando os sábios escutam música o louco escuta o relinchar de um asno, se quando estão no sermão o louco acredita estar na comédia, se quando escutam sim ele escuta não, então sua alma deve pensar às avessas com relação às outras. Porém, o louco tem as mesmas percepções que eles. Não há nenhuma razão aparente que explique por que sua alma, tendo recebido pelos sentidos todos os instrumentos, não possa usá-los. É pura, diz-se, não está sujeita por si mesma a nenhuma enfermidade. Está provida de todos os recursos necessários e, não importa o que se passe em seu corpo, nada pode mudar sua essência. Entretanto, levamo-la no seu estojo para o hospício.

Essa reflexão pode fazer-nos suspeitar de que a faculdade de pensar, dada por Deus ao homem, está sujeita ao desarranjo como os outros sentidos. Um louco é um doente cujo cérebro padece, como o gotoso é aquele que sofre dos pés e das mãos. Pensa com o cérebro como caminha com os pés, sem, contudo, conhecer seu poder incompreensível de andar e seu poder, não menos incompreensível, de pensar. Tem-se gota no cérebro como nos pés. Enfim, após mil raciocínios, talvez somente a fé possa convencer-nos de que uma substância simples e imaterial possa ficar doente.

Os doutos ou os doutores dirão ao louco: "Meu amigo, embora tenhas perdido o senso comum, tua alma é tão espiritual, tão pura, tão imortal quanto a nossa. Porém, nossa alma está bem alojada e a tua mal. As janelas da casa estão fechadas para ela, falta-lhe ar, sufoca". O louco, nos seus bons momentos, responder-lhes-ia: "Meus amigos, como de hábito, estais supondo justamente o que está em questão. Minhas janelas estão bem abertas como as vossas, já que vejo os mesmos objetos e que escuto as mesmas palavras. Portanto, é preciso necessariamente que minha alma faça um mau uso dos seus sentidos ou que ela mesma seja um sentido vicioso, uma qualidade depravada. Em uma palavra: ou minha alma é louca por si própria, ou não a tenho".

Um dos doutores poderá responder: "Meu confrade, Deus talvez tenha criado almas loucas como criou almas sábias". O louco responderá: "Se acreditasse no que me dizeis, seria ainda mais louco do que sou. Vós, que tanto sabeis, por favor dizei-me por que sou louco".

Se os doutores tiverem ainda um pouco de senso, responder-lhe-ão: "Não sabemos". Não compreenderão por que um cérebro tem idéias incoerentes, não compreenderão também por que

um outro tem idéias regulares e conseqüentes. Acreditar-se-ão sábios, serão tão loucos quanto o louco.

Se um louco tiver um momento lúcido, dir-lhes-á: "Pobres mortais, que não podeis conhecer a causa de meu mal, nem curá-lo, tremeis pensando tornar-vos inteiramente semelhantes a mim e até ultrapassar-me. Não pertenceis a melhores casas do que o rei da França, Carlos VI, o rei da Inglaterra, Henrique VI, e o imperador Wenceslau, que perderam a faculdade do raciocínio no mesmo século. Não tendes mais espírito que Blaise Pascal, Jacques Abbadie e Jonathan Swift, que morreram loucos. O último, pelo menos, fundou para nós um hospital. Quereis que eu vos reserve um lugar?"

N.B. — Estou zangado porque Hipócrates prescreveu o sangue de burrico para a loucura, e ainda mais zangado porque o *Manual das Senhoras* diz que se cura a loucura tomando-se excrescências. Eis aí receitas divertidas. Até parecem inventadas pelos doentes.

M

Maldoso

Gritam-nos que a natureza humana é essencialmente perversa, que o homem nasceu filho do diabo e maldoso. Nada menos razoável; porque, meu amigo, quando me pregas que toda a gente nasceu perversa, advertes-me que também nasceste e que devo desconfiar de ti como de uma raposa ou de um crocodilo. "Oh !, de modo algum !", dizes-me, "eu regenerei-me, não sou herético nem infiel, pode-se confiar em mim." Mas o resto do gênero humano, que é herético ou o que tu chamas infiel, não passa, portanto, de uma reunião de monstros; e todas as vezes que falares a um luterano ou a um turco tens de estar seguro de que te roubarão e assassinarão, pois são filhos do diabo: nasceram maldosos; um não se regenerou e o outro degenerou. Seria muito mais razoável, muito mais belo, dizer aos homens: *Todos vós nascestes bons; vede como seria atroz corromper-se a pureza do vosso ser.* Teria sido preciso proceder com o gênero humano como se procede com todos os homens em particular. Se um cônego leva uma vida escandalosa, dizem-lhe: "Será possível que assim desonreis a dignidade de cônego?" A um homem de toga faz-se lembrar que tem a honra de ser conselheiro do rei e que deve dar o exemplo. Dizemos a um soldado para o encorajarmos: "Lembra-te que pertences ao regimento de Champanhe". Deveríamos dizer a cada indivíduo: "Lembra-te da tua dignidade de homem".

E, com efeito, tenha-se ou não essa dignidade, é sempre aí que se volta; pois, que quer dizer essa expressão tão freqüentemente usada por todos os povos, *volta a ti?* Se fosses filho do diabo, se a tua origem fosse criminosa, se o teu sangue fosse constituído por um licor infernal, a expressão *volta a ti* significaria: consulta, segue a tua natureza diabólica, sê impostor, ladrão, assassino, tal é a lei de teu pai.

O homem não é maldoso; torna-se mau, tal como se torna doente. Comparecem os médicos e dizem-lhe: "Haveis nascido doente". Por certo que estes médicos, digam o que disserem e façam o que fizerem, não o conseguirão curar se a doença é inerente à sua natureza: e tais raciocinadores são, eles próprios, doentes.

Reuni todas as crianças do universo. Vereis nelas tão-só inocência, doçura e temor; se houvessem nascido más, malfeitoras, cruéis, revelá-lo-iam por algum sinal, como as pequenas serpentes que procuram morder e os pequenos tigres que procuram despedaçar. Porém, a natureza, que não deu ao homem mais armas ofensivas do que aos pombos e aos coelhos, não poderia dar-lhe o instinto da destruição.

Portanto, o homem não nasceu mau. Mas por que razão tantos homens são infetados pela peste da maldade? É porque aqueles que os comandam, havendo apanhado a doença, transmitem-na ao resto dos homens, como uma mulher atacada pelo mal que Cristóvão Colombo trouxe da América espalha esse veneno dum extremo a outro da Europa. O primeiro dos ambiciosos corrompeu toda a terra.

Dir-me-eis que esse primeiro monstro desenvolveu o germe de orgulho, de rapina, de fraudes,

de crueldade, que existe em todos os homens. Confesso que, em geral, a maior parte dos nossos irmãos pode adquirir estas qualidades; mas pode dizer-se que toda a gente contém a febre pútrida, a pedra e cálculo, só porque toda a gente está exposta a contraí-las?

Há povos inteiros que não são maldosos; os filadelfianos, os banianos nunca mataram ninguém; os chineses, os povos da Turquia, do Laos, do Sião, do próprio Japão, não conhecem guerras desde há mais de cem anos. Dificilmente se assiste, em cada dez anos, a um desses grandes crimes que espantam a natureza humana, mesmo em cidades como Roma, Veneza, Paris, Londres, Amsterdam, onde, no entanto, a cupidez, mãe de todos os crimes, é extrema.

Se os homens fossem naturalmente maldosos, se todos nascessem submetidos a um ser tão maligno como infeliz que para se vingar do seu suplício lhes inspirasse os seus furores, veríamos todas as manhãs os maridos assassinados pelas mulheres e os pais pelos filhos, como, de madrugada, as galinhas estranguladas por uma fuinha que veio sugar-lhes o sangue.

Admitindo que existe um bilhão de homens sobre a terra, o que é muito, isso dá cerca de quinhentos milhões de mulheres que cozem, fiam, alimentam os filhos, mantêm limpa a casa ou a cabana e dizem um pouco de mal das vizinhas. Não vejo que grandes males estas pobres inocentes cometem sobre a terra. Nesse número de habitantes do globo, há, pelo menos, duzentos milhões de crianças que decerto não matam nem pilham, aproximadamente outros tantos velhos e doentes que não têm forças para isso. Restam-nos, no máximo, cem milhões de jovens robustos e capazes do crime. Entre esses cem milhões há noventa continuamente ocupados em forçar a terra, mercê de um trabalho prodigioso, a fornecer-lhes a alimentação e o vestuário; estes, nenhum tempo têm para fazer mal.

Nos restantes dez milhões estarão compreendidas as pessoas ociosas e de trato amável, que só desejam gozar a vida, docemente; os homens de talento, ocupados nas suas profissões; os magistrados, os padres, visivelmente interessados em levar uma vida pura, pelo menos na aparência. Como verdadeiros malvados, ficam-nos apenas alguns políticos, quer seculares, quer regulares, que aspiram sempre a perturbar o mundo, e alguns milhares de vagabundos que alugam os seus serviços a esses políticos. Ora, nunca chega a haver, ao mesmo tempo, um milhão de tais bestas ferozes empregadas; e nesse número conto os ladrões de estrada. Tendes, pois, no máximo, sobre a terra, e nas épocas mais tempestuosas, um homem sobre mil a que podemos chamar mau, e que nem sempre o é.

Assim, existe infinitamente menos maldade sobre a terra do que se diz e se supõe. Existe ainda demais, sem dúvida: assistimos a desgraças e a crimes horríveis; mas o prazer de nos lamentarmos e de exagerarmos é tão grande que, à menor arranhadela, clamamos que a terra se afoga em sangue. Fostes enganados, logo todos os homens são perjuros. Um espírito melancólico que sofreu uma injustiça vê o universo coberto de danados, tal como um jovem voluptuoso que ceia com a sua dama, depois da ópera, não imagina que existam desafortunados.

Matéria

Os sábios aos quais se pergunta o que é a alma respondem que não sabem. Se se lhes pergunta o que é matéria, dão a mesma resposta. Verdade seja que alguns professores e sobretudo alguns estudantes sabem perfeitamente tudo isso; e ao repetirem que a matéria é extensa e divisível acham que disseram tudo; porém, quando se lhes pede que nos digam o que é essa coisa extensa, ficam em embaraços. E de que são compostas essas partes? Os seus elementos são divisíveis? Nesta altura, calam-se ou falam muito, o que é igualmente suspeito. Esse ser quase desconhecido, a que se chama matéria, é eterno? Toda a Antiguidade o acreditou. Contém em si e por si a força ativa? Muitos filósofos o pensaram. Os que o negam terão o direito de o negarem? Vós ignorais qual é a natureza da matéria e nem por isso deixais de lhe recusar modos que participam da sua natureza; porque, enfim, uma vez que a matéria é, impõe-se que seja de certa maneira, que seja figurada, e, uma vez que é necessariamente figurada, será impossível que existam outros modos

adstritos à sua configuração? A matéria existe, vós não a conheceis senão através das vossas sensações. Ai de nós! Para que servem todas as sutilezas do espírito, desde que se raciocina? A geometria ensinou-nos muitas verdades, a metafísica pouquíssimas. Pesamos, medimos e decompomos a matéria; e, para além destas operações grosseiras, se queremos dar um passo, encontramos em nós a impotência e ante nós um abismo.

Por favor, perdoai ao universo inteiro que se enganou ao julgar que a matéria existe por si mesma. Poderia eu pensar de outra maneira? Como não imaginar que aquilo que é, sem sucessão, foi sempre? Se não fosse necessária a existência da matéria, por que existiria ela? E sendo necessário que ela existisse, por que não teria existido sempre? Nenhum axioma, em tempo algum, recebeu aceitação mais universal que este: *nada se faz de nada.* Com efeito, o contrário é incompreensível. O caos precede, em todos os povos, o arranjo do mundo que uma mão divina estabelece. A eternidade da matéria não prejudicou, em nenhum povo, o culto da Divindade. Nunca a religião se exasperou por um Deus eterno ser reconhecido como o senhor de uma matéria eterna. Temos hoje a sorte de saber, pela fé, que Deus tirou a matéria do nada; mas nenhuma nação conhecera semelhante dogma, ignorado pelos próprios judeus. O primeiro versículo do *Gênesis* diz que os deuses Eloim, e não Elói, fizeram o céu e a terra; não diz que o céu e a terra foram criados do nada.

Fílon, que viveu durante a única época em que os judeus teriam atingido alguma erudição, afirma, no seu capítulo sobre a criação: "Deus, sendo bom por natureza, não cobiçou a substância, a matéria, que por si mesma nada tinha de bom, que por sua natureza nada tem senão inércia, confusão e desordem. Deus dignou-se torná-la boa, de má que era".

A idéia do caos destrinçado por um Deus encontra-se em todas as antigas teogonias. Hesíodo repetia o que todo o Oriente pensava, ao dizer na sua *Teogonia:* "O caos é o que existiu primeiro". Ovídio era o intérprete de todo o império romano, ao dizer:

"Sicubi dispositam, quisquis fuit ille deorum Congeriem secuit. . . " [92]

Portanto, a matéria era olhada entre as mãos de Deus como a argila sob a roda do oleiro, se é lícito servirmo-nos destas débeis imagens para exprimirmos o poder divino.

Sendo eterna, a matéria devia ter propriedades eternas, como a configuração, a força da inércia, o movimento e a divisibilidade. Mas esta divisibilidade é apenas a conseqüência do movimento, pois sem movimento nada se divide, se separa ou se compõe. Considerou-se, portanto, o movimento como essencial à matéria. O caos fora movimento confuso e o arranjo do universo um movimento regular imprimido a todos os corpos pelo senhor do mundo. Porém, como teria a matéria o movimento por si mesma? Tal como tem, segundo todos os antigos, a extensão e a impenetrabilidade.

Todavia, se não é possível conceber a matéria sem extensão, é possível concebê-la sem movimento. A isto respondia-se: "É impossível que a matéria não seja permeável; ora, sendo permeável, impõe-se que alguma coisa passe continuamente nos poros; para que serviriam passagens se nada por aí passasse?"

De réplica em réplica, nunca mais acabaríamos; o sistema da matéria eterna tem grandes dificuldades, como todos os sistemas. O da matéria formada do nada não é menos incompreensível. Há que admiti-lo e não nos gabarmos de haver resolvido o problema; a filosofia não dá conta de tudo. Quantas coisas incompreensíveis não somos obrigados a admitir, mesmo em geometria? É concebível que duas linhas se aproximem sempre e nunca se encontrem?

Na verdade, dir-vos-ão os geômetras: "As propriedades dos assíntotas foram-vos demonstradas; não podeis deixar de as admitir; mas a criação não é demonstrada: por que a admitis? Que dificuldade encontrais na crença, comum a toda a Antiguidade, da matéria eterna?" De outra

[92] "Se em alguma parte existe matéria organizada, quem quer que a tenha separado foi um deus." (N. do E.)

banda vos acometerá o teólogo, dizendo: "Se acreditais na matéria eterna tereis de reconhecer dois princípios, Deus e a matéria, e caís no erro de Zoroastro, de Manés".

Não responderemos coisa alguma aos geômetras porque esses senhores conhecem apenas as suas linhas, as suas superfícies e os seus sólidos. Mas ao teólogo podemos dizer: "Em que é que eu sou maniqueu? Eis aqui algumas pedras que o arquiteto não criou; com elas ergueu um edifício imenso; com isto, não estou a admitir dois arquitetos; as pedras em bruto obedeceram ao poder e ao gênio".

Felizmente, seja qual for o sistema que se adote, a moral não é prejudicada; pois, que importa que a matéria seja criada ou arranjada? Deus é igualmente o nosso senhor absoluto. Devemos ser virtuosos, tanto sobre um caos deslindado como sobre um caos criado do nada; quase nenhuma destas questões metafísicas influi sobre a conduta da vida; trata-se de disputas semelhantes aos discursos vãos que se proferem à mesa; depois do jantar, cada qual esquece o que disse e vai para onde o seu interesse ou o seu gosto o chama.

*Metafísica

Trans naturam, além da natureza. Mas o que está além da natureza é alguma coisa? Por natureza entende-se, portanto, matéria e por metafísica o que não é matéria. Por exemplo, vosso raciocínio, que não é comprido nem largo, nem alto, nem sólido, nem pontiagudo. Ou então vossa alma, que desconheceis, e que produz vosso raciocínio. Os espíritos, de que sempre se falou e aos quais durante muito tempo se atribuiu um corpo tão tênue que já não era mais corpo, e dos quais, finalmente, se tirou qualquer vestígio de corpo e não se sabe mais o que lhes restou. A maneira como esses espíritos sentem sem ter o embaraço dos cinco sentidos, como pensam sem cabeça, como comunicam seus pensamentos sem palavras e sem signos.

Enfim, também é metafísica, Deus, que conhecemos por suas obras, mas que nosso orgulho quer definir: Deus, de quem sentimos o imenso poder; Deus, separado de nós por um abismo infinito e cuja nobreza ousamos sondar.

Poderíamos ainda acrescentar aos objetos da metafísica até mesmo os princípios da matemática, pontos sem extensão, linhas sem largura, superfícies sem profundidade, unidades divisíveis ao infinito, etc. O próprio Bayle acreditava que esses objetos eram seres de razão, mas são apenas efeitos de coisas materiais consideradas em suas massas, superfícies, larguras e comprimentos, e extremidades dessas larguras ou comprimentos. Todas as medidas são justas e demonstráveis e a metafísica nada tem a ver com a geometria.

É por isso que se pode ser metafísico sem ser geômetra. A metafísica é mais divertida; freqüentemente é o romance do espírito. Em geometria, pelo contrário, é preciso calcular, medir. É um embaraço contínuo, e muitos espíritos preferiram sonhar docemente do que se fatigar.

Milagres

Um milagre, segundo a energia da palavra, é uma coisa admirável. Neste sentido, tudo é milagre. A ordem prodigiosa da natureza, a rotação de cem milhões de globos em torno de um milhão de sóis, a ação da luz, a vida dos animais são outros tantos milagres perpétuos.

Segundo as idéias recebidas, designamos por *milagre* a violação destas leis divinas e eternas. Que haja um eclipse do Sol durante a lua cheia, que um morto faça a pé duas léguas de caminho transportando a cabeça nos braços, a isto chamamos milagre.

Muitos físicos sustentam que, neste sentido, não há milagres; eis os seus argumentos.

Um milagre é a violação das leis matemáticas, divinas, imutáveis, eternas. Basta este simples

enunciado para se ver que comporta uma contradição nos próprios termos. Uma lei não pode ser ao mesmo tempo imutável e violada. Mas, objetaram-lhes, posto que a lei é instituída por Deus, não poderá ser suspensa pelo seu autor? Têm eles a audácia de responder que não e que é impossível que um Ser infinitamente sábio tenha feito leis para as violar. Deus não poderia perturbar a sua máquina salvo para a fazer andar melhor, dizem; ora, é evidente que, sendo Deus, fez a sua imensa máquina tão perfeita quanto pôde: se visse que havia qualquer imperfeição resultante da imperfeição da matéria, remediá-la-ia desde o princípio; logo, Deus nunca modificará aí nada.

Além disso, Deus nada pode fazer sem razão; ora, que razão o levaria a desfigurar, durante algum tempo, a sua própria obra?

Fá-lo em benefício dos homens, replicam. Terá de ser pelo menos em benefício de todos os homens, respondem os físicos; pois é inconcebível que a natureza divina trabalhe para alguns homens em particular e não para todo o gênero humano; além de que o próprio gênero humano é bem pouca coisa: revela-se muito menos que um pequeno formigueiro, se o comparamos com todos os seres que enchem a imensidão. Ora, não será a mais absurda das loucuras imaginar que o Ser infinito transtorna, em benefício das três ou quatro centenas de formigas que vivem neste minúsculo montão de lodo, o eterno jogo das forças imensas que fazem mover todo o universo?

Suponhamos, porém, que Deus tenha querido distinguir um pequeno mundo de homens mediante favores particulares: precisaria para tanto modificar o que estabeleceu para todos os tempos e todos os lugares? Não necessita, por certo, de tal modificação, de tal inconstância, para favorecer as suas criaturas: os seus favores estão nas suas próprias leis. Tudo previu, tudo dispôs em vista delas; todas obedecem irrevogavelmente à força que, para todo o sempre, imprimiu na natureza.

Por que razão faria Deus um milagre? Para satisfazer determinado desígnio acerca de alguns seres vivos! Deus diria, portanto: "Não logrei preencher mediante o estabelecimento do universo, mediante os meus decretos divinos, mediante as minhas leis eternas, um certo desígnio; vou mudar as minhas idéias eternas, as minhas leis imutáveis, para tratar de executar o que não consegui com elas". Estaríamos perante uma confissão de fraqueza e não de poder. Eis o que seria, parece-nos, a mais inconcebível das contradições em Deus. Assim, pois, ousar supor a prática de milagres por Deus é realmente insultá-lo (se é que nomes podem insultar Deus), é dizer-lhe: "Sois um ser fraco e inconseqüente". Acreditar em milagres é um absurdo, equivale de certo modo a desonrar a Divindade.

Estes filósofos são atacados; afirmam-lhes: "Podeis exaltar a imutabilidade do Ser supremo, a eternidade das suas leis, a regularidade dos seus mundos infinitos: nem por isso o nosso pequeno monte de lama deixa de estar coberto de milagres; as histórias mostram-se tão cheias de prodígios como de acontecimentos naturais. As filhas do grande sacerdote Anius mudavam tudo o que queriam em trigo, em vinho ou em óleo; Atálida, filha de Mercúrio, ressuscitou muitas vezes; Esculápio ressuscitou Hipólito; Hércules arrancou Alceste à morte; Heres voltou ao mundo depois de haver passado quinze dias nos infernos; Rômulo e Remo nasceram do conúbio de um deus e de uma vestal; o Palladium caiu do céu na cidade de Tróia: a cabeleira de Berenice tornou-se um montão de estrelas; a cabana de Baucis e Filêmon foi transformada num templo soberbo; a cabeça de Orfeu proferia oráculos depois da sua morte; as muralhas de Tebas construíram-se por si, ao som da flauta, na presença dos gregos; as curas operadas no templo de Esculápio eram inumeráveis, e temos ainda monumentos carregados com os nomes de testemunhas oculares dos mílagres de Esculápio".

Indicai-nos um povo em que não se tivesse operado prodígios incríveis, sobretudo durante os tempos em que mal se sabia ler e escrever.

A estas objeções respondem os filósofos rindo e encolhendo os ombros; mas os filósofos cristãos afirmam: "Nós acreditamos nos milagres operados no seio da nossa santa religião; acreditamos pela fé e não pela razão, que deve ficar muda. Temos uma crença firme e inteira nos milagres de Jesus Cristo e dos apóstolos, mas consenti que duvidemos um pouco de muitos outros; tende paciência, mas acerca, por exemplo, do que nos narra um homem simples a que foi dado o cognome de grande, forçoso nos é suspender os nossos juízos. Assegura-nos ele que um monge menor estava tão acostumado a fazer milagres, que o prior acabou por lhe proibir o exercício do

seu talento. O monge obedeceu; mas, vendo um pobre pedreiro a cair do alto de um telhado, hesitou entre o desejo de lhe salvar a vida e a santa obediência. Limitou-se a ordenar ao pedreiro que ficasse suspenso no ar até nova ordem e correu muito apressado a contar ao seu prior o estado das coisas. O prior deu-lhe a absolvição do pecado que cometera ao começar um milagre sem autorização e permitiu-lhe acabá-lo, contanto que ficasse por ali e não reincidisse. Concedemos aos filósofos que convém usar de certa desconfiança para com esta história.

Mas como ousaríeis negar, dizem-lhes, que São Gervásio e São Protásio apareceram em sonhos a Santo Ambrósio e lhe indicaram o sítio onde estavam as suas relíquias? E que Santo Ambrósio as desenterrou e que elas curaram um cego? Santo Agostinho estava nessa data em Milão, é ele que conta este milagre: *Imenso populo teste,*[93] diz na *Cidade de Deus,* Livro XXII. Eis um milagre dos bem verificados. Os filósofos afirmam que não acreditam em nada disto; que Gervásio e Protásio não apareceram a ninguém; que importa muito pouco ao gênero humano saber-se ou não onde se encontram os restos das suas carcaças; que não concedem mais crédito a este milagre que ao de Vespasiano; que é um milagre inútil; que Deus nada faz de inútil; e que se mantém firme nos seus princípios. O meu respeito por São Gervásio e São Protásio impede-me de partilhar a opinião destes filósofos; limito-me a dar conta da sua incredulidade. Ligam muita importância à passagem de Luciano que se encontra na *Morte de Peregrinus.* "Quando um trapaceiro hábil se torna cristão, pode ficar seguro de que fará fortuna". Porém, como Luciano é um autor profano, não deve gozar de qualquer autoridade entre nós.

Estes filósofos não são capazes de se resolver a dar crédito aos milagres operados no século II. Bem podem testemunhas oculares escrever que, sendo o bispo de Esmirna, São Policarpo, condenado à fogueira e lançado às chamas, ouviram uma voz do céu que clamava: "Coragem, Policarpo! Sê forte, mostra-te homem!"; que então as chamas do braseiro se afastaram do seu corpo e formaram um pavilhão de fogo à volta da cabeça e que do meio da fogueira saiu uma pomba; e que, por fim, não houve outro recurso senão cortar a cabeça de Policarpo. A isto respondem os incrédulos: "Para que tal milagre? Por que razão as chamas perderam a sua natureza e não perdeu a sua a acha do executor? De onde resulta que tantos mártires saiam sãos e salvos do azeite fervente e não possam resistir ao gume do gládio?" Respondem-lhes que tal é a vontade de Deus. Todavia, os filósofos gostariam de ter visto isto com os seus próprios olhos, antes de o acreditarem.

Os que fortificam os seus raciocínios com a ciência dir-vos-ão que os próprios Padres da Igreja confessaram muitas vezes que não se operavam mais milagres no seu tempo. São Crisóstomo afirma expressamente: "Os dons extraordinários do espírito eram atribuídos mesmo aos indignos porque então a Igreja tinha necessidade de milagres; mas hoje nem sequer são atribuídos aos dignos, porque a Igreja não tem precisão deles". Confessa em seguida que já não há ninguém que ressuscite os mortos nem sequer que cure os doentes.

O próprio Santo Agostinho, não obstante o milagre de Gervásio e de Protásio, diz na *Cidade de Deus:* "Por que razão não se fazem hoje os milagres que se faziam outrora?" E dá o mesmo motivo: *"Cur, inquiunt, nunc illa miracula quae praedicatis facta esse non fiunt? Possem quidem dicere necessaria prius fuisse quam crederet mundus, ad hoc ut crederet mundus".*[94]

Objetam os filósofos que Santo Agostinho, apesar de semelhante confissão, fala contudo de um velho sapateiro de Hipona que perdera o fato e fora orar à capela dos *vinte mártires;* de regresso, encontrou um peixe em cujo corpo havia um anel de ouro e o cozinheiro que fritara o peixe disse-lhe: "Eis o que os vinte mártires vos dão".

Ao que os filósofos respondem que nada há nesta história a contrariar as leis da natureza, que a física não é absolutamente nada afetada pelo fato de um peixe ter engolido um anel de ouro e por um cozinheiro dar esse anel a um sapateiro; que não há aí milagre algum.

Se lembrarem a esses filósofos que, segundo São Jerônimo, na sua *Vida do Eremita Paulo,*

[93] Diante de uma grande multidão por testemunha. (N. do E.)
[94] "Por que motivo, perguntam, não se realizam hoje os milagres que se faziam outrora? Poderia, sem dúvida, afirmar que eles foram necessários antes que o mundo cresse a fim de que o mundo cresse." (N. do E.)

este eremita teve várias conversas com sátiros e com faunos, que um corvo lhe trouxe todos os dias durante trinta anos metade de um pão que era todo o seu jantar e um pão inteiro no dia em que Santo Antônio o veio ver, podem os filósofos retorquir que também tudo isto em nada se opõe à física, que é possível que faunos e sátiros tenham existido e que em todo caso, sendo esta história pueril, nada apresenta de comum com os verdadeiros milagres do Salvador e seus apóstolos. Muitos bons cristãos combateram a história de São Simeão Estilita, escrita por Teodorrato. Muitos milagres que passam por autênticos na Igreja Grega foram postos em dúvida por numerosos latinos, tal como milagres latinos se tornaram suspeitos à Igreja Grega; vieram depois os protestantes que maltrataram fortemente os milagres de uma e outra Igreja.

Um sábio jesuíta[95] que pregou longo tempo nas Índias lamentou-se que nunca os seus confrades nem ele foram capazes de fazer um milagre. Xavier lamenta-se, em muitas das suas cartas, de não ser dotado para as línguas; e diz que está entre os japoneses como uma estátua muda. No entanto, os jesuítas escreveram que ele ressuscitara oito mortos; é muito; mas convém considerar que os ressuscitava a seis mil léguas daqui. Apareceram depois pessoas pretendendo que a abolição dos jesuítas em França é um milagre muito maior que os de Xavier e Inácio.

Como quer que seja, todos os cristãos concordam que os milagres de Jesus Cristo e dos apóstolos são de incontestável veracidade; mas que é lícito duvidar fortemente de alguns milagres ocorridos nos últimos tempos e que não tiveram autenticidade segura.

Seria desejável, por exemplo, para que um milagre beneficiasse de uma boa verificação, que fosse feito na presença da Academia das Ciências de Paris ou da Sociedade Real de Londres e da Faculdade de Medicina, com assistência de um destacamento do regimento da guarda para conter a multidão popular que poderia, com a sua indiscrição, impedir a operação milagrosa.

Perguntou-se um dia a um filósofo o que diria ele se visse o sol parar, quer dizer, se o movimento da Terra à volta desse astro cessasse, se todos os mortos ressuscitassem e se todas as montanhas fossem de companhia atirar-se ao mar, tudo isto para se provar uma verdade importante qualquer, a graça versátil por exemplo. "Que diria eu?" respondeu o filósofo. "Tornar-me-ia maniqueu; diria que há um princípio que desfaz o que o outro faz."

Moisés

Em vão numerosos sábios concluíram que o *Pentateuco* não pode ter sido escrito por Moisés.[96] Referem que, segundo as próprias Escrituras, está demonstrado que o primeiro exemplar conhecido foi encontrado no tempo do rei Josias e que esse único exemplar foi apresentado ao rei pelo secretário Safan. Ora, entre Moisés e este espisódio do secretário Safan medeiam mil, cento

[95] Ospiniam, pág. 230. (N. do A.)

[96] Será que alguma vez houve um Moisés? Se um homem que comandava toda a natureza tivesse vivido entre os egípcios, acontecimentos tão prodigiosos não deveriam constituir a parte principal da história do Egito? Sanchoniathon, Manéthon, Megastenes e Heródoto não se referiam a eles? Josefo, o historiador, recolheu todos os testemunhos possíveis a favor dos judeus; não ousa afirmar que qualquer dos autores citados tenha proferido uma só palavra acerca dos milagres de Moisés. Como! O Nilo mudar-se-ia em sangue, um anjo exterminaria todos os recém-nascidos no Egito, o mar abrir-se-ia, as águas suspender-se-iam à esquerda e à direita, e nenhum autor viria a falar disto! E as nações esqueceriam esses prodígios; *e só um pequeno* povo de escravos bárbaros nos narrará estas histórias, milhares de anos após o acontecimento.
Quem é pois este Moisés, desconhecido por todo o mundo até a época em que, segundo se afirma, um dos Ptolomeus teve a curiosidade de mandar verter em grego escritos dos judeus? Há muitos séculos que as fábulas orientais atribuíam a Baco tudo o que os judeus dizem de Moisés. Baco transformara as águas em sangue, Baco operava diariamente milagres com a sua vara: todos estes fatos eram cantados nas orgias de Baco, antes que houvesse qualquer comércio com os judeus, antes de se saber tão-somente se este pobre povo tinha livros. Não será extremamente verossímil que esse povo tão recente, errante durante tanto tempo, conhecido tão tarde, tão tarde estabelecido na Palestina, se apropriasse das fábulas fenícias ao mesmo tempo que se apropriava da língua fenícia, engrossando-as, como fazem todos os imitadores grosseiros? Um povo tão pobre, tão ignorante, tão alheio a todas as artes, poderia fazer mais do que copiar os vizinhos? Pois não se sabe que até os nomes de *Adonai,* de *Ihaho,* de *Elói* ou de *Eloá,* que significam Deus entre a nação judaica, são como tudo o mais, de origem fenícia? (Nota acrescentada por Voltaire na edição Varberg, de 1765, em que constituía as duas primeiras questões que precediam a quinta alínea.) (N. dos T.)

e sessenta e sete anos, pelo cômputo hebraico. Com efeito, Deus apareceu a Moisés na sarça ardente no ano do mundo 2213 e o secretário Safan publicou o livro da lei no ano do mundo 3380. Este livro, encontrado no tempo de Josias, foi desconhecido até o regresso do cativeiro da Babilônia e afirma-se que coube a Esdras, inspirado de Deus, a divulgação de todas as Sagradas Escrituras.

Mas que o redator do livro tenha sido Esdras ou qualquer outro, eis o que é indiferente, uma vez que o livro foi inspirado. Não se diz no *Pentateuco* que Moisés seja o seu autor: seria pois lícito atribuí-lo a outro homem a quem o Espírito Santo o teria ditado, se a Igreja não houvesse decidido que o livro é de Moisés.

Alguns contraditores acrescentam que nenhum profeta citou os livros do Pentateuco, nem há referências a seu respeito quer nos salmos, quer nos livros atribuídos a Salomão, quer em Jeremias, quer em Isaías, quer enfim em qualquer livro canônico dos judeus. As palavras que correspondem a *Gênesis, Êxodo, Números* e *Deuteronômio* não se encontram em qualquer outro escrito por eles reconhecido como autêntico.

Outros mais audaciosos formularam as seguintes perguntas:

1.º — Em que língua teria escrito Moisés, num deserto selvagem? Não podia ser senão em egípcio, pois pelo próprio livro se verifica que Moisés e todo o seu povo tinham nascido no Egito. É provável que não falassem outra língua. Os egípcios não se serviam ainda do papiro, gravavam hieróglifos sobre mármore ou sobre madeira. Afirma-se mesmo que as tábuas dos mandamentos foram gravadas sobre pedra. Seria portanto necessário gravar cinco volumes em pedras polidas, o que exigia esforços e um tempo prodigioso.

2.º — É verossímil que, em um deserto onde o povo judeu não dispunha de sapateiros nem de alfaiates e onde o Deus do universo era obrigado à prática de um milagre continuado para conservar os velhos trajes e os velhos sapatos dos judeus, se encontrassem homens suficientemente hábeis para gravar os cinco livros do Pentateuco, sobre madeira? Dir-se-á que foram encontrados artífices que fizeram um bezerro de ouro numa noite e que, depois, reduziram o ouro a pó, operação impossível à química comum, ainda não inventada; que construíram o tabernáculo, que o ornaram com trinta e quatro colunas de bronze, com os capitéis em prata; que urdiram e bordaram véus de linho, de jacinto, de púrpura e de escarlate; isto, porém, só robustece a opinião dos contraditores. Respondem estes que não era possível num deserto onde tudo faltava fazerem-se obras tão requintadas; que teria sido preciso começar por se fazerem sapatos e túnicas; que os que não têm o necessário não se inclinam para o luxo; e que é uma contradição afirmar-se que existiam fundidores, gravadores e bordadores, quando não havia trajes nem pão.

3.ª — Se Moisés houvesse escrito o primeiro capítulo teria havido tão pouco respeito pelo legislador? Se fosse Moisés a ter dito que Deus pune a iniqüidade dos pais até a quarta geração, ousaria Ezequiel dizer o contrário?

4.º — Se Moisés houvesse escrito o Levítico, poderia contradizer-se no Deuteronômio? O Levítico proíbe que se espose a mulher do irmão, o Deuteronômio ordena-o.

5.º — Ter-se-ia Moisés referido, nesse livro, a cidades que não existiam no seu tempo? *Teria dito que* as cidades que relativamente a ela estavam a oriente do Jordão, ficavam a ocidente?

6.º — Teria atribuído quarenta e oito cidades aos levitas num país onde nunca houve dez cidades e num deserto onde sempre errou sem dispor de uma casa?

7.º — Teria prescrito regras para os reis judeus, quando os reis eram não só inexistentes entre este povo mas ainda objeto do seu horror e não era provável que alguma vez existissem? Como! Moisés teria estabelecido preceitos para a conduta de reis que só vieram quinhentos anos depois e nada diria com respeito aos juízes e pontífices que lhe sucederam? Esta reflexão não levará a admitir-se que o Pentateuco foi composto no tempo dos reis e que as cerimônias instituídas por Moisés não eram senão tradições?

8.º — Como poderia ter acontecido que Moisés houvesse declarado aos judeus: "*Fiz com* que saísseis, em número de seiscentos mil combatentes, da terra do Egito sob a proteção do vosso Deus"? Não lhe teriam respondido os judeus: "É preciso que fosse muito grande a vossa timidez para que não nos tivésseis guiado contra o faraó do Egito; ele não podia opor-nos nem um exército de duzentos mil homens. Nunca o Egito teve tantos soldados em pé de guerra; teríamos venci-

do os egípcios sem dificuldades, seríamos os senhores do seu país. Como assim! O Deus que vos fala degolou, para nos agradar, todos os recém-nascidos do Egito, o que, se houver nesse país trezentas mil famílias, dá trezentos mil homens mortos em uma noite como nossa vingança, e nós não secundamos o vosso Deus! E vós não nos haveis oferecido esse país fértil que nada podia defender! Vós fizestes com que saíssemos do Egito como ladrões e covardes, para perecermos nos desertos, entre precipícios e montanhas! Vós poderíeis, ao menos, conduzir-nos pelo caminho direto a essa terra de Canaã, sobre a qual não temos direito algum, que nos haveis prometido e onde ainda não pudemos entrar".

"Era natural que da terra de Gessen seguíssemos para Tiro e Sídon, ao longo do Mediterrâneo; mas vós fizestes com que atravessássemos quase todo o istmo do Suez; fizestes com que reentrássemos no Egito, remontássemos até para lá de Mênfis, e encontramo-nos em Beel-Séfon, nas margens do mar Vermelho, virando as costas à terra de Canaã, tendo andado oitenta léguas neste Egito que desejaríamos evitar e prestes a perecer entre o mar e o exército do faraó!

"Se quiséssemos entregar-nos aos nossos inimigos, teríeis tomado outro caminho e outras medidas? Deus salvou-nos por milagre, dizeis; o mar abriu-se para nos deixar passar; mas, após semelhante favor, seria preciso fazer-nos morrer de fome e de fadiga nos desertos horríveis de Etham, de Cadés-Barné, de Mara, de Elim, de Horeb e do Sinai? Os nossos pais morreram todos nessas solidões pavorosas e vindes dizer-nos, ao cabo de quarenta anos, que Deus teve cuidados particulares com os nossos pais!"

Eis o que esses judeus murmuradores, esses filhos injustos de judeus vagabundos, mortos nos desertos, teriam podido dizer a Moisés se este lhes houvesse lido o Êxodo e o Gênesis. E o que não teriam podido dizer e fazer a propósito do bezerro de ouro? "O quê! Vós ousais contar-nos que o vosso irmão fez um bezerro para os nossos pais, vós que nos dizeis, ora que haveis falado com Deus cara a cara, ora que não haveis podido vê-lo senão de costas! Mas, enfim, vós estáveis com esse Deus e vosso irmão trata de fundir num só dia um bezerro de ouro que nos dá para que o adoremos; e vós, em vez de punirdes o vosso indigno irmão, vindes a nomeá-lo nosso pontífice e mandais os vossos levitas degolarem vinte e três mil homens do vosso povo? Tê-lo-iam suportado os nossos pais? Ter-se-iam deixado agredir como vítimas por sacerdotes sanguinários? Vós dizeis que, não contente com essa carnificina inacreditável, haveis ainda feito massacrar vinte e quatro mil dos vossos pobres seguidores, porque um deles dormira com uma madianita, ao passo que vós mesmo haveis desposado uma madianita; e acrescentais que sois o mais benévolo de todos os homens! Mais algumas manifestações dessa benevolência e não restaria ninguém.

"Não, se houvésseis sido capaz de semelhante crueldade, se a houvésseis podido executar, seríeis o mais bárbaro de todos os homens e não chegariam todos os suplícios para expiação de tão estranho crime."

Tais são, pouco mais ou menos, as objeções formuladas pelos sábios àqueles que pensam que Moisés é o autor do Pentateuco. No entanto, respondem-lhes que os caminhos de Deus não são os dos homens; que Deus experimentou, conduziu e abandonou o seu povo com uma sabedoria que nos é desconhecida; que os próprios judeus acreditam, desde há mais de dois mil anos, que Moisés é o autor desses livros; que a Igreja, que sucedeu à Sinagoga e é infalível tal qual esta, decidiu este ponto de controvérsia e que os sábios devem calar-se quando a Igreja fala.

Moral

Acabo de ler estas palavras numa declaração em catorze volumes, intitulada *História do Baixo Império:*

"Os cristãos tinham uma moral; os pagãos, porém, não tinham moral alguma".

Ah! senhor le Beau, autor destes catorze volumes, onde foi aprender semelhante parvoíce? O que é então a moral de Sócrates, de Zaleucus, de Charondas, de Cícero, de Epicteto, de Marco Antônio?

Não há senão uma moral, senhor le Beau, tal como não há senão uma geometria. Mas, dir-

me-ão, a maior parte dos homens ignora a geometria. É certo; contudo, desde que as pessoas se apliquem um pouco no seu estudo, todas se põem de acordo. Os agricultores, os operários, os artesãos nunca freqüentaram cursos de moral; não leram os *De Finibus* de Cícero, nem as *Éticas* de Aristóteles; todavia, contanto que reflitam, são, sem o saberem, discípulos de Cícero: o tintureiro indiano, o pastor tártaro e o marujo inglês conhecem o justo e o injusto. Confúcio não inventou um sistema de moral tal como se edifica um sistema de física. Encontrou-o no coração de todos os homens.

Esta moral estava no coração do pretor Festus quando os judeus o instaram a que fizesse morrer Paulo, que trouxera estrangeiros ao seu templo. "Sabei", disse-lhes, "que nunca os romanos condenam pessoa alguma sem a ouvirem."

Se os judeus careciam de moral ou faltavam à moral, os romanos conheciam-na e prestavam-lhe homenagem.

A moral não reside na superstição, não reside nos cerimoniais, nada tem de comum com os dogmas. Nunca será demais repetir que todos os dogmas são diferentes e que a moral é a mesma em todos os homens que usam a razão. Assim, a moral vem de Deus, como a luz. As nossas superstições são apenas trevas. Leitor, reflete: ouve esta verdade; tira as tuas conseqüências.

*Mulher

Físico e Moral

Em geral é mais fraca do que o homem, menor, menos capaz de longos trabalhos; seu sangue é mais aquoso, sua carne mais compacta, seus cabelos mais longos, seus membros mais arredondados, os braços menos musculosos, a boca menor, as nádegas mais salientes, as ancas mais afastadas, o ventre maior. Esses caracteres distinguem as mulheres em toda a Terra, em todas as espécies, desde a Lapônia até as costas da Guiné, na América como na China.

Plutarco, no terceiro livro das *Palestras a Respeito da Mesa,* pretende que o vinho não as embebeda tão facilmente como aos homens e eis a razão que apresenta daquilo que não é verdadeiro. Sirvo-me da tradução de Amyot.

"A temperatura natural das mulheres é muito úmida e, com as purgações menstruais, sua carnadura torna-se muito suave, lisa e brilhante. Portanto, quando o vinho cai numa umidade tão grande, encontrando-se vencido, perde sua cor e força, torna-se descolorido e aguado. A esse respeito, podemos usar as palavras do próprio Aristóteles, pois diz que os que bebem em grandes sorvos sem tomar fôlego (o que os antigos chamavam *amusiten)* não se embriagam tão facilmente, porque o vinho não permanece muito tempo em seus corpos. Sendo pressionado e empurrado à força, atravessa-os inteiramente. Ora, é muito comum vermos as mulheres beberem assim e se é verossímil que seus corpos, por causa da contínua atração dos humores, feita pelo nível inferior para suas purgações menstruais, estão cheios de muitos condutos e atravessados por muitos tubos e canais por onde o vinho sai rápida e facilmente ao cair, então não pode fixar-se nas partes nobres e principais que são justamente aquelas que quando perturbadas levam à embriaguez."

Esta física é bem digna dos antigos.

As mulheres vivem um pouco mais do que os homens, isto é, numa geração encontram-se mais velhas do que velhos, como foi observado na Europa por todos os que fizeram levantamentos exatos dos nascimentos e das mortes. Deve-se acreditar que o mesmo aconteça na Ásia, bem como entre os negros, os vermelhos, os acinzentados. *Natura est semper sibi consona.*[97]

Num extrato de um *Diário da China,* datado de 1725, conta-se que a mulher do Imperador Yong-Tching, fazendo liberalidades às pobres mulheres chinesas que ultrapassassem setenta anos, contaram-se, só na província de Cantão, entre as que receberam presentes, 98 220 mulheres de setenta anos completos, 40 893 com mais de oitenta anos e 3 453 de aproximadamente cem anos. Os que amam as causas finais dizem que a natureza dá-lhes uma vida mais longa

[97] "A natureza está sempre de acordo consigo mesma." (N. do E.)

do que aos homens para recompensá-las das penas de transportar os filhos nove meses, de pô-los no mundo e de nutri-los. Não é de se acreditar que a natureza dê recompensas, mas é provável que as fibras das mulheres se endureçam mais lentamente porque seu sangue é mais suave.

Nenhum anatomista, nenhum médico jamais pôde conhecer a maneira como concebem. Sanchez em vão assegurou: *Mariam et Spiritum sanctum emisisse semen in copulatione, et ex semine amborum natum esse Jesum.*[98] Esta impertinência abominável de Sanchez, aliás muito sábio, não é adotada hoje por nenhum naturalista.

As periódicas emissões de sangue que sempre enfraquecem as mulheres nessa época, as doenças provenientes da menopausa, o tempo de gravidez, a necessidade de amamentar e velar continuamente sobre as crianças, a delicadeza de seus membros as tornam impróprias para as fadigas da guerra e para o furor dos combates. É verdade, como já dissemos, que vimos em todos os tempos e em quase todos os países mulheres a quem a natureza deu coragem e força extraordinárias, que combateram com os homens e que sustentaram trabalhos prodigiosos. Contudo, esses exemplos são raros.

O físico governa sempre o moral. As mulheres sendo mais fracas de corpo do que nós, tendo mais destreza nos seus dedos, muito mais ágeis do que os nossos, não podendo trabalhar nas obras penosas de construção, de carpintaria, de metalurgia, da lavoura, estando necessariamente encarregadas dos pequenos trabalhos mais leves no interior da casa e sobretudo do cuidado das crianças, e levando uma vida mais sedentária, devem ter o caráter mais doce do que a raça masculina e quase desconhecer os grandes crimes. Isso é tão verdadeiro, que em todos os países policiados há uma mulher para cada cinqüenta homens executados.

No seu *Do Espírito das Leis,* Montesquieu promete falar da condição das mulheres nos diversos tipos de governo. Afirma que "entre os gregos as mulheres não eram encaradas como dignas de participar do verdadeiro amor, e que o amor tinha entre eles apenas uma forma que não ouso dizer". Como garantia, cita Plutarco.

É um engano perdoável apenas num espírito como o de Montesquieu, sempre levado pela rapidez de suas idéias, freqüentemente incoerentes.

Plutarco, no seu capítulo sobre o "Amor", introduz vários interlocutores. E ele próprio, sob o nome de Dafneus, refuta com veemência os discursos de Protógenes a favor do deboche dos rapazes.

Nesse mesmo diálogo chega até a dizer que o amor das mulheres tem algo divino, compara-o ao sol que anima a natureza. Coloca a maior felicidade no amor conjugal e termina pelo elogio magnífico da virtude de Eponina, cuja aventura memorável se passou sob os próprios olhos de Plutarco, quando viveu algum tempo na casa de Vespasiano. Essa heroína, tomando conhecimento de que seu marido, Sabino, vencido pelas tropas do imperador, escondera-se numa profunda caverna entre o Franco-Condado e a Champanha, fechou-se ali também, teve filhos, serviu-o e nutriu-o durante muitos anos. Enfim, sendo presa com o marido, é levada a Vespasiano, espanta-o com a grandeza da sua coragem e lhe diz: "Vivi mais feliz nas trevas sob a terra do que tu à luz do sol no cimo do poder". Portanto, Plutarco diz precisamente o contrário do que Montesquieu afirma em seu nome. Sempre o vemos pronunciando-se a favor das mulheres com um entusiasmo muito tocante.

Não é espantoso que em todos os países o homem se tenha tornado senhor da mulher, pois tudo está fundamentado na força e normalmente ele apresenta uma superioridade muito grande tanto na força corporal como também na espiritual.

Vimos mulheres muito sábias, como também guerreiras, mas nunca houve inventoras.

O espírito de sociedade e de recreação habitualmente é seu quinhão. Falando de modo geral, parece que foi feita para suavizar os costumes dos homens.

Em nenhuma república participaram alguma vez do governo. Jamais reinaram nos países

[98] "Maria e o Espírito Santo emitiram o sêmen ao copular, e do sêmen de ambos nasceu Jesus." (N. do E.)

unicamente eletivos. Entretanto, reinam em quase todos os reinos hereditários da Europa: na Espanha, em Nápoles, na Inglaterra, em muitos Estados do Norte, e em muitos feudos que denominamos *femininos*.

O costume que se chama *lei sálica* excluiu-as do reinado da França, mas não, como diz Mezerai, porque fossem incapazes de governar, uma vez que quase sempre a regência lhes foi concedida.

Pretende-se que o Cardeal Mazarin admitia que muitas mulheres eram dignas de reger um reino e acrescentava que o grande perigo estava que se deixassem subjugar *por amantes incapazes de governar doze galinhas*. Entretanto, Isabel de Castilha, Isabel da Inglaterra, Maria Teresa da Hungria desmentiram o suposto chiste atribuído ao cardeal. E hoje vemos no Norte uma legisladora muito respeitada, enquanto os soberanos da Grécia, da Ásia Menor, da Síria e do Egito são pouco estimados.

Entre os maometanos a ignorância pretendeu durante muito tempo que a mulher é escrava durante toda a sua vida, e que após sua morte não vai para o paraíso. São dois grandes erros, como aliás sempre se comete quando se fala do maometismo. As esposas não são escravas. O sura ou o capítulo IV do Corão lhes consignam uma dotação. Uma moça deve ter metade do bem que herda seu irmão. Se houver apenas moças, repartem entre si dois terços da herança e o resto pertence aos parentes do morto: cada uma das duas linhas terá uma sexta parte, e a mãe do morto tem também direito à sucessão. As esposas são tão pouco escravas, que têm permissão para pedir o divórcio, que lhes é concedido quando suas queixas são julgadas legítimas.

Não é permitido aos muçulmanos desposar sua cunhada, sua sobrinha, sua irmã de leite, sua enteada criada sob a guarda de sua esposa. Não é permitido desposar duas irmãs. Nisso são bem mais severos do que os cristãos que, no entanto, todos os dias compram em Roma o direito de contratar casamentos que poderiam fazer "grátis".

Poligamia

Maomé reduziu a quatro o número ilimitado de esposas. Mas, como é preciso ser extremamente rico para sustentar quatro mulheres de acordo com sua condição, somente os maiores senhores podem usar um tal privilégio. Assim, nos Estados muçulmanos a pluralidade de mulheres não faz o mal que tão freqüentemente reprovamos, e não os despovoa, como se repete todos os dias em tantos livros escritos ao acaso.

Os judeus, por um antigo uso estabelecido conforme seus livros, desde Lamich tiveram sempre a liberdade de possuir de uma só vez várias mulheres. Davi teve dezoito. Foi depois dessa época que os rabinos estabeleceram tal número para a poligamia dos reis, embora se diga que Salomão chegou a ter setecentas.

Atualmente, os maometanos não concedem publicamente aos judeus o direito à pluralidade de mulheres: não os crêem dignos dessa vantagem. Entretanto, o dinheiro, sempre mais forte do que a lei, dá algumas vezes aos judeus que são ricos, na África e no Oriente, a permissão que a lei recusa.

Conta-se seriamente que Lélio Cina, tribuno do povo, publicou após a morte de César que o ditador teria querido promulgar uma lei dando às mulheres o direito de terem tantos maridos quantos quisessem. Todo homem sensato há de ver que se trata de um conto popular e ridículo, inventado para tornar César odioso. Assemelha-se a um outro conto onde um senador romano teria proposto ao Senado que desse a César a permissão para dormir com todas as mulheres que quisesse. Inépcias semelhantes desonram a história e fazem mal ao espírito dos que nelas crêem. É triste que Montesquieu tenha dado crédito a essa fábula.

Por outro lado, o Imperador Valentiniano I, dizendo-se cristão, desposou Justina, ainda estando viva sua primeira mulher, Severa, mãe do imperador Graciano, só por ser muito rico, podendo, então, manter várias mulheres.

Na primeira raça dos reis francos, Gontrão, Chereberto, Sigberto, Childerico tiveram muitas

mulheres de uma só vez. Gontrão teve no seu palácio Veneranda, Mercatrude e Ostrogila, reconhecidas como mulheres legítimas. Chereberto teve Mesofleda, Mascovesa e Teodopila.

É difícil conceber como o ex-jesuíta Nonoto pôde, na sua ignorância, forçar a ousadia até negar esses fatos e dizer que os reis dessa primeira raça não foram polígamos, chegando a desfigurar num libelo em dois volumes mais de cem verdades históricas com a confiança de um regente que dita lições num colégio. Livros nesse gosto não deixam de ser vendidos algum tempo nas províncias onde os jesuítas têm ainda um partido. Seduzem também algumas pessoas pouco instruídas.

O Padre Daniel, mais sapiente, mais judicioso, confessa sem nenhuma dificuldade a poligamia dos reis francos. Não nega as três mulheres de Dagoberto I, diz expressamente que Teodoberto esposa Deutéria, embora tivesse uma outra mulher chamada Visigala, e Deutéria tivesse um marido. Acrescenta que imitou seu tio Clotário, que desposou a viúva de Clodomiro, seu irmão, embora já tivesse três mulheres.

Todos os historiadores admitem a mesma coisa. Como, após todos esses testemunhos, suportar a imprudência de um ignorante que discursa como mestre, e que ousa dizer que fala bobagens tão grandes em defesa da religião? Como se se tratasse de nossa religião venerável e sagrada num ponto de história usado por caluniadores desprezíveis para suas imposturas ineptas!

Da poligamia permitida por alguns papas e por alguns reformadores

O Abade de Fleury, autor da *História Eclesiástica,* faz mais justiça à verdade no concernente a todas as leis e usos da Igreja. Admite que Bonifácio, apóstolo da Baixa Alemanha, tendo consultado o Papa Gregório no ano de 726, para saber em quais casos um marido pode ter duas mulheres, Gregório II respondeu-lhe, a 22 de novembro do mesmo ano, as seguintes palavras: "Se uma mulher for atacada de moléstia que a torne imprópria ao dever conjugal, o marido pode casar com uma outra, porém deve dar à mulher doente o socorro necessário". Esta decisão parece de conformidade com a razão e com a política, pois favorece a população, objeto do casamento.

Mas o que não parece conforme à razão, nem à política, nem à natureza, é a lei que reza que uma mulher, separada de corpo e bens de seu marido, não possa ter um outro esposo, nem o marido, uma outra mulher. É evidente que é uma estirpe perdida para o povo e que se este esposo e esta esposa separados tiverem um temperamento indomável estarão necessariamente expostos e forçados a pecados contínuos cuja responsabilidade perante Deus deve recair sobre os legisladores, se. . .

As decretais do papa nem sempre tiveram por objeto o que é conveniente para o bem dos Estados e para o dos particulares. Essa mesma decretal do papa Gregório II, permitindo em certos casos a bigamia, priva para sempre da sociedade conjugal meninos e meninas consagrados por seus pais à Igreja, na mais tenra idade. Essa lei parece tão bárbara quanto injusta. Aniquila de uma vez as famílias. Força a vontade dos homens antes que tenham uma vontade. Forma para sempre crianças escravas de um voto que não fizeram. Destrói a liberdade natural. Ofende a Deus e ao gênero humano.

A poligamia de Filipe, landgrave de Hesse, na comunhão luterana, em 1539, é bastante pública. Conheci um dos soberanos do Império da Alemanha cujo pai, desposando uma luterana, teve permissão do papa para casar-se com uma católica e conservou suas duas mulheres.

É público na Inglaterra, e se quis em vão negá-lo, que o Chanceler Cooper desposou duas mulheres que viveram juntas em sua casa numa singular concórdia honrosa para os três. Muitos curiosos possuem ainda o livrinho que o chanceler compôs a favor da poligamia.

É preciso desconfiar dos autores que relatam que em alguns países as leis permitem às mulheres ter vários maridos. Os homens, que em todos os lugares fizeram as leis, nasceram com muito amor próprio, são muito ciumentos da sua autoridade, em geral têm um temperamento muito mais ardente do que o das mulheres, de modo que dificilmente teriam imaginado tal jurisprudência. O que não está conforme ao procedimento comum da natureza raramente é verdadeiro; mas é muito comum, sobretudo nos antigos viajantes, tomar um abuso por uma lei.

O autor de *Do Espírito das Leis* pretende que na costa do Malabar, na costa do Nairos os homens só podem ter uma mulher e que, ao contrário, uma mulher pode ter vários maridos. Cita

autores suspeitos e sobretudo Picard. Só se deveria falar desses costumes estranhos quando se tivesse sido por muito tempo testemunha ocular. Caso contrário, sempre se deve fazer menção, mas duvidando. Qual, porém, o espírito vivo que saiba duvidar?

O mesmo autor diz ainda que a lubricidade das mulheres em Pátano é tão grande, que os homens são constrangidos a confeccionar certas guarnições para se protegerem de suas empreitadas.

A testemunha de Montesquieu nunca foi a Pátano. O Sr. Linquet observa muito judiciosamente que aqueles que imprimiram esse conto eram viajantes que se enganavam ou que queriam caçoar de seus leitores. Sejamos justos, amemos o verdadeiro, não nos deixemos seduzir, julguemos pelas coisas e não pelos nomes.

Seqüência das reflexões sobre a poligamia

Parece que o poder e não a convenção fez todas as leis, sobretudo no Oriente. Vimos ali os primeiros escravos, os primeiros eunucos, o tesouro do príncipe proveniente daquilo que se tomava do povo.

Quem pode vestir, nutrir e divertir várias mulheres coloca-as em seu viveiro e manda despoticamente.

Ben-Aboul-Kiba, em seu *Espelho dos Fiéis,* relata que um dos vizires do grande Solimão fez este discurso a um agente do grande Carlos V:

"Cão cristão, por quem tenho uma estima toda particular, podes bem reprovar-me por ter quatro mulheres segundo nossas santas leis, enquanto esvazias doze tonéis por ano sem que eu beba sequer um copo de vinho? Que bem fazes ao mundo passando mais horas à mesa do que eu no leito? Todos os anos posso dar quatro filhos para o serviço de meu augusto senhor e tu podes fornecer apenas um. E que é o filho de um bêbado? Seu cérebro será ofuscado pelos vapores do vinho que bebeu seu pai. Que queres que eu me torne quando duas de minhas mulheres estão menstruadas? Não é preciso que me sirva das duas outras assim como minha lei ordena? Que te tornas, que papel fazes nos últimos meses da gravidez de tua única mulher e durante suas menstruações e durante suas doenças? É preciso que permaneças numa ociosidade vergonhosa, ou que procures uma outra mulher. E assim fica jogado necessariamente entre dois pecados mortais que te farão, depois de morto, cair duro nos quintos dos infernos.

"Supondo que em nossas guerras contra os cães cristãos tenhamos perdido cem mil soldados, teremos cerca de cem mil mulheres a prover. Não cabe aos ricos tomar conta delas? Maldito seja todo muçulmano bastante morno para não abrigar em casa quatro belas mulheres como suas legítimas esposas e para não tratá-las segundo seus méritos.

"Em teu país, como fazem a trombeta do dia (que chamas de *galo),* o honesto carneiro, príncipe dos rebanhos, o touro, soberano das vacas? Cada um deles não possui seu serralho? Assenta-te muito bem reprovar minhas quatro mulheres, quando o grande profeta teve dezoito, Davi, o Judeu, a mesma quantidade, e Salomão, o Judeu, setecentas bem contadas e mais trezentas concubinas! Vede quão modesto sou. Cessa de reprovar a gulodice de um sábio que faz refeições tão *medíocres.* Permito-te beber, permite-me amar. Mudas de vinho, tolera que eu mude de mulheres. Que cada um deixe viver os outros à moda de seu país. Teu chapéu não foi feito para ditar leis ao meu turbante. Teu colarinho e teu casaquinho não devem ordenar ao meu doliman. Acaba de tomar comigo teu café e vai acariciar tua alemã, já que estás reduzido a ela somente."

Resposta do alemão

"Cão muçulmano, por quem conservo uma profunda veneração, antes de acabar meu café, quero confundir teus ditos. Quem possui quatro mulheres possui quatro harpias, sempre prontas a se caluniarem, a se prejudicarem, a se baterem. O lar torna-se antro da Discórdia e nenhuma pode amar-te. Cada uma só dispõe de um quarto da tua pessoa e não te poderia dar mais do que um quarto de seu coração. Nenhuma pode torna-te a vida agradável: são prisioneiras que, nunca tendo visto nada, nada podem dizer-te. Só conhecem a ti, por conseguinte tu as entedias. És seu senhor absoluto, portanto te odeiam. És obrigado a guardá-las por um eunuco que as chicoteia quando fazem muito barulho. Ousas comparar-te a um galo! Porém, nunca um galo mandou chi-

cotear suas galinhas por um capão. Toma teus exemplos dos animais, pareça-te com eles quanto quiseres. Quanto a mim, quero amar como homem, quero dar todo o meu coração e que me dêem o seu. Esta noite contarei nossa conversa a minha mulher e espero que fique contente. Quanto ao vinho que me reprovas, fica sabendo que, se é um mal beber na Arábia, é um hábito muito louvável na Alemanha. Adeus."

N

Necessário

OSMIN

Pois não dizeis que tudo é necessário?

SELIM

Se tudo não fosse necessário, resultaria que Deus teria feito coisas inúteis.

OSMIN

Quer dizer que seria necessário à natureza divina fazer tudo o que fez?

OSMIN

Assim o creio, ou, pelo menos, suspeito-o. Há quem pense de outra maneira; não os escuto: talvez tenham razão. Temo as disputas sobre esta matéria.

OSMIN

Também quero falar-vos de um outro necessário.

SELIM

De qual? Daquilo que é necessário a um homem honesto para viver? Da desgraça a que se fica reduzido quanto falta o necessário?

OSMIN

Não: porquanto o que é necessário a uns nem sempre é necessário a outros; é necessário a um indiano ter arroz, a um inglês ter carne; a um russo é necessário um abafo de peles, a um africano um estofo de gaze; certo homem crê que lhe são necessários doze cavalos de carruagem, outro limita-se a um par de sapatos, outro ainda anda alegremente com os pés descalços; *desejo* falar-vos do que é necessário a todos os homens.

SELIM

Parece-me que Deus deu tudo o que era preciso a esta espécie: olhos para ver, pés para andar, uma boca para comer, um esôfago para engolir, um estômago para digerir, um cérebro para raciocinar, órgãos para produzir os seus semelhantes.

OSMIN

Como sucede então que nasçam homens privados de uma parte dessas coisas necessárias?

SELIM

É que as leis gerais da natureza provocaram acidentes geradores de monstros; mas, em geral, o homem está provido de tudo o que precisa para viver em sociedade.

OSMIN

Há noções comuns a todos os homens que lhes sirvam para viverem em sociedade?

SELIM

Sim. Viajei com Paul-Lucas e em toda a parte por onde passei, vi que se respeitavam pai e mãe, que se aceitava a obrigação de sustentar uma promessa, que havia piedade pelos inocentes oprimidos, que se detestava a intolerância, que a liberdade de pensamento era olhada como um direito natural e os inimigos desta liberdade como inimigos do gênero humano; os que pensam diferentemente pareceram-me criaturas mal organizadas, monstros como os nascidos sem olhos e sem mãos.

OSMIN

Essas coisas necessárias são-no em todas as épocas e em todos os lugares?

SELIM

Sim; sem o que não seriam necessárias à espécie humana.

OSMIN

Assim uma crença nova não seria necessária à espécie. Os homens podiam perfeitamente viver em sociedade e cumprir os seus deveres para com Deus antes de crerem que Maomé teve freqüentes conversas com o arcanjo Gabriel.

SELIM

Nada mais evidente; seria ridículo pensar-se que não fosse possível cumprir os deveres de homem antes da vinda de Maomé ao mundo; não era absolutamente nada necessário à espécie humana acreditar no Alcorão; o mundo andava antes de Maomé tal como anda hoje. Se o maometismo fosse necessário ao mundo, teria existido em todos os lugares; Deus, que nos deu olhos para vermos o seu sol, a todos nos daria inteligência para vermos a verdade da religião muçulmana. Esta seita é, portanto, igual às leis positivas que mudam segundo os tempos e os lugares, como as modas, como as opiniões dos físicos que se sucedem umas às outras.

A seita muçulmana não podia portanto ser essençialmente necessária ao homem.

OSMIN

Mas, uma vez que ela existe, Deus permitiu-a?

SELIM

Sim, tal como permite que o mundo esteja cheio de tolices, de erros e de calamidades. O que não vale dizer que os homens sejam todos essencialmente feitos para serem parvos e infelizes. Deus permite que alguns homens sejam comidos pelas serpentes; mas não podemos dizer: "Deus fez o homem para ser comido pelas serpentes".

OSMIN

O que entendeis ao dizerdes "Deus permite"? Que nada pode acontecer sem sua ordem? Permitir, querer e fazer não são a mesma coisa para Deus?

SELIM

Deus permite o crime mas não o comete.

OSMIN

Cometer um crime é agir contra a justiça divina, é desobedecer a Deus. Ora, Deus não pode desobedecer a si mesmo, não pode cometer crimes; contudo, fez o homem de maneira que este comete muitos: de que resulta isto?

SELIM

Há gente que o sabe, não eu. Tudo quanto sei é que o *Alcorão* é ridículo, embora aqui e ali vejo claramente o que é falso e conheço muito mal o que é verdadeiro.

OSMIN

Supunha que vós pudésseis intruir-me e afinal não me ensinais nada.

SELIM

Não é muito conhecerdes as pessoas que vos enganam e os erros grosseiros e perigosos que vos recitam?

OSMIN

Teria motivos para me queixar de um médico que me fizesse uma exposição de plantas nocivas e não me mostrasse uma só que fosse salutar.

SELIM

Eu não sou médico e vós não sois doente; afigura-se-me, porém, que vos daria uma boa receita se vos dissesse: "Desconfiai de todas as invenções dos charlatães, adorai Deus, sede honesto e acreditai que dois e dois são quatro".

O

Orgulho

Em uma das suas cartas, Cícero escreve familiarmente a um amigo: "Dizei-me a quem desejais que eu mande dar as Gálias". Noutra, lamenta-se de estar cansado das cartas de não sei que príncipes, os quais lhe agradecem o haver elevado as suas províncias a reinos, e acrescenta que nem sequer sabe onde ficam situados esses reinos.

Pode ser que Cícero, que aliás vira muitas vezes o povo romano, o povo rei, aplaudi-lo e obedecer-lhe e que recebia agradecimentos de reis que nem sequer conhecia, houvesse experimentado alguns impulsos de orgulho e de vaidade.

Conquanto este sentimento não seja de todo justificado em tão mesquinho animal como o homem, poderíamos no entanto perdoá-lo a um Cícero, a um César, a um Cipião; mas que nos confins de uma das nossas províncias meio bárbaras um homem que houver comprado um cargo insignificante e feito imprimir versos medíocres decida estar orgulhoso, eis o que dá matéria para nos rirmos longamente.

P

Padres

Os padres são um Estado, aquilo que, mais ou menos, são os preceptores em casa dos cidadãos, feitos para ensinar, orar, dar o exemplo; não podem dispor de qualquer autoridade sobre os donos da casa, a menos que se venha a provar que quem paga salários deve obedecer a quem os recebe. De todas as religiões, a que mais positivamente exclui os padres de toda a autoridade civil é, sem contestação, a de Jesus: *Dai a César o que é de César — Não haverá entre vós nem primeiro nem último — O meu reino não é deste mundo.*

As querelas entre o Império e o sacerdócio que ensangüentaram a Europa durante mais de seis séculos não constituíram, da parte dos padres, senão rebeliões contra Deus e os homens e um contínuo pecado contra o Espírito Santo.

Desde Calcas, que assassinou a filha de Agamenão, até Gregório XII e Sisto V, dois bispos de Roma que quiseram privar o grande Henrique IV do reino de França, o poder sacerdotal foi fatal para o mundo.

Orar não é dominar; exortar não é despotismo. Um bom padre deve ser o médico das almas. Se Hipócrates houvesse ordenado aos seus doentes que tomassem heléboro sob pena de enforcamento, revelar-se-ia mais bárbaro que Falaris e poucos clientes haveria tido. Quando um padre diz: "Adorai Deus, sede justo, indulgente e carinhoso", é bom médico. Quando diz: "Acreditai em mim ou sereis queimado", é um assassino.

O magistrado deve sustentar e conter o padre, tal como o pai de família deve considerar o preceptor dos seus filhos e obstar a que ele abuse. *O acordo do sacerdócio e do Império* é o mais monstruoso dos sistemas; pois, desde que se procure semelhante acordo, logo se supõe a divisão; impõe-se antes dizer: *proteção concedida pelo Império ao sacerdócio.*

Todavia, nos países onde o sacerdócio se apoderou do Império, como em Salém, onde Melquisedeque era sacerdote e rei, como no Japão, onde o dairi foi durante tanto tempo impera-

dor, que se impõe fazer? Responderei que os sucessores de Melquisedeque e os dairi foram desapossados.

Os turcos são sensatos neste ponto. É verdade que fazem a viagem a Meca; mas não permitem ao xerife de Meca que excomungue o sultão. Não vão a Meca comprar a permissão de não observarem o ramadã ou a de se casarem com primas e sobrinhas; não são julgados por irmãs em quem o xerife tenha poder, nem pagam o último ano do seu rendimento ao xerife. Quantas coisas haveria a dizer sobre tudo isto! Leitor, a ti mesmo cabe fazê-lo.

Pátria

Uma pátria é um composto de numerosas famílias; e, tal como de ordinário sustentamos a nossa família por amor-próprio, quando não há interesses contrários, assim sustentamos, devido ao mesmo amor-próprio, a nossa cidade ou a nossa aldeia, a que chamamos a nossa pátria. Quanto mais esta pátria se torna grande, menos é amada, pois o amor partilhado enfraquece. É impossível amar ternamente uma família demasiado numerosa que mal se conhece.

O que arde na ambição de ser edil, tribuno, pretor, cônsul, ditador, grita que ama a sua pátria e apenas ama a sua própria pessoa. Cada qual deseja estar seguro de poder dormir em sua casa sem que outro homem se arrogue o poder de o mandar dormir algures; cada qual quer sentir-se seguro da sua fortuna e da sua vida. Uma vez que todos constituem assim os mesmos desejos, verifica-se que o interesse particular se torna interesse geral; fazem-se votos pela república quando afinal os fazemos tão-só por nós mesmos.

É impossível que tenha existido sobre a terra algum Estado que se não governasse primeiro pela república; tal é a marcha natural da natureza humana. Algumas famílias reúnem-se primeiro contra os ursos e contra os lobos; a que tem sementes fornece-as, por trocas, à que só tem madeira.

Quando descobrimos a América, encontramos todas as populações divididas em repúblicas; apenas existiam dois reinos em toda esta parte do mundo. Em mil nações não encontramos mais que duas subjugadas.

Assim acontecia no mundo antigo; tudo era república, antes dos reizinhos da Etrúria e de Roma. Ainda hoje se encontram repúblicas em África. Trípoli, Tunes, Argel, para o nosso setentrião, são repúblicas de bandidos. Os hotentotes, para o sul, vivem ainda como se afirma que era a vida nas primeiras idades do mundo, livres, iguais entre si, sem amos, sem súditos, sem dinheiro e quase sem necessidades. A carne dos seus carneiros alimenta-os, a pele veste-os, cabanas de madeira e de terra constituem o seu abrigo; são os mais malcheirosos de todos os homens, mas não o sentem; vivem e morrem mais docemente que nós.

Restam na nossa Europa oito repúblicas sem monarca: Veneza, Holanda, Suíça, Gênova, Lucarno, Ragusa, Genebra e São Marinho. Podemos, além disso, ver na Polônia, na Suécia e na Inglaterra verdadeiras repúblicas sob um rei, embora a Polônia seja a única que adota esse nome.

Podemos inquirir agora sobre o que vale mais: que a nossa pátria seja um Estado monárquico ou seja um Estado republicano? Há quatro mil anos que esta questão é debatida. Pedi a solução aos ricos, e todos optarão pela aristocracia; interrogai o povo, este quererá a democracia, e só os reis darão preferência à realeza. Como é, então, possível que quase toda a terra seja governada por monarcas? Perguntai-o aos ratos que propuseram que se pendurasse um guizo no pescoço do gato. Mas, na verdade, a razão verdadeira é que, como se tem dito, os homens raramente são dignos de se governarem a si próprios.

É triste que, muitas vezes, para ser bom patriota se seja inimigo do resto dos homens. O velho Catão, esse cidadão exemplar, dizia sempre ao opinar no Senado: "Tal é o meu parecer, e que Cartago seja arrasada". Ser bom patriota é desejar que a sua cidade enriqueça pelo comércio e seja poderosa pelas armas. É claro que nenhum país pode ganhar sem que um outro perca, nem pode vencer sem produzir desgraçados.

Tal é a condição humana: desejar a grandeza do seu país é desejar a desgraça dos vizinhos. O que desejasse que a sua pátria jamais fosse maior ou mais pequena, mais rica ou mais pobre, seria o cidadão do universo.[99]

Pecado Original

Aqui reside o pretenso triunfo dos socinianos e dos unitários. Chamam a este fundamento da religião cristã o seu *pecado original.* É ultrajar Deus, afirmam, é acusá-lo da barbaridade mais absurda, ousar dizer que Deus formou todas as gerações dos homens para os atormentar em suplícios eternos, sob pretexto de que o seu primeiro pai comeu um fruto num jardim. Esta imputação sacrílega é tanto mais indesculpável entre cristãos quanto é certo que não há uma só palavra tocante a este ponto, quer no *Pentateuco,* quer nos Profetas, quer nos Evangelhos, apócrifos ou canônicos, quer entre os escritores que são designados por *primeiros Padres da Igreja.*

No *Gênesis,* nem sequer se refere que Deus tenha condenado à morte Adão por haver engolido uma maçã. Deus diz-lhe: "No dia em que a comeres certamente morrerás"; todavia, neste mesmo *Gênesis* faz-se viver Adão mais novecentos e trinta anos depois desse almoço criminoso. Os animais, as plantas que não tinham comido daquele fruto, morreram no tempo prescrito pela natureza. O homem nasce para morrer, como todo o resto.

Enfim, a punição de Adão não era de maneira alguma contemplada pela lei judaica. Adão não era mais judeu que persa ou caldeu. Os primeiros capítulos do *Gênesis* (qualquer que seja a época em que foram compostos) sempre apareceram aos olhos de todos os sábios judeus como uma alegoria e até como uma fábula perigosa, porquanto se proibia a sua leitura antes da idade de vinte e cinco anos.

Numa palavra, os judeus conheceram tão pouco o pecado original como as cerimônias chinesas; embora os teólogos encontrem tudo o que querem nas Escrituras, ou *totidem verbis,* ou *totidem litteris,*[100] podemos estar certos que nenhum teólogo razoável aí encontrará esse mistério surpreendente.

Confessemos que Santo Agostinho foi o primeiro a conferir crédito a esta estranha idéia, digna da cabeça esquentada e romanesca de um africano, debochado e arrependido, maniqueu e cristão, indulgente e intolerante, que passou a vida a contradizer-se.

"Que horror", clamam os unitários rígidos, "é caluniar-se o autor da natureza até o ponto de lhe imputarem milagres contínuos para danar eternamente homens que fez nascer para uma tão curta vida! Ou Deus criou as almas desde toda a eternidade e, neste sistema, elas são infinitamente mais antigas que o pecado de Adão, não tendo qualquer relação com ele; ou as almas são formadas em todos os instantes que um homem se deita com uma mulher e, nesse caso, Deus estaria continuamente à espreita de todos os encontros que ocorrem no universo para criar espíritos que tornará eternamente infelizes; ou o próprio Deus é a alma de todos os homens e, neste sistema, dana-se a si mesmo." Destas três superstições, qual a mais horrível e a mais louca? Não há quarta; pois a opinião de que Deus espera seis semanas para criar uma alma danada em um feto reporta-se àquela que o faz criar a alma no momento da cópula: que importam seis semanas a mais ou menos?

Expus o ponto de vista dos unitários e os homens chegaram a um tal grau de superstição que tremi ao expô-lo.

(Este artigo é do falecido senhor Boulanger)

[99] Estas reflexões sobre os nacionalismos imperialistas e tacanhos (Maurras relacionava o patriotismo autêntico com o ódio ao estrangeiro) conservam hoje uma atualidade que decerto não alegraria nem lisonjearia Voltaire. (N. dos T.)

[100] Quer nas palavras quer nas letras. (N. do E.)

Perseguição

Não chamarei perseguidor a Diocleciano, que durante dezoito anos foi o protetor dos cristãos; e se, nos últimos tempos do seu império, não os salvou dos ressentimentos de Galerius, nisso se comportou como apenas príncipe seduzido e empurrado pela intriga para além do seu caráter, como tantos outros.

Menos ainda darei o nome de perseguidor aos Trajanos, aos Antoninos, pois ficaria convencido de que proferia uma blasfêmia.

Que é então o perseguidor? É aquele cujo orgulho ferido e o fanatismo em furor irritam o príncipe ou os magistrados contra homens inocentes, cujo único crime consiste em não serem da sua opinião. "Imprudente, tu adoras um Deus, pregas e praticas a virtude; serviste os homens e consolaste-os; deste amparo à órfã, socorreste o pobre, transformaste o deserto onde alguns escravos arrastavam uma vida miserável em campos férteis, povoados por famílias felizes; descobri, porém, que me desprezas, que nunca leste o meu livro de controvérsias; sabes que sou um malandro, que falsifiquei a assinatura de G. . . , que roubei. . . ; como poderias divulgar tudo isto, preciso tomar medidas preventivas. Irei pois à casa do confessor do primeiro-ministro ou à casa do magistrado; demonstrarei, inclinando o pescoço ou torcendo a boca, que tens uma opinião errônea acerca das celas onde foram encerrados os Setenta; que chegas ao cúmulo de falar, desde há dez anos, de maneira pouco respeitosa acerca do cão de Tobias, o qual tu sustentavas ser um cão de água, enquanto eu provava tratar-se de um galgo; denunciar-te-ei como inimigo de Deus e dos homens." Tal é a linguagem do perseguidor, e, embora não sejam precisamente estas as palavras que saem da sua boca, estão-lhe gravadas no coração com o buril do fanatismo, temperado no fel da inveja.

Foi assim que o jesuíta Le Tellier ousou perseguir o cardeal de Noailles e jurou perseguir Bayle.

Quando os protestantes começaram a ser perseguidos em França, não foram Francisco I, nem Henrique II, nem Francisco II que espiaram esses infortunados, se armaram contra eles de um furor premeditado e os entregaram às chamas, para sobre eles exercerem as suas vinganças. Francisco I estava muito ocupado com a duquesa de Etampes, Henrique II com a sua velha Diana e Francisco II era demasiado criança. Por quem começou a vingança? Por padres ciumentos que armaram os preconceitos dos magistrados e a política dos ministros.

Se os reis não houvessem sido ludibriados, se houvessem previsto que a perseguição produziria cinqüenta anos de guerras civis e que metade da nação seria exterminada pela outra metade, teriam extinto com as suas lágrimas as primeiras fogueiras que deixaram acender.

Ó Deus misericordioso! Se algum homem pode assemelhar-se a esse ser malfazejo que nos pintam ocupado sem cessar na destruição das tuas obras, não será tal homem o perseguidor?

Pedro

Em italiano, *Piero* ou *Pietro,* em espanhol, *Pedro,* em latim, *Petrus;* em hebreu, *Cefa.*

Por que motivo obtiveram os sucessores de Pedro tanto poder no Ocidente e nenhum no Oriente? É o mesmo que perguntar por que razão os bispos de Wurtzburgo e Salzburgo se atribuíram direitos realengos em períodos de anarquia, ao passo que os prelados gregos permaneceram sempre súditos. O tempo, a ocasião, a ambição de uns e a fraqueza de outros tudo fizeram e farão neste mundo.

A anarquia juntou-se a opinião e a opinião é a rainha dos homens. Não que, com efeito, tenham uma opinião bem determinada, mas as palavras substituem-na.

Vem relatado nos Evangelhos que Jesus disse a Pedro: "Eu te darei as chaves do reino dos

céus". Os partidários do bispo de Roma sustentaram, por volta do século XI, que quem dá o mais, dá o menos; que os céus envolvem a terra e que, detendo Pedro as chaves do continente, detinha também as chaves do conteúdo. Se entendermos por céus todas as estrelas e todos os planetas, é evidente, segundo Tomásio, que as chaves oferecidas a Simão Barjona, cognominado Pedro, eram uma verdadeira gazua. Se entendermos por céus as nuvens, a atmosfera, o éter, o espaço em que rodam os planetas, não há serralheiros que, segundo Meursius, possam fabricar uma chave que sirva para todas as portas.

Na Palestina, as chaves eram cavilhas de pau ligadas a uma correia. Jesus disse a Barjona: "O que houveres ligado na terra, será ligado no céu". Os teólogos do papa concluíram que os papas tinham recebido o direito de ligarem e desligarem os povos dos juramentos de fidelidade feitos aos seus reis e de disporem a seu belo talante de todos os reinos. Eis o que se chama concluir magnificamente. As comunas, nos Estados-gerais de França em 1302, dizem do requerimento que apresentaram ao rei que "Bonifácio VIII era um b. . . que supunha que Deus ligava e prendia ao céu o que Bonifácio ligava na terra". Um famoso luterano da Alemanha (Melânchton, parece-me) tinha muita dificuldade em digerir que Jesus houvesse dito a Simão Barjona, Cefa ou Cefas: "Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha assembléia, a minha Igreja". O luterano não podia conceber que Deus houvesse usado semelhante jogo de palavras, semelhante agudeza, tão extraordinário, e que o poder do papa se fundasse sobre uma gracinha de mau gosto.

Pedro passou por ter sido bispo de Roma, embora se saiba muito bem que nessa época, e durante muito tempo depois, não existiu qualquer bispado particular. A sociedade cristã só assumiu forma perto dos fins do século II.

Pode ser que Pedro tivesse feito a viagem a Roma; pode ser mesmo que o tivessem crucificado de cabeça para baixo, embora não fosse esse o costume; mas não temos qualquer prova de tudo isto. Temos uma carta, sob o seu nome, em que diz estar em Babilônia: canonistas judiciosos pretenderam que por Babilônia se devia entender Roma. Assim, suposto que a houvesse datado de Roma, poderíamos concluir que a carta fora escrita em Babilônia. Durante muito tempo, tiraram-se conseqüências deste quilate e assim foi governado o mundo.

Houve um santo homem a quem tinham feito pagar muito caro um benefício em Roma, o que se chama uma simonia; perguntaram-lhe se acreditava que Pedro tivesse estado em Roma, ao que respondeu: "Não vejo que Pedro tenha estado aqui, mas, quanto a Simão, tenho certeza".

Quanto à pessoa de Pedro, impõe-se reconhecer que Paulo não foi o único a escandalizar-se com a sua conduta; há quem lhe tenha resistido muitas vezes, cara a cara, tanto a ele como aos seus sucessores. Paulo censurava-lhe asperamente o hábito de comer carnes proibidas, quer dizer, porco, chouriço de sangue (lebres, enguias, "ixion" e grifos); Pedro defendia-se invocando que, na sexta hora, vira o céu abrir-se e uma grande toalha que descia dos quatro cantos do céu, cheia de enguias, quadrúpedes e aves, e que a voz de um anjo gritara: "Matai e comei". Trata-se aparentemente da mesma voz que gritou a tantos pontífices: "Matai tudo, e comei a substância do povo", comenta Wollaston.

Casaubon não podia aprovar a maneira como Pedro tratou o simplório Ananias e Safira, sua mulher. Com que direito, interrogou Casaubon, um judeu, escravo dos romanos, ordenava ou consentia que todos aqueles que acreditassem em Jesus vendessem as suas heranças e lhe depusessem aos pés o dinheiro dos preços? Se qualquer anabatista em Londres mandasse depor a seus pés todo o dinheiro dos irmãos, não seria detido como sedutor sedicioso, como um larápio que forçosamente mandariam para Tyburn? Não é horrível fazer morrer Ananias só porque este, depois de vender os seus bens e de ter dado o dinheiro a Pedro, reteve para si e para a mulher alguns escudos, para custear as suas necessidades, sem o declarar? Mal Ananias morre, chega a mulher. Pedro, em vez de a advertir caridosamente que acaba de provocar a morte do marido com uma apoplexia por haver guardado alguns óbolos e de a prevenir para que ela se acautelasse, fá-la cair na armadilha.

Pergunta-lhe se o marido deu todo o seu dinheiro aos santos. A pobre mulher responde que sim e morre imediatamente. Isto é duro.

Corinzius pergunta por que razão Pedro, que matava deste modo todos que lhe davam esmolas. não ia antes matar os doutores que tinham feito morrer Jesus Cristo e que o chicotearam a ele mesmo mais de uma vez. Ó Pedro! Provocas a morte de dois cristãos que te deram esmola e deixas viver os que crucificaram o teu Deus!

Aparentemente, Coringius não vivia em país de inquisição quando formulava estas perguntas audaciosas. Erasmo observava, a propósito de Pedro, algo de muito singular; é que o chefe da religião cristã começou o seu apostolado por renegar Jesus Cristo, ao passo que o primeiro pontífice dos judeus começara o seu ministério por construir um bezerro de ouro e adorá-lo.

Como quer que seja, Pedro é-nos pintado como um pobre que catequizava os pobres. Assemelhava-se a esses fundadores de ordens que viviam na indigência e cujos sucessores se tornaram grandes senhores.

O papa, sucessor de Pedro, ora ganhou, ora perdeu; restam-lhe, todavia, além dos súditos imediatos, cerca de cinqüenta milhões de homens sobre a terra, submetidos em muitos pontos às suas leis.

Atribuirmo-nos um amo que está a trezentas ou quatrocentas léguas de nossa casa; esperarmos, para pensar, que esse homem aparentou pensar; não ousarmos julgar em última instância um processo entre alguns dos nossos concidadãos senão por intermédio de comissários nomeados por esse estrangeiro; não ousarmos entrar na posse dos campos e das vinhas que obtivemos de nosso próprio rei, sem pagarmos uma soma considerável à esse amo estrangeiro; violarmos as leis do nosso país que proíbem o casamento com sobrinha e desposá-la legitimamente contra o pagamento a esse senhor estrangeiro de uma soma ainda mais considerável; não ousarmos cultivar os nossos campos no dia em que esse estrangeiro quer que seja celebrada a memória de um desconhecido que ele pôs no céu da sua autoridade privada: tal é em parte o que significa admitirmos um papa; tais são as liberdades da Igreja Galicana.

Há povos que levam mais longe ainda a submissão. Vimos nos nossos dias um soberano pedir ao papa permissão para julgar pelo seu tribunal real alguns monges acusados de parricídio, não conseguir obter essa permissão e não ousar julgá-los.

Sabe-se bem que outrora os direitos dos papas iam mais longe, superando em muito os dos deuses da Antiguidade, pois estes passavam por dispor dos impérios, ao passo que os papas dispunham deles efetivamente.

Sturbinus diz que se pode perdoar àqueles que duvidam da divindade e infalibilidade do papa, quando se fazem as seguintes reflexões:

Quarenta cismas profanaram a cadeira de São Pedro e vinte e sete ensangüentaram-na;

Estêvão VII, filho de um padre, desenterrou o corpo de Formoso, seu predecessor, e mandou cortar a cabeça ao cadáver;

Sérgio III, culpado de assassinatos, teve um filho de Marozia, que herdou o papado;

João X, amante de Teodora, foi estrangulado no leito desta;

João XI, filho de Sérgio III, só se tornou conhecido como crápula;

João XII foi assassinado em casa da amante;

Benedito IX comprou e revendeu o pontificado;

Gregório VII foi o autor de quinhentos anos de guerras civis, sustentadas pelos seus sucessores;

Enfim, entre tantos papas ambiciosos, sanguinários e debochados, houve um, Alexandre VI, cujo nome não se pronuncia senão com o mesmo horror que envolve os dos Neros e Calígulas.

Afirma-se que é prova da divindade do seu caráter que o papado tenha subsistido, apesar de tantos crimes; logo, se os califas tivessem uma conduta ainda mais atroz, mais divinos seriam. É assim que raciocina Dermius, a quem replicaram os jesuítas.

*Política

A política do homem consiste inicialmente em tentar igualar-se aos animais, a quem a natureza deu alimentação, vestuário e habitação.

Os começos são longos e difíceis.

Como conseguir o bem-estar e abrigar-se do mal? O homem resume-se nisso.

O mal está em toda parte. Os quatro elementos conspiram para formá-lo. A esterilidade de um quarto do globo, as moléstias, a multidão de animais inimigos obrigam-nos a trabalhar incessantemente para afastar o mal.

Nenhum homem sozinho pode garantir-se contra o mal e promover seu próprio bem. Precisa de auxílio. A sociedade é, pois, tão antiga quanto o mundo, podendo ser muito numerosa ou muito rara. As revoluções do globo destruíram freqüentemente raças inteiras de homens e de animais em vários países, e as multiplicaram em outros.

Para multiplicar uma espécie, é preciso um clima e um terreno favoráveis e, apesar de tais vantagens, ainda é possível que os homens sejam obrigados a andar nus, a suportar a fome, a carecer de tudo e a perecer na miséria.

Os homens são como os castores e as abelhas, ou como o bicho-da-seda: não têm um instinto capaz de provê-los do que precisam.

Para cada cem machos, dificilmente encontra-se um dotado de gênio. Para cada quinhentas mulheres, dificilmente uma.

Somente com gênio podem-se inventar todas as artes que promovem a longo prazo um certo bem-estar, único objetivo de toda política.

Para tentar essas artes é preciso auxílio, mãos que vos ajudem, mentes bastante abertas para vos compreender e bastante dóceis para vos obedecer. Antes de encontrardes e reunirdes tudo isso, escoam-se milhares de séculos de ignorância e de barbárie, milhares de tentativas abortadas. Por fim, uma arte se esboça, e são necessários milhares de séculos para aperfeiçoá-la.

Política exterior

Assim que uma nação descobre a metalurgia, é seguro que vencerá suas vizinhas e que as escravizará.

Tendes flechas e sabres; nascestes num clima que vos fez robustos. Somos fracos, temos apenas porretes e pedras. Podeis matar-nos, mas se nos deixardes viver será para cultivarmos vossos campos, para construirmos vossas casas. Se tivermos voz, cantaremos algumas árias grosseiras quando vos entediardes, ou então sopraremos em tubos, para obter de vós roupa e pão. Nossas mulheres e filhas são belas, e certamente ireis tomá-las. Monsenhor, vosso filho, aproveita essa política estabelecida e acrescenta novas descobertas à arte nascente. Seus servidores cortam os testículos de meus filhos, honrando-os, depois, com a guarda de suas esposas e amantes. Assim foi e assim é a política na Ásia: a grande arte de usar os homens para seu próprio bem-estar.

Tendo algumas hordas servido dessa maneira a outras, os vitoriosos combatem pela partilha dos despojos. Toda pequena nação alimenta e assalaria soldados. Para encorajá-los e contê-los, cada uma possui seus deuses, seus oráculos, suas predições. Todas alimentam e assalariam adivinhos e sacrificadores açougueiros. Os adivinhos começam adivinhando para os chefes da nação, depois adivinham para si próprios e partilham o governo da nação. Por fim, o mais forte e mais hábil subjuga os outros, depois de séculos de carniçarias que arrepiam e de patifarias que fazem rir. É o complemento da política.

Enquanto tais cenas de banditismo e fraudes ocorrem numa parte do globo, outras hordas, retiradas em cavernas nas montanhas ou em cantões cercados de pântanos inacessíveis, ou em alguns recantos habitáveis no meio de desertos de areia ou de ilhas, defendem-se contra os tiranos do continente. Por fim, quando todos os homens dispõem mais ou menos das mesmas armas, o sangue corre de uma ponta à outra do mundo.

Não se pode matar sempre. Faz-se a paz com o vizinho até que se acredite estar bastante forte para recomeçar. Os que sabem escrever redigem tratados de paz. Os chefes de cada povo, para melhor enganar seu inimigos, testemunham pelos deuses que eles próprios fizeram. Inventam-se os juramentos. Um promete por Samonocodão, outro, em nome de Júpiter, viver sempre em boa harmonia, e na primeira ocasião degolam em nome de Júpiter e de Samonocodão.

Nos tempos mais refinados, o leão de Esopo faz um tratado com três animais seus vizinhos.

Trata-se de dividir uma presa em quatro partes iguais. O leão, por boas razões que deduzirá quando chegar a hora e a vez, apanha três partes só para si, e ameaça quem ousar tocar na quarta. É o que se chama de sublime em política.

Política interna

Trata-se de possuir em vosso próprio país o maior poder, as maiores honras e os maiores prazeres que forem possíveis. Para consegui-lo é preciso muito dinheiro.

É muito difícil alcançar tais objetivos numa democracia porque nela cada cidadão é vosso rival. Uma democracia só pode subsistir num país pequeno. Podereis enriquecer-vos quando quiserdes por vosso comércio secreto, ou pelo de vosso avô; vossa fortuna suscitará ciumentos e poucos amigos. Uma casa rica não conseguirá governar muito tempo numa democracia.

Numa aristocracia podem-se obter mais facilmente honras, prazeres, poder e dinheiro, mas é preciso grande discrição. Se se abusar muito, corre-se o risco de uma revolução.

Numa democracia todos os cidadãos são iguais. Atualmente esse tipo de governo é raro e fraco, embora natural e sensato.

Na aristocracia a desigualdade e a superioridade fazem-se sentir. Contudo, estará mais segura de seu bem-estar se for pouco arrogante.

Resta a monarquia. Nela todos os homens são feitos para um só, que acumula todas as honras com que quiser enfeitar-se, goza todos os prazeres que quiser desfrutar, exerce um poder absoluto. Para ter todas essas vantagens precisa possuir muito dinheiro, caso contrário será infeliz no interior e no exterior, perderá logo o poder, os prazeres, as honras e, talvez, a vida.

Enquanto tiver dinheiro, não frui sozinho todas as regalias: também seus parentes e principais servidores fruem. Uma multidão de empregados trabalha o ano inteiro para eles, na vã esperança de desfrutar um dia em suas choças o mesmo repouso que seus sultões ou que seus paxás desfrutam em seus serralhos. Mas eis o que acontece.

Um grande e gordo cultivador possuía outrora um vasto terreno de campos, prados, vinhedos, pomares e florestas. Cem empregados cultivavam para ele, enquanto jantava com sua família, bebia e dormia. Seus principais domésticos, que o roubavam, jantavam depois dele e comiam quase tudo. Os serviçais vinham após e comiam muito mal. Murmuraram, lamentaram-se, impacientaram-se e, por fim, comeram o jantar do dono e o expulsaram de sua casa. O dono disse que aqueles patifes eram filhos rebeldes que combatiam seu pai. Os serviçais disseram que haviam seguido a lei sagrada da natureza que fora violada pelo outro. Relatou-se o sucedido a um adivinho que passava por homem inspirado. O santo homem tomou a herdade para si, deixou os domésticos e o antigo dono morrerem de fome, até que por sua vez também foi expulso. É a política interna.

Já se viu coisa assim mais de uma vez, e alguns dos efeitos dessa política ainda subsistem fortemente. Pode-se esperar que daqui a dez ou doze séculos, quando os homens forem mais esclarecidos, os possuidores das terras, já mais políticos, tratarão melhor seus empregados e não se deixarão subjugar por adivinhos e feiticeiros.

Preconceitos

O preconceito é uma opinião desprovida de julgamento. Assim, em toda terra, se incutem às crianças as opiniões que se quiser, antes de elas poderem julgar.

Há preconceitos universais, necessários, que constituem a própria virtude. Em todos os países se ensinam as crianças a reconhecerem um Deus remunerador e vingador; a respeitarem e amarem pai e mãe; a olharem o furto como um crime, a mentira interesseira como um vício, antes de poderem adivinhar o que é um crime e o que é um vício.

Há, pois, preconceitos muito bons: são os que o julgamento ratifica quando se raciocina.

O sentimento não é um mero preconceito mas algo de mais forte. Uma mãe não ama o filho porque lhe disseram que é preciso amá-lo: acarinha-o, felizmente, malgrado seu. Não é por

preconceito que acorremos em socorro de uma criança desconhecida prestes a tombar num precipício ou a ser devorada por um animal.

Todavia, é por preconceito que respeitareis um homem que envergue certa indumentária, caminhe gravemente e fale da mesma maneira. Os vossos pais disseram-vos que deveis inclinar-vos diante desse homem: vós o respeitais antes de saberdes se merece o vosso respeito; cresceis na idade e em conhecimentos: acabareis por vos aperceber que esse homem é um charlatão inchado de vaidade, interesse e artifício; desprezais o que havíeis reverenciado e o preconceito cede ao julgamento. Haveis acreditado por preconceito nas fábulas com que embalaram a vossa infância: disseram-vos que os titãs guerrearam os deuses e que Vênus se enamorou de Adônis; aos doze anos, tomais estas fábulas por verdades, aos vinte, vereis nelas alegorias engenhosas.

Examinemos em poucas palavras as diferentes espécies de preconceitos, para pormos ordem neste nosso assunto. Seremos talvez como aqueles que, no tempo do sistema de Lau, se aperceberam de que tinham calculado riquezas imaginárias.

Preconceitos dos sentidos

Não é coisa divertida que os nossos olhos nos enganem sempre, mesmo quando vemos muito bem, e que, pelo contrário, não nos enganem os ouvidos? Quando a vossa orelha, bem conformada, ouve: "Sois bela, amo-vos", é seguro que não vos dissseram: "Odeio-vos, sois feia". Mas vedes um espelho liso: está demonstrado que vos enganais, que a superfície é muito irregular. Vedes o Sol, com cerca de dois pés de diâmetro; está demonstrado que é um milhão de vezes mais volumoso que a Terra.

Parece que Deus pôs a verdade nas vossas orelhas e o erro nos olhos; mas estudai óptica e vereis que Deus não vos enganou e que é impossível que os objetos vos pareçam diferentes de como são vistos, no estado presente das coisas.

Preconceitos físicos

O Sol move-se, a Lua também, a Terra está imóvel: eis preconceitos físicos naturais. Mas que os camarões sejam bons para o sangue porque, uma vez cozidos, ficam vermelhos; que as enguias curem a paralisia porque se agitam; que a lua interfira nas nossas doenças porque um dia se observou que um doente teve um agravamento de febre durante o quarto minguante — tais idéias, e mil outras mais, foram erros de antigos charlatães que julgaram sem raciocinar e que, enganando-se, enganaram os outros.

Preconceitos históricos

A maior parte das histórias foi acreditada sem exame e semelhante crença não passa de um preconceito. Fabius Pictor conta que, muitos séculos antes dele, uma vestal da cidade de Elba que ia buscar água para a sua bilha foi violada e deu à luz Rômulo e Remo, que estes foram amamentados por uma loba, etc. O povo romano acreditou nesta fábula; não verificou se nesse tempo haveria vestais no Lácio, se era verossímil que a filha de um rei saísse do seu convento com a bilha, se era provável que uma loba aleitasse duas crianças em vez de as comer. O preconceito estabeleceu-se.

Um monge escreve que Clóvis, em grande perigo na batalha de Tolbiac, fez o voto de se tornar cristão se escapasse; porém, é natural que alguém se dirija a um Deus estrangeiro em tal ocasião? Não é em semelhantes circunstâncias que a religião em que se nasceu atua mais poderosamente? Qual o cristão que, numa batalha contra os turcos, não se encomendaria à Santa Virgem de preferência a encomendar-se a Maomé? Acrescenta-se que um pombo trouxe a santa ampola no bico para ungir Clóvis e que um anjo trouxe a auriflama para o guiar. O preconceito aceita todas as historietas deste gênero. Os que conhecem a natureza humana sabem muito bem que o usurpador Clóvis e o usurpador Rolão ou Rol se fizeram cristãos para mais seguramente governarem cristãos, tal como os usurpadores turcos se fizeram muçulmanos para mais seguramente governarem muçulmanos.

Preconceitos religiosos

Se a vossa ama vos contar que Ceres preside às sementeiras ou que Vichnu e Xaca se tornaram homens muitas vezes, ou que Samonocodão veio cortar uma floresta, ou que Odin vos aguarda no seu salão lá para as bandas da Jutlândia, ou que Maomé ou algum outro viajaram no céu, e se o vosso preceptor vier em seguida mergulhar no vosso cérebro o que a ama aí gravou, estais prontos para o resto da vida. Que o vosso julgamento queira elevar-se contra tais preconceitos, logo os vizinhos, e principalmente as vizinhas, protestarão ante a impiedade e vos aterrorizarão; o vosso derviche, receoso de ver diminuir os seus rendimentos, acusar-vos-á junto do cadi; se puder, mandará que sejais empalado, pois quer comandar imbecis e supõe que os imbecis obedecem melhor que os outros. E isto durará até os vossos vizinhos, o derviche e o cadi, começarem a compreender que a imbecilidade não serve para nada e que a intolerância é abominável.

Profetas

O profeta Jurieu foi assobiado, os profetas de Cévennes foram enforcados ou postos na roda, os profetas que do Languedoc e do Delfinado vieram até Londres foram condenados a diversos suplícios, o profeta Savonarola foi assado em Florença, o profeta João Batizador ou Batista teve o pescoço cortado.

Pretende-se que Zacarias foi assassinado; felizmente isto não está provado. O profeta Jeddo ou Addo, enviado a Betel sob condição de não comer nem beber, comeu infelizmente um bocado de pão e foi por seu turno comido por um leão; os seus ossos acabaram por ser encontrados na estrada, entre esse leão e o seu burro. Jonas foi engolido por um peixe; verdade se diga que só permaneceu na barriga do peixe três dias e três noites; mas sempre são setenta e duas horas muito pouco à vontade.

Habacuc foi transportado pelos ares, preso pelos cabelos, até Babilônia. Não é grande desgraça, valha a verdade; mas sempre é um transporte muito incômodo. Deve sofrer-se muito quando se é levado suspenso pelos cabelos, no espaço de trezentas milhas. Por mim, teria preferido um par de asas, a jumenta Borac ou o hipogrifo.

Miqueu, filho de Jemilla, viu o Senhor sentado no seu trono, com o exército do céu à direita e à esquerda, e ouviu o Senhor pedir alguém que fosse enganar o Rei Achab; como o diabo se apresentou ao Senhor, e se encarregou da comissão, Miqueu foi, por incumbência do Senhor, dar parte a Achab desta aventura celeste. É verdade que, como recompensa, apenas recebeu uma enorme bofetada pela mão do profeta Sékédia; é verdade que foi metido no calabouço, embora só por alguns dias; mas, enfim, sempre é desagradável para um homem inspirado receber bofetões e ser atirado para um buraco fedorento.

Supõe-se que o Rei Amasias mandou arrancar os dentes ao profeta Amós para o impedir de tagarelas; mas é preciso pronunciar distintamente uma profecia, e a um profeta desdentado não o escutam com o respeito devido.

Baruch sofreu bastantes perseguições. Ezequiel foi lapidado pelos seus companheiros de escravidão. Não se sabe ao certo se Jeremias foi lapidado ou se foi serrado em dois.

Quanto a Isaías, passa por seguro que foi serrado por ordem de Manassés, um reizinho da Judéia.

Convenhamos que é mau ofício o de profeta. Por um único, como Elias, que vai passear de planeta em planeta numa bela carruagem de luz, puxada por quatro cavalos brancos, há cem que vão a pé e são obrigados a mendigar o jantar de porta em porta. Assemelham-se muito a Homero, de quem se diz que foi obrigado a pedir esmola nas sete cidades que depois disputaram a honra de o ter visto nascer. Os seus admiradores atribuíram-lhe uma infinidade de alegorias em que nunca pensara. Concede-se freqüentemente a mesma honra aos profetas. Não contesto que fossem

pessoas instruídas sobre o futuro. Basta para o efeito dar à alma um certo grau de exaltação, como muito bem pensou um bravo filósofo ou louco dos nossos dias, que queria abrir um buraco até aos antípodas e untar os doentes com pez resinoso.

Os judeus exaltavam tão bem a alma dos profetas, que estes viram distintamente todas as coisas futuras: mas é difícil adivinhar ao certo se por Jerusalém os profetas entendem sempre a vida celeste; se Babilônia significa Londres ou Paris; se, quando falam de um grande jantar, devemos explicá-lo como um jejum; se vinho tinto significa sangue; se um manto vermelho significa a fé e um manto branco a caridade. A inteligência dos profetas é o esforço do espírito humano. Por isso, nada mais direi a este respeito.

*Propriedade

"Liberty and Property"[101] é o grito inglês. Vale mais do que "Saint George et mon droit, Saint Denis et mon joie"[102]: é o grito da natureza.

Da Suíça à China, os camponeses possuem terras próprias. Somente o direito de conquista pôde despojar os homens de um direito tão natural.

Tanto na guerra como na paz, o lucro de uma nação é do soberano, do magistrado e do povo. A posse de terras permitida aos camponeses é útil igualmente ao trono e aos súditos em todos os tempos? Sê-lo-á para o trono se puder produzir uma renda maior e mais soldados.

É preciso, pois, ver se o comércio e a população aumentarão. É certo que o possuidor de um terreno cultivará muito melhor sua herança do que a de um outro. O espírito de propriedade duplica a força do homem. Trabalha-se para si e para sua família com mais vigor e prazer do que para um senhor. O escravo que está sob o jugo de um outro inclina-se pouco ao casamento, temendo gerar escravos como ele próprio. Sua habilidade está sufocada, sua alma embrutecida. Suas forças não exibem toda a elasticidade de que são capazes. O possuidor, pelo contrário, deseja uma mulher que partilhe de sua felicidade e filhos que o ajudem no trabalho. Sua esposa e seus filhos o enriquecem. Um terreno pode tornar-se dez vezes mais fértil do que antes nas mãos de uma família laboriosa. O comércio geral aumentará. O tesouro do príncipe lucrará. O campo fornecerá mais soldados. Portanto, a vantagem está com o príncipe. A Polônia seria três vezes mais rica e povoada se o camponês não fosse escravo.

Também é vantagem para os nobres. Se um deles possuir mil jeiras de terra cultivadas por seus servos, cinco mil jeiras fornecerão uma renda muito fraca, freqüentemente absorvida em reparos e reduzida a nada pela intempérie das estações. Que ocorrerá se a terra for mais extensa e o terreno mais ingrato? Será o senhor de uma vasta solidão. Só será rico quando seus vassalos o forem. Sua felicidade depende da deles. Se essa felicidade se estender a ponto de tornar sua terra bastante povoada, chegando a faltar terreno para tanta mão laboriosa, então o excedente dos cultivadores necessários espalha-se pelas cidades, pelos portos marítimos, pelas oficinas dos artistas, *pelos exércitos*. A população terá produzido esse grande bem e a posse das terras dadas aos cultivadores, sob a dívida que enriquece os nobres, terá produzido essa população.

Há uma outra espécie de propriedade não menos útil — aquela liberada de toda dívida e que paga apenas os tributos gerais impostos pelo soberano para o bem e a manutenção do Estado. Essa propriedade contribuiu para a riqueza da Inglaterra, da França e das cidades livres da Alemanha. Os soberanos que franquearam os terrenos que compunham seus domínios já de início tiraram vantagem porque cobraram caro as franquias. E atualmente retiram um bem ainda maior, sobretudo na Inglaterra e na França, pelo progresso da indústria e do comércio.

A Inglaterra deu um grande exemplo no século XVI quando franqueou as terras da Igreja e dos monges. Era uma coisa odiosa, prejudicial a um Estado, ver homens votados por seus institu-

[101] "Liberdade e Propriedade". (N. dos T.)
[102] "São Jorge e meu direito, São Dionísio e minha alegria" — era o grito de guerra dos reis franceses cujo patrono é São Dionísio. (N. dos T.)

tos à humildade e à pobreza tornando-se senhores das terras mais belas do reino, tratando os homens, seus irmãos, como bestas de carga. A grandeza dessa minoria de padres aviltava a natureza humana e suas riquezas particulares empobreciam o resto do reino. O abuso foi destruído e a Inglaterra tornou-se rica.

Em todo o resto da Europa, somente quando os servos da Coroa e da Igreja tiveram a propriedade das terras foi possível um florescimento do comércio, das artes e das cidades. Deve-se notar que, se a Igreja perdeu com isso direitos que não lhe pertenciam, a Coroa ganhou a extensão de seus direitos legítimos. Com efeito, a Igreja, cuja primeira instituição é imitar seu legislador humilde e pobre, não foi feita originariamente para engordar com o fruto do trabalho dos homens. E o soberano, que representa o Estado, deve economizar o fruto desses mesmos trabalhos, para o bem do próprio Estado e para o esplendor do trono. Em toda parte onde o povo trabalha para a Igreja, o Estado é pobre; em toda parte onde o povo trabalha para si próprio e para o soberano, o Estado é rico. E, então, o comércio se propaga. A marinha mercante torna-se a escola da marinha militar. Formam-se grandes companhias de comércio. Em tempos difíceis, o soberano encontra recursos antes desconhecidos. Nos Estados austríacos, na França e na Inglaterra vereis o soberano tomar emprestado facilmente de seus súditos cem vezes mais do que poderia arrancar-lhes pela força, quando o povo estagnava na servidão.

Todos os camponeses não serão ricos, e não é preciso que o sejam. Carecemos de homens que tenham seus braços e boa vontade. Mas até estes homens, que parecem o rebotalho da sorte, participarão da felicidade dos outros. Serão livres para vender seu trabalho a quem quiser pagá-los melhor. A liberdade será sua propriedade. A esperança certa de um justo salário os sustentará. Com alegria educarão sua família em seus ofícios laboriosos e úteis. E essa classe de homens, tão desprezível aos olhos dos poderosos, constitui o principal celeiro de soldados. Assim, do cetro à foice e ao cajado, tudo se anima, tudo prospera, tudo ganha força nova graças a uma única mola.

Depois de termos visto quão vantajoso é para um Estado que os cultivadores sejam proprietários, resta vermos até onde tal concessão pode estender-se. Já ocorreu, em mais de um reino, que o servo franqueado se tenha enriquecido graças à sua engenhosidade e labor, e se tenha colocado no lugar dos antigos senhores empobrecidos pelo luxo. Compra suas terras e toma-lhes o nome. A antiga nobreza é aviltada e a nova só consegue ser invejada e desprezada. Tudo foi confundido. Os povos que aceitaram tais usurpações tornaram-se joguetes nas mãos das nações que souberam evitar esse flagelo.

Os erros de um governo podem ser uma lição para os outros. Aproveitam o bem que fez e evitam o mal que cometeu.

É tão fácil opor o freio das leis à cupidez e ao orgulho dos novos ricos, fixar a extensão dos terrenos plebeus que podem comprar e proibir-lhes a aquisição das grandes terras senhoriais,[103] de sorte que nenhum governo poderá arrepender-se por ter franqueado a servidão e por ter enriquecido a indigência. Os exemplos das outras nações advertem, tanto assim, que os povos que se policiam por último ultrapassam freqüentemente os mestres de quem receberam as lições.

[103] Estas duas últimas leis seriam injustas, mas quem quiser opor-se à grande desigualdade das riquezas e não tiver coragem bastante nem uma política bem esclarecida capaz de abolir absolutamente as substituições e os direitos de primogenitura poderia pelo menos restringir esse privilégio aos feudos possuídos pela nobreza antiga ou titulada. Pelo menos seria agir conseqüentemente, é verdade que de acordo com um princípio viciado, que é o de favorecer as distinções entre as posições sociais *(états)*. (N. do A.)

Q

Quaresma

Perguntas sobre a quaresma

As primeiras pessoas que se lembraram de fazer jejum adotaram tal regime a conselho do médico por sofrerem de más digestões?

A falta de apetite que sentimos quando estamos tristes teria sido a primitiva origem dos dias de jejum prescritos pelas religiões tristes?

Os judeus copiaram o costume de jejuar que tinham os egípcios, de quem os judeus imitaram todos os ritos, inclusivamente a flagelação e o bode expiatório.

Por que é que Jesus jejuou quarenta dias no deserto, aonde foi guiado pelo diabo, pelo *Knathbull?* Escreve São Mateus que depois desta quaresma Jesus teve fome; não teve, então, fome durante a quaresma?

Por que é que durante os dias de abstinência a Igreja romana considera um crime comer animais terrestres e uma boa ação devorar à mesa linguados e salmões? O papista ricaço que tiver, à sua mesa, uma mesa regalada e farta de condimentados quinhentos francos de peixe será salvo; e um pobre pelintra, a morrer de fome, que tiver engolido um cruzado de carne de porco salgada e fresca incorre em pecado mortal e fica condenado às penas infernais?

Por que é que será preciso pedir autorização ao bispo para comer ovos? Se um rei ordenasse ao seu povo que este nunca comesse ovos, não pareceria o mais ridículo e odioso dos tiranos? Que estranha, aberrativa aversão é essa dos bispos pelas omeletas?

Pode-se lá crer que entre os papistas tivesse havido tribunais tão imbecis, tão covardes, tão bárbaros, para condenarem à morte pobres cidadãos que outros crimes não tinham cometido do que comerem carne de cavalo durante a quaresma? O caso é que é a pura verdade: aqui tenho à minha frente uma sentença destas. O que ainda é mais estranho é que os juízes que pronunciaram tal sentença se julgavam superiores aos iroqueses.

Padres idiotas e cruéis! A quem ordenais guardar jejum pela quaresma? É aos ricos? Eles nunca o respeitam. É então aos pobres? Coitados, fazem quaresma e jejum todo o ano. O infeliz lavrador quase que já nunca come carne e não tem dinheiro para comprar peixe. Doidos, doidos varridos é o que sois, e quando emendais vossas leis absurdas?

R

Religião

Primeira questão

O bispo de Gloucester, Warburton, autor de uma das obras mais eruditas que alguma vez se fizeram exprime-se deste modo, na página 8, tomo I:

"Uma religião, uma sociedade que não esteja fundada sobre a crença em uma outra vida, deve ser sustentada por uma providência extraordinária. O judaísmo não está fundado sobre a crença em uma outra vida; logo, o judaísmo foi sustentado por uma providência extraordinária".

Muitos teólogos levantaram-se contra ele, e, como todos os argumentos são retorquíveis, retorquiram ao seu; disseram-lhe:

"Todas as religiões que não estiverem fundadas sobre o dogma da imortalidade da alma e sobre as penas e recompensas eternas são necessariamente falsas; ora, o judaísmo não conheceu este dogma; logo, o judaísmo, longe de haver sido sustentado pela Providência, era, segundo os vossos princípios, uma religião falsa e bárbara que ofendia a Providência".

Teve o bispo alguns outros adversários a sustentarem que a imortalidade da alma era conhecida entre os judeus, mesmo na época de Moisés; provou-lhes, contudo, com toda a evidência, que nem o Decálogo, nem o Levítico, nem o Deuteronômio continham uma só palavra acerca de semelhante crença, e que é ridículo querer-se torcer e falsear algumas passagens dos outros livros para se extrair uma verdade que não está anunciada no livro da lei.

O senhor bispo, tendo produzido quatro volumes para demonstrar que a lei judaica não propunha penas nem recompensas após a morte, nunca conseguiu responder aos seus adversários de maneira satisfatória. Diziam-lhe eles: "Ou bem que Moisés conhecia esse dogma, e nesse caso enganou os judeus, não o manifestando; ou bem que o ignorava, e nesse caso não sabia o bastante para fundar uma boa religião. Com efeito, se essa religião fosse boa, por que razão teria sido abolida? Uma religião verdadeira deve subsistir em todos os tempos e em todos os lugares; deve ser como a luz do sol, que ilumina todos os povos e todas as gerações".

Este prelado, não obstante o seu muito esclarecimento, experimentou certas dificuldades para se tirar de todos estes embaraços; mas qual sistema se mostra isento deles?

Segunda questão

Outro sábio, muito mais filósofo, que é um dos metafísicos mais profundos dos nossos dias, dá fortes razões para provar que o politeísmo foi a primeira religião dos homens e que se começou pela crença em numerosos deuses antes que a razão fosse suficientemente esclarecida para reconhecer apenas o único Ser Supremo.

Ouso acreditar, pelo contrário, que se começou por reconhecer um só Deus, para, em seguida, a fraqueza humana haver adotado vários; e eis como concebo as coisas.

É indubitável que houve pequenos burgos antes de serem construídas grandes cidades e que todos os homens estiveram divididos em pequenas repúblicas antes de se reunirem em grandes impérios. É natural que os habitantes de uma pequena povoação, aterrados pelo trovão, afligidos pela perda das suas searas, maltratados pela povoação vizinha, em toda a parte sentindo um poder invisível, tenham logo asseverado: "Há algo superior a nós que nos traz o bem e o mal".

Parece-me impossível que tenham afirmado: "Há dois poderes".

Pois, com efeito, por que vários? Em todos os gêneros se começa pelo simples, vem em seguida o composto e muitas vezes regressa-se ao simples por ação de luzes superiores. Tal é a marcha do espírito humano.

Qual foi o ser que primeiramente se invocou? Terá sido o sol? Terá sido a lua? Não creio. Examinemos o que se passa nas crianças; são, pouco mais ou menos, como homens ignorantes. Não são impressionadas nem pela beleza nem pela utilidade do astro que anima a natureza, nem pelo socorro que a lua nos presta, nem pelas variações regulares do seu curso; não pensam nisso, essas coisas lhes escapam. Não se adora, não se invoca, não se deseja apaziguar senão aquilo que se receia; todas as crianças vêem o céu com indiferença; mas que o trovão ribombe e logo tremem e se escondem. Os primeiros homens agiram sem dúvida da mesma maneira. Não podem ter existido então mais do que umas espécies de filósofos que reparassem no curso dos astros e os fizessem admirar e adorar, mas os agricultores simples e sem quaisquer luzes não sabiam o bastante para abraçarem erro tão nobre.

Nas aldeias, ter-se-ão limitado a comentar: "Há um poder que troveja, que neva sobre nós, que faz morrer os nossos filhos: apazigüemo-lo; mas como apaziguá-lo? Já observamos que, graças a pequenos presentes, pudemos acalmar a cólera de gentes irritadas; vamos pois dar pequenos

presentes a esse poder. Temos também de lhe dar um nome. O primeiro que se nos oferece é o de *chefe, senhor, amo;* este poder será portanto designado por *Meu Senhor.* Tal foi provavelmente o motivo por que os primeiros egípcios chamaram ao seu deus *Knef;* os sírios *Adonai;* os povos vizinhos, *Baal* ou *Bel,* ou *Melch,* ou *Moloch;* os citas, *Papa;* tudo palavras que significam *senhor, amo.*

Daí que se tenha encontrado a América partilhada por uma multidão de pequenos povos, cada qual com o seu deus protetor. Os próprios mexicanos e os peruanos, que constituíram grandes nações, adoravam um deus único; uns adoravam Manko Kapac, os outros, o deus da guerra. Os mexicanos davam ao seu deus guerreiro o nome de *Vitzliputzli,* tal como os hebreus haviam designado o seu por *Sabaoth.*

Não foi devido a qualquer razão superior e cultivada que todos os povos começaram, assim, a reconhecer uma divindade única. Se tivessem sido filósofos, teriam adorado o deus de toda a natureza e não o deus de uma aldeia; teriam examinado essas relações infinitas de todos os seres que provam a existência de um ser criador e conservador; mas nada examinaram, limitando-se a sentir. Tal é o progresso do nosso fraco entendimento; cada povoação sentia a sua fraqueza e a necessidade de um forte protetor. Imaginava que esse ente tutelar e terrível residia na floresta vizinha, ou sobre a montanha, ou em uma nuvem. Não imaginava mais do que um, porque a povoação não tinha mais do que um chefe na guerra. Imaginava-o corporal porque lhe era impossível representá-lo de outra maneira. Não podia acreditar que a povoação vizinha não tivesse também um deus próprio. Por isso Jefté diz aos habitantes de Moab: "Possuís legitimamente o que o vosso deus Chamos vos fez conquistar; deveis deixar-nos fruir o que nosso deus nos concedeu, mercê das suas vitórias".

Este discurso, dirigido por um estrangeiro a outros estrangeiros, é verdadeiramente notável. Os judeus e os moabitas haviam desapossado os naturais da região; uns e outros tinham como único direito o da força, e uns dizem aos outros: "O teu deus protegeu-te na tua usurpação, resigna-te a que o meu deus me proteja na minha".

Jeremias e Amós perguntam um ao outro "que razão teve o deus Melchom em apoderar-se do país de Gad". Parece evidente, por estas passagens, que a Antiguidade atribuía a cada país um deus protetor. Encontram-se traços desta teologia em Homero.

É natural que com o exaltar-se a imaginação dos homens e havendo o seu espírito adquirido conhecimentos confusos, a breve trecho multiplicassem os deuses e assinalassem protetores aos elementos, aos mares, às florestas, às fontes, aos campos. Quanto mais houverem examinado os astros, mais os terá tocado a admiração. Como não adorar o sol, quando se adora a divindade de um riacho? Dado o primeiro passo, em breve a terra se cobriu de deuses e, por fim, desce-se dos astros aos gatos e às cebolas.

No entanto, a razão acaba por se aperfeiçoar; finalmente, o tempo forma filósofos capazes de verificar que nem as cebolas, nem os gatos, nem mesmo os astros organizaram a ordem da natureza. Todos estes filósofos, babilônios, persas, egípcios, citas, gregos e romanos, admitem um Deus supremo, remunerador e vingador.

De início, não o dizem aos povos; pois, a quem quer que houvesse dito mal das cebolas e dos gatos ao pé das velhas e dos padres, tê-lo-iam lapidado; quem quer que houvesse reprovado a certos egípcios o hábito de comerem os seus deuses, teria sido comido ele próprio, como conta Juvenal de um egípcio que foi morto e comido cru durante uma disputa.

Que fizeram então? Orfeu e outros instituem mistérios, que os iniciados se comprometem, por juramentos execráveis, a não revelar, e o principal de tais mistérios é a adoração de um só Deus. Esta grande verdade penetra em meio mundo; o número de iniciados torna-se imenso. É verdade que a antiga religião continua a subsistir; mas, como não é contrária ao dogma da unidade de Deus, deixam-na subsistir. E porque haveriam de a abolir? Os romanos reconhecem o *Deus optimus maximus,* os gregos têm o seu *Zeus,* o seu deus supremo. Todas as outras divindades não passam de entes intermediários: colocam-se heróis e imperadores no escalão dos deuses, quer dizer, dos bem-aventurados; é, todavia, certo que Cláudio, Otávio, Tibério e Calígula não são olhados como os criadores do céu e da terra.

Numa palavra, parece provado que, no tempo de Augusto, todos os que tinham uma religião

reconheciam um Deus superior, eterno, e numerosas ordens de deuses secundários, cujo culto foi mais tarde designado por *idolatria*.

As leis dos judeus nunca haviam favorecido a idolatria; porque, conquanto admitissem os *malakhim*, os anjos, os seres celestes de uma ordem inferior, a sua fé não ordenava que essas divindades secundárias fossem objeto de culto entre eles.

Adoravam os anjos, é verdade, quer dizer, prosternavam-se quando os viam, mas, como isso não acontecia muitas vezes, não havia cerimonial nem culto legal estabelecido em seu favor. Os querubins arqueiros não recebiam homenagens. É fato assente que os judeus, pelo menos depois de Alexandre, adoravam abertamente um Deus único tal como a inumerável multidão de iniciados o adorava secretamente em seus mistérios.

Terceira questão

Foi nesse tempo em que o culto de um Deus supremo estava universalmente estabelecido entre todos os sábios, na Ásia, na Europa, na África, que nasceu a religião cristã.

O platonismo auxiliou muito a compreensão dos seus dogmas. O *Logos* que, em Platão, significava a sabedoria, a razão do Ser Supremo, torna-se entre nós o Verbo e uma segunda pessoa de Deus. Uma metafísica profunda e acima da razão humana, eis o santuário inacessível em que foi envolvida a religiaão.

Não repetiremos aqui como, em seqüência, Maria foi declarada a mãe de Deus, como se instituiu a consubstancialidade do Pai e do Filho, e a procissão *Pneuma*, do órgão divino do divino *Logos*, duas naturezas e duas vontades resultantes da hipóstase e, por fim, a manducação superior, a alma alimentada tal como o corpo pelos membros e sangue do Homem-Deus, adorado e comido sob a forma de pão, presente aos olhos, sensível ao gosto e não obstante reduzido a nada. Todos os sistemas foram sublimes.

Começou-se, no século segundo, por expulsar os demônios em nome de Jesus; noutros tempos, eram expulsos em nome de Jeová ou Ihaho; pois conta São Mateus que, havendo os inimigos de Jesus dito que este expulsava os demônios em nome do príncipe dos demônios, ele respondeu-lhes: "Se é por Belzebu que eu expulso os demônios, por quem o expulsam vossos filhos?"

Não se sabe em que época os judeus reconheceram como príncipe dos demônios Belzebu, que era um deus estrangeiro; mas sabe-se (e é Josefo que no-lo ensina) que havia em Jerusalém exorcizadores encarregados de expulsar os demônios dos corpos dos possessos, quer dizer, dos homens atacados de doenças singulares então atribuídas, em grande parte da terra, a gênios malfazejos.

Estes demônios eram, pois, expulsos com a verdadeira pronunciação de Jeová, hoje perdida, e com outras cerimônias, hoje esquecidas.

Esse exorcismo, através de Jeová ou de outros nomes de Deus, estava ainda em uso nos primeiros séculos da Igreja. Orígenes, discutindo contra Celso, diz-lhe (n.º 262): "Se, invocando Deus ou jurando por ele, o nomeamos como Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó, faremos certas coisas devido a esses nomes, cuja natureza e força são tais que os demônios se submetem àqueles que o pronunciam; mas, se o nomeamos com outro nome, como Deus do mar ruidoso, suplantador, tais nomes são desprovidos de virtude. O nome de Israel traduzido em grego nada poderá operar; mas pronunciai-o em hebreu, com os outros nomes necessários, e *operareis a* conjugação".

O mesmo Orígenes diz, ao número XIX, estas palavras notáveis: "Há nomes que naturalmente têm virtude, como os utilizados pelos sábios egípcios, pelos magos na Pérsia, pelos brâmanes da Índia. O que se designa por magia não é uma arte vã e quimérica, como pretendem os estóicos e os epicuristas; nem o nome de Sabaoth ou o de Adonai foram feitos por entes criados, antes pertencem a uma teologia misteriosa que se refere ao Criador; eis de onde emana a virtude desses nomes quando são compostos e pronunciados segundo as regras, etc.".

Ao falar assim, Orígenes não nos transmite o seu sentimento particular, antes se limita a exprimir uma opinião universal. Todas as religiões então conhecidas admitiam uma espécie de

magia; e distinguiam-se a magia celeste e a magia infernal, a necromancia e a teurgia: tudo era prodígio, adivinhação, oráculo. Os persas não negavam os milagres dos egípcios nem os egípcios os dos persas; Deus permitia que os primeiros cristãos fossem persuadidos pelos oráculos das sibilas, e consentia-lhes ainda alguns outros erros pouco importantes que não corrompiam o fundo da religião.

Outra coisa assaz notável é que os cristãos dos dois primeiros séculos abominavam os templos, os altares e as imagens. Confessa-o Orígenes, no n.º 374. Tudo se modificou com a disciplina, quando a Igreja recebeu uma forma fixa.

QUARTA QUESTÃO

Logo que uma religião se estabelece legalmente em um Estado, os tribunais tratam de impedir que seja renovada a maior parte das coisas que eram feitas nessa religião antes de ser publicamente recebida. Os fundadores reuniam-se em segredo, não obstante os magistrados; agora só são permitidas as assembléias públicas sob os olhares da lei e todas as associações não conformes com a lei são proibidas. A antiga máxima era que mais valia obedecer a Deus que seguir as leis do Estado. Só se ouvia falar de obsessões e de possessos, o diabo andava desencadeado sobre a terra: hoje, o diabo já não sai de casa. Os prodígios, as predições eram tão necessárias: deixaram de ser admitidos. Um homem que profetizasse calamidades nas praças públicas seria metido no hospital de loucos. Os fundadores recebiam secretamente dinheiro dos fiés; um homem que cobrasse fundos para sua disposição sem autorização legal ver-se-ia a conta com a justiça. Assim, deixam de ser usados os andaimes que serviram para construir o edifício.

QUINTA QUESTÃO

Depois da nossa santa religião, sem dúvida a única boa, qual seria a menos má?

Não seria a mais simples? Não seria a que ensinasse muita moral e poucos dogmas? A que se empenhasse em tornar os homens justos sem os tornar absurdos? A que não ordenasse a crença em coisas impossíveis, contraditórias, injuriosas para a Divindade e perniciosas para o gênero humano e não se atrevesse a ameaçar com penas eternas quem quer que tivesse um juízo normal? Não seria a que não sustentasse a sua crença com carrascos e não inundasse a terra com sangue por causa de sofismas ininteligíveis? Aquela em que um equívoco, um trocadilho e dois ou três supostos certificados não transformariam um padre tantas vezes incestuoso, homicida e assassino em soberano e Deus? A que não submetesse os reis a esse padre? A que unicamente ensinasse a adoração de um só Deus, a justiça, a tolerância e a humanidade?

SEXTA QUESTÃO

Foi afirmado que a religião dos gentílicos era absurda em muitos pontos, contraditória, perniciosa; mas não lhe terão imputado mais males do que os que fez e mais tolices do que as que pregou?

Pois ao ver Júpiter touro,
Serpente, cisne ou outra coisa qualquer,
Não acho isso nada belo
Nem me admiro que por vezes o comentem.

(Prólogo de *O Anfitrião)*

Tudo isto é, sem dúvida, muito importante; mas poderão mostrar-me em toda a Antiguidade um templo dedicado a Leda que dormiu com um cisne ou com um touro? Houve algum sermão pregado em Atenas ou em Roma encorajando as moças a fazerem filhos com os cisnes do seu patio? As fábulas recolhidas e enfeitadas por Ovídio constituem a religião? Não se assemelham à nossa *Legenda Dourada,* à nossa *Flor dos Santos?* Se algum brâmane ou algum derviche nos objetasse a história de Santa Maria Egipcíaca, que, não tendo com que pagar aos marinheiros que a haviam conduzido ao Egito, concedeu a cada um o que se chama favores, nós diríamos ao brâmane: "Estais enganado, reverendo padre, a nossa religião não é a *Legenda Dourada".*

Censuramos aos antigos os seus oráculos, os seus prodígios; se eles voltassem à vida e pudessem fazer a conta dos milagres de Nossa Senhora de Loreto e os de Nossa Senhora de Éfeso, a quem favoreceria o saldo final?

Os sacrifícios humanos, apesar de estabelecidos entre quase todos os povos, raramente foram postos em prática. Imolados, entre os judeus, só temos a filha de Jefté e o Rei Agag, pois não o foram Isaac e Jônatas. A história de Ifigênia não está bem esclarecida, no que concerne aos gregos; e entre os antigos romanos rarearam muito os sacrifícios humanos. Em suma, a religião pagã pouco sangue fez verter e a nossa cobriu a terra de sangue. A nossa é seguramente a única boa, a única verdadeira; mas tanto mal temos feito por seu intermédio que devemos ser modestos quando falamos das outras.

Sétima questão

Se um homem quiser persuadir da sua religião compatriotas ou estrangeiros, não deverá fazer uso da mais insinuante das doçuras e da mais aliciante das moderações? Se começa por dizer que aquilo que anuncia está demonstrado, deparará com uma multidão de incrédulos; se ousa afirmar que esses incrédulos só rejeitam a sua doutrina na medida em que ela lhes condena as paixões, que neles o coração corrompeu o espírito, que não têm senão uma razão falsa e orgulhosa, revolta-os, anima-os contra si e por si mesmo arruína o que pretendia instituir.

Se a religião que anuncia é verdadeira, torná-la-ão mais verdadeira a cólera e a insolência? Encolerizai-vos quando afirmais que é preciso ser pacífico, paciente, benfazejo, justo, cumpridor de todos os deveres da sociedade? Não, pois que toda a gente é da vossa opinião. Então por que motivo proferis injúrias contra o vosso semelhante, quando lhe pregais uma metafísica misteriosa? É que o seu senso irrita o vosso amor próprio. Tendes o orgulho de exigir que o vosso semelhante submeta a sua inteligência à vossa; o orgulho humilhado produz a cólera, que outra fonte não tem. Um homem ferido por vinte tiros de espingarda numa batalha não se encoleriza. Mas um doutor ferido pela recusa de um sufrágio torna-se furioso e implacável.

Oitava questão

Não será necessário separar cuidadosamente a religião do Estado e a religião teológica?[104] A do Estado exige que os imas conservem o registro dos circuncidados e os curas ou pastores, o registro dos batizados; que haja mesquitas, igrejas, templos, dias consagrados à adoração e ao repouso, ritos estabelecidos pela lei; que os ministros de tais ritos gozem de consideração mas não de poder; que ensinem os bons costumes ao povo e que os ministros da lei vigiem os costumes dos ministros dos templos. Esta religião do Estado em nenhuma circunstância poderá causar perturbação.

Não é assim com a religião teológica; esta é a nascente de todas as tolices e de todas as

[104] A necessidade de uma rigorosa separação entre as igrejas e o Estado é sempre insistentemente invocada por Voltaire. Vide p. ex. o capítulo "Leis civis e leis eclesiásticas". (N. dos T.)

perturbações imagináveis; é a mãe do fanatismo e da discórdia civil; é a inimiga do gênero humano. Um bonzo pretende que Fo é um deus; que foi batizado pelos faquires; que nasceu de um elefante branco; que cada bonzo pode produzir um Fo, à custa de caretas. Um macacão sustenta que Fo foi um santo homem cuja doutrina os bonzos corromperam e que Samonocodão é que é o deus verdadeiro. Após cem argumentos e cem desmentidos, as duas facções concordam em confiar o pleito à solução do dalai-lama, que habita a trezentas léguas da região e que é imortal e mesmo infalível. As duas facções enviam-lhe uma deputação solene. O dalai-lama começa, segundo o divino uso que lhe é próprio, por distribuir entre eles o seu bacio.

As duas seitas recebem o bacio com igual respeito, secam-no ao sol e envolvem-no em pequenos rosários que beijam devotamente; todavia, mal o dalai-lama e o seu conselho se pronunciam em nome de Fo, logo o partido condenado atira os rosários ao nariz do vice-deus e intenta aplicar-lhe cem bons golpes de azorrague. O outro partido defende o seu lama, de quem recebeu boas terras; ambos se batem longamente; e quando ficam cansados de se exterminarem, de se assassinarem, de se envenenarem reciprocamente, trocam ainda pesadas injúrias; e o dalai-lama a rir-se: e ei-lo que mais uma vez distribuiu o seu bacio a quem quer que deseje receber as dejeções do bom pai lama.

Ressurreição

I

Conta-se que os egípcios construíram as pirâmides apenas porque as queriam usar como túmulos e que os seus corpos embalsamados por dentro e por fora aguardassem que as respectivas almas viessem reanimá-los ao cabo de mil anos. Todavia, se os corpos deviam ressuscitar, por que motivo é que a primeira operação dos embalsamadores consistia em abrir-lhes o crânio com um gancho e tirar-lhes o cérebro? A idéia de ressuscitar sem cérebro deixa suspeitar (se é lícito usar este termo) que os egípcios não o tinham em vida; convém, no entanto, considerar que a maior parte dos antigos acreditava que a alma residisse no peito. E por que motivo estaria a alma no peito, de preferência a outro sítio qualquer? É que, com efeito, em todos os sentimentos um tanto violentos experimenta-se na região do coração uma dilatação ou um aperto que leva a pensar que é ali a morada da alma. Esta alma era algo de aéreo, uma figura ligeira que passeava por onde podia até que reencontrava o seu corpo.

A crença na ressurreição é muito mais antiga que os tempos históricos. Atálida, filha de Mercúrio, podia morrer e ressuscitar conforme lhe aprouvesse; Esculápio restituiu a vida a Hipólito, Hércules e Alceste: Pélops cortado aos bocados por seu pai foi ressuscitado pelos deuses. Platão conta que Heres ressuscitou somente por quinze dias.

Entre os judeus, os fariseus adotaram o dogma da ressurreição muito tempo depois de Platão.

Há nos Atos dos Apóstolos um fato bem singular e digno de atenção. São Tiago e muitos dos seus companheiros aconselham São Paulo a dirigir-se ao templo de Jerusalém para observar todas as cerimônias da antiga lei, apesar de ser tão cristão, "a fim de que todos saibam", dizem eles, "que aquilo que se diz de nós é falso e que continuais a guardar a Lei de Moisés". Isto é o mesmo que dizer claramente: "Ide mentir, ide perjurar, ide renegar publicamente a religião que ensinais".

São Paulo dirigiu-se, pois, ao templo onde permaneceu sete dias, mas ao sétimo foi reconhecido. Acusam-no de ter vindo com estrangeiros e de haver profanado o templo. Eis como ele conseguiu resolver a situação:

"Ora, sabendo Paulo que uma parte dos que ali se encontravam era formada por saduceus e a outra por fariseus, gritou na assembléia: Irmãos, eu sou fariseu e filho de fariseus; é por causa

da esperança numa outra vida e na ressurreição que querem condenar-me". A ressurreição dos mortos nada tinha a ver com o caso; Paulo invocava-a apenas para acicatar, uns contra os outros, fariseus e saduceus.

V. 7. "Assim falou Paulo e logo se desencadeou a discórdia entre fariseus e saduceus e a assembléia ficou dividida."

V. 8. "Pois que os saduceus dizem que não há ressurreição, nem anjo, nem espírito, ao passo que os fariseus reconhecem quer um, quer outro, etc."

Houve quem pretendesse que Jó — personagem muito antigo — conhecia o dogma da ressurreição. Citam-se estas palavras: "Sei que o meu redentor está vivo e que um dia ou a sua redenção pairará sobre mim ou eu me levantarei da poeira, que a minha pele voltará e que eu tornarei a ver Deus na minha carne".

Contudo, muitos comentadores entendem estas palavras com o significado de que Jó espera recompor-se em breve da doença e não permanecer para sempre prostrado sobre a terra como então estava. O seguimento prova suficientemente que esta é a verdadeira explicação: com efeito, no momento seguinte, Jó grita para os seus falsos e duros amigos: "Por que motivo então dizeis vós: Perseguimo-lo?" ou então: "Porque vós direis: Porque o temos perseguido". Não quererá isto dizer com toda a evidência: "Haveis de vos arrepender de me terdes ofendido quando voltardes a ver-me no meu primeiro estado de saúde e opulência"? Um doente que diz: "Hei de levantar-me", não quer dizer: "Hei de ressuscitar". Atribuir sentidos forçados a passagens claras é o meio mais seguro de nunca nos entendermos ou de sermos olhados como pessoas de má fé pela gente honesta.

São Jerônimo situa o nascimento da seita dos fariseus muito pouco tempo antes de Jesus Cristo. O Rabino Hittel, que passa por ser o fundador da seita farisaica, era contemporâneo de Gamaliel, o mestre de São Paulo.

Muitos destes fariseus acreditavam que só os judeus ressuscitariam e que não valia a pena ressuscitarem os restantes homens. Outros sustentaram que só na Palestina seria possível ressuscitar e que os corpos enterrados fora dessa região seriam transportados em segredo até junto de Jerusalém para se reunirem às suas almas. Contudo, São Paulo, ao escrever aos habitantes de Tessalônica, diz-lhes que "a segunda vinda de Jesus Cristo é para eles e para ele, que a testemunharão".

V. 16. "Porque, logo que o sinal seja dado pelo arcanjo e pela trombeta de Deus, o Senhor mesmo descerá do céu e os que houverem morrido em Jesus Cristo serão os primeiros a ressuscitar."

V. 17. "Pois nós que estamos vivos e até então permaneceremos, seremos levados com eles nas nuvens, para comparecermos ante o Senhor no meio do ar, e assim viveremos para sempre com o Senhor."[105]

Esta passagem importante não provará com evidência que os primeiros cristãos contavam assistir ao fim do mundo, previsto por São Lucas para a própria época em que São Lucas viveu? É certo que não assistiram ao fim do mundo e que ninguém ressuscitou desde essa altura, mas o que é adiado não está perdido.

Santo Agostinho acredita que as crianças, e mesmo as crianças nado-mortas, ressuscitarão na idade madura. Os Orígenes, Jerônimo, Atanásio, Basílio não acreditaram que as mulheres devessem ressuscitar conservando o seu sexo.

Enfim, sempre se discutiu sobre o que fomos, sobre o que somos, sobre o que seremos.

II

O Padre Malebranche prova a ressurreição invocando as lagartas que se transformam em borboletas. Semelhante prova é, como se vê, tão ligeira quanto as asas dos insetos que ela vai bus-

[105] *Epístola aos Tessalonicenses*, cap. IV. (N. dos T.)

car. Pensadores com propensão para o cálculo formulam objeções aritméticas contra esta verdade tão bem provada. Afirmam que os homens e os outros animais se alimentam realmente e recebem o crescimento da substância dos seus predecessores. O corpo humano reduzido a poeira, espalhado no ar e caindo sobre a superfície da terra, torna-se legume ou trigo. Assim, Caim comeu uma parte de Adão; Enoch alimentou-se de Caim; Irad, de Enoch; Maviael, de Irad; Matusalém, de Maviael; e verifica-se que nenhum de nós deixou de engolir uma pequena porção do nosso primeiro pai. Por isso se disse que somos todos antropófagos. Nada é mais apreensível, após uma batalha; não só matamos os nossos irmãos como, ao fim de dois ou três anos, os comemos a todos, quando se faz a colheita no campo de batalha; e seremos assim comidos sem dificuldade, chegando a nossa vez. Ora, quando for preciso ressuscitar, como restituiremos a cada qual o corpo que lhe pertencia, sem perda do nosso?

Eis o que dizem aqueles que desconfiam da ressurreição; todavia, os ressuscitadores têm respondido com muita pertinência.

Um rabino chamado Samai demonstra a ressurreição mediante esta passagem do *Êxodo:* "Apareci a Abraão, a Isaac e a Jacó; e prometi sob juramento dar-lhes a terra de Canaã". Ora, Deus, não obstante o seu juramento, afirma este grande rabino, não lhes deu a tal terra; logo, hão de ressuscitar para a poderem fruir e ser cumprido o juramento.

O profundo filósofo Dom Calmet encontra nos vampiros uma prova bem mais concludente. Viu alguns desses vampiros que saíam dos cemitérios para irem sugar o sangue das pessoas adormecidas; é claro que não poderiam sugar o sangue dos vivos, se ainda estivessem mortos; logo, haviam ressuscitado: eis o que é peremptório.

Outra coisa também certa é que todos os mortos, no dia do julgamento, hão de marchar sob a terra como toupeiras, segundo o que reza o Talmud, para comparecerem no Vale de Josafá, que se situa entre a cidade de Jerusalém e o monte das Oliveiras. O aperto nesse vale será grande; mas não há senão que reduzir os corpos proporcionalmente, como os diabos de Milton na sala do Pandemonium.

Esta ressurreição far-se-á ao som de trombetas, ao que nos diz São Paulo. Serão necessariamente precisas muitas trombetas, pois o próprio trovão não é ouvido a mais de três ou quatro léguas em redor. Pergunta-se quantas trombetas haverá, os teólogos ainda não fizeram o cálculo; mas hão de fazê-lo.

Afirmam os judeus que a rainha Cleópatra, sem dúvida crente na ressurreição como todas as damas desse tempo, perguntou a um fariseu se se ressuscitaria nu. Respondeu-lhe o doutor que estaremos muito bem vestidos, pela mesma razão por que o trigo semeado, morto dentro da terra, ressuscita em espiga com vestido e barbelas. Este rabino era um teólogo excelente; raciocinava como Dom Calmet.

S

Seita

Qualquer seita, de qualquer gênero, é sempre a aliança da dúvida e do erro. Escotistas, tomistas, realistas, nominalistas, papistas, calvinistas, molinistas e jansenistas, tudo isto são nomes de guerra.

Não há seitas em geometria; ninguém se refere a euclidianos, a arquimedianos.

Quando a verdade é evidente, torna-se impossível a formação de partidos e facções. Nunca se discutiu sobre se é dia claro ao meio-dia.

Uma vez conhecida a parte da astronomia que determina o curso dos astros e a regularidade dos eclipses, deixou de haver disputas entre os astrônomos.

Ninguém diz em Inglaterra: "Sou newtoniano", ou "sou lockiano", ou "halleyano"; e por quê? Porque, quem quer que os tenha lido, não pode recusar assentimento às verdades ensinadas por esses três grandes homens. Quanto mais Newton é respeitado, menos há quem se intitule newtoniano; esta palavra faria supor a existência de antinewtonianos em Inglaterra. Temos ainda

talvez alguns cartesianos em França, unicamente porque o sistema de Descartes é um tecido de imaginações errôneas e ridículas.

O mesmo sucede com o reduzido número de verdades de fato que estão bem verificadas. As atas da Torre de Londres foram recolhidas autenticamente por Rymer mas não existem rymeristas, pois ninguém se propõe combater a recolha. Não se encontram aí contradições, nem absurdos, nem prodígios: nada que revolte a razão, nada, por conseguinte, que sectários se esforcem por sustentar ou derrubar mercê de raciocínios absurdos. Toda a gente convém, pois, em que as Atas de Rymer são dignas de fé.

Sois maometano, logo há pessoas que o não são, logo pode acontecer que não estejais dentro da razão.

Que religião seria a verdadeira, se o cristianismo não existisse? Aquela em que não há seitas, aquela em que há o acordo necessário de todos os espíritos.

Ora, em que dogma se verifica a concordância de todos os espíritos? Na adoração de um Deus e na probidade. Todos os filósofos da terra que tiveram uma religião disseram, em todos os tempos: "Há um Deus e é preciso ser-se justo". Tal é a religião universal, estabelecida em todos os tempos e entre todos os homens.

Portanto, é verdadeiro o ponto sobre que todos concordam e falsos os sistemas sobre que diferem.

"A minha seita é a melhor", diz-me um brâmane. Mas, meu amigo, se a tua seita for boa, será necessária, pois, se não fosse absolutamente necessária, tens de confessar que seria inútil; e sendo absolutamente necessária, sê-lo-á para todos os homens; como pode acontecer que todos os homens não tenham algo que lhes é absolutamente necessário? Como pode acontecer que o resto do mundo zombe de ti e do teu Brama?

Quando Zoroastro, Hermes, Orfeu, Minos e todos os grandes homens dizem: "Adoremos Deus e sejamos justos", ninguém ri, mas todo o mundo apupa aquele que pretende que não podemos agradar a Deus a menos que seguremos à hora da morte uma cauda de vaca ou aquele que liga a salvação eterna a ossos de mortos que se trazem sob a camisa ou a uma indulgência plena que se compra em Roma por dois soldos e meio.

De que resulta este universal concurso de risadas e apupos que cobre o mundo, de um extremo a outro? Impõe-se que as coisas de que o mundo se ri não sejam de uma verdade bem evidente. Que diremos de um secretário de Séjano que dedicou a Petrônio um livro em estilo empolado com o título: *"A Verdade dos Oráculos Sibilinos, Provada pelos Fatos"*?

Esse secretário prova-nos primeiro que era necessário que Deus enviasse à terra grande número de sibilas, umas atrás das outras, pois não havia outros meios de instruir os homens. Está demonstrado que Deus falava a essas sibilas, porquanto a palavra *sibila* significa *conselho de Deus*. Deviam elas viver durante muito tempo, uma vez que esse seria o menor privilégio devido a pessoas com quem Deus fala. Foram em número de doze, pois esse número é sagrado. Haviam seguramente profetizado todos os acontecimentos mundanos, dado que Tarquínio, o Soberbo, comprou por cem escudos a uma velha três dos seus livros. Que incrédulo, acrescenta o secretário, ousará negar todos estes fatos evidentes que se passaram num canto, à face de toda a terra? Quem poderá negar o cumprimento das suas profecias? Embora não estejamos na posse dos exemplares originais dos livros sibilinos, não é certo que dispomos de cópias autênticas? A impiedade tem de se calar perante estas provas. Assim falava Houttevillus a Séjano. Contava obter um lugar de áugure que lhe valeria cinqüenta mil libras de renda e não teve coisa nenhuma.

"O que a minha seita ensina é obscuro, reconheço-o", afirma um fanático; "e é em virtude dessa obscuridade que se deve crer na seita, pois ela própria se afirma cheia de obscuridades. A minha seita é extravagante, logo é divina; pois como seria possível que fosse abraçado por tantos povos aquilo que parece uma tal loucura se não houvesse aí algo de divino? É precisamente como o Alcorão que os Sonitas dizem ter um rosto de anjo e um rosto bestial; não vos escandalizeis com o focinho da besta e venerai o rosto do anjo." Assim fala semelhante insensato; mas um fanático de uma outra seita replica: "Tu és a besta e eu sou o anjo".

Ora, quem julgará este processo? Quem decidirá entre estes dois energúmenos? O homem racional, imparcial, sábio de uma ciência que não é a das palavras; o homem isento de preconceitos e amante da verdade e da justiça; enfim, o homem que não é besta nem acredita ser anjo.

Senhor

Como foi possível a um homem tornar-se senhor de outro homem e por que espécie de incompreensível magia pôde esse homem tornar-se senhor de muitos mais homens? Sobre este fenômeno escreveu-se um grande número de bons volumes mas eu dou preferência a uma fábula indiana porque é curta e porque nas fábulas tudo ficou dito.

"Adimo, pai de todos os homens, teve dois filhos e duas filhas de sua mulher Procriti. O mais velho era um gigante vigoroso, o mais novo, um pequeno corcunda, e as duas filhas eram bonitas. Logo que o gigante sentiu a sua força, dormiu com as irmãs e fez-se servir pelo pequeno corcunda. Das duas irmãs, uma veio a ser a sua cozinheira, a outra, a sua jardineira.

"Quando queria dormir, o gigante começava por acorrentar a uma árvore o irmãozinho corcunda; e, se este fugia, alcançava-o em quatro pernadas e dava-lhe vinte golpes com um nervo de boi.

"O corcunda tornou-se submisso e o melhor súdito do mundo. O gigante, satisfeito por o ver cumprir os deveres de súdito, permitiu-lhe dormir com uma das irmãs, de que se desgostara. As crianças que resultaram deste casamento, sem serem corcundas, eram de envergadura assaz contrafeita e foram educadas no temor de Deus e do gigante. Receberam uma excelente educação; ensinaram-lhes que o seu enorme tio era gigante por direito divino e podia fazer o que lhe agradasse de toda a família; que, se tivesse alguma sobrinha ou segunda sobrinha bonita, seria só para si e ninguém poderia dormir com ela senão quando ele se fartasse.

"Falecido o gigante, o seu filho, que, de longe, não era tão forte nem tão grande, acreditou, todavia, que era gigante de direito divino, como o pai. Quis fazer trabalhar para si todos os homens e deitar-se com todas as raparigas. A família coligou-se contra ele, foi sovado e implantou-se a república."

Os siameses pretendem, pelo contrário, que a família começou por ser republicana e que o gigante só surgiu depois de um bom par de anos e de dissensões; porém, todos os autores de Benarés e do Sião convêm em que os homens viveram uma infinidade de séculos antes de terem espírito para fazer leis; e provam-no com o argumento, sem réplica, de que, mesmo hoje, quando toda a gente se orgulha de ter espírito, não se achou maneira de elaborar uma vintena de leis aceitavelmente boas.

É ainda, por exemplo, questão insolúvel nas Índias apurar se as repúblicas foram estabelecidas antes ou depois das monarquias, se a confusão deveria parecer aos homens mais horrível que o despotismo. Ignoro o que tenha sucedido na sucessão dos tempos; mas, na da natureza, impõe-se-nos convir que, nascendo os homens todos iguais, a violência e a habilidade fizeram os primeiros senhores; as leis fizeram os seguintes.

Sensação

Diz-se que as ostras têm dois sentidos; as toupeiras, quatro; os outros animais como os homens, cinco; algumas pessoas admitem um sexto, mas é evidente que a sensação voluptuosa a que querem aludir se reduz ao sentido do tato; o nosso quinhão são pois, cinco sentidos. Para além destes, é-nos impossível imaginar e desejar outros.

Pode acontecer que em outros globos haja sentidos de que não temos idéia; pode ser que o número dos sentidos aumente de globo para globo e que o ser que disponha de sentidos inúmeros e perfeitos seja o termo de todos os seres.

Mas nós, com os nossos cinco órgãos, que poder é o nosso? Sentimos sempre, não obstante a nossa vontade e nunca porque o queremos; é-nos impossível não ter a sensação que a nossa natureza nos destina, quando o objeto nos impressiona. O sentimento está em nós mas não depende de nós. Recebemo-lo; e como o recebemos? Sabe-se que não há qualquer relação entre o ar batido, as palavras que me cantam e a impressão que essas palavras provocam no meu cérebro.

Maravilhamo-nos com o pensamento; mas o sentimento não é menor maravilha. Um poder divino se manifesta na sensação do último dos insetos, tanto como no cérebro de Newton. No entanto, milhares de animais podem morrer à vossa vista sem que vos inquieteis com o destino da sua faculdade de sentir, conquanto essa faculdade seja obra do ser dos seres; para vós, são como máquinas da natureza, nascidas para perecer e dar lugar a outras.

Por que e como subsistiria a sensação desses animais quando deixam de existir? Que necessidade teria o autor de tudo o que existe de conservar propriedades cujo sujeito é destruído? Seria o mesmo que dizer que o poder de a planta chamada sensitiva retirar as folhas para os ramos subsiste ainda quando a planta já não existe. Ides sem dúvida perguntar como é que, perecendo as sensações dos animais quando estes perecem, não perecerá o pensamento do homem. Não posso responder à questão pois não sei o suficiente para a resolver. Só o autor eterno da sensação e do pensamento sabe como os dá e como os conserva.

Toda a Antiguidade sustentou que nada existe no nosso entendimento que não tenha existido nos nossos sentidos. Descartes pretendeu, nos seus romances, que tínhamos idéias metafísicas antes de conhecermos as tetas da nossa ama; uma Faculdade de teologia proscreveu este dogma não porque fosse um erro mas porque era uma novidade: em seguida adotou esse erro, porque fora destruído por Locke, filósofo inglês, e convinha que um inglês não tivesse razão. Enfim, depois de haver mudado de opinião tantas vezes, a Faculdade volta a prescrever a antiga verdade de que os sentidos são as portas do entendimento. Procedeu como os governos endividados que ora dão curso a certas notas ora as denegam; mas depois de muito tempo ninguém quer notas daquela Faculdade.

Nem todas as faculdades do mundo conseguirão impedir os filósofos de observar que começamos por sentir e que a nossa memória não é senão uma sensação continuada. Um homem que nascesse privado dos seus cinco sentidos, privado estaria de qualquer idéia, se pudesse viver. As noções metafísicas somente nos chegam através dos sentidos; pois, com efeito, como medir um círculo ou um triângulo, sem nunca se ter visto ou tocado um círculo ou um triângulo? Como formar uma idéia perfeita do infinito senão mediante o afastamento dos limites? E como estabelecer limites sem os haver contemplado ou sentido?

A sensação envolve todas as nossas faculdades, diz um grande filósofo. [106]

Que se deve concluir de tudo isto? Vós que sabeis ler e que pensais, tirai conclusões.

Os gregos tinham inventado a faculdade *Psyché* para as sensações, e a faculdade *Nous* para os pensamentos. Infelizmente ignoramos o que sejam essas duas faculdades; temo-las, mas a sua origem não a conhecemos melhor que a ostra, a urtiga-do-mar, o pólipo, os vermes e as plantas. Por que inconcebível mecanismo o sentimento existe em todo o meu corpo e o pensamento só existe na minha cabeça? Se vos cortarem a cabeça, tudo levará a crer que não sejais capaz de resolver um problema de geometria: no entanto, a vossa glândula pineal, o vosso corpo caloso, em que se aloja a vossa alma, subsistem por muito tempo sem alteração; a vossa cabeça cortada continua tão cheia de espíritos animais que, freqüentes vezes, salta depois de ser separada do tronco: parece que deveria ter nesse momento idéias muito vivas e assemelhar-se à cabeça de Orfeu, que continuava a produzir música e a cantar para Eurídice quando a atiravam para as águas do Ebro.

Se deixais de pensar quando deixais de ter cabeça, de onde resulta que o vosso coração seja sensível quando é arrancado?

Podeis dizer-me que sentis porque todos os nervos têm origem no cérebro; e, no entanto, se sois trepanado, e se vos queimam o cérebro, nada sentis. As pessoas que sabem as razões de tudo isto são muito espertas.

[106] Condillac, *Tratado das Sensações*. (N. dos T.)

Senso Comum

Existe por vezes nas expressões vulgares uma imagem do que se passa no fundo do coração de todos os homens. *Sensus communis* significa, entre os romanos, não só senso comum mas também humanidade, sensibilidade.

Como não valemos os romanos, a expressão significa entre nós apenas metade do que significa entre eles. Significa tão-só bom senso, razão grosseira, razão inicial, primeira noção das coisas ordinárias, estado médio entre a estupidez e a agudeza de espírito. "Esse homem não tem o senso comum" corresponde a injúria grossa. "Esse homem tem o senso comum" é uma injúria também; quer isto dizer que não é absolutamente estúpido e que carece daquilo a que se chama agudeza de espírito. Porém, de onde pode derivar a expressão senão dos sentidos? Quando inventaram esta expressão, os homens confessaram que nada entra na alma senão pelos sentidos; de outra maneira, como teriam empregado a palavra *senso* para significar raciocínio comum?

Por vezes diz-se: "O senso comum é muito raro"; que significa esta frase? Significa que em muitos homens a razão inicial é travada no seu progresso por alguns preconceitos; e que esse homem, capaz de sãos juízos sobre determinado assunto, se enganará grosseiramente acerca de outros. O árabe, que será um bom calculador, um sábio químico, um astrônomo exato, acreditará no entanto que Maomé tem metade da lua escondida na manga.

Que motivos o levarão a ir além do senso comum nas três ciências a que me referi, e a ficar abaixo do senso comum quando se trata da metade da lua? É que, nos primeiros casos, viu com os próprios olhos, aperfeiçoou a inteligência; e no segundo viu pelos olhos de outrem, fechou os seus, perverteu o senso comum que em si existe.

Como é possível que se opere esta estranha reviravolta do espírito? Como é possível que as idéias que marcham no cérebro com passo tão regular e tão firme, quanto a grande número de objetos, falhem tão miseravelmente quando se trata de outro mil vezes mais palpável e mais fácil de compreender? Um tal homem conserva em si os mesmos princípios de inteligência; torna-se, pois, necessário que haja um órgão viciado, como acontece por vezes que o mais fino dos gastrônomos possa ter o gosto depravado no que respeita a uma espécie particular de comida.

Como se viciou o órgão desse árabe que vê metade da lua na manga de Maomé? Por efeito do medo. Foi-lhe dito que, se não acreditasse na história da manga, a sua alma logo após a morte, ao passar na ponte estreita, tombaria para sempre no abismo; foi-lhe dito algo de bem pior: "Se alguma vez duvidares da manga, um derviche te designará como ímpio; outro te provará que és insensato, pois, tendo todos os motivos possíveis de credibilidade, não quiseste submeter a tua razão soberba à evidência; um terceiro te pronunciará ante o insignificante divã de uma insignificante província e serás legalmente empalado".

Tudo isto põe em terror pânico o bom do árabe, a sua mulher, a irmã e todo o resto da família. Têm bom senso sobre tudo o mais mas quanto a este artigo a sua imaginação está ferida, como a de Pascal, que via continuamente um precipício junto da sua cadeira. Mas acreditará o nosso árabe, com efeito, na manga de Maomé? Não; esforça-se por crer; diz: "Isto é impossível mas é verdade; creio no que não creio". Forma-se na sua cabeça, acerca da manga, um caos de idéias que receia deslindar; e eis o que verdadeiramente não tem o senso comum.

Sonhos

Somnia, quae mentes ludunt volitantibus umbris,
Non delubra deum nec ab aethere numina mittunt,
Sed sibi quisque facit.[107]

[107] Os sonhos, que iludem as mentes com sombras esvoaçantes, não os enviam do éter, qual um deus, nem os ídolos nem as divindades, mas qualquer um os fabrica para si. (N. do E.)

Mas como é possível que, estando todos os sentidos mortos durante o sono, haja um outro, interno, que se mantém vivo? Como é que, não vendo os vossos olhos, não escutando os vossos ouvidos, vós podeis, no entanto, ver e ouvir em sonhos? O cão anda à caça em sonhos; ladra, segue a presa, ceva-se. O poeta faz versos enquanto dorme; o matemático vê figuras; o metafísico raciocina, bem ou mal; de tudo isto, há exemplos gritantes.

Serão apenas os órgãos da máquina que agem? Será a pura alma que, subtraída ao império dos sentidos, goza dos seus direitos em liberdade?

Se apenas os órgãos produzem os sonhos noturnos, qual a razão por que não produzem com exclusividade as idéias diurnas? Se a pura alma, tranqüila durante o repouso dos sentidos, agindo por si só, é a causa única, o sujeito único de todas as idéias que tendes enquanto dormis, qual a razão por que todas essas idéias são quase sempre irregulares, irrazoáveis, incoerentes? Como! pois no momento em que essa alma se encontra menos perturbada é que há maior perturbação em todas as imaginações! Livre, enlouquece! Se houvesses nascido já com idéias metafísicas, como afirmaram tantos escritores que sonhavam de olhos abertos, as suas idéias puras e luminosas do ser, do infinito, de todos os princípios primeiros deveriam despertar nela com a maior das energias quando o corpo adormece: só em sonhos se conseguiria ser bom filósofo.

Qualquer que seja o sistema que perfilheis, quaisquer que sejam os vãos esforços que possais empreender para provardes a vós próprios que a memória agita o vosso cérebro e que o vosso cérebro agita a vossa alma, deveis convir em que todas as vossas idéias chegam a vós durante o sono, sem vós e mau grado vosso; a vossa vontade não intervém aí. É certo, portanto, que podeis pensar sete ou oito noites de seguida sem a menor vontade de pensar e até sem que estejais seguros de pensar. Pesai isto e tentai adivinhar em que consiste o composto do animal.

Os sonhos sempre foram um grande objeto de superstição. Nada mais natural! Um homem vivamente tocado pela doença da amante sonha que a vê moribunda; no dia seguinte, ela morre: logo, os deuses predisseram-lhe esta morte.

Um general sonha que ganha uma batalha; ganha-a, com efeito: logo, os deuses advertiram-no que seria vencedor.

Só atendemos os sonhos que se cumpriram; os outros, esquecem-se; os sonhos constituem grande parte da história antiga, tal como os oráculos.

A *Vulgata* traduz deste modo o final do versículo 26 do capítulo XIX do *Levítico:* "Não observareis os sonhos". Mas a palavra *sonho* não existe em hebreu e seria assaz estranho que fosse reprovada a observância dos sonhos no mesmo livro em que se diz que José se torna benfeitor do Egito por haver explicado três sonhos.

A explicação dos sonhos era algo de tão comum, que não se circunscrevia à intelecção do sonho: era preciso também, por vezes, adivinhar o que o outro homem tinha sonhado. Nabucodonosor, que esquecera um sonho, ordenou aos seus magos que o adivinhassem, ameaçando-os de morte se não tivessem êxito; porém, o judeu Daniel, que era da escola dos magos, salvou-lhes a vida, adivinhando e interpretando o sonho do rei. Esta história e muitas outras poderiam servir de prova de que a lei dos judeus não proibia a oniromancia, quer dizer, a ciência dos sonhos.

Superstição

I

Capítulo tirado de Cícero, de Sêneca e de Plutarco

Quase tudo o que transcende a adoração de um Ente supremo e a submissão do coração às suas ordens eternas constitui superstição. Uma das mais perigosas consiste no perdão de crimes ligados a certas cerimônias,

Et nigras mactant pecudes, et manibus divis
Inferias mittunt.
Ah! nimium faciles qui tristia crimina caedis
Fluminea tolli posse putatis aqua![108]

E vós pensais que Deus esquecerá o vosso homicídio se vos banhardes num rio, se imolardes uma ovelha preta, ou se sobre vós forem pronunciadas certas palavras. Um segundo homicídio ser-vos-á, pois, perdoado pelo mesmo preço, e um terceiro, e cem assassinatos custar-vos-ão apenas cem ovelhas negras e cem abluções! Fazei melhor, miseráveis humanos: nada de mortes e nada de ovelhas pretas.

Que infame idéia é imaginar-se que um padre de Isis e de Cibele, tocando címbalos e castanholas, vos reconciliará com a Divindade! E quem é esse padre de Cibele, esse eunuco errante que vive das vossas fraquezas, para se instituir como mediador entre o céu e vós? Para resmonear algumas palavras? E acreditais que o Ser dos seres ratifica o palavreado desse charlatão?

Há superstições inocentes: se quereis dançar nos dias de festa em honra de Diana ou de Pomona, ou de qualquer desses deuses secundários de que está cheio o vosso calendário, fazei-o em boa hora. A dança é muito agradável, é útil ao corpo, consola a alma, não faz mal a ninguém; mas não deveis acreditar que Pomona e Vertuna ficam a dedicar-vos muita estima pelos vossos saltos em sua honra ou que vos punirão se não houver da vossa parte o cumprimento da cerimônia. Além da pá e da enxada do jardineiro não há outra Pomona ou outra Vertuna. Não haveis de ser suficientemente imbecis para acreditardes que o vosso jardim gelará por não terdes dançado a *pirrica* e a *cordacia*.*

Talvez haja uma superstição perdoável e capaz de estimular a virtude: referimo-nos à que consiste em colocar entre os deuses os grandes homens que foram benfeitores do gênero humano. Seria melhor, sem dúvida, que as pessoas se limitassem a olhá-los simplesmente como homens veneráveis e, sobretudo, que tratassem de os imitar. Venerai, sem culto, um Sólon, um Tales, um Pitágoras; mas deveis abster-vos de adorar um Hércules por ter limpado as estrebarias de Áugias e ter dormido com cinqüenta raparigas numa só noite.

Guardai-vos, sobretudo, de prestar culto a patifes cujos únicos méritos foram a ignorância, o entusiasmo e a porcaria; que adotaram como dever e glória a ociosidade e a pedinchice: quem foi inútil toda a vida merecerá a apoteose depois de morto?

Notai que as épocas de maior superstição foram sempre as dos mais horríveis crimes.

II

O supersticioso está para o mariola como o escravo para o tirano. Mais ainda: o supersticioso é governado pelo fanático e acaba por tornar-se fanático também. A superstição, nascida durante o paganismo, adotada pelo judaísmo, infetou a Igreja cristã desde os primeiros tempos. Todos os Padres da Igreja, sem exceção, acreditam no poder da magia. A Igreja, que sempre condenou a magia, sempre acreditou nela; nunca excomungou os bruxos como loucos que estavam enganados mas como homens que realmente mantinham comércio com os diabos.

Hoje, metade da Europa crê que a outra metade foi sempre e continua a ser supersticiosa. Os protestantes vêem as relíquias, as indulgências, as macerações, as preces pelos mortos, a água benta e quase todos os ritos da Igreja Romana como uma demência supersticiosa. A superstição, segundo eles, consiste na adoção de práticas inúteis a título de práticas necessárias. Entre os católicos romanos, alguns há mais esclarecidos do que os antepassados, que renunciaram a muitos

[108] E matam ovelhas negras e depõem nas mãos dos deuses sacrifícios pelas almas dos mortos. Ah! com demasiada facilidade julgais que se podem apagar nas águas de um rio tristes crimes de morte. (N. do E.)

desses usos outrora sagrados; e defendem-se quanto aos outros, argüindo: "São indiferentes e o que apenas é indiferente não pode ser um mal".

É difícil assinalar as fronteiras da superstição. Um francês que viaja pela Itália considera quase tudo como superstição e não se engana. O arcebispo de Canterbury pretende que o arcebispo de Paris é supersticioso; os presbiterianos dirigem a mesma censura a Monsenhor Canterbury e são, por seu turno, apodados de supersticiosos pelos quacres, que, aos olhos dos outros cristãos, aparecem como os maiores de todos os supersticiosos.

Ninguém chega a acordo nas sociedades cristãs quanto ao que constitui a superstição. A seita que parece menos atacada por esta doença do espírito é a que tem menos ritos. Mas se, embora com pouco cerimonial, ela se liga fortemente a uma crença absurda, esta equivale por si só a todas as práticas supersticiosas observadas desde Simão, o mágico, até o Cura Gauffridi.

É evidente que o fundo da religião de uma seita passa por superstição numa outra seita.

Os muçulmanos acusam todas as sociedades cristãs de práticas supersticiosas e são acusados do mesmo. Quem julgará este grande processo? A razão? Mas se cada seita pretende ter a razão do seu lado. Será pois a força que julgará, enquanto aguardamos que a razão penetre em um número bastante de cabeças para desarmar a força.

Por exemplo, houve tempos na Europa cristã em que não era permitido aos recém-casados o gozo dos direitos do matrimônio sem terem comprado esse direito ao bispo ou ao cura.

Alguém que no seu testamento não deixasse parte dos seus bens à Igreja era excomungado e privado de sepultura. Chamava-se a isto morrer *inconfesso;* quer dizer, sem confessar a religião cristã. E, quando um cristão morria "intestado", a Igreja poupava ao morto essa excomunhão, substituindo-se-lhe na feitura do testamento de maneira a estipular e cobrar os legados piedosos que o defunto deveria ter deixado.

Por isso, o Papa Gregório IX e São Luís ordenaram, após o concílio de Narbonne, celebrado em 1235, que todo testamento feito sem assistência de um padre seria nulo e o Papa decretou que testador e notário seriam excomungados.

A taxa dos pecados foi ainda mais escandalosa, se possível. Era a força que sustentava todas estas leis, às quais se submetia a superstição dos povos; e só com o decorrer do tempo a razão logrou fazer abolir esses vergonhosos vexames, embora deixasse subsistir tantos outros.

Até que ponto permite a política que se arruíne a superstição? O problema é espinhoso; é o mesmo que perguntar até que ponto se deve praticar a punção em um hidrópico que pode morrer na operação. Tudo depende da prudência do médico.

Poderá existir um povo liberto de todos os preconceitos supesticiosos? É perguntar: poderá existir um povo de filósofos? Dizem que não há superstição alguma entre a magistratura da China. É verossímil que nenhuma virá substituir na magistratura de algumas cidades da Europa.

Então, esses magistrados impedirão que a superstição do povo se torne perigosa. O exemplo destes magistrados não iluminará a canalha mas os principais burgueses contê-la-ão. Talvez haja um único tumulto, um único atentado religioso em que os burgueses não tenham participado outrora, porque então os burgueses eram da canalha; contudo, a razão e o tempo tê-los-ão modificado. Os seus costumes adoçados hão de suavizar os da população mais vil e mais feroz; disto temos exemplos gritantes em mais de um país. Numa palavra: menos superstições, menos fanatismo; e menos fanatismo, menos desgraças.

T

Teísta

O teísta é um homem firmemente persuadido da existência de um Ente supremo tão bom como poderoso que formou todos os seres extensos, vegetativos, sensitivos e reflexivos; que perpetua as espécies, que castiga sem crueldade os crimes e recompensa com bondade as ações virtuosas.

O teísta não sabe como Deus castiga, como favorece, como perdoa; pois não é assaz temerário para se gabar de conhecer a maneira de agir de Deus; mas sabe que Deus age e que é justo. As dificuldades contra a Providência não o abalam na sua fé, pois são apenas grandes dificuldades que não constituem provas; submete-se a essa Providência embora só aperceba alguns dos seus efeitos e algumas das suas exterioridades; e, com o julgar das coisas que não vê mediante as coisas que vê, pensa que a Providência se estende a todos os lugares e a todos os séculos.

Reunido nestes princípios a todo o resto do universo, não abraça qualquer das seitas que unanimemente se contradizem. A sua religião é a mais antiga e a de maior extensão, pois a simples adoração de um Deus precedeu todos os sistemas do mundo. Fala uma língua que todos os povos entendem, ao passo que não se entendem entre si. Tem irmãos desde Pequim a Cayenne e conta todos os sábios como irmãos. Crê que a religião não consiste nas opiniões de uma metafísica ininteligível nem em vãos artefatos mas na adoração e na justiça. Fazer bem, eis o seu culto; submeter-se a Deus, eis a sua doutrina. Grita-lhe o muçulmano: "Se não fizeres a peregrinação a Meca, acautela-te!"; "Ai de ti", diz-lhe um coletor, "se não fizeres uma viagem a Nossa Senhora de Loreto!" Ele ri-se de Loreto e de Meca; mas socorre o indigente e defende o oprimido.

Teólogo

Conheci um verdadeiro teólogo; dominava as línguas do Oriente e conhecia os antigos ritos dos povos tanto quanto se pode conhecer. Conhecia os caldeus, os ignícolas, os sabeus, os sírios, os egípcios tão bem como os judeus; as várias lições da Bíblia eram-lhe familiares; durante trinta anos, procurara conciliar os Evangelhos e tentara reunir no seu conjunto os Padres da Igreja. Efetuou investigações sobre a época precisa em que foi redigido o símbolo atribuído aos apóstolos e o que se coloca sobre o nome de Atanásio; sobre a diferença que havia entre sinaxe e a missa; sobre a forma como a Igreja cristã se dividiu desde o nascimento em diversos partidos e como a sociedade dominante acoimou todas as outras de heréticas. Sondou as profundezas da política que se mistura sempre nestas querelas; e distinguiu entre a política e a sabedoria, entre o orgulho que quer subjugar os espíritos e o desejo de esclarecimento pessoal, entre o zelo e o fanatismo.

A dificuldade de dispor na cabeça tantas coisas cuja natureza é serem confundidas e de lançar um pouco de luz sobre tantas nuvens agastou-o muitas vezes; como, porém, estas pesquisas constituíam o dever da sua condição, dedicou-se a elas, não obstante tais repugnâncias. Acabou por chegar a conhecimentos ignorados pela maior parte dos confrades. Quanto mais foi verdadeiramente sábio, mais desconfiou de tudo o que sabia. Enquanto viveu, foi indulgente; e à hora da morte reconheceu que tinha consumido inutilmente a sua vida.

Tirania

Chama-se *tirano* o soberano que não conhece outras leis senão as do seu capricho, que se apodera dos bens dos súditos e que seguidamente os requisita para ir apoderar-se dos bens dos vizinhos. Não há tiranos destes na Europa.

Costuma distinguir-se a tirania de um da tirania de muitos. A tirania de muitos seria a de uma classe que usurpasse os direitos das outras classes e exercesse o despotismo a coberto de leis por ela corrompidas. Não há também esta espécie de tiranos na Europa.

Sob que tirania preferíeis viver? Sob nenhuma; mas, se tivesse de escolher, detestaria menos a tirania de um só que a tirania de muitos. Um déspota sempre beneficia com bons momentos; uma assembléia de déspotas, nunca. Se um tirano comete uma injustiça para comigo, posso desarmá-lo através da sua amante, do seu confessor ou do seu pajem; mas uma companhia de tiranos sisudos é inacessível a todas as seduções. Quando não é injusta, é pelo menos dura e nunca espalha favores.

Se só tiver um tirano, estou quites ao encostar-me a uma parede quando o vejo passar, ou ao prosternar-me, ou batendo no chão com a testa, segundo o costume do país; mas, se houver uma companhia de cem tiranos, fico exposto a repetir a cerimônia cem vezes por dia, o que se torna aborrecido a longo prazo, quando se não têm os joelhos adestrados. Se possuo uma quinta na vizinhança de um dos nossos senhores, sou esmagado; se litigo contra um dos parentes de um dos nossos senhores, fico arruinado. Que fazer? Receio que neste mundo estejamos reduzidos a ser bigorna ou martelo; feliz de quem escapa a esta alternativa!

Tolerância

I

O que é a tolerância? É o apanágio da humanidade. Somos todos cheios de fraquezas e de erros; perdoemo-nos reciprocamente as nossas tolices, tal é a primeira lei da natureza.

Juntai na bolsa de Amsterdam, ou de Londres, ou de Surate, ou de Bassorá, o guebro, o baniano, o judeu, o maometano, o deícola chinês, o brâmane, o cristão grego, o cristão romano, o cristão protestante, o cristão quacre, a traficarem entre si, e vereis que não levantarão o punhal uns contra os outros para ganharem almas à sua religião. Por que motivo, então, nos degolamos quase sem pausa desde o primeiro concílio de Nicéia?

Constantino começou por outorgar um edito que permitia todas as religiões e acabou como perseguidor. Antes, se alguém se insurgia contra os cristãos, era só porque começavam a constituir um partido dentro do Estado. Os romanos toleravam todos os cultos, inclusive os dos judeus e dos egípcios, que eles tanto desprezavam. E por que esta tolerância? Porque nem os egípcios, nem mesmo os judeus, tentavam exterminar a antiga religião do império ou corriam a terra e os mares para conquistarem prosélitos, limitando-se a ganhar dinheiro; mas é incontestável que os cristãos queriam que a sua religião fosse a dominante. Os judeus não queriam a estátua de Júpiter em Jerusalém; os cristãos não queriam que estivesse no Capitólio. Santo Tomás tem a boa fé de confessar que, se os cristãos não destronaram os imperadores, foi só porque não puderam. A opinião deles era que toda a terra devia ser cristã. Logo, tornaram-se necessariamente inimigos de toda a terra, até que a terra inteira se convertesse.

Entre eles, combatiam-se uns aos outros sobre todos os pontos da sua controvérsia. Inicialmente, era preciso encarar Jesus Cristo como Deus e os que o negaram foram anatematizados sob o nome de ebionitas, os quais anatematizavam os adoradores de Jesus.

Querem alguns que os bens sejam comuns, como se pretende que eram no tempo dos apóstolos, e os seus adversários chamam-lhes nicolaítas e acusam-nos dos crimes mais infames. Outros aspiram a uma devoção mística e são apodados de gnósticos e contra eles há quem se levante com furor. Marcião disputa sobre a Trindade e logo o acusam de idólatra.

Tertuliano, Praxeas, Orígenes, Novat, Novaciano, Sabelius, Donat, todos são perseguidos pelos seus correligionários, antes de Constantino, e, mal Constantino faz reinar a religião cristã, logo se opõem os atanasianos e os eusebianos; desde essa época, a Igreja cristã inunda-se de sangue até aos nossos dias.

O povo judeu era, reconheço-o, um povo rudemente bárbaro. Degolavam sem piedade os habitantes de um minúsculo país sobre o qual tinham tantos direitos como sobre Paris ou Londres. No entanto, quando Naamam se cura da sua lepra por haver mergulhado sete vezes no Jordão; quando, para testemunhar a sua gratidão a Eliseu, que lhe ensinara esse segredo, lhe diz que passará a adorar o Deus dos judeus por gratidão, reserva-se a liberdade de adorar também o Deus do seu rei; para isso pede licença a Eliseu e o profeta não hesita em conceder-lha.

Os judeus adoravam o seu Deus mas nunca mostravam espanto por cada povo ter deuses próprios. Achavam bem que Chamos tivesse dado um certo distrito aos moabitas, contanto que o seu Deus lhes desse também um. Jacó não hesitou em esposar as filhas de um idólatra. Labão tinha o seu Deus; como Jacó. Eis alguns exemplos de tolerância entre o povo mais intolerante e

mais cruel de toda a Antiguidade; imitamo-lo nos seus furores absurdos e não na sua indulgência.

Evidentemente que qualquer particular que persiga outro homem, seu irmão, porque não participa das suas opiniões, é um monstro. Isto não oferece dificuldades. Mas o governo, mas os magistrados, mas os príncipes, como se comportarão para com aqueles que têm um culto diferente do seu? Se se trata de estrangeiros poderosos pode-se ter como certo que um príncipe fará aliança com eles. Francisco I, muito cristão, unir-se-á aos muçulmanos contra Carlos V, muito católico. Francisco I dará dinheiro aos luteranos para os sustentar na sua revolta contra o imperador; todavia começará, segundo os usos, por mandar queimar os luteranos compatriotas. Que acontecerá, porém? Acontecerá que as perseguições hão de fazer prosélitos e em breve a França estará de novo cheia de protestantes. A princípio deixar-se-ão enforcar e depois enforcarão, por sua vez. Haverá guerras civis, depois virá a noite de São Bartolomeu e este recanto do mundo tornar-se-á pior que tudo aquilo que os antigos e os modernos alguma vez disseram do inferno.

Insensatos que nunca haveis podido prestar um culto puro a Deus que vos criou! Desgraçados, que o exemplo dos noachidas, dos letrados chineses, dos parses e de todos os sábios nunca guiou! Monstros que tendes precisão de superstições como o bucho do corvo tem precisão de cadáveres! Já vos foi dito e nada mais há para vos dizer: se entre nós houver duas religiões, hão de cortar-se o pescoço; se houver trinta, viverão em paz. Vede o Grão-turco: governa guebros, banianos, cristãos gregos, nestorianos, romanos. O primeiro que quiser provocar tumulto será empalado e toda a gente permanece tranqüila.

II

De todas as religiões, a cristã é, sem dúvida, a que deve inspirar mais tolerância, embora até aqui os cristãos tenham sido os mais intolerantes de todos os homens.

Jesus, que se dignou nascer no meio da pobreza e da baixeza, tal como os seus irmãos, nunca se dignou praticar a arte da escrita. Os judeus tinham uma lei escrita com extremo pormenor mas não temos uma única linha da mão de Jesus. Os apóstolos dividiram-se sobre muitos pontos. São Pedro e São Barnabé comiam carnes proibidas em companhia dos novos cristãos estrangeiros mas abstinham-se quando acamaradavam com os cristãos judeus. São Paulo, que lhes censurava esta conduta, o mesmo São Paulo fariseu, que fora discípulo do fariseu Gamaliel, que perseguira furiosamente cristãos e que, depois do seu rompimento com Gamaliel, se tornou cristão, iria depois, no entanto, sacrificar no templo de Jerusalém, no templo do seu apostolado. Observou publicamente durante oito dias todas as cerimônias da lei judaica a que renunciara; ajuntou mesmo devoções e purificações excessivas; enfim, judaizou inteiramente. O maior dos apostolados cristãos fez durante oito dias as mesmas coisas pelas quais há homens que são condenados à fogueira em grande parte dos povos cristãos.

Teúdas, Jucas tinham-se proclamado Messias antes de Jesus. Dositeu, Simão, Meandro proclamaram-se Messias depois de Jesus. Houve desde o primeiro século da Igreja, e antes mesmo que o nome de cristão fosse conhecido, uma vintena de seitas na Judéia.

Os gnósticos contemplativos, os dositeus, os ciríntios existiam antes de os discípulos de Jesus haverem tomado o apodo de cristãos. Houve em breve trinta Evangelhos, cada qual pertencendo a uma sociedade diferente; e desde o fim do século I podem contar-se trinta seitas cristãs na Ásia Menor, na Síria, em Alexandria e mesmo em Roma.

Todas estas seitas, desprezadas pelo governo romano e escondidas na sua obscuridade, perseguiam-se, não obstante, umas às outras nos subterrâneos em que rastejavam; quer dizer, trocavam injúrias; era tudo o que podiam fazer na sua abjeção, quase todas compostas pela escumalha do povo.

A partir da altura em que finalmente alguns cristãos abraçaram os dogmas de Platão e misturaram um pouco de filosofia à sua religião, separando-a dos judeus, tornaram-se insensivelmente mais importantes mas sempre divididos em numerosas seitas, sem que jamais existisse alguma época em que a Igreja cristã houvesse estado unida. Nasceu entre as divisões dos judeus, dos

samaritanos, dos fariseus, dos saduceus, dos essenianos, dos judaítas, dos discípulos de João, dos terapeutas. Dividida desde o berço, assim permaneceu durante as perseguições que algumas vezes experimentou sob os primeiros imperadores. Muitas vezes o mártir era olhado como apóstata pelos seus irmãos, e o cristão corpocraciano expirava sob o gládio dos carrascos romanos, excomungado pelo cristão ebionita que, por seu turno, era anatematizado pelo sabeliano.

Esta horrível discórdia, que dura há tantos séculos, constitui a lição bem expressiva de que devemos perdoar-nos mutuamente os nossos erros; a discórdia é o grande mal do gênero humano e a tolerância o seu único remédio.

Não há quem não convenha nesta verdade, quer a medite a sangue-frio no seu gabinete, quer a examine pacificamente com os amigos. Por que razão, pois, os mesmos homens que admitem em particular a indulgência, a beneficência, a justiça, se erguem em público com tanto furor contra essas virtudes? Por quê? Porque o seu interesse é o seu deus e tudo sacrificam a este monstro que adoram.

Possuo uma dignidade e um poder que a ignorância e a crueldade fundaram; caminho sobre as cabeças dos homens prosternados a meus pés; se eles se soerguem e me contemplam cara a cara, estou perdido; é preciso pois mantê-los presos ao chão com cadeias de ferro.

Assim raciocinaram homens que séculos de fanatismo tornaram poderosos. Outros poderosos se lhes sobrepõem e outros ainda a estes, todos enriquecendo com os despojos do pobre, todos engordando com o seu sangue, todos rindo-se da sua imbecilidade. Unanimemente detestam a tolerância, tal como os chefes de partido enriquecidos à custa do povo receiam prestar-lhe contas, tal como os tiranos temem a palavra liberdade. Para cúmulo, pagam a fanáticos que clamam em alta grita: "Respeitai os absurdos do meu senhor, tremei, pagai e calai-vos".

Assim foram os usos por longo tempo numa grande parte da terra; hoje, porém, quando tantas seitas se agitam por causa do seu domínio, que atitude tomar para com elas? Qualquer seita, como se sabe, é um título de erro; não há seitas entre os geômetras, os algebristas, os aritméticos, porque todas as proposições da geometria, da álgebra e da aritmética são verdadeiras. Em todas as outras ciências pode haver erros. Qual o teólogo tomista ou escotista que ousaria afirmar seriamente estar seguro da sua posição?

Se há alguma seita que lembre os tempos dos primeiros cristãos, é, sem contestação, a dos quacres. Nenhuma se assemelha mais aos apóstolos. Estes recebiam o espírito; os quacres reúnem o espírito. Os apóstolos e os discípulos falavam três ou quatro ao mesmo tempo na assembléia do terceiro andar; os quacres fazem outro tanto no rés do chão. São Paulo permitiu às mulheres pregarem e o mesmo São Paulo o proibirá; as mulheres quacres pregam em virtude da primeira permissão.

Os apóstolos e os discípulos juravam por sim ou por não, os quacres não juram de outro modo.

Nenhuma dignidade, nenhuma indumentária a diferenciarem discípulos e apóstolos; os quacres usam mangas sem botões e vestem-se todos da mesma maneira.

Jesus não batizou nenhum dos apóstolos; os quacres não são batizados.

Seria fácil levar mais longe o paralelo; mais fácil ainda seria o fazer ver como a religião cristã de hoje difere da que Jesus praticou. Jesus era judeu, nós não somos judeus. Jesus abstinha-se de comer carne de porco por ser imunda, e carne de coelho, por ser de ruminante sem o pé fendido; nós comemos sem hesitações carne de porco, que para nós não é imunda, e coelho, que tem o pé fendido e não rumina.

Jesus era circuncidado, nós conservamos o prepúcio. Jesus comia o cordeiro pascal com alface e celebrava a festa dos Tabernáculos; nós nada disso fazemos. Jesus observava o sabá, nós mudamos o sabá; Jesus sacrificava, nós não sacrificamos.

Jesus escondeu sempre o mistério da sua encarnação e da sua divindade; nunca disse que era igual a Deus e São Paulo afirma expressamente na *Epístola aos Hebreus* que Deus criou Jesus inferior aos anjos; e, malgrado todas as palavras de São Paulo, Jesus foi reconhecido como Deus no concílio de Nicéia.

Jesus não deu ao papa nem a "marche" de Ancona, nem o ducado de Spolette; e, no entanto, o papa os possui por direito divino.

Jesus não transformou o casamento e o diaconato em sacramentos; entre nós, o diaconato e o casamento são sacramentos.

Se atentarmos bem, podemos verificar que a religião católica, apostólica e romana é, em todas as suas cerimônias e em todos os seus dogmas, o oposto da religião de Jesus.

Mas como! Devemos judaizar todos porque Jesus judaizou durante toda a vida?

Se fosse permitido raciocinar conseqüentemente em matéria de religião, é evidente que todos deveríamos tornar-nos judeus, porquanto Jesus Cristo, nosso salvador, nasceu judeu, viveu judeu, morreu judeu e expressamente disse que cumpria na íntegra a religião judaica. E mais evidente é ainda que devemos tolerar-nos mutuamente porque todos somos fracos, inconseqüentes, sujeitos à mutabilidade e ao erro. Um caniço que o vento verga sobre a lama deverá dizer a outro caniço vergado em sentido contrário: "Rasteja à minha maneira, miserável, ou apresento queixa de ti, para que te arranquem e te queimem".

Tortura

Embora haja poucos artigos de jurisprudência entre as nossas honestas reflexões alfabéticas, impõe-se-nos todavia dizer algo sobre a tortura, também chamada *interrogatório*. Trata-se de uma estranha maneira de interrogar as pessoas. Não foram, porém, simples curiosos os que a inventaram; segundo todas as aparências, esta parte da nossa legislação deve a sua origem primeira a um ladrão de estrada. Na sua maior parte, estes senhores conservam o hábito de serrar os polegares, de queimar os pés e de interrogar mediante outros tormentos os que se recusam a revelar onde têm o dinheiro.

Os conquistadores, que sucederam a estes ladrões, acharam que a invenção era muito útil para os seus interesses; puseram-na em prática quando suspeitaram que haveria alguns maus desígnios contra eles, como, por exemplo, o de ser-se livre, verdadeiro crime de lesa-majestade divina e humana. Era preciso conhecer os cúmplices; e, para esse efeito, fazia-se sofrer mil mortes a todos aqueles que eram objeto de suspeitas, pois, segundo a jurisprudência desses primeiros heróis, quem quer que fosse suspeito de ter tido algum pensamento pouco respeitoso contra eles era digno de morte. Desde que assim se merece a morte, pouco importa acrescentar tormentos pavorosos durante muitos dias e até semanas; esta prática tem mesmo um não-sei-quê de Divindade. A Providência submete-nos algumas vezes à tortura empregando a pedra, areias na urina, a gota, o escorbuto, a lepra, a varíola grande ou pequena, o despedaçamento das entranhas, as convulsões de nervos e outros executantes das vinganças da Providência.

Ora, posto que os primeiros déspotas foram, segundo confissão de todos os seus cortesãos, imagens da Divindade, trataram de a imitar tanto quanto puderam.

É muito singular que nunca se tenha falado de tratos, de tortura, nos livros dos judeus. É de lastimar que uma nação tão amável, tão honesta, tão caridosa, não tenha conhecido esta maneira de saber a verdade. A razão disto, em minha opinião, é que não tinham necessidade do sistema. Com efeito, Deus dava sempre a conhecer a verdade ao seu povo querido. Umas vezes jogavam a verdade aos dados e o culpado suspeito sempre tirava o seis. Outras vezes, dirigiam-se ao grande sacerdote que consultava Deus sem mais delongas pelo *urium* e o *thummim*. Outras vezes ainda, encomendavam-se ao vidente, ao profeta, e podeis supor que o vidente e profeta descobria as coisas mais escondidas tão bem como o *urium* e o *thummim* do grande sacerdote. O povo de Deus não estava reduzido, como nós, a ter de interrogar, a conjeturar; assim, a tortura não era usada por aquelas bandas. Foi a única coisa que faltou aos costumes do povo santo. Os romanos só infligiram a tortura aos escravos, mas estes não eram contados no número dos homens. Tudo leva a crer que um conselheiro de Tournelle também não veja como seu semelhante um homem que trazem ante si, macilento, pálido, desfeito, olhos amortecidos, barba crescida e suja, coberto pela vermina que o corroeu no calabouço. Dá-se, pois, ao prazer de lhe mandar aplicar a grande e a pequena tortura, na presença de um cirurgião que vigia o pulso do paciente, até este ficar em risco de morte, após o que se recomeça; e, como muito bem se diz na comédia *Os Litigantes*, "isto sempre faz passar uma hora ou duas".

O grave magistrado que comprou por uma quantia qualquer o direito de fazer estas experiências sobre o próximo contará à mulher à hora de jantar o que aconteceu de manhã. À primeira vez, a senhora revolta-se, à segunda já lhe tomou o gosto, porque todas as mulheres são curiosas; e, em seguida, a primeira coisa que dirá ao marido quando este regressa a casa, de toga, é: "Queridinho, mandaste aplicar hoje a tortura a alguém?"

Os franceses que passam, não sei por que, por serem um povo muito humano, admiram-se que os ingleses, que tiveram a desumanidade de nos tomarem todo o Canadá, hajam renunciado ao prazer de aplicar a tortura.

Quando o cavaleiro de La Barre, neto de um tenente dos exércitos, jovem de muito espírito e grandes esperanças mas com toda a leviandade de uma juventude desenfreada, foi reconhecido culpado de ter cantado algumas canções ímpias e até de ter passado diante de uma procissão de capuchos sem tirar o chapéu, os juízes de Abbeville, pessoas comparáveis aos senadores romanos, ordenaram não só que lhe arrancassem a língua, que lhe cortassem a mão e que o queimassem lentamente, como o submeteram ainda à tortura para averiguarem precisamente quantas canções tinha cantado e quantas procissões tinha visto passar de chapéu na cabeça.

Este episódio aconteceu não nos séculos XIII ou XIV mas no século XVIII. As nações estrangeiras julgam a França pelos espetáculos, pelos romances, pelos lindos versos, pelas pequenas da ópera, cujos costumes são tão doces, pelos nossos bailarinos, que têm tanta graça, pela Senhorita Clairon, que é um encanto a declamar versos. Ignoram que no fundo não há nação mais cruel que a francesa.

Os russos passaram por bárbaros em 1700; nós somos bárbaros em 1769; uma imperatriz acaba de conceder a esse vasto Estado leis que teriam feito honra a Minos, a Numa e a Sólon, se houvessem disposto de espírito bastante para as inventar. A mais notável consiste na tolerância universal e, logo a seguir, vem a abolição da tortura. A justiça e a humanidade guiaram a sua pena e ela tudo reformou. Ai da nação que, há tanto tempo civilizada, é ainda guiada por costumes antigos e atrozes! "Por que razão haveríamos de mudar a nossa jurisprudência?", perguntam nessa nação. "A Europa serve-se dos nossos cozinheiros, dos nossos alfaiates e dos nossos cabeleireiros; logo as nossas leis são boas."

V

Virtude

O que é a virtude? Beneficência para com o próximo. Poderei chamar a virtude ao que não seja fazerem-me bem? Sou indigente, és liberal; estou em perigo, tu socorres-me; enganas-me, dizes-me a verdade; sou ignorante, tu ensinas-me; chamar-te-ei sem esforço virtuoso. Mas que faremos das virtudes cardiais e teologais? Algumas hão de continuar a ser ensinadas nas escolas.

Que me importa que sejas temperante? Observas um preceito salutar, a tua saúde será melhor, felicito-te. Tens fé e tens esperança. Felicito-te ainda mais; a fé e a esperança abrir-te-ão o caminho da vida eterna. As tuas virtudes teologais são dádivas celestes; as cardiais são excelentes qualidades úteis à direção da tua vida; todavia, não são virtudes em relação ao teu próximo. O homem prudente faz bem a si, o virtuoso faz bem aos outros. São Paulo teve razão em dizer que a caridade é mais importante que a fé e a esperança.

Mas como! Não admitiremos como virtudes senão as que sejam úteis ao próximo? E como posso admitir outras? Vivemos em sociedade; só é verdadeiramente bom para nós aquilo que faça o bem da sociedade. Um solitário será sóbrio, piedoso, usará um cilício; pois bem, será santo; mas não o considerarei virtuoso a menos que venha a praticar algum ato de virtude que aproveite aos outros homens. Enquanto permanecer só não é benfazejo nem malfazejo: para nós, é nada. Se São Bruno estabeleceu a paz entre as famílias, se socorreu a indigência, foi virtuoso; se jejuou, se orou na solidão, foi um santo. A virtude entre os homens é um comércio de benefícios; o que não

participa deste comércio, não deve ser contado entre os virtuosos. Se esse santo fosse do mundo, espalharia o bem, sem dúvida; mas, enquanto não for, o mundo terá razão em lhe recusar o nome de virtuoso; ele será para si e não para nós.

Porém, dir-me-eis, se um solitário é guloso, bêbado, entregue a deboches secretos consigo mesmo, será um vicioso; logo, será virtuoso se tiver as qualidades contrárias. Não estou de acordo: trata-se de um homem vil, se tiver os defeitos a que aludis; mas não é vicioso, mau, passível de punição, em relação à sociedade que não sofre quaisquer prejuízos em conseqüência dos atos desse homem. É de presumir que, se ingressar na sociedade, fará o mal, será vicioso; é mesmo mais possível que venha a ser um homem maldoso do que um solitário temperante e casto, ou venha a ser um homem de bem; pois, na sociedade, aumentam os defeitos e as boas qualidades diminuem.

Há quem produza uma objeção mais forte: Nero, o Papa Alexandre VI e outros monstros da mesma espécie, espalharam benefícios; respondo com arrojo que foram virtuosos nesses dias.

Alguns teólogos sustentam que o divino Imperador Antonino não era virtuoso; que era um estóico obstinado, que, não contente de comandar os homens, queria ainda por cima ser estimado por eles; que referia a si o bem que fazia ao gênero humano, que toda a vida foi justo, laborioso, benfazejo por vaidade e que se limitou a enganar os homens com as suas virtudes; e eu grito: "Meu Deus, dai-nos muitas vezes semelhantes patifes".

VOLTAIRE

O FILÓSOFO IGNORANTE

Tradução e notas de **Marilena de Souza Chauí**

Primeira Questão

Quem és? De onde vens? Que fazes? O que te tornarás? Questão que deve ser posta a todos os seres do universo, mas que nenhum responde. Pergunto às plantas que poder as faz crescer e como o mesmo terreno produz frutos tão diversos. Esses seres insensíveis e mudos, embora enriquecidos por uma faculdade divina, deixam-me entregue à minha ignorância e às minhas vãs conjeturas.

Interrogo a multidão dos diferentes animais, todos dotados de movimento e capazes de comunicá-lo, gozando das mesmas sensações que eu e cujas paixões são acompanhadas de uma certa porção de idéias e de memória. Sabem ainda menos do que eu o que são, por que são e o que se tornam.

Suspeito, tenho até mesmo motivos para crer, que os planetas, que giram em torno de sóis inumeráveis enchendo o espaço, estão povoados de seres sensíveis e pensantes, mas uma barreira eterna nos separa, e nenhum dos habitantes dos outros globos se comunica conosco.

No *Espetáculo da Natureza,* o senhor prior disse ao senhor cavaleiro que os astros tinham sido feitos para a Terra, e a Terra, bem como os animais, para o homem. Mas, como o pequeno globo da Terra gira com os outros planetas em torno do Sol, como os movimentos regulares e proporcionais dos astros podem subsistir eternamente sem que haja homens, como há sobre nosso pequeno planeta infinitamente mais animais do que meus semelhantes, pensei que o senhor prior teria um pouco de amor-próprio, gabando-se de que tudo havia sido feito para ele. Vi que durante sua vida e também depois de sua morte, o homem, indefeso, é devorado por todos os animais. Por isso tive dificuldade para conceber que o senhor prior e o senhor cavaleiro fossem os reis da natureza. Escravo e não rei de tudo o que me rodeia, comprimido em um ponto e envolvido pela imensidão, começo procurando a mim mesmo.

II

Nossa Fraqueza

Sou um animal fraco; ao nascer, não tenho força, nem conhecimento, nem instinto; não posso sequer arrastar-me até o seio de minha mãe, como fazem todos os quadrúpedes; só adquiro algumas idéias, como adquiro um pouco de força, quando meus órgãos começam a desenvolver-se. Essa força aumenta em mim até o momento em que, não podendo crescer mais, começa a diminuir dia a dia. Esse poder de conceber idéias também aumenta até seu limite e, em seguida, evapora-se insensível e gradualmente.

Que mecânica é esta, que aumenta a cada momento a força de meus membros até o limite prescrito? Ignoro-a. E aqueles que passaram suas vidas a buscar essa causa não sabem mais do que eu.

Que outro poder é este, que faz as imagens penetrarem em meu cérebro, que as conserva em minha memória? Os que pagaram para sabê-lo procuraram inutilmente. No que se refere aos primeiros princípios, somos tão ignorantes como quando estávamos no berço.

III

Como Posso Pensar?

Os livros escritos desde há dois mil anos ensinaram-me alguma coisa? Às vezes, vem-nos a vontade de saber como pensamos, embora raramente nos venha a vontade de saber como digerimos, como andamos. Interroguei minha razão; perguntei-lhe: o que és? Esta questão sempre a confundiu.

Tentei descobrir por seu intermédio se as molas que me fazem digerir e andar são as mesmas que me fazem ter idéias. Nunca pude conceber como e por que as idéias fugiam quando a fome enlanguescia meu corpo, nem como e por que renasciam quando eu havia comido.

Vi uma diferença tão grande entre os pensamentos e a alimentação (sendo que sem esta eu nunca pensaria) que acreditei haver em mim uma substância que raciocinava e uma outra que digeria. Entretanto, buscando sempre provar a mim mesmo que não sou dois, senti grosseiramente que sou um só. Essa contradição sempre me penalizou muito.

Com muita engenhosidade, perguntei a alguns de meus semelhantes, cultivadores da terra, nossa mãe comum, se sentiam ser dois, se graças à filosofia haviam descoberto possuir dentro de si uma substância imortal e, no entanto, formada de nada, existente sem extensão, agindo sobre os nervos sem tocar neles, enviada expressamente ao ventre de suas mães seis semanas após a concepção. Acreditaram que eu estava brincando e continuaram a cultivar seus campos sem responder-me.

IV

Necessito Saber?

Vendo, pois, que um número prodigioso de homens não tinha a menor idéia das dificuldades que me inquietam, e nem desconfiava daquilo que se diz nas escolas sobre o ser em geral, sobre a matéria, sobre o espírito, etc.; vendo também que freqüentemente muitos caçoavam do que eu queria saber, suspeitei que não seria absolutamente necessário que o soubéssemos. Pensei que a natureza deu a cada ser a porção que lhe convém; acreditei que as coisas que não podemos alcançar não são nossa partilha. No entanto, malgrado esse desespero, não abandono o desejo de ser instruído, e minha curiosidade enganada é sempre insaciável.

V

Aristóteles, Descartes e Gassendi

Aristóteles começa dizendo que a incredulidade é a fonte da sabedoria; Descartes dilui esse pensamento, e ambos me ensinaram a não acreditar no que dizem. Esse Descartes, principalmente, depois de haver fingido duvidar, fala num tom tão afirmativo daquilo que não entende, está tão seguro do que faz, quando se engana redondamente em física, construindo um mundo tão imaginário; seus turbilhões e seus três elementos são tão prodigiosamente ridículos que devo desconfiar de tudo o que me disser sobre a alma, depois que me enganou tanto sobre o corpo. Que se faça seu elogio, no momento oportuno, desde que não se faça o de seus romances filosóficos, hoje desprezados definitivamente em toda a Europa.

Crê ou finge crer que nascemos com idéias metafísicas. Seria preferível dizer que Homero nasceu com a *Ilíada* na cabeça. É bem verdade que Homero, ao nascer, tinha um cérebro construído de tal modo que, tendo em seguida adquirido idéias poéticas, ora belas, ora incoerentes, ora exageradas, compôs a *Ilíada*. Ao nascer, trazemos o germe de tudo que se desenvolve em nós, mas trazemos realmente tantas idéias inatas quantas cores e pincéis Rafael e Michelangelo trouxeram ao nascer.

Descartes, encarregando-se de harmonizar as partes desconexas de suas quimeras, supôs que o homem pensa sempre. Eu preferiria imaginar que os pássaros nunca deixam de voar, nem os cães de correr, porque estes têm a faculdade de correr e aqueles, a de voar.

Por pouco que consultemos nossa própria experiência e a do gênero humano, convencemo-nos do contrário. Não há ninguém tão louco para crer firmemente que pensou durante toda a sua vida, noite e dia, sem interrupção, desde quando era um feto até sua última doença. Aqueles que quiseram defender tal romance tiveram como único recurso dizer que pensávamos sempre, mas que não o percebíamos. Seria o mesmo que dizer que bebemos, comemos, corremos a cavalo sem sabê-lo. Se não vos apercebeis de que tendes idéias, como podeis afirmar que as tendes? Gassendi zombou, como devia, desse sistema extravagante. Sabeis o que aconteceu? Gassendi e Descartes foram tomados por ateus só porque raciocinaram.

VI
Os Animais

Da suposição de que os homens tinham continuamente idéias, percepções, concepções, decorria naturalmente que os animais também as tinham sempre, pois é incontestável que um cão de caça tem a idéia de seu senhor, a quem obedece, e a da presa que lhe traz. É evidente que tem memória e que combina algumas idéias. Assim, pois, se o pensamento do homem fosse também a essência de sua alma, o pensamento do cão seria também a essência da sua; e se o homem tivesse sempre idéias, seria preciso que os animais também as tivessem sempre. Para resolver essa dificuldade, o fabricante dos turbilhões e da matéria estriada ousou dizer que os animais eram puras máquinas, procurando comer sem ter apetite, possuindo órgãos do sentimento para nunca experimentar sensações, gritando sem dor, testemunhando seu prazer sem alegria, possuindo um cérebro para não receber nele nem a mais leve idéia, e sendo, portanto, uma contradição perpétua da natureza.

Esse sistema era tão ridículo quanto o outro, mas, em vez de se mostrar sua extravagância, mostrou-se sua impiedade, pretendendo-se que repugnava às Sagradas Escrituras, pois no Gênesis está escrito: "Deus fez um pacto com os animais e lhes pedirá o sangue dos homens que morderam e comeram". O que supõe, manifestamente, a inteligência nos animais e o conhecimento do bem e do mal.

VII
A Experiência

Nunca misturemos as Sagradas Escrituras com nossas disputas filosóficas; são coisas muito heterogêneas e sem nenhuma relação. Trata-se, aqui, de examinar apenas o que podemos saber por nós mesmos, e isto se reduz a bem pouca coisa. É preciso ter renunciado ao senso comum para não convir que tudo o que sabemos sobre o mundo depende da experiência; e certamente, se *somente* pela experiência e por uma seqüência de tateios e de longas reflexões chegamos a nos dar algumas idéias fracas e superficiais sobre o corpo, sobre o espaço, sobre o tempo, sobre o infinito,

e mesmo sobre Deus, não vale a pena o Autor da Natureza meter essas idéias no cérebro de todos os fetos, a fim de que, em seguida, somente um pequeno número de homens venha a usá-las.

No que concerne aos objetos de nossa ciência, somo todos como os amantes ignorantes Dafne e Cloé, cujos amores e vãs tentativas nos foram descritos por Longo. Precisaram de muito tempo para adivinhar como poderiam satisfazer seus desejos, pois faltava-lhes experiência. O mesmo aconteceu com o Imperador Leopoldo e com o filho de Luís XIV; foi preciso instruí-los. Se tivessem tido idéias inatas, é de se acreditar que a natureza não lhes teria recusado a principal e a única necessária para a conservação da espécie humana.

VIII
Substância

Como só podemos ter noções graças à experiência, é-nos totalmente impossível saber o que é a matéria. Tocamos, vemos as propriedades dessa substância, mas a própria palavra "substância", "o que está sob", nos adverte que esse "sob" permanecerá sempre desconhecido para nós: qualquer coisa que descubramos de suas aparências deixará sempre esse "sob" por descobrir. Pelo mesmo motivo, nunca saberemos por nós mesmos o que é o espírito. É uma palavra que originariamente significa "sopro", e de que nos servimos para tentar exprimir vaga e grosseiramente o que nos dá pensamentos. Mas mesmo que, por um prodígio que não devemos supor, tivéssemos uma leve idéia da substância desse espírito, não teríamos progredido; nunca poderíamos adivinhar como essa substância recebe sentimentos e pensamentos. É o segredo da natureza e ela não o revela a nenhum mortal.

IX
Limites Estreitos

Nossa inteligência é muito limitada, assim como a força de nosso corpo. Há homens muito mais robustos do que outros; há também Hércules no domínio dos pensamentos, mas, no fundo, essa superioridade é pouquíssima coisa. Um levantará dez vezes mais matéria do que eu; outro poderá fazer de cabeça, sem papel, uma divisão por quinze algarismos, enquanto só poderei dividir por três ou quatro e com muita dificuldade. Essa força tão glorificada se reduzirá a isto e encontrará rapidamente seu limite. Por esse motivo, nos jogos de combinações, nenhum homem, após ter-se aperfeiçoado pela dedicação e por uma longa prática, ultrapassará, por maior que seja seu esforço, o grau que pôde atingir. Topou com o limite de sua inteligência. É preciso absolutamente que assim seja, pois, senão, iríamos, de grau em grau, até o infinito.

X
Descobertas Impossíveis

No círculo estreito em que estamos encerrados, vemos, pois, aquilo que estamos condenados a ignorar e aquilo que podemos conhecer um pouco. Já vimos que nenhum primeiro motor, nenhum primeiro princípio pode ser apreendido por nós.

Por que meu braço obedece à minha vontade? Estamos tão acostumados com esse fenômeno incompreensível que poucos atentam para ele; e, quando queremos encontrar a causa de um efeito

tão comum, descobrimos que há realmente o infinito entre nossa vontade e a obediência de nosso membro, isto é, que não há proporção alguma entre uma e outra, razão alguma, aparência alguma de causa; e sentimos que poderíamos pensar nisto durante uma eternidade sem atingirmos o menor lampejo de verossimilhança.

XI

Desespero Fundado

Assim, imobilizados desde o primeiro passo, e em vão dobrando-nos sobre nós mesmos, ficamos apavorados por nos procurarmos sempre e não nos encontrarmos nunca. Nenhum de nossos sentidos é explicável.

Sabemos mais ou menos, com o recurso de triângulos, que há aproximadamente trinta milhões de grandes léguas geométricas da Terra ao Sol; mas o que é o Sol? por que gira sobre seu eixo? por que num sentido e não noutro? por que Saturno e nós giramos ao redor desse astro, do ocidente para o oriente, e não do oriente para o ocidente? Não apenas será impossível responder a estas questões, como também nunca vislumbraremos a menor possibilidade de atribuir-lhes somente uma causa física. Por quê? Porque o nó da dificuldade está no primeiro princípio das coisas.

E assim é tanto no que se refere àquilo que age dentro de nós como no que se refere àquilo que age nos espaços imensos da Natureza. No arranjo dos astros e na conformação de um verme de queijo e de um homem, há um primeiro princípio cujo acesso deve ser necessariamente interditado para nós. Pois, se pudéssemos conhecer nosso primeiro motor, seríamos senhor dele, seríamos deuses. Esclareçamos essa idéia e vejamos se é verdadeira.

Suponhamos, com efeito, que encontrássemos a causa de nossas sensações, de nossos pensamentos, de nossos movimentos, como descobrimos apenas nos próprios astros a razão dos eclipses e das diferentes fases da Lua e de Vênus. É claro que poderíamos, então, predizer nossas sensações, nossos pensamentos e nossos desejos resultantes destas sensações, como predizemos as fases e os eclipses. Conhecendo, portanto, o que deveria ocorrer amanhã em nosso interior, veríamos claramente, pelo jogo dessa máquina, de que maneira, agradável ou funesta, deveríamos ser afetados. Está estabelecido que temos uma vontade que dirige nossos movimentos interiores em várias circunstâncias. Por exemplo, sinto-me propenso à cólera, minha reflexão e minha vontade reprimem seu acesso nascente. Se eu conhecesse meus primeiros princípios, veria todas as afecções a que estarei propenso amanhã, toda a seqüência de idéias que me espera; poderia exercer sobre essa seqüência de idéias e de sentimentos o mesmo poder que exerço, às vezes, sobre os sentimentos e sobre os pensamentos atuais que desvio e reprimo. Encontrar-me-ia precisamente no caso de todo homem que pode atrasar ou adiantar, conforme lhe agrade, o movimento de um relógio, de um barco, de toda máquina conhecida.

Nessa suposição, sendo hoje senhor das idéias que me estão destinadas para amanhã, eu o serei no dia seguinte, eu o serei para o resto de minha vida; poderei, portanto, ser sempre todo-poderoso sobre mim mesmo, serei meu próprio Deus [1]. Sinto perfeitamente que tal estado é incompatível com minha natureza; é, pois, impossível que eu possa conhecer algo do primeiro princípio que me faz pensar e agir.

[1] Tal raciocínio parece-nos sujeito a várias dificuldades. 1.º Esse poder, se o homem viesse a adquiri-lo, mudaria de algum modo sua natureza, mas isto não é uma razão para assegurar que não possa adquiri-lo. 2.º Poder-se-ia conhecer a causa de todas as nossas sensações, de todos os nossos sentimentos e, contudo, não se ter o poder nem para afastar as impressões dos objetos exteriores, nem para impedir os efeitos resultantes de uma distração ou de um mau cálculo. 3.º Há numerosos graus entre nossa ignorância atual e o conhecimento perfeito de nossa natureza; o espírito humano poderia percorrer os diferentes graus dessa escala sem nunca chegar ao último, mas cada grau enriqueceria nossos conhecimentos reais, e estes poderiam ser úteis. Ocorreria com a metafísica o mesmo que ocorre com a matemática, cujas partes nunca são esgotadas por nós, mesmo fazendo-se, em cada século, grandes descobertas úteis nesse campo. (N. do A.)

XII

Fraqueza dos Homens

O que é impossível para minha natureza tão fraca, tão limitada e com uma duração tão curta também é impossível em outros globos, para outras espécies de seres? Há inteligências superiores, senhoras de todas as suas idéias, que pensam e sentem o que querem? Não sei. Só conheço minha fraqueza, não tenho a menor noção da força dos outros.

XIII

Sou Livre?

Não saiamos ainda do círculo de nossa existência; continuemos a examinar-nos tanto quanto pudermos. Lembro-me que um dia, antes que tivesse colocado todas as questões precedentes, um raciocinador quis fazer-me raciocinar. Perguntou-me se eu era livre; respondi-lhe que não estava na prisão, que tinha a chave de meu quarto, que era perfeitamente livre. Não é isto que vos pergunto, respondeu-me. Acreditais que vossa vontade tem a liberdade de querer ou de não querer jogar-vos pela janela? Pensais, com o anjo da Escola, que o livre arbítrio seja uma potência apetitiva e que se perca pelo pecado? Olhei o meu homem fixamente para tentar ler em seus olhos se não tinha perdido o espírito e respondi-lhe que nada entendia de seu galimatias.

Contudo, essa questão sobre a liberdade do homem interessou-me vivamente. Li os escolásticos e, como eles, permaneci nas trevas. Li Locke e vislumbrei raios de luz. Li o *Tratado,* de Collins, que me pareceu Locke aperfeiçoado, e depois disso nada mais li que me desse um novo grau de conhecimento. Eis o que minha fraca razão concebeu, auxiliada por esses dois grandes homens, os únicos, em minha opinião, que se compreenderam a si mesmos escrevendo sobre essa matéria, e os únicos que se fizeram compreender pelos outros.

Nada é sem causa. Um efeito sem causa é apenas uma palavra absurda. Todas as vezes que quero, isto só pode ocorrer em virtude de meu juízo bom ou mau; esse juízo é necessário, portanto minha vontade também o é. Com efeito, seria muito singular que toda a Natureza, todos os astros obedecessem a leis eternas, e que houvesse um animalzinho de cinco pés de altura que, menosprezando tais leis, pudesse agir sempre como lhe agradasse, ao sabor de seu capricho. Agiria ao acaso e sabe-se que o acaso nada é. Inventamos essa palavra para exprimir o efeito conhecido de toda causa desconhecida.

Minhas idéias entram necessariamente em meu cérebro; como minha vontade, que delas depende, seria, ao mesmo tempo, necessitada e absolutamente livre? Em mil ocasiões sinto que essa vontade nada pode: quando a doença me abate, quando a paixão me transporta, quando meu juízo não pode alcançar os objetos que me são apresentados, etc. Devo, pois, admitir que, sendo as leis da Natureza sempre as mesmas, minha vontade não é mais livre nas coisas que me parecem indiferentes, do que naquelas em que me sinto submetido a uma força invencível.

Ser verdadeiramente livre é poder. Quando posso fazer o que quero, eis minha liberdade; mas quero necessariamente aquilo que quero, pois de outro modo eu quereria sem razão, sem causa, o que é impossível. Minha liberdade consiste em andar quando quero andar, desde que não sofra de gota.

Minha liberdade consiste em não fazer uma ação má quando é representada por meu espírito como necessariamente má; em subjugar uma paixão quando meu espírito faz-me senti-la como perigosa, e quando o horror dessa ação combate poderosamente meu desejo. Podemos reprimir nossas paixões, como já anunciei no capítulo XI, mas nesse caso não somos livres nem ao

reprimir nossos desejos nem ao nos deixarmos arrastar por nossas inclinações, visto que em ambos os casos seguimos irresistivelmente nossa última idéia, e esta é necessária; portanto, faço necessariamente o que ela me dita. É estranho que os homens não estejam contentes com essa porção de liberdade, isto é, com o poder que receberam da Natureza para fazer o que quiserem em muitos casos. Os astros não a têm; nós a possuímos e nosso orgulho leva-nos a crer que às vezes possuímos ainda mais. Imaginamos que temos o dom incompreensível e absurdo de querer, sem outra razão, sem outro motivo senão o de querer. Vide o capítulo XXIX.

Não, não posso perdoar o Dr. Clarke por ter combatido com má fé essas verdades, cuja força percebia e que pareciam acomodar-se muito mal em seu sistema. Não, não é permitido a um filósofo como ele atacar Collins como sofista e desviar o centro da questão, reprovando Collins por ter chamado o homem de "agente necessário". Agente ou paciente, que importa? Agente, quando se move voluntariamente; paciente, quando recebe as idéias. O que o nome faz com a coisa? O homem é um ser dependente em tudo, e não pode ser excetuado entre os outros seres.

O pregador que existia em Samuel Clarke abafou o filósofo. Distingue a necessidade física e a necessidade moral. Que é uma necessidade moral? Há de parecer-vos verossímil que uma rainha da Inglaterra, coroada e sagrada numa igreja, não venha despojar-se de seus trajes reais para estender-se sobre o altar, completamente nua, embora se conte uma aventura semelhante a respeito de uma rainha do Congo. Chamareis a isto de "necessidade moral" numa rainha de nossos climas, mas, no fundo, é uma necessidade física, eterna, vinculada à constituição das coisas. É tão certo que essa rainha não fará tal loucura, quanto é certo que morrerá um dia. A necessidade moral é apenas uma palavra, tudo o que se faz é absolutamente necessário. Não há intermediário entre a necessidade e o acaso, e sabeis que não há acaso; portanto, tudo o que ocorre é necessário.

Para complicar mais a coisa, imaginou-se, ainda, distinguir necessidade e constrangimento, mas, no fundo, que é o constrangimento senão uma necessidade de que nos apercebemos? E a necessidade não é um constrangimento de que não nos apercebemos? Há uma necessidade igual quando Arquimedes é obrigado a permanecer em seu quarto porque o trancaram aí, como quando está tão ocupado com um problema que não recebe a idéia de sair.

Ducunt volentem fata, nolentem trahunt.[2] (Sên., Ep. CVII.)

O ignorante que hoje pensa assim não pensou sempre dessa maneira, mas, enfim, foi constrangido a submeter-se.

XIV

Tudo É Eterno?

Subjugado por leis eternas como todos os globos que preenchem o espaço, como os elementos, os animais e as plantas, lanço olhares espantados sobre tudo o que me cerca, procuro quem é meu autor e o dessa máquina imensa de que sou apenas uma roda imperceptível.

Não vim do nada, pois é alguma coisa a substância de meu pai e de minha mãe, que me carregou durante nove meses em seu útero. É evidente para mim que o germe que me produziu não pode ter sido produzido de nada, pois como o nada produziria a existência? Sinto-me subjugado por esta máxima de toda a Antiguidade: nada vem do nada, nada volta ao nada. Este axioma carrega em si uma força tão terrível que acorrenta todo o meu entendimento, sem que possa debater-me contra ele. Nenhum filósofo afastou-se dele, nenhum legislador, fosse qual fosse, o contestou. O "Cahut" dos fenícios, o "Chaos" dos gregos, o "Tohu Bohu" dos caldeus e dos hebreus, tudo atesta que sempre se acreditou na eternidade da matéria. Minha razão, enganada por essa idéia tão antiga e tão geral, me diz: é preciso que a matéria seja eterna, pois existe; se era ontem, era

[2] Os fados guiam o dócil, mas arrastam o recalcitrante. (N. do E.)

antes. Não percebo verossimilhança alguma para que tenha começado a ser, causa alguma para que não tenha sido, causa alguma que lhe tenha outorgado a existência num tempo em vez de noutro. Cedo, pois, a essa convicção, quer fundada, quer errônea, e ponho-me no partido do mundo inteiro, até que, tendo avançado em minhas investigações, encontre uma luz superior ao juízo de todos os homens e que me force à retratação, a despeito de mim mesmo.

Mas se, como tantos filósofos da Antiguidade pensaram, o Eterno sempre agiu, que acontecerá com o "Cahut" e o "Ereb" dos fenícios, o "Tohu Bohu" dos caldeus, o "Chaos" de Hesíodo? Ficarão nas fábulas. O "Chaos" é impossível aos olhos da razão, porque é impossível que tenha havido algo oposto às leis da inteligência, pois esta é eterna; ora, o "Chaos" é o oposto de todas as leis da Natureza. Entrai na caverna mais horrível dos Alpes, sob detritos de rochedos, de gelo, de areia, de águas, de cristais, de minerais informes, tudo obedece à gravitação e às leis da hidrostática. O "Chaos" sempre esteve apenas em nossa cabeça e só serviu para que Hesíodo e Ovídio compusessem belos versos.

Se nossas Santas Escrituras disseram que o "Chaos" existia, se o "Tohu Bohu" foi adotado por elas, creremos nisso, sem dúvida e com a mais viva fé. Falamos aqui apenas segundo os lampejos enganadores de nossa razão. Como dissemos, estamos limitados a ver o que podemos suspeitar por nós mesmos. Somos crianças que tentam dar alguns passos sem as andadeiras: andamos, caímos e a fé nos reergue.

XV
Inteligência

Sou tomado de admiração e de respeito ao perceber a ordem, o artifício prodigioso, as leis mecânicas e geométricas que reinam no universo, os meios, os fins inumeráveis de todas as coisas. Incontinenti julgo que, se os trabalhos dos homens, mesmo os meus, forçam-me a reconhecer uma inteligência em nós, devo reconhecer uma outra bem superior, agindo na multiplicidade de tantas obras. Admito essa inteligência suprema sem temer que um dia possam fazer-me mudar de opinião. Nada abala em mim este axioma: "Toda obra demonstra um obreiro".[3]

XVI
Eternidade

Essa inteligência é eterna? Sem dúvida, pois, quer eu tenha admitido ou rejeitado a eternidade da matéria, não posso rejeitar a existência eterna de seu artesão supremo, sendo evidente que, se existe hoje, existiu sempre.

[3] A prova da existência de Deus, tirada da observação dos fenômenos do universo, cuja ordem e leis constantes parecem indicar a unidade do propósito e, conseqüentemente, uma causa única e inteligente, é a que pode ser admitida por um filósofo livre dos preconceitos e dos galimatias das escolas. A obra intitulada *Do Princípio da Ação* contém uma exposição dessa prova mais simples e mais surpreendente do que aquelas fornecidas por filósofos tidos como profundos porque obscuros, como eloqüentes porque exagerados. Poder-se-ia perguntar agora qual é, no estado atual de nossos conhecimentos sobre as leis do universo, a probabilidade de que essas leis formem um sistema uno e regular, e, em seguida, a probabilidade de que esse sistema regular seja o efeito de uma vontade inteligente. Esta questão é mais difícil do que parece à primeira vista. (N. do A.)

XVII

Incompreensibilidade

Até agora dei apenas dois ou três passos nesse vasto caminho; quero saber se essa inteligência divina é alguma coisa absolutamente distinta do universo (mais ou menos como o escultor se distingue da estátua) ou se essa alma do mundo está unida a ele e o penetra (mais ou menos como aquilo que chamo "minha alma" está unido a mim) conforme a idéia da Antiguidade, tão bem expressa por Virgílio:

"Mens agitat molem et magno se corpore miscet". [4] *(Eneida,* liv. VI, V, 727.)

E por Lucano:

"Jupiter est quodcumque vides, quocumque moveris". [5] (Liv. IX, V, 580.)

Subitamente sinto-me paralisado em minha vã curiosidade. Miserável mortal, se não posso sondar minha própria inteligência, se não posso saber o que me anima, como conhecerei a inteligência inefável que preside visivelmente toda a matéria? Há uma, tudo o demonstra, mas onde está a bússola que me conduzirá rumo à sua morada eterna e ignorada?

XVIII

Infinito

Essa inteligência é infinita em potência e em imensidão como é incontestavelmente infinita em duração? Não posso saber por mim mesmo. Existe, portanto sempre existiu — isto é claro. Mas que idéia posso ter de uma potência infinita? Como posso conceber um infinito atualmente existente? Como posso imaginar que a inteligência suprema esteja no vácuo? O infinito em extensão não é como o infinito em duração. Uma duração infinita já escoou no momento em que falo — isto é certo. Nada posso acrescentar a essa duração passada, mas sempre posso aumentar o espaço que concebo, como posso aumentar os números que concebo. O Infinito em número e em extensão está fora da esfera de meu entendimento. Qualquer coisa que me digam não me esclarece nesse abismo. Felizmente sinto que minhas dificuldades e minha ignorância não podem prejudicar a moral. Quanto mais não se puder conceber a infinidade do espaço preenchido, nem a potência que tudo fez e que, entretanto, pode ainda fazer, tanto mais ficará provada a fraqueza de nosso entendimento, e essa fraqueza só nos tornará ainda mais submissos ao Ser Eterno de que somos a obra.

XIX

Minha Dependência

Somos sua obra. Eis uma verdade interessante para nós, pois as investigações que redobram em mim o sentimento de minha profunda ignorância são aquelas tentativas para saber, pela filoso-

[4] A mente anima a massa unindo-se ao grande corpo. (N. do E.)
[5] Júpiter é tudo o que vês aonde quer que vás. (N. do E.)

fia, em que tempo Ele fez o homem, o que fazia antes, se está na matéria, se está no vácuo, se está num ponto, se age sempre ou não, se age em toda parte, se age fora de si ou em si.

Vejo que na Europa somente uma dúzia de homens escreveu com um pouco de método sobre essas coisas abstratas, mas mesmo que eu suponha que tenham falado de um modo inteligível, qual o resultado? Já reconhecemos (capítulo IV) que as coisas de que apenas uma minoria pode vangloriar-se de compreender são inúteis para o gênero humano. [6] Certamente somos a obra de Deus. Eis aí o que me é útil saber, e sua prova é palpável.

No meu corpo tudo é meio e fim, tudo é mola, polia, força motriz, máquina hidráulica, equilíbrio de licores, laboratório de química. Está, pois, arranjado por uma inteligência (capítulo XV). Não devo esse arranjo à inteligência de meus pais, porque seguramente não sabiam o que faziam quando me puseram no mundo: eram apenas os instrumentos cegos desse fabricante eterno que anima o verme da terra e que faz o Sol girar em seu eixo.

XX

Ainda a Eternidade

Nascido de um germe, vindo de outro germe, houve uma sucessão contínua, um desenvolvimento sem fim desses germes e toda a Natureza sempre existiu como uma decorrência necessária desse Ser Supremo, que existia por si mesmo? Se acreditasse apenas em meu fraco entendimento, diria: parece-me que a Natureza sempre foi animada. Não posso conceber que a causa que age contínua e visivelmente sobre ela, podendo agir desde todos os tempos, não tenha agido sempre. Uma eternidade de ócio parece-me incompatível com o ser agente e necessário. Sou levado a crer que o mundo sempre emanou dessa causa primeira e necessária, como a luz emana do Sol. Qual é o encadeamento de idéias que me arrasta sempre à crença de que as obras de um Ser Eterno são eternas? Minha concepção, muito pusilânime, tem força para alcançar o Ser necessário existente por si mesmo, e não tem força para conceber o Nada. A existência de um único átomo parece-me provar a eternidade da existência; mas nada me prova o Nada. Como? Teria havido "nada" no espaço onde hoje há alguma coisa? Isso me parece incompreensível. Não posso admitir esse "nada", a menos que a revelação venha fixar minhas idéias que se transportam para além dos tempos.

Sei muito bem que seria absurda uma sucessão infinita de seres desprovidos de origem. Samuel Clarke demonstrou-o abundantemente, [7] mas não somente tenta afirmar que Deus não reteve essa cadeia desde toda a eternidade, como ainda não ousa dizer que tenha sido impossível durante

[6] Esta opinião é certa? A experiência não provou que verdades muito difíceis de conhecer podem ser úteis? As tábuas da Lua, a dos satélites de Júpiter guiam nossos barcos nos mares, salvam a vida de marinheiros, e são construídas a partir de teorias conhecidas apenas por um pequeno número de sábios. Ademais, nas ciências que se referem à moral, à política, os mesmos conhecimentos, que inicialmente são a partilha de alguns filósofos, não podem ser postos ao alcance de todos os homens que receberam uma certa educação, que cultivaram seu espírito, e tornar-se, então, uma utilidade geral, pois são esses mesmos homens que governam o povo e que influem sobre as opiniões? Esta máxima é uma das opiniões a que nos arrasta a idéia muito natural, e talvez muito falsa, de que nosso bem-estar foi um dos motivos da ordem que reina no sistema geral dos seres. Não se devem confundir essas causas finais de que falamos com as causas finais mais extensas que a observação dos fenômenos nos pode levar a suspeitar e indicar com maior ou menor probabilidade. As primeiras pertencem à retórica, as outras, à filosofia. O Sr. de Voltaire freqüentemente combateu essa maneira de raciocinar. (N. do A.)

[7] Aqui se trata apenas de uma impossibilidade metafísica. Ora, por que seria inconcebível essa seqüência de fenômenos que se sucedem indefinidamente segundo uma certa lei e que a partir de cada instante formam uma cadeia indefinida, no passado como no presente? Não temos a idéia clara de um corpo movendo-se numa curva infinita, de uma série de termos estendendo-se indefinidamente nos dois sentidos, em qualquer termo que seja moda? A sucessão indefinida de fenômenos não pode, portanto, apavorar um homem familiarizado com as idéias matemáticas. (N. do A.)

longo tempo o Ser eternamente ativo desdobrar sua ação. É evidente que pôde, e, se pôde, quem seria tão ousado a ponto de me dizer que não o fez?

XXI

Ainda Minha Dependência

Esse Ser Eterno, essa causa universal dá-me idéias, pois não são os objetos que me podem dá-las. Uma matéria bruta não pode enviar pensamentos à minha cabeça; meus pensamentos não vêm de mim, pois acontecem a despeito de mim mesmo, e freqüentemente fogem sem minha intervenção. Sabemos muito bem que não há semelhança alguma, relação alguma entre os objetos, nossas idéias e nossas sensações. Certamente havia algo sublime nesse Malebranche, ousando pretender que vemos tudo em Deus mesmo; mas não eram mais sublimes os estóicos, pensando que Deus age em nós e que possuímos um raio de sua substância? Entre o sonho de Malebranche e o dos estóicos, onde está a realidade? Recaio (capítulo II) na ignorância, apanágio da natureza humana, e adoro Deus, que me faz pensar, sem que eu saiba como penso.

XXII

Nova Questão

Convencido, por minha pouca razão, de que há um ser necessário, eterno, inteligente, de quem recebo minhas idéias sem poder adivinhar nem o como nem o porquê, pergunto o que é esse ser, se tem a forma das espécies inteligentes e agentes, superiores à minha, existentes em outros globos. Já disse que nada sabia sobre isto (capítulo I). Entretanto, não posso afirmar que tal coisa seja impossível, pois percebo planetas muito superiores ao meu em extensão, rodeados de mais satélites do que a Terra. Não é inverossímil que estejam povoados de inteligências muito superiores a mim, e de corpos mais robustos, mais ágeis e mais duráveis. Mas não tendo sua existência relação alguma com a minha, deixo aos poetas da Antiguidade o cuidado de fazer Vênus descer de seu suposto terceiro céu, e Marte, do quinto. Devo apenas investigar a ação do ser necessário sobre mim.

XXIII

Um Único Artesão Supremo

Grande parte dos homens, vendo o mal físico e o mal moral espalhados sobre este globo, imaginou dois seres potentes, um produzindo todo o bem, e o outro, todo o mal. Se existissem, seriam necessários, eternos, independentes e ocupariam a totalidade do espaço; portanto, existiriam no mesmo lugar, um penetraria no outro, e isto é absurdo. A idéia dessas duas potências inimigas só pode originar-se dos exemplos que nos espantam na terra: aqui vemos homens doces e ferozes, animais úteis e nocivos, bons senhores e tiranos. Imaginaram-se, então, dois poderes contrários que presidiriam a Natureza. É apenas um romance asiático. Em toda a Natureza há uma unidade manifesta de desígnios: as leis do movimento e do peso são invariáveis; é impossível que dois artesãos supremos, inteiramente contrários um ao outro, tenham obedecido às mesmas leis. Só isto, em minha opinião, já é suficiente para desbaratar o sistema maniqueísta, e não precisamos de grossos volumes para combatê-lo.

Há, pois, uma potência única, eterna, a quem tudo está vinculado, de quem tudo depende, mas cuja natureza é incompreensível. Santo Tomás nos diz que "Deus é um puro ato, uma forma, que não possui nem gênero nem predicado, que é a natureza e o suporte, que existe essencialmente, participativamente e nuncupativamente". Quando os dominicanos se tornaram os senhores da Inquisição, teriam feito queimar um homem que tivesse negado essas belas coisas; eu não as teria negado, mas não as teria compreendido.

Dizem-me que Deus é simples; confesso humildemente que também não compreendo o valor dessa palavra. É verdade que eu não lhe atribuiria partes grosseiras que pudesse separar, mas não posso compreender como o princípio e o senhor de tudo que há na extensão não seja extenso também. Rigorosamente falando, a simplicidade me parece muito semelhante ao não-ser. A extrema fraqueza de minha inteligência não possui um instrumento bastante fino para apreender essa simplicidade. O ponto matemático é simples, dir-me-ão; mas o ponto matemático não existe realmente.

Diz-se, ainda, que uma idéia é simples, mas também não compreendo. Vejo um cavalo, tenho uma idéia dele, mas nele vi uma reunião de coisas. Vi uma cor, tenho uma idéia de cor, mas essa cor é extensa. Pronuncio nomes abstratos: cor em geral, vício, virtude, verdade em geral, mas isso ocorre porque tenho conhecimento de coisas coloridas, de coisas que me pareceram viciosas ou virtuosas, verdadeiras ou falsas; exprimo tudo isso numa palavra, mas não tenho um conhecimento claro da simplicidade. Não sei o que ela é, como não sei o que é um infinito em número atualmente existente.

Já convencido de que, não conhecendo o que sou, não posso conhecer o que é meu autor, minha ignorância deixa-me abatido a cada instante. Consolo-me refletindo sem cessar que não importa que eu não saiba se meu senhor é ou não extenso, desde que eu não faça coisa alguma contra a consciência que me deu. De todos os sistemas que os homens inventaram sobre a Divindade, qual adotarei? Nenhum, senão o de adorá-lo.

XXIV

Spinoza

Depois de ter mergulhado com Tales na água, transformada por ele em primeiro princípio, depois de ter-me chamuscado ao pé do fogo de Empédocles, depois de haver corrido no vácuo em linha reta com os átomos de Epicuro, depois de haver calculado números com Pitágoras e de ter ouvido sua música; depois de haver cumprido meus deveres para com os andróginos de Platão, e tendo passado por todas as regiões da metafísica e da loucura, quis, enfim, conhecer o sistema de Spinoza.

Não é absolutamente novo. É imitação de alguns antigos filósofos gregos e mesmo alguns judeus, mas Spinoza fez o que nenhum filósofo grego, e menos ainda judeu, havia feito: empregou um método geométrico imponente. Para avaliarmos claramente suas idéias, vejamos se não se extraviam metodicamente com o fio que o conduziu.

Estabelece inicialmente uma verdade incontestável e luminosa: há alguma coisa, portanto existe eternamente um ser necessário. Este princípio é tão verdadeiro que o profundo Samuel Clarke dele se serviu para provar a existência de Deus.

Esse ser deve encontrar-se em toda parte onde haja existência, pois, o que o limitaria?

Esse ser necessário é, portanto, tudo o que existe. Só há, pois, realmente, uma única substância no universo.

Essa substância não pode criar uma outra, pois, visto que ela preenche tudo, onde colocar uma substância nova, e como criar alguma coisa do nada? Como criar a extensão sem colocá-la na própria extensão, que existe necessariamente?

No mundo há pensamento e matéria. A substância necessária que chamamos Deus é, pois, o pensamento e a matéria. Todo pensamento e toda matéria estão, portanto, compreendidos na

imensidão de Deus: não há nada fora dele; só pode agir dentro de si mesmo; compreende tudo e é tudo.

Assim, tudo o que chamamos de "substâncias diferentes" é, na verdade, apenas a universalidade dos diferentes atributos do Ser Supremo, que pensa no cérebro dos homens, ilumina na luz, move-se nos ventos, explode no trovão, percorre o espaço em todos os astros e vive em toda a Natureza.

Não está, como um vil rei da Terra, confinado em seu palácio, separado de seus súditos; está intimamente ligado a eles, são partes necessárias dele próprio. Se se distinguisse deles não seria mais o ser necessário, não seria mais universal, não preencheria todos os lugares: seria um ser à parte como um outro qualquer.

Embora todas as modalidades mutáveis no universo sejam efeitos de seus atributos, entretanto, segundo Spinoza, o Ser Supremo não tem partes, pois, diz ele, o infinito não as tem propriamente ditas. Se tivesse, outras poderiam ser-lhe acrescentadas e ele não seria mais infinito. Enfim, Spinoza declara que é preciso amar esse Deus necessário, infinito, eterno. Eis aqui suas próprias palavras:

"No tocante ao amor de Deus, longe de que essa idéia possa enfraquecê-lo, considero que nenhuma outra é mais adequada para aumentá-lo, pois faz-me conhecer que Deus é íntimo ao meu ser, que me dá existência e todas as minhas propriedades, mas que as dá liberalmente, sem censura, sem interesse, sem sujeitar-me a outra coisa que não minha própria natureza. Expulsa o medo, a inquietação, a desconfiança e todos os defeitos de um amor vulgar ou interessado. Faz-me sentir que é um bem que não posso perder e que possuo quanto mais o conheço e amo".

Essas idéias seduziram muitos leitores; houve mesmo aqueles que, antes de escrever contra ele, haviam-se colocado a favor de sua opinião.

Censurou-se o sábio Bayle por haver atacado duramente Spinoza sem compreendê-lo. Duramente, convenho. Injustamente, não o creio. Seria estranho que Bayle não o houvesse compreendido. Descobriu facilmente o ponto fraco do castelo encantado. Viu que, efetivamente, Spinoza compõe seu Deus de partes, embora seja conduzido a desdizer-se, apavorado com seu próprio sistema. Bayle viu como é insensato fazer Deus astro e rã, pensamento e estrume, vencedor e vencido. Viu que essa fábula está muito acima da de Proteu. Talvez Bayle devesse ter-se detido no termo "modalidade", em vez de "parte", pois é o termo "modalidade" que Spinoza sempre usa. Mas é igualmente impertinente, se não me engano, que o excremento de um animal seja uma modalidade ou uma parte do Ser Supremo.

Não combateu, é verdade, as razões que levaram Spinoza a sustentar a impossibilidade da criação, isto porque a criação é um objeto de fé e não de filosofia. Essa idéia não é particular a Spinoza. Toda a Antiguidade pensou como ele. Bayle só ataca a idéia absurda de um Deus simples composto de partes, um Deus que se come e se digere a si mesmo, que ama e odeia a mesma coisa ao mesmo tempo, etc. Spinoza se serve sempre do nome de Deus. Bayle o pega por suas próprias palavras.

Mas, no fundo, Spinoza não reconhece Deus. Empregou essa expressão, disse que era preciso amá-lo, apenas para não encolerizar o gênero humano. Parece um ateu na acepção plena desse termo. Não é ateu como Epicuro, que reconhecia deuses inúteis e ociosos; não o é como a maioria dos gregos e dos romanos, que caçoavam dos deuses do vulgo. É ateu porque não reconhece Providência alguma, porque não admite a eternidade, a necessidade e a imensidão das coisas. É como Estratão e Diágoras. Não duvida, como Pirro; afirma. E o que afirma? Que há uma única substância, que não pode haver duas, que essa substância é extensa e pensante, o que nunca disseram os filósofos gregos e asiáticos, que acreditavam numa alma universal.

Não fala, em parte alguma de seu livro, dos desígnios marcados que se manifestam em todos os seres. Não examina se os olhos são feitos para ver, os ouvidos para ouvir, os pés para andar, as asas para voar. Não considera nem as leis do movimento nos animais e nas plantas, nem sua estrutura adaptada a essas leis, nem a profunda matemática que governa o curso dos astros: teme perceber que tudo o que existe atesta uma Providência Divina. Não sobe dos efeitos às suas causas, mas, colocando-se de um único lance à testa da origem das coisas, constrói seu romance como Descartes o seu: sobre uma suposição. Juntamente com Descartes, supunha o pleno, embo-

ra seja rigorosamente demonstrado que todo movimento é impossível no pleno. Foi isso, principalmente, que o fez olhar o universo como uma única substância. Foi a vítima lograda de seu espírito geométrico. Como Spinoza, não podendo duvidar que a inteligência e a matéria existem, deixou de examinar se a Providência não teria arranjado tudo? Como não deu uma olhada sobre essas molas, sobre esses meios, cada um provido de seu fim, para saber se provam um artesão supremo? Seria preciso que fosse um físico muito ignorante, ou um sofista cheio de um orgulho bem estúpido, para não reconhecer uma Providência todas as vezes que respirava e que sentia seu coração bater, pois a respiração e o movimento do coração são efeitos de uma máquina tão industriosamente complicada, arranjada com uma arte tão potente, dependendo de tantas molas concorrendo todas ao mesmo fim, que é impossível imitá-la, e impossível um homem de bom senso não admirá-la.

Os spinozistas modernos respondem: não vos encolerizeis com as conseqüências que nos imputais; como vós, encontramos uma seqüência de efeitos admiráveis nos corpos organizados e em toda a Natureza. A causa eterna está na inteligência eterna que admitimos e que, com a matéria, constitui a universalidade das coisas, que é Deus. Há somente uma substância que age pela modalidade da matéria e que constitui, assim, o universo como um todo inseparável.

Replica-se a essa resposta: como podeis provar-nos que o pensamento que faz mover os astros, que anima os homens, que faz tudo, seja uma modalidade, e que as excreções de um sapo e de um verme sejam uma outra modalidade desse mesmo ser soberano? Ousaríeis dizer que um princípio tão estranho vos é demonstrado? Não cobris vossa ignorância com palavras que não compreendeis? Bayle desembaraçou bem os sofismas de vosso mestre nos desvios e nas obscuridades de seu estilo pretensamente geométrico, e realmente muito confuso. Remeto-vos a ele. Os filósofos não devem recusar Bayle.

Seja lá como for, observarei que Spinoza se engana de boa fé. Parece-me que não afastava de seu sistema idéias que pudessem prejudicá-lo, porque estava bem recheado com as suas. Seguia seu caminho sem olhar nada que pudesse atravessá-lo, e é o que nos acontece freqüentemente. Mais ainda: derrubava todos os princípios da moral, e, no entanto, praticava uma moral rígida; sóbrio, a ponto de beber apenas uma pinta de vinho em um mês; desinteressado, a ponto de devolver aos herdeiros do desafortunado João de Witt uma pensão de duzentos florins, que esse grande homem lhe dava; generoso, a ponto de dar seus bens; sempre paciente em seus males e em sua pobreza; sempre uniforme em sua conduta.

Bayle, que o maltratou tanto, tinha mais ou menos o mesmo caráter. Ambos procuraram a verdade durante toda a vida, mas por estradas diferentes. Spinoza constrói um sistema especioso em alguns pontos e bem errôneo, no fundo. Bayle combateu todos os sistemas. Que aconteceu com os escritos de ambos? Ocuparam a ociosidade de alguns leitores — a isto se reduzem todos os escritos. Desde Tales até os professores de nossas universidades, desde os mais quiméricos raciocinadores até seus plagiadores, nenhum filósofo influiu sequer nos costumes da rua em que vivia. Por quê? Porque os homens se conduzem pelo hábito e não pela metafísica. Um único homem, eloqüente, hábil e acreditado, poderá muito sobre os homens; cem filósofos nada poderão, se forem apenas filósofos.

XXV

Absurdos

Quantas viagens por terras desconhecidas! E ainda é quase nada! Sinto-me como um homem que, tendo errado pelo oceano, ao perceber as ilhas Maldivas, semeadas sobre o mar Índico, quisesse visitar todas. Minha grande viagem de nada me valeu. Vejamos se ganharei alguma coisa observando essas ilhotas, cuja serventia parece ser apenas a de atravancar o caminho.

Num certo curso de filosofia explicam-me coisas cuja noção ninguém pode alcançar. Um quer fazer-me compreender a Trindade pela física, dizendo que se assemelha às três dimensões da

matéria. Deixo-o falar e saio depressa. Um outro quer fazer-me tocar com o dedo a transubstanciação, mostrando-me pelas leis do movimento como um acidente pode existir sem sujeito e como um mesmo corpo pode estar em dois lugares diferentes ao mesmo tempo. Tapo os ouvidos e saio ainda mais depressa.

Pascal, o próprio Blaise Pascal, autor das *Cartas Provinciais,* profere estas palavras: "Credes que Deus seja infinito e sem partes? Quero, então, mostrar-vos uma coisa indivisível e infinita: um ponto movendo-se por toda parte numa velocidade infinita, pois está em todos os lugares, e é completo em cada um deles".

Um ponto matemático que se move! Justos céus! um ponto que existe apenas na cabeça do geômetra, que é o mesmo em toda a parte, que tem uma velocidade infinita, como se a velocidade infinita atual pudesse existir! Cada palavra é uma loucura. E tais loucuras foram proferidas por um grande homem!

Vossa alma é simples, incorporal, intangível, diz-me um outro. E como nenhum corpo pode tocá-la, vou provar pela física de Alberto Magno que ela será queimada fisicamente, se não fordes de minha opinião. É assim que faço minha prova *a priori,* fortificando Alberto com os silogismos de Albelli. Respondo-lhe que não entendo seu *a priori,* que considero seu cumprimento muito duro, que somente a revelação (o que não é o nosso caso) pode ensinar-me uma coisa tão incompreensível, que lhe permito não ter minha opinião sem, contudo, ameaçá-lo. E afasto-me dele, temendo que me faça algum mal, pois o homem parece-me bastante maldoso.

Uma multidão de sofistas de todo o país e de todas as seitas cumula-me de argumentos ininteligíveis sobre a natureza das coisas e sobre a minha, sobre meu estado passado, presente e futuro. Se alguém lhes fala em comer e beber, em vestuário, em habitação, em gêneros necessários, em dinheiro para obtê-los, todos se entendem maravilhosamente. Se há algumas moedas a ganhar todos se aprestam, ninguém se engana num tostão. Mas quando se trata de nosso ser, não têm uma idéia clara; o senso comum os abandona. Volto, assim, à minha primeira conclusão (capítulo IV): aquilo que não tem uma serventia universal, que não está ao alcance do comum dos homens, sendo compreendido apenas por uma minoria que exercitou mais do que os outros sua faculdade de pensar, não é necessário ao gênero humano.

XXVI

Do Melhor dos Mundos

Correndo por todos os lados a fim de instruir-me, encontrei discípulos de Platão. — "Vinde conosco", disseram-me. "Estais no melhor dos mundos. Ultrapassamos nosso mestre: em sua época havia apenas cinco mundos possíveis, porque só havia cinco corpos regulares, mas atualmente, como há uma infinidade de universos possíveis, Deus escolheu o melhor. Vinde e o achareis bom." Respondo-lhes humildemente: — "Os mundos que Deus poderia criar ou eram melhores, ou perfeitamente iguais ou piores do que o existente. Não poderia ter tomado o pior. Quanto aos que eram iguais, supondo-se que houvesse, não valiam a preferência, pois eram exatamente os mesmos e Deus não poderia escolher um deles: tomar um, seria tomar o outro. Era, portanto, impossível que não tomasse o melhor. Mas como os outros seriam possíveis, se era impossível que existissem?"

Apresentaram-me belas distinções, assegurando sempre, sem se entenderem, que este mundo é o melhor de todos os mundos realmente possíveis. Nesse momento, porém, sentindo-me atormentado por cálculos na bexiga, e sofrendo dores insuportáveis, os cidadãos do melhor dos mundos conduziram-me ao hospital vizinho. Durante o caminho, dois dos bem-aventurados habitantes foram aprisionados por criaturas semelhantes a eles. Foram postos a ferros: um, por algumas dívidas, outro, por uma simples suspeita. Não sei se fui conduzido ao melhor dos hospitais possíveis, mas fui amontoado com dois ou três mil miseráveis que sofriam como eu. Havia ali vários defensores da pátria que me contaram que haviam sido trepanados e dissecados vivos, que lhes

haviam cortado os braços, as pernas e que vários milhares de seus generais compatriotas haviam sido massacrados em uma das trinta batalhas travadas na última guerra, que é a centésima milésima guerra depois que conhecemos guerras. Viam-se também, nessa casa, mais ou menos mil pessoas dos dois sexos, parecendo espectros horrendos e que eram esfregados com um certo metal por terem seguido a lei da Natureza e esta, não sei como, tinha tomado a precaução de envenenar-lhes a fonte da vida. Agradeci a meus dois condutores.

Após mergulharem um ferro bem afiado em minha bexiga, arrancando algumas pedras dessa pedreira, e após ter sarado, ficando com apenas alguns incomodos dolorosos para o resto de meus dias, apresentei minhas opiniões aos meus guias. Tomei a liberdade de lhes dizer que havia coisas boas no mundo, pois haviam tirado quatro cascalhos do seio de minhas entranhas dilaceradas, mas que eu teria preferido que minha bexiga fosse um balão e não uma pedreira. Falei-lhes das calamidades e dos crimes inumeráveis que cobrem este mundo excelente. O mais intrépido deles, um alemão, meu compatriota, disse-me que tudo isso era apenas bagatela.

— "Foi", disse ele, "um grande favor do céu para com o gênero humano que Tarqüínio violasse Lucrécia e que Lucrécia se apunhalasse, pois os tiranos foram expulsos, a violação, o suicídio e a guerra estabeleceram uma república que fez a felicidade dos povos conquistados." Tive dificuldade para convencer-me dessa felicidade. Não compreendi qual fora a felicidade dos gauleses e dos espanhóis, perecendo aos milhares nas mãos de César. As devastações e rapinas também me pareceram coisas desagradáveis. Mas o defensor do otimismo não desistia. Dizia-me, como o carcereiro de Dom Carlos: "Paz, paz. É para o vosso bem". Enfim, levado ao extremo, disse-me que era preciso não atentar para o glóbulo terrestre, onde tudo sai atravessado, mas para a estrela Sírius, para Órion, para o olho do Touro e alhures, onde tudo é perfeito. — "Vamos, então, para lá", disse-lhe eu.

Nesse momento, um pequeno teólogo puxou-me pelo braço. Confidencialmente, contou-me que essa gente era sonhadora, que não era necessário haver mal sobre a terra, porque fora feita expressamente para que nela só houvesse bem. E para prová-lo, disse-me: — "Sabeis que outrora as coisas se passaram assim durante dez ou doze dias". — "Ai de nós!" respondi-lhe. "É uma pena, meu reverendo padre, que isso não tivesse continuado."

XXVII

Das Mônadas, etc.

O mesmo alemão apossou-se novamente de mim; doutrinou-me, ensinou-me claramente o que é minha alma. — "Na Natureza tudo é composto de mônadas; vossa alma é uma mônada, e como mantém relações com todas as outras mônadas do mundo tem necessariamente idéias de tudo o que se passa nele; tais idéias são confusas, o que é muito útil; e vossa mônada, bem como a minha, é um espelho concentrado do universo.

"Mas não creiais que agis em conseqüência de vossos pensamentos. Há uma harmonia preestabelecida entre a mônada de vossa alma e todas as mônadas de vosso corpo, de sorte que quando vossa alma tem uma idéia, vosso corpo tem uma ação, sem que uma seja seqüência da outra. São dois pêndulos que oscilam juntos; ou, se quiserdes, parecem com um homem que prega enquanto um outro faz os gestos. Concebeis facilmente que é preciso que assim seja no melhor dos mundos. Pois. . ."[8]

[8] Aquilo que se denomina sistema das mônadas é, sob vários aspectos, a maneira mais simples de conceber grande parte dos fenômenos que a observação dos seres sensíveis e inteligentes nos apresenta. Supondo, com efeito, que todos os seres possuem uma capacidade igual para ter idéias, fazendo depender toda a diferença entre eles de suas relações com outros objetos, concebe-se muito bem como pode produzir-se a cada instante um grande número de seres novos tendo consciência distinta do *eu;* como tal sentimento pode cessar de existir sem que nada seja aniquilado, despertar após ter sido suspenso durante intervalos mais ou menos longos, etc., etc. (N. do A.)

XXVIII

Das Formas Plásticas

Como não compreendia coisa alguma a respeito dessas idéias admiráveis, um inglês, chamado Cudworth, percebeu a ignorância estampada em meus olhos fixos, em meu embaraço, em minha cabeça baixa. — "Essas idéias", disse-me ele, "vos parecem profundas porque são ocas. Vou ensinar-vos claramente como a Natureza age. Em primeiro lugar, há as naturezas plásticas que constituem todos os animais e todas as plantas. Compreendeis bem?" — "Nem uma palavra, senhor." — "Continuemos, pois.

"Uma natureza plástica não é uma faculdade do corpo. É uma substância imaterial que age sem saber o que faz, sendo inteiramente cega. Não sente, não raciocina, não vegeta; mas a tulipa possui sua forma plástica que a faz vegetar; o cão, sua forma plástica que o faz ir à caça; e o homem, a sua, que o faz raciocinar. Essas formas são os agentes imediatos da Divindade. Não há ministros mais fiéis no mundo, pois dão tudo e nada retêm para si mesmos. Vedes bem que são os verdadeiros princípios das coisas e que as naturezas plásticas são preferíveis à harmonia preestabelecida e às mônadas, espelhos concentrados do universo." Confessei-lhe que umas valiam tanto quanto as outras.

XXIX

De Locke

Após tantas voltas infelizes, fatigado, extenuado, envergonhado por ter procurado tantas verdades e ter encontrado tantas quimeras, retornei a Locke, como o filho pródigo retorna à casa de seu pai. Lancei-me nos braços de um homem modesto, que nunca finge saber aquilo que não sabe, que, na verdade, não possui riquezas imensas, mas cujos fundos estão bem assegurados, e que frui um bem sólido sem nenhuma ostentação. Confirma a opinião que sempre tive: que nada penetra em nosso entendimento sem ter passado por nossos sentidos.

Que não há noções inatas.

Que não podemos ter idéia nem de um espaço infinito, nem de um número infinito.

Que não penso sempre e, conseqüentemente, que o pensamento não é a essência, mas a ação do meu entendimento.[9]

Que sou livre quando posso fazer o que quero.

Que a liberdade não pode consistir em minha vontade, pois quando permaneço voluntariamente em meu quarto, cuja porta está fechada, sem que eu possua chave, não tenho a liberdade de sair; pois sofro quando não posso recordar-me de minhas idéias quando quero recordá-las.

Que no fundo, portanto, é absurdo dizer "quero querer tal coisa" porque seria exatamente o mesmo que dizer "desejo desejá-la", "temo temê-la". Que, enfim, a vontade não é livre, assim como não é azul nem quadrada (vide o capítulo XIII).

Que, conseqüentemente, não posso querer as idéias recebidas em meu cérebro; que sou obrigado a determinar-me em conseqüência de tais idéias, visto que se assim não fosse eu me determinaria sem razão e haveria um efeito sem causa.

Que não posso ter uma idéia positiva do infinito porque sou muito finito.

Que não posso conhecer substância alguma porque só posso ter idéias de suas qualidades, e

[9] Não está provado que nada sentimos no sono mais profundo; é até mesmo bastante verossímil que tenhamos, então, sensações, na verdade, bem fracas para excitar a atenção ou permanecer na memória, muito mal ordenadas para formar um sistema conseqüente ou que possa vincular-se aos das idéias que possuímos no estado de vigília. De outro modo, seríamos obrigados a dizer que a atenção nos faz sentir ou não sentir as impressões que recebemos dos objetos, o que talvez fosse ainda mais difícil de conceber. (N. do A.)

mil qualidades de uma coisa não podem fazer-me conhecer sua natureza íntima, podendo haver cem mil outras qualidades ignoradas.

Que sou a mesma pessoa se e somente se tiver memória e o sentimento de minha memória, pois não possuindo a menor parte de meu corpo tal como me pertencia em minha infância e não tendo a menor lembrança das idéias que me afetaram nessa idade, é claro que não sou essa mesma criança, como não sou Confúcio ou Zoroastro. Sou considerado a mesma pessoa por aqueles que me viram crescer e que sempre viveram comigo, mas não tenho, de modo algum, a mesma existência; não sou mais o antigo eu-mesmo. Sou uma nova identidade. E quantas conseqüências singulares decorrem disso!

Que, enfim, conforme a profunda ignorância em que me acho no tocante aos princípios das coisas, é impossível que eu possa conhecer quais são as substâncias cuja essência seja pensar, que pensam sempre e que pensam por si mesmas. Neste caso, tais substâncias, sejam quais forem, são deuses, pois não carecem do Ser Eterno e formador, visto que possuem suas essências sem Ele, e que pensam sem Ele.

Em segundo lugar, se o Ser Eterno deu o dom de sentir e de pensar aos seres, deu-lhes aquilo que não lhes pertencia essencialmente e, portanto, pode tê-lo dado a qualquer ser.

Em terceiro lugar, não conhecemos a fundo ser algum, sendo, pois, impossível que saibamos se um ser é incapaz ou não de receber o sentimento e o pensamento. Os vocábulos "matéria" e "espírito" são apenas vocábulos. Não temos a noção completa dessas duas coisas. Portanto, no fundo haveria tanta temeridade em dizer que um corpo organizado pelo próprio Deus não pode receber dele o pensamento, quanto seria ridículo dizer que o espírito não pode pensar.

Em quarto lugar, supondo que haja substâncias puramente espirituais que nunca tiveram idéia da matéria e do movimento: terão elas o direito de negar que a matéria e o movimento possam existir?

Suponho que a sábia congregação que condenou Galileu como ímpio e absurdo, por ter demonstrado o movimento da Terra ao redor do Sol, teve algum conhecimento das idéias do Chanceler Bacon, que se propunha examinar se a atração é dada à matéria. Suponho que o relator desse tribunal foi obrigado a revelar àquelas graves personagens que havia gente muito louca na Inglaterra, a ponto de suspeitar que Deus poderia dar a toda matéria, desde Saturno até nosso montículo de lama, uma tendência para um centro, uma atração, uma gravitação que seria absolutamente independente de todo impulso, pois o impulso dado por um fluido em movimento age em virtude das superfícies, enquanto tal gravitação age em virtude dos sólidos. Não vistes, então, esses juízes da razão humana e do próprio Deus ditarem logo suas sentenças, anatematizar essa gravitação que Newton demonstrou mais tarde, declarando-a impossível para Deus e considerando-a uma blasfêmia? Sou culpado, parece-me, da mesma temeridade que eles, quando ouso afirmar que Deus não pode fazer qualquer ser organizado sentir e pensar.

Em quinto lugar, não posso duvidar que Deus tenha atribuído sensações, memória, e, conseqüentemente, idéias à matéria organizada nos animais.[10]

Por que, então, negaria que Ele pudesse presentear do mesmo modo outros animais? Já foi dito. A dificuldade não consiste em saber se a matéria organizada pode pensar, mas em saber como um ser, seja lá qual for, pensa.

O pensamento tem algo divino. Sim, sem dúvida, e é por isso que nunca saberei o que é um ser pensante. O princípio do movimento é divino e nunca saberei a causa desse movimento, cujas leis são executadas por todos os meus membros.

O filho de Aristóteles, quando ainda de peito, atraía para sua boca a teta que sugava, fazendo dela, precisamente com a língua que puxava, uma máquina pneumática, bombando o ar, for-

[10] As mesmas provas que estabeleciam a imaterialidade da alma humana serviriam para provar com a mesma força a imaterialidade da alma dos animais. Esse argumento também pode ser erguido contra os filósofos que crêem que a alma humana e a dos animais são de uma natureza completamente diferente. (N. do A.)

mando o vácuo, enquanto seu pai nada sabia de tudo isso e dizia descuidadamente que a Natureza tem horror ao vazio.

O filho de Hipócrates, com a idade de quatro anos, provava a circulação do sangue passando o dedo sobre a mão, e Hipócrates não sabia que o sangue circulava.

Somos essas crianças. Operamos coisas admiráveis e nenhum filósofo sabe como se operam.

Em sexto lugar, eis as razões, ou melhor, as dúvidas que minha faculdade intelectual fornece, a partir das asserções modestas de Locke. Não digo, ainda uma vez, que é a matéria que pensa em nós. Digo, com ele, que não nos cabe declarar que para Deus seja impossível fazer a matéria pensar, sendo absurdo declará-lo e não cabendo aos vermes da terra limitar a potência do Ser Supremo.

Em sétimo lugar, acrescento que tal questão é absolutamente estranha à moral, pois, quer a matéria possa ou não pensar, todo aquele que pensa deve ser justo, porque o átomo a quem Deus tiver dado o pensamento poderá merecer ou desmerecer, ser punido ou ser recompensado e durar eternamente da mesma maneira que o ser desconhecido, outrora denominado "sopro", e hoje, "espírito", cuja noção nos escapa mais do que a de átomo.

Sei bem que aqueles que acreditaram que o ser chamado "sopro" poderia ser o único suscetível de sentir e de pensar perseguiram aqueles que tomaram o partido do sábio Locke, não ousando limitar a potência de Deus ao ato de animar apenas esse sopro. Mas, ainda que o universo inteiro acreditasse que a alma era um corpo, um sopro, uma substância de fogo, ter-se-ia o direito de perseguir aqueles que vieram ensinar-nos que a alma é imaterial? Todos os Padres da Igreja que acreditaram ser a alma um corpo desligado teriam razão de perseguir todos os outros Padres que trouxeram aos homens a idéia da imaterialidade perfeita? Não, sem dúvida, pois o perseguidor é abominável. E assim, aqueles que admitiram a imaterialidade perfeita, sem compreendê-la, deveriam tolerar aqueles que a rejeitavam por não compreendê-la. Aqueles que recusaram a Deus o poder de animar o ser desconhecido chamado "matéria" também deveriam tolerar aqueles que não ousaram despojar Deus desse poder, pois é muito desonesto odiar-se por causa de silogismos.

XXX

Que Aprendi Até Agora?

Contei, pois, com Locke e comigo mesmo e encontrei-me possuidor de quatro ou cinco verdades, libertado de uma centena de erros, e carregado de uma quantidade imensa de dúvidas. Em seguida, disse a mim mesmo: essas poucas verdades que adquiri com minha razão serão um bem estéril em minhas mãos, se não encontrar algum princípio moral. É belo que um animal tão débil como o homem se tenha elevado ao conhecimento do Senhor da Natureza; mas isso servirá tão pouco quanto a ciência da álgebra, se não retirar daí regras para a conduta de minha vida.

XXXI

Há uma Moral?

Quanto mais vi homens diferentes pelo clima, pelos costumes, pela linguagem, pelas leis, pelo culto e pela medida de sua inteligência, tanto mais observei que todos possuem o mesmo fundo moral: todos têm uma noção grosseira do justo e do injusto, sem saber uma palavra de teologia; todos adquiriram essa noção na idade em que a razão se desdobra, como todos adquiriram naturalmente a arte de levantar fardos com bastões e de atravessar riachos sobre um pedaço de madeira, sem ter aprendido matemática.

Pareceu-me, pois, que essa idéia do justo e do injusto era-lhes necessária, visto que todos concordavam nesse ponto, desde que pudessem agir e raciocinar. A inteligência suprema que os formou quis, portanto, que houvesse justiça sobre a terra para que nela pudéssemos viver durante certo tempo. Parece-me que não possuindo, como possuem os animais, nem instintos para nos alimentarmos, nem as armas naturais, e vegetando vários anos na imbecilidade de uma infância exposta a todos os perigos, os poucos homens que houvessem escapado das garras das bestas ferozes, da fome e da miséria ocupar-se-iam em lutar por causa de alguma comida ou de algumas peles de animais, e logo seriam destruídos, como as crianças do dragão Cadmos, assim que tivessem podido servir-se de alguma arma. Pelo menos não teria havido sociedade alguma se os homens não tivessem concebido certa idéia da justiça, vínculo de toda sociedade.

Como o egípcio, que erguia pirâmides e obeliscos, e o cita errante, que sequer conhecia cabanas, teriam as mesmas noções fundamentais do justo e do injusto, se Deus não houvesse dado desde sempre a um e a outro essa razão que, desenvolvendo-se, fê-los perceber os mesmos princípios necessários, assim como lhes deu órgãos que, alcançando certo grau de energia, perpetuam necessária e igualmente a raça do cita e a do egípcio? Vejo uma horda bárbara, ignorante, supersticiosa, um povo sanguinário e avarento que não possuía em seu jargão sequer um termo para designar a geometria e a astronomia; no entanto, esse povo tem as mesmas leis fundamentais que o sábio caldeu que conheceu a rota dos astros, e que o fenício, ainda mais sábio, que se serviu do conhecimento dos astros para fundar colônias nos limites do hemisfério, onde o oceano se confunde com o Mediterrâneo. Todos esses povos asseguram que é preciso respeitar seu pai e sua mãe, que o perjúrio, a calúnia e o homicídio são abomináveis. Todos retiram, portanto, as mesmas conseqüências do mesmo princípio de sua razão desenvolvida.

XXXII

Utilidade Real. Noção de Justiça

A noção de algo justo parece-me tão natural, tão universalmente adquirida por todos os homens, que é independente de toda lei, de todo pacto, de toda religião. Que eu peça a um turco, a um guebro ou a um malabar a devolução do dinheiro que lhe emprestei para alimentar-se e vestir-se, nunca lhe virá à cabeça responder-me: "Esperai até que eu saiba se Maomé, Zoroastro ou Brama ordenam-me que vos devolva vosso dinheiro". Cada um deles convirá que é justo que me pague e, se não o fizer, há de ser porque a pobreza ou a avareza vencerão a justiça que reconhece.

Considero indiscutível que não há povo algum para quem seja justo, belo, conveniente, honesto recusar o alimento ao pai ou à mãe, quando se lhes pode dar; que nenhuma povoação encarou a calúnia como uma boa ação, nem mesmo uma companhia de beatos fanáticos.

De tal modo a idéia de justiça parece-me uma verdade de primeira ordem, a que todo o universo dá seu assentimento, que os maiores crimes que afligem a humanidade são cometidos sob um falso pretexto de justiça. O maior dos crimes, pelo menos o mais destrutivo, e conseqüentemente o mais oposto à finalidade da Natureza, é a guerra. E, no entanto, não há um agressor que não tinja essa malfeitoria com o pretexto da justiça.

Os depredadores romanos obrigavam os chamados padres feciais a declararem *todas as suas* invasões justas. Todo salteador que se encontra à testa de um exército começa seus furores com um manifesto e implora ao Deus dos exércitos.

Mesmo os pequenos ladrões, quando se associam, cuidam para não dizer: "Vamos roubar, vamos arrancar o alimento da viúva e do órfão". Dizem: "Sejamos justos, vamos recuperar nosso bem das mãos dos ricos que dele se apoderaram". Têm entre si um dicionário, aliás impresso desde o século XVI. Nesse vocabulário, que chamam "gíria", não existem os termos "roubo", "furto", "rapina"; servem-se de termos que correspondem a "ganhar", "retomar".

A palavra injustiça nunca é pronunciada num conselho de Estado em que se proponha o assassinato mais injusto. Mesmo os conspiradores mais sanguinários nunca disseram: "Come-

tamos um crime". Todos disseram: "Vinguemos a pátria contra os crimes do tirano; punamos aquilo que nos parece uma injustiça". Em uma palavra: aduladores, fracos, ministros bárbaros, conspiradores odiosos, ladrões mergulhados na iniqüidade, todos homenageiam, malgrado eles mesmos, a própria virtude que pisoteiam.

Sempre me espantei de que entre os franceses, esclarecidos e polidos, tenha-se suportado no teatro aquelas máximas tão terríveis e falsas que se encontram na primeira cena de *Pompeu*, e ainda mais exageradas de que as de Lucano, de quem são imitadas.

"A justiça e o direito são vãs idéias. . .
O direito dos reis consiste em nada poupar."

E tais palavras são postas na boca de Fotino, ministro do Jovem Ptolomeu. Mas, justamente porque é ministro, deveria dizer exatamente o contrário; deveria representar a morte de Pompeu como uma infelicidade necessária e justa.

Creio, pois, que as idéias de justo e de injusto são tão claras, tão universais quanto as de saúde e de doença, de verdade e de falsidade, de conveniência e de inconveniência. Os limites do justo e do injusto são muito difíceis de estabelecer, assim como é difícil de limitar o estado intermediário entre a saúde e a doença, entre a conveniência e a inconveniência das coisas, entre o falso e o verdadeiro. Mesclam-se os matizes, mas as cores definidas ferem todos os olhares. Por exemplo, todos os homens admitem que se deve devolver aquilo que se pediu emprestado; mas sabendo, com certeza, que aquele a quem devo dois milhões irá usá-los para subjugar minha pátria, devo devolver-lhe essa arma funesta? Eis onde os sentimentos se dividem. Entretanto, de modo geral, devo manter meu juramento desde que dele não resulte algum mal. Disso ninguém jamais duvidou.[11]

XXXIII

O Consentimento Universal é Prova da Verdade?

Podem objetar-me que o consentimento dos homens de todos os tempos e de todos os países não é uma prova da verdade. Todos os povos acreditaram na magia, nos sortilégios, nos endemonhados, nas aparições, nas influências dos astros e em cem outras tolices desse gênero. O mesmo não ocorreria com o justo e o injusto?

Parece-me que não. Primeiramente, é falso que todos os homens tenham acreditado nessas quimeras. É verdade que foram o alimento da imbecilidade do vulgo, e há o vulgo entre os grandes e o vulgo entre o povo. No entanto, uma multidão de sábios sempre zombou delas e, ao contrário, sempre admitiu o justo e o injusto, tanto quanto o povo, ou até mais do que este.

A crença nos feiticeiros, nos endemoninhados, etc., está longe de ser necessária ao gênero humano. A crença no justo e no injusto é uma necessidade absoluta, portanto é um desenvolvi-

[11] A idéia da justiça, do direito, forma-se naturalmente em todos os seres sensíveis, capazes das combinações necessárias para a aquisição dessas idéias. São, pois, uniformes. Em seguida pode ocorrer que certos seres raciocinem mal a partir dessas noções, alterando-as e mesclando-as com idéias acessórias, etc., do mesmo modo que tais seres podem enganar-se sobre os outros objetos. Mas, visto que todo ser, raciocinando com justeza, será conduzido às mesmas idéias em moral como em geometria, não é menos verdadeiro que tais idéias não são arbitrárias, mas certas e invariáveis. Com efeito, são a seqüência necessária das propriedades dos seres sensíveis e capazes de raciocinar; derivam-se da natureza deles, de sorte que basta supor a existência de tais seres para que as proposições fundadas sobre essas noções sejam verdadeiras, assim como basta supor a existência de um círculo para estabelecer a verdade das proposições que decorrem de suas diferentes propriedades. Assim, a realidade das proposições morais, sua verdade relativamente ao estado dos seres reais, dos homens, dependem unicamente dessa verdade de fato: os homens são seres sensíveis e inteligentes. (N. do A.)

mento da razão dada por Deus, enquanto a idéia de feiticeiros é, pelo contrário, uma perversão dessa mesma razão.

XXXIV

Contra Locke

Locke, que me instrui, que me ensina a desconfiar de mim mesmo, não se engana algumas vezes, como eu próprio? Quer provar a falsidade das idéias inatas, mas não acrescenta uma razão bem ruim a outras muito boas? Confessa que não é justo ferver o próximo num caldeirão e comê-lo. Diz, porém, que houve nações antropófagas e que tais seres pensantes não teriam comido homens se tivessem as idéias do justo e do injusto, que suponho necessárias à espécie humana (vide o capítulo XXXVI).

Sem discutir aqui a questão de se houve ou não alguma nação antropofágica, sem examinar os relatos do viajante de Dampierre que percorreu toda a América e nunca viu alguma desse tipo, mas que, pelo contrário, foi recebido entre todos os selvagens com a maior humanidade, eis o que respondo:

Vencedores comeram os escravos que conquistaram pela guerra. Acreditaram que praticavam uma ação muito justa; acreditaram ter sobre eles o direito de vida e de morte e como possuíam poucas iguarias para suas mesas, acreditaram que lhes era permitido nutrir-se com o fruto de sua vitória. Nesse ponto foram mais justos do que os triunfadores romanos que mandavam estrangular, sem nenhum fruto, os príncipes escravos que haviam acorrentado a seus carros triunfais. Os romanos e os selvagens tinham uma falsa idéia da justiça, admito, mas, enfim, uns e outros acreditavam agir justamente. E isto é tão verdadeiro que esses mesmos selvagens, quando admitiam os cativos em sua sociedade, passavam a encará-los como seus filhos; e esses mesmos antigos romanos deram mil exemplos admiráveis de justiça.

XXXV

Contra Locke

Concordo com o sábio Locke que não há noção inata nem princípio inato. É uma verdade tão constante que seria evidente que as crianças teriam uma noção clara de Deus se houvessem nascido com essa idéia, e que todos os homens concordariam nessa mesma noção, e esse acordo nunca foi visto. Não é menos evidente que não nascemos com princípios desenvolvidos de moral, pois não se compreenderia como uma nação inteira poderia rejeitar um princípio moral gravado no coração de cada indivíduo dessa nação.

Suponho que nascemos todos com o princípio moral bem desenvolvido de que não se deve perseguir alguém por seu modo de pensar. Como, então, povos inteiros poderiam ter sido perseguidores? Suponho que cada homem carrega consigo a lei evidente que ordena a fidelidade ao juramento. Como, então, todos esses homens reunidos em corpo poderiam ter estabelecido que não se deve manter a palavra dada a um herege? Repito, ainda, que no lugar dessas idéias quiméricas, Deus nos deu uma razão que se fortifica com a idade, que ensina a todos nós, quando estamos atentos, sem paixão e sem preconceitos, que há um Deus e que é preciso ser justo. Mas não posso concordar com Locke nas conseqüências que tira daí. Parece-me que se aproxima muito do sistema de Hobbes, de quem, no entanto, está muito afastado.

Eis suas palavras no primeiro livro do *Entendimento Humano:* "Considerai uma cidade tomada de assalto e vede se aparece nos corações dos soldados, animados pela carnificina e pela pilhagem, algum respeito pela virtude, algum princípio moral, algum remorso pelas injustiças que

cometem". Não, não têm remorsos. E por quê? Porque acreditam agir justamente. Nenhum deles supôs injusta a causa do príncipe por quem irá combater: jogam suas vidas nessa causa; mantêm o trato que fizeram. Poderiam ser mortos no assalto, por isso acreditam-se no direito de matar. Poderiam ser despojados, por isso pensam que podem despojar. Acrescentai que estão ébrios de furor e não raciocinam. E para provar que não rejeitaram a idéia do justo e do injusto, ofereceí a esses mesmos soldados muito mais dinheiro do que a pilhagem da cidade lhes pode proporcionar, moças mais belas do que aquelas que violaram, desde que, em vez de degolar, em sua fúria, três ou quatro mil inimigos que ainda resistem, degolem seu rei, seu chanceler, seus secretários de Estado e seu grande capelão. Não encontrareis um único soldado que não rejeite horrorizado vossa oferta. No entanto, só oferecestes seis assassinatos em vez de quatro mil e mais uma forte recompensa. Por que recusam? Porque acreditam ser justo matar quatro mil inimigos e porque o assassinato de seu soberano, a quem prestaram juramento, lhes parece abominável.

Locke continua. E para provar melhor que nenhuma regra prática é inata fala dos mingrelianos, que brincam de enterrar seus filhos vivos, e dos caraíbas, que castram os seus para melhor engordá-los a fim de comê-los.

Já se observou que esse grande homem foi muito crédulo relatando tais fábulas. Lambert, o único que imputa aos mingrelianos a prática de enterrar as crianças vivas por simples prazer, não é um autor muito acreditado.

Chardin, viajante considerado muito verídico, e que foi resgatado em Mingrélia, falaria desse horrível costume se existisse. E não seria suficiente que ele o dissesse para que fosse crido. Seria preciso que vinte viajantes de nações e de religiões diferentes concordassem em confirmar um fato tão estranho para que tivéssemos uma certeza histórica.

O mesmo deve ser dito no tocante às mulheres das Antilhas, que castrariam seus filhos para comê-los. Isto não está na natureza de uma mãe.

O coração humano não é feito assim. Castrar crianças é uma operação muito delicada, muito perigosa e que, longe de engordá-las, emagrece-as pelo menos durante um ano inteiro, e que as mata freqüentemente. Esse refinamento nunca esteve em uso a não ser entre os grandes que, pervertidos pelo excesso de luxo e pelo ciúme, imaginaram ter eunucos para servir suas mulheres e concubinas. Só foi adotado na Itália, e na capela do papa, a fim de obter músicos cuja voz fosse mais bela que a das mulheres. Mas nas ilhas Antilhas não é presumível que os selvagens tenham inventado o refinamento de castrar os menininhos para fazer um bom prato. E, além disso, que fariam com suas menininhas?

Locke alega, ainda, os santos da religião maometana que copulam devotamente com suas burricas para não serem tentados a cometer a menor fornicação com as mulheres do país. É preciso colocar esses contos junto com o do papagaio que teve uma conversa tão bela, em brasileiro, com o príncipe Maurício, conversa que Locke tem a simplicidade de relatar, sem desconfiar que o intérprete do príncipe poderia estar zombando dele. É assim que o autor do *Espírito das Leis* se diverte citando as pretensas leis de Tonquim, de Bantam, de Bornéu, de Formosa, confiando na palavra de alguns viajantes mentirosos ou mal informados. Locke e ele são dois grandes homens em quem essa simplicidade não me parece desculpável.

XXXVI

Natureza em Toda Parte a Mesma

Abandonando Locke neste ponto, digo com o grande Newton: "Natura est semper sibi consona" — a Natureza está sempre de acordo consigo mesma. A lei da gravitação, que age sobre um astro, age sobre todos os astros, sobre toda a Natureza. Assim também, a lei fundamental da moral age igualmente sobre todas as nações bem conhecidas. Há mil diferenças nas interpretações dessa lei, em mil circunstâncias, mas o fundo subsiste sempre o mesmo e esse fundo é a idéia do justo e do injusto. Cometemos prodigiosamente injustiças nos furores de nossas paixões, como

perdemos a razão na embriaguez. Mas, quando esta passa, aquela volta. E essa é a única causa que permite a subsistência da sociedade humana, causa subordinada à carência que temos uns dos outros.

Como, então, adquirimos a idéia de justiça? Como adquirimos a de prudência, a de verdade, a de conveniência: pelo sentimento e pela razão. É impossível que não consideremos muito imprudente a ação de um homem que se lançasse ao fogo para ser admirado, esperando escapar dele. É impossível que não consideremos muito injusta a ação de um homem que, em sua cólera, matasse um outro. A sociedade está fundada apenas sobre essas noções, que nunca serão arrancadas de nossos corações, e é por isso que ela subsiste, mesmo quando subjugada a alguma superstição bizarra e horrível.

Com que idade conhecemos o justo e o injusto? Com a mesma em que conhecemos que dois e dois são quatro.

XXXVII

De Hobbes

Profundo e bizarro filósofo, bom cidadão, espírito ousado, inimigo de Descartes, tu, que te enganaste como ele, tu, cujos erros em física são grandes, mas perdoáveis porque vieste antes de Newton, tu, que disseste verdades que não compensam teus erros, tu, que foste o primeiro a mostrar a quimera das idéias inatas, tu, que foste precursor de Locke em muitas coisas, mas que o foste também de Spinoza, em vão espantas teus leitores, quase conseguindo provar-lhes que só há no mundo leis de convenção, que só há justo e injusto naquilo que assim foi convencionado denominar num país. Se te tivesses encontrado a sós com Cromwell numa ilha deserta e ele te quisesse matar por teres tomado o partido de teu rei na ilha da Inglaterra, este atentado não te pareceria tão injusto em tua nova ilha como antes em tua pátria?

Dizes que na lei da Natureza, "tendo todos direito a tudo, cada um tem direito sobre a vida de seu semelhante". Não confundes a potência com o direito? Pensas efetivamente que o poder dá o direito e que um filho robusto nada tem a recriminar-se por ter assassinado seu pai enlanguescido e decrépito? Todo aquele que estuda a moral deve começar refutando teu livro em seu coração; mas teu próprio coração te refutaria ainda mais, pois tu foste tão virtuoso quanto Spinoza e só te faltou, como a ele, ensinar os verdadeiros princípios da virtude que praticavas e que recomendavas aos outros.

XXXVIII

Moral Universal

A moral parece-me tão universal, tão calculada pelo Ser universal que nos formou, tão destinada a servir como contrapeso a nossas paixões funestas e a aliviar as penas inevitáveis desta curta vida, que, desde Zoroastro até Lorde Shaftesbury, vejo todos os filósofos ensinarem a mesma moral, embora todos tenham idéias diferentes sobre os princípios das coisas. Vimos que Hobbes, Spinoza, o próprio Bayle, que negaram os primeiros princípios ou duvidaram deles, entretanto, recomendaram energicamente a justiça e todas as virtudes.

Cada nação teve ritos religiosos particulares e, freqüentemente, opiniões absurdas e revoltantes em metafísica, em teologia. Mas, desde que se trate de saber se é preciso ser justo, todo o universo está de acordo, como já dissemos no capítulo XXXVI, e como nunca é demais repetir.

XXXIX

De Zoroastro

Não examino em que época vivia Zoroastro, a quem os persas atribuíram nove mil anos de antiguidade, assim como Platão aos antigos atenienses. Vejo somente que seus preceitos morais conservaram-se até nossos dias. Estão traduzidos da antiga língua dos magos para a língua vulgar dos guebros, e pelas alegorias pueris, pelas observações ridículas, pelas idéias fantásticas que enchem essa coleção, vejo que a religião de Zoroastro pertence à mais alta Antiguidade. Nela encontra-se o termo "jardim" para exprimir a recompensa dos justos; nela encontra-se, também, o mau princípio sob o nome de Satã, que os judeus também adotaram. Afirma, ainda, que o mundo foi formado em seis estações ou em seis tempos. Ordena que se recite um "Abunavar" e um "Ashim vuhu" para aqueles que espirram.

Mas, enfim, nessa coleção de cem portas ou cem preceitos tirados do livro do *Zend* e onde são transcritas as próprias palavras do antigo Zoroastro, quais são os deveres morais prescritos?

O de amar e socorrer seu pai e sua mãe, o de dar esmola aos pobres, o de nunca faltar com a palavra, o de abster-se, quando se está em dúvida se a ação a ser praticada é ou não justa (Porta 30).

Detenho-me neste preceito porque nenhum legislador pôde ultrapassá-lo, e sinto-me confirmado na idéia de que quanto mais Zoroastro estabelece superstições ridículas no que tange ao culto, tanto mais a pureza de sua moral mostra que não lhe cabia corrompê-la; quanto mais se entregava ao erro em seus dogmas, tanto mais lhe era impossível errar ensinando a virtude.

XL

Dos Brâmanes

É verossímil que os brames ou brâmanes existiam muito antes que os chineses tivessem seus "cinco Kings", e o que fundamenta essa probabilidade extrema é o fato de que na China as antiguidades mais procuradas são as indianas, enquanto na Índia não há antiguidades chinesas.

Os antigos brames eram, sem dúvida, tão maus metafísicos quanto os caldeus e os persas e todas as nações que se encontram a ocidente da China. Mas quão sublimes em moral! Segundo eles, a vida era apenas uma morte de alguns anos, após os quais viver-se-ia com a Divindade. Não se limitavam a ser justos uns com os outros, mas eram rigorosos consigo mesmos. Seus principais deveres eram o silêncio, a abstinência, a contemplação, a renúncia a todos os prazeres. E, por isso, todos os sábios das outras nações iam até eles aprender aquilo que se denominava "a sabedoria".

XLI

De Confúcio

Os chineses não tiveram que se recriminar por nenhuma superstição ou charlatanice como os outros povos. O governo chinês mostrava aos homens, há bem mais de quatro mil anos, e ainda lhes mostra, que é possível regê-los sem enganá-los, que não é pela mentira que se serve ao Deus da verdade, que a superstição é não somente inútil, mas nociva à religião. Nunca a adoração de

Deus foi mais pura e mais santa do que na China (quase como na revelação). Não falo das seitas do povo, falo da religião do príncipe, daquela de todos os tribunais e de tudo que não é populacho. Qual a religião de todas as pessoas honestas da China desde tantos séculos? Ei-la: Adorai o céu e sede justos. Nenhum imperador teve outra.

Coloca-se freqüentemente o grande Confutse, a quem chamamos Confúcio, entre os antigos legisladores, entre os fundadores das religiões. É uma grande inadvertência. Confutse é muito moderno. Viveu há apenas seiscentos e cinqüenta anos antes de nossa era. Nunca instituiu qualquer culto, qualquer rito; nunca se disse inspirado ou profeta; apenas reuniu em um corpo as antigas leis da moral.

Convidou os homens a perdoar as injúrias e a lembrar-se apenas dos benefícios.

A velar incessantemente sobre si mesmos; a corrigir hoje as faltas de ontem.

A reprimir suas paixões e a cultivar a amizade; a dar sem fausto, e a receber, sem baixeza, apenas o estritamente necessário.

Não disse que não devemos fazer aos outros o que não desejamos que nos façam, pois isso é apenas defender o mal. Fez mais: recomendou o bem. "Trata o outro como queres que te tratem."

Ensina não somente a modéstia, mas também a humildade. Recomenda todas as virtudes.

XLII

Dos Filósofos Gregos

e Inicialmente de Pitágoras

Todos os filósofos gregos disseram tolices em física e em metafísica. Todos são excelentes em moral; todos igualam Zoroastro, Confutse e os brâmanes. Lede somente os "versos dourados" de Pitágoras. É o resumo de sua doutrina, não importa de que mãos sejam. Dizei se uma única virtude está esquecida neles.

XLIII

De Zaleuco

Reuni todos os vossos lugares-comuns, pregadores gregos, italianos, espanhóis, alemães, franceses, etc. Destilai todas as vossas declamações: tirar-se-á um extrato que seja mais duro do que o exórdio das leis de Zaleuco?

"Dominai vosssa alma, purificai-a, afastai todo pensamento criminoso. Crede que Deus não pode ser bem servido pelos perversos; crede que não se assemelha aos fracos mortais a quem louvores e presentes seduzem: somente a virtude pode agradá-lo."

Eis o resumo de toda moral e de toda religião.

XLIV

De Epicuro

Os pedantes de colégio, os professorezinhos de seminário acreditaram, a partir de algumas brincadeiras de Horácio e Petrônio, que Epicuro havia ensinado a volúpia pelos preceitos e pelo

exemplo. Durante toda sua vida Epicuro foi um filósofo sábio, temperante e justo. Desde a idade de doze ou treze anos foi sábio, pois quando o gramático que o instruía lhe recitou os versos de Hesíodo:

"O caos foi o primeiro dos seres produzidos",

— "Ei! Quem o produziu", perguntou Epicuro, "se foi o primeiro dos seres?" — "Nada sei", respondeu o gramático; "só os filósofos o sabem." — "Vou, então, instruir-me entre eles", retrucou a criança. E desde esse tempo até a idade de setenta e dois anos cultivou a filosofia. Seu testamento, inteiramente conservado por Diógenes Laércio, revela uma alma tranqüila e justa. Liberta os escravos que julga dignos dessa graça. Recomenda a seus testamenteiros libertar os que se tornarem dignos dela. Nenhuma ostentação, nenhuma preferência injusta: eis a última vontade de um homem que só as teve racionais. Foi o único filósofo que teve todos os seus discípulos como amigos e sua seita foi a única onde se soube amar e que não se dividiu em várias outras.

Depois de examinar sua doutrina e o que se escreveu pró e contra ela, tudo parece reduzir-se à disputa entre Malebranche e Arnauld. Malebranche admitia que o prazer torna feliz. Arnauld o negava. Era uma disputa de palavras, como as outras onde reina a incerteza trazida pela filosofia e pela teologia.

XLV

Dos Estóicos

Se os epicuristas tornaram a natureza humana amável, os estóicos a tornaram quase divina. Resignação ao Ser dos seres, ou melhor, elevação da alma até esse Ser; desprezo pelo prazer, desprezo pela dor, desprezo pela vida e pela morte, inflexibilidade na justiça — tal era o caráter dos verdadeiros estóicos e tudo o que se pôde dizer contra eles é que desencorajavam o resto dos homens.

Sócrates, que não era de sua seita, mostrou que era possível impelir a virtude tão longe quanto eles, sem pertencer a nenhum partido. E a morte desse mártir da Divindade é o opróbrio eterno de Atenas, apesar de seu arrependimento tardio.

O estóico Catão, por outro lado, é a honra eterna de Roma. Epicteto, na escravidão, talvez seja superior a Catão pelo fato de estar sempre contente com sua miséria. "Estou", diz ele, "no lugar em que a Providência quis que eu estivesse: lamentar-me é ofendê-la."

Direi que o Imperador Antonino está acima de Epicteto, porque triunfou ainda mais sobre as seduções, sendo bem mais difícil para um imperador não se corromper, do que para um pobre não murmurar? Lede os *Pensamentos* de um e de outro: o imperador e o escravo igualam-se em grandeza.

Ousaria falar aqui do Imperador Juliano? Errou quanto ao dogma, certamente não errou quanto à moral. Numa palavra, nenhum filósofo da Antiguidade deixou de querer tornar os homens melhores.

Houve gente entre nós para quem todas as virtudes desses grandes homens eram apenas pecados ilustres. Possa a terra cobrir-se de tais culpados!

XLVI

Filosofia É Virtude

Houve sofistas que estão para os filósofos como os macacos estão para os homens. Luciano zombou deles. Foram desprezados; foram mais ou menos como os monges mendicantes nas

universidades. Mas nunca esqueçamos que todos os filósofos deram grandes exemplos de virtude, e que os sofistas, e mesmo os monges, respeitaram a virtude em seus escritos.

XLVII

De Esopo

Colocai Esopo entre esses grandes homens, e, mesmo, à testa desses grandes homens, pouco importando que tenha sido ou não o primeiro Pilpai dos hindus, ou o antigo precursor de Pilpai, ou o Lokman dos persas, ou o Hakym dos árabes, ou o Hakan dos fenícios. Noto que suas fábulas estiveram em voga em todas as nações orientais e que sua origem perde-se numa antiguidade cujo abismo não podemos sondar. A que tendem essas fábulas tão profundas quanto ingênuas, esses apólogos visivelmente escritos num tempo em que não se duvidava de que os animais possuíssem uma linguagem? Ensinaram quase todo nosso hemisfério. Não são uma coletânea de sentenças fastidiosas que cansam mais que esclarecem, mas a própria verdade com o encanto da fábula. Tudo o que se pôde fazer depois reduziu-se a acrescentar-lhes ornamentos em nossas línguas modernas. Essa antiga sabedoria é simples e nua em seu primeiro autor. As graças ingênuas com que a ornaram em França não esconderam seu fundo respeitável. Que nos ensinam essas fábulas? Que é preciso ser justo.

XLVIII

Da Paz Nascida da Filosofia

Visto que todos os filósofos tinham dogmas diferentes, é claro que o dogma e a virtude são de uma natureza inteiramente heterogênea. Que acreditassem ou não ser Tétis a deusa do mar, que estivessem ou não persuadidos da guerra dos gigantes e da idade de ouro, da caixa de Pandora e da morte da serpente Píton, etc., tais doutrinas nada tinham em comum com a moral. É admirável que na Antiguidade a teogonia nunca tenha perturbado a paz das nações.

XLIX

Outras Questões

Ah! se pudéssemos imitar a Antiguidade! Se fizéssemos, enfim, com relação às disputas teológicas o que fizemos ao cabo de dezessete séculos nas belas-letras!

Retornemos ao gosto da sadia Antiguidade depois de termos mergulhado na barbárie de nossas escolas. Nunca os romanos foram tão absurdos a ponto de imaginar que se pudesse perseguir um homem por acreditar no vácuo ou no pleno, por pretender que os acidentes não poderiam subsistir sem sujeito, por interpretar uma passagem de um autor num sentido diferente do da interpretação de um outro.

Recorremos diariamente à jurisprudência dos romanos, e quando as leis nos faltam (o que acontece freqüentemente) consultamos o *Código* e o *Digesto*. Por que não imitar nossos mestres no hábito da tolerância?

Que importa para o Estado nossa opção pelos reais ou pelos nominais? Nossa torcida por Scot ou por Tomás, por Ecolâmpado ou por Melanchthon? Que sejamos do partido dum bispo de Ypres, que não lemos, ou dum monge espanhol, que lemos menos ainda? Não é claro que tudo isso deve ser tão indiferente ao verdadeiro interesse de uma nação, quanto traduzir bem ou mal uma passagem de Licofrão ou de Hesíodo?

L

Outras Questões

Sei que algumas vezes os homens ficam doentes do cérebro. Tivemos um músico que morreu louco porque sua música não parecera ser bastante boa. Muitos acreditaram possuir um nariz de vidro. Mas se vários homens estivessem muito atacados a ponto de pensar, por exemplo, que sempre teriam razão, haveria heléboro suficiente para tratar uma doença tão estranha?

E se tais doentes, para sustentar que sempre têm razão, ameaçassem com o pior suplício alguém que os julgasse capazes de errar, se pusessem espiões para descobrir os refratários, se decidissem que o testemunho de um filho ou de uma filha poderia levar um pai ou uma mãe a perecer nas chamas, não deveríamos prender essa gente e tratá-la como aos atacados de raiva?

LI

Ignorância

Perguntais: para que tal sermão, se o homem não é livre? Em primeiro lugar, não vos disse que o homem não é livre, e sim que sua liberdade consiste em seu poder de agir e não no poder quimérico de "querer querer". Em seguida, digo-vos que, dado o encadeamento das coisas na Natureza, a Providência Divina predestinou-me a escrever esses devaneios, como predestinou cinco ou seis leitores a tirar algum proveito deles, e cinco ou seis outros a desprezá-los e abandoná-los na massa imensa de escritos inúteis.

Se nada vos ensinei, lembrai-vos de que me apresentei como um ignorante.

LII

Outras Ignorâncias

Sou tão ignorante que nem conheço os fatos antigos com que me iludem. Sempre temo enganar-me em setecentos ou oitocentos anos, pelo menos, ao procurar em que época viveram aqueles heróis antigos, considerados os primeiros a praticar o roubo e o banditismo numa grande extensão do país, bem como aqueles primeiros sábios que adoraram estrelas, peixes, serpentes, mortos ou seres fantásticos.

Qual deles foi o primeiro a imaginar os seus Gahambars, a ponte de Ishinavar, o Dardaroth, o lago de Karon? Em que época viveram o primeiro Baco, o primeiro Hércules, o primeiro Orfeu?

Toda a Antiguidade é tão tenebrosa até Tucídides e Xenofonte que me sinto reduzido a não saber quase nada do que se passou sobre nosso globo anteriormente ao curto espaço de mais ou menos trinta séculos. E nesses trinta séculos quanta obscuridade, quanta incerteza, quanta fábula!

LIII

A Maior Ignorância

O peso de minha ignorância cresce ainda mais, quando vejo que eu e meus compatriotas nada sabemos de nossa pátria. Minha mãe contou-me que nasci às margens do Reno. Quero crê-lo. Perguntei a meu amigo, o sábio Apedeuto, nativo de Curlândia, se tinha conhecimento dos antigos povos do norte, vizinhos seus e de seu infeliz país. Respondeu-me que sobre tal assunto possuía tantas noções quantas os peixes do mar Báltico.

No que me concerne, tudo o que sei de meu país reduz-se ao que César disse há mais ou menos mil e oitocentos anos: que éramos salteadores, habituados a sacrificar homens a não sei

que deuses, para obter alguma boa presa, e nunca indo à caça sem o acompanhamento de velhas feiticeiras, encarregadas desses belos sacrifícios.

Um século depois, Tácito diz algumas palavras a nosso respeito, sem nunca ter-nos visto. Encara-nos como se fôssemos as pessoas mais honestas do mundo, se comparados aos romanos, pois assegura que, quando não tínhamos a quem roubar, passávamos as noites e os dias bebendo má cerveja em nossas cabanas.

Após esse período de nossa idade de ouro há um grande silêncio até a história de Carlos Magno. Quando cheguei a esses tempos conhecidos, encontro em Godast uma carta de Carlos Magno, datada de Aix-la-Chapelle, onde o sábio imperador assim se exprime:

"Sabeis que, um dia, caçando perto desta cidade, encontrei as termas e o palácio construído outrora por Granos, irmão de Nero e de Agripa".

Granos e Agripa. Carlos Magno era tão ignorante quanto eu — o que me alivia bastante.

LIV

Ignorância Ridícula

A história da Igreja de meu país assemelha-se à de Granos, irmão de Nero e de Agripa, sendo até mais maravilhosa. Há menininhos ressuscitados; dragões agarrados com uma estola, como coelhos com um cordel; hóstias que sangram com uma punhalada desferida por um judeu; santos que correm atrás de suas cabeças, depois que lhas deceparam. Uma das histórias mais averiguadas na história eclesiástica da Alemanha é a de Pedro de Luxemburgo, que, depois de morto, realizou, durante os anos de 1388 e 1389, dois mil e quatrocentos milagres, e nos anos seguintes, três mil bem contados. Entre esses milagres contam-se apenas quarenta e dois mortos ressuscitados.

Indago se os outros Estados da Europa possuem histórias eclesiásticas tão maravilhosas e tão autênticas. Em toda parte encontro a mesma sabedoria e a mesma certeza.

LV

Pior do que a Ignorância

Em seguida, vi que por causa de tolices ininteligíveis os homens haviam lançado imprecações uns contra os outros, haviam-se detestado, perseguido, degolado, enforcado, espancado e queimado. Concluí, então, que, se tivesse havido um sábio nesses tempos abomináveis, teria sido obrigado a viver e a morrer no deserto.

LVI

Início da Razão

Vejo que hoje, neste século que é a aurora da razão, ainda renascem algumas cabeças da hidra do fanatismo. Parece que seu veneno é menos mortífero e que suas goelas são menos devoradoras. O sangue não correu pela graça versátil como correu há muito tempo pelas indulgências plenárias, vendidas no mercado. Mas o monstro ainda subsiste e todo aquele que buscar a verdade arriscar-se-á a ser perseguido. Deve-se permanecer ocioso nas trevas? Ou deve-se acender um archote onde a inveja e a calúnia reacenderão suas tochas? No que me tange, acredito que a verdade não deve mais esconder-se diante dos monstros e que não devemos abster-nos do alimento com medo de sermos envenenados.

O SOBRINHO DE RAMEAU

Tradução e notas de **Marilena de Souza Chauí**

SÁTIRA SEGUNDA [1]

Vertumnis quotquot sunt natus iniquis. [2]
(Horat., Lib. II, Satyr. VII)

Faça bom ou mau tempo, tenho o hábito de ir passear no Palais-Royal, às cinco horas da tarde. Sempre solitário, sou visto sonhando no banco de Argenson. Entretenho-me comigo mesmo divagando sobre política, amor, gosto ou filosofia. Abandono meu espírito à mais completa libertinagem. Deixo-o senhor de seguir a primeira idéia, sábia ou louca, que se apresenta, como, nas alamedas de Foy, nossos jovens dissolutos seguem uma cortesã de ar estouvado, fisionomia risonha, olho vivo, nariz arrebitado, deixando esta por outra, assediando todas e não se prendendo a nenhuma. Meus pensamentos são minhas rameiras. Se está muito frio ou se o tempo está chuvoso, refugio-me no café Regence, onde me divirto assistindo a partidas de xadrez. De todos os lugares do mundo é em Paris, e em Paris é no café Regence, onde melhor se joga esse jogo. Em casa de Rey pelejam Legal, o profundo; Philidor, o sutil; Mayot, o sólido. Ali se observam os golpes mais surpreendentes e se ouvem as piores expressões, pois se se pode ser um homem de espírito e um grande jogador de xadrez, como Legal, pode-se também ser um grande jogador e um tolo, como Foubert e Mayot.

Certa noite, estava lá, olhando muito, falando pouco e ouvindo o menos possível, quando fui abordado por uma dessas esquisitas personagens que Deus não permitiu faltassem em nosso país. Misto de altivez e de baixeza, de bom senso e desatino. Certamente, as noções de honesto e desonesto devem estar estranhamente embaralhadas em sua cabeça, pois mostra sem ostentação as boas qualidades que a natureza lhe deu, e as más, sem pudor. De resto, é dotado de uma forte compleição, de um singular calor de imaginação e de um vigor pulmonar incomum. Se um dia o encontrardes, que sua originalidade não vos detenha: tapareis vossos ouvidos com vossos dedos, ou fugireis. Nada é mais diferente dele do que ele próprio. Algumas vezes está magro e macilento, um doente mais morto do que vivo; poder-se-ia contar-lhe os dentes através das bochechas. Dir-se-ia que passou muitos dias sem comer ou que acabou de sair da prisão. No mês seguinte, porém, está gordo e obeso como se tivesse deixado a mesa de algum milionário, ou como se tivesse permanecido encerrado num convento de bernardinos. Hoje, com a roupa branca suja, as calças rasgadas, coberto de farrapos, quase descalço, anda cabisbaixo, esconde-se. Sentimos tentação de chamá-lo para lhe dar uma esmola. Amanhã, empoado, calçado, frisado, bem vestido, caminha de cabeça erguida, exibe-se, e quase o tomareis por um homem honesto. Vive o dia-a-dia, triste ou feliz, segundo as circunstâncias. Sua primeira preocupação, pela manhã ao levantar-se, é a de saber onde almoçará; depois do almoço, onde jantará. Com a noite, vem também sua inquietação. Ou caminha até um pequeno sótão onde habita, a menos que a locatária, cansada de esperar pelo aluguel, já lhe tenha pedido a devolução da chave; ou baixa numa taverna do bairro, onde espera o dia entre um pedaço de pão e uma caneca de cerveja. Quando está sem dinheiro algum, o que

[1] "Sátira Segunda" Porque o *Sobrinho de Rameau* é uma seqüência da "Sátira Primeira" *Sobre os Caracteres e as Palavras Caráter, Profissão, etc.*, opúsculo escrito por Diderot em 1775.

[2] "Aquele que nasceu presa da hostilidade de Vertumno sob todas as suas formas." Vertumno preside a mudança das estações. Portanto: o homem que passa incessantemente de um excesso a outro.

lhe acontece algumas vezes, recorre ou a um dos cocheiros de seus amigos, ou ao cocheiro de algum grande senhor, que lhe dá um leito sobre a palha, ao lado de seus cavalos. De manhã, traz nos cabelos fiapos do colchão. Se a estação é amena, caminha a largos passos pelo Cours-de-la-Reine ou pelos Champs-Elysées. Com o dia, reaparece na cidade, vestido da véspera para o dia seguinte, e algumas vezes para o resto da semana. Não gosto desses tipos originais. Outros se tornam seus conhecidos, familiares, até mesmo seus amigos. Nas raras vezes em que os encontro, sou retido pelo contraste de seu caráter com o dos outros, rompendo a uniformidade fastidiosa criada por nossa educação, por nossas convenções sociais, por nossas conveniências habituais. Se um deles aparece num grupo, é um grão de lêvedo que fermenta, restituindo a cada qual uma porção de sua individualidade natural. Sacode, agita, faz aprovar ou censurar, faz surgir a verdade, revela as pessoas de bem, desmascara os malandros. É nessa ocasião que o homem de bom senso escuta e decifra seu próprio mundo.

Há muito eu conhecia esse que me abordou. Freqüentava uma casa cujas portas se abriram ante seu talento. Nela morava uma filha única. Ele jurava ao pai e à mãe que se casaria com a moça. Os pais davam de ombros, riam-lhe na cara, diziam-lhe que era louco. E eu vi o momento em que a coisa aconteceu. Pedia-me emprestado algumas moedas que eu lhe dava. Havia conseguido introduzir-se, não sei como, em algumas casas honestas, onde tinha o seu talher, sob a condição de não falar sem antes ter obtido permissão para tanto. Calava-se e ruminava sua raiva. Era ótimo vê-lo tão constrangido. Se lhe vinha a vontade de romper o acordo, e abria a boca, todos os convivas gritavam: "Ó Rameau!" Então, o furor faiscava em seus olhos e voltava a comer com mais raiva. Estais curiosos para saber o nome do homem e o sabeis. É o sobrinho desse célebre músico [3] que nos livrou do canto gregoriano de Lulli, [4] que salmodiávamos há mais de cem anos. Desse músico que escreveu tantas visões ininteligíveis e verdades apocalípticas sobre a teoria da música, incompreensíveis para ele e para os outros. Dele temos um certo número de óperas, onde há harmonia, fragmentos de cantos, idéias desconexas, estrondos, vôos, triunfos, lances, glórias, murmúrios, vitórias de perder o fôlego, árias de dança que durarão eternamente. E após haver enterrado o Florentino, será enterrado pelos compositores italianos, coisa, aliás, que pressentia, que o tornava sombrio, triste, raivoso, pois ninguém há de ficar num mau humor maior (nem mesmo uma bela mulher que desperta com uma espinha no nariz) do que um autor ameaçado de sobreviver à sua própria reputação. Marivaux e Crébillon, filho, que o digam!

Aborda-me. "Ah! Ah! Ei-lo, senhor filósofo! Que fazeis aqui, no meio de tantos desocupados? Perdeis também vosso tempo a empurrar pauzinho?" (É assim que, pejorativamente, se chama jogar xadrez ou damas.)

EU — Não, mas, quando não tenho algo melhor para fazer, divirto-me vendo por um instante aqueles que empurram bem.

ELE — Neste caso, vos divertis raramente. Com exceção de Legal e Philidor, o resto não entende disso.

EU — E o Senhor de Bissy, então?

ELE — Esse aí, como jogador de xadrez, se parece com a Srta. Clairon [5] como atriz. Desses jogos ambos sabem tudo aquilo que se pode aprender.

EU — Sois difícil. Vejo que só tendes consideração pelos homens sublimes.

ELE — Sim, no xadrez, nas damas, na poesia, na eloqüência, na música e em outras tolices como estas. Para que serve a mediocridade nesses gêneros?

EU — Para pouca coisa, concordo. No entanto, é preciso que haja um grande número de

[3] Jean-Philippe Rameau (1683-1764), autor de vários tratados sobre a teoria musical, revolucionou a música francesa e começou a ser célebre por volta de 1733. Foi alvo de muitas críticas, feitas sobretudo pelo grupo dos Filósofos, mais ou menos em 1760. Por essa ocasião reinava a Querela dos Bufões, quando o gosto pela música italiana marginalizava o maior representante da música francesa. Esta querela aparecerá no decorrer do diálogo do Filósofo com o Sobrinho.

[4] Jean-Baptiste Lulli, músico e compositor nascido em Florença,-favorecido por Luís XIV, considerado o criador da ópera. Compôs também bailados para as peças de Molière.

[5] Célebre atriz e a melhor intérprete de Voltaire. Era muito elogiada por Diderot; aliás, no decorrer do diálogo, seu elogio será feito pelo Filósofo.

homens dedicados a eles, para fazer surgir um gênio. Há um na multidão. Mas deixemos esse assunto. Há uma eternidade que não vos via. Não penso muito em vós quando não vos vejo. Mas sempre me agrada rever-vos. Que tendes feito?

ELE — O que vós, eu e todos fazem: o bem, o mal e nada. Depois tive fome e comi quando a ocasião se apresentou. Após ter comido, tive sede e bebi algumas vezes. Entrementes minha barba crescia, e quando ficou grande mandei raspá-la.

EU — Fizestes mal. É a única coisa que vos falta para serdes um sábio.

ELE — Sim, é certo. Tenho a testa grande e enrugada, o olho ardente, o nariz saliente, as bochechas largas, a sobrancelha negra e espessa, a boca bem rasgada, o lábio bem delineado e a face quadrada. Se este vasto queixo estivesse coberto por uma longa barba, sabeis que tudo isto ficaria muito bem no bronze ou no mármore?

EU — Ao lado de um César, um Marco Aurélio, um Sócrates.

ELE — Não. Ficaria entre Diógenes e Frinéia. Sou descarado como aquele, e freqüento voluntariamente a casa desta.

EU — Passais sempre bem?

ELE — De um modo geral, sim. Hoje, porém, não me sinto maravilhosamente.

EU — Como? Estais com um ventre de Silênio e uma cara. . .

ELE — Uma cara que poderia ser tomada pela de seu antagonista. Creio que o mau humor que resseca meu querido tio aparentemente engorda seu caro sobrinho.

EU — A propósito, vedes vosso tio algumas vezes?

ELE — Sim, quando passa pela rua.

EU — Não vos ajuda em nada?

ELE — Se ajuda alguém é sem desconfiar. É um filósofo à sua moda. Só pensa em si próprio. O resto do mundo não lhe interessa. Sua filha e sua mulher poderão morrer quando quiserem; desde que os sinos da paróquia continuem a tanger a décima e a décima sétima badaladas, tudo estará bem, e é uma sorte para ele. O que prezo particularmente nas pessoas de gênio é que são boas só para uma coisa; fora esta, mais nada. Não sabem o que é ser cidadão, pai, mãe, irmão, parente, amigo. Cá entre nós: é necessário assemelhar-se a ele sob todos os aspectos, mas não querer ser farinha do mesmo saco. É preciso homens, mas não homens de gênio. Palavra de honra, não é preciso mesmo. São os reformadores da face do globo, e, como nas menores coisas a estupidez é tão habitual quanto potente, sua reforma não pode ocorrer sem confusão. Por isso, parte do que imaginaram chega a ser instituída, mas o resto fica como dantes. Resultado: dois evangelhos, um traje de arlequim. A sabedoria do monge de Rabelais é a verdadeira sabedoria, para seu repouso e o dos outros: cumprir mal e mal o dever, sempre falar bem do senhor prior e deixar o mundo ao sabor de seus caprichos. O mundo vai bem, pois a multidão está contente com ele. Se conhecesse história, eu vos mostraria que o mal sempre veio cá embaixo pelas artes de algum homem de gênio. Mas não conheço história porque nada sei. O diabo que me carregue se alguma vez aprendi alguma coisa, e se estou pior por não ter aprendido. Um dia, estava à mesa de um ministro do rei de França, cujo espírito vale por quatro. Pois bem, o ministro nos demonstrou, como um e um são dois, que nada era mais útil aos povos do que a mentira, nada mais nocivo do que a verdade. Não me recordo muito de suas provas, mas delas decorria com evidência que as pessoas de gênio são detestáveis. E se uma criança, ao nascer, trouxesse na fronte a marca desse perigoso presente da natureza, dever-se-ia sufocá-la ou lançá-la num antro de vagabundos.

EU — No entanto, todas essas personagens, tão inimigas do gênio, estão certas de possuí-lo.

ELE — Creio que no íntimo pensam dessa maneira, mas não creio que ousassem confessá-lo.

EU — É por modéstia. Desde então concebeste um ódio terrível contra o gênio?

ELE — Para nunca voltar atrás.

EU — Mas lembro-me de uma ocasião em que o desespero vos dominava por serdes apenas um homem comum. Se o pró e o contra vos afligirem igualmente, nunca sereis feliz. É preciso tomar um partido e permanecer fiel a ele. Ninguém voltará atrás ao concordar inteiramente convosco, aceitando que os homens de gênio freqüentemente são singulares, ou, como diz o provér-

bio, que não há grandes inteligências sem um grão de loucura. Desprezar-se-ão os séculos que não os produzirem. Serão a honra dos povos entre os quais tiverem existido. Cedo ou tarde, estátuas lhes serão erguidas. E serão encarados como benfeitores do gênero humano. Sem desagradar ao sublime ministro que me haveis citado, creio que a mentira pode servir um momento, mas a longo prazo é necessariamente nociva, e que, ao contrário, a verdade serve necessariamente a longo prazo, embora possa ocorrer que prejudique no momento. Por isso, eu me sentiria tentado a concluir que o homem de gênio, capaz de desacreditar um erro geral ou de empenhar-se numa grande verdade, é sempre um ser digno de nossa veneração. Pode acontecer que se torne vítima do preconceito e das leis, porém há dois tipos de leis: umas, absolutamente equânimes e gerais, outras, estranhas, cuja sanção provém apenas da necessidade ou da cegueira das circunstâncias. Se estas cobrem de ignomínia o culpado que as infringe, a ignomínia é passageira e o tempo se encarrega de revertê-las definitivamente sobre os juízes e as nações. Hoje, quem é o desonrado: Sócrates ou o magistrado que o obrigou a beber cicuta?

ELE — Bela coisa! Impediu-o de ser condenado? Impediu-o de ser morto? Por causa dela deixou de ser um cidadão turbulento? O desprezo por uma lei má deixou de encorajar os loucos no desprezo pelas boas? Deixou de ser um homem audacioso e esquisito? Há um momento vossa posição não estava longe de uma confissão pouco favorável aos homens de gênio.

EU — Escutai, meu caro. Uma sociedade não deveria ter leis más, e se as tivesse sempre boas nunca seria compelida a perseguir um homem de gênio. Não vos disse que o gênio estivesse indissoluvelmente atado à maldade, nem esta a ele. Um tolo, freqüentemente, será mais maldoso do que um homem de espírito. Mesmo que o contato com um homem de gênio fosse duro, difícil e espinhoso, e mesmo que esse homem fosse maldoso, que concluiríeis?

ELE — Que valeria a pena afogá-la.

EU — Devagar, meu caro. Cá entre nós, não tomarei vosso tio como exemplo. É um homem duro, brutal, sem sentimento, avaro, mau pai, mau esposo, mau tio. E, aliás, não está bem decidido que seja um homem de gênio, que tenha levado a arte mais longe, e que se discuta seu trabalho daqui a dez anos. Mas, Racine? Este certamente possuía gênio e não passava por um homem muito bom. Mas, Voltaire?

ELE — Não me pressioneis, pois sou conseqüente.

EU — Que preferis? Que fosse um bom homem, identificado com seu negócio como Briasson, ou com sua vara, como Barbier, fazendo regularmente, todos os anos, uma criança legítima em sua mulher; bom marido, bom pai, bom tio, bom vizinho, comerciante honesto, e nada mais. Ou que tivesse sido velhaco, traidor, ambicioso, invejoso, perverso, porém autor de *Andrômaca,* de *Britannicus,* de *Ifigênia,* de *Fedra,* de *Atália?* [6]

ELE — Palavra de honra, creio que, entre esses dois homens, talvez para ele tivesse sido melhor ser o primeiro.

EU — Isto é infinitamente mais verdadeiro do que percebeis.

ELE — Ah! Eis como sois, vós e os outros de vossa espécie! Se dizemos algo bom, o fazemos como os loucos ou como os inspirados: por acaso. Só vós próprios vos entendeis. Sim, senhor filósofo, eu me entendo, e me entendo assim como vós vos entendeis.

EU — Pois bem, vejamos. Por que para ele?

ELE — Porque todas as belas coisas que fez não lhe renderam sequer vinte mil francos, mas, se tivesse sido um bom comerciante de sedas na rua Saint-Dénis ou na rua Saint-Honoré, um bom vendeiro por atacado, um boticário bem afreguezado, teria juntado uma fortuna imensa e, assim, não sobraria um único tipo de prazer que não houvesse gozado. De tempos em tempos, teria dado uns trocados a um pobre-diabo, bufão como eu, que o teria feito rir, que lhe teria arranjado uma rapariga para desentediá-lo da eterna coabitação com sua mulher. Teríamos feito refeições excelentes em sua casa, jogado jogo alto, bebido deliciosos licores, cafés aromáticos, ido a convescotes. E vede que eu me sairia muito bem. Estais rindo. Mas deixai-me dizer: teria sido melhor para sua vizinhança.

[6] Títulos das tragédias de Racine.

EU — Sem objeção. Desde que não tivesse empregado de modo desonesto a opulência adquirida num comércio legítimo; que tivesse afastado de sua casa todos os jogadores, os parasitas, os complacentes insípidos, todos esses desocupados, todos esses perversos inúteis, que tivesse feito seus balconistas moerem de pancada o homem oficioso que, pela variedade, alivia os maridos do fastio da coabitação costumeira com suas mulheres.

ELE — Moer de pancada, senhor, moer de pancada! Não se mói ninguém de pancada numa cidade policiada. Trata-se de um ofício honesto. Muita gente, mesmo titulada, se mete nisso. E, diabos, em que desejais que se empregue o dinheiro, se não for para ter boa mesa, boa companhia, bons vinhos, belas mulheres, prazeres de todos os matizes, divertimentos de todas as espécies? Preferiria ser mendigo a possuir uma fortuna sem nenhum desses prazeres. Mas voltemos a Racine. Este foi bom só para os desconhecidos e para o tempo em que já não vivia mais.

EU— De acordo. Mas pesai o mal e o bem. Daqui a mil anos fará derramar lágrimas; será a admiração dos homens de todos os recantos da terra. Inspirará humanidade, comiseração, ternura. Perguntar-se-á quem foi, qual o seu país, e invejar-se-á a França. Causou sofrimento a algumas pessoas que já não vivem e às quais damos pouco ou nenhum valor. Nada temos a temer de seus vícios e de seus defeitos. Teria sido melhor, sem dúvida, se tivesse recebido da natureza as virtudes de um homem de bem com os talentos de um grande homem. É uma árvore que secou algumas outras, plantadas ao seu redor, que sufocou as plantas que cresciam aos seus pés; mas elevou sua copa até as nuvens e seus ramos se estenderam ao longe, oferecendo sua sombra aos que vinham, vêm e virão repousar à volta de seu tronco majestoso; produziu frutos de raro sabor e que se renovam incessantemente. Seria desejável que Voltaire tivesse também a doçura de Duclos, a candura do Abade Trublet, a retidão do Abade D'Olivet, mas, como isto não é possível, olhemos a coisa por seu lado verdadeiramente interessante. Esqueçamos por um momento o ponto que ocupamos no espaço e na duração, e estendamos nossa vista aos séculos por vir, às regiões mais afastadas e aos povos por nascer. Sonhemos com o bem de nosssa espécie. Se não somos bastante generosos, pelo menos perdoemos a natureza por ter sido mais sábia do que nós. Se lançardes água fria sobre a cabeça de Greuze, extinguireis, talvez, seu talento com sua vaidade. Se tornardes Voltaire menos sensível à crítica, não saberá mais descer até à alma de Mérope, [7] e não vos tocará mais.

ELE — Mas se a natureza é tão poderosa quanto sábia, por que não os fez tão bons quanto grandes?

EU — Mas não vedes que com tal raciocínio inverteis a ordem geral, e que, se neste mundo tudo fosse excelente, nada seria excelente?

ELE — Tendes razão. O ponto importante é que vós e eu sejamos, e que sejamos vós e eu. Que tudo o mais se arranje como puder. A melhor ordem das coisas, em minha opinião, é aquela onde eu deveria estar, e dane-se o mais perfeito dos mundos, se eu não estiver nele. Prefiro ser, e mesmo ser um argumentador impertinente, do que não ser.

EU — Não há quem pense como vós e que mova um processo contra a ordem existente sem perceber que renuncia à sua própria existência.

ELE — É verdade.

EU — Aceitemos, pois, as coisas como são. Vejamos o que nos custam e o que nos rendem. Abandonemos o Todo que não conhecemos suficientemente para poder louvá-lo ou acusá-lo, e que talvez não seja nem bom nem mau, se for necessário, [8] como muitas pessoas honestas imaginam.

ELE — Não entendo lá grande coisa de tudo que declamais. Cheira a filosofia. Já vos previno que não me meto nisso. Tudo o que sei é que eu gostaria de ser um outro, quem sabe até arriscar-me a ser um homem de gênio, um grande homem. Sim, devo confessar, há algo dentro de mim que me diz. Nunca ouvi louvar um único homem sem enraivecer-me secretamente. Sou invejoso. Quando fico sabendo de algum fato degradante de sua vida privada, escuto com prazer; isto nos

[7] Peça de Voltaire.
[8] Se os fatos estão submetidos a uma ordem necessária, não podem estar submetidos a juízos de valor.

aproxima e suporto mais facilmente minha mediocridade. Digo para mim mesmo: certo, nunca terias feito *Maomé,* mas nem o elogio de Mapéoux.[9] Estive e estou, pois, irritado por ser medíocre. Sim, sim, sou medíocre e estou zangado. Nunca ouvi tocar a abertura das *Índias Galantes,* nunca ouvi cantar *Profundos Abismos do Tenário, Noite, Eterna Noite,* sem me dizer dolorosamente: "Eis o que nunca farás". Sentia ciúme de meu tio. E se, em sua morte, encontrasse em sua pasta algumas belas peças para cravo, não teria vacilado entre permanecer eu mesmo ou ser ele.

EU — Se é só isto que vos magoa, não vale muito a pena.

ELE — Não é nada, são momentos que passam. (Em seguida põe-se a cantar a abertura das *Índias Galantes* e a ária *Profundos Abismos* e acrescenta:)

Cá dentro algo me fala; diz: Rameau, tu bem querias ter composto esses dois trechos. Se os tivesses composto, terias certamente composto outros dois, e, depois que tivesses composto um certo número, serias executado e cantado em toda parte. Quando andasses, terias a cabeça erguida, tua consciência seria testemunha de teu próprio mérito, os outros te apontariam dizendo: "É ele o compositor das belas gavotas". (E canta as gavotas; em seguida, com o ar de um homem comovido, nadando na alegria e com os olhos úmidos, acrescenta esfregando as mãos:) Terias uma boa casa (mede o tamanho dela com os braços), um bom leito (estica-se nele indolentemente), bons vinhos (saboreia estalando a língua contra o céu da boca), uma boa carruagem (levanta o pé para subir), belas mulheres (já agarra com violência e com olhar voluptuoso); cem patifes viriam incensar-te todos os dias. (E acredita vê-los ao seu redor: Palissot, Poincinet, os Fréron, pai e filho, Laporte; ouve-os, empertiga-se, aprova-os, sorri-lhes, desdenha-os, despreza-os, expulsa-os, chama-os de volta, e em seguida continua:) E assim, pela manhã, dir-te-iam que és um grande homem. Lerias na história dos *Três Séculos* que és um grande homem; à noite, estarias convencido de que és um grande homem. E o grande homem, Rameau sobrinho, adormeceria com o doce murmúrio do elogio a ressoar em seus ouvidos. Mesmo dormindo teria o ar satisfeito: seu peito se dilataria, se elevaria, se abaixaria com desembaraço, roncaria como um grande homem. (E, dizendo isto, escorrega molemente num banquinho, fecha os olhos, imitando o sonho feliz que imagina. Depois de haver saboreado alguns instantes a doçura desse repouso, desperta, boceja, esfrega os olhos e procura, ainda à sua volta, seus aduladores insípidos.)

EU — Acreditais, então, que o sono do homem feliz é diferente dos demais?

ELE — Se acredito? Quando à noite, pobre-diabo, subo ao meu sótão e me enfio em meu catre, fico encarquilhado sob minha coberta, tenho o peito fechado e a respiração perturbada, numa espécie de lamento fraco que mal se ouve, enquanto um financista retumba em seu apartamento e espanta toda a rua. Hoje, porém, o que me aflige não é roncar e dormir mesquinhamente como um miserável.

EU — No entanto, isso é triste.

ELE — O que me aconteceu é muito mais.

EU — O quê?

ELE — Sempre vos interessastes por mim porque sou um coitado que no íntimo desprezais, mas que vos diverte.

EU — É verdade.

ELE — Pois bem, vou dizer-vos.

(Antes de começar, solta um profundo suspiro, leva as mãos à testa. Em seguida, retoma um ar tranqüilo e me diz:)

Sabeis que sou um ignorante, um tolo, um louco, um impertinente, um preguiçoso, aquilo que nós, borgonheses, chamamos um rematado vadio, um velhaco, um guloso. . .

EU — Que panegírico!

ELE — É tudo verdade. Não há uma palavra a descartar. Não me contesteis, por favor. Ninguém me conhece melhor do que eu, e ainda não disse tudo.

EU — Não vos quero aborrecer e concordarei plenamente.

[9] *Maomé* é uma peça de Voltaire. Mapéoux foi a reforma do Parlamento feita por Mapeou. A reforma foi bastante impopular, mas Voltaire a elogiou.

ELE — Muito bem. Eu vivia com um pessoal[10] que me aceitava justamente porque eu era dotado, num raro grau, de todas essas qualidades.

EU — Curioso! Até agora acreditava que todo mundo as escondesse de si próprio ou que as perdoasse quando suas, desprezando-as nos outros.

ELE — Escondê-las? Quem pode? Ficai certo de que Palissot se diz outra coisa quando está a sós consigo mesmo. Ficai certo de que num colóquio com seu colega ambos confessam francamente que são apenas dois insignes tratantes. Desprezá-las nos outros? Minha gente era mais imparcial, e seu caráter garantia maravilhosamente meu sucesso. Vivia como um peixe na água. Era festejado. Qualquer ausência minha, por menor que fosse, era lamentada. Era seu pequeno Rameau, seu lindo Rameau, seu Rameau, o louco, o impertinente, o ignorante, o preguiçoso, o guloso, o bufão, o bestalhão. Não havia um desses epítetos familiares que não me valesse um sorriso, uma carícia, um tapinha nos ombros, uma bofetada, um pontapé; à mesa, um bom bocado que se jogava em meu prato; fora da mesa, uma liberdade que eu tomava inconseqüentemente, pois sou inconseqüente. Faz-se de mim, comigo, diante de mim tudo o que se quiser, sem que eu me formalize. E os presentinhos que choviam? Como sou mesquinho! Perdi tudo! Perdi tudo por ter tido senso comum uma vez, uma única vez em minha vida. Ah! se isso nunca me tivesse acontecido!

EU — Mas do que se tratava?

ELE — De uma tolice incomparável, incompreensível, irreparável.

EU — Que tolice, afinal?

ELE — Rameau, Rameau! Foste pilhado por isso? Pela tolice de teres tido um pouco de gosto, um pouco de espírito, um pouco de razão? Rameau, meu amigo, isso te ensinará a permanecer como Deus te fez, e como teus protetores te desejavam. Por isso te agarraram pelos ombros, conduziram-te à porta e te disseram: "Puxa daqui, velhaco! Nunca mais reapareça. É boa: isso aí pretende ter tino, razão, creio. Puxa daqui! Temos essas qualidades de sobra". E lá foste, mordendo os dedos, quando tua maldita língua deveria ter sido mordida antes. Por imprudência estás aí, no olho da rua, sem eira nem beira, não sabendo onde bater a cabeça. A comida era posta em tua boca, e agora voltas aos restos; boa casa, terás sorte se te devolverem teu sótão; boa cama, e a palha te espera entre o cocheiro do Sr. de Soubisse e o amigo Robbé. Em vez de um sono doce e tranqüilo como tinhas, com uma orelha ouvirás o relincho e o pisoteio dos cavalos, e com a outra o ruído mil vezes mais insuportável dos vermes secos, duros e bárbaros. Infeliz, imprudente, mil vezes endemoninhado!

EU — Mas não haveria jeito de voltar? A falta que cometestes é tão imperdoável? Em vosso lugar eu iria procurar meu pessoal. Sois mais necessário a ele do que acreditais.

ELE — Oh! estou certo de que se entediam como cães, agora que não contam comigo para fazê-los rir.

EU — Então? Eu iria procurá-los. Não lhes daria tempo para se arranjarem sem mim, de voltarem-se para algum divertimento honesto, pois quem sabe o que pode acontecer?

ELE — Não é isso que temo. Tal não acontecerá.

EU — Por mais sublime que sejais, um outro pode substituir-vos.

ELE — Dificilmente.

EU — De acordo. Entretanto, eu iria com esta cara desfeita, estes olhos esgazeados, este colarinho desalinhado, estes cabelos desgrenhados, no estado verdadeiramente trágico em que vos encontrais. Lançar-me-ia aos pés da divindade, colaria meu rosto no chão, e sem me levantar, diria em voz baixa e soluçante: "Perdão, senhora, perdão! Sou um indigno, um infame. Foi um lamentável instante, pois sabeis que não sou homem de ter senso comum e vos prometo que nunca mais o terei em toda a minha vida".

[10] Bertin d'Antilly, tesoureiro das sisas, e Adelaide-Louise-Pauline Hus, atriz da Comédia Francesa. A desgraça de que o Sobrinho se lamenta, e que contará minuciosamente mais adiante, é sua expulsão da casa de Bertin-Hus.

(O mais divertido é que, enquanto eu falava, ele executava a pantomima. Prosternara-se, colara o rosto na terra, parecia segurar entre as mãos a ponta de uma pantufa, chorava, soluçava, dizia: "Sim, minha rainhazinha, sim, eu o prometo, não terei por toda a minha vida, por toda a minha vida!" Depois, levantando-se bruscamente, acrescentou num tom sério e refletido:)

ELE — Sim, tendes razão. Creio que é o melhor. Ela é bondosa. O Sr. Vieillard diz que é tão boa! Também o sei um pouco. No entanto, ir humilhar-me diante de uma macaca! Gritar por misericórdia aos pés duma reles palhaça, sempre perseguida pelas vaias da platéia? Eu, Rameau, filho do Senhor Rameau, boticário de Dijon, homem de bem que nunca se ajoelhou diante de quem quer que fosse! Eu, Rameau, sobrinho daquele que chamam o grande Rameau, que passeia no Palais-Royal ereto e com os braços à mostra desde que o Sr. Carmontel o desenhou curvado e com as mãos sob as abas da casaca! Eu, que compus peças para cravo, que ninguém toca, mas que serão, talvez, as únicas a passar para a posteridade que as executará! Eu! Eu, enfim!... Vede, senhor, não é possível. (E pondo a mão direita sobre o peito, acrescentou:) Sinto aqui algo que se ergue e me diz: Rameau, não o farás! É preciso que haja uma certa dignidade agarrada à natureza do homem e que nada pode sufocar. Desperta sem mais nem menos, sim, sem mais nem menos, pois há dias em que não me custaria nada ser tão vil quanto se queira. Nesses dias, por um vintém, lamberia o cu da pequena Hus.

EU — Alto lá, amigo. Ela é alva, bonita, jovem, doce, rechonchuda, e o que dizeis é um ato de humildade a que um outro, mais delicado do que vós, poderia rebaixar-se algumas vezes.

ELE — Entendamo-nos. Trata-se de lamber o cu no próprio e de lamber o cu no figurado. Pedi ao gordo Bergier que lamba o cu da Senhora De La Marque no próprio e no figurado; e, palavra de honra, neste caso, tanto o próprio como o figurado me desagradariam.

EU — Se o expediente que vos sugiro não vos convém, tende, então, a coragem de ser mendigo.

ELE — É duro ser mendigo enquanto há tolos opulentos a cujas expensas pode-se viver. E além disso é insuportável desprezar-se a si mesmo.

EU — Conheceis esse sentimento?

ELE — Se o conheço? Quantas vezes eu me disse: "Como, Rameau? Há dez mil mesas fartas em Paris, com quinze ou vinte talheres em cada uma, e não há um talher para ti? Há bolsas cheias de ouro que jorram a torto e a direito, e delas não cai uma só moeda para ti? Mil espiritozinhos sem talento, sem mérito; mil criaturinhas sem encanto; mil intrigantes rasteiros bem vestidos, e tu andas nu? Serias tão imbecil? Não saberias bajular como os outros? Não saberias mentir, jurar, perjurar, prometer, cumprir ou faltar, como os outros? Não saberias pôr-te de quatro, como os outros? Não saberias favorecer a intriga duma dama e levar o bilhete doce, como os outros? Não saberias encorajar este rapaz e falar com a senhorita, e persuadir a senhorita a escutá-lo, como os outros? Não saberias fazer a filha de um dos nossos burgueses compreender que está mal arrumada, que belos brincos, um pouco de pintura, rendas, um vestido à polonesa lhe assentariam às mil maravilhas? Que seus pezinhos não foram feitos para andar na rua? Que há um belo senhor, jovem e rico, dono de uma casa engalanada de ouro, de uma carruagem soberba, com seis grandes lacaios, que a viu passar, que a considera encantadora, e que desde esse dia não come, nem bebe, não dorme mais e morrerá? " — Mas, e meu papai? — Bom, bom, vosso papai! No começo se zangará um pouco. — E mamãe, sempre me aconselhando para que eu seja uma moça honesta? Sempre a dizer-me que não há nada neste mundo melhor do que a honra? — Velhas falas, que nada significam. — E meu confessor? — Não o vereis mais; ou se persistirdes na fantasia de lhe contar a história de vossos divertimentos, isso vos custará algumas libras de açúcar e café. — É um homem severo que já me recusou a absolvição para a canção *Vem à Minha Cela*. — É que nada tínheis para lhe dar... Mas quando lhe aparecerdes em rendas... — Terei rendas, então? — Sem dúvida, de todo tipo... com belos brincos e diamantes. — Terei belos brincos de diamantes, então? — Sim. — Como aqueles da marquesa que vem às vezes comprar luvas em nossa loja? — Precisamente... em uma bela carruagem com uma parelha de cavalos cinzentos bamboleantes, dois grandes lacaios, um negrinho e um batedor à frente com pintas no rosto e anquinhas... — Ao baile? — Ao baile... À Ópera, à Comédia... (Seu coração já estremece de alegria...) — Brincais com um papel entre os dedos... O que é? — Não é nada.

— Parece-me que sim. — É um bilhete. — E para quem? — Para vós, se fôsseis um pouco curiosa. — Curiosa? Mas eu sou muito... (Ela lê.) Um colóquio, não é possível. — Indo à missa. — Mamãe acompanha-me sempre; mas se ele viesse aqui, bem cedo; sou a primeira a acordar, estou no balcão antes que os outros tenham levantado." Ele vem, agrada; um belo dia, ao entardecer, a pequena desaparece, e passam-me dois mil escudos... O quê? Possuis esse talento e falta-te pão? Não tens vergonha, infeliz? Eu me lembrava de um monte de malandros que não chegavam aos meus pés e que regurgitavam riquezas. Eu usava um casaco de estopa e eles estavam cobertos de veludo, apoiavam-se sobre a bengala de castão de ouro e em bico de corvo, trazendo nos dedos efígies de Aristóteles e Platão. E no entanto, quem eram? A maioria, miseráveis troca-teclas; hoje, uma espécie de senhores. Então eu me encorajava, a alma elevada, o espírito sutil e capaz de tudo. Mas essas boas disposições aparentemente não duravam, pois até hoje não consegui trilhar um caminho certo. Seja como for, eis aí o tema de meus freqüentes solilóquios que podeis parafrasear segundo vossa fantasia, desde que chegueis à conclusão de que conheço o desprezo de mim mesmo, ou esse tormento da consciência, nascido da inutilidade dos dons que o céu repartiu entre nós. É o mais cruel de todos os sentimentos. Oxalá o homem não tivesse nascido!

Eu o escutava e à medida que representava a cena do alcoviteiro e da donzela seduzida, a alma agitada entre dois movimentos opostos, eu não sabia se me abandonava ao desejo de rir ou ao transporte da indignação. Eu sofria. Vinte vezes uma explosão de riso impediu a explosão de minha cólera, vinte vezes a cólera que se erguia no fundo de meu coração terminou com uma explosão de riso. Sentia-me confundido com tanta sagacidade e baixeza, com idéias tão corretas e alternativamente tão falsas, uma perversidade tão geral dos sentimentos, uma torpeza tão completa e uma franqueza tão incomum. Percebeu o conflito que me agitava interiormente. "Que tendes?", pergunta-me.

EU — Nada.

ELE — Pareceis perturbado.

EU — Também estou.

ELE — Mas, enfim, o que me aconselhais?

EU — Mudar de assunto. Ah! desgraçado! Em que estado de abjeção nasceste ou caíste?

ELE — Concordo. Porém, que meu estado não vos comova assim. Minha intenção, ao desabafar convosco, não era a de vos afligir. Economizei um pouco enquanto vivi com essa gente. Imaginai: eu não precisava de nada e, no entanto, davam-me bastante para meus prazeres miúdos.

Recomeçou, então, a esmurrar a testa, a morder os lábios e a revirar os olhos desvairados para o teto, acrescentando: "É negócio feito. Guardei alguma coisa. Tempo passado, bem acumulado".

EU — Quereis dizer, perdido.

ELE — Não, não, acumulado. Enriquece-se a cada instante. Um dia a menos para viver ou uma moeda a mais para guardar, é tudo a mesma coisa. O importante é ir todas as noites facilmente, livremente, agradavelmente, copiosamente à privada: o *stercus pretiosum!*[11] Eis o resultado da vida em todas as condições sociais. No momento derradeiro todos são igualmente ricos: *Samuel Bernard*, que, de tanto roubar, pilhar e fazer bancarrotas, deixa vinte e sete milhões em ouro, e Rameau, a quem a caridade proverá a mortalha grosseira que o envolverá. O morto não ouve soar os sinos. É inútil que cem padres esganicem por ele, que seja precedido ou seguido por uma longa fila de tochas ardentes — sua alma não caminha ao lado do mestre de cerimônias. Apodrecer sob o mármore, apodrecer sob a terra, é sempre apodrecer. Ter ao redor de seu caixão as Crianças Vermelhas e as Crianças Azuis,[12] ou ninguém, que diferença faz? E depois, reparai bem neste punho: era rijo como um diabo. Seus dez dedos eram varas cravadas num metacarpo de madeira, e estes tendões, velhas tripas mais secas, mais rijas, mais inflexíveis do que as que serviram para a roda de um torneiro. Mas atormentei-as tanto, alquebrei-as tanto, estraçalhei-as tanto! Não queres ir? Irra! Pois digo-te que irás. E assim será.

Dizendo isto, com a mão direita agarra os dedos e o punho da mão esquerda, entortando-os

[11] Ó precioso excremento!

[12] Crianças dos orfanatos que eram alugadas para acompanhar enterros — as pompas fúnebres.

para cima e para baixo; a extremidade dos dedos toca o braço, as juntas estalam. Temo que os ossos se desloquem.

EU — Cuidado! Assim vos estropiareis.

ELE — Não temais, estão afeitos a isso. Há dez anos eu os venho forçando, não os trato de outro jeito. Embora não gostassem, os vadios tiveram que se acostumar, aprender a colocar-se sobre as teclas e a pontear as cordas. Agora a coisa vai bem. Sim, vai bem.

Ao mesmo tempo, põe-se na atitude de um tocador de violino; cantarola um *allegro* de Locatelli; seu braço direito imita o movimento de arco, sua mão esquerda e seus dedos parecem deslizar pela extensão do cabo; se desafina, interrompe, sobe ou desce a corda, distende-a com a unha para assegurar-se de que está certa; retoma o trecho onde o deixou; bate o compasso com o pé, agita freneticamente a cabeça, os pés, as mãos, os braços, o corpo. Como se vê às vezes, no concerto religioso, Ferrari, Chiabran, ou algum outro virtuose nas mesmas convulsões, oferecendo a imagem do mesmo suplício e causando quase a mesma pena, pois não é doloroso ver apenas tormento naquele que se ocupa em transmitir prazer? Puxai uma cortina que esconda de mim o homem que quiser mostrar-me um estudioso aplicado a uma dificuldade. No meio de suas agitações e de seus gritos, se porventura apresentava uma posição, um desses trechos harmoniosos em que o arco se move lentamente sobre várias cordas ao mesmo tempo, seu rosto tomava uma expressão extasiada, sua voz suavizava, escutava a si mesmo com arrebatamento. É certo que os acordes ressoavam em suas orelhas e nas minhas. Depois, recolocando seu instrumento sob seu braço esquerdo com a mesma mão com que o segurava, deixou cair a mão direita com seu arco: "Muito bem!", disse. "Que achais?"

EU — Maravilhoso!

ELE — Está bem, parece-me. Soa mais ou menos como os outros.

E imediatamente acocora-se, como um músico que se põe ao cravo.

"Tende piedade de mim e de vós", digo-lhe.

ELE — Não, não. Visto que vos retenho, escutareis. Não quero uma opinião emitida sem que se saiba por quê. Vosso louvor terá um tom mais seguro e me valerá um aprendiz.

EU — Sou tão pouco relacionado que vos cansareis sem proveito.

ELE — Nunca me canso.

Como percebo que desejava inutilmente apiedar-me do homem porque a sonata ao violino o havia ensopado, decido consentir. Ei-lo, pois, sentado ao cravo, as pernas dobradas, a cabeça erguida para o teto onde parece ver uma partitura escrita, cantando, preludiando, executando uma peça de Alberti ou de Galuppi, não sei de qual dos dois. Sua voz passa como o vento e seus dedos rodopiam sobre as teclas, ora deixando as agudas pelas graves, ora deixando a parte do acompanhamento para voltar às agudas. As paixões sucedem-se em seu rosto: distingue-se a ternura, a cólera, o prazer, a dor; sentem-se os *piano,* os *forte,* e estou certo de que um outro mais hábil do que eu teria reconhecido o trecho pelo movimento, pelo caráter, por suas expressões e por alguns fragmentos de canto, que lhe escapavam em intervalos. Porém, ainda mais extravagante é vê-lo tatear de vez em quando, como se tivesse errado, vê-lo contrariar-se por não ter mais a peça em seus dedos.

Endireitando-se e enxugando as gotas de suor que lhe descem pela face, diz: "Enfim, podeis ver que também sabemos colocar um trítono, uma quinta supérflua, e que o encadeamento das dominantes nos é conhecido. Essas passagens enarmônicas, de que meu caro tio faz tanta questão, não são um bicho-de-sete-cabeças. Nós nos saímos muito bem".

EU — Tivestes a bondade de mostrar-me que sois muito hábil, mas sou homem capaz de vos acreditar sob palavra.

ELE — Muito hábil? Oh! não! Para meu ofício sei mais ou menos. E já é mais do que preciso, pois neste país quem é obrigado a saber aquilo que ensina?

EU — Tanto quanto a saber aquilo que aprende.

ELE — Com mil demônios, como é verdade! Como é muito verdade! Agora, senhor filósofo, com a mão na consciência, falai francamente. Houve um tempo em que não éreis tão abastado como hoje.

EU — Ainda não sou muito.

ELE — Mas não ides mais ao Luxemburgo no verão, vós vos lembrais...

EU — Deixemos isso. Sim, eu me lembro.

ELE — Em redingote de pelúcia cinzenta...

EU — Sim, sim.

ELE — Derreado num dos lados, com o punho da camisa rasgado e as meias negras de lã remendadas atrás com linha branca.

EU — Sim, sim. Tudo que quiserdes.

ELE — Que fazíeis, então, na alameda dos Soupirs?

EU — Uma figura bem triste.

ELE — Saindo de lá, andáveis com passos rápidos e miúdos pela calçada.

EU — De acordo.

ELE — Lecionáveis matemática.

EU — Sem saber uma palavra. Era a isto que queríeis chegar?

ELE — Justamente.

EU — Aprendi ensinando os outros; produzi alguns bons estudantes.

ELE — É possível. Mas a música não é o mesmo que álgebra e a geometria. Hoje, que sois um opulento senhor...

EU — Não tão opulento...

ELE — Que já fizestes vosso pé-de-meia...

EU — Muito pequeno...

ELE — Dais professores à vossa filha.

EU — Ainda não. É a mãe que se encarrega de sua educação, pois é preciso ter paz em casa.

ELE — A paz em casa? Raios me partam! Só a temos quando somos o servidor ou o senhor, e devemos ser o senhor. Tive mulher. Que Deus tenha a sua alma. Mas quando, às vezes, resolvia ser insolente, eu me erguia sobre meus esporões, desdobrava meu trovão e dizia como Deus: "Que a luz se faça", e a luz foi feita. Assim, em quatro anos, nenhum de nós teve a palavra mais alta do que a do outro. Qual a idade de vossa filha?

EU — Isto não vem ao caso.

ELE — Qual a idade de vossa filha?

EU — Que diabo! Deixemos minha filha com sua idade e voltemos aos professores que terá.

ELE — Apre! Não conheço algo mais teimoso do que um filósofo! Suplicando muito humildemente, não se poderia saber de Vossa Senhoria, o filósofo, qual a idade aproximada da senhorita sua filha?

EU — Dai-lhe oito anos.

ELE — Oito anos! Há quatro já deveria ter os dedos nas teclas.

EU — Mas talvez eu não me tenha preocupado em fazer entrar no plano de sua educação um estudo que ocupa tanto tempo e que serve para tão pouco.

ELE — E o que lhe ensinareis, então, por favor?

EU — A raciocinar corretamente, se eu puder; coisa tão pouco comum entre os homens e mais rara ainda entre as mulheres.

ELE — Ei! Deixai-a desatinar tanto quanto quiser, desde que seja bonita, divertida e faceira.

EU — Visto que a natureza foi tão ingrata para com ela, dando-lhe uma compleição delicada com uma alma sensível, e expondo-a às mesmas penas da vida, como se tivesse uma compleição forte e um coração de bronze, ensinar-lhe-ei, se puder, a suportá-las com coragem.

ELE — E deixai-a chorar, sofrer, ter dengos, ter os nervos irritados como os outros, desde que seja bonita, divertida e faceira. Como? Nada de dança?!

EU — Não mais do que o necessário para uma reverência, para um porte decente, para apresentar-se bem e para saber andar.

ELE — Nada de canto?

EU — Não mais do que para uma boa dicção.

ELE — Nada de música?

EU — Se houvesse um bom professor de harmonia, eu lha confiaria de bom grado, duas horas por dia, durante um ou dois anos, não mais.

ELE — E no lugar das coisas essenciais que suprimis?

EU — Ponho gramática, fábula, história, geografia, um pouco de desenho e um pouco de moral.

ELE — Como me seria fácil provar-vos a inutilidade de todos esses conhecimentos em um mundo como o nosso! Que digo!? A inutilidade? Talvez o perigo! Mas, no momento, retirei uma questão: ela não precisaria de um ou dois professores?

EU — Sem dúvida.

ELE — Ah! Voltamos ao ponto. Esses professores, esperais que saberão a gramática, a fábula, a história, a geografia, a moral de que lhe darão lições? Conversa, meu caro senhor, conversa. Se possuíssem essas coisas o bastante para ensinar, não as ensinariam.

EU — E por quê?

ELE — Porque teriam passado suas vidas a estudá-las. É preciso ser profundo na arte ou na ciência para bem conhecer os elementos. Os trabalhos clássicos só podem ser bem feitos por aqueles que envelheceram no ofício. O meio e o fim é que esclarecem as trevas do começo. Perguntai ao vosso amigo D'Alembert, o corifeu da ciência matemática, se seria capaz de ensinar seus elementos. Só após trinta ou quarenta anos de exercício meu tio entreviu os primeiros clarões da teoria musical.

EU — Ó louco, arquilouco! (gritei) Como é possível que em tua cabeça idéias tão corretas se misturem com tanta extravagância?

ELE — Diabo, quem sabe? É o acaso que as lança e elas ficam. Há nelas tanto, que quando não se sabe tudo, não se sabe bem. Ignora-se para onde uma coisa vai, de onde outra vem, onde esta ou aquela devem ser colocadas, qual deve passar primeiro, onde estará melhor a segunda. Ensina-se bem sem método? E o método, de onde nasce? Escutai, meu filósofo, meti na cabeça que a física sempre será uma pobre ciência, uma gota de água, presa na ponta de uma agulha sobre o vasto oceano, um grão destacado da vasta cadeia dos Alpes! As razões dos fenômenos? Na verdade, seria preferível ignorar do que saber tão pouco e tão mal. Era justamente como me encontrava ao fazer-me professor de acompanhamento e de composição. Com que sonhais?

EU — Sonho que tudo o que acabais de dizer é mais especioso do que sólido. Deixemos isso. Ensinastes, dizeis, o acompanhamento e a composição?

ELE — Sim.

EU — E não sabíeis absolutamente nada?

ELE — Palavra de honra que não. E é por isso que havia piores do que eu: os que acreditavam saber alguma coisa. Pelo menos eu não estragava o gosto nem as mãos das crianças. Passando de mim para um bom professor, como nada haviam aprendido, pelo menos nada tinham para desaprender, o que era tempo e dinheiro poupados.

EU — Como fazíeis?

ELE — Como todos fazem. Chegava, jogava-me numa cadeira. "Como o tempo está ruim! Como é cansativo andar a pé!" Tagarelava sobre algumas novidades: "A Srta. Lemierre devia executar o papel de vestal na nova ópera, mas está grávida pela segunda vez e não se sabe quem irá dublá-la. A Srta. Arnauld[13] acaba de abandonar seu condezinho; diz-se que está negociando com Bertin. O condezinho, porém, encontrou a porcelana do Sr. de Montamy.[14] No último concerto dos amadores havia uma italiana que cantou como um anjo. Esse Préville[15] tem um corpo raro, é preciso vê-lo no *Mercúrio Galante;* o trecho do enigma é impagável. A pobre Dusmenil[16] não sabe mais o que faz. Vamos, senhorita, pegai vosso livro". Enquanto a senhorita, sem a menor pressa, procura o livro que deixou extraviar, chama-se uma criada, esbraveja-se. Continuo: "—A Clairon é verdadeiramente incompreensível. Fala-se de um casamento muito ridículo: o da senhorita... como se chama mesmo? Uma criaturinha que ele mantinha, em quem fez duas ou três crianças e que havia sido mantida por muitos outros. — Vamos, Rameau, não é possível, di-

[13] Lemierre e Arnauld — célebres atrizes da Ópera.
[14] Amigo de Diderot que pesquisava cores para pintura em esmalte.
[15] Ator da Comédia Francesa que sobressaía em todos os papéis que tentava.
[16] Atriz de tragédia da Comédia Francesa que improvisava seus maiores lances.

zeis um disparate. — Não digo disparate algum. Diz-se mesmo que a coisa já está consumada. Corre o boato que Voltaire morreu; melhor. — E por que melhor? — É que deve estar preparando uma boa galhofa. É seu costume morrer quinze dias antes". Que vos direi ainda? Contava algumas obscenidades que ouvira em outras casas, pois somos todos grandes mexeriqueiros. Bancava o louco. Escutavam-me, riam, gritavam: "É sempre encantador". Entrementes, o livro da senhorita havia sido, enfim, encontrado sob uma poltrona onde fora arrastado, mastigado e raspado pelo cachorrinho ou pelo gatinho. Punha-se ao cravo. Primeiro fazia ruído sozinha, em seguida eu me aproximava, depois de ter feito à mãe um sinal de aprovação. A mãe: "Não vai mal; bastaria querer, mas não quer. Prefere perder seu tempo a tagarelar, a falar de bagatelas, a correr, e não sei mais o quê. Nem bem partis, e o livro já está fechado para ser reaberto apenas quando voltais. Também, nunca a repreendeis". Entretanto, como era preciso fazer alguma coisa, tomava-lhe as mãos para colocá-las numa outra posição; contrariava-me, gritava: "Sol, sol, sol, senhorita, é um sol". A mãe: "Menina, não tens ouvido? Eu, que não estou ao cravo, que não vejo teu livro, sinto que é preciso um sol. Dás um trabalho infinito ao senhor; não compreendo uma paciência como a dele; não reténs nada do que te diz, não progrides. . ." Então eu rebatia um pouco os golpes, meneando a cabeça, dizia: "Perdoai-me, senhora, perdoai-me. Poderia ser melhor se a senhorita quisesse, se estudasse um pouco, mas não está muito mal". A mãe: "Em vosso lugar, eu a conservaria um ano na mesma peça". "Oh! quanto a isso não vos preocupeis, mas em breve não haverá uma cujas dificuldades não possa superar." "Senhor Rameau, estais a elogiá-la. Sois muito bom. De toda a lição, ela irá guardar apenas isso para repetir-me na ocasião adequada." A hora transcorria; minha discípula apresentava-me o pequeno pagamento da lição com a graça do gesto e a reverência que o professor de dança lhe ensinara. Eu o guardava no bolso, enquanto a mãe dizia: "Muito bem, menina. Se Javillier[17] estivesse aqui, vos aplaudiria". Por delicadeza eu ainda tagarelava um pouco e, em seguida, desaparecia. Eis o que se chamava, então, uma aula de acompanhamento.

EU — E hoje, é diferente?

ELE — Santo Deus! Creio que sim. Chego. Sério, apresso-me em tirar meu regalo, abro o cravo, experimento as teclas. Estou sempre apressado; se me fazem esperar um pouco, grito como se me tivessem roubado uma moeda. Daqui a uma hora deverei estar noutro lugar; em duas horas, em casa da sra. duquesa tal; sou esperado para jantar em casa de uma bela marquesa e, saindo de lá, para um concerto em casa do senhor Barão de Bacq, rua Neuve-des-Petits-Champs.

EU — E, no entanto, não sois esperado em parte alguma.

ELE — Claro que não.

EU — Então por que usar essas pequenas astúcias tão ignóbeis?

ELE — Ignóbeis. Por que, fazeis o favor? São de uso em minha profissão. Não me avilto fazendo como todo mundo. Não fui eu que as inventei e seria esquisito e desastrado não me adaptar a elas. Na verdade, sei muito bem que, se aplicardes a isto certos princípios gerais de não sei que moral, que todos têm na boca e que ninguém pratica, talvez o branco vire preto e o preto, branco; mas, senhor filósofo, há uma consciência geral como há uma gramática geral, e também há exceções em cada língua e que chamais, vós outros, sábios. . . ajudai-me. . . chamais. . .

EU — Idiotismos.

ELE — Exatamente. Muito bem. Cada posição social tem suas exceções à consciência geral, e de bom grado eu lhes daria o nome de idiotismos do ofício.

EU — Compreendo. Fontenelle fala bem, escreve bem, embora seu estilo fervilhe de idiotismos.

ELE — E o soberano, o ministro, o financista, o magistrado, o militar, o homem de letras, o advogado, o procurador, o comerciante, o banqueiro, o artesão, o professor de canto, o professor de dança são gente muito honesta, embora sua conduta se afaste da consciência geral em vários pontos e esteja repleta de idiotismos morais. Quanto mais antiga a instituição de uma coisa, mais idiotismos terá. Quanto mais desgraçados os tempos, mais os idiotismos se multiplicarão. O ofí-

[17] Bailarino da Ópera, professor de dança do rei.

cio vale tanto quanto o homem e, reciprocamente, ao fim e ao cabo, o homem vale tanto quanto o ofício. Por isso faz-se valer o ofício tanto quanto se pode.

EU — Nessa enrascada toda só percebo claramente que há poucos ofícios exercidos com honestidade, ou poucas pessoas honestas em seus ofícios.

ELE — Bem, não há mesmo, mas, em troca, poucos pulhas ficam fora de suas lojas. E tudo iria melhor se não houvesse uma certa gente denominada assídua, correta, pontual, que cumpre rigorosamente seus deveres, ou, o que dá no mesmo, que está sempre em suas lojas a cuidar de seu ofício de manhã à noite e não fazendo outra coisa. Por isso são os únicos que se tornam opulentos e os únicos estimados.

EU — Pela força dos idiotismos.

ELE — Isso mesmo. Vejo que me compreendestes. Há idiotismos comuns a todas as posições sociais, a todos os países e a todos os tempos, assim como há tolices comuns. Um desses idiotismos comuns é o de tentar proporcionar a si mesmo o maior número possível de práticas, mais do que se pode efetivamente praticar. E isto vem de uma besteira comum: acreditar que o mais hábil é aquele que mais práticas possui. Eis aí duas exceções à consciência geral a que devemos curvar-nos. É uma espécie de crédito. Em si mesmo nada vale, mas vale muito perante a opinião. Mais vale a fama do que a dourada cama, mas quem tem boa fama não costuma ter cama dourada, e, hoje em dia, quem tem a cama garante sua fama. É preciso ter ambas. Eis meu objetivo quando me faço valer pelo que qualificais de manobras vis, de pequenos ardis indignos. Dou minha aula, e muito bem: eis a regra geral. Faço crer que tenho mais para dar do que há horas no dia: eis o idiotismo.

EU — Mas, dais bem vossas aulas?

ELE — Sim, não muito mal. Razoavelmente. O baixo fundamental[18] do caro tio facilitou bem as coisas. Antigamente roubava dinheiro do meu aluno. Sim, certamente roubava dele. Atualmente eu o ganho, pelo menos tanto quanto os outros.

EU — E roubáveis sem remorso?

ELE — Mas claro! Ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão! Deus sabe como os pais ganharam a fortuna que regurgitavam. Era gente da corte, financistas, grandes comerciantes, banqueiros, gente de negócios. Eu os ajudava na devolução, eu e um bando de outros, empregados como eu. Na natureza todas as espécies se devoram; todas as condições se entredevoram na sociedade. Nós nos justiçamos uns aos outros sem que a lei se intrometa. Outrora a Deschamps, hoje a Guimard,[19] vingam o príncipe contra o financista. Amanhã, a modista, o joalheiro, o tapeceiro, a costureira, o escroque, a camareira, o cozinheiro, o seleiro vingarão o financista contra a Deschamps. No meio disso tudo só saem lesados os imbecis e os preguiçosos, lesados sem terem prejudicado ninguém, e é muito bem feito. Donde podeis concluir que as exceções à consciência geral, os idiotismos morais que provocam tanto barulho sob a denominação de "golpes",[20] nada são. No final das contas, o que vale mesmo é ter um golpe de vista certeiro.

EU — Admiro o vosso.

ELE — E, além disso, a miséria não conta? A voz da consciência e da honra é muito fraca quando as tripas gritam. Para mim isso já é suficiente. Se ficar rico farei a devolução, e estou mesmo disposto a devolver de todas as maneiras possíveis: pela mesa, pelo jogo, pelo vinho, pelas mulheres.

EU — Mas temo que nunca fiqueis rico.

ELE — Também tenho essa suspeita.

EU — Mas, se acontecesse, que faríeis?

ELE — Como todos os novos-ricos. Seria o mais insolente patife que já se terá visto. Recor-

[18] Principal descoberta técnica do tio Rameau. É um sistema harmônico que consiste em tomar como baixo racional a nota fundamental de cada acorde.

[19] Deschamps e Guimard: bailarinas da Ópera. Os credores obrigaram Deschamps a vender até o mobiliário para pagá-los.

[20] No texto francês: "tours du bâton", procedimentos para se apropriar habilmente dos bens de alguém quando se está a seu serviço.

daria tudo que me fizeram suportar, devolveria todos os insultos que recebi. Gosto de mandar e mandarei. Gosto que me adulem e me adularão. Terei a meu serviço toda a tropa Vilmoriana,[21] a quem direi, como já me disseram: "Vamos, tratantes, divirtam-me!" E me divertirão. "Caluniem as pessoas honestas!" E serão caluniadas, se é que ainda existem. Depois teremos raparigas e nos tutearemos quando já bêbados. Ébrios, contaremos casos, teremos todos os tipos de defeitos e vícios. Será delicioso. Provaremos que Voltaire não tem gênio, que Buffon, sempre escorado em andadeiras e contraído numa linguagem afetada, não passa dum declamador empolado, que Montesquieu é apenas um pedante; relegaremos D'Alembert à sua matemática; espancaremos todos os pequenos Catões como vós, que nos desprezam por inveja, cuja modéstia é a capa do orgulho, e cuja sobriedade é a lei da carência. E a música? Aí, sim! seremos nós a tocá-la.

EU — Pelo belo uso que fareis da riqueza, vejo que é uma pena serdes mendigo. Viveríeis de uma maneira muito honrosa para a espécie humana, bem útil para vossos concidadãos e bem gloriosa para vós próprio.

ELE — Ora, parece que estais a zombar de mim. Senhor filósofo, não sabeis com quem brincais. Não desconfiais que neste momento represento a parte mais importante da cidade e da corte. Nossos nababos, qualquer que seja a sua posição social, talvez tenham ou não tenham dito a si próprios exatamente o mesmo que acabo de vos confiar. O fato é que a vida que eu levaria em seus lugares é justamente a vida que levam. Vós outros, filósofos, pensais de maneira diversa, pois acreditais que a mesma felicidade é feita para todos. Que estranha visão! Vossa felicidade supõe uma certa propensão romanesca que não temos, uma alma singular, um gosto particular. Enfeitais essa esquisitice com o nome de virtude, chamando-a, também, filosofia. Mas a virtude e a filosofia são feitas para todo mundo? Quem pode tem; quem pode conserva. Imaginai o universo sensato e filosofante. Que terrível chatice! Escutai. Viva a filosofia, viva a sabedoria de Salomão: beber bons vinhos, saborear petiscos delicados, rolar sobre belas mulheres, repousar em camas macias. O resto é vaidade.

EU — Como? E servir à pátria?

ELE — Vaidade! Não há mais pátria. De um pólo ao outro só vejo tiranos e escravos.

EU — Servir aos amigos?

ELE — Vaidade! Quem tem amigos? E quem os tivesse deveria torná-los ingratos? Atentai e vereis que é sempre isso o que se recolhe dos favores prestados. O reconhecimento é um fardo e todo fardo deve ser sacudido.

EU — Ter uma posição na sociedade e cumprir os deveres?

ELE — Vaidade! Que importa que se tenha ou não uma posição, desde que se seja rico, pois só se arranja uma posição para isso. Cumprir os deveres? Aonde isso leva? Ao crime, à perturbação, à perseguição. É assim que se progride? Fazer a corte, raios! Fazer a corte! Ver os grandes, estudar seus gostos, prestar-se às suas fantasias, servir aos seus vícios, aprovar suas injustiças. Eis o segredo.

EU — Cuidar da educação de seus filhos?

ELE — Vaidade! É tarefa de um preceptor.

EU — Mas, se o preceptor, convicto de vossos princípios, negligenciar seus deveres, quem deverá ser castigado?

ELE — Palavra! Garanto que não serei eu! Talvez, um dia, o marido de minha filha, ou a mulher de meu filho.

EU — Mas, se ambos caírem na orgia e no vício?

ELE — Será uma conseqüência de sua posição.

EU — Se se desonrarem?

ELE — Faça o que fizer, o rico nunca se desonra.

EU — Se se arruinarem?

ELE — Pior para eles.

[21] Parasitas que rodeavam o coletor de impostos Vilmorien. Era genro de Bouret, de quem o Sobrinho falará mais adiante.

EU — Creio que, se podeis vos dispensar de velar pela conduta de vossa mulher, de vossos filhos, de vossos domésticos, podeis muito bem negligenciar vossos negócios.

ELE — Com mil perdões! Geralmente é muito difícil arranjar dinheiro, de modo que é prudente ocupar-se desde logo e sempre com tal questão.

EU — Dareis pouca preocupação à vossa mulher?

ELE — Nenhuma. O melhor procedimento com a cara-metade é fazer o que lhe convém. Em vossa opinião, o convívio não seria muito divertido se cada um se ocupasse apenas com suas próprias coisas?

EU — Por que não? A noite é sempre mais bela para mim quando estou contente com meu dia.

ELE — Para mim também.

EU — É o ócio profundo que torna as pessoas da alta roda tão delicadas em suas diversões.

ELE — Não acrediteis nisso. Agitam-se muito.

EU — Como nunca se cansam, nunca descansam.

ELE — Não acrediteis nisso. Estão sempre exaustas.

EU — Para elas, o prazer é sempre uma ocupação agradável, nunca uma carência.

ELE — Tanto melhor. A carência é sempre dolorosa.

EU — Esbanjam tudo. Sua alma embrutece, presa do tédio. Aquele que lhes tirasse a vida no meio de sua acabrunhante abundância lhes prestaria um favor. Da felicidade, só conhecem a parte que se embota mais depressa. Não desprezo os prazeres dos sentidos. Também tenho um paladar que se delicia com iguarias delicadas ou com vinho delicioso. Tenho coração e olhos. Gosto de ver uma bela mulher, de sentir em minha mão a firmeza roliça de seu seio, de apertar seus lábios contra os meus, de buscar a volúpia em seus olhos e de expirar em seus braços. Às vezes, com meus amigos, uma reunião devassa, até mesmo um pouco tumultuosa, não me desagrada. Mas não vos esconderei que me é infinitamente mais doce ter socorrido um desgraçado, ter acabado um caso espinhoso, ter dado um conselho salutar, ter feito uma leitura agradável, ter passeado com um homem ou com uma mulher queridos de meu coração, ter passado algumas horas instrutivas com meus filhos, ter escrito uma boa página, ter cumprido os deveres de minha condição, ter dito àquela que amo coisas ternas e doces que trazem seus braços ao redor de meu pescoço. Conheço uma ação e teria dado tudo o que possuo para tê-la praticado. *Maomé* é uma obra sublime, mas eu preferiria ter reabilitado a memória de Calas.[22] Um meu conhecido refugiara-se em Cartagena; era o caçula de uma família numa região onde o costume transfere todos os bens aos primogênitos. Ali, fica sabendo que seu irmão mais velho, criança mimada, depois de haver despojado o pai e a mãe de tudo quanto possuíam, expulsara-os de seu castelo e os bons velhinhos morriam como indigentes numa aldeia da província. Que faz então o caçula, tratado tão duramente pelos pais, obrigado a fazer fortuna tão longe? Envia-lhes ajuda; apressa-se em arranjar seus negócios, volta opulento, reconduz pai e mãe ao velho domicílio, casa as irmãs. Ah! meu caro Rameau, esse homem encarava aquele momento como o período mais feliz de sua vida! Falava-me disso com lágrimas nos olhos. E ao vos contar a estória sinto meu coração conturbado de alegria e prazer, quase sem poder falar.

ELE — Que gente singular!

EU — E vós, gente lamentável, se não podeis imaginar que é possível elevar-se acima do destino e que é impossível a infelicidade no abrigo de duas belas ações como essas!

ELE — Eis aí uma espécie de felicidade com que dificilmente me familiarizaria, pois é tão raro encontrá-la. Mas, em vossa opinião, devemos ser gente honesta?

EU — Para ser feliz? Seguramente.

ELE — Contudo, vejo uma infinidade de gente honesta que não é feliz, e uma infinidade de gente feliz que não é honesta.

EU — É o que vos parece.

[22] Os Calas foram perseguidos por fanáticos. Entre Voltaire autor trágico e Voltaire defensor das vítimas do fanatismo, o Filósofo prefere o segundo.

ELE — Não foi justamente por ter tido senso comum e franqueza durante um momento que agora não sei onde comer?

EU — Claro que não! Mas justamente por não os ter tido sempre, por não ter compreendido muito antes que é preciso arranjar recursos sem apelar para o servilismo.

ELE — Apelando ou não, os recursos que obtive eram pelo menos mais fáceis.

EU — E os menos seguros e menos honestos.

ELE — Mas os mais conformes ao meu caráter de vadio, de tolo e de velhaco.

EU — Concordo.

ELE — E visto que posso ser feliz usando os vícios de minha natureza, adquiridos sem trabalho e conservados sem esforço, adaptados aos costumes de minha nação, bem do gosto daqueles que me protegem e mais parecidos com suas pequenas carências particulares do que com virtudes que os embaraçariam acusando-os de manhã à noite, seria muito estranho que eu começasse a me atormentar como um condenado para me deformar e me tornar diferente do que sou; para me dar um caráter estranho ao meu, qualidades muito estimáveis (concordo só para não discutir) mas que me custariam muito adquirir, praticar, que não me levariam a nada (talvez a pior do que nada), pela sátira contínua dos ricos junto aos quais os mendigos como eu têm que ganhar a vida. Louva-se a virtude, mas é odiada e dela se foge. Enregela, e é preciso ter os pés quentes. Além do mais, ficaria de mau humor, infalivelmente. Por que vemos freqüentemente devotos tão duros, tão irritados, tão insociáveis? Porque impuseram a si próprios uma tarefa que não é natural; sofrem, e quem sofre faz os outros sofrerem também. Isto não me interessa, nem aos meus protetores. É preciso que eu seja alegre, ágil, divertido, bufão, gozado. A virtude faz-se respeitar, e o respeito é incômodo. A virtude faz-se admirar, e a admiração não é divertida. Lido com gente que se entedia e devo fazê-la rir. Ora, só o ridículo e a loucura fazem rir. Portanto, devo ser ridículo e louco. E, mesmo que minha natureza não me tivesse feito assim, o mais cômodo seria aparentá-lo. Felizmente não careço ser hipócrita; já há tantos, de tantos matizes, sem contar aqueles que o são consigo mesmos. O cavaleiro de la Morlière, que levanta a aba do chapéu sobre a orelha, anda de cabeça erguida, olha-nos por cima do ombro ao passar, traz uma longa espada batendo contra a coxa e tem o insulto pronto para quem não carrega uma, e que parece desafiar todos os que chegam, que faz ele? Tudo o que pode para se persuadir que é corajoso, embora seja um covarde. Dai-lhe um sopapo no nariz. Não reagirá. Quereis que baixe a voz? Elevai a vossa. Mostrai-lhe vossa bengala ou dai-lhe um pontapé no traseiro. Muito espantado por perceber que é covarde, perguntará como o soubestes, quem vo-lo disse, se ele próprio o ignorava um momento atrás. Impusera-se um longo e habitual arremedo de bravura e de tanto fingir acabara acreditando na coisa. E aquela mulher que se mortifica, visita prisões, assiste a todas as reuniões de caridade, que caminha cabisbaixa, não ousando encarar um homem, incessantemente em guarda contra a sedução dos sentidos. No entanto, como poderia impedir que seu coração queime, seu temperamento se acenda, os desejos a obsedem, sua imaginação, noite e dia, a faça rever as imagens do *Porteiro dos Cartuxos* ou das *Posições do Aretino?*[23] Que lhe acontecerá então? Que pensará sua camareira levantando de camisola e voando em socorro de sua senhora que desfalece? Justine, *voltai ao leito*, não sois vós que vossa senhora chama em seu delírio. E o amigo Rameau, se um dia se metesse a desprezar a fortuna, as mulheres, a boa mesa, o lazer, e se pusesse a catonizar, que seria? Um hipócrita. É preciso que Rameau seja o que é: um patife feliz no meio de patifes opulentos, e não um fanfarrão de virtudes ou mesmo um homem virtuoso, roendo sua côdea de pão, solitário ou na companhia de mendigos. E, para acabar de vez com a lenga-lenga, não me acomodo à vossa felicidade, nem à de alguns visionários como vós.

EU — Vejo, meu caro, que não sabeis o que ela é, e que não fostes feito para aprendê-la.

ELE — Tanto melhor, com mil demônios! Ela me faria morrer de fome, de tédio e, talvez, de remorso.

EU — Depois de tudo, o único conselho que vos posso dar é o de regressardes bem depressa à casa de onde vos fizestes imprudentemente expulsar.

[23] Obras pornográficas. A primeira é um romance e a segunda, uma série de ilustrações para os sonetos de Aretino, feitas pelo pintor Carrache.

ELE — E fazer o que não desaprovais no próprio, mas vos repugna um pouco no figurado.[24]

EU — É minha opinião.

ELE — Independentemente desta metáfora que me desagrada no momento e que não me desagradará num outro.

EU — Que excentricidade!

ELE — Não há nada excêntrico nisto. Posso ser abjeto, mas sem constrangimento. Posso descer de minha dignidade... Rides?

EU — Sim, vossa dignidade faz-me rir.

ELE — Cada um com a sua. Posso bem esquecer a minha, mas por tê-lo decidido e não porque me foi ordenado. Será preciso que possam dizer-me: "Rasteja", para que eu seja obrigado a rastejar? É a marcha do verme, é o meu jeito. Seguimos assim se nos deixam em paz, mas nos empertigamos quando nos pisam no rabo. Pisaram no meu rabo? Já me empertigo todo. E depois, não fazeis idéia da barafunda reinante — uma casa sem rei nem roca. Imaginai uma personagem melancólica e maçante, devorada por vapores, envolvida em duas ou três voltas do roupão, contente consigo mesma e a quem tudo desagrada; que mal se consegue fazer sorrir mesmo contorcendo o corpo e o espírito de mil maneiras. Considerai friamente as caretas engraçadas de meu rosto e as de meu juízo, ainda mais engraçadas. Cá entre nós, o tal padre Noel, esse beneditino desagradável tão afamado por suas caretas, malgrado seus sucessos na corte, perto de mim é um polichinelo de pau. Não que eu queira me gabar, e muito menos gabá-lo. Posso torturar-me à vontade para alcançar o sublime dos hospícios, não adianta. Rirá? Não rirá? Fico a me perguntar no meio de minhas contorções. Podeis imaginar como essa inquietação prejudica meu talento. Meu hipocondríaco, a cabeça enfiada numa touca que lhe cobre os olhos, tem o ar de um pagode[25] imóvel em cujo queixo se teria amarrado um cordão que passasse por baixo de sua poltrona. Espera-se que o cordão estique, mas não estica. Se a mandíbula se entreabre, é apenas para articular uma palavra desoladora, uma palavra que vos indica que sequer fostes percebido e que todas as vossas macaquices foram inúteis. Ou então, uma palavra que é resposta para uma questão que lhe fizestes quatro dias atrás. A palavra pronunciada, a mola mastoideana se distende e a mandíbula se fecha...

(Em seguida, começa a imitar o homem. Coloca-se numa cadeira, cabeça fixa, chapéu quase sobre as pálpebras, olhos semicerrados, braços pendentes, remexendo a mandíbula como um autômato e dizendo: "Sim, tendes razão, senhorita, é preciso acrescentar-lhe finura".)

É que isso aí decide, decide sempre, sem remissão, de noite, de manhã, na hora do banho, no jantar, no café, no teatro, no jogo, na ceia, na cama e, Deus me perdoe, até nos braços de sua amante! Não estou capacitado para ouvir estas últimas decisões, mas estou cansado das primeiras. Nosso patrão: sorumbático, obscuro e categórico como o destino.

Seu par é uma presunçosa que se dá ares de importância, a quem a gente poderia chamar de bonita, porque ainda o é, apesar de aguns cravos e espinhas espalhados pelo rosto, e embora comece a competir com o volume da Sra. Bouvillon. Gosto das carnes quando são belas, mas assim já é demais; e o movimento é tão essencial à matéria! Artigo 1.º: é mais maldosa, mais empafiada e mais besta do que uma gansa; artigo 2.º: quer ser espirituosa; artigo 3.º: é preciso persuadi-la de que é acreditada como ninguém; artigo 4.º: não sabe nada e decide também; artigo 5.º: é preciso aplaudir suas decisões com os pés e as mãos, saltar de alegria, estremecer de admiração: "Como é belo, delicado, bem dito, como é visto com finura, como é sentido *com originalidade!* Como as mulheres o conseguem? Sem estudo, apenas pela força do instinto, apenas pela luz natural — é um prodígio! E depois há quem diga que a experiência, o estudo, a reflexão, a educação têm algo a ver com isto!" E outras besteiras do mesmo teor; chorar de alegria; dez vezes por dia curvar-se, um joelho dobrado na frente, a outra perna puxada para trás, os braços estendidos para a deusa, procurar seus desejos nos olhos, ficar suspenso aos seus lábios, esperar sua ordem e partir como um corisco. Quem pode sujeitar-se a semelhante papel? Somente o miserável que aí encontra, três ou quatro vezes por semana, com que acalmar a atribulação de seu intestino. Que

[24] Lamber o cu da Senhorita Hus.

[25] Figurinha oriental cuja cabeça balança graças a uma mola colocada no lugar do pescoço.

pensar de outros como Palissot, Fréron, Poinsinet, Baculard, que possuem alguma coisa e cuja baixeza não pode ser desculpada pelo burburinho de um estômago sofredor?

EU — Nunca teria acreditado que fôsseis tão difícil.

ELE — Não o sou. No começo, via os outros fazerem e fazia como eles, um pouco melhor, porque sou mais francamente desavergonhado, melhor comediante, mais esfomeado e provido de melhores pulmões. Parece que descendo em linha reta do fauno Stentor.

E, para me dar uma idéia da força dessa víscera, põe-se a tossir com tamanha violência, que abala os vidros do café e desvia do tabuleiro a atenção dos jogadores.

EU — Para que esse talento?

ELE — Não adivinhais?

EU — Não, sou um tanto limitado.

ELE — Imaginai a discussão começada e a vitória incerta. Levanto-me. Desdobro meu trovão e digo: "É como a senhorita afirma. Isto sim é saber julgar! Desafio qualquer espírito brilhante a igualá-la. A expressão é genial". Mas não se deve aprovar sempre da mesma maneira. Seria monótono, soaria falso, tornar-se-ia insípido. Só se escapa disso pelo raciocínio, pela fecundidade. É preciso preparar e colocar os tons maiores e peremptórios, apanhar no ar a ocasião e o momento. Por exemplo: quando há uma divisão dos sentimentos, a discussão tendo chegado a um grau de extrema violência, ninguém mais se entende, todos falam ao mesmo tempo, é preciso colocar-se a distância, no ângulo do apartamento mais afastado do campo de batalha, preparar a explosão com um longo silêncio e despencar subitamente no meio dos combatentes, como uma bomba. Ninguém melhor do que eu nessa arte. Mas sou realmente surpreendente na oposta: pequenos tons acompanhados de sorriso, uma variedade infinita de expressões aprovadoras. Nessa hora o nariz, a boca, os olhos, a testa entram no jogo. Minhas cadeiras são flexíveis, tenho um jeito especial de contorcer a espinha, abaixar e levantar os ombros, esticar os dedos, inclinar a cabeça, fechar os olhos e fazer uma cara estupefata, como se ouvisse uma voz angélica e divina descida do céu. É o que lisonjeia. Não sei se percebeis a energia dessa última atitude. Não a inventei, mas ninguém me vence em sua execução. Vede, vede.

EU — É verdade. Sois único.

ELE — Acreditais que haja mulher de miolo mole que resista?

EU — Não. É preciso convir que haveis levado ao extremo o talento de criar loucos e de se aviltar.

ELE — Todos poderão esforçar-se quanto quiserem, nunca me alcançarão. O melhor deles, Palissot, será sempre e apenas um bom escolar. Mas, se o papel nos diverte no começo, e se desfrutamos algum prazer em gozar por dentro a idiotice daqueles que deleitamos, com o passar do tempo a coisa já não espicaça tanto; e por fim, depois de um certo número de descobertas, somos forçados a nos repetir. O espírito e a arte têm seus limites, menos para Deus e para alguns espíritos raros que vêem a estrada alongar-se à medida que avançam. Bouret talvez seja um destes. Alguns de seus traços chegam a produzir em mim — sim, em mim — idéias sublimes. O cãozinho, o *Livro da Felicidade,* os archotes na estrada de Versalhes — são coisas que me confundem e humilham. Acho que poderia até me enojar do ofício.[26]

EU — Que quereis dizer com "o cãozinho"?

ELE — Donde vindes, então? Como?! Sério?! Ignorais como esse homem raro se arranjou para separar-se de um cãozinho e prendê-lo a um ministro das Finanças que dele gostava?

EU — Ignoro-o, confesso.

ELE — Tanto melhor. É uma das coisas mais belas que já se imaginaram. Toda a Europa maravilhou-se. Não houve uma cortesã que não ficasse com inveja. Vós, que não careceis de saga-

[26] Tesoureiro-geral da Casa Real, administrador dos Correios e chefe do pessoal do Ministério da Fazenda. O *Livro da Felicidade* era um caderno de cinqüenta páginas e em todas elas estava escrita somente a seguinte frase: "O rei visitou Bouret". Quanto aos archotes, trata-se de uma recepção feita ao rei numa de suas visitas: ao longo do caminho havia a cada vinte passos um homem segurando uma tocha. A estória do cachorrinho será narrada a seguir pelo Sobrinho.

cidade, vejamos como faríeis em seu lugar. Imaginai que Bouret era amado por seu cão; imaginai que a roupagem esquisita do ministro assustava o animalzinho; imaginai que dispunha apenas de oito dias para vencer a dificuldade. É preciso conhecer bem todos os dados do problema para avaliar o mérito da solução. Pois bem!

EU — Pois bem, é preciso que vos confesse que, nesse domínio, as coisas mais fáceis me embaraçam.

ELE — Escutai (diz-me, dando-me um tapinha no ombro, pois é muito familiar). Escutai e admirai. Mandou confeccionar uma máscara parecida com o ministro. Pede emprestada ao camareiro a toga volumosa. Cobre o rosto com a máscara, veste a toga, chama o cão, acaricia-o, dá-lhe um biscoito. Depois, subitamente, muda de decoração. Já não é mais o ministro. É Bouret que chama o cão e o chicoteia. Em menos de dois ou três dias, com o exercício ininterrupto de manhã à noite, o cão sabe fugir de Bouret, fiscal de impostos, para os braços de Bouret, ministro das Finanças.[27] Mas sou muito bom. Sois profano e não mereceis ser informado a respeito dos milagres que se operam ao vosso lado.

EU — Apesar disso, peço-vos: e o livro, os archotes?

ELE — Não, não. Dirigi-vos às pedras e elas vos contarão essas coisas. Aproveitai a circunstância que nos aproximou para conhecer coisas que só eu sei.

EU — Tendes razão.

ELE — Emprestar a toga e a peruca; tinha-me esquecido da peruca do ministro! Fazer uma máscara! O que mais me tonteou foi a tal máscara! E, assim, esse homem goza da mais alta consideração e possui milhões. Há muita cruz de São Luís[28] que não tem o que comer. Então, por que correr atrás da cruz, com o risco de se estropiar, em vez de procurar uma posição sem perigo e cheia de recompensas? Isto sim, é subir na vida! Tais modelos são desencorajadores, fazem a gente apiedar-se de si próprio e entediar-se. A máscara! A máscara! Daria meus dedos para ter inventado a máscara!

EU — Com vosso entusiasmo pelas belas coisas e com vosso gênio tão fértil, será que não haveis inventado alguma coisa?

ELE — Perdão. Por exemplo, a atitude admirativa da espinha contorcida de que vos falei — considero-a minha, embora possa ser-me contestada por invejosos. Creio que já fora empregada antes, mas quem descobriu como era cômoda para rir por trás do impertinente que se admirava? Tenho mais de cem maneiras de encetar a sedução de uma moça, ao lado de sua mãe, sem que esta se aperceba, e sou mesmo capaz de torná-la cúmplice. Mal havia entrado na carreira e já desprezava as maneiras vulgares de passar um bilhete amoroso; tenho dez meios para fazê-lo ser arrancado de mim, e entre esses meios gabo-me de ter inventado alguns novos. Possuo especialmente o talento para encorajar um rapaz tímido; fiz triunfarem alguns que não tinham espírito nem porte. Se tais coisas fossem escritas, creio que me atribuiriam algum gênio.

EU — Dar-vos-iam uma honra bastante singular.

ELE — Não duvido.

EU — Em vosso lugar, lançaria tais coisas no papel. Seria uma pena que se perdessem.

ELE — É verdade, mas não suspeitais como faço pouco caso de métodos e preceitos. Aquele que precisa de um protocolo nunca irá longe. Os gênios lêem pouco, praticam muito e se fazem por si próprios. Vede César, Turenne, Vauban, a Marquesa de Tencin, seu irmão, o cardeal, o secretário deste, o Abade Troublet. E Bouret? Quem deu lições a Bouret? Ninguém. A natureza forma os homens raros. Acreditais que a estória da máscara e do cachorro esteja escrita nalgum lugar?

EU — Mas, em vossas horas perdidas, quando a angústia de vosso estômago vazio ou a fadiga de vosso estômago sobrecarregado afastam o sono...

ELE — Pensarei nisto. É melhor escrever grandes coisas do que executar pequenas. Então a calma se eleva, a imaginação se aquece, se inflama, se expande, enquanto, permanecendo junto à

[27] Bouret é um precursor de Pavlov!

[28] Ordem real e militar, estabelecida por Luís XIV a fim de recompensar os oficiais católicos de terra e mar.

pequena Hus, se retrai espantada com os aplausos que o público tolo se obstina em prodigalizar a essa dengosa Dangeville, tão rasteira ao representar, andando toda curvada sobre o palco; que tem o vezo de olhar insistentemente nos olhos daqueles com quem fala mas que representa por trás do pano; que toma suas próprias caretas por finura e seu trotezinho por graça; a essa Clairon mais magra, mais espalhafatosa, mais estudada, mais engomada do que se poderia supor. A platéia imbecil arrebenta-se em aplausos sem perceber que somos[29] o pelotão das artes recreativas. É verdade que o pelotão engorda dia a dia, mas que importa? E nem percebe que temos a pele mais bela, os olhos mais lindos, o bico mais bonito, poucas entranhas, é verdade, um andar não muito leve, mas que também não é tão desajeitado como se diz. Mas, em troca, não há uma que nos vença nos sentimentos.

EU — Como podeis dizer tais coisas? É ironia ou verdade?

ELE — O mal é que esse diabo do sentimento fica todo para dentro, não escapa uma faísca para fora. Mas eu que vos falo, eu sei, eu sei bem que ela o tem. Se não é exatamente isso, é qualquer coisa parecida. É preciso ver, quando nos dá na telha, como tratamos os criados, como as camareiras são sopapeadas, como damos pontapés nas sisas[30] desde que nos faltem com o devido respeito. Escutai o que vos digo, é um diabrete, cheio de sentimento e de dignidade... Esta, agora, vos deixou completamente desnorteado, não?

EU — Confesso que não consigo distinguir até onde vão vossa boa-fé e vossa maldade. Sou um homem simples. Tende, pois, a bondade de não usar meias palavras. Falai francamente e deixai vossa arte para lá.

ELE — Ora, estas coisas que dizemos sobre a Dangeville ou sobre a Clairon são apenas nosso jeito de engambelar a pequena Hus. Não percebestes como entremeamos certas palavras para que um ouvinte como vós logo perceba o que realmente queremos dizer? Consinto que me tomeis por um sabujo, mas não por um tonto, pois só um tonto ou um homem perdido de amores poderia falar a sério dizendo tais impertinências.

EU — Mas como se decide dizê-las?

ELE — É claro que não é de repente. Chega-se aí bem devagarinho. *Ingenii largitur venter.*[31]

EU — É preciso estar morto de fome.

ELE — É possível. No entanto, por mais fortes que sejam minhas palavras, crede, aqueles a quem são dirigidas estão mais acostumados a ouvi-las do que nós a arriscá-las.

EU — Então, há alguém que tenha a coragem de ter a vossa opinião?

ELE — Alguém? Que quereis dizer com isto? É o sentimento e a linguagem de toda a sociedade.

EU — Neste caso, entre vós, aqueles que não forem grandes sabujos só poderão ser grandes tontos.

ELE — Tontos? Aqueles? Pois eu vos juro que há um só e é justamente aquele que nos festeja para que o iludamos.

EU — Mas como se deixar iludir tão grosseiramente? Porque, afinal, a superioridade dos talentos da Dangeville e da Clairon é coisa decidida.

ELE — Engolimos em grandes sorvos uma mentira que nos lisonjeia; bebemos gota a gota uma verdade que nos amargura. Além disso, assumo um ar tão compenetrado, tão verdadeiro...

EU — Entretanto, penso que de vez em quando deveis pecar contra os princípios da arte e que por descuido deixais escapar algumas dessas verdades amargas que ferem, pois, a despeito do papel miserável, abjeto, vil, abominável que fazeis, creio que no fundo tendes a alma delicada.

ELE — Eu? De jeito nenhum! O diabo que me carregue se eu souber o que sou no fundo. Em geral, tenho o espírito transparente como cristal e franco como o vime:[32] nunca falso, por pouco que me interesse ser verdadeiro, nunca verdadeiro, por pouco que me interesse ser falso. Digo as

[29] Nesse trecho, a primeira pessoa do plural refere-se à Senhorita Hus avaliando o público que aplaude suas rivais e comparando-se a elas.
[30] Bertin.
[31] O ventre instiga o espírito — citação do satírico latino Pérsio.
[32] Sincero e sem dissimulação, como o vime que não tem nós.

coisas que me vêm. Se sensatas, tanto melhor. Se impertinentes, ninguém liga. Uso plenamente minha franqueza. Em toda a minha vida nunca pensei antes de falar, nem falando, nem depois de ter falado. E assim não ofendo ninguém.

EU — Porém, foi o que fizestes quando vivíeis com aquela gente honesta, tão bondosa convosco.

ELE — Que quereis? Foi uma desgraça, um mau momento, como há muitos na vida. A felicidade é sempre curta. Eu estava muito bem, não podia durar. Como sabeis, vivemos[33] na mais numerosa e seleta companhia. Nossa casa é uma verdadeira escola de humanidade, uma renovação da hospitalidade antiga. Um poeta caj? Lá estamos nós para apanhá-lo e recolhê-lo. Primeiro tivemos Palissot,[34] depois de sua *Zara;* mais tarde veio Bret,[35] depois do seu *Falsos Generosos;* todos os músicos decadentes, todos os autores não lidos, todas as atrizes e atores vaiados, um monte de pobres envergonhados, súcia de parasitas que encabeço, bravo chefe de uma tímida tropa. Sou eu que os exorto a comer na primeira vez que vêm. Sou eu que peço bebida para eles. Ocupam tão pouco lugar! Alguns jovens esfarrapados que não sabem onde cair mortos, mas que têm uma bela estampa; outros, celerados que bajulam o patrão e o adormecem, para ir, depois dele, bolinar a patroa. Parecemos alegres, mas no fundo vivemos de mau humor e com muito apetite. Nem os lobos são mais famintos, nem os tigres, mais cruéis. Somos vorazes como lobos depois de um longo inverno. Como tigres, dilaceramos tudo que triunfa. Algumas vezes os arruaceiros Bertin, Monsague e Vilmorien se reúnem em algazarra — aí, sim, é que há um belo fuzuê no viveiro. Quanto bicho triste, frenético, daninho e encolerizado! Só se ouvem os nomes de Buffon, Duclos, Montesquieu, Rousseau, Voltaire, D'Alembert, Diderot. E Deus sabe acompanhados de que epítetos! Só terá espírito quem for idiota como nós. O plano da comédia *Os Filósofos*[36] foi concebido aí. A cena do mexeriqueiro[37] foi fornecida por mim, inspirada na *Teologia à Moda do Fuso e da Roca.*[38] Não fostes poupado, como, aliás, nenhum dos outros.

EU — Melhor. Talvez me honrem mais do que mereço. Sentir-me-ia humilhado se aqueles que falam mal de tanta gente boa resolvessem falar bem de mim.

ELE — Somos muitos e é preciso que cada um pague sua cota. Depois do sacrifício dos grandes animais imolaremos os outros.

EU — Insultar a ciência e a virtude para viver. Como se paga caro o pão . . .

ELE — Já vos disse, somos inconseqüentes. Injuriamos todo mundo, mas não afligimos ninguém. Algumas vezes temos entre nós o pesado abade D'Olivet, o gordo abade Leblanc, o hipócrita Batteux. O gordo só fica zangado antes de comer. Depois do café, joga-se numa poltrona, os pés apoiados no batente da lareira, adormece como um papagaio no poleiro. Se a algazarra se torna violenta, boceja, estira os braços, esfrega os olhos e diz: "— Ora, ora. O que é que há? — Trata-se de saber se Piron[39] tem mais espírito do que Voltaire. — Entendamo-nos. Falais de espírito e não de gosto? Porque, em questão de gosto, Piron nunca se engana. — Nunca? — Nunca." E aí embarcamos numa dissertação sobre o gosto. Nessa hora o patrão faz um gesto, pois em matéria de gosto jacta-se de ter a última palavra. "O gosto . . . o gosto é uma coisa . . ." Juro que não sei que coisa dizia que era. Aliás, nem ele sabia.

Algumas vezes temos o amigo Robbé. Regala-nos com seus contos cínicos, com os milagres dos convulsionários de que foi testemunha ocular, com alguns cantos de seu poema sobre um assunto que conhece a fundo. Odeio seus versos, mas gosto de ouvi-lo recitá-los: tem o ar de um

[33] Inicia-se a descrição da casa Bertin-Hus.

[34] Poeta inimigo do grupo dos Filósofos. Trata-se da tragédia *Zarès,* que foi um fracasso completo.

[35] Bret, também inimigo dos Filósofos, teve sua peça vaiada.

[36] Comédia de Palissot, atacando principalmente Diderot e Rousseau.

[37] É a sexta cena do terceiro ato. O Senhor Propício apresenta as últimas obras literárias e ridiculariza as principais obras de Diderot.

[38] *La Femme Docteur ou la Théologie Janséniste Tombée en Quenouille.* Peça antijansenista que também contava com um mexeriqueiro.

[39] Poeta que rivalizava com Voltaire em ironia. Parece que este temia o rival. Os freqüentadores da casa de Bertin estão a favor de Piron, pois Voltaire pertence ao grupo dos Filósofos. Todos os nomes que Diderot vem enumerando (Palissot, Fréron, Robbé, Le Blanc, D'Olivet, Batteux, Vilmorien, Monsague, Bret, Bertin, Hus e demais freqüentadores da casa são inimigos dos Filósofos, desencadeando inúmeras polêmicas e injuriando a *Enciclopédia).*

energúmeno.[40] Todos gritam à sua roda: "Isto sim é que é poeta!" Cá entre nós, sua poesia é uma barulheira, vozerio bárbaro dos habitantes da Torre de Babel.

Também vem ver-nos um pobre simplório, de ar rasteiro e besta, mas espirituoso como um demônio e mais malicioso do que um macaco velho. É um desses sujeitos que provocam gracejos e escárnio e que foram feitos por Deus para corrigir as pessoas que julgam pela cara e cujo espelho deveria ensinar-lhes que é tão fácil ser um homem de espírito com cara de trouxa como esconder um trouxa sob uma cara espirituosa. Imolar um bom homem para a diversão dos outros é uma fraqueza bem comum. Sempre chamamos o nosso simplório. É uma peça que pregamos nos recém-chegados e não vi um único que não tivesse caído nela.

Várias vezes surpreendi-me com a justeza das observações desse louco sobre os homens e os caracteres. E dei-lhe mostras de meu espanto.

ELE — É que se tira partido da má companhia tanto quanto da libertinagem. A perda dos preconceitos reembolsa a perda da inocência. A gente aprende a conhecer bem os perversos porque em sua sociedade o vício se exibe sem máscaras. Além disso, já li um bocado.

EU — O que lestes?

ELE — Li, leio e releio incessantemente Teofrasto, La Bruyère e Molière.

EU — São livros excelentes.

ELE — São melhores do que se pensa, mas quem sabe lê-los?

EU — Todo mundo, conforme a capacidade de seu espírito.

ELE — Quase ninguém. Sabereis dizer o que se procura neles?

EU — Diversão e instrução.

ELE — Mas que instrução? Este é o ponto.

EU — O conhecimento de seus deveres, o amor da virtude e o ódio do vício.

ELE — De minha parte, aprendo tudo o que se deve fazer e tudo o que não se deve dizer. Quando leio *O Avarento,* digo a mim mesmo: "Sê avarento, se quiseres, mas cuida-te para não falares como ele". Quando leio *Tartufo,* digo a mim mesmo: "Sê hipócrita, se quiseres, mas não fales como ele. Conserva os vícios que te forem úteis, mas não tenhas nem o tom nem a aparência deles, porque senão te tornarás ridículo". Para garantir o tom e aparência é preciso conhecê-los. Ora, foram excelentemente pintados por esses autores. Sou eu e permaneço o que sou, mas ajo e falo como convém. Não sou desses que desprezam os moralistas. Aproveita-se muito com eles, sobretudo com aqueles que puseram a moral em ação. O vício fere os homens só de quando em quando. Os sinais aparentes do vício os ferem da manhã à noite. Talvez fosse preferível ser um insolente do que ter sua fisionomia. O insolente de caráter só insulta de tempos em tempos. O insolente de fisionomia insulta sempre. Ademais, não imagineis que eu seja o único leitor de minha espécie. Meu mérito exclusivo consiste em ter feito por sistema, por justeza de espírito, por uma visão razoável e verdadeira, aquilo que a maioria faz por instinto. Por isso as leituras que fazem não os tornam melhores do que eu; permanecem sempre ridículos a despeito deles próprios, enquanto eu o sou somente quando quero e, então, deixo-os muito aquém de mim, pois a arte que *me ensina a fugir* do ridículo em certas ocasiões é a mesma que, noutras, me ensina a contraí-lo com superioridade. Nesses momentos, lembro-me de tudo que os outros disseram, de tudo que li e acrescento o que sai de meu próprio cabedal, que nesse gênero é surpreendentemente fecundo.

EU — Fizestes bem revelando-me esses mistérios, senão julgaria que havíeis caído em contradição.

ELE — Não caio nunca, e por uma simples questão de proporção, pois, para uma vez que se deve evitar o ridículo, felizmente há cem outras em que é preciso lançar-se nele. Junto aos grandes não há melhor papel do que o de um louco. Durante muito tempo houve o título de louco do rei. Que eu saiba, nunca houve o de sábio do rei. Sou o louco de Bertin e de muitos outros, o vosso talvez, neste momento. Ou quem sabe se vós sois o meu? Aquele que fosse sábio não teria um louco; portanto, o que tem um louco não é sábio. Ora, se não é sábio talvez seja louco, e talvez, se fosse rei, o louco de seu louco. Além disso, lembrai-vos de que, num assunto tão controvertido como o dos costumes, nada há que seja absoluta, essencial e geralmente verdadeiro ou falso,

[40] Em sentido religioso: endemoninhado.

mas que se deve ser aquilo que o interesse deseja que sejamos: bom ou mau, sábio ou louco, decente ou ridículo, honesto ou vicioso. Se, por acaso, a virtude tivesse conduzido à fortuna, eu teria sido virtuoso ou simulado a virtude como um outro qualquer. Quiseram-me ridículo, assim me fiz. Quanto aos vícios, a despesa ficou por conta da natureza. Quando digo vicioso, digo-o apenas para falar vossa língua, pois, se viéssemos a nos explicar, poderia ocorrer que chamásseis vício o que chamo virtude, e virtude o que chamo vício. [41]

Temos também em nosso grupo os autores da Ópera Cômica, seus atores e atrizes, e freqüetemente seus empresários, Corbi e Moerre. É gente de recursos e provida de méritos superiores.

E me esquecia dos grandes críticos literários e toda a súcia de jornalistas — *Os Pequenos Cartazes, O Ano Literário, O Censor Hebdomadário.*

EU — *O Ano Literário? O Observador Literário?* Não pode ser! Detestam-se!

ELE — É verdade, mas os mendigos se reconciliam quando comem na mesma gamela. Maldito *Observador Literário,* tomara que o diabo o carregue junto com suas folhas! É esse padreco cachorro, avarento, fedorento e usurário, a causa do meu desastre. Ontem apareceu pela primeira vez em nosso horizonte. Chegou naquela hora em que saímos da toca — na hora do jantar. Quando o tempo está ruim, feliz daquele de nós que tem algum vintém no bolso para pagar um fiacre. Feliz daquele que pode caçoar de seu confrade que chega de manhã enlameado até a espinha e molhado até os ossos e volta para casa à noite no mesmo estado. Houve um, já não me lembro qual, que teve uma briga violenta com um saboiano que se pusera à nossa porta. Tinham uma conta-corrente; o credor queria que o devedor a liquidasse, mas este não tinha recursos e, contudo, não podia entrar porque o outro lhe barrava a porta. Serve-se, fazem-se as honras da mesa ao abade, colocado na cabeceira. Entro. Vejo-o. "Como, abade? Presidis?" — digo-lhe. "Hoje está ótimo, mas amanhã descereis um prato, depois de amanhã mais um e assim, de prato em prato, tanto à direita quanto à esquerda, até o lugar que ocupei uma vez antes de vós, Fréion uma vez depois de mim, Palissot uma vez após Dorat, até que permanecereis estacionado ao meu lado, pobre traste como vós, que 'siedo sempre come un maestoso cazzo fra duoi coglioni'." [42] O abade, que é um bom sujeito e que leva tudo por bem, põe-se a rir. A senhorita, compenetrada da verdade de minha observação e da justeza da comparação, desata a rir. Todos que estão sentados à direita e à esquerda do abade e que por causa dele haviam baixado de posto põem-se a rir. Todo mundo ri, menos o patrão, que se zanga e me diz coisas que não teriam a menor importância, se estivéssemos sozinhos. "— Rameau, sois um impertinente. — Bem o sei. É por isso que me recebeis. — Um patife. — Como outro qualquer. — Um mendigo. — Estaria aqui se não o fosse? — Eu vos expulsarei. — Depois do jantar irei por minha própria conta. — Assim vos aconselho." Jantamos. Não perco uma garfada. Depois de ter comido e bebido regaladamente já que as coisas não poderiam melhorar nem piorar e Messer Gaster [43] teria feito o mesmo (é uma personagem que nunca me agastou), tomo minha decisão e disponho-me a ir embora. Havia empenhado minha palavra na frente de muita gente e precisava mantê-la. Passo um tempão a rodar pelo apartamento procurando minha bengala e meu chapéu onde não estão, esperando sempre que o patrão transborde numa nova torrente de injúrias, que alguém interfira e que nos acomodemos à custa de tanta briga. Viro e mexo, pois não tenho peso no coração. O patrão, porém, está mais sombrio que o Apolo de Homero quando arremessava seus dardos contra o exército grego — o gorro ainda mais enfiado do que de costume, passeando de cá para lá, de mão no queixo. A senhorita se aproxima de mim: "— Mas, senhorita, o que há de extraordinário? Fui diferente do que costumo ser? — Quero que ele saia. — Sairei, não fiz asneira. — Perdoai; convida-se o senhor abade

[41] Esta é a fala principal do Sobrinho, síntese de tudo o que já disse e de tudo o que irá dizer. Trata-se da total subversão dos valores e da demolição do racionalismo. Não é sem motivo que na *Fenomenologia do Espírito* Hegel toma esta obra de Diderot como a verdade da consciência iluminista. A Razão em crise, na impossibilidade de explicar o mundo, vê como única alternativa a admissão da Não-Razão, isto é, da loucura. Mas a loucura é uma alternativa porque não compromete a Razão, pois é o que está *aquém* da Razão. E é por isso que o louco é o Sobrinho e não o Filósofo.

[42] Sempre teso como um majestoso caralho entre dois colhões.

[43] Personagem de Rabelais no *Pantagruel.* Significa "senhor ventre".

e... — Asneira fez ele convidando o abade e recebendo a mim e a outros biltres como eu... — Vamos, meu pequeno Rameau. Vamos. É preciso pedir perdão ao senhor abade. — Não tenho o que fazer com seu perdão. — Vamos, vamos, assim tudo se acalmará..." Toma-me pela mão, arrasta-me até a poltrona do abade. Estendo os braços, contemplo o abade com cara de admiração, pois quem já pediu perdão a um abade? "Abade", digo-lhe, "tudo isso é bastante ridículo, não é mesmo?" E logo me ponho a rir e o abade também. Eis-me desculpado deste lado. Mas ainda é preciso abordar o outro e o que tenho a lhe dizer já é uma outra conversa. Não me lembro direito como foi que inventei minha desculpa. "Senhor, aqui está o louco... — Há muito que me aborrece, não quero mais ouvir falar. — Estais desolado. — Sim, muito desolado. — Isso não acontecerá mais. — O primeiro patife que..." Não sei se está num desses dias de mau humor, nos quais a senhorita teme se aproximar dele e só ousa tocá-lo com luvas de veludo, ou se ouve mal o que lhe digo, ou se me exprimo mal: foi pior a emenda do que o soneto. Que diabo! Então não me conhece? Não sabe que sou como criança e que de vez em quando deixo escapar tudo por baixo? E depois creio, Deus me perdoe, que não teria um momento de sossego. Gastariam um pagode de aço de tanto puxar o cordel, da manhã à noite, da noite à manhã. É preciso que eu os desentedie, é a condição, mas é preciso que me divirta algumas vezes. No meio dessa embrulhada, um pensamento funesto passou-me pela cabeça. Um pensamento que me encheu de arrogância, orgulho e insolência. Pensei que não poderiam passar sem mim, que era um homem indispensável.

EU — Sim, creio que lhes sois muito útil, mas que eles vos são ainda mais. Não vos será fácil encontrar uma outra casa tão boa, enquanto eles encontrarão cem loucos para um que lhes falte.

ELE — Cem loucos como eu? Senhor filósofo, não sou tão comum. Encontrarão cem loucos rasteiros. A tolice é mais difícil do que a virtude ou o talento. Sou raro em minha espécie; sim, muito raro. Que fazem, agora que não me têm? Entediam-se como cães. Sou um saco inesgotável de impertinências. A cada instante eu tinha uma saída que os fazia rir até as lágrimas. Para eles, eu era o Hospício inteiro.

EU — Também tínheis cama, mesa, roupa, sapatos e gorjeta mensal.

ELE — Eis o lado bom, o lucro. Mas, e as tarefas? Delas nada dizeis. Se havia rumor de uma nova peça, fosse qual fosse o tempo, era preciso fuçar em todos os sótãos de Paris até encontrar o autor; arranjar a leitura da obra e insinuar habilmente que havia um papel que poderia ser maravilhosamente representado por alguém de minhas relações. "— E por quem, fazei o favor? — Por quem? Bela pergunta! Pela graça, gentileza e fineza! — Quereis dizer, a senhorita Dangeville? Por acaso a conheceis? — Sim, um pouco, mas não se trata dela. — De quem, então?" Eu dizia o nome baixinho. "— Ela?! — Sim, ela", repetia um pouco envergonhado, pois algumas vezes tenho pudor, e quando o nome era pronunciado precisava-se ver a cara do poeta encompridando, ou, então, sua explosão de riso. Entretanto, bom grado, mau grado, era preciso que eu levasse o homem para jantar, e ele, temeroso de empenhar-se, carranqueava, agradecia. Era preciso ver como eu era tratado se mal sucedido em minha negociação: era um rústico, um tolo, um bronco, um imprestável que não valia o copo de vinho que me davam para beber. Era ainda pior quando a peça chegava a ser representada, pois, em meio às vaias de um público que julga bem, digam o que disserem, era preciso intrepidamente fazer com que ouvissem meu aplauso, os estalidos de minhas mãos solitárias, atrair os olhares para mim, roubar à atriz os assobios, e ouvir cochicharem do meu lado: "É um criado disfarçado daquele que dorme com ela. Afinal, o sem-vergonha não vai ficar quieto?" Ignora-se o que possa levar a isso; crê-se que é a inépcia, quando é um motivo que desculpa tudo.

EU — Até a infração das leis civis.

ELE — Por fim, acabei conhecido e dizia-se: "Ora, é Rameau". Meu recurso era lançar algumas palavras irônicas que salvassem do ridículo meu aplauso solitário e mal interpretado. Deveis admitir que é preciso um forte interesse para desafiar assim o público reunido, e que cada uma dessas estopadas valia mais do que uma moedinha.

EU — Divíeis fazer com que vos dessem mão forte.

ELE — Também acontecia e eu tirava bom proveito. Antes de ir ao lugar do suplício entupia a memória com os trechos brilhantes onde era preciso dar o tom. Se por acaso me esquecesse ou

me enganasse, na volta tremia. Não podeis imaginar o rebuliço! E, depois, havia em casa uma matilha de cães para cuidar. É bem verdade que estupidamente eu me impusera essa tarefa. E gatos cuja superintendência eu exercia. Ficava todo contente se Micou me favorecia com uma unhada que rasgava meu punho ou dilacerava minha mão. Criquete está sujeita a cólicas — sou eu que esfrego sua barriga. Antigamente a senhorita sofria de gases, hoje são os nervos. Não falo de outras indisposições leves de que não se tem acanhamento em minha frente. Aliás, nunca pretendi constranger alguém. Li, não sei onde, que um príncipe cognominado o Grande às vezes passava horas debruçado sobre o encosto da privada de sua amante. Com os familiares a gente fica à vontade e nesses dias eu era o mais íntimo de todos. Sou o apóstolo da familiaridade e do desembaraço. Eu lhes dava o exemplo sem que se formalizassem — bastava que me soltassem. Esbocei o patrão. A senhorita começa a tornar-se enfadonha. É preciso ouvir as belas estórias que o pessoal inventa a seu respeito.

EU — E participais disso?

ELE — Por que não?

EU — Porque é indecente ridicularizar seus benfeitores.

ELE — Mas não é ainda pior usar as benfeitorias para aviltar o protegido?

EU — Mas, se o protegido não fosse vil por si próprio, o protetor não teria essa autoridade.

ELE — Mas, se as personagens não fossem ridículas por si próprias, não se inventariam boas estórias a seu respeito. E, depois, que culpa tenho eu se foram traídos e achincalhados desde que se acanalharam? Quando se decide viver com gente de minha laia e se tem senso comum deve-se esperar muitas negruras. Quando nos recebem já não sabem que somos almas interesseiras, vis e pérfidas? Se nos conhecem, vai tudo muito bem. Há um pacto tácito que nos beneficiará e cedo ou tarde devolveremos com um mal o bem que nos tiverem feito. Não é um pacto deste que subsiste entre um homem e seu macaco ou seu papagaio? Brun grita em altos brados que Palissot escreveu coplas contra ele. Palissot deve tê-las escrito e a culpa é de Brun. Poinsinet grita em altos brados que Palissot jogou em suas costas as coplas que fizera contra Brun. Palissot deve ter jogado nas costas de Poinsinet as coplas que fizera contra Brun e a culpa é de Poinsinet. O pequeno Abade Rey grita em altos brados que seu amigo Palissot surrupiou-lhe a amante a quem o apresentara: ora, não se deve introduzir um Palissot em casa de uma amante, a menos que se tenha decidido perdê-la. Palissot cumpriu seu dever e a culpa é do Abade Rey. O livreiro David grita em altos brados que seu associado Palissot dormiu ou quis dormir com sua mulher. Que Palissot tenha ou não dormido com a mulher do livreiro, o que é difícil de decidir, pois a mulher deve ter negado o que acontecera e Palissot deve ter sugerido o que não acontecera. Seja lá como for, Palissot executou seu papel e a culpa é de David e sua mulher. Que Helvetius grite em altos brados que Palissot o coloca em cena como um homem desonesto, depois de ter-lhe emprestado dinheiro para cuidar da saúde, vestir-se e nutrir-se, é esperar do homem mais do que prometia. Como esperar outra coisa de um homem enxovalhado por todo tipo de infâmia; que como passatempo levou um amigo a abjurar a religião; que se apossa dos bens de seus associados; que não tem fé, nem lei, nem sentimento; que anda de déu em déu por fás e nefas; que conta os dias por suas perversidades; que numa peça colocou a si próprio como personagem, exibindo-se como o mais perigoso dos malandros, numa impudência inédita, sem exemplo no passado, no presente e no porvir? Não, a culpa não é de Palissot, mas de Helvetius. Se se leva um jovem provinciano ao viveiro de Versalhes, e tolamente resolve passar a mão por dentro das grades da jaula do tigre ou da pantera, deixando o braço na goela do bicho feroz, de quem é a culpa? Tudo isto está escrito no pacto tácito, e pior para aquele que o ignora ou esquece. Por esse pacto universal e sagrado eu poderia justificar muita gente acusada de malevolência, quando deveríamos acusar a nós próprios de idiotice! Sim, gorda condessa, é nossa culpa reunir à vossa volta gente que os de vossa posição chamam de insignificantes; [44] é nossa culpa se os espécimes vos fazem vilanias e vos obrigam a

[44] "Espèces", no texto. É um neologismo que surge no século XVIII. Mais adiante, o Sobrinho definirá um "espèce". Trata-se de um termo que reforça uma injúria. Refere-se a uma pessoa que não pode ser claramente definida porque ela própria nunca assume uma posição ou atitude claramente definidas, sendo por isso mesmo desprezível.

fazê-las também, expondo-vos ao ressentimento das pessoas honestas. Estas fazem o que devem e os espécimes também e é vossa culpa se os acolheis. Se Bertinhus [45] e sua amante vivessem pacatamente, se a honestidade de seus caracteres os tivesse feito relacionar-se com gente honesta, se tivessem chamado à sua volta homens de talento, conhecidos na sociedade por sua virtude, se tivessem reservado uma pequena companhia bem esclarecida e escolhido as horas de distração que roubariam à doce convivência amorosa, onde se falariam no silêncio do retiro, acreditaríeis que se inventariam boas ou más estórias sobre eles? O que lhes aconteceu? O que mereceram. Foram punidos por sua imprudência. E a Providência destinou-nos desde toda a eternidade para justiçarmos os Bertin de hoje, como destinar nossos sobrinhos para justiçarem os Monsauges e os Bertin por vir. Mas, enquanto executamos seus justos decretos sobre a idiotice, vós, que nos descreveis como somos, executais seus justos decretos sobre nós. O que pensaríeis de nós se, com nossos costumes vergonhosos, pretendêssemos gozar da consideração pública? Que insensatos somos! E serão sábios aqueles que esperam procedimentos honestos de gente nascida viciosa, de caráter vil e baixo? Tudo tem seu preço verdadeiro neste mundo. [46] Há dois procuradores gerais à vossa porta: um castiga os delitos contra a sociedade; o outro é a própria natureza, que conhece todos os vícios que a lei não alcança. Entregais-vos à orgia com mulheres — ficareis hidrópico. Sois devasso — ficareis tuberculoso. Abris vossas portas aos bisbilhoteiros e viveis com eles — sereis traído, zombado e desprezado. O mais fácil é resignar-se à eqüidade desse julgamento e dizer a si próprio: bem feito. Dar a volta por cima, emendar-se ou permanecer o que se é, mas sob as condições acima.

EU — Tendes razão.

ELE — Voltando ao assunto das estórias desagradáveis. Não inventei nenhuma. Sou um sim-simples leva-e-traz. Dizem que há alguns dias houve um rebuliço dos infernos; todas as campainhas dispararam, havia gritos entrecortados e abafados de um homem se asfixiando: "Socorro, socorro; sufoco, morro. . . " Os gritos partiam do apartamento do patrão. Chega-se, socorre-se o homem. Nossa gorda criatura, desvairada, fora de si, cega, como acontece nessas horas, continuava a pressioná-lo com seu movimento, elevava-se sobre as duas mãos e deixava cair sobre as sisas um peso de duzentas a trezentas libras, excitada pelo furor provocado pelo prazer. Foi um custo tirá-la de cima do coitado. Que raios de fantasia há de ter um martelinho metendo-se sob uma pesada bigorna?

EU — Sois obsceno. Mudemos de conversa. Desde que começamos a prosear, tenho uma pergunta na ponta da língua.

ELE — E por que a segurastes tanto?

EU — Temia uma indiscrição.

ELE — Depois do que acabo de vos revelar, ignoro que segredo poderia ter para vós.

EU — Não duvidais de qual possa ser meu julgamento sobre vosso caráter?

ELE — De jeito nenhum. Aos vossos olhos sou um ser muito abjeto, muito desprezível — algumas vezes vejo-me assim, mas raramente. Na maioria das vezes felicito-me de meus vícios em vez de censurar-me por eles. Sois mais constante em vosso desprezo.

EU — É verdade. Mas por que exibir-me toda vossa torpeza?

ELE — Primeiro, porque conheceis um bocado dela; segundo, porque conseqüentemente via mais lucro do que perda contando-vos o resto.

EU — Como? Não entendi.

ELE — Se há um gênero onde é importante ser sublime, este gênero é o mal. Cospe-se num pequeno gatuno, mas não é possível recusar uma certa consideração por um grande criminoso: sua coragem espanta, sua atrocidade arrepia. Estima-se muito a coerência do caráter.

EU — Mas não possuís ainda essa estimável coerência do caráter. De vez em quando noto

[45] Bertin e Hus.

[46] Esta fala é um contraponto à do "louco do louco". O Sobrinho parece admitir agora um mínimo de racionalidade governando o mundo — a lei da sociedade e a lei da natureza. Singularmente, ambas são apresentadas em termos de "preço"; mais ainda, em termos de "preço verdadeiro".

que vossos princípios vacilam. Não se tem certeza de que vossa maldade provenha da natureza ou do estudo, nem de que este vos tenha levado tão longe quanto possível.

ELE — Concordo, mas fiz o melhor que pude. Não tive a modéstia de reconhecer que há outros superiores a mim? Não vos falei de Bouret com profunda admiração? A meu ver, Bouret é o maior homem do mundo.

EU — Mas, imediatamente depois de Bouret, sois vós?

ELE — Não.

EU — Então é Palissot?

ELE — Palissot, mas não sozinho.

EU — E quem pode ser digno de ocupar o segundo lugar junto com ele?

ELE — O renegado de Avignon.

EU — Nunca ouvi falar de um renegado de Avignon, mas deve ser um homem espantoso.

ELE — Se é.

EU — A história das grandes personagens sempre me interessou.

ELE — Acredito. O tal renegado vivia em casa de um desses bons e honestos descendentes de Abraão, prometidos ao pai dos crentes em número igual ao das estrelas.

EU — Em casa de um judeu?

ELE — Em casa de um judeu, em quem despertara inicialmente a comiseração, depois a benevolência e por fim a mais completa confiança. Assim acontece sempre: contamos tanto com nossas benfeitorias, que raramente escondemos nosso segredo àquele que cumulamos com nossas bondades. Como impedir que haja ingratos, se expomos o homem à tentação de sê-lo impunemente? Reflexão justa que nosso judeu não fez. Confiou, então, ao renegado que em sã consciência não podia comer carne de porco. Vereis o partido que um espírito fecundo soube tirar dessa confissão. Passaram-se alguns meses, durante os quais o renegado redobrou o apego do judeu. Quando acreditou que este já estivesse bem impressionado, bem cativado, bem convencido de que com seus cuidados adquirira um amigo melhor do que qualquer outro em todas as tribos de Israel... Admirai a circunspecção do homem! Não se apressa, deixa o fruto amadurecer antes de sacudir o galho — muito ardor teria posto a perder o projeto. Geralmente a grandeza de caráter resulta do equilíbrio natural de várias qualidades opostas.

EU — Ei! Deixai para lá vossas reflexões e continuai vossa estória.

ELE — Não é possível. Há dias em que é preciso que eu reflita. É uma doença cujo curso não deve ser impedido. Onde estava?

EU — Na intimidade bem estabelecida entre o judeu e o renegado.

ELE — Então, a fruta ficou madura... Mas não me escutais? No que pensais?

EU — Nas vossas mudanças de tom. Ora alto, ora baixo.

ELE — Como o tom de um homem vicioso poderia ser uno?

Uma noite, chega à casa do amigo, com ar assustado, a voz entrecortada, o rosto pálido como a morte, trêmulo da cabeça aos pés. "— Que tendes? — Estamos perdidos. — Perdidos? Como? — Perdidos, repito, perdidos e sem salvação. — Explicai-vos... — Um momento, deixai-me recompor-me do susto. — Vamos, tranqüilizai-vos." Em vez disso, o judeu deveria ter-lhe dito: "És um velhaco rematado, não sei o que tens a contar-me, mas sei que és um velhaco rematado. Bancas o aterrorizado".

EU — E por que deveria falar-lhe assim?

ELE — Porque era um falso e se excedia — está bem claro para mim. E basta de interrupções. "Estamos perdidos, perdidos sem salvação." Então não percebeis a afetação destes "perdidos" repetidos? "Um traidor acusou-nos à Santa Inquisição: vós, como judeu, eu, como renegado, como infame renegado." E o traidor nem enrubesceu usando expressões tão odiosas. É preciso mais do que coragem para chamar-se pelo próprio nome. Não podeis imaginar como custa chegar a isso.

EU — Não, certamente. Mas, e o infame renegado?

ELE — É falso, mas sua falsidade é hábil. O judeu se assusta, arranca as barbas, rola pelo

chão, vê os esbirros à porta, vê-se enfarpelado num sambenito, vê seu auto-da-fé preparado. "— Meu amigo, meu terno amigo, meu único amigo, que fazer? — Que fazer? Mostrar-se, fingir grande segurança, conduzir-se como de hábito. O procedimento desse tribunal é secreto, mas lento. É preciso usar seus prazos para vender tudo. Alugarei um barco ou mandarei um terceiro alugar; sim, um terceiro será melhor; colocaremos ali vossa fortuna, pois é esta que querem, e iremos juntos procurar sob um outro céu a liberdade para servir nosso Deus e seguir em segurança a lei de Abraão e de nossa consciência. Na situação perigosa em que nos achamos, o mais importante é não cometer imprudências." Dito e feito. O barco é alugado, provido com víveres e marinheiros. A fortuna do judeu vai para bordo. Amanhã, ao alvorecer, soltarão as velas. Podem cear alegremente e dormir com segurança: amanhã escaparão dos perseguidores. Durante a noite, o renegado se levanta, tira a carteira, a bolsa e as jóias do judeu, mete-se a bordo e lá se vai. E pensais que é tudo? Bom, vejo que não percebeis o alcance da trama. Quando me contaram a estória, adivinhei aquilo que agora calei a fim de avaliar vossa sagacidade. Ainda bem que sois um homem honesto, caso contrário seríeis um pobre vagabundo. Até aqui o renegado é apenas um malandro desprezível com quem nenhum de nós quer parecer-se. O sublime em sua maldade está em ter sido o próprio delator de seu bom amigo israelita, aprisionado pela Santa Inquisição ao despertar, e que dias depois virou um belo fogo de artifício. Foi assim que o renegado se tornou o tranqüilo possuidor da fortuna do descendente maldito daqueles que crucificaram Nosso Senhor.

EU — Não sei o que me horroriza mais: se a perfídia de vosso renegado ou o tom em que falais dele.

ELE — Mas era o que eu vos dizia! A atrocidade da ação vos arrasta para além do desprezo e é a razão de minha sinceridade. Quis que conhecêsseis quanto me sobressaio em minha arte, arrancar-vos a confissão de que sou pelo menos original em meu aviltamento, obrigar-vos a colocar-me na linhagem dos grandes infames e gritar: *Vivat Mascarillus, fourbum imperator!* Vamos, alegria, meu caro senhor filósofo! Coro! *Vivat Mascarillus, fourbum imperator!* [47]

E começa um canto em fuga muito curioso. Ora a melodia é grave e cheia de majestade, ora leve e folgazã. Num momento imita o baixo, num outro o tenor. Com o braço e o pescoço espichados indica-me os sustenidos. Executa e compõe por si próprio um canto de triunfo. Sem dúvida, entende mais de boa música do que de bons costumes.

Quanto a mim, não sabia se deveria ficar ou fugir, rir ou irar-me. Fiquei. Tinha o propósito de desviar a conversa para algum assunto que expulsasse o horror que invadia minha alma. Começava a suportar com dificuldade a presença de um homem que discutia uma ação horrível, uma prevaricação execrável como um especialista em pintura ou poesia examina as belezas de uma obra de gosto, ou como um moralista ou historiador releva e ilumina uma ação heróica. Tornei-me sombrio malgrado eu próprio. Percebeu e disse-me:

ELE — Que tendes? Estais mal?

EU — Um pouco, mas passará.

ELE — Tendes o ar inquieto de um homem atormentado por alguma idéia desagradável.

EU — É isso.

Por um instante permanecemos em silêncio, enquanto passeia assobiando e cantando. Para trazê-lo de volta ao seu talento [48], digo-lhe:

EU — Que fazeis no momento?

[47] Molière, *L'Etourdi*, II, 8, v. 794. Não se trata de latim propriamente, mas do francês latinizado, pois o termo *fourbum* seria o genitivo plural do termo *fourbus, fourbi*, que não existe em latim. Em francês, *fourbe*, dissimulado, manhoso e trapaceiro. Em latim, *fur, furis* é ladrão, mas oposto a *latro, latronis* porque o primeiro rouba às escondidas, enquanto o segundo assalta. Mascarillus, Mascárilo, mascarado. O termo "máscara" vem do latim vulgar, *masca*, mas não existe no latim erudito. A tradução seria: "Viva Mascárilo, imperador dos trapaceiros". O Sobrinho termina, portanto, identificando a vilania com a trapaça, isto é, com um jogo no interior do "pacto universal".

[48] Tem início uma discussão sobre a arte que irá até o fim do diálogo. A discussão colocará tanto problemas gerais da arte quanto a questão historicamente determinada da música francesa confrontada com a música italiana no século XVIII na França (a Querela dos Bufões-Ópera Bufa).

ELE — Nada.

EU — É fatigante.

ELE — Como se já não fosse suficientemente idiota, ainda fui ouvir a música de Douni e de nossos outros jovens fazedores. Isto acabou comigo.

EU — Aprovais, então, esse gênero?

ELE — Sem dúvida.

EU — E encontrais beleza nesses novos cantos?

ELE — Se encontro? Raios me partam! Como é declamado! que verdade! que expressão!

EU — O modelo de toda arte imitativa encontra-se na natureza. Qual o modelo de um músico quando compõe um canto?

ELE — Por que não começar mais de cima? O que é o canto?

EU — Confessarei que a questão está acima de minhas forças. Somos todos assim: temos na memória somente palavras que cremos compreender por seu uso freqüente e por sua aplicação correta; mas no espírito há somente noções vagas. Quando pronuncio o termo *canto,* não tenho uma noção mais clara do que vós e os de vossa laia ao pronunciardes os termos *reputação, censura, honra, vício, virtude, pudor, decência, vergonha, ridículo.*

ELE — Por meio da voz ou do instrumento, o canto é uma imitação sonora de ruídos físicos e dos acentos da paixão inventada pela arte ou inspirada pela natureza, conforme vos agrade [49]. E vede que, mudando aqui e acolá o que for preciso, tem-se a definição conveniente da pintura, da eloqüência, da escultura e da poesia. Voltando à vossa questão. Qual o modelo do músico ou do canto? A declamação, se o modelo for um vivente ou um pensante. O ruído, se inanimado. A declamação deve ser considerada como uma linha e o canto como uma outra que serpenteia sobre a primeira. Quanto mais forte e verdadeira a declamação tanto mais o canto que a ela se conforma cortá-la-á em numerosos pontos e será mais verdadeiro. Quanto mais verdadeiro o canto, mais belo. Foi o que sentiram muito bem nossos jovens músicos. Quando se ouve "Sou um pobre diabo", crê-se reconhecer o lamento de um avaro. Se não cantasse, falaria no mesmo tom à terra quando lhe confia seu ouro e lhe diz: "Ó terra, recebe meu tesouro". E a menina que sente o coração palpitante, enrubescida e perturbada, suplicando ao seu senhor que a deixe partir, poderia exprimir-se de outro modo? Há nessas obras todo tipo de caracteres, uma variedade infinita de declamações. É sublime, sou eu que vos digo. Ide, ide ouvir o trecho em que o rapaz, sentindo-se morrer, grita: "Vai-se meu coração". Escutai o canto, escutai a sinfonia e depois me direis qual a diferença entre as verdadeiras vozes de um moribundo e a forma desse canto. Vereis se a linha da melodia não coincide inteiramente com a da declamação. Não vos falo do compasso, também uma das condições do canto. Atenho-me à expressão, e nada mais evidente do que a seguinte passagem que li em algum lugar: *Musicis seminarium accentus* — a música é a sementeira da melodia. Por aí podeis julgar a dificuldade e a importância de saber compor um bom recitativo. Não há uma bela ária que não permita um belo recitativo, e nenhum recitativo de que um homem hábil não consiga tirar uma bela ária. Não quero assegurar que quem recita bem cantará bem, mas fica-

[49] Arte ou natureza, isto é, técnica ou natureza, artifício ou natureza. O Sobrinho deixa aberta uma alternativa que é tema de discussão durante todo o século XVIII e que já prepara a filosofia kantiana. Trata-se do tema da antropologia nascente (e que se desenvolve também na discussão política), da possibilidade ou impossibilidade para estabelecer os limites entre o mundo natural e o mundo humano. Aparentemente, a noção de imitação colocada pelo Sobrinho repete a definição aristotélica da arte como imitação da natureza. Entretanto, o Sobrinho afirma que se trata de uma *invenção* ou de uma *inspiração.* A fórmula aristotélica, pelo menos em sua interpretação escolástica, não está presente aí. É importante notar que o Sobrinho estende a definição para todas as *belas*-artes. O adjetivo *belas* marca a diferença entre aquilo que hoje chamamos arte (belas-artes) e técnica (arte; do grego *techne),* e neste sentido compreende-se aquilo que poderia parecer um paradoxo, ou seja, dizer que a arte é inventada pela arte. O que o Sobrinho diz é que as belas-artes podem ter sido inventadas pela técnica ou inspiradas pela natureza.

ria surpreso se quem canta bem não souber recitar bem. Podeis crer, tudo que vos disse é verdadeiro.

EU — Não pediria outra coisa, mas há um pequeno inconveniente.

ELE — Qual?

EU — Se essa música for sublime, então a do divino Lúlio, a de Campra, Destouches, Mouret, a do querido tio devem ser um pouco rasteiras. [50]

ELE — (Chegando perto de meu ouvido.) Não gostaria de ser ouvido, pois há muita gente que me conhece. Mas é mesmo. Não que eu me preocupe com o caro tio, visto que me custa caro. É uma pedra. Poderia ver-me de língua de fora que não me daria um copo de água. Mas, faça quantas oitavas ou sétimas quiser, faça "la la la ra, tra tralalalá" quanto quiser, numa balbúrdia dos diabos; nunca será aceito por aqueles que começam a entender do riscado e que não tomam ruído por música. Dever-se-ia proibir com uma ordem policial que qualquer pessoa, de qualquer posição ou condição social, cantasse o *Stabat* de Pergolese. Palavra, esses malditos palhaços, com suas *Serva Amante, Tracollo,* nos deram um rude pontapé na bunda. Outrora, um *Tancredo,* uma *Isséia,* uma *Europa Galante,* as *Índias, Castor, Talentos Líricos* ficavam cinco ou seis meses nos teatros. *Armida* teve representações infindáveis. [51] Atualmente uns caem sobre os outros como um castelo de cartas. Rebel e Francoeur [52] deitam azeite na fogueira. Dizem que está tudo perdido, que estão arruinados e que, se a canalha de saltimbancos for tolerada por mais tempo, a música nacional levará a breca, restando à Academia Real do beco-sem-saída [53] o trabalho de fechar as portas. Há alguma verdade nisso. As velhas perucas que há trinta ou quarenta anos baixam aí todas as sextas-feiras não se divertem mais — entediam-se e bocejam sem saber por quê. Mesmo que perguntassem, não saberiam responder. Ah! se me perguntassem... A predição de Douni cumprir-se-á. Do jeito que a coisa vai, quero morrer se em quatro ou cinco anos ainda houver um gato pingado no célebre beco. Os coitados renunciaram às suas próprias sinfonias para executar as italianas. Pensaram que poderiam entregar os ouvidos a ela sem conseqüências para sua música vocal, como se a sinfonia não estivesse para o canto (com um pouco de libertinagem inspirada pela extensão do instrumento e mobilidade dos dedos) como o canto está para a declamação real. Como se o violino não fosse o imitador do cantor, que um dia, quando o difícil substituir o belo, se tornará o imitador do violino. [54] O primeiro que executou Locatelli foi o apóstolo da nova música. Vão cantar noutra freguesia! Vão dizer isso a quem quiserem, mas não a mim! Irão acostumar-nos pelo canto, voz e instrumentos com a imitação dos tons da paixão ou dos fenômenos da natureza, objetos da música, e, no entanto, conservaremos nosso gosto pelos vôos, lances, glórias, triunfos, vitórias? Ora, vão ver se estou na esquina! Imaginaram que chorariam nas cenas de tragédia e ririam nas de comédia musicada; que trariam aos ouvidos as inflexões de furor, ódio, ciúme, das verdadeiras queixas de amor, as ironias e as graças do teatro italiano e francês, e no entanto permaneceriam admiradores de *Ragonda* e *Platéia.* [55] Eu vos respondo, seus palermas, que os coitados que imaginaram essa salada musical logo sentiriam com que facilidade, com que flexibilidade e doçura a harmonia, a prosódia, as elipses e inversões da língua italiana se prestam à arte, ao movimento, à expressão, às voltas do canto e ao valor dos sons. E, assim, os coitados *continuariam* a ignorar como a sua é rígida, surda, pesada, pedante e monótona. Claro! Claro! Persuadiram-se de que, depois de haver misturado suas lágrimas com o pranto de uma mãe desolada com a morte do filho, ou tremido com a ordem de assassinato ditada por um tirano, não se entediariam com sua própria *féerie,* sua insípida mitologia, seus pequenos madrigais adocicados

[50] A escola francesa.
[51] São as óperas e bailados da escola francesa.
[52] Diretores da Ópera.
[53] Até 1763 o prédio da Ópera ficava no Palais-Royal, no fundo do beco Cour d'Orry.
[54] O Sobrinho parece optar pela música inspirada pela natureza, visto que o violino imita a voz.
[55] Escola francesa — *Les Amours de Ragonde,* de Mouret; *Platée ou Junon Jalouse,* de Rameau.

que assinalam mais a miséria da arte que os aceita do que o mau gosto do poeta que os compõe. Pobres coitados, não é possível. O verdadeiro, o bom e o belo têm seus direitos. Podemos contestá-los, mas, por fim, passamos a admirá-los. O que não estiver cunhado nesses metais pode ser admirado durante um certo tempo, mas depois acabamos bocejando. Bocejai, meus caros senhores! Bocejai sem cerimônia! À vontade! O império da natureza e de minha trindade, contra a qual as portas do inferno não prevalecerão jamais, firma-se suavemente — o verdadeiro, o Pai que engendra o bom, o Filho, donde procede o belo, o Espírito Santo. O deus estrangeiro coloca-se humildemente ao lado do ídolo do país. Fortifica-se pouco a pouco. Um belo dia, dá uma cotovelada em seu companheiro e, catapum!, lá vai o ídolo abaixo. Parece que foi assim que os jesuítas implantaram o cristianismo na China e nas Índias. E os jansenistas podem esbravejar à vontade: em minha opinião, esse método, que atinge o alvo sem alarde, sem derramamento de sangue, sem mártires e sem arrancar um fio de cabelo, é o melhor.

EU — O que dizeis chega a ser razoável.

ELE — Razoável? Ótimo! O diabo que me carregue se me empenhei nisso. Vou dizendo como me dá na telha. Sou como os músicos do teco na ocasião em que meu tio apareceu. Acerto na mosca porque o filho de um carvoeiro sempre falará melhor de seu ofício do que uma academia inteira ou todos os Duhamel do mundo... [56]

E novamente começou a passear, esgoelando-se numa ária de *A Ilha dos Loucos,* e depois numa de *O Pintor Amoroso por seu Modelo,* e noutra de *O Marechal Ferrant.* De vez em quando grita levantando as mãos e os olhos para o céu: "Macacos me mordam! Então isso é bonito? Como alguém pode carregar um par de orelhas na cabeça e ainda perguntar se é bonito?" Entra em transe e começa a cantar em voz baixa. Eleva o tom à medida que se apaixona. Gesticula, careteia, contorce o corpo. Digo para mim mesmo: "Perde a cabeça outra vez. Uma nova cena está a caminho". Com efeito, lá vai ele num novo lance dramático: "Sou um pobre miserável... Monsenhor, monsenhor, deixai-me partir... Ó terra, recebe meu ouro, conserva bem o meu tesouro... Minh'alma, minh'alma, minha vida! Ó terra!... Lá vem o amiguinho, lá vem o amiguinho... *Aspettare e non venire... A Zerbina penserete... Sempre in contrasti con te si* sta..." Junta e embaralha trinta árias italianas, francesas, trágicas, cômicas, de todo tipo. Ora a voz de baixo descendo até os infernos, ora esganiçando como um falsete, rasga o alto das árias, imitando as diferentes personagens cantoras pelo andar, porte e gesto — sucessivamente furioso, abrandado, imperioso, gozador. Agora uma moça que chora — imita todos os dengos. Depois, vira padre, rei, tirano. Ameaça, comanda, transporta-se. Agora é escravo e obedece. Apazigua-se, desola-se, queixa-se, ri. Nunca desafina. Não perde o tom, o compasso, o sentido das palavras e o caráter da ária. Todos os empurradores de pauzinhos deixam os tabuleiros e o rodeiam. As janelas do café ficam lotadas com os passantes que param por causa do barulho. Estouram de rir. O teto parece vir abaixo. Mas ele não percebe coisa alguma. Continua presa de uma alienação profunda, de um entusiasmo tão próximo da loucura, que não é certo que volte a si e que talvez seja preciso jogá-lo numa carruagem e levá-lo direto para o hospício. Cantando um fragmento das *Lamentações* de Ioumelli, repete os mais belos trechos com precisão, verdade e calor incríveis. Rega com uma torrente de lágrimas o belo recitativo onde o profeta pinta a desolação de Jerusalém. A emoção ganha a sala; todos choram. Há tudo na voz e na fisionomia de Rameau: a delicadeza do canto, a força da expressão e a dor. Insiste nos trechos em que o músico se revela mestre. Deixa a parte de canto pela dos instrumentos e volta subitamente à primeira, entrelaçando-as para conservar a ligação e a unidade do todo. Apossa-se de nossas almas, deixando-as suspensas na situação mais estranha que já vivi... Admiro-o? Sim, eu o admiro! Estou cheio de piedade? Sim, estou cheio de piedade. E, no entanto, um certo ridículo mescla-se nesses sentimentos desnaturando-os.

Mas também vós haveríeis de morrer de rir ao vê-lo remedar os diferentes instrumentos. Bochechas cheias e estufadas, som rouco e sombrio: são as trompas e os fagotes. Som explosivo e anasalado: eis os oboés. A voz se precipita numa incrível rapidez: são os instrumentos de corda

[56] Duhamel, membro da Academia de Ciências, autor de uma *Arte do Carvoeiro.*

com seus sons bem aproximados. Assobia: são os flautins. Arrulha: são as flautas. Gritando, cantando, saltando como um condenado, representa sozinho os dançarinos, as dançarinas, os cantores, as cantoras, toda a orquestra, um teatro lírico inteiro, dividindo-se em vinte e três papéis diferentes. Corre, pára como um iluminado, os olhos faiscantes, a boca espumante. Faz um calor infernal e o suor, acompanhando as rugas da testa e descendo por suas faces, mistura-se com o pó de seus cabelos, jorra e sulca a gola de seu casaco. O que não faz? Chora, ri, suspira, olha enternecido, tranqüilo ou furioso. É uma mulher que se esvai de dor; um desgraçado abandonado ao desespero; um templo que se ergue; pássaros silentes à hora do crepúsculo; águas murmurejantes a escoar num lugar solitário e fresco ou a despencar torrencialmente do alto duma montanha; um temporal, uma tempestade, queixume dos que vão perecer mesclado ao assobio dos ventos e ao estrondo do trovão; a noite com suas trevas, a sombra e o silêncio, pois o próprio silêncio pode ser descrito pelos sons. Sua cabeça está longe dali, perdida. Esgotado de fadiga, como um homem que sai de um sono profundo ou de um longo devaneio, permanece imóvel, estúpido, surpreso. Olha à volta como um homem que se extraviou e procura reconhecer onde se acha. Espera o retorno das forças e dos espíritos. Maquinalmente enxuga o rosto. Como alguém que ao despertar visse seu leito rodeado de muita gente, num total esquecimento ou numa profunda ignorância do que teria feito, exclama: "Ora, senhores! O que há? Por que os risos e a surpresa? O que há?" Em seguida, acrescenta: "Eis o que se deve chamar de música e de músico! Entretanto, senhores, não se devem desprezar certos trechos de Lúlio. Desafio quem julgue fazer melhor e sem mudar as palavras a cena 'Ah! eu te esperarei'. Também não se devem desprezar certos trechos de Campra, as árias para violino de meu tio, bem como suas gavotas, entradas de soldados, padres, sacrificadores... 'Pálidos archotes, noite mais tenebrosa do que as trevas... Deus do Tártaro, Deus do Esquecimento...'" Emposta a voz, sustenta os sons — os vizinhos metem-se nas janelas e nós metemos os dedos nos ouvidos. Acrescenta: "Para isto é mister pulmão, um grande órgão, um volume de ar. Mas ontem assim, hoje assado. Vão-se os anéis e também os dedos. [57] Ainda não sabem o que devem pôr em música e, conseqüentemente, o que convém ao músico. A poesia lírica ainda está para nascer. Mas conseguirão. De tanto ouvir Pergolese, Saxon, Terradoglias, Trasetta e outros, [58] e de tanto ler Metastas [59], terão que conseguir".

EU — Como? Quinault, La Motte, Fontenelle não compreenderam nada? [60]

ELE — Não, no tocante ao estilo novo. Não há seis versos seguidos em seus poemas encantadores que possam ser musicados. São sentenças engenhosas, madrigais leves, ternos e delicados, mas, para avaliar como são incapazes de ajudar nossa arte, basta mandar recitar um deles, mesmo o mais violento como o de Demóstenes — vereis como são frios, lânguidos e monótonos. Neles não há o que sirva como modelo para o canto. Preferia ter que musicar as *Máximas* de La Rochefoucauld ou os *Pensamentos* de Pascal. O grito animal da paixão deve ditar a linha que nos convém. É preciso que as expressões fiquem prensadas umas nas outras; que seu sentido fique cortado, suspenso; que a frase seja curta; que o músico possa dispor do todo e de cada parte, omitir uma palavra ou repeti-la, acrescentar uma que falte, virá-la e revirá-la como um pólipo, sem destruí-la. Tudo isso dificulta a poesia lírica francesa quando comparada com a de línguas que por si próprias já apresentam todas essas vantagens... "Bárbaro, cruel, crava teu punhal em meu seio. Eis-me aqui, pronta para receber o golpe fatal. Crava. Ousa... Ah! enlangueço, morro... Um fogo secreto se acende em meus sentidos... Cruel amor, que queres de mim?... Deixa-me a doce paz que desfrutei... Devolve-me a razão..." É preciso que as paixões sejam fortes. A ternura do músico e do poeta lírico deve ser extrema. Quase sempre a ária é a peroração da cena. Precisamos de exclamações, interjeições, suspensões, interrupções, afirmações, negações. Chama-

[57] No texto francês: "Mais d'avant peu, serviteur à l'Assomption; le carême et les rois sont passés" — "Mas há pouco, servidor da Assunção; a quaresma e o dia de Reis já passaram". A expressão significa que aquilo a que se servia não vale mais. No caso, a música francesa vai sair de moda como as festas do calendário religioso se sucedem sem deixar vestígios umas nas outras.

[58] A escola italiana.

[59] Poeta italiano que compôs dramas musicais.

[60] Autores franceses de libretos para ópera.

mos, invocamos, gritamos, gememos, choramos, rimos francamente. Nada de espírito, nada de epigramas ou de bonitos pensamentos. Estão longe da simplicidade da natureza. Não acrediteis que o jogo e as declamações dos atores no teatro possam servir-nos de modelo. Puf! Precisamos de algo mais enérgico, menos amaneirado e mais verdadeiro. Quanto mais a língua for monótona e menos enfática, tanto mais necessitaremos de discursos simples e das vozes comuns da paixão. O grito do animal ou do homem apaixonado dão à língua o que não possui por si própria.

Enquanto me fala assim, a multidão que nos rodeava, não entendendo ou não se interessando, afastou-se. A criança como o homem, o homem como a criança preferem divertir-se a instruir-se. Cada um retorna ao seu jogo e permanecemos sozinhos em nosso canto. Sentado numa banqueta, a cabeça apoiada na parede, os braços caídos e os olhos fechados, diz-me: "Não sei o que tenho. Quando cheguei estava fresco e disposto, agora estou moído, alquebrado como se tivesse andado dez léguas. Fiquei assim de repente".

EU — Quereis refrescar-vos?

ELE — Com prazer. Sinto-me rouco. Faltam-me forças. Sofro um pouco do peito. Acontece-me todos os dias sem que eu saiba por-quê.

EU — Que desejais?

ELE — O que vos agradar. Não sou difícil. A indigência ensinou-me a adaptar-me.

Servem-nos cerveja, limonada. Enche um copázio que esvazia duas ou três vezes seguidas. Depois, como um homem reanimado, tosse fortemente, sacode-se, retoma:

Em vossa opinião, senhor filósofo, não é uma estranha esquisitice que um estranho, um italiano, um Douni, nos venha ensinar como realçar nossa música, submeter nosso canto a todos os movimentos, compassos, intervalos e declamações, sem ferir a prosódia? E, no entanto, não era um bicho-de-sete-cabeças. Qualquer um que tivesse escutado um mendigo pedindo esmola, um homem no transporte da cólera, uma mulher ciumenta e furiosa, um amante desesperado, um bajulador, sim, um bajulador adocicando o tom, arrastando as sílabas com voz melosa, em uma palavra, uma paixão, não importa qual, desde que por sua energia pudesse servir de modelo para o músico, qualquer um, repito, teria percebido duas coisas: primeiro, que as sílabas breves e longas não têm duração fixa, e não há sequer uma relação determinada entre suas durações; segundo, que a paixão dispõe a prosódia como lhe agradar, executando os maiores intervalos. Aquele que grita do fundo de sua dor: "Ah! desgraçado que sou!" eleva a sílaba da exclamação para o tom mais alto e agudo e abaixa as outras para os tons mais baixos e graves, fazendo uma oitava ou até mesmo um intervalo maior, dando a cada som a quantidade que convém ao volteio da melodia, sem magoar o ouvido, sem que a sílaba longa e a breve tenham conservado o comprimento que possuem num discurso tranqüilo. Quanto chão pisamos desde que citávamos como prodígios de declamação musical os parênteses da *Armida:* "O vencedor de Renaud (se alguém pode sê-lo)", o "Obedeçamos sem vacilar" das *Índias Galantes!* Hoje em dia estes prodígios nos fazem dar de ombros com piedade. No ritmo em que a arte avança, não sei onde chegará. Esperando, bebamos um trago.

Bebe dois ou três sem saber o que está fazendo. Puxo a garrafa antes que se embebede como se esgotou antes: sem perceber. Digo-lhe então:

EU — Como é possível que com um tato tão fino, uma sensibilidade tão aguçada para as belezas da arte musical sejais tão cego para as belas coisas da moral, tão insensível aos encantos da virtude?

ELE — Aparentemente porque parece haver para elas um sentido que não tenho, uma fibra que não me foi dada ou que é tão frouxa que não adianta beliscá-la porque não vibra. Ou talvez porque tenha vivido sempre entre bons músicos e má gente, e, assim, meu ouvido tornou-se muito fino e meu coração, surdo. E depois parece que a raça também conta. O mesmo sangue corre nas veias de meu pai e de meu tio. A molécula paterna deve ter sido dura e obtusa e esta maldita primeira molécula deve ter sido assimilada por todo o resto.

EU — Amais vosso filho?

ELE — Se amo o selvagenzinho? Sou louco por ele.

EU — Não deveríeis ocupar-vos seriamente de interromper o efeito da maldita molécula paterna sobre ele?

ELE — Trabalharia inutilmente, creio. [61] Se estiver destinado a ser um homem de bem, não o prejudicarei. Mas, se a molécula quisesse que fosse um pulha como o pai, os esforços para torná-lo um homem de bem ser-lhe-iam altamente prejudiciais: a educação, atravessando incessantemente o caminho da molécula, faria com que fosse atraído por duas forças contrárias e estaria sempre cambaleando no caminho da vida, como muitos que vejo coxeando no bem e no mal; é o que chamamos de insignificante [62] — o pior dos epítetos porque marca a mediocridade e o último grau do desprezo. Um grande patife é um grande patife, e não um insignificante. Antes que a molécula paterna retomasse a dianteira e o levasse à perfeita abjeção, como a minha, precisaria de um tempo infinito, perderia seus mais belos anos. Nada faço no momento. Deixo-o crescer. Examino-o. Já é glutão, astuto, trapaceiro, preguiçoso e mentiroso. Quem sai aos seus não degenera. Creio que suas qualidades são hereditárias.

EU — E o fareis músico para que a semelhança seja completa?

ELE — Músico! Músico! Algumas vezes olho para ele e rangendo os dentes digo-lhe: "Se souberes uma nota, torcerei teu pescoço".

EU — E por que, fazei o favor?

ELE — Porque não leva a nada.

EU — Leva a tudo.

ELE — Sim, quando nos sobressaímos, mas quem poderá garantir ao filho que excederá os outros? Pode-se apostar dez mil contra um como seria um mísero arranhador de cordas, como eu. Sabeis que talvez seja mais fácil fazer de uma criança um grande rei do que um grande violino?

EU — Tenho a impressão de que num povo sem moral, corrompido pelo deboche e pelo luxo, os talentos agradáveis, mesmo medíocres, lançam um homem no caminho da fortuna. Eu, que vos falo, ouvi a seguinte conversa entre um protetor insignificante e um protegido insignificante. Este fora encaminhado ao primeiro como um homem obsequioso que pudesse servi-lo: "— Senhor, que sabeis? — Conheço um pouco de matemática. — Pois bem, senhor, mostrai a matemática. Depois de vos enlameardes durante dez ou doze anos pelas ruas de Paris, devereis ter trezentas ou quatrocentas libras de renda. — Estudei leis e sou versado em direito. — Se Puffendorf e Grotius [63] voltassem ao mundo, morreriam de fome em cima de uma fronteira. — Conheço bem história e geografia. — Se houvesse pais interessados na educação de seus filhos, vossa fortuna estaria garantida. Mas não há. — Sou bom músico. — Ora, por que não mo dissestes antes? E tenho uma filha para vos mostrar a vantagem que se pode tirar deste talento. Vinde todos os dias das sete e meia às nove horas da noite, lecionareis para ela e eu vos darei vinte e cinco luíses por ano. Almoçareis, jantareis, ceareis conosco. O resto de vosso dia vos pertencerá e disporeis dele como vos aprouver."

ELE — Que aconteceu com o homem?

EU — Se tivesse sido sensato, teria feito fortuna, única coisa que tendes em mira.

ELE — Sem dúvida. Ouro, ouro. O ouro é tudo, e o resto, sem ouro, nada. Em vez de rechear-lhe a cabeça com belas máximas que precisaria esquecer se não quisesse ser mendigo, quando possuo uma moeda de ouro (o que é raro) planto-me diante dele, tiro a moeda do bolso e mostro-lha com admiração. Levanto os olhos para o céu, beijo a moeda, e, para que compreenda bem a importância da moeda sagrada, gaguejo e aponto com o dedo todas as belas coisas que pode adquirir com ela. Depois, coloco a moeda no bolso, passeio orgulhosamente, levanto a aba de meu casaco, dou um tapinha no bolso — e assim mostro-lhe que a segurança que vê em mim nasce da moeda que ali está.

[61] A natureza é uma seqüência ordenada e necessária de causas e efeitos, de modo que não é possível interferir e transformar seu curso. O mecanicismo é o pano de fundo da afirmação do Sobrinho, que repete o mesmo que o filósofo dissera anteriormente — cf. nota n.º 8.

[62] O Sobrinho explica o neologismo "espèces".

[63] Teóricos do Direito; século XVII. O Filósofo se refere aos tratados sobre Direito Internacional que ambos escreveram.

EU — Não poderia ser melhor. Contudo, se acontecesse que, estando profundamente compenetrado do valor da moeda, um dia...

ELE — Entendo. É preciso fechar os olhos. Não há princípio moral sem um inconveniente. No pior dos casos, será um mau quarto de hora e tudo estará terminado.

EU — Apesar dessa visão sensata e corajosa, continuo achando que o melhor seria que se tornasse músico. Não conheço meio mais rápido para se aproximar dos grandes, servir aos vícios deles e tirar proveito para os seus próprios.

ELE — É verdade, mas tenho projetos para um sucesso mais rápido e seguro. Ah! se fosse moça! Mas como não se faz o que se quer, deve-se pegar o que vier e tirar o melhor partido. E a primeira coisa há de ser a de não dar a educação da Lacedemônia a uma criança que viverá em Paris. Se os pais fossem menos bestas não fariam isto, considerando que seriam responsáveis pela infelicidade de seus filhos se o fizessem. Se Pária é má, a culpa não é minha, mas dos costumes de minha nação. Fale quem quiser, o que quero é que meu filho seja feliz ou, o que dá no mesmo, que seja honrado, rico e poderoso. Conheço mal e mal as vias mais fáceis para atingir este alvo, e ensinar-lhas-ei quando chegar a hora e a vez. Se vós, sábios, me condenardes, a multidão e o sucesso me absolverão. Haverá ouro, sou eu quem vo-lo diz. Se houver bastante, nada lhe faltará, nem mesmo vossa estima e vosso respeito.

EU — Poderíeis estar enganado.

ELE — Ou dispensá-lo-á, como muitos outros.

Havia em suas palavras muita coisa que pensamos, que dirige nossa conduta, mas que calamos. Na verdade, esta é a diferença mais notável entre meu homem e a maioria de nossa vizinhança. Confessava seus vícios, que são dos outros também, mas não era hipócrita. Não era mais nem menos abominável do que os outros, somente mais franco, mais conseqüente e por vezes mais profundo em sua depravação. Eu estremecia pensando no que seria seu filho com tal mestre. É certo que, com idéias pedagógicas tão rigorosamente calcadas sobre nossos costumes, o menino iria longe, a menos que fosse prematuramente detido no caminho.

ELE — Oh! não temais. O ponto importante e difícil que deve preocupar realmente o pai não é dar ao seu filho vícios que o enriqueçam, ridículos que o tornem precioso para os grandes. Isto todos fazem, se não sistematicamente como eu, pelo menos pelo estudo e pelo exemplo. O ponto fundamental é ensinar-lhe a justa medida, a arte de esquivar-se da vergonha, da desonra e das leis. É preciso saber situar, preparar e salvar as dissonâncias na harmonia social. Nada mais sem graça do que uma seqüência de acordes perfeitos. É preciso algo espicaçante que separe o feixe e disperse os raios.

EU — Muito bem. Com esta comparação retornamos dos costumes à música, de que me afastei a contragosto. Estou grato, pois, sem querer ofender-vos, prefiro o músico ao moralista.

ELE — Entretanto, sou subalterno em música e grande em moral.

EU — Duvido, mas, mesmo que assim fosse, sou um homem direito e vossos princípios não são os meus.

ELE — Pior para vós. Ah! se eu tivesse vossos talentos!

EU — Deixemos meus talentos e voltemos aos vossos.

ELE — Se soubesse exprimir-me como vós! Mas tenho um diacho de chilreio extravagante, metade estilo da gente da alta roda e da gente das letras, metade da gente do mercado.

EU — Falo mal. Só sei dizer a verdade, o que nem sempre é um sucesso, como sabeis.

ELE — Mas não é para dizer a verdade que ambiciono vosso talento. Pelo contrário, é para dizer bem a mentira. Se soubesse escrever, engalanar os livros, tornear primorosamente uma boa epístola dedicatória, embriagar um tolo com seu mérito, insinuar-me junto às mulheres!

EU — Sabeis fazer tudo isso mil vezes melhor do que eu. Não seria digno sequer de ser vosso aluno.

ELE — Quantas qualidades perdidas cujo preço ignorais!

EU — Colho o que semeio.

ELE — Se assim fosse não usaríeis este casaco grosseiro, este paletó de estamenha, estas meias de lã, estes sapatos grossos, esta peruca antiquada.

EU — Concordo. É preciso ser muito desastrado quando não se é rico e se permite tudo para

vir a sê-lo. Mas é que há gente como eu que não encara a riqueza como a coisa mais preciosa do mundo; gente extravagante.

ELE — Muito extravagante. Não se nasce desse jeito. Inventa-se, pois não está na natureza.

EU — Do homem?

ELE — Do homem. Tudo que vive, sem excetuar o homem, procura seu bem-estar às expensas de quem o possuir. Estou certo de que, se deixasse vir um selvagenzinho sem nada lhe dizer, ele bem gostaria de estar ricamente vestido, esplendidamente nutrido, querido pelos homens, amado pelas mulheres, e reunir para si todas as felicidades da vida. [64]

EU — Se o pequeno selvagem estivesse abandonado a si próprio, conservando toda a sua imbecilidade e reunindo o pouco de razão da criança de berço à violência das paixões do homem de trinta anos, torceria o pescoço de seu pai e dormiria com sua mãe. [65]

ELE — O que prova a necessidade de uma boa educação. E quem o contesta? E que é uma boa educação, senão aquela que conduz a todos os gozos sem perigo e sem inconveniente?

EU — Pouco importa que eu não seja de vossa opinião, mas guardemos-nos de explicar-nos.

ELE — Por quê?

EU — Porque temo que só concordemos em aparência e que se entrarmos na discussão dos perigos e inconvenientes a evitar não nos entenderemos mais. [66]

ELE — E que mal há nisso?

EU — Deixemos esse assunto, repito. Não conseguiria vos ensinar o que sei sobre a questão, e não conseguiríeis instruir-me mais facilmente naquilo que ignoro e que sabeis sobre música. Caro Rameau, falemos de música, e dizei-me como não haveis feito nada que preste tendo a facilidade de sentir, reter e executar os mais belos trechos dos grandes mestres, com o entusiasmo que vos inspiram e que transmitis aos outros.

Em vez de me responder, meneia a cabeça e erguendo o dedo para o céu acrescenta: "E o astro? E o astro? A natureza sorriu ao fazer Leo, Vinci, Pergolese, Douni. Tomou um ar imponente e grave formando o caro tio Rameau, que será chamado durante uma dezena de anos o grande Rameau, e de quem em breve não se falará mais. Quando modelou seu sobrinho, careteou, careteou outra vez, e ainda mais uma vez. (Ao dizer isto faz todo tipo de caretas com o rosto: desprezo, ironia, desdenho; parece modelar um pedaço de massa nas mãos, sorrindo com as formas ridículas que lhe dá. Terminando, joga longe o boneco heteróclito e diz:) Assim me fez e lançou-me ao lado de outros bonecos, uns de pança proeminente e pregueada, pescoço curto, olhos fora das órbitas, apopléticos; outros, de pescoço torto; outros ainda, secos, olho vivo, nariz adunco. Todos começaram a rir quando me viram, e eu botei as mãos nas cadeiras esborrachando-me de rir ao vê-los, pois os trouxas e os loucos se divertem uns com os outros. Procuram-se. Atraem-se.

Se ao chegar não tivesse encontrado já pronto o provérbio que diz que 'o dinheiro dos trouxas é patrimônio dos sabidos', eu o teria inventado. Percebi que a natureza pusera o meu dote na bolsa dos bonecos e inventei mil maneiras para readquiri-lo".

EU — Conheço os meios; já me dissestes quais são e admirei-os muito. Mas, com tantos recursos, por que não tentar uma bela obra?

ELE — Esta proposta é a mesma que um homem da alta roda fez ao Abade Le Blanc. Este dizia: "A Marquesa de Pompadour toma-me pelas mãos, leva-me até a soleira da Academia, tira as mãos, caio e quebro as duas pernas. . . " O outro respondeu: "Ora, abade, é preciso levantar-se

[64] O estado de natureza, se for definido como busca do prazer e fuga da dor, não difere do estado de sociedade. O Sobrinho amplia a tese colocando como prazer em geral aquilo que é prazer historicamente determinado.

[65] O Filósofo opõe o estado de natureza ao estado de sociedade, o reino das forças cegas e o reino da moralidade. O estado de natureza é anterior à proibição do incesto.

[66] Até o fim o Filósofo recusará as teses do Sobrinho, embora vacile o tempo todo. É que, se as aceitar, aceitará também a falência da Razão. A posição defensiva do Filósofo é mais nítida logo a seguir: o Sobrinho deverá falar de música e somente de música. No entanto, por que o Sobrinho é um "miserável arranhador de cordas"? A causa estará situada não na natureza, mas no mundo social. Mais adiante, o Sobrinho dirá que a natureza comete lapsos estranhos. É o mundo social que deixa o Filósofo confuso e vacilante diante do que diz o Sobrinho.

e arrebentar a porta com uma cabeçada". O abade replicou: "Foi o que tentei. Sabeis o que me aconteceu? Fiquei com um galo na testa".

Depois da estorieta, meu homem começa a andar cabisbaixo, ar pensativo e abatido. Suspira, chora, desola-se, ergue as mãos e os olhos, esmurra a cabeça com os punhos quase quebrando a testa ou os dedos, e acrescenta: "Parece que aí dentro há alguma coisa, mas, por mais que esmurre e sacuda, não sai nada". Recomeça a sacudir a cabeça e esmurrar ainda mais a testa, dizendo: "Ou não há ninguém, ou não quer responder".

Um momento depois recupera o ar altaneiro, levanta a cabeça, põe a mão direita sobre o coração, anda e diz: "Sinto, sim, sinto". Arremeda um homem que se irrita, se indigna, se enternece, comanda, suplica e de improviso discursa com cólera, comiseração, ódio, amor. Esboça os caracteres passionais com fineza e verdade surpreendentes. E depois acrescenta: "É isto, creio. Lá vem. Isto sim é encontrar um parteiro [67] que sabe estimular, precipitar as dores e fazer a criança sair. Quando a sós comigo mesmo, pego da pena e decido escrever. Rôo as unhas, esfrego a testa. Adeus, atenciosamente subscrevo-me vosso humilde servidor... lá se foi a inspiração. O deus está ausente. Pensei que tivesse gênio; porém, no final da linha, leio que sou um palerma. Mas a coisa muda de figura quando se trata de sentir, de elevar-se, pensar e pintar com cores fortes, freqüentando gente da laia daquela que é preciso ver para poder viver, ouvindo e fazendo mexericos: "— Hoje o bulevar estava encantador. Ouvistes a marmotinha? Representa divinamente. O senhor fulano estava com uma parelha de cavalos cinzentos bamboleantes que era uma beleza. A bela senhora cicrana já começa a ficar passadona, tem cabimento usar aquele penteado aos quarenta e cinco anos? A jovem beltrana está coberta de diamantes que nada lhe custaram. — Quereis dizer que lhe custaram... caro? — Mas não! — Onde a vistes? — N'*O Filho de Arlequim Perdido e Reencontrado.* — A cena do desespero foi representada como nunca. O Polichinelo da Feira tem goela, mas nenhuma sagacidade, nenhum sentimento. A senhora fulana deu à luz gêmeos; cada pai ficará com um..." Acreditais que estas coisinhas ditas e reditas, ouvidas todos os dias, aquecem e conduzem a grandes coisas?

EU — Não. Seria preferível trancar-se no sótão, passar a pão e água e buscar-se a si mesmo. [68]

ELE — Talvez, mas não tenho coragem. E depois, sacrificar a felicidade por um sucesso incerto? E o nome que carrego? Rameau! Chamar-se Rameau! É um estorvo. Os talentos não se transmitem como a nobreza, que é transmissível e cuja celebridade aumenta passando do avô ao pai, do pai ao filho, do filho ao neto, sem que o antepassado outorgue qualquer mérito ao descendente. A velha cepa se ramifica num enorme caule de idiotas, mas que importa? Com o talento é diferente. Para ser mais renomado do que o pai é preciso ser mais hábil do que ele. É preciso herdar sua fibra. Não a herdei, mas o punho readquiriu destreza, o arco desliza e a panela está cheia — se não é a glória, pelo menos é a sopa.

EU — Em vosso lugar não acharia que é fato consumado. Tentaria.

ELE — E pensais que não tentei? Não tinha ainda quinze anos e já me dizia: "Que fazes, Rameau? Sonhas? E com quê? Que gostarias de fazer, algo que provocasse a admiração do universo? Pois bem. Basta soprar e agitar os dedos". Mas falar é fácil, fazer é que são elas. Anos depois repeti a proposta de minha infância, e repito ainda, mas permaneço em torno da estátua de Memnão.

EU — Que quereis dizer com isso?

ELE — O óbvio, parece-me. Em torno da estátua de Memnão havia inúmeras outras igualmente banhadas pelos raios do sol, mas somente a dele ressoava. [69] Um poeta? Voltaire. Quem mais? Voltaire. E o terceiro? Voltaire. E o quarto? Voltaire. Um músico? Rinaldo de Cápua,

[67] Referência à maiêutica (parto) socrática. Sócrates dizia-se "parteiro das almas", como sua mãe fora "parteira dos corpos". O Sobrinho, depois de esmurrar a cabeça, nega que o parto das almas seja feito pelo intelecto — é a posição do Filósofo. E, ao colocar a mão no peito, afirma que o parto das almas se faz pelos sentimentos e pela imaginação.

[68] O adágio socrático: "Conhece-te a ti mesmo".

[69] A estátua de Memnão em Tebas, no Egito, tinha a fama de emitir sons harmoniosos ao nascer do sol.

Hasse, Pergolese, Alberti, Tartini, Locatelli, Terradoglias, meu tio, o pequeno Douni, com sua cara tão inexpressiva, sua sensibilidade tão aguçada, e, raios me partam, capaz de canto e expressão. O resto, em torno desses poucos Memnãos, puras orelhas cravadas numa estaca. E, assim, somos mendigos, tão mendigos que chega a ser uma bênção. Ah! senhor filósofo, a miséria é uma coisa terrível. Vejo-a acocorada, a bocarra escancarada para receber algumas gotas de água que escapam do tonel das Danaidas. Não sei se aguça o espírito do filósofo, mas esfria terrivelmente a cabeça do poeta. Canto mal por baixo deste tonel. E o pior é que a gente ainda deve dar-se por feliz se puder ficar embaixo dele. Eu estava e não soube continuar. Já fiz essa besteira numa outra ocasião. Viajei pela Boêmia, Alemanha, Suíça, Holanda, Flandres, por ceca e meca.

EU — Sob o tonel furado?

ELE — Sob o tonel furado. Havia um judeu opulento e perdulário que gostava de minha música e de minhas loucuras. Musicava como Deus manda. Bancava o louco. Nada me faltava. O judeu era um homem que conhecia sua lei e a observava rigidamente, às vezes com o amigo, às vezes com o estranho. Fez um mau negócio. Foi muito divertido e é preciso que vos conte. Havia em Utrecht uma prostituta encantadora. Foi tentado pela cristã. Enviou-lhe um empregadinho com uma letra de câmbio bem gorda. A esquisita criatura recusou a oferta. O judeu ficou desesperado. O empregadinho lhe disse: "Por que tanta aflição? Quereis dormir com uma bela mulher? Nada mais fácil. Podeis até mesmo dormir com uma ainda mais bela do que a que perseguis: a minha. Cedo-a pelo mesmo preço". Dito e feito. O empregadinho guarda a letra de câmbio e o judeu dorme com sua mulher. O vencimento da letra chega. O judeu deixa que vá ao protesto e declara que é falsa. Processo. O judeu dizia: "Nunca o homenzinho dirá como obteve a letra e não vou pagá-la". Na audiência, ele próprio interroga o empregadinho: "— De quem obtivestes a letra? — De vós. — Por dinheiro emprestado? — Não; mas o caso não é este. Sou o possuidor, foi assinada por vós e ireis saldá-la. — Não a assinei. — Quereis dizer que sou um falsário? — Vós, ou um outro de quem sois agente. — Sou um poltrão, mas sois um patife. Se me pressionardes direi tudo. Ficarei desonrado, mas estareis perdido. . . " O judeu não deu ouvidos à ameaça, o empregadinho contou tudo na sessão seguinte. Ambos foram repreendidos, o judeu foi condenado a pagar a letra e o dinheiro foi enviado a uma instituição de assistência aos pobres. Então separei-me dele e voltei para cá. Que fazer? Definhar na miséria ou fazer alguma coisa? Milhares de projetos atravessavam-me a cabeça. Uma hora, iria partir no dia seguinte com uma companhia provinciana, tão ruim para o teatro como para a orquestra. Noutra hora, pensava pintar um desses cartazes que se penduram nas encruzilhadas onde teria berrado a plenos pulmões: "Eis a cidade onde nasceu; ei-lo despedindo-se de seu pai boticário, chegando à capital à procura da casa de seu tio; ei-lo ajoelhado diante do tio que o expulsa; ei-lo com um judeu, etc., etc.". No dia seguinte levantava-me disposto a me associar aos cantores de rua; não seria o pior a fazer: iríamos fazer serenata à janela do caro tio que se torceria de raiva. Tomei outra decisão.

Detém-se, passando sucessivamente da atitude de um homem que segura um violino, apertando as cordas com os braços, à de um pobre-diabo extenuado de fadiga, sem forças, as pernas vacilantes, prestes a expirar se não lhe jogarem um bocado de pão. Designava sua profunda carência com um gesto do dedo voltado para a boca entreaberta. Acrescenta: "É óbvio. Jogavam-me restos. Éramos quatro famintos a brigar por eles. E depois vinde pensar grandiosamente, vinde fazer belas coisas no meio de tanto desamparo".

EU — É difícil.

ELE — De escorregão em escorregão vim cair aqui. Estava como peixe na água. Mas saí. De agora em diante terei que dar um nó nas tripas e voltar à gesticulação do dedo na boca aberta. Nada é estável neste mundo. Hoje no topo da roda, amanhã embaixo. Somos dirigidos pelas malditas circunstâncias, e mal dirigidos.

Depois, bebendo num trago o fundo da garrafa, dirige-se ao vizinho: "— Senhor, por caridade, uma pitadinha. [70] Tendes aí uma bela caixa. Não sois músico? — Não. — Melhor para vós,

[70] De rapé.

pois são uns pobres trastes lamentáveis. A sina me fez um, enquanto há em Montmartre, talvez em um moinho, um moleiro, um criado de moleiro que só ouvirá o ruído da catraca e que poderia ter encontrado os mais belos cantos. Rameau! Para o moinho, para o moinho! É lá o teu lugar.

EU — Qualquer que seja a ocupação de um homem, a natureza destinou-o a ela.

ELE — Mas comete lapsos estranhos. Quanto a mim, não me sinto alçado a essas alturas onde tudo se confunde, o homem que poda árvores com tesouras, a lagarta que rói folhas, e de onde se vêem dois insetos diferentes cada um cumprindo seu dever. [71] Empoleirai-vos no epiciclo de Mercúrio, se vos convier, e, assim como Reaumur distribuiu a classe das moscas em costureiras, agrimensoras e ceifeiras, imitando-o, podeis distribuir a espécie humana em marceneiros, carpinteiros, corredores, dançarinos, cantores. É vosso ofício. Não me intrometo. Estou neste mundo e aqui fico. Mas, se está na natureza ter apetite (pois é sempre ao apetite que volto, à sensação que está sempre presente em mim), não acho que seja uma boa ordem aquela onde não se tem sempre o que comer. Que diabo de economia! Homens que regurgitam tudo, enquanto outros, dotados de um estômago tão inoportuno quanto o deles, não têm o que pôr entre os dentes. O pior é a postura constrangida que a necessidade nos força a assumir. O homem necessitado não caminha como um outro — salta, rasteja, se arrasta, se contorce, passa a vida a tomar e executar posições. [72]

EU — Que são posições?

ELE — Perguntai a Noverre. [73] O mundo oferece coisa melhor do que aquilo que sua arte pode imitar.

EU — Estais também, para servir-me de vossa expressão, ou de Montaigne, "empoleirado no epiciclo de Mercúrio" fazendo considerações sobre as pantomimas do gênero humano.

ELE — Não, não. Sou muito pesado para elevar-me tão alto. Deixo aos palermas a viagem pelo nevoeiro. Sou terra-a-terra. Olho à minha volta, tomo minhas posições, divirto-me com as dos outros. Sou um excelente pantomimista, como ireis julgar.

Começo a rir, remeda o admirador, o suplicante, o complacente. Põe o pé direito para a frente e o esquerdo para trás, dobra as costas, ergue a cabeça, o olhar como se estivesse preso sobre outros olhos, a boca entreaberta, o braço estendido para algum objeto. Espera uma ordem. Recebe-a e parte como um corisco; volta, cumpriu e presta contas. Está atento a tudo. Apanha o que cai; coloca um travesseiro ou um tamborete sob os pés; segura um pires; aproxima uma cadeira; abre uma porta; fecha uma janela; puxa uma cortina; observa o patrão e a patroa, fica imóvel, braços pendurados, pernas paralelas; escuta, procura ler nos rostos e acrescenta: "Aí está minha pantomima, mais ou menos como a dos bajuladores, dos cortesãos, dos criados e dos mendigos".

As loucuras deste homem, os contos do Abade Galiani, as extravagâncias de Rabelais muitas vezes me fizeram meditar profundamente. [74] São três armazéns onde pude prover-me de máscaras ridículas que coloco sobre os rostos das mais graves personagens. Vejo Pantalon num prelado, um sátiro num presidente, um suíno num cenobita, uma avestruz num ministro, uma gansa em seu primeiro-oficial.

EU — Mas pela vossa conta há muitos patifes no mundo e não conheço um que saiba alguns passos de vossa dança.

ELE — Tendes razão. Em um reino somente o soberano anda. O resto só faz posições.

EU — O soberano? [75] Ainda há algo a dizer. Acreditais que quando em vez não encontra ao seu lado um pezinho, uma trancinha ou um narizinho que não o levem a fazer um pouco de pantomima? Todo aquele que precisa de outrem é indigente e faz posições. O rei faz posições diante de sua amante e de Deus — dá seu passo de pantomima. O ministro dança como cortesão, bajula-

[71] O olhar objetivo do Filósofo que iguala tudo sob a lei natural. A ordem natural não é boa nem má. Mas não é a ela que o Sobrinho se refere e sim à ordem social, aquela "onde não se tem sempre o que comer".

[72] Linguagem do bailado. As diferentes maneiras de pousar os pés um com relação ao outro. Há no bailado clássico cinco posições. O Sobrinho faz um trocadilho: a posição social se exprime na posição dos pés.

[73] Bailarino francês. O Sobrinho afirma que há no mundo mais posições do que as cinco do bailado.

[74] Novamente o Filósofo titubeia. Parece que o mundo social é explicado melhor pelo Sobrinho do que pelo olhar objetivo de quem se planta no epiciclo de Mercúrio.

[75] O Filósofo parece ceder à argumentação do Sobrinho. Logo, porém, ver-se-á a diferença. Na "ciranda da terra", como dirá o Filósofo, há alguém que não entra.

dor, criado ou patife diante do rei. A massa de ambiciosos, diante do ministro, dança vossos passos de mil modos, um mais vil do que o outro. O abade de categoria, em peitilho rendado e manto longo, diante do depositário da folha de pagamento, pelo menos uma vez por semana. Palavra, o que chamais pantomima dos mendigos é a grande ciranda da terra. Cada um tem sua pequena Hus e seu Bertin.

ELE — Isso me consola.

Mas, enquanto eu falava, ele rolava de rir arremedando as posições das personagens que eu ia citando. Por exemplo, para o abadezinho, punha o chapéu sob o braço, segurava o breviário com a mão esquerda e com a direita levantava a cauda do manto. Avançava com a cabeça meio jogada sobre o ombro, olhos baixos, imitando tão perfeitamente o hipócrita, que acreditei-ver o autor das *Refutações* diante do bispo de Orléans. Para os aduladores e ambiciosos, rastejava. Era Bouret diante do tesoureiro-geral.

EU — Soberbamente executado. Há, porém, um ser que não precisa da pantomima — o filósofo, que nada tem e nada pede.

ELE — E onde está esse animal? Se nada tem, sofre; se nada pede, nada obterá e sofrerá sempre.

EU — Não. Diógenes zombava das carências.

ELE — Mas é preciso vestir-se.

EU — Não. Andava completamente nu.

ELE — Às vezes fazia frio em Atenas.

EU — Menos do que aqui.

ELE — Comia-se lá.

EU — Sem dúvida.

ELE — Às expensas de quem?

EU — Da natureza. A quem se dirige o selvagem? À terra, aos animais, aos peixes, às árvores, às ervas, às raízes, aos regatos.

ELE — Mesa ruim.

EU — Grande.

ELE — Mal servida.

EU — Contudo, é dela que se tira para cobrir as nossas.

ELE — Mas deveis convir que a habilidade de nossos cozinheiros, confeiteiros, vendedores de assados, quituteiros põe um pouco de seu. Com a dieta austera de vosso Diógenes não deveria ter órgãos muito indóceis.

EU — Estais enganado. Outrora, o hábito do cínico era nosso hábito monástico com a mesma virtude. Os cínicos eram os carmelitas e franciscanos de Atenas.

ELE — Agora vos peguei. Diógenes também dançou a pantomima, se não diante de Péricles, pelo menos diante de Laís e de Frinéia.

EU — Enganais-vos ainda. Os outros compravam caro a cortesã que se entregava a ele por prazer.

ELE — E se a cortesã estivesse ocupada e o cínico apertado?

EU — Entrava em seu tonel e passava sem ela.

ELE — E me aconselhais imitá-lo?

EU — Quero morrer se isto não for preferível a rastejar, aviltar-se e prostituir-se.

ELE — Mas preciso de boa cama, boa mesa, roupa quente no inverno, roupa fresca no verão, repouso, dinheiro e muitas outras coisas. Portanto, prefiro devê-los à benevolência do que adquiri-los pelo trabalho. [76]

EU — É que sois preguiçoso, glutão, frouxo, e tendes uma alma enlameada.

ELE — Creio que eu próprio vo-lo disse.

[76] A radicalidade do Sobrinho é total. Sua crítica do mundo social não está dirigida contra a nobreza e o clero, como seria de se esperar às vésperas da Revolução Francesa. Está voltada para o Terceiro Estado, portanto para a burguesia que fará a Revolução! O Sobrinho recusa o adágio calvinista, lema burguês: "Mente desocupada, oficina do diabo". E o Filósofo o acusa de preguiçoso.

EU — Sem dúvida, na vida todas as coisas têm um preço. Mas ignorais o do sacrifício que fazeis para obtê-las. Dançais, dançastes e continuareis a dançar a pantomima vil.

ELE — É verdade. Mas custou-me pouco e agora já não me custa mais. Por isso faria mal assumindo um outro jeito que me penalizaria e que não poderia conservar. Mas, pelo que acabais de dizer, vejo que minha pobre mulherzinha era uma espécie de filósofa. Tinha coragem como um leão. Algumas vezes faltava-nos pão e não tínhamos níquel. Vendêramos todos os trapos, jogava-me na cama e quebrava a cabeça tentando descobrir alguém que nos emprestasse uns miúdos (que não lhe devolveríamos, claro). Ela, alegre como um passarinho, punha-se ao cravo e cantava. Tinha a goela dum rouxinol. É uma pena que não a tenhais ouvido. Quando eu participava de algum concerto, levava-a comigo e pelo caminho lhe dizia: "Vamos, senhora, fazei-vos admirar, exibi vosso talento e vossos encantos, arrebatai, perturbai". Chegávamos. Arrebatava e perturbava. Ai de mim. Perdi-a, pobrezinha. Além de talento, que boquinha! Que dentes! Uma ficira de pérolas. Que olhos! E os pés? A pele, as faces, as tetas, as pernas de corça, coxas e nádegas para um escultor. Cedo ou tarde teria pelo menos o chefe das finanças. Que andar! Que bunda! Bom Deus, que bunda!

E lá vai ele: começa a imitar o andar da sua mulher. Passinhos miúdos, cabeça solta, brinca com um leque, requebra o traseiro. Era a mais ridícula e divertida caricatura de mulher provocante.

Depois, retomando a seqüência de seu discurso, acrescenta:

Eu a levava a toda parte: às Tulherias, ao Palais-Royal, aos bulevares. Era impossível que ficasse comigo. Quando, pela manhã, atravessava a rua, sem peruca, numa baeta curta e transparente, teríeis parado para vê-la e poderíeis abraçá-la com quatro dedos sem apertá-la. Os que a seguiam, apressavam o passo vendo-a trotar com seus pezinhos, medindo sua bundona, cuja forma era modelada pela saia leve. Ela os deixava chegar, depois dardejava sobre eles seus olhos negros e detinham-se imediatamente. É que o anverso da moeda não destoava do reverso. Ai de mim! Perdi-a, e minhas esperanças de fortuna foram-se com ela. Eu só a apanhara para isso. Confiei-lhe meus projetos e era muito perspicaz para perceber quanto valiam e muito ajuizada para desaprová-los.

Soluça e chora, dizendo: "Não, nunca me consolarei. Desde então tomei o hábito e o solidéu".

EU — De dor?

ELE — Se quereis. Mas, na verdade, para ter minha escudela sobre a cabeça... Que horas são? Preciso ir à Ópera.

EU — O que estão levando?

ELE — Dauvergne. Há belas coisas em sua música. Pena que não tenha sido o primeiro a dizê-las. Entre os mortos há sempre alguns que entristecem os vivos. Que quereis? *Quisque suos patimur manes* [77]. São cinco e meia. Ouça os sinos que tocam as vésperas do Abade Canaye e as minhas. Adeus, senhor filósofo. Não é verdade que sou sempre o mesmo?

EU — Sim, desgraçadamente.

ELE — Que essa desgraça dure pelo menos quarenta anos. Ri melhor quem ri por último.

[77] Virgílio, *Eneida*, VI, v. 743. "Cada um de nós suporta seus mortos."

DIÁLOGO ENTRE D'ALEMBERT E DIDEROT[1]

Tradução e notas de **J. Guinsburg**

[1] *O Diálogo, o Sonho de D'Alembert* e a *Continuação do Diálogo* pertencem ao que de mais imaginativo produziu a especulação filosófica de Diderot. Só foram publicados em 1830, mas datam de 1769. O fato se deve, provavelmente, menos à irritação da Srta. de l'Espinasse, que exigiu por meio de D'Alembert a destruição dos originais, do que ao filósofo mesmo, atemorizado com a própria ousadia.

D'ALEMBERT. — Confesso que um Ser que existe em alguma parte e que não corresponde a nenhum ponto do espaço, um Ser que é inextenso e que ocupa extensão, que é totalmente inteiro sob cada parte dessa extensão, que difere essencialmente da matéria e que lhe está unido, que a segue e que a move sem mover-se, que atua sobre ela e sofre todas as suas vicissitudes, um Ser do qual não tenho a menor idéia, um Ser de uma natureza tão contraditória, é difícil de admitir. Mas outras obscuridades esperam a quem o rejeite; pois afinal essa sensibilidade pela qual vós o substituís, se for uma qualidade geral e essencial da matéria, a pedra deverá senti-la.[2]

DIDEROT. — Por que não?

D'ALEMBERT. — Isso é difícil de crer.

DIDEROT. — Sim, para quem se ponha a cortá-la, talhá-la, triturá-la e não a ouça gritar.

D'ALEMBERT. — Gostaria que me dissésseis que diferença estabeleceis entre o homem e a estátua, entre o mármore e a carne.

DIDEROT. — Muito pouca. Da carne se faz mármore e do mármore, carne.

D'ALEMBERT. — Mas um não é outro.

DIDEROT. — Assim como o que denominais força viva não é força morta.

D'ALEMBERT. — Não vos entendo.

DIDEROT. — Vou explicar-me. O transporte de um corpo de um lugar para outro não é o movimento, é apenas o efeito. O movimento está, igualmente, quer no corpo transferido, quer no corpo imóvel.

D'ALEMBERT. — Essa maneira de ver é nova.

DIDEROT. — Nem por isso é menos verdadeira. Retirai o obstáculo que se opõe ao transporte local do corpo imóvel, e ele será transferido. Suprimi por súbita rarefação o ar que envolve aquele enorme tronco de carvalho, e a água nele contida, entrando de repente em expansão, o dispersará em cem mil lascas. Digo outro tanto de vosso próprio corpo.

D'ALEMBERT. — Seja. Mas que relação há entre o movimento e a sensibilidade? Por acaso reconheceríeis uma sensibilidade ativa e uma sensibilidade inerte, assim como há uma força viva e uma força morta? Uma força viva que se manifesta pela translação e uma força morta que se manifesta pela pressão; uma sensibilidade ativa que se caracteriza por certas ações notáveis no animal e talvez na planta; e uma sensibilidade inerte cuja existência nos seria assegurada pela passagem ao estado de sensibilidade ativa.

DIDEROT. — Muito bem. Vós o dissestes.

D'ALEMBERT. — Assim a estátua tem apenas uma sensibilidade inerte; e o homem, o animal, e a própria planta, talvez, são dotados de uma sensibilidade ativa.

DIDEROT. — Existe sem dúvida essa diferença entre o bloco de mármore e o tecido de carne; mas compreendeis muito bem que não é a única.

D'ALEMBERT. — Seguramente. Qualquer que seja a semelhança existente entre a forma exterior do homem e da estátua, não há nenhuma relação entre a organização interna de ambos. O cinzel do mais hábil estatuário não produz sequer uma epiderme. Mas há um processo muito sim-

[2] Utilização típica do método analógico de Diderot, a passagem ao limite.

ples para fazer passar uma força morta ao estado de força viva; é uma experiência que se repete debaixo de nossos olhos cem vezes por dia; ao passo que não vejo bem como se faz passar um corpo do estado de sensibilidade inerte ao estado de sensibilidade ativa.

DIDEROT. — É que não quereis vê-lo. Trata-se de um fenômeno tão comum.

D'ALEMBERT. — E esse fenômeno tão comum, qual é, por favor?

DIDEROT. — Vou dizer-vos, já que desejais passar pela vergonha. Isso ocorre todas as vezes que comeis.

D'ALEMBERT. — Todas as vezes que eu como!

DIDEROT. — Sim; pois, ao comer, o que fazeis? Levantais os obstáculos que se antepunham à sensibilidade ativa do alimento. Vós o assimilais [3] a vós próprio; vós o converteis em carne; vós o animalizais; vós o tornais sensível; e o que executais com um alimento, eu executaria quando me aprouvesse com o mármore.

D'ALEMBERT. — Como assim?

DIDEROT. — Como? Torná-lo-ia comestível.

D'ALEMBERT. — Tornar o mármore comestível não me parece fácil.

DIDEROT. — É meu problema indicar-vos o processo. Tomo a estátua que vedes, meto-a num almofariz, e com fortes golpes de pilão. . .

D'ALEMBERT. — Devagar, por favor: é a obra-prima de Falconet [4]. Ainda se fosse uma peça de Huez [5] ou de um outro. . .

DIDEROT. — Isso não faz mal algum a Falconet; a estátua está paga, e Falconet faz pouco caso da consideração presente e nenhum da consideração futura.

D'ALEMBERT. — Vamos, pulverizai-a então.

DIDEROT. — Quando o bloco de mármore estiver reduzido a pó impalpável, misturo esse pó ao humo ou terra vegetal; eu os amasso bem um com o outro; rego a mistura, deixo-a putrefazendo-se um ano, dois, um século, o tempo não importa. Quando o todo estiver transformado em uma matéria quase homogênea, em humo, sabeis o que faço?

D'ALEMBERT. — Estou certo que não comeis humo.

DIDEROT. — Não, mas há um meio de união, de apropriação, entre o humo e eu, um *latus*, como vos diria o químico.

D'ALEMBERT. — E esse *latus* é a planta?

DIDEROT. — Muito bem. Semeio nele ervilhas, favas, couves e outras plantas leguminosas. As plantas se nutrem da terra e eu me nutro das plantas.

D'ALEMBERT. — Verdadeira ou falsa, gosto dessa passagem do mármore, ao humo, do humo ao reino vegetal e do reino vegetal ao reino animal, à carne. [6]

DIDEROT. — Faço pois da carne ou da alma, como diz minha filha, matéria ativamente sensível; e se não resolvo o problema que me propusestes, pelo menos me aproximo muito; pois me confessareis que bem maior é a distância de um pedaço de mármore a um ser que sente, do que de um ser que sente a um ser que pensa.

D'ALEMBERT. — Reconheço. Com tudo isso o ser sensível não é ainda o ser pensante.

DIDEROT. — Antes de dar um passo à frente, permiti que eu vos conte a história de um dos maiores geômetras da Europa. O que era a princípio esse ser maravilhoso? Nada.

D'ALEMBERT. — Como nada! De nada, nada se faz.

DIDEROT. — Tomais as palavras muito ao pé da letra. Quero dizer que antes que a mãe dele, a bela e celerada cônega Tencin, atingisse a idade púbere, antes que o militar La Touche fosse adolescente, as moléculas que deviam formar os primeiros rudimentos de meu geômetra estavam dispersas nas jovens e frágeis máquinas de um e de outro, filtraram-se com a linfa, circularam com o sangue, até que se apresentassem aos reservatórios destinados à sua coligação, os testículos

[3] A importância do processo de assimilação já é salientada por La Mettrie no Homem-máquina.
[4] Escultor francês (1716-1791), amigo de Diderot, que o recomendou a Catarina II.
[5] Escultor medíocre (1728-1793).
[6] A "cadeia dos seres" é uma das idéias-forças da época.

do pai e da mãe. [7] Eis formado esse germe raro; ei-lo, como é a opinião comum, conduzido pelas trompas de Falópio[8] à matriz; ei-lo agarrado à matriz por um longo pedículo; ei-lo, crescendo sucessivamente e avançando para o estado de feto; eis chegado o momento de sua saída da obscura prisão; ei-lo nascido, exposto sobre os degraus de Saint-Jean-Le-Rond, que lhe deu seu nome; retirado dos Enjeitados; aferrado à mama da boa vidraceira, Sra. Rousseau; aleitado, tornado grande de corpo e de espírito, literato, mecânico, geômetra. Como se produziu isso? Comendo, e por outras operações puramente mecânicas. Eis em quatro palavras a fórmula geral: Comei, digeri, destilai *in vasi licito, et fiat homo secundum artem.*[9] E aquele que expusesse à Academia[10] o progresso da formação de um homem ou de um animal não empregaria senão agentes materiais cujos efeitos sucessivos seriam um ser inerte, um ser sensível, um ser pensante, um ser que resolve o problema da precessão dos equinócios, um ser sublime, um ser maravilhoso, um ser que envelhece, que enfraquece, que morre, dissolvido e restituído à terra vegetal.

D'ALEMBERT. — Não acreditais portanto nos germes preexistentes?

DIDEROT. — Não.

D'ALEMBERT. — Ah! que prazer que me dais!

DIDEROT. — Isso é contra a experiência e a razão: contra a experiência, que procuraria inutilmente esses germes no ovo e na maior parte dos animais antes de certa idade; contra a razão, que nos ensina que a divisibilidade da matéria tem um termo na natureza, embora não tenha nenhum no entendimento, e que repugna conceber um elefante todo formado num átomo e neste átomo um outro elefante todo formado, e assim sucessivamente, até o infinito.

D'ALEMBERT. — Mas sem esses germes preexistentes, não se concebe a geração primeira dos animais.

DIDEROT. — Se a questão da prioridade do ovo sobre a galinha ou da galinha sobre o ovo vos embaraça, é porque supondes que os animais foram originariamente o que são agora.[11] Que loucura! Não sabemos o que foram assim como não sabemos o que se tornarão. O vermezinho imperceptível que se agita na lama encaminha-se talvez para o estado de grande animal; o animal enorme, que nos apavora por sua grandeza, encaminha-se talvez para o estado de vermezinho, é talvez uma produção particular momentânea deste planeta.

D'ALEMBERT. — Como foi que dissestes isso?

DIDEROT. — Eu vos dizia... Mas isso vai nos afastar de nossa primeira discussão.

D'ALEMBERT. — O que é que tem? Voltaremos a ela ou então não voltaremos.

DIDEROT. — Permitiríeis que eu me antecipe no tempo em alguns milhares de anos?

D'ALEMBERT. — Por que não? O tempo nada é para a natureza.

DIDEROT. — Consentis pois que eu extinga o nosso Sol?

D'ALEMBERT. — Tanto mais de bom grado quanto não será o primeiro que se extinguiu.

DIDEROT. — Extinto o Sol, o que acontecerá? As plantas perecerão, os animais perecerão, e eis a Terra solitária e muda. Reacendei esse astro, e no mesmo instante restabeleceis a causa necessária de uma infinidade de gerações novas entre as quais eu não ousaria assegurar que no decurso dos séculos nossas plantas, nossos animais de hoje se reproduzirão ou não se reproduzirão.

D'ALEMBERT. — E por que os mesmos elementos espersos, vindo a reunir-se, não proporcionariam os mesmos resultados?

DIDEROT. — É que tudo se mantém na natureza, e quem supõe um novo fenômeno ou faz voltar um instante passado recria um novo mundo.

[7] A história de D'Alembert é contada aqui sem rebuço, o qual certamente não deve ter gostado da franqueza. Com efeito, o célebre geômetra era filho ilegítimo do Cavaleiro Destouches e da Marquesa de Tencin. Quanto à expressão "testículos femininos", era assim que se chamava então o que hoje sabemos ser o ovário.

[8] G. Falópio (1523-1562), anatomista italiano, que estudou as trompas do mesmo nome.

[9] *In vasi licito, et fiat homo secundum artem:* "no recipiente lícito, e o homem se fez como manda a arte".

[10] Academia das Ciências.

[11] Concepção evolucionista e transformista, tal como já se delineava na *Carta sobre os Cegos*.

D'ALEMBERT. — É o que um pensador profundo não poderia negar. Mas para voltar ao homem, uma vez que a ordem geral quis que ele existisse, lembrai-vos que foi na passagem do ser sensível ao ser pensante que vós me deixastes.

DIDEROT. — Lembro-me disso.

D'ALEMBERT. — Francamente, sentir-me-ia muito grato se me tirásseis dali. Estou com um pouco de pressa de continuar pensando.

DIDEROT. — Ainda que eu não conseguisse fazê-lo, o que resultaria daí contra um encadeamento de fatos incontestável?

D'ALEMBERT. — Nada, exceto que ficaríamos aí detidos simplesmente.

DIDEROT. — E, para ir mais longe, nos seria permitido inventar um agente contraditório em seus atributos, uma palavra destituída de sentido, ininteligível? [12]

D'ALEMBERT. — Não.

DIDEROT. — Poderíeis dizer-me o que é a existência de um ser sensível, em relação a si próprio?

D'ALEMBERT. — É a consciência de ter sido ele, desde o primeiro instante de sua reflexão até o momento presente.

DIDEROT. — E no que se baseia essa consciência?

D'ALEMBERT. — Na memória de suas ações.

DIDEROT. — E sem essa memória?

D'ALEMBERT. — Sem essa memória ele não teria nada de si,[13] pois, sentindo a sua existência apenas no momento da impressão, não teria história alguma de sua vida. Sua vida seria uma seqüência interrompida de sensações que nada ligaria.

DIDEROT. — Muito bem. E o que é a memória? De onde nasce?

D'ALEMBERT. — De uma certa organização que cresce, enfraquece e se perde às vezes inteiramente.

DIDEROT. — Se, portanto, um ser que sente e que possui essa organização peculiar à memória, liga as impressões que recebe, forma por essa ligação uma história, que é a de sua vida, e adquire consciência de si, ele nega, afirma, conclui e pensa.

D'ALEMBERT. — Assim me parece; resta-me apenas uma dificuldade.

DIDEROT. — Vós vos enganais; restam-vos muitas outras.

D'ALEMBERT. — Mas uma principal; pois se me afigura que só podemos pensar numa única coisa ao mesmo tempo, e que, para formar, não digo essas enormes cadeias de raciocínios que abrangem em seu circuito milhares de idéias, mas uma simples proposição, dir-se-ia que é preciso ter presente ao menos duas coisas, o objeto que parece permanecer sob o olhar do entendimento, enquanto este se ocupa da qualidade que afirmará ou negará naquele.

DIDEROT. — Também penso assim; o que me levou às vezes a comparar as fibras de nossos órgãos a cordas vibrantes sensíveis. A corda vibrante sensível oscila, ressoa por muito tempo ainda, depois de ser dedilhada. É essa oscilação, essa espécie de ressonância necessária que mantém o objeto presente, enquanto o entendimento se ocupa da qualidade que lhe convém. Mas as cordas vibrantes gozam ainda de outra propriedade, é a de fazer outras fremir, e é assim que uma primeira idéia chama a segunda; as duas, uma terceira; todas as três, uma quarta, e assim sucessivamente, sem que possamos fixar o limite das idéias, despertadas, encadeadas, no filósofo que medita ou se ouve no silêncio e na obscuridade. Esse instrumento dá saltos surpreendentes, e uma idéia desperta fará às vezes fremir uma harmônica que dele se encontra a um intervalo incompreensível. Se o fenômeno ocorre entre as cordas sonoras, inertes e separadas, como não haverá de produzir-se entre os pontos vivos e ligados, entre as fibras contínuas e sensíveis?

D'ALEMBERT. — Se isso não for verdadeiro, é pelo menos muito engenhoso. Mas estaríamos tentados a crer que tombais imperceptivelmente no inconveniente que pretendeis evitar.

DIDEROT. — Qual?

[12] A ciência não pode estear-se em um ser ou agente tão contraditório, como já foi salientado no começo do *Diálogo*. A polêmica de Diderot com D'Alembert visa o deísmo em geral.
[13] Assimilação da memória à consciência.

D'ALEMBERT. — Pretendeis atacar a distinção das duas substâncias.[14]

DIDEROT. — Não o escondo.

D'ALEMBERT. — E se quiserdes olhar a coisa de perto, fazeis do entendimento do filósofo um ser distinto do instrumento, uma espécie de músico que presta ouvido às cordas vibrantes, e que se pronuncia sobre sua consonância ou dissonância.[15]

DIDEROT. — Pode ser que eu tenha dado motivo a essa objeção, que talvez não vos ocorreria opor se tivésseis considerado a diferença entre o instrumento filósofo e o instrumento cravo. O instrumento filósofo é sensível; é ao mesmo tempo o músico e o instrumento. Como sensível, tem a consciência momentânea do som que produz; como animal, tem dele memória. Esta faculdade orgânica, ligando os sons nele próprio, produz e aí conserva a melodia. Suponde sensibilidade e memória no cravo, e dizei-me se este não repetirá por si próprio as árias que teríeis executado em suas teclas. Nós somos instrumentos dotados de sensibilidade e de memória. Nossos sentidos são outras tantas teclas dedilhadas pela natureza que nos rodeia, e que se dedilham amiúde elas próprias; eis, a meu ver, tudo o que se passa num cravo organizado como vós e eu. Há uma impressão cuja causa está dentro ou fora do instrumento, uma sensação que nasce da referida impressão, uma sensação que dura; pois é impossível imaginar que ela se produza e que se extinga em um instante indivisível; uma outra impressão que lhe sucede, e cuja causa está similarmente dentro ou fora do animal; uma segunda sensação e vozes que as designam por sons naturais ou convencionais.

D'ALEMBERT. — Entendo. Assim, pois, se esse cravo sensível e animado fosse ainda dotado da faculdade de se nutrir e de se reproduzir, viveria e engendraria por si mesmo, ou com sua fêmea, cravinhos vivos e ressoantes.

DIDEROT. — Sem dúvida. Em vossa opinião, que outra coisa é isso se não um tentilhão, um rouxinol, um músico, um homem? E que outra diferença encontrais entre o canário e a serineta? Vedes este ovo? É com ele que se derrubam todas as escolas de Teologia e todos os templos da Terra. O que é este ovo? Certa massa insensível, antes que o germe seja nele introduzido; e depois que o germe é introduzido, o que é ainda? Certa massa insensível, pois o germe não passa, por sua vez, de um fluido inerte e grosseiro. Como passará essa massa a outra organização, à sensibilidade, à vida? Pelo calor. Quem produzirá o calor? O movimento. Quais serão os efeitos sucessivos do movimento? Em vez de me responder, sentai-vos e acompanhemo-los com os olhos de momento a momento. Primeiro é um ponto que oscila, um filete que se estende e que se colora; carne que se forma; um bico, pontas de asas, olhos, patas que aparecem; certa matéria amarelada que se divide e produz intestinos; é um animal. Este animal se move, se agita, grita; ouço seus gritos através da casca; ele se cobre de penugem; ele vê. O peso da cabeça, que oscila, leva incessantemente seu bico de encontro à parede interna de sua prisão; ei-la quebrada; ele sai dela, anda, voa, se irrita, foge, aproxima-se, sofre, ama, deseja, goza; tem todas as vossas afecções; todas as vossas ações, ele as executa. Pretendereis vós, com Descartes, que se trata de uma pura máquina imitativa? Mas as criancinhas hão de zombar de vós, e os filósofos hão de vos replicar que, se esta é uma máquina, vós sois outra. Se confessais que, entre o animal e vós há diferença apenas na *organização*, demonstrareis senso e razão, estareis de boa fé; mas concluir-se-á contra vós que, com certa matéria inerte, disposta de uma certa maneira, impregnada de uma outra matéria inerte, do calor e de movimento, obtêm-se sensibilidade, vida, memória, consciência, paixões, pensamento. Só vos resta um destes dois partidos a tomar: imaginar na massa inerte do ovo um elemento escondido que esperava o seu desenvolvimento a fim de manifestar a presença, ou supor que esse elemento imperceptível aí se insinuou através da casca, num instante determinado do desenvolvimento. Mas o que é esse elemento? Ocupava espaço, ou não ocupava espaço algum? Como veio ele, ou será que escapou, sem se mover? Onde estava? O que fazia ali ou alhures? Foi criado no instante da necessidade? Existia? Aguardava um domicílio? Homogêneo, era material,

[14] Há uma tendência monista nos materialistas do século XVIII, os quais se colocam em geral contra a tradição cartesiana ou teológica.

[15] O problema é aqui, como não poderia deixar de ser, o de estabelecer a ponte entre sensibilidade e intelecto. Pois, como se efetua a passagem entre ambos?

heterogêneo, não se concebe nem sua inércia antes do desenvolvimento, nem sua energia no animal desenvolvido. Escutai-vos e tereis piedade de vós mesmo; sentireis que, para não admitir uma suposição simples que explica tudo, a sensibilidade, propriedade geral da matéria, ou produto da organização, renunciais ao senso comum, e vos precipitais em um abismo de mistérios, contradições e absurdos.

D'ALEMBERT. —— Uma suposição! Isso vos apraz dizer. Mas se fosse uma qualidade essencialmente incompatível com a matéria?

DIDEROT. — E de onde sabeis que a sensibilidade é essencialmente incompatível com a matéria, vós que não conheceis a essência do que quer que seja, nem da matéria, nem da sensibilidade? Acaso compreendeis melhor a natureza do movimento, sua existência num corpo, e sua comunicação de um corpo a outro?

D'ALEMBERT. — Sem conceber a natureza da sensibilidade, nem a da matéria, vejo que a sensibilidade é uma qualidade simples, una, indivisível e incompatível com um sujeito ou suposto divisível.

DIDEROT. — Galimatias metafísico-teológico. Como? Então não vedes que todas as qualidades, todas as formas sensíveis de que a matéria está revestida, são essencialmente indivisíveis? Não há nem mais nem menos impenetrabilidade. Há a metade de um corpo redondo, mas não há a metade da redondeza; há mais ou menos movimento, porém não há mais nem menos movimento; não há metade, um terço, um quarto de uma cabeça, de uma orelha, de um dedo, assim como não há metade, um terço, um quarto de um pensamento. Se no universo não há uma molécula que se assemelhe a outra, em uma molécula, um ponto que se assemelhe a outro ponto, convinde que o átomo mesmo é dotado de uma qualidade, de uma forma indivisível; convinde que a divisão é incompatível com as essências das formas, pois ela as destrói. Sede físico, e convinde com a produção de um efeito quando o vedes produzido, embora não possais explicar a ligação da causa com o efeito. Sede lógico, e não substituais uma causa que existe e que explica tudo por outra causa que não se concebe, cuja ligação com o efeito se concebe ainda menos, que engendra uma multidão infinita de dificuldades e que não resolve nenhuma.

D'ALEMBERT. — Mas se eu desisto dessa causa?

DIDEROT. — Não há senão uma substância no universo, no homem, no animal. A serineta é de madeira, o homem é de carne. O canário é de carne, o músico é de uma carne diversamente organizada; mas ambos têm uma mesma origem, uma mesma formação, as mesmas funções e o mesmo fim.

D'ALEMBERT. — E como se estabelece a convenção dos sons entre os vossos dois cravos?

DIDEROT. — Um animal, sendo um instrumento sensível perfeitamente semelhante a um outro, dotado da mesma conformação, montado com as mesmas cordas, dedilhado da mesma maneira pela alegria, pela dor, pela fome, pela sede, pela cólica, pela admiração, pelo terror, é impossível que no pólo ou sob o equador emita sons diferentes. Por isso encontrareis quase as mesmas interjeições em todas as línguas mortas e vivas. Cumpre tirar da precisão e da proximidade a origem dos sons convencionais. O instrumento sensível, ou o animal, verificou que, emitindo determinado som, seguia-se determinado efeito fora dele, que outros instrumentos sensíveis parecidos com ele ou outros animais semelhantes se aproximavam, se afastavam, pediam, ofereciam, feriam, acariciavam, e tais efeitos se ligaram em sua memória e na dos outros à formação desses sons; e notai que não há no comércio dos homens senão ruídos e ações. E para dar a meu sistema toda sua força, notai ainda que está sujeito à mesma dificuldade insuperável proposta por Berkeley[16] contra a existência dos corpos. Há um momento de delírio em que o cravo sensível pensou que era o único cravo existente no mundo e que toda a harmonia do universo se passava nele.

D'ALEMBERT. — Há muita coisa a dizer a respeito.

DIDEROT. — Isso é verdade.

D'ALEMBERT. — Por exemplo, não se concebe bem, segundo vosso sistema, como formamos silogismos, nem como tiramos conseqüências.

[16] Diderot manifesta-se mais uma vez contra o idealismo de Berkeley; cf. *Carta sobre os Cegos*.

DIDEROT. — É que nós não as tiramos de modo algum: elas são todas tiradas pela natureza. Nós apenas enunciamos fenômenos conjuntos, cuja ligação é necessária ou contingente, fenômenos que nos são conhecidos pela experiência: necessários em matemática, em física e outras ciências rigorosas; contingentes em moral, em política e outras ciências conjeturais.

D'ALEMBERT. — Será que a ligação dos fenômenos é menos necessária num caso do que em outro?

DIDEROT. — Não; mas a causa sofreu demasiadas vicissitudes particulares que nos escapam, para que possamos contar infalivelmente com o efeito subseqüente. A certeza que temos de que um homem violento se irritará com uma injúria, não é a mesma que aquela de que um corpo que bate em outro menor pô-lo-á em movimento.

D'ALEMBERT. — E a analogia?

DIDEROT. —A analogia, nos casos mais complicados, não passa de uma regra de três que se executa no instrumento sensível. Se determinado fenômeno conhecido na natureza é seguido de um outro fenômeno conhecido na natureza, qual será o quarto fenômeno conseqüente a um terceiro, ou dado pela natureza, ou imaginado à imitação da natureza? Se a lança de um guerreiro comum mede dez pés de comprimento, quanto medirá a lança de Ajax? Se posso atirar uma pedra de quatro libras, Diomedes[17] deve remover um bloco de rochas. As pernadas dos deuses e os saltos de seus cavalos estarão na relação imaginada dos deuses com o homem. É uma quarta corda harmônica e proporcional a três outras de que o animal espera a ressonância que se produz sempre nele mesmo, mas que nem sempre se produz na natureza. Pouco importa ao poeta, mas nem por isso é menos verdadeira. É outra coisa para o filósofo; cumpre que ele interrogue em seguida a natureza que, dando-lhe muitas vezes um fenômeno totalmente diferente daquele que presumira, leva-o a perceber então que a analogia o seduziu.

D'ALEMBERT. — Adeus, meu amigo, boa noite e bom sono.[18]

DIDEROT. — Estais gracejando; mas sonhareis sobre vosso travesseiro com este diálogo, e se ele não assumir consistência, tanto pior para vós, pois sereis forçado a adotar hipóteses do contrário ridículas.

D'ALEMBERT. — Estais enganado; cético me deitarei, cético me levantarei.

DIDEROT. — Cético! Será que alguém é cético?

D'ALEMBERT. — Esta, agora? Não ireis me afirmar que não sou cético? E quem o sabe melhor do que eu?

DIDEROT. — Esperai um momento.

D'ALEMBERT. — Aviai-vos, pois tenho pressa de dormir.

DIDEROT. —Serei breve. Acreditais que haja uma única questão discutida a respeito da qual um homem permaneça com uma igual e rigorosa medida de razão pró e contra?

D'ALEMBERT. — Não, seria o asno de Buridã.[19]

DIDEROT. — Neste caso, não há nenhum cético, dado que, à exceção das questões de matemática, que não comportam a menor incerteza, há pró e contra em todas as outras. A balança nunca é, pois, igual, sendo impossível que não penda para o lado que julgamos mais verossímil.

D'ALEMBERT. — Mas eu vejo de manhã a verossimilhança à minha direita e, à tarde, à minha esquerda.

DIDEROT. — Isso significa que sois dogmático pró, de manhã, e dogmático contra, à tarde.

D'ALEMBERT. — E, à noite, quando me lembro dessa circunstância tão rápida de meus julgamentos, não creio em nenhum deles, nem no da manhã, nem no da tarde.

DIDEROT. — Isso significa que não vos lembrais mais da preponderância das duas opiniões entre as quais oscilastes; que tal preponderância vos parece ligeira demais para assentar um sentimento fixo, e que adotais o alvitre de não vos ocupardes de temas tão problemáticos, de abandonar sua discussão a outros e de não mais disputar a seu respeito.

D'ALEMBERT. — É possível.

[17] Rei de Argos e, como Ajax, herói da guerra de Tróia.
[18] Anúncio de *O Sonho de D'Alembert*.
[19] Argumento que ilustra a situação de quem, colocado entre dois fogos, vacila.

DIDEROT. — Mas, se alguém vos chamasse de lado e, interrogando-vos amistosamente, vos perguntasse, em sã consciência, em qual dos dois lados deparais menos dificuldades, de boa fé, ficaríeis constrangido de responder e faríeis o papel do asno de Buridã?

D'ALEMBERT. — Creio que não.

DIDEROT. — Escutai, meu amigo, se pensardes bem, verificareis que, em tudo, nosso verdadeiro sentimento não é aquele no qual jamais vacilamos; mas aquele ao qual mais habitualmente retornamos.

D'ALEMBERT. — Creio que tendes razão.

DIDEROT. — E eu também. Boa noite, meu amigo, e *memento quia pulvis es, et in pulverem reverteris.*[20]

D'ALEMBERT. — Isso é triste.

DIDEROT. — E necessário. Concedei ao homem, não digo a imortalidade, mas somente o duplo de sua duração, e vereis o que acontecerá.

D'ALEMBERT. — E o que quereis vós que aconteça? Mas o que tenho eu com isso? Que aconteça o que acontecer. Eu quero é dormir, boa noite.

[20] Lembra-te de que és pó e ao pó voltarás.

O SONHO DE D'ALEMBERT

Tradução e notas de **J. Guinsburg**

INTERLOCUTORES:

D'Alembert, Senhorita de l'Espinasse,[1] o médico Bordeu[2]

BORDEU. — Então, o que há de novo? Ele está doente?

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — É o que receio; passou uma noite das mais agitadas.

BORDEU. — Está acordado?

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Ainda não.

BORDEU. — *(Depois de se aproximar do leito de D'Alembert e lhe apalpar o pulso e a pele.)* — Não há de ser nada.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Credes mesmo?

BORDEU. — Respondo por isso. O pulso está bom... um pouco fraco... a pele umedecida... a respiração fácil.

SENHORITA DE l'ESPINASSE.— Não é preciso lhe fazer nada?

BORDEU. — Nada.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Tanto melhor, pois detesta os remédios.

BORDEU. — E eu também. O que foi que ele comeu à ceia?

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Não quis provar nada. Não sei onde passou o serão, mas voltou preocupado.

BORDEU. — Trata-se de um pequeno movimento febril sem nenhuma conseqüência.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Voltando para casa, pegou seu robe e seu barrete de dormir, e atirou-se na sua poltrona, onde adormeceu.

BORDEU. — O sono é bom em toda parte, mas seria melhor na cama.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Ele se zangou com Antoine, que lhe dizia isso; foi preciso sacudi-lo cerca de meia hora para fazê-lo deitar-se.

BORDEU. — É o que me sucede todos os dias, embora eu me sinta bem de saúde.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Quando deitado, em vez de repousar, como é de seu costume, pois dorme qual uma criança, começou a virar-se e a revirar-se, a esticar os braços, a afastar as cobertas e a falar alto.

BORDEU. — E o que dizia? Coisas de geometria?

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Não; aquilo tinha toda a aparência de delírio. Era, ao começar, um galimatias de cordas vibrantes e fibras sensíveis. Aquilo me pareceu tão louco que, resolvida a não desampará-lo durante a noite e não sabendo o que fazer, aproximei uma mesinha ao pé de seu leito, e me pus a escrever tudo quanto pude apanhar de seu pesadelo.

BORDEU. — Boa idéia, que é bem de vosso feitio. E pode-se ver isso?

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Sem dificuldade; mas quero morrer, se compreenderdes algo.

[1] Julie de l'Espinase (1732-1776), com quem D'Alembert teve uma ligação sentimental, e em cujo salão se reuniam os enciclopedistas.

[2] Médico e colaborador da *Enciclopédia*, Théophile Bordeu (1722-1776) gozou de grande notoriedade por suas pesquisas e sua ação profissional.

BORDEU. — Talvez.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Doutor, estais pronto?

BORDEU. — Sim.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Escutai. "Um ponto vivo... Não, estou enganado. Nada a princípio, depois um ponto vivo... A este ponto vivo é aplicado outro, depois outro; e por semelhantes aplicações sucessivas resulta um ser uno, pois eu sou realmente uno, eu não poderia duvidar disso... (Dizendo isso, ele se apalpava por toda parte.) Mas como se terá feito essa unidade? (Ah!, meu amigo, disse-lhe eu, que vos importa? Dormi... Ele se calou. Após um momento de silêncio, recomeçou como se dirigisse a palavra a alguém.) Olhai, filósofo, vejo realmente um agregado, um tecido de pequenos seres sensíveis, mas um animal!... um todo!, um sistema uno, com consciência de sua unidade![3] Não vejo, não, não o vejo..." Doutor, entendeis algo disso?

BORDEU. — Às mil maravilhas!

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Sois bem feliz... "Minha dificuldade provém talvez de uma falsa idéia."

BORDEU. — Sois vós quem estais falando?

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Não, é o sonhador.

Vou prosseguir... Ele acrescentou, apostrofando-se a si mesmo:

"Meu amigo D'Alembert, tomai cuidado, supondes apenas contigüidade onde há continuidade... Sim, ele é bastante esperto para me dizer isso... E a formação dessa continuidade? Ela quase não o atrapalhará... Como uma gota de mercúrio se funde em outra gota de mercúrio, uma molécula sensível e viva se funde em outra molécula sensível e viva... A princípio havia duas gotas, após o contato não há mais do que uma. Antes da assimilação, havia duas moléculas, após a assimilação não há mais do que uma... A sensibilidade torna-se comum à massa comum... Com efeito, por que não?... Eu distinguirei pelo pensamento, sobre o comprimento da fibra animal, tantas partes quantas me aprouver, mas a fibra será contínua, una... sim, una... O contato de duas moléculas homogêneas, perfeitamente homogêneas, forma a continuidade... e trata-se da união, da coesão, da combinação, da identidade mais completa que se possa imaginar... Sim, filósofo, se tais moléculas forem elementares e simples; mas se forem agregados, se foram compostos?... A combinação nem por isso deixará de efetuar-se, e, em conseqüência, a identidade, a continuidade... Além disso, a ação e a reação habituais... É certo que o contato de duas moléculas vivas é uma coisa completamente diferente do que a contigüidade de duas massas inertes... Adiante, adiante; poder-se-ia talvez chicanar-vos; mas não é isso que me preocupa; jamais procuro apenas criticar... Entretanto, voltemos ao assunto. Um fio de ouro muito puro, lembro-me disso, é uma das comparações que ele me apresentou; uma rede homogênea, entre cujas moléculas outras se interpõem e formam talvez outra rede homogênea, um tecido de matéria sensível, um contato que assimila, sensibilidade ativa aqui, inerte ali, que se comunica como o movimento, sem contar, como ele disse muito bem, que deve haver no caso diferença entre o contato de duas moléculas sensíveis e o contato de duas moléculas que não o sejam; e essa diferença, qual pode ser?... Uma ação e uma reação habituais... essa ação e reação com um caráter particular... Tudo concorre portanto para produzir uma espécie de unidade, que existe apenas no animal... Por Deus, se isso não é verdade, parece muito..." Estais rindo, doutor; encontrais algum sentido nisso?

BORDEU. — Muito.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Ele não está portanto louco?

BORDEU. — De maneira nenhuma.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Após tal preâmbulo, começou a gritar: "Senhorita de l'Espinasse! Senhorita de l'Espinasse! — O que desejais? — Já vistes alguma vez um enxame de

[3] Diderot parece adivinhar aqui, nestas mônadas quase leibnizianas, a teoria celular. Contudo, segundo Paul Verniere (Diderot, *Oeuvres Philosophiques*, pág. 288, n. 2), ele a deve a Maupertuis, cujo *Essai sur la formation des corps organisés* "pressentia a organização celular dos seres vivos e admitia que as moléculas sensíveis, agregando-se para formar o animal, perdiam consciência de sua individualidade para adquirir uma consciência coletiva".

abelhas escapar de sua colmeia?... O mundo, ou a massa geral da matéria, é a colmeia... Já as vistes formar na ponta do galho de uma árvore um longo cacho de pequenos animais alados, todos aferrados uns aos outros pelas patas? Esse cacho é um ser, um indivíduo, um animal qualquer... Mas tais cachos deveriam assemelhar-se todos... Sim, se ele não admitisse senão uma única matéria homogênea... Já os vistes? — Sim, já os vi. — Já os vistes? — Sim, meu amigo, eu vos disse que sim. — Se uma dessas abelhas resolve picar de uma maneira qualquer a abelha à qual está aferrada, o que julgais que acontece? Dizei, então... — Não sei de nada. — Dizei ainda assim... Vós ignorais, portanto, mas o filósofo não ignora. Se algum dia o virdes, e vós o vereis ou não o vereis, pois ele me prometeu, ele vos dirá que a outra picará a seguir, que no cacho à qual está aferrada, o que julgais que acontece? Dizei, então... — Não sei de nada. — Dizei ainda assim... Vós ignorais, portanto, mas o filósofo não ignora. Se algum dia o virdes, e vós o vereis ou não o vereis, pois ele me prometeu, ele vos dirá que aquela picará a seguinte, que no cacho todo se excitarão tantas sensações quantos animaizinhos há; que o conjunto se agitará, se mexerá, mudará de situação e de forma; que se elevarão ruídos, pequenos gritos, e que aquele que nunca tivesse visto um cacho assim dispor-se, sentir-se-ia tentado a tomá-lo por um animal de quinhentas ou seiscentas cabeças e de mil ou mil e duzentas asas..." E então, doutor?

BORDEU. — E então sabei que esse sonho é muito belo, e que procedestes muito bem em escrevê-lo.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Estais também sonhando?

BORDEU. — Tão pouco que eu me comprometeria quase a dizer-vos a continuação.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Eu vos desafio.

BORDEU. — Vós me desafiais?

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Sim.

BORDEU. — E se eu descobri-la?

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Se a descobrirdes, prometo-vos... prometo-vos considerar-vos o maior louco existente no mundo.

BORDEU. — Olhai para vosso papel e escutai-me: O homem que tomasse semelhante cacho por um animal enganar-se-ia; mas senhorita, presumo que ele continuou a dirigir-vos a palavra. Quereis que ele julgue mais sadiamente? Quereis transformar o cacho de abelhas em um só e único animal? Amolecei as patas pelas quais elas se seguram; de contíguas que eram, tornai-as contínuas. Entre o novo estado do cacho e o anterior, há certamente acentuada diferença; e qual há de ser essa diferença se não que agora ele é um todo, um animal uno, e que antes era apenas uma reunião de animais?... Todos os nossos órgãos...

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Todos os nossos órgãos!

BORDEU. — Para quem exerce a medicina e efetua algumas observações...

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — E depois?

BORDEU. — E depois? Não passam de animais distintos que a lei da continuidade mantém numa simpatia, numa unidade, numa identidade gerais.

BORDEU. — Duvidar-se-ia. É tudo?

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Oh! não, não chegastes ao fim. Após vosso despautério ou o dele, ele me disse: "Senhorita? — Meu amigo. — Aproximai-vos... mais... mais... Desejaria propor-vos uma coisa. — O que é? — Olhai esse cacho, ei-lo, vós o supondes realmente ali, ali; façamos uma experiência. — Qual? — Tomai vossa tesoura; ela corta bem? — Admiravelmente. — Aproximai-vos devagar, muito devagar, e separai-me essas abelhas, mas cuidai de não as dividir pela metade do corpo, cortai exatamente no lugar em que elas se assimilaram pelas patas. Não temais nada, haveis de feri-las um pouco, mas não haveis de matá-las... Muito bem, sois destra qual uma fada... Vede como saem voando cada uma de seu lado? Elas saem voando uma a uma, duas a duas, três a três. Quantas há! Se nem me compreendestes... vós me compreendestes bem? — Muito bem. — Suponde agora... suponde..." Por Deus, doutor, eu entendia tão pouco o que estava escrevendo; ele falava tão baixinho, essa passagem de minha anotação encontra-se tão borrada, que não consigo lê-la.

BORDEU. — Eu a completarei, se quiserdes.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Se puderdes.

BORDEU. — Nada mais fácil. Suponde essas abelhas tão pequenas, tão pequenas que sua organização escapasse sempre ao gume grosseiro de vossa tesoura: levaríeis a divisão tão longe quanto vos aprouvesse, sem matar nenhuma; e esse todo, formado de abelhas imperceptíveis, será um verdadeiro pólipo que só vos seria dado destruir esmagando-o. A diferença entre o cacho de abelhas contínuas e o cacho de abelhas contíguas é precisamente a que se estabelece entre animais ordinários, tais como nós, os peixes, e os vermes, as serpentes e os animais poliposos; notai que toda essa teoria sofre algumas modificações. *(Neste ponto, a Senhorita de l'Espinasse se levanta subitamente e vai puxar o cordão da sineta.)* Devagar, devagar, senhorita, senão ireis despertá-lo, e ele precisa de repouso.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Não pensei nisso, tão perplexa estou. *(Para o criado que entra.)* Quem de vós esteve em casa do doutor?

O CRIADO. — Eu, senhorita.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Faz muito tempo?

O CRIADO. — Não faz uma hora que voltei.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Nada levastes para lá?

O CRIADO. — Nada.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. —Papel nenhum?

O CRIADO. — Nenhum.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Então está bem, ide... Estou pasmada. Escutai, doutor, suspeitei que um deles vos tivesse comunicado minhas garatujas.

BORDEU. — Asseguro-vos que não houve nada disso.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Agora que conheço vosso talento, vós me sereis de grande auxílio na sociedade. O pesadelo dele não ficou nisso.

BORDEU. — Tanto melhor.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Nada vedes aí de deplorável?

BORDEU. — Absolutamente nada.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Ele prosseguiu... "Pois bem, filósofo, concebeis portanto pólipos de toda espécie, inclusive pólipos humanos?... Mas a natureza não os oferece."

BORDEU. — Ele não sabia das duas meninas que estavam presas uma à outra pela cabeça, pelos ombros, pelas costas, pelas nádegas e pelas coxas, que viveram assim ligadas até a idade de vinte anos, e que morreram com um intervalo de alguns minutos. O que disse ele em seguida?

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Desatinos que só se ouvem nos asilos de loucos. Disse: "Isso passou ou isso virá. Além do mais, quem sabe qual o estado das coisas nos outros planetas?"

BORDEU. — Talvez não seja necessário ir tão longe.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — "Em Júpiter ou em Saturno, pólipos humanos! Os machos resolvendo-se em machos, as fêmeas em fêmeas, isso é engraçado..." (Aí, pôs-se a dar gargalhadas assustadoras.)

"O homem resolvendo-se em uma infinidade de homens atômicos, que são encerrados entre folhas de papel como ovos de insetos, que tecem seus casulos, que permanecem um certo tempo em crisálidas, que furam seus casulos e que escapam como borboletas, uma sociedade de homens formada, uma província inteira povoada com os restos de um só, isso é realmente agradável de imaginar..." (Depois as gargalhadas recomeçaram.) "Se o homem se resolve algures em uma infinidade de homens animálculos, deve haver aí menos repugnância em morrer; a perda de um homem é aí tão facilmente reparada, que deve causar pouco pesar."

BORDEU. — Esta extravagante suposição é quase a história real de todas as espécies de animais subsistentes e vindouras. Se o homem não se resolve em uma infinidade de homens, ele se resolve, pelo menos, em uma infinidade de animálculos, cujas metamorfoses e cuja organização futura e derradeira é impossível prever. Quem sabe se não é o viveiro de uma segunda geração de seres, separados desta por um intervalo incompreensível de séculos e desenvolvimentos sucessivos?

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — O que resmungais aí baixinho, doutor?

BORDEU. — Nada, nada, estava sonhando por minha vez. Senhorita, continuai a ler.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — "Considerando bem as coisas, no entanto, prefiro nossa

maneira de repovoar, acrescentou... Filósofo, vós que sabeis o que se passa ali ou alhures, dizei-me, a dissolução de diferentes partes não produz homens de diferentes caracteres? O cérebro, o coração, o peito, os pés, as mãos, os testículos... Oh! como isso simplifica a moral... Um homem nascido, uma mulher procedente..." (Doutor, permitireis que eu passe adiante...) "Um quarto quente, atapetado de pequenos cartuchos e sobre cada um dos cartuchos uma etiqueta: guerreiros, magistrados, filósofos, poetas, cartucho de cortesãs, cartucho de devassas, cartucho de reis."

BORDEU. — Isso é bem divertido e bem extravagante. É o que se chama sonhar, e uma visão que me conduz a alguns fenômenos bastante singulares.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — A seguir, pôs-se a resmungar não sei o que a respeito de grãos, de pedaços de carne submetidos à maceração na água, de diferentes raças de animais sucessivos, que via nascer e passar. Imitara com a mão direita o tubo de um microscópio, e com a esquerda, creio, o orifício de um vaso. Olhava o vaso através desse tubo, e dizia: "Que Voltaire graceje a respeito quanto quiser, mas o Anguillard [4] tem razão; creio em meus olhos; eu os vejo: quantos há! como vão! como vêm! como se remexem!..." O vaso em que percebia tantas gerações momentâneas, ele o comparava ao universo; via em uma gota de água a história do mundo. Essa idéia parecia-lhe grande; afigurava-se-lhe inteiramente conforme à boa filosofia, que estuda os grandes corpos nos pequenos. Dizia: "Na gota de água de Needham, tudo se executa e se passa num piscar de olhos. No mundo, o mesmo fenômeno dura um pouco mais; mas o que é a nossa duração comparada à eternidade dos tempos? Menos que a gota que peguei com a ponta de uma agulha, comparada ao espaço ilimitado que me rodeia. Seqüência indefinida de animálculos no átomo que fermenta, a mesma seqüência indefinida de animálculos no outro átomo que se chama Terra. Quem conhece as raças de animais que nos precederam? Quem conhece as raças de animais que sucederão às nossas? Tudo muda, tudo passa, só o todo permanece. O mundo começa e acaba incessantemente, está a cada instante no início e no fim; nunca houve outro e nunca haverá outro.

"Neste imenso oceano de matéria, não existe molécula que se assemelhe a outra molécula, molécula que se assemelhe a si própria por um instante: *Rerum novus nascitur ordo,* [5] eis sua inscrição eterna...." Depois ajuntou, suspirando: "Ó vaidade de nossos pensamentos! Ó pobreza da glória e de nossos trabalhos! Ó miséria! Ó pequeneza de nossas concepções! Não há nada sólido exceto beber, comer, viver, amar e dormir... Senhorita de l'Espinasse, onde estais? — Aqui estou". — Então seu rosto tomou cor. Quis apalpar-lhe o pulso, mas não sei onde escondeu a mão. Parecia experimentar uma convulsão. Sua boca entreabrira-se, sua respiração era apressada; soltou um profundo suspiro, depois um suspiro mais fraco e mais profundo ainda; virou a cabeça no travesseiro e adormeceu. Eu o observava com atenção, estava toda comovida sem saber por que, o coração me batia, e não era de medo. Ao cabo de alguns momentos, vi um ligeiro sorriso errar sobre seus lábios. Murmurava bem baixinho: "Em um planeta onde os homens se multiplicassem à maneira de peixes, onde a ova de um homem estivesse comprimida sobre a ova de uma mulher... Eu sentiria menos pesar... Cumpre não perder nada do que pode ter utilidade. Senhorita, se isso pudesse ser recolhido, encerrado num frasco e enviado de manhã cedo a Needham..." Doutor, e vós não denominais isso desatino?

BORDEU. — Perto de vós, certamente.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Perto de mim, longe de mim, é a mesma coisa, e vós não sabeis o que estais dizendo. Eu esperava que o resto da noite fosse tranqüilo.

BORDEU. — Isso produz comumente semelhante efeito.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — De modo algum; pelas duas horas da madrugada ele voltou à sua gota de água, que chamava um mi... cro....

BORDEU. — Um microcosmo.

[4] *Anguille* — enguia. Apelido dado por Voltaire a John Tuberville Needham (1713-1781), padre e naturalista inglês, que acreditava na possibilidade de as enguias se desenvolverem, sem uma ação externa, na farinha fermentada, bem como na geração espontânea em geral.

[5] *Rerum novus nascitur ordo:* "Uma nova ordem de coisas nasce".

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — É a palavra que usou. Admirava a sagacidade dos antigos filósofos. Dizia ou levava seu filósofo a dizer, não sei qual dos dois: "Se Epicuro, [6] quando assegurava que a terra continha os germes de tudo, e que a espécie animal era produto da fermentação, se propusesse a mostrar uma imagem em ponto pequeno do que se fizera em ponto grande na origem dos tempos, o que iriam responder-lhe?... E vós tendes diante de vossos olhos tal imagem, e ela não vos ensina nada... Quem sabe se a fermentação e seus produtos se esgotaram? Quem sabe em que instante da sucessão dessas gerações animais nós nos encontramos? Quem sabe se esse bípede deformado, que mede apenas alguns pés de altura, que mesmo na vizinhança do pólo se chama homem, e que não tardaria a perder esse nome deformando-se um pouco mais, não é a imagem de uma espécie que passa? Quem sabe se não acontece o mesmo com todas as espécies de animais? Quem sabe se tudo não tende a reduzir-se a um grande sedimento inerte e imóvel? Quem sabe qual será a duração dessa inércia? Quem sabe que raça nova pode resultar de novo de um conglomerado tão grande de pontos sensíveis e vivos? Por que não um só animal? O que era o elefante na sua origem? Talvez o animal enorme tal como ele nos parece, talvez um átomo, pois ambos são igualmente possíveis, não supondo senão o movimento e as propriedades diversas da matéria... O elefante, essa massa enorme, organizada, o produto súbito da fermentação! Por que não? A relação desse grande quadrúpede com sua matriz primeira é menor que a do vermezinho com a molécula de farinha que o produz; mas o vermezinho não passa de um vermezinho... Isso quer dizer que a pequenez que vos subtrai sua organização tira-lhe o maravilhoso... O prodígio é a vida, é a sensibilidade; e esse prodígio não é mais um... Depois que vi a matéria inerte passar ao estado sensível, nada mais deve me espantar. Que comparação de um pequeno número de elementos, postos em fermentação na concha de minha mão, com esse reservatório imenso de elementos diversos esparsos nas entranhas da terra, em sua superfície, no seio dos mares, na vaga dos ares!... Entretanto, visto que as mesmas causas subsistem, por que cessaram os efeitos? Por que não vemos mais o touro perfurar o solo com o chifre, apoiar as patas contra o solo e esforçar-se para desprender daí o corpo pesado?... Deixai passar a raça atual de animais subsistentes; deixai o grande sedimento inerte atuar alguns milhões de séculos. Talvez seja preciso, para renovar as espécies, dez vezes mais tempo do que é concedido à sua duração. Esperai, e não vos apresseis em pronunciar-vos sobre o grande trabalho da natureza. Tendes dois grandes fenômenos, a passagem do estado de inércia ao estado de sensibilidade, e as gerações espontâneas; que vos sejam suficientes: tirai deles justas conseqüências, e numa ordem de coisas onde não há grande nem pequeno, nem duradouro, nem passageiro absolutos, acautelai-vos contra o sofisma do efêmero..." [7] Doutor, o que é o sofisma do efêmero?

BORDEU. — É o de um ser passageiro que crê na imortalidade das coisas.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — A rosa de Fontenelle [8] que dizia que ninguém, na memória de rosa, vira morrer um jardineiro?

BORDEU. — Precisamente; isto é leve e profundo.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Por que é que vossos filósofos não se exprimem com a mesma graça? Assim os entenderíamos.

BORDEU. — Francamente, não sei se esse tom frívolo convém aos temas graves.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — O que chamais vós de tema grave?

BORDEU. — Ora, a sensibilidade geral, a formação do ser sensível, sua unidade, a origem dos animais, sua duração, e todas as questões relativas a isso.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — De minha parte, chamo isso de loucuras com as quais permito sonhar quando se dorme, mas com as quais um homem de bom senso acordado nunca se ocupará.

BORDEU. — E por que assim, se vos apraz?

[6] O materialismo antigo, e sobretudo Epicuro através de Lucrécio, é uma influência constante no pensamento de Diderot.

[7] Cf. *Carta sobre os Cegos.*

[8] Escritor francês (1657-1757), autor do apreciado *Entretien sur la pluralité des mondes,* onde figura o apólogo das rosas, acima mencionado.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — É que umas são tão claras que é inútil procurar a razão, outras tão obscuras que não se vê absolutamente nada, e todas são da mais perfeita inutilidade.

BORDEU. — Julgais, senhorita, que seja indiferente negar ou admitir uma inteligência suprema?

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Não.

BORDEU. — Julgais que se possa tomar posição sobre a inteligência suprema, sem saber o que se há de fazer com a matéria e suas propriedades, com a distinção das duas substâncias, com a natureza do homem e a produção dos animais?

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Não.

BORDEU. — Tais questões não são portanto tão ociosas quanto pretendíeis.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Mas o que me adianta sua importância, se eu não poderia esclarecê-las?

BORDEU. — E como podereis esclarecê-las, se não as examinais? Mas poderia eu perguntar-vos quais vos parecem tão claras que o seu exame se vos afigure supérfluo?

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — As de minha unidade, de meu eu, por exemplo. Por Deus! parece-me que não é preciso tagarelar tanto para saber que eu sou eu, que sempre fui eu, e que jamais serei outra.

BORDEU. — Sem dúvida o fato é claro, mas a razão do fato não o é de modo algum, sobretudo na hipótese daqueles que admitem apenas uma substância e que explicam a formação do homem ou do animal em geral pela sucessiva aposição de muitas moléculas sensíveis. Cada molécula sensível tinha seu eu antes da aplicação; mas como é que o perdeu, e como é que de todas essas perdas resulta a consciência de um todo?

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Parece-me que basta o contato. É uma experiência que fiz centenas de vezes... Mas esperai... É preciso que eu vá verificar o que se passa entre aquelas cortinas... Ele dorme... Quando coloco a minha mão sobre a minha coxa, sei muito bem a princípio que minha mão não é minha coxa, mas algum tempo depois, quando o calor é igual em ambas, deixo de distingui-las; os limites das duas partes se confundem e elas constituem uma só coisa.

BORDEU. — Sim, até que alguém pique uma ou outra; então a distinção renasce. Há portanto em vós algo que não ignora se é vossa mão ou vossa coxa que foi picada, e esse algo não é vosso pé, não é sequer vossa mão picada é ela que sofre, mas é outra coisa que o sabe e que não sofre.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Mas eu creio que é minha cabeça.

BORDEU. — A vossa cabeça toda?

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Não, escutai, doutor, vou explicar-me por uma comparação, as comparações são quase toda a razão das mulheres e dos poetas. Imaginai uma aranha...

D'ALEMBERT. — Quem está aí?... Sois vós, senhorita de l'Espinasse?

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Quieto... Quieto... *(A Senhorita de l'Espinasse e o doutor guardam silêncio por algum tempo, em seguida a Senhorita de l'Espinasse diz em voz baixa:)* — Creio que adormeceu de novo.

BORDEU. — Não, parece-me que ouço algo.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Tendes razão, será que recomeçou a sonhar?

BORDEU. — Ouçamos.

D'ALEMBERT. — Por que sou assim? Foi preciso que eu fosse assim... Aqui, sim, mas alhures? No pólo? Mas sob a linha do equador? Mas em Saturno?... Se uma distância de algumas mil léguas muda minha espécie, o que não fará o intervalo de alguns milhares de diâmetros terrestres?... E se tudo é um fluxo geral, como o espetáculo do universo me mostra em toda parte, o que não produzirão aqui e alhures a duração e as vicissitudes de alguns milhões de séculos? Quem sabe o que é o ser pensante e sensível em Saturno?... Mas existem em Saturno sentimento e pensamento?... Por que não?... O ser sensível e pensante em Saturno teria mais sentido do que tenho?... Se for assim, ah! como é infeliz o saturnino!... Mais sentidos, mais necessidades.

BORDEU. — Ele tem razão; os órgãos produzem as necessidades, e reciprocamente as necessidades produzem os órgãos.[9]

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Doutor, delirais também?

BORDEU. — Por que não? Vi dois cotos tornarem-se com o tempo dois braços.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Mentis.

BORDEU. — É verdade; mas, à falta de dois braços, que faltavam, vi duas omoplatas se alongarem, moverem-se em pinça e tornaram-se dois cotos.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Que loucura!

BORDEU. — É fato. Suponde uma longa série de gerações manetas, suponde esforços contínuos, e vereis os dois lados dessa pinça se estenderem, se estenderem cada vez mais, se cruzarem sobre as costas, voltarem para a frente, talvez se digitarem nas extremidades, e reconstituírem braços e mãos. A conformação original se altera ou se aperfeiçoa pela necessidade e pelas funções habituais. Andamos tão pouco, trabalhamos tão pouco e pensamos tanto, que não desespero que o homem acabe sendo apenas uma cabeça.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Uma cabeça! Uma cabeça! É muito pouco; espero que a galanteria desenfreada... Vós me suscitais idéias bem ridículas.

BORDEU. — Quieta.

D'ALEMBERT. — Sou portanto assim, porque foi preciso que eu fosse assim. Mudai o todo, vós me mudareis necessariamente; mas o todo muda sem cessar... O homem não é senão um efeito comum, o monstro apenas um efeito raro; ambos são igualmente naturais, igualmente necessários, e encontram-se igualmente na ordem universal e geral... E o que há de espantoso nisso?... Todos os seres circulam uns nos outros, por conseguinte todas as espécies... tudo está em um fluxo perpétuo... Todo animal é mais ou menos homem; todo mineral é mais ou menos planta; toda planta é mais ou menos animal. Não há nada de preciso na natureza... A fita do Padre Castel...[10] Sim, Padre Castel, é vossa fita e é apenas isso. Toda coisa é mais ou menos uma coisa qualquer mais ou menos terra, mais ou menos água, mais ou menos ar, mais ou menos fogo; mais ou menos de um reino ou de um outro... portanto, nada é da essência de um ser particular... Não, sem dúvida, posto que não há nenhuma qualidade de que algum ser não seja participante... e que é a relação mais ou menos grande dessa qualidade que nos leva a atribuí-la a um ser com exclusão de um outro... E vós falais de indivíduos, pobres filósofos! Deixai de lado vossos indivíduos; respondei-me. Há na natureza um átomo rigorosamente similar a outro átomo?... Não... Não convindes que tudo depende da natureza e que é impossível que haja um vazio na cadeia? O que pretendeis pois dizer com vossos indivíduos? Não os há, absolutamente, não os há... Existe apenas um único e grande indivíduo, é o todo.[11] Neste todo, como numa máquina, num animal qualquer, há uma parte que chamareis assim ou de outro modo; mas quando concedeis o nome de indivíduo a essa parte do todo, é por um conceito tão falso quanto se, numa ave, atribuísseis o nome de indivíduo à asa, a uma pena da asa... E vós falais de essências, pobres filósofos! Deixai de lado vossas essências. Vede a massa geral, ou se, para abrangê-la, tendes imaginação demasiado estreita, vede vossa origem primeira e vosso fim derradeiro... Ó Arquitas![12] vós que medistes o globo, o que sois? Um pouco de cinzas... O que é um ser?... A soma de um certo número de tendências... Acaso posso ser outra coisa além de uma tendência?... Não, vou a um termo... E as espécies?... As espécies não passam de tendências com um termo comum que lhes é próprio... E a vida?... A vida, uma série de ações e reações. *Vivo*, ajo e reajo em massa... Morto, ajo e reajo em moléculas... Nunca morro, portanto?... Não,

[9] Não se trata da clara antecipação da célebre fórmula lamarckiana, segundo a qual a função faz o órgão? Se a plena consciência da concepção acima é discutível, para muitos comentadores, a intuição não o é. Cabe observar, porém, que a partir de Buffon e sobretudo Maupertuis, o transformismo está na ordem do dia.

[10] Jesuíta, que foi amigo de Diderot e que inventou um "cravo ocular" onde, por meio de fitas multicores, os matizes visavam a figurar as notas. Como se vê, um "instrumento" simbolista por excelência, não sendo de estranhar o interesse que Baudelaire lhe dedicou.

[11] Recusa do atomismo mecanicista, e concepção — a partir da monadologia leibniziana ou da unidade natureza-divindade imanente — de um materialismo vitalista.

[12] Filósofo, matemático e físico grego do IV século a.C. Referência a uma ode de Horácio *(Odes*, I, 28).

sem dúvida, não morro neste sentido, nem eu, nem quem quer que seja... Nascer, viver e passar é mudar de formas... E que importa uma forma ou outra? Cada forma tem a ventura e a desventura que lhe é peculiar. Desde o elefante até o pulgão... desde o pulgão até a molécula sensível e viva, a origem de tudo, não há um ponto da natureza inteira que não sofra ou que não goze.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Ele não diz mais nada.

BORDEU. — Não; ele efetuou um excurso bastante belo. Eis bem alta filosofia; neste momento, apenas sistemática, creio que quanto mais os conhecimentos do homem progredirem, mais ela se comprovará.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — E nós, onde estávamos?

BORDEU. — Por minha fé, não me lembro mais; ele me recordou tantos fenômenos, enquanto eu o ouvia!

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Esperai, esperai... eu estava na minha aranha.

BORDEU. — Sim, sim.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Doutor, aproximai-vos. Imaginai uma aranha no centro de sua teia. Abalai um fio, e vereis o animal alertado acudir. Pois bem! E se os fios que o inseto tira de seus intestinos, e aí os recolhe quando lhe apraz, fizessem parte sensível dele próprio?...

BORDEU. — Eu vos entendo. Imaginais em vós, algures, em um recanto de vossa cabeça, aquele, por exemplo, que se chama as meninges, um ou vários pontos onde se relacionam todas as sensações excitadas ao longo dos fios.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — É isso.

BORDEU. — Vossa idéia não poderia ser mais justa; mas não vedes que é quase a mesma que a de um certo cacho de abelhas?

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Ah! isso é verdade; eu fazia prosa sem o saber.[13]

BORDEU. — E prosa da muito boa, como vereis. Quem conhece o homem apenas sob a forma em que ele se nos apresenta ao nascer, não tem a menor idéia dele. Sua cabeça, seus pés, suas mãos, todos seus membros, todas suas vísceras, todos seus órgãos, seu nariz, seus olhos, suas orelhas, seu coração, seus pulmões, seus intestinos, seus músculos, seus ossos, seus nervos, suas membranas são, a bem dizer, apenas os desenvolvimentos grosseiros de uma rede que se forma, cresce, se estende e lança uma multidão de fios imperceptíveis.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — É a minha teia; e o ponto originário de todos esses fios é a minha aranha.

BORDEU. — Muito bem.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Onde estão os fios? Onde está colocada a aranha.

BORDEU. — Os fios estão em toda parte; não há ponto à superfície de vosso corpo ao qual não cheguem; e a aranha está aninhada em uma parte de vossa cabeça que eu vos nomeei, as meninges, à qual não se poderia quase tocar sem entorpecer toda a máquina.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Mas se um átomo faz oscilar um dos fios da teia da aranha, ela recebe o alarma, ela se inquieta, ela foge ou acorre. No centro, é instruída de tudo o que se passa em qualquer ponto que seja do imenso apartamento que atapetou. Por que é que eu não sei o que se passa no meu, isto é, o mundo, já que sou um novelo de pontos sensíveis, já que tudo me preme e eu premo tudo?

BORDEU. — É que as impressões se debilitam devido à distância de onde partem.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Quando desferimos o mais ligeiro golpe na extremidade de uma longa viga, eu ouço a pancada, se meu ouvido está aplicado à outra extremidade. Tocasse esta viga com uma ponta a Terra e com a outra, Sírio, o mesmo efeito se produziria. Por que então, sendo tudo ligado, contíguo, isto é, sendo a viga existente e real, não ouço o que se passa no espaço imenso que me envolve, sobretudo se lhe presto ouvido?

BORDEU. — E quem vos disse que não ouvis mais ou menos? Mas vem de tão longe, a impressão é tão fraca, tão cruzada no caminho; estais tão rodeada e ensurdecida por ruídos tão

[13] Locução extraída do *Burguês Gentil-Homem*, de Molière, e que se tornou corrente em francês, para significar: acertar sem querer.

violentos e tão diversos; é que entre Saturno e vós só há corpos contíguos, ao passo que deveria haver continuidade.[14]

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — É realmente pena.

BORDEU. — É verdade, pois seríeis Deus. Por vossa identidade com todos os seres da natureza, saberíeis tudo o que se faz; por vossa memória, saberíeis tudo que nela se fez.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — E o que se fará?

BORDEU. — Formaríeis sobre o futuro conjeturas verossímeis, porém sujeitas a erro. É precisamente como se procurásseis adivinhar o que vai se passar dentro de vós, na ponta de vosso pé ou de vossa mão.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — E quem vos afirmou que esse mundo também não tem suas meninges, ou que em algum recanto do espaço não reside uma grande ou pequena aranha cujos fios se estendem a tudo?

BORDEU. — Ninguém, e menos ainda que ela não existiu ou que não existirá.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Como essa espécie de Deus...

BORDEU. — O único que se concebe...

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Poderia ter existido, ou surgir e passar?

BORDEU. — Sem dúvida, mas, sendo matéria no universo, porção do universo, sujeito a vicissitudes, envelheceria, morreria.[15]

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Mais eis na verdade outra extravagância que me ocorre.

BORDEU. — Dispenso-vos de enunciá-la, sei qual é.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Vejamos, qual é?

BORDEU. — Vedes a inteligência unida a porções de matéria muito enérgicas, bem como a possibilidade de toda sorte de prodígios imagináveis. Outros pensaram como vós.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Vós adivinhastes o que eu pensava e nem por isso eu vos aprecio mais. Cumpre que tenhais um maravilhoso pendor para a loucura.

BORDEU. — Concordo. Mas o que tem essa idéia de assustadora? Seria uma epidemia de bons e maus gênios; as leis mais constantes da natureza seriam interrompidas por agentes naturais; nossa física geral tornar-se-ia com isso mais difícil, mas não haveria de modo algum milagres.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Na verdade, é preciso ser muito circunspecto sobre o que se afirma e sobre o que se nega.

BORDEU. — Vamos, quem vos contasse um fenômeno desse gênero teria o ar de um grande mentiroso. Mas deixemos aí todos esses seres imaginários, sem excetuar vossa aranha de redes infinitas; retornemos ao que é vosso e à sua formação.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Aceito.

D'ALEMBERT. — Senhorita, estais com alguém: quem é que está aí conversando convosco?

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — É o doutor.

D'ALEMBERT. — Bom dia, doutor: o que fazeis aqui tão cedo?

BORDEU. — Haveis de sabê-lo: dormi.

D'ALEMBERT. — Por Deus, bem que necessito. Não creio ter passado outra noite tão agitada como esta. Não ireis embora sem que eu já esteja levantado.

BORDEU. — Não. Aposto, senhorita, que acreditastes que, tendo sido na idade de doze anos uma mulher menor da metade, na idade de quatro anos ainda uma mulher menor da metade, no feto uma mulherzinha, nos testículos de vossa mãe uma mulherzinha muito pequena, pensastes que sempre fostes uma mulher sob a forma que tendes agora, de modo que os únicos acréscimos sucessivos que adquiristes estabeleceram toda a diferença entre vós na vossa origem e vós tal qual estais aqui.

[14] Objeção à plenitude cartesiana, a partir de Newton.

[15] Seria preciso então um criador do Criador. Argumento que as primeiras objeções ao Deus de Spinoza já invocavam.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Concordo com isso.

BORDEU. — Nada entretanto é mais falso do que semelhante[16] idéia. Primeiro não éreis nada. Fostes, no começo, um ponto imperceptível, formado de moléculas menores, dispersas no sangue, a linfa de vosso pai ou de vossa mãe; este ponto tornou-se um fio delgado, depois um feixe de fios. Até aí, não há o menor vestígio dessa forma agradável que tendes: vossos olhos, esses belos olhos, assemelhavam-se tão pouco a olhos quanto a extremidade de uma raiz de anêmona se assemelha a uma anêmona. Cada uma das fibras do feixe de fios se transformou, pela simples nutrição e por sua conformação, em um órgão particular: isto pondo-se de parte os órgãos nos quais as fibras se metamorfoseiam e aos quais dão origem. O feixe é um sistema puramente sensível; se persistisse sob tal forma, seria suscetível de todas as impressões relativas à sensibilidade pura, como o frio, o calor, o doce, o rude. Estas impressões sucessivas, variadas entre si, e variadas cada uma em sua intensidade, talvez produzissem aí a memória, a consciência de si, uma razão muito restrita. Mas essa sensibilidade pura e simples, esse tato, diversifica-se pelos órgãos emanados de cada uma das fibras; uma fibra, formando a orelha, engendra uma espécie de tato que denominamos ruídos ou som; outra, formando o palato, engendra uma segunda espécie de tato que denominamos sabor; uma terceira, formando o nariz e o atapetando, engendra uma terceira espécie de tato que denominamos odor; uma quarta, formando o olho, engendra uma quarta espécie de tato que denominamos cor.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Mas, se bem vos compreendi, os que negam a possibilidade de um sexto sentido, um verdadeiro hermafrodita, são desatinados. Quem é que lhes garantiu que a natureza não poderia formar um feixe com uma fibra singular que daria origem a um órgão que nos é desconhecido?

BORDEU. — Ou com as duas fibras que caracterizam os dois sexos? Tendes razão; é um prazer conversar convosco; compreendeis não só o que vos dizem, mas ainda tirais daí conseqüências de uma justeza que espanta.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Doutor, vós me encorajais.

BORDEU. — Não, por Deus, digo o que penso.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Percebo bem o emprego de algumas das fibras do feixe; mas as outras, o que acontece com elas?

BORDEU. — E credes que outra além de vós sonharia em fazer semelhante pergunta?

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Certamente.

BORDEU. — Não sois vaidosa. O resto das fibras vai formar tantas espécies de tato quanta diversidade há entre os órgãos e as partes do corpo.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — E como se chamam? Nunca ouvi falar dela.

BORDEU. — Elas não têm nome.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — E por quê?

BORDEU. — É que não há tanta diferença entre as sensações excitadas por meio delas quanto entre as sensações excitadas por meio dos outros órgãos.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Pensais seriamente que o pé, a mão, as coxas, o ventre, o estômago, o peito, o pulmão e o coração têm suas sensações particulares?

BORDEU. — É o que penso. Se ousasse, eu vos perguntaria se dentre as sensações que não se nomeiam . . .

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Eu vos entendo. Não. Aquela é única em sua espécie, e é pena. Mas que razão apresentais para essa multiplicidade de sensações mais dolorosas do que agradáveis com as quais vos apraz nos gratificar?

BORDEU. — A razão? É que as discernimos em grande parte. Se essa infinita diversidade do tato não existisse, saber-se-ia que se experimenta prazer ou dor, mas não se saberia relacioná-los. Haveria mister do auxílio da vista. Não seria mais uma questão de sensação, mas uma questão de experiência e de observação.

[16] Crítica à concepção de uma pré-formação ovariana das gerações.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Quando eu dissesse que tenho dor no dedo, se me indagassem por que é que assevero que está no dedo a minha dor, cumpriria que eu respondesse não que eu o sinto, mas que sinto dor e vejo que meu dedo está dolorido.

BORDEU. — É isso. Vinde que eu vos abraçarei.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — De bom grado.

D'ALEMBERT. — Doutor, abraçais a senhorita, fazeis muito bem.

BORDEU. — Pensei muito nisso e me pareceu que a direção e o lugar do abalo não bastariam para determinar julgamento tão súbito sobre a origem do feixe.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Nada sei.

BORDEU. — Vossa dúvida me apraz. É tão comum tomar qualidades naturais por hábitos adquiridos e quase tão velhos como nós.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — E reciprocamente.

BORDEU. — Seja como for, vedes que em uma questão onde se trata da formação primeira do animal, é atacá-la tarde demais quando se fixa o olhar e as reflexões no animal formado; que é preciso remontar a seus primeiros rudimentos, e que vem a propósito despojar-vos de vossa organização atual e retornar por um instante lá onde éreis apenas uma substância mole, informe, filamentosa, vermicular, mais análoga ao bulbo e à raiz de uma planta do que a um animal.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Se fosse de uso andar completamente nua pelas ruas, eu não seria nem a primeira nem a última a me conformar. Assim, fazei de mim tudo o que vos aprouver, desde que me instruais. Vós me dissestes que cada fibra do feixe formava um órgão particular; e qual a prova de que é assim?

BORDEU. — Efetuai pelo pensamento o que a natureza às vezes efetua; mutilai o feixe de uma de suas fibras; por exemplo, da fibra que formará os olhos; o que julgais vós que há de suceder?

SENHORITA DE l'ESPINSSE. — O animal não disporá de olhos, talvez.

BORDEU. — Ou disporá de um só situado no centro da fronte.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Será um ciclope.

BORDEU. — Um ciclope.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — O ciclope, portanto, poderia não ser realmente um ser fabuloso.

BORDEU. — Tão pouco fabuloso, que vos exibirei um quando quiserdes.[17]

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — E quem sabe qual a causa dessa diversidade?

BORDEU. — Aquele que dissecou o monstro e não encontrou nele senão um filete óptico. Efetuai pelo pensamento o que a natureza efetua às vezes. Suprimi uma outra fibra do feixe, a fibra que deve formar o nariz, e o animal ficará sem nariz. Suprimi a fibra que deve constituir a orelha, e o animal ficará sem orelhas, ou terá apenas uma, e o anatomista não encontrará na dissecção nem os filetes olfativos, nem os filetes auditivos, ou só encontrará um deles. Continuai na supressão das fibras, e o animal ficará sem cabeça, sem pés, sem mãos; sua duração será curta, porém terá vivido.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — E há exemplos disso?

BORDEU. — Certamente. Não é só. Dobrai algumas das fibras do feixe, e o animal contará duas cabeças, quatro olhos, quatro orelhas, três testículos, três pés, quatro braços, seis dedos em cada mão. Desarrumai as fibras do feixe, e os órgãos serão deslocados: a cabeça ocupará o meio do peito, os pulmões ficarão à esquerda, o coração à direita. Colai juntas duas fibras, e os órgãos se confundirão; os braços se prenderão ao corpo, as coxas, as pernas e os pés se reunirão, e tereis todas as espécies de monstros imagináveis.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Parece-me, porém, que uma máquina tão complicada como o animal, máquina que nasce de um ponto, de um fluido agitado, quiçá de dois fluidos misturados ao acaso, pois quase nada se sabe então sobre o que se faz; máquina que progride para sua perfeição através de uma infinidade de desenvolvimentos sucessivos; máquina cuja formação regular ou irregular depende de um pacote de fios delgados, finos e flexíveis, de uma espécie de meada onde a menor fibra não pode ser quebrada, rompida, deslocada, faltante, sem conseqüências deploráveis para o todo, deveria enlaçar-se, embaraçar-se ainda mais freqüentemente no lugar de sua formação do que os meus fios de seda em minha dobadoura.

[17] Referência a uma criança do sexo feminino, nascida em 1776, que viveu apenas um dia.

BORDEU. — Pelo que sofre disso muito mais do que se pensa. A gente não disseca o suficiente, e as idéias sobre a sua formação acham-se muito longe da verdade.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Há exemplos notáveis dessas deformidades originais,[18] além dos corcundas e dos coxos, cujo estado malfadado poder-se-ia atribuir a algum vício hereditário?

BORDEU. — Há um sem-número, e ainda recentemente morreu na Charité[19] de Paris, com a idade de vinte e cinco anos, em conseqüência de uma fluxão de peito, um carpinteiro nascido em Troyes, chamado Jean-Baptiste Macé, que tinha as vísceras interiores do peito e do abdômen numa situação invertida, o coração à direita precisamente como vós o tendes à esquerda; o fígado à esquerda; o estômago, o baço, o pâncreas, no hipocôndrio direito; a veia porta no fígado do lado esquerdo, quando o seu lugar é no fígado do lado direito; a mesma transposição no comprido canal dos intestinos; os rins, acostados um ao outro sobre as vértebras dos lombos, imitavam uma ferradura. E que venham depois disso nos falar de causas finais!

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Isso é singular.

BORDEU. — Se Jean-Baptiste Macé fosse casado e tivesse filhos...

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Pois bem, doutor, esses filhos...

BORDEU. — Obedecerão à conformação geral; mas algum filho de seus filhos, ao cabo de uma centena de anos, pois essas irregularidades fazem saltos, voltará à conformação bizarra de seu antepassado.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — E de onde provêm tais saltos?

BORDEU. — Quem é que sabe? Para fazer um filho, é preciso estar a dois, como sabeis. Talvez um dos agentes repare o vício do outro, e a rede defeituosa renasça apenas no momento em que o descendente da raça monstruosa predominar, e der a lei à formação da rede. O feixe de fios constitui a diferença original e a primeira de todas as espécies de animais. As variedades do feixe de uma espécie produzem todas as variedades monstruosas desta espécie. *(Após um longo silêncio, a Senhorita de l'Espinasse sai de seu devaneio e tira o doutor do seu com a seguinte indagação:)*

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Ocorre-me uma idéia bastante louca.

BORDEU. — Qual?

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — O homem não é talvez senão o monstro da mulher, ou a mulher o monstro do homem.

BORDEU. — Essa idéia ocorrer-vos-ia ainda mais depressa se soubésseis que a mulher tem todas as partes do homem, e que a única diferença existente é a de uma bolsa pendente para fora, ou de uma bolsa virada para dentro; que um feto feminino se assemelha, a ponto de enganar, a um feto masculino; que a parte que ocasiona o erro se encolhe no feto feminino à medida que a bolsa interior se estende; que ela nunca se oblitera a ponto de perder sua forma primitiva; que ela guarda sua forma em miniatura; que é suscetível dos mesmos movimentos; que é também o móvel da voluptuosidade; que dispõe de sua glândula, de seu prepúcio, e que se nota em sua extremidade um ponto que parece ter sido o orifício de um canal urinário que se fechou; que há no homem, do ânus até o escroto, um intervalo denominado perineu, e do escroto até a extremidade do pênis, uma costura que parece ser a repetição de uma vulva alinhavada; que as mulheres que têm o clitóris excessivo possuem barba; que os eunucos não a possuem absolutamente, que suas coxas se fortificam, suas nádegas se alargam, que seus joelhos se arredondam e que, perdendo a organização característica de um sexo, parecem voltar à conformação característica do outro. Aqueles, dentre os árabes, que a equitação habitual castrou, perdem a barba, adquirem voz aguda, vestem-se como mulheres, se colocam entre elas nos carros, se acocoram para urinar e afetam seus costumes e práticas... Mas eis-nos bem longe de nosso objeto. Retornemos ao nosso feixe de filamentos animados e vivos.

D'ALEMBERT. — Creio que estais dizendo sujeiras à Senhorita de l'Espinasse.

BORDEU. — Quando se fala de ciência, cumpre servir-se dos termos técnicos.

D'ALEMBERT. — Tendes razão; então perdem o cortejo de idéias acessórias que os tornariam indecorosos. Continuai, doutor. Dizíeis, portanto, à senhorita que a matriz não é mais do que um escroto virado de fora para dentro, movimento no qual os testículos foram jogados fora

[18] Os problemas de teratologia interessaram vivamente o século XVIII, sobretudo do ponto de vista genético, e suscitaram vivas discussões entre os pesquisadores.
[19] Hospital criado por Maria de Médicis.

da bolsa que os encerrava, e dispersos à direita e à esquerda na cavidade do corpo; que o clitóris é um membro viril em miniatura; que este membro viril feminino vai diminuindo sempre, à medida que a matriz ou o escroto virado se estendem e que. . .

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Sim, sim, calai-vos, e não vos metais em nossos assuntos.

BORDEU. — Como vedes, senhorita, na questão de nossas sensações em geral, que não passam todas de um tato diversificado, é preciso deixar de lado as formas sucessivas que a rede assume, e reter apenas a rede.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Cada fio da rede sensível pode ser ferido ou afagado em todo o seu comprimento. O prazer ou a dor estão aqui ou ali, num lugar ou noutro de qualquer das longas patas de minha aranha, pois retorno sempre à minha aranha; porque é a aranha que se encontra na origem comum de todas as patas e que relaciona a este ou àquele ponto a dor ou o prazer sem experimentá-los.

BORDEU. — Porque é a relação constante, invariável, de todas as impressões com esta origem comum que constitui a unidade do animal.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Porque é a memória de todas essas impressões sucessivas que constitui para cada animal a história de sua vida e de seu eu.

BORDEU. — E porque é a memória e a comparação que decorrem necessariamente de todas essas impressões que fazem o pensamento e o raciocínio.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — E onde é feita esta comparação?

BORDEU. — Na origem da rede.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — E a rede?

BORDEU. — Não tem, na sua origem, nenhum sentido que lhe seja próprio: não vê nada, não ouve nada, não sofre nada. É produzida, nutrida; emana de uma substância mole, insensível, inerte, que lhe serve de travesseiro e na qual se assenta, escuta, julga e pronuncia.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Ela não sofre nada.

BORDEU. — Não: a mais ligeira impressão suspende sua audiência, e o animal cai no estado de morte. Sustai a impressão, ela volta às suas funções, e o animal renasce.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — E de onde o sabeis? Acaso já se fez alguma ocasião renascer e morrer um homem à vontade?

BORDEU. — Sim.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — E como é possível?

BORDEU. — Eu vos direi; é um fato curioso. La Peyronie,[20] que conhecestes talvez, foi chamado a atender um paciente que recebera violenta pancada na cabeça. O doente sentia aí pulsações. O cirurgião não duvidou que o abscesso no cérebro estivesse formado e que não houvesse um momento a perder. Imediatamente rapa o doente e o trepana. A ponta do instrumento incide precisamente no centro do abscesso. O pus estava formado; ele esvazia o pus; limpa o abscesso com uma seringa. Quando enfia a injeção no abscesso, o paciente fecha os olhos; seus membros ficam sem ação, sem movimento, sem o menor sinal de vida; quando suspende a injeção e alivia a origem do feixe do peso e da pressão do fluido injetado, o paciente reabre os olhos, mexe-se, fala, sente, renasce e vive.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Isso é singular; e o paciente curou-se?

BORDEU. — Curou-se; e, quando ficou curado, refletiu, pensou, raciocinou, apresentou o mesmo espírito, o mesmo bom senso, a mesma penetração, com boa porção a menos de seu cérebro.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Esse juiz é um ser bem extraordinário.

BORDEU. — Ele também se engana às vezes; está sujeito às prevenções de hábito: sente-se dor em um membro que não mais se possui. A gente o engana quando quer: cruzai dois de vossos dedos um sobre o outro, tocai numa pequena bola e ele declarará que são duas.

[20] Primeiro cirurgião de Luís XV (1678-1747).

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — É que ele é como todos os juízes do mundo e necessita da experiência, sem o que tomará a sensação do gelo pela do fogo.

BORDEU. — Ele faz coisa bem diferente: concede um volume quase infinito ao indivíduo, ou se concentra quase em um ponto.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Não vos entendo.

BORDEU. — O que é que circunscreve vossa extensão real, a verdadeira esfera de vossa sensibilidade?

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Minha vista e meu tato.

BORDEU. — De dia; mas, à noite, nas trevas, quando sonhais sobretudo com algo abstrato, e de dia mesmo, quando vosso espírito está ocupado?

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Nada. Eu existo como num ponto; cesso quase de ser matéria, sinto somente meu pensamento; não há mais lugar, nem movimento, nem corpo, nem espaço para mim: o universo, para mim, está aniquilado e eu sou nula para ele.

BORDEU. — Eis o derradeiro termo da concentração de vossa existência; mas sua dilatação ideal pode ser ilimitada. Quando o verdadeiro limite de vossa sensibilidade é transposto, seja ao vos aproximar dele, seja ao vos condensar em vós mesma, seja ao vos estender para fora, não mais se sabe o que isso pode tornar-se.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Doutor, tendes razão. Muitas vezes pareceu-me em sonho. . .

BORDEU. — E aos doentes em um ataque de gota. . .

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Que eu me tornava imensa.

BORDEU. — Que o pé deles tocava no dossel do leito.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Que meus braços e minhas pernas se alongavam ao infinito, que o resto de meu corpo assumia um volume proporcional; que o Encélado da fábula não era senão um pigmeu; que a Anfitrite de Ovídio, cujos longos braços iam formar uma cintura imensa da Terra, não passava de anã em comparação comigo, e que eu escalava o céu, e que enlaçava os dois hemisférios.

BORDEU. — Muito bem. E eu conheci uma mulher em quem o fenômeno se operava em sentido contrário.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — O quê! Ela diminuía gradualmente, reentrando em si mesma?

BORDEU. — A ponto de sentir-se tão miúda quanto uma agulha: via, ouvia, raciocinava, julgava; tinha um terror mortal de perder-se; tremia à aproximação dos mínimos objetos; não ousava mexer-se do lugar.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Eis um sonho bem singular, bastante desagradável, bastante incômodo.

BORDEU. — Ela não sonhava nada; era um dos acidentes da cessação do corrimento periódico.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — E permanecia por muito tempo nessa diminuta, imperceptível forma de mulherzinha?

BORDEU. — Uma hora, duas, em seguida voltava sucessivamente ao seu volume natural.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — E a razão dessas estranhas sensações?

BORDEU. — No estado natural e tranqüilo, as fibras do feixe possuem certa tensão, um tom,[21] uma energia habitual que circunscreve a extensão real ou imaginária do corpo. Digo real ou imaginária, pois essa tensão, esse tom, essa energia, sendo variáveis, nosso corpo não é sempre de um mesmo volume.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Assim, tanto no físico quanto no moral, estamos expostos a nos crer maiores do que somos?

BORDEU. — O frio nos encurta, o calor nos dilata, e determinado indivíduo pode julgar-se a vida toda menor ou maior do que é realmente. Se acontece à massa do feixe entrar em violento

[21] No sentido de tônus.

eretismo, aos feixes ficar em ereção, à multidão infinita de suas extremidades se arremeter para além de seus limites costumeiros, então a cabeça, os pés, os outros membros, todos os pontos da superfície do corpo serão conduzidos a uma distância imensa, e o indivíduo sentir-se-á gigantesco. Ocorrerá o fenômeno contrário se a insensibilidade, a apatia, a inércia ganhar a extremidade das fibras e encaminhar-se pouco a pouco para a origem do feixe.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Compreendo que semelhante expansão não se poderia medir, e compreendo, ainda, que semelhante insensibilidade, apatia, inércia, da extremidade das fibras, semelhante entorpecimento, depois de efetuar certo progresso, possa fixar-se, deter-se. . .

BORDEU. — Como aconteceu a La Condamine:[22] então o indivíduo sente como que balões debaixo dos pés.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Ele existe para além do termo de sua sensibilidade e, se estivesse envolvido dessa apatia em todos os sentidos, oferecer-nos-ia um homenzinho vivo sob um homem morto.

BORDEU. — Concluí daí que o animal, que na origem não era senão um ponto, não sabe ainda se é realmente alguma coisa a mais. Mas voltemos.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Aonde?

BORDEU. — Aonde? Ao trepanado de La Peyronie. . . Eis realmente, julgo, o que me pedistes, o exemplo de um homem que viveu e morreu alternativamente. . . Mas há coisa melhor. . .

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — O que é que pode ser?

BORDEU. — A fábula de Castor e Pólux[23] realizada; duas crianças nas quais a vida de uma era imediatamente seguida pela morte da outra, e a vida desta seguida imediatamente pela morte da primeira.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Oh! que boa peta! E isso durou muito tempo?

BORDEU. — A duração dessa existência foi de dois dias que elas partilharam entre si igualmente e em repetidas vezes, de modo que cada uma teve, de sua parte, um dia de vida e um dia de morte.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Temo, doutor, que abusais um pouco de minha credulidade. Tomai cuidado, se me enganardes uma vez, nunca mais acreditarei em vós.

BORDEU. — Ledes às vezes a *Gazette de France?*

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Nunca, embora seja a obra-prima de dois homens de espírito.[24]

BORDEU. — Obtende emprestado o exemplar do dia 4 deste mês de setembro, e vereis que em Rabastens, diocese de Alby, duas meninas nasceram dorso contra dorso, unidas pelas últimas vértebras lombares, pelas nádegas e pela região hipogástrica. Não se podia manter uma em pé sem que a outra ficasse de cabeça para baixo. Deitadas, elas se olhavam; suas coxas estavam curvadas entre seus troncos e suas pernas levantadas; perto do meio da linha circular comum que as prendia por seus hipogastros, discernia-se o sexo delas, e entre a coxa direita de uma que correspondia à coxa esquerda da irmã, numa cavidade havia um pequeno ânus pelo qual se escoava o mecônio.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Eis uma espécie bastante estranha.

BORDEU. — Elas tomaram o leite que lhes foi dado em colher. Viveram doze horas, como já vos disse, caindo uma em desfalecimento quando a outra saía dele e a outra morta, enquanto uma vivia. O primeiro desfalecimento de uma e a primeira vida da outra foi de quatro horas; os desfalecimentos e os retornos alternativos à vida que se sucederam foram menos longos; elas expiraram no mesmo instante. Notou-se que seus umbigos efetuavam também um movimento alternado de saída e entrada; ele entrava na que desfalecia e saía na que voltava à vida.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — E que dizeis vós dessas alternativas de vida e morte?

BORDEU. — Talvez nada que valha a pena; mas como cada qual vê tudo através das lunetas

[22] Célebre matemático e viajante francês (1701-1774), que se viu atingido de surdez e paralisia parcial.

[23] Os Dioscuros, filhos de Zeus e Leda.

[24] Jean-Baptiste Suard e François Arnaud, que obtiveram a concessão de *La Gazette de France*, periódico fundado em 1631 e publicado até 1914.

de seu sistema, e como não pretendo fazer exceção à regra, digo que é o fenômeno do trepanado de La Peyronie duplicado em dois seres conjuntos; que as redes das duas crianças se haviam de tal modo misturado que agiam e reagiam uma sobre a outra; quando a origem da rede de uma prevalecia, arrastava a rede da outra que desfalecia no mesmo instante; sucedia o contrário, se era a rede desta que dominava o sistema comum. No trepanado de La Peyronie, a pressão se efetuava de alto para baixo pelo peso de um fluido; nas duas gêmeas de Rabastens, ela se efetuava de baixo para cima pela tração de um certo número de fios da rede: conjetura apoiada pela entrada e saída alternativa dos umbigos, saída naquela que retornava à vida e entrada naquela que morria.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — E eis duas almas ligadas.

BORDEU. — Um animal com o princípio de dois sentidos e de duas consciências.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Não tendo entretanto no mesmo momento senão o desfrute de uma só; mas quem sabe o que aconteceria se esse animal houvesse vivido?

BORDEU. — Que sorte de correspondência a experiência de todos os momentos da vida, o mais forte dos hábitos que se possa imaginar, iria estabelecer entre esses dois cérebros?

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Sentidos duplos, memória dupla, imaginação dupla, aplicação dupla, a metade de um ser que observa, lê, medita, enquanto sua outra metade repousa: esta metade retomando as mesmas funções, quando a companheira está cansada; a vida dupla de um ser duplo.

BORDEU. — Isso é possível? E a natureza, levando com o tempo a tudo o que é possível, formará algum estranho composto.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Como seríamos pobres em comparação com semelhante ser!

BORDEU. — E por quê? Existem já tantas incertezas, contradições, loucuras num entendimento simples, que não sei mais no que isso daria com um entendimento duplo... Mas são dez e meia, e ouço do arrabalde até aqui um doente que me chama.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — E haveria realmente perigo para ele se deixásseis de visitá-lo?

BORDEU. — Menos talvez do que visitando-o. Se a natureza não realiza a tarefa sem mim, teremos muita dificuldade em realizá-la juntos e com certeza não poderei realizá-la sem ela.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Permanecei, pois.

D'ALEMBERT. — Doutor, uma palavra ainda e eu vos envio a vosso paciente. Através de todas as vicissitudes que padeci no curso de minha existência, não possuindo talvez presentemente uma só das moléculas que trazia ao nascer, como continuei sendo eu para os outros e para mim?

BORDEU. — Vós no-lo dissestes sonhando.

D'ALEMBERT. — Será que sonhei?

SENHORTIA DE l'ESPINASSE. — A noite toda, e se assemelhava de tal modo ao delírio, que mandei chamar o doutor esta manhã.

D'ALEMBERT. — E isso por causa das patas de aranha que se agitavam por si mesmas, que mantinham alerta a aranha e faziam falar o animal. E o animal, o que dizia?

BORDEU. — Que era através da memória que ele era ele para os outros e para si próprio; e eu acrescentaria, através da lentidão das vicissitudes. Se tivésseis passado num piscar de olho da juventude à decrepitude, seríeis jogado no mundo como no primeiro momento de vosso nascimento; não seríeis mais vós mesmo, nem para os outros nem para vós, para os outros que não seriam absolutamente eles para vós. Todas as relações seriam aniquiladas; toda a história de vossa vida para mim, toda a história da minha para vós, ficariam baralhadas. Como poderíeis saber que este homem, curvado sobre uma bengala, e cujos olhos se extinguiram, que se arrasta com dificuldade, mais diferente ainda de si mesmo por dentro do que fora, era o mesmo que na véspera andava tão ligeiramente, removia fardos tão pesados, podia entregar-se às meditações mais profundas, aos exercícios mais doces e aos mais violentos? Vós não entenderíeis vossas próprias obras, vós não vos reconheceríeis a vós próprio, não reconheceríeis ninguém, ninguém vos reconheceria; a cena toda do mundo mudaria. Pensai que houve menos diferença ainda entre vós ao nascer e quando jovem, do que haveria entre vós jovem e vós subitamente tornado decrépito. Pensai que, embora vosso nascimento esteja ligado à vossa juventude por uma série de sensações ininterruptas, os três primeiros anos de vossa existência jamais foram a história de vossa vida. O que

seria pois, para vós, o tempo de vossa juventude, que nada ligaria ao momento de vossa decrepitude? D'Alembert decrépito não contaria com a mínima lembrança de D'Alembert jovem.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — No cacho de abelhas, não haveria uma só que tivesse tido tempo de adquirir o espírito do corpo.

D'ALEMBERT. — O que dizeis aí?

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Digo que o espírito monástico se conserva porque o mosteiro se refaz pouco a pouco, e quando entra um novo monge, encontra uma centena de velhos que o arrastam a pensar e a sentir como eles. Uma abelha vai embora, sucede-lhe no cacho outra que logo se põe a par.

D'ALEMBERT. — Ide, delirais com vossos monges, vossas abelhas, vosso cacho e vosso convento.

BORDEU. — Nem tanto quanto poderíeis acreditar. Se não há senão uma consciência no animal, há uma infinidade de vontades; cada órgão possui a sua.

D'ALEMBERT. — Como foi que dissestes?

BORDEU. — Disse que o estômago quer alimentos, que o palato não os quer de modo algum, e que a diferença entre o palato e o estômago com o animal inteiro é que o animal sabe o que quer e o estômago e o palato querem sem o saber; é que o estômago ou o palato são, um para o outro, quase como o homem e o bruto. As abelhas perdem suas consciências e retêm seus apetites ou vontades. A fibra é um animal simples, o homem é um animal composto; mas guardemos esse texto para outra vez.[25] É preciso um acontecimento bem menor que a decrepitude para tirar ao homem a consciência do eu. Um moribundo recebe os sacramentos com profunda piedade; confessa suas faltas; pede perdão à mulher, abraça os filhos; chama os amigos; fala a seu médico; dá ordens aos domésticos; dita as últimas vontades; põe em dia seus negócios, e tudo isso com o juízo mais são, com a mais completa presença de espírito; ele sara, está convalescente e não tem a menor idéia do que fez ou disse durante a moléstia. Este intervalo, às vezes muito longo, desapareceu de sua vida. Há mesmo exemplos de pessoas que retomaram a conversação ou a ação que o súbito ataque do mal interrompera.

D'ALEMBERT. — Lembro-me que, em um exercício público, um mestre-escola pedante, todo inflado de seu saber, foi metido, como se diz, no saco, por um capuchinho que menosprezara. Ele, metido no chinelo! E por quem? Por um capuchinho! E sobre qual questão? Sobre o futuro contingente! Sobre a ciência média que ele meditara a vida toda! E em que circunstância? Diante de numerosa assembléia! Diante dos alunos! Ei-lo com a honra perdida! Sua cabeça trabalha tão bem sobre essas idéias que ele cai em uma letargia que o priva de todos os conhecimentos que adquirira.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Mas foi uma felicidade.

D'ALEMBERT. — Por Deus, tendes razão. O bom senso restou-lhe; mas esqueceu tudo. Ensinaram-lhe a falar e ler, e morreu quando começava a soletrar passavelmente. Esse homem não era absolutamente um inepto; atribuíam-lhe mesmo certa eloqüência.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Já que o doutor ouviu vossa história, é preciso que ouça também a minha. Um moço de dezoito a vinte anos, cujo nome não me recordo...

BORDEU. — É um Sr. de Schullemberg de Winterthour[26]; não tinha mais do que quinze a dezesseis anos.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Esse jovem sofreu uma queda na qual recebeu *violenta* comoção na cabeça.

BORDEU. — O que chamais violenta comoção? Caiu do alto de um celeiro; teve a cabeça quebrada e ficou seis semanas inconsciente.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Seja como for, sabeis qual foi a conseqüência do acidente? A mesma que a de vosso mestre-escola: esqueceu tudo o que sabia; voltou à primeira idade; teve uma segunda infância e esta durou. Era tímido e pusilânime; divertia-se com brinquedinhos. Se

[25] A este respeito, pergunta P. Vernière *(op. cit.*, pág. 343, n. 1): "Guarda-lo-á para os *Elementos de Fisiologia*, onde desenvolve abundantemente o tema da independência relativa dos órgãos?"

[26] Gravador suíço que se salientou como ilustrador de diferentes obras de entomologia, geografia e *história*.

procedia mal e lhe ralhavam, ia esconder-se num canto; pedia para satisfazer suas necessidades naturais. Ensinaram-lhe a ler e a escrever; mas eu esquecia de vos contar que houve mister ensinar-lhe de novo a andar. Voltou a ser homem e homem hábil, e deixou uma obra de história natural.

BORDEU. — São gravuras, as pranchas do Sr. Zulyer sobre os insetos, segundo o sistema de Lineu.[27] Eu conhecia o fato; ele chegou ao Cantão de Zurique, na Suíça, e há numerosos exemplos parecidos. Desarrumai a origem do feixe e mudareis o animal; parece que este reside aí por inteiro, ora dominando as ramificações, ora dominado por elas.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — E o animal encontra-se sob o despotismo ou sob a anarquia.

BORDEU. — Sob o despotismo, é muito bem expresso. A origem do feixe comanda, e todo o resto obedece. O animal é senhor de si, *mentis compos.*[28]

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Sob a anarquia, onde todos os filetes da rede se encontram sublevados contra o chefe, e onde não há mais autoridade suprema.

BORDEU. — Muito bem. Nos grandes acessos de paixão, nos delírios, nos perigos iminentes, se o amo leva todas as forças de seus súditos para um ponto, o animal mais fraco mostra uma força incrível.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Nos vapores, espécie de anarquia que nos é tão particular.

BORDEU. — É a imagem de uma administração fraca, onde cada um puxa para si a autoridade do amo. Não conheço senão um meio de cura; é difícil, porém seguro; é que a origem da rede sensível, esta parte que constitui o eu, possa ser de um impulso violento para recobrar sua autoridade.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — E que acontece?

BORDEU. — Acontece-lhe que a recobra de fato, ou que o animal perece. Se me restasse tempo, contar-vos-ia a respeito dois fatos singulares.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Mas, doutor, a hora de vossa visita passou e vosso doente não mais vos espera.

BORDEU. — Só se deve vir aqui quando não se tem mais nada a fazer, pois não se consegue sair.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Eis uma baforada de humor inteiramente honesto; mas vossas histórias?

BORDEU. — Por hoje ireis contentar-vos com esta: Uma mulher caiu, em conseqüência de um parto, no mais assustador estado vaporoso; eram lágrimas e risos involuntários, sufocações, convulsões, inchaços de garganta, silêncio soturno, gritos agudos, tudo o que há de pior: a coisa durou vários anos. Ela amava apaixonadamente e julgou perceber que seu amado, fatigado da moléstia dela, começava a afastar-se; então resolveu sarar ou perecer. Estabeleceu-se nela uma guerra civil na qual ora o amo prevalecia, ora os súditos. Se acontecia que a ação dos fios da rede fosse igual à reação de sua origem, ela tombava como morta; transportavam-na ao leito, onde permanecia horas a fio sem movimento e quase sem vida; outras vezes sofria apenas lassidões, uma fraqueza geral, uma extinção que parecia ser final. Ela persistiu seis meses nesse estado de luta. A revolta começava sempre pelos filetes; sentia quando chegava. Ao primeiro sintoma, a mulher levantava-se, corria e entregava-se a exercícios dos mais violentos; subia, descia as escadas; serrava madeira, cavava a terra. O órgão de sua vontade, a origem do feixe se retesava; ela dizia a si mesma: vencer ou morrer. Após um número infinito de vitórias e derrotas, o chefe permaneceu senhor, e os súditos tornaram-se tão submissos que, embora esta mulher experimentasse toda espécie de penas domésticas, embora padecesse de diferentes moléstias, nunca mais teve problema de vapores.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Isso é maravilhoso, mas não creio que no caso eu procederia tão bem.

BORDEU. — É que vos amaríeis realmente se amásseis e que vós sois firme.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Entendo. Somos firmes se, por hábito ou por organização, a origem do feixe domina os filetes; fracos, ao contrário, se ela é dominada por eles.

[27] Naturalista sueco (1707-1778), autor do célebre sistema binário ainda em uso na história natural.
[28] Senhor do intelecto.

BORDEU. — Há muitas outras conseqüências a tirar daí.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Mas contai primeiro vossa outra história e depois haveis de tirá-las.

BORDEU. — Uma jovem mulher caíra em alguns desvios. Decidiu um dia fechar a porta ao prazer. Ei-la só, ei-la melancólica e vaporosa. Mandou chamar-me. Aconselhei-a a vestir roupa de camponesa e cavar a terra o dia inteiro, dormir sobre a palha e viver de pão seco. O regime não lhe agradou. Viajai então, disse-lhe. Ela fez o giro da Europa e recobrou a saúde nas grandes estradas.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Não era o que tínheis a dizer; não importa, vamos às vossas conseqüências.

BORDEU. — Isso nunca mais terminaria.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Tanto melhor. Dizei ainda assim.

BORDEU. — Não tenho coragem.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — E por quê?

BORDEU. — É que na marcha em que vamos, afloramos tudo e não aprofundamos nada.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Que importa? Não estamos compondo, mas conversando.

BORDEU. — Por exemplo, se a origem do feixe chama todas as forças a si, se o sistema inteiro se move por assim dizer ao revés, como creio que acontece no homem que medita profundamente, no fanático que vê os céus abertos, no selvagem que canta em meio das chamas, no êxtase, na alienação voluntária ou involuntária. . .

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — E daí?

BORDEU. — Daí, o animal se torna impassível, existe apenas em um ponto. Não vi o padre de Calame, de que fala Santo Agostinho,[29] que se alienava a ponto de não mais sentir brasas ardentes; não vi no quadro os selvagens que sorriem a seus inimigos, que os insultam e lhes sugerem tormentos mais refinados do que aqueles a que são submetidos; não vi no circo os gladiadores que se lembravam, expirando, da graça e das lições da ginástica; mas creio em todos esses fatos, porque vi, mas vi com meus próprios olhos, um esforço tão extraordinário quanto qualquer desses outros.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Doutor, contai-me. Sou como as crianças, adoro os fatos maravilhosos e, quando honram a espécie humana, raramente me sucede contestar-lhes a verdade.

BORDEU. — Havia numa pequena aldeia da Champanha, Langres,[30] um bom cura, chamado le ou de Moni, muito compenetrado, muito imbuído da verdade da religião. Acometido de cálculo, era preciso talhá-lo. O dia é marcado, o cirurgião, seus assistentes e eu vamos à casa dele; o cura nos recebe com um ar sereno, despe-se, deita-se, queremos amarrá-lo; ele recusa; "colocai-me apenas", diz, "como convém"; nós o colocamos. Então pede um grande crucifixo que se encontrava ao pé da cama; damos-lho, o bom cura aperta-o entre os braços, cola-lhe a boca. Operamos, ele permanece imóvel, não lhe escapam nem lágrimas nem suspiros, e fico liberto da pedra que ele ignorava.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Isso é belo; e duvidai, depois disso, que aquele a quem quebravam os ossos do peito com pedregulhos não viu os céus abertos.

BORDEU. — Sabeis o que é dor de ouvidos?

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Não.

BORDEU. — Tanto melhor para vós. É a mais cruel de todas as dores.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Mais que a dor de dentes que conheço infelizmente?

BORDEU. — Sem comparação. Um filósofo entre vossos amigos[31] estava sendo atormentado com esta dor havia quinze dias, quando certa manhã disse à esposa: Não me sinto com bastante coragem para enfrentar o dia. . . Pensou que seu único recurso era enganar artificialmente a dor. Pouco a pouco, absorveu-se tanto numa questão de metafísica ou de geometria que esqueceu o ouvido. Serviram-lhe de comer e ele comeu sem o perceber; chegou à hora de dormir sem sofrer.

[29] *A Cidade de Deus*, XX, 8.
[30] Cidade natal de Diderot.
[31] O filósofo em questão é o próprio Diderot.

A horrível dor só voltou a dominá-lo quando cessou a contensão de espírito, mas foi com um furor inusitado, seja porque de fato a fadiga irritasse a dor, seja porque a fraqueza a tornasse mais insuportável.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Ao sair desse estado, deve-se ficar realmente exausto; é o que acontece às vezes àquele homem que ali está.

BORDEU. — É perigoso, que tome cuidado com isso.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Não paro de lhe dizer, mas ele não faz caso.

BORDEU. — Não é mais ele quem manda, é sua vida, terá de perecer por isso.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Essa sentença me causa medo.

BORDEU. — O que provam esse esgotamento, esse cansaço? Que as fibras do feixe não permaneceram ociosas e que há em todo o sistema uma tensão violenta dirigida para um centro comum.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Se semelhante tensão ou tendência violenta perdurar, se ela se tornar habitual?

BORDEU. — É um tique da origem do feixe; o animal está louco, e louco quase sem remédio.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — E por quê?

BORDEU. — É que, no tique da origem, não sucede o mesmo que no de uma das fibras. A cabeça pode muito bem comandar os pés, mas não o pé à cabeça; a origem a uma das fibras, mas nunca a fibra à origem.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — E qual a diferença, por favor? Com efeito, por que não penso em toda parte? É uma questão que me deveria ter ocorrido mais cedo.

BORDEU. — É que a consciência reside apenas em um lugar.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Isso é fácil dizer.

BORDEU. — É que ela só pode residir em um lugar, no centro comum de todas as sensações, lá onde está a memória, lá onde se fazem as comparações. Cada fibra é suscetível apenas de um determinado número de impressões, de sensações sucessivas, isoladas, sem memória. A origem é suscetível de todas, é seu registro, guarda sua memória ou uma sensação contínua, e o animal é levado desde a primeira formação a se lhe referir, a fixar-se nela por inteiro, a existir aí.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — E se meu dedo pudesse ter memória?

BORDEU. — Vosso dedo pensaria.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — O que é pois a memória?

BORDEU. — A propriedade do centro, o sentido específico da origem da rede, como a vista é a propriedade do olho; e não é mais espantoso que a memória não esteja no olho, quanto não o é que a vista não esteja na orelha.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Doutor, eludis minhas perguntas mais do que as satisfazeis.

BORDEU. — Não eludo nada, digo-vos o que sei, e saberia mais, se a organização da origem me fosse tão bem conhecida como a de suas fibras, se dispusesse da mesma facilidade de observá-la. Mas se sou fraco quanto aos fenômenos particulares, em compensação, triunfo quanto aos fenômenos gerais.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — E esses fenômenos gerais, quais são?

BORDEU. — A razão, o juízo, a imaginação, a loucura, a imbecilidade, a ferocidade, o instinto.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Entendo. Todas essas qualidades não passam de conseqüências da relação, original ou contraída pelo hábito, da origem do feixe com as suas ramificações.

BORDEU. — Muito bem. O princípio, ou o tronco, é demasiado vigoroso em relação aos ramos? Daí os poetas, os artistas, as pessoas de imaginação, os homens pusilânimes, os entusiastas, os loucos. Demasiado fraco? Daí o que chamamos os brutos, os animais ferozes. O sistema inteiro frouxo, mole, sem energia? Daí os imbecis. O sistema inteiro enérgico, bem concorde, bem ordenado? Daí os bons pensadores, os filósofos, os sábios.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — E conforme o ramo tirânico que predomina, o instinto que se diversifica nos animais, o gênio que se diversifica nos homens; o cão tem olfato, o peixe audição,

a águia vista. D'Alembert é geômetra, Vaucanson é inventor de máquinas,[32] Grétry[33] músico, Voltaire poeta; efeitos variados de uma fibra do feixe mais vigorosos em si do que qualquer outro e do que a fibra semelhante nos seres de sua espécie.

BORDEU. — E os hábitos que subjugam; o velho que ama as mulheres e Voltaire que ainda produz tragédias. *(Neste ponto, o doutor põe-se a sonhar e a Senhorita de l'Espinasse diz-lhe:)*

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Doutor, estais sonhando.

BORDEU. — É verdade.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Em que sonhais?

BORDEU. — A propósito de Voltaire.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — E então?

BORDEU. — Sonho com a maneira com que se fazem os grandes homens.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — E como se fazem eles?

BORDEU. — Como a sensibilidade. . .

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — A sensibilidade?

BORDEU. — Ou a extrema mobilidade de certos filetes do feixe, que é a qualidade dominante dos seres medíocres.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Ah! doutor, que blasfêmia.

BORDEU. — Eu já esperava isso. Mas o que é um ser sensível? Um ser abandonado à discrição do diafragma.[34] Uma palavra tocante feriu o ouvido, um fenômeno singular feriu o olho, e eis de repente o tumulto interno que se ergue, todas as fibras do feixe que se agitam, o frêmito que se espalha, o horror que se apodera, as lágrimas que correm, os suspiros que sufocam, a voz que se interrompe, a origem do feixe que não sabe o que ele se torna; não há mais sangue-frio, nem razão, nem julgamento, nem instinto, nem recurso.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Eu me reconheço.

BORDEU. — O grande homem, se por infelicidade recebeu essa disposição natural, ocupar-se-á sem trégua em enfraquecê-la, em dominá-la, em tornar-se senhor de seus movimentos e em conservar para a origem do feixe todo o seu império. Então ele se dominará em meio dos maiores perigos, julgará friamente, mas sãmente. Nada do que pode servir a suas concepções e concorrer a seu alvo lhe escapará; dificilmente espantar-se-á; terá quarenta e cinco anos; será grande rei, grande político, grande artista e, sobretudo, grande comediante, grande filósofo, grande poeta, grande músico, grande médico; reinará sobre si mesmo e sobre tudo o que o cerca. Não temerá a morte, medo, como disse sublimemente o estóico, que é uma alça que o robusto segura para levar o fraco a toda parte onde lhe apraz; ele terá quebrado a alça e ter-se-á ao mesmo tempo liberto de todas as tiranias do mundo. Os seres sensíveis ou os loucos se acham no palco, ele está na platéia;[35] ele é o sábio.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Deus me guarde da sociedade desse sábio.

BORDEU. — É por não haverdes trabalhado a fim de se lhe assemelhar que tereis alternadamente penas e prazeres violentos, que passareis a vida a rir e a chorar, e que nunca sereis mais do que uma criança.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Eu me conformo a tanto.

BORDEU. — E esperais ser mais feliz assim?

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Não sei nada.

BORDEU. — Senhorita, esta qualidade tão apreciada, que não nos conduz a nada de grande,

[32] Jacques Vaucanson (1709-1782), criador de autômatos que foram a maravilha da época.

[33] Compositor francês (1741-1813), com temas e entonações bastante a gosto do sentimentalismo do autor de *O Pai de Família.*

[34] Bordeu encontrava na ação deste, ou do estômago, um segundo centro de atividade, ao lado do cérebro. Diderot volta ao tema no *Paradoxo.*

[35] Trata-se de um dos *leitmotiv* do *Paradoxo sobre o Comediante,* onde é desenvolvida a análise da relação entre sensibilidade e intelecto na arte do ator.

não se exerce quase nunca fortemente sem dor, ou fracamente sem aborrecimento; ou se boceja, ou se está ébrio. Vós vos prestais sem medida à sensação de uma música deliciosa; vós vos deixais arrastar pelo encanto de uma cena patética; vosso diafragma se fecha, o prazer passou e não vos resta senão uma sufocação, que dura todo o sarau.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Mas se não posso desfrutar da música sublime, nem da cena tocante, a não ser com essa condição?

BORDEU. — Erro. Eu também sei desfrutar, sei admirar e jamais sofro, a não ser de cólica. Tenho prazer puro; minha censura é muito mais severa, meu elogio mais lisonjeiro e mais refletido. Será que existe a má tragédia para almas tão móveis como a vossa? Quantas vezes não enrubescestes, na leitura, devido aos transportes que experimentastes no espetáculo, e reciprocamente?

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Isso me acontece.

BORDEU. — Não é pois ao ser sensível como vós, mas ao ser tranqüilo e frio como eu que compete dizer: isto é verdadeiro, isto é bom, isto é belo. . . Fortaleçamos a origem da rede, é tudo o que de melhor temos a fazer. Sabeis que há risco de vida?

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — De vida! doutor, isso é grave.

BORDEU. — Sim, de vida. Não há pessoa que não tenha tido alguma vez desgosto. Um só acontecimento basta para dar essa sensação involuntária e habitual; então, apesar das distrações, da variedade dos divertimentos, dos conselhos dos amigos, de seus próprios esforços, as fibras levam obstinadamente abalos funestos à origem do feixe; o infeliz em vão se debate, o espetáculo do universo se enegrece para ele; caminha com um cortejo de idéias lúgubres que não o largam, e ele acaba por livrar-se de si mesmo.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Doutor, estais me dando medo.

D'ALEMBERT. — *(De pé, em* robe de chambre *e em gorro de dormir.)* E do sono, doutor, o que dizeis? É uma boa coisa.

BORDEU. — O sono, o estado em que, seja por cansaço, seja por hábito, a rede toda se relaxa e permanece imóvel; em que, como na doença, cada filete da rede se agita, se move, transmite à origem comum uma multidão de sensações amiúde disparatadas, descosidas, perturbadas; outras vezes tão ligadas, tão contínuas, tão bem ordenadas que o homem desperto não teria mais razão, nem mais eloqüência, nem mais imaginação; às vezes tão violentas, tão vivas, que o homem desperto fica na incerteza quanto à realidade da coisa. . .

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Pois bem, e o sono?

BORDEU. — É um estado do animal em que não há mais conjunto: todo concerto, toda subordinação cessa. O amo é abandonado à discrição dos seus vassalos e à energia desenfreada de sua própria atividade. O fio óptico agitou-se? A origem da rede vê; ouve, se é o fio auditivo que a solicita. A ação e a reação são as únicas coisas que subsistem entre eles; é uma conseqüência da propriedade central, da lei de continuidade e do hábito. Se a ação começa pela fibra voluptosa, que a natureza destinou ao prazer do amor e à propagação da espécie, a imagem desperta do objeto amado será o efeito da reação na origem do feixe. Se tal imagem, ao contrário, desperta primeiro na origem do feixe, a tensão da fibra voluptosa, a efervescência e a efusão do fluido seminal serão as seqüências da reação.

D'ALEMBERT. — Assim há o sonho ascendente e o sonho descendente. Tive um deles esta noite: quanto ao caminho que tomou, ignoro.

BORDEU. — Na vigília, a rede obedece às impressões do objeto exterior. No sono, é do exercício de sua própria sensibilidade que emana tudo quanto se passa nela. Não há distração alguma no sonho; daí sua vivacidade: é quase sempre a conseqüência de um eretismo, um acesso passageiro de moléstia. A origem do feixe é nele alternadamente ativa e passiva de uma infinidade de maneiras: daí sua desordem. Os conceitos encontram-se nele às vezes tão ligados, tão distintos, quanto no animal exposto ao espetáculo da natureza. Ele é apenas o quadro desse espetáculo reexcitado: daí sua verdade, daí a impossibilidade de discerni-lo do estado de vigília, não há nenhuma

probabilidade de um desses estados mais do que de outro; nenhum meio de reconhecer o erro senão a experiência.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — E a experiência é possível sempre?

BORDEU. — Não.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Se o sonho me oferecer o espetáculo de um amigo que perdi, e mo oferecer tão verdadeiro como se esse amigo existisse; se ele me falar e eu o ouvir; se eu o tocar e se ele der a impressão de solidez às minhas mãos; se, ao meu despertar, eu tiver a alma plena de ternura e dor, e meus olhos inundados de lágrimas; se meus braços forem ainda levados para o lugar onde ele me apareceu, quem me responderá que eu não o vi, ouvi e toquei realmente?

BORDEU. — Sua ausência. Mas, se é impossível discernir a vigília do sono, quem é que apreciará sua duração? Tranqüilo, é um intervalo asfixiado entre o momento de deitar-se e o de levantar-se: perturbado, dura às vezes anos. No primeiro caso, pelo menos, a consciência do eu cessa inteiramente. Um sonho que nunca alguém teve e que nunca terá, me direis vós?

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Sim, é que somos um outro.

D'ALEMBERT. — E no segundo caso, não só temos consciência do eu, mas ainda a de sua vontade e de sua liberdade. O que é essa liberdade, o que é essa vontade do homem que sonha?

BORDEU. — O que é? É a mesma que a do homem que vela: o último impulso do desejo e da aversão, o último resultado de tudo quanto se foi desde o nascimento até o momento em que se está: e eu desafio o espírito mais sutil a perceber aí a menor diferença.

D'ALEMBERT. — Vós o credes?

BORDEU. — E sois vós quem me propondes semelhante pergunta! Vós que, entregue a especulações profundas, passastes dois terços de vossa vida a sonhar de olhos abertos e a agir sem querer; sim, sem querer, bem menos que em vossos sonhos. Em vosso sonho comandais, ordenais, sois obedecido; ficais descontente ou satisfeito, experimentais contradição, deparais obstáculos, vós vos irritais, amais, odiais, censurais, ides, vindes. No decurso de vossas meditações, mal vossos olhos se abriam de manhã quando, presa novamente da idéia que vos preocupara na véspera, vós haveis vos vestido, sentado à vossa mesa, meditado, traçado figuras, seguido os cálculos, almoçado, retomado vossas combinações e às vezes deixado a mesa para verificá-las; vós haveis falado a outrem, dado ordens à vossa criada, ceado, vós haveis vos deitado, adormecido sem ter praticado o menor ato de vontade. Não fostes senão um ponto; agistes mas não quisestes. Será que se quer, por si? A vontade nasce sempre de algum motivo interior ou exterior, de alguma impressão presente, de alguma reminiscência do passado, de alguma paixão, de algum projeto no futuro. Depois disso, dir-vos-ei sobre a liberdade apenas uma palavra, é que a derradeira de nossas ações é o efeito necessário de uma causa una: nós, muito complicada, porém una.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Necessário?

BORDEU. — Sem dúvida. Tentai conceber a produção de outra ação, supondo que o ser atuante seja o mesmo.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Ele tem razão. Uma vez que eu ajo assim, aquele que pode agir de outro modo não é mais eu; e assegurar que no momento em que faço ou digo uma coisa, posso dizer ou fazer outra, é assegurar que eu sou eu e que eu sou um outro. Mas, doutor, e o vício e a virtude?[36] A virtude, esta palavra tão santa em todas as línguas, esta idéia tão sagrada em todas as nações!

BORDEU. — Cumpre transformá-la na de beneficência, e seu oposto na de maleficência. A gente nasce afortunada ou desafortunadamente; somos irresistivelmente arrastados pela torrente geral que conduz um à glória e outro à ignomínia.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — E a auto-estima, e a vergonha e o remorso?

BORDEU. — Puerilidade fundada na ignorância e na vaidade de um ser que se imputa a si próprio o mérito ou o demérito de um instante necessário.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — E as recompensas e os castigos?

[36] Qual a relação entre necessidade e liberdade, quais os efeitos do determinismo sobre a moral? São perguntas de supremo interesse para reformadores dos costumes, como Diderot.

BORDEU. — São meios de corrigir o ser modificável que se denomina mau, e encorajar o que se denomina bom.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — E essa doutrina toda nada tem de perigoso?

BORDEU. — Ela é verdadeira ou falsa?

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Creio que é verdadeira.

BORDEU. — Isto quer dizer que pensais que a mentira tem suas vantagens, e a verdade seus inconvenientes.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Assim penso.

BORDEU. — E eu também: mas as vantagens da mentira são momentâneas, e as da verdade são eternas; mas as conseqüências vergonhosas da verdade, quando ela as têm, passam depressa, e as da mentira só terminam com esta. Examinai os efeitos da mentira na cabeça do homem, e seus efeitos na conduta dele; em sua cabeça, ou a mentira ligou-se mais ou menos à verdade, e a cabeça é falsa; ou o homem está bem e conseqüentemente ligado à mentira, e a cabeça é errônea. Ora, que conduta podeis esperar de uma cabeça ou inconseqüente em seus raciocínios, ou conseqüente em seus erros?

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — O último desses vícios, menos desprezível, é talvez mais de temer que o primeiro.

D'ALEMBERT. — Muito bem: eis portanto tudo reduzido a sensibilidade, a memória, a movimentos orgânicos; isso me convém bastante. Mas a imaginação? Mas as abstrações?

BORDEU. — A imaginação...

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Um momento, doutor: recapitulemos. Segundo vossos princípios, parece-me que, por uma série de operações puramente mecânicas, eu reduziria o primeiro gênio da Terra a certa massa de carne não organizada, à qual se deixaria apenas a sensibilidade do momento, e que se reconduziria esta massa informe do estado de estupidez mais profunda que se possa imaginar à condição do homem de gênio. Um dos dois fenômenos consistiria em mutilar a meada primitiva de um certo número de suas fibras, e a enredar bem o resto; e o fenômeno inverso em restituir à meada as fibras que foram separadas, e em abandonar o todo a um feliz desenvolvimento. Exemplo: tiro de Newton as duas fibras auditivas, e não há mais sensações de som; as fibras olfativas, e não há mais sensações de odores; as fibras ópticas, e não há mais sensações de cores; as fibras palatinas, e não há mais sensações de sabores; suprimo ou baralho as outras, e adeus a organização do cérebro, a memória, o julgamento, os desejos, as aversões, as paixões, a vontade, a consciência do eu, e eis uma certa massa informe que conservou apenas a vida e a sensibilidade.

BORDEU. — Duas qualidades quase idênticas; a vida é do agregado, a sensibilidade é do elemento.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Retomo esta massa e lhe restituo as fibras olfativas, ela fareja; as fibras auditivas, ela ouve; as fibras ópticas, ela vê; as fibras palatinas, ela saboreia. Desenredando o resto da meada, permito às outras fibras que se desenvolvam, e vejo renascer a memória, as comparações, o juízo, a razão, os desejos, as aversões, as paixões, a aptidão natural, o talento, e volto a achar o meu homem de gênio, e isso sem a mediação de nenhum agente heterogêneo e ininteligível.

BORDEU. — Muito bem: ficai nisso, o resto não passa de galimatias... Mas as abstrações? Mas a imaginação? A imaginação é a memória das formas e das cores. O espetáculo de uma cena, de um objeto, monta necessariamente o instrumento sensível de uma certa maneira; ele se remonta ou por si mesmo, ou é remontado por alguma causa estranha. Então freme por dentro ou ressoa por fora; recorda em silêncio as impressões que recebeu, ou as faz prorromper por meio de sons convencionados.

D'ALEMBERT. — Mas seu relato exagera, omite circunstâncias, junta outras, desfigura o fato ou o embeleza, e os instrumentos sensíveis adjacentes concebem impressões que são realmente as do instrumento que ressoa, mas não as da coisa que se passou.

BORDEU. — É verdade, o relato é histórico ou poético.

D'ALEMBERT. — Mas como se introduziu essa poesia ou essa mentira no relato?

BORDEU. — Pelas idéias que se despertam umas às outras, e elas se despertam porque sempre estiveram ligadas. Se tomastes a liberdade de comparar o animal a um cravo, me permitireis de fato comparar o relato do poeta ao canto.

D'ALAMBERT. — Isso é justo.

BORDEU. — Há em todo canto uma gama. Esta gama possui seus intervalos; cada uma de suas cordas possui seus harmônicos, e os harmônicos têm os seus. Foi assim que se introduziram modulações de passagem na melodia, que o canto se enriqueceu e se estendeu. O fato é um motivo dado que cada músico sente à sua maneira.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — E por que embrulhar a questão com esse estilo figurado? Eu diria que, tendo cada um seus olhos, cada um vê e relata diversamente. Eu diria que cada idéia desperta outras, e que, conforme o temperamento ou o caráter de cada um, nós nos atemos às idéias que representam o fato rigorosamente, ou introduzimos nele as idéias despertadas, eu diria que entre essas idéias, há escolha; eu diria... que só esse tema tratado a fundo forneceria um livro.

D'ALEMBERT. — Tendes razão; o que não me impedirá de perguntar ao doutor se está realmente persuadido de que uma forma, que não se assemelhasse a nada, nunca se engendraria na imaginação, e não se produziria de modo algum no relato.

BORDEU. — Assim creio. Todo o delírio dessa faculdade se reduz ao talento desses charlatães que, de vários animais despedaçados, compõem um outro, bizarro, que jamais se viu na natureza.

D'ALEMBERT. — E as abstrações?

BORDEU. — Não existem; o que existe são reticências habituais, elipses que tornam as proposições mais gerais e a linguagem mais rápida e mais cômoda. São os signos da linguagem que deram origem às ciências abstratas. Uma qualidade comum a várias ações engendrou as palavras vício e virtude; uma qualidade comum a vários seres engendrou as palavras feiúra e beleza. Alguém disse um homem, um cavalo, dois animais; em seguida, alguém disse um, dois, três, e toda a ciência dos números nasceu. Ninguém tem idéia de uma palavra abstrata. Notaram-se em todos os corpos três dimensões, o comprimento, a largura e a profundidade; tratou-se de cada uma dessas dimensões, e daí todas as ciências matemáticas. Toda abstração não é senão um signo vazio de idéia. Excluir-se a idéia separando-se o signo do objeto físico, e é só ligando de novo o signo ao objeto físico que a ciência volta a ser uma ciência de idéias; daí a necessidade, tão freqüente na conversação, nas obras, de chegar a exemplos. Quando, após uma longa combinação de signos, pedis um exemplo, não exigis de quem fala outra coisa exceto que dê corpo, forma, realidade, idéia ao rumor sucessivo de seus acentos, aplicando a isso sensações experimentadas.

D'ALEMBERT. — A coisa está bem clara para vós, senhorita?

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Não extremamente, mas o doutor vai explicar-se.

BORDEU. — É o que vos apraz dizer. Não que não haja talvez algo a retificar e muito a acrescentar ao que expus; mas são onze e meia, e tenho ao meio-dia uma consulta no Marais.[37]

D'ALEMBERT. — A linguagem mais rápida e mais cômoda! Doutor, será que a gente se ouve? Será que a gente é ouvido?

BORDEU. — Quase todas as conversações são contas feitas... Não sei mais onde está minha bengala... Não há a seu respeito nenhuma idéia presente no espírito... E meu chapéu... E pela simples razão de que nenhum homem se parece particularmente com outro, nós nunca ouvimos precisamente, nunca somos precisamente ouvidos; há mais ou menos em tudo: nosso discurso está sempre aquém ou além da sensação. Percebe-se bem a diversidade em alguns juízos, porém há mil outras vezes em que não se percebe, e em que felizmente não se poderia perceber... Adeus, adeus.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Uma palavra ainda, por favor.

BORDEU. — Falai, pois, mas depressa.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Ainda vos lembrais daqueles saltos de que me falastes?

BORDEU. — Sim.

[37] Velho bairro parisiense.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Credes que os tolos e as pessoas de espírito tenham desses saltos em suas raças?

BORDEU. — Por que não?

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Tanto melhor para os nossos pósteros; talvez se reproduza um Henrique IV.

BORDEU. — Talvez já se tenha reproduzido.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Doutor, deveríeis vir almoçar conosco.

BORDEU. — Farei o possível, não prometo; vós me prendeis quando venho.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Esperar-vos-emos até as duas horas.

BORDEU. — Aceito.

CONTINUAÇÃO DO DIÁLOGO

Tradução e notas de **J. Guinsburg**

INTERLOCUTORES:

Senhorita de l'Espinasse e Bordeu

Perto das duas horas, o doutor volta. D'Alembert foi almoçar fora, e o doutor se encontra a sós com a Senhorita de l'Espinasse. A mesa é servida. Os dois falam de coisas indiferentes até a sobremesa; mas, quando os criados são dispensados, a Senhorita de l'Espinasse diz ao doutor:

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Vamos, doutor, bebei uma taça de málaga, e em seguida me respondereis a uma pergunta que me passou cem vezes pela cabeça, e que só ousaria propor a vós.

BORDEU. — Esse málaga é excelente... E vossa pergunta?

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — O que pensais da mistura das espécies?

BORDEU. — Por minha fé, a pergunta também é boa. Penso que os homens atribuíram muita importância ao ato da geração, e que foi com razão; mas estou descontente com suas leis tanto civis como religiosas.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — E o que achais para censurar-lhes?

BORDEU. — Que foram feitas sem eqüidade, sem objetivo e sem nenhum respeito para com a natureza das coisas e a utilidade pública.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Tentai explicar-vos.

BORDEU. — É meu desígnio... Mas esperai... *(Olha para o relógio.)* Disponho ainda de uma boa hora para vos dar; serei rápido, e isso nos bastará. Estamos sós, não sois hipócrita e não ireis imaginar que pretendo faltar com o respeito que vos devo; e, qualquer que seja o julgamento que fizerdes de minhas idéias, espero, de meu lado, que nada haveis de concluir contra a honestidade de meus costumes.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Com toda certeza, mas vosso início me inspira cuidados.

BORDEU. — Nesse caso, mudemos de assunto.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Não, não: ide adiante. Um de vossos amigos que nos procurava maridos, a mim e a minhas duas irmãs, dava um silfo à mais nova, um grande anjo de anunciação à mais velha, e a mim um discípulo de Diógenes; ele conhecia muito bem todas as três. Entretanto, devagar, doutor, um pouco devagar.

BORDEAU. — Isso nem é preciso recomendar, na medida em que o assunto e o meu estado comportam.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Isso não vos custará muito... Mas aí está vosso café... tomai vosso café.

BORDEU— *(Após tomar o café.)* Vossa pergunta é de física, de moral e de poética.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — De poética!

BORDEU. — Sem dúvida; a arte de criar seres que não existem, à imitação dos que existem, é verdadeira poesia. Desta vez, em lugar de Hipócrates, permitireis pois que eu cite Horácio. Este poeta, ou autor, diz algures: *Omne tulit punctum, qui miscuit utile dulci;*[1] o mérito supremo é o de ter reunido o útil ao agradável. A perfeição consiste em conciliar esses dois pontos. A ação

[1] *Arte Poética*, v. 343: Quem mistura o útil ao agradável obtém todos os votos.

agradável e útil deve ocupar o primeiro lugar na ordem estética; não podemos recusar o segundo ao útil; o terceiro caberá ao agradável; e relegaremos ao grau ínfimo aquele que não produz prazer nem proveito.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Até aí posso compartilhar de vossa opinião sem enrubescer. Onde nos levará isso?

BORDEU. — Ireis ver: senhorita, poderíeis informar-me que proveito e que prazer a castidade e a continência rigorosas produzem, seja ao indivíduo que as pratica, seja à sociedade?

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Por Deus, nenhum.

BORDEU. — Logo, a despeito dos magníficos elogios que o fanatismo lhes prodigalizou, a despeito das leis civis que as protegem, nós as excluiremos do catálogo das virtudes, e conviremos que nada há de tão pueril, de tão ridículo, de tão absurdo, de tão nocivo, de tão desprezível, nada há de pior, à exceção do mal positivo, do que essas duas raras qualidades...

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Pode-se conceder isso.

BORDEU. — Tomai cuidado, eu vos previno, logo mais haveis de recuar.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Nós jamais recuamos.

BORDEU. — E as ações solitárias?

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — E então?

BORDEU. — Então, elas produzem pelo menos prazer ao indivíduo, e nosso princípio é falso, ou...

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — O que, doutor!...

BORDEU. — Sim, senhorita, sim, e pela razão de que são também indiferentes, de que não são também estéreis. É uma necessidade, e mesmo que não fôssemos a tanto solicitados pela necessidade, é sempre algo doce. Desejo que as pessoas fiquem bem de saúde, desejo-o absolutamente, compreendeis? Censuro todo excesso, mas em um estado de sociedade tal como o nosso, há cem considerações razoáveis contra uma, sem contar o temperamento e as conseqüências funestas de uma continência rigorosa sobretudo para as pessoas jovens; a pouca fortuna, o temor entre os homens de um arrependimento agudo e entre as mulheres o da desonra, que reduzem uma infeliz criatura que perece de langor e enfado, um pobre-diabo que não sabe a quem se dirigir, a aviar-se à maneira do cínico. Catão, que dizia a um moço que estava a ponto de entrar em casa de uma cortesã: "Coragem, meu filho...",[2] far-lhe-ia a mesma consideração hoje em dia? Se o surpreendesse ao contrário, só, em flagrante delito, não acrescentaria: isso é melhor do que corromper a mulher de outrem, ou do que expor a honra e a saúde?... Pois que! pelo fato de as circunstâncias me privarem da maior ventura que se possa imaginar, a de confundir meus sentidos com os sentidos, minha embriaguez com a embriaguez, minha alma com a alma de uma companheira que meu coração escolhesse, e de me reproduzir nela e com ela; pelo fato de não poder consagrar minha ação com o selo da utilidade, eu me vedaria um instante necessário e delicioso! Fazemo-nos sangrar na pletora; e que importa a natureza do humor superabundante, e sua cor, e a maneira de se livrar dele? Ele é tão supérfluo em uma dessas indisposições quanto na outra; e se, rebombeado de seus reservatórios, distribuído por toda a máquina, ele se escoa por uma outra via mais longa, mais penosa e perigosa, ficará menos perdido? A natureza não suporta nada de inútil; e como hei de ser culpado por ajudá-la, quando pede meu auxílio pelos sintomas menos equívocos possíveis? Não a provoquemos nunca, mas prestemos-lhe a mão na oportunidade, não vejo na recusa e na ociosidade senão tolice e prazer falhado. Vivei sóbrio, dir-me-ão, extenuai-vos

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Eis uma doutrina que não é boa para se pregar às crianças.

BORDEU. — Nem aos outros. Entretanto, vós me permitireis uma suposição? Tendes uma filha recatada, muito recatada, inocente, muito inocente; está na idade em que o temperamento se desenvolve. Sua cabeça se perturba, a natureza não a socorre de modo algum: vós me chamais. Percebo de pronto que todos os sintomas que vos atemorizam nascem da superabundância e da

[2] V. Horácio, *Sátiras*, 1-2, v. 31 e ss.

retenção do fluido seminal; eu vos advirto que ela está ameaçada de uma loucura que é fácil prevenir, e que às vezes é impossível curar; eu vos indico o remédio. Que fazeis?

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Para dizer a verdade, creio... mas esse caso nunca acontece...

BORDEU. — Não vos enganeis; não é raro e seria freqüente, se a licença dos costumes não o obviasse... Seja como for, seria calcar aos pés toda decência, atrair sobre si as suspeitas mais odiosas, e cometer um crime de lesa-sociedade divulgar tais princípios. Estais devaneando.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Sim, eu me abalançava a perguntar-vos se alguma vez chegastes a precisar fazer semelhante confidência às mães.

BORDEU. — Seguramente.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — E que alvitre adotaram essas mães?

BORDEU. — Todas, sem exceção, o bom alvitre, o sensato... Eu não tiraria, na rua, o meu chapéu ao homem suspeito de praticar minha doutrina; bastar-me-ia que o chamassem de infame. Mas estamos conversando sem testemunhas e sem conseqüências; e eu vos direi de minha filosofia o que Diógenes inteiramente nu dizia ao jovem e pudico ateniense contra o qual ele se preparava para lutar: "Meu filho, nada temas, não sou tão malvado como aquele ali".

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Doutor, vejo aonde quereis chegar, e aposto...

BORDEU. — Não aposteis, ganharíeis. Sim, senhorita, é minha opinião.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Como! quer a gente se encerre na muralha da própria espécie, quer a gente saia?

BORDEU. — É verdade.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Sois monstruoso.

BORDEU. — Não sou eu, é ou a natureza ou a sociedade. Ouvi, senhorita, não fico impressionado com palavras, e me explico tanto mais livremente quanto sou limpo e quanto a pureza de meus costumes não deixa azo de nenhum lado. Eu vos perguntaria pois, de duas ações igualmente restritas à voluptuosidade, que só podem produzir prazer sem utilidade, mas das quais uma o proporciona apenas a quem a comete e a outra o partilha com um ser similar masculino ou feminino, pois o sexo, no caso, nem tampouco o emprego do sexo nada altera, em favor de qual o senso comum se pronunciaria?

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Essas questões são muito sublimes para mim.

BORDEU. — Ah! depois de ter sido um homem durante quatro minutos, eis que retomais vossa coifa e vossos saiotes, e voltais a ser mulher. Está certo? Pois bem! cumpre tratar-vos como tal... A coisa está decidida... Não se diz mais palavra de Madame du Barry...[3] Como vedes, tudo se arruma: julgava-se que a corte ia ficar transtornada. O amo procedeu como homem sensato. *Omne tulit punctum,*[4] guardou a mulher que lhe dá gosto, e o ministro que lhe é útil... Mas vós não me escutais... Onde estais?

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Estou nessas combinações que se me afiguram todas contra a natureza.

BORDEU. — Tudo o que existe não pode ser nem contra a natureza, nem fora da natureza; não excetuo sequer a castidade e a continência voluntárias, que seriam os primeiros dos crimes contra a natureza, se se pudesse pecar contra a natureza, e os primeiros dos crimes contra as leis sociais de um país onde fossem pesadas as ações em outra balança que não a do fanatismo e do preconceito.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Volto a vossos malditos silogismos, e não vejo neles qualquer meio-termo, é preciso ou tudo negar ou tudo aceitar... Mas vede, doutor, é mais honesto e mais curto saltar por cima do lamaçal e retornar à minha primeira pergunta: que pensais da mistura das espécies?

BORDEU. — Nada há a saltar para isso; estávamos nela. Vossa pergunta é de física ou de moral?

[3] A favorita de Luís XV não fazia mistério de sua antipatia ao ministro Choiseul, ao qual o texto faz referência abaixo.
[4] Cf. supra, nota 1.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — De física, de física.

BORDEU. — Tanto melhor; a questão de moral caminhava à frente, e vós a concluís. Assim, pois...

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — De acordo... sem dúvida é uma preliminar, mas eu gostaria... que separásseis a causa do efeito. Deixemos a causa vil de lado.

BORDEU. — É ordenar-me que comece pelo fim; mas já que o quereis, dir-vos-ei que, graças à nossa pusilanimidade, às nossas repugnâncias, às nossas leis, aos nossos preconceitos, há pouquíssimas experiências feitas; [5] que se ignoram quais seriam as cópulas inteiramente infrutuosas; os casos em que o útil se reuniria ao agradável; que sorte de espécies se poderia esperar de tentativas variadas e seguidas; se os faunos são reais ou fabulosos; se não se multiplicariam de cem maneiras diversas as raças dos mulos, e se as que conhecemos são verdadeiramente estéreis. Mas um fato singular, que uma infinidade de pessoas instruídas vos atestará como verídico, e que é falso, é que viram no pátio das criações do arquiduque [6] infame coelho que servia de galo a uma vintena de galinhas infames, as quais se conformavam com o fato; acrescentarão que viram frangos cobertos de pêlos e originários dessas bestialidades. Acreditai que essa gente foi objeto de zombaria.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Mas o que entendeis por tentativas seguidas?

BORDEU. — Entendendo que a circulação dos seres é gradual, que as assimilações dos seres precisam ser preparadas, e que, para lograr êxito nessa espécie de experiência, cumpriria atacá-las de longe e trabalhar primeiro para aproximar os animais por um regime análogo.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Dificilmente se obrigará um homem a pastar.

BORDEU. — Mas não a tomar com freqüência leite de cabra, e se levará facilmente a cabra a nutrir-se de pão. Escolhi a cabra por considerações que me são particulares.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — E quais são essas considerações?

BORDEU. — Sois bem ousada! É que... é que tiraríamos dela uma raça vigorosa, inteligente, infatigável e veloz, da qual faríamos excelentes domésticos.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Muito bem, doutor. Parece-me que já enxergo, atrás da viatura de vossas duquesas, cinco ou seis grandes e insolentes caprípedes, e isso me rejubila.

BORDEU. — É que não mais degradaríamos nossos irmãos, sujeitando-os a funções indignas deles e de nós.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Ainda melhor.

BORDEU. — É que não reduziríamos mais o homem em nossas colônias à condição de besta de carga.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Não percais tempo, doutor, lançai-vos à tarefa, e fazei-vos caprípedes.

BORDEU. — E vós o permitireis sem escrúpulo?

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Mas, detende-vos, ocorre-me algo; vossos caprípedes seriam desenfreados dissolutos.

BORDEU. — Eu não vos garanti que fossem muito morais.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Não haverá mais segurança para as mulheres honestas, eles se multiplicarão sem fim, com o tempo será preciso matá-los a pancada ou obedecer-lhes. Não os quero mais, não os quero mais. Mantende-vos sossegado.

BORDEU. — *(Indo-se embora.)* E a questão do batismo deles?

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Armaria um belo charivari na Sorbonne.

BORDEU. — Vistes no Jardim do Rei, sob uma jaula de vidro, um orangotango com o ar de um São João que prega no deserto?

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Sim, eu o vi.

BORDEU. — O Cardeal de Polignac [7] lhe dizia um dia: "Fala, que eu te batizo".

[5] Eram poucas as experiências de hibridação feitas até então.

[6] Carlos Alexandre de Lorena, irmão do Imperador Francisco I, que se dedicara a pesquisas de ciências naturais e fundou a Academia de Ciências de Bruxelas.

[7] Escritor e diplomata (1661-1741), cartesiano zeloso.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Adeus então, doutor; não nos abandoneis por séculos, como costumais proceder, e pensai às vezes que eu vos amo até a loucura. Se alguém soubesse os horrores que me contastes?

BORDEU. — Estou certo de que haveis de calá-los.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Não vos fieis nisso, eu só ouço pelo prazer de repetir. Mas uma palavra ainda, e em minha vida jamais voltarei ao assunto.

BORDEU. — O que é?

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Esses gostos abomináveis, de onde provêm eles?

BORDEU. — Em toda parte, de uma pobreza de organização das pessoas jovens, e da corrupção da cabeça nos velhos; da atração pela beleza em Atenas, da falta de mulheres em Roma, do medo da varíola em Paris. Adeus, adeus.

SUPLEMENTO À VIAGEM DE BOUGAINVILLE[1] OU DIÁLOGO ENTRE A E B

SOBRE O INCONVENIENTE DE ATRIBUIR IDÉIAS MORAIS A CERTAS AÇÕES FÍSICAS QUE NÃO AS COMPORTAM

Tradução e notas de **J. Guinsburg**

[1] Louis-Antoine de Bougainville (1729-1814), matemático, advogado, militar, serviu como diplomata em Londres e acompanhou Montcalm ao Canadá. Posteriormente, ingressou na marinha, obtendo autorização para fundar uma colônia nas ilhas Falkland. Entre 1766 e 1769, empreendeu a viagem que o celebrizou e que o levou ao Taiti. O relato dessa exploração, sob o título de *Viagem em Torno do Mundo,* foi publicado em 1771, alcançando grande êxito. Bougainville, que participou ainda da Guerra da Independência americana, foi membro do Instituto de França, e Napoleão o fez senador e conde.

O *Suplemento* foi escrito no ano seguinte ao do aparecimento da *Viagem,* mas só foi impresso em 1796. Nesta encantadora e maliciosa apologia do estado natural, poder-se-ia ver um produto da escola rousseauniana, da teoria do bom selvagem, se tomada em si mesma. Mas, vista à luz de um pensamento que inclui, por exemplo, o *Ensaio sobre os Reinados de Cláudio e Nero,* onde são enaltecidos benefícios da civilização, surge como um elemento, um pólo, de uma dialética do homem, que colhe na análise paradoxal as componentes de seu processamento.

At quanto meliora monet, pugnantiaque istis,
Dives opis Natura suae, tu si modo recte
Dispensare velis, ac non fugienda petendis
Immiscere! Tuo vitio rerumne labores,
Nil referre putas?

"Ah! quão melhores, quão opostos a tais princípios
são os avisos da natureza, bastante rica em seu próprio fundo,
se apenas quiseres bem dispensar os seus recursos
e não misturar junto o que se deve fugir e o que se deve procurar.
Crês que seja indiferente que sofras por tua culpa ou pela culpa das coisas?"

(Horácio, *Sát.*, liv. I, sát. 11. v. 73 e ss.)

I

Julgamento da Viagem de Bougainville

A. — Esta soberba abóbada estrelada, sob a qual retornamos ontem, e que nos parecia garantir um belo dia, não nos manteve a palavra.

B. — Como sabeis disso?

A. — O nevoeiro é tão espesso que nos rouba a visão das árvores vizinhas.

B. — É verdade. Mas se esse nevoeiro, que permanece na parte inferior da atmosfera apenas porque ela está suficientemente carregada de umidade, tornar a descer sobre a terra?

A. — Mas se, ao contrário, atravessar a esponja, elevar-se e ganhar a região superior onde o ar é menos denso, e pode, como dizem os químicos, não estar saturado?

B. — É preciso esperar.

A. — Entrementes, o que fazeis?

B. — Leio.

A. — Ainda essa viagem de Bougainville?

B. — Ainda.

A. — Não entendo esse homem. O estudo das matemáticas, que supõe uma vida sedentária, preencheu o tempo de seus jovens anos; e eis que passa subitamente de uma condição meditativa e retirada ao mister ativo, penoso, errante e dissipado de viajante.

B. — De modo algum. Se o navio é apenas uma casa flutuante, e se considerais o navegador que atravessa espaços imensos, encerrado e imóvel num recinto bastante estreito, vós o vereis dando a volta do globo sobre uma tábua, como vós e eu damos a volta do universo sobre vosso assoalho.

A. — Outra extravagância aparente é a contradição entre o caráter do homem e de sua empresa. Bougainville tem o gosto dos divertimentos da sociedade; ama as mulheres,[2] os espetáculos, os repastos delicados; presta-se ao turbilhão do mundo com tão boa graça quanto às inconstâncias do elemento sobre o qual foi balouçado. É amável e jovial: é um verdadeiro francês lastrado, de um bordo, de um tratado de cálculo diferencial e integral, e de outro, de uma viagem à volta do globo.

B. — Ele procede como todo mundo: dissipa-se depois de aplicar-se, e aplica-se depois de dissipar-se.

A. — Que pensais de sua *Viagem?*

B. — Do que posso julgar de uma leitura assaz superficial, citaria a vantagem de três pontos principais: melhor conhecimento de nosso velho domicílio e de seus habitantes; mais segurança nos mares que ele percorreu de sonda na mão, e mais correção em nossos mapas geográficos. Bougainville partiu com as luzes necessárias e as qualidades próprias a seus intentos: filosofia, coragem e veracidade; um golpe de vista rápido que apreende as coisas e abrevia o tempo das observações; circunspecção, paciência; o desejo de ver, de esclarecer-se e de instruir-se; a ciência do cálculo, das mecânicas, da geometria, da astronomia; e uma tintura suficiente de história natural.

A. — E seu estilo?

[2] Nos interlúdios de sua vida aventureira, Bougainville dedicava-se à aventura amorosa.

B. — Sem afetação; o tom da coisa, simplicidade e clareza, sobretudo quando se possui a linguagem dos marinheiros.

A. — Seu curso foi longo?

B. — Tracei-o sobre este globo.[3] Estais vendo esta linha de pontos vermelhos?

A. — Que parte de Nantes?

B. — E corre até o estreito de Magalhães, entra no oceano Pacífico, serpenteia entre essas ilhas que formam o imenso arquipélago que se estende das Filipinas à Nova Holanda, roça Madagáscar e o cabo da Boa Esperança, prolonga-se até o Atlântico, segue as costas da África, e une uma de suas extremidades àquela de onde o navegador embarcou.

A. — E ele sofreu muito?

B. — Todo navegador expõe-se, e aceita expor-se aos perigos do ar, do fogo, da terra e da água: mas que, após errar meses inteiros entre o mar e o céu, entre a morte e a vida; após ser fustigado por tempestades, ameaçado de perecer por naufrágio, por doença, por falta de água e de pão, um infortunado venha, com a embarcação destroçada, cair, expirando de fadiga e de miséria, aos pés de um monstro de bronze que lhe recusa ou o faz esperar impiedosamente os socorros mais urgentes, é uma dureza. . . [4]

A. — Um crime digno de castigo.

B. — Uma dessas calamidades com a qual o viajante não contou.

A. — E não devia contar. Eu acreditava que as potências européias só enviassem, para comandantes em suas possessões ultramarinas, almas honestas, homens benfazejos, indivíduos cheios de humanidade, e capazes de compadecer-se. . .

B. — É bem o que as preocupa!

A. — Há coisas singulares nessa viagem de Bougainville.

B. — Muitas.

A. — Não assegura ele que os animais selvagens se aproximam do homem, e que os pássaros vêm pousar nele,[5] quando ignoram o perigo de semelhante familiaridade?

B. — Outros o disseram antes.

A. — Como explica ele a estada de certos animais em ilhas separadas de qualquer continente por intervalos aterradores de mar? Quem levou lá o lobo, a raposa, o cão, o cervo, a serpente?

B. — Ele não explica nada; atesta o fato.

A. — E vós, como o explicais?

B. — Quem conhece a história primitiva de nosso globo? Quantos espaços de terra, agora isolados, eram outrora contínuos? O único fenômeno, sobre o qual se poderia fazer alguma conjectura, é a direção da massa de água que os separou.

A. — Como assim?

B. — Pela forma geral dos arrancamentos.[6] Qualquer dia nos divertiremos com essa pesquisa, se isso vos convier. Por enquanto, estais vendo esta ilha que chamam dos *Lanceiros?*[7] À inspeção do lugar que ela ocupa no globo, não há quem não pergunte quem é que instalou aí homens? que comunicação os ligava outrora com o resto de sua espécie? o que acontecerá com eles quando se multiplicarem em um espaço que não conta mais do que uma légua de diâmetro?

A. — Eles se exterminam e se devoram; e daí talvez uma primeira época muito antiga e muito natural da antropofagia, insular de origem.

B. — Ou a multiplicação é nela limitada por alguma lei supersticiosa; a criança é esmagada no seio da mãe que é calcada aos pés de uma sacerdotisa.[8]

[3] O roteiro indicado é o da própria *Viagem,* segundo o mapa geral estabelecido por Bougainville.

[4] Há quem veja aí alusão à acolhida que, no Rio de Janeiro, o vice-rei, Conde da Cunha, teria dispensado a Bougainville. P. Vernière, entretanto, relaciona o fato com dificuldades encontradas nas Malvinas *(op. cit.,* pág. 458, n. 2).

[5] Lembrança dos patos e das abetardas das ilhas Malvinas ou Falkland.

[6] Idéia baseada na *Teoria da Terra,* de Buffon e, no texto, relacionada especificamente às ilhas Falkland.

[7] Ilhota das Paumotu, descoberta por Bougainville, que lhe deu o nome de *Lanceiros,* por causa dos indígenas armados de lanças que o receberam ameaçadoramente.

[8] Pormenor proveniente de Montesquieu *(Espírito das Leis,* livro XXII, cap. 16).

A. — Ou o homem degolado expira sob a adaga de um sacerdote; ou se recorre à castração dos machos. . .

B. — À infibulação das fêmeas; e daí tantas práticas de uma crueldade necessária e extravagante, cuja causa se perdeu na noite dos tempos e que tortura os filósofos. Uma observação assaz constante é que as instituições sobrenaturais e divinas se fortalecem e se eternizam, transformando-se, com o tempo, em leis civis e nacionais; e que as instituições civis e nacionais se consagram, e degeneram em preceitos sobrenaturais e divinos.

A. — É uma das palingenesias mais funestas.

B. — Um fio a mais que juntamos ao laço com que nos apertam.

A. — Não se encontrava ele no Paraguai no momento mesmo da expulsão dos jesuítas?[9]

B. — Sim.

A. — O que diz a respeito?

B. — Menos do que poderia dizer, mas o bastante para nos informar que esses cruéis espartanos de hábito negro procediam, com seus escravos índios, como os lacedemônios com os hilotas; condenaram-nos a um trabalho assíduo; bebiam-lhes o suor, não lhes deixaram nenhum direito de propriedade; mantinham-nos no embrutecimento da superstição; exigiam-lhes profunda veneração; caminhavam no meio deles de chicote na mão, e os açoitavam sem distinção de idade e de sexo. Um século mais, e a expulsão tornar-se-ia impossível, ou motivo de longa guerra entre os monges e o soberano, cuja autoridade eles haviam sacudido pouco a pouco.

A. — E esses patagões, a respeito dos quais o Doutor Maty e o acadêmico La Condamine fizeram tanto barulho?[10]

B. — São boas gentes que vêm a vós, e que vos abraçam gritando *Chaua;* fortes, vigorosos, quase não excedendo todavia a altura de cinco pés e cinco a seis polegadas; não apresentando nada de enorme, exceto a corpulência, a grossura da cabeça, e a espessura dos membros.

Nascido com o gosto do maravilhoso, que exagera tudo em redor de si, como deixaria o homem uma justa proporção aos objetos, quando tem, por assim dizer, de justificar o caminho que percorreu, e o trabalho a que se deu para ir vê-los de tão longe?

A. — E do selvagem, o que pensa dele?

B. — É, ao que parece, à defesa diária contra os animais, que o mesmo deve o caráter cruel que se lhe observa às vezes. É inocente e doce, em toda parte onde nada lhe perturba o repouso e a segurança. Toda guerra nasce da pretensão comum à mesma propriedade. O homem civilizado tem uma pretensão comum, com o homem civilizado, à posse de um campo de que ambos ocupam as duas extremidades; e esse campo converte-se em motivo de disputa entre eles.

A. — E o tigre tem uma pretensão comum, com o homem selvagem, à posse de uma floresta; e é a primeira das pretensões, e a causa da mais antiga das guerras. . . Vistes o taitiano que Bougainville prendeu a bordo e transportou a este país?

B. — Eu o vi; chamava-se Aoturu.[11] A primeira terra que avistou, ele a tomou pela pátria dos viajantes; seja porque o tivessem iludido sobre o comprimento da viagem; seja porque, enganado naturalmente pela pouca distância aparente das bordas do mar que habitava, no lugar onde o céu parece confinar com o horizonte, ignorasse a verdadeira extensão da Terra. O uso comum das mulheres estava tão bem estabelecido em seu espírito, que se atirou sobre a primeira européia que veio a seu encontro, e se dispunha seriamente a fazer-lhe a cortesia do Taiti. Aborrecia-se entre nós. Como o alfabeto taitiano não tem *b*, nem *c*, nem *d*, nem *f*, nem *g*, nem *q*, nem *y*, nem *ç*, nem *z*, nunca conseguiu aprende a falar nossa língua, que oferecia a seus órgãos inflexíveis demasiadas articulações estranhas e sons novos, não cessava de suspirar por seu país, e isso não me espanta. A viagem de Bougainville é a única que me deu gosto por um outro país que não o meu; até esta leitura, pensei que em parte alguma a gente estivesse tão bem como em casa; resul-

[9] A expulsão dos jesuítas do Paraguai coincidiu com a passagem de Bougainville por Buenos Aires.

[10] A lenda dos gigantes patagões data da viagem de Magalhães. Toda uma polêmica surgira a propósito entre o secretário da Royal Society de Londres, Maty (1718-1776), e o Abade Coyer.

[11] Durante um ano, a curiosidade parisiense pôde ocupar-se daquela *avis rara*, com o taitiano trazido por Bougainville.

tado que eu julgava igual para cada habitante da Terra; efeito natural da atração do solo; atração que se deve às comodidades de que gozamos e as quais não temos a mesma certeza de encontrar alhures.

A. — O quê! não achais o habitante de Paris tão convencido de que cresçam espigas na campanha de Roma, assim como nos campos da Beauce?[12]

B. — Por minha fé, não. Bougainville enviou de volta Aoturu, depois de providenciar as despesas e a segurança de seu regresso.[13]

A. — Ó Aoturu! como ficarás contente de rever teu pai, tua mãe, teus irmãos, tuas irmãs, tuas amantes, teus compatriotas, o que lhes dirás de nós?

B. — Poucas coisas, e em que eles não acreditarão.

A. — Por que poucas coisas?

B. — Porque compreendeu poucas, e porque não descobrirá em sua língua nenhum termo correspondente àquelas de que tem algumas idéias.

A. — E por que não acreditarão nele?

B. — Porque, comparando seus costumes aos nossos, preferirão tomar Aoturu por mentiroso, a nos supor tão loucos.

A. — Em verdade?

B. — Eu não duvido: a vida selvagem é tão simples, e nossas sociedades são máquinas tão complicadas! O taitiano está próximo da origem do mundo, e o europeu, da sua velhice. O intervalo que o separa de nós é maior que a distância entre a criança recém-nascida e o homem decrépito. Ele nada entende de nossos usos, de nossas leis, ou então os vê somente como entraves disfarçados sob cem formas diversas; entraves capazes apenas de provocar a indignação e o desprezo de um ser em quem o sentimento da liberdade é o mais profundo dos sentimentos.

A. — É isso que traríeis na fábula do Taiti?

B. — Não é uma fábula; e não alimentaríeis a menor dúvida sobre a sinceridade de Bougainville, se conhecêsseis o suplemento de sua viagem.

A. — E onde se pode encontrar o mencionado suplemento?

B. — Ali, sobre a mesa.

A. — Acaso poderíeis confiá-lo a mim?

B. — Não, mas podemos percorrê-lo juntos, se quiserdes.

A. — Seguramente que sim. Eis o nevoeiro que torna a descer, e o azul do céu que começa a surgir. Parece que meu quinhão é o de errar convosco até nas menores coisas; devo ser bastante bom para perdoar-vos uma superioridade tão contínua.

B. — Tomai, tomai, lede: passai esse preâmbulo que não significa nada, e ide diretamente aos adeuses que um dos chefes da ilha deu aos nossos viajantes. Isso vos proporcionará alguma noção da eloqüência daquela gente.

A. — Como é que Bougainville compreendeu tais adeuses pronunciados em uma língua que ignorava?

B. — Ireis sabê-lo. É um velho quem fala.

II

Os Adeuses do Ancião

Era pai de numerosa família.[14] À chegada dos europeus, deixou cair olhares de desdém sobre eles, sem expressar espanto, nem medo, nem curiosidade. Abordaram-no; ele volveu-lhes as costas, retirou-se para sua cabana. Seu silêncio e seu cuidado revelavam muito bem seu pensamento: gemia, no íntimo, sobre os belos dias de seu país, eclipsados. À partida de Bougainville, quando os habitantes acorriam em multidão à margem, agarravam-se ao vestuário dele, apertavam seus camaradas entre os braços, e choravam, o velho avançou com ar severo e disse:

[12] Planície da Bacia parisiense.

[13] Bougainville providenciou efetivamente o retorno do taitiano que, no entanto, morreu de bexigas na viagem.

[14] O explorador fala realmente de um ancião que recusou o contato com os brancos.

"Chorai, infelizes taitianos! chorai; mas que seja pela chegada, e não pela partida desses homens ambiciosos e malvados: um dia, vós os conhecereis melhor. Um dia, voltarão, com o pedaço de madeira que vedes preso na cintura deste, em uma mão, e com o ferro que pende à ilharga daquele, em outra, para vos encadear, vos degolar, ou vos sujeitar às suas extravagâncias e a seus vícios; um dia servireis às ordens deles, tão corrompidos, tão vis, tão infelizes como eles. Mas eu me consolo; toco ao fim de minha carreira; e a calamidade que vos anuncio, eu não a verei. Ó taitianos! meus amigos! haveria um meio de escapardes a um funesto porvir; mas preferiria antes morrer a vô-lo aconselhar. Que eles se afastem, e que vivam".

Depois, dirigindo-se a Bougainville, acrescentou: "E tu, chefe dos bandidos que te obedecem, afasta prontamente teu navio de nossa costa: nós somos inocentes, nós somos felizes; e tu só podes prejudicar nossa felicidade. Nós seguimos o puro instinto da natureza; e tu tentaste expungir de nossas almas seu caráter. Aqui tudo é de todos; e tu nos pregaste não sei que distinção entre o teu e o meu. Nossas filhas e nossas mulheres nos são comuns; tu partilhaste esse privilégio conosco; e tu vieste acender nelas furores desconhecidos. Elas se tornaram loucas em teus braços; e tu te tornaste feroz entre os delas. Elas começaram a odiar-se; vós vos degolastes por elas; e elas voltaram a nós manchadas de vosso sangue. Nós somos livres; e eis que tu fincaste em nosso solo o título de nossa futura escravidão. Tu não és nem deus, nem demônio: quem és então, para fazer escravos? Oru! tu que entendes a língua desses homens aí, dizea todos nós, como disseste a mim, o que eles escreveram nesta lâmina de metal: 'Este país é nosso.'[15] Este país é teu! E por quê? Porque puseste o pé nele? Se um taitiano desembarcasse um dia em vossas costas, e se gravasse numa de vossas pedras ou na casca de uma de vossas árvores: 'Este país é dos habitantes do Taiti', o que acharias? Tu és o mais forte! E o que tem isso? Quando te tiraram uma das desprezíveis bagatelas de que tua embarcação está cheia, bradaste, te vingaste; e no mesmo instante projetaste, no fundo de teu coração, o roubo de todo um país. Tu não és escravo: prefererias a morte a sê-lo, e queres nos assujeitar. Crês portanto que o taitiano não sabe defender sua liberdade e morrer? Aquele de quem queres te apoderar como de um bruto, o taitiano, é teu irmão. Vós sois dois filhos da natureza; que direito tens tu sobre ele que ele não tenha sobre ti? Tu vieste; nós nos atiramos sobre tua pessoa? Pilhamos o teu navio? Nós te prendemos e te expusemos às flechas de nossos inimigos? Nós te associamos em nossos campos ao trabalho de nossos animais? Nós respeitamos nossa imagem em ti. Deixa-nos os nossos costumes; são mais sábios e mais honestos que os teus; nós não queremos trocar o que chamas nossa ignorância por tuas inúteis luzes. Tudo o que nos é necessário e bom, nós o possuímos. Somos nós dignos de desprezo, porque não soubemos criar para nós necessidades supérfluas? Quando temos fome, temos o que comer; quando temos frio, temos com que nos vestir. Tu entraste em nossas cabanas, o que faltava nelas, em tua opinião? Persegue até onde quiseres isso que denominas comodidades da vida; mas permite a seres sensatos que se detenham, quando não teriam a obter, da continuação de seus penosos esforços, senão bens imaginários. Se nos persuades a transpor o estreito limite da necessidade, quando findaremos de trabalhar? Quando fruiremos? Nós tornamos a soma de nossas fadigas anuais e diárias menor possível, porque nada nos parece preferível ao repouso. Vai a teu país te agitar, te atormentar quanto quiseres; deixa-nos descansar: não nos metas na cabeça nem tuas necessidades factícias, nem tuas virtudes quiméricas. Observa esses homens; vê como são eretos, sadios e robustos.[16] Observa essas mulheres; vê como são eretas, sadias, frescas e belas. Toma este arco, é o meu; chama em tua ajuda um, dois, três, quatro de teus camaradas, e tenta distendê-lo. Eu o distendo sozinho. Eu lavro a terra; escalo a montanha; atravesso a floresta; percorro uma légua da planície em menos de uma hora. Teus jovens companheiros tiveram dificuldade em me acompanhar; e eu tenho oitenta anos passados. Ai desta ilha! ai dos taitianos presentes, e de todos os taitianos vindouros, desde o dia em que tu nos visitaste! Nós não conhecíamos senão uma doença: aquela à qual o homem, o animal e a planta foram condenados, a velhice; e tu nos trouxeste outra: infectaste nosso sangue.[17] Teremos talvez de exterminar com nossas próprias mãos nossas

[15] Bougainville, em nome de Luís XV, tomou posse da terra.
[16] Os europeus admiraram de fato a formosura taitiana.
[17] Ingleses e franceses atribuíram-se mutuamente a introdução, na ilha, de moléstias venéreas.

filhas, nossas mulheres, nossas crianças; os que se aproximaram de tuas mulheres; as que se aproximaram de teus homens. Nossos campos serão molhados com o sangue impuro que passou de tuas veias às nossas; ou nossos filhos, condenados a nutrir e a perpetuar o mal que passaste aos pais e às mães, e que transmitirão para sempre a seus descendentes. Infelizes! Tu serás culpado, ou das devastações que se seguirão às funestas carícias dos teus, ou dos assassínios que cometeremos para sustar-lhes o veneno. Tu falas de crime! tens idéia de outro crime maior do que o teu? Qual é entre os teus o castigo de quem mata o vizinho? A morte pelo ferro. Qual é entre os teus o castigo do covarde que o envenena? A morte pelo fogo: compara teu crime a este último; e dize-nos, envenenador de nações, o suplício que mereces. Há apenas um momento, a jovem taitiana se abandonava aos transportes, aos abraços do jovem taitiano; esperava com impaciência que a mãe (autorizada pela idade núbil) lhe erguesse o véu e lhe pusesse a nu o colo. Ela sentia-se orgulhosa por excitar os desejos, e por atrair os olhares amorosos do desconhecido, de seus parentes, de seu irmão; aceitava sem terror e sem vergonha, em nossa presença, em meio de um círculo de inocentes taitianos, ao som das flautas, entre as danças, as carícias daquele que seu jovem coração e a voz secreta de seus sentidos lhe designavam. A idéia de crime e o perigo da moléstia entraram contigo entre nós. Nossos gozos, outrora tão doces, são acompanhados de remorsos e de horror. Esse homem negro, que está perto de ti, que me escuta, falou a nossos rapazes; não sei o que disse a nossas filhas; mas nossos rapazes hesitam; mas nossas filhas enrubescem. Embrenha-te, se quiseres, na floresta escura na companhia perversa de teus prazeres; mas concede aos bons e simples taitianos que se reproduzam sem pejo, à face do céu e à plena luz. Que sentimento mais honesto e mais grandioso poderias colocar no lugar daquele que nós lhes inspiramos, e que os anima? Eles pensam que o momento de enriquecer a nação e a família com um novo cidadão é chegado, e se glorificam com isso. Eles comem para viver e crescer; eles crescem para multiplicar-se, e não vêem nisso nem vício, nem vergonha. Escuta a série de tuas perversidades. Apenas te mostraste entre eles, e eles tornaram-se ladrões. Apenas desceste em nossa terra e ela fumegou de sangue. O taitiano que correu a teu encontro, que te acolheu, que te recebeu gritando: *Taïo! amigo, amigo,* tu o mataste. E por que o mataste? Porque ele fora seduzido pelo brilho de teus pequenos ovos de serpente. Ele te dava seus frutos; ele te oferecia sua mulher e sua filha; ele te cedia sua cabana: e tu o mataste por um punhado desses grãos, que ele apanhava sem te perguntar. E este povo? Ao fragor de tua arma mortífera, o terror se apoderou dele; e ele se refugiou na montanha.[18] Mas crê que não tardaria descer; crê que num instante, sem mim, teríeis perecido todos. Ah! por que os aplaquei? Por que os contive? Por que os contenho ainda neste momento? Eu o ignoro; pois não mereces nenhum sentimento de piedade; pois tens uma alma feroz que não a experimenta nunca. Tu passeaste, tu e os teus, em nossa ilha; tu foste respeitado; tu desfrutaste de tudo; tu não deparaste em teu caminho nem barreira, nem recusa: convidavam-te; tu te assentavas; desdobravam à tua frente a abundância do país. Quiseste as nossas jovens? Exceto as que não dispõem ainda do privilégio de exibir o rosto e o colo, as mães te apresentaram as outras totalmente nuas; eis-te possessor da tenra vítima do dever hospitaleiro; juncou-se, para ela e para ti, a terra de folhas e de flores; os músicos afinaram seus instrumentos; nada perturbou a doçura, nem estorvou a liberdade de tuas carícias, nem das delas. Cantou-se o hino, o hino que te exortava a ser homem, que exortava nossa filha a ser mulher, e mulher complacente e voluptuosa. Dançou-se em redor de teu leito; e foi ao sair dos braços dessa mulher, após ter provado sobre o seio dela a mais doce ebriedade, que lhe mataste o irmão, o amigo, o pai, talvez. Agiste pior ainda; observa por esse lado; vê esse contorno eriçado de flechas; essas armas que só haviam ameaçados nossos inimigos, vê como estão voltadas contra nossos próprios filhos: vê as desgraçadas companheiras de nossos prazeres; vê a tristeza delas; vê a dor de seus pais; vê o desespero de suas mães: é aí que se acham condenadas a perecer ou por nossas mãos, ou pelo mal que lhes deste. Afasta-te, a menos que teus olhos cruéis se comprazam com espetáculos de morte: afasta-te; vai, e possam os mares culpados, que te pouparam em tua viagem, absorver-te, e nos vingar, engolindo-te antes de teu retorno! E vós, taitianos, reentrai em vossas cabanas, reentrai todos: e que estes indignos

[18] Um incidente com soldados determinou a fuga da população, brutal e tragicamente surpreendida.

estrangeiros não ouçam à sua partida senão a onda que muge, e não vejam senão a espuma com que seu furor embranquece a margem deserta!"

Antes que terminasse, a multidão dos habitantes desapareceu: um vasto silêncio reinou em toda a extensão da ilha; e não se ouvia senão o silvo agudo dos ventos e o rumor surdo das águas em todo o comprimento da costa: dir-se-ia que o ar e o mar, sensíveis à voz do ancião, dispunham-se a obedecer-lhe.

B. — Pois bem, o que pensais disso?

A. — O discurso me parece veemente; mas através de não sei que de abrupto e selvagem, se me afigura reencontrar nele idéias e construções européias.

B. — Pensai, no entanto, que se trata de uma tradução do taitiano em espanhol, e do espanhol em francês. O velho fora, à noite, à casa desse Oru, por ele interpelado, e em cuja choupana o uso da língua espanhola conservara-se desde tempos imemorais.[19] Oru escreveu em espanhol a arenga do ancião, e Bougainville tinha uma cópia à mão, enquanto o taitiano a pronunciava.

A. — Não vejo muito bem, agora, por que Bougainville suprimiu esse fragmento; mas não é tudo; e minha curiosidade pelo resto não é ligeira.

B. — O que segue, quiçá, vos interessará menos.

A. — Não importa.

B. — É um colóquio do capelão da equipagem com um habitante da ilha.

A. — Oru?

B. — Ele mesmo. Quando o navio de Bougainville acercou-se do Taiti, um número infinito de árvores escavadas foram lançadas às águas; num instante sua embarcação foi cercada; para qualquer lado que volvesse o olhar, via demonstrações de surpresa e benevolência. Jogavam-lhe provisões; estendiam-lhe os braços; agarravam-se às cordas; guindavam-se contra as pranchas; enchiam a chalupa; gritavam para a margem, de onde os gritos eram respondidos; os habitantes da ilha acorriam; ei-los todos em terra: apoderam-se dos homens da tripulação; partilham-nos; cada um conduz o seu à sua cabana: os homens seguravam-nos sobraçados pelo meio do corpo; as mulheres afagavam-lhes as faces com as mãos. Colocai-vos lá; sede testemunha, pelo pensamento, desse espetáculo de hospitalidade; e dizei-me como achais a espécie humana.

A. — Muito bela.

B. — Mas eu esqueceria talvez de vos falar de um acontecimento assaz singular. Essa cena de benevolência e humanidade foi perturbada de repente pelos gritos de um homem que pedia socorro; era o criado de um dos oficiais de Bougainville. Jovens taitianos tinham-se atirado sobre ele, haviam-no derrubado no chão, despido e dispunham-se a fazer-lhe a civilidade.

A. — O quê! esses povos tão simples, esses selvagens tão bons, tão honestos?...

B. — Vós vos enganais; o referido criado era mulher disfarçada de homem. Ignorada pela equipagem inteira, durante todo o decurso de uma longa travessia, os taitianos adivinharam-lhe o sexo ao primeiro relance. Nascera na Borgonha; chamava-se Barré; nem feia, nem bonita, contava vinte e seis anos. Nunca saíra de seu povoado; e seu primeiro pensamento de viagem foi o de dar a volta do globo: ela mostrou sempre sabedoria e coragem.

A. — Essas frágeis máquinas encerram às vezes almas bem fortes.

III

Diálogo do Capelão e de Oru

B. — Na divisão que os taitianos fizeram da tripulação de Bougainville, o capelão[20] veio a ser o quinhão de Oru. O capelão e o taitiano eram quase da mesma idade, trinta e cinco a trinta

[19] O fato parece estar relacionado com a descoberta das Paumotu e do Taiti pelo lusitano Fernandes de Queiroz, no século XVI. Quanto à substituição do português pelo espanhol, ela resulta, ao que tudo indica, do puro arbítrio do autor.

[20] A *Viagem* nada registra de particular acerca do capelão, constando apenas o seu nome, que é La Vèze.

e seis anos. Oru possuía então apenas a mulher e três filhas chamadas Asto, Palli e Thia. Elas o despiram, lavaram-lhe o rosto, as mãos e os pés, e serviram-lhe uma refeição sadia e frugal. Quando estava a ponto de deitar-se, Oru, que se ausentara com a família, reapareceu, apresentou-lhe a mulher e as três filhas nuas,[21] e disse-lhe:

— Ceaste, és jovem, tens saúde; se dormires só, dormirás mal; o homem precisa à noite de uma companheira a seu lado. Eis minha mulher, eis minhas filhas: escolhe a que te convém; mas se queres fazer-me um favor, darás preferência à mais jovem de minhas filhas, que não teve ainda filhos.

A mãe acrescentou: — Infelizmente! não devo me queixar disso; a pobre Thia! não é culpa dela.

O capelão respondeu que sua religião, sua condição, os bons costumes e a honestidade não lhe permitiam aceitar tais ofertas.

Oru replicou:

— Não sei o que é a coisa que chamas religião, mas só posso pensar mal dela, visto que te impede de apreciar um prazer inocente, ao qual a natureza, a soberana senhora, nos convida a todos; de dar existência a um de teus semelhantes; de prestar um serviço que o pai, a mãe e os filhos te pedem; de te desobrigar para com um hospedeiro que te dispensou boa acolhida, e de enriquecer uma nação, aumentando-a com um indivíduo a mais. Não sei o que é a coisa que chamas condição; mas teu primeiro dever é de ser homem e ser grato. Não te proponho de modo algum que transportes a teu país os costumes de Oru; mas Oru, teu hóspede e teu amigo, te suplica que te prestes aos costumes do Taiti. Os costumes do Taiti são melhores ou piores do que os vossos? É uma questão fácil de decidir. A terra onde nasceste tem mais homens do que pode nutrir? Neste caso, teus costumes não são nem piores, nem melhores que os nossos. Pode ela nutrir mais do que tem? Então nossos costumes são melhores do que os teus. Quanto à honestidade que me objetas, eu te compreendo; confesso que estou errado; e te peço por isso perdão. Não exijo que prejudiques tua saúde; se estás fatigado, cumpre que descanses; mas espero que não continuarás a nos contristar. Eis a inquietação que espalhaste em todos esses rostos: temem que hajas notado neles quaisquer defeitos que atraiam teu desdém. Mas ainda que assim fosse, o prazer de honrar uma de minhas filhas, entre suas companheiras e suas irmãs, e de praticar uma boa ação, não te bastaria? Sê generoso!

CAPELÃO. — Não é isso: elas são todas as quatro igualmente belas; mas minha religião! minha condição!

ORU. — Elas me pertencem e eu tas ofereço: elas se pertencem, e elas se entregam a ti. Qualquer que seja a pureza de consciência que a coisa *religião*[22] e a coisa *condição* te prescrevam, podes aceitá-las sem escrúpulos. Não abuso absolutamente de minha autoridade; e estejas seguro que conheço e que respeito os direitos das pessoas.

Aqui, o sincero capelão concorda que a Providência nunca o expusera a tentação tão premente. Era jovem; debatia-se, atormentava-se; desviava os olhares das amáveis suplicantes; volvia-os sobre elas; alçava as mãos e os olhos ao céu. Thia, a mais jovem, abraçava-lhe os joelhos e dizia-lhe: — Estrangeiro, não aflijas meu pai, não aflijas minha mãe, não me aflijas! Honra-me na cabana e entre os meus; eleva-me ao grau de minhas irmãs, que zombam de mim. Asto, a mais velha, já tem três filhos; Palli, a segunda, tem dois, e Thia não tem nenhum! Estrangeiro, honesto estrangeiro, não me repilas! Torna-me mãe, faze-me um filho que um dia eu possa passear pela mão, ao meu lado, no Taiti; que se veja dentro de nove meses preso ao meu seio; do qual eu me sinta orgulhosa, e que faça parte de meu dote, quando eu passar da cabana de meu pai a outra. Serei talvez mais afortunada contigo do que com os nossos jovens taitianos. Se me concederes esse favor, nunca mais te esquecerei; eu te abençoarei por toda minha vida; escreverei teu nome em meu braço e no de teu filho; pronunciá-lo-emos incessantemente com alegria; e, quando deixares esta plaga, meus votos te acompanharão sobre os mares até que tenhas chegado a teu país.

[21] Bougainville menciona reiteradas vezes o costume em apreço.

[22] O explorador, ao contrário do que pretende o filósofo, constata a existência entre os insulares de numerosos ritos e superstições religiosas.

O ingênuo capelão diz que ela lhe apertava as mãos, que fixava em seus olhos miradas tão expressivas e tão tocantes; que chorava; que o pai, a mãe e as irmãs se distanciaram; que ficou só com ela, e que dizendo, "Mas a minha religião, mas a minha condição", viu-se no dia seguinte deitado ao lado daquela jovem, que o cumulava de carícias, e que convidara o pai, a mãe e as irmãs, quando se aproximaram do leito pela manhã, a juntar seu reconhecimento ao dela.

Asto e Palli, que se haviam afastado, voltaram com os pratos do país, com bebidas e frutas: abraçavam a irmã e faziam votos por ela. Desjejuaram, todos juntos; em seguida Oru ficou só com o capelão e lhe disse:

— Vejo que minha filha está contente contigo; e eu te agradeço. Mas poderias informar-me o que vem a ser a palavra religião, que repetiste tantas vezes, e com tanta dor?

O capelão, depois de devanear por um momento, respondeu:

— Quem fez tua cabana e os utensílios que a mobiliam?

ORU. — Fui eu.

CAPELÃO. — Pois bem! nós cremos que este mundo e o que ele encerra foi obra de um obreiro.

ORU. — Ele tem portanto pés, mãos e cabeça?

CAPELÃO. — Não.

ORU. — Onde é que ele tem sua morada?

CAPELÃO. — Em toda parte.

ORU. — Aqui mesmo!

CAPELÃO. — Aqui.

ORU. — Nós nunca o vimos.

CAPELÃO. — Ele não é visto.

ORU. — Aí está um pai bastante indiferente! Deve ser velho; pois conta ao menos a idade de sua obra.

CAPELÃO. — Nunca envelhece; ele falou a nossos antepassados; deu-lhes leis; prescreveu-lhes a maneira segundo a qual queria ser honrado; ordenou-lhes certas ações, como boas; vedou-lhes outras, como más.

ORU. — Entendo; e uma dessas ações que ele lhes vedou como má é a de dormir com uma mulher e uma moça? Por que então criou dois sexos?

CAPELÃO. — Para se unirem; mas com certas condições requeridas, após certas cerimônias prévias, em conseqüência das quais um homem pertence a uma mulher, e só pertence a ela; uma mulher pertence a um homem, e só pertence a ele.

ORU. — Para toda a vida?

CAPELÃO. — Para toda a vida.

ORU. — De modo que, se acontecesse a uma mulher dormir com outro além do marido, ou a um marido de dormir com outra além da mulher... mas isso nunca acontece, pois, uma vez que está presente, e que isso lhe desapraz, sabe como impedi-los.

CAPELÃO. — Não; ele os deixa fazer; e eles pecam contra a lei de Deus (pois é assim que chamamos o grande obreiro), contra a lei do país; e cometem um crime.

ORU. — Eu ficaria desolado em te ofender com meus discursos; mas se mo permitisses, eu te diria minha opinião.

CAPELÃO. — Fala.

ORU. — Esses preceitos singulares, eu os acho opostos à natureza e contrários à razão; feitos para multiplicar os crimes, para irritar a todo momento o velho obreiro, que fez tudo sem mãos, sem cabeça e sem instrumentos; que está em toda parte, e que não está à vista em parte alguma; que dura hoje e amanhã, e que não tem um dia a mais; que comanda e que não é obedecido; que pode impedir, e que não impede. Contrários à natureza, porque supõem que um ser pensante, sensível e livre, pode ser propriedade de um ser semelhante a ele. Em que estaria fundado tal direito? Não vês que confundiram, em teu país, a coisa que não tem sensibilidade, nem pensamento, nem desejo, nem vontade; que se larga, que se toma, que se guarda, que se troca sem que ela sofra e sem que ela se queixe, com a coisa que não se troca, que não se adquire de modo algum; que tem liberdade, vontade, desejo; que pode dar-se ou recusar-se por um momento; dar-se

ou recusar-se para sempre; que se queixa e que sofre; e que não poderia tornar-se um bem de troca, sem que seja esquecido o seu caráter e que se faça violência à natureza? Contrários à lei geral dos seres. Nada, com efeito, te parece mais insensato do que um preceito que proscreve a mudança que está em nós; que ordena uma constância que não pode existir em nós, e viola a liberdade do macho e da fêmea, encadeando-os para sempre um ao outro; do que uma fidelidade, que limita o mais caprichoso dos gozos ao mesmo indivíduo; que um juramento de imutabilidade de dois seres de carne, à face de um céu que não é um só instante o mesmo, sob antros que ameaçam ruir; embaixo de uma rocha que despenca em pó; ao pé de uma árvore que se racha; sobre uma pedra que se abala? Creia-me, vós tornastes a condição do homem pior que a do animal. Não sei o que seja o teu grande obreiro: mas rejubilo-me por ele não ter falado a nossos pais, e não desejo que fale tampouco a nossos filhos; pois poderia por acaso dizer-lhes as mesmas tolices, e eles cometeriam talvez a de crer nele. Ontem, ao cear, conversaste conosco sobre magistrados e sacerdotes; não sei quais sejam as personagens que chamastes *magistrados* e *sacerdotes,* cuja autoridade regula vossa conduta; mas, dize-me, são eles senhores do bem e do mal? Podem eles fazer com que o que é justo seja injusto, e o que é injusto seja justo? Depende deles atribuir o bem a ações nocivas, e o mal a ações inocentes ou úteis? Tu não poderias pensá-lo, pois, desse modo, não haveria nem verdadeiro nem falso, nem bom nem mau, nem belo nem feio; a não ser aquilo que aprouvesse a teu grande obreiro, a teus magistrados, a teus sacerdotes, declarar como tal; e, de um momento a outro, serias obrigado a mudar de idéias e de conduta. Um dia, dir-te-iam, de parte de um de teus três senhores: "mata", e serias obrigado, em consciência, a matar; um outro dia: "rouba", e serias forçado a roubar; ou: "não comas deste fruto", e não ousarias comê-lo; "proíbo-te este legume ou este animal", e evitarias tocá-los. Não há bondade que não se possa te interditar; não há malvadeza que não se possa te ordenar, e ao que ficarias reduzido, se teus três senhores, pouco de acordo entre si, resolvessem permitir-te, ordenar-te e proibir-te a mesma coisa, como penso que acontece amiúde? Então, para agradar ao sacerdote, terás de indispor-te com o magistrado; para satisfazer o magistrado, terás de descontentar o grande obreiro; e para tornar-te agradável ao grande obreiro, terás de renunciar à natureza. E sabes o que resultará? Desprezarás todos os três, e não serás nem homem, nem cidadão, nem devoto; não serás nada; estarás mal com toda sorte de autoridade; mal contigo próprio; malvado, atormentado por teu coração, perseguido por teus senhores insensatos; e infeliz, como te vi ontem à noite, quando eu te apresentava minhas filhas e minha mulher e quando tu exclamavas: "Mas minha religião! Mas minha condição!" Queres saber, em todos os tempos e em todos os lugares, o que é bom e mau? Apega-te à natureza das coisas e das ações; a tuas relações com teu semelhante; à influência de tua conduta sobre tua utilidade particular e o bem geral. Estás delirando, se crês que haja algo, seja no alto, seja embaixo, no universo, que possa acrescentar ou subtrair às leis da natureza. Sua vontade eterna é que o bem seja preferido ao mal, e o bem geral ao bem particular. Ordenarás o contrário; mas não serás obedecido. Multiplicarás os malfeitores e os infelizes pelo temor, pelos castigos e pelos remorsos; depravarás as consciências; corromperás os espíritos; eles não saberão mais o que devem fazer ou evitar. Perturbados no estado de inocência, tranqüilos na perversidade, terão perdido a estrela polar no seu caminho. Responde-me sinceramente: a despeito das ordens expressas de teus três legisladores, um jovem, em teu país, não se deitará jamais, sem a permissão deles, com uma jovem?

CAPELÃO. — Eu mentiria se o assegurasse.

ORU. — A mulher, que jurou pertencer apenas a seu marido, não se entrega nunca a outrem?

CAPELÃO. — Nada é mais comum.

ORU. — Teus legisladores exercem rigor ou não o exercem: caso o exerçam, são feras que ferem a natureza; se não o exercem, são imbecis que expuseram ao menosprezo sua autoridade por uma proibição inútil.

CAPELÃO. — Os culpados, que escapam à severidade das leis, são castigados pela censura geral.

ORU. — Isso quer dizer que a justiça se exerce pela falta de senso comum de toda a nação; e que a loucura da opinião suplementa as leis.

CAPELÃO. — A filha desonrada não encontra mais marido.

ORU. — Desonrada! e por quê?

CAPELÃO. — A mulher infiel é mais ou menos desprezada.

ORU. — Desprezada! e por quê?

CAPELÃO. — O jovem é chamado covarde sedutor.

ORU. — Covarde! sedutor! e por quê?

CAPELÃO. — O pai, a mãe e a criança ficam desolados. O esposo volúvel é um libertino: o esposo traído partilha da vergonha de sua mulher.

ORU. — Que monstruoso tecido de extravagâncias me expões aí! E ainda não dizes tudo: pois tão logo nos permitimos dispor à vontade das idéias de justiça e de propriedade; de tirar ou dar um caráter arbitrário às coisas; de unir às ações ou separar delas o bem e o mal, sem consultar mais do que o capricho, a gente se censura, se acusa, se suspeita, se tiraniza, é invejoso, é ciumento, se engana, se aflige, se esconde, se dissimula, se espia, se surpreende, briga, mente; as filhas iludem os pais; os maridos, as mulheres; as mulheres, os maridos; as moças, sim, não duvido, as moças sufocarão seus filhos; os pais desconfiados desdenharão e descuidarão dos seus; as mães separar-se-ão deles e abandoná-los-ão à mercê da sorte; e o crime e o deboche mostrar-se-ão sob todas as formas. Eu sei de tudo isso, como se tivesse vivido entre vós. Isso é assim, porque deve ser; e tua sociedade, cuja bela ordem vosso chefe vos gaba, não passará de uma corja de hipócritas, que calcam secretamente aos pés as leis; ou de infortunados, que são sozinhos os instrumentos dos próprios suplícios, em se lhes submetendo; ou de imbecis, em quem o preconceito asfixiou inteiramente a voz da natureza; ou de seres mal organizados, em que a natureza não reclama seus direitos.

CAPELÃO. — Assim parece. Mas vós não vos casais então?

ORU. — Nós nos casamos.

CAPELÃO. — O que é vosso casamento?

ORU. — O consentimento de habitar uma e mesma cabana e dormir no mesmo leito, enquanto nos sentimos bem com isso.

CAPELÃO. — E quando vos sentis mal?

ORU. — Nós nos separamos.

CAPELÃO. — O que sucede a vossos filhos?

ORU. — Oh! estrangeiro! Tua última pergunta acaba de me desvendar a profunda miséria de teu país. Sabe, meu amigo, que aqui o nascimento de uma criança é sempre uma felicidade, e sua morte um motivo de pesar e de lágrimas. Uma criança é um bem precioso, porque deve tornar-se um homem; por isso, dedicamos-lhe um desvelo inteiramente diverso ao das nossas plantas e dos nossos animais. Uma criança que nasce ocasiona alegria doméstica e pública: é um acréscimo de fortuna para a cabana e de força para a nação; são braços e mãos a mais no Taiti; vemos nela um agricultor, um pescador, um caçador, um soldado, um esposo e um pai. Retornando da cabana do marido à dos pais, a mulher leva consigo os filhos que trouxera como dote: partilham-se os nascidos durante a coabitação; e compensam-se tanto quanto possível, os machos pelas fêmeas, de modo que resta a cada um número quase igual de moças e rapazes.

CAPELÃO. — Mas as crianças ficam muito tempo sob encargo antes de prestar serviço.

ORU. — Destinamos à sua manutenção e à subsistência dos velhos uma sexta parte de todos os frutos do país; esse tributo os segue em toda parte. Assim vês que, quanto mais numerosa a família do taitiano, mais rica ela é.

CAPELÃO. — Uma sexta parte!

ORU. — Sim; é um meio seguro de encorajar a população, e interessar no respeito à velhice e à conservação dos filhos.

CAPELÃO. — Vossos esposos não se censuram às vezes?

ORU. — Muito freqüentemente; entretanto a duração mais curta de um casamento é de uma lua a outra.

CAPELÃO. — A menos que a mulher esteja grávida; então a coabitação é ao menos de nove meses?

ORU. — Estás enganado; a paternidade, como o tributo, segue a criança por toda parte.

CAPELÃO. — Tu me falaste de crianças que a mulher traz como dote ao marido.

ORU. — Certamente. Eis minha filha mais velha que é mãe de três filhos; eles se desenvolvem; são sadios; são belos; prometem ser fortes: quando lhe der na fantasia de casar-se, ela os levará consigo; são dela: seu marido os receberá com alegria, e a mulher lhe seria apenas mais agradável, se estivesse grávida de um quarto filho.

CAPELÃO. — Filho dele?

ORU. — Dele, ou de outro. Quanto mais crianças nossas filhas têm, mais procuradas são; quanto mais vigorosos e fortes são os nossos rapazes, mais ricos são: por isso, assim como ficamos atentos para preservar as moças das aproximações do homem e os rapazes do comércio da mulher, antes da idade da fecundidade, do mesmo modo os exortamos a produzir, quando os rapazes são púberes e as filhas núbeis. Não podes acreditar na importância do serviço que terás prestado à minha filha Thia, se lhe engendraste uma criança. Sua mãe não mais lhe dirá a cada lua: "Mas Thia, o que estás pensando? não ficas grávida; tens dezenove anos; já deverias ter dois filhos e não tens nenhum. Quem se encarregará de ti? Se perdes assim teus jovens anos, que farás na velhice? Thia, deves ter algum defeito que afasta de ti os homens. Corrige-te, minha filha: em tua idade, eu já era três vezes mãe".

CAPELÃO. — Que precauções tomais para conservar vossas filhas e vossos rapazes adolescentes?

ORU. — Este é o principal objeto da educação doméstica e o ponto mais importante dos costumes públicos. Nossos rapazes, até a idade de vinte e dois anos, dois ou três além da puberdade, permanecem cobertos de uma longa túnica, e com os rins cingidos por uma pequena cadeia. Antes de se tornarem núbeis, nossas filhas não ousariam sair sem um véu branco. Tirar a cadeia, levantar o véu, são faltas que raramente cometem, porque lhes ensinamos desde cedo as suas deploráveis conseqüências. Mas, no momento em que o macho adquiriu toda sua força, em que os sintomas viris apresentam continuidade e em que a efusão freqüente e a qualidade do líquido seminal nos traqüilizam; no momento em que a jovem murcha, se entedia, sendo de maturidade apta a conceber desejos, a inspirá-los e a satisfazê-los com utilidade, o pai desprende a cadeia do filho e corta-lhe a unha do dedo médio da mão direita. A mãe levanta o véu da filha. Um pode solicitar uma mulher e ser por ela solicitado; outra, passear publicamente com o rosto descoberto e o colo nu, aceitar ou recusar as carícias de um homem. Indicam-se apenas, de antemão, ao rapaz as moças, e à moça, os rapazes, que devem preferir. É uma grande festa o dia da emancipação de uma moça ou de um rapaz. Se é moça, na véspera, os rapazes se reúnem em torno da cabana, e o ar ressoa a noite toda com o canto das vozes e com o som dos instrumentos. De dia, ela é conduzida pelo pai e pela mãe a um recinto, onde se dança e onde se faz exercício de salto, de luta e de corrida. Exibe-se o homem nu diante dela sob todas as faces e em todas as atitudes. Se se trata de rapaz, são as moças que fazem em sua presença as honras da festa e expõem a seus olhares a mulher nua, sem reserva e sem segredo. O resto da cerimônia termina num leito de folhas, como viste à tua descida entre nós. Ao cair do dia, a moça regressa à cabana dos pais, ou passa à cabana de quem escolheu e lá permanece tanto quanto lhe apraz.

CAPELÃO. — Assim, essa festa é ou não é um dia de casamento?

ORU. — Tu o disseste. . .

A. — O que vejo ali, à margem?

B. — É uma nota, onde o bom capelão diz que os preceitos dos pais sobre a escolha dos rapazes e das moças eram cheios de bom senso e de observações muito finas e muito úteis; mas que suprimiu tal catecismo; que se afiguraria, a pessoas tão corrompidas e tão superficiais como nós, de uma licença imperdoável; acrescentando todavia que não foi sem pesar que cortara pormenores em que se poderia ver, primeiramente, até onde uma nação, que se ocupa incessantemente de um objeto importante, pode ser conduzida em suas pesquisas, sem os préstimos da física e da anatomia; em segundo lugar, a diferença das idéias sobre a beleza em uma região onde as formas são referidas ao prazer de um momento, e em um povo onde são apreciadas segundo uma utilidade mais constante. Lá, para ser bela, exige-se uma tez brilhante, uma grande fronte, grandes olhos, traços finos e delicados, um talhe ligeiro, boca pequena, mãos pequenas, pé pequeno. . . Aqui, quase nenhum desses elementos entra no cálculo. A mulher sobre a qual os olhares se fixam

e que o desejo persegue é a que promete muitos filhos (a mulher do Cardeal de Ossat,[23]) e que os promete ativos, inteligentes, corajosos, sadios e robustos. Não há quase nada em comum entre a Vênus de Atenas e a do Taiti; uma é Vênus galante e outra é Vênus fecunda. Uma taitiana dizia um dia com desprezo a outra mulher do país: "Tu és bela, mas geras crianças feias; eu sou feia mas gero belas crianças, e é a mim que os homens preferem".

Após essa nota do capelão, Oru continua.[24]

A. — Antes que ele retome seu discurso, tenho um pedido a fazer-vos, é o de me lembrar uma aventura ocorrida na Nova Inglaterra.

B. — Ei-la. Uma jovem, Miss Polly Baker, engravidou pela quinta vez e foi trazida perante o tribunal de justiça de Connecticut, perto de Boston. A lei condena todas as pessoas do sexo, que devam o título de mãe apenas à libertinagem, a uma multa, ou uma punição corporal quando não podem pagar a multa. Miss Polly, entrando na sala onde os juízes estavam reunidos, dirigiu-lhes o seguinte discurso: "Permiti, senhores, que eu vos dirija algumas palavras. Sou uma desgraçada e pobre moça, não tenho meios de pagar advogados para que tomem minha defesa, e eu não vos reterei por muito tempo. Não pretendo que, na sentença que ides pronunciar, vós vos afasteis da lei; o que ouso esperar é que vos digneis a implorar para mim as bondades do governo e obter que me dispense da multa. É a quinta vez que compareço perante vós por causa da mesma questão; duas vezes paguei multas onerosas e duas vezes sofri punição pública e vergonhosa porque não me encontrava em condição de pagar. Isso pode estar conforme à lei, não o contesto absolutamente; mas há, às vezes, leis injustas, e elas são ab-rogadas; há também outras demasiado severas, e o poder legislador pode dispensar de sua execução. Ouso dizer que aquela que me condena é ao mesmo tempo injusta em si mesma e demasiado severa para comigo. Nunca ofendi ninguém no lugar onde vivo, e desafio meu inimigos, se é que tenho alguns, a provar que fiz o menor mal a um homem, a uma mulher, a uma criança. Permiti que eu esqueça por um momento que a lei existe e neste caso não concebo qual possa ser meu crime; pus cinco belas crianças no mundo, com o perigo de minha vida, eu as nutri com meu leite, eu as sustentei com meu trabalho; e teria feito mais por elas, se não tivesse pago multas que me tiraram os meios de fazê-lo. Constitui um crime aumentar os súditos de Sua Majestade em um país novo que carece de habitantes? Não roubei nenhum marido à mulher, nem desviei nenhum moço; jamais fui acusada desses procedimentos culpáveis, e se alguém se queixa de mim, é talvez apenas o ministro a quem não paguei direitos de casamento. Mas é minha culpa? Eu invoco vosso testemunho, senhores; vós me supondes certamente com bastante bom senso para estardes persuadidos de que preferiria a honrada condição de esposa à vergonhosa condição em que vivi até agora. Sempre desejei e desejo ainda me casar, e não temo de modo algum dizer que eu teria a boa conduta, a indústria e a economia convenientes a uma esposa, assim como tenho a sua fecundidade. Desafio quem quer que seja a dizer que me recusei a aceitar essa condição. Dei meu consentimento à primeira e única proposição que me foi feita; eu era virgem ainda; tive a simplicidade de confiar minha honra a um homem que não tinha honra alguma; ele me fez meu primeiro filho e me abandonou. Esse homem, todos vós o conheceis: é atualmente magistrado como vós e senta-se ao vosso lado; eu esperava que aparecesse hoje no tribunal e interessasse vossa piedade em meu favor, em favor de uma infeliz que só o é por causa dele; então eu seria incapaz de expô-lo ao rubor da vergonha, lembrando o que se passou entre nós. Estou errada em me queixar hoje da injustiça das leis? A primeira causa de meus extravios, meu sedutor, foi elevado ao poder e às honras pelo mesmo governo que puniu minhas desgraças com o açoite e com a infâmia. Responder-me-ão que transgredi os preceitos da religião; se minha ofensa é contra Deus, deixai-lhe o cuidado de me punir; vós já me excluístes da comunhão da Igreja, isso não basta? Por que, ao suplício do inferno, que acreditais

[23] Arnaud d'Ossat (1537-1604), embaixador de Henrique IV em Roma e autor de reputadas *Cartas*.

[24] O trecho subseqüente, até o ponto em que Oru retoma a palavra, é uma digressão que não figura em muitas edições do *Suplemento*, como é o caso, modernamente, da Pléiade. Todavia, resolvemos incluí-lo em nossa tradução, não só porque a edição crítica de P. Vernière *(op. cit)* o inclui no seu trabalho de estabelecimento de texto, mas como ilustração viva das preocupações que subjazem ao *Suplemento*. A anedota, que é invenção de Benjamin Franklin, foi narrada como fato real pelo Abade Raynal.

me esperar no outro mundo, juntais o das multas e do açoite? Perdoai, senhores, tais reflexões; não sou teóloga, mas custa a crer que seja um grande crime meu o fato de ter dado à luz belas crianças que Deus dotou de almas imortais e que o adoram. Se fazeis leis que mudam a natureza das ações e as tornam crimes, fazei-as contra os celibatários cujo número aumenta todos os dias, que levam a sedução e o opróbrio às famílias, que enganam as donzelas como eu o fui, e que as forçam a viver no estado vergonhoso em que eu vivo, no meio de uma sociedade que as repele e as despreza. São eles que perturbam a tranqüilidade pública; eis crimes que merecem, mais do que o meu, a animadversão das leis".

Esse singular discurso produziu o efeito que Miss Baker esperava; seus juízes remiram-lhe a multa e a pena que a substituía. Seu sedutor, instruído do que se passara, sentiu remorsos de sua primeira conduta; quis repará-la, dois dias depois desposou Miss Baker, convertendo em mulher honesta aquela que cinco anos antes convertera em rapariga pública.

A. — E não se trata de um conto de nossa invenção?

B. — Não.

A. — Estou satisfeito.

B. — Não sei se o Abade Raynal[25] narra o fato e o discurso em sua *História do Comércio das Duas Índias*.

A. — Obra excelente e com um tom de tal modo diferente das anteriores que se suspeitou o abade de ter empregado nela mãos alheias.

B. — É uma injustiça.

A. — Ou uma maldade. Desmancham o louro que cingiu a cabeça de um grande homem e o desmancham tão bem que não lhe resta senão uma folha.

B. — Mas o tempo reúne as folhas esparsas e refaz a coroa.

A. — Mas o homem está morto; e sofreu com a injúria que recebeu de seus contemporâneos; e é insensível à reparação que obtém da posteridade.

IV

Continuação do Colóquio do Capelão com Oru

ORU. — Como é feliz o momento, para uma jovem e para seus pais, em que sua gravidez é constatada! Ela se ergue; ela acorre; ela atira os braços em torno do pescoço de sua mãe e de seu pai; é com transportes de mútua alegria que ela lhes anuncia e que eles ficam sabendo do acontecimento. "Mamãe! Papai! Abraçai-me; estou grávida! — É realmente verdade? — Verdade mesmo. — E quem é o pai? — É fulano. . . "

CAPELÃO. — Como sabe ela o nome do pai da criança?

ORU. — Por que há de ignorá-lo? Acontece à duração de nossos amores o mesmo que à de nossos casamentos; é ao menos de uma lua à lua seguinte.

CAPELÃO. — E essa regra é escrupulosamente observada?

ORU. — Tu próprio vais julgar. Primeiro, o intervalo entre duas luas não é longo; mas quando dois pais têm bem fundada pretensão à formação de uma criança, esta não mais pertence à mãe.

CAPELÃO. — A quem pertence então?

ORU. — Àquele, dentre os dois, a quem lhe apraz dá-la; é todo o seu privilégio: e sendo uma criança por si mesma objeto de interesse e riqueza, compreendes que, entre nós, os libertinos sejam raros, e que os jovens rapazes se afastam deles.

CAPELÃO. — Também tendes, pois, vossos libertinos? Sinto-me à vontade.

ORU. — Temos mesmo mais do que uma espécie: mas tu me desvias de meu tema. Quando uma de nossas filhas está grávida, se o pai da criança é jovem e belo, bem feito, bravo, inteligente

[25] Historiador e filósofo francês (1713-1796).

e laborioso, a esperança de que a criança herdará as virtudes do pai renova a alegria. Nossa menina só tem vergonha da má escolha. Deves conceber que preço atribuímos à saúde, à beleza, à força, à indústria, à coragem: deves conceber como, sem que nos imiscuamos, as prerrogativas do sangue devem eternizar-se entre nós. Tu, que percorreste diversas regiões, dize-me se notaste em alguma tantos belos homens e belas mulheres como no Taiti! Contempla-me: como é que tu me achas? Pois bem! há dez mil homens aqui maiores e tão robustos; mas nenhum mais bravo do que eu; por isso as mães me designam muitas vezes às suas filhas.

CAPELÃO. — Mas, de todas essas crianças que podes ter gerado fora de tua cabana, quantas te cabem?

ORU. — A quarta, macho ou fêmea. Estabeleceu-se entre nós uma circulação de homens, de mulheres e de crianças, ou de braços de toda idade e de toda função, que é de uma importância muito superior à de vossos gêneros alimentícios, que não passam de produtos destes.

CAPELÃO. — Compreendo. O que são esses véus negros que deparei por vezes?

ORU. — O signo da esterilidade, vício de nascença, ou conseqüência da idade avançada. Aquela que larga esse véu e se mistura com os homens é uma libertina, aquele que levanta o véu e se aproxima da mulher estéril é um libertino.

CAPELÃO. — E os véus cinzentos?

ORU. — O signo da doença periódica. Aquela que larga esse véu e se mistura com os homens é uma libertina; aquele que o levanta e se aproxima da mulher doente é um libertino.

CAPELÃO. — Tendes castigos para semelhante libertinagem?

ORU. — Nenhum outro salvo a censura.

CAPELÃO. — O pai pode dormir com a filha, a mãe com o filho, o irmão com a irmã, o marido com a mulher de outro?

ORU. — Por que não?

CAPELÃO. — A fornicação ainda passa; mas o incesto, mas o adultério!

ORU. — O que queres dizer com as palavras, *fornicação, incesto* e *adultério?*

CAPELÃO. — São os crimes, crimes menores, por um dos quais se queima em meu país.

ORU. — Que se queime ou que não se queime em teu país, pouco me importa. Mas tu não acusarás os costumes da Europa pelos do Taiti, nem, por conseguinte, os costumes do Taiti pelos de teu país: precisamos de uma regra mais segura; e qual será a regra? Conheces outra além do bem geral e da utilidade particular? Agora, dize-me o que teu crime de *incesto* tem de contrário a esses dois fins de nossas ações? Tu te enganas, meu amigo, se acreditas que uma lei uma vez publicada, uma palavra ignominiosa inventada, um suplício decretado, tudo está dito. Responde-me, pois, o que entendes por *incesto?*

CAPELÃO. — Mas um *incesto*...

ORU. — Um *incesto?*... Há muito tempo que teu grande obreiro sem cabeça, sem mãos e sem instrumentos fez o mundo?

CAPELÃO. — Não.

ORU. — Criou toda a espécie humana ao mesmo tempo?

CAPELÃO. — Não. Criou somente um homem e uma mulher.

ORU. — Tiveram eles filhos?

CAPELÃO. — Certamente.

ORU. — Suponha que esses dois primeiros pais tivessem apenas filhas, e que a mãe houvesse morrido antes; ou que tivessem apenas rapazes, e que a mulher houvesse perdido o marido.

CAPELÃO. — Tu me confundes; mas por mais que digas, o *incesto* é um crime abominável, e falemos de outra coisa.

ORU. — Isso te apraz dizer; eu não me calo, de minha parte, enquanto não me disseres o que é o abominável crime do *incesto*.

CAPELÃO. — Pois bem! eu te concedo que talvez o *incesto* não fira em nada a natureza; mas não basta que ameace a constituição política? O que seria a segurança de um chefe e a tranqüilidade de um Estado, se toda uma nação composta de vários milhões de homens fosse reunida em torno de uns cinqüenta pais de família?

ORU. — O pior que pode acontecer é que, onde há somente uma grande sociedade, haveria cinqüenta pequenas, mais felicidade e um crime a menos.

CAPELÃO. — Creio entretanto que, mesmo aqui, um filho raramente dorme com a mãe.

ORU. — A menos que não tenha muito respeito por ela, e sinta uma ternura que o leve a esquecer a disparidade de idade, e a preferir a mulher de quarenta anos à moça de dezenove.

CAPELÃO. — E o comércio dos pais com as filhas?

ORU. — Tampouco é mais freqüente, a menos que a filha seja feia e pouco procurada. Se o pai a ama, dedica-se a preparar-lhe o dote em crianças.

CAPELÃO. — Isso me faz imaginar que a sorte das mulheres que a natureza desgraçou não deve ser feliz no Taiti.

ORU. — Isso me prova que não nutres elevada opinião quanto à generosidade de nossos jovens.

CAPELÃO. — Quanto às uniões de irmãos e irmãs, não duvido que sejam muito comuns.

ORU. — E muito aprovadas.

CAPELÃO. — Se bem te entendo, esta paixão, que produz tantos crimes e males em nossos países, seria aqui inteiramente inocente.

ORU. — Estrangeiro! Careces de julgamento e de memória: de julgamento, pois, em toda parte onde há proibição, é necessário que nos sintamos tentados a praticar a coisa proibida e que a pratiquemos; de memória, porquanto não te lembras mais do que te disse. Temos velhas dissolutas, que saem à noite sem o véu negro, e recebem homens, quando nada pode resultar de seu contato; caso sejam reconhecidas ou surpreendidas, o exílio para o norte da ilha, ou a escravidão, é seu castigo; raparigas precoces, que levantam o véu branco sem o conhecimento dos pais (e reservamos para elas um lugar fechado na cabana); jovens, que depõem a cadeia antes do tempo prescrito pela natureza e pela lei (e repreendemos por isso seus pais); mulheres a quem o tempo da gravidez parece longo; mulheres e moças pouco escrupulosas na guarda do véu cinzento; mas, na realidade, não atribuímos grande importância a todas essas faltas; e tu não poderias acreditar o quanto a idéia de riqueza particular ou pública, unida em nossas cabeças à idéia de população, depura nossos costumes nesse ponto.

CAPELÃO. — A paixão de dois homens pela mesma mulher ou o amor de duas mulheres ou de duas moças pelo mesmo homem não ocasionam quaisquer desordens?

ORU. — Não vi ainda quatro exemplos disso: a escolha da mulher ou a do homem encerra tudo. A violência do homem seria falta grave; mas é preciso uma queixa pública, e é quase inaudito que uma moça ou mulher se tenham queixado. A única coisa que notei é que nossas mulheres sentem menos piedade pelos homens feios, que nossos moços a sentem menos pelas mulheres desgraciosas; e não estamos aborrecidos por isso.

CAPELÃO. — Não conheceis o ciúme, pelo que vejo; mas a ternura marital, o amor maternal, estes dois sentimentos tão poderosos e tão doces, se não são estranhos aqui, devem ser bastante fracos.

ORU. — Nós os compensamos com outro que é muito mais geral, enérgico e durável, o interesse. Põe a mão na consciência; deixa de lado essa fanfarronada de virtude, que está incessantemente nos lábios de teus camaradas, e que não reside no fundos de seus corações. Dize-me se, em qualquer país que seja, existe um pai que, não fosse a vergonha que o retém, não preferisse perder a filha, ou um marido que não preferisse perder a mulher a perder a fortuna e a abastança. Fica certo de que em toda parte onde o homem estiver interessado na conservação de seu semelhante assim como em seu leito, em sua saúde, em seu repouso, em sua cabana, em seus frutos, em seus campos, fará por ele tudo o que lhe for possível fazer. É aqui que o pranto embebe o parto de uma criança que sofre; é aqui que as mães são cuidadas na doença; é aqui que se preza a mulher fecunda, a filha núbil, o rapaz adolescente; é aqui que há quem se ocupe de sua instituição, porque conservá-los constitui sempre um acréscimo e perdê-los é sempre uma diminuição de fortuna.

CAPELÃO. — Temo realmente que este selvagem tenha razão. O miserável camponês de nossos países, que esfalfa a mulher para aliviar o seu cavalo, que deixa perecer seu filho sem auxílio, e chama o médico para o seu boi.

ORU. — Não compreendo bem o que acabas de dizer; mas, em teu regresso à tua pátria tão

bem policiada, tenta introduzir nela esta mola; e então é que se sentirá lá o preço da criança que nasce, e a importância da população. Queres que eu te revele um segredo? Mas cuida para que não te escape. Vós chegastes: nós vos abandonamos nossas mulheres e nossas filhas, vós vos espantais com isso; vós nos testemunhais por isso uma gratidão que nos faz rir; vós nos agradeceis, quando nós assentamos sobre ti e sobre teus companheiros a mais forte de todas as imposições. Nós não te pedimos nenhum dinheiro; não nos jogamos sobre tuas mercadorias, desprezamos teus gêneros: mas nossas mulheres e nossas filhas vieram espremer o sangue de tuas veias. Quando te afastares, deixar-nos-ás teus filhos: este tributo cobrado sobre tua pessoa, sobre tua própria substância, em teu parecer, não vale tanto como um outro? E se queres apreciar o seu valor, imagina que tenhas duzentas léguas de costas a correr, e que, a cada vinte milhas, te aplicam semelhante contribuição. Temos terras imensas incultas, faltam-nos braços; e foi o que te pedimos. Temos calamidades epidêmicas a reparar; e nós te empregamos em reparar o vazio que elas abriram. Temos inimigos vizinhos a combater, uma necessidade de soldados; e nós te solicitamos que no-los gerasses: o número de nossas mulheres e de nossas moças é demasiado grande em relação ao dos homens; e nós te associamos à nossa tarefa. Entre essas mulheres e essas moças, há aquelas das quais não pudemos obter filhos; e são as que expusemos aos vossos primeiros abraços. Precisamos pagar um foro em homens a um vizinho opressor; tu e teus camaradas é que no-lo custearão; e dentro de cinco ou seis anos, enviar-lhe-emos vossos filhos, se valerem menos do que os nossos. Mais robustos, mais sãos que vós, nós nos apercebemos de que nos superais em inteligência e, imediatamente, destinamos algumas de nossas mulheres e nossas moças mais belas a fim de recolher a semente de uma raça melhor que a nossa. É um ensaio que tentamos, e que poderá dar certo. Tiramos de ti e dos teus o único proveito que podíamos tirar: acredita-me que, por mais selvagens que sejamos, sabemos também calcular. Vai aonde quiseres; e encontrarás sempre o homem tão esperto quanto tu. Ele não te dará jamais exceto o que não lhe serve para nada, e te pedirá sempre o que lhe é útil. Se te apresentar um pedaço de ouro por um pedaço de ferro, é que não faz nenhum caso do ouro, e que preza o ferro. Mas dize-me por que não estás vestido como os outros? Que significa esse longo casaco que te envolve da cabeça aos pés, e esse saco pontudo que deixas cair sobre tuas espáduas, ou que ergues sobre tuas orelhas?

CAPELÃO. — É que, tal como me vês, eu ingressei numa sociedade de homens que se chamam, em meu país, monges. O mais sagrado de seus votos é o de não se aproximar de nenhuma mulher, e não fazer filhos.

ORU. — O que fazes, então?

CAPELÃO. — Nada.

ORU. — E teu magistrado admite essa espécie de preguiça, a pior de todas?

CAPELÃO. — Faz mais do que isso; ele a respeita e a faz respeitar.

ORU. — Meu primeiro pensamento era que a natureza, algum acidente, ou uma arte cruel te privaram da faculdade de produzir teus semelhantes; e que, por piedade, preferiu-se deixar-te viver a matar-te. Mas, monge, minha filha me disse que és homem, e homem tão robusto quanto um taitiano, e que ela esperava que tuas carícias reiteradas não seriam infrutuosas. Só agora compreendi por que bradaste ontem à noite: "Mas minha religião! Mas minha condição!" Poderias informar-me do motivo do favor e do respeito que os magistrados te conferem?

CAPELÃO. — Eu o ignoro.

ORU. — Sabes ao menos por qual razão, sendo homem, te condenaste livremente a não sê-lo?

CAPELÃO. — Seria muito comprido e muito difícil explicar-te.

ORU. — E esse voto de esterilidade, o monge é-lhe realmente fiel?

CAPELÃO. — Não.

ORU. — Eu estava certo disso. Tendes também monges mulheres?

CAPELÃO. — Sim.

ORU. — Tão recatadas como os monges homens?

CAPELÃO. — Mais enclausuradas, elas secam de dor, perecem de tédio.

ORU. — E a injúria feita à natureza é vingada. Oh! miserável país! Se tudo aí é ordenado como o que me contaste, sois mais bárbaros que nós.

O bom capelão relata que passou o resto do dia percorrendo a ilha, visitando as cabanas, e que à noite, depois de cear, tendo o pai e a mãe lhe suplicado que dormisse com a segunda de suas filhas, Palli se apresentou no mesmo *déshabillé* que Thia, e que ele gritava muitas vezes durante a noite: "Mas minha religião!, mas minha condição!", que na terceira noite foi agitado pelos mesmos remorsos com Asto, a mais velha, e que a quarta noite ele a concedeu por honestidade à mulher de seu anfitrião.

V

Continuação do Diálogo

A. — Considero esse capelão polido.

B. — E eu, muito mais os costumes dos taitianos, e o discurso de Oru.

A. — Embora um pouco modelado à européia.

B. — Não duvido.

— Aqui o bom capelão se queixa da brevidade de sua estada no Taiti, e da dificuldade de melhor conhecer os usos de um povo bastante sábio para se deter por si mesmo na mediocridade, ou bastante feliz para habitar um clima cuja fertilidade lhe assegurava um longo entorpecimento, bastante ativo para pôr-se ao abrigo das necessidades absolutas da vida e bastante indolente para que sua inocência, seu repouso e sua felicidade não tivessem nada a temer de um progresso demasiado rápido de suas luzes. Nada estava mal aí pela opinião e pela lei, exceto o que estava mal por sua natureza. Os trabalhos e as colheitas faziam-se em comum. A acepção do termo *propriedade* era muito estreita; a paixão do amor, reduzida a simples apetite físico, não produzia nenhuma de nossas desordens. A ilha inteira oferecia a imagem de uma só família numerosa, em que cada cabana representava os diversos apartamentos de uma de nossas grandes mansões. Acabou por protestar que esses taitianos hão de estar sempre presentes em sua memória, que ficara tentado a jogar as vestimentas no navio e a passar o resto de seus dias em meio deles, e que temia arrepender-se mais de uma vez por não tê-lo feito.

A. — Apesar desse elogio, quais as conseqüências úteis a tirar dos costumes e das práticas estranhas de um povo não civilizado?

B. — Vejo que tão logo algumas causas físicas, tais, por exemplo, como a necessidade de vencer a ingratidão do solo, puseram em jogo a sagacidade do homem, o referido impulso o conduziu muito além do alvo, e que, passado o termo da necessidade, somos levados ao oceano sem limites das fantasias, de onde não mais nos safamos. Possa o feliz taitiano deter-se onde se encontra! Vejo que, exceto nesse recanto apartado de nosso globo, nunca houve costumes, e jamais os haverá talvez em parte alguma.

A. — O que entendeis pois por costumes?

B. — Entendo por isso a submissão geral[26] e a conduta conseqüente a leis boas ou más. Se as leis são boas, os costumes são bons; se as leis são más, os costumes são maus; se as leis, boas ou más, não são observadas, a pior condição de uma sociedade, não há quaisquer costumes. Ora, como quereis que leis sejam observadas quando elas se contradizem? Percorrei a história dos séculos e das nações, tanto antigas como modernas, e encontrareis os homens sujeitos a três códigos, o código da natureza, o código civil e o código religioso, e coagidos a infringir alternadamente os três códigos que nunca estiveram de acordo; daí decorre que não houve em nenhum país, como Oru adivinhou quanto ao nosso, nem homem, nem cidadão, nem religioso.

A. — De onde concluireis, sem dúvida, que, baseando a moral nas relações eternas, que subsistem entre os homens, a lei religiosa torna-se talvez supérflua; e que a lei civil deve ser apenas a enunciação da lei da natureza.

[26] Soa estranha esta passagem, num contexto como o do *Suplemento*, se não se levar em conta a dialética apontada acima, na pág. 93s. e se não se considerar que a eficácia da lei coerente é um dos fundamentos da teoria moral de Diderot.

B. — E isso, sob pena de multiplicar os maus, em vez de produzir os bons.

A. — Ou que, se julgamos necessário conservar as três, cumpre que as duas últimas não sejam mais do que cópias rigorosas da primeira, que trazemos gravada no fundo de nossos corações, e que será sempre a mais forte.

B. — Isso não é exato. Não trazemos ao nascer senão uma similitude de organização com outros seres, as mesmas necessidades, a atração para os mesmos prazeres e uma aversão comum às mesmas penas: eis o que constitui o homem como ele é, e deve fundamentar a moral que lhe convém.

A. — Isso não é fácil.

B. — Isso é tão difícil, que eu acreditaria de bom grado o povo mais selvagem da Terra, o taitiano que se apegou escrupulosamente à lei da natureza, mais próximo de uma boa legislação do que qualquer povo civilizado.

A. — Porque lhe é mais fácil desfazer-se de seu excesso de rusticidade, do que a nós voltar atrás e reformar nossos abusos.

B. — Sobretudo os que se referem à união do homem com a mulher.

A. — É possível. Mas comecemos pelo início. Interroguemos de boa fé a natureza, e vejamos sem parcialidade o que ela nos responderá sobre esse ponto.

B. — Concordo.

A. — O casamento está na natureza?

B. — Se entendeis por casamento a preferência que uma fêmea concede a um macho sobre todos os outros machos, ou a que um macho dá a uma fêmea sobre todas as outras fêmeas; preferência mútua, em conseqüência da qual se forma uma união mais ou menos durável, que perpetua a espécie pela reprodução dos indivíduos, o casamento está na natureza.

A. — Eu penso como vós; pois essa preferência se nota não só na espécie humana, mas ainda nas outras espécies de animais: testemunha-o o numeroso cortejo de machos que nos nossos campos perseguem a mesma fêmea na primavera, e dos quais um só obtém o título de marido. E a galanteria?

B. — Se entendeis por galanteria a variedade de meios enérgicos ou delicados que a paixão inspira, seja ao macho, seja à fêmea, para lograr a preferência que conduz ao mais doce, ao mais importante e ao mais geral dos gozos, a galanteria está na natureza.

A. — Penso como vós. Testemunha-o a diversidade de gentilezas praticadas pelo macho a fim de agradar à fêmea; pela fêmea, a fim de irritar a paixão e fixar o gosto do macho. E o coquetismo?

B. — É uma mentira que consiste em simular uma paixão que não se sente, e em prometer uma preferência que não se concederá. O macho coquete zomba jogando com a fêmea; a fêmea coquete zomba jogando com o macho: jôgo pérfido que conduz às vezes às catástrofes mais funestas; manejo ridículo, em que o enganador e o enganado são igualmente castigados pela perda dos instantes mais preciosos de sua vida.

A. — Assim o coquetismo, segundo vós, não está na natureza?

B. — Eu não afirmei isso.

A. — E a constância?

B. — Não vos direi coisa melhor do que aquilo que Oru disse ao capelão. Pobre vaidade de duas crianças que se ignoram a si mesmas, e que a embriaguez de um instante cega sobre a instabilidade de tudo o que as circunda.

A. — E a fidelidade, esse fenômeno tão raro?

B. — Quase sempre a obstinação e o suplício do homem de bem e da mulher honesta, em nossos países; quimera, no Taiti.

A. — E o ciúme?

B. — Paixão de um animal indigente e avaro que teme falhar; sentimento injusto do homem; conseqüência de nossos falsos costumes, e de um direito de propriedade estendido sobre um objeto sensível, pensante, com vontade e livre.

A. — Assim, o ciúme, segundo vós, não está na natureza?

B. — Não é o que digo. Vícios e virtudes, tudo está igualmente na natureza.

A. — O ciúme é sombrio.

B. — Como o tirano, porque tem consciência disso.

A. — O pudor?

B. — Mas vós me induzis assim a um curso de moral galante. O homem não quer ser nem perturbado, nem distraído em seus gozos. Os do amor são seguidos de uma fraqueza que o abandonaria à mercê de seu inimigo. Eis tudo o que pode haver de natural no pudor: o resto é da instituição.

— O capelão nota, em um terceiro fragmento que eu não vos li, que o taitiano não cora dos movimentos involuntários que se excitam nele ao lado de sua mulher, em meio de suas filhas; e que elas são espectadoras do fato, às vezes emocionadas, nunca embaraçadas. Tão logo a mulher se tornou propriedade do homem, e o desfruto furtivo de uma rapariga foi considerado roubo, viu-se nascer os termos *pudor, moderação, decência;* virtudes e vícios imaginários; em uma palavra, quis-se erigir entre os dois sexos barreiras que os impedissem de se convidar reciprocamente à violação das leis que lhes foram impostas, e que produziram amiúde efeito contrário, aquecendo a imaginação e irritando os desejos. Quando vejo árvores plantadas em torno de nossos palácios, e uma vestimenta de pescoço que esconde e mostra parte do colo de uma mulher, parece-me reconhecer um retorno secreto à floresta, e um apelo à liberdade primeira de nossa antiga morada. O taitiano nos diria: Por que te escondes? De que tens vergonha? Praticas o mal, quando cedes ao impulso mais augusto da natureza? Homem, apresenta-te francamente, se agradas. Mulher, se este homem te convém, recebe-o com a mesma franqueza.

A. — Não vos zangueis. Se principiamos como homens civilizados, é raro que não findemos como o taitiano.

B. — Sim, mas essas preliminares de convenção consomem a metade da vida de um homem de gênio.

A. — Convenho; mas que importa, se o impulso pernicioso do espírito humano, contra o qual bradastes há pouco, é com isso tanto mais arrefecido? Um filósofo de nossos dias, interrogado por que os homens faziam a corte às mulheres, e não as mulheres a corte aos homens, respondeu que era natural pedir a quem pode sempre conceder.

B. — Semelhante razão me pareceu sempre mais engenhosa do que sólida. A natureza, indecente se quereis, impele indistintamente um sexo para o outro: e, em um estado do homem bruto e selvagem, que se concebe, mas que não existe talvez em nenhuma parte. . .

A. — Nem mesmo no Taiti?

B. — Não. . . o intervalo que separaria um homem de uma mulher seria transposto pelo mais apaixonado. Se eles se esperam, se eles se esquivam, se eles se perseguem, se eles se evitam, se eles se atacam, se eles se defendem, é que a paixão, desigual em seus progressos, não se lhes aplica com a mesma força. Daí sobrevém que a volúpia se espalha, se consome e se extingue de um lado, quando começa apenas a elevar-se do outro, e que ambos permanecem tristes. Eis a imagem fiel do que se passaria entre dois seres jovens, livres e perfeitamente inocentes. Mas quando a mulher conheceu, pela experiência ou pela educação, as conseqüências mais ou menos cruéis de um momento doce, seu coração estremece à aproximação do homem. O coração do homem não estremece absolutamente; seus sentidos comandam, e ele obedece. Os sentidos da mulher se explicam, e ela receia escutá-los. Incumbe ao homem distraí-la de seu receio, inebriá-la e seduzi-la. O homem conserva todo seu impulso natural para a mulher; o impulso natural da mulher para o homem, diria um geômetra, está na razão composta da direta da paixão e da inversa do temor; razão que se complica com uma multidão de elementos diversos em nossas sociedades; elementos que concorrem quase todos a aumentar a pusilanimidade de um sexo e a duração da perseguição do outro. É uma espécie de tática em que os recursos da defesa e os meios do ataque marcharam na mesma linha. Consagrou-se a resistência da mulher; atribuiu-se ignomínia à violência do homem; violência, que seria apenas ligeira injúria no Taiti, e que se torna crime em nossas cidades.

A. — Mas como é que aconteceu que um ato cujo alvo é tão solene, e ao qual a natureza nos convida pela atração mais poderosa; que o maior, o mais doce e o mais inocente dos prazeres viesse a converter-se na fonte mais fecunda de nossa depravação e de nossos males?

B. — Oru deu-o a entender dez vezes ao capelão: ouvi-o pois outra vez, e procurai retê-lo.

É pela tirania do homem, que converteu a posse da mulher em propriedade.

Pelos costumes e pelos usos, que sobrecarregaram de condições a união conjugal.

Pelas leis civis, que sujeitaram o casamento a uma infinidade de formalidades.

Pela natureza de nossa sociedade, onde a diversidade das fortunas e das posições instituiu conveniências e inconveniências.

Por uma contradição estranha e comum a todas as sociedades subsistentes, onde o nascimento de uma criança, sempre encarada como um acréscimo de riqueza pela nação, é muitas vezes e mais seguramente ainda um acréscimo de indigência na família.

Pelas velhas concepções políticas dos soberanos, que referiram tudo aos próprios interesses e à própria segurança.

Pelas instituições religiosas, que ligaram os nomes de vícios e virtudes a ações que não eram suscetíveis de qualquer moralidade.

Como estamos longe da natureza e da felicidade! O império da natureza não pode ser destruído: em vão procurar-se-á contrariá-lo por meio de obstáculos, ele há de perdurar. Escrevei quanto vos aprouver sobre tábuas de bronze, para me servir das expressões do sábio Marco Aurélio, que a fricção voluptuosa de dois intestinos constitui crime, o coração do homem ficará comprimido entre a ameaça de vossa inscrição e a violência de seus pendores. Mas esse coração indócil não cessará de reclamar; e cem vezes, no curso da vida, vossos caracteres aterradores desaparecerão a nossos olhos. Gravai sobre o mármore: Tu não comerás nem do quebrantosso, nem do abutre;[27] tu não conhecerás senão tua mulher; tu não serás marido de tua irmã; mas não esquecereis de aumentar os castigos à proporção da extravagância de vossas proibições; tornar-vos-eis ferozes, e não conseguireis de modo algum me desnaturar.

A. — Como o código das nações seria curto, se o confòrmassem rigorosamente ao da natureza! Quantos erros e vícios poupados ao homem!

B. — Quereis saber a história abreviada de quase toda nossa miséria? Ei-la. Existia um homem natural: introduziu-se dentro desse homem um homem artificial; e surgiu na caverna uma guerra civil que dura toda a vida. Ora o homem natural é o mais forte; ora é derrubado pelo homem moral e artificial; e, em um e outro caso, o triste monstro é dilacerado, atanazado, atormentado, estendido sobre a roda; sem cessar gemente, sem cessar infeliz, seja porque um falso entusiasmo de glória o arrebata e o embriaga, seja porque uma falsa ignomínia o curva e o abate. Entretanto, há circunstâncias extremas que reconduzem o homem à sua primitiva simplicidade.

A. — A miséria e a moléstia, dois grandes exorcistas.

B. — Vós os nomeastes. Com efeito, no que se convertem então todas essas virtudes convencionais? Na miséria, o homem não tem remorsos; e, na doença, a mulher não tem pudor.

A. — Já notei isso.

B. — Mas um outro fenômeno que tampouco vos terá escapado é que o retorno do homem artificial e moral acompanha passo a passo os progressos do estado de doença para o estado de convalescença e do estado de convalescença para o estado de saúde. O momento em que a enfermidade cessa é aquele em que a guerra intestina recomeça, e quase sempre com desvantagem para o intruso.

A. — É verdade. Eu mesmo verifiquei que o homem natural dispunha na convalescença de um vigor funesto ao homem artificial e moral. Mas, enfim, dizei-me, deve-se civilizar o homem, ou abandoná-lo a seu instinto?

B. — Preciso responder-vos claramente?

A. — Sem dúvida.

B. — Se vos propondes a ser seu tirano, civilizai-o; envenenai-o o melhor possível com uma moral contrária à natureza; suscitai-lhe entraves de toda espécie; atrapalhai seus movimentos com mil obstáculos; atribuí-lhe fantasmas que o atemorizem; eternizai a guerra na caverna, e que o homem natural permaneça aí sempre encadeado debaixo dos pés do homem moral. Quereis vê-lo feliz e livre? Não vos imiscuais em seus assuntos: bastantes incidentes imprevistos hão de conduzi-lo à luz e à depravação; e ficai para sempre convencido que não é por vós, mas por eles, que

[27] Prescrições alimentares do *Deuteronômio*, XIV, 13-14.

esses sábios legisladores vos petrificaram e amaneiraram como vós o sois. Invoco o testemunho de todas as instituições políticas, civis e religiosas: examinai-as profundamente; e, ou me engano muito, ou vereis nelas a espécie humana dobrada de século em século ao jugo que um punhado de velhacos esperava impor-lhe. Desconfiai daquele que quer estabelecer a ordem. Ordenar é sempre tornar-se senhor dos outros, incomodando-os: e os calabreses são quase os únicos a quem a lisonja dos legisladores não logrou ainda iludir.

A. — E essa anarquia da Calábria vos agrada?

B. — Invoco sua experiência; e aposto que sua barbárie é menos viciosa que nossa urbanidade. Quantas pequenas malvadezas compensam aqui a atrocidade de alguns grandes crimes com os quais se fez tanto barulho! Considero os homens não civilizados uma multidão de molas dispersas e isoladas. Sem dúvida, se porventura algumas dessas molas viessem a chocar-se, uma ou outra ou ambas se quebrariam. Para obviar tal inconveniente, um indivíduo de sabedoria profunda e gênio sublime reuniu essas molas e compôs uma máquina, e nesta máquina, denominada sociedade, todas as molas foram tornadas atuantes, reagindo umas contra as outras, incesssantemente fatigadas; e romperam-se mais em um dia, no estado de legislação, do que se romperam em um ano, na anarquia da natureza. Mas que estrépito! Que estrago! Que enorme destruição das pequenas molas, quando duas, três, quatro dessas enormes máquinas vieram a chocar-se com violência!

A. — Assim preferiríeis o estado de natureza bruta e selvagem?

B. — Por minha fé, não ousaria declará-lo: mas sei que se viu muitas vezes o homem das cidades despir-se e reentrar na floresta, e que nunca se viu o homem da floresta vestir-se e estabelecer-se na cidade.

A. — Amiúde me ocorreu ao pensamento que a soma dos bens e dos males era variável para cada indivíduo; mas que a ventura ou a desventura de uma espécie animal qualquer contava um limite que ela não podia franquear, e que nossos esforços nos proporcionavam talvez, como resultado final, tanto inconveniente quanta vantagem: de modo que nos teríamos de fato atormentado para aumentar os dois membros de uma equação, entre os quais subsistia eterna e necessária igualdade. Entretanto, não duvido que a vida média do homem civilizado seja mais longa que a vida média do homem selvagem.

B. — E se a duração de uma máquina não for uma justa medida de sua maior ou menor fadiga, o que concluireis daí?

A. — Vejo que, a somar tudo, vós vos inclinaríeis a crer os homens tanto menos malvados e infelizes quanto mais civilizados?

B. — Não percorri todas as regiões do universo; mas eu vos advirto somente que não encontrareis em parte alguma a condição de homem feliz exceto no Taiti, e em parte alguma suportável exceto num recanto da Europa. Lá, senhores desconfiados e ciosos de sua própria segurança incumbiram-se de mantê-lo no que chamais embrutecimento.

A. — Em Veneza, talvez?

B. — Por que não? Não negareis, pelo menos, que em parte alguma há menos luzes adquiridas, menos moral artificial, e menos vícios e virtudes quiméricas.

A. — Eu não esperava o elogio desse governo.

B. — Tampouco o faço. Indico-vos uma espécie de reparação da servidão, que todos os viajantes sentiram e preconizaram.

A. — Pobre reparação!

B. — Talvez. Os gregos proscreveram aquele que juntara uma corda à lira de Mercúrio.

A. — E essa proibição é uma sátira sangrenta de seus primeiros legisladores. A primeira corda é que se devia cortar.

B. — Vós me compreendestes. Em toda parte onde há uma lira, há cordas. Enquanto os apetites naturais forem sofisticados, contai com mulheres maldosas.

A. — Como a Reymer.

B. — Com homens atrozes.

A. — Como Gardeil.

B. — E com infortunados a propósito de nada.

A. — Como Tanié, a Senhorita de La Chaux, o cavaleiro Desroches e a Senhora de La Carlière.[28]

É certo que se procurariam inutilmente no Taiti exemplos da depravação dos dois primeiros, e da desventura dos três últimos. Que faremos então? Voltaremos à natureza? Submeter-nos-emos às leis?

B. — Falaremos contra as leis insensatas até que sejam reformadas; e, entrementes, nos submeteremos a elas. Aquele que, por sua autoridade privada, infringe uma lei má, autoriza a qualquer outro a infringir as boas. Há menos inconvenientes em ser louco entre loucos, do que ser sábio sozinho. Digamos a nós próprios, gritemos incessantemente que a vergonha, o castigo e a ignomínia foram atribuídos a ações inocentes em si mesmas; mas não as cometamos, porque a vergonha, o castigo e a ignomínia são os maiores de todos os males. Imitemos o bom capelão, monge em França, selvagem no Taiti.

A. — Tomar o hábito do país aonde se vai, e guardar o do país onde se está.

B. — E sobretudo ser honesto e sincero até o escrúpulo com os seres frágeis, que não podem fazer nossa felicidade, sem renunciar às vantagens mais preciosas de nossas sociedades. E esse nevoeiro espesso, onde foi parar?

A. — Baixou.

B. — E se quisermos poderemos, ainda, depois do almoço, sair ou ficar?

A. — Isso dependerá, creio, um pouco mais das mulheres do que de nós.

B. — Sempre as mulheres! Não se poderia dar um passo sem encontrá-las atravessadas no caminho.

A. — E se lhes lêssemos o diálogo do capelão e de Oru?

B. — A vosso ver, o que diriam elas?

A. — Não tenho a menor idéia.

B. — E o que pensariam elas?

A. — Talvez o contrário do que diriam.

[28] Alusão a dois contos de Diderot: La Reymer e Tanié, Gardeil e a Senhorita de La Chaux aparecem em *Isto Não É um Conto*, enquanto Desroches e a Sr.ª de La Carlière são personagens na narrativa que foi intitulada *Sobre a Inconseqüência do Julgamento Público de Nossas Ações Particulares*.

DIDEROT

PARADOXO SOBRE O COMEDIANTE[1]

Tradução e notas de J. GUINSBURG

[1] Das obras de Diderot, o *Paradoxo* é uma das que, sem dúvida, jamais perderão a sua atualidade. No confronto que estabelece entre a alma do comediante e a sua expressão, chega a uma teoria do ator que só encontra paralelo, por sua profundidade e amplitude, na que Stanislavski estabeleceria um século e meio depois. Contudo, o seu alcance pode ir muito além do plano teatral e estético. E muitos de seus comentadores vêem no *Paradoxo* um caso particular de uma teoria geral da sensibilidade, tal como ela é sugerida nas passagens onde Diderot amplia sua análise para o caso do homem de gênio em geral, etc., e no *Sonho de D'Alembert,* quando Bordeu diz: "Os seres sensíveis ou os loucos se acham no palco, ele [o grande homem] está na platéia" (cf. O *Sonho de D'Alembert,* pág. 414 e nota 35).
Essa coincidência entre os dois trabalhos não é só de uma mesma ordem de concepção, mas também de uma mesma época de elaboração, datando o *Paradoxo,* segundo P. Vernière *(Oeuvres Esthétiques,* pág. 295), de novembro de 1769, ou seja, dois meses após a composição de *O Sonho.* A obra passou por várias versões e só veio à luz postumamente, em 1830.

PRIMEIRO INTERLOCUTOR — Não falemos mais disso.

SEGUNDO INTERLOCUTOR — Por quê?

PRIMEIRO — Porque a obra é de vosso amigo.[2]

SEGUNDO — Que importa?

PRIMEIRO — Muito. De que vos serve ficar na alternativa de desprezar ou o seu talento, ou o meu julgamento, e depreciar a boa opinião que tendes dele ou a que tendes de mim?

SEGUNDO — Isso não sucederá; e mesmo que sucedesse, minha amizade pelos dois, baseada em qualidades mais essenciais, não seria atingida.

PRIMEIRO — Talvez.

SEGUNDO — Estou certo. Sabeis a quem vos assemelhais neste instante? A um autor de meu conhecimento que suplicava de joelhos a uma mulher à qual estava ligado que não assistisse à primeira representação de uma de suas peças.

PRIMEIRO — Vosso autor era modesto e prudente.

SEGUNDO — Temia que o sentimento terno que lhe dedicavam ficasse na dependência da apreciação que fosse feita de seu mérito literário.

PRIMEIRO — Isso seria possível.

SEGUNDO — Que um fracasso público o degradasse um pouco aos olhos de sua amada.

PRIMEIRO — Que, menos apreciado, fosse menos amado. E isso vos parece ridículo?

SEGUNDO — Foi assim que se julgou o fato. O camarote foi alugado e o autor logrou o maior êxito: só Deus sabe como foi abraçado, festejado e acariciado.

PRIMEIRO — Sê-lo-ia muito mais se a peça fosse vaiada.

SEGUNDO — Não duvido.

PRIMEIRO — E eu persisto em minha opinião.

SEGUNDO —Persisti, consinto; mas lembrai-vos de que não sou mulher e que é preciso, se vos apraz, que vos expliqueis.

PRIMEIRO — Absolutamente?

SEGUNDO — Absolutamente.

PRIMEIRO — Ser-me-ia mais fácil calar-me do que disfarçar meu pensamento.

SEGUNDO — Acredito.

PRIMEIRO — Serei severo.

SEGUNDO — É o que meu amigo exigiria de vós.

PRIMEIRO — Pois bem, já que é mister vo-lo dizer, a obra dele, escrita em um estilo alambicado, obscuro, tortuoso, empolado, está cheia de idéias comuns. Ao sair desta leitura, um grande comediante não será melhor, e um ator medíocre não será menos ruim. Compete à natureza dar as qualidades da pessoa, a figura, a voz, o julgamento, a sutileza. Compete ao estudo dos grandes modelos, ao conhecimento do coração humano, à prática do mundo, ao trabalho assíduo, à experiência e ao hábito do teatro aperfeiçoar o dom da natureza. O comediante imitador pode chegar ao ponto de representar tudo passavelmente; nada haverá a louvar, nem a repreender em seu desempenho.

[2] *Garrick ou les auteurs anglais,* brochura inglesa cuja tradução francesa Diderot resenhou e que foi o ponto de partida do *Paradoxo.*

SEGUNDO — Ou haverá tudo a repreender.

PRIMEIRO — Como quiserdes. O comediante por natureza é amiúde detestável e às vezes excelente. Em qualquer gênero que seja, desconfiai da mediocridade constante. Qualquer que seja o rigor com que um estreante seja tratado, é fácil pressentir seus triunfos vindouros. As vaias sufocam apenas os ineptos. E como formaria a natureza sem a arte um grande comediante, já que nada se passa exatamente no palco como na natureza, e que os poemas dramáticos são todos compostos segundo um certo sistema de princípios? E como seria um papel desempenhado da mesma maneira por dois atores diferentes, se no escritor mais claro, mais preciso, mais enérgico, as palavras não são e não podem ser senão signos aproximados de um pensamento, de um sentimento, de uma idéia; signos cujo valor o movimento, o gesto, o tom, a fisionomia, os olhos, a circunstância dada completam? Quando ouvis estas palavras:

. . . O que faz aí vossa mão?
— Apalpo o vosso traje, o seu tecido é macio.[3]

O que sabeis vós? Nada. Ponderai bem o que segue, e concebei como é freqüente e fácil que dois interlocutores, empregando as mesmas expressões, tenham pensado e dito coisas totalmente diversas. O exemplo que disso vos darei é uma espécie de prodígio; é a obra mesma de vosso amigo. Perguntai a um comediante francês qual a sua opinião a respeito, e este concordará que tudo nele é verdadeiro. Fazei a mesma pergunta a um comediante inglês, e ele vos jurará *by God* que não há sequer uma frase a mudar, e que é o puro evangelho da cena. Entretanto, como não há quase nada em comum entre a maneira de escrever a comédia e a tragédia na Inglaterra e a maneira por que se escrevem esses poemas em França, pois, segundo o modo de pensar mesmo de Garrick, quem sabe representar perfeitamente uma cena de Shakespeare não conhece o primeiro acento da declamação de uma cena de Racine; pois enlaçado pelos versos harmoniosos deste último, como por outras tantas serpentes cujos anéis lhe estreitam a cabeça, os pés, as mãos, as pernas e os braços, sua ação perderia com isso toda a liberdade:[4] segue-se evidentemente que o ator francês e o ator inglês, que concordam unanimemente quanto à verdade dos princípios de vosso autor, não se entendem, e que há na linguagem técnica do teatro uma latitude, um vago bastante considerável para que homens sensatos, de opiniões diametralmente opostas, creiam reconhecer aí a luz da evidência. E continuai mais do que nunca apegado à vossa máxima: *Não vos expliqueis nunca se quereis vos entender.*

SEGUNDO — Pensais que em toda obra, e sobretudo nesta, existem dois sentidos distintos, ambos encerrados sob os mesmos signos, um em Londres e outro em Paris?

PRIMEIRO — E que tais signos apresentam tão nitidamente esses dois sentidos que vosso amigo mesmo se enganou com eles, uma vez que, associando nomes de comediantes ingleses a nomes de comediantes franceses, aplicando-lhes os mesmos preceitos, e concedendo-lhes a mesma censura e os mesmos louvores, imaginou, sem dúvida, que aquilo que declarava quanto a uns era igualmente justo quanto a outros.

SEGUNDO — Mas, desse modo, nenhum outro autor teria cometido tantos verdadeiros contra-sensos.

PRIMEIRO — As mesmas palavras de que ele se serve enunciam uma coisa no *carrefour* de Bussy[5] e coisa diferente em Drury Lane,[6] devo confessá-lo com pesar; de resto, posso estar errado. Mas o ponto importante, sobre o qual temos opiniões inteiramente opostas vosso autor e eu, é a questão das qualidades principais de um grande comediante. Quanto a mim, quero que tenha muito discernimento; acho necessário que haja nesse homem um espectador frio e tranqüilo; exijo dele, por conseqüência, penetração e nenhuma sensibilidade, a arte de tudo imitar, ou, o que dá no mesmo, uma igual aptidão para toda espécie de caracteres e papéis.

SEGUNDO — Nenhuma sensibilidade!

[3] Molière, *Tartufo*, III, 3.
[4] Trata-se de uma confidência real de Garrick.
[5] Localização, até 1770, da Comédie Française.
[6] O mais famoso e o mais duradouro dos teatros ingleses. De 1746 a 1776 foi dirigido por Garrick.

PRIMEIRO — Nenhuma. Não coordenei ainda bem minhas razões, e me permitireis vo-las expor como elas me vierem, na desordem da própria obra de vosso amigo.

Se o comediante fosse sensível, ser-lhe-ia permitido, de boa fé, desempenhar duas vezes seguidas um mesmo papel com o mesmo calor e o mesmo êxito? Muito ardente na primeira representação, estaria esgotado e frio como mármore na terceira. Ao passo que imitador atento e discípulo atento da natureza, na primeira vez que se apresentar no palco sob o nome de Augusto, de Cina, de Orosmano, de Agamenon, de Maomé, [7] copista rigoroso de si próprio ou de seus estudos, e observador contínuo de nossas sensações, sua interpretação, longe de enfraquecer-se, fortalecer-se-á com novas reflexões que terá recolhido; ele se exaltará ou se moderará, e vós ficareis com isso cada vez mais satisfeito. Se ele é ele quando representa, como deixará de ser ele? Se ele quer cessar de ser ele, como perceberá o ponto justo em que deve colocar-se e deter-se?

O que me confirma minha opinião é a desigualdade dos atores que representam com alma. Não espereis da parte deles nenhuma unidade; seu desempenho é alternadamente forte e fraco, quente e frio, trivial e sublime. Hão de falhar amanhã na passagem onde hoje primaram; em compensação, hão de primar naquela em que falharam na véspera. Ao passo que o comediante que representar com reflexão, com estudo da natureza humana, com imitação constante segundo algum modelo ideal, com imaginação, com memória, será um e o mesmo em todas as representações, sempre igualmente perfeito: tudo foi medido, combinado, apreendido, ordenado em sua cabeça; não há em sua declamação nem monotonia, nem dissonância. O ardor tem seu progresso, seus ímpetos, suas remissões, seu começo, seu meio, seu extremo. São os mesmos acentos, as mesmas posições, os mesmos movimentos; se existe alguma diferença de uma representação a outra, é comumente em vantagem da última. Ele não será desigual: é um espelho sempre disposto a mostrar os objetos e a mostrá-los com a mesma precisão, a mesma força e a mesma verdade. Assim como o poeta, vai incessantemente abeberar-se no fundo inesgotável da natureza, enquanto que teria assistido bem cedo ao termo de sua própria riqueza.

Que desempenho mais perfeito que o da Mlle Clairon? [8] Entretanto, segui-a, estudai-a, e ficareis convencido de que na sexta representação ela sabe de cor todos os pormenores de sua interpretação, assim como todas as palavras de seu papel. Sem dúvida, ela fez para si um modelo ao qual procurou de início conformar-se; sem dúvida, concebeu esse modelo da maneira mais elevada, mais grandiosa e a mais perfeita que lhe foi possível; mas tal modelo que tomou da história, ou que sua imaginação criou como grande fantasma, não é ela; se o modelo não a ultrapassasse em altitude, como seria fraca e reduzida sua ação! Quando, à força de trabalho, ela se aproximou dessa idéia o mais que pôde, tudo ficou terminado; manter-se firme nele é uma pura questão de exercício e de memória. Se presenciásseis seus estudos, quantas vezes lhe diríeis: *"É isso mesmo!. . . "* e quantas vezes ela vos responderia: *"Estais enganado!. . ."* É como De Quesnoy, [9] a quem o amigo segurava pelo braço e gritava: *"Detende-vos!, o melhor é inimigo do bom: ides estragar tudo. . . "* "Vós enxergais o que eu fiz", replicava o artista arquejante ao conhecedor maravilhado; "mas não enxergais o que eu tenho aí, e o que estou perseguindo."

Não duvido de modo algum que Mlle Clairon padeça o tormento de Quesnoy em suas primeiras tentativas; mas passada a luta, depois de elevar-se uma vez à altura de seu fantasma, ela se domina, ela se repete sem emoção. Como nos acontece às vezes no sonho, [10] a cabeça toca-lhe nas nuvens, as mãos vão procurar os dois confins do horizonte; ela é a alma de um grande manequim que a envolve; seus ensaios o fixaram sobre ela. Negligentemente estendida numa espreguiçadeira, com os braços cruzados, os olhos fechados, imóvel, ela pode, seguindo seu sonho de memória, ouvir-se, ver-se, julgar-se e julgar as impressões que provocará. Nesse momento, é dupla: a pequena Clairon e a grande Agripina.

[7] Personagens de Corneille, Racine e Voltaire.

[8] Uma das mais notáveis atrizes francesas da época (1723-1803), que pertenceu à Comédie e escreveu precioso testemunho da vida teatral no século XVIII, sob o título de Memórias e Reflexões sobre a Arte Dramática.

[9] François Duquesnoy (1594-1643), escultor belga.

[10] Tema que também surge em *O Sonho de D'Alembert* (cf. pág. 407:) *"Senhorita de l'Espinasse* — Doutor, tendes razão. Muitas vezes pareceu-me em sonho. . . "

SEGUNDO — Nada, a convir convosco, assemelha-se tanto a um comediante na cena ou em seus estudos, quanto as crianças que, de noite, arremedam as almas do outro mundo nos cemitérios, erguendo acima de suas cabeças um grande lençol branco na ponta de uma vara, e lançando de baixo desse catafalco uma voz lúgubre que atemoriza os passantes.

PRIMEIRO — Tendes razão. Com Mlle Dusmenil[11] não acontece o mesmo que com Mlle Clairon. Ela sobe ao palco sem saber o que irá dizer; a metade do tempo, não sabe o que diz, mas chega um momento sublime. E por que diferiria o ator do poeta, do pintor, do orador e do músico? Não é no furor do primeiro jato que os traços característicos se apresentam, é em momentos tranqüilos e frios, em momentos totalmente inesperados. Não se sabe de onde semelhantes traços provêm; eles se parecem com a inspiração. É quando, suspensos entre a natureza e o esboço que fazem, esses gênios dirigem alternadamente um olhar atento a um e outro; as belezas de inspiração, os traços fortuitos que espalham em suas obras, e cuja súbita aparição a eles próprios espanta, são de um efeito e de um êxito assegurados de maneira bem diversa daquilo que jogaram nelas num repente. Cabe ao sangue-frio temperar o delírio do entusiasmo.

Não é o homem violento que está fora de si que dispõe de nós; trata-se antes de uma vantagem reservada ao homem que se domina. Os grandes poetas dramáticos, sobretudo, são espectadores assíduos do que se passa em torno deles no mundo físico e no mundo moral.

SEGUNDO — Que são um só.

PRIMEIRO — Apreendem tudo que os impressiona; fazem coleções com isso. É dessas coleções formadas neles, sem que o saibam, que tantos fenômenos raros passam às suas obras. Os homens acalorados, violentos, sensíveis, encontram-se em cena; dão o espetáculo, mas não o desfrutam.[12] São eles que servem de modelo para o homem de gênio fazer sua cópia. Os grandes poetas, os grandes atores, e, talvez, em geral, todos os grandes imitadores da natureza, quaisquer que sejam, dotados de bela imaginação, de grande julgamento, de tato fino, de gosto muito seguro, são os menos sensíveis dos seres. São igualmente aptos a um número demasiado de coisas; acham-se demasiado ocupados em olhar, em reconhecer e em imitar, para que sejam vivamente afetados no íntimo deles próprios. Eu os vejo incessantemente com a pasta de desenho sobre os joelhos e o lápis na mão.

Nós sentimos; eles observam, estudam e pintam. Posso dizê-lo? Por que não? A sensibilidade não é quase a qualidade de um grande gênio. Ela amará a justiça; mas exercerá essa virtude sem recolher sua doçura. Não é seu coração, mas sua cabeça que faz tudo. À menor circunstância imprevista, o homem sensível a perde; ele não será grande rei, nem grande ministro, nem grande capitão, nem grande advogado, nem grande médico. Enchei a sala de espetáculo desses chorões, mas não coloqueis nenhum deles no palco. Vede as mulheres; elas nos ultrapassam certamente, e de muito longe, em sensibilidade; que diferença entre elas e nós nos instantes da paixão! Mas, assim como nos são superiores quando agem, do mesmo modo nos são inferiores quando imitam. A sensibilidade nunca se apresenta sem fraqueza de organização. A lágrima que escapa do homem verdadeiramente homem nos comove mais que todos os prantos de uma mulher. Na grande comédia, a comédia do mundo, aquela para a qual sempre torno, todas as almas quentes ocupam o teatro; todos os homens de gênio encontram-se na platéia. Os primeiros chamam-se loucos; os segundos, que se dedicam a lhes copiar as loucuras, chamam-se sábios. É o olho do sábio que capta o ridículo de tantas personagens diversas, que o pinta, e que vos faz rir, quer desses importunos originais, de que fostes vítima, quer de vós mesmo. É ele quem vos observava, e quem traçava a cópia cômica, quer do importuno, quer de vosso suplício.

Se essas verdades fossem demonstradas, os grandes comediantes não concordariam com elas; é o segredo deles. Os atores medíocres ou neófitos são feitos para rejeitá-las, e poder-se-ia dizer de alguns outros que eles acreditam sentir, como se disse do supersticioso, que ele acredita crer; e que sem a fé para este, e sem a sensibilidade para aquele, não há qualquer salvação.

[11] Atriz francesa, rival e contemporânea de Mlle Clairon (1713-1803). Voltaire atribui ao seu desempenho o êxito de *Mérope*. Pertenceu à Comédie.

[12] Cf. *O Sonho de D'Alembert*, pág. 104: "*Bordeu* — O grande homem. . . " O parentesco entre ambas as passagens é nítido.

Mas como? dirá alguém, estes acentos tão plangentes, tão dolorosos, que esta mãe arranca do fundo de suas entranhas, e com os quais as minhas são tão violentamente sacudidas, não é o sentimento atual que os produz, não é o desespero que os inspira? De modo algum; e a prova é que são medidos, que fazem parte de um sistema de declamação; que mais baixos ou mais agudos do que a vigésima parte de um quarto de tom, são falsos; que estão sujeitos a uma lei de unidade; que são, como na harmonia, preparados e preservados: que satisfazem todas as condições requeridas apenas através de um longo estudo; que concorrem para a solução de um problema proposto; que, para ser levados ao ponto justo, foram ensaiados cem vezes e que, apesar desses freqüentes ensaios, ainda lhes falta algo; é que antes de dizer:

Zaíra, vós chorais [13]

ou

Vós compreendereis, minha filha [14]

o ator escutou-se durante muito tempo a si mesmo; é que ele se escuta no momento em que vos perturba, e que todo seu talento consiste não em sentir, como supondes, mas em expressar tão escrupulosamente os sinais externos do sentimento, que vós vos enganais, a esse respeito. Os gritos de sua dor são notados em seu ouvido. Os gestos de seu desespero são decorados, foram preparados diante de um espelho. Ele conhece o momento exato em que há de tirar o lenço e em que as lágrimas hão de rolar; esperai-as a esta palavra, a esta sílaba, nem mais cedo nem mais tarde. Este tremor da voz, estas palavras suspensas, estes sons sufocados ou arrastados, este frêmito dos membros, esta vacilação dos joelhos, estes desfalecimentos, estes furores, pura imitação, lição recordada de antemão, trejeito patético, macaquice sublime de que só o ator guarda lembrança muito tempo depois de tê-la estudado, de que tinha consciência presente no momento em que a executava, e que lhe deixa, felizmente para o poeta, para o espectador e para ele, toda a liberdade de seu espírito, e que não lhe tira, assim como os outros exercícios, senão a força do corpo. O soco ou o coturno deposto, sua voz extinguiu-se, ele sente extrema fadiga, vai mudar de roupa branca ou deitar-se; mas não lhe resta nem perturbação, nem dor, nem melancolia, nem abatimento de alma. Sois vós quem levais convosco todas essas impressões. O ator está cansado e vós, tristes; é que ele se agitou sem nada sentir, e vós sentistes sem vos agitar. Se fosse de outro modo, a condição do comediante seria a mais desgraçada das condições; mas ele não é a personagem, ele a representa e a representa tão bem que vós a tomais como tal; a ilusão só existe para vós; ele sabe muito bem que ele não a é.

Quanto às sensibilidades diversas, que se concertam entre si para obter o maior efeito possível, que se afinam, que se enfraquecem, que se fortalecem, que se matizam para formar um todo que seja um só, isso me faz rir. Insisto portanto, e digo: "É a extrema sensibilidade que faz os atores medíocres: é a sensibilidade medíocre que faz a multidão dos maus atores; e é a falta absoluta de sensibilidade que prepara os atores sublimes". As lágrimas do comediante lhe descem de seu cérebro; as do homem sensível lhe sobem do coração: são as entranhas que perturbam desmesuradamente a cabeça do homem sensível; é a cabeça do comediante que leva às vezes passageira perturbação às suas entranhas; ele chora como um padre incrédulo que prega a Paixão; como um sedutor aos joelhos de uma mulher que ele não ama, mas que deseja enganar; como um mendigo na rua ou à porta de uma igreja, que vos injuria quando desespera de vos comover; ou como uma cortesã que nada sente, mas que desmaia em vossos braços.

Jamais refletistes sobre a diferença entre as lágrimas provocadas por um acontecimento trágico e as lágrimas provocadas por um relato patético? Ouve-se contar uma bela coisa: pouco a pouco a cabeça se baralha, as entranhas se comovem e as lágrimas rolam. Ao contrário, à vista de um acidente trágico, o objeto, a sensação e o efeito se tocam; num instante, as entranhas se comovem, solta-se um grito, a cabeça se perde, e as lágrimas correm; estas vêm subitamente; as outras são trazidas. Eis a vantagem de um lance teatral natural e verdadeiro em uma cena

[13] Voltaire, *Zaíra*, ato IV, cena 2.
[14] Racine, *Ifigênia*, ato II, cena 2.

eloqüente, ele realiza bruscamente o que a cena faz esperar; mas sua ilusão é muito mais difícil de produzir; um incidente falso, mal representado, a destrói. Os acentos são melhor imitados que os movimentos, mas os movimentos impressionam mais violentamente. Eis o fundamento de uma lei para a qual não creio haver exceção, é a de solucionar por uma ação e não por um relato, sob pena de ser frio.

Pois bem, nada tendes a objetar-me? Eu vos ouço; procedeis a um relato em sociedade; vossas entranhas se comovem, vossa voz se entrecorta, chorais. Vós sentistes, dizeis, e sentistes mui vivamente. Convenho; mas vos preparastes para isso? Não. Faláveis em versos? Não. Entretanto, arrastastes, espantastes, tocastes, produzistes grande efeito. É verdade. Mas transportai ao teatro vosso tom familiar, vossa expressão simples, vosso porte doméstico, vosso gesto natural e vereis quão pobre e fraco sereis. Em vão derramareis lágrimas, sereis ridículo, as pessoas rirão. Não será uma tragédia, mas uma farsa trágica que representareis. Credes que as cenas de Corneille, de Racine, de Voltaire e mesmo de Shakespeare possam ser recitadas com vossa voz de conversação e com o tom que adotais ao canto de vossa lareira? Não mais do que a história do canto de vossa lareira com a ênfase e a abertura de boca do teatro.

SEGUNDO — É porque talvez Racine e Corneille, por grandes homens que fossem, nunca fizeram nada que valha.

PRIMEIRO — Que blasfêmia! Quem ousaria proferi-la? Quem ousaria aplaudi-la? As coisas familiares de Corneille não podem sequer ser ditas em tom familiar.

Mas uma experiência que, por certo, repetistes cem vezes, é que no fim de vosso relato, no meio da perturbação e da emoção que lançastes em vosso pequeno auditório de salão, sobrevém uma nova personagem cuja curiosidade cumpre satisfazer. Vós não podeis mais fazê-lo, vossa alma está esgotada, não vos resta nem sensibilidade, nem calor, nem lágrimas. Por que não experimenta o ator a mesma prostração? É que há de fato diferença entre o interesse que assume um conto de pura invenção e o interesse que vos inspira o infortúnio de vosso vizinho. Sois Cina? Fostes alguma vez Cleópatra, Mérope, Agripina? Que vos importa essa gente? A Cleópatra, a Mérope, a Agripina, o Cina do teatro são mesmo personagens históricas? Não. São fantasmas imaginários da poesia; digo muito; são espectros do feitio particular deste ou daquele poeta. Deixai essa espécie de hipogrifos na cena com seus movimentos, seu comportamento e seus gritos; figurariam mal na história: provocariam gargalhadas em um círculo ou outra reunião da sociedade. As pessoas se perguntariam no ouvido: Será que está delirando? De onde vem esse Dom Quixote? Onde é que se fazem dessas histórias? Qual é o planeta em que se fala assim?

SEGUNDO — Mas por que não se revoltam no teatro?

PRIMEIRO — É que aí elas existem por convenção. É uma fórmula dada pelo velho Ésquilo; é um protocolo que data de três mil anos.

SEGUNDO — E esse protocolo vai durar ainda muito tempo?

PRIMEIRO — Eu o ignoro. Tudo o que sei é que nos afastamos dele à medida que nos aproximamos de nosso século e de nosso país.

Conheceis uma situação mais semelhante à de Agamenon, na primeira cena de *Ifigênia,* do que a situação de Henrique IV, quando, obsedado por terrores que eram mais do que fundados, dizia a seus familiares: "Eles me matarão, nada é mais certo; eles me matarão. . . " Suponde que esse excelente homem, esse grande e infeliz monarca, atormentado à noite por tal pressentimento funesto, se levante e vá bater à porta de Sully, seu ministro e amigo; credes que houvesse um poeta bastante absurdo para levar Henrique a dizer:

Sim, é Henrique, é teu rei que te desperta.
Vem, reconhece a voz que chega a teu ouvido. . .

e levar Sully a responder:

Sois vós mesmo, senhor! Que importante necessidade
Vos fez preceder a aurora de tão longe?
Apenas uma fraca luz vos ilumina e me guia,
Vossos olhos só e os meus estão abertos![15]

SEGUNDO — Era talvez esta a verdadeira linguagem de Agamenon.

PRIMEIRO— Não mais do que a de Henrique IV. É a de Homero, é a de Racine, é a da poesia; e essa linguagem pomposa não pode ser empregada senão por seres desconhecidos, e falada por bocas poéticas com um tom poético.

Refleti um momento sobre o que se chama no teatro *ser verdadeiro*. Será mostrar as coisas como elas são na natureza? De forma nenhuma. O verdadeiro neste sentido seria apenas o comum. O que é pois o verdadeiro do palco? É a conformidade das ações, dos discursos, da figura, da voz, do movimento, do gesto, com um modelo ideal imaginado pelo poeta, e muitas vezes exagerado pelo comediante. Eis o maravilhoso. Esse modelo não influi somente no tom; modifica até o passo, até a postura. Daí vem que o comediante na rua ou na cena são dois personagens tão diferentes, que mal se consegue reconhecê-los. A primeira vez que vi Mlle Clairon em casa dela, exclamei com toda a naturalidade: *"Ah! senhorita, eu vos julgava mais alta de uma cabeça inteira"*.

Uma mulher infeliz, e verdadeiramente infeliz, chora e não vos comove em nada: pior ainda, um traço ligeiro que a desfigura vos faz rir; é que um acento que lhe é próprio desentoa a vosso ouvido e vos fere; é que um movimento que lhe é habitual vos mostra essa dor ignóbil e enfadonha; é que as paixões exageradas são quase todas sujeitas a trejeitos que o artista sem gosto copia servilmente, mas que o grande artista evita. Nós queremos que, no acme dos tormentos, o homem guarde o caráter de homem, a dignidade de sua espécie. Qual é o efeito desse esforço heróico? Distrair da dor e temperá-la. Nós queremos que essa mulher caia com decência, com delicadeza, e que seu herói morra como o gladiador antigo, no meio da arena, com os aplausos do circo, com graça, com nobreza, numa atitude elegante e pitoresca. Quem é que satisfará nossa esperança? Será o atleta que a dor subjuga e que a sensibilidsde descompõe? Ou o atleta academizado que se domina e pratica as lições da ginástica ao render o último suspiro? O gladiador antigo, como um grande comediante, e um grande comediante, assim como o gladiador antigo, não morrem como se morre no leito, mas são obrigados a nos representar uma outra morte para nos agradar, e o espectador delicado sentiria que a verdade nua, a ação despida de qualquer apresto, seria mesquinha e haveria de contrastar com a poesia do resto.

Não que a natureza não tenha seus momentos sublimes: mas penso que, se há alguém seguro de apreender e conservar sua sublimidade, é aquele que os tiver pressentido por imaginação ou por gênio, e que os representar com sangue-frio.

Entretanto, eu não negaria que não haja aí uma espécie de mobilidade de entranhas adquirida ou factícia; mas, se perguntardes minha opinião, julgo-a quase tão perigosa quanto a *sensibilidade* natural. Ela deve conduzir pouco a pouco o ator à maneira e à monotonia. É um elemento contrário à diversidade das funções de um grande comediante; este é amiúde obrigado a despojar-se dela, e tal renúncia só é possível a uma cabeça de ferro. Contudo, mais valeria, para a facilidade e o êxito dos estudos, para a universalidade do talento e a perfeição do desempenho, se não precisasse cometer essa incompreensível distração de si para consigo, cuja extrema dificuldade, ao limitar cada comediante a um só papel, condena as companhias a serem muito numerosas, ou quase todas as peças a serem mal representadas, a menos que se inverta a ordem das coisas, e que as peças se façam para os atores, que, me parece, deveriam muito ao contrário ser feitos para as peças.

[15] Análise aguda da linguagem na realidade teatral e na realidade social, mesmo quando já sob o efeito de uma transposição simbólica da história.

SEGUNDO — Mas se uma multidão de homens agrupados na rua por alguma catástrofe vem exibir subitamente, e cada um à sua maneira, sua sensibilidade natural, sem se haver combinado, criarão um espetáculo maravilhoso, mil modelos precisos para a escultura, a pintura, a música e a poesia.

PRIMEIRO — É verdade. Mas esse espetáculo poderia comparar-se ao que resultaria de uma combinação bem concebida, dessa harmonia que o artista lhe infundiria quando o transportasse da praça à cena ou à tela? Se vós pretendeis que sim, qual é, pois, replicarei eu, essa tão gabada magia da arte, se se reduz a estragar o que a natureza bruta e um arranjo fortuito realizaram melhor do que ela? Negais que se embeleza a natureza? Nunca elogiastes uma mulher dizendo que era bela como uma *Virgem* de Rafael? À vista de uma bela paisagem, não exclamastes que era romanesca? Além disso, vós me falais de uma coisa real, e eu vos falo de uma imitação; vós me falais de um instante fugaz da natureza, e eu vos falo de uma obra de arte, projetada, interligada, que tem seus progressos e sua duração. Tomai cada um desses atores, fazei variar a cena na rua como no teatro, e mostrai-me vossos personagens sucessivamente, isolados, dois a dois, três a três; abandonai-os a seus próprios movimentos; que sejam senhores absolutos de suas ações, e vereis a estranha cacofonia que daí resultará. A fim de evitar esse defeito, fazeis com que ensaiem juntos. Adeus então à sensibilidade natural deles, e tanto melhor.

Ocorre com o espetáculo o mesmo que com uma sociedade bem ordenada, onde cada um sacrifica parte de seus direitos para o bem do conjunto e do todo. Quem apreciará melhor a medida desse sacrifício? Será o entusiasta? O fanático? Não, por certo. Na sociedade, será o homem justo; no teatro, o comediante que tiver a cabeça fria. Vossa cena de rua está para a cena dramática como uma horda de selvagens para uma assembléia de homens civilizados.

É aqui o lugar de vos falar da pérfida influência de um parceiro medíocre sobre um excelente comediante. Este concebeu com grandeza, mas será forçado a renunciar a seu modelo ideal a fim de colocá-lo ao nível do pobre-diabo com o qual está contracenando. Passa-se então com o estudo e o bom julgamento o mesmo que se faz instintivamente no passeio ou ao pé do fogo: aquele que fala abaixa o tom do interlocutor. Ou se preferis outra comparação, é como no uíste, onde perdeis uma porção de vossa habilidade, se não podeis contar com vosso jogador. Há mais: Mlle Clairon vos dirá, quando quiserdes, que Le Kain,[16] por malvadez, a tornava má ou medíocre, à vontade; e que, em represália, ela o expunha às vezes aos apupos. O que são portanto dois comediantes que se sustentam mutuamente? Duas personagens cujos modelos apresentam, guardadas as proporções, ou a igualdade, ou a subordinação que convêm às circunstâncias em que o poeta as situou, sem que uma seja demasiado forte ou demasiado fraca; e, para salvar essa dissonância, o forte elevará raramente o fraco à sua altura; mas, por reflexão, descerá à pequeneza deste. E sabeis qual o objeto desses ensaios tão múltiplos? Estabelecer um equilíbrio entre os talentos diversos dos atores, de maneira que daí resulte uma ação geral que seja una; e quando o orgulho de um deles se recusa a esse equilíbrio, é sempre à custa da perfeição do todo, em detrimento de vosso prazer; pois é raro que o excelente de um só vos indenize da mediocridade dos outros, que ele ressalta. Vi por vezes a personalidade de um grande ator punida; é quando o público decretava tolamente que ele fora exagerado, em vez de sentir que seu parceiro era fraco.

Agora sois poeta: tendes uma peça para ser representada e eu vos deixo a escolha ou de atores de profundo julgamento e de cabeça fria, ou de atores sensíveis. Mas, antes de vos decidirdes, permiti que eu vos faça uma pergunta. Em que idade se é grande comediante? É na idade em que se está cheio de fogo, em que o sangue ferve nas veias, em que o mais ligeiro choque leva a perturbação ao fundo das entranhas, em que o espírito se inflama à menor centelha? Parece-me que não. Aquele que é comediante marcado pela natureza prima em sua arte apenas quando a longa expe-

[16] Grande ator francês (1729-1778), comparado por muitos a Garrick. Notabilizou-se como intérprete de Voltaire, na Comédie. Atuou com Mlle Clairon, que registrou o caráter febril de seu desempenho. Le Kain é responsável por muitas reformas teatrais, entre as quais uma sugestão de vestuário histórico.

riência é adquirida, quando o ímpeto das paixões decaiu, quando a cabeça está calma e quando a alma se domina. O vinho da melhor qualidade é áspero e mosto quando fermenta; é por uma longa estada no tonel que se torna generoso. Cícero, Sêneca e Plutarco representam para mim as três idades do homem que compõe: Cícero não passa muitas vezes de um fogo de palha que me rejubila os olhos; Sêneca, um fogo de sarmento que os fere; ao passo que, se remexo as cinzas do velho Plutarco, descubro as grandes brasas de um braseiro que me aquece docemente.

Baron[17] interpretava, com sessenta anos passados, o conde de Essex, Xifarés, Britânico,[18] e os interpretava bem. Mlle Gaussin[19] encantava, em *O Oráculo* e *A Pupila,*[20] aos cinqüenta anos.

SEGUNDO — Ela não tinha quase a aparência de seu papel.

PRIMEIRO — É verdade; e este é talvez um dos obstáculos insuperáveis para a excelência de um espetáculo. Cumpre ter passeado longos anos sobre o palco, e o papel exige às vezes a primeira juventude. Se se encontrou uma atriz de dezessete anos,[21] capaz de desempenhar o papel de Mônima, de Dido, de Pulquéria, de Hermíone,[22] trata-se de um prodígio que não mais se tornará a ver. Entretanto, um velho comediante só é ridículo quando as forças o abandonaram inteiramente, ou quando a superioridade de seu desempenho não salva o contraste entre sua velhice e seu papel. Acontece no teatro como na sociedade, onde não se censura a galanteria numa mulher a não ser quando ela não possui nem bastantes talentos, nem bastantes outras virtudes para cobrir um vício.

Em nossos dias, Mlle Clairon e Molé[23] representaram, ao estrear, quase como autômatos, a seguir mostraram-se verdadeiros comediantes. Como se produziu isso? Acaso a alma, a sensibilidade e as entranhas lhes vieram somente à medida que avançavam em idade?

Há pouco, após dez anos de ausência do teatro, Mlle Clairon quis reaparecer; se representou mediocremente, é porque perdera a alma, a sensibilidade, as entranhas? De modo algum; perdeu antes a memória de seus papéis. Invoco o testemunho do futuro.

SEGUNDO — Como, acreditais que ela se nos apresentará de novo?

PRIMEIRO — Ou que perecerá de tédio; pois o que quereis que se ponha no lugar do aplauso público e de uma grande paixão? Se tal ator, se tal atriz estivessem profundamente compenetrados, como se supõe, dizei-me se um pensaria em lançar um olhar para os camarotes e o outro a dirigir um sorriso aos bastidores, falando apenas à platéia, e se se iria aos *foyers* interromper as risadas imoderadas de um terceiro, e adverti-lo de que é hora de vir apunhalar-se?

Mas sinto vontade de vos esboçar uma cena entre um comediante e sua mulher, que se detestavam; cena de amantes ternos e apaixonados; cena interpretada publicamente no palco, tal como vou apresentá-la e talvez um pouco melhor; cena em que dois atores pareceram mais do que nunca estar em seus papéis; cena em que arrancaram os aplausos contínuos da platéia e dos camarotes; cena que nossas palmas e nossos gritos de admiração interromperam dez vezes. É a terceira do quarto ato do *Despeito Amoroso,*[24] de Molière, que foi um triunfo para eles.

[17] Michel Baron (1653-1729), filho de ator, recebeu ensinamentos de Molière, em cuja companhia trabalhou, e mais tarde tornou-se o principal intérprete da Comédie. Baron empenhou-se em elevar o estatuto do ator e foi ele próprio autor de várias comédias. Tendo-se retirado da atividade cênica, retornou a ela cerca de três décadas depois, com sessenta e oito anos.

[18] Personagens respectivamente de *O Conde de Essex,* de Thomas Corneille, *Mitridates* e *Britânico,* de Racine.

[19] Atriz francesa (1711-1767), que se salientou sobretudo nos papéis da comédia sentimental. Com cinqüenta anos, logrou ainda grande êxito como Lucinda, a jovem apaixonada de *O Oráculo.*

[20] A primeira é de autoria de Poullain de Sainte-Foix (1698-1776) e a segunda de Christophe-Barthèlemy Fagan (1702-1755).

[21] Mlle Raucourt (1756-1815), que estreou na Comédie aos dezesseis anos, com grande êxito.

[22] Personagens de Corneille e Racine.

[23] François Molé (1734-1802) não foi acolhido inicialmente na Comédie, a cujas portas chegara graças a seu êxito como amador. Mais tarde, após longo trabalho na província, tornou-se um de seus principais atores. Molé foi dos primeiros Hamlet franceses.

[24] Esta cena, segundo P. Vernière *(op. cit.,* pág. 324, n.º 1), baseia-se num capítulo sobre os "apartes", em a *Arte de la comédie,* de Cailhava de l'Estandoux, comediógrafo francês do século XVIII.

O comediante Erasto, amante de Lucila.
Lucila, amante de Erasto e mulher do comediante.

O COMEDIANTE

Não, não, não acrediteis, senhora,
Que eu volte a falar-vos de minha flama.

A COMEDIANTE

— É o que vos aconselho.

Está tudo acabado.

— Assim espero.

Quero curar-me, e bem reconheço
O que de vosso coração possuiu o meu!

— Mais do que mereceis.

Uma cólera tão constante pela sombra de uma ofensa

— Vós, me ofenderdes! não vos dou esta honra.

Esclareceu-me muito bem sobre vossa indiferença;
E devo mostrar-vos que os traços do desprezo

— O mais profundo

São sensíveis sobretudo aos espíritos generosos.

— Sim, aos generosos.

Eu o confessarei, que nos vossos os meus olhos observavam
Encantos que em todos os outros não encontravam.

— Não por falta de tê-los visto.

E o enlevo em que eu estava de minhas algemas
Haveria de preferi-las a ofertados diademas.

— Fizestes melhor negócio.

Eu vivia todo em vós;

— Isso é falso, e vós mentistes.

E, eu confessarei mesmo,
Talvez que apesar de tudo sentirei, embora ofendido,
Bastante pena por delas me haver desprendido.

— Seria deplorável.

É possível que, apesar da cura que experimenta,
Minha alma sangrará por muito tempo desta chaga,

— Nada temais; a gangrena está aí mesmo.

E que, liberta de um jugo que fazia todo meu bem,
Terei de resolver-me a nunca mais amar ninguém.

— Sereis pago na mesma moeda.

Mas enfim não importa; e já que o ódio vos induz
A expulsar um coração tantas vezes quantas o amor vo-lo reconduz,

É este o último dos molestos seguidos
Que sofrereis de meus anseios repelidos.

A COMEDIANTE

Vós podeis fazer aos meus a graça toda inteira,
Senhor, e me poupar ainda esta derradeira.

O COMEDIANTE

— Meu coração, sois uma insolente, e vos arrependereis disso.
Pois bem, senhora, eles hão de ficar satisfeitos.
Eu rompo convosco, e rompo para sempre,
Uma vez que o desejais. Que eu venha a perecer,
Se a vontade de vos falar de novo aparecer.

A COMEDIANTE

Tanto melhor, é fazer-me um favor.

O COMEDIANTE

Não, não, não tenhais temor.

A COMEDIANTE

— Eu não vos temo.
Que eu falte à palavra; tivesse eu um coração fraco,
A ponto de não poder dele apagar vossa imagem,
Crede que nunca tereis essa vantagem.

O COMEDIANTE

— A desgraça, quereis dizer,
De me ver voltar outra vez.

A COMEDIANTE

Seria realmente em vão.

O COMEDIANTE

— Minha amiga, sois uma rematada rameira, a quem ensinarei a falar.
Eu mesmo com cem punhaladas me cortaria o peito,

A COMEDIANTE

— Prouvesse a Deus!
Se jamais eu cometesse esse insigne aviltamento.

O COMEDIANTE

— Por que não este, após tantos outros?
Se vos venci, após esse indigno tratamento.

A COMEDIANTE

Seja; não falemos mais disso.

E assim por diante. Após essa dupla cena, uma de amantes e outra de esposos, quando Erasto reconduzia sua amante Lucila para os bastidores, ele lhe apertava o braço com uma violência capaz de arrancar a carne à sua querida mulher, e respondia a seus gritos com as palavras mais insultantes e mais amargas.

SEGUNDO — Se eu ouvisse essas duas cenas simultâneas, creio que, jamais em minha vida, tornaria a pôr o pé no espetáculo.

PRIMEIRO — Se pretendeis que esse ator e essa atriz sentiram, perguntar-vos-ei se foi na cena dos amantes, ou na cena dos esposos, ou se em ambas. Mas escutai a cena seguinte entre a mesma comediante e um outro ator, seu amante.

Enquanto o amante fala, a comediante diz de seu marido: "É um indigno, ele me chamou. . . ; não me atreveria a vos repetir".

Enquanto ela fala, o amante replica-lhe: "Não estais habituada a isso? . . ." E assim de copla em copla.

"Não cearemos esta noite? — Eu bem que gostaria; mas como escapar? — É vosso problema. — E se ele vier a saber? — Nada mudará, de qualquer jeito, e nós teremos à nossa frente uma doce noite. — Quem convidaremos? — Quem quiserdes. — Mas primeiro o cavalheiro, que tem fundos. — A propósito do cavalheiro, sabeis que dependeria só de mim sentir ciúmes dele? — E só de mim que tivésseis razão?"

Assim, esses seres tão sensíveis vos pareciam estar inteiramente na cena elevada que ouvíeis, quando na verdade estavam apenas na cena baixa, que não ouvíeis; e exclamastes: "É preciso confessar que essa mulher é uma atriz encantadora; que ninguém sabe escutar como ela, e que representa com uma inteligência, uma graça, um interesse, uma finura e uma sensibilidade pouco comum. . . " E eu ria de vossas exclamações.

Entretanto, a atriz engana o marido com outro ator; este ator, com o cavalheiro; e o cavalheiro, com um terceiro, que o cavalheiro surpreende nos braços dela. Este planejou uma grande vingança. Ele se postara nos balcões, nos degraus mais baixos. (O conde de Lauraguais não[25] desobstruíra ainda nosso teatro.) Aí, esperava ele desconcertar a infiel com sua presença e com seus olhares desdenhosos, perturbá-la e expô-la aos apupos da platéia. A peça principia; a traidora aparece; ela percebe o cavalheiro; e, sem se abalar no desempenho, diz-lhe sorrindo: "Apre! o eterno zangado que se irrita por nada". O cavalheiro sorri, por seu turno. A atriz continua: "Vireis hoje à noite?" Ele se cala. Ela acrescenta: "Acabemos com essa briga sem graça e fazei avançar vosso coche. . . "[26] E sabeis em que cena isso era intercalado? Numa das mais comoventes de *La Chaussée,*[27] em que a comediante soluçava e nos fazia derramar lágrimas ardentes. Isso vos confunde; no entanto, é a estrita verdade.

SEGUNDO — É de me desgostar do teatro.

PRIMEIRO — E por quê? Se essa gente não fosse capaz de semelhantes proezas, então sim é que não se deveria ir. O que irei vos contar, eu mesmo presenciei.

Garrick[28] mete a cabeça entre os dois batentes de uma porta e, no intervalo de quatro a cinco segundos, seu rosto passa sucessivamente da louca alegria à alegria moderada, desta alegria à tranqüilidade, da tranqüilidade à surpresa, da surpresa ao espanto, do espanto à tristeza, da tristeza ao abatimento, do abatimento ao pavor, do pavor ao horror, do horror ao desespero, e sobe deste último degrau àquele de onde descera. Será que sua alma pôde experimentar todas essas sensações e executar, de acordo com o seu rosto, essa espécie de gama? Não creio absolutamente, nem vós tampouco. Se pedirdes a esse homem célebre, o qual só ele mereceria tanto que se fizesse a viagem à Inglaterra, como todos os restos de Roma merecem que se faça a viagem à Itália; se lhe pedirdes, digo, a cena do Pequeno Pasteleiro, ele a interpretará; se lhe pedirdes logo em seguida a cena de Hamlet, ele a interpretará, igualmente pronto a chorar a queda de suas massinhas e

[25] Em 1759, graças à sua generosidade, realizou-se uma reforma na Comédie, que livrou o palco das banquetas destinadas às pessoas de qualidade e que obstruíam a movimentação cênica desde o século XVIII.

[26] Trata-se provavelmente de Mlle Gaussin, cujos desbragamentos foram célebres.

[27] Dramaturgo (1692-1754) e principal expoente da *comédie larmoyante*. Nesta, a mistura de tragedia e comédia marca o início do chamado "drama burguês". O *Preconceito da Moda* é uma das peças que melhor marcam o início da nova tendência.

[28] David Garrick (1717-1779) foi um dos maiores atores do teatro inglês, introdutor de inúmeras modificações em ambos os lados da cortina, principalmente na rampa de iluminação. Garrick primou nos papéis shakespearianos e, às suas criações cênicas, muito se deve o renovado interesse que o século XVIII dedica ao autor de *Hamlet*. As máscaras e as reflexões deste genial artista constituem sem dúvida o principal ponto de partida da análise sobre a arte do comediante, que é o *Paradoxo*.

a seguir no ar a trajetória de um punhal. Acaso a gente ri, acaso chora à discrição? O que a gente faz é uma careta mais ou menos fiel, mais ou menos enganadora, conforme se é ou não se é Garrick.

Eu zombo às vezes, e até com bastante verdade, a fim de iludir os homens do mundo, mesmo os mais finos. Quando me desolo pela morte simulada de minha irmã, na cena com o advogado normando; quando, na cena com o primeiro recebedor da marinha, eu me acuso por ter feito um filho à mulher de um capitão de navio, apresento realmente o ar de quem sente dor e vergonha: mas estou aflito? estou envergonhado? Não mais em minha pequena comédia do que na sociedade, onde executei esses dois papéis antes de introduzi-los numa obra de teatro.[29] O que é pois um grande comediante? Um grande escarnecedor trágico ou cômico, a quem o poeta ditou o discurso.

Sedaine[30] apresenta *O Filósofo sem o Saber.*[31] Interessei-me mais vivamente do que ele pelo êxito da peça; o ciúme de talentos é um vício que me é estranho, já os tenho suficientes sem este: invoco o testemunho de todos os meus confrades em literatura, quando se dignaram por vezes me consultar sobre suas obras, se não fiz tudo o que dependia de mim a fim de responder dignamente à marca honrosa de sua estima. *O Filósofo sem o Saber* não se firma na primeira nem na segunda representação, e eu fico muito aflito; na terceira, vai às nuvens, e eu sou tomado de alegria. Na manhã seguinte, atiro-me num fiacre, corro atrás de Sedaine; era inverno, fazia o mais rigoroso frio; vou a toda parte onde espero encontrá-lo. Informam-me que ele está no fim do *faubourg* Saint-Antoine, mando que me conduzam até lá. Eu o abordo; lanço meus braços em torno de seu pescoço; a voz me falta, e as lágrimas me correm sobre as faces. Eis o homem sensível e medíocre. Sedaine, imóvel e frio, me fita e me diz: "Ah! Senhor Diderot, como sois admirável!" Eis o observador e o homem de gênio.

Este fato, eu o contei um dia à mesa, em casa de um homem cujos talentos superiores o destinavam a ocupar o lugar mais importante do Estado, em casa do Sr. Necker;[32] havia um grande número de homens de letras, entre os quais Marmontel,[33] que amo e a quem sou caro. Este me disse ironicamente: "Vereis que, quando Voltaire se desola ao simples relato de um incidente patético e quando Sedaine guarda seu sangue-frio à vista de um amigo que se desfaz em lágrimas, é Voltaire que é o homem comum e Sedaine o homem de gênio!" Esta apóstrofe me desconcerta e me reduz ao silêncio, porque o homem sensível, como eu, que está todo inteiro no que lhe objetam, perde a cabeça e não se reecontra senão ao pé da escada. Um outro, frio e senhor de si mesmo, responderia a Marmontel: "Vossa reflexão ficaria melhor em outra boca que não a vossa, porque vós não sentis mais do que Sedaine, e porque vós também fazeis coisas muito belas, e porque, seguindo a mesma carreira que ele, podeis abandonar a vosso vizinho o cuidado de apreciar imparcialmente seu mérito. Mas, sem querer preferir Sedaine a Voltaire, nem Voltaire a Sedaine, poderíeis dizer-me o que teria saído da cabeça do autor do *Filósofo sem o Saber,* do *Desertor* e de *Paris Salva,*[34] se, em vez de passar trinta e cinco anos de sua vida a amassar o estuque e a cortar a pedra, empregasse todo o tempo, como Voltaire, como vós e eu, em ler e em meditar Homero, Virgílio, Tasso, Cícero, Demóstenes e Tácito? Nós nunca poderemos ver como ele, e ele teria aprendido a falar como nós. Eu o encaro como a um dos descendentes de Shakespeare; este Shakespeare que não compararei nem ao *Apolo do Belvedere,* nem ao *Gladiador,* nem a *Antínoo,* nem ao *Hércules de Glícon,* mas sim ao nosso *São Cristóvão da Notre-Dame,* colosso informe grosseiramente esculpido, mas entre as pernas do qual passaríamos todos sem que nossa fronte lhe tocasse as partes vergonhosas".

[29] Duas cenas da primeira versão de *É Ele Bom, É Ele Mau?,* peça de Diderot. Este desempenhou realmente um dos papéis, quando da apresentação da obra em sociedade.

[30] Autor dramático (1719-1797) muito ligado a Diderot e que, no *Filósofo sem o Saber,* leva à prática as teorias dramáticas do filósofo, melhor talvez do que este em suas peças.

[31] A estréia ocorreu a 2 de dezembro de 1766.

[32] Financista e ministro francês (1732-1804). Na oportunidade fora nomeado para o cargo de *diretor geral* das finanças.

[33] Escritor e dramaturgo (1723-1779) que pode ser considerado o fundador da crítica teatral jornalística.

[34] Tragédia em cinco atos e em prosa de Sedaine; foi representada em 1782, sendo sustada pela censura.

Mas um outro episódio em que eu vos mostrarei uma personagem tornada, em um momento, vulgar e tola por sua sensibilidade, e, no momento seguinte, sublime pelo sangue-frio que sucedeu à sensibilidade abafada, é o seguinte:

Um literato, [35] cujo nome calarei, caíra na extrema indigência. Tinha um irmão, teologal e rico. Perguntei ao indigente por que é que o irmão não o socorria. "É que", respondeu-me, "agi muito mal com ele." Obtenho então dele a permissão de ir procurar o senhor teologal. Vou. Anunciam-me; entro. Digo ao teologal que desejo falar-lhe do irmão. Ele me toma bruscamente pela mão, faz-me sentar e me observa que cabe a um homem sensato conhecer aquele cuja causa advoga; depois, apostrofando-me com energia: "Conheceis meu irmão?" — "Assim creio." — "Estais ao par do seu procedimento para comigo?" — "Assim creio." — "Vós o credes? Sabeis então?. . ." E eis que meu teologal me recita, com rapidez e veemência surpreendentes, uma série de ações, umas mais atrozes, mais revoltantes do que as outras. Minha cabeça se baralha, sinto-me acabrunhado; perco a coragem de defender um monstro tão abominável como aquele que ele me pinta. Felizmente, meu teologal, um pouco prolixo em sua filípica, deu-me tempo de recompor-me; pouco a pouco, o homem sensível retirou-se e cedeu lugar ao homem eloqüente, pois ousaria dizer que o fui na ocasião. "Senhor", disse friamente ao teologal, "vosso irmão agiu pior ainda, e eu vos louvo por me ocultar o mais gritante de seus crimes." — "Não oculto nada." — "Poderíeis acrescentar a tudo o que me dissestes que uma noite, quando saístes de vossa casa para irdes às matinas, ele vos agarrou pela garganta, e que, puxando uma faca que mantinha escondida debaixo da roupa, esteve a ponto de metê-la em vosso peito." — "Ele é bem capaz disso; mas, se não o acusei disso, é porque não é verdade. . ." E eu, erguendo-me subitamente, e cravando em meu teologal um olhar firme e severo, exclamei com voz atroadora, com toda a veemência e a ênfase da indignação: "E mesmo que fosse verdade, ainda assim não seria necessário dar pão a vosso irmão?" O teologal, esmagado, consternado, confundido, permanece mudo, anda de um lado para o outro, volta a mim e me concede uma pensão anual para o irmão.

Será no momento em que acabais de perder vosso amigo ou vossa amante que comporeis um poema sobre sua morte? Não. Ai de quem goza então de seu talento! É quando a grande dor passou, quando a extrema sensibilidade está amortecida, quando estamos longe da catástrofe, quando a alma está apaziguada, que nos lembramos da ventura eclipsada, que somos capazes de apreciar a perda sofrida, que a memória se reúne à imaginação, uma para descrever e outra para exagerar a doçura de um tempo passado; que nos dominamos e que falamos bem. Dizem que se chora, mas ninguém chora quando persegue um epíteto enérgico que se recusa; dizem que se chora, mas ninguém chora quando se ocupa a tornar seu verso harmonioso: ou se as lágrimas correm, a pena tomba das mãos, a gente se entrega ao sentimento e cessa de compô-lo.

Mas há prazeres violentos assim como penas profundas; são mudos. Um amigo terno e sensível revê o amigo que perdera por força de uma longa ausência; este reaparece em um momento inesperado, imediatamente o coração do primeiro se perturba: corre, abraça, quer falar; não consegue: tartamudeia palavras entrecortadas, não sabe o que diz, não ouve nada do que se lhe responde; se pudesse perceber que seu delírio não é partilhado, como sofreria! Julgai, pela verdade desta pintura, da falsidade dessas entrevistas teatrais onde dois amigos dispõem de tanto espírito e se dominam tão bem. Que não vos direi eu dessas insípidas e eloqüentes disputas acerca de quem morrerá ou, melhor, acerca de quem não morrerá, se este texto, sobre o qual eu nunca terminaria, não nos afastasse de nosso tema? É o bastante para pessoas de grande e verdadeiro gosto; o que eu adicionasse nada ensinaria aos outros. Mas quem salvará esses absurdos tão comuns no teatro? O comediante, e qual comediante?

Há mil circunstâncias para uma em que a sensibilidade é tão prejudicial na sociedade quanto no palco. Eis dois amantes, ambos têm uma declaração a fazer. Qual deles se sairá melhor? Eu é que não. Eu me lembro, eu me aproximava do objeto amado todo trêmulo; o coração me batia, minhas idéias se baralhavam, minha voz se embargava, eu estropiava tudo o que dizia; respondia

[35] Parece tratar-se de um certo Rivière, advogado e autor de romances galantes, que Diderot teria auxiliado e que posteriormente teria escrito uma sátira contra o seu benfeitor. O Enciclopedista alude ao fato em *Ele e Eu*.

não quando devia responder *sim;* cometia mil asneiras, inépcias sem fim; era ridículo da cabeça aos pés, percebia-o e me tornava tanto mais ridículo. Ao passo que, diante de meus olhos, um rival alegre, agradável e ligeiro, dominando-se, dispondo de si mesmo, não perdendo nenhuma ocasião de elogiar, e de elogiar finamente, divertia, agradava, era feliz; solicitava uma mão que lhe abandonavam, segurava-a às vezes sem que a solicitasse, beijava-a, beijava-a ainda, e eu, recolhido em um canto, desviando meus olhares de um espetáculo que me irritava, abafando meus suspiros, fazendo estalar meus dedos à força de cerrar o punho, prostrado de melancolia, coberto de um suor frio, eu não conseguia nem mostrar, nem ocultar minha aflição. Já se disse que o amor, que tira o espírito aos que o possuem, concede-o aos que não o possuem; isto significa, em outros termos, que torna uns sensíveis e tolos, e outros frios e audaciosos.

O homem sensível obedece aos impulsos da natureza e não expressa precisamente senão o grito de seu coração; no momento em que modera ou força esse grito, não é mais ele, é um comediante que representa.

O grande comediante observa os fenômenos; o homem sensível serve-lhe de modelo, ele o medita, e encontra, por reflexão, o que cumpre adicionar ou subtrair para o melhor. E, ainda assim, fatos segundo razões.

Na primeira representação de *Inês de Castro,*[36] na passagem em que os infantes aparecem, a platéia pôs-se a rir; Mlle Duclos,[37] que fazia a Inês, indignada, disse à platéia: "Ri, pois, imbecil platéia, na mais bela passagem da peça". A platéia ouviu, conteve-se; a atriz retomou o papel, e suas lágrimas e as do espectador rolaram. Como então! passa-se e repassa-se assim de um profundo a outro sentimento profundo, da dor à indignação, da indignação à dor? Eu não o concebo; mas o que concebo muito bem é que a indignação de Mlle Duclos era real e sua dor simulada.

Quinault-Dufresne[38] interpreta o papel de Severo em *Polieucto.*[39] Este foi enviado pelo Imperador Décio para perseguir os cristãos. Confia a um amigo seus sentimentos secretos sobre a seita caluniada. O senso comum exigia que tal confidência, que podia custar-lhe o favor do príncipe, a dignidade, a fortuna, a liberdade e quiçá a vida, fosse feita em voz baixa. A platéia grita-lhe: "Mais alto." Ele replica à platéia: "E vós, senhores, mais baixo". Se fosse realmente Severo, reconverter-se-ia tão prestamente em Quinault? Não, eu vos digo, não. Só o homem que se domina, como sem dúvida ele se dominava, o ator raro, o comediante por excelência, pode assim depor e retomar sua máscara.

Le Kain-Ninias[40] desce ao túmulo do pai, esgana aí a mãe; sai com mãos ensangüentadas. Transborda de horror, seus membros tremem, seus olhos estão alucinados, os cabelos parecem eriçar-se-lhe sobre a cabeça. Sentis os vossos se arrepiar, o terror vos assalta, ficais tão perdido como ele. Entretanto, Le Kain-Ninias empurra com o pé para o bastidor um pingente de diamante que se desprendera da orelha de uma atriz. E esse ator sente? Não é possível. Direis que é mau ator? Não creio de modo algum. O que é pois Le Kain-Ninias? É um homem frio que não sente nada, mas que figura superiormente a sensibilidade. Debalde bradará: "Onde estou?" Eu lhe respondo: "Onde estás? Sabes muito bem: estás sobre o tablado e empurras com o pé um pingente para os bastidores".

Um ator é tomado de paixão por uma atriz; uma peça os coloca por acaso em cena em um momento de ciúme. A cena ganhará com isso, se o ator for medíocre; perderá, se for comediante; então, o grande comediante tornar-se-á ele próprio e não mais o modelo ideal e sublime que imaginara de um ciumento. Prova de que então o ator e a atriz se rebaixam um e outro à vida comum é que, se conservassem a grandiloqüência, rir-se-iam na cara; o ciúme empolado e trágico não lhes pareceria muitas vezes senão uma farsa do seu.

SEGUNDO — Entretanto, haverá verdades de natureza.

[36] Tragédia de La Motte (1672-1731), e sua principal obra, que logrou grande êxito em 1723.
[37] Atriz trágica (1668-1748), conhecida por seu temperamento violento e por sua conduta desregrada.
[38] Ator da Comédie (1693-1767), de uma família de artistas de teatro.
[39] Tragédia de Corneille.
[40] Desempenho de Le Kain (v. n.º 16) na *Semíramis,* de Voltaire, o qual elogia a interpretação.

PRIMEIRO — Como há na estátua do escultor que traduziu fielmente um mau modelo. Admiramos tais verdades, mas achamos o todo pobre e desprezível.

Digo mais: um meio seguro de representar miúda, mesquinhamente, é representar nosso próprio caráter. Sois um tartufo, um avaro, um misantropo, vós o representareis bem; mas não fareis nada do que o poeta fez; pois ele fez o Tartufo, o Avaro e o Misantropo.

SEGUNDO — Que diferença estabeleceis, pois, entre um tartufo e o Tartufo?

PRIMEIRO — O preposto Billard [41] é um tartufo, o Abade Grizel é um tartufo, mas não é o Tartufo. O financista Toinard era um avaro, mas não era o Avaro. O Avaro e o Tartufo foram feitos segundo todos os Toinards e todos os Grizels do mundo; são seus traços mais gerais e mais marcantes, mas não o retrato exato de nenhum; por isso ninguém se reconhece neles.

As comédias de verve e mesmo de caracteres são exageradas. O gracejo de sociedade é uma espuma ligeira que se evapora no palco; o gracejo de teatro é uma arma cortante que feriria na sociedade. Não se tem com seres imaginários o comedimento que se deve a seres reais.

A sátira é de um tartufo, e a comédia é do Tartufo. A sátira persegue um vicioso, a comédia persegue um vício. Se houvesse existido apenas uma ou duas Preciosas Ridículas, poder-se-ia fazer uma sátira delas, mas não uma comédia.

Ide à casa de La Grenée, [42] pedi-lhe a *Pintura,* e ele julgará ter satisfeito vosso pedido, quando houver colocado sobre a tela uma mulher diante de um cavalete, com a paleta metida no polegar e o pincel na mão. Pedi-lhe a *Filosofia,* e ele julgará tê-la representado, quando diante de uma secretária, de noite, ao clarão de uma candeia, houver apoiado sobre o cotovelo uma mulher em roupão, desgrenhada e pensativa, que lê ou medita. Pedi-lhe a *Poesia,* e ele pintará a mesma mulher, cuja cabeça cingirá de um laurel, e em cuja mão colocará um rolo. A *Música* será ainda a mesma mulher, com uma lira em lugar do rolo. Pedi-lhe a *Beleza,* pedi mesmo essa figura a outro mais hábil do que ele, ou eu me engano muito, ou este último se persuadirá de que exigis de sua arte apenas a figura de uma bela mulher. Vosso ator e este pintor incidem ambos no mesmo defeito, e eu lhe direi: "Vosso quadro, vosso desempenho são apenas retratos de indivíduos muito abaixo da idéia geral que o poeta traçou, e do modelo ideal cuja cópia eu esperava. Vossa vizinha é bela, muito bela, de acordo: mas não é a Beleza. Há tanta distância entre vossa obra e vosso modelo quanto entre vosso modelo e o ideal".

SEGUNDO — Mas esse modelo ideal não será uma quimera?

PRIMEIRO — Não.

SEGUNDO — Mas, sendo ideal, não existe: ora, nada há no entendimento que não tenha estado na sensação.

PRIMEIRO — É certo. Mas tomemos uma arte em sua origem, a escultura, por exemplo. Ela copiou o primeiro modelo que se lhe apresentou. Viu em seguida que havia modelos menos imperfeitos, que preferiu. Corrigiu os defeitos grosseiros, até que, por uma longa seqüência de trabalhos, atingiu uma figura que não existia mais na natureza.

SEGUNDO — E por quê?

PRIMEIRO — Porque é impossível que o desenvolvimento de uma máquina tão complicada como um corpo animal seja regular. Ide às Tulherias ou aos Champs-Elysées num belo dia de festa; considerai todas as mulheres que hão de encher as alamedas, e não depareareis uma única que apresente os dois cantos da boca perfeitamente similares. A *Dânae,* [43] de Ticiano, é um retrato; o *Amor,* colocado ao pé de seu leito, é ideal. Em um quadro de Rafael, que passou da galeria do Sr. de Thiers à de Catarina II, [44] o *São José* é uma natureza comum; a *Virgem* é uma bela mu-

[41] Este caixa geral, muito devoto, armou em 1769 uma falência fraudulenta em que esteve implicado o Abade Grizel, confessor do arcebispo de Paris. Toinard era um contratador geral muito avaro.

[42] *A Poesia e A Filosofia* são dois quadros de La Grenée (1724-1805), expostos no Salão de 1767.

[43] O quadro, executado por encomenda de Filipe II, da Espanha, encontra-se no museu do Prado, em Madri. Mas há várias réplicas, uma das quais Diderot talvez tenha visto.

[44] A *Sagrada Família,* ou *A Madona com São José Imberbe,* pertenceu a colecionadores franceses nos séculos XVII e XVIII. Em 1771, Diderot, por conta de Catarina II, adquiriu o quadro ao Duque de Broglie (serão esses os assuntos pelos quais procura o Duque de Broglie, no *Diálogo com a Marechala*..., e que ensejam esse notável colóquio?). Desde então a obra pertence à coleção do Ermitage, de Leningrado.

lher real; o *Menino Jesus* é ideal. Mas, se quiserdes saber algo mais sobre esses princípios especulativos da arte, eu vos comunicarei meus Salões. [45]

SEGUNDO — Ouvi falar deles com louvor por um homem de gosto fino e espírito delicado.

PRIMEIRO — O Sr. Suard. [46]

SEGUNDO — E por uma mulher que possui tudo o que a pureza de uma alma angélica acrescenta à fineza do gosto.

PRIMEIRO — A Sr.ª Necker.

SEGUNDO — Mas voltemos ao nosso assunto.

PRIMEIRO — Consinto, embora prefira louvar a virtude a discutir questões assaz ociosas.

SEGUNDO — Quinault-Dufresne, glorioso de caráter, interpretava maravilhosamente o Glorioso. [47]

PRIMEIRO — É verdade; mas de onde sabeis que ele interpretava a si mesmo? Ou por que a natureza não teria feito um glorioso muito próximo do limite que separa o belo real do belo ideal, limite sobre o qual se batem as diferentes escolas?

SEGUNDO — Não vos entendo.

PRIMEIRO — Sou mais claro em meus Salões, onde vos aconselho a ler o trecho sobre a Beleza em geral. Entrementes, dizei-me, Quinault-Dufresne é Orosmano? [48] Não. Entretanto, quem é que o substituiu e o substituirá nesse papel? Era ele o homem de *O Preconceito na Moda?* [49] Não. Entretanto, com que veracidade não o representava ele!

SEGUNDO — A crer em vós, o grande comediante é tudo ou não é nada.

PRIMEIRO — E talvez por não ser nada é que é tudo por excelência, não contrariando jamais sua forma particular as formas estranhas que deve assumir.

Entre todos os que exerceram a útil e bela profissão de comediante ou de pregador laico, um dos homens mais honestos, um dos homens que mais possuíam a fisionomia, o tom e o porte, o irmão do *Diabo Coxo,* de *Gil Blas,* do *Bacharel de Salamanca,* [50] Montménil... [51]

SEGUNDO — O filho de Le Sage, [52] pai comum de toda essa agradável família...

PRIMEIRO — Fazia com igual êxito Aristo em *A Pupila,* [53] Tartufo na comédia do mesmo nome, Mascarilho em *As Artimanhas de Escapino,* [54] o advogado ou Mr. Guillaume na farsa do *Pathelin.* [55]

SEGUNDO — Eu o vi.

PRIMEIRO — E para vosso grande espanto, tinha a máscara desses diferentes rostos. Não era naturalmente, pois a natureza lhe dera apenas a dele; tinha pois as outras da arte.

Será que existe uma sensibilidade artificial? Mas seja factícia, seja inata, a sensibilidade não ocorre em todos os papéis. Qual é portanto a qualidade adquirida ou natural que constitui o grande ator no Avaro, no Jogador, no Adulador, no Rabugento, no Médico, a seu pesar, [56] no ser menos sensível e no mais imoral que a poesia haja ainda imaginado, o Burguês Gentil-Homem, o

[45] Coletâneas de crítica de arte, são, ao todo, nove Salões, do mais alto interesse para a compreensão do movimento plástico de 1759 a 1781, na França.

[46] Crítico e jornalista francês (1731-1817).

[47] Referência à principal peça de Destouches (1680-1754), que foi escrita, dizem, especialmente para Quinault-Dufresne (v. nota n.º 38) e mesmo com alguns traços de sua personalidade.

[48] Personagem de *Zaíra,* de Voltaire.

[49] Cf. nota n.º 27.

[50] As duas primeiras são de Le Sage; a terceira é a adaptação de *Obrigados e Ofendidos,* de Rojas Zorrilla, feita por Scarron.

[51] Ator (1695-1743), filho de Le Sage e excelente intérprete das peças do pai.

[52] Novelista e dramaturgo (1668-1747). *Turcaret,* sua obra-prima, é uma das melhores comédias do teatro francês.

[53] Cf. nota n.º 20.

[54] De Molière.

[55] Farsa de *Maître Pierre Pathelin,* obra-prima do gênero, data do século XV.

[56] Além das peças de Molière, o texto inclui referências e imitadores do grande comediógrafo: *O Jogador* é de Regnard; *O Rabugento,* de Brueys e Palaprat; e *o Adulador,* de Jean-Baptiste Rousseau. Todas procedem do fim do século XVII.

Doente e o Corno imaginários; em Nero, Mitridates, Atreu, Focas, Sertório [57] e em tantos outros caracteres trágicos ou cômicos, onde a sensibilidade é diametralmente oposta ao espírito do papel? A facilidade de conhecer e copiar todas as naturezas. Acreditai-me, não multipliquemos as causas quando uma basta para todos os fenômenos.

Ora o poeta sentiu mais fortemente do que o comediante, ora, e com mais freqüência talvez, o comediante concebeu mais fortemente que o poeta; e nada é mais verdadeiro do que esta exclamação de Voltaire, ao ouvir Mlle Clairon em uma de suas peças: *"Fui realmente eu quem fez isso?"* Será que Mlle Clairon a conhece mais que Voltaire? Naquele momento, pelo menos, seu modelo ideal, ao declamar, estava muito além do modelo ideal que o poeta imaginara ao escrever, mas esse modelo ideal não era ela. Qual era, pois, seu talento? O de imaginar um grande fantasma e copiá-lo com inspiração. Imitava o movimento, as ações, os gestos, toda a expressão de um ser muito superior a ela. Encontrara o que Ésquines, [58] recitando uma oração de Demóstenes, nunca conseguiu dar, o mugido da besta. Dizia ele a seus discípulos: "Se isso vos impressiona tão fortemente, o que aconteceria então *si audivissetis bestiam mugientem?"* O poeta engendrara o animal terrível, Mlle Clairon o fazia mugir.

Seria singular abuso das palavras chamar sensibilidade esta facilidade de traduzir todas as naturezas, mesmo as naturezas ferozes. A sensibilidade, conforme a única acepção concedida até agora ao termo, é, parece-me, esta disposição companheira da fraqueza dos órgãos, conseqüência da mobilidade do diafragma, da vivacidade da imaginação, da delicadeza dos nervos, que inclina alguém a compadecer-se, a fremir, a admirar, a temer, a perturbar-se, a chorar, a desmaiar, a socorrer, a fugir, a gritar, a perder a razão, a exagerar, a desprezar, a desdenhar, a não ter qualquer idéia precisa do verdadeiro, do bom e do belo, a ser injusto, a ser louco. Multiplicai as almas sensíveis e multiplicareis na mesma proporção as boas e más ações de todo gênero, os elogios e as censuras exageradas.

Poetas, esforçai-vos por uma nação delicada, vaporosa e sensível; encerrai-vos nas harmoniosas, ternas e tocantes elegias de Racine; ela se salvaria das carnificinas de Shakespeare: estas almas fracas são incapazes de suportar abalos violentos. Guardai-vos realmente de lhes apresentar imagens muito fortes. Mostrai-lhes, se quiserdes.

O filho todo enojado com o assassínio do pai
E sua cabeça na mão, exigindo o seu salário; [59]

mas não ides além. Se ousardes dizer-lhes com Homero: "Aonde vais tu, infeliz? Não sabes pois que é a mim que o céu envia os filhos de pais desafortunados? Tu não receberás os derradeiros abraços de tua mãe; já te vejo estendido sobre a terra, já vejo as aves de rapina, reunidas em torno de teu cadáver, arrancarem-te os olhos da cabeça, batendo as asas de alegria". Todas as nossas mulheres exclamariam, desviando a cabeça: "Ah! que horror!" Seria bem pior se este discurso, pronunciado por um grande comediante, fosse ainda fortalecido por sua verdadeira declamação.

SEGUNDO — Estou tentado a vos interromper a fim de perguntar o que pensais daquele vaso apresentado a Gabrielle de Vergy, [60] que via nele o coração ensangüentado de seu amante.

PRIMEIRO — Responder-vos-ei que é preciso ser conseqüente e que, quando alguém se revolta contra tal espetáculo, não deve suportar que Édipo se mostre com os olhos vazados, e que cumpre expulsar da cena Filoctetes atormentado por seu ferimento, e exalando sua dor por meio de gritos desarticulados. Os antigos tinham, parece-me, outra idéia que nós da tragédia, e esses antigos eram os gregos, eram os atenienses, esse povo tão delicado, que nos deixou em todos os gêneros modelos que as outras nações ainda não igualaram. Ésquilo, Sófocles, Eurípedes não velavam anos inteiros para produzir apenas essas pequenas impressões passageiras que se dissipam na

[57] Personagens de Molière, Racine e Corneille.
[58] Rival de Demóstenes.
[59] *Cina* (I, 3), de Corneille.
[60] Cena da tragédia do mesmo nome, de Du Belloy, autor dramático francês (1727-1775).

jovialidade de uma ceia. Pretendiam entristecer profundamente; com a sorte dos desgraçados pretendiam não divertir apenas seus concidadãos, mas torná-los melhores. Estavam errados? Estavam com a razão? Para este efeito, punham a correr sobre a cena as Eumênides [61] na trilha do parricida, e conduzidas pelo vapor do sangue que lhes atingia o olfato. Tinham demasiado discernimento para aplaudir tais *imbroglios,* tais escamoteações de punhais, que são bons somente para crianças. Uma tragédia não é, a meu ver, senão uma bela página histórica que se partilha em certo número de pausas marcadas. O xerife é esperado. Ele aparece. Interroga o senhor da aldeia. Propõe-lhe apostasiar. Este recusa-se. O xerife o condena à morte. Envia-o às masmorras. A filha vem pedir-lhe graça para o pai. O xerife concede-a, mas com uma condição revoltante. O senhor da aldeia é executado. Os habitantes perseguem o xerife. Este foge diante deles. O namorado da filha do senhor o abate com uma punhalada; e o atroz intolerante morre em meio das imprecações. Não é preciso mais a um poeta para compor uma grande obra. Que a filha haja interrogado a mãe sobre o túmulo dela a fim de saber o que deve àquele que lhe deu a vida. Que esteja incerta sobre o sacrifício da honra que lhe exigem. Que, nessa incerteza, mantenha o namorado afastado dela, e se recuse aos discursos de sua paixão. Que obtenha permissão de ver o pai na prisão. Que o pai queira uni-la ao namorado, e que ela não consinta. Que se prostitua. Que, enquanto ela se prostitui, o pai seja executado. Que ignoreis sua prostituição até o momento em que o namorado, vendo-a desolada pela morte do pai, que ele lhe informa, é informado do sacrifício que ela fez para salvá-lo. Que então o xerife, perseguido pelo povo, chegue, e que seja massacrado pelo namorado. Eis uma parte dos pormenores de semelhante tema.[62]

SEGUNDO — Uma parte!

PRIMEIRO — Sim, uma parte. Será que os jovens enamorados não proporão ao senhor da aldeia a fuga? Será que os habitantes não lhe proporão exterminar o xerife e seus acólitos? Não haverá um sacerdote defensor da tolerância? Será que em meio daquela jornada de dor o namorado permanecerá ocioso? Será que não há ligações a supor entre tais personagens? Será que não há qualquer proveito a tirar dessas ligações? Será que o xerife não pode ter sido o amante da filha do senhor da aldeia? Será que não está de volta com a alma cheia de vingança, quer contra o pai, que o terá expulso do burgo, quer contra a filha, que o terá desdenhado? Quantos incidentes importantes é possível tirar do mais simples tema, quando se tem paciência de meditá-lo! Quanta cor não se lhes pode dar quando se é eloqüente! Ninguém é poeta dramático sem ser eloqüente. E acreditais que terei falta de espetáculo? Este interrogatório far-se-á com todo o aparato. Deixai-me dispor do meu local e demos um fim a essa digressão.

Eu te invoco como testemunha, Roscius [63] inglês, célebre Garrick, tu que, pelo consenso unânime de todas as nações subsistentes, passas pelo primeiro comediante que elas conheceram, rende homenagem à verdade! Não me disseste [64] que, embora sentisses fortemente, tua ação seria fraca, se, qualquer que fosse a paixão ou o caráter que tivesses de interpretar, não soubesses elevar-te pelo pensamento à grandeza de um fantasma homérico ao qual procuravas identificar-te? Quando te objetei que não era, portanto, de acordo contigo mesmo que representavas, confessa tua resposta: não reconheceste que era isso o que evitavas e que parecias tão surpreendente no palco apenas porque mostravas constantemente no espetáculo um ser de imaginação, que não era tu?

SEGUNDO — A alma de um grande comediante é formada do elemento sutil com que nosso filósofo [65] preenchia o espaço que não é nem frio, nem quente, nem pesado, nem leve, não assume nenhuma forma determinada e que, sendo igualmente suscetível de todas, não conserva nenhuma.

PRIMEIRO — Um grande comediante não é um piano forte, nem uma harpa, nem um cravo, nem um violino, nem um violoncelo; não há acorde que lhe seja próprio; mas toma o acorde e o

[61] *Eumênides,* de Ésquilo.
[62] Diderot deixou o projeto de uma tragédia denominada *O Xerife.*
[63] Ator cômico romano do século I a.C., muito admirado por Cícero.
[64] Diálogo ocorrido entre Garrick e o Cavaleiro de Chastelux, segundo informa o próprio Diderot no Salão de 1767. O autor do *Paradoxo* conheceu o ator inglês em Paris, no inverno de 1764-65.
[65] Trata-se de Epicuro e de seu *quid* inominado.

tom que convém à sua parte, e sabe prestar-se a todos. Nutro elevada idéia do talento de um grande comediante: este homem é raro, tão raro e talvez mais que o grande poeta.

Aquele que na sociedade se propõe, e tem, o infeliz talento de agradar a todos não é nada, não tem nada que lhe pertença, que o distinga, que embeveça uns e fatigue outros. Fala sempre, e sempre bem; é um adulador profissional, é um grande cortesão, é um grande comediante.

SEGUNDO — Um grande cortesão, acostumado, desde que respira, ao papel de títere maravilhoso, assume toda sorte de formas, à vontade do cordão que se encontra nas mãos de seu senhor.

PRIMEIRO — Um grande comediante é outro títere maravilhoso cujo cordão o poeta segura, e ao qual indica a cada linha a verdadeira forma que deve assumir.

SEGUNDO — Assim, um cortesão, um comediante, que não consigam tomar senão uma forma, por mais bela, por mais interessante que seja, não passam de dois maus títeres?

PRIMEIRO — Meu desígnio não é caluniar uma profissão que amo e estimo; referi-me à do comediante. Ficaria desolado se minhas observações, mal interpretadas, vinculassem a sombra do desprezo a homens de talento raro e utilidade real, aos flagelos do ridículo e do vício, aos mais eloqüentes pregadores da honestidade e das virtudes, à vara de que o homem de gênio se utiliza para castigar os maus e os loucos. Mas correi os olhos em torno de vós, e vereis que as pessoas de jovialidade contínua não possuem grandes defeitos, nem grandes qualidades; que comumente os gracejadores de profissão são homens frívolos, sem qualquer princípio sólido; e os que, semelhantes a certas personagens que circulam em nossas sociedades, não têm nenhum caráter, primam em desempenhar todos.

Um comediante não tem pai, mãe, mulher, filhos, irmãos, irmãs, conhecidos, amigos, amante? Se fosse dotado dessa estranha sensibilidade, que se considera a principal qualidade de sua condição, perseguido como nós e atingido por uma infinidade de penas que se sucedem, e que ora mancham nossas almas, ora as dilaceram, quantos dias lhe restariam para conceder ao nosso divertimento? Muito poucos. O gentil-homem da câmara real interporia vãmente sua soberania, o comediante encontrar-se-ia amiúde no caso de lhe responder: "Senhor, hoje eu não saberia rir, e é por outra coisa que não os cuidados de Agamenon que desejo chorar". Entretanto, não se percebe que as aflições da vida, tão freqüentes para eles como para nós, e muito mais contrárias ao livre exercício de suas funções, os interrompam amiúde.

No mundo, quando não são bufões, acho-os polidos, cáusticos e frios, faustosos, dissipados, dissipadores interessados, mais impressionados por nosso ridículo do que tocados por nossos males; de um espírito bastante sereno ante o espetáculo de um acontecimento lastimável, ou ante o relato de uma aventura patética: isolados, vagabundos, à mercê dos grandes; poucos modos, nenhum amigo, quase sem qualquer dessas santas e doces ligações que nos associam às penas e aos prazeres de outrem que partilha dos nossos. Vi muitas vezes um comediante rir fora do palco, não guardo lembrança de jamais ter visto um deles chorar. Essa sensibilidade a que eles se arrogam e que se lhes abona, o que fazem dela, então? Largam-na sobre o tablado, quando descem, a fim de retomá-la quando tornam a subir?

O que lhes calça o soco ou o coturno? A falta de educação, a miséria e a libertinagem. O teatro é um recurso, nunca uma escolha. Nunca alguém se fez comediante por gosto à virtude, pelo desejo de ser útil na sociedade e de servir a seu país ou sua família, por nenhum dos motivos honestos que poderiam mover um espírito reto, um coração ardente, uma alma sensível a abraçar tão bela profissão.

Eu próprio, jovem, oscilava entre a Sorbonne e a Comédie. Ia, no inverno, durante a estação mais rigorosa, recitar em alta voz os papéis de Molière e de Corneille nas aléias solitárias do Luxemburgo. [66] Qual era meu intento? Ser aplaudido? Talvez. Viver em familiaridade com as mulheres de teatro que eu achava infinitamente amáveis e que eu sabia serem muito fáceis? Certamente. Não sei o que eu teria feito só para agradar a Mlle Gaussin, que estreava então e era a beleza personificada; a Mlle Dangeville, [67] que contava tantos atrativos no palco.

[66] Famoso jardim parisiense em que se localiza o palácio do mesmo nome, construído por Maria de Médicis.

[67] Atriz cômica (1714-1796) da Comédie. Salientou-se nas peças de Marivaux. Sua estréia deu-se um ano antes que a de Mlle Gaussin (v. nota n.º 19), isto é, em 1730.

Já se disse que os comediantes não têm nenhum caráter, porque, representando todos, perdem aquele que a natureza lhes deu; que se tornam falsos, como o médico, o cirurgião e o açougueiro se tornam duros. Creio que se tomou a causa pelo efeito, e que eles não servem para interpretar todos porque não têm nenhum.

SEGUNDO — Ninguém se torna cruel porque é carrasco; mas a gente se faz carrasco porque é cruel.

PRIMEIRO — Debalde examinei esses homens. Nada vejo neles que os distinga do resto dos cidadãos, a não ser uma vaidade que se poderia chamar insolência, um ciúme que enche de dissensões e ódios suas reuniões. Entre todas as associações, não há talvez nenhuma onde o interesse comum de todos e o do público sejam mais constante e mais evidentemente sacrificados a miseráveis pequenas pretensões. A inveja é ainda pior entre eles do que entre os autores; é dizer muito, mas é verdade. Um poeta perdoa mais facilmente a outro poeta o êxito de uma peça, do que uma atriz perdoa a outra atriz os aplausos que a designam a algum ilustre ou rico devasso. Vós os vedes grandes na cena, porque têm alma, dizeis; quanto a mim, eu os vejo pequenos e baixos na sociedade, porque não a têm absolutamente: com as palavras e o tom de Camila e do velho Horácio, sempre os costumes de Frosina e de Sganarello. [68] Ora, para julgar o íntimo do coração, deverei reportar-me a discursos de empréstimo, que alguém sabe expressar maravilhosamente, ou à natureza dos atos e ao teor da vida?

SEGUNDO — Mas outrora Molière, os Quinault, [69] Montménil, [70] mas hoje Brizard [71] e Caillot, [72] que é igualmente bem-vindo entre os grandes e os pequenos, a quem confiaríeis sem medo vosso segredo e vossa bolsa, e com o qual julgaríeis a honra de vossa mulher e a inocência de vossa filha mais em segurança do que com este grão-senhor da corte ou com aquele respeitável ministro de nossos altares. . .

PRIMEIRO — O elogio não é exagerado: o que me irrita é não ouvir citado um número maior de comediantes que o tenham merecido ou que o mereçam. O que me irrita é que, entre esses proprietários por condição de uma qualidade, fonte preciosa e fecunda de tantas outras, um comediante homem educado e uma atriz mulher honesta sejam fenômenos tão raros.

Concluamos daí ser falso que disponham de seu privilégio especial e que a sensibilidade, que os dominaria no mundo assim como no palco, se dela fossem dotados, não lhes é a base do caráter nem a razão do êxito, que ela não lhes pertence nem mais, nem menos que esta ou aquela condição da sociedade, e que se nos é dado ver tão poucos grandes comediantes é porque os pais não destinam os filhos ao teatro; é porque ninguém se prepara para ele com uma educação iniciada na juventude; é que uma companhia de comediantes não é como deveria sê-lo em um povo onde se atribuísse à função de falar aos homens reunidos a fim de serem instruídos, divertidos, corrigidos, a importância, as honras, as recompensas que merece uma corporação formada; como todas as outras comunidades, de indivíduos tirados de todas as famílias da sociedade, e conduzidos à cena como ao serviço público, ao palácio, à igreja, por escolha ou por gosto e com o consentimento de seus tutores naturais.

SEGUNDO — O aviltamento dos comediantes modernos é, parece-me, uma desafortunada herança que lhes deixaram os comediantes antigos.

PRIMEIRO — Acredito.

SEGUNDO — Se o espetáculo nascesse hoje, que temos idéias mais justas das coisas, talvez. . . Mas vós não estais me ouvindo. Com que sonhais?

PRIMEIRO — Sigo minha primeira idéia, e penso na influência do espetáculo sobre o bom gosto e sobre os costumes, se os comediantes fossem pessoas de bem e sua profissão fosse honrada. Onde está o poeta que ousasse propor a homens bem-nascidos repetir publicamente discursos enfadonhos ou grosseiros; a mulheres quase tão recatadas como as nossas, recitar afrontosa-

[68] As duas primeiras são personagens de Corneille *(Horácio)* e as duas últimas são personagens em várias peças de Molière.
[69] V. nota n.º 38.
[70] V. nota n.º 51.
[71] Ator (1721-1791) que figurou no elenco da Comédie e se distinguiu em *La Partie de chasse d'Henry IV*, de Collé.
[72] Comediante francês (1732-1816).

mente, diante de uma multidão de ouvintes, palavras de que corariam no recesso de seus lares? Depressa os nossos autores dramáticos atingiriam uma pureza, uma delicadeza, uma elegância, da qual se encontram ainda mais longe do que suspeitam. Ora, duvidais que o espírito nacional sentisse o seu efeito?

SEGUNDO — Poder-se-ia objetar-vos quiçá que as peças, tanto antigas como modernas, que vossos honestos comediantes excluiriam de seu repertório, são precisamente as que representamos em sociedade.

PRIMEIRO — E o que importa que nossos cidadãos se rebaixem à condição dos mais vis histriões? Seria menos útil, seria menos de desejar que nossos comediantes se elevassem à condição dos mais honestos cidadãos?

SEGUNDO — A metamorfose não é fácil.

PRIMEIRO — Quando apresentei *O Pai de Família,* [73] o magistrado da polícia exortou-me a seguir o gênero.

SEGUNDO — Por que não o fizestes?

PRIMEIRO — É que, não tendo obtido o êxito que eu esperara e não tendo a pretensão de poder realizar coisa muito melhor, desgostei-me de uma carreira para a qual não me julguei com bastante talento.

SEGUNDO — E por que essa peça que enche atualmente a sala de espectadores antes das quatro e meia, e que os comediantes colocam em cartaz sempre que necessitam de um milhar de escudos, foi tão tibiamente acolhida no começo?

PRIMEIRO — Alguns alegavam que nossos costumes eram factícios demais para se acomodarem a um gênero tão simples e corrompidos demais para apreciarem um gênero tão recatado.

SEGUNDO — O que não era inverossímil.

PRIMEIRO — Mas a experiência demonstrou de fato que isso não era verídico, pois não nos tornamos melhores. Aliás, o verídico e o honesto exercem tamanho ascendente sobre nós que, se a obra de um poeta oferecer as duas características e o autor tiver talento, seu triunfo estará mais do que assegurado. É sobretudo quando tudo é falso que se ama o verdadeiro, é sobretudo quando tudo está corrompido que o espetáculo é mais depurado. O cidadão que se apresenta à entrada da Comédie deixa aí todos os seus vícios, a fim de retomá-los apenas à saída. Lá dentro ele é justo, imparcial, bom pai, bom amigo, amigo da virtude; vi muitas vezes a meu lado malvados profundamente indignados contra ações que não deixariam de cometer se se encontrassem nas mesmas circunstâncias em que o poeta situava a personagem que aborreciam. Se não fui bem sucedido de início, é que o gênero era estranho aos espectadores e aos atores; é que havia um preconceito estabelecido e que subsiste ainda contra o que se chama a comédia choramingas, [74] é que eu tinha uma nuvem de inimigos na corte, na cidade, entre os magistrados, entre a gente da Igreja e entre os homens de letras.

SEGUNDO — E como incorrestes em tantos ódios?

PRIMEIRO — Por minha fé, não tenho idéia, pois nunca fiz sátira nem contra os grandes, nem contra os pequenos, e não cruzei com ninguém no caminho da fortuna e das honras. É verdade que pertencia ao número dos que se chamam filósofos, que eram então considerados cidadãos perigosos, e contra os quais o ministério soltara dois ou três celerados subalternos, sem virtude, nem luzes, e o que é pior, sem talento. [75] Mas deixemos isso.

SEGUNDO — Sem contar que esses filósofos haviam tornado a tarefa dos poetas e dos literatos em geral mais difícil. Não se tratava mais, para se ilustrar, de saber tornear um madrigal ou uma copla indecente.

PRIMEIRO — É possível. Um jovem dissoluto, em vez de freqüentar com assiduidade o atelier do pintor, do escultor, do artista que o adotava, perdeu os anos mais preciosos da vida, e ficou aos vinte anos sem recursos e sem talento. O que quereis que ele se torne? Soldado ou comediante. Ei-lo portanto alistado numa companhia que erra pelo campo. Ele vagueia até que possa permi-

[73] Trata-se da reapresentação desta peça de Diderot na Comédie. O nome do magistrado em questão é Sartine, amigo e condiscípulo do autor.
[74] *Comédie larmoyante,* cf. nota n.º 27.
[75] *O incidente* ocorreu com a apresentação de *O Pai de Família* em 1758: o ministro é Choiseul.

tir-se uma estréia na capital. Uma infeliz criatura atolou-se no lodaçal do deboche; cansada do mais abjeto estado, o de baixa cortesã, decora alguns papéis e apresenta-se um dia à casa de Mlle Clairon, como o escravo antigo à casa do edil ou do pretor. Aquela segura-lhe a mão, ordena-lhe que faça uma pirueta, toca-a com sua varinha e lhe diz: "Vá fazer rir ou chorar os basbaques".

Eles são excomungados. Esse público, que não pode dispensá-los, despreza-os. São escravos que se encontram incessantemente sob a vara de outro escravo. Acreditais que as marcas de um aviltamento tão contínuo possam permanecer sem efeito e que, sob o fardo da ignomínia, uma alma seja bastante firme para manter-se à altura de Corneille?

O despotismo sobre eles é exercido, eles o exercem sobre os autores, e não sei qual é mais vil, o comediante insolente ou o autor que o suporta.

SEGUNDO — O que se quer é ser representado.

PRIMEIRO — A qualquer condição que seja. Eles estão todos cansados de seu ofício. Dai vosso dinheiro à porta, e eles se cansarão de vossa presença e de vossos aplausos. Obtendo rendas suficientes dos pequenos camarotes, estiveram a ponto de decidir que o autor renunciaria a seu honorário, ou que sua peça não seria aceita.

SEGUNDO — Mas tal projeto daria em nada menos do que extinguir o gênero dramático.

PRIMEIRO — Que diferença lhes faz?

SEGUNDO — Penso que vos resta pouco a dizer.

PRIMEIRO — Estais enganado. Devo tomar-vos pela mão e introduzir-vos em casa de Mlle Clairon, esta incomparável feiticeira.

SEGUNDO — Esta pelo menos sentia o orgulho de sua condição.

PRIMEIRO — Como o sentirão todas as que brilharam. O teatro só é menosprezado por aqueles atores que os apupos expulsaram dele. Devo mostrar-vos Mlle Clairon nos transportes reais de sua cólera. Se acaso conservasse então a postura, as entonações, a ação teatral com todo seu apresto, com toda sua ênfase, não levaríeis vossas mãos aos quadris, e poderíeis conter vossas gargalhadas? O que me ensinais então nesse caso? Não declarais nitidamente que a sensibilidade verdadeira e a sensibilidade representada são duas coisas muito diferentes? Rides do que havíeis de admirar no teatro? E por que isso, se vos apraz? Porque a cólera real de Mlle Clairon se parece à cólera simulada, e porque tendes o discernimento justo da máscara dessa paixão e de sua pessoa. As imagens das paixões no teatro não são pois as verdadeiras imagens, sendo portanto apenas retratos exagerados, apenas grandes caricaturas sujeitas a regras de convenção. Ora, interrogai-vos, perguntai a vós mesmo qual artista se encerrará mais estritamente nessas regras dadas? Qual é o comediante que apreenderá melhor essa prosápia prescrita, o homem dominado por seu próprio caráter, ou o homem nascido sem caráter, ou o homem que dele se despoja a fim de revestir-se de outro, maior, mais nobre, mais violento e mais elevado? Somos nós mesmos por natureza; somos um outro por imitação; o coração que supomos ter não é o coração que temos. O que é pois o verdadeiro talento? O de conhecer bem os sintomas exteriores da alma de empréstimo, de dirigir-se à sensação dos que nos ouvem, dos que nos vêem, e de enganá-los pela imitação desses sintomas, mediante uma imitação que engrandece tudo em suas cabeças e que se torna a regra do julgamento deles; pois é impossível apreciar de outro modo o que se passa dentro de nós. E que nos importa, com efeito, o que eles sintam ou não sintam, contanto que o ignoremos?

Aquele, pois, que melhor conhece e traduz mais perfeitamente esses signos externos, de acordo com o modelo ideal melhor concebido, é o maior comediante.

SEGUNDO — Aquele que deixa menos a imaginar ao grande comediante é o maior dos poetas.

PRIMEIRO — Eu ia dizê-lo. Quando, por um longo hábito do teatro, conservamos na sociedade a ênfase teatral e nela passeamos Bruto, Cina, Mitridates, Cornélia, Mérope, Pompeu, sabeis o que se faz? Acasalam-se a uma alma pequena ou grande, da medida precisa que a natureza lhe concedeu, os signos externos de uma alma exagerada e gigantesca que não se tem; e daí nasce o ridículo.

SEGUNDO — Que cruel sátira que fazeis aí, inocente ou malignamente, dos atores e dos autores.

PRIMEIRO — Como assim?

SEGUNDO — É permitido, creio, a todo mundo possuir a alma forte e grande; é permitido,

creio, possuir o porte, a palavra e a ação de sua alma e creio que a imagem da verdadeira grandeza nunca pode ser ridícula.

PRIMEIRO — O que decorre daí?

SEGUNDO — Ah! tratante! não ousais dizê-lo, e cumprirá que eu incorra na indignação geral por vós. É que a verdadeira tragédia ainda está para ser encontrada, e que, com seus defeitos, os antigos estavam talvez mais próximos dela do que nós.

PRIMEIRO — É verdade que me sinto encantado em ouvir Filoctetes dizer tão simples e tão fortemente a Neoptolomeu, que lhe entrega as flechas que Hércules lhe roubara por instigação de Ulisses: "Estás vendo a ação que cometeste: sem te aperceberes, condenaste um infeliz a perecer de dor e de fome. Teu roubo é o crime de outrem, teu arrependimento é teu. Não, jamais pensarias em cometer semelhante indignidade se estivesses só. Compreende, pois, meu filho, quanto importa em tua idade não freqüentar senão pessoas de bem. Eis o que tinhas a ganhar na companhia de um celerado. E por que te associar também a um homem desse caráter? Era ele que teu pai teria escolhido para companheiro e para amigo? Esse digno pai, que nunca admitiu junto de si os mais distintos personagens do exército, o que diria ele se te avistasse com um Ulisses?. . . "[76] Há nesse discurso algo além daquilo que endereçaríeis a meu filho, daquilo que eu diria ao vosso?

SEGUNDO — Não.

PRIMEIRO — Entretanto é belo.

SEGUNDO — Seguramente.

PRIMEIRO — E o tom desse discurso proferido em cena diferiria do tom com que o proferiríamos na sociedade?

SEGUNDO — Não creio.

PRIMEIRO — E esse tom na sociedade seria ridículo?

SEGUNDO — Nunca.

PRIMEIRO — Quanto mais as ações são fortes e as palavras simples, mais eu as admiro. Temo realmente que tenhamos tomado por cem anos seguidos a fanfarrice de Madri pelo heroísmo de Roma e confundido o tom da musa enérgica com a linguagem da musa épica.

SEGUNDO — Nosso verso alexandrino é numeroso[77] demais e nobre demais para o diálogo.

PRIMEIRO — E nosso verso decassílabo é demasiado fútil e demasiado ligeiro. Seja como for, eu desejaria que não fôsseis à representação de qualquer das peças romanas de Corneille, a não ser ao sair da leitura das cartas de Cícero a Ático.[78] Como acho empolados nossos autores dramáticos! Como me são enfadonhas suas declamações, quando me lembro da simplicidade e do vigor do discurso de Régulo[79] dissuadindo o Senado e o povo romano da troca de cativos! É assim que ele se exprime numa ode, poema que comporta muito mais calor, estro e exagero que um monólogo trágico; diz ele:

"Vi nossas insígnias suspensas nos templos de Cartago. Vi o soldado romano despojado de suas armas, que não haviam sido tintas de uma gota de sangue. Vi o olvido da liberdade, e cidadãos com os braços virados para trás e atados às costas. Vi as portas das cidades escancaradas, e as colheitas cobrirem os campos que havíamos assolado. E credes que, resgatados a peso de prata, eles voltarão mais corajosos? Acrescentais uma perda à ignomínia. A virtude, expulsa de uma alma que se aviltou, jamais lhe retorna. Nada espereis de quem podia morrer e se deixou garrotear. Ó Cartago, como estás grande e orgulhosa com nossa vergonha!. . . "[80]

Assim foi o seu discurso e assim foi a sua conduta. Ele se recusou aos abraços da mulher e dos filhos, julgou-se indigno deles, como um vil escravo. Manteve o olhar feroz pregado à terra, e desdenhou os rogos dos amigos, até que levou os senadores a um parecer que só ele era capaz de dar, e que lhe foi permitido regressar a seu exílio.

[76] Paráfrase do *Filoctetes*, de Sófocles.
[77] No sentido de *harmonioso*.
[78] Cavaleiro romano, amigo de Cícero.
[79] General romano, da primeira guerra púnica. Celebrizou-se por seu espírito de sacrifício e lealdade. Aprisionado por Cartago e enviado a Roma, sob palavra, para propor a troca de prisioneiros, dissuadiu o Senado de fazê-lo e regressou a Cartago.
[80] Tradução livre de uma ode de Horácio, liv. III, 5.

SEGUNDO — Isso é simples e belo; mas o momento em que o herói se mostra é o seguinte.

PRIMEIRO — Tendes razão.

SEGUNDO — Ele não ignorava o suplício que um inimigo feroz lhe preparava. Entretanto, retoma a serenidade, desprende-se dos parentes, que procuravam adiar seu retorno, com a mesma liberdade com que se desprendia antes da multidão de seus clientes para ir descansar da fadiga dos negócios nos campos de Venafro ou em sua campanha de Tarento.

PRIMEIRO — Muito bem. Agora, colocai a mão na consciência, e dizei-me se há em nossos poetas muitas passagens com tom próprio a uma virtude tão elevada, tão familiar, e o que vos pareceria nessa boca nossas ternas jeremiadas, ou a maioria de nossas fanfarronadas a Corneille.

Quantas coisas que só ouso confiar a vós! Eu seria lapidado nas ruas se soubessem que sou culpado dessa blasfêmia, e não há qualquer espécie de martírio cujo louro eu ambicione.

Se chegar o dia em que um homem de gênio ouse dar a suas personagens o tom simples do heroísmo antigo, a arte do comediante será desmedidamente difícil, pois a declamação cessará de ser uma espécie de canto.

De resto, quando declarei que a sensibilidade é a característica da bondade de alma e da mediocridade do gênio, procedi a uma confissão que não é muito comum, pois, se a natureza petrificou uma alma sensível, foi a minha.

O homem sensível fica demais à mercê de seu diafragma[81] para que seja grande rei, grande político, grande magistrado, homem justo, profundo observador e, conseqüentemente, sublime imitador da natureza, a menos que possa esquecer-se e distrair-se de si mesmo, e que, com a ajuda de uma imaginação forte, saiba criar, e, de uma memória tenaz, manter a atenção fixada em fantasmas que lhe servem de modelos; mas então não é mais ele quem age, é o espírito de um outro que o domina.

Deveria deter-me aqui; mas vós me perdoareis mais facilmente uma reflexão deslocada do que omitida. É uma experiência pela qual aparentemente já passastes alguma vez, quando chamado por um estreante ou por uma estreante, em casa dela, em reunião íntima, para que vos pronunciásseis sobre seu talento, vós lhe concedestes alma, sensibilidade, emoção, vós a cumulastes de elogios e lhe deixastes, ao vos separar dela, a esperança do maior êxito possível. Entretanto, o que acontece? Ela aparece, é vaiada, e vos confessais que as vaias têm razão de ser. De onde vem isso? Terá ela perdido a alma, a sensibilidade, as entranhas, da manhã à noite? Não; mas, em seu rés-do-chão, vós estáveis terra-a-terra com ela; vós a escutáveis sem considerar as convenções, ela estava frente a frente conosco. Não havia entre ambos qualquer modelo de comparação; vós estáveis satisfeito com sua voz, seu gesto, sua expressão e seu porte; tudo estava em proporção com o auditório e o espaço; nada requeria exagero. No palco tudo mudou: aí fazia-se mister uma outra personagem, pois tudo se engrandecera.

Em um teatro particular, em um salão onde o espectador se encontra quase ao nível com o ator, a verdadeira personagem dramática se vos afiguraria enorme, gigantesca, e ao sair da representação iríeis dizer confidencialmente a vosso amigo: "Ela não se sairá bem, ela é exagerada"; e seu êxito no teatro ter-vos-ia espantado. Mais uma vez, seja isso um bem ou um mal, o comediante não diz nada, nem faz nada na sociedade precisamente como na cena; esta é um outro mundo.

Mas um fato decisivo que me foi contado por um homem veraz, de um feitio de espírito original e fino, o Abade Galiani,[82] e que me foi em seguida confirmado por um outro homem veraz, de um feitio de espírito também original e fino, o Sr. Marquês de Caraccioli,[83] embaixador de Nápoles em Paris, é que em Nápoles, pátria de ambos, há um poeta dramático cujo principal cuidado não é compor a peça.

SEGUNDO — Lá o vosso *Pai de Família* conquistou singular triunfo.

[81] Ver, a propósito da teoria do diafragma como sede da sensibilidade, *O Sonho de D'Alembert* (v. pág. 414).
[82] Literato e economista italiano (1728-1787). Foi ele quem informou, por carta, à Sra. de Épinay, o êxito de *O Pai de Família*, em Nápoles.
[83] Economista e diplomata (1715-1789), tido como um dos espíritos notáveis do século XVIII.

PRIMEIRO — Deram quatro representações seguidas perante o rei, contra a etiqueta da corte, que prescreve tantas peças diferentes quantos dias de espetáculo, e o povo ficou entusiasmado. Mas a preocupação do poeta napolitano é encontrar, na sociedade, personagens de idade, figura, voz e caráter próprios para desempenhar papéis que ele cria. Não se ousa recusar-lhe, porque se trata do divertimento do soberano. Ele exercita os atores durante seis meses, juntos e separadamente. E quando imaginais vós que a companhia começa a representar, a entender-se, a encaminhar-se para o ponto de perfeição que ele exige? Quando os atores ficam extenuados de cansaço dos ensaios multiplicados, o que chamamos *blasés*. A partir desse instante os progressos são surpreendentes, cada qual se identifica com sua personagem; e é depois desse penoso exercício que as representações começam e prolongam-se por seis outros meses seguidos, e que o soberano e seus súditos usufruem do maior prazer que se possa auferir da ilusão teatral. E essa ilusão, tão forte, tão perfeita na última representação quanto na primeira, a vosso aviso, pode ser efeito da sensibilidade?

De resto, a questão que aprofundei foi outrora encetada entre um literato medíocre, Rémond de Saint-Albine, e um grande comediante, Riccoboni.[84] O literato advogava a causa da sensibilidade e o comediante advogava a minha. É uma anedota que eu ignorava e que acabo de ficar sabendo.

Eu disse, vós me ouvistes, e eu vos pergunto presentemente o que pensais do caso.

SEGUNDO — Penso que esse homenzinho arrogante, decidido, seco e duro, em quem seria preciso reconhecer uma dose honesta de desprezo, se possuísse apenas um quarto do que a natureza pródiga lhe concedeu em suficiência, seria um pouco mais reservado em seu julgamento se vós, de vossa parte, tivésseis a complacência de expor-lhe vossas razões e ele, de sua parte, a paciência de vos ouvir; mas a desgraça é que ele sabe tudo, e que, a título de homem universal, julga-se dispensado de ouvir.

PRIMEIRO — Em compensação, o público paga-lhe bem. Conheceis a Sra. Riccoboni?[85]

SEGUNDO — Quem não conhece a autora de um grande número de obras encantadoras, cheia de talento, de honestidade, de delicadeza e de graça?

PRIMEIRO — Credes que essa mulher é sensível?

SEGUNDO — Não apenas pelas sua obras, mas também pela conduta ela o provou. Há em sua vida um incidente que esteve a ponto de levá-la ao túmulo. Ao cabo de vinte anos, seus prantos não secaram ainda, e a fonte de suas lágrimas ainda não se exauriu.

PRIMEIRO — Pois bem, essa mulher, uma das mais sensíveis que a natureza jamais formou, foi uma das piores atrizes que jamais surgiram no palco. Ninguém fala melhor de arte, ninguém representa pior.

SEGUNDO — Acrescentarei que ela concorda com isso, e que nunca lhe aconteceu acusar os apupos de injustiça.

PRIMEIRO — E por que, com a sensibilidade refinada, a qualidade principal, segundo vós, do comediante, a Sra. Riccoboni é tão má?

SEGUNDO — É que aparentemente as outras lhe faltam a tal ponto que a primeira não pode compensar o defeito.

PRIMEIRO — Mas a sua figura não é de modo algum má; ela tem espírito; tem o porte decente; sua voz nada tem de chocante. Todas as boas qualidades que se devem à educação ela as possui. Não apresenta nada de chocante em sociedade. Pode-se olhá-la sem custo e ouvi-la com o maior prazer.

SEGUNDO — Não chego a entender o caso; tudo o que sei é que o público nunca chegou a reconciliar-se com ela, e que durante vinte anos seguidos ela foi vítima de sua profissão.

[84] Polêmica que este literato, que dirigiu a *Gazette de France* e o *Mercure* e que escreveu um trabalho chamado *Le Comédien*, travou com Antoine Riccoboni, filho do grande Lélio, que, além de ator, também escreveu a *Art du théâtre*.

[85] Atriz e escritora francesa (1714-1792). Casou-se com Antoine Riccoboni (v. nota n.º 84), que a abandonou. Mais do que no teatro, onde seus melhores papéis foram os das peças de Marivaux, distinguiu-se nas letras. Compôs vários romances, que na época obtiveram grande êxito, entre os quais *Les Lettres de Fanny Butler*, onde alude às suas próprias desventuras sentimentais.

PRIMEIRO — E de sua sensibilidade, acima da qual nunca pôde elevar-se; e foi porque ela permaneceu constantemente ela, que o público constantemente a desdenhou.

SEGUNDO — E vós não conheceis Caillot?

PRIMEIRO — Muito.

SEGUNDO — Já conversastes alguma vez com ele sobre o assunto?

PRIMEIRO — Nunca.

SEGUNDO — Eu, em vosso lugar, me sentiria curioso de saber a opinião dele.

PRIMEIRO — Eu sei qual é.

SEGUNDO — Qual?

PRIMEIRO — A vossa e a de vosso amigo.

SEGUNDO — Eis uma terrível autoridade contra vós.

PRIMEIRO — Concordo.

SEGUNDO — E como viestes a tomar conhecimento do parecer de Caillot?

PRIMEIRO — Por intermédio de uma mulher de muito espírito e fineza, a Princesa de Galitzin.[86] Caillot interpretara o *Desertor,*[87] ele permanecia ainda no lugar onde acabava de experimentar e ela de partilhar, ao seu lado, todos os transes de um infeliz prestes a perder a amante e a vida. Caillot aproximou-se do camarote dela e dirigiu-lhe, com o rosto risonho que lhe conheceis, palavras joviais, honestas e polidas. A princesa, espantada, disse-lhe: "Como! não estais morto! Eu, que fui mera espectadora de vossas angústias, ainda não voltei a mim". — "Não, senhora, não estou morto. Seria preciso lastimar-me demais, se eu morresse tão amiúde." — "Nada sentis, portanto?" — "Perdoai-me. . ." E depois ei-los empenhados numa discussão que acabou entre eles como acabará entre nós: eu permanecerei na minha opinião e vós na vossa. A princesa não se recordava dos argumentos de Caillot, mas observara que esse grande imitador da natureza, no momento da agonia, quando ia ser arrastado ao suplício, percebendo que a cadeira onde deveria depositar Louise desfalecida estava mal colocada, arrumou-a, cantando com voz moribunda: "Mas Louise não vem, e minha hora se aproxima. . ." Mas estais distraído; no que pensais?

SEGUNDO — Penso em propor-vos um acomodamento: o de reservar à sensibilidade natural do ator os momentos raros em que perde a cabeça, em que não vê mais o espetáculo, em que esquece que está num teatro, em que esquece de si mesmo, em que está em Argos, em Micenas, em que é o próprio personagem que interpreta; ele chora.

PRIMEIRO — Com medida?

SEGUNDO — Com medida. Ele grita.

PRIMEIRO — Justa?

SEGUNDO — Justa. Ele se irrita, se indigna, se desespera, apresenta a meus olhos a imagem real, leva ao meu ouvido e ao meu coração o acento verdadeiro da paixão que o agita, a ponto de me arrastar, de eu ignorar a mim mesmo, de não ser mais nem Brizard, nem Le Kain, mas Agamenon que eu vejo, mas Nero que eu ouço. . . etc., a abandonar à arte todos os outros instantes. . . Penso que talvez então acontece à natureza como ao escravo que aprende a mover-se livremente sob o grilhão: o hábito de carregá-lo tira-lhe o peso e a coerção.

PRIMEIRO — Um ator sensível terá talvez em seu desempenho um ou dois momentos de alienação que desafinarão com o resto tanto mais fortemente quanto serão mais belos. Mas, dizei-me, então o espetáculo não cessa de ser um prazer e não se torna um suplício para vós?

SEGUNDO — Oh! não.

PRIMEIRO — E esse patético de ficção não prevalece sobre o espetáculo doméstico e real de uma família desolada em torno do leito fúnebre de um pai querido ou de uma mãe adorada?

SEGUNDO — Oh! não.

PRIMEIRO — Não haveis, portanto, nem o comediante, nem vós, tão perfeitamente esquecido. . .

[86] Esposa do Príncipe Galitzin, embaixador russo em Haia.
[87] Drama em três atos, de Sedaine (cf. nota n.º 30). Quanto a Caillot, veja-se nota n.º 72.

SEGUNDO — Vós já me confundistes fortemente, e não duvido que possais me confundir mais ainda; mas eu vos abalaria, creio, se me permitísseis associar alguém mais. São quatro horas e meia; estão levando *Dido,*[88] vamos ver Mlle Raucourt; ela vos responderá melhor do que eu.

PRIMEIRO — Eu o desejo, mas não o espero. Pensais que ela faça o que nem Le Couvreur,[89] nem Mlle Duclos,[90] nem Mlle de Seine,[91] nem Mlle Balincourt,[92] nem Mlle Clairon, nem Mlle Dumesnil[93] conseguiram fazer? Ouso assegurar-vos que, se a nossa jovem estreante encontra-se ainda longe da perfeição, é porque é demasiado noviça para não sentir nada, e vos predigo que, se continuar sentindo, permanecendo ela própria e preferindo o instinto limitado da natureza ao estudo ilimitado da arte, nunca há de elevar-se à altura das atrizes que eu vos mencionei. Terá belos momentos, mas não será bela. Acontecer-lhe-á o que aconteceu a Mlle Gaussin[94] e a muitas outras que foram a vida toda amaneiradas, fracas e monótonas, somente porque nunca lograram sair do recinto estreito em que a sensibilidade natural as encerrava. Vosso propósito continua sendo o de me opor a Mlle Raucourt?

SEGUNDO — Seguramente.

PRIMEIRO — No caminho, eu vos contarei um fato que cabe bastante no tema de nosso colóquio. Eu conhecia Pigalle;[95] eu costumava entrar em casa dele. Vou lá certa manhã, bato na porta: o artista me abre, com o desbastador na mão; e, detendo-me à soleira do atelier: "Antes que eu vos deixe passar", diz-me ele, "jurai-me que não tereis medo de uma bela mulher inteiramente nua. . ." Sorri. . . entrei. Ele trabalhava então no seu monumento do Marechal de Saxe, e uma belíssima cortesã servia-lhe de modelo para a figura da França. Mas como acreditais que ela me pareceu entre as figuras colossais que a cercavam? Pobre, pequena, mesquinha, uma espécie de rã; estava esmagada por elas; e eu teria tomado, pela palavra do artista, a rã por uma bela mulher, se não houvesse esperado o fim da sessão e se não a tivesse visto terra-a-terra e com o dorso virado para aquelas figuras gigantescas que a reduziam a nada. Deixo a vós o cuidado de aplicar este singular fenômeno a Mlle Gaussin, à Riccoboni e a todas aquelas que não puderam engrandecer-se no palco.

Se, por impossível que seja, uma atriz recebesse a sensibilidade em grau comparável ao que a arte levada ao extremo pode simular, o teatro propõe tantos caracteres diversos a imitar, e um só papel principal leva a tantas situações opostas, que essa rara choramingas, incapaz de representar bem dois papéis diferentes, primaria apenas em alguns pontos do mesmo papel; seria a comediante mais desigual, mais limitada e mais inepta que se possa imaginar. Se lhe acontecesse tentar um vôo, sua sensibilidade predominante não tardaria a reconduzi-la à mediocridade. Ela se assemelharia menos a um vigoroso corcel que galopa do que a uma hacanéia que toma o freio nos dentes. Seu instante de energia, passageiro, inopinado, sem gradação, sem preparo, sem unidade, parecer-vos-ia um acesso de loucura.

Sendo a sensibilidade, com efeito, companheira da dor e da fraqueza, dizei-me se uma criatura doce, frágil e sensível é realmente própria para conceber e traduzir o sangue-frio de Leontina, os transportes ciumentos de Hermíone, os furores de Camila, a ternura maternal de Mérope, o delírio e os remorsos de Fedra, o orgulho tirânico de Agripina, a violência de Clitemnestra.[96] Abandonai vossa eterna choramingas a alguns de nossos papéis elegíacos, e não a tireis mais daí.

É que ser sensível é uma coisa, e sentir é outra. A primeira é uma questão de alma e a outra,

[88] *Enée et Didon,* tragédia de Lefranc de Pompignan, na qual Mlle Raucourt estreou em 1772 (v. nota n.º 21).
[89] Adrienne Lecouvreur (1692-1730), atriz de grande beleza e meiguice, que gozou de forte favor público, suscitando violentos ciúmes de suas rivais na Comédie.
[90] V. supra, nota n.º 37.
[91] Artista da Comédie (?-1759), esposa de Dufresne.
[92] Atriz pouco conhecida; estreou em 1727 e retirou-se do palco em 1738.
[93] Cf. respectivamente notas n.º 8 e n.º 11.
[94] Vide nota n.º 19.
[95] Jean-Baptiste Pigalle (1714-1785), famoso escultor, entre cujas obras principais figura precisamente o monumento a que Diderot se refere.
[96] Personagens respectivamente de Corneille *(Heráclio),* Racine *(Andrômaca),* Voltaire *(Mérope),* Racine *(Fedra, Britânico e Ifigênia).*

uma questão de julgamento. É que sentimos com intensidade o que não saberíamos expressar; é que expressamos só, em sociedade, no pé da lareira, lendo, representando, para alguns ouvintes, e que não expressamos nada que valha no teatro; é que no teatro, com o que se chama sensibilidade, alma, entranhas, expressamos bem uma ou duas tiradas e falhamos no resto; é que abranger toda a extensão de um grande papel, dispor nele os claros e escuros, o doce e o fraco, mostrar-se igual nas passagens tranqüilas e nas passagens agitadas, ser variado nos pormenores, uno e harmonioso no conjunto, e constituir um sistema firme de declamação que vá a ponto de salvar os repentes do poeta, é obra de uma cabeça fria, de um profundo discernimento, de um gosto refinado, de um estudo penoso, de uma longa experiência e de uma tenacidade de memória não muito comum; é que a regra *qualis ab incoepto processerit et sibi constet,*[97] muito rigorosa para o poeta, subsiste até a minúcia para o comediante; é que aquele que sai dos bastidores sem ter seu desempenho presente e seu papel anotado provará a vida toda o papel de um estreante, ou que se, dotado de intrepidez, de suficiência e de estro, contar com a presteza de sua cabeça e o hábito do ofício, este homem vos iludirá pelo calor e pela embriaguez, e que aplaudireis a sua representação como um conhecedor de pintura sorri diante de um esboço libertino onde tudo está indicado e nada decidido. É um desses prodígios que se vêem às vezes nas feiras ou no tablado de Nicolet.[98] Talvez esses loucos procedam muito bem permanecendo o que são, comediantes esboçados. Mais trabalho não lhes forneceria o que lhes falta e poderia quiçá tirar-lhes o que têm. Tomai-os pelo que valem, mas não os coloqueis ao lado de um quadro acabado.

SEGUNDO — Não me resta senão uma pergunta a fazer-vos.

PRIMEIRO — Fazei-a.

SEGUNDO — Vistes alguma vez uma peça inteira perfeitamente representada?

PRIMEIRO — Por minha fé, não me lembro... Mas esperai... Sim, às vezes uma peça medíocre, por atores medíocres...

Nossos dois interlocutores foram ao espetáculo, mas não encontrando lugar desceram para as Tulherias. Passearam algum tempo em silêncio, pareciam haver-se esquecido que estavam juntos, e cada qual se entretinha consigo mesmo, como se estivesse só: um, em alta voz, e outro, em voz tão baixa que não se ouvia, deixando apenas escapar por intervalos palavras isoladas, mas distintas, pelas quais era fácil conjeturar que não se considerava vencido.

As idéias do homem do paradoxo são as únicas de que posso dar conta, e ei-las tão descosidas como devem parecer quando se suprimem de um solilóquio os intermediários que servem de ligação. Dizia:

Que se ponha em seu lugar um ator sensível, e veremos como se sairá. O que faz ele? Pousa o pé sobre a balaustrada, torna a prender a jarreteira, e responde ao cortesão que despreza, com a cabeça voltada para um dos ombros; assim, um incidente que desconcertaria qualquer outro que não fosse esse frio e sublime comediante, subitamente adaptado à circunstância, torna-se um traço de gênio.

(Falava, creio, de Baron,[99] na tragédia do *Conde de Essex.*[100] Adicionava sorrindo:)

Pois sim, ele acreditará que aquela outra sentia, quando caída sobre o regaço da confidente e quase moribunda, com os olhos voltados para os terceiros camarotes, percebeu aí um velho procurador que se desfazia em lágrimas e cuja dor trejeitava de maneira realmente burlesca, e disse: "Olha um pouco lá em cima a cara daquela lá...", murmurando na garganta essas palavras, como se fossem a continuação de um lamento inarticulado... Há outras! há outras! Se bem me recordo do fato, ele se passou com Mlle Gaussin, em *Zaíra.*[101]

[97] "Que a personagem continue até o fim tal como se apresentou no começo e permaneça de acordo consigo mesma", Horácio, *Arte Poética,* v. 90.

[98] Artista e acrobata (1728-1796). A partir do teatro de fantoches desenvolveu um teatro de diversão e popular que, em oposição à Comédie, foi a origem das pequenas salas do século XIX.

[99] Cf. nota n.º 17.

[100] De Thomas Corneille (1625-1709), irmão do grande Corneille e como ele dramaturgo.

[101] De Voltaire.

E este terceiro, cujo fim foi tão trágico, eu o conheci, conheci o pai dele, que me convidava também algumas vezes a dizer uma palavra em sua corneta.[102]

(Não há dúvida que se trata, no caso, do *sage,* do sábio Montménil.[103])

Era a própria candura e honestidade. O que havia de comum entre seu caráter natural e o do Tartufo, que ele interpretava superiormente? Nada. Onde foi que arrumou aquele torcicolo, aquele rolar de olhos tão singular, aquele tom adocicado e todas as outras finuras do papel do hipócrita? Cuidado com o que ides responder. Eu vos apanhei. — "Na imitação profunda da natureza." — Na imitação profunda da natureza? E vereis que os sintomas exteriores que designam mais fortemente a sensibilidade de alma não se encontram tanto na natureza como os sintomas exteriores da hipocrisia; que aí não se poderia estudá-los, e que um ator de grande talento terá mais dificuldades em captar e em imitar uns do que outros! E se eu sustentava que, de todas as qualidades da alma, a sensibilidade é a mais fácil de arremedar, não havendo um único homem bastante cruel, bastante desumano para que não trouxesse o germe disso no seu coração, para jamais tê-la experimentado; o que não se poderia afiançar a respeito de todas as outras paixões, tal como a avareza, a desconfiança? Acaso um excelente instrumento?... — "Eu vos entendo; existirá sempre, entre quem arremeda a sensibilidade e quem sente, a diferença entre a imitação e a coisa." — E tanto melhor, tanto melhor, eu vos afirmo. No primeiro caso, o comediante não precisará separar-se de si mesmo, transportar-se-á de repente e de um salto à altura do modelo ideal. — "De repente e de um salto!" — Vós me chicanais sobre uma expressão. Quero dizer que, não sendo nunca reduzido ao pequeno modelo que nele se encontra, ele será tão grande, tão espantoso, tão perfeito imitador da sensibilidade quanto da avareza, da hipocrisia, da duplicidade e de qualquer outro caráter que não será o seu, de qualquer outra paixão que não alimentará. A coisa que o personagem naturalmente sensível me mostrará, será pequena; a imitação do outro será forte; ou, se ocorresse que suas cópias fossem igualmente fortes, o que não vos concedo, mas de forma nenhuma, um, perfeitamente senhor de si próprio e representando inteiramente por estudo e julgamento, seria tal como a experiência diária o mostra, muito mais do que aquele que representasse metade por natureza e metade por estudo, metade por um modelo e metade por si próprio. Com qualquer habilidade que duas imitações fossem fundidas numa só, um espectador delicado as discerniria ainda mais facilmente que um profundo artista deslindaria em uma estátua a linha que separasse ou dois estilos diferentes, ou a frente executada segundo um modelo, e o dorso segundo outro. — "Que um ator consumado cesse de representar de cabeça, que se esqueça, que o coração se lhe enrede; que a sensibilidade o ganhe, que ele se lhe entregue. Ele nos inebriará." — Talvez. — "Ele nos arrebatará de admiração." — Isso não é impossível; mas, contanto que não saia de seu sistema de declamação e que a unidade não desapareça, sem o que declarareis que ele ficou louco... Sim, nesta suposição tereis um bom momento, convenho; mas preferir um bom momento a um bom papel? Se tal é vossa escolha, ela não é a minha.

Aqui o homem do paradoxo calou-se. Passeava a grandes passos sem olhar aonde ia; ter-se-ia chocado à direita e à esquerda com os que vinham ao seu encontro, se eles não evitassem o choque. Depois, detendo-se de súbito, e colhendo fortemente seu antagonista pelo braço, disse-lhe em tom dogmático e tranqüilo: Meu amigo, há três modelos, o homem da natureza, o homem do poeta e o homem do ator. O da natureza é menor que o do poeta, e este menor ainda que o do grande comediante, o mais exagerado de todos. O último deles monta sobre as espáduas do anterior, e encerra-se em um grande manequim de vime, do qual ele é a alma; ele move *esse manequim* de uma forma assustadora, até para o poeta, que não mais se reconhece, e nos apavora, como bem o dissestes, como as crianças se apavoram umas às outras, segurando seus pequenos gibões curtos erguidos sobre a cabeça, agitando-se e imitando o melhor que podem a voz rouca e lúgubre de um fantasma, que arremedam. Mas, por acaso, não tereis visto jogos de crianças que foram gravados? Não tereis visto um rapazote que avança sob a máscara hedionda de um velho que o oculta da cabeça aos pés? Sob a máscara, ele ri de seus pequenos amiguinhos que o terror põe em fuga.

[102] Trata-se de Le Sage (v. nota n.º 52), que, ao envelhecer, ficou surdo.
[103] Jogo de palavras entre *sage* e Le Sage, que é o sobrenome de Montménil (v. nota n.º 51).

Esse rapazote é o verdadeiro símbolo do ator; seus amiguinhos são os símbolos do espectador. Se o comediante é dotado apenas de sensibilidade medíocre e se aí reside todo o seu mérito, não o considerareis um homem medíocre? Tomai cuidado, é ainda uma armadilha que eu estendo. — "E se for dotado de extrema sensibilidade, o que lhe sucederá?" — O que lhe sucederá? Que não representará mais, ou que representará ridiculamente. Sim, ridiculamente, e a prova, podereis vê-la em mim quando vos aprouver. Basta que eu tenha um relato algo patético a fazer, ergue-se não sei que comoção em meu peito, em minha cabeça; minha língua se atrapalha; minha voz se altera; minhas idéias se decompõem; meu discurso se interrompe; eu balbucio, bem percebo; as lágrimas rolam de minhas faces, eu me calo. — "Mas isso vós o conseguis." — Em sociedade; no teatro, eu seria vaiado. — "Por quê?" — Porque ninguém vem assistir aos prantos, mas ouvir discursos que os arranquem, porque essa verdade da natureza desafina com a verdade da convenção. Explico-me: quero dizer que nem o sistema dramático, nem a ação, nem os discursos do poeta não se conciliariam com minha declamação sufocada, entrecortada, soluçada. Vedes que não é sequer permitido imitar a natureza, mesmo a bela natureza e a verdade de muito perto, havendo limites dentro dos quais é preciso encerrar-se. — "E tais limites, quem os estabeleceu?" — O bom senso, que não quer que um talento prejudique outro talento. É necessário às vezes que o ator se sacrifique ao poeta. — "Mas se a composição do poeta se prestasse a tanto?" — Pois bem! teríeis outra sorte de tragédia, inteiramente diferente da vossa. — "E qual o inconveniente disso?" — Não sei bem o que iríeis ganhar; mas sei muito bem o que iríeis perder.

Aqui o homem paradoxal se aproximou pela segunda ou terceira vez de seu antagonista, e disse-lhe:

O dito é de mau gosto, mas é engraçado, é de uma atriz sobre cujo talento não há duas opiniões. É o par da situação e das palavras de Mlle Gaussin; também ela está caída nos braços de Pillot-Polux;[104] ela agoniza, pelo menos assim o creio, e lhe tartamudeia baixinho: *Ah! Pillot, como fedes!*

A passagem é de Arnould,[105] interpretando Telaíra. E neste momento, Arnould é verdadeiramente Telaíra? Não, é Arnould, sempre Arnould. Nunca me levareis a elogiar os graus intermediários de uma qualidade que estragaria tudo se, impelida ao extremo, o comediante fosse por ela dominado. Mas suponho que o poeta escreveria a cena a fim de ser declamada no teatro como eu a recitaria em sociedade; quem representaria a cena? Ninguém, ninguém mesmo, nem sequer o ator que fosse mais senhor de sua ação; se ele se safasse bem uma vez, falharia em mil outras. O êxito depende então de tão pouca coisa!... Este último raciocínio vos parece pouco sólido? Pois bem, seja; mas nem por isso concluirei que é preciso furar um pouco nossas ampolas, abaixar de alguns entalhes nossas andas, e deixar as coisas quase como são. Para cada poeta de gênio que atingisse essa prodigiosa verdade da natureza, elevar-se-ia uma nuvem de insípidos e banais imitadores. Não é permitido, sob pena de ser insípido, cacete e detestável, descer uma linha abaixo da simplicidade da natureza. Não achais, também?

SEGUNDO — Não acho nada. Não vos ouvi.

PRIMEIRO — O que! não continuamos a discutir?

SEGUNDO — Não.

PRIMEIRO — E que diabo fazíeis então?

SEGUNDO — Sonhava.

PRIMEIRO — E o que sonháveis?

SEGUNDO — Que um ator inglês chamado, creio, Macklin[106] (eu assistia aquele dia ao espetáculo), devendo escusar-se junto à platéia pela temeridade de interpretar, após Garrick, não sei qual papel no *Macbeth,* de Shakespeare, dizia, entre outras coisas, que as impressões que subjugavam o comediante e o submetiam ao gênio e à inspiração do poeta eram-lhe muito prejudiciais; não sei mais que razões apresentava, porém eram muito sutis, e foram apreciadas e aplaudidas.

[104] Pillot fazia o papel de Pólux e Arnould o de Telaíra, em *Castor e Pólux,* de Rameau.

[105] Atriz e cantora (1740-1802), conhecida por seu espírito e poder de conversação.

[106] Ator irlandês (1700-1797), que se distinguiu pela renovação do papel de Shylock, e por sua rivalidade com Garrick.

De resto, se sois curioso, encontrá-las-eis em uma carta inserta no *Saint James Chronicle,*[107] sob o nome de Quintiliano.

PRIMEIRO — Mas eu conversei então todo esse tempo sozinho?

SEGUNDO — É possível; tanto tempo quanto eu sonhei sozinho. Sabeis que antigamente os atores faziam os papéis de mulheres?

PRIMEIRO — Sei sim.

SEGUNDO — Aulo Gélio[108] conta, nas *Noites Áticas,* que um certo Paulus, coberto dos trajes lúgubres de Electra, em vez de se apresentar em cena com a urna de Orestes, apareceu abraçando a urna que encerrava as cinzas de seu próprio filho, que acabava de perder, e que então não foi uma vã representação, uma pequena dor de espetáculo, mas a sala retiniu de gritos e de verdadeiros gemidos.[109]

PRIMEIRO — E credes que Paulus naquele momento falou em cena como falaria em sua casa? Não e não. Esse prodigioso efeito, de que não duvido, não se deveu aos versos de Eurípides, nem à declamação do ator, mas antes à vista de um pai desolado que banhava de prantos a urna do próprio filho. Esse Paulus não era quiçá senão um comediante medíocre; não mais do que aquele Esopo de quem Plutarco[110] narra que, "representando um dia, em pleno teatro, o papel de Atreu deliberando consigo mesmo como poderia vingar-se do irmão, Tiestes, aconteceu, por acaso, que um dos seus servidores quis passar de súbito correndo diante dele, e ele, Esopo, estando fora de si devido à veemente afecção e o ardor com que precisava representar ao vivo a paixão furiosa do Rei Atreu, desferiu-lhe tamanho golpe na cabeça com o cetro, que segurava na mão, que o matou no mesmo instante. . . " Era um louco que o tribuno devia enviar imediatamente ao monte Tarpeu.

SEGUNDO — Como aparentemente fez.

PRIMEIRO — Duvido. Os romanos faziam tanto caso da vida de um grande comediante, e tão pouco da vida de um escravo!

Mas, segundo dizem, um orador vale mais quando se esquenta, quando é tomado de cólera. Eu o nego. É quando imita a cólera. Os comediantes impressionam o público, não quando estão furiosos, mas quando interpretam bem o furor. Nos tribunais, nas assembléias, em todos os lugares onde se quer ficar senhor dos espíritos, finge-se ora a cólera, ora o temor, ora a piedade, a fim de levar os outros a esses sentimentos diversos. Aquilo que a própria paixão não conseguiu fazer, a paixão bem imitada o executa.

Não se diz no mundo que um homem é um grande comediante? Não se entende com isso que ele sente, mas, ao contrário, que prima em simular, embora nada sinta: papel bem mais difícil do que o do ator, pois tal homem tem ademais o discurso a encontrar e duas funções a realizar, a do poeta e a do comediante. O poeta na cena pode ser mais hábil do que o comediante no mundo, mas acredita alguém que, na cena, o ator seja mais profundo, seja mais hábil em fingir a alegria, a tristeza, a sensibilidade, a admiração, o ódio, a ternura, que um velho cortesão?

Mas está ficando tarde. Vamos cear.

[107] Pesquisa feita neste periódico inglês confirma a veracidade do discurso e da assinatura da carta.
[108] Escritor latino do século II.
[109] Chama-se Polus o ator mencionado, e o incidente ocorre em *Electra,* de Sófocles *(Noites Áticas,* VI, 5).
[110] *Vida de Cícero,* VI, e a história refere-se a Clodius Aesopus, ator trágico, amigo de Cícero.

DOS AUTORES E DOS CRÍTICOS[1]

Tradução e notas de **J. Guinsburg**

Capítulo XXII e final do *Discurso Sobre a Poesia Dramática*. Completo em si, não há prejuízo em separá-lo do resto da obra.

Os viajantes falam de uma espécie de homens selvagens, que sopram no passante agulhas envenenadas. É a imagem de nossos críticos.

Esta comparação vos parece exagerada? Convinde ao menos que eles se assemelham bastante a um solitário que vivia no fundo de um vale cercado de colinas por todos os lados. Esse espaço limitado era, para ele, o universo. Girando sobre um pé, e percorrendo com um golpe de vista seu estreito horizonte, exclamava: "Sei tudo; vi tudo". Mas tentado um dia a pôr-se em marcha, a aproximar-se de alguns objetos que se lhe furtavam ao olhar, galgou o cume de uma dessas colinas. Qual não foi seu espanto, quando viu um espaço imenso desenvolver-se acima de sua cabeça e à sua frente? Então, mudando de discurso, disse: "Não sei nada; não vi nada".

Eu disse que os nossos críticos se pareciam com esse homem: estou enganado, eles permanecem no fundo de sua choupana, e nunca perdem a elevada opinião que têm de si próprios.

O papel de um ator é um papel bastante vão; é o de um homem que se julga em condição de dar lições ao público. E o papel do crítico? É bem mais vão ainda; é o de um homem que se julga em condição de dar lições àquele que se julga em condição de as dar ao público.

O autor diz: "Senhores, escutai-me; pois sou vosso mestre". E o crítico: "É a mim, senhores, que cumpre escutar; pois sou o mestre de vossos mestres".

Quanto ao público, toma o seu próprio partido. Se a obra do autor é má, zomba dela, assim como das observações do crítico, caso sejam falsas.

O crítico brada depois disso: "Ó tempo! Ó costume! O gosto está perdido!" e ei-lo consolado.

O autor, de seu lado, acusa os espectadores, os atores e a cabala. Apela a seus amigos; lera-lhes a peça antes de entregá-la ao teatro: ela devia ir às nuvens. Mas vossos amigos cegos ou pusilânimes não ousaram dizer-vos que lhe faltava encadeamento, caracteres e estilo; e crede, o público quase nunca se engana. Vossa peça malogrou porque é má.

"Mas o *Misantropo* não andou vai não vai?"

É verdade. Oh! como é doce, após uma desventura, contar com esse exemplo! Se eu subir alguma vez em cena, e se daí for expulso pelas vaias, espero realmente também lembrar-me dele.

A crítica procede bem diversamente com os vivos e com os mortos. Um autor está morto? Ela se ocupa em realçar suas qualidades, e em paliar seus defeitos. Está vivo? É o contrário, são seus defeitos que realça, e suas qualidades que esquece. E há certa razão para tanto: pode-se corrigir os vivos; ao passo que os mortos não têm recurso.

Entretanto, o censor mais severo de uma obra é o autor. Quanto trabalho ele se dá por si só! É ele quem conhece o seu vício secreto; e este quase nunca se encontra lá onde o crítico põe o dedo. Isso me recordou muitas vezes a frase de um filósofo: "Eles falam mal de mim? Ah! se me conhecessem, como eu me conheço!. . ."[2]

Os autores e os críticos antigos começavam por instruir-se; não entravam na carreira das letras senão ao sair das escolas de filosofia. Quanto tempo não guardava o autor a sua obra antes de expô-la ao público? Daí essa correção, que só pode ser efeito dos conselhos, da lima e do tempo.

[2] Frase de Epicteto.

Nós nos apressamos demais em aparecer; e não éramos talvez nem bastante esclarecidos, nem bastante pessoas de bem, quando tomamos da pena.

Se o sistema moral está corrompido, é inevitável que o gosto seja falso.

A verdade e a virtude são as amigas das belas-artes. Quereis ser autor? Quereis ser crítico? Começai por ser homem de bem. Que esperar de quem não pode afligir-se profundamente? E de que me afligirei eu profundamente, senão da verdade e da virtude, as duas coisas mais poderosas da natureza?

Se alguém me assegura que um homem é avaro, terei dificuldade em crer que ele produza algo de grande. Esse vício apouca o espírito e estreita o coração. As desgraças públicas nada significam para o avaro. Às vezes, rejubila-se com elas. É duro. Como há de elevar-se a algo de sublime? Está incessantemente curvado sobre um cofre forte. Ignora a velocidade do tempo e a brevidade da vida. Concentrado em si mesmo, é estranho à beneficência. A felicidade de seu semelhante nada representa a seus olhos, em comparação com um pedacinho de metal amarelo. Jamais conheceu o prazer de dar a quem carece, de aliviar quem sofre, e de chorar com quem chora. É mau pai, mau filho, mau amigo, mau cidadão. Na necessidade de escusar-se de seu vício, formou para si um sistema que imola todos os deveres à sua paixão. Se se propusesse pintar a comiseração, a liberdade, a hospitalidade, o amor à pátria, o amor ao gênero humano, onde encontraria as cores necessárias? Ele pensou, no fundo do coração, que tais qualidades não passam de extravagâncias e loucuras.

Após o avaro, cujos meios todos são vis e mesquinhos, e que não ousaria sequer tentar um grande crime para conseguir dinheiro, o homem de gênio mais estreito e mais capaz de praticar males, o menos tocado pelo verídico, pelo bom e pelo belo, é o supersticioso.

Após o supersticioso, é o hipócrita. O supersticioso possui a vista perturbada; o hipócrita, o coração falso.

Se sois bem-nascido, se a natureza vos concedeu espírito reto e coração sensível, fugi por algum tempo à sociedade dos homens; ide estudar-vos a vós mesmo. Como produzirá o instrumento uma justa harmonia, se está desafinado? Obtende noções exatas das coisas; comparai vossa conduta com vossos deveres; tornai-vos homem de bem, e não acrediteis que este trabalho e este tempo tão bem empregados pelo homem sejam perdidos pelo autor. Jorrará, da perfeição moral que houverdes estabelecido em vosso caráter e em vossos costumes, um matiz de grandeza e de justiça que se espalhará sobre tudo o que escreverdes. Se quereis pintar o vício, sabei de vez quão contrário ele é à ordem geral e à felicidade pública e particular; e haveis de pintá-lo fortemente. Se é a virtude, como falareis dela de modo a levar os outros a amá-la, se ela não vos arrebata? De retorno entre os homens, ouvi muito os que falam bem; e falai freqüentemente a vós mesmo.

Meu amigo, conheceis Aristo:[3] devo-lhe o que vou narrar-vos. Contava então quarenta anos. Dedicara-se particularmente ao estudo da filosofia. Fora cognominado "o Filósofo", porque nascera sem ambição, porque tinha a alma honesta, porque a inveja nunca alterara nesta a doçura e a paz. De resto, grave no porte, severo nos costumes, austero e simples nos discursos, o manto de um antigo filósofo era quase a única coisa que lhe faltava; pois era pobre, e estava contente com a pobreza.

Um dia, em que se propusera passar com os amigos algumas horas a conversar sobre as letras ou sobre a moral, pois não gostava de falar dos negócios públicos, encontrou-os ausentes, e tomou o alvitre de passear sozinho.

Freqüentava pouco os sítios onde os homens se reúnem. Os lugares afastados agradavam-lhe mais. Ia devaneando e eis o que dizia de si para consigo.

"Tenho quarenta anos. Estudei muito: chamam-me o Filósofo. Se, entretanto, se apresentasse aqui alguém que me dissesse: 'Aristo, o que é o verdadeiro, o bom e o belo?' Teria eu minha resposta pronta? Não. Como, Aristo; não sabeis o que é o verdadeiro, o bom e o belo; e suportais que vos chamem de filósofo!"

Após algumas reflexões sobre a vaidade dos elogios que se prodigalizam sem conhecimento e que se aceitam sem pudor, pôs-se a pesquisar a origem dessas idéias fundamentais de nossa conduta e de nossos julgamentos; e eis como continuou a raciocinar consigo mesmo.

"Não há talvez na espécie humana inteira dois indivíduos que disponham de alguma semelhança aproximada. A organização geral, os sentidos, a figura externa, as vísceras, têm sua varie-

[3] É sem dúvida o próprio Diderot.

dade. As figuras, os músculos, os sólidos, os fluidos, têm sua variedade. O espírito, a imaginação, a memória, as idéias, as verdades, os prejuízos, os alimentos, os exercícios, os conhecimentos, as condições, a educação, os gostos, a fortuna, os talentos, têm sua variedade. Os objetos, os climas, os costumes, as leis, os usos, as práticas, os governos, as religiões, têm sua variedade. Como seria, portanto, possível que dois homens possuíssem precisamente o mesmo gosto, ou as mesmas noções do verdadeiro, do bom e do belo? A diferença da vida e a variedade dos acontecimentos bastariam por si para estabelecê-la no julgamento.

"Não é tudo. No mesmo homem, tudo está em vicissitude perpétua, quer o consideremos no físico, quer o consideremos no moral; a pena sucede ao prazer, o prazer à pena; a saúde à moléstia, a moléstia à saúde. É só pela memória que somos um e o mesmo indivíduo para os outros e para nós próprios. Não me resta, quiçá, na idade em que estou, uma única molécula do corpo que trouxe ao nascer. Ignoro o termo prescrito de minha duração; mas, quando vier o momento de devolver este corpo à terra, não restará talvez uma só das moléculas que ora ele tem. A alma em diferentes períodos da vida não se assemelha muito mais. Eu balbuciava na infância; eu julgo raciocinar presentemente; mas, enquanto raciocino, o tempo passa e volto ao balbucio. Tal é minha condição e a de todos. Como seria, pois, possível que houvesse um só entre nós que conservasse durante toda a existência o mesmo gosto, e que proferisse os mesmos julgamentos sobre o verdadeiro, o bom e o belo? As revoluções, causadas pela aflição e pela perversidade dos homens, bastariam por si para alterar seus julgamentos.

"O homem estará, portanto, condenado a não concordar nem com seus semelhantes, nem consigo próprio, sobre os únicos objetos que lhe importam conhecer, a verdade, a bondade, a beleza? Serão essas coisas locais, momentâneas e arbitrárias, palavras destituídas de senso? Não haverá nada que seja tal? Uma coisa será verdadeira, boa e bela, quando me parece sê-lo? E todas as nossas disputas acerca do gosto resolver-se-iam enfim nesta proposição: nós somos, vós e eu, dois seres diferentes; e eu próprio nunca sou em um instante o que eu era em outro?"

Aqui Aristo fez uma pausa, a seguir recomeçou:

"É certo que não haverá termo para nossas disputas, enquanto cada um tomar a si mesmo como modelo e como juiz. Existirão tantas medidas quantos homens, e o mesmo homem contará tantos módulos diferentes quantos períodos sensivelmente diferentes em sua existência.

"Isso me basta, parece-me, para sentir a necessidade de procurar uma medida, um módulo fora de mim. Enquanto semelhante pesquisa não estiver realizada, a maioria de meus julgamentos hão de ser falsos e todos incertos.

"Mas onde obter a medida invariável que procuro e que me falta?... Em um homem ideal que formarei para mim, ao qual apresentarei os objetos, que sentenciará, e do qual me limitarei a ser apenas o eco fiel? Mas esse homem será minha obra... Que importa, se eu o crio segundo elementos constantes... E tais elementos constantes, onde é que se encontram?... Na natureza?... Seja. Mas como reuni-los?... A coisa é difícil, mas será impossível?... Ainda que não pudesse alimentar a esperança de formar um modelo acabado, ficaria dispensado de tentar?... Não... Tentemos, então... Mas se o modelo de beleza ao qual os antigos escultores reportaram a seguir todas as suas obras lhes custou tantas observações, estudos e esforços, a que me obrigo eu?... Cumpre, no entanto, fazê-lo, ou então ouvir-se chamar sempre de Aristo, o Filósofo, e corar."

Neste ponto, Aristo fez uma segunda pausa um pouco mais longa que a primeira, depois da qual continuou:

"Vejo ao primeiro relance que, sendo o homem ideal que procuro um composto como eu, os antigos escultores, ao determinarem as proporções que lhes pareceram mais belas, fizeram uma parte de meu modelo... Sim. Tomemos esta estátua, e animemo-la... Concedamos-lhe os órgãos mais perfeitos que o homem possa ter. Dotemo-la de todas as qualidades que são dadas a um mortal possuir, e nosso modelo ideal estará feito... Sem dúvida... Mas que estudo! Que trabalho! Quantos conhecimentos físicos, naturais e morais a adquirir! Não conheço nenhuma ciência, nenhuma arte em que não precisarei ser profundamente versado... Por isso, terei o modelo ideal de toda verdade, de toda bondade e de toda beleza... Mas semelhante modelo geral ideal é impossível de formar, a menos que os deuses me concedam sua inteligência e me prometam sua eternidade: eis-me, portanto, recaído nas incertezas, de onde me propusera sair."

Aristo, triste e pensativo, deteve-se ainda nesta passagem.

"Mas por que", prosseguiu, após um momento de silêncio, "não imitaria também os escultores? Eles criaram um modelo próprio à condição deles; e eu tenho o meu... Que o homem de letras faça um modelo ideal do homem de letras mais completo possível, e que seja pela boca desse homem que ele julgue as produções dos outros e as suas. Que o filósofo siga o mesmo plano... Tudo o que parecer bom e belo para o mencionado modelo, há de sê-lo... Eis o órgão de suas decisões... O modelo ideal será tanto maior e mais severo quanto mais estendermos seus conhecimentos... Não há pessoa, e não pode haver pessoa, que julgue igualmente bem em todos os aspectos do verdadeiro, do bom e do belo. Não: e se se entender por homem de gosto aquele que traz em si o modelo geral ideal de toda perfeição, trata-se de uma quimera.

"Mas esse modelo ideal que é próprio ao meu estado de filósofo, já que se quer me chamar assim, que uso farei dele quando o tiver? O mesmo que os pintores e os escultores fizeram daquele de que dispunham. Modificá-lo-ei segundo as circunstâncias. Eis o segundo estudo ao qual deverei dedicar-me.

"O estudo curva o homem de letras. O exercício firma o passo e alça a cabeça do soldado. O hábito de transportar fardos arria os rins do carregador. A mulher grávida lança a cabeça para trás. O corcunda dispõe seus membros de outra maneira que o homem normal. Eis as observações que, multiplicadas ao infinito, formam o estatuário, ensinam-lhe a alterar, fortalecer, enfraquecer, desfigurar e reduzir seu modelo ideal, do estado de natureza a determinado outro estado que lhe apraz.

"É o estudo das paixões, dos costumes, dos caracteres, dos usos, que ensinará ao pintor do homem a alterar seu modelo e a reduzi-lo do estado de homem ao estado de homem bom ou mau, tranqüilo ou colérico.

"É assim que, de um só simulacro, emanará infinita variedade de representações diferentes que cobrirão a cena e a tela. Trata-se de um poeta? De um poeta que compõe? Compõe ele uma sátira ou um hino? Se for uma sátira, terá o olhar feroz, a cabeça enterrada entre os ombros, a boca fechada, os dentes cerrados, a respiração forçada e sufocada: é um furioso. E se for um hino? Terá a cabeça elevada, a boca entreaberta, os olhos voltados para o céu, o ar do transporte e do êxtase, a respiração ofegante: é um entusiasta. E a alegria desses dois homens, após o êxito, não apresentará caracteres diferentes?"

Após esse diálogo consigo mesmo, Aristo compreendeu que tinha ainda muito a aprender. Voltou à sua casa. Encerrou-se durante uma quinzena de anos. Dedicou-se à história, à filosofia, à moral, às ciências e às artes; e foi, aos cinqüenta e cinco anos, homem de bem, homem instruído, homem de gosto, grande autor e crítico excelente. [4]

[4] O modelo do homem superior é preocupação constante de Diderot.

Este livro integra a coleção
OS PENSADORES — HISTÓRIA DAS GRANDES IDÉIAS DO MUNDO OCIDENTAL
Composto e impresso nas oficinas da
Abril S.A. Cultural e Industrial, caixa postal 2372, São Paulo